

A Vida de Cristo, 2

David L. Roper



Curso: A Vida de Cristo, 2

Autor: David L. Roper

Este curso é desenvolvido da Série Verdade para Hoje do curso *The Life of Christ* publicado pela Escola Mundial de Missão Verdade para Hoje e usado com permissão.

Copyright © 2003-2004, 2016

Todos os direitos reservados. Nenhuma porção do texto desse livro pode ser reproduzida em qualquer forma sem a permissão escrita do editor.

ISBN: 979-8-9886761-6-4

Tradução de João Ferreira de Almeida – 2ª Edição Revista e Atualizada ®

Copyright © 1993 Sociedade Bíblica do Brasil

Todos os direitos reservados.

Texto utilizado com autorização

www.sbb.org.br

Informação Importante

Este é um produto de UM ÚNICO USUÁRIO

Como um estudante do curso ThroughTheScriptures.com, você tem acesso garantido a esse livro digital para ser utilizado como parte do curso e para seu uso pessoal durante o mesmo. **Você não tem o direito de compartilhar cópias desse texto em qualquer mídia ou formato.**

Esse arquivo está digitalmente marcado com seu nome e endereço de e-mail. **Se você compartilhar, vender, doar ou distribuir qualquer porção desse arquivo para outros, isso poderá resultar no cancelamento da sua conta de estudante.**

Você tem a permissão de fazer cópias desse texto para seu uso pessoal. É recomendado que você mantenha uma cópia desse texto em mais de um local como uma precaução para evitar a perda desse arquivo caso ocorra um erro de usuário ou problemas com o computador.

A Harmonia

VI. DA TERCEIRA PÁSCOA ATÉ A CHEGADA DE JESUS A BETÂNIA (continuação).

- K. Último ensino na Galiléia: problemas entre irmãos (Mateus 18:15–35).
- L. Ministério redirecionado para a Judéia (veja João 7:1; Mateus 19:1).
 - 1. Os irmãos de Jesus insistem para que Ele vá à Festa dos Tabernáculos ou das Cabanas (João 7:2–9).
 - 2. Jesus viaja secretamente para Jerusalém (Lucas 9:51–56; João 7:10).
 - 3. A caminho: ensino sobre discipulado (Lucas 9:57–62; veja Mateus 8:19–22).
- M. Em Jerusalém: a Festa dos Tabernáculos.
 - 1. No meio da festa: ensino dentro do templo (João 7:11–36).
 - 2. No último dia da festa: ensino sobre a água da vida (João 7:37–52).
 - 3. Após a festa: ensinamentos adicionais.
 - a. A mulher pega em adultério (João 7:53—8:11).
 - b. Ensino sobre a luz e as trevas (João 8:12–59).
 - c. Ensino sobre cegueira física e espiritual (João 9:1–41).
 - d. Ensino sobre o Bom Pastor e os mercenários (João 10:1–21).

Atribuição de Leitura nº. 20

Mateus 18:15–35; 19:1;

Lucas 9:51–62;

João 7:1–53; 8:1–11

Mateus 18:15–35

¹⁵Se teu irmão pecar [contra ti], vai argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão.

¹⁶Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça.

¹⁷E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano.

¹⁸Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus.

¹⁹Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus.

²⁰Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles.

²¹Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?

²²Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.

²³Por isso, o reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos.

²⁴E, passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos.

²⁵Não tendo ele, porém, com que pagar, ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga.

²⁶Então, o servo, prostrando-se reverente, rogou: Sê paciente comigo, e tudo te pagarei.

²⁷E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida.

²⁸Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários; e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves.

²⁹Então, o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: Sê paciente comigo, e te pagarei.

³⁰Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida.

³¹Vendo os seus companheiros o que se havia passado, entristeceram-se muito e foram relatar ao seu senhor tudo que acontecera.

³²Então, o seu senhor, chamando-o, lhe disse: Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste;

³³não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?

³⁴E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida.

³⁵Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão.

Mateus 19:1

¹E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras, deixou a Galiléia e foi para o território da Judéia, além do Jordão.

Lucas 9:51–62

⁵¹E aconteceu que, ao se completarem os dias em que devia ele ser assunto ao céu, manifestou, no semblante, a intrépida resolução de ir para Jerusalém

⁵²e enviou mensageiros que o antecedessem. Indo eles, entraram numa aldeia de samaritanos para lhe preparar pousada.

⁵³Mas não o receberam, porque o aspecto dele era de quem, decisivamente, ia para Jerusalém.

⁵⁴Vendo isto, os discípulos Tiago e João perguntaram: Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?

⁵⁵Jesus, porém, voltando-se os repreendeu [e disse: Vós não sabeis de que espírito sois].

⁵⁶[Pois o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las.] E seguiram para outra aldeia.

⁵⁷Indo eles caminho fora, alguém lhe disse: Seguir-te-ei para onde quer que fores.

⁵⁸Mas Jesus lhe respondeu: As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça.

⁵⁹A outro disse Jesus: Segue-me! Ele, porém, respondeu: Permite-me ir primeiro sepultar meu pai.

⁶⁰Mas Jesus insistiu: Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai e prega o reino de Deus.

⁶¹Outro lhe disse: Seguir-te-ei, Senhor; mas deixa-me primeiro despedir-me dos de casa.

⁶²Mas Jesus lhe replicou: Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás é apto para o reino de Deus.

João 7:1–53

¹Passadas estas coisas, Jesus andava pela Galiléia, porque não desejava percorrer a Judéia, visto que os judeus procuravam matá-lo.

²Ora, a festa dos judeus, chamada de Festa dos Tabernáculos, estava próxima.

³Dirigiram-se, pois, a ele os seus irmãos e lhe disseram: Deixa este lugar e vai para a Judéia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes.

⁴Porque ninguém há que procure ser conhecido em público e, contudo, realize os seus feitos em oculto. Se fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo.

⁵Pois nem mesmo os seus irmãos criam nele.

⁶Disse-lhes, pois, Jesus: O meu tempo ainda não chegou, mas o vosso sempre está presente.

⁷Não pode o mundo odiar-vos, mas a mim me odeia, porque eu dou testemunho a seu respeito de que as suas obras são más.

⁸Subi vós outros à festa; eu, por enquanto, não subo, porque o meu tempo ainda não está cumprido.

⁹Disse-lhes Jesus estas coisas e continuou na Galiléia.

¹⁰Mas, depois que seus irmãos subiram para a festa, então, subiu ele também, não publicamente, mas em oculto.

¹¹Ora, os judeus o procuravam na festa e perguntavam: Onde estará ele?

¹²E havia grande murmuração a seu respeito entre as multidões. Uns diziam: Ele é bom. E outros: Não, antes, engana o povo.

¹³Entretanto, ninguém falava dele abertamente, por ter medo dos judeus.

¹⁴Corria já em meio a festa, e Jesus subiu ao templo e ensinava.

¹⁵Então, os judeus se maravilhavam e diziam: Como sabe este letras, sem ter estudado?

¹⁶Respondeu-lhes Jesus: O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou.

¹⁷Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo.

¹⁸Quem fala por si mesmo está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça.

¹⁹Não vos deu Moisés a lei? Contudo, ninguém dentre vós a observa. Por que procurais matar-me?

²⁰Respondeu a multidão: Tens demônio. Quem é que procura matar-te?

²¹Replicou-lhes Jesus: Um só feito realizei, e todos vos admirais.

²²Pelo motivo de que Moisés vos deu a circuncisão (se bem que ela não vem dele, mas dos patriarcas), no sábado circuncidais um homem.

²³E, se o homem pode ser circuncidado em dia de sábado, para que a lei de Moisés não seja violada, por que vos indignais contra mim, pelo fato de eu ter curado, num sábado, ao todo, um homem?

²⁴Não julgueis segundo a aparência, e sim pela reta justiça.

²⁵Diziam alguns de Jerusalém: Não é este aquele a quem procuram matar?

²⁶Eis que ele fala abertamente, e nada lhe dizem.

Porventura, reconhecem verdadeiramente as autoridades que este é, de fato, o Cristo?

²⁷Nós, todavia, sabemos donde este é; quando, porém, vier o Cristo, ninguém saberá donde ele é.

²⁸Jesus, pois, enquanto ensinava no templo, clamou, dizendo: Vós não somente me conheceis, mas também sabeis donde eu sou; e não vim porque eu, de mim mesmo, o quisesse, mas aquele que me enviou é verdadeiro, aquele a quem vós não conheceis.

²⁹Eu o conheço, porque venho da parte dele e fui por ele enviado.

³⁰Então, procuravam prendê-lo; mas ninguém lhe pôs a mão, porque ainda não era chegada a sua hora.

³¹E, contudo, muitos de entre a multidão creram nele e diziam: Quando vier o Cristo, fará, porventura, maiores sinais do que este homem tem feito?

³²Os fariseus, ouvindo a multidão murmurar estas coisas a respeito dele, juntamente com os principais sacerdotes enviaram guardas para o prenderem.

³³Disse-lhes Jesus: Ainda por um pouco de tempo estou convosco e depois irei para junto daquele que me enviou.

³⁴Haveis de procurar-me e não me achareis; também aonde eu estou, vós não podeis ir.

³⁵Disseram, pois, os judeus uns aos outros: Para onde irá este que não o possamos achar? Irá, porventura, para a Dispersão entre os gregos, com o fim de os ensinar?

³⁶Que significa, de fato, o que ele diz: Haveis de procurar-me e não me achareis; também aonde eu estou, vós não podeis ir?

³⁷No último dia, o grande dia da festa, levantou-se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a mim e beba.

³⁸Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva.

³⁹Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado.

⁴⁰Então, os que dentre o povo tinham ouvido estas palavras diziam: Este é verdadeiramente o profeta;

⁴¹outros diziam: Ele é o Cristo; outros, porém, perguntavam: Porventura, o Cristo virá da Galiléia?

⁴²Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Davi e da aldeia de Belém, donde era Davi?

⁴³Assim, houve uma dissensão entre o povo por causa dele;

⁴⁴alguns dentre eles queriam prendê-lo, mas ninguém lhe pôs as mãos.

⁴⁵Voltaram, pois, os guardas à presença dos principais sacerdotes e fariseus, e estes lhes perguntaram: Por que não o trouxestes?

⁴⁶Responderam eles: Jamais alguém falou como este homem.

⁴⁷Replicaram-lhes, pois, os fariseus: Será que também vós fostes enganados?

⁴⁸Porventura, creu nele alguém dentre as autoridades ou algum dos fariseus?

⁴⁹Quanto a esta plebe que nada sabe da lei, é maldita.

⁵⁰Nicodemos, um deles, que antes fora ter com Jesus, perguntou-lhes:

⁵¹Acaso, a nossa lei julga um homem, sem primeiro ouvi-lo e saber o que ele fez?

⁵²Responderam eles: Dar-se-á o caso de que também tu és da Galiléia? Examina e verás que da Galiléia não se levanta profeta.

⁵³[E cada um foi para sua casa.

João 8:1–11

¹Jesus, entretanto, foi para o monte das Oliveiras.

²De madrugada, voltou novamente para o templo, e todo o povo ia ter com ele; e, assentado, os ensinava.

³Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério e, fazendo-a ficar de pé no meio de todos,

⁴disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério.

⁵E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes?

⁶Isto diziam eles tentando-o, para terem de que o acusar.

Mas Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo.

⁷Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra.

⁸E, tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão.

⁹Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram-se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até aos últimos, ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava.

¹⁰Erguendo-se Jesus e não vendo a ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou?

¹¹Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais.]

Viajando para Jerusalém

Leitura Bíblica 20

VI. DA TERCEIRA PÁSCOA ATÉ A CHEGADA DE JESUS A BETÂNIA (continuação).

- K. Último ensino na Galiléia: problemas entre irmãos (Mateus 18:15–35).
- L. Ministério redirecionado para a Judéia (veja João 7:1; Mateus 19:1).
 1. Os irmãos de Jesus insistem para que Ele vá à Festa dos Tabernáculos ou das Cabanas (João 7:2–9).
 2. Jesus viaja secretamente para Jerusalém (Lucas 9:51–56; João 7:10).
 3. A caminho: ensino sobre discipulado (Lucas 9:57–62; veja Mateus 8:19–22).
- M. Em Jerusalém: a Festa dos Tabernáculos.
 1. No meio da festa: ensino dentro do templo (João 7:11–36).
 2. No último dia da festa: ensino sobre a água da vida (João 7:37–52).
 3. Após a festa: ensinamentos adicionais.
 - a. A mulher pega em adultério (João 7:53–8:11).

INTRODUÇÃO

Nesta lição repleta de verdades ocorre uma transição do fim do grande ministério na Galiléia para o começo do ministério de encerramento em todas as regiões da Palestina¹. O ministério de encerramento durou cerca de seis meses, desde a Festa dos Tabernáculos até a Páscoa seguinte.

Um versículo chave desse ministério é Lucas 9:51: “E aconteceu que, ao se completarem os dias em que devia ele ser assunto ao céu², manifestou, no semblante, a intrépida resolução de ir para Jerusalém”. Veremos Jesus viajando pela Judéia e Peréia, mantendo, porém, Seus pensamentos concentrados em Sua iminente morte em Jerusalém³. A formação de nuvens malignas não O deteve; Ele marchou resolutamente para aquele momento tenebroso. A Bíblia Viva parafraseia dizendo: “Jesus resolveu decididamente ir para Jerusalém”.

¹Um breve esboço da vida de Cristo consta na página 8 da primeira edição desta série.

²O termo “assunto” aqui abarca Sua morte, sepultamento e ressurreição; Jesus não poderia ser assunto ao céu sem completar Sua missão na terra.

³Isto poderia ser ilustrado por uma folha de árvore num redemoinho: quanto mais ela gira, mais se aproxima do centro do redemoinho.

PREOCUPAÇÃO COM OS DISCÍPULOS (MATEUS 18:15–35)

Antes de partir para o Sul com o Mestre, precisamos fazer uma pausa para concluir Seu ministério no Norte. O último discurso de Jesus na Galiléia foi gerado por uma discussão acalorada entre os discípulos sobre quem seria o maior no reino (Mateus 18:1; Lucas 9:46). A primeira parte da resposta de Jesus foi sobre a necessidade de ser como uma criança e a segunda parte enfocou a importância de dar-se bem com os outros. Já estudamos o primeiro tópico na lição anterior; vamos analisar agora o segundo tópico.

Preocupação com a Comunhão (vv. 15–20)

Jesus já havia falado sobre pecar contra o próximo (Mateus 18:6; Marcos 9:42). Agora Ele iria explorar o outro lado da questão: e se Seus ouvintes tivessem sido vítimas do pecado de outros? O versículo chave é Mateus 18:15: “Se teu irmão pecar [contra ti]⁴, vai

⁴Embora o texto entre colchetes não conste nos melhores manuscritos, ele destaca o foco desta seção. (Uma expressão comparável encontra-se seis versículos adiante, no v. 21.) Entendamos, porém, que uma vez que a expressão não consta no v. 15, a passagem contém uma aplicação mais ampla do que não menosprezar as pessoas. Toda vez que um irmão é surpreendido em pecado que possa arruinar sua alma, cada um de nós tem a responsabilidade de ir ter com ele em amor.

argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão”⁵.

Destaquemos a palavra “só”, “entre ti e ele só”. Quando alguém fizer alguma coisa que nos ofender, não devemos maximizar tal ato e torná-lo público. Gayle Oler⁶ expõe isto da seguinte maneira: “Antes de reclamar com seu cônjuge, seus amigos ou parentes, os presbíteros ou o pregador, ou até com seu cachorro, você deve primeiramente ir até o indivíduo [que o ofendeu]”.

Podemos contestar: “Mas isso é difícil!” Sim, é, mas também é necessário. A obediência a esse mandamento neutralizará as situações mais explosivas. Ao contrário disso, se ignorarmos as instruções de Cristo—se não resolvermos a questão, mas partilharmos nossa insatisfação com todos que nos cercam—as pessoas começarão a tomar partido. Se isto acontecer, será grande o prejuízo para o corpo de Cristo.

Indo até um irmão que pecou contra nós (Gálatas 6:1) com a atitude certa, o problema geralmente é resolvido—mas nem sempre é assim. Nesse caso, devemos seguir as instruções de Jesus sobre o que fazer a seguir: “Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça” (Mateus 18:16). A necessidade de levar duas ou três testemunhas é enfatizada tanto no Antigo como no Novo Testamentos (Deuteronômio 19:15; 2 Coríntios 13:1). As testemunhas podem acrescentar discernimento em relação ao que ocorreu anteriormente, podendo facilitar a reconciliação⁷ e, com certeza, testemunhar mais tarde acerca do que se passou no encontro.

E se levar outros irmãos não produzir o resultado desejado? Jesus disse: “E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igre-

⁵No sermão do monte, Jesus explicou o que devemos fazer se soubermos que um irmão cometeu algo contra nós: devemos ir ter com ele (Mateus 5:23, 24). Aqui Ele estava discutindo o que devemos fazer se tivermos algo contra um irmão: devemos ir ter com ele. Se ambas as partes numa discórdia agirem como cristãos, ambos irão... e se encontrarão em algum lugar no meio do caminho. Todavia, se uma das partes não fizer o que deve, isso não isenta a outra parte: seja você o ofendido ou não, você deve ir até a outra pessoa para resolver o conflito.

⁶Gayle Oler foi superintendente do Lar Infantil Boles em Quinlan, Texas, por muitos anos. Ouvi esse irmão fazer essa declaração muito tempo atrás, na igreja de Cristo Eastside em Midwest City, Oklahoma.

⁷O próximo versículo implica que eles não vão simplesmente para ouvir. O versículo 17 diz: “E, se ele não os atender...”—implicando que eles conversam e tentam resolver as questões entre as partes em desacordo.

ja, considera-o como gentio e publicano” (Mateus 18:17). O uso que Cristo faz da palavra “igreja” aqui é digno de nota⁸. Dois capítulos antes, Jesus prometeu edificar a Sua igreja (Mateus 16:18). Agora Ele retratava a igreja como um corpo de pessoas autorizadas pelo Senhor a incluir ou excluir indivíduos de sua comunhão.

Jesus não especificou *como* devemos “dizer à igreja”. Às vezes seria melhor partilhar tal informação numa reunião especial dos membros, e não na assembléia de adoração pública. Se uma congregação tem presbíteros, eles podem determinar a melhor maneira de lidar com questões desse tipo⁹.

O que mais nos interessa aqui é a expressão “se recusar ouvir também a igreja”. Isto pode significar que o ofensor se recusa a aceitar uma decisão tomada pela igreja (veja 1 Coríntios 5:12b). Preferimos entender “a igreja” em seu significado básico (os salvos pelo sangue de Jesus) e interpretar o versículo do seguinte modo: “Se ele se recusar a ouvir todos os irmãos e irmãs em Cristo que forem até ele em amor...” E se, quando um irmão pecar, todos os membros da congregação forem até ele e rogarem a ele com lágrimas para que volte ao Senhor? Que tipo de impacto isto teria? Um indivíduo teria de estar totalmente endurecido para o pecado para resistir a uma torrente de súplicas amorosas.

E se nem isto trouxer o pecador de volta? Neste caso, Jesus disse que a igreja deve retirar-se da comunhão com ele: “Considera-o como gentio e publicano” (Mateus 18:17)¹⁰. “Como gentio e publicano” é uma forma figurada de dizer “como se ele não fosse um cristão”. Outras passagens esclarecem que o propósito desse ato não é primordialmente punitivo, mas consiste em conscientizar o indivíduo e restaurá-lo para o Senhor (veja 2 Tessalonicenses 3:14, 15). A disciplina exercida com o devido espírito não é uma expressão de ódio e crueldade, mas de amor e preocupação (veja Hebreus 12:6).

Disciplinar um filho nunca é agradável, e disciplinar um irmão ou uma irmã em Cristo não é uma situação de alegria. Jesus sabia disso; por isso, para

⁸A palavra “igreja” encontra-se somente em duas passagens nos relatos do evangelho: em Mateus 16 e 18. O primeiro uso do termo refere-se à igreja universal. O segundo uso refere-se a uma congregação local.

⁹Se uma congregação tiver presbíteros, eles deverão assumir a liderança em todas as questões relacionadas ao bem-estar espiritual da congregação.

¹⁰Mateus 18:15–17 pode gerar perguntas sobre a disciplina na igreja. Se o tempo permitir, apresente outras passagens sobre o assunto, como 1 Coríntios 5 (veja 2 Coríntios 2:4–11); 2 Tessalonicenses 3:6, 14, 15; 1 Timóteo 5:20 e Romanos 16:17.

incentivar Seus ouvintes, Ele garantiu que se uma congregação seguir essas instruções, Deus estará com ela (Mateus 18:18–20¹¹). O versículo 20 é uma passagem conhecida: “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles”. Podemos e de fato fazemos muitas aplicações dessa promessa animadora, mas devemos ter em mente que, no contexto, Cristo estava se referindo a dois ou três irmãos indo exercer a disciplina da igreja em Seu nome.

A igreja precisa conhecer e vivenciar melhor Mateus 18:15–20; geralmente hesitamos em disciplinar um irmão ou uma irmã envolvida em pecado. Encerraremos, porém, esta parte da lição com o versículo que pode ser o centro de toda esta exposição: “Se teu irmão pecar [contra ti], vai argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão” (v. 15). Se fizermos isso da maneira certa, os problemas serão resolvidos quase em sua totalidade, e a disciplina por parte da igreja raramente será necessária.

Preocupação com o Perdão (vv. 21–35)

O ensino de Jesus sobre ir até um irmão em pecado fez Pedro se perguntar quantas vezes devemos perdoar um irmão. Indagou ele a Jesus: “Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?” (v. 21)¹². Provavelmente, Pedro achou que estava sendo generoso em perdoar sete vezes; os rabinos só exigiam três vezes. Não há dúvida de que ele ficou surpreso com a resposta de Cristo: “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (v. 22). Em outras palavras, o perdão não deve ter limites¹³.

O Senhor relatou a seguir a “parábola do servo impiedoso”, na qual um servo que foi perdoado por ter uma grande dívida recusou-se a perdoar um colega servo que lhe devia um valor irrisório (vv.

¹¹ A promessa no versículo 19 é a mesma feita antes a Pedro, na última parte de Mateus 16:19. (Reveja os comentários nas páginas 46 a 48 de “A Vida de Cristo—Parte 6”.) Visto que Cristo estava falando diretamente aos apóstolos em Mateus 18:19, a maioria dos comentaristas considera essa promessa direcionada primordialmente para eles. Todavia, sendo a disciplina da igreja o assunto do contexto, pode-se fazer uma aplicação geral ao ato congregacional. Se uma congregação “ligar” como o céu “ligou” (ou seja, fizer somente o que o céu autorizou), então os atos dessa congregação agradarão a Deus. Não devemos entender 18:19 como uma promessa incondicional de que dois cristãos podem pedir o que quiserem e Deus lhes concederá tal pedido (1 João 5:14).

¹² O fato de Pedro fazer essa pergunta nos faz imaginar se ele foi a fonte de crítica na calorosa discussão que precedeu o discurso de Jesus.

¹³ Veja um estudo detalhado de Mateus 18:21–35 na lição “Setenta vezes Sete”, na edição “Conheça o Mestre, 2” de *A Verdade para Hoje*.

23–35). A aplicação óbvia é que pelo fato de Deus ter nos perdoado tanto, devemos estar dispostos a perdoar os outros.

Os ensinamentos do Senhor em Mateus 18:15–35 são desesperadamente necessários em nossos relacionamentos com os irmãos—ou com qualquer outra pessoa. Ele enumerou dois princípios que devemos seguir: 1) quando tivermos algo contra alguém, em vez de reclamar a outros, devemos ir até a pessoa, e 2) não devemos guardar rancor, mas estar prontos para perdoar.

COMPROMISSO COM O DESTINO

(MATEUS 19:1; LUCAS 9:51–62; JOÃO 7:1–10)

Mateus 19:1 diz que, “concluindo Jesus estas palavras [as que acabamos de estudar], deixou a Galiléia e foi para o território da Judéia...” A cena agora muda para o Sul.

Se você tiver uma boa memória, se lembrará de que Jesus teve um ministério inicial na Judéia interrompido quando João Batista foi preso¹⁴. Da Judéia, Cristo havia subido para a Galiléia, ao Norte. João escreveu que Jesus “não desejava percorrer a Judéia, visto que os judeus procuravam matá-lo” (João 7:1)¹⁵. Agora, porém, chegara a hora de Jesus voltar à cena do começo do Seu ministério—a Judéia em geral e Jerusalém em particular.

Comprometido apesar do Ridículo (João 7:2–10)

Essa nova fase do ministério de Cristo começou com uma viagem para Jerusalém para a Festa das Cabanas, ou dos Tabernáculos¹⁶. A Festa dos Tabernáculos era uma das três maiores festas dos judeus (Levítico 23:39–43; Deuteronômio 15:12–15)¹⁷; era celebrada no fim de setembro e começo de outubro¹⁸.

Com a aproximação da festa (João 7:2), os meio-irmãos¹⁹ de Jesus insistiram para que Ele fosse à celebração a fim de que Seus discípulos da Judéia vissem os milagres que Ele fizera na Galiléia (vv. 3, 4). Segundo o versículo 5, esses irmãos não criam

¹⁴ Consulte as edições “A Vida de Cristo—Parte 2”, p. 46, e “A Vida de Cristo—Parte 3”, p. 7.

¹⁵ João estava se referindo especificamente à última parte do grande ministério na Galiléia, mas suas palavras poderiam ser usadas para resumir todo esse ministério.

¹⁶ Ambas as formas são usadas nas versões da Bíblia.

¹⁷ Veja o diagrama “As Festas dos Judeus” na página 28 da primeira edição desta série.

¹⁸ Veja mais informações sobre esta festa na lição “Candidatos a Discípulos”, a partir da página 32.

¹⁹ Eram meio-irmãos de Jesus porque Jesus e eles tinham só a mãe em comum (Maria), mas não o pai (Deus era o pai de Jesus, e não José). Seus nomes eram Tiago, José, Simão e Judas (Mateus 13:55; Marcos 6:3).

nEle²⁰ e provavelmente disseram aquilo com sarcasmo. A resposta de Cristo sinalizou que não haveria problema se *eles* fossem a Jerusalém, pois não constavam da lista dos “mais procurados” pelos líderes judeus, mas seria perigoso para *Ele* ir (vv. 6–8). Sendo assim, quando a caravana partiu para Jerusalém, Jesus e Seus discípulos não foram com eles (v. 9). Mais tarde, porém, eles foram secretamente para a festa (v. 10).

Visto que Jesus acabou indo à festa, Suas palavras registradas no versículo 8 parecem contraditórias: “...eu, por enquanto, não subo, porque o meu tempo ainda não está cumprido”. Alguns comentaristas sugerem que Jesus disse que não iria, mas depois mudou de idéia e foi. Tais comentários parecem inconsistentes com o caráter de Jesus²¹ e com Sua agenda (Lucas 9:51).

Várias explicações já foram apresentadas para solucionar a aparente contradição entre o que Jesus disse e o que Ele fez. Alguns sugerem que Jesus queria dizer que Ele não iria à festa *do modo* como Seus irmãos sugeriram—ou seja, como um operador de milagres ostentoso²². Outros se concentram na última parte da frase e acreditam que seu significado seja: “Não irei a essa festa *desta vez*”²³—ou seja, com os peregrinos na caravana—insinuando que Ele poderia ir depois. A explicação mais comum é que a palavra “ainda” deve fazer parte do texto ou estar implícita nele. Vários manuscritos gregos antigos incluem o termo “ainda” nas palavras de Jesus. A NVI diz: “Eu *ainda* não subirei à festa, porque para mim não chegou o tempo apropriado”²⁴ (grifo meu). Warren Wiersbe escreveu: “Jesus não estava mentindo ou sendo evasivo; mas estava exercitando uma sensível cautela”²⁵.

Depois que a família de Cristo e outros partiram para a festa, Ele permaneceu na Galiléia por mais alguns dias. Daí, Ele e os discípulos subiram para Jerusalém, “não publicamente, mas em oculto” (vv. 9, 10).

²⁰Mais tarde vieram a crer em Jesus (Atos 1:14; veja 1 Coríntios 15:7); mas a esta altura, eles não criam.

²¹Jesus não mentiu (veja João 7:18). Ele era e é a própria personificação da Verdade (João 14:6).

²²O único milagre registrado em relação à Festa dos Tabernáculos foi a cura de um homem cego de nascença (João 9:1–41).

²³Várias palavras gregas são traduzidas por “vez” ou “hora”; a palavra usada em João 7:6 pode significar “a hora certa”.

²⁴A ERC também inclui “ainda”.

²⁵Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* (“Comentário Expositivo da Bíblia”), vol. 1. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, p. 315.

Comprometido apesar da Rejeição (Lucas 9:51–56)

Lucas fala da viagem de Jesus a Jerusalém. Tendo adiado Sua partida, o Senhor não fez o trajeto usual até a Judéia, pela margem oriental do rio Jordão. Em vez disso, Ele seguiu a rota mais curta e rápida, e menos utilizada, passando por Samaria²⁶.

Os samaritanos, que foram receptivos quando o Senhor estava a caminho da Galiléia (João 4:40), recusaram-se a hospedá-IO quando souberam que Ele ia para a festa em Jerusalém (Lucas 9:53). Provavelmente consideravam ir ao templo em Jerusalém um repúdio do templo samaritano no monte Gerazim (veja João 4:20).

Tiago e João, “os filhos do trovão” (Marcos 3:17), perguntaram a Cristo se deveriam fazer fogo descer do céu para consumi-los (Lucas 9:54), como fizera Elias a seus inimigos (2 Reis 1:10, 12)²⁷. Jesus repreendeu-os (Lucas 9:55); Ele nunca ensinou a destruir os inimigos, mas a amá-los e orar por eles (Mateus 5:44, 45)²⁸. Jesus instruíra os discípulos anteriormente a irem para outra cidade quando fossem rejeitados numa cidade (Mateus 10:23). Foi isto o que Ele fez (Lucas 9:56).

Comprometido apesar da Relutância (Lucas 9:57–62)²⁹

A caminho de Jerusalém, Cristo encontrou alguns candidatos a discípulos cujo coração estava dividido. Sabendo que Sua morte era iminente, Jesus não queria que eles se tornassem seguidores sob falsos pretextos. Haveria sofrimento adiante; só os seguidores muito dedicados e com propósitos singulares sobreviveriam com a fé intacta. Tomada a decisão, não teriam como voltar atrás³⁰.

²⁶Veja comentários sobre a viagem por Samaria na página 8 da edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, desta série.

²⁷A ERC diz: “como Elias também fez”. Estas palavras, embora não constem nos melhores manuscritos antigos, expressam a idéia que devia estar nas mentes de Tiago e João. Será que esses apóstolos teriam *poder* para fazer cair fogo do céu? Não sabemos, mas com certeza, eles *pensavam* que poderiam realizar tal feito, *desde que fosse da vontade do Senhor*.

²⁸A ERC inclui como parte da repreensão de Jesus o que não aparece nos melhores manuscritos antigos: “Porque o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las”.

²⁹Compare com Mateus 8:19–22. Veja um estudo detalhado de Lucas 9:57–62 na lição “Candidatos a Discípulos” nesta edição.

³⁰Jesus não exigiu desses candidatos nada que não tivesse exigido de Si mesmo. Ele pôs “a mão no arado” e não olhou para trás (Lucas 9:62).

CONTROVÉRSIA COM DIGNIDADE (JOÃO 7:11—8:11)

A visita de Jesus à Festa dos Tabernáculos está registrada no Livro de João. Para entender a história, precisamos saber que três grupos diferentes são mencionados. 1) As autoridades religiosas de Jerusalém são geralmente citadas como “os judeus” (João 7:13, 15, 35)³¹. Os líderes deste grupo são chamados de “principais sacerdotes e fariseus” (7:32; veja vv. 45, 47, 48), uma referência ao Sinédrio³². 2) Judeus que residiam em Jerusalém estavam ali (7:25). 3) O público diversificado presente para as festividades é chamado de “multidão” (ou “multidões”) (7:12, 20, 31, 32, 43) e “povo” (7:40). Às vezes esse número incluía representantes dos dois primeiros grupos, mas era composto principalmente de peregrinos oriundos de outros lugares.

No Começo da Festa: A Controvérsia sobre o Caráter de Jesus (7:11–13)

Quando a festa começou, Jesus era o principal tópico de discussão³³. Fazia meses que Ele estivera em Jerusalém³⁴, e especulavam se Ele viria ou não para aquela festa (v. 11). Havia opiniões adversas (v. 13; compare com João 9:22) entre os que tinham ido à festa: “Uns diziam: Ele é bom. E outros: Não, antes, engana o povo” (v. 12b, c). Esta última observação era mais perceptiva do que os falantes eram capazes de reconhecer. Hoje, muitos não estão dispostos a aceitar Jesus como divino, mas ainda se referem a Ele como “um homem bom”. Se Cristo não era o Filho de Deus como alegava ser, então Ele não era bom—pois mentirosos não são bons. Quem se recusa a aceitar Jesus como Filho de Deus não deveria prestar-Lhe consideração chamando-o de “bom”.

No Meio da Festa: Controvérsia sobre as Credenciais de Jesus (7:14–36)

Jesus entrou em cena de repente, “em meio a festa” (v. 14a)—provavelmente na terça-feira, o

³¹Isto pode soar estranho, visto que quase todos em Jerusalém naquele momento eram judeus, mas observemos o versículo 13, onde *judeus* não falaram por medo “dos judeus”.

³²Os “principais sacerdotes” eram, sobretudo, saduceus. Veja mais informações sobre o Sinédrio e os saduceus no glossário da primeira edição desta série.

³³O povo certamente ouvira falar dos milagres que Ele realizara na Galiléia. Também, não haviam se esquecido da controvérsia levantada numa viagem anterior a Jerusalém, quando Ele curou um paraplético num tanque (João 7:21–23; veja João 5).

³⁴A vez anterior registrada foi durante a festa em que Jesus curou o paraplético (João 5:1)—provavelmente a Páscoa de um ano e meio atrás.

quarto dia da celebração³⁵. Ele “subiu ao templo³⁶ e ensinava” (v. 14b). Quando menino, Jesus estivera no templo para aprender (Lucas 2:46); no começo de Seu ministério, Ele purificou o templo (João 2:13–17) e agora Ele estava ali para ensinar. Tenhamos em mente que o templo era a fortaleza das autoridades religiosas. Jesus não hesitou em confrontar Seus futuros executores. Ele entrou na cova dos leões e agarrou as barbas dos leões.

Era a primeira vez que muitos dos líderes estavam tendo a oportunidade de ouvir o Senhor, e Seu ensino “maravilhou-os”³⁷. Perguntavam: “Como sabe estas letras, sem ter estudado?” (João 7:15). “Sem ser estudado” significava que Ele não recebera o treinamento formal para ser um rabino. Hoje em dia, as pessoas dizem: “Ele nem tem faculdade!” Jesus respondeu, com efeito, que mesmo não tendo “diploma” de homens, Ele fora enviado por Deus (vv. 16, 18, 28, 29) e ensinava o que da parte de Deus ouvira (v. 16).

Disse Ele: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo” (v. 17). A disposição mental³⁸ é importante para se entender qualquer coisa, mas é absolutamente essencial para se entender a Palavra de Deus. O ensino de Cristo continuava sendo um enigma para os líderes religiosos porque, na verdade, eles não faziam a vontade de Deus, embora afirmassem que faziam.

Como prova de que as autoridades não obedeciam a Deus, Jesus destacou que eles haviam planejado quebrar o sexto mandamento (Êxodo 20:13). Disse Jesus: “Não vos deu Moisés a lei? Contudo, ninguém dentre vós a observa. Por que procurais matar-me?” (João 7:19). Ele sabia da conspiração deles (João 5:18; 7:1) e quis que eles soubessem que Ele sabia.

A multidão que não residia na cidade, desapercibida da situação, respondeu: “Tens demônio. Quem é que procura matar-te?” (v. 20). Jesus já havia sido acusado de possuir demônio (Mateus 9:32–34;

³⁵O texto não diz se Jesus havia chegado ou não a Jerusalém mais cedo. Parece razoável presumir que Ele acabara de chegar quando entrou no templo.

³⁶Provavelmente, Jesus foi ao pórtico de Salomão (veja João 10:23; Atos 3:11). Veja a localização do pórtico no diagrama do templo, na página 35 da edição “A Vida de Cristo—Parte 2”, desta série. Alguns acreditam que João 7:14 seja um cumprimento de Malaquias 3:1.

³⁷O ensino de Jesus sempre deixou as pessoas admiradas (veja Mateus 7:28, 29; 22:33; Marcos 1:22; João 7:46).

³⁸Considere-se como os nazarenos reagiram a Jesus (Mateus 13:54).

10:25; 12:24), mas aqui as palavras só queriam dizer: “Estás louco!” (veja João 10:20).

A pergunta se Jesus estava ou não marcado para morrer nos remete à viagem anterior a Jerusalém, que resultou nos líderes judeus “procurarem matá-lo ainda mais” (João 5:18). Naquela ocasião, Jesus curou um homem num sábado (João 5:1–9) e foi obrigado a defender-se. Agora Ele apresentava um argumento adicional para curar no sábado: Ele salientou que todos acreditavam que era certo circuncidar no sábado (7:22, 23a)³⁹. Jesus estava dizendo efetivamente: “Se é certo santificar uma parte do corpo no sábado, por que vocês se enfurecem quando purifico o corpo inteiro?” (v. 23b).

À medida que o Senhor continuou ensinando, os que moravam em Jerusalém (e estavam, portanto, cientes da conspiração para matá-lo) ficaram admirados com o fato de Ele poder ensinar tão livremente dentro do templo (vv. 25, 26a). Apesar disso, eles concluíram que Ele não poderia ser o Cristo: “...sabemos donde este é; quando, porém, vier o Cristo, ninguém saberá donde ele é” (v. 27). A maioria dos judeus acreditava que o Messias nasceria em Belém (João 7:42; Mateus 2:5, 6). Alguns acreditavam que passagens como Malaquias 3:1 e Isaías 53:8 ensinavam que a origem do Messias seria envolta em mistério.

No decorrer da discussão, os participantes expuseram sua ignorância, pois desconheciam o local de nascimento de Jesus (veja João 7:41). Cristo respondeu, com efeito, que eles poderiam ou não saber qual era a Sua origem terrena⁴⁰, mas o que eles não entendiam era que Ele de fato viera do céu (vv. 28, 29).

Jesus impressionou assim muitos dentre a multidão que acreditaram nele (v. 31). Houve até alguns com um pouco de fé, mas isso foi o suficiente para encolerizar os principais sacerdotes e fariseus, que mandaram os guardas do templo prendê-lo (v. 32). Tranquilo, Cristo continuou a pregar: “Ainda por um pouco de tempo estou convosco e depois irei para junto daquele que me enviou. Haveis de procurar-me e não me achareis; também aonde eu estou, vós não podeis ir?” (vv. 33, 34). Como vivemos deste lado da cruz, entendemos as palavras de Jesus. “Ainda por um pouco de tempo estou convosco”: só restavam seis meses até a morte de Jesus. “E

³⁹Os meninos judeus deveriam ser circuncidados no oitavo dia de vida (Levítico 12:3), mesmo que este caísse num sábado.

⁴⁰Jesus usou de ironia nessa afirmação: “Vós não somente me conheceis, mas também sabeis donde eu sou” (João 7:28).

depois irei para junto daquele que me enviou”: Ele subiria a Deus. “Haveis de procurar-me e não me achareis; também aonde eu estou, vós não podeis ir”: são palavras sobre a oportunidade perdida (veja Oséias 5:6), tragédia resultante da incredulidade. No dia seguinte, Jesus diria: “Vou retirar-me, e vós me procurareis, mas perecereis no vosso pecado; para onde eu vou vós não podeis ir... porque, se não credes que eu sou, morrereis nos vossos pecados” (João 8:21, 24).

Nós podemos entender o que Jesus quis dizer, mas os líderes judeus ficaram confusos. Eles se perguntavam se Ele estaria falando de sair da Palestina e pregar a não-judeus (7:35, 36)⁴¹.

No fim da Festa: Controvérsia sobre as Declarações de Jesus (João 7:37–52)

O incidente registrado a seguir ocorreu “no último dia, o grande dia da festa” (v. 37a). Um ponto alto desse dia era o ritual da água em que um sacerdote enchia um jarro de água no Tanque de Siloé e depois derramava a água, cerimonialmente, aos pés do altar. Essa cerimônia retrocedia ao tempo em que Deus deu água aos ancestrais que peregrinaram no deserto (Êxodo 17:5, 6; Números 20:7–11) e remetia até o derramamento do Espírito de Deus quando viesse o Messias (Joel 2:28; veja Atos 2:16, 17).

Naquele dia, “levantou-se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior⁴² fluirão rios de água viva” (João 7:37b, 38). O jarro de ouro estava vazio, mas a Seus ouvintes foram oferecidos rios de água viva que jamais cessariam de fluir.

João deu uma explicação inspirada para as palavras de Cristo: “Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado” (v. 39)⁴³. A referência era à vinda do Espírito Santo no Pentecostes após a ascensão de Cristo (Atos 1:8; 2:1–4, 16, 17, 38). Praticamente assim como a água da rocha saciou a sede física, o Espírito de Deus saciaria os anseios espirituais de quem depositasse sua confiança em Jesus.

⁴¹O versículo 35 diz: “Irá, porventura, para a Dispersão entre os gregos, com o fim de os ensinar?” “A Dispersão” é um termo grego usado na Septuaginta com referência à dispersão do povo judeu entre os gentios.

⁴²O texto original diz “barriga”, mas “interior” comunica a idéia.

⁴³Veja um estudo detalhado dos versículos 37 a 39 no sermão “A Água da Vida”, nesta edição.

Os que ouviram Jesus ficaram divididos (João 7:43). Alguns pensaram que Ele era o Profeta semelhante a Moisés (v. 40; veja Deuteronômio 18:15). Alguns pensaram que Ele deveria ser o Messias (João 7:41a). Outros disseram que Ele não poderia ser o Messias porque (pensavam eles) Ele vinha da Galiléia, e não de Belém, a cidade de Davi (vv. 41b, 42; veja 2 Samuel 7:12–16; Miquéias 5:2–4).

Entre os que foram tocados pelo ensino de Cristo estavam os que haviam sido enviados para prendê-lo (João 7:32). Quando voltaram aos seus superiores de mãos vazias, foram questionados por que não O prenderam (v. 45). Eles responderam: “Jamais alguém falou como este homem” (v. 46).

Os fariseus ficaram enfurecidos (v. 47). Insistiram que Jesus *não* poderia ser o Messias 1) porque *eles* não acreditavam nEle (v. 48), 2) porque os que acreditavam nEle eram ignorantes⁴⁴ (v. 49) e 3) porque nunca havia saído um profeta da Galiléia (v. 52)⁴⁵. Um deles, chamado Nicodemos (aquele que fora ter com Jesus à noite [João 3:1, 2]), salientou que era errado condenar um homem sem um julgamento justo (João 7:50, 51; veja Deuteronômio 1:16, 17; 19:15–21)⁴⁶. O único efeito que as palavras de Nicodemos surtiram foi fazer os fariseus se virarem contra ele (João 7:52).

O texto deixa claro que não conseguiram prender Jesus (vv. 30a, 44) “porque ainda não era chegada a sua hora” (v. 30b; veja também 8:20). A “hora” de Sua morte estava próxima—dali a seis meses somente—mas não naquele momento⁴⁷.

Após a Festa: Controvérsia sobre a Preocupação de Jesus (João 7:53—8:11)

João 7:53—8:11 é um texto único. Embora a passagem não se encontre nos manuscritos mais antigos, ela consta da maioria das traduções do Novo Testamento. Em algumas versões, é considerada parte do texto; na maioria, é inserida entre colche-

⁴⁴Diziam que a multidão não conhecia a Lei. Também diziam que a multidão era “maldita”. A Lei dizia que quem desobedecesse a Deus era amaldiçoado (veja Deuteronômio 27:26). Os governantes estavam cegos demais pelo preconceito para entender que eram eles, e não os crentes, que eram desobedientes.

⁴⁵Pelo menos um profeta havia saído da Galiléia: Jonas (2 Reis 14:25). Os fariseus expuseram sua ignorância tanto a respeito do Antigo Testamento quanto a respeito da origem de Jesus. Mais tarde, em João 9:29, eles admitiram que realmente não tinham idéia de onde Ele era.

⁴⁶Nicodemos não confessou sua fé em Jesus, mas pelo menos falou publicamente em defesa do Senhor. Ele progrediu na fé desde o episódio de João 3.

⁴⁷Nesse ínterim, Jesus foi protegido pela providência de Deus. Nessa ocasião, os inimigos de Jesus se contiveram pelo fato de alguns dentre a multidão crerem nEle.

tes, como um acréscimo. Os estudiosos concordam que, mesmo se esses versículos não fizerem parte do manuscrito original, o incidente realmente ocorreu.

No fim da festa, a maioria foi para casa (João 7:53), mas Jesus permaneceu na região. Ele passou a noite no monte das Oliveiras (8:1)⁴⁸, provavelmente numa tenda erguida por Seus discípulos, enviados na frente para providenciar os preparativos (Lucas 9:52). Na manhã seguinte, Jesus voltou ao templo, para ensinar (João 8:2, 20). O público ouvinte compunha-se dos moradores Jerusalém, mais alguns viajantes que ainda não haviam ido embora.

Jesus foi interrompido por Seus inimigos, os quais “trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério” (8:3, 4). Disseram a Jesus: “E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes?” (8:5). Esses hipócritas não se preocupavam com a Lei; de outra forma, também teriam trazido o homem envolvido na violação. A Lei dizia que *ambos*, homem e mulher, deveriam ser apedrejados (Levítico 20:10; Deuteronômio 22:22). Não estavam preocupados em fazer justiça nem em obedecer a Deus; o único interesse deles era armar numa cilada para Jesus (João 8:6a).

Cristo, então, lhes disse: “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra” (8:7). Daí, Jesus parou e escreveu na terra⁴⁹ que cobria o piso de pedra do templo (8:8). Quando Ele se levantou, os acusadores já haviam se retirado (8:9, 10)⁵⁰.

E Jesus perguntou: “Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou?” (8:10). Ao que ela respondeu: “Ninguém, Senhor!” (8:11a). Então Cristo disse: “Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais” (8:11b). Os líderes religiosos haviam tratado a pecadora com desrespeito. A lei punia o pecador com a morte. O Senhor tratou a pecadora com dignidade. Ele não fechou os olhos para o pecado dela (disse-lhe para não pecar mais); mas mostrou misericórdia e deu-lhe uma segunda oportunidade. Todos nós precisamos de misericórdia e uma segunda oportunidade, não precisamos?

⁴⁸O monte das Oliveiras ficava ao Leste da cidade, do outro lado do ribeiro de Cedrom. Veja o mapa na página 44.

⁴⁹O texto não diz o que Ele escreveu, e de nada vale especularmos.

⁵⁰Veja um estudo detalhado sobre esse incidente na edição “João—Parte 2”, de *A Verdade para Hoje*.

CONCLUSÃO

Esta lição está repleta de princípios para transformarmos nossas vidas. Façamos uma revisão de quatro desses princípios:

- Se Jesus não é Deus, Ele não é bom (João 7:12). Todo homem precisa decidir se crê ou não que Cristo é o Filho de Deus.
- Jesus já voltou ao Seu Pai no céu; se não crermos nEle, jamais poderemos ir aonde Ele está (João 7:33, 34; 8:21, 24).
- Se crermos em Jesus e nos entregarmos à Sua vontade, Ele nos dará o Seu Espírito e abençoará nossas vidas (João 7:37–39; veja Atos 2:38).
- Mesmo se nos envolvermos em grande confusão já sendo cristãos, Ele nos dará outra oportunidade (João 8:11), desde que recorramos a Ele arrependidos e em oração (Atos 8:22; 1 João 1:9).

Se você ainda não expressou a sua fé em Cristo através do batismo para ser salvo dos seus pecados

passados (Marcos 16:15, 16), agora é a hora de fazer isso. Se você tem sido um filho de Deus infiel, agora é a hora de voltar para o Pai. A maioria dos que ouviram Jesus pregar durante a Festa dos Tabernáculos perdeu a oportunidade da salvação; não perca a sua oportunidade!

Candidatos a Discípulos

Lucas 9:57-62
Mateus 8:19-22
Olhando de perto



Você já teve uma experiência ruim comprando algo de maior valor com a garantia, por escrito, de devolução de dinheiro em caso de insatisfação com o produto? Após receber o produto, você constata que ele não cumpriu com o prometido e pede o reembolso. “Ah, não”, dizem a você, “o problema que você teve não tem a cobertura da garantia”. Leia o *certificado de garantia*¹. Os homens podem elaborar certificados de garantia fraudulentos, mas Cristo não. Quando Ele chamava homens para serem Seus discípulos, Ele lhes dizia exatamente o que se exigia e esperava deles.

Em nenhum outro trecho dos relatos do evangelho isto é mais evidente do que nos textos bíblicos que veremos neste sermão. Jesus estava a caminho de Jerusalém (Lucas 9:51). Perseguição e tribulações O aguardavam ali—e, por fim, a morte (Lucas 9:44). “Indo eles caminho fora” (Lucas 9:57), Jesus encontrou três discípulos em potencial. O desafio que Ele lançou a esses homens não deixou dúvida quanto ao tipo de comprometimento que Ele esperava de um discípulo.

Quando lemos o que Cristo disse a esses candidatos a discípulos, Suas palavras parecem ásperas. Vários fatos devem ser levados em consideração aqui. 1) A maioria de nós desconhece os costumes daquela época. Conhecer esses costumes permite uma perspectiva diferente dos requisitos e da resposta de Jesus. 2) O Senhor podia ler as mentes e os corações (Mateus 9:4; 12:25; Lucas 5:20, 22; 6:8; João 1:47; 2:25; 21:17c). Mesmo quando o pedido de uma pessoa parecia sensato, Jesus sabia o que aquele indivíduo *de fato* tinha em mente. 3) Cristo estava indo para o *combate*. Ele não tinha tempo para recrutas medrosos. 4) Jesus não pediu deles nada que Ele não tivesse exigido primeiramente de Si mesmo. Neste estudo, nossa tarefa será abrandar a aspereza sem amenizar as exigências. Naqueles dias e atualmente também, Cristo exige comprometimento total.

¹Se quiser, narre uma experiência pessoal nesta situação, relevante para os seus ouvintes.

O texto-base que analisaremos será Lucas 9:57-62. Mateus 8:19-22 contém o registro de um incidente semelhante. Não sabemos se as duas passagens relatam o mesmo episódio², mas elas são suficientemente semelhantes para que estudemos as duas histórias juntas.

CANDIDATOS A DISCÍPULOS NAQUELA ÉPOCA

O Candidato Impulsivo (Lucas 9:57, 58; Mateus 8:19, 20)

O primeiro candidato a discípulo disse a Jesus: “Seguir-te-ei para onde quer que fores” (Lucas 9:57b). O chamado de Jesus para o discipulado era sempre “Segue-me” (veja Lucas 9:59; Mateus 4:19; 9:9; 10:38; 16:24; 19:21). O homem aceitou o desafio: “Seguir-te-ei”. A seguir, não colocou restrições sobre até onde iria: “para onde quer que fores”³. É difícil, para nós, encontrar uma falha nesse tipo de comprometimento. Se Mateus 8 estiver relatando o mesmo episódio, o homem era um escriba (v. 19). Os escribas, em sua maioria, eram adversários de Cristo (Mateus 9:3; 12:38; 15:1, 2; 16:21). Deveria ser animador ver um integrante do exército inimigo oferecer-se para ser um discípulo.

Todavia, quando Jesus olhou para dentro do coração daquele homem, Ele viu que ele não havia entendido o significado completo das palavras que Ele dizia. O homem parece ter visto multidões, milagres e entusiasmo, onde Cristo queria que ele visse abnegação, sacrifícios e sofrimento. Ele era como o recruta que se alista nas forças armadas pela farda, pelos

²Como a cronologia não era de suma importância para os escritores dos relatos do evangelho, os dois incidentes poderiam ser o mesmo. Todavia, o cenário não é o mesmo nos dois relatos, de maneira que podem ter ocorrido em ocasiões diferentes. Não é difícil imaginar que, em mais de uma ocasião, Jesus tenha se aproximado de candidatos a discípulos que fizeram afirmações semelhantes, às quais Ele deu a mesma resposta.

³Compare esta passagem com as afirmações impulsivas e inadequadas de Pedro em João 13:37 e Lucas 22:33.

desfiles e pelas medalhas, dando pouca importância à disciplina, ao perigo ou até à morte.

O Senhor não aceitou nem rejeitou a candidatura do homem. Em vez disso, salientou o que ele deveria esperar se O seguisse: “As raposas⁴ têm seus covis, e as aves do céu, ninhos⁵; mas o Filho do Homem⁶ não tem onde reclinar a cabeça” (Lucas 9:58; veja Mateus 8:20). Os animais selvagens e os pássaros têm abrigos aonde podem retornar no fim do dia, mas Cristo não tinha residência fixa⁸. Não houve lugar para Ele nas hospedarias de Belém (Lucas 2:7), nem na terra dos gerasenos (Marcos 5:1–17), nem em Nazaré (Lucas 4:16–31). Alfred Plummer disse: “A vida de Jesus começou num estábulo emprestado e terminou num túmulo emprestado”⁹. Paulo escreveu: “Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos” (2 Coríntios 8:9)¹⁰.

Jesus não estava reclamando nem pedindo para terem pena dEle; Ele escolhera Seu estilo de vida voluntariamente¹¹. Nem tampouco estava Ele tentando desanimar futuros discípulos, mas Jesus desejava que o homem percebesse tudo o que envolvia ser um discípulo. A mensagem do Senhor ao discípulo impulsivo foi: “*Calcule o custo*”¹².

⁴Havia raposas em abundância na região em que Jesus viajava e ensinava, bem como pássaros (Juizes 15:4; Neemias 4:3; Salmos 63:10; Cantares de Salomão 2:15; Lamentações 5:18; Ezequiel 13:4; Mateus 6:26; 13:4, 32; Lucas 13:32).

⁵A palavra grega traduzida por “ninhos” significa literalmente “acampamentos”; incluía não só ninhos, mas qualquer local de abrigo.

⁶Neste contexto, “o Filho do Homem” refere-se ao próprio Jesus.

⁷“Onde descansar a cabeça” era uma forma proverbial de dizer “casa”.

⁸Em uma ou outra ocasião, Jesus tinha casas em que podia pernoitar—como a casa de Pedro em Cafarnaum e a de Maria e Marta, em Betânia—mas Ele não possuía residência fixa. Na maior parte do tempo, Ele e Seus discípulos pergrinavam de um lugar para o outro.

⁹Citado em William Barclay, *The Gospel of Matthew* (“O Evangelho de Mateus”), ed. rev., vol. 1. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 311.

¹⁰Que contraste com os pregadores evangélicos ricos e saudáveis da mídia, que apontam para suas mansões, contas bancárias e barcos como prova de que Deus aprova seus ministérios! Aqui está uma mensagem para futuros pregadores e missionários: não veja a obra como uma *carreira* que lhe recompensará com dinheiro e bens. Em vez disso, comprometa-se a *ministrar* e então confie que o Senhor lhe proverá as necessidades (não luxos supérfluos) da vida (Mateus 6:33).

¹¹Ele saiu do céu espontaneamente, e saiu de Sua casa em Nazaré por livre vontade.

¹²Lucas 14:27–30 é outra ocasião em que Jesus disse para os candidatos a discípulos “calcularem o custo”.

Se um jovem quer ser médico, dizemos: “É um sonho que vale a pena, mas tenha certeza de calcular o custo primeiro. Depois de entender a dedicação necessária para sobreviver a anos de estudo e residência, se você ainda estiver disposto a assumir esse tipo de compromisso, então vá em frente”. “Calcule o custo!” Esse é um bom conselho se você quer se formar numa faculdade, se aspira a uma posição no atletismo mundial, se deseja casar-se, ou se decide ter filhos com seu cônjuge. Na maior parte das vezes, não dizemos às pessoas para calcularem o custo com o intuito de dissuadi-las, desanimá-las, mas sim para instigar nelas uma determinação de perseverar nessa decisão, independentemente das dificuldades que surgirem.

Na “parábola do semeador” (Mateus 13:18), um dos tipos de solo era o solo raso, rochoso. Nesse tipo de solo, a planta crescia rapidamente da terra; mas quando o sol despontava no céu, ela murchava com a mesma rapidez (Mateus 13:5, 6). Cristo disse que esse solo representava “o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza [“a abandona”; NVI]” (Mateus 13:20, 21). O Senhor não queria que seus candidatos a discípulos tivessem esse fim.

O Candidato Indeciso (Lucas 9:59, 60; Mateus 8:21, 22)

O primeiro candidato a discípulo apresentou-se voluntariamente, mas o segundo precisou de encorajamento¹³. Cristo disse a ele o que também disse a muitos outros: “Segue-me” (Lucas 9:59a; veja Mateus 8:22a)¹⁴.

O homem replicou: “Permite-me ir primeiro sepultar meu pai” (Lucas 9:59b; veja Mateus 8:21). Este pedido parece sensato. Sempre foi uma obrigação dos filhos sepultarem os pais. Naqueles dias, o sepultamento do pai ou da mãe tinha precedência sobre quase qualquer outra atividade, incluindo os

¹³Pode-se usar várias analogias: “Jesus disse ‘pare’ para o primeiro, mas ‘venha’ para o segundo”; “Jesus disse para o primeiro apertar os freios e para o segundo, pisar fundo”. Use uma analogia que seja compreensível aos seus ouvintes. O primeiro estava ávido *demais* e o segundo, ávido *de menos*.

¹⁴Logo depois disto, Jesus mandou os setenta discípulos numa viagem pela Judéia (Lucas 10:1). Talvez Cristo estivesse recrutando homens para essa tarefa (veja Lucas 10:2; compare Lucas 9:60b com Lucas 10:11b). Quando Cristo dizia “segue-me” a homens, Ele geralmente estava convidando para o serviço em período integral.

deveres mais sagrados¹⁵. O próprio Jesus ensinara que os filhos devem honrar os pais (Mateus 15:4-6; veja Êxodo 20:12; Efésios 6:1-3). Com certeza, comparecer ao enterro de um pai estava incluso na palavra “honrar”.

A resposta de Cristo, portanto, veio como um choque: “Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai e prega o reino de Deus” (Lucas 9:60; veja Mateus 8:22). Jesus usou a palavra “mortos” em duas frases: “Deixa os *espiritualmente* mortos¹⁶ enterrarem seus próprios mortos *fisicamente*”. Superficialmente, as palavras do Senhor parecem ásperas, inclementes e sem sentimento. Mas o que poderia estar por trás delas? Analisemos os seguintes fatores:

1) Embora, nos tempos bíblicos, o sepultamento ocorresse quase imediatamente após a morte (no mesmo dia, se possível¹⁷), as cerimônias subsequentes levavam uma semana ou mais. De qualquer perspectiva que analisemos a situação, o homem estava adiando sua resposta ao convite do Senhor.

2) Cristo estava de passagem para Jerusalém¹⁸. Se o homem realmente quisesse segui-IO, ele teria de ir naquele momento, e não depois¹⁹.

3) Quando os costumes daqueles dias são levados em conta, é possível que o homem estivesse tentando adiar sua decisão indefinidamente. O pedido dele não significava necessariamente que seu pai tivesse morrido recentemente e que ele precisasse providenciar com urgência os detalhes do sepultamento. As palavras do candidato indeciso significavam: “Agora, tenho certas responsabilidades com a família. Numa outra hora, depois que meu pai falecer e eu tiver cumprido minhas responsabilidades, eu seguirei o Senhor”²⁰. Indivíduos que já viveram nessa cultura dão muitos exemplos em que as palavras “permite-me ir primeiro sepultar meu pai” indicam que, num futuro distante, o locutor avaliaria

a proposta²¹. Os comentaristas acreditam que este é o sentido neste contexto; Eles destacam que se o pai do homem já tivesse morrido, ele não estaria à beira da estrada por onde Jesus passou dizendo: “Segue-me”, mas estaria ocupado cuidando de suas responsabilidades para realizar o enterro²².

4) Convém lembrar que Jesus conhecia o coração de cada um. Por mais sensatas que parecessem as palavras do homem, Cristo não as considerou uma razão legítima para o candidato não segui-IO, e sim uma desculpa.

A palavra trágica na desculpa do homem foi “primeiro”: “Permite-me ir *primeiro* sepultar meu pai”. Deus dissera: “Não terás outros deuses diante de mim” (Êxodo 20:3). Jesus dissera: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça” (Mateus 6:33a). Cristo enfatizou constantemente que nada deve ter prioridade sobre a decisão de segui-IO—nem mesmo o amor pelos familiares (Lucas 14:25-27). Ele exigiu uma transferência radical de lealdade!

Desconhecemos tudo o que havia no coração daquele homem quando ele disse: “Permite-me ir primeiro sepultar meu pai”, mas vários pregadores já viram esse mesmo espírito em muitos discípulos em potencial. Já ouvimos adolescentes dizerem: “Permita-me curtir *primeiro* a vida e depois eu seguirei Jesus”. Já ouvimos jovens trabalhadores dizerem: “Permita-me conseguir *primeiro* minha estabilidade profissional e começar a minha família, e depois eu levarei a sério o compromisso de seguir Jesus”. Já ouvimos homens mais velhos dizerem: “Assim que eu colocar meus negócios em ordem, eu vou seguir Jesus”. Às vezes, os alvos propostos são dignos, e às vezes são indignos; mas, em todos os casos, a tragé-

¹⁵Segundo os rabinos, o sepultamento de um progenitor tinha precedência sobre o culto religioso ou o estudo da Lei. Um filho tinha uma obrigação religiosa, social e familiar de sepultar seu pai. Veja uma amostra disso nas passagens do Antigo Testamento sobre a importância de sepultar os entes queridos, em Gênesis 23:9; 25:9; 35:29; 49:28—50:3; 50:5, 13, 14, 26; Josué 24:29, 30.

¹⁶Veja Efésios 2:1; 1 Timóteo 5:6; 1 João 3:14.

¹⁷Veja Mateus 9:18, 23; João 11:1, 14, 17; Atos 5:5, 6, 10.

¹⁸O relato de Mateus também mostra Jesus indo para a margem leste do mar da Galiléia (Mateus 8:18, 23, 28).

¹⁹Diríamos: “É pegar ou largar”.

²⁰Alguns acreditam que as palavras do jovem também denotavam este sentido: “Depois que a situação for restabelecida e eu tiver recebido minha herança, seguirei o Senhor. Afinal de contas, preciso de segurança financeira no caso do discipulado não dar certo”.

²¹Um missionário contou que após dar um conselho a um rapaz da Turquia, este respondeu: “Preciso, antes de tudo, sepultar meu pai”. Quando o missionário demonstrou solidariedade, o jovem disse que seu pai não estava morto; ele só queria dizer que precisava cumprir suas obrigações com a família antes de agir conforme o conselho do missionário. Um oficial inglês contou a respeito de uma bolsa de estudos oferecida a um jovem árabe, ao que este respondeu: “Vou aceitá-la, depois de sepultar meu pai”. Na ocasião, o pai do jovem tinha quarenta anos de idade e gozava de boa saúde. Certo palestrante disse que até hoje no Oriente Médio, quando alguém deseja imigrar para outro país, perguntam-lhe: “Você não vai sepultar seu pai primeiro?” Isto quer dizer: “Você não vai ficar aqui até cumprir suas obrigações com a família?”

²²Tenhamos em mente que, sempre que possível, os sepultamentos ocorriam no mesmo dia da morte.

dia é colocar esses alvos em *primeiro* lugar, antes de Cristo²³.

Certo pregador conta de um homem a quem ensinou e batizou, um jovem pai talentoso com grande potencial. Inicialmente, ele era entusiasta e envolvido com a obra do Senhor. Depois ele investiu num negócio próprio e começou a trabalhar dia e noite. Ele negligenciou a família e raramente era visto nos cultos de adoração. Desculpava-se dizendo: “Vou primeiro estabelecer minha empresa, depois terei tempo e dinheiro para dedicar a Deus”. Resultado: acabou se afastando cada vez mais do Senhor e, pelo que se sabe, jamais voltou.

A mensagem de Jesus ao candidato indeciso foi: “*Considerare o conflito*”. Em outras palavras, Ele disse: “Quando for preciso fazer uma escolha entre deveres conflitantes, sendo meu discípulo, você deverá fazer *primeiro* o que eu ordenei”.

O que Jesus *realmente* mandou que ele fizesse? “Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. *Tu, porém, vai e prega o reino de Deus*” (Lucas 9:60; grifo meu). Em outras palavras: “Sempre haverá pessoas para realizar as tarefas ordinárias da vida, como um sepultamento, mas eu tenho uma tarefa especial para você: vá a toda parte, proclamando que o reino está perto de ser estabelecido²⁴! A necessidade é urgente, então siga-Me *agora*”.

O Candidato Indefinido (Lucas 9:61, 62)

O terceiro candidato em potencial, assim como o segundo, pediu para fazer uma coisa primeiro: “Seguir-te-ei, Senhor; mas deixa-me primeiro despedir-me dos de casa” (v. 61). Semelhante ao pedido anterior, a solicitação deste não parecia insensata²⁵. Tenhamos em mente, porém, que, nos países orientais, cerimônias de despedida podem levar dias, semanas ou meses. Se o homem quisesse seguir Jesus, ele teria de fazê-lo naquele instante; o Senhor não estaria ali no dia seguinte, muito menos uma semana ou um mês depois.

Consideremos também a possibilidade de que, se o homem fosse para casa para se despedir, sua família poderia fazê-lo desistir de entregar-se à vida

incerta de um discípulo de Cristo²⁶. Os missionários que ensinam pessoas criadas no hinduísmo contam que os pais de um hindu percorrem qualquer distância para persuadir o filho a não aderir ao cristianismo. Como última cartada, eles dizem: “Tudo bem. Se você quer ser batizado, então se batize. Mas vamos pedir-lhe uma coisa: antes disso, por favor, venha nos fazer uma última visita. Leve em consideração tudo o que já fizemos por você, com certeza isto não é pedir muito”. Os missionários dizem que poucos filhos conseguem resistir a um apelo tão emotivo e que, dentre os que vão para casa, apenas alguns voltam para se tornar cristãos²⁷.

Jesus poderia ter respondido a este indivíduo como respondeu ao segundo, insistindo em que não adiasse a decisão. Contudo, ao olhar para dentro do coração dele, Jesus viu que o homem estava tão preso à sua velha vida que nunca se libertaria. A mensagem dele a este candidato indefinido foi: “*Contemple as conseqüências*”. “Mas Jesus lhe replicou: Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás é apto para o reino de Deus” (v. 62).

O arado mencionado era um implemento primitivo e leve, segurado pela mão esquerda²⁸ enquanto a direita guiava o boi. Tenhamos ou não a experiência de arar, é óbvio que ninguém pode arar em linha reta e, ao mesmo tempo, olhar para trás por cima dos ombros. Lembro-me de um dia traumático, quando eu era menino e fui contratado para arar um campo. Eu não tinha idéia do que estava fazendo. Os sulcos acabaram ficando tão tortos que o campo inteiro teve de ser arado novamente!

Olhar para trás não é catastrófico só para um lavrador; também é catastrófico para quem vai seguir o Senhor²⁹. Aquele discípulo em potencial parecia estar olhando para trás, para a família e os amigos, mas a atração pode ser por qualquer coisa do passado—incluindo sucessos do passado obtidos por ignorarmos princípios cristãos. Segundo Cristo, os que olham constantemente para trás com saudades da velha vida de pecado estão se desqualificando para a entrada no reino.

²³Esta seção pode ser bem ampliada. Faça aplicações conforme as desculpas que *você* já ouviu. Por exemplo, quando este autor era missionário na Austrália, havia uma escola de pregação lá e muitas vezes ouvíamos de um palestrante: “Iremos à Austrália ajudar vocês, mas *primeiro* precisamos...”; ou de um candidato a aluno: “Quero freqüentar a escola, mas *primeiro* preciso...” Quando ouvíamos isso, sabíamos que essas pessoas nunca viriam.

²⁴Veja a nota de rodapé 14.

²⁵Eliseu fez um pedido semelhante quando Elias chamou-o, e o profeta atendeu ao pedido (1 Reis 19:19–21).

²⁶Veja a nota de rodapé 23. A razão mais comum para os candidatos a missionários não terem ido à Austrália era que seus pais os faziam desistir dizendo: “Por favor, não levem meus netos para a Austrália, onde eu nunca poderei vê-los!”.

²⁷Veja Stephen F. Olford, *Committed to Christ and His Church* (“Comprometido com Cristo e Sua Igreja”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1991, pp. 37–38.

²⁸Observe que é usado o singular “mão” em Lucas 9:62.

²⁹Olhar para trás foi catastrófico para a esposa de Ló (Gênesis 19:26).

CANDIDATOS A DISCÍPULOS HOJE

A que conclusões devemos chegar a partir destas passagens bíblicas? Há seitas que utilizam passagens como a de Lucas 9:57–62 para justificar a severa política de exigir que seus iniciantes rompam todos os laços com suas antigas vidas, incluindo família e amigos. Todavia, Jesus nunca ensinou que é errado cumprir as responsabilidades com a família, ter amigos ou até ir a enterros. Pelo contrário, Ele ensinou que devemos cuidar de nossos pais (Mateus 15:4–6; 19:19), Ele tinha amigos (Lucas 12:4; João 15:15) e até compareceu a um ou dois enterros (Mateus 9:23–25; Lucas 7:12–15).

A mensagem de Lucas 9:57–62 poderia ser resumida por uma palavra que temos usado várias vezes neste sermão: *comprometimento*. Precisamos nos comprometer completa e totalmente a Jesus Cristo e à Sua causa para sermos Seus discípulos.

Candidatos Impulsivos

Aos candidatos impulsivos, o Senhor diz³⁰: “Antes de assumir o compromisso, entenda tudo o que ele envolve”.

Anteriormente, Cristo dissera: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia *tome a sua cruz* e siga-me” (Lucas 9:23; grifo meu). A maioria dos que viviam na Palestina àquela época já tinha visto alguém carregando uma cruz. Todos sabiam que pegar uma cruz significava colocar-se a caminho da morte (veja João 19:17); levar uma cruz era uma viagem só de ida. Quando o Senhor fez o desafio: “Segue-Me”, Ele estava convocando os seguidores à abnegação máxima.

Os cristãos dentre nós que pregam e ensinam estarão prestando um desserviço, se deixarem a impressão de que seguir a Jesus é fácil. Cristo disse aos Seus discípulos: “No mundo, passais por aflições” (João 16:33b). Paulo escreveu: “Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2 Timóteo 3:12). Alguém disse: “Quem não quiser levar a cruz não poderá usar a coroa”. A verdade simples é que seguir a Jesus fielmente custará alguma coisa!

Será que Jesus quer que você seja Seu discípulo? Claro que sim! Ao mesmo tempo, antes que você tome essa decisão, o Senhor quer que você compreenda totalmente o compromisso exigido.

³⁰Nesta seção de aplicação, resumiremos a mensagem de Jesus a cada categoria de candidatos. Não estaremos fazendo citações exatas da Bíblia. Se quiser, explique cada caso usando os termos “em outras palavras”, ou “com efeito”.

Candidatos Indecisos

Aos candidatos indecisos, Cristo diz: “Quando vocês assumirem esse compromisso, entendam que ele significa que *Eu* tenho de vir antes de qualquer outra coisa, até mesmo da família e dos amigos”. “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim” (Mateus 10:37).

Entre nossas necessidades básicas estão casa, família e amigos. Antes de entregarmos nossas vidas a Jesus, Ele quer que nos perguntemos: “Mas e se eu tiver de abandonar tudo isso para seguir o Senhor? Eu estarei disposto a fazer isso?” Perguntas que sondam nossos corações como essas são inúmeras: “e se seguir a Cristo significar que a minha renda diminuirá... que as pessoas não entenderão o compromisso que eu fiz... que, talvez, eu seja até perseguido? Ainda assim seguirei a Jesus?” Michael Wilcock escreveu: “Quando for necessário optarmos entre dois caminhos, qual seguiremos? Conforto, convenção, costume—ou Cristo?”³¹

Paulo escreveu que Cristo é “a cabeça do corpo, da igreja... para em todas as coisas ter a *primazia*” (Colossenses 1:18; grifo meu). Para alguns, o fato de o Senhor ter de estar em primeiro lugar é um lembrete; para outros, é uma revelação.

Candidatos Indefinidos

As mensagens de Jesus até aqui são importantes: “Calcular o custo de seguir a Cristo e entender o que isto envolve”. Todavia, após ouvir essas duas admoestações, posso imaginar um candidato a discípulo dizer: “Se seguir a Cristo é tão difícil assim, realmente não estou interessado!” A palavra de Jesus para candidatos indefinidos é, portanto, necessária para se manter um equilíbrio: “Considere a consequência de desistir de Me seguir: você não será apto para o reino de Deus!”

A maioria dos leitores está ciente de que, pouco antes disso, Jesus havia identificado o reino messiânico como a igreja que Ele edificaria (Mateus 16:18, 19; veja Colossenses 1:13). Provavelmente os leitores também estão cientes de que o céu é muitas vezes citado como o reino de Deus (1 Coríntios 15:50; 2 Timóteo 4:18; 2 Pedro 1:11). Portanto, quando lemos: “não apto para o reino de Deus”, pensamos: “Sim, aquele que não está disposto a seguir o Senhor, não pode ser um membro fiel da igreja e, no fim, não irá

³¹Michael Wilcock, *The Message of Luke: The Saviour of the World* (“A Mensagem de Lucas: O Salvador do Mundo”). The Bible Speaks Today Series. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1979, p. 119.

para o céu". Cada parte dessa afirmação é verdadeira, mas não transmite o impacto emocional das palavras de Cristo sobre os ouvintes do primeiro século.

Recordemos o que o reino do Messias significava para os ouvintes de Jesus. Eles aguardavam, oravam e ansiavam por esse reino havia séculos (veja Marcos 11:10; 15:43). O Senhor veio pregando: "Está próximo o reino dos céus" (Mateus 3:2; 4:17). Ele havia dito aos Seus seguidores: "dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus" (Marcos 9:1). A expectativa crescia à medida que o estabelecimento do reino se aproximava³². Estar inapto para o reino quando ele viesse seria a maior de todas as catástrofes! Cristo, porém, declarou que era esse o caso de todos que, após porem a mão no arado, olhassem para trás.

O Novo Testamento compara o reino/igreja a um tesouro inestimável digno de qualquer sacrifício (Mateus 13:44-46). A mensagem relativa ao reino/igreja é "boa notícia" (Mateus 24:14; Atos 8:12). No reino/igreja, temos comunhão com Cristo (Mateus 26:29). No reino/igreja temos justiça, paz e alegria (Romanos 14:17). Que todos nós, também, acreditemos que ser inapto para o reino de Jesus é a maior de todas as catástrofes.

Nossos corações precisam estar olhando firmemente para o Senhor, se quisermos segui-LO. "Corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus" (Hebreus 12:1c, 2a; grifo meu). Paulo escreveu: "...mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Filipenses 3:13b, 14)³³. O Senhor

não aceitará corações divididos (Oséias 10:2; Apocalipse 3:16).

CONCLUSÃO

Como os três candidatos a discípulos responderam aos desafios de Jesus? Eles abandonaram tudo e seguiram o Mestre, ou saíram entristecidos, como o jovem rico (Mateus 19:22)? Não sabemos. E *você* como reagiria se lhe dissessem...

...que só haveria sofrimento à sua espera se você seguisse Cristo?

...que outra pessoa deveria sepultar o seu pai?

...que você nem poderia despedir-se de seus familiares?

...que se você olhasse para trás, não seria apto para o reino do Senhor?

Acima de tudo, como você responderia *hoje* ao convite de Jesus? Ele ainda diz: "Segue-me", mas os requisitos não foram subtraídos: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me" (Lucas 9:23). Se você está disposto a entregar sua vida, todo o seu ser, ao Senhor, por favor, faça-o *hoje*³⁴.

³²A igreja/reino foi estabelecida no primeiro Pentecostes após a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo (Atos 2).

³³A proibição de "olhar para trás" não significa que precisamos (ou podemos) apagar totalmente o passado de nossa memória. Paulo lembrou-se do passado (Filipenses 3:5, 6), mas ele não viveu nele; seu foco era Cristo e o futuro. Nesta relação, deve-se notar que, na língua original, "olhar para trás" em Lucas 9:62 não denota um relance casual, e sim uma ação contínua.

³⁴Se quiser, explique aos ouvintes como uma pessoa se torna um discípulo de Jesus (João 3:16; Lucas 13:3; Mateus 10:32, 33; Marcos 16:15, 16) e como um cristão que não tem sido fiel ao seu compromisso pode ser restaurado (Atos 8:22; 1 João 1:9).

A Água da Vida¹

João 7:37-39
Olhando de perto



O monte Everest é o mais alto do mundo; seu cume está a 8.850 metros acima do nível do mar—dois terços da camada atmosférica da Terra. A partir de 1920 muitas foram as tentativas de escalada ao cume. Em trinta anos, nove tentativas fracassaram. Em 1952 a Suíça organizou uma equipe de alpinistas altamente capacitados. Eles passaram meses se preparando e seguiram um plano cuidadosamente articulado, mas no fim tiveram de abandonar a empreitada devido a estresse e exaustão.

No ano seguinte, a Inglaterra reuniu uma equipe liderada pelo Coronel John Hunt, um médico. Quando o médico estudou a tentativa suíça, observou que haviam estipulado só dois copos de água por dia para cada homem. Então, ele providenciou um equipamento para derreter a neve, a fim de que cada alpinista tivesse a cota de doze copos d'água por dia. No dia 29 de maio de 1953, essa expedição tornou-se a primeira a plantar sua bandeira no cume do monte mais alto do mundo². Uma porção adequada de água fez toda a diferença³.

Hoje, estamos redescobrimos os efeitos benéficos da água. No mundo ocidental, a geração do cafezinho e dos refrigerantes está sendo instruída a beber mais água: no mínimo, de oito a dez copos diários. Autoridades médicas insistem que nossa saúde depende disso.

¹Em maio de 1987, enquanto eu me recuperava de uma cirurgia, Rusty Peterman me substituiu numa pregação intitulada “A Água da Vida”, na igreja de Cristo Brown Trail, em Fort Worth, Texas. Muitas outras fontes foram consultadas para este sermão, mas ele se baseia grandemente na apresentação de Peterman. As ilustrações são do sermão dele, exceto quando outras fontes são citadas.

²Sir Edmund Hillary da Nova Zelândia é um dos exploradores mais conhecidos do local.

³Anteriormente, haviam desenvolvido equipamentos especiais para resolver os problemas de baixo nível de oxigênio, ventos fortes e frio extremo em altitudes elevadas. Todos esses três fatores foram importantes e necessários, mas aumentar a ingestão de água foi, ao que tudo indica, o elemento determinante para o sucesso da missão.

Assim como nossos corpos necessitam de água física, as nossas almas também necessitam de água espiritual. O texto bíblico deste sermão enfatiza esta verdade:

No último dia, o grande dia da festa, levantou-se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado (João 7:37-39).

CRISTO INTERROMPE RITUAIS CONSAGRADOS PELO TEMPO

Visando atribuir o real significado às palavras de Cristo, precisamos saber algumas coisas sobre a festa citada na passagem e o ritual de água observado durante a festividade. A celebração era a Festa das Cabanas, ou dos Tabernáculos (João 7:2), a última grande celebração judaica do ano. Se tivéssemos uma máquina do tempo e pudéssemos retroceder no tempo para visitar uma das festas de Israel, esta certamente seria a melhor opção.

A Festa das Cabanas acontecia no fim de setembro ou começo de outubro. Era uma das três maiores festas dos judeus⁴, ocasião em que os homens judeus vinham de todas as partes do mundo a Jerusalém. A celebração não durava apenas um dia, mas uma semana inteira. Na época do Senhor, haviam acrescentado um oitavo dia: um sábado solene.

Assim como as demais festas judaicas, a das cabanas tinha aspectos relevantes para o povo. Primeiramente estava a sua importância *histórica*: era um memorial dos dias em que seus ancestrais peregrinaram pelo deserto (Levítico 23:43). Durante as

⁴As três festas são mencionadas em Deuteronômio 16:16. As outras duas grandes festas eram a Páscoa (festa dos Pães Asmos) e Pentecostes (Festa das Semanas). Veja o diagrama “As Festas dos Judeus”, na página 28 da edição “A Vida de Cristo—Parte 1”, desta série.

festividades, os judeus habitavam em cabanas—estruturas provisórias feitas manualmente com galhos e folhas de palmeiras (Levítico 23:40)⁵. Essas estruturas eram armadas nas ruas, nos telhados das casas, na área ao redor do templo e nas colinas que cercavam Jerusalém. Pais e filhos, mães e filhas, avós—todos habitavam dentro dessas cabanas. Durante uma semana, eles dormiam, comiam, oravam e estudavam ali, enquanto comemoravam como Deus providenciou tudo para o Seu povo durante quarenta anos de peregrinação.

A festa não celebrava apenas a provisão de Deus no passado, mas também celebrava Sua provisão no presente. Tinha uma importância *agrícola*: era uma festa das colheitas após as principais safras—ceveda, trigo e uvas⁶. O povo agradecia a Deus pela colheita abundante e pedia que abençoasse as safras do ano seguinte. Sacrificavam 70 bois para as 70 nações da terra. As cerimônias envolviam 446 sacerdotes e um número correspondente de levitas, e 21 trombetas soavam nos pátios do templo. Um enorme candelabro era pendurado no Pátio das Mulheres, com tochas tão brilhantes que iluminavam os corredores e as proximidades do templo⁷. À noite, os homens dançavam à luz desse candelabro. Eram os dias mais alegres das festividades judaicas!⁸

Isto nos leva a um aspecto central da festa: o ritual da água realizado diariamente. No começo de cada dia, sacerdotes vestidos de branco conduziam uma procissão de celebrantes que descia do templo até o tanque de Silóe, um reservatório alimentado pelas águas do manancial de Giom⁹. Essa era a principal fonte de água da cidade, a fonte de água potável. Quando eles chegavam ao tanque, um dos sacerdotes levantava um jarro de ouro reluzente e o afundava no tanque, enchendo-o de água. Nisto, o povo exclamava: “Nós, com alegria, tiramos água das fontes da salvação!” (veja Isaías 12:3).

⁵Os escoteiros chamam esse tipo de tenda de “cabana de índio”.

⁶Por causa disso, a festa também era chamada de Festa da Segã (Êxodo 23:16; 34:22).

⁷No ritualismo da festa, esse candelabro lembrava os judeus da coluna de fogo que guiara seus antepassados pelo deserto.

⁸Um terceiro aspecto relevante poderia ser mencionado: o templo de Salomão fora dedicado durante a Festa dos Tabernáculos (1 Reis 8:2). Por isso dava-se uma atenção especial ao templo nas cerimônias da festa. Embora este aspecto seja menor, se comparado às duas maiores ênfases da festa, ele é digno de nota.

⁹Veja mais sobre o manancial de Giom e o tanque no artigo “O Tanque de Silóe”, nesta edição, e o sermão “Eu era cego e agora vejo”, na próxima edição desta série.

O sacerdote então conduzia a procissão de volta ao templo, segurando o jarro acima da cabeça. Acompanhando-o, a multidão recitava Salmos 113 e 118, terminando com: “Oh! Salva-nos, Senhor, nós te pedimos; oh! Senhor, concede-nos prosperidade!... Rendei graças ao Senhor, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre” (Salmos 118:25, 29). Ao se aproximarem da Porta das Águas no sul do pátio interno, eram saudados com três rajadas de trombetas.

O sacerdote subia a rampa em direção ao altar de ofertas queimadas. Ele segurava o jarro no alto, enquanto milhares acenavam folhas de palmeiras e de salgueiros. Então, ele derramava lentamente a água num funil de prata, de onde ela escorria para a terra. O povo entoava louvores e as trombetas eram tocadas¹⁰.

A cerimônia celebrava a provisão divina de água no deserto, quando saiu água de uma rocha (Êxodo 17¹¹; Números 20; veja Deuteronômio 8:15; Salmos 105:41). E também reconhecia a necessidade desesperadora da nação por água. Aquela região recebia, quando muito, poucas chuvas de maio a outubro. Se as chuvas não viessem logo depois da festa, não haveria colheitas no ano seguinte. A celebração era tanto uma ação de graças pelo cuidado divino no passado como uma súplica pela provisão divina no futuro. O ritual deixava os olhos das crianças arregalados de admiração, os corações das mulheres alegres e fazia os mais velhos sentirem-se jovens novamente. Era um espetáculo impressionante.

No meio dessa exuberante celebração, Jesus levantou-se e exclamou (v. 37a). O fato de Jesus levantar-se é significativo; Ele geralmente se sentava para ensinar (veja João 8:2). O fato de Jesus exclamar é notável; só em algumas ocasiões se diz que Ele levantou a voz ao ensinar. O mais importante, porém, foi a mensagem que Ele transmitiu: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (vv. 37b, 38).

As palavras de Cristo foram uma interrupção—surpreendente e sem precedentes¹². O que Jesus fez foi audacioso, abusivo. Em outras palavras, Ele estava dizendo o seguinte sobre aquela cerimônia

¹⁰O *Mishná* descreve os atos realizados durante esta festa em Suká 4:1—5:6.

¹¹Se quiser, faça uma revisão da narrativa de Êxodo 17.

¹²Oriente seus ouvintes a imaginarem uma interrupção semelhante acontecendo durante seu culto de adoração.

consagrada pela tempo¹³: “Vocês pensam que há vida *nisso*? Não! Olhem para *Mim!*” Ele queria que as pessoas soubessem que não encontrariam vida em rituais ou cerimônias, mas somente nEle.

Essa mensagem era necessária no primeiro século e ainda é necessário no século XXI. Se não tomarmos cuidado, podemos vir a pensar que a nossa fonte de força espiritual está no que *fazemos*. A adoração pode se tornar pouco mais do que um ritual envolvendo Bíblias, hinários, cálices e bandejas e sacolas de ofertas¹⁴. Precisamos entender que todos os atos de adoração que realizamos são apenas meios para se atingir um fim: nos encontrarmos com o Senhor vivo. De outra forma, corremos o risco de simular toda a nossa participação—ouvimos, cantamos, levantamos, sentamos, inclinamos e erguemos as cabeças—saindo do prédio ainda com uma sede espiritual latente. Essa sede só é saciada quando nossa adoração nos leva até a “rocha espiritual” da qual flui a água viva, Jesus Cristo (1 Coríntios 10:4).

Todos nós precisamos da mensagem de João 7:37–39. Vejamos primeiramente as promessas de Jesus. Depois, nos concentraremos nos requisitos necessários para receber essas promessas.

CRISTO PROMETE FAZER RIOS FLUÍREM

Depois de Cristo insistir para que os que tivessem sede fossem até Ele, Ele declarou: “Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (v. 38). Não temos certeza da passagem bíblica que Jesus tinha em mente. Não existe nenhum texto específico no Antigo Testamento com esses dizeres. Mas a idéia se reflete em muitas passagens como Isaías 44:3; 55:1; Ezequiel 47:1–11 e Zacarias 13:1; 14:8. Outro desafio da passagem é que os versículos 37 e 38 contêm uma ambigüidade tanto no grego como no português. Segundo a pontuação nas versões mais utilizadas¹⁵, a expressão “do seu interior” refere-se ao crente; mas com sutis mudanças na pontuação, a referência passa a ser a Jesus como sendo a fonte de água viva: “...Se alguém tem sede, venha a mim. E beba quem crê em Mim. Como diz a Escritura: do interior dEle fluirão rios de água viva.

¹³Não sabemos se Jesus proferiu essas palavras durante a cerimônia ou depois. Isto não importa. A cerimônia certamente estava latente na memória de todos os presentes.

¹⁴Adapte este parágrafo aos acessórios utilizados nas reuniões de adoração dos seus ouvintes. Deixe claro que você não pretende destacar o que é feito durante os cultos de adoração. A adoração deve ser realizada exatamente como Deus a prescreveu (João 4:24). Mas, se ela se tornar nada além de um ritual vazio, para nada servirá.

¹⁵Entre essas versões estão a NVI, a ERAB e a ERC.

Isto ele disse com respeito ao Espírito...¹⁶ Todavia, esses detalhes são relativamente sem importância. A idéia principal do Senhor é clara. Só quem for até Ele será espiritualmente revigorado:

1) Jesus prometeu *água*, água espiritual. Observamos no início desta apresentação que as pessoas estão redescobrimo a importância do consumo digestivo da água. O Dr. G. C. Pitts, um fisiologista de Harvard¹⁷, conduziu uma experiência sobre a relação entre a água e a resistência física. Ele fez atletas masculinos andarem sobre esteiras¹⁸ a uma velocidade de cinco quilômetros e meio por hora. Eles deveriam andar até ficarem totalmente exaustos e incapazes de continuar. Um grupo não bebeu água durante o teste. Eles agüentaram três horas e meia. Um segundo grupo foi cuidadosamente monitorado durante o teste em relação ao nível de água em seus corpos, recebendo, em média, um copo d’água a cada quinze minutos, o suficiente para manter um nível constante. O segundo teste terminou após sete horas e os participantes não demonstravam sinal de fadiga. Disseram que poderiam ter continuado até quando o médico quisesse.

A relação entre água e fadiga física tem aplicação espiritual. Muitos têm se arrastado pelas esteiras da vida por anos sem se hidratarem espiritualmente. Estão internamente exaustos e espiritualmente fatigados. Precisam reconhecer que *Cristo* é a fonte da água espiritual que os capacitará a prosseguir adiante.

2) Jesus prometeu água *viva*. Ele disse que “do seu interior fluirão rios de água *viva*” (João 7:38; grifo meu)¹⁹. Anteriormente, Ele dissera à mulher no poço de Samaria: “Se conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva” (João 4:10). Água viva é a essência da vida; é ela que satisfaz a alma. Cristo disse à samaritana: “Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (João 4:14). A água viva é

¹⁶Embora a primeira variação seja a preferida dos tradutores, a segunda encaixa-se melhor no contexto. Por exemplo, o versículo 39 identifica a “água” como o Espírito Santo que Jesus enviaria (veja João 15:26).

¹⁷Harvard é uma prestigiada universidade norte-americana.

¹⁸Esteira é um equipamento para se exercitar fisicamente, composto por um cinto largo giratório sobre o qual o indivíduo caminha. As esteiras também são usadas para exames médicos (como testes cardíacos).

¹⁹O Senhor sempre foi a fonte de água viva (Jeremias 2:13; 17:13).

um antegozo da alegria que haverá no céu (Apocalipse 7:17; 21:6; 22:1, 17).

3) Jesus prometeu rios de água viva. Olhe novamente para a promessa: “do seu interior fluirão rios de água viva” (João 7:38; grifo meu). A ênfase está na abundância da provisão espiritual divina. Alguém observou que a “fonte de água” prometida à mulher de Samaria transformou-se aqui em “rios de água”.

No alto da Cordilheira dos Andes, a 6.800 metros de altitude, tem início um pequeno curso d’água, com pouco mais de trinta centímetros de largura. Quase cinco mil metros abaixo, ele deságua no maior rio do mundo, o rio Amazonas. Da foz do Amazonas, a água flui para o Oceano Atlântico a 212,40 dm³ por segundo. Se fosse possível reter a água de um só dia, a quantidade abasteceria sete milhões de pessoas durante nove anos. A água sai com tamanha força que permanece basicamente fresca cem quilômetros mar adentro. Pensemos nesse pequeno curso d’água que se torna um rio poderoso. Depois, refletamos no pequeno início do cristianismo que se transformou em rios poderosos de bênçãos espalhadas por todo o mundo²⁰.

Tornamos a dizer que a palavra “rios” realça a *abundância* de bênçãos oferecidas por Cristo. Ele disse que veio “para que tenham vida e a tenham em abundância” (João 10:10).

Segundo o apóstolo João, Jesus tinha em mente uma bênção particular oferecida pelo Senhor: o dom do Espírito Santo. Após citar Cristo dizendo: “dele fluirão rios de água viva” (João 7:38), o apóstolo inseriu esta explicação inspirada: “Isto ele disse com respeito ao Espírito²¹ que haviam de receber os que nele cressem; pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado” (v. 39).

A expressão “o Espírito até aquele momento não fora dado” precisa de explicação, pois o Espírito Santo estivera ativo no ministério de Jesus e nos ministérios ligados a Ele (Mateus 1:18, 20; 3:16; 4:1; 12:18, 28; Lucas 1:15, 41, 67; 2:25–27; 4:1, 18; 10:21). Cristo estava se referindo ao envio do Espírito Santo após a Sua ascensão (João 14:26; 15:26; 16:13),

²⁰Os primeiros escritores cristãos gostavam de citar o sangue e a água que saíram da lateral de Jesus na cruz (João 19:34), dizendo que o fio de água tornou-se uma poderosa torrente de bênçãos.

²¹Esse era um vínculo natural com o ritual da água, pois os judeus pensavam que o derramamento da água prenunciava o prometido derramamento do Espírito de Deus. Veja mais sobre isto na lição “Viajando para Jerusalém”, nesta edição.

após ser Ele “glorificado” à direita de Deus (Atos 2:33; Romanos 8:34; Efésios 1:20; Colossenses 3:1; Hebreus 1:3, 13; 10:12; 12:2; 1 Pedro 3:22). A ocasião especial ainda pertencia ao futuro²².

O melhor comentário sobre João 7:39 é Atos 1 e 2. Após a ressurreição de Jesus, Ele disse aos apóstolos: “...recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo” (Atos 1:8a). Dez dias após a ascensão de Cristo, no dia da festa judaica de Pentecostes, os doze ficaram “cheios do Espírito Santo” (Atos 2:1–4). Pedro identificou, depois, esse episódio como sendo o batismo no Espírito (Atos 11:15, 16). A seguir, no dia de Pentecostes, Pedro disse aos presentes: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo” (Atos 2:38).

O dom do Espírito recebido pelos apóstolos era um dom miraculoso; o dom recebido por todos os batizados era (e é) um dom não-miraculoso. Esse dom é dado a todos que obedecem ao Senhor (Atos 5:32), um dom concedido sobre todos que são Seus filhos e filhas (Gálatas 4:6; Efésios 1:13, 14). É o dom da presença do próprio Deus para fortalecer e sustentar Seus filhos. Romanos 8 nos fornece alguns atributos específicos do Espírito: o Espírito de Deus nos ajuda a matar as obras da carne (v. 13); Ele nos ajuda em nossas fraquezas (v. 26); Ele nos ajuda a orar (v. 26)²³. Atos 3:20 sugere um complemento da promessa de João 7:38 e 39, talvez a descrição mais apropriada do que o Espírito faz a cada cristão: Ele nos traz “da presença do Senhor... tempos de refrigério”²⁴.

Voltando a João 7:39, a palavra chave é “cressem”: “Isto ele disse com respeito ao Espírito que haviam de receber os que nele *cressem*...” (grifo meu). Os apóstolos que cressem em Cristo receberiam o batismo do Espírito. Os que cressem em Jesus em consequência da pregação dos apóstolos receberiam o Espírito Santo como um dom (Atos 2:36–38). To-

²²Obviamente, no momento em que João escreveu estas linhas, o envio do Espírito no dia de Pentecostes já havia acontecido.

²³Não é o propósito deste sermão entrar em detalhes quanto ao dom não-miraculoso do Espírito Santo dado a cada crente batizado (geralmente citado nas epístolas como “habitação”: Romanos 8:9, 11; 1 Coríntios 3:16; 2 Timóteo 1:14; Tiago 4:5). Se necessário, amplie esta seção, consultando a edição “O Espírito Santo”, de *A Verdade para Hoje*.

²⁴Presume-se que a afirmação de Pedro em Atos 3:19 e 20 signifique basicamente o mesmo que sua afirmação em Atos 2:38. Neste caso, “o dom do Espírito Santo” é equivalente a “tempos de refrigério”.

davia, os que se opusessem ao Senhor, aqueles que não cressem nEle, não teriam parte na promessa.

OS REQUISITOS DE CRISTO PARA OS QUE TINHAM SEDE DELE

Poderíamos falar mais sobre as promessas de João 7:37–39²⁵, mas é hora de atentarmos para o que precisamos fazer para receber essas promessas. O texto bíblico sugere três requisitos: precisamos *admitir, aceitar e agir*.

1) Precisamos admitir nossa necessidade. Jesus começou Sua mensagem dizendo: “*Se alguém*²⁶ tem sede, venha a mim e beba” (João 7:37; grifo meu). Sede era um termo gráfico para Seus ouvintes. A maioria de nós não sabe realmente o que é ter sede²⁷, mas eles sabiam. Eles haviam acabado de passar pela longa seca anual. Todos os anos, de maio a setembro, era como se não existisse chuva; não caía nem uma gota. As encostas áridas ao leste de Jerusalém pareciam uma paisagem lunar²⁸. Os ventos quentes orientais soprando o deserto árabe levantavam nuvens de poeira até que o pó parecia preencher cada poro da pele. Quem morava nessa região entendia o que o salmista quis dizer quando escreveu sobre a língua apegar-se ao céu da boca (Salmos 137:6). Eles sabiam o que significava ansiar por “um copo de água fria” (Mateus 10:42).

Cristo estava usando uma necessidade física básica para mostrar uma necessidade espiritual superior. No sermão do monte, Ele falou de fome e sede “de justiça” (Mateus 5:6)²⁹. Em toda alma reside uma sede de Deus, mas os homens tentam atenuar essa ânsia espiritual com pessoas, poder, bens, prazer e popularidade³⁰. No fim, porém, estes elementos não satisfazem o anseio da alma mais do

²⁵Se a expressão “do seu interior” no versículo 38 referir-se ao crente (como acredita a maioria dos tradutores), pode haver uma promessa implícita de que transbordaremos com bênçãos que fluirão de nós para os outros. Se Cristo tinha ou não isto em mente, o conceito é preciso.

²⁶Jesus estava evocando uma resposta *individual*, em vez de uma celebração *coletiva*.

²⁷Ao fazer a aplicação deste versículo para seus ouvintes norte-americanos, Rusty Peterman disse: “Para a maioria de nós, ter sede significa ter de esperar até o intervalo comercial na TV para pegar uma bebida, ou ter de esperar até o fim de um culto de adoração para ir até o bebedouro”. Adapte esta parte do sermão à realidade dos seus ouvintes.

²⁸Se a maioria de seus ouvintes não tiver visto fotos da superfície estéril da lua, use outra comparação.

²⁹Muitas passagens usam sede como uma figura para o ato de reconhecer uma necessidade espiritual (veja Salmos 42:1, 2; Apocalipse 22:17).

³⁰Adapte e amplie esta frase conforme a realidade dos seus ouvintes.

que a água salgada sacia a sede física³¹. Só o Senhor pode saciar o espírito. O primeiro requisito é admitir que, sem Ele, temos uma sede interna ardente e insaciável.

2) Precisamos aceitar que Cristo é o único que pode saciar essa sede. Não basta dizer: “Tenho sede”; precisamos admitir que Jesus é a fonte de refrigério. O Senhor disse: “Se alguém tem sede, venha a *mim* e beba. Quem crer em *mim*... do seu interior fluirão rios de água viva” (João 7:37, 38; grifo meu).

No versículo 38 Cristo reforçou a necessidade de crer nEle. No contexto, isto se referia ao fato de os judeus aceitarem Jesus como sendo o Messias. No capítulo seguinte, Ele disse: “...se não credes que Eu sou [o Messias prometido], morrereis nos vossos pecados” (João 8:24). Isto não é dizer que a salvação é pela “fé somente” (veja Tiago 2:24)³²; mas que o foco da nossa fé deve ser Jesus.

Precisamos agir de acordo com o que cremos. Não basta admitir que temos sede nem entender que Cristo é o Único que pode saciar essa sede; precisamos *fazer* alguma coisa para aproveitar a provisão do Senhor. O texto bíblico deixa isto claro por meio das palavras “venha” e “beba”. Ir a Cristo é reconhecê-LO como Senhor e entregar-se para fazer a vontade dEle. Beber é tomar parte das bênçãos de Jesus e torná-las parte do nosso ser. Quando acreditamos em Jesus e fazemos a vontade dEle, nós nos tornamos parte dEle e Ele se torna parte de nós³³. Paulo escreveu aos cristãos da Galácia: “Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo *de Cristo vos revestistes*” (Gálatas 3:26, 27; grifo meu).

Visualize em sua mente um rio largo e de águas correntes frias, puras e cristalinas. A seguir, imagine, em cada margem desse curso d’água, pilhas de ossos alvejados—os ossos de homens e animais que morreram de sede a metros daquela torrente de vida. Seria difícil compreender tamanha tragédia

³¹No desespero, muitos que ficam à deriva no oceano bebem água salgada vindo a descobrir que a água salgada, em vez de saciá-los, intensificou a sede. Se seus ouvintes não entenderem essa analogia, use Jeremias 2:13: na tentativa de encontrar substitutos para o refrigério espiritual do Senhor, os homens cavam cisternas rotas, que não retêm as águas.

³²Se quiser, saliente que a fé que salva é a fé que obedece (Romanos 1:5; 16:26; Gálatas 5:6; Tiago 2:22). A fé precisa ser expressa através do arrependimento e do batismo (Marcos 16:15, 16; Atos 2:38; Gálatas 3:26, 27).

³³Veja os comentários sobre o “comer” e o “beber” espirituais nas páginas 12 a 14 da edição “A Vida de Cristo—Parte 6”, desta série.

no mundo físico, mas tudo isto é comum demais no reino espiritual. Milhares, senão milhões de pessoas já morreram de desidratação espiritual, quando Jesus—a fonte de água viva—estava ao alcance delas. O problema foi terem ignorado suas necessidades espirituais. Recusaram-se a confiar em Cristo.

CONCLUSÃO

E quanto a você? Você está ciente da sua sede espiritual? Então não adie a sua aproximação de Cristo para depois de hoje. Você precisa de perdão para os seus pecados? Venha a Ele e beba. Precisa de força? Venha a Ele e beba. Precisa que Alguém o entenda e fique ao seu lado? Venha a Ele e beba. Precisa de força para mudar de vida? Venha a Ele e beba. Precisa de renovação espiritual? Venha a Ele e beba. Precisa de direção e propósito na vida? Venha a Ele e beba.

Pense em sua necessidade enquanto narro uma história de crianças baseada nas passagens que estudamos estudando. Esta história foi escrita por C. S. Lewis³⁴.

Uma garotinha chamada Jill viu-se numa floresta. Caminhando adiante, encontrou um Leão. Ela fez o que a maioria de nós faria: virou-se e correu. Ela correu até ficar cansada e com sede. Tãmanha era sua sede que já não se importava em ser devorada pelo Leão, desde que pudesse primeiro beber um copo d'água. A menina chegou até um riacho, mas tremeu nas bases ao ver que o Leão estava deitado à beira do riacho. O Leão disse o seguinte a Jill: “Se você estiver com sede, pode beber”. Mas a menina permaneceu onde estava.

“Você não está com sede?”, disse o Leão.

“Estou *morrendo* de sede”, disse Jill.

“Então beba”, respondeu o Leão...

“Você promete não—fazer nada comigo se eu for até aí?”, indagou Jill.

“Não faço promessas”, disse o Leão.

Jill estava com tanta sede agora que, sem perceber, deu um passo adiante.

“Você *devora* meninas?”, disse ela.

“Já devorei meninos e meninas, homens e mulheres, reis e imperadores, cidades e reinos”, disse o Leão. Não disse isto como se estivesse se gabando, nem como se lamentasse, nem como se estivesse furioso. Ele simplesmente disse isso.

“Não me atrevo a ir até aí e beber”, disse Jill.

“Então, morra de sede”, disse o Leão.

“Que coisa!”, exclamou Jill. “Então, acho que devo ir embora e procurar outro riacho”.

“Não existe outro riacho”, disse o Leão.

³⁴C. S. Lewis, *As Crônicas de Nárnia: A Cadeira de Prata*. Tradução livre. Essa obra está repleta de alegorias religiosas. Caberá a você decidir se convém relatá-la aos seus ouvintes.

Nunca ocorrera a Jill desacreditar no Leão—ninguém que visse seu rosto firme faria isso—e ela tomou uma decisão de repente. Foi a pior coisa que ela teve de fazer, mas ela prosseguiu até o curso d'água, ajoelhou-se e começou a beber a água com as mãos. Era a água mais fresca e refrescante que ela já havia provado. Nem foi preciso beber muito, pois a sede foi imediatamente saciada.³⁵

Assim como Jill, muitos de nós estivemos correndo pela vida—durante nossa adolescência, nossa juventude e nossa vida adulta, talvez até durante nossa velhice³⁶—e quanto mais longe prosseguimos, mais sedentos ficamos. Nesta lição, nós nos deparamos face a face com “o Leão da tribo de Judá” (Apocalipse 5:5). Ele está insistindo para que paremos de correr. Ele está nos dizendo que jamais poderemos saciar nossa sede espiritual sem recorrer a Ele. Será que você vai dizer: “Vou procurar outro riacho”? Não há outro riacho. Você está dizendo: “Sinto que vou morrer”? Você morrerá espiritualmente se não for até Ele. Se você está cansado de correr e de sentir sede, vá até Ele hoje mesmo (Marcos 16:15, 16; Atos 2:36–38; Gálatas 3:26, 27)³⁷.



O ENCERRAMENTO DO MINISTÉRIO DE JESUS EM TODAS AS PARTES DA PALESTINA

O encerramento do ministério de Jesus em todas as partes da Palestina compreendeu cerca de seis meses—desde a Festa dos Tabernáculos até a Páscoa em que Jesus foi crucificado. Durante esses seis meses, Cristo viajou por toda a Palestina (especialmente pelo Sul), mas sempre tornava a voltar para Jerusalém. Pode-se dividir esse período em duas partes: o fim do ministério na Judéia e o ministério na Peréia. João relata o que ocorreu em Jerusalém durante o fim do ministério na Judéia, enquanto Lucas é a fonte principal de informações sobre o ministério na Peréia.

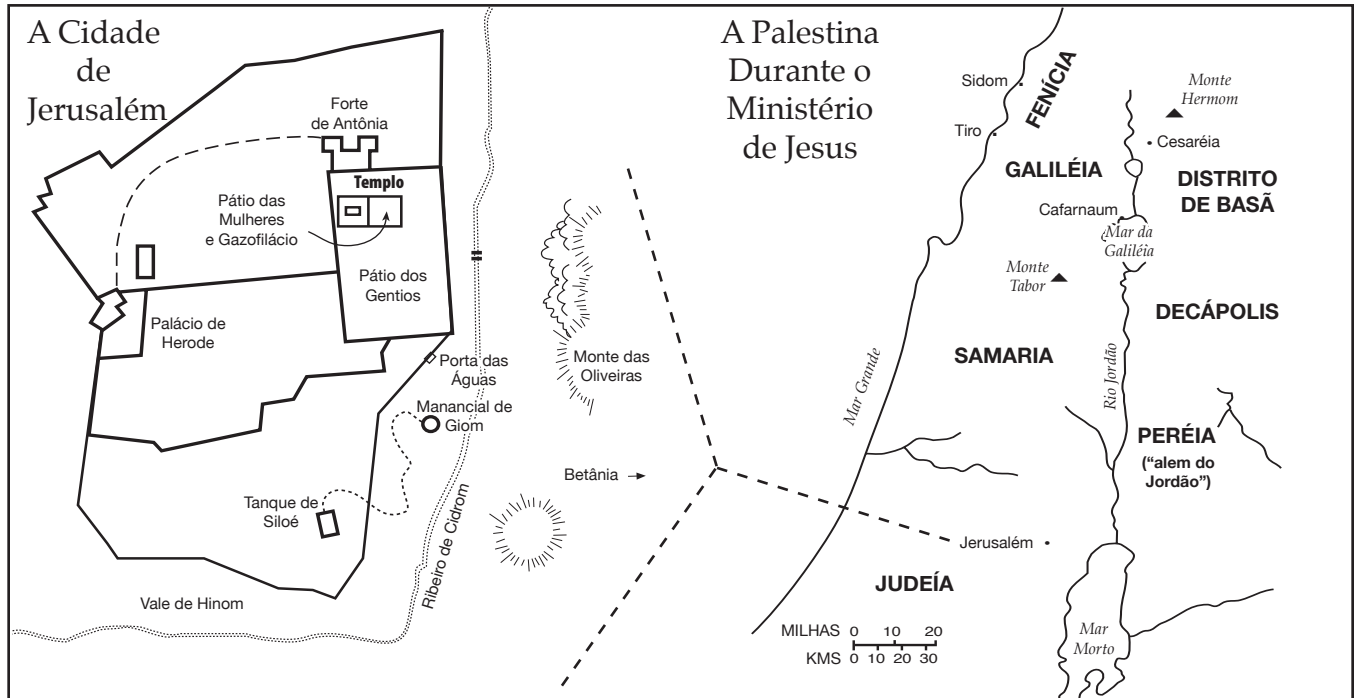
³⁵Ibid., tradução livre.

³⁶Se quiser, acrescente uma breve descrição das principais atividades de cada fase da vida, condizente com a realidade dos seus ouvintes.

³⁷A ênfase deste convite está nos não-cristãos, mas cristãos que têm negligenciado sua relação com o Senhor também podem sentir sede espiritual. Se quiser, acrescente uma ênfase aos cristãos que precisam voltar ao seu primeiro amor (Apocalipse 2:4; Atos 8:22; Tiago 5:16).

Não é fácil montar a cronologia desse período. Aqui está um modo de fazer isto: Lucas cita três idas de Jesus a Jerusalém (Lucas 9:51; 13:22; 17:11). João fala de três festas: a festa dos Tabernáculos, com a qual tem início esse período (João 7:2); a festa da Dedicção na metade desse período (João 10:22) e a festa da Páscoa no fim (João 12:1). Podemos inserir as três festas citadas por João nos

três pontos em que Lucas menciona viagens a Jerusalém. Este é um modo conveniente de organizar o material, mas devemos ter em mente que a ordem cronológica exata não é relativamente importante. Os escritores inspirados não organizaram seus materiais de acordo com um calendário, e sim de acordo com um propósito: instilar a fé em Jesus (veja João 20:31).



Atribuição de Leitura nº. 21

João 8:12–59; 9:1–41; 10:1–21

João 8:12–59

¹²De novo, lhes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida.

¹³Então, lhes objetaram os fariseus: Tu dás testemunho de ti mesmo; logo, o teu testemunho não é verdadeiro.

¹⁴Respondeu Jesus e disse-lhes: Posto que eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei donde vim e para onde vou; mas vós não sabeis donde venho, nem para onde vou.

¹⁵Vós julgais segundo a carne, eu a ninguém julgo.

¹⁶Se eu julgo, o meu juízo é verdadeiro, porque não sou eu só, porém eu e aquele que me enviou.

¹⁷Também na vossa lei está escrito que o testemunho de duas pessoas é verdadeiro.

¹⁸Eu testifico de mim mesmo, e o Pai, que me enviou, também testifica de mim.

¹⁹Então, eles lhes perguntaram: Onde está teu Pai? Respondeu Jesus: Não me conheceis a mim nem a meu Pai; se conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai.

²⁰Proferiu ele estas palavras no lugar do gazofilácio, quando ensinava no templo; e ninguém o prendeu, porque não era ainda chegada a sua hora.

²¹De outra feita, lhes falou, dizendo: Vou retirar-me, e vós me procurareis, mas perecereis no vosso pecado; para onde eu vou vós não podeis ir.

²²Então, diziam os judeus: Terá ele, acaso, a intenção de suicidar-se? Porque diz: Para onde eu vou vós não podeis ir.

²³E prosseguiu: Vós sois cá de baixo, eu sou lá de cima; vós sois deste mundo, eu deste mundo não sou.

²⁴Por isso, eu vos disse que morrereis nos vossos pecados; porque, se não crerdes que EU SOU, morrereis nos vossos pecados.

²⁵Então, lhe perguntaram: Quem és tu? Respondeu-lhes Jesus: Que é que desde o princípio vos tenho dito?

²⁶Muitas coisas tenho para dizer a vosso respeito e vos julgar; porém aquele que me enviou é verdadeiro, de modo que as coisas que dele tenho ouvido, essas digo ao mundo.

²⁷Eles, porém, não atinaram que lhes falava do Pai.

²⁸Disse-lhes, pois, Jesus: Quando levantardes o Filho do Homem, então, sabereis que EU SOU e que nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou.

²⁹E aquele que me enviou está comigo, não me deixou só, porque eu faço sempre o que lhe agrada.

³⁰Ditas estas coisas, muitos creram nele.

³¹Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos;

³²e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.

³³Responderam-lhe: Somos descendência de Abraão e jamais fomos escravos de alguém; como dizes tu: Sereis livres?

³⁴Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado.

³⁵O escravo não fica sempre na casa; o filho, sim, para sempre.

³⁶Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.

³⁷Bem sei que sois descendência de Abraão; contudo, procurais matar-me, porque a minha palavra não está em vós.

³⁸Eu falo das coisas que vi junto de meu Pai; vós, porém, fazeis o que vistes em vosso pai.

³⁹Então, lhe responderam: Nosso pai é Abraão. Disse-lhes Jesus: Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão.

⁴⁰Mas agora procurais matar-me, a mim que vos tenho falado a verdade que ouvi de Deus; assim não procedeu Abraão.

⁴¹Vós fazeis as obras de vosso pai. Disseram-lhe eles: Nós não somos bastardos; temos um pai, que é Deus.

⁴²Replicou-lhes Jesus: Se Deus fosse, de fato, vosso pai, certamente, me havíeis de amar; porque eu vim de Deus e aqui estou; pois não vim de mim mesmo, mas ele me enviou.

⁴³Qual a razão por que não compreendeis a minha linguagem? É porque sois incapazes de ouvir a minha palavra.

⁴⁴Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.

⁴⁵Mas, porque eu digo a verdade, não me credes.

⁴⁶Quem dentre vós me convence de pecado? Se vos digo a verdade, por que razão não me credes?

⁴⁷Quem é de Deus ouve as palavras de Deus; por isso, não me dais ouvidos, porque não sois de Deus.

⁴⁸Responderam, pois, os judeus e lhe disseram: Porventura, não temos razão em dizer que és samaritano e tens demônio?

⁴⁹Replicou Jesus: Eu não tenho demônio; pelo contrário, honro a meu Pai, e vós me desonrais.

⁵⁰Eu não procuro a minha própria glória; há quem a busque e julgue.

⁵¹Em verdade, em verdade vos digo: se alguém guardar a minha palavra, não verá a morte, eternamente.

⁵²Disseram-lhe os judeus: Agora, estamos certos de que tens demônio. Abraão morreu, e também os profetas, e tu dizes: Se alguém guardar a minha palavra, não provará a morte, eternamente.

⁵³És maior do que Abraão, o nosso pai, que morreu? Também os profetas morreram. Quem, pois, te fazes ser?

⁵⁴Respondeu Jesus: Se eu me glorifico a mim mesmo, a minha glória nada é; quem me glorifica é meu Pai, o qual vós dizeis que é vosso Deus.

⁵⁵Entretanto, vós não o tendes conhecido; eu, porém, o conheço. Se eu disser que não o conheço, serei como vós:

mentiroso; mas eu o conheço e guardo a sua palavra.

⁵⁶Abraão, vosso pai, alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se.

⁵⁷Perguntaram-lhe, pois, os judeus: Ainda não tens cinqüenta anos e viste Abraão?

⁵⁸Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo: antes que Abraão existisse, EU SOU.

⁵⁹Então, pegaram em pedras para atirarem nele; mas Jesus se ocultou e saiu do templo.

João 9:1–41

¹Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença.

²E os seus discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?

³Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus.

⁴É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar.

⁵Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.

⁶Dito isso, cuspiu na terra e, tendo feito lodo com a saliva, aplicou-o aos olhos do cego,

⁷dizendo-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que quer dizer Enviado). Ele foi, lavou-se e voltou vendo.

⁸Então, os vizinhos e os que dantes o conheciam de vista, como mendigo, perguntavam: Não é este o que estava assentado pedindo esmolas?

⁹Uns diziam: É ele. Outros: Não, mas se parece com ele. Ele mesmo, porém, dizia: Sou eu.

¹⁰Perguntaram-lhe, pois: Como te foram abertos os olhos?

¹¹Respondeu ele: O homem chamado Jesus fez lodo, untou-me os olhos e disse-me: Vai ao tanque de Siloé e lava-te. Então, fui, lavei-me e estou vendo.

¹²Disseram-lhe, pois: Onde está ele? Respondeu: Não sei.

¹³Levaram, pois, aos fariseus o que dantes fora cego.

¹⁴E era sábado o dia em que Jesus fez o lodo e lhe abriu os olhos.

¹⁵Então, os fariseus, por sua vez, lhe perguntaram como

chegara a ver; ao que lhes respondeu: Aplicou lodo aos meus olhos, lavei-me e estou vendo.

¹⁶Por isso, alguns dos fariseus diziam: Esse homem não é de Deus, porque não guarda o sábado. Diziam outros: Como pode um homem pecador fazer tamanhos sinais? E houve dissensão entre eles.

¹⁷De novo, perguntaram ao cego: Que dizes tu a respeito dele, visto que te abriu os olhos? Que é profeta, respondeu ele.

¹⁸Não acreditaram os judeus que ele fora cego e que agora via, enquanto não lhe chamaram os pais

¹⁹e os interrogaram: É este o vosso filho, de quem dizeis que nasceu cego? Como, pois, vê agora?

²⁰Então, os pais responderam: Sabemos que este é nosso filho e que nasceu cego;

²¹mas não sabemos como vê agora; ou quem lhe abriu os olhos também não sabemos. Perguntai a ele, idade tem; falará de si mesmo.

²²Isto disseram seus pais porque estavam com medo dos judeus; pois estes já haviam assentado que, se alguém confessasse ser Jesus o Cristo, fosse expulso da sinagoga.

²³Por isso, é que disseram os pais: Ele idade tem, interrogai-o.

²⁴Então, chamaram, pela segunda vez, o homem que fora cego e lhe disseram: Dá glória a Deus; nós sabemos que esse homem é pecador.

²⁵Ele retrucou: Se é pecador, não sei; uma coisa sei: eu era cego e agora vejo.

²⁶Perguntaram-lhe, pois: Que te fez ele? como te abriu os olhos?

²⁷Ele lhes respondeu: Já vo-lo disse, e não atendestes; por que quereis ouvir outra vez? Porventura, quereis vós também tornar-vos seus discípulos?

²⁸Então, o injuriaram e lhe disseram: Discípulo dele és tu; mas nós somos discípulos de Moisés.

²⁹Sabemos que Deus falou a Moisés; mas este nem sabemos donde é.

³⁰Respondeu-lhes o homem: Nisto é de estranhar que vós

não saibais donde ele é, e, contudo, me abriu os olhos.

³¹Sabemos que Deus não atende a pecadores; mas, pelo contrário, se alguém teme a Deus e pratica a sua vontade, a este atende.

³²Desde que há mundo, jamais se ouviu que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença.

³³Se este homem não fosse de Deus, nada poderia ter feito.

³⁴Mas eles retrucaram: Tu és nascido todo em pecado e nos ensinas a nós? E o expulsaram.

³⁵Ouvindo Jesus que o tinham expulsado, encontrando-o, lhe perguntou: Crês tu no Filho do Homem?

³⁶Ele respondeu e disse: Quem é, Senhor, para que eu nele creia?

³⁷E Jesus lhe disse: Já o tens visto, e é o que fala contigo.

³⁸Então, afirmou ele: Creio, Senhor; e o adorou.

³⁹Prosseguiu Jesus: Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem se tornem cegos.

⁴⁰Alguns dentre os fariseus que estavam perto dele perguntaram-lhe: Acaso, também nós somos cegos?

⁴¹Respondeu-lhes Jesus: Se fôsseis cegos, não teríeis pecado algum; mas, porque agora dizeis: Nós vemos, subsiste o vosso pecado.

Joao 10:1–21

¹Em verdade, em verdade vos digo: o que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e salteador.

²Aquele, porém, que entra pela porta, esse é o pastor das ovelhas.

³Para este o porteiro abre, as ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora.

⁴Depois de fazer sair todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o seguem, porque lhe reconhecem a voz;

⁵mas de modo nenhum seguirão o estranho; antes, fugirão

dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.

⁶Jesus lhes propôs esta parábola, mas eles não compreenderam o sentido daquilo que lhes falava.

⁷Jesus, pois, lhes afirmou de novo: Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas.

⁸Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não lhes deram ouvido.

⁹Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem.

¹⁰O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.

¹¹Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas.

¹²O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge; então, o lobo as arrebatou e dispersa.

¹³O mercenário foge, porque é mercenário e não tem cuidado com as ovelhas.

¹⁴Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim,

¹⁵assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas.

¹⁶Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor.

¹⁷Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir.

¹⁸Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai.

¹⁹Por causa dessas palavras, rompeu nova dissensão entre os judeus.

²⁰Muitos deles diziam: Ele tem demônio e enlouqueceu; por que o ouvis?

²¹Outros diziam: Este modo de falar não é de endemoninhado; pode, porventura, um demônio abrir os olhos aos cegos?

Não Aceite Substitutos

Leitura Bíblica 21

VI. DA TERCEIRA PÁSCOA ATÉ A CHEGADA DE JESUS A BETÂNIA (continuação).

- M. Em Jerusalém: a Festa dos Tabernáculos (continuação).
3. Após a festa: ensinamentos adicionais (continuação).
 - b. Ensino sobre a luz e as trevas (João 8:12–59).
 - c. Ensino sobre cegueira física e espiritual (João 9:1–41).
 - d. Ensino sobre o Bom Pastor e os mercenários (João 10:1–21).

INTRODUÇÃO

Na lição anterior, Jesus e Seus discípulos haviam chegado a Jerusalém para a Festa dos Tabernáculos. Após a festa, Cristo permaneceu ali mais alguns dias para ensinar. A lição terminou com um incidente bem conhecido: a mulher pega em adultério. Este estudo começa onde a lição anterior terminou.

Os acontecimentos desta lição foram registrados somente por João. Toda a ação ocorreu dentro ou próximo a Jerusalém (João 8:20, 59; 9:7) e provavelmente pouco depois da festa¹.

O texto concentra-se no crescente conflito entre Jesus e a hierarquia religiosa de Jerusalém. Disse Jesus aos líderes: “Muitas coisas tenho para dizer a vosso respeito e vos julgar” (João 8:26; grifo meu). A partir desse momento, além de Se revelar, Ele passou a expor Seus inimigos. Nesta seção das Escrituras, Jesus traça vários contrastes—declarados e implícitos—entre Si mesmo e Seus inimigos:

CRISTO	SEUS INIMIGOS
Luz do mundo (8:12)	Nas trevas (8:12)
Julgamento verdadeiro (8:16)	Julgamento carnal (8:15)
Do alto (8:23)	De baixo (8:23)
Não do mundo (8:23)	Do mundo (8:23)
Pai: Deus (8:38)	Pai: o diabo (8:44)

CRISTO

Conhecia Deus (8:55)
Fiel (8:14, 40, 45, 46)
Bom Pastor (10:11, 14)

SEUS INIMIGOS

Não conheciam Deus (8:55)
Mentirosos (8:44, 55)
Mercenários (10:12, 13)

Cristo estava se tornando mais ousado ao fazer as declarações sobre Si mesmo. Três dos sete “eu sou” registrados por João² estão na sugestão de leitura desta lição. Jesus disse: “*Eu sou* a luz do mundo” (João 8:12; 9:5; grifo meu) e “*Eu sou* o bom pastor” (10:11, 14; grifo meu)³. A declaração mais audaciosa de Jesus, porém foi quando Ele disse: “Em verdade, em verdade eu vos digo: antes que Abraão existisse, EU SOU” (8:58). Foi uma alegação de que Ele existia antes de Abraão, mas era mais do que isso: era uma confirmação da Sua divindade.

O contraste entre Jesus e os líderes espirituais daqueles dias deu origem ao título desta lição. Quando um produto vende bem, o mercado geralmente é bombardeado de imitações, na maioria das vezes inferiores. Quando isso acontece, os fabricantes do produto original às vezes acrescentam estas palavras nos anúncios do produto: “Não aceite imitações”. Hoje, muitas pessoas rejeitaram Cristo como sendo a única esperança do mundo, propondo uma variedade de alternativas. O desafio deste estudo é: “Não aceite substitutos do Senhor!”

¹Alguns acreditam que João 9:1–10:21 ocorreu na festa da Dedicção (João 10:22), o que é possível. Todavia, há uma forte ligação entre João 9 e os capítulos sobre a festa dos Tabernáculos (compare João 7:13 com João 9:22, e João 8:12 com João 9:5); João 9:1–10:21 parece ser uma continuação desse mesmo período. Obviamente há uma lacuna entre João 8:59 e 9:1, e é possível que algum dos acontecimentos do ministério na Judéia devam ser inseridos ali. Comentaremos isto na próxima lição.

²Veja João 6:35; 8:12, 58; 10:11; 11:25; 14:6; 15:1.

³Em relação direta com a ilustração do Bom Pastor, Jesus também disse: “Eu sou a porta” (10:7, 9), afirmação que poderia ser acrescentada à lista dos “eu sou”.

NÃO ACEITE OUTRA LUZ (JOÃO 8:12-59)

No início desta lição, Jesus estava ensinando no templo (vv. 20, 59), “no lugar do gazofilácio” (v. 20). O “lugar do gazofilácio” era o Pátio das Mulheres⁴, onde havia treze caixas no formato de trombetas (veja Marcos 12:41, 43; Lucas 21:1⁵). Não era longe do saguão onde o Sinédrio se reunia.

Na lição anterior, Cristo ofereceu “a água da vida”, uma figura referente ao ritual de água da Festa dos Tabernáculos. Agora, Jesus declarava que Ele era “a luz do mundo”, um simbolismo talvez sugerido pelo candelabro que ficava pendurado no Pátio das Mulheres durante a festa⁶. “De novo, lhes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (v. 12). H. I. Hester comentou: “Que alegação—ou aquilo era verdade ou era a declaração mais presunçosa já dita por um ser humano”⁷.

As ousadas palavras de Cristo incitaram uma conversa acalorada com as autoridades judaicas, que se estende até o fim do capítulo. O debate é uma continuação da controvérsia do capítulo 7 e é semelhante em conteúdo ao conflito do capítulo 5⁸. Muitos temas importantes são introduzidos no capítulo, mas o espaço não permitirá que acompanhem cada detalhe da discussão. Teremos de nos fixar nos pontos mais relevantes.

A Luz da Verdade

Os líderes judeus interpelaram Jesus: “Quem és tu?” (8:25a, 53b). Hoje, poderíamos dizer: “Quem você pensa que é?”. Cristo não hesitou em dizer-lhes exatamente quem Ele era e qual era a Sua missão. Já analisamos a afirmação de Jesus de que Ele era a luz do mundo (v. 12). Além disso, Ele declarou:

...que Suas palavras eram verdadeiras
(vv. 14, 16).

...que Ele era lá de cima (v. 23).

⁴O Pátio das Mulheres era a parte do templo onde homens e mulheres judias podiam entrar. Era um lugar especial para se orar duas vezes ao dia. Veja o diagrama do templo na página 35 da edição “A Vida de Cristo—Parte 2”, desta série.

⁵Veja os comentários sobre “o gazofilácio” em “Quando Jesus Olha para Nossas Ofertas”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 11”, desta série.

⁶Veja mais detalhes sobre o candelabro na página 39.

⁷H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, pp. 164-65.

⁸Se quiser, faça uma revisão desse capítulo. Veja “A Tempestade Formada” e “Igual a Deus”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, desta série.

...que Ele era enviado⁹ de Deus (v. 26).
...que Ele só dizia o que de Deus ouvira
(vv. 26, 28).
...que Ele só fazia o que agradava a Deus
(v. 29).

Quanto à afirmação de que Ele só fazia o que agradava a Deus, devemos observar o desafio de Jesus no versículo 46: “Quem dentre vós me convence de pecado?” A NVI traz: “Qual de vocês pode me acusar de algum pecado?” Se você e eu fizéssemos tal pergunta, levaria apenas alguns segundos para conhecidos nossos aparecerem com uma lista quilométrica de pecados que cometemos. A Jesus, porém, ninguém podia acusar¹⁰; Ele viveu “sem pecado” (Hebreus 4:15).

Em resposta à pergunta do versículo 25—“Quem és tu?”—Jesus disse efetivamente:

- “Eu sou Aquele a quem procurais matar” (vv. 37, 40).
- “Eu sou Aquele a quem levantareis” (referindo-se à Sua morte na cruz) (v. 28; veja João 3:14; 12:32).
- “Eu sou Aquele que irá para o céu” (referindo-se à Sua ascensão; 8:21).
- “Eu sou Aquele a quem deveis crer para serdes salvos” (v. 24¹¹, 30, 46).

O versículo 30 diz: “Ditas estas coisas, muitos creram nele”. Admiravelmente, entre os que “cram nele” estavam alguns membros da hierarquia judaica (v. 31¹²; veja João 9:16)¹³. Um desses homens era Nicodemos (João 7:50); outro era José de Arimatéia (Marcos 15:43; Lucas 23:50, 51; João 19:38); provavelmente havia mais outros (veja João 12:42).

⁹A palavra “apóstolo” significa literalmente “aquele que foi enviado”. Os doze eram apóstolos de Jesus. Jesus era Apóstolo de Deus.

¹⁰Os inimigos de Jesus tentaram acusá-lo, mas o máximo que conseguiram foi insinuar que Ele estaria quebrando o descanso do sábado.

¹¹João 8:24 foi mencionado ligeiramente na lição anterior (“Viajando para Jerusalém”) e constitui uma afirmação geral sobre crer que Jesus era o Messias, mas há mais do que isso implícito. Observemos que Jesus disse literalmente que Ele era o “Eu sou”—ou seja, Deus! (Compare com João 8:58.)

¹²Muitos escritores sugerem que há uma diferença entre “crer nEle” no versículo 30 e “crer nEle” no versículo 31. Isto é possível, mas o versículo 31 parece ser uma continuação do versículo 30. Jesus evidentemente queria que os que estavam começando a crer nEle entendessem tudo o que está realmente envolvido na fé.

¹³O termo “judeu” nesta seção das Escrituras geralmente se refere a líderes judeus (veja página 28).

Cristo reforçou que a fé nEle não deveria ser oculta, e sim demonstrada. “Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: *Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos*” (João 8:31; grifo meu). Novamente, Ele disse: “...*se alguém guardar a minha palavra, não verá a morte*” (v. 51; grifo meu). A fé sozinha é insuficiente.

A Escuridão do Erro

Embora alguns líderes judeus tenham se impressionado com Cristo, a maioria deles não reagiu assim. Eles acreditavam que eles, e não Jesus, eram os esclarecidos, a fonte de luz e compreensão. Jesus enfureceu-os mais ainda ao insinuar que eles careciam de conhecimento (v. 14) e compreensão (v. 43). O capítulo contém muitos exemplos de insucesso dos líderes em compreender o que Jesus dizia:

Quando Cristo falou do Seu Pai (v. 18), eles não entenderam que Ele se referia ao Pai celestial (v. 19; veja também v. 27).

Quando Jesus disse que Ele partiria e para onde Ele iria, eles não poderiam ir (v. 21), eles não compreenderam que Ele falava de ir para o céu. Especularam se Ele poderia estar falando em cometer suicídio (v. 22).

Quando o Senhor anunciou que a verdade os libertaria (v. 32¹⁴), eles pensaram na liberdade política e disseram: “Somos descendência de Abraão e jamais fomos escravos de alguém” (v. 33a¹⁵). É óbvio que Jesus pensava na liberdade espiritual—especialmente a liberdade da culpa e do poder do pecado (vv. 34¹⁶, 36).

Eles pensavam que ser um descendente físico de Abraão era o que importava (vv. 33, 39, 53, 56). Não reconheciam que era mais importante ser a descendência espiritual desse homem de fé (vv. 37, 39; veja Romanos 2:28, 29).

Eles também pensavam que Deus era seu Pai espiritual (v. 41). Não viam que, ao rejeitarem Jesus, estavam realizando a vontade de seu verdadeiro pai, o diabo (vv. 37, 38, 40, 41, 44¹⁷).

¹⁴Esta citadíssima passagem é aplicada, na maioria das vezes, à verdade em geral. No contexto, ela se refere à verdade espiritual dita por Jesus, especialmente a verdade sobre quem Ele era e o que Ele veio fazer. Essa verdade os libertaria da tirania da Lei e de todas as tradições humanas que a ela foram ancoradas.

¹⁵Esta foi uma alegação estranha, pois os israelitas haviam sido escravos da Babilônia e da Pérsia, e durante a vida de Cristo, os judeus estavam sujeitos a Roma.

¹⁶A afirmação de Jesus sobre tornar-se escravo do pecado ecoa em outras partes do Novo Testamento (veja Romanos 6:16–18).

¹⁷João 8:44 é uma das afirmações mais concisas da Bíblia sobre o diabo e suas obras. “Homicida desde o princípio”

Quando Cristo disse que quem crese nEle não veria a morte (v. 51), os líderes pensaram que Ele estava se referindo à morte física (vv. 52, 53). Todavia, Jesus tinha em mente a morte espiritual: quem crese nEle e permanecesse na Sua palavra não se separaria de Deus nesta vida (morte espiritual, Efésios 2:1; 1 Timóteo 5:6), nem iria para o inferno após esta vida (a segunda morte; Apocalipse 20:14; 21:8).

Quando Cristo falou de Abraão ver o Seu dia e se alegrar com isso (v. 56), eles pensaram que Jesus estivesse falando coisas sem sentido (v. 57; veja vv. 48¹⁸, 52; João 10:20). O que Jesus estava, obviamente, reivindicando era Sua pré-existência (v. 58; veja João 1:1, 2, 14).

Cristo falou muitas coisas que Seus adversários não compreenderam, mas eles entenderam a ênfase básica de Suas últimas palavras ditas naquela ocasião: “Em verdade, em verdade eu vos digo: antes que Abraão existisse, EU SOU” (João 8:58). Quando Deus falou a Moisés na sarça ardente, Moisés perguntou qual era o Seu nome. Lemos: “Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros” (Êxodo 3:14). Quando Jesus disse “antes que Abraão existisse, EU SOU”, Ele estava aplicando a Si mesmo um dos nomes de Deus mais reverenciados.

Os ouvintes entenderam a importância das palavras de Cristo, mas o preconceito deles não permitiu que cressem. Nas mentes obscurecidas deles, Jesus era culpado de blasfêmia e deveria ser morto (compare esta passagem com João 10:31, 33). “Então, pegaram em pedras para atirarem nele¹⁹; mas Jesus se ocultou e saiu do templo” (João 8:59)²⁰. Talvez Ele tenha se misturado à multidão, sendo rapidamente cercado por amigos. De qualquer maneira, mais

provavelmente se refere ao fato do diabo ter induzido Eva a pecar, o que trouxe a morte física para o mundo.

¹⁸Quando os judeus chamaram Jesus de “samaritano”, não estavam necessariamente sugerindo que Ele havia nascido e crescido em Samaria, mas o termo era um insulto; os judeus odiavam os samaritanos e os julgavam inferiores. Em muitas partes do mundo, pessoas usam epítetos regionais para insultar aqueles de quem não gostam.

¹⁹Como teriam pego pedras no piso do templo? Aqui estão algumas possibilidades: 1) a área geral do templo estava cheia de pessoas e animais. Antes desse episódio, Jesus escrevera na terra dentro do templo (João 8:6, 8). O chão provavelmente estava cheio de entulho. 2) Herodes havia começado a reconstruir o templo no ano 20 a.C., e as obras ainda estavam em execução. Toda área de construção é cercada de entulhos e pedregulhos. 3) Os líderes podem ter chegado já preparados, com as mãos e as roupas cheias de pedras.

²⁰A ERC acrescenta “passando pelo meio deles”, trecho que não se encontra nos melhores manuscritos, mas que não altera o sentido básico do versículo.

uma vez Jesus foi protegido pela providência divina “porque não era ainda chegada a Sua hora” (v. 20).

Quando queremos destacar um contraste acirrado, costumamos dizer “eles são como o dia e a noite”. Jesus e as autoridades religiosas daquela época eram diferentes como o dia e a noite. Essa mesma diferença ainda existe entre o Senhor e quaisquer outros líderes religiosos que “arrastam os discípulos atrás deles” (Atos 20:30). Não se engane. Ouça apenas o ensino de Cristo e dos Seus apóstolos. Não aceite substitutos!

NÃO ACEITE OUTRO SENHOR (JOÃO 9:1–41)

Depois de sair do templo, “caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença” (v. 1). Era um mendigo (v. 8). Um dos lugares preferidos para se pedir esmolas era à entrada principal do Pátio das Mulheres (Atos 3:2), onde Cristo estivera ensinando (João 8:20²¹). Em outras palavras, é possível que, mesmo fugindo para salvar a Própria vida, o Senhor tenha dedicado tempo para curar um cego (João 9:6, 7)²².

A cura ocorreu no sábado (v. 14), o que incitou outra controvérsia sobre o descanso no sábado²³. Desta feita, porém, o alvo de ataque dos críticos não foi Jesus, e sim o homem que fora curado²⁴. Ele foi interrogado pelas autoridades sem clemência; mas sua convicção não foi abalada, mesmo quando o expulsaram da sinagoga. Mais tarde, depois que Cristo encontrou-o e revelou que era o Messias, o homem “afirmou: Creio, Senhor; e o adorou” (v. 38).

Esta história cativante foi registrada por João para gerar nos leitores fé em Jesus (João 20:30, 31). A seqüência em João 9:39–41 esclarece, porém, que um outro propósito era contrastar a cegueira física da cegueira espiritual. Aqueles que se recusaram a aceitar Jesus como o Messias embora não o admitiesse, estavam espiritualmente cegos, afundados na ignorância, no preconceito e no pecado.

Hoje há “muitos senhores” (1 Coríntios 8:5) disputando pela nossa aliança com eles, mas só há um Senhor verdadeiro (Efésios 4:5). Todos os outros são “cegos, guias de cegos. Ora, se um cego guiar ou-

²¹O lugar do gazofilácio fazia parte do Pátio das Mulheres. (Reveja as notas 4 e 5 sobre essa área do templo.)

²²Também é possível que a cura tenha ocorrido algum tempo depois do incidente relatado em João 8:59. Explore-mos várias possibilidades no sermão posterior a esta lição.

²³Veja as controvérsias anteriores em Mateus 12:1–14 e João 5:1–47.

²⁴Veja um estudo detalhado desta história em “Eu era cego e agora vejo”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 8”, desta série.

tro cego, cairão ambos no barranco” (Mateus 15:14). Não aceite substitutos!

NÃO ACEITE OUTRO LÍDER (JOÃO 10:1–21)

As palavras de Jesus aos fariseus relativas à cegueira espiritual (João 9:40, 41) foram imediatamente seguidas por Seu discurso sobre ser Ele o Bom Pastor. Os versículos 1 a 5 são geralmente citados como “a parábola do Bom Pastor” (veja v. 6). Isto é aceitável desde que estejamos cientes de que o termo “parábola”, segundo seu uso no Novo Testamento, abarcava uma variedade de figuras de discurso²⁵. Em vez de usar a palavra grega “parábola” (*parabole*), João usou um termo genérico (*paroimia*), que significa “ao lado do caminho”. Este termo refere-se a uma linguagem usada de qualquer outro modo diferente do comum—em outras palavras, a linguagem figurada²⁶. Outras possíveis traduções do termo no versículo 6 são “figura de discurso” e “ilustração”.

Algumas explicações sobre a criação de ovelhas nos tempos bíblicos fazem-se necessárias para podermos entender melhor a ilustração utilizada por Jesus²⁷. Durante o dia, as ovelhas eram pastoreadas em campos abertos. À noite, eram geralmente colocadas dentro de um aprisco²⁸, que consistia num cercado sem telhado, contendo uma única porta ou portão. O cercado era feito de quatro muretas de pedras ou galhos espinhosos espessos. Vários rebanhos eram, às vezes, colocados num único aprisco sob os cuidados de um “porteiro”²⁹, que fechava a porta. De manhã, o responsável abria a porta e deixava as ovelhas saírem. Cada pastor chamava suas ovelhas e estas iam até ele; cada ovelha conhecia o som da voz do seu pastor. Em geral, os pastores pre-

²⁵Veja uma exposição sobre parábolas em “E de muitas coisas lhes falou por parábolas”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 5”, desta série. Tecnicamente, João 10:1–5 é uma alegoria. Uma parábola é uma símile ampliada (que geralmente utiliza um termo de comparação: “como”, “assim como”), enquanto uma alegoria é uma metáfora ampliada (uma comparação que não utiliza termos de comparação). Uma parábola geralmente ensina só uma verdade, enquanto uma alegoria geralmente ensina várias.

²⁶Esta palavra também ocorre em João 16:25, 29 e 2 Pedro 2:22.

²⁷Se os seus ouvintes souberem algo sobre a criação de ovelhas, destaque as diferenças entre a criação de ovelhas hoje e nos tempos bíblicos.

²⁸Nem sempre era assim. Por exemplo, na primavera, quando a relva estava verde e abundante, os rebanhos eram mantidos nos campos à noite para acelerar a produção de lã e carne (Lucas 2:8). Em outras estações do ano, eles eram mantidos em apriscos à noite.

²⁹João 10:3.

ocupavam-se sinceramente com o bem-estar de suas ovelhas; mas, como acontece em qualquer profissão, havia alguns cujo único interesse era o pagamento que recebiam dos donos dos rebanhos.

Jesus usou esses detalhes para ensinar uma poderosa lição sobre o Seu amor e cuidado para com Seus seguidores. Ele também usou esses detalhes para contrastar a Si mesmo com os que se declaravam pastores espirituais de Deus³⁰.

O Líder Aprovado por Deus

A ilustração de João 10 é incomum pelo fato de Cristo referir-Se como a porta do aprisco (vv. 7, 9) e também como o pastor (vv. 11, 14). Naturalmente, Ele é as duas coisas—e muito mais. Uma figura de linguagem jamais esgotará tudo o que Jesus Cristo é.

Quando Jesus disse: “Eu sou a porta” (vv. 7, 9), Ele estava enfatizando que Ele é o único caminho para chegarmos a Deus (veja João 14:6). A referência a entrar e sair (10:9) é uma forma figurada de dizer que Ele é o único acesso à proteção e segurança (as ovelhas entravam no aprisco) e a única rota que conduz à liberdade e abundância (as ovelhas saíam para pastar)³¹.

A maioria dos leitores ama este trecho bíblico por causa do retrato que ele pinta de Jesus como o Bom Pastor (vv. 11, 14; veja v. 2). Sendo o Bom Pastor, Cristo conhece Suas ovelhas e elas O conhecem (v. 14). Ele conduz Suas ovelhas (v. 13) “para junto das águas de descanso” e “pelas veredas da justiça” (Salmos 23:2, 3). Suas ovelhas conhecem a Sua voz e O seguem (João 10:3, 4). Ele não está preocupado com Sua própria segurança, mas com a de Suas ovelhas (v. 10³²). Ele as protege (implícito no v. 12) e está disposto até a morrer por elas (vv. 11, 17, 18)!

Certo comentarista escreveu o seguinte sobre os versículos 17 e 18: “Em nenhum trecho da Bíblia há uma afirmação mais clara da disposição com que Ele morreu, ou da suficiência do poder pelo qual Ele voltou à vida”³³. É útil sublinharmos estes versículos em nossas Bíblias e nos lembrarmos deles

³⁰Novamente, o espaço só permitirá a análise dos pontos principais. Se quiser, amplie esta seção.

³¹Como ocorre com todas as figuras de discurso, a idéia de estar “dentro” e “fora” não deve ser levada ao extremo; não “entramos e saímos” do amor e do cuidado de Jesus.

³²A última parte de João 10:10 é uma das maiores declarações sobre por que Jesus veio ao mundo: Ele veio para nos trazer vida abundante! Isto não significa que teremos abundância de dinheiro ou de outras coisas pertinentes a esta vida; significa que a única vida que vale a pena ser vivida é a vida em Cristo.

³³John Franklin Carter, *A Layman's Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, p. 210.

quando estudarmos a traição, os julgamentos e a morte de Cristo. A crucificação de Jesus não foi um lastimável erro de justiça do qual Ele foi incapaz de escapar; foi um sacrifício voluntário feito por amor a Suas ovelhas!

Devemos nos alegrar com as palavras de Jesus no versículo 16: “Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor”. “Outras ovelhas” é uma referência aos gentios—em outras palavras, a maioria dos que estão estudando esta lição neste momento! Cristo amou *todos* os seres humanos; Ele deu Sua vida por toda a humanidade. Ele é o Pastor universal!

Líderes que Servem a Si Mesmos

A natureza sacrificial do Senhor é contrastada com os líderes religiosos que serviam a si mesmos na época de Jesus. Eles *deveriam* ser pastores de Deus para os judeus, mas foram terrivelmente mal-sucedidos nessa tarefa (veja Ezequiel 34:1–6; Jeremias 33:1–6; Zacarias 11:4–11; Mateus 9:36; Marcos 6:34):

- Em vez de serem pastores ávidos para fazer a vontade de Deus³⁴, eram ladrões e mercenários que tentavam penetrar no aprisco de outra maneira, interessados somente em guarnecer o próprio bolso (João 10:1, 8).
- Em vez de serem pastores que conheciam as ovelhas e tinham um interesse pessoal por elas, eram desconhecidos indiferentes (João 10:5).
- Em vez de serem pastores dispostos a enfrentar perigo para proteger as ovelhas (veja 1 Samuel 17:34–37), estavam interessados em sua própria segurança. Tinham uma mentalidade mercenária³⁵; só se importavam com seus salários, e não com o bem-estar das ovelhas (João 10:11, 12).

O mundo de hoje está saturado de líderes religiosos que servem a si mesmos, ansiosos por juntar em torno de si rebanhos de adoradores a quem eles

³⁴A vontade de Deus é que entremos pela única porta (legítima, aprovada por Ele).

³⁵A maioria dos pastores era contratada para cuidar do rebanho de mais outra pessoa. Apesar disso, a maioria realmente se importava com o bem-estar das ovelhas. Alguns, porém, estavam “ali por dinheiro” e fugiam frente ao perigo. Jesus disse que a hierarquia judaica era como estes falsos pastores. Hoje podemos fazer a seguinte aplicação: é bíblico remunerar presbíteros e pregadores pelo seu trabalho (Lucas 10:7; 1 Coríntios 9:7–11; 1 Timóteo 5:17, 18), mas presbíteros e pastores jamais devem executar seu trabalho “por dinheiro”.

regularmente tosqueiam. Não se engane. O verdadeiro Pastor, “o Supremo Pastor” (1 Pedro 5:4), o “bom pastor” (João 10:11, 14) é Jesus Cristo³⁶. Não aceite substitutos.

CONCLUSÃO

Não devemos aceitar nenhuma outra Luz. Qualquer outra “luz” só produz escuridão. Não devemos aceitar nenhum outro Senhor. Qualquer outro “senhor” serve a si mesmo. Não devemos aceitar nenhum outro líder. Qualquer outro “líder” nos conduzirá ao erro. Sigamos somente a Jesus. Não aceitemos substitutos!

Quando Cristo, com efeito, alegou ser a Luz, o Senhor e o Líder, os que O ouviam ficaram divididos (João 10:19). Alguns diziam: “Ele tem demônio e enlouqueceu” (João 10:20), e outros: “Este modo de falar não é de endemoninhado; pode, porventura, um demônio abrir os olhos aos cegos?” (João 10:21). Todo indivíduo tem de tomar sua própria decisão em relação a Jesus. Oramos para que você aceite-O como *sua* Luz, *seu* Senhor e *seu* Líder.

De que maneira, então, aceitamos Jesus como nossa Luz, nosso Senhor e nosso Líder? Independentemente da figura usada, os requisitos são os mesmos:

- Precisamos ouvi-LO (João 10:3–5, 16).
- Precisamos crer nEle (João 8:24; 9:38).
- Precisamos segui-LO (João 10:4; 8:12) e fazer a vontade dEle (João 8:31, 52).³⁷

³⁶Os presbíteros de uma congregação são “pastores” (1 Pedro 5:1–4) que cuidam do rebanho (Atos 20:28–31)—ou seja, da congregação específica confiada aos seus cuidados. Eles estão sujeitos ao Supremo Pastor e à Sua Palavra.

³⁷Se julgar apropriado, dê instruções específicas sobre como o pecador faz a vontade de Deus arrependendo-se e

Alguém disse que “as melhores ovelhas não são as que sabem onde estão as pastagens mais verdes ou os predadores mais cruéis. As melhores ovelhas são as que sabem quanto precisam de um pastor”³⁸. Se você sabe que precisa do Bom Pastor, então venha até Ele hoje—e siga-O por todos os seus dias!

NOTAS

Pode-se usar esta passagem como base para um sermão sobre “A Luz do Mundo” ou “O Bom Pastor”. Na próxima edição desta série haverá um sermão sobre João 9.

Aqui estão outras idéias para sermões baseados neste texto bíblico: use João 7:25 e 8:53 para pregar sobre “Quem é Ele, realmente?” Desafie seus ouvintes: “Quem dizem *vocês* que Jesus é?”

São dignas de nota as palavras do mendigo em João 9:25: “...*uma coisa sei*: eu era cego e agora vejo”. Você poderia pregar sobre “Uma coisa sei”. É impossível sabermos tudo, mas estas verdades sabemos: Deus nos ama, Ele enviou Seu Filho para morrer por nós, e assim por diante—em outras palavras, este seria um sermão simples sobre o que podemos saber convictamente.

A seção sobre o Bom Pastor também pode ser usada como base de um sermão para presbíteros: “O que significa ser um pastor”.

sendo batizado (Marcos 16:15, 16; Atos 2:38) e como o cristão infiel é restaurado (Atos 8:22; Tiago 5:16; 1 João 1:9).

³⁸Paul Brownlow, *A Shepherd's Heart* (“O Coração de um Pastor”), citado em *The Central Concern*, boletim semanal da igreja de Cristo Central em Cleburne, Texas, 20 de abril de 2000, p. 2.

A Harmonia

VI. DA TERCEIRA PÁSCOA À CHEGADA DE JESUS A BETÂNIA (continuação).

- N. O Ministério Posterior na Judéia.
 - 1. Jesus e os setenta (Lucas 10:1–24).
 - 2. Jesus e um escriba (a parábola do bom samaritano) (Lucas 10:25–37).
 - 3. Jesus, Maria e Marta (Lucas 10:38–42).
 - 4. Jesus e Seus discípulos (ensino sobre oração) (Lucas 11:1–13).
 - 5. Jesus e um fariseu (Lucas 11:37–54).
 - 6. Jesus e a multidão (veja Lucas 12:1, 13, 54; 13:1).
 - a. Ensino sobre hipocrisia (Lucas 12:1–12).
 - b. Ensino sobre materialismo (Lucas 12:13–34).
 - c. Ensino sobre vigilância (Lucas 12:35–48).
 - d. Ensino sobre uma tragédia iminente (Lucas 12:49–59).
 - e. Ensino sobre arrependimento (Lucas 13:1–9).
 - 7. Jesus e a mulher enferma (a controvérsia do sábado) (Lucas 13:10–21).
- O. A Festa de Dedicção (Lucas 13:22; João 10:22).
 - 1. Mais conflito com Seus inimigos (João 10:23–30).
 - 2. Mais esforços para matá-LO (João 10:31–39).
- P. O Ministério na Peréia.
 - 1. O Ministério de Jesus “além do Jordão” (Mateus 19:1, 2; Marcos 10:1; João 10:40–42).
 - 2. Jesus é interrogado e advertido (Lucas 13:23–35).
 - 3. Jesus é convidado à casa de um fariseu—e três lições apropriadas sobre banquetes (Lucas 14:1–24).
 - a. Uma lição sobre humildade (Lucas 14:7–11).
 - b. Uma lição sobre abnegação (Lucas 14:12–14).
 - c. A parábola da grande ceia (Lucas 14:16–24).
 - 4. Jesus é seguido por uma multidão—e uma lição importante (Lucas 14:25–35).
 - 5. Jesus é seguido por publicanos e pecadores e três histórias comoventes que ensinam uma lição (Lucas 15:1–32).
 - a. A parábola da ovelha perdida (Lucas 15:3–7).
 - b. A parábola da moeda perdida (Lucas 15:8–10).
 - c. A parábola do filho perdido (Lucas 15:11–32).
 - 6. Jesus é acompanhado por Seus discípulos—e uma lição vital na parábola do administrador injusto (Lucas 16:1–13).
 - 7. Jesus é observado por fariseus—e uma lição inspiradora na “parábola” do rico e Lázaro (Lucas 16:14–31).

“Eu era cego e agora vejo”

João 9,
Olhando de perto



Em João 9, temos uma das personagens mais vívidas de todos os relatos do evangelho: o cego de nascença que foi curado por Jesus. Esse milagre de cura é o sexto dos sete “sinais” de João¹. Cada um desses sete sinais é especial. João chamou-os de “sinais” porque cada um simbolizava a divindade de Jesus (João 20:30, 31). Além disso, eles geralmente ilustravam certas verdades. É o caso deste incidente miraculoso. O relato poderia ser considerado como uma parábola real sobre Cristo ser “a Luz do mundo” (João 9:5).

Enquanto estudarmos esta história, veremos como um mendigo passou da cegueira para a visão—tanto física, quanto espiritualmente. Também aprenderemos como ir das trevas para a luz.

UM CEGO (vv. 1–38)

O capítulo começa com as palavras: “Caminhando Jesus², viu um homem cego de nascença” (v. 1). O versículo 8 observa que o homem era um mendigo. A mendicância era a única ocupação disponível para a maioria dos cegos (veja Marcos 10:46).

Um Enigma a Ser Decifrado (vv. 2–4)

Quando os apóstolos viram o homem, olharam para ele como um enigma a ser decifrado. Desde a juventude, ouviram professores cultos declararem: “Não há morte sem pecado, e não há sofrimento sem iniquidade”³. Todavia, aquele caso era especial

¹Reveja a exposição sobre esses sinais na página 31 de “A Vida de Cristo—Parte 1”.

²Jesus poderia estar fugindo de Seus inimigos enquanto “caminhava”. Veja “Não Aceite Substitutos”, na edição anterior.

³Essa idéia errônea era sustentada por muitos naquela época e é sustentada por muitos hoje. Os “amigos” de Jó presumiram que, diante de tantos problemas, ele devia ser um grande pecador. Estavam errados. Uma suposição semelhante foi feita pelos habitantes de Malta em relação a Paulo (Atos 28:4). Uma “prova textual” usada pelos rabinos era Êxodo 34:7. Essa passagem, porém, não se referia a culpa pessoal, mas a conseqüências coletivas. Um exemplo disto

porque o homem *nascera* cego. Por isso indagaram: “Mestre⁴, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” (v. 2). Como sabiam que o homem era cego de nascença? Talvez Jesus tenha dito isto. Talvez tenham ouvido Jesus conversar com ele. Talvez alguém por perto tenha comentado isso.

Parte da pergunta deles era ridícula: o homem nasceu cego por que pecou? Como pode ter pecado antes de nascer?⁵ A outra parte da pergunta baseava-se num julgamento precipitado: ele era cego por que *seus pais* pecaram? Alguns pecados podem afetar o feto ainda não nascido⁶, mas os discípulos não tinham base para presumir que os pais do homem tivessem se envolvido em pecados dessa natureza.

Cristo respondeu: “Nem ele pecou, nem seus pais”⁷ (v. 3a). O pecado sempre resulta em sofrimento, mas nem todo sofrimento é resultado de pecado⁸. Jesus prosseguiu dizendo: “mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus” (v. 3b). Isto não

é o catifeiro que veio como resultado da idolatria do povo israelita: por causa do pecado deles, seus filhos e netos nasceram no catifeiro.

⁴O termo “mestre” é tradução de “Rabi” e era um título honorário. Jesus não recebera o treinamento de um Rabi nem era reconhecido como tal pelas autoridades religiosas.

⁵Acredite ou não, alguns rabis ensinavam que um indivíduo poderia pecar antes de nascer—no útero ou numa vida anterior. Essas teorias são contrárias aos ensinamentos tanto do Antigo como do Novo Testamento.

⁶O uso de álcool e determinadas drogas pode afetar o feto, assim como o fumo e as doenças venéreas.

⁷Jesus não estava dizendo que o homem e seus pais jamais haviam pecado (Romanos 3:23), e sim que a *cegueira* do homem não era resultado de algum pecado cometido por ele ou por seus pais.

⁸Num sentido geral, todo sofrimento é resultado do pecado de Adão e Eva (Gênesis 3:3, 17–19). Além disso, há conseqüências imediatas para alguns pecados (veja Provérbios 13:15). Todavia, nem todo sofrimento é resultado de pecado *pessoal*. O sofrimento de Jó não era resultado de pecado pessoal. Salmos 73 ensina que geralmente não há ligação entre prosperidade e justiça, nem entre sofrimento e pecado. Jesus falou de algumas vítimas de calamidades que não eram mais ímpias que as demais pessoas (Lucas 13:2–5).

quer dizer que Deus fez o homem nascer cego para que Seu filho pudesse mais tarde aproximar-se e operar um milagre. Em vez disso, Cristo estava enfatizando que cada dificuldade traz consigo oportunidades: para expressarmos a graça e a misericórdia de Deus, oportunidades para ajudarmos o próximo, oportunidades para demonstrarmos a força da fé, oportunidades para nos aproximarmos da estatura do Pai⁹. Quando surgem problemas no nosso caminho, às vezes perguntamos: “O que eu fiz para merecer isto?” A resposta pode ser: “Nada”. A pergunta que *deveríamos* fazer é: “Como posso *usar* esta situação para que as obras de Deus sejam expostas?”

Jesus acrescentou: “É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar” (v. 4). Os discípulos precisavam ver o mendigo como uma oportunidade urgente de operar as obras de Deus. A “noite” da morte se aproximava rapidamente para Jesus, e também para cada um de nós¹⁰. Precisamos trabalhar enquanto podemos.

Uma Pessoa a Ser Curada (vv. 5–7, 14)

Cristo disse: “Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (v. 5). Em outras palavras: “Enquanto eu continuar neste mundo, não vou ignorar nenhuma oportunidade de levar luz aos homens—incluindo este mendigo cego”. Os apóstolos viram o homem como um enigma teológico a ser decifrado, mas o Senhor o viu como uma pessoa atribulada e carente de ajuda. Pouco antes, Jesus disse: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (8:12). Agora, Ele prosseguia fazendo uma análise dessa afirmação.

“Dito isso, cuspiu na terra e, tendo feito lodo com a saliva, aplicou-o aos olhos do cego” (v. 6). Os comentaristas especulam quanto ao motivo de Cristo ter utilizado esse procedimento, mas nós não sabemos¹¹. Provavelmente, a melhor resposta seja: “Porque Ele assim o quis”.

⁹Aqui estão algumas passagens sobre o valor da adversidade: Salmos 119:71; 2 Coríntios 12:9; Hebreus 12:7–13; Tiago 1:2, 3; Apocalipse 7:14.

¹⁰A vida é breve (Salmos 90:5, 16; Tiago 4:14; 2 Pedro 3:8). Sempre há urgência em relação à obra de Deus (Eclesiastes 4:15; Efésios 5:16).

¹¹Esta era a terceira vez que Jesus utilizava cuspe numa cura (veja Marcos 7:33; 8:22–26). Todavia, Ele não usava uma única maneira consistente para curar pessoas. Por exemplo, curando cegos, uma vez Ele tocou nos olhos do cego (não cuspiu, nem fez lodo) (Mateus 9:27–31), uma vez Ele usou apenas cuspe (sem lama) (Marcos 8:22–26) e uma outra vez (esta ocasião), Ele usou cuspe e lama. Cristo pode ter variado

Jesus disse ao homem com lodo nos olhos: “Vai, lava-te no tanque de Siloé” (v. 7a)¹². Quando estudamos sobre a festa dos Tabernáculos, aprendemos que a água do ritual vinha do tanque de Siloé¹³. Esse tanque, localizado na parte sudeste da cidade¹⁴, era uma dos pontos de referência de Jerusalém. Era o resultado de uma das grandes proezas de engenharia do mundo antigo: o rei Ezequias cavara um túnel no rochedo para levar água de uma nascente até os muros da cidade (veja 2 Crônicas 32:2–4; Isaías 22:9–11; 2 Reis 20:20). O tanque se chamava “Enviado” (João 9:7b) porque a água era enviada pelo túnel.

É hora de mudarmos o foco de atenção para o cego, a maior parte do restante da história concentra-se nele. Coloque-se no lugar desse homem. Como você acha que ele se sentiu ao ouvir os discípulos falando dele como se ele não estivesse presente? Pense nas sensações que ele sentiu ao ouvir Jesus falar, ao sentir o lodo ser passado por sobre seus olhos e ao ouvir as palavras: “Vai, lava-te no tanque de Siloé”. Jesus não lhe prometeu: “Vai, lava-te... e serás curado”. Ele só disse: “Vai, lava-te”. Como você teria reagido a essa ordem estranha? Aqui está a reação do mendigo: “Ele foi, lavou-se” (v. 7c).

Por que o cego obedeceu a Cristo? É fácil entender por que ele queria lavar o lodo dos olhos, mas por que no tanque de Siloé? Podemos afirmar com alguma certeza que ele estava longe do tanque¹⁵. Não se esqueça de que o homem não enxergava. Para ele, caminhar alguns metros era um desafio maior do que é para nós caminhar alguns quilômetros. Você consegue visualizá-lo movendo-se lentamente pelas populosas e estreitas ruas de Jerusalém? Como deve ter sido difícil fazer aquele trajeto, e quanto tempo deve ter levado! Novamente, perguntamos: “Por que ele fez o que Jesus mandou?”

Mais tarde, ele diria a seus vizinhos: “O homem chamado Jesus fez lodo, untou-me os olhos e disse-me: Vai ao tanque de Siloé e lava-te. Então, fui, la-

no procedimento para enfatizar que o poder não estava em Seus métodos, mas na Sua Pessoa.

¹²Outra pergunta que poderia ser feita é: “Por que Jesus mandou o homem lavar-se no tanque?” Não sabemos. Contudo, era comum nos tempos bíblicos, Deus mandar homens *fazerem* certas coisas para serem abençoados.

¹³Veja mais sobre o tanque de Siloé na edição anterior desta série, pp. 29 e 39.

¹⁴Veja o mapa de Jerusalém na página 44 da edição anterior.

¹⁵Como já dissemos antes, Jesus pode ter encontrado o mendigo na porta principal do Pátio das Mulheres. Outra possibilidade seria na estrada para Betânia, o lugar onde Cristo costumava ficar hospedado naquela região (veja Mateus 21:17; Marcos 11:11; João 11:18). De qualquer forma, o tanque ficava a certa distância dali.

vei-me e estou vendo” (v. 11; grifo meu). Talvez ele tenha ouvido as pessoas falarem de Jesus e dos milagres que Ele realizava (veja 7:31). Seu entendimento sobre quem era Jesus era limitado (veja 9:17, 36). Apesar disso, alguma coisa na maneira como Cristo disse: “Vai, lava-te” falou ao coração do cego e o fez concluir: “Preciso fazer isso”.

Então, “ele foi, lavou-se e voltou vendo” (v. 7c, d). Que surpresa maravilhosa é revelada nas palavras “e voltou vendo”! Ali estava um homem que nunca havia enxergado antes. Ele tinha ouvido falar das cores, já tinha escutado descrições e também já tinha sentido, pelo tato, as formas. Mas ele não fazia idéia de como realmente era a *aparência* das coisas.

Guarde esta cena em sua mente. Com dificuldade, o homem foi andando até o tanque de Siloé, aproximou-se da beira do tanque, apanhou um pouco de água com as mãos e enxaguou a lama seca do rosto. A seguir, quando abriu os olhos, ele *enxergou!* Ele viu a água; viu suas mãos! Ergueu a cabeça e viu a multidão agitada! Quando virou o rosto para o alto, viu o céu e os pássaros! Imagine sua admiração, sua empolgação! Todas essas bênçãos e mais outras estão subentendidas nestas três palavras¹⁶: “e voltou vendo”!

Segundo o versículo 14, “era *sábado* o dia em que Jesus fez o lodo e lhe abriu os olhos” (grifo meu). Lembre-se disto à medida que a história se desenrolar. Jesus havia curado um outro indivíduo num sábado! O problema estava só fermentando!

Um Problema a Ser Resolvido (vv. 8–14)

Aonde o homem deveria ir depois que passou a ver? Ele não sabia onde Jesus estava (vv. 1, 12), e não convinha retornar ao seu ponto de mendicância—então, ele foi para casa.

Quando os vizinhos viram o homem, duvidaram que fosse ele. *Parecia* ser ele, mas ele não andava com o passo cauteloso dos cegos. Seus olhos estavam abertos e concentrados. Sua cabeça se virava para lá e para cá, como se cada visão nova atraísse a sua atenção. Aqueles que o conheceram no passado discutiam: alguns “diziam: É ele. Outros: Não, mas se parece com ele” (v. 9a). Enquanto discutiam, o homem dizia: “Sou eu” (v. 9b). Ele provavelmente sorria enquanto respondia diversas perguntas e repetia a sua história.

Perguntaram-lhe, pois: Como te foram abertos os olhos? Respondeu ele: O homem chamado Jesus fez lodo, untou-me os olhos e disse-me: Vai ao tanque de Siloé e lava-te. Então, fui, lavei-me

e estou vendo. Disseram-lhe, pois: Onde está ele? Respondeu: Não sei (vv. 10–12).

Os discípulos tinham olhado para aquele cego como um enigma a ser decifrado; agora os vizinhos olhavam para ele como um problema a ser resolvido. A realidade do milagre deixou-os perplexos, Jesus ser apontado como o autor da cura confundiu-os (veja vv. 16, 22) e o fato do milagre ter ocorrido num sábado (v. 14) incomodou-os. Não conseguindo esclarecer essas questões, arrastaram o homem até os que afirmavam possuir todas as respostas: os líderes religiosos de Jerusalém (v. 13)¹⁷.

Um Infortúnio a Ser Abafado (vv. 15–17, 22)

Os fariseus perguntaram ao homem o que acontecera, e ele tornou a contar sua história (v. 15). O nome de Jesus não foi citado durante os procedimentos, mas é óbvio que as autoridades sabiam exatamente quem curara o cego (v. 22). Quando ouviram a respeito de quem os havia curado, vociferaram: “Esse homem¹⁸ não é de Deus, porque não guarda o sábado” (v. 16a).

Cristo já tinha sido confrontado pelos líderes de Jerusalém por ter curado num sábado (João 5:1, 9, 10, 16, 18; 7:21–23). Desta vez, além de curar, Ele também teve a ousadia de fazer lodo¹⁹. Conforme as tradições judaicas, Jesus havia trabalhado no sábado, não só uma, mas várias vezes!

O raciocínio das autoridades em relação a Cristo pode ser reduzido a um silogismo²⁰:

- Premissa maior: “Quem transgredir nossas tradições relativas ao sábado é pecador”.
- Premissa menor: “Jesus transgredir nossas tradições relativas ao sábado”.
- Conclusão: “Logo, Jesus é pecador”.

Num silogismo, se a premissa maior e a menor forem verdadeiras, a conclusão deve ser verdadeira. O problema com o silogismo dos fariseus era que

¹⁷Os que conduziram o interrogatório são geralmente chamados de fariseus (vv. 13, 15, 16, 40). Por duas vezes, porém, eles são identificados como “os judeus” (vv. 18, 22), o termo mais genérico para as autoridades religiosas de Jerusalém. Os vizinhos provavelmente levaram o homem até o concílio onde o Sinédrio se reunia.

¹⁸“Esse homem” é um termo depreciativo.

¹⁹Eles comparavam fazer lodo com amassar pão, o que era considerado “trabalho”. As tradições também proibiam colocar saliva num ferimento. Veja mais sobre as diversas tradições ridículas relativas ao sábado na edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, p. 27 e 28, desta série.

²⁰Silogismo é uma forma de raciocínio usada no campo da lógica.

¹⁶No grego também são três palavras.

a premissa maior era falsa. Era falsa porque as tradições deles não tinham origem em Deus, mas em homens (veja Mateus 15:1–9).

O fim do versículo 16 fornece um vislumbre do que estava por trás da cena em que os fariseus conduziram o interrogatório: “Diziam outros [ou seja, outros entre as autoridades religiosas]: Como pode um homem pecador fazer tamanhos sinais? E houve dissensão entre eles” (v. 16b)²¹. Eles não entendiam que o silogismo elaborado por eles era falso, mas havia alguns que sabiam que aquela conclusão não parecia estar correta. Por isso, “houve dissensão entre eles” (v. 16c). Via de regra, a dissensão, ou discórdia, é algo indesejável, mas nessa ocasião era uma coisa boa. O ministério de Cristo causou impacto até entre alguns membros do inflexível e obstinado Sinédrio!²²

A maioria, porém, não ficou impressionada. Eles continuaram a interrogar o homem que havia sido curado: “Que dizes tu a respeito dele, visto que te abriu os olhos?” (v. 17a). E ele replicou: “Que é profeta”²³ (v. 17b). O homem ainda não tinha certeza de quem era Jesus; mas, porque Ele fazia milagres, ele admitiu que Jesus deveria ser, no mínimo, um profeta²⁴.

Um Perigo a Ser Evitado (vv. 18–23)

Alguns dos questionadores, pensando que o homem poderia estar mentindo a respeito da cura, mandaram chamar seus pais (v. 18). O pai e a mãe do homem apresentaram-se trêmulos diante dos homens mais poderosos da nação judaica (v. 22). O Sinédrio fez três perguntas: 1) “É este²⁵ o vosso filho?”; 2) “Ele nasceu cego?”; 3) “Como, pois, vê agora?” (v. 19).

Os pais responderam as duas primeiras perguntas—positivamente. A terceira pergunta, eles se recusaram a responder “porque estavam com medo dos judeus; pois estes já haviam assentado que, se alguém confessasse ser Jesus o Cristo, fosse expul-

²¹ Este incidente teve um impacto maior nas mentes dos líderes judeus e de outros que tomaram conhecimento dele (veja João 11:36, 37).

²² Veja os comentários sobre 8:30 e 31 nas páginas 46 e 47 da edição anterior.

²³ Compare esta declaração com a de João 4:19.

²⁴ Os profetas Elias e Eliseu realizaram milagres (1 Reis 18; 2 Reis 2:19–22; 4:18–44; 5:1–14).

²⁵ A palavra “este” implica que o homem estava presente ou por perto. Provavelmente ele teve de permanecer ali durante todos os procedimentos, que levaram um considerável tempo (mandar chamar os pais, aguardar que chegassem, etc.). É provável que ele tenha ouvido as respostas de seus pais.

so da sinagoga” (v. 22). “Ser expulso da sinagoga”²⁶ tinha repercussões sociais, políticas, econômicas e religiosas. Para todos os propósitos práticos, quem fosse expulso da sinagoga era cortado da nação judaica²⁷. A ameaça de expulsão era uma arma poderosa nas mãos da hierarquia judaica.

Era de se esperar que alguém se alegrasse com a cura do homem, mas, ao que tudo indica, ninguém fez isso. Os vizinhos olharam para o homem como um problema a ser resolvido. Seus pais olharam para ele agora como um perigo a ser evitado. Em relação à terceira pergunta—como ele passou a ver—eles responderam: “...não sabemos como vê agora; ou quem lhe abriu os olhos também não sabemos. Perguntai a ele, idade tem”²⁸; falará de si mesmo” (v. 21).

Uma Praga a Ser Extinta (vv. 24–34)

Insatisfeitos com a reação dos pais, os fariseus reinvestiram o ataque contra o filho. “Então, chamaram, pela segunda vez, o homem que fora cego” (v. 24a). O mendigo descobriu que havia algo de negativo em ver; ele *ouvira falar* de ódio; agora, pela primeira vez, ele *via* o ódio: olhos faiscantes de raiva, dentes rangendo, sobranceiras franzidas em sinal de incredulidade.

Disseram ao homem: “Dá glória a Deus; nós sabemos que esse homem é pecador” (v. 24b). A ordem para dar glória a Deus poderia significar “a Deus, e não a Jesus”, mas provavelmente a frase era uma declaração de juramento para ele dizer a verdade (veja Josué 7:19). A implicação era: “Dize-nos o que *realmente* aconteceu!”

A conversa que vem a seguir é marcante. Quanto mais eles atormentavam o homem, mais forte era sua fé em Jesus. Tendo nascido cego e, portanto, predestinado a ser um mendigo, o homem provavelmente tinha recebido pouca ou nenhuma instrução formal, mas ele se saiu melhor do que seus oponentes letrados.

Ele retrucou: “Se é pecador, não sei; uma coisa sei: eu era cego e agora vejo” (v. 25). E continuaram pressionando-o (v. 26). Exasperado, o homem disse: “Já vo-lo disse, e não atendestes; por que quereis

²⁶ Com respeito a ser expulso da sinagoga, veja João 12:42 e 16:2.

²⁷ Veja mais sobre ser cortado do povo judeu (ostracismo), em Números 15:30 e Lucas 6:22.

²⁸ Alguns acreditam que a expressão “idade tem” signifique que ele tinha mais de treze anos. É mais provável que signifique que o homem tinha mais de trinta anos; trinta anos era a idade em que o homem atingia a maturidade.

ouvir outra vez? Porventura, quereis vós também²⁹ tornar-vos seus discípulos?”³⁰ (v. 27b).

Indignados, apelaram para o ridículo: “Discípulo dele és tu; mas nós somos discípulos de Moisés. Sabemos que Deus falou a Moisés; mas este nem sabemos donde é” (vv. 28, 29)!

Respondeu-lhes o homem: “Nisto é de estranhar” (v. 30a). Quem havia curado o homem era o indivíduo mais admirável vivo, e os que alegavam saber tudo estavam admitindo que nada sabiam sobre Ele (v. 30b)!

O homem, então, acrescentou: “Sabemos que Deus não atende a pecadores; mas, pelo contrário, se alguém teme a Deus e pratica a sua vontade, a este atende” (v. 31). Visto que os líderes declaravam-se seguidores de Moisés, ele os fez lembrarem-se de que as Escrituras ensinam que Deus não ouve a pecadores (veja 1 Samuel 8:18; Jó 27:9; Salmos 18:41; 34:15, 16; 66:18; 145:19, 20; Provérbios 1:28; 15:29; Isaías 1:15; 59:2; Ezequiel 8:18)³¹.

E continuou dizendo: “Desde que há mundo, jamais se ouviu que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença” (v. 32). Grandes milagres haviam sido realizados no passado, mas ninguém havia restaurado a visão de um cego antes de Jesus vir ao mundo³². Até onde sabemos, nem Cristo havia curado antes alguém com cegueira congênita.

E concluiu: “Se este homem não fosse de Deus, nada poderia ter feito” (v. 33). Os fariseus haviam elaborado um falso silogismo que acusava Jesus; agora, o mendigo oferecia um raciocínio válido que defendia Jesus:

- Premissa maior: “Deus não ouve pecadores”.
- Premissa menor: “Deus obviamente ouve este Homem”³³.
- Conclusão: “Logo, Ele *não* é um pecador!”

²⁹A palavra “também” parece indicar que, até aquele momento, ele se considerava um discípulo.

³⁰Na língua grega, a estrutura das perguntas sempre indica se é esperada uma resposta positiva ou negativa. Neste caso, a resposta esperada é negativa.

³¹É preciso cuidado ao explicar João 9:31. Veja o artigo suplementar “Deus Ouve as Orações dos Pecadores?”, no final desta edição.

³²Curar cegos seria um traço marcante do ministério do Messias (veja Isaías 29:18; 35:5; 42:7; Mateus 11:2–6). A restauração da visão é o milagre de Jesus registrado mais vezes (Mateus 9:27–31; 12:22; 20:29–34).

³³O homem curado era uma prova viva de que Deus ouvia as orações de Jesus; Deus ouvira o pedido de Jesus para que a cegueira do homem fosse curada.

Não conseguindo responder à lógica do homem, os líderes recorreram a um velho artifício usado por debatedores: quando não é possível responder um argumento, ataca-se quem apresentou o argumento. Retrucaram eles: “Tu és nascido todo em pecado³⁴ e nos ensinas a nós?” (v. 34a; grifo meu).

Então, “eles o expulsaram” (v. 34b). Estas palavras significam mais do que o forçarem a retirar-se, certamente ele foi submetido ao mesmo tratamento que seus pais temiam—ser “expulso da sinagoga” (v. 22), ou seja, ser cortado da nação judaica³⁵. Que dia aquele homem vivenciou: cego pela manhã, curado durante o dia, chamado perante as maiores autoridades da nação à tarde e enxotado da casa de Deus antes do anoitecer!

Uma Pessoa a Ser Salva (vv. 35–38)

Para onde o homem foi quando saiu da câmara do Sinédrio? Ele não podia ficar dentro do templo, não podia voltar ao seu ponto de mendicância, e certamente não estava inclinado a voltar para casa e para o seu bairro³⁶. Ele não tinha para onde ir. Alguns de vocês sabem como é sentir-se assim.

Tudo o que sabemos com certeza é que ele foi para algum local público (vv. 35, 39, 40). Onde quer que ele estivesse, o fato é que o Senhor o achou: “Ouvindo Jesus que o tinham expulsado, encontrando-o, lhe perguntou...” (v. 35a). Por toda a história, Cristo foi quem tomou a iniciativa em relação ao mendigo—assim como Ele faz conosco (1 João 4:10). Além disso, em toda a história, Jesus foi o Único que olhou para o homem como uma pessoa. Anteriormente, Ele olhara para o mendigo como uma pessoa a ser curada; agora Ele olhava para ele como uma pessoa a ser salva.

³⁴Jesus já havia mostrado que o pecado não era a causa da cegueira (João 9:3). O Novo Testamento ensina que as crianças nascem puras (Mateus 18:3; 19:14). Deve ser desconcertante para os comentaristas calvinistas o fato de sua posição doutrinária forçá-los a concordar com as equivocadas palavras dos fariseus.

³⁵A palavra grega traduzida por “expulsar” foi usada na tradução grega do Antigo Testamento (a Septuaginta) referindo-se à excomunhão. João 9:35 indica que se espalhou a notícia de que o mendigo fora “expulso”. É muito mais provável que a notícia de excomunhão tenha ganhado tal repercussão, do que a notícia de um indivíduo ser simplesmente colocado para fora da sinagoga.

³⁶Afinal de contas, nem seus vizinhos nem seus pais o apoiaram.

Jesus perguntou ao ex-cego: “Crês tu no Filho do Homem?”³⁷ (v. 35b). No texto grego, a palavra “tu” é enfática: “Crês *tu* no Filho do Homem?”³⁸

Ele respondeu: “Quem é, Senhor³⁹, para que eu nele creia?” (v. 36). Momentos antes, ele *ouvira* falar de Jesus, mas não o *vira*. Observemos que o homem estava predisposto a crer. Pode-se apresentar todas as evidências do mundo a uma pessoa determinada a não crer, que elas não surtirão efeito. A fé é uma resposta tanto da vontade quanto do intelecto.

Jesus disse ao homem: “Já o tens visto, e é o que fala contigo” (v. 37). Em outras palavras: “Você está olhando para Ele agora! *Eu* sou o Filho do Homem!”

Quando Cristo disse isto, todas as peças se encaixaram. O homem afirmou: “Creio, Senhor” (v. 38a). Havia levado segundos no tanque para o mendigo sair da cegueira física para a visão física. E levou horas para ele sair da escuridão espiritual para a luz.

A jornada de fé daquele homem estava concluída: ele havia se referido ao Senhor como “o homem chamado Jesus” (v. 11). Depois, ele o rotulou de “profeta” (v. 17) e “homem de Deus” (v. 33). Finalmente, agora, ele o chamava de “Senhor” (v. 38; veja Atos 2:36; 1 Coríntios 12:3). Quanto mais você souber sobre mim—ou sobre qualquer outro ser humano—mais falhas você descobrirá e mais decepcionado ficará. Por outro lado, quanto mais conhecemos Jesus, “maior se torna a nossa admiração; e isto vale não só para o presente, mas também por toda a eternidade”⁴⁰.

Então, o homem que foi curado “adorou” a Jesus (v. 38b)⁴¹. Essa foi uma reação espontânea. O mendigo não recebeu ordens para adorar. Ele *quis* adorar Aquele que lhe trouxe luz tanto para o corpo como para a alma. Quando um indivíduo entende

³⁷A ERC contém “Filho de Deus” aqui, mas “Filho do Homem” ocorre na maioria dos manuscritos antigos. Usadas por Jesus, ambas as expressões são termos messiânicos (veja em Daniel 7:13, “Filho do Homem”).

³⁸Na língua grega há várias formas de dar ênfase. Neste caso, ela se deu pela repetição da palavra “tu” (primeiro como terminação do verbo, e depois, como uma palavra à parte). Este tipo de construção ocorre várias vezes neste capítulo. [N. da Trad.: Sem ênfase, a frase seria: “Crês no Filho do Homem?”]

³⁹Sem saber ainda quem Jesus era, “Senhor” foi usado como um termo de respeito, e não como um reconhecimento de Sua autoridade divina. Esse reconhecimento aparece no versículo 38.

⁴⁰William Barclay, *The Gospel of John* (“O Evangelho de João”), ed. rev., vol. 2. The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 52.

⁴¹O fato de Jesus permitir a adoração prova que Ele não negou Sua divindade (veja Mateus 4:10).

quem é Cristo e o que Ele fez por ele, tudo o que lhe resta fazer é adorá-IO!

OS CEGOS (vv. 39–41)

A história ainda não acabou. Jesus contrastou o mendigo fisicamente cego que veio a ter fé com os fariseus espiritualmente cegos que se recusaram a crer nEle. Ao passo que o homem progrediu em direção à Luz, os inimigos de Cristo se retraíram ainda mais em direção à escuridão.

Sugerimos anteriormente que o Senhor deve ter reencontrado o cego num local público. O nome de Jesus já estava em todas as bocas (João 7:12), e agora corria a notícia da expulsão do homem (João 9:35). As duas notórias personagens reunidas no mesmo local devem ter atraído uma multidão—que incluía os que procuravam tirar a vida de Jesus, os mesmos que expulsaram o mendigo pouco tempo atrás (v. 40).

Cristo virou-se para a multidão e disse: “Eu vim a este mundo para juízo” (v. 39a). A *razão* da Sua vinda ao mundo era salvar pecadores (João 3:17; 12:47; veja Lucas 19:10)⁴², mas um dos *resultados* da Sua vinda seria o juízo (João 5:22; 12:48). A luz não só ilumina; ela também expõe.

Jesus prosseguiu, apresentando a seguinte razão para Sua vinda: “...a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem se tornem cegos” (v. 39b). O Senhor estava usando um jogo de palavras, contrastando a cegueira física com a espiritual: Ele veio para que os fisicamente cegos vissem. Ao mesmo tempo, Ele veio para expor a cegueira espiritual dos que *se diziam* dotados de um discernimento espiritual especial.

Os fariseus, que a tudo ouviam, suspeitando que Jesus se referia a eles, perguntaram: “Acaso, também nós somos cegos?” (v. 40). Em outras palavras, estavam exclamando: “Com certeza, você não está falando de nós!” Jesus respondeu: “Se fôsseis cegos, não teríeis pecado algum; mas, porque agora dizeis: Nós vemos, subsiste o vosso pecado” (v. 41). Jesus insistia em Seu jogo de palavras. Ele estava dizendo àqueles líderes religiosos: “Se vocês fossem *fisicamente* cegos, isto não afetaria seu relacionamento com Deus; mas, enquanto se recusarem a admitir sua cegueira *espiritual*, não haverá esperança para vocês”.

Por mais terrível que seja a cegueira física, ela não traz conseqüências comparada à cegueira espiritual. Um dos requisitos para ser aprovado por

⁴²Ele poderia ter ficado no céu, sendo ainda nosso *Juiz*, mas Ele teve de vir a este mundo para ser nosso *Salvador*.

Deus é ter um coração sincero (Lucas 8:15). Precisamos amar a verdade (2 Tessalonicenses 2:10). Precisamos nos aproximar da Palavra com humildade (Tiago 1:21). Precisamos tomar cuidado para não distorcer as Escrituras por causa de nossos preconceitos (2 Pedro 3:16). Alguém disse: “Pior é aquele que não quer ver”.

CONCLUSÃO

O texto bíblico não relata o que aconteceu ao homem que passou a ver. Considerando as consequências de ser expulso da sinagoga, ele não deve ter tido uma vida fácil desde então—mas recordando sua tenacidade perante o ataque dos fariseus, meu palpite é que ele continuou sendo um discípulo dedicado.

Todavia, a história não foi contada para honrar o cego tanto quanto para ensinar os resultados trágicos de rejeitar Jesus, “a Luz do mundo”. Uma das lições mais surpreendentes é que podemos ser cegos espiritualmente sem sequer percebermos isso. João 9 é um capítulo que denuncia a necessidade de fazermos um auto-exame (veja 2 Coríntios 13:5).

Se você ainda não veio para “a Luz”, deixe-me encorajá-lo a fazer isto hoje⁴³. Imagine como você ficaria emocionado, se fosse cego e tivesse a visão recuperada! Ter visão espiritual é ainda mais emocionante!

Um oftalmologista chamado Jack Cooper ganhou renome por causa de sua cirurgia de olhos. Após a cirurgia, ele retira as faixas dos olhos de seu paciente num quarto escuro. Depois que os olhos do paciente se ajustam, ele abre as cortinas. Nesse momento, o indivíduo costuma exclamar: “Estou vendo a luz!” “Ainda não, você não está vendo”, diz o médico. Então, ele leva o paciente até seu consultório para que este leia um cartaz de teste de visão. É um cartaz diferente, contendo as palavras de João 3:16. O paciente lê: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”⁴⁴. Então, o Dr. Cooper diz: “Agora, sim, você está vendo a Luz”⁴⁵.

Você já viu a Luz? Um verso do hino “A Estranha Graça”⁴⁶ diz: “Eu cego estava, deu-me luz, perdido e me buscou!”. Você também pode passar a ver—se amar e obedecer ao Senhor!



⁴³Se quiser, explique os passos da conversão ao Senhor aos crentes arrependidos (Marcos 16:16; Atos 2:38) e a atitude que os cristãos infiéis devem ter para serem restaurados (Atos 8:22; Tiago 5:16).

⁴⁴Se quiser, faça um cartaz grande, como o da página seguinte.

⁴⁵Esta ilustração é de Rick Atchley, “O progresso de um peregrino”, sermão pregado na igreja de Cristo Southern Hills, em Abilene, Texas, 14 de novembro de 1982.

⁴⁶*Salmos, Hinos e Cânticos Espirituais*, n. 79, 1ª ed. São Paulo: Editora Vida Cristã, 1976.

Atribuição de Leitura nº. 22

Lucas 10:1–42; 11:1–13, 37–54;
12:1–12, 54; 13:1

Lucas 10:1–42

¹Depois disto, o Senhor designou outros setenta; e os enviou de dois em dois, para que o precedessem em cada cidade e lugar aonde ele estava para ir.

²E lhes fez a seguinte advertência: A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.

³Ide! Eis que eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos.

⁴Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias; e a ninguém saudeis pelo caminho.

⁵Ao entrardes numa casa, dizei antes de tudo: Paz seja nesta casa!

⁶Se houver ali um filho da paz, repousará sobre ele a vossa paz; se não houver, ela voltará sobre vós.

⁷Permaneei na mesma casa, comendo e bebendo do que eles tiverem; porque digno é o trabalhador do seu salário. Não andeis a mudar de casa em casa.

⁸Quando entrardes numa cidade e ali vos receberem, comei do que vos for oferecido.

⁹Curai os enfermos que nela houver e anunciai-lhes: A vós outros está próximo o reino de Deus.

¹⁰Quando, porém, entrardes numa cidade e não vos receberem, saí pelas ruas e clamai:

¹¹Até ao pó da vossa cidade, que se nos pegou aos pés, sacudimos contra vós outros. Não obstante, sabeis que está próximo o reino de Deus.

¹²Digo-vos que, naquele dia, haverá menos rigor para Sodoma do que para aquela cidade.

¹³Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom, se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido, assentadas em pano de saco e cinza.

¹⁴Contudo, no Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras.

¹⁵Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno.

¹⁶Quem vos der ouvidos ouve-me a mim; e quem vos rejeitar a mim me rejeita; quem, porém, me rejeitar rejeita aquele que me enviou.

¹⁷Então, regressaram os setenta, possuídos de alegria, dizendo: Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu nome!

¹⁸Mas ele lhes disse: Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago.

¹⁹Eis aí vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões e sobre todo o poder do inimigo, e nada, absolutamente, vos causará dano.

²⁰Não obstante, alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus.

²¹Naquela hora, exultou Jesus no Espírito Santo e exclamou: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado.

²²Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.

²³E, voltando-se para os seus discípulos, disse-lhes particularmente: Bem-aventurados os olhos que vêem as coisas que vós vedes.

²⁴Pois eu vos afirmo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvís e não o ouviram.

²⁵E eis que certo homem, intérprete da Lei, se levantou com o intuito de pôr Jesus à prova e disse-lhe: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

²⁶Então, Jesus lhe perguntou: Que está escrito na Lei?

Como interpretas?

²⁷A isto ele respondeu:

Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento;

e:

Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

²⁸Então, Jesus lhe disse: Respondeste corretamente; fazes isto e viverás.

²⁹Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: Quem é o meu próximo?

³⁰Jesus prosseguiu, dizendo: Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e veio a cair em mãos de salteadores, os quais, depois de tudo lhe roubarem e lhe causarem muitos

³¹Casualmente, descia um sacerdote por aquele mesmo caminho e, vendo-o, passou de largo.

³²Semelhantemente, um levita descia por aquele lugar e, vendo-o, também passou de largo.

³³Certo samaritano, que seguia o seu caminho, passou-lhe perto e, vendo-o, compadeceu-se dele.

³⁴E, chegando-se, pensou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho; e, colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele.

³⁵No dia seguinte, tirou dois denários e os entregou ao hospedeiro, dizendo: Cuida deste homem, e, se alguma coisa gastares a mais, eu to indenizarei quando voltar.

³⁶Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?

³⁷Respondeu-lhe o intérprete da Lei: O que usou de misericórdia para com ele. Então, lhe disse: Vai e procede tu de igual modo.

³⁸Indo eles de caminho, entrou Jesus num povoado. E certa mulher, chamada Marta, hospedou-o na sua casa.

³⁹Tinha ela uma irmã, chamada Maria, e esta quedava-se assentada aos pés do Senhor a ouvir-lhe os ensinamentos.

⁴⁰Marta agitava-se de um lado para outro, ocupada em muitos serviços. Então, se aproximou de Jesus e disse: Senhor, não te importas de que minha irmã tenha deixado que eu fique a servir sozinha? Ordena-lhe, pois, que venha ajudar-me.

⁴¹Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas.

⁴²Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada.ferimentos, retiraram-se, deixando-o semimorto.

Lucas 11:1–13

¹De uma feita, estava Jesus orando em certo lugar; quando terminou, um dos seus discípulos lhe pediu: Senhor, ensina-nos a orar como também João ensinou aos seus discípulos.

²Então, ele os ensinou: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu reino;

³o pão nosso cotidiano dá-nos de dia em dia;

⁴perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo o que nos deve; e não nos deixes cair em tentação.

⁵Disse-lhes ainda Jesus: Qual dentre vós, tendo um amigo, e este for procurá-lo à meia-noite e lhe disser: Amigo, empresta-me três pães,

⁶pois um meu amigo, chegando de viagem, procurou-me, e eu nada tenho que lhe oferecer.

⁷E o outro lhe responda lá de dentro, dizendo: Não me importunes; a porta já está fechada, e os meus filhos comigo também já estão deitados. Não posso levantar-me para tos dar;

⁸digo-vos que, se não se levantar para dar-lhos por ser seu amigo, todavia, o fará por causa da importunação e lhe dará tudo o de que tiver necessidade.

⁹Por isso, vos digo: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á.

¹⁰Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á.

¹¹Qual dentre vós é o pai que, se o filho lhe pedir [pão, lhe dará uma pedra? Ou se pedir] um peixe, lhe dará em lugar de peixe uma cobra?

¹²Ou, se lhe pedir um ovo lhe dará um escorpião?

¹³Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?

Lucas 11:37–54

³⁷Ao falar Jesus estas palavras, um fariseu o convidou para ir comer com ele; então, entrando, tomou lugar à mesa.

³⁸O fariseu, porém, admirou-se ao ver que Jesus não se lavara primeiro, antes de comer.

³⁹O Senhor, porém, lhe disse: Vós, fariseus, limpais o exterior do copo e do prato; mas o vosso interior está cheio de rapina e perversidade.

⁴⁰Insensatos! Quem fez o exterior não é o mesmo que fez o interior?

⁴¹Antes, dai esmola do que tiverdes, e tudo vos será limpo.

⁴²Mas ai de vós, fariseus! Porque dais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortaliças e desprezais a justiça e o amor de Deus; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas.

⁴³Ai de vós, fariseus! Porque gostais da primeira cadeira nas sinagogas e das saudações nas praças.

⁴⁴Ai de vós que sois como as sepulturas invisíveis, sobre as quais os homens passam sem o saber!

⁴⁵Então, respondendo um dos intérpretes da Lei, disse a Jesus: Mestre, dizendo estas coisas, também nos ofendes a nós outros!

⁴⁶Mas ele respondeu: Ai de vós também, intérpretes da Lei! Porque sobrecarregais os homens com fardos superiores às suas forças, mas vós mesmos nem com um dedo os tocais.

⁴⁷Ai de vós! Porque edificais os túmulos dos profetas que vossos pais assassinaram.

⁴⁸Assim, sois testemunhas e aprovais com cumplicidade as obras dos vossos pais; porque eles mataram os profetas, e vós lhes edificais os túmulos.

⁴⁹Por isso, também disse a sabedoria de Deus: Enviar-lhes-ei profetas e apóstolos, e a alguns deles matarão e a outros perseguirão,

⁵⁰para que desta geração se peçam contas do sangue dos profetas, derramado desde a fundação do mundo;

⁵¹desde o sangue de Abel até ao de Zacarias, que foi assassinado entre o altar e a casa de Deus. Sim, eu vos afirmo, contas serão pedidas a esta geração.

⁵²Ai de vós, intérpretes da Lei! Porque tomastes a chave da ciência; contudo, vós mesmos não entrastes e impedistes

que estavam entrando.

⁵³Saindo Jesus dali, passaram os escribas e fariseus a argüi-lo com veemência, procurando confundi-lo a respeito de muitos assuntos,

⁵⁴com o intuito de tirar das suas próprias palavras motivos para o acusar.

Lucas 12:1–12

¹Posto que miríades de pessoas se aglomeraram, a ponto de uns aos outros se atropelarem, passou Jesus a dizer, antes de tudo, aos seus discípulos: Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia.

²Nada há encoberto que não venha a ser revelado; e oculto que não venha a ser conhecido.

³Porque tudo o que dissestes às escuras será ouvido em plena luz; e o que dissestes aos ouvidos no interior da casa será proclamado dos eirados.

⁴Digo-vos, pois, amigos meus: não temais os que matam o corpo e, depois disso, nada mais podem fazer.

⁵Eu, porém, vos mostrarei a quem deveis temer: temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno. Sim, digo-vos, a esse deveis temer.

⁶Não se vendem cinco pardais por dois asses? Entretanto, nenhum deles está em esquecimento diante de Deus.

⁷Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais! Bem mais valeis do que muitos pardais.

⁸Digo-vos ainda: todo aquele que me confessar diante dos homens, também o Filho do Homem o confessará diante dos anjos de Deus;

⁹mas o que me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus.

¹⁰Todo aquele que proferir uma palavra contra o Filho do Homem, isso lhe será perdoado; mas, para o que blasfemar contra o Espírito Santo, não haverá perdão.

¹¹Quando vos levarem às sinagogas e perante os governadores e as autoridades, não vos preocupeis quanto ao modo por que respondereis, nem quanto às coisas que tiverdes de falar.

¹²Porque o Espírito Santo vos ensinará, naquela mesma

hora, as coisas que deveis dizer.

Lucas 12:54

⁵⁴Disse também às multidões: Quando vedes aparecer uma nuvem no poente, logo dizeis que vem chuva, e assim acontece;

Lucas 13:1

¹Naquela mesma ocasião, chegando alguns, falavam a Jesus a respeito dos galileus cujo sangue Pilatos misturara com os sacrifícios que os mesmos realizavam.

A Preocupação de um Pastor

Leitura Bíblica 22

VI. DA TERCEIRA PÁSCOA À CHEGADA DE JESUS A BETÂNIA (continuação).

N. O Ministério Posterior na Judéia.

1. Jesus e os setenta (Lucas 10:1–24).
2. Jesus e um escriba (a parábola do bom samaritano) (Lucas 10:25–37).
3. Jesus, Maria e Marta (Lucas 10:38–42).
4. Jesus e Seus discípulos (ensino sobre oração) (Lucas 11:1–13).
5. Jesus e um fariseu (Lucas 11:37–54).
6. Jesus e a multidão (veja Lucas 12:1, 13, 54; 13:1).
 - a. Ensino sobre hipocrisia (Lucas 12:1–12).

INTRODUÇÃO

O estudo do ministério posterior de Jesus na Judéia começa aqui. Este ministério teve aproximadamente dois meses e meio de duração, desde a Festa dos Tabernáculos até a Festa de Dedicção.

Não se sabe ao certo a cronologia deste período¹. Por exemplo, alguns estudiosos acreditam que Jesus enviou os setenta (Lucas 10:1) quando Ele chegou primeiramente à Judéia, antes de entrar em Jerusalém para a Festa dos Tabernáculos (João 7:14)². Outros estudiosos inserem os setenta entre João 8:59 e João 9:1³. Atendendo ao propósito desta série de estudos, analisamos primeiramente o material contido em João 7:14 a 10:21 e agora vamos analisar o que Lucas registrou a respeito da obra posterior de Jesus na Judéia⁴.

Esta seção das Escrituras, Lucas 10:1–12:12, mostra Cristo relacionando-se com uma variedade de ouvintes. Na lição passada, o Senhor identificou-Se como “o bom pastor” (João 10:11, 14). Nesta lição, veremos a preocupação do Bom Pastor com todas as pessoas.

PREOCUPAÇÃO COM AS MASSAS (LUCAS 10:1–24)

O grande ministério na Galiléia foi muito semelhante ao ministério posterior na Judéia, incluindo ensinamentos semelhantes. É de se esperar tal semelhança, pois o Senhor estava alcançando um novo grupo de pessoas. Durante o ministério na Galiléia, Cristo enviara os doze apóstolos com a chamada “comissão limitada” (Mateus 10:1–42). No texto desta lição, Ele organizou uma campanha semelhante na Judéia: “Depois disto, o Senhor designou outros setenta⁵; e os enviou de dois em dois, para que o precedessem em cada cidade e lugar aonde ele estava para ir” (Lucas 10:1)⁶.

Nós não sabemos quem eram esses homens, mas o Senhor sabe (v. 20)⁷. O fato de Cristo conseguir reunir setenta recrutas⁸ para esta tarefa é significativo. Na Galiléia, Sua popularidade atingiu picos e depois declinou. Muitos discípulos desertaram e já não andavam com Ele (João 6:66). Na Judéia, o interesse pelo Seu ministério reacendeu. Mais uma vez, multidões O cercavam (veja Lucas 12:1)⁹. Essa

⁵Alguns manuscritos antigos dizem setenta e dois (veja a NVI). O número exato não tem tanta relevância.

⁶Há muitas semelhanças entre essas duas campanhas de pregação e poucas diferenças. Uma diferença foi que o trabalho dos doze *concluiu* o ministério geral na Galiléia, enquanto a missão dos setenta foi *preparatória* para ao ministério do Senhor na Judéia.

⁷Segundo a tradição não-inspirada, os dois indicados posteriormente para a substituição de Judas (Atos 1:23) faziam parte dos setenta.

⁸Jesus parece ter recrutado discípulos em sua viagem para a Judéia (Lucas 9:57–62).

⁹Cristo já não se importava tanto com privacidade nem em restringir os que O ouviam. Ele caminhava resolutamente para o conflito final com as autoridades judaicas e a Sua morte.

¹Nas diversas harmonias, as variações relativas à duração deste período geral são tão grandes (ou maiores) que qualquer outra parte da vida de Jesus.

²Isto é improvável, pois, naquele momento, judeus fiéis estavam em Jerusalém para a festa.

³Alguns até acreditam que, por Lucas 10:13 e 15 mencionar cidades da Galiléia, o envio dos setenta deveria encaixar-se no grande ministério na Galiléia.

⁴Sem querer ser repetitivo, um lembrete: a cronologia não foi um fator relevante nos relatos do evangelho.

agitação atingiu o clímax com a entrada triunfal em Jerusalém (Mateus 21:1–11).

Preparativos (Lucas 10:1–16)

Os preparativos para a missão na Judéia foram praticamente os mesmos da missão na Galiléia: os obreiros foram enviados em duplas (Lucas 10:1; veja Marcos 6:7). Jesus deu-lhes poder para curar e expulsar demônios (Lucas 10:9, 17, 19; veja Mateus 10:8). A mensagem básica deles era que o reino de Deus estava próximo (Lucas 10:9; veja Mateus 10:7). As instruções relativas a conduta pessoal foram quase idênticas às instruções dadas aos doze¹⁰. Essas instruções poderiam ser sintetizadas desta forma: “A tarefa é urgente! Não deixem que nada os detenha! Confie no Senhor!”

Um Tempo Depois (Lucas 10:17–24)

Os setenta voltaram muito animados¹¹. Eles “regressaram... possuídos de alegria, dizendo: Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu nome!” (v. 17). Cristo comentou: “Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago” (v. 18). A referência a Satanás “cair do céu” não remonta à origem de Satanás, e sim ao declínio do seu poder por conta da obra de Jesus e de Seus discípulos. J. W. McGarvey escreveu o seguinte:

O sentido (“Eu *via*”) indica que as palavras referem-se às vitórias sobre os espíritos impuros relatadas pelos setenta. No sucesso deles Jesus viu Satanás caindo das maiores alturas com a rapidez de um relâmpago. A derrota de Satanás estava em andamento—João xvi 11; xii 31.¹²

Cristo dera aos setenta “autoridade para pisar serpentes e escorpiões” (Lucas 10:19). Ou seja, eles

tinham poder sobre as forças demoníacas¹³—mas Cristo disse: “Não obstante, alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e sim porque o vosso nome está arrolado nos céus” (v. 20). Tanto o Velho como o Novo Testamento falam do “livro da vida”, a lista dos fiéis a Deus (Salmos 69:28; Filipenses 4:3; Apocalipse 21:27)¹⁴. Nada é mais importante do que ter o próprio nome “arrolado nos céus”!

Este episódio encerrou-se com Jesus regozijando-se. Ele louvou a Deus por revelar a Sua vontade àqueles discípulos modestos (Lucas 10:21–24; veja Mateus 11:25–27; 13:17)¹⁵.

PREOCUPAÇÃO COM INDIVÍDUOS (LUCAS 10:25–37)

A missão dos setenta mostrou a preocupação de Cristo com as massas. O próximo incidente mostrará Sua compaixão por indivíduos.

Um dia, enquanto Jesus ensinava¹⁶, um doutor em lei levantou-se (v. 25a) a fim de chamar a atenção de Cristo e do restante da multidão. Esse homem era “um perito na lei” (v. 25a; NVI)—não na lei civil, mas na lei de Moisés¹⁷. Ele perguntou ao Senhor: “Mestre¹⁸, que farei para herdar a vida eterna?” (v. 25c). Não existe pergunta mais vital do que essa; infelizmente, o homem não estava interessado na salvação, mas almejava pôr Jesus “à prova” (v. 25b). O propósito dele era “pôr à prova os ensinamentos de Jesus”¹⁹.

O perito na lei deve ter levado um susto quando o Senhor devolveu-lhe a pergunta: “Que está escrito na Lei?²⁰ Como interpreta?” (v. 26). Sendo observado atentamente por todos, o doutor em lei pareceria um tolo se nada dissesse. “A isto ele respondeu:

¹³Por vezes, o Senhor protegeu Seus seguidores de criaturas literalmente venenosas (Marcos 16:18; Atos 28:3–6), mas neste contexto o sentido figurado é que está sendo usado.

¹⁴Veja uma exposição sobre o Livro da Vida na edição “Apocalipse—Parte 3”, de *A Verdade para Hoje*, p. 8.

¹⁵“Pequeninos” em Lucas 10:21 e Mateus 11:25 refere-se a discípulos com as qualidades de uma criança. (Veja uma exposição sobre ser como uma criança nas páginas 12 e 13 da edição anterior desta série.)

¹⁶O fato de Jesus referir-se à estrada de Jerusalém para Jericó no versículo 30 pode indicar que Ele estava ensinando nessa região em geral. Essa estrada passava por Betânia.

¹⁷Veja a exposição sobre escribas, ou intérpretes da Lei, na página 41 da edição “A Vida de Cristo—Parte 1”, desta série.

¹⁸Ao chamar Jesus de “Mestre”, o perito em lei estava simulando ter respeito por Cristo.

¹⁹A Bíblia Viva.

²⁰A lei de Moisés esteve em vigor até Jesus morrer (Colossenses 2:14, 16, 17). A resposta para essa pergunta é diferente para nós, que estamos deste lado da cruz.

¹⁰Compare as seguintes passagens:

Lucas 10:2/Mateus 9:37, 38; Lucas 10:3/Mateus 10:16;
Lucas 10:4/Mateus 10:11–13; Lucas 10:5–8/Mateus 10:11–13;
Lucas 10:9/Mateus 10:7, 8; Lucas 10:10, 11/Mateus 10:14;
Lucas 10:12/Mateus 10:15; Lucas 10:13–15/Mateus 11:20–24;
Lucas 10:16/Mateus 10:40.

Veja comentários sobre as passagens de Mateus em “O Perigo do Sucesso” e “O Rei e Seus Embaixadores”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 5”, desta série.

¹¹Use uma analogia que faça sentido aos seus ouvintes: “Tão empolgados quanto um time de garotos que acabaram de ganhar sua primeira partida de futebol”, ou algo semelhante.

¹²J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 473. Veja uma exposição geral da diminuição do poder de Satanás nas edições “Apocalipse—Parte 6” e “Apocalipse—Parte 9” de *A Verdade para Hoje*, pp 38–42 e 48–50, respectivamente.

Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (v. 27). Numa ocasião posterior, Jesus deu essa mesma resposta ao ser interrogado sobre “o maior mandamento da Lei” (Mateus 22:36; veja vv. 35–40)²¹. Tanto o perito na lei como Cristo citaram Deuterônimo 6:5 e Levítico 19:18.

Jesus disse ao homem: “Respondeste corretamente; *faze isto e viverás*” (v. 28; grifo meu). Via de regra, os intérpretes da Lei eram prolíficos na teoria e breves na prática. Uma coisa é saber, outra é fazer.

O diálogo não se desenvolveu como o perito planejara. Ele estava se enroscando na armadilha que ele mesmo armara para Jesus! Assumindo posição de defesa²², perguntou ele: “Quem é o meu próximo?” (v. 29). Esta pergunta propiciou uma das parábolas de Jesus mais conhecidas e apreciadas: a parábola do bom samaritano (vv. 30–37)²³. H. I. Hester disse: “Esta bela história... trazida à tona por um interlocutor insincero fez mais pela construção de hospitais e outras instituições [de caridade] do que quaisquer outras palavras já ditas”²⁴.

Depois de descrever um sacerdote e um levita que ignoraram um homem ferido e um samaritano²⁵ que o ajudou, Jesus perguntou: “Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?” (v. 36). O intérprete judeu não se permitiu dizer “o samaritano”. Ele respondeu: “O que usou de misericórdia para com ele” (v. 37a). A resposta para a pergunta: “Quem é o meu próximo?” era: “qualquer um que esteja em necessidade—até mesmo um inimigo desprezado”.

Jesus olhou nos olhos daquele homem e disse: “Vai e procede tu de igual modo” (v. 37b). O intérprete provavelmente saiu dali com o rosto enrubescido.

²¹Veja os comentários sobre “o maior mandamento” na edição “A Vida de Cristo—Parte 10”, desta série.

²²O texto diz que o intérprete queria justificar-se. A Bíblia Viva acrescenta “justificar (sua falta de amor por alguns tipos de pessoas)”.

²³Esta foi a primeira parábola de uma série contada durante este período da vida de Jesus; estas parábolas encontram-se em Lucas.

²⁴H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 167.

²⁵Tenhamos em mente quanto os judeus odiavam os samaritanos (João 4:9). Esta história se torna ainda mais extraordinária quando se leva em conta que, pouco tempo atrás, Cristo havia sido rejeitado pelos samaritanos (Lucas 9:52, 53).

PREOCUPAÇÃO COM SEUS AMIGOS (LUCAS 10:38–42)

Viajando Jesus e Seus discípulos pela Judéia, chegaram ao povoado de Betânia²⁶, localizado uns cinco quilômetros ao sudeste de Jerusalém, na encosta oriental do monte das Oliveiras. Três amigos de Jesus moravam ali: Lázaro e suas duas irmãs, Marta e Maria (vv. 38, 39; veja João 11:1, 2)²⁷.

Assim que Marta recebeu o Senhor em sua casa (v. 38), ela começou a preparar uma refeição (v. 40)²⁸. Enquanto ela estava ocupada, Maria sentou-se aos pés de Jesus “a ouvir-lhe os ensinamentos” (v. 39). Quando Marta reclamou da irmã não ajudá-la, Cristo disse: “Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa²⁹; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada” (vv. 41, 42).

Será que Jesus estava depreciando a hospitalidade, a preparação de uma refeição ou as tarefas domésticas? Não. Todas essas coisas são boas na hora e lugar devidos. Ele estava enfatizando a necessidade de estabelecermos *prioridades*. Um dos desafios da vida é escolher entre o que é bom e o que é o melhor. Quando ficarmos aflitos com coisas temporárias e transitórias, precisamos nos lembrar de que “pouco é necessário ou mesmo *uma* só coisa”.

PREOCUPAÇÃO COM SEUS DISCÍPULOS (LUCAS 11:1–13)

Mesmo empenhado em ajudar os outros, Jesus não deixou de instruir os apóstolos. Um dia, assim que o Mestre terminou uma sessão de oração, um dos discípulos pediu: “Senhor, ensina-nos a orar como também João ensinou aos seus discípulos”³⁰ (v. 1). Cristo repetiu primeiramente a oração modelo citada antes, no sermão do monte (vv. 2–4; compare com Mateus 6:9–13)³¹. A seguir, apresentou um ensi-

²⁶Lucas 10:38–42 não cita o nome da cidade, mas João 11:1 nos diz que Maria e Marta moravam em Betânia.

²⁷O texto diz que Marta “hospedou-o na *sua* casa”. Provavelmente ela era a mais velha dos três irmãos.

²⁸Veja um estudo detalhado sobre esta história na lição “Todo o mundo tem um dia ruim de vez em quando”, na edição “Conheça o Mestre, 2” de *A Verdade para Hoje*.

²⁹Alguns acreditam que “só uma coisa” signifique: “Só um *prato* seria suficiente, então, por que você se aflige preparando tanta comida?” Provavelmente, porém, as palavras do Senhor significavam que, embora muitas coisas sejam *boas*, só uma coisa é *essencial*: cuidar da alma.

³⁰Lucas 5:33 menciona que os discípulos de João oravam, mas não temos registro de quando ou o que João ensinou aos seus discípulos sobre oração. Entre os judeus era comum a prática do mestre ensinar seus discípulos a orar.

³¹O fato de as palavras serem diferentes nos dois relatos indica que o Senhor nunca pretendeu que recitássemos a

no geral sobre o valor da oração e a necessidade de persistirmos³². Muito do que Ele disse foi uma réplica do ensino anterior³³ com alguns novos acréscimos³⁴, incluindo a parábola do amigo inoportuno³⁵. Assim, Jesus continuou a preparar os doze para o tempo em que Ele partiria da terra.

PREOCUPAÇÃO COM SEUS INIMIGOS (LUCAS 11:37—12:12)

Convite (11:37, 38)

O próximo acontecimento³⁶ pode vir como uma surpresa. Enquanto os fariseus procuravam destruir Cristo (Mateus 12:14; Marcos 3:6), “um fariseu o convidou para ir comer com ele” (Lucas 11:37). Esse convite pode ter sido um gesto amistoso; alguns líderes judeus creram nele (João 12:42). Também é possível que o homem ainda não tivesse uma opinião formada sobre Jesus e desejasse conhecê-lo melhor. Todavia, o contexto indica que havia um motivo oculto no convite³⁷: “com o intuito de tirar das suas próprias palavras motivos para o acusar” (Lucas 11:54).

Este foi o segundo convite que o Senhor recebeu para ir a casa de um fariseu. Anteriormente, na Galiléia, Cristo comera com um fariseu (Lucas 7:36–50). Estudaremos um terceiro convite desse tipo em Lucas 14:1–24. Cada refeição dessas resultou em conflito entre o Senhor e Seu anfitrião. Isto nos leva a perguntar: “Por que Jesus aceitou esses convites?” Certamente, Ele não estava desesperado para filar uma bóia. Também rejeitamos a possibilidade de que Ele estava simplesmente procurando oportunidades para corrigir os fariseus. Sugerimos, então, que Cristo preocupava-se com os inimigos tanto quanto Ele se preocupava com os amigos (veja Mateus 5:44). Nada O deixava mais feliz do que a conversão dos adversários. As palavras severas que Ele

oração de cor. Veja mais sobre a oração modelo em “A Vida de Cristo—Parte 3”, p. 43 e no sermão “A Oração Modelo”, em “A Vida de Cristo—Parte 14”.

³²Veja um estudo detalhado deste trecho no sermão que vem a seguir.

³³Compare Lucas 11:9–13 com Mateus 7:7–11.

³⁴Lucas 11:12 é peculiar a Lucas. Também, ao referir-se aos dons de Deus concedidos aos Seus filhos, Mateus diz “dará boas coisas” onde Lucas diz “dará o Espírito Santo” (Mateus 7:11; Lucas 11:13).

³⁵Outro título para essa parábola seria “a parábola do anfitrião em apuros”.

³⁶Lucas inseriu duas outras histórias entre 11:13 e 11:37, as quais já estudamos. Veja as páginas 39 a 42 na edição “A Vida de Cristo—Parte 4”, desta série.

³⁷A reação do homem (Lucas 11:38), a resposta de Jesus (vv. 39–52) e o desfecho da história (vv. 53, 54) nos levariam a crer que o anfitrião tinha um motivo oculto.

proferiu sobre os fariseus foram ditas parcialmente para dissuadir os discípulos de disputar com eles. Também devemos pensar que as duras afirmações de Jesus foram ditas na esperança de que alguns dos Seus adversários fossem comovidos ao arrependimento.

Quando Jesus chegou à casa desse fariseu, Ele inclinou-Se à mesa sem realizar os rituais de purificação prescritos pela tradição. “O fariseu, porém, admirou-se ao ver que Jesus não se lavara primeiro, antes de comer” (v. 38)³⁸. O anfitrião pode ter ouvido que Jesus e Seus discípulos não se preocupavam com tais tradições (Mateus 15:1, 2), mas ainda assim ele ficou perplexo ao ver a cena em primeira mão.

Acusações (11:39–54)

Do ponto de vista dos fariseus, Jesus estava cerimonialmente impuro, mas o Senhor salientou que a pureza com a qual devemos realmente nos preocupar é a interna, e não a externa (Lucas 11:39, 40; veja Mateus 23:25, 26). Ele disse ao anfitrião: “Antes, daí esmola do que tiverdes, e tudo vos será limpo” (v. 41). Em outras palavras: “Se vocês dedicarem seu eu interior para beneficiar o próximo, isto garantirá que estarão ‘limpos’ tanto por dentro quanto por fora”.

Esta afirmação foi acompanhada de uma série de “ais” (vv. 42–44), que seriam posteriormente ampliados formulando uma rigorosa denúncia contra os escribas e fariseus (Mateus 23)³⁹. Outro convidado, um intérprete da Lei, sentiu-se ofendido: “Mestre, dizendo estas coisas, também nos ofendes a nós outros!” (Lucas 11:45).

Jesus respondeu dando continuidade aos ais e aplicando-os diretamente aos intérpretes (vv. 46–52): “Ai de vós, intérpretes da Lei! Porque tomastes a chave da ciência; contudo, vós mesmos não entrastes e impedistes os que estavam entrando” (v. 52). “A chave da ciência” era o Antigo Testamento. A interpretação correta dessa afirmação era a chave para compreender o Messias e Seu reino. Todavia, os chamados “peritos na lei” renegaram essa chave

³⁸Veja uma exposição geral sobre a tradicional lavagem cerimonial antes das refeições nas páginas 33 e 34 de “A Vida de Cristo—Parte 6”. A palavra grega traduzida por “lavara” em Lucas 11:38 é a forma verbal da palavra batismo (imersão). O fariseu ficou surpreso por Jesus não lavar seu corpo inteiro antes da refeição.

³⁹Compare as seguintes passagens:

Lucas 11:39–41/Mateus 23:25, 26; Lucas 11:42/Mateus 23:23;
Lucas 11:43/Mateus 23:6, 7; Lucas 11:44/Mateus 23: 27, 28;
Lucas 11:46/Mateus 23:4; Lucas 11:49–51/Mateus 23:34–36;
Lucas 11:52/Mateus 23:13.

Veja um estudo sobre esses “ais” no comentário de Mateus 23, na edição “A Vida de Cristo—Parte 10”, desta série.

pressupondo que o Messias estabeleceria um reino físico. Ao imporem suas falsas suposições, esses líderes impediram que seus alunos reconhecessem o Rei quando Ele veio⁴⁰.

As acusações de Jesus intensificaram o ódio de Seus inimigos. “Saindo Jesus dali, passaram os escribas e fariseus a argüi-lo com veemência, procurando confundi-lo a respeito de muitos assuntos, com o intuito de tirar das suas próprias palavras motivos para o acusar” (vv. 53, 54).

Denúncia (12:1–12)

O capítulo 12 de Lucas começa com as palavras: “Nesse meio tempo⁴¹...” (NVI), ou seja, durante os conflitos entre Jesus e os fariseus. Esses conflitos suscitaram o aumento da curiosidade do povo. Por isso o versículo 1 diz: “Posto que *miríades de pessoas se aglomeraram, a ponto de uns aos outros se atropelarem*, passou Jesus a dizer...” (grifo meu). Alguns dentre a multidão eram favoráveis a Jesus, enquanto outros opunham-se a Ele (veja 12:56).

Enquanto a multidão ouvia, Jesus proferiu uma variedade de mensagens. Ele começou com uma advertência relativa aos fariseus: “Passou Jesus a dizer, antes de tudo, aos seus discípulos: Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia” (v. 1b). Os fariseus eram peritos em ocultar suas iniquidades (11:39); mas, no fim, a iniquidade deles seria exposta (12:2). Jesus insistiu para que Seus ouvintes não temessem esses homens (v. 4), mas que fossem ousados ao proclamar a sua fé (vv. 3, 8), confiando que Deus estaria com eles (vv. 5–12)⁴².

⁴⁰Outra visão sobre Lucas 11:52 seria que os intérpretes fizeram o oposto do que Pedro fez: eles esconderam “a chave da ciência”, não deixando que as pessoas entrassem no reino, enquanto Pedro usou “as chaves do reino” (Mateus 16:19) e abriu as portas do reino/da igreja no dia de Pentecostes (Atos 2:14–41).

⁴¹A ERA e a ERC não traduzem literalmente a expressão contida no texto original. Outra possível tradução seria “sob tais circunstâncias”.

⁴²A maioria dos ensinamentos de Lucas 12:1–12 se repete em outras passagens. Compare os seguintes versículos:
Lucas 12:1/Mateus 16:6, Marcos 8:15;
Lucas 12:2–9/Mateus 10:26–33;
Lucas 12:8, 9/Marcos 8:38;

CONCLUSÃO

Na próxima lição, continuaremos analisando o ensino geral que Jesus proferiu ao responder as perguntas da multidão (Lucas 12:13–13:9). Esperamos que as preocupações do Senhor tenham sido entendidas nesta lição e que cada um de nós tenha sido motivado a demonstrar mais compaixão pelo próximo. Que saibamos “o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos” (Mateus 12:7a). “Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade” (Colossenses 3:12).



Lucas 12:10/Mateus 12:31, 32, Marcos 3:28–30;
Lucas 12:11, 12/Mateus 10:19, 20.

“Senhor, ensina-nos a orar”

Lucas

11:1-13,

Olhando de perto



Já me pediram para mostrar como se faz várias coisas—como dar aula e fazer uma pregação, como preparar recursos visuais, como escrever e até como organizar um arquivo de materiais para consulta—mas ninguém jamais me pediu: “Sr. Davi, ensine-me a orar”. Este pedido foi feito por um dos apóstolos de Cristo: “De uma feita, estava Jesus orando em certo lugar; quando terminou, um dos seus discípulos¹ lhe pediu: Senhor, ensina-nos a orar como também João ensinou aos seus discípulos” (Lucas 11:1).

Os apóstolos sabiam alguma coisa sobre oração. “Eles conheciam as orações que haviam memorizado na escola da sinagoga².” Estavam familiarizados com “as orações formais e imponentes dos rabinos, as [recitações] dos sacerdotes no Templo e as orações sonoras e eloqüentes dos fariseus³.” Havia, porém, algo de diferente nas orações e na vida de oração de Jesus. Eles O viram retirar-Se “para lugares solitários” para orar (Lucas 5:16). Viram-no subir “ao monte, a fim de orar sozinho” (Mateus 14:23) e passar “a noite orando a Deus” (Lucas 6:12). Em algumas manhãs, quando eles acordavam, Jesus já havia saído. E quando O encontravam, Ele geralmente estava prostrado em oração (veja Marcos 1:35–37a). Além disso, eles viam os benefícios da oração na vida do Senhor. Eles viram Jesus, após comunicar-Se com o Pai, desdobrar os joelhos revitalizado, com as forças e o vigor renovados. Os discípulos queriam aquilo para suas vidas também. Por isso pediram: “Senhor, ensina-nos a orar”.

A resposta de Jesus encontra-se nos versículos 2 a 13 do texto bíblico deste sermão. Ele não falou tudo para os apóstolos sobre oração, mas partilhou com eles verdades básicas necessárias a todos que desejam aperfeiçoar sua vida de oração.

¹O pedido veio de um discípulo; mas como ele disse “ensina-nos”, provavelmente ele falava em nome dos demais.

²John T. Carroll e James R. Carroll, *Preaching the Hard Sayings of Jesus* (“Pregando as Palavras Duras de Jesus”). Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1996, p. 120.

³F. V. McFatrige, *Lord, Teach Us to Pray* (“Senhor, Ensina-nos a Orar”). Nashville: Broadman Press, 1956, p. 1.

DEDIQUE-SE À ORAÇÃO (vv. 2–4)

Primeiramente, Jesus repetiu o que geralmente chamamos de “A Oração do Pai Nosso”:

Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; o pão nosso cotidiano dá-nos de dia em dia; perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo o que nos deve; e não nos deixes cair em tentação (vv. 2–4).

Uma designação mais exata poderia ser “A Oração dos Discípulos” ou “A Oração Modelo”. A versão mais ampla e melhor conhecida desta oração encontra-se no sermão do monte (Mateus 6:9–15)⁴. Podemos aprender muito sobre como nos aproximar de Deus com base neste exemplo de oração⁵.

Nós nos aproximamos de Deus reconhecendo-O como nosso *Pai*⁶: a oração começa com a palavra “Pai”.

Nós nos aproximamos de Deus reconhecendo-O como o *Ser Divino*: “santificado seja o teu nome”. “Santificar” é “tratar como santo”. O terceiro mandamento era: “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão” (Êxodo 20:7a). A primeira preocupação em cada oração deve ser honrar e glorificar a Deus.

Nós nos aproximamos de Deus reconhecendo-o como o *Soberano*: “venha o teu reino”. O reino de Deus consiste no Todo-Poderoso reinando nos corações e nas vidas das pessoas. Não podemos dizer “venha o teu reino” no mesmo sentido aplicado pelos discípulos enquanto viveram antes do Pentecostes, pois o reino, a igreja, já foi estabelecido⁷—mas ainda pre-

⁴Jesus repetiu verdades que já havia lhes ensinado antes. Talvez eles tivessem se esquecido de Sua instrução; talvez, vendo o poder das orações de Jesus, pensaram que houvesse algum “segredo” na oração que Ele ainda não havia revelado a eles. De qualquer maneira, assim como nós, eles precisavam ser lembrados das verdades ouvidas antes.

⁵Veja uma exposição mais abrangente sobre esta oração no sermão “A Oração Modelo”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 14”, desta série.

⁶Veja Romanos 8:15; Gálatas 4:6; 1 Pedro 1:17.

⁷Uma preocupação primordial naqueles dias era o estabelecimento do reino messiânico—isto aconteceu no primeiro Pentecostes após a ascensão de Jesus (Marcos 9:1; Atos 1:8; 2:1–4).

cisamos orar para que todas as pessoas em todas as partes do mundo coroem Deus Rei de suas vidas.

Nós nos aproximamos de Deus reconhecendo-o como nosso *Provedor*: “o pão nosso cotidiano dá-nos de dia em dia”. Temos de trabalhar para comer (veja 2 Tessalonicenses 3:10), mas ainda reconhecemos o Senhor como a Fonte de toda sorte de bênçãos (Tiago 1:17).

Nós nos aproximamos de Deus reconhecendo-O como *Juiz*, Aquele que tem o nosso destino em Suas mãos: “perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo o que nos deve”⁸. Duas coisas “destroem a felicidade e a utilidade de um cristão mais do que tudo: pecado não-confessado e não-perdoado e um espírito amargo, teimoso, incapaz de perdoar o próximo”⁹. A oração modelo trata de ambas.

Nós nos aproximamos de Deus reconhecendo-o como nosso *Protetor*: “não nos deixes cair em tentação”. Considerando que o próprio Deus “a ninguém tenta” (Tiago 1:13), o sentido desta súplica é: “Senhor, guarda-nos de toda tentação que nos sobrevenha” (veja Tiago 1:14, 15; 1 Coríntios 10:13). F. V. McFatrige usou esta analogia: “O perdão dos pecados é a cura para a picada da serpente; esta [parte da] oração procura nos manter longe do território infestado de serpentes”¹⁰.

A oração modelo abrange toda a vida: ela inclui as necessidades do *presente*: “o pão nosso cotidiano dá-nos de dia em dia”; inclui as transgressões do *passado*: “perdoa-nos os nossos pecados”, e inclui as tribulações do *futuro*: “não nos deixes cair em tentação”¹¹.

Poderíamos dizer muito mais sobre a oração modelo, mas uma conclusão importante a que podemos chegar ao estudá-la é: todos nós *precisamos* orar. O poeta inglês Alfred, Lord Tennyson escreveu: “Mais coisas são forjadas pela oração do que este mundo sonha”¹². O escritor cristão Richard Foster deu ao seu livro sobre oração o subtítulo *Em busca da Verdadeira Morada do Coração*¹³. Deus disse

⁸O contexto deixa claro que “deve” não se refere a uma dívida financeira, mas a uma dívida de pecado. A referência é a qualquer um que tenha pecado contra nós.

⁹McFatrige, p. 40.

¹⁰Ibid., p. 47.

¹¹Este é um resumo das palavras de William Barclay em *The Gospel of Luke* (“O Evangelho de Lucas”), ed. rev., The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 144.

¹²Extraído de Alfred, Lord Tennyson, “Morte D’Arthur”, *Great Poems of the English Language* (“Grandes Poemas da Língua Inglesa”), comp. Wallace Alvin Briggs. Nova York: Tudor, 1933, p. 795.

¹³Richard Foster, *Prayer: Finding the Heart’s True Home* (“Oração: Em Busca da Verdadeira Morada do Coração”).

a Jeremias: “Invoca-me, e te responderei” (Jeremias 33:3a). Jesus disse: “...tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis” (Mateus 21:22).

A primeira lição sobre oração pode ser resumida nestes termos: “Dedique-se à oração”. À primeira vista, este conselho pode lhe parecer estranho. A maioria das capacitações requer uma considerável instrução antes que se exerça a prática. Todavia, para aprender a orar, a primeira coisa que você precisa fazer é *começar* a orar. Aproxime-se de Deus. Leve a Deus *toda e qualquer* necessidade.

SEJA PERSISTENTE (vv. 5–8)

Com o intuito de incentivar os discípulos a orar, Jesus contou-lhes uma parábola com um toque de humor:

Qual dentre vós, tendo um amigo, e este for procurá-lo à meia-noite e lhe disser: Amigo, empresta-me três pães, pois um meu amigo, chegando de viagem, procurou-me, e eu nada tenho que lhe oferecer. É o outro lhe responda lá de dentro, dizendo: Não me importunes; a porta já está fechada, e os meus filhos comigo também já estão deitados. Não posso levantar-me para tos dar; digo-vos que, se não se levantar para dar-lhos por ser seu amigo, todavia, o fará por causa da importunação e lhe dará tudo o de que tiver necessidade (vv. 5–8).

Naqueles dias, a hospitalidade não era só uma gentileza social; era uma exigência prática e uma obrigação moral. As hospedarias eram escassas e distantes¹⁴. Se chegasse alguém—amigo ou desconhecido—sem ter onde ficar, esperava-se que o anfitrião providenciasse (generosamente) comida e hospedagem. Na parábola, um amigo chegou no meio da noite. Não sabemos por que ele chegou tão tarde. Talvez ele tenha calculado mal as horas; talvez tenha tido complicações no percurso; talvez tenha viajado à noite para evitar o calor do dia¹⁵. Por qualquer razão, ele chegou subitamente à meia-noite. Havia hospedagem disponível, mas nenhuma comida; o armário estava vazio.

Era uma situação potencialmente desconcertante. Não havia lojas nem supermercados funcionando vinte e quatro horas por dia. O que o anfitrião deveria fazer? Ele pensou: “Tenho um amigo que mora aqui perto. Vou pedir que ele me dê um pou-

São Francisco: Harper, 1992, citado em Carroll e Carroll, pp. 122, 127.

¹⁴Além disso, muitas hospedarias tinham uma reputação tão ruim que ninguém queria mandar um amigo para tais lugares.

¹⁵Os moradores de grandes centros urbanos poderiam acrescentar um toque de humor: “Talvez o trânsito estivesse ruim; talvez um pneu tivesse furado”.

co de pão”. Ele foi até a casa do amigo. A porta e as janelas estavam fechadas e trancadas com barras transversais¹⁶. Mas isso não deteve o homem; ele bateu à porta¹⁷.

Uma voz sonolenta veio de dentro da casa: “Quem é? O que você quer?”

O homem do lado de fora disse: “Amigo, empresta-me três pães, pois um meu amigo, chegando de viagem, procurou-me, e eu nada tenho que lhe oferecer” (vv. 5b, 6). Ele pediu três pães; um poderia ser para ele, um para o hóspede e “um a mais como prova de liberalidade”¹⁸.

A resposta foi uma manifestação de irritação: “Não me importunes; a porta já está fechada, e os meus filhos comigo também já estão deitados. Não posso levantar-me para tos dar” (v. 7). Muitas casas constituíam-se de um cômodo apenas. À noite, abriam-se esteiras no chão para a família dormir. Se o casal tivesse vários filhos, o chão ficava coberto de pessoas¹⁹. Imagine como seria levantar-se no escuro (não havia interruptores de luz), sair da cama quente (o fogo já teria apagado) e pisar em cima dos outros que dormiam, tateando no escuro, na tentativa de encontrar três pães! Agora você consegue entender por que o homem disse: “Vá embora!”?

Mas o pedinte não levaria um “não” como resposta. Jesus disse: “Digo-vos que, se não se levantar para dar-lhos por ser seu amigo, todavia, o fará *por causa da importunação* e lhe dará tudo o de que tiver necessidade” (v. 8; grifo meu). Podemos imaginar o diálogo trocado ali:

(Toc, toc, toc.)

“Eu disse para você ir embora! Levou uma hora para ajeitarmos as crianças. Se elas acordarem, eu não vou dormir *nada* esta noite!”

“Mas eu preciso dos pães!”

¹⁶As portas e as janelas ficavam abertas de dia e fechadas à noite—indicando que os moradores não queriam ser incomodados.

¹⁷Para acrescentar um tom dramático, bata no púlpito neste e em outros pontos da história. A parábola não menciona que ele bateu, mas a aplicação menciona (Lucas 11:9, 10). Bater à porta era a forma natural de chamar o dono da casa equivalente ao nosso bater palmas ou ao grito: “Oh, de casa!”

¹⁸J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 480.

¹⁹A maioria dos comentaristas também observa outros detalhes nessas casas, como uma área superior para a família dormir, mas esses detalhes parecem não acrescentar muito à história. Alguns comentaristas acrescentam que no frio, os animais eram abrigados dentro de casa à noite. *Isto* sim aumentaria a confusão se o homem tivesse de se levantar no escuro.

“Não!”

(Toc, toc, toc.)

“Pare! Se você continuar, vai acordar a minha esposa. E se isto acontecer, nós dois vamos estar em apuros. Quando minha esposa não está feliz; ninguém fica feliz!”

“Mas eu *preciso* dos pães!”

“Não!”

(Toc, toc, toc.)

“Está bem, está bem. Agora que você já acordou todo o mundo! Pare com essa pancadaria terrível, e verei o que posso fazer!”

A palavra traduzida por “importunação” no original grego significa literalmente “vergonha”. Pode referir-se ao fato do anfitrião sentir-se envergonhado se não providenciasse alimento para o hóspede. Certamente, ele “não teve vergonha” de persistir. Enquanto ele batia à porta, pode ser que toda a vizinhança tenha sido despertada. Luzes foram se acendendo, cães latiam, vozes enfurecidas mandavam que ele se calasse. É provável que o rosto dele já estivesse avermelhado. Apesar disso, ele *persistiu* até conseguir os pães.

Será que o propósito desta parábola é ensinar que Deus é um amigo relutante que precisa ser coagido a nos dar o que pedimos? Claro que não! Olhemos o versículo 13 que contém a última ilustração usada por Jesus nesta sessão de ensino sobre oração: “Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, *quanto mais* o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” (grifo meu). A mensagem da parábola poderia ser expressa desta forma: “Se um amigo relutante pode ser persuadido a atender um pedido por causa da nossa persistência, quanto mais nosso Pai celestial, que está pronto e disposto a nos abençoar, nos dará o que Lhe pedirmos se persistirmos!” Mais tarde, Jesus contou aos discípulos outra parábola com um enredo semelhante, prefaciada por estas palavras: “sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer” (Lucas 18:1). Certo irmão disse que o propósito da parábola “não era ensinar como vencer a relutância de Deus, e sim ensinar como recorrer à Sua boa vontade”²⁰.

Deus quer que levemos a *sério* os nossos pedidos. Ele não responde a orações indiferentes. São demasiadas as orações facilmente pronunciadas e rapidamente esquecidas. Antes que nossas orações

²⁰Chris Bullard, sermão “Como Ser um Intercessor”, pregado na igreja de Cristo em Overland Park, Kansas, no dia 13 de maio de 1985.

influenciem a Deus, elas precisam primeiro *nos* afetar. Elas precisam vir de dentro do coração!

SEJA PACIENTE (LUCAS 11:9, 10)

A ênfase na persistência continuou nas próximas palavras de Jesus: “Por isso, vos digo: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á” (vv. 9, 10). Podemos ver aqui uma ligação com a parábola: o anfitrião em apuros estava *buscando* pão para o amigo; ele *bateu* à porta do vizinho e *pediu* o suprimento necessário.

Uma lição que pode ser extraída destes versículos é que devemos pedir a Deus o que necessitamos. Tiago escreveu: “Nada tendes, porque não pedis” (Tiago 4:2c).

Os versículos também enfatizam que devemos *persistir* em nossos pedidos. No texto original, as palavras traduzidas por “pedi”, “buscai” e “batei” estão todas no tempo presente, indicando ação contínua. O versículo 9 significa literalmente: “*Continuem pedindo* e lhes será dado; *continuem buscando*, e encontrarão, e *continuem batendo* e a porta lhes será aberta”. Pensemos em Abraão, que persistiu em orar por Sodoma e Gomorra (Gênesis 18:22–32). Pensemos em Paulo, que persistiu em orar pelo seu espinho na carne (2 Coríntios 12:8). Pensemos em Cristo orando no jardim até o suor Lhe escorrer pela face como gotas de sangue (Lucas 22:44). Todos os três persistiram até suas orações serem respondidas.

A ordem dos verbos na sentença implica não só persistência, mas também intensidade crescente. Buscar é mais do que pedir, e bater envolve mais do que buscar. Nossas orações devem ser *fervorosas*. “Muito pode, por sua eficácia, a *súplica* do justo” (Tiago 5:16b; grifo meu). “*Súplica*” é uma oração fervorosa.

Por que devemos orar? Por que devemos persistir na oração? Por que nossas orações devem ser fervorosas como súplicas? Porque, segundo as palavras de Jesus, Deus responde a oração e há uma reação específica para cada ação: quem pediu recebeu, quem buscou achou e a quem bateu a porta se abriu. Esta verdade foi ilustrada na parábola do amigo inoportuno: o homem que pediu, buscou e bateu conseguiu os três pães de que tanto precisava.

Será que isto significa que Deus responde “sim” a todos os pedidos feitos por um filho Seu? Não. Cristo pediu que o “cálice” de sofrimento fosse retirado (Mateus 26:39), mas isto não aconteceu. Paulo pediu que seu “espinho” de sofrimento fosse retirado (2 Coríntios 12:7, 8), mas isto não aconteceu. A próxima seção do texto (Lucas 11:11–13) compa-

ra Deus com os pais terrenos. Um pai sempre diz “sim” para seus filhos?²¹ Não. Às vezes, a resposta é “não” ou “espere”. Podemos até dizer: “Não, mas eu tenho uma coisa melhor”. Todavia, se amamos nossos filhos, nós *sempre* respondemos seus pedidos—e esta é a idéia principal dos versículos 8 a 10: Deus *sempre* responderá nossas orações, se formos persistentes e pacientes.

SEJA POSITIVO (LUCAS 11:11–13)

Temos todos os motivos para nos mantermos positivos em relação às orações que proferimos. Esse fato é salientado nas palavras finais de Cristo:

Qual dentre vós é o pai que, se o filho lhe pedir [pão, lhe dará uma pedra? Ou se pedir] um peixe, lhe dará em lugar de peixe uma cobra? Ou, se lhe pedir um ovo lhe dará um escorpião? Ora, se vós, que sois maus²², sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem? (vv. 11–13).

Cena um. Um menino vai até o pai e pede um peixe. Naquela região, comiam-se peixes pequenos em conserva como petiscos²³. “Tudo bem”, diz o pai com um sorriso. A criança segura firme na mão do pai, e ele aparece com uma cobra contorcida! Isto seria assustador!

Cena dois. Um filho vai até o pai e pede um ovo. Provavelmente se tratava de um ovo cozido, perfeito para um garotinho pegar e comer sempre que estivesse com fome. “Com o maior prazer, meu filho”, diz o pai, puxando um pequeno cesto. “Enfie a mão e pegue”. Quando o menino enfia a mão no cesto, não encontra ovos—mas um escorpião agitando a cauda, pronto para atacar²⁴! Que horror!

Jesus disse que pais que se preocupam com os filhos não fazem brincadeiras de mal gosto com eles, nem tampouco nosso Pai celestial. “Ora, se vós, que

²¹Se quiser ilustre com exemplos: “E se eles pedirem para brincar numa avenida movimentada? E se pedirem para comer só bolo e sorvete?” Ou cite algum pedido de seus filhos que você não atendeu.

²²Todo ser humano (na idade da razão) já foi corrompido pelo pecado—seu próprio pecado (Romanos 3:23; 6:23).

²³Foi um peixe desse tipo que Jesus usou para alimentar os cinco mil. (Veja o comentário correspondente em “A Vida de Cristo—Parte 6”.)

²⁴Veja os comentários sobre escorpiões na edição “Apocalipse—Parte 5”, de *A Verdade para Hoje*, p. 17. Há quem sugira que os pais desta ilustração foram descritos como se estivessem *brincando* com os filhos, pois uma cobra pequena lembra um peixe e um escorpião enrolado pode fazer lembrar um ovo. Quando Jesus usou a ilustração antes, Ele acrescentou o pão e a pedra (Mateus 7:9). Uma pedra redonda e marrom poderia facilmente parecer um pão pequeno comum naquela época.

sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?" (v. 13). Anteriormente, quando o Senhor usou essa mesma analogia, Ele disse: "...quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará *boas coisas* aos que lhe pedirem" (Mateus 7:11b; grifo meu). Agora, meses depois, Ele mencionou especificamente um dos melhores presentes de Deus: o dom do Espírito Santo, que desceria sobre todos os que tivessem recebido o batismo em Seu nome (Atos 2:38). Leon Morris comentou o seguinte:

Lucas... vê o dom do Espírito como nosso bem maior. Não parece haver razão para entendermos isto como dons "carismáticos". A referência é à obra do Espírito na vida cristã em geral, como em Romanos 8.²⁵

Já observamos que Deus não responde todos os pedidos com um "sim", mas Ele realmente responde todas as orações dos Seus filhos. Quando Ele responde, Ele sempre dá "boas coisas". A preocupação primordial de Deus é o que é melhor para nós em longo prazo. Pode ser que não consideremos a resposta dEle boa no momento, mas, no fim, podemos confiar que "todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Romanos 8:28). Temos todos os motivos para sermos positivos enquanto oramos!

CONCLUSÃO

Era importante que os discípulos aprendessem a orar. Adiante deles estava o Getsêmani, os julgamentos de seu Mestre, Seu açoitamento, os escárnios da multidão sedenta por sangue, o horror da cruz e o silêncio sombrio do túmulo²⁶. Hoje, nós também enfrentamos tentações e tribulações. É igualmente importante que aprendamos a orar. Poderíamos falar muito mais sobre oração, mas as verdades de Lucas 11:1-13 devem ser suficientes para nos fazer começar a ser:

- Dedicados à oração: aprendemos fazendo.
- Persistentes: temos êxito perseverando.
- Pacientes: recebemos pedindo.
- Positivos: *seremos* abençoados orando.

Temos, porém, de entender que uma vida de oração saudável não começa enquanto não estivermos aptos a chamar Deus de "Pai" (Lucas 11:2). Você é um filho de Deus (Gálatas 3:26, 27)? Já "nasceu da água e do Espírito" (João 3:5; veja 1 Pedro 1:23; Atos 2:38)? Se você já é um filho de Deus, você tem permanecido perto do seu Pai? A única coisa que pode separar você de Deus é o pecado (Isaías 59:1, 2). Se você precisa ser batizado para lavar seus pecados (Atos 22:16), ou se você é um cristão infiel que precisa voltar para o Senhor (Gálatas 6:1; Atos 8:22; Tiago 5:16), não adie esta decisão. Volte agora!

²⁵Leon Morris, *Luke* ("Lucas"), ed. rev., Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, pp. 214-15. Veja uma breve exposição sobre o dom não-miraculoso do Espírito e o que o Espírito faz pelo cristão na edição "Atos, 5", de *A Verdade para Hoje*, pp. 47-48. Há que se fazer uma pergunta: "Por que pedir a Deus um dom que Ele prometeu a todos os que forem batizados?" Sempre é correto pedir a Deus o que Ele já prometeu. Por exemplo, embora Deus tenha prometido prover as necessidades da vida aos fiéis (Mateus 6:33), é correto pedirmos pelo pão de cada dia (Mateus 6:11). O ato de pedir imprime em nossas mentes a Fonte de todas as coisas boas.

²⁶Esta sentença foi adaptada de McFatrudge, p. 3.

Atribuição de Leitura nº. 23

Mateus 19:1, 2;
Marcos 10:1;
Lucas 12:13–59; 13:1–35;
João 10:22–42

Mateus 19:1,2

¹E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras, deixou a Galiléia e foi para o território da Judéia, além do Jordão.

²Seguiram-no muitas multidões, e curou-as ali.

Marcos 10:1

¹Levantando-se Jesus, foi dali para o território da Judéia, além do Jordão. E outra vez as multidões se reuniram junto a ele, e, de novo, ele as ensinava, segundo o seu costume.

Lucas 12:13–59

¹³Nesse ponto, um homem que estava no meio da multidão lhe falou: Mestre, ordena a meu irmão que reparta comigo a herança.

¹⁴Mas Jesus lhe respondeu: Homem, quem me constituiu juiz ou partidor entre vós?

¹⁵Então, lhes recomendou: Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avaréza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui.

¹⁶E lhes proferiu ainda uma parábola, dizendo: O campo de um homem rico produziu com abundância.

¹⁷E arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei, pois não tenho onde recolher os meus frutos?

¹⁸E disse: Farei isto: destruirei os meus celeiros, reconstruí-los-ei maiores e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens.

¹⁹Então, direi à minha alma: guarda em depósito muitos bens

para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te.

²⁰Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?

²¹Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus.

²²A seguir, dirigiu-se Jesus a seus discípulos, dizendo: Por isso, eu vos advirto: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer, nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir.

²³Porque a vida é mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes.

²⁴Observai os corvos, os quais não semeiam, nem ceifam, não têm despensa nem celeiros; todavia, Deus os sustenta. Quanto mais valeis do que as aves!

²⁵Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?

²⁶Se, portanto, nada podeis fazer quanto às coisas mínimas, por que andais ansiosos pelas outras?

²⁷Observai os lírios; eles não fiam, nem tecem. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.

²⁸Ora, se Deus veste assim a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada no forno, quanto mais tratando-se de vós, homens de pequena fé!

²⁹Não andeis, pois, a indagar o que haveis de comer ou beber e não vos entregueis a inquietações.

³⁰Porque os gentios de todo o mundo é que procuram estas coisas; mas vosso Pai sabe que necessitais delas.

³¹Buscai, antes de tudo, o seu reino, e estas coisas vos serão acrescentadas.

³²Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino.

³³Vendei os vossos bens e dai esmola; fazei para vós outros bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus, onde não chega o ladrão, nem a traça consome,

³⁴porque, onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

³⁵Cingido esteja o vosso corpo, e acesas, as vossas candeias.

³⁶Sede vós semelhantes a homens que esperam pelo seu senhor, ao voltar ele das festas de casamento; para que, quando vier e bater à porta, logo lha abram.

³⁷Bem-aventurados aqueles servos a quem o senhor, quando vier, os encontre vigilantes; em verdade vos afirmo que ele há de cingir-se, dar-lhes lugar à mesa e, aproximando-se, os servirá.

³⁸Quer ele venha na segunda vigília, quer na terceira, bem-aventurados serão eles, se assim os achar.

³⁹Sabei, porém, isto: se o pai de família soubesse a que hora havia de vir o ladrão, [vigiar e] não deixaria arrombar a sua casa.

⁴⁰Ficai também vós apercebidos, porque, à hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá.

⁴¹Então, Pedro perguntou: Senhor, proferes esta parábola para nós ou também para todos?

⁴²Disse o Senhor: Quem é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor confiará os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo?

⁴³Bem-aventurado aquele servo a quem seu senhor, quando vier, achar fazendo assim.

⁴⁴Verdadeiramente, vos digo que lhe confiará todos os seus bens.

⁴⁵Mas, se aquele servo disser consigo mesmo: Meu senhor tarda em vir, e passar a espancar os criados e as criadas, a comer, a beber e a embriagar-se,

⁴⁶virá o senhor daquele servo, em dia em que não o espera e em hora que não sabe, e castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os infiéis.

⁴⁷Aquele servo, porém, que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade será punido com muitos açoites.

⁴⁸Aquele, porém, que não soube a vontade do seu senhor e fez coisas dignas de reprovação levará poucos açoites. Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão.

⁴⁹Eu vim para lançar fogo sobre a terra e bem quisera que já estivesse a arder.

⁵⁰Tenho, porém, um batismo com o qual hei de ser

batizado; e quanto me angustio até que o mesmo se realize!

⁵¹Supondes que vim para dar paz à terra? Não, eu vo-lo afirmo; antes, divisão.

⁵²Porque, daqui em diante, estarão cinco divididos numa casa: três contra dois, e dois contra três.

⁵³Estarão divididos: pai contra filho, filho contra pai; mãe contra filha, filha contra mãe; sogra contra nora, e nora contra sogra.

⁵⁴Disse também às multidões: Quando vedes aparecer uma nuvem no poente, logo dizeis que vem chuva, e assim acontece;

⁵⁵e, quando vedes soprar o vento sul, dizeis que haverá calor, e assim acontece.

⁵⁶Hipócritas, sabeis interpretar o aspecto da terra e do céu e, entretanto, não sabeis discernir esta época?

⁵⁷E por que não julgais também por vós mesmos o que é justo?

⁵⁸Quando fores com o teu adversário ao magistrado, esforça-te para te livrares desse adversário no caminho; para que não suceda que ele te arraste ao juiz, o juiz te entregue ao meirinho e o meirinho te recolha à prisão.

⁵⁹Digo-te que não sairás dali enquanto não pagares o último centavo.

Lucas 13:1–35

¹Naquela mesma ocasião, chegando alguns, falavam a Jesus a respeito dos galileus cujo sangue Pilatos misturara com os sacrifícios que os mesmos realizavam.

²Ele, porém, lhes disse: Pensais que esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus, por terem padecido estas coisas?

³Não eram, eu vo-lo afirmo; se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis.

⁴Ou cuidais que aqueles dezoito sobre os quais desabou a torre de Siloé e os matou eram mais culpados que todos os outros habitantes de Jerusalém?

⁵Não eram, eu vo-lo afirmo; mas, se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis.

⁶Então, Jesus proferiu a seguinte parábola: Certo homem

tinha uma figueira plantada na sua vinha e, vindo procurar fruto nela, não achou.

⁷Pelo que disse ao viticultor: Há três anos venho procurar fruto nesta figueira e não acho; podes cortá-la; para que está ela ainda ocupando inutilmente a terra?

⁸Ele, porém, respondeu: Senhor, deixa-a ainda este ano, até que eu escave ao redor dela e lhe ponha estrume.

⁹Se vier a dar fruto, bem está; se não, mandarás cortá-la.

¹⁰Ora, ensinava Jesus no sábado numa das sinagogas.

¹¹E veio ali uma mulher possessa de um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; andava ela encurvada, sem de modo algum poder endireitar-se.

¹²Vendo-a Jesus, chamou-a e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade;

¹³e, impondo-lhe as mãos, ela imediatamente se endireitou e dava glória a Deus.

¹⁴O chefe da sinagoga, indignado de ver que Jesus curava no sábado, disse à multidão: Seis dias há em que se deve trabalhar; vinde, pois, nesses dias para serdes curados e não no sábado.

¹⁵Disse-lhe, porém, o Senhor: Hipócritas, cada um de vós não desprende da manjedoura, no sábado, o seu boi ou o seu jumento, para levá-lo a beber?

¹⁶Por que motivo não se devia livrar deste cativo, em dia de sábado, esta filha de Abraão, a quem Satanás trazia presa há dezoito anos?

¹⁷Tendo ele dito estas palavras, todos os seus adversários se envergonharam. Entretanto, o povo se alegrava por todos os gloriosos feitos que Jesus realizava.

¹⁸E dizia: A que é semelhante o reino de Deus, e a que o compararei?

¹⁹É semelhante a um grão de mostarda que um homem plantou na sua horta; e cresceu e fez-se árvore; e as aves do céu aninharam-se nos seus ramos.

²⁰Disse mais: A que compararei o reino de Deus?

²¹É semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado.

²²Passava Jesus por cidades e aldeias, ensinando e caminhando para Jerusalém.

²³E alguém lhe perguntou: Senhor, são poucos os que são salvos?

²⁴Respondeu-lhes: Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão.

²⁵Quando o dono da casa se tiver levantado e fechado a porta, e vós, do lado de fora, começardes a bater, dizendo: Senhor, abre-nos a porta, ele vos responderá: Não sei donde sois.

²⁶Então, direis: Comíamos e bebíamos na tua presença, e ensinavas em nossas ruas.

²⁷Mas ele vos dirá: Não sei donde vós sois; apartai-vos de mim, vós todos os que praticais iniquidades.

²⁸Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes, no reino de Deus, Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas, mas vós, lançados fora.

²⁹Muitos virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul e tomarão lugares à mesa no reino de Deus.

³⁰Contudo, há últimos que virão a ser primeiros, e primeiros que serão últimos.

³¹Naquela mesma hora, alguns fariseus vieram para dizer-lhe: Retira-te e vai-te daqui, porque Herodes quer matar-te.

³²Ele, porém, lhes respondeu: Ide dizer a essa raposa que, hoje e amanhã, expulso demônios e curo enfermos e, no terceiro dia, terminarei.

³³Importa, contudo, caminhar hoje, amanhã e depois, porque não se espera que um profeta morra fora de Jerusalém.

³⁴Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir teus filhos como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas, e vós não o quisestes!

³⁵Eis que a vossa casa vos ficará deserta. E em verdade vos digo que não mais me vereis até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!

João 10:22–42

²²Celebrava-se em Jerusalém a Festa da Dedicção. Era inverno.

²³Jesus passeava no templo, no Pórtico de Salomão.

²⁴Rodearam-no, pois, os judeus e o interpelaram: Até

quando nos deixarás a mente em suspenso? Se tu és o Cristo, dize-o francamente.

²⁵Respondeu-lhes Jesus: Já vo-lo disse, e não credes. As obras que eu faço em nome de meu Pai testificam a meu respeito.

²⁶Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas.

²⁷As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem.

²⁸Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão.

²⁹Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatá-lo.

³⁰Eu e o Pai somos um.

³¹Novamente, pegaram os judeus em pedras para lhe atirar.

³²Disse-lhes Jesus: Tenho-vos mostrado muitas obras boas da parte do Pai; por qual delas me apedreiais?

³³Responderam-lhe os judeus: Não é por obra boa que te apedreiamos, e sim por causa da blasfêmia, pois, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo.

³⁴Replicou-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: sois deuses?

³⁵Se ele chamou deuses àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus, e a Escritura não pode falhar,

³⁶então, daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, dizeis: Tu blasfemas; porque declarei: sou Filho de Deus?

³⁷Se não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis;

³⁸mas, se faço, e não me credes, crede nas obras; para que possais saber e compreender que o Pai está em mim, e eu estou no Pai.

³⁹Nesse ponto, procuravam, outra vez, prendê-lo; mas ele se livrou das suas mãos.

⁴⁰Novamente, se retirou para além do Jordão, para o lugar onde João batizava no princípio; e ali permaneceu.

⁴¹E iam muitos ter com ele e diziam: Realmente, João não fez nenhum sinal, porém tudo quanto disse a respeito deste era verdade.

⁴²E muitos ali creram nele.

toda e qualquer avareza; porque a vida³ de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (v. 15). A palavra grega traduzida por “avareza” ou “cobiça” significa “um desejo de possuir mais” e é “sempre [usada] num sentido ruim” no Novo Testamento⁴. Muitas pessoas têm um desejo desordenado de possuir mais, um desejo que nunca é saciado e concentra-se em si mesmo e não nos outros. A Bíblia chama isto de “avareza” e condena fortemente essa atitude (Efésios 4:19; Colossenses 3:5; veja 1 Coríntios 5:11).

Uma Parábola (vv. 16–21)

Cristo contou uma parábola sobre um fazendeiro rico que pensava que sua vida de fato “consistia na abundância dos bens” que ele possuía (v. 15). Deus disse que o homem era “louco”⁵ (v. 20).

Uma Perspectiva (vv. 22–34)

Após a parábola do rico louco, Jesus deu instruções de como desenvolver uma perspectiva adequada sobre a vida. Grande parte dessas instruções foi dada anteriormente no sermão do monte⁶, mas há alguns detalhes novos. Por exemplo, quando Cristo incitou Seus discípulos a buscar o reino (v. 31; compare com Mateus 6:33), Ele garantiu-lhes que Deus lhes *daria* o reino (v. 32)⁷.

Jesus também havia dito no sermão do monte: “Mas ajuntai para vós outros tesouros no céu” (Mateus 6:20a). Agora Ele dizia como eles poderiam ter uma “poupança no céu”: “Vendei os vossos bens e dai esmola; fazei para vós outros bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus, onde não chega

o ladrão, nem a traça consome” (v. 33)⁸. Como seria se você morasse numa casa com piso frio e úmido, e um amigo entrasse e visse mercadorias perecíveis em cima daquele chão: rolos de tecido fino, móveis caros e antigos e itens semelhantes? Se ele sugerisse que você mudasse esses itens para o andar de cima, para um ambiente mais seco, ele não estaria lhe fazendo um favor?⁹ Jesus estava dizendo: “Se você quer preservar seus tesouros, guarde-os *lá em cima*”.

Um mundo obcecado pelo acúmulo crescente de *coisas* precisa desesperadamente das lições de Lucas 12:13–34. Cada um de nós precisa ouvir as palavras de Jesus muitas e muitas vezes: “A vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui”. Vamos refletir nisto: não se mede o sucesso ou o fracasso de um homem pela quantidade de bens que ele conseguiu acumular. “A base para o inventário da vida de um homem não é a mesma base do seu ramo de negócios¹⁰.” Existe uma diferença entre o que um homem *tem* e o que ele *é*.

ENSINO VELHO E ENSINO NOVO SOBRE PRONTIDÃO (LUCAS 12:35–48)

Estímulo à Prontidão (vv. 35–40)

Cristo deu continuidade ao Seu ensino sobre “tesouros no céu” estimulando os discípulos a estarem prontos para Sua volta, quando iriam para aquela morada celestial: “Ficai também vós apercebidos, porque, à hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá” (v. 40)¹¹.

Jesus usou uma série de ilustrações com o intuito de reforçar a importância de estarmos sempre preparados. Alguns comentaristas vêem aqui quatro parábolas diferenciadas¹²: a parábola dos servos vigilantes (vv. 36–38), a parábola do ladrão noturno (v. 39)¹³, a parábola do mordomo fiel (vv. 42–46) e a

³“Enquanto nós temos só uma palavra para ‘vida’, o grego é mais rico possuindo duas—uma [*bios*] para expressar a vida *que vivemos*, e outra [*zoa*] para expressar a vida *pela qual vivemos*; e é sobre esta que Jesus Cristo está falando aqui” (Richard C. Trench, *Notes on the Parables of Our Lord* [“Notas sobre as Parábolas do nosso Senhor”]. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1953, p. 338; grifo dele).

⁴W. E. Vine, “*pleonexia*”, *The Expanded Vine’s Expository Dictionary of New Testament Words* (“Dicionário Expositivo Vine de Palavras do Novo Testamento Ampliado”), ed. John R. Kohlenberger III com James A. Swanson. Minneapolis: Bethany House Publishers, 1984, p. 245.

⁵Veja um comentário sobre essa parábola no sermão após esta lição.

⁶Lucas registrou boa parte do ensino do sermão do monte em Lucas 6, mas parte do ensino ele só registrou em ocasiões posteriores, quando o Senhor repetiu as idéias básicas. Compare Lucas 12:22–31 com Mateus 6:25–34, e Lucas 12:33, 34 com Mateus 6:10–21.

⁷Deus de fato deu-lhes o reino; Ele estabeleceu o reino/ a igreja no primeiro Pentecostes após a ascensão de Cristo (Atos 2).

⁸Veja também 1 Timóteo 6:17–19. Mais tarde, Jesus faria esse desafio ao jovem rico (veja Mateus 19:21). Veja mais sobre isto nos comentários sobre o jovem rico na edição “A Vida de Cristo—Parte 9”, desta série.

⁹Esta ilustração foi adaptada de Agostinho por Trench, p. 341.

¹⁰Neil R. Lightfoot, *The Parables of Jesus*, Part 1 (“As Parábolas de Jesus”, Parte 1). Austin, Tex.: R. B. Sweet Co., 1963, p. 74.

¹¹Esta declaração é considerada a segunda referência clara à segunda vinda do Senhor. A primeira foi em Mateus 16:27. (Veja a página 50 de “A Vida de Cristo—Parte 6”.)

¹²Jesus não usou a palavra “parábola”, mas Pedro usou (Lucas 12:41). Tenhamos em mente que o Novo Testamento às vezes usa a palavra “parábola” para aquilo que geralmente denominamos ilustração.

¹³Jesus repetiu a ilustração do ladrão que chega sem avisar em Mateus 24:43. Esta ilustração deveria emudecer para sempre os que tentam determinar a hora da segunda vinda de Cristo.

parábola do servo informado e do servo ignorante (vv. 47, 48).

A primeira parábola enfatizou que uma das exigências aos servos é que estejam prontos para a volta do seu senhor, independentemente de quando isso aconteça¹⁴. Na ilustração, Jesus disse: “Bem-aventurados aqueles servos a quem o senhor, quando vier, os encontre vigiando; em verdade vos afirmo que ele há de cingir-se, dar-lhes lugar à mesa e, aproximando-se, os servirá” (v. 37). Os ouvintes de Cristo devem ter tido dificuldade para imaginar um senhor de escravos vestindo um avental de garçom e servindo comida aos seus escravos—mas isto reflete a maravilhosa verdade de que Deus recompensará pessoalmente os que O servem fielmente (veja Mateus 25:21; João 14:1–3; Apocalipse 21:4).

Ênfase na Responsabilidade (vv. 41–48)

Pedro questionou se o ensino de Jesus sobre os servos continha uma aplicação geral ou destinava-se primeiramente a ele e aos demais apóstolos (v. 41). Cristo respondeu com uma outra ilustração sobre servos¹⁵. Ele falou de um senhor que iria ausentar-se e confiou a um mordomo “os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo” (v. 42). Jesus disse que se o mordomo estivesse cumprindo fielmente sua incumbência quando o senhor voltasse, ele seria recompensado (vv. 43, 44). Por outro lado, se o mordomo abusasse de sua autoridade, seria severamente castigado (vv. 45, 46¹⁶). Seria difícil ler esta passagem sem fazer uma aplicação aos escribas e fariseus, que haviam assumido a responsabilidade pelo povo de Deus (veja Mateus 23:2), mas não estavam sendo fiéis a esse dever (veja Mateus 9:36; João 10:12).

Cristo então acrescentou: “Aquele servo, porém, que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade será punido com muitos açoites. Aquele, porém, que não soube a vontade do seu senhor e fez coisas dignas de reprovação levará poucos açoites” (vv. 47, 48a).

¹⁴A referência a lâmpadas e a uma festa de casamento nos remete a uma parábola posterior, cuja mensagem é basicamente a mesma (Mateus 25:1–13).

¹⁵O Senhor usou esta ilustração novamente durante a última semana de Seu ministério terreno (veja Mateus 24:45–51).

¹⁶O texto original de Lucas 12:46 diz literalmente que o senhor “partiria [o mordomo infiel] em pedaços”, mas o sentido aqui não é que o corpo do homem seria esquarterado. (A próxima parte do versículo diz que ele seria punido com muitos açoites, o que não seria possível se ele estivesse esquarterado.) A referência provavelmente é ao açoitamento severo que ele receberia (veja v. 47).

O propósito de Jesus em dizer essas palavras não foi anunciar um novo ensino relativo aos níveis de castigo no inferno¹⁷. Ao contrário disso, Jesus estava enfatizando que *privilégios* trazem *responsabilidades*. Ele disse: “Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão” (v. 48b). Quanto maior o privilégio, maior a responsabilidade (veja Tiago 3:1).

A resposta de Cristo à pergunta de Pedro sobre aquele ensino ter ou não uma aplicação geral (Lucas 12:41) foi, com efeito: “As *duas* coisas”. A parábola tinha uma aplicação *geral* a qualquer pessoa a quem o Senhor confiou deveres especiais. A Bíblia Viva traduz essa resposta nos seguintes termos: “Estou falando a *qualquer* homem fiel e ajuizado, cujo patrão lhe dá a responsabilidade...” (v. 42; grifo meu). Se, contudo, Pedro e os demais apóstolos possuíam algum discernimento, notaram que as parábolas tinham uma aplicação *especial* para eles. O Senhor estava dando “muito” e “muito” lhes seria exigido. Você e eu também precisamos reconhecer que Lucas 12:47 e 48 tem algo a *nos* dizer: Deus não nos tem dado muito?¹⁸ Sendo assim, muito nos será exigido! “Quem tem ouvidos, ouça” (Apocalipse 2:7a).

ENSINO NOVO E ENSINO VELHO SOBRE REJEIÇÃO (LUCAS 12:49–59)

A Rejeição Destrói a Paz (vv. 49–53)

Quando Jesus falou da Sua vinda (12:40), parece que Ele tinha em mente os inúmeros acontecimentos que precederiam esse dia, incluindo a Sua morte: “Eu vim para lançar fogo sobre a terra e bem quisera que já estivesse a arder. Tenho, porém, um batismo com o qual hei de ser batizado; e quanto me angustio até que o mesmo se realize!” (vv. 49, 50). “Batismo” referia-se ao Seu batismo de sofrimento¹⁹. Cristo desejava que a provação da cruz já tivesse passado. A. T. Robertson escreveu: “Esta ir-

¹⁷Se as palavras de Lucas 12:47 e 48 forem interpretadas além do que o Senhor pretendeu originalmente, poderemos chegar à conclusão de que a *ignorância* tem algum valor, o que não é verdade (João 8:32; veja Atos 17:30).

¹⁸Se quiser, enumere algumas bênçãos salientando que juntamente com elas vêm responsabilidades. O fato do Senhor ter considerado apropriado que você recebesse esta lição impõe uma responsabilidade adicional sobre você.

¹⁹Veja Marcos 10:38, 39. A palavra “batismo” significa literalmente “imersão”. (Veja a página 31 de “A Vida de Cristo—Parte 2”.) Usada metaforicamente, a palavra “batismo” pode se referir a ser tomado, envolto. Na cruz, o Senhor foi *imerso* em sofrimento.

rupção... nos ajuda a perceber de relance o vulcão de emoções contidas no coração do Salvador”²⁰.

“Lançar fogo sobre a terra” era uma referência às conseqüências inflamáveis do Seu ministério. Jesus prosseguiu: “Supondes que vim para dar paz à terra? Não, eu vo-lo afirmo; antes, divisão” (v. 51; veja Mateus 10:34). Não devemos entender mal o que Cristo disse. Ele desejava a paz, e não a divisão. Ele incitou os discípulos a terem “paz uns com os outros” (Marcos 9:50). Todo seguidor do Senhor é instruído a seguir “a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12:14)²¹. Ao mesmo tempo, Ele sabia que alguns O aceitariam e outros O rejeitariam—e que isso causaria divisão.

Porque, daqui em diante, estarão cinco divididos numa casa: três contra dois, e dois contra três. Estarão divididos: pai contra filho, filho contra pai; mãe contra filha, filha contra mãe; sogra contra nora, e nora contra sogra (Lucas 12:52, 53; veja Mateus 10:35, 36).²²

Alguns cristãos entendem a passagem acima melhor do que nós. Sempre que acontece tal divisão, o coração do Senhor se parte ao meio.

A Rejeição Destrói a Percepção (vv. 54–59)

Muitos que ouviam Cristo já O haviam rejeitado (v. 56). Ele disse que estes eram culpados de julgamento equivocado (v. 57). Jesus acusou-os de serem incapazes de interpretar os sinais—como Seus milagres, Sua vida e Seus ensinamentos—que provavam ser Ele o Messias (vv. 54–56; veja Mateus 16:2, 3). Talvez recordando-Se do homem que Lhe pedira para julgar um caso de herança, Jesus disse que eles precisavam ter paz uns com os outros (vv. 58, 59; compare com Mateus 5:25, 26). Quando um homem rejeita o Senhor, seu processo de raciocínio é afetado.

ENSINO VELHO E ENSINO NOVO SOBRE ARREPENDIMENTO (LUCAS 13:1–9)

Arrependam-se ou Perecerão (vv. 1–5)

Enquanto dava continuidade ao ensino (v. 1a), Jesus foi novamente interrompido—por um rela-

²⁰A. T. Robertson, *Epochs in the Life of Jesus* (“Épocas na Vida de Jesus”). (London: Hodder and Stoughton, s.d.), p. 127; citado em Robert Duncan Culver, *The Life of Christ* (“A Vida de Cristo”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1976, p. 179.

²¹Veja mais sobre o esforço para ter paz com todos em Mateus 5:9; Romanos 12:18; 14:19; 1 Tessalonicenses 5:13; Tiago 3:17; 1 Pedro 3:11.

²²Veja mais sobre esse tipo de conflito na página 50 da edição “A Vida de Cristo—Parte 4”, desta série.

to sobre o grupo de “galileus cujo sangue Pilatos misturara com os sacrifícios que os mesmos realizavam” (v. 1b)²³. Cristo transformou a interrupção numa oportunidade para ensinar sobre arrependimento:

Pensais que esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus, por terem padecido estas coisas? Não eram, eu vo-lo afirmo; se, porém, não vos arrependeirdes, todos igualmente perecereis. Ou cuidais que aqueles dezoito sobre os quais desabou a torre de Siloé²⁴ e os matou eram mais culpados que todos os outros habitantes de Jerusalém? Não eram, eu vo-lo afirmo; mas, se não vos arrependeirdes, todos igualmente perecereis (vv. 2–5).

Os registros históricos não lançam nenhuma luz sobre qualquer uma das tragédias acima mencionadas. Quem quer que fossem as vítimas, os judeus concluíram que elas deveriam ser culpadas de algum pecado incomum para sofrerem tal coisa. Jesus já havia ensinado aos discípulos que não podemos julgar a culpa de um indivíduo pelo que ele sofre (João 9:3)²⁵. Jesus agora destacava que *todos* são pecadores (veja Romanos 3:23) e merecem morte espiritual (veja Romanos 6:23). A conclusão de Jesus foi que, “se não *se* arrependessem, todos igualmente pereceriam” (Lucas 13:3, 5; grifo meu). O arrependimento é uma mudança de mente que resulta numa mudança de vida²⁶. Envolve conscientizar-se de quão terrível o pecado é e, conseqüentemente, tomar a decisão de mudar de vida com a ajuda do Senhor. O arrependimento é uma das grandes necessidades na vida de cada ser humano.

²³Talvez a notícia dessa tragédia tivesse acabado de chegar à região onde Jesus estava. Muitas pessoas são mais interessadas em notícias atuais do que em verdades eternas. John F. Carter especulou *por que* Pilatos teria matado os galileus enquanto estes ofereciam sacrifícios: “Estariam fomentando uma rebelião contra Roma? Estariam se consagrando numa oferta queimada a levar a cabo essa rebelião? Se não eram culpados, Pilatos suspeitou que estivessem envolvidos em atividades sediciosas?” (John Franklin Carter, *A Layman’s Harmony of the Gospels* [“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”]. Nashville: Broadman Press, 1961, p. 205). Veja uma possibilidade específica no artigo suplementar “Pôncio Pilatos (e a morte de Jesus)” na edição “A Vida de Cristo—Parte 12”, desta série.

²⁴É possível que “a torre de Siloé” ficasse perto do tanque de Siloé em Jerusalém, mas não há referências a ela nos registros inspirados nem nos não-inspirados.

²⁵Uma pergunta semelhante foi levantada a respeito do cego de João 9:2—veja comentários no primeiro sermão desta edição.

²⁶Veja mais sobre arrependimento na edição “Guia para a Salvação de Todo Homem”, de *A Verdade para Hoje*, pp. 14–15.

Arrependam-se ou Serão Cortados (vv. 6–9)

A seguir, Cristo contou uma parábola para reforçar que Deus é longânimo (veja Romanos 2:4; 2 Pedro 3:9), mas que a Sua misericórdia tem limite (veja Romanos 2:5, 6; Jeremias 8:20; Amós 4:12). Ele contou uma história simples de uma figueira que não dava fruto havia três anos consecutivos²⁷. Ela teria mais uma oportunidade. Se ela tornasse a não dar fruto após ser cuidadosamente cultivada por mais um ano, seria cortada. Uma figueira estéril não era só *inútil*, também era um *estorvo*, pois tomava o espaço e os nutrientes necessários às plantas frutíferas. Era *necessário* cortá-la.

Podemos aplicar essa ilustração aos judeus como nação. Jesus já estava com eles há quase três anos; mas, por causa da incredulidade, eles permaneciam infrutíferos. Só teriam mais uma oportunidade: Cristo só estaria com eles por mais alguns meses. E então, após a Sua ascensão, Ele mandaria o Espírito Santo a Jerusalém para convencer os homens do pecado (João 16:8) e estabelecer o Seu reino²⁸. Depois disso, se eles ainda não se arrependessem, seriam “cortados” do povo de Deus. A desgraça estava do-brando a esquina²⁹.

Todavia, não devemos aplicar as parábolas somente a terceiros. O Senhor certamente queria que cada um de nós aplicasse Seus ensinamentos individualmente. Deus deu a cada um a oportunidade de arrepender-se, tornar-se frutífero para Ele³⁰. Se negligenciarmos nossas oportunidades, num dado momento Ele dirá: “Chega! Cortem os infrutíferos!” Ouça esta palavra de sabedoria: *agora* é a hora de arrepender-se e mudar, antes que seja tarde demais.

ENSINO VELHO E ENSINO NOVO SOBRE ALEGRAR-SE (LUCAS 13:10–21)

Os que não se alegraram (vv. 10–17a)

Um dia, quando Jesus ensinava numa sinagoga num sábado, Ele curou uma mulher que anda-

²⁷Isto pode se referir ao fato de que normalmente levavam três anos para que uma figueira atingisse a maturidade e frutificasse.

²⁸Se interpretarmos literalmente a idéia de mais um ano, este compreenderá os últimos meses do ministério terreno de Cristo e os primeiros meses de existência da igreja em Jerusalém.

²⁹O clímax das conseqüências da nação judaica ter rejeitado Jesus foi atingido no ano 70 d.C., quando Jerusalém foi destruída pelos romanos. Essa futura destruição parecia estar na mente de Cristo naquela ocasião (veja Lucas 12:34, 35).

³⁰Deus quer que sejamos “frutíferos” (Mateus 7:20; Romanos 7:4; Gálatas 5:22, 23; Filipenses 1:11; Tito 3:14).

va encurvada havia dezoito anos (vv. 10–13)³¹. Esse milagre resultou numa outra controvérsia a respeito do descanso de sábado (v. 14)³². Cristo usou antes o exemplo de um animal sendo retirado de um buraco no sábado (Mateus 12:11, 12). Desta vez, Ele usou uma ilustração semelhante:

Hipócritas, cada um de vós não desprende da manjedoura, no sábado, o seu boi ou o seu jumento, para levá-lo a beber? Por que motivo não se devia livrar deste cativo, em dia de sábado, esta filha de Abraão, a quem Satanás trazia presa há dezoito anos? (vv. 15b, 16).

Mais uma vez os adversários de Jesus ficaram sem resposta e “envergonhados” (v. 17a).

Os que se alegraram (vv. 17b–21)

Os inimigos de Cristo não se alegraram, mas a maioria presente alegrou-se—com a cura da mulher e com “todos os gloriosos feitos que Jesus realizava” (v. 17b). A alegria deles era um indicador positivo de futura aceitação. Jesus repetiu duas parábolas que prediziam o crescimento do reino (vv. 18–21; veja Mateus 13:31–33³³).

ENSINO VELHO E ENSINO NOVO SOBRE INCREDUVIDADE (LUCAS 13:22; JOÃO 10:22–39)

Após registrar as duas parábolas, Lucas escreveu que Cristo “passava... por cidades e aldeias, ensinando e caminhando para Jerusalém” (Lucas 13:22). Isto pode apenas refletir o fato de que, por onde quer que o Senhor passasse, Seu destino final estava claro em Sua mente. Por outro lado, pode indicar que Jesus fez uma viagem a Jerusalém nesse meio-tempo. O relato de João inclui uma visita

³¹Tudo indica que a mulher tinha um desvio na coluna. O texto diz que ela possuía “um espírito de enfermidade” (a versão literal do grego no v. 11) e Jesus insinuou que ela estava “presa” por Satanás (v. 16). Pode ser que ela sofresse de possessão demoníaca; mas a descrição da doença e o modo como Jesus curou enquadraram-se melhor num desvio físico. O “espinho na carne” de Paulo foi chamado de “mensageiro de Satanás” (2 Coríntios 12:7), embora o apóstolo não estivesse endemoninhado.

³²Esta é a quinta controvérsia desse gênero; as três primeiras foram comentadas na edição “A Vida de Cristo—Parte 3” (especialmente nas páginas 28 a 30). A quarta foi a cura do cego de nascença em João 9 (comentada no primeiro sermão desta edição).

³³Veja a página 8 da edição “A Vida de Cristo—Parte 5”. Como aconteceu com o uso anterior que Jesus fez dessas parábolas, Lucas 13:18–21 *poderia* estar advertindo os ouvintes a evitarem a influência dos inimigos de Cristo. Novamente, porém, o contexto parece evocar uma aplicação mais positiva.

a Jerusalém perto do ministério posterior na Judéia (João 10:22–39).

Jesus foi a Jerusalém para a Festa de Dedicção (João 10:22), a última a ser instituída dentre as principais festas³⁴. Ela teve início no período intertestamentário da libertação dos Macabeus e comemorava a rededicação³⁵ do templo (ca. 165 a.C.), após este ter sido profanado por Antíoco Epifanes. Hoje, essa festa é mais conhecida pela palavra hebraica equivalente a “dedicação”: *Hanukkah* (ou *Chanukah*). As festividades acontecem em dezembro (veja João 10:23a). Nos dias de Jesus, a celebração durava oito dias³⁶ e geralmente era prestigiada por uma imensa multidão.

A Incredulidade Demonstrada por Palavras (João 10:23b–30)

Durante as festividades, Jesus “passeava no templo, no Pórtico de Salomão” (João 10:23b)³⁷. Tratava-se da área coberta que se estendia ao lado do muro leste do Pátio dos Gentios³⁸. Os líderes judeus³⁹ rodearam Jesus, interpelando: “Até quando nos deixarás a mente em suspenso? Se tu és o Cristo, dize-o francamente” (v. 24). O Senhor já havia insinuado publicamente que Ele era o Messias usando termos sinônimos⁴⁰, mas Ele não dissera publicamente: “Eu

³⁴Veja o diagrama “As Festas dos Judeus”, na página 28 da edição “A Vida de Cristo—Parte 1”, desta série.

³⁵Outro termo que poderia ser usado é “reconsagração” do templo. Uma fonte apócrifa (2 Macabeus 10:5) fala de “purificação do santuário”.

³⁶Segundo a lenda judaica, o suprimento de um dia de óleo queimava por oito dias dentro do templo até que o óleo novo fosse repostado. Hoje a festa também é conhecida como A Festa das Luzes. O símbolo da festa é um candelabro de oito hastes (um *menorah*). Cada dia da festa, uma outra vela é acesa até que todas as oito sejam consumidas.

³⁷Mais tarde, Pedro pregaria seu segundo sermão evangelístico aqui (Atos 3:11). Evidentemente, o local tornou-se um ponto de encontro para os primeiros cristãos de Jerusalém (veja Atos 5:12). Segundo uma tradição judaica, o muro do pórtico de Salomão remontava à primeira construção feita pelo rei (Atos 3:11 cita “o pórtico chamado de Salomão”).

³⁸Veja o diagrama do templo na página 35 de “A Vida de Cristo—Parte 2”. Há uma breve descrição do pórtico de Salomão na edição “Atos, 2”, de *A Verdade para Hoje*, p. 8.

³⁹Nesta seção de João, o termo “os judeus” (João 10:24) refere-se aos líderes judeus. (Veja a página 28 de “A Vida de Cristo—Parte 7”.)

⁴⁰Por exemplo, Ele usou com frequência o termo de Daniel para o Messias: o “Filho do Homem” (Mateus 8:20; 9:6; 10:23; 12:8). Os líderes judeus não tiveram dificuldade para entender que Ele alegou ser Cristo/divino/Filho de Deus; razão pela qual desejaram matá-LO (veja João 5:18). Todavia, queriam que Jesus declarasse publicamente que Ele era o Cristo para terem uma justificativa melhor para condená-LO à morte.

sou o Cristo”⁴¹. Afinal, qualquer um poderia afirmar isto. Jesus preferiu *mostrar* que Ele é o Messias / Cristo pelo que Ele ensinou e fez (vv. 25, 37, 38)⁴².

Obviamente, os inimigos de Jesus não fizeram a pergunta para crerem nEle. Eles só estavam procurando uma oportunidade para acusá-LO de blasfêmia e, conseqüentemente, sentenciá-LO à morte⁴³. Jesus respondeu-lhes: “Já vo-lo disse, e não credes. As obras que eu faço em nome de meu Pai testificam a meu respeito. Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas” (vv. 25, 26).

Ao mencionar “minhas ovelhas”, Jesus estava retomando a ilustração do Bom Pastor registrada anteriormente neste capítulo (vv. 1–18). Ele falou do Seu cuidado e do cuidado do Seu Pai pelas ovelhas (vv. 27–29⁴⁴)—ou seja, aqueles que creram nEle e O seguiam. Disse Jesus: “Eu e o Pai somos um” (v. 30).

A Incredulidade Demonstrada por Atos (João 10:31–39)

A ousadia de Cristo enfureceu Seus inimigos, e mais uma vez pegaram pedras para matá-LO (v. 31; veja João 8:59) e disseram que fariam aquilo “por causa da blasfêmia, pois, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo” (10:33). Jesus replicou que a Lei chamou algumas vezes os representantes de Deus de “deuses” (v. 34; veja Salmos 82:6)⁴⁵. Se isso não constituiu blasfêmia, quanto menos o referir-se Àquele que de fato merecia ser chamado de “Deus” (vv. 35⁴⁶, 36)! Jesus desafiou os líderes a examinarem

⁴¹*Privadamente*, Ele havia aceitado a designação “Cristo” (Mateus 16:16, 17, 20). Veja exemplos de Jesus sendo chamado de “Cristo” até esta altura do nosso estudo em Marcos 9:41; Lucas 2:11, 26; João 1:41; 4:25, 29; 9:22.

⁴²A abordagem indireta de Jesus também evitou o conflito com Seus inimigos que resultaria finalmente em Sua morte.

⁴³No fim, eles O forçaram a admitir sob juramento que Ele era o Cristo. A seguir, condenaram Jesus à morte por pecado de blasfêmia (Mateus 26:63–68).

⁴⁴João 10:28 e 29 é às vezes usado para se provar “a impossibilidade de apostasia”. A ênfase da passagem está no cuidado de Deus pelas ovelhas de Jesus. Isto não elimina o livre arbítrio dos seres humanos. As ovelhas são conhecidas por pular cercas, e as ovelhas de Deus podem pular para fora da mão segura de Deus. A passagem não ensina que um filho de Deus não pode cair (1 Coríntios 10:13), mas que, enquanto optarmos pelo abrigo da proteção divina, ninguém e nada tem o poder de nos desviar.

⁴⁵Os Mórmons fazem um uso estranho de Salmos 82:6 e João 10:34, ensinando que o Deus que adoramos foi uma vez como nós somos (ou seja, um homem) e que podemos nos tornar como Deus (ou seja, deuses). Este é um exemplo de doutrina baseada numa passagem obscura e controversa. Deus não nos revela Sua vontade dessa maneira.

⁴⁶Sublinhe estas palavras no versículo 35: “a Escritura não pode falhar”; significa que a Palavra inspirada não pode ser desfeita nem ignorada. Um mundo incrédulo precisa aprender isto!

Sua obras (milagres) para verificarem se Ele era ou não Filho de Deus (vv. 37, 38).

Recusando-se a dar ouvidos a Jesus, tentaram prendê-lo (v. 39a; veja João 7:44). Novamente, ele escapou das garras deles (v. 39b; veja João 8:59).

ENSINO VELHO E ENSINO NOVO SOBRE A PREOCUPAÇÃO DE CRISTO (MATEUS 19:1, 2; MARCOS 10:1; LUCAS 13:23–35; JOÃO 10:40–42)

Mais uma vez, Jerusalém fechou as portas para Jesus. Sua obra ali estava encerrada até aquele momento⁴⁷. Jesus e os discípulos saíram da Judéia e foram para a região leste, onde Ele fora batizado três anos atrás: “Novamente, se retirou para além do Jordão, para o lugar onde João batizava no princípio” (João 10:40a). Essa região era conhecida como Peréia⁴⁸.

A Peréia era vista como um território judeu; seus cidadãos estavam sujeitos às mesmas leis religiosas e sociais que os cidadãos da Galiléia e Judéia. Todavia, ela era considerada sem importância pelos judeus a Oeste do rio. Cristo não sustentava essa opinião; a Peréia estava cheia de pessoas carentes da salvação. Ele passou a maior parte dos meses seguintes ali⁴⁹.

Jesus teve sucesso nesse novo cenário: “Seguiram-no muitas multidões” (Mateus 19:2). Ele ensinou (Marcos 10:1), curou (Mateus 19:2) e expulsou demônios (Lucas 13:32). “E iam muitos ter com ele e diziam: Realmente, João não fez nenhum sinal⁵⁰, porém tudo quanto disse a respeito deste era verdade. E muitos ali creram nele” (João 10:41, 42).

Encerraremos esta lição com dois incidentes do ministério de Jesus na Peréia: um aviso *de* Jesus e um aviso *para* Jesus.

⁴⁷ Aquela foi a última visita de Jesus a Jerusalém antes de voltar para a Páscoa e morrer.

⁴⁸ Veja o mapa na página 30. Veja breves notas sobre a Peréia na página 40 de “A Vida de Cristo—Parte 1”.

⁴⁹ Ele fez uma viagem de volta à Betânia na Judéia (João 11). Ele também pode ter visitado outras regiões da Palestina. (Veja o mapa da Palestina na página 30. Da Peréia, podia-se atravessar o Jordão entrando em outras províncias da Palestina.) Todavia, Jesus passou a maior parte do tempo na Peréia. Todos os quatro relatos do evangelho mencionam esse ministério (Mateus 19:1, 2; Marcos 10:1; João 10:40), mas nossa fonte primária de informações concernentes a esse período é Lucas.

⁵⁰ Esta afirmação acrescenta um detalhe relativo ao ministério de João Batista não encontrado em nenhuma outra passagem: ele não realizou nenhum milagre.

Um Aviso de Jesus (Lucas 13:23–30)

Um dia, enquanto Cristo ensinava, perguntaram-Lhe: “Senhor, são poucos os que são salvos?” (Lucas 13:23a). Talvez esta tenha sido uma resposta ao que Ele ensinara anteriormente sobre todos perecerem se não se arrependessem (Lucas 13:1–5). No sermão do monte, Jesus dissera que poucos seriam salvos (Mateus 7:13, 14). A resposta de Jesus nessa ocasião foi uma compilação de ensinamentos sobre quem seria e quem não seria salvo:

- O caminho para a salvação é estreito e difícil (Lucas 13:24; compare com Mateus 7:13, 14).
- Alguns que pensam que serão salvos não serão (Lucas 13:25–27; compare com Mateus 7:21–23).
- Alguns (gentios) serão salvos, embora os judeus pensem que isto é impossível (Lucas 13:28–30; compare com Mateus 8:11, 12).

Cristo queria que o interrogador entendesse que o importante não era o número específico dos que seriam salvos, mas *se* ele estaria ou não entre estes.

Um Aviso para Jesus (Lucas 13:31–35)

Jesus foi interrompido por fariseus que Lhe disseram: “Retira-te e vai-te daqui, porque Herodes quer matar-te” (v. 31). O perigo que eles mencionaram era real. Herodes era o governador da Peréia, assim como da Galiléia⁵¹. João Batista havia sido encarcerado e morto na província da Peréia⁵². Além disso, como já foi mencionado, Herodes desenvolvera uma curiosidade doentia por Jesus e procurava conhecê-lo (veja Marcos 6:14; Lucas 9:9; 23:8).

Por que os fariseus avisaram Jesus é algo obscuro. É improvável que estivessem preocupados com o bem-estar do Mestre. Na hipótese de morarem na Peréia, talvez quisessem que Ele saísse dali antes de causar problemas. Independentemente de onde moravam, talvez preferissem que Ele voltasse para a Judéia, onde o Sinédrio exercia maior domínio de poder.

A resposta de Jesus indicou que Ele não estava preocupado com Herodes, mas a maneira como Ele respondeu provavelmente deixou os fariseus confu-

⁵¹ Veja a página 39 de “A Vida de Cristo—Parte 1”.

⁵² Veja a páginas 26 e 27 de “A Vida de Cristo—Parte 4”.

sos. Disse Jesus: “Ide dizer a essa raposa⁵³ que, hoje e amanhã, expulso demônios e curo enfermos e, no terceiro dia, terminarei⁵⁴” (v. 32). E acrescentou: “Importa, contudo, caminhar hoje, amanhã e depois” (v. 33a). Tudo isto era uma forma enigmática de dizer: “Tenho um trabalho a fazer e vou completá-lo—independentemente do que Herodes diga ou

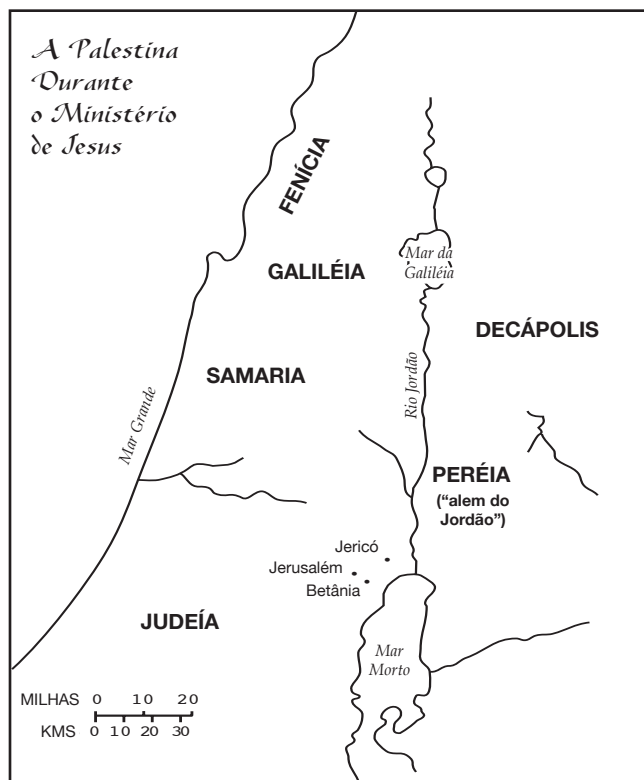
faça”. E disse mais: “...porque não se espera que um profeta morra fora de Jerusalém” (v. 33b). Esta afirmação, matizada de humor negro, significa: “Não se preocupem com a possibilidade de Herodes me matar na Peréia, porque é necessário que eu morra em Jerusalém. Afinal, ali é onde vocês mataram tantos porta-vozes de Deus!” Essa observação foi seguida de um lamento por Jerusalém (vv. 34, 35)⁵⁵.

⁵³É conhecida a expressão “astuto como uma raposa”. Esta seria uma boa descrição de Herodes. Segundo McGarvey, esta foi “a única palavra de desprezo registrada como proferida por Jesus” sobre um indivíduo. (J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* [“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”]. Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 710.)

⁵⁴“Terminarei” é tradução da mesma forma grega usada por Jesus na cruz, quando disse: “Está consumado!” (João 19:30). “Terminar” refere-se à morte de Jesus e tudo o que foi consumado com ela.

CONCLUSÃO

Colecionadores de antiguidades apreciam coisas velhas. Eles insistem: “Hoje, não fazem as coisas como antigamente”. Outros gostam mais do que é novo: querem o último modelo de tudo. Pensam: “Se é novo, é melhor”. Na verdade, há lugar para as *duas* coisas, “as velhas e as novas”. Por exemplo, quando vou ao médico, quero um tratamento que utilize os últimos avanços da ciência. Ao mesmo tempo, gosto que o médico tenha o velho estilo atencioso para com o paciente. Nesta lição, vimos Jesus repetir ensinamentos “velhos”, mas também vimos “novas” percepções sobre velhas verdades. Uma coisa maravilhosa sobre a Palavra de Deus é que, embora seja velha, ela também é sempre nova!



⁵⁵O lamento repetiu-se em Mateus 23:37-39. Veja os comentários sobre esse texto na edição “A Vida de Cristo—Parte 10”, desta série.

Erros de um Negociante Bem Sucedido¹

Lucas
12:13-21,
Olhando de perto



A vida já foi comparada a uma vitrine onde itens inestimáveis são etiquetados com preços absurdamente baixos, enquanto mercadorias sem valor recebem preços ridiculamente altos². Hoje, o que é verdadeiramente valioso parece não ter importância, enquanto o barato e espalhafatoso parece receber um valor inestimável.

Vivemos num mundo que enfatiza o material³. Muitos são obcecados pelo sucesso financeiro, pela estabilidade econômica e pelo acúmulo de bens. Cercados por essa ênfase materialista, podemos facilmente perder de vista os verdadeiros valores. Foi esse o caso da história contada no texto deste sermão, em Lucas 12:13-21.

Um dia, enquanto Jesus ensinava, um homem que estava entre a multidão interrompeu-O dizendo: “Mestre, ordena a meu irmão que reparta comigo a herança” (v. 13). O pensamento daquele homem certamente não estava no sermão que Jesus acabara de proferir. Em vez de refletir nas palavras de Cristo, ele estava preocupado com uma disputa familiar mesquinha. Todo pregador já teve uma experiência semelhante: ele tenta pregar um sermão que prepare as pessoas para a eternidade e daí, após o culto de adoração, alguém faz um comentário totalmente irrelevante que denuncia sua total desatenção ao sermão⁴.

O Senhor ficou entristecido pelo fato de Seu ensino não ter penetrado no coração daquele homem.

Disse o Mestre: “Homem, quem me constituiu juiz ou partidor entre vós⁵?” (v. 14)⁶. Olhando para dentro do coração do homem, Jesus localizou o problema e disse-lhe: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (v. 15). A seguir, contou uma parábola:

O campo de um homem rico produziu com abundância. E arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei, pois não tenho onde recolher os meus frutos? E disse: Farei isto: destruirei os meus celeiros⁷, reconstruí-los-ei maiores e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens. Então, direi à minha alma: tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te. Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?⁸ (vv. 16-20).

Jesus concluiu a lição dizendo: “Assim é o que entesourou para si mesmo e não é rico para com Deus” (v. 21).

⁵“Vós” é plural também no grego. A referência seria a “tu e teu irmão”. É possível que o irmão também estivesse presente.

⁶Jesus tem toda autoridade (Mateus 28:18) e um dia será nosso Juiz (Atos 17:31). Contudo, Ele não veio à terra para se intrometer em disputas mesquinhas que poderiam ser resolvidas por outros. Pedir que Jesus julgasse aquele caso era como ir ao dentista mais caro da cidade e pedir que ele arrancasse um prego de um quadro só porque ele é bom em extrair coisas.

⁷Os celeiros daquela época deviam ser diferentes dos atuais celeiros. Sugerem alguns que, naquela região, o armazenamento de grãos era feito geralmente em cisternas ou tulhas. Todavia, esse detalhe não altera a história.

⁸Em relação a essa pergunta, veja Jó 27:16, 17; Salmos 39:6; 49:10; Eclesiastes 2:18, 19, 21. Talvez Jesus tivesse em mente os dois irmãos que brigavam pela herança do pai.

⁹Ser “rico para com Deus” significa “reconhecer gratamente que tudo que temos vem de Deus e então fazer todo esforço para usar o que Ele nos dá para o bem de outros e a glória de Deus” (Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* [“Comentário Expositivo da Bíblia”]. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, p. 221). A tradução inglesa de J. B. Phillips diz “não é rico no que diz respeito a Deus”.

¹Esta apresentação baseia-se em anotações de sermão registradas anos atrás, cujas fontes infelizmente não compilei. Desculpo-me por deixar de atribuir o devido crédito aos seus autores.

²Uma outra versão desta ilustração seria alguém entrar numa loja à noite trocando as etiquetas de preços de todas as mercadorias.

³Isto é verdade em nações consideradas “ricas” ou “pobres”. Se quiser, ilustre com exemplos relevantes aos seus ouvintes.

⁴Use uma ilustração pessoal. Certo irmão disse que alguém veio lhe dizer quantas vezes ele havia puxado as calças durante o sermão.

O homem da parábola seria considerado muito bem sucedido pelo mundo. O texto original indica que ele era agricultor e distribuidor, e que ele havia prosperado em ambas as atividades. Hoje, nós o chamaríamos de um “empresário bem sucedido”. Convém adiantar que não há nenhum estigma no fato desse empresário ter o dom de ganhar dinheiro. Dizem que “o dinheiro é a raiz de todos os males”, mas Paulo disse que “o amor do dinheiro é raiz de todos os males” (1 Timóteo 6:10a; grifo meu). O dinheiro pode ser usado para o bem. Um “homem rico de Arimatéia, chamado José” foi “discípulo de Jesus” (Mateus 27:57). O problema não é o dinheiro, mas a nossa atitude para com ele. George W. Bailey expôs isto da seguinte maneira: “Não é realmente a posse das riquezas que faz mal, e sim o apego a essas riquezas”¹⁰.

Quando o rico morreu, o ministrante do funeral provavelmente não teve dificuldade para encontrar boas qualidades para mencionar. Aparentemente, o homem adquiriu suas riquezas honestamente. Nada indica que ele tenha lançado mão de práticas comerciais clandestinas ou questionáveis. Não há sinal de imoralidade; evidentemente, ele era uma pessoa de boa moral. Apesar disso, esse empresário bem sucedido cometeu vários erros que condenaram sua alma.

ERRO 1—FALTAVA-LHE UM SENSO DE VALORES

Em primeiro lugar, faltava-lhe um senso de valores. Ele seguiu as leis naturais de Deus para ganhar a vida, mas, negligenciou as leis espirituais de Deus para construir uma vida.

Nada é mais importante do que os princípios de direção, alvo e motivação na vida de uma pessoa. Posso estar errado, mas creio que eu estaria rico hoje, se a minha vida tivesse sido direcionada para isso. Os livros sobre como acumular riquezas geralmente enfatizam que a mente precisa estar cheia dessa ambição. Paulo escreveu o seguinte sobre os perigos de buscar esse alvo:

Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores (1 Timóteo 6:9, 10; grifo meu).

¹⁰George W. Bailey, “The Rich Can Be Fools and Fools Can Be Rich” (“Os Ricos Podem Ser Insensatos e Insensatos Podem Ser Ricos”), *The Preacher’s Periodical*, julho de 1982, p. 26 (grifo dele).

O rico se preocupava com seus bens. De acordo com o texto, ele nunca pensava em Deus, nos colegas, ou em sua responsabilidade para com ambos. Uma minúscula moeda sobreposta ao olho pode obscurecer uma enorme montanha. Da mesma forma, a preocupação com os bens pode fazer uma pessoa perder de vista o que é realmente importante na vida.

Paulo escreveu que não devemos “atentar nas coisas que se vêem¹¹, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem¹² são temporais, e as que se não vêem são eternas” (2 Coríntios 4:18; grifo meu). Jesus perguntou: “Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?” (Mateus 16:26). Ele incentivou cada um de nós a colocar, “em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça” (Mateus 6:33). Ele disse que é possível dizer onde está o coração de um homem observando onde está o seu tesouro (Mateus 6:21).

O rico depositou sua confiança naquilo que era temporário. Deus lhe disse: “...esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?” (Lucas 12:20). As pessoas passam a vida amontoando fortunas—depois, no fim, o que elas realmente têm? Nada¹³. Segundo o salmista, quando um rico morre, “nada levará consigo” (Salmos 49:16, 17). Jó disse: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!” (Jó 1:21a). Paulo escreveu: “Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele” (1 Timóteo 6:7). Aquilo que não sobrevive à morte não deve estar no alto de nossa lista de prioridades. Jesus incitou:

Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam (Mateus 6:19, 20).

Um pecuarista riquíssimo levou certo pregador ao monte mais alto de sua propriedade e apontou para o Leste, o Oeste, o Norte e o Sul. “Até onde a vista alcança”, disse ele, “tudo isso é meu”. O pregador apontou para o céu e perguntou: “E quanto disso é seu?” É imperativo que aprendamos o que

¹¹Segure no alto uma moeda ou uma cédula de maneira que seus ouvintes a vejam.

¹²Novamente, o dinheiro pode ser usado como um recurso visual.

¹³Se você está usando uma moeda ou uma cédula como um recurso visual, tire-a de repente de vista, como num truque de mágica.

é realmente importante e que coloquemos isso em primeiro lugar em nossas vidas.

ERRO 2—ELE ERA EGOÍSTA

Em segundo lugar, o negociante bem sucedido era egoísta. No original grego, os pronomes da primeira pessoa (“eu”, “meu/s”, “minha/s”) ocorrem doze vezes nos três versículos que relatam esta história.

A busca pelo dinheiro pode fazer uma pessoa pensar somente em si e deixar de enxergar os outros. Um empresário cristão me disse certa vez que ele estava ganhando tanto dinheiro que não sabia o que fazer com ele. “Eu só retorno o dinheiro em investimentos”, disse ele. Logo depois disso, a congregação local da qual ele era membro foi desafiada a ofertar para uma causa digna. A contribuição dele foi menor que a da maioria das viúvas daquela congregação! A diferença entre a vidraça de uma vitrine e um espelho doméstico é a *prata* aplicada no verso do espelho¹⁴. Quando olhamos para o vidro puro, vemos os outros, mas quando olhamos o fundo do espelho de prata, só vemos nós mesmos¹⁵.

O rico não percebia que já havia outros “celeiros” onde ele poderia guardar o estoque excedente: as mãos dos que estavam sofrendo, as bocas dos famintos, as costas dos que passavam frio, as vidas de tantas viúvas e órfãos¹⁶ (veja Lucas 12:33; Efésios 4:28).

Deus nos colocou na terra para servirmos aos nossos semelhantes. “Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gálatas 6:10). John H. Heinz, fundador da empresa homônima que fez fortuna vendendo pickles, tinha este lema: “Deus primeiro, o próximo em segundo e os pickles em terceiro lugar”. Certo senhor de idade disse ao filho: “No Julgamento, Deus fará três perguntas sobre o seu dinheiro: 1) Você ganhou o que pôde? 2) Ganhou honestamente? 3) Usou o dinheiro para o próximo?” A riqueza não deve ser apenas usufruída, ela precisa ser empregada—para ajudar outras pessoas.

O rico pensava que seus bens eram seus, para fazer o que desejasse. Ele não reconhecia que ele

¹⁴Espelhos feitos para fins científicos são feitos de alumínio ou outros metais, mas a maioria dos espelhos domésticos ainda é feita de uma aplicação de prata no verso do vidro.

¹⁵Isto pode ser demonstrado com um pedaço de vidro e um espelho pequeno.

¹⁶Esta sentença foi adaptada de Ambrósio, um bispo de Milão do quarto século (citado em Richard C. Trench, *Notes on the Parables of Our Lord* [“Notas sobre as Parábolas do Nosso Senhor”]. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1953, p. 341).

era um simples *administrador*, um mordomo deles. Num sentido legal, nós possuímos coisas; mas num sentido bíblico, só estamos cuidando delas para o Senhor do qual elas vieram¹⁷. O erro do rico continua sendo cometido pelos que exclamam: “O que eu tenho é *meu*, e a ninguém compete dizer-me o que fazer com ele!”

Uma das maiores batalhas espirituais que cada um de nós enfrenta é a luta para nos livrarmos do egoísmo (veja Filipenses 2:3). “Dizia-se o seguinte sobre uma jovem senhora egocêntrica: ‘Edite vivia num pequeno mundo, cercado ao Norte, ao Sul, ao Leste e ao Oeste por Edite’”¹⁸. É possível sermos como Edite? Estamos preocupados com as necessidades dos outros, ou nos sentimos mal diante de oportunidades para ajudar? Que Deus nos ajude a aprender a pensar nos outros!

ERRO 3—ELE PENSAVA QUE PODIA SACIAR A ALMA COM COISAS MATERIAIS

Em terceiro lugar, o negociante bem sucedido pensava que podia saciar a alma com coisas materiais. Disse ele: “Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te”¹⁹ (Lucas 12:19).

A insensatez nas palavras do homem é óbvia. Imagine o tampo de uma mesa²⁰: no lado esquerdo há uma refeição deliciosa e no lado direito, uma Bíblia. Um é alimento para o corpo, enquanto o outro é alimento para a alma. Não podemos alimentar um com a comida do outro. Jesus contrastou “a comida que perece” com “a comida que subsiste para a vida eterna” (João 6:27). Ele disse: “Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mateus 4:4). Saciar a fome física e não oferecer nada à fome espiritual é o cúmulo da insensatez.

É possível cairmos na mesma armadilha que capturou o rico? Será que já pensamos ou dizemos: “Ah, se eu tivesse _____,²¹ eu seria feliz”? Mui-

¹⁷Todas as bênçãos vêm do Senhor (Deuteronômio 8:18; 1 Crônicas 29:14; Tiago 1:17) e nós somos administradores que um dia prestarão contas a Ele (veja Lucas 16:2; 1 Coríntios 4:2).

¹⁸William Barclay, *The Gospel of Luke* (“O Evangelho de Lucas”), ed. rev., The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 164.

¹⁹Uma versão mais poética seria: “encosta, engole, entorna e te engrandece”.

²⁰Se quiser, segure numa mão fotos ou gravuras de uma mesa com um prato de arroz, feijão, bife e salada e na outra mão, uma Bíblia.

²¹Complete com “uma casa nova”, ou “uma casa melhor”, “um emprego melhor”, etc.

tos buscam paz emocional e segurança no acúmulo cada vez maior de bens, mas o Senhor disse que “a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lucas 12:15). A felicidade não resulta de termos cada vez mais, mas ela é produto de uma atitude positiva para com o que já obtemos. Paulo escreveu:

De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento. Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes (1 Timóteo 6:6–8).

Alguém disse que “o mundo inteiro está à procura de felicidade, mas muitos estão na pista errada”. A felicidade duradoura não provém de obter, mas de dar. Um antigo pregador chamado John Banister escreveu: “A principal coisa da vida... não é a receita, mas os dispêndios”²². Jesus disse: “Mais bem-aventurado [um estado mais feliz] é dar que receber” (Atos 20:35b).

A alma jamais se satisfará com *coisas*. Se você quer suprir a sua alma, precisa alimentá-la com um relacionamento saudável com Deus e com um relacionamento amoroso com o seu próximo.

ERRO 4—ELE PENSAVA QUE VIVERIA POR MAIS TEMPO

Outros erros do rico poderiam ser alistados, mas gostaríamos de mencionar apenas mais um: ele pensava que viveria por mais tempo, como se tivesse alguma garantia de longevidade. Ele pensava que tinha “em depósito muitos bens *para muitos anos*” (Lucas 12:19; grifo meu); mas Deus lhe disse: “Louco, *esta noite* te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?” (v. 20; grifo meu).

Alguns pensam que têm “todo o tempo do mundo”—tempo para se tornarem cristãos, tempo para levarem a sério o viver para o Senhor, tempo para o tipo de homens e mulheres que sabem que devem ser. Mais de uma pessoa já me disse: “É, eu sei que preciso fazer isso, e *um dia* vou fazer”. Salomão advertiu: “Não te glories do dia de amanhã, porque não sabes o que trará à luz” (Provérbios 27:1). Tiago escreveu o seguinte aos que, confiadamente, fazem planos para o futuro:

Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é

²²John Banister, “The Rich Fool”, *Sermons of John Banister* (“Sermões de John Banister”). Great Preachers of Today series, vol. 8, ed. J. D. Thomas. Abilene, Tex.: Biblical Research Press, 1965, p. 116.

a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo (Tiago 4:13–15).

A vida é curta e imprevisível. A Bíblia ensina que “o homem, nascido de mulher, vive breve tempo, cheio de inquietação. Nasce como a flor e murcha; foge como a sombra e não permanece” (Jó 14:1, 2). Não podemos depender do amanhã, pois o amanhã pode não chegar. O que precisa ser feito deve ser feito hoje.

Evitamos pensar na morte, mas ela pode chegar—e geralmente chega—inesperadamente. O rico, talvez no auge da vida, pensava que ainda teria mais anos de vida. Ao contrário disso, ele não teve sequer vinte e quatro horas: “Esta noite te pedirão a tua alma”. As manchetes de jornais sempre destacam “mortes súbitas”²³! Ninguém é imune à morte; não há uma vacina para prevenir a morte (Hebreus 9:27). Li sobre um homem que era extremamente cuidadoso com sua saúde. Ele sempre fazia exames da taxa de colesterol; comia os alimentos certos; praticava exercícios físicos; ia regularmente ao médico. Até que um dia ele foi atropelado e morto por um caminhão! Nenhum de nós tem garantia do amanhã. É importante estarmos sempre prontos para a eternidade.

E se o Senhor viesse até você agora mesmo e lhe dissesse: “Esta noite te pedirão a tua alma”? Sua alma estaria pronta? Alguém escreveu: “No mundo moderno, a alma tornou-se algo inofensivo, um anexo sem valor—como o apêndice do corpo humano”²⁴. A Bíblia, porém, ensina que a alma é o bem mais precioso de um ser humano—ou seja, de fato, ela é a sua essência. Se a alma perder-se, tudo estará perdido. Recordemos a pergunta de Jesus: “Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mateus 16:26a). A resposta subentendida é: “Não aproveitará nada!” Cada um de nós precisa preparar-se para as temidas palavras: “Esta noite te pedirão a tua alma”.

CONCLUSÃO

Mencionamos antes que o pregador que ministrou o funeral do rico não deve ter encontrado dificuldade para dizer coisas boas sobre ele. Nem

²³Um jornal atual certamente conterá exemplos de mortes que ocorreram repentinamente.

²⁴“O apêndice, um pequeno órgão localizado próximo ao ponto em que o intestino delgado se une ao intestino grosso, é considerado um órgão sem função no corpo humano” (*Grolier’s Multimedia Encyclopedia*, 1997, vv. “appendix”).

tampouco os que o enterraram tiveram dificuldade para encontrar um epitáfio favorável, como “Aqui jaz um de nossos principais cidadãos”. Todavia, o epitáfio do Senhor para ele foi praticamente: “Aqui jaz um louco”. Que Deus nos ajude a não cometermos os erros desse negociante bem sucedido:

- Precisamos corrigir nosso senso de valores.
- Precisamos nos guardar do egoísmo.
- Precisamos repudiar a idéia de que podemos alimentar nossas almas com coisas materiais.
- Precisamos reconhecer que não viveremos por muitos anos.

Neste encerramento, vamos analisar este último ponto. Não temos garantia de que teremos mais um dia de vida. É possível que este estudo tenha mexido com a sua consciência. Talvez ele o tenha convencido de algum pecado específico. Se for assim, oramos para que você reconheça que a vida é curta e imprevisível, e que você se prostre diante da misericórdia de Deus hoje mesmo.

A maioria de nós é muito preocupada com o tempo²⁵. Uma pergunta que se ouve constantemente é: “Que horas são?” O relógio que levamos no pulso nos diz que horas são no mundo físico, e o Livro que estamos segurando em nossas mãos nos diz que horas são no mundo espiritual²⁶: é hora dos pecadores serem salvos (Marcos 16:15, 16; Atos 2:38). É

hora dos cristãos infiéis serem restaurados (Gálatas 6:1; Atos 8:22, 23; Tiago 5:16). “Eis, *agora*, o tempo sobremodo oportuno, eis, *agora*, o dia da salvação” (2 Coríntios 6:2b; grifo meu).



²⁵Adapte isto aos seus ouvintes. Nas zonas urbanas a preocupação com as horas é maior.

²⁶Se quiser, aponte para um relógio e depois para a Bíblia.

Atribuição de Leitura nº. 24

Lucas 14:1–35;
15:1–32; 16:1–31

Lucas 14:1–35

¹Aconteceu que, ao entrar ele num sábado na casa de um dos principais fariseus para comer pão, eis que o estavam observando.

²Ora, diante dele se achava um homem hidrópico.

³Então, Jesus, dirigindo-se aos intérpretes da Lei e aos fariseus, perguntou-lhes: É ou não é lícito curar no sábado?

⁴Eles, porém, nada disseram. E, tomando-o, o curou e o despediu.

⁵A seguir, lhes perguntou: Qual de vós, se o filho ou o boi cair num poço, não o tirará logo, mesmo em dia de sábado?

⁶A isto nada puderam responder.

⁷Reparando como os convidados escolhiam os primeiros lugares, propôs-lhes uma parábola:

⁸Quando por alguém fores convidado para um casamento, não procures o primeiro lugar; para não suceder que, havendo um convidado mais digno do que tu,

⁹vindo aquele que te convidou e também a ele, te diga: Dá o lugar a este. Então, irás, envergonhado, ocupar o último lugar.

¹⁰Pelo contrário, quando fores convidado, vai tomar o último lugar; para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, senta-te mais para cima. Ser-te-á isto uma honra diante de todos os mais convivas.

¹¹Pois todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado.

¹²Disse também ao que o havia convidado: Quando deres um jantar ou uma ceia, não convides os teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos ricos; para não

suceder que eles, por sua vez, te convidem e sejam recompensados.

¹³Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos;

¹⁴e serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos.

¹⁵Ora, ouvindo tais palavras, um dos que estavam com ele à mesa, disse-lhe: Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus.

¹⁶Ele, porém, respondeu: Certo homem deu uma grande ceia e convidou muitos.

¹⁷À hora da ceia, enviou o seu servo para avisar aos convidados: Vinde, porque tudo já está preparado.

¹⁸Não obstante, todos, à uma, começaram a escusar-se. Disse o primeiro: Comprei um campo e preciso ir vê-lo; rogo-te que me tenhas por escusado.

¹⁹Outro disse: Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las; rogo-te que me tenhas por escusado.

²⁰E outro disse: Casei-me e, por isso, não posso ir.

²¹Voltando o servo, tudo contou ao seu senhor. Então, irado, o dono da casa disse ao seu servo: Sai depressa para as ruas e becos da cidade e traze para aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos.

²²Depois, lhe disse o servo: Senhor, feito está como mandaste, e ainda há lugar.

²³Respondeu-lhe o senhor: Sai pelos caminhos e atalhos e obriga a todos a entrar, para que fique cheia a minha casa.

²⁴Porque vos declaro que nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia.

²⁵Grandes multidões o acompanhavam, e ele, voltando-se, lhes disse:

²⁶Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo.

²⁷E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo.

²⁸Pois qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os

meios para a concluir?

²⁹Para não suceder que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem zombem dele,

³⁰dizendo: Este homem começou a construir e não pôde acabar.

³¹Ou qual é o rei que, indo para combater outro rei, não se assenta primeiro para calcular se com dez mil homens poderá enfrentar o que vem contra ele com vinte mil?

³²Caso contrário, estando o outro ainda longe, envia-lhe uma embaixada, pedindo condições de paz.

³³Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo.

³⁴O sal é certamente bom; caso, porém, se torne insípido, como restaurar-lhe o sabor?

³⁵Nem presta para a terra, nem mesmo para o monturo; lançam-no fora. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

Lucas 15:1–32

¹Aproximavam-se de Jesus todos os publicanos e pecadores para o ouvir.

²E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles.

³Então, lhes propôs Jesus esta parábola:

⁴Qual, dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la?

⁵Achando-a, põe-na sobre os ombros, cheio de júbilo.

⁶E, indo para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida.

⁷Digo-vos que, assim, haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.

⁸Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma, não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente até encontrá-la?

⁹E, tendo-a achado, reúne as amigas e vizinhas, dizendo: Alegrai-vos comigo, porque achei a dracma que eu tinha perdido.

¹⁰Eu vos afirmo que, de igual modo, há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende.

¹¹Continuou: Certo homem tinha dois filhos;

¹²o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me cabe. E ele lhes repartiu os haveres.

¹³Passados não muitos dias, o filho mais moço, ajuntando tudo o que era seu, partiu para uma terra distante e lá dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente.

¹⁴Depois de ter consumido tudo, sobreveio àquele país uma grande fome, e ele começou a passar necessidade.

¹⁵Então, ele foi e se agregou a um dos cidadãos daquela terra, e este o mandou para os seus campos a guardar porcos.

¹⁶Ali, desejava ele fartar-se das alfarrobas que os porcos comiam; mas ninguém lhe dava nada.

¹⁷Então, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome!

¹⁸Levantar-me-ei, e irei ter com o meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti;

¹⁹já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores.

²⁰E, levantando-se, foi para seu pai. Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou.

²¹E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho.

²²O pai, porém, disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés;

²³trazei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemo-nos,

²⁴porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. E começaram a regozijar-se.

²⁵Ora, o filho mais velho estivera no campo; e, quando voltava, ao aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças.

²⁶Chamou um dos criados e perguntou-lhe que era aquilo.

²⁷E ele informou: Veio teu irmão, e teu pai mandou matar o novilho cevado, porque o recuperou com saúde.

²⁸Ele se indignou e não queria entrar; saindo, porém, o pai, procurava conciliá-lo.

²⁹Mas ele respondeu a seu pai: Há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com os meus amigos;

³⁰vindo, porém, esse teu filho, que desperdiçou os teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho cevado.

³¹Então, Ihe respondeu o pai: Meu filho, tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu.

³²Entretanto, era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado.

Lucas 16:1–31

¹Disse Jesus também aos discípulos: Havia um homem rico que tinha um administrador; e este Ihe foi denunciado como quem estava a defraudar os seus bens.

²Então, mandando-o chamar, Ihe disse: Que é isto que ouço a teu respeito? Presta contas da tua administração, porque já não podes mais continuar nela.

³Disse o administrador consigo mesmo: Que farei, pois o meu senhor me tira a administração? Trabalhar na terra não posso; também de mendigar tenho vergonha.

⁴Eu sei o que farei, para que, quando for demitido da administração, me recebam em suas casas.

⁵Tendo chamado cada um dos devedores do seu senhor, disse ao primeiro: Quanto deves ao meu patrão?

⁶Respondeu ele: Cem cados de azeite. Então, disse: Toma a tua conta, assenta-te depressa e escreve cinqüenta.

⁷Depois, perguntou a outro: Tu, quanto deves? Respondeu ele: Cem coros de trigo. Disse-Ihe: Toma a tua conta e escreve oitenta.

⁸E elogiou o senhor o administrador infiel porque se houvera atiladamente, porque os filhos do mundo são mais hábeis na sua própria geração do que os filhos da luz.

⁹E eu vos recomendo: das riquezas de origem iníqua fazei amigos; para que, quando aquelas vos faltarem, esses amigos vos recebam nos tabernáculos eternos.

¹⁰Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito.

¹¹Se, pois, não vos tornastes fiéis na aplicação das riquezas de origem injusta, quem vos confiará a verdadeira riqueza?

¹²Se não vos tornastes fiéis na aplicação do alheio, quem vos dará o que é vosso?

¹³Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.

¹⁴Os fariseus, que eram avarentos, ouviam tudo isto e o ridiculizavam.

¹⁵Mas Jesus lhes disse: Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece o vosso coração; pois aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus.

¹⁶A Lei e os Profetas vigoraram até João; desde esse tempo, vem sendo anunciado o evangelho do reino de Deus, e todo homem se esforça por entrar nele.

¹⁷E é mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til sequer da Lei.

¹⁸Quem repudiar sua mulher e casar com outra comete adultério; e aquele que casa com a mulher repudiada pelo marido também comete adultério.

¹⁹Ora, havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo e que, todos os dias, se regalava esplendidamente.

²⁰Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de chagas, que jazia à porta daquele;

²¹e desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico; e até os cães vinham lamber-lhe as úlceras.

²²Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico e foi sepultado.

²³No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio.

²⁴Então, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama.

²⁵Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro igualmente, os males; agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos.

²⁶E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós.

²⁷Então, replicou: Pai, eu te imploro que o mandes à minha casa paterna,

²⁸porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de não virem também para este lugar de tormento.

²⁹Respondeu Abraão: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos.

³⁰Mas ele insistiu: Não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrepender-se-ão.

³¹Abraão, porém, lhe respondeu: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos.

Conta
uma
história?

Leitura Bíblica 24

VI. DA TERCEIRA PÁScoa À CHEGADA DE JESUS A BETÂNIA
(continuação).

P. O Ministério na Peréia (continuação).

3. Jesus é convidado à casa de um fariseu—e três lições apropriadas sobre banquetes (Lucas 14:1–24).
 - a. Uma lição sobre humildade (Lucas 14:7–11).
 - b. Uma lição sobre abnegação (Lucas 14:12–14).
 - c. A parábola da grande ceia (Lucas 14:16–24).
4. Jesus é seguido por uma multidão—e uma lição importante (Lucas 14:25–35).
5. Jesus é seguido por publicanos e pecadores e três histórias comoventes que ensinam uma lição (Lucas 15:1–32).
 - a. A parábola da ovelha perdida (Lucas 15:3–7).
 - b. A parábola da moeda perdida (Lucas 15:8–10).
 - c. A parábola do filho perdido (Lucas 15:11–32).
6. Jesus é acompanhado por Seus discípulos—e uma lição vital na parábola do administrador injusto (Lucas 16:1–13).
7. Jesus é observado por fariseus—e uma lição inspiradora na “parábola” do rico e Lázaro (Lucas 16:14–31).

INTRODUÇÃO

Que pai ou mãe já não ouviu as palavras: “Conta uma história”? Parece que foi outro dia que minhas filhas imploravam: “Conta uma história, papai”. Da última vez que estive com minha neta, Rachel, ela se sentou no meu colo e lançou um pedido: “Vovô, conta uma história?”.

A maioria de nós gostamos de histórias, e Jesus também gostava. Alguns de Seus ensinamentos mais lembrados e amados foram proferidos em forma de história. Chamamos essas histórias de “parábolas”¹. “Algumas das parábolas mais notáveis de Jesus”² foram contadas durante o Seu ministério na Peréia³. As parábolas que vamos comentar nesta lição foram intercaladas com aplicações pertinentes. A maioria delas e de outros ensinamentos se reporta, direta ou indiretamente, aos fariseus (veja Lucas 14:1; 15:2; 16:14).

¹Se quiser, reveja o significado de “parábola” e por que Jesus usou esse método nas páginas 5 e 6 da edição “A Vida de Cristo—Parte 5”, desta série.

²H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 175.

³Os estudiosos diferem quanto ao número exato de parábolas contadas durante esse período, visto que esse número depende do que se define por parábola. O número exato, na verdade, não é importante.

Jesus poderia pegar qualquer tópico e contar uma história sobre ele, uma história com uma mensagem importante. Nesta lição, veremos Jesus contando histórias sobre grandes ceias, ovelhas e moedas, vida em família, negócios e até vida após a morte.

UMA HISTÓRIA SOBRE COMO AGIR
EM BANQUETES (LUCAS 14:1–24)

Jesus havia comido com um fariseu na Galiléia (Lucas 7:36–50) e com outro fariseu na Judéia (Lucas 11:37–54). Agora, Ele fora convidado para comer com um fariseu na Peréia⁴ (veja Lucas 14:1, 12a). Nos relatos do Evangelho, esta foi a terceira e última vez que um convite desse tipo foi feito e aceito pelo Senhor⁵.

Quando estudamos as experiências anteriores de Cristo em casas de fariseus, especulamos a res-

⁴Segundo o versículo 1, Jesus foi comer na casa de um dos líderes dos fariseus. “Os fariseus eram um partido desorganizado, por isso seus chefes [ou líderes] eram assim considerados não pelo ofício, mas pela influência” (J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* [“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”]. Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 492; grifo dele).

⁵Veja uma exposição sobre por que Jesus teria aceito tais convites na página 15 desta edição.

peito dos possíveis motivos que levaram Seus anfitriões a convidá-IO. Desta vez não precisaremos especular, pois Lucas escreveu que “ao entrar ele num sábado na casa de um dos principais fariseus para comer pão, eis que o estavam observando” (Lucas 14:1; veja Lucas 11:53, 54). O contexto indica que eles “estavam observando” Jesus para ver se ele violaria as tradições relativas ao sábado.

Presente à refeição estava um homem “hidrópico” (Lucas 14:2). “Hidropisia” é um estado físico que faz o corpo reter líquido⁶. Este é um dos sintomas de insuficiência cardíaca congestiva⁷. Sem dúvida, os fariseus haviam trazido esse homem inválido para ver se Jesus o curaria no sábado.

Cristo não só curou o homem, como também apanhou Seus adversários de surpresa, desafiando-os com uma pergunta: “É ou não é lícito curar no sábado?” (v. 3; veja Marcos 3:4). Ele usou um argumento semelhante ao anterior (veja Mateus 12:11). O raciocínio do Senhor baseava-se na proibidade de se resgatar uma criança⁸ ou um animal de um poço⁹ num dia de sábado (v. 5) e poderia ser dito nos seguintes termos: “Se, para vocês, é apropriado tirar um filho da água [do poço] no sábado, por que não convém, a Mim, tirar água de um filho de Deus no sábado?” O versículo 4 diz: “Eles, porém, nada disseram. E, tomando-o, o curou e o despediu”.

Seja Verdadeiramente Humilde (14:7–11)

Jesus usou a ocasião para ensinar várias lições oportunas, todas baseadas no tema de banquetes, ou grandes ceias. Ele percebeu que os convidados tinham procurado os lugares de honra mais próximos do anfitrião (v. 7; veja Mateus 20:21; 23:6)¹⁰. E sugeri que havia sabedoria em escolher um lugar mais modesto (vv. 8–10). Esta história foi chamada de “parábola” (v. 7) porque o Senhor aplicou-a a todas as esferas da vida: “Pois todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado” (v. 11; veja Lucas 18:14; Mateus 23:12).

Seja Verdadeiramente Hospitaleiro (14:12–14)

Cristo virou-Se para o anfitrião e disse que não havia virtude em convidar pessoas que provavelmente iriam retribuir o favor (v. 12). Ele disse ao

⁶“Hidro” vem do grego, que significa “água”.

⁷A retenção de líquido também pode ser sintoma de mau funcionamento dos rins.

⁸Alguns manuscritos antigos trazem “filho” e outros “jumento” (veja a ERC). A ERA optou por “filho”.

⁹A palavra grega traduzida por “poço” em Lucas 14:5 pode significar “buraco”. Essa foi a palavra usada em João 4:11 e 12 para o poço de Jacó.

¹⁰No mundo ocidental, diríamos: “Todos queriam sentar-se à ponta da mesa”.

homem: “Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te”¹¹ (vv. 13, 14a). Com estas palavras, o Senhor acusou não só aquele anfitrião, mas todos nós que só somos “hospitaleiros” com os amigos e com quem classificamos como “da nossa estirpe” (veja Mateus 5:46, 47; Lucas 6:32, 33).

Seja Verdadeiramente Obediente (14:15–24)

Jesus disse que os verdadeiramente hospitaleiros seriam recompensados “na ressurreição dos justos”¹² (v. 14b). Um dos convidados, supondo que Ele se referia à vinda do reino messiânico¹³, exclamou: “Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus” (v. 15). Cristo respondeu com uma parábola sobre um grande banquete¹⁴. Os convidados ao banquete apresentaram desculpas por não comparecerem (vv. 16–21). Enfurecido, o anfitrião mandou chamar os desfavorecidos¹⁵ para irem jantar com ele (vv. 21–23; compare com v. 13).

Muitas lições podem ser extraídas desta parábola, mas o propósito principal do Senhor ao contá-la encontra-se no versículo 24, onde o senhor disse ao servo: “Porque vos declaro que nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia”. No contexto, o significado era: “Muitos de vocês que *pensam* que comerão pão no reino de Deus não irão!” Eles haviam recusado o convite de Deus. Especificamente, fecharam os ouvidos ao convite de Deus para fazerem parte do reino do Seu Filho. Haviam rejeitado Jesus como Filho de Deus.

Há uma lição na parábola para todos nós. Quando o Senhor convidar você (Mateus 11:28), não apresente desculpas, mas responda imediatamente ao amor dEle! Então, e somente então, você poderá ter a esperança de usufruir o Seu banquete espiritual (veja Apocalipse 3:20).

¹¹Não há de errar em convidar amigos para comerem conosco. Jesus usufruiu a hospitalidade de amigos como Marta e Maria (Lucas 10:38). Jesus quis dizer que a nossa hospitalidade não deve se *limitar* aos que provavelmente nos retribuirão o convite.

¹²Alguns entendem a expressão “a ressurreição dos justos” como ensino de que haverá duas ressurreições: a dos justos e, num momento posterior, a dos injustos. Todavia, a Bíblia ensina que haverá uma única ressurreição geral *tanto* dos bons *como* dos maus (João 5:28, 29). Em Lucas 14:14 Jesus ensinou que só os justos serão *abençoados* na ressurreição.

¹³Os judeus alimentavam uma variedade de idéias sobre o vindouro reino messiânico.

¹⁴Esta parábola é citada por muitas designações, entre elas “a parábola do convite desprezado”.

¹⁵A palavra “obriga” em Lucas 14:23 não se refere a força física, mas a forte persuasão. Os desfavorecidos ficariam receosos de ir à casa de um homem rico e poderoso.

UMA HISTÓRIA SOBRE COMO CONSTRUIR CASAS E LUTAR EM GUERRAS (LUCAS 14:25–35)

Multidões haviam seguido Jesus anteriormente em Seu ministério na Galiléia (Mateus 4:25). Agora, “grandes multidões o acompanhavam” na Peréia (Lucas 14:25). A empolgação em relação ao Messias continuava aumentando¹⁶. O Senhor viu a necessidade de reforçar a essa multidão entusiasta, porém volúvel, o preço de ser Seu discípulo (vv. 26, 27)¹⁷.

Jesus deu duas ilustrações sobre “calcular o preço”: a necessidade de calcular o preço antes de começar a construir um projeto (vv. 28–30) e de calcular o preço antes de partir para a guerra¹⁸ (vv. 31, 32). A seguir, Jesus tornou a enfatizar o preço do discipulado (v. 33)¹⁹, acrescentando uma ilustração de “sal” que Ele já havia usado antes. Era bom eles seguirem o Mestre, mas se não estivessem dispostos a fazer os sacrifícios necessários, seriam como o sal que perdeu seu sabor—pior do que algo inútil (vv. 34, 35; veja Mateus 5:13; Marcos 9:50).

UMA HISTÓRIA SOBRE COMO ACHAR OVELHAS, MOEDAS E FILHOS PERDIDOS (LUCAS 15:1–32)

Entre os que ouviam Jesus havia “publicanos e pecadores” (v. 1; veja Lucas 7:34). O termo “pecadores” pode nos causar admiração, visto que todos nós somos pecadores (Romanos 3:23), mas a palavra era usada para designar os que eram considerados pecadores aos olhos do mundo, e especialmente aos olhos dos fariseus.

Cristo não se distanciou dos rejeitados pela sociedade, mas Ele até partiu o pão com eles (veja Ma-

¹⁶A empolgação atingiria seu clímax com a entrada triunfal em Jerusalém, poucos dias antes da morte de Jesus (Mateus 21:1–11).

¹⁷Compare Lucas 14:26 com Mateus 10:37. Veja uma exposição de Lucas 14:26, na página 48 da edição “A Vida de Cristo—Parte 4”, desta série. Compare Lucas 14:27 com Mateus 10:38; 16:24; Marcos 8:34; Lucas 9:23. Veja uma breve exposição sobre Lucas 9:23 na página 36 da edição “A Vida de Cristo—Parte 7”, desta série.

¹⁸Não é relevante quem era o “inimigo” nesta ilustração. Nem todo detalhe de uma parábola ou ilustração tem de “significar alguma coisa”.

¹⁹Compare com Lucas 12:33. Veja alguns comentários sobre Lucas 12:33 na página 24 desta edição. Abrir mão dos bens fez parte do desafio de Jesus aos que queriam viajar com Ele em período integral. (Veja mais sobre este ponto nos comentários da história do jovem rico na próxima edição desta série.) Além disso, à luz da perseguição que sobreveio depois aos cristãos (Atos 8:1), todos que seguiram Jesus tiveram de se preparar para perder seus bens.

teus 9:10, 11)²⁰. Essa atitude fez os fariseus e escribas murmurarem: “Este recebe pecadores e come com eles” (Lucas 15:2). A reclamação maldosa desses líderes incitou Jesus a contar uma de Suas parábolas mais conhecidas: três histórias sobre coisas perdidas.

Perdido e Achado (15:1–24)

A próxima história que Cristo contou foi acerca de um pastor que perdeu uma ovelha e depois regozijou-se ao encontrá-la (vv. 3–6)²¹. Disse Ele: “Digovos que, assim, haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento²²” (v. 7). Ele também falou de uma mulher que perdeu uma moeda e ao encontrá-la, comemorou o achado (vv. 8, 9)²³. “Eu vos afirmo”, disse Jesus, “que, de igual modo, há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (v. 10). A seguir, Jesus contou a parábola do “filho pródigo²⁴”. O comentarista John F. Carter escreveu o seguinte sobre essa estimada história:

Milhares cujas vidas arruinadas pelo pecado os levaram a entrar em desespero já se inspiraram nela para lançar-se à misericórdia de Deus; e ao fazerem isto eles não só receberam perdão e aceitação divina, mas também encontraram poder para viver vitoriosamente.²⁵

Quando o filho pródigo finalmente voltou para casa, houve grande júbilo (v. 24).

Alegria e Reprovação (15:25–32)

Ao contar a parábola do filho pródigo, geralmente encerramos no momento da festa em homenagem à sua volta; atribuindo um clímax natural à

²⁰Alguns já tentaram usar Lucas 15:1 e 2 para justificar a participação em atividades mundanas. Vejamos o propósito de Jesus: Ele comeu com eles para salvar suas almas (Lucas 5:30–32). Vejamos a extensão da participação de Jesus: Ele comeu com eles, mas não se envolveu nas atividades pecaminosas deles.

²¹Jesus já havia usado uma ilustração de uma ovelha perdida com uma aplicação diferente (Mateus 18:12–14).

²²Visto que ninguém é verdadeiramente justo (Romanos 3:10) e que todos precisam de arrependimento (Atos 17:30), a última parte de Lucas 15:7 parece cheia de ironia: os fariseus consideravam-se justos, não necessitando de arrependimento (veja Lucas 18:9).

²³A moeda perdida era uma dracma, equivalente a um denário, ou seja, a uma diária de um operário braçal. Veja a página 11 da edição “A Vida de Cristo—Parte 7”, desta série.

²⁴Muitos de nós já ouvimos e usamos a palavra “pródigo” como sinônimo de “infiel” ou “pecador”, mas o termo na verdade significa “esbanjador ou gastador”.

²⁵John Franklin Carter, *A Layman's Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, p. 216.

história. Mas, Jesus não terminou a história nesse momento. O ponto principal da parábola era o contrastar o júbilo do pai com a mágoa do filho mais velho (vv. 25–30)²⁶. O irmão mais velho representava os fariseus—e todos que não se preocupam com os perdidos nem se alegram com sua conversão ao Senhor. A atitude que devemos ter encontra-se nas palavras do pai ao filho mais velho: “...era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado” (v. 32).

UMA HISTÓRIA SOBRE COMO USAR O DINHEIRO (LUCAS 16:1–13)

A Administração Injusta (16:1–9)

A seguir, Jesus virou-se para os discípulos (v. 1) e contou-lhes uma parábola sobre um gerente comercial desonesto²⁷. Em vez de “gerente”, o texto original traz “mordomo”, também traduzido por “despenseiro”. Um mordomo cuidava do que pertencia ao seu patrão (veja Lucas 12:41–48; 1 Coríntios 4:2).

A história que Cristo contou sobre esse mordomo é uma das parábolas mais incomuns. Superficialmente, ela parece exaltar a atitude inescrupulosa²⁸. O gerente comercial havia administrado mal o capital a ele confiado (v. 1) e seria despedido (v. 2)²⁹. Rapidamente, o administrador chamou os devedores do seu patrão e reduziu os valores que eles deviam (vv. 5–7), para que, quando fosse despedido, pudesse contar com a amizade deles (v. 4). E o futuro ex-patrão do mordomo elogiou sua astúcia (v. 8a)³⁰.

Será que Jesus estava elogiando a desonestidade e a má administração? Claro que não (veja 16:17). A lição que Ele queria passar encontra-se no fim do

²⁶Veja mais sobre esta parte da história em “O Desfecho da História”, mais adiante nesta edição.

²⁷A Bíblia Viva usa o termo “um contador para administrar seus negócios”; a ERC diz “mordomo” e a Versão Fácil de Ler, a Bíblia de Jerusalém, a NVI e a NTLH usam “administrador”. A história é conhecida como “a parábola do administrador infiel”, “a parábola do mordomo infiel” ou “a parábola do administrador astuto”.

²⁸Alguém sugeriu que Jesus usou essa ilustração porque os publicanos e pecadores que ouviam podiam identificar-se com o vilão descrito por Cristo.

²⁹O trabalho que esse homem executava era geralmente feito por escravos, mas o fato do mordomo ser *despedido* indica que ele era um homem livre, e não um escravo.

³⁰A ERC diz que o mordomo agiu “prudentemente”. Esta é uma tradução fiel, mas entenda-se que a “prudência” do homem era a prudência “deste mundo” (veja 1 Coríntios 1:20; Tiago 3:15). “Astúcia” expressa bem a idéia. As palavras do rico foram a admiração relutante de um homem apegado a coisas mundanas diante de um mau caráter esperto.

versículo 8: “...os filhos do mundo são mais hábeis na sua própria geração do que os filhos da luz”. Em outras palavras: os ímpios sabem usar o dinheiro para atingir propósitos ímpios melhor do que os piedosos para atingir fins piedosos.

O gerente comercial desonesto fez amigos com o dinheiro. Da mesma forma, disse Cristo, “das riquezas de origem iníqua fazei amigos³¹; para que, quando aquelas vos faltarem, esses amigos vos recebam nos tabernáculos eternos” (v. 9). “Fazemos amigos” com os bens suprindo os necessitados. Segundo Jesus, dar ao próximo acumula tesouros no céu e também nos garante boas-vindas calorosas de quem ajudamos na terra. A lição aqui é basicamente a mesma de Lucas 12:33: “Vendei os vossos bens e dai esmola; fazei para vós outros bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus”³².

A Administração Justa (16:10–13)

Cristo reforçou a parábola com exortações gerais para sermos bons despenseiros, bons mordomos, especialmente do nosso dinheiro (vv. 10–12). Ele também advertiu contra permitirmos que o dinheiro se torne nosso senhor (v. 13; veja Mateus 6:24). Jesus poderia ter prefaciado a parábola e o ensino subsequente com as palavras: “Acautelai-vos do fermento dos fariseus” (Lucas 12:1), pois “os fariseus... eram avarentos” (Lucas 16:14). Eles estavam convictos de que ser rico era prova irrefutável de aprovação divina³³.

UMA HISTÓRIA SOBRE COMO FICAR FORA DO “INFERNO” (LUCAS 16:14–31)

O dinheiro não era obviamente a coisa mais importante no mundo para Jesus. Quando os fariseus ouviram “tudo isto” eles começaram a ridicularizar Jesus (v. 14)³⁴. ANTLH e a NVI dizem que eles “zombaram” de Jesus. A intenção deles era desabonar Jesus diante das massas.

Ricos com Ódio (16:15–18)

Cristo respondeu repreendendo os fariseus³⁵:

³¹O dinheiro não é intrinsecamente bom ou mau. Ele é chamado de “riquezas de origem iníqua” em Lucas 16:9 porque o desejo por ele já produziu iniquidade em muitas pessoas (1 Timóteo 6:10).

³²Veja os comentários sobre Lucas 12:33 na página 24.

³³Veja os comentários sobre Mateus 19:25 na próxima edição desta série.

³⁴Compare com Lucas 23:35.

³⁵A seguir vem um resumo das palavras de Cristo em Lucas 16:15–18, relativo ao que a Bíblia ensina sobre os fariseus em outros trechos.

- Censurou-os por se justificarem diante dos homens (v. 15).
- Censurou-os por “se esforçarem” por entrar no reino com suas regras e regulamentos humanos (v. 16)³⁶.
- Censurou-os por se preocuparem mais com suas tradições humanas transitórias do que com a indestrutível Palavra de Deus (vv. 17, 18)³⁷.

Um Rico no Hades (16:19–31)

Após a repreensão, Cristo contou outra história. Se a parábola do administrador desonesto havia incomodado os amantes do dinheiro, eles devem ter ficado duplamente insatisfeitos com esta segunda ilustração, sobre *um rico* que se perdeu espiritualmente.

Lucas 16:19–31 é geralmente chamado de “a parábola do rico e Lázaro”. É a história de um rico que não passou no teste de administração. Ele não aproveitou a oportunidade de ajudar um mendigo chamado Lázaro³⁸. Quando o mendigo morreu, foi levado pelos anjos para o “seio de Abraão” (v. 22), mas quando o rico morreu, viu-se em “tormentos” (v. 23).

O rico implorou que Lázaro fosse mandado de volta à terra para avisar seus cinco irmãos, mas Abraão lhe disse: “Eles têm Moisés e os Profetas... Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos” (vv. 29–31). Essas palavras tinham uma aplicação especial para os fariseus. Eles tinham os escritos de Moisés e dos Profetas que testificavam a favor de Jesus (Lucas 24:44), mas recusavam-se a ouvi-los. Por isso não se deixaram persuadir quando Cristo ressuscitou mortos (Lucas 7:11–17; 8:41–56; veja João 11:1–53; 12:9–11). De fato, eles não se deixariam persuadir nem mesmo quando o próprio

³⁶João Batista rompeu “o silêncio profético” de quatrocentos anos desde Malaquias. A partir de João, pregou-se a Boa Notícia (“o evangelho”) de que “o reino está próximo”. Todavia, em vez de aceitar o caminho de Deus para entrar no reino (crendo em Jesus e seguindo-O), os fariseus estavam “se esforçando” para entrar no reino usando suas próprias regras e regulamentos. Isto não funcionou naqueles dias, nem funcionará hoje.

³⁷Compare Lucas 16:17 com Mateus 5:18 e Lucas 16:18 com Mateus 5:31, 32. Assim como os fariseus, com suas tradições, haviam posto de lado as leis de Deus sobre o *cuidado com os pais* (Mateus 15:1–9), eles também estavam pondo de lado as leis de Deus sobre o *casamento*. Comentaremos o tema casamento e divórcio mais detalhadamente quando estudarmos Mateus 19:1–9.

³⁸Veja um estudo mais detalhado sobre esta parábola no artigo “Uma Carta do ‘Inferno’”, na página 45 desta edição.

Jesus ressuscitou dos mortos (Mateus 28:11–15; Atos 4:1–22).

Alguns que não gostam das implicações de Lucas 16:19–31³⁹ apegam-se à palavra “parábola” para ensinar que essa narrativa é pouco mais que um conto fantástico. Tenhamos os seguintes fatos em mente:

1) A Bíblia não chama essa história de parábola. Se fosse uma parábola, seria a única que dá nome à personagem principal (Lázaro) e uma das poucas não baseadas em situações comuns do cotidiano com as quais os ouvintes de Jesus estavam acostumados. Obviamente, como já salientamos, o termo “parábola” é muitas vezes usado livremente nos relatos do evangelho, significando em alguns casos pouco mais que uma “ilustração” (veja Lucas 14:7–10 nesta lição). Neste sentido, não há mal em se chamar a história do rico e Lázaro de “parábola”, desde que nos lembremos de que esta é a nossa designação, e não a do Senhor.

2) Mesmo que classifiquemos essa história como uma “parábola”, isto não quer dizer que estejamos rotulando-a de “um conto fantasioso”. J. W. McGarvey comentou: “Mas deve-se observar que as parábolas de Jesus nunca introduzem condições fictícias, nem violam em parte alguma a ordem e o curso da natureza”⁴⁰. Não há razão para duvidarmos de que as cenas de Lucas 16:19–31 retratam precisamente os estados da alma após a morte: o estado amaldiçoado dos perdidos e o estado bem-aventurado dos salvos⁴¹. Devido à Sua pré-existência (João 1:1, 2, 14), “Jesus é a única pessoa que viveu na terra capaz de descrever as experiências de pessoas após a morte”⁴².

CONCLUSÃO

Quando fazemos uma aplicação pessoal destas lições, elas causam um impacto em nossas vidas de modo prático. Por exemplo, podemos convidar para nossas casas pessoas que nunca pensamos em convidar antes, talvez até alguém que não possa nos retribuir o convite. Podemos perguntar a nós mesmos: “Sou amigo de pecadores como Jesus era?” Talvez escolhamos alguém diferente esta semana

³⁹Isto inclui os que não crêem que os mortos têm consciência e os que não crêem em castigo após a morte.

⁴⁰McGarvey e Pendleton, p. 514.

⁴¹Veja uma exposição sobre a vida imediatamente após a morte em “Onde estão os mortos?”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 14”, desta série.

⁴²Carter, p. 221.

para conhecermos melhor⁴³. No mínimo, a parábola do convite menosprezado (Lucas 14:16–24) deve nos instigar a perguntar: “Eu já aceitei o convite do Senhor?” A história do rico e Lázaro, por sua vez, deve despertar esta pergunta penetrante: “Estou pronto para morrer?”

⁴³Se estiver usando este material em sala de aula, abra espaço para uma discussão sobre como os alunos podem contatar pecadores para fazer amizade com eles. Uma sugestão para os pais de crianças em idade escolar é que eles podem fazer amizade com os pais de um colega do filho.

PERDIDOS E ACHADOS

PERDEU-SE uma moeda. Ela não sabe que está perdida e, portanto, não fará nenhum esforço para voltar. Quem a encontrar, por favor, devolva-a, pois essa moeda é extremamente valiosa.

PERDEU-SE uma ovelha. Ela sabe que está perdida, mas não consegue achar o caminho de volta para casa. Quem a encontrar, por favor, mostre-lhe o caminho e ajude-a a ir para casa, pois essa ovelha é muito valiosa.

PERDEU-SE um menino. Ele saiu de casa e sabe o caminho de volta. Quem o encontrar, por favor, incentive-o a voltar para casa; pois um pai velho e grisalho está desesperado, à espera de sua volta.

PERDEU-SE um irmão mais velho. Este irmão está perdido por três razões: 1) ele não aceitou a volta de seu irmão; 2) obviamente não lhe importava se o irmão voltaria ou não; 3) ele estava mais preocupado com o valor de um novilho do que com o valor de um ser humano. Quem o encontrar, por favor, comunique-lhe a preocupação do seu pai e aconselhe-o a ser como o pai.

O Desfecho da História

Lucas
15:25-32,
Olhando de perto



Depois que Jesus contou as parábolas da ovelha, da moeda e do filho perdido, Ele acrescentou o que poderíamos chamar de “desfecho da história”—a reação do irmão mais velho que ficou em casa (Lucas 15:25–32). O desfecho da história do filho pródigo infelizmente é triste. Esta parte da narrativa foi contada para acusar os fariseus que haviam criticado Jesus por ser amigo de pecadores (Lucas 15:1–3).

“O desfecho da história” em Lucas 15 me deixa inquieto, pois eu sou o mais velho de dois irmãos. Debaixo do Antigo Testamento, o filho mais velho herdava duas vezes mais que os outros irmãos (Deuteronômio 21:17); além disso, não havia muita vantagem em ser o primogênito. Geralmente, espera-se mais do filho mais velho e é difícil viver à altura dessas expectativas¹. Para ser honesto, os irmãos mais velhos na Bíblia não eram, em sua maioria, muito simpáticos²: Caim matou seu irmão mais novo, Abel (Gênesis 4). Esaú foi um irmão mais velho sem senso de valores (Gênesis 25:29–34). Um dos irmãos mais velhos de Davi, Eliabe, opôs-se a ele (1 Samuel 17:28).

O que me deixa mais inquieto no “desfecho da história” de Lucas 15 é que, às vezes, eu me vejo no lugar do irmão mais velho retratado por Jesus. Os versículos 25 a 30 me compelem a fazer um auto-exame sério. Talvez eles façam o mesmo com você.

É POSSÍVEL “PARTIR” SEM SAIR DA PRÓPRIA TERRA (vv. 25–30)

O irmão mais velho tinha algumas qualidades boas. Ele não era rebelde: não havia saído de casa e seus pais não precisavam ficar preocupados com os lugares por onde ele andava à noite. Ele não era pre-

¹Segundo os sociólogos, a ordem de nascimento pode afetar a personalidade dos filhos. Se quiser, amplie este assunto.

²A notável exceção a isto é Jesus, que tinha meio-irmãos e meia-irmãs mais novos.

guiçoso: servia seu pai fielmente há anos (v. 29), e ele estava “no campo” quando o irmão voltou para casa (v. 25; veja Gênesis 3:19). Ele não era imoral: aparentemente era contra pecados carnis (v. 30), e levava uma vida moralmente reta. Todavia, ele partiu para sua própria “terra distante” e pecaminosa, mesmo sem sair de casa³.

1) Ele era presunçoso: “*Eu* jamais transgredi uma ordem tua” (v. 29; grifo meu). Às vezes pensamos que somos melhores do que outros porque não cometemos os pecados visíveis que eles cometeram. Os pecados do coração corrompem a alma tanto quanto os pecados da carne.

2) Ele era precipitado: “esse teu filho... desperdiçou os teus bens com meretrizes” (v. 30). Talvez a acusação fosse verdadeira, talvez não. Às vezes nós presumimos que outros são culpados daquilo que nós seríamos culpados, se tivéssemos a mesma oportunidade.

3) Ele era incompassivo (vv. 28–30), ou seja, não sabia perdoar.

4) Ele era egocêntrico, não se preocupava com os outros (vv. 29, 30). Como os fariseus, ele não se preocupava com os perdidos.

5) Ele era irascível⁴ (v. 28).

6) Ele foi rude com o pai, acusando-o de favoritismo: “...nunca *me* deste um cabrito sequer” (v. 29; grifo meu), mas “mandaste matar para *ele* o novilho cevado” (v. 30; grifo meu).

7) Ele era ingrato e murmurador (vv. 29, 30). Não valorizava o que tinha.

³A lista que vem a seguir contém sugestões de comentários, algumas dos quais se sobrepõem. Escolha os pecados mais aplicáveis aos seus ouvintes e amplie-os, acrescentando passagens bíblicas pertinentes. Se quiser, ilustre cada pecado com as falhas dos fariseus.

⁴Atualmente, parece haver mais pessoas irascíveis no mundo do que antes. As manchetes estão cheias de crimes cometidos por pessoas enfurecidas. Se quiser, explore mais as raízes da raiva.

8) Ele era cruel. Não reconheceu o irmão como irmão (“esse teu filho”, v. 30). Quando o irmão saiu de casa, provavelmente ele pensou: “Já vai tarde!”

9) Ele era invejoso.

10) Ele era um estraga-prazeres. Tentou estragar a alegria do pai (veja Provérbios 17:22).

11) Ele era um perturbador. Impediu que toda a família se regozijasse harmoniosamente.

12) Ele era pessimista. Todos os seus pensamentos eram negativos.

O irmão mais velho teve um problema de *atitude*. Uma atitude ruim pode incorrer em juízo. A reação do moço à volta do irmão nos faz indagar: “*Por que ele ficou em casa; por que foi fiel?*” Evidentemente, ele só fez isso pela recompensa. Ao que tudo indica, sua motivação para fazer o bem estava errada.

O lado mais sombrio do irmão mais velho poderia jamais ter vindo à tona se o irmão mais novo não voltasse para casa. Às vezes, surgem situações em nossas próprias vidas que trazem à tona o pior de nós, e nos sentimos humilhados.

NÃO É POSSÍVEL “VOLTAR” SEM DESPIR-SE DO ORGULHO (vv. 31, 32)

O pai havia sido bondoso com o filho pródigo que voltou; e ele também foi bondoso com o irmão mais velho. No lugar dele, eu poderia ter sido rígido: “Seu ingrato! Pare de agir como um bebê! Pare de ficar rondando e entre em casa!” Ao contrário disso, o pai falou com ele pacientemente. Ele não queria perder mais outro filho. As palavras do pai foram breves, mas sintetizam as mudanças que precisamos fazer para nos livrarmos da síndrome do irmão mais velho⁵:

1) Conte suas bênçãos (v. 31): a *presença* de Deus (“tu sempre estás comigo”) e os muitos *presentes* de Deus (“tudo o que é meu é teu”).

2) Aceite seus irmãos (v. 32; “esse teu filho” [v. 30] vs. “esse teu irmão” [v. 32]).

3) Cultive a compaixão pelos outros. O pai disse: “era *preciso* que nos regozijássemos e nos alegrássemos...” (v. 32a; grifo meu). O texto original traz “era necessário”.

⁵Novamente, apresentamos aqui apenas sugestões para estimular sua reflexão sobre os versículos 31 e 32. Se quiser, correlacione as duas listas.

Se o irmão mais velho tivesse tido a atitude correta, ele teria se sentado à mesa, se divertido com a música e saboreado a melhor carne. Em vez disso, ele ficou amuado à sombra. Ele não teve o fruto do Espírito (Gálatas 5:22, 23). Possuir esse “fruto” em nossos corações resolverá a maioria dos problemas de relacionamento.

CONCLUSÃO

O que aconteceu ao irmão mais velho? Ele ouviu o pai e entrou em casa, juntando-se à festa? Jesus não disse. É difícil mudar quando se é o “irmão mais velho” espiritual. O propósito de Cristo era acusar os fariseus e a maioria dos fariseus não mudou. Todavia, alguns deles mudaram (Atos 15:5; 23:6; 26:5; Filipenses 3:5)—então, há esperança!



Uma Carta do “Inferno”

Do Mundo dos Mortos
Ontem, Hoje e Amanhã
Até que o Senhor Venha

Prezado amigo,

Sem dúvida, é uma surpresa para você receber notícias minhas. Francamente, eu também estou surpreso. Ter a oportunidade de me comunicar com os que ainda estão vivos é algo sem precedentes. Não sei por que essa oportunidade me foi concedida, mas espero fazer o melhor proveito dela.

Uma vez que você conhece a minha história, não repetirei os detalhes. Antes, prefiro contar-lhe o que tenho aprendido com minhas experiências. Aprendi essas lições tarde demais, de modo que dependo de você como portador desta mensagem a outros. Solicito que faça isto, para que outros não venham para cá!

“USE SUA VIDA PARA DEUS”

A primeira coisa que eu mencionaria—e talvez a mais importante—é que cada vida tem um propósito. Fomos colocados na terra por uma razão. Esse propósito é servir e glorificar a Deus. Sábio é o homem que aprende a *usar sua vida para Deus!*

Eu não aprendi isto enquanto era vivo. Não que eu fosse totalmente mau. De fato, até onde eu sei, ninguém nunca criticou as coisas que eu *fazia*. O meu erro foi o que *eu de fato não fiz*.

Se você me perguntasse se a minha vida era dedicada a Deus, eu olharia surpreso e diria: “Cavalheiro, eu sou judeu. Frequento os cultos no templo fielmente. Faço os sacrifícios prescritos. Oferto conforme a lei ordena. E você vem me perguntar se uso a minha vida para Deus!?” Claro que, de fato, eu não usei a minha vida para Deus. Eu confundi ser religioso com ser justo. Frequentar cultos, oferecer sacrifícios e ofertar: essas coisas estão certas; mas, isoladas do compromisso com o Senhor, elas são vazias e inúteis. O que Deus quer é uma vida centrada nEle.

Deus ocupava uma parte tão pequena do meu pensamento naquela época—e eu daria qualquer coisa para vê-LO agora, nem que fosse de relance!

“NÃO SE ILUDA COM COISAS”

Parte do meu problema foi me deixar iludir por coisas materiais. Se, hoje, a chegada de pessoas no Inferno indica alguma coisa, com certeza indica que essa situação ainda persiste.

Os bens materiais me iludiram de duas maneiras. Em primeiro lugar, eles eram importantes demais para mim. Aqui está o modo como analiso a situação (e tenho tido muito tempo para pensar nisso): você pode *ver* coisas materiais, mas não pode ver a alma nem Deus nem as realidades espirituais. Coisas materiais exigem muito de você, enquanto a alma fica em segundo plano, à espera da sua atenção. Coisas materiais apelam para você através dos cinco sentidos, enquanto a alma lança seu apelo mais sutilmente. Como é fácil sentir que o físico e o temporal são o que realmente importa! Rapidamente somos envolvidos por questões menores—e Deus é esquecido.

As coisas materiais também me iludiram pelo fato de eu entender a abundância delas como prova do favor de Deus. Cercado de riquezas e honrado por outros seres humanos, foi impossível para mim considerar a idéia de que minha vida poderia não estar agradando ao Senhor. Como fiquei perplexo ao saber que, como dizem as Escrituras, Deus não olha para a aparência exterior, mas para o coração!¹ Como as coisas materiais são ilusórias!

¹Tudo indica que o rico esteja se referindo a 1 Samuel 16:7.

Não me entenda mal. Naquela época eu gostava de usar púrpura e linho fino, trajes vestidos por reis e nobres. Eu gostava de grandes ceias e festas. Gostava dos aplausos de pessoas e da aclamação dos amigos. Agora, tudo isso é como cinzas na minha boca. Posso afirmar, por experiência própria, que viver no luxo foi inútil. Troquei as vestiduras brancas de justiça por púrpura e linho fino; troquei a ceia eterna com Deus por uma vida suntuosa na terra; troquei a aprovação de Deus pela aclamação de homens—trocas na verdade muito infelizes!

Possuir bens não é errado em si mesmo. A ênfase nos bens, a importância atribuída a eles, isto sim é que destrói a alma de um homem. Quando coisas materiais controlam você, você está perdido.

Quem me dera encontrar um meio de mostrar este aspecto com toda a força que ele deve ser mostrado! Aos que estão tão envolvidos em seus empregos que não têm tempo para Deus, aos que usam todas as horas livres para si mesmos, e nunca para os outros, aos que se preocupam mais com questões materiais do que com o espiritual, deixe-me dizer uma coisa com todo o meu ser: *Esse estilo de vida não vale a pena!* A maneira como alimentamos a alma exerce um grande impacto sobre nosso juízo de valores.

“APROVEITE AS OPORTUNIDADES”

O que uma pessoa deve fazer é *procurar oportunidades para servir, e não para ser servida*. Olhando para o passado, eu reconheço que tive muitas oportunidades. Hoje também reconheço que cada oportunidade comprovou o que era realmente importante para mim.

Consideremos aquele mendigo chamado Lázaro. (É um exemplo do qual eu jamais me esquecerei!) Se eu me desse ao trabalho de pensar no assunto, provavelmente eu diria que a minha salvação eterna dependia de qualquer outra coisa que não fosse como eu tratava aquele pobre homem. Como eu estava errado!

Suponhamos que eu estivesse vagamente ciente da presença dele—vendo-o mais como um estorvo do que qualquer outra coisa. Havia um mendigo em cada esquina da Palestina. Feridas cobriam-lhes os corpos e eles disputavam migalhas com os cães. O que significava para mim ver mais um aleijado ou indigente? Logo, aquele Lázaro passou a fazer parte do cenário à minha porta e eu nem me lembrava dele. Eu tinha coisas mais “importantes” com que me preocupar—como eu era tolo.

Se me perguntassem por que eu não ajudei aquele mendigo, eu teria uma lista de respostas prontas: “Eu ofertei para o templo; que eles cuidem dele”; “Se eu cuidar de um desses mendigos, terei

de cuidar de todos”; “Esse trabalho não é meu mais do que de todo mundo”.

Eu não enxergava duas coisas: 1) Embaixo daquela sujeira e degradação havia um homem... um homem com alma... um ser humano como eu. Ao deixar de ministrar a ele, eu neguei minha própria humanidade. 2) Uma vez deitado à *minha* porta, ele era *minha* responsabilidade de uma forma especial. Ele era a minha oportunidade e a minha prova—uma prova em que lamentavelmente eu fracassei.

Se me permitem fazer um comentário pessoal: com base no que eu ouço a respeito do século XXI (daqueles que chegam diariamente aonde estou), esta é uma era de oportunidades. Eu pensava que eu era rico pelos padrões da minha época, mas o que eu tinha não se compara às bênçãos atuais de alguns habitantes da terra. Também ouvi falar do aumento de oportunidades para ajudar os outros, das grandes oportunidades de ensinar a Palavra de Deus, e das maravilhosas oportunidades que os fiéis de hoje tem de servir ao Senhor de inúmeras maneiras. Aceite o conselho de quem sabe o que está falando: não trate suas bênçãos levemente. Use seus dons para Deus. Aproveite as oportunidades para fazer o bem.

Eu tive de aprender duramente que não é necessário roubar, matar nem ser imoral para perder a salvação. *Basta não viver uma vida ativa fazendo o bem?*

“‘O INFERNO’ É UM LUGAR TERRÍVEL”

Isto me leva à segunda linha de raciocínio—a próxima coisa que aprendi e que gostaria de passar a você: use sua vida para Deus, *porque “o inferno” é um lugar terrível!*

Coloquei a palavra “inferno” entre aspas porque ainda não estou no mundo eterno dos condenados, chamado na língua grega de *gehenna*. Por enquanto, estou no estado intermediário dos mortos—no mundo do Hades, onde se encontram os mortos. Alguns dos meus companheiros me disseram que a versão da Bíblia³ mais comum usada na terra traduz três palavras gregas diferentes, que se referem a três coisas diferentes, por uma mesma palavra: “inferno”⁴. Isto pode ser um pouco confuso, pois

²Ele poderia ter em mente Mateus 25:31–46.

³Isto pode se referir à ERA.

⁴As três palavras gregas são: *gehenna* (que se refere ao destino final dos ímpios—o “lago de fogo”), *Hades* (que significa literalmente “o [mundo] invisível” e refere-se ao estado de todos os espíritos à espera do juízo, bons e maus) e *tartarus* (a parte do Hades onde os ímpios aguardam o juízo). Veja em Mateus 23:33, Atos 2:31 e 2 Pedro 2:4 os termos acima, respectivamente.

em vez de “inferno”, minha história (registrada em Lucas 16) deveria ter a palavra “Hades”⁵. Esse vocábulo grego significa “o [mundo] invisível”. Este “Hades” é mais um estado do que um lugar. Obviamente, não há como você entender completamente este conceito; por isso precisa apenas aceitar o fato de que um dia, a menos que Cristo volte antes de você morrer, você estará aqui e saberá por si mesmo como é este lugar.

Hades é onde se acham as almas dos mortos, dos bons e dos maus. É onde aguardamos o juízo final. Numa “parte” (não é um termo preciso, mas é o único em que posso pensar para comunicar a idéia) do Hades ficam os bons, e na outra parte ficam os maus. Então, como vê, não estou no inferno e sim no Hades, aguardando a sentença final.

Deixe-me dizer que, em termos práticos, não há muita diferença entre o estado intermediário e o estado final dos mortos. Os que foram fiéis a Deus são imensamente felizes aqui—e aqueles que não foram fiéis ao Senhor, como eu, são terrivelmente infelizes.

Não sei como expressar o pavor que predomina na parte do Hades em que me encontro; está além da compreensão humana. Um segundo neste lugar convenceria qualquer um a fugir para Deus imediatamente. Qualquer tentativa de descrever minha agonia será inadequada, mas talvez alguns detalhes sejam úteis para fortalecer sua determinação de não vir para cá.

Um Lugar de Tormento

Primeiramente, a parte do Hades em que me encontro é um lugar de tormento. Não existem palavras no meu vocabulário suficientes para descrever este tormento. Disseram-me que sua Bíblia usa a figura de fogo para transmitir a idéia. Essa é uma boa figura. Se você já sofreu uma queimadura, sabe como pode ser doloroso. Tente lembrar-se dessa dor. Depois, imagine-se com queimaduras em cada quadrante do corpo. Por fim, tente imaginar-se queimando *por dentro*—tendo a alma eternamente em chamas, sempre ardendo, mas nunca consumida.

Só de pensar nisto fico fora de mim! Ah, quem dera o mínimo alívio! A menor gota d’água na ponta da minha língua já me daria algum alívio! Como poderei agüentar esta dor, este sofrimento, esta agonia por toda a eternidade...?

Preciso me recompor e terminar esta carta. Você jamais poderá calcular como é difícil para mim or-

denar os pensamentos em tais condições. É um esforço quase além das minhas forças. Todavia, se eu puder evitar que uma alma venha para cá, esse esforço terá sido válido.

Um Lugar de Recordações

Mais horrível ainda do que o fato de ser este um lugar de tormento é o fato de ser um lugar de recordações. No meu tempo, os saduceus defendiam que o homem não possui alma e, conseqüentemente, na morte ele estaria inconsciente. Como eu gostaria que fosse assim! A verdade é que, após a morte, a pessoa está muito consciente e muito ciente—de onde está, de tudo que já aconteceu com ela e das coisas eternas.

Quando a mente é liberta do corpo físico, parece que ela ganha uma capacidade maior de compreensão. Não sei direito por quê. Talvez a mente, livre do físico, tenha o poder de sintonizar-se com a mente onisciente e onipresente de Deus—uma situação maravilhosa para quem está no lado dos salvos, mas uma condição horrível para quem está no lado dos condenados! Qualquer que seja o motivo disso, hoje tenho a capacidade de saber coisas que não sabia antes.

Também tenho acesso a antigas recordações—lembranças que eu não perdi nos quase dois mil anos em que me encontro aqui, lembranças que me assombam sem misericórdia. Jamais esquecerei as palavras de Abraão quando ele disse: “Filho, lembra-te...” Como se eu pudesse me esquecer das oportunidades que perdi! Como se eu pudesse esquecer como teria sido relativamente simples ir para o lado dos remidos!

Um recém-chegado me falou dos tubos gigantes, chamados foguetes, que vocês disparam pelo céu. Ele disse que o menor desvio no início de uma trajetória pelo céu pode fazer o foguete acabar milhares de quilômetros longe do alvo. Isto se parece muito com a eternidade! As pequenas coisas, as pequenas escolhas, as decisões, aparentemente insignificantes, de fazer o certo ou o errado—são elas que geralmente determinam o nosso destino eterno. Se você vier para cá, como eu, passará a eternidade dessecando cada uma dessas “pequenas” decisões, perguntando a si mesmo: “Por que eu fiz isso? Por que não fiz aquilo?”

As recordações para os salvos devem ser uma bênção sem comparação, mas para os perdidos, elas são uma maldição além da compreensão. Ironicamente, se você não der ouvidos a esta mensagem e vir parar aqui um dia, você se lembrará até que eu o avisei e vai se martirizar por toda a eternidade por não ter me escutado.

⁵A ERA traz “inferno”, e a ERC, “Hades”.

Uma Situação Permanente

A situação em que me encontro poderia ser tolerável se houvesse alguma esperança de alívio. Se soubéssemos que, em mil anos ou em um milhão de anos, haveria um fim, poderíamos agüentar a dor de alguma maneira. Infelizmente, não é esse o caso. O tormento iniciado aqui e continuado no *gehenna* é permanente.

Como foi terrível ouvir as palavras de Abraão logo que cheguei aqui! “E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós⁶.” Um grande abismo... um grande abismo cavado por nós mesmos quando rejeitamos o caminho de Deus⁷... um grande abismo aberto por toda a eternidade!

Escute bem, amigo: não acredite naqueles que dizem que há uma saída para esta situação. Não confie em pessoas quando dizem que, pagando um preço, pode-se reduzir a duração deste tormento. A agonia jamais terá fim. Quem está neste sofrimento hoje estará no mesmo sofrimento amanhã e daqui a cem milhões de anos e mais cem milhões de anos. Jamais teremos alívio. Sofremos o inferno por antecipação hoje e sofreremos o inferno de fato amanhã e por toda a eternidade!⁸

“AGORA É A HORA DE SE PREOCUPAR”

Tenho enfatizado duas coisas: 1) use sua vida para Deus, porque 2) o “inferno” é um lugar terrível. Isto me leva à última exortação: *Agora é a hora de se preocupar*.

Preocupe-se agora com os outros

Enquanto a morte não chegar, você jamais saberá como ela surpreende. Você faz tantos planos. Pensa em fazer tantas coisas. Daí—num estalo—você morre. Esteja pronto ou não, sua vida se acaba.

Digo isto porque se você pretende ajudar alguém, deve fazê-lo agora. Você pode morrer antes deste dia terminar. Não estou tentando assustá-lo; só estou apresentando os fatos.

Eu tinha cinco irmãos. Enquanto eu era vivo, uma coisa em que eu *não* pensava era a condição das almas deles. Eu os via de vez em quando. Algumas vezes nossas famílias se reuniam. Mas a condição espiritual deles nunca foi minha preocupação. Daí, depois que eu morri—depois que compreendi no

que consiste a vida, depois que experimentei o tormento dos condenados—a falta de preparação dos meus irmãos tomou conta da minha mente. Implorei para voltar até eles de alguma maneira. Eu daria tudo para eu, ou Lázaro, ou qualquer outro gritar apenas uma frase para eles: “Mudem de vida!”

Foi impossível voltar. Ouvi dizer que algumas pessoas no mundo dos vivos podem se comunicar com os mortos. São mentirosos ou estão enganados. Não houve como fazer meu aviso chegar aos meus irmãos. Minhas oportunidades já tinham se esgotado. Então, meus irmãos foram morrendo e, um a um, eles vieram para cá. Como é terrível ouvir os gritos e gemidos daqueles a quem tanto ame!

Quem é a pessoa mais especial para você? Um parente? Um amigo? Um vizinho? Vá até ela agora. Fale de Deus e da eternidade para ela agora mesmo. Explique a essa pessoa (como explicou-me Abraão tanto tempo atrás) que as Escrituras são a única maneira de conhecerem a vontade de Deus. Depois disso, peça insistentemente que essa pessoa aproxime-se do Pai. Não deixe que a timidez ou o orgulho impeça-o de insistir. Suplique, implore, insista, solicite, rogue—porque uma alma está em risco, uma alma que passará a eternidade em algum lugar.

Não muito depois de minha morte, o Messias morreu na cruz—Aquele a quem vocês chamam de Jesus. Durante os três dias em que Ele esteve morto, a alma dEle esteve no Hades⁹. Daqui eu pude vê-LO no outro lado do abismo, e pude ouvir os gritos de alegria dos remidos. Ele deve ser um Salvador maravilhoso. Com certeza, se você falar dEle para as pessoas, muitos aceitarão prontamente. Ainda que não aceitem, você saberá que fez o que pôde.

Preocupe-se agora consigo mesmo

Antes que você se preocupe realmente com outras pessoas, é preciso que se preocupe consigo mesmo. Todos aqui clamam a toda hora por alívio—qualquer alívio. Ao mesmo tempo, sabemos que o descanso *após* a morte só pode ser obtido *antes* da morte. Enquanto éramos vivos, tivemos nossa oportunidade.

Como deve ser maravilhoso viver na era da graça, desfrutar as bênçãos preditas na Lei e nos Profetas! Disseram-me que as condições para ser salvo nesta última era são: confiar no sacrifício de Jesus, converter-se a Jesus e ser sepultado (imerso) com

⁶Esta citação de Abraão encontra-se em Lucas 16:26.

⁷Talvez o rico esteja se referindo a Isaías 59:1 e 2 e passagens semelhantes.

⁸Alguém acrescentou estas referências à margem: Mateus 25:46; Marcos 9:44; Apocalipse 14:11.

⁹Confirme em Atos 2:31. (A palavra traduzida por “inferno” é “Hades”.)

Ele no batismo¹⁰. Quem se desvia é instruído a voltar para Jesus arrependido, confessando seu pecado e orando a Deus¹¹. Isto me parece simples; não vejo como alguém pode recusar-se a fazer essas coisas. Ah! Eu me esqueci de mim mesmo: se eu perdi tal oportunidade, é claro que é sempre possível acontecer essa tragédia.

Mas será que tem de ser sempre assim? Certamente, se as pessoas souberem no que consiste a vida, e se souberem o que há além da morte, elas vão re-examinar suas vidas, identificar suas necessidades e suprir essas necessidades. Por isso, conte a minha história em toda parte. Conte estas verdades a todos que você conhecer. Conte com toda a sua força, pois a salvação ou condenação das almas recairá sobre os seus ombros. Se, ao fazer isto, pelo menos uma pessoa converter-se a Deus ou vir a aceitar a salvação do Senhor, então meu sofrimento não será completamente desperdiçado.

Em primeiro lugar, porém, cuide da sua própria salvação. Não quero que você, amigo, passe a eternidade onde vou passar.

Adeus para sempre,
O Rico de Lucas 16



Notas

Esta é uma revisão de um sermão narrativo publicado em formato de folheto usada com permissão do autor. Anos atrás, ouvi falar de um pregador que leu uma carta supostamente escrita pelo rico. Não sei o que dizia a carta desse pregador, mas o incidente serviu de inspiração para redigir a minha "carta do 'inferno'".

¹⁰O rico mostra-se notavelmente conhecedor de passagens do Novo Testamento. Este é um resumo de passagens como Marcos 16:16, Atos 2:38 e Romanos 6:3-7.

¹¹Esta afirmação é um resumo de Atos 8:22, 23, Tiago 5:16 e 1 João 1:9.

Quando uso este texto como sermão, peço que alguém leia Lucas 16:19-31 antes da apresentação. Quando subo ao púlpito, relembro aos ouvintes que o rico não teve permissão para comunicar-se com seus irmãos. Então, pergunto: "O que aconteceria se fosse permitido que ele se comunicasse com eles? Qual teria sido a mensagem dele? O que ele diria se pudesse comunicar-se conosco hoje? O que ele gostaria que soubéssemos? Hoje, como um meio de proclamar as poderosas mensagens de Lucas 16, quero que vocês imaginem que o rico obteve permissão para escrever a vocês". Puxo do bolso um envelope grande destinado a "Um Amigo, no Brasil". No canto esquerdo superior está "O Rico, do Mundo dos Mortos". De dentro do envelope, tiro o manuscrito e começo a ler.

As notas de rodapé deste estudo são comentários que eu insiro enquanto leio a carta. Paro, olho para frente, comento e depois continuo a leitura.

Cabe a você determinar se convém ou não fazer este tipo de apresentação aos seus ouvintes.

A Harmonia

VI. DA TERCEIRA PÁSCOA À CHEGADA DE JESUS A BETANIA (continuação).

- P. O Ministério na Peréia (continuação).
 - 8. Ensinos diversos (Lucas 17:1–10).
- Q. Em Betânia.
 - 1. A ressurreição de Lázaro (João 11:1–46).
 - 2. O decreto do Sinédrio (João 11:47–53).
- R. Última viagem à Palestina.
 - 1. Retirada para Efraim (João 11:54).
 - 2. Passando por Samaria e Galiléia (Lucas 17:11b).
- S. Última viagem a Jerusalém (Lucas 17:11a).
 - 1. A cura dos dez leprosos (Lucas 17:12–19).
 - 2. Ensino sobre o reino (Lucas 17:20–37).
 - 3. Parábolas sobre oração.
 - a. A parábola da viúva persistente (Lucas 18:1–8).
 - b. A parábola do fariseu e do cobrador de impostos (Lucas 18:9–14).
 - 4. Perguntas sobre divórcio—e ensino sobre casamento (Mateus 19:3–12; Marcos 10:2–12).
 - 5. Um mal-entendido em relação às crianças—e ensino sobre ser como criança (Mateus 19:13–15; Marcos 10:13–16; Lucas 18:15–17).
 - 6. Uma pergunta sobre vida eterna—e ensino sobre riquezas (a história do jovem rico) (Mateus 19:16–26; Marcos 10:17–27; Lucas 18:18–27).
 - 7. Uma pergunta sobre recompensas—e ensino sobre as bênçãos de Deus (Mateus 19:27–30; Marcos 10:28–31; Lucas 18:28–30), incluindo a parábola dos trabalhadores na vinha (Mateus 20:1–16).
 - 8. A predição aos discípulos—sobre Sua morte iminente (Mateus 20:17–19; Marcos 10:32–34; Lucas 18:31–34).
 - 9. Ensino aos discípulos—sobre servidão (Mateus 20:20–28; Marcos 10:35–45).
 - 10. A cura do cego Bartimeu e de seu companheiro (Mateus 20:29–34; Marcos 10:46–52; Lucas 18:35–43).
 - 11. Zaquê é salvo—da avareza (Lucas 19:1–10).
 - 12. Uma correção nos discípulos—a parábola das dez minas (Lucas 19:11–27).

VII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS.

- A. Tarde de sexta-feira: chegada a Betânia (João 11:55–12:1).
- B. Anoitecer de sábado: um banquete em Betânia (Mateus 26:6–13; Marcos 14:3–9; João 12:2–11).
- C. Tarde de domingo: a entrada triunfal em Jerusalém (Mateus 21:1–11; Marcos 11:1–11; Lucas 19:29–44; João 12:12–19).
- D. Segunda-feira: a maldição da figueira, a purificação do templo e a cura de cegos e coxos (Mateus 21:12–19; Marcos 11:12–19; Lucas 19:45–48; 21:37, 38).
- E. Terça-feira: “o grande dia das perguntas”.
 - 1. Introdução: a figueira seca (Mateus 21:20–22; Marcos 11:20–26).

Atribuição de Leitura nº. 25

Lucas 17:1–37; 18:1–14;
João 11:1–54

Lucas 17:1–37

¹Disse Jesus a seus discípulos: É inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual eles vêm!

²Melhor fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e fosse atirado no mar, do que fazer tropeçar a um destes pequeninos.

³Acautelai-vos. Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe.

⁴Se, por sete vezes no dia, pecar contra ti e, sete vezes, vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe.

⁵Então, disseram os apóstolos ao Senhor: Aumenta-nos a fé.

⁶Respondeu-lhes o Senhor: Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Arranca-te e transplanta-te no mar; e ela vos obedecerá.

⁷Qual de vós, tendo um servo ocupado na lavoura ou em guardar o gado, lhe dirá quando ele voltar do campo: Vem já e põe-te à mesa?

⁸E que, antes, não lhe diga: Prepara-me a ceia, cinge-te e serve-me, enquanto eu como e bebo; depois, comerás tu e beberás?

⁹Porventura, terá de agradecer ao servo porque este fez o que lhe havia ordenado?

¹⁰Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer.

¹¹De caminho para Jerusalém, passava Jesus pelo meio de Samaria e da Galiléia.

¹²Ao entrar numa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos,

¹³que ficaram de longe e lhe gritaram, dizendo: Jesus, Mestre, compadece-te de nós!

¹⁴Ao vê-los, disse-lhes Jesus: Ide e mostrai-vos aos sacerdotes. Aconteceu que, indo eles, foram purificados.

¹⁵Um dos dez, vendo que fora curado, voltou, dando glória a Deus em alta voz,

¹⁶e prostrou-se com o rosto em terra aos pés de Jesus, agradecendo-lhe; e este era samaritano.

¹⁷Então, Jesus lhe perguntou: Não eram dez os que foram curados? Onde estão os nove?

¹⁸Não houve, porventura, quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro?

¹⁹E disse-lhe: Levanta-te e vai; a tua fé te salvou.

²⁰Interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, Jesus lhes respondeu: Não vem o reino de Deus com visível aparência.

²¹Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Porque o reino de Deus está dentro de vós.

²²A seguir, dirigiu-se aos discípulos: Virá o tempo em que desejareis ver um dos dias do Filho do Homem e não o vereis.

²³E vos dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Não vades nem os sigais;

²⁴porque assim como o relâmpago, fuzilando, brilha de uma à outra extremidade do céu, assim será, no seu dia, o Filho do Homem.

²⁵Mas importa que primeiro ele padeça muitas coisas e seja rejeitado por esta geração.

²⁶Assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do Homem:

²⁷comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e destruiu a todos.

²⁸O mesmo aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam;

²⁹mas, no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre e destruiu a todos.

³⁰Assim será no dia em que o Filho do Homem se manifestar.

³¹Naquele dia, quem estiver no eirado e tiver os seus bens em casa não desça para tirá-los; e de igual modo quem estiver no campo não volte para trás.

³²Lembrai-vos da mulher de Ló.

³³Quem quiser preservar a sua vida perdê-la-á; e quem a perder de fato a salvará.

³⁴Digo-vos que, naquela noite, dois estarão numa cama; um será tomado, e deixado o outro;

³⁵duas mulheres estarão juntas moendo; uma será tomada, e deixada a outra.

³⁶[Dois estarão no campo; um será tomado, e o outro, deixado.]

³⁷Então, lhe perguntaram: Onde será isso, Senhor? Respondeu-lhes: Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão também os abutres.

Lucas 18:1–14

¹Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer:

²Havia em certa cidade um juiz que não temia a Deus, nem respeitava homem algum.

³Havia também, naquela mesma cidade, uma viúva que vinha ter com ele, dizendo: Julga a minha causa contra o meu adversário.

⁴Ele, por algum tempo, não a quis atender; mas, depois, disse consigo: Bem que eu não temo a Deus, nem respeito a homem algum;

⁵todavia, como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que, por fim, venha a molestar-me.

⁶Então, disse o Senhor: Considerai no que diz este juiz iníquo.

⁷Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los?

⁸Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?

⁹Propôs também esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros:

¹⁰Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um, fariseu, e o outro, publicano.

¹¹O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano;

¹²jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho.

¹³O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!

¹⁴Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado.

João 11:1–54

¹Estava enfermo Lázaro, de Betânia, da aldeia de Maria e de sua irmã Marta.

²Esta Maria, cujo irmão Lázaro estava enfermo, era a mesma que ungiu com bálsamo o Senhor e lhe enxugou os pés com os seus cabelos.

³Mandaram, pois, as irmãs de Lázaro dizer a Jesus: Senhor, está enfermo aquele a quem amas.

⁴Ao receber a notícia, disse Jesus: Esta enfermidade não é para morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado.

⁵Ora, amava Jesus a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro.

⁶Quando, pois, soube que Lázaro estava doente, ainda se demorou dois dias no lugar onde estava.

⁷Depois, disse aos seus discípulos: Vamos outra vez para a Judéia.

⁸Disseram-lhe os discípulos: Mestre, ainda agora os judeus procuravam apedrejar-te, e voltas para lá?

⁹Respondeu Jesus: Não são doze as horas do dia? Se alguém andar de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo;

¹⁰mas, se andar de noite, tropeça, porque nele não há luz.

¹¹Isto dizia e depois lhes acrescentou: Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou para despertá-lo.

¹²Disseram-lhe, pois, os discípulos: Senhor, se dorme, estará salvo.

¹³Jesus, porém, falara com respeito à morte de Lázaro; mas eles supunham que tivesse falado do repouso do sono.

¹⁴Então, Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu;

¹⁵e por vossa causa me alegro de que lá não estivesse, para que possais crer; mas vamos ter com ele.

¹⁶Então, Tomé, chamado Dídimo, disse aos condiscípulos: Vamos também nós para morrermos com ele.

¹⁷Chegando Jesus, encontrou Lázaro já sepultado, havia quatro dias.

¹⁸Ora, Betânia estava cerca de quinze estádios perto de Jerusalém.

¹⁹Muitos dentre os judeus tinham vindo ter com Marta e Maria, para as consolar a respeito de seu irmão.

²⁰Marta, quando soube que vinha Jesus, saiu ao seu encontro; Maria, porém, ficou sentada em casa.

²¹Disse, pois, Marta a Jesus: Senhor, se estiveras aqui, não teria morrido meu irmão.

²²Mas também sei que, mesmo agora, tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá.

²³Declarou-lhe Jesus: Teu irmão há de ressurgir.

²⁴Eu sei, replicou Marta, que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia.

²⁵Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá;

²⁶e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente. Crês isto?

²⁷Sim, Senhor, respondeu ela, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo.

²⁸Tendo dito isto, retirou-se e chamou Maria, sua irmã, e lhe disse em particular: O Mestre chegou e te chama.

²⁹Ela, ouvindo isto, levantou-se depressa e foi ter com ele,

³⁰pois Jesus ainda não tinha entrado na aldeia, mas permanecia onde Marta se avistara com ele.

³¹Os judeus que estavam com Maria em casa e a consolavam, vendo-a levantar-se depressa e sair, seguiram-na, supondo que ela ia ao túmulo para chorar.

³²Quando Maria chegou ao lugar onde estava Jesus, ao vê-lo, lançou-se-lhe aos pés, dizendo: Senhor, se estiveras aqui, meu irmão não teria morrido.

³³Jesus, vendo-a chorar, e bem assim os judeus que a acompanhavam, agitou-se no espírito e comoveu-se.

³⁴E perguntou: Onde o sepultastes? Eles lhe responderam: Senhor, vem e vê!

³⁵Jesus chorou.

³⁶Então, disseram os judeus: Vede quanto o amava.

³⁷Mas alguns objetaram: Não podia ele, que abriu os olhos ao cego, fazer que este não morresse?

³⁸Jesus, agitando-se novamente em si mesmo, encaminhou-se para o túmulo; era este uma gruta a cuja entrada tinham posto uma pedra.

³⁹Então, ordenou Jesus: Tirai a pedra. Disse-lhe Marta, irmã do morto: Senhor, já cheira mal, porque já é de quatro dias.

⁴⁰Respondeu-lhe Jesus: Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?

⁴¹Tiraram, então, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças te dou porque me ouviste.

⁴²Aliás, eu sabia que sempre me ouves, mas assim falei por causa da multidão presente, para que creiam que tu me enviaste.

⁴³E, tendo dito isto, clamou em alta voz: Lázaro, vem para fora!

⁴⁴Saiu aquele que estivera morto, tendo os pés e as mãos ligados com ataduras e o rosto envolto num lenço. Então, lhes ordenou Jesus: Desatai-o e deixai-o ir.

⁴⁵Muitos, pois, dentre os judeus que tinham vindo visitar Maria, vendo o que fizera Jesus, creram nele.

⁴⁶Outros, porém, foram ter com os fariseus e lhes contaram dos feitos que Jesus realizara.

⁴⁷Então, os principais sacerdotes e os fariseus convocaram o Sinédrio; e disseram: Que estamos fazendo,

uma vez que este homem opera muitos sinais?

⁴⁸Se o deixarmos assim, todos crerão nele; depois, virão os romanos e tomarão não só o nosso lugar, mas a própria nação.

⁴⁹Caifás, porém, um dentre eles, sumo sacerdote naquele ano, advertiu-os, dizendo: Vós nada sabeis,

⁵⁰nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo e que não venha a perecer toda a nação.

⁵¹Ora, ele não disse isto de si mesmo; mas, sendo sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus estava para morrer pela nação

⁵²e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos.

⁵³Desde aquele dia, resolveram matá-lo.

⁵⁴De sorte que Jesus já não andava publicamente entre os judeus, mas retirou-se para uma região vizinha ao deserto, para uma cidade chamada Efraim; e ali permaneceu com os discípulos.

Precisa-se de: Uma Correção na Atitude

Leitura Bíblica 25

VI. DA TERCEIRA PÁSCOA À CHEGADA DE JESUS A BETANIA (continuação).

- P. O Ministério na Peréia (continuação).
 - 8. Ensinos diversos (Lucas 17:1–10).
- Q. Em Betânia.
 - 1. A ressurreição de Lázaro (João 11:1–46).
 - 2. O decreto do Sinédrio (João 11:47–53).
- R. Última viagem à Palestina.
 - 1. Retirada para Efraim (João 11:54).
 - 2. Passando por Samaria e Galiléia (Lucas 17:11b).
- S. Última viagem a Jerusalém (Lucas 17:11a).
 - 1. A cura dos dez leprosos (Lucas 17:12–19).
 - 2. Ensino sobre o reino (Lucas 17:20–37).
 - 3. Parábolas sobre oração.
 - a. A parábola da viúva persistente (Lucas 18:1–8).
 - b. A parábola do fariseu e do cobrador de impostos (Lucas 18:9–14).

INTRODUÇÃO

Todos nós cometemos uma atitude má de vez em quando—e quando isto acontece, todos os aspectos de nossas vidas são afetados. Salomão disse que “como imagina em sua alma, assim... é” o homem (Provérbios 23:7). Já ouvi o escritor George W. Bailey dizer isto da seguinte maneira: “Você pode não ser o que pensa que é, mas o que você *pensa*, você *é*”. Todo indivíduo precisa corrigir ocasionalmente sua atitude.

Neste estudo, veremos Jesus numa derradeira viagem pela Palestina. Saberemos mais a respeito de Suas viagens da Peréia a Betânia, de Betânia ao deserto, e do deserto a Samaria e Galiléia. Por fim, veremos Jesus partir para Jerusalém a caminho da cruz. Sabendo que Seu tempo na terra estava se esgotando, Cristo intensificou Seu ensino. A maioria dos ensinamentos foi dirigida aos discípulos, e grande parte dizia respeito aos fariseus (veja Lucas 17:20; 18:10; João 11:46). Todos esses ensinamentos, de uma forma ou de outra, estão relacionados à importância das *atitudes apropriadas*. Os seguidores do Senhor no primeiro século precisaram corrigir suas atitudes—e nós também.

CORRIJA SUA ATITUDE PARA COM O PECADO (LUCAS 17:1–10)

A lição anterior analisou uma série de parábolas que, em sua maioria, foram respostas, direta ou

indiretamente, para os fariseus (Lucas 14:1, 12, 16; 15:1–3; 16:13, 14). Após essa série de parábolas, Jesus deu instruções gerais aos discípulos.

Atitude para com o Pecado: Preocupação (vv. 1–3b)

A seção de instruções teve início com uma advertência aos que fizessem “os pequeninos” tropeçarem (vv. 1, 2)¹. Algumas vezes, Jesus usou o termo “os pequeninos” referindo-Se aos discípulos que ainda eram crianças no entendimento e na vulnerabilidade². Naquele contexto, a parte culpada era os fariseus (16:14), mas o Novo Testamento ensina que cada um de nós deve tomar cuidado para não fazer outros tropeçarem (veja 1 Coríntios 8:13). Cristo advertiu Seus discípulos: “Acautelai-vos” (Lucas 17:3a). Em outras palavras: “Não cometam o pecado acima mencionado”.

E continuou: “Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe” (v. 3b). Este não é um ensino popular, mas é necessário. Se um irmão pecou a ponto de condenar sua alma, não devemos ignorar esse fato. O amor exige que confrontemos esse irmão e tentemos restaurá-lo (Tiago

¹Nesta seção de Lucas, grande parte do texto ecoa ensinamentos anteriores de Jesus que já comentamos. Por exemplo, compare Lucas 17:1 com Mateus 18:7, 10 e compare Lucas 17:2 com Mateus 18:6.

²Veja uma exposição sobre “pequeninos” nas páginas 13 a 16 de “A Vida de Cristo—Parte 7”.

5:19, 20). Todavia, façamos isto sempre “com espírito de brandura” (Gálatas 6:1) e amor (Efésios 4:15)³.

Atitude para com os Pecadores:

Compaixão (vv. 3c-6)

Não devemos apenas repreender; também devemos estar prontos para perdoar (v. 3c). J. W. McGarvey sugeriu que, se a justiça tem a obrigação de repreender, o amor tem a obrigação de perdoar⁴. O Senhor disse aos Seus seguidores que ainda que alguém tivesse pecado contra eles sete vezes no mesmo dia, eles deveriam estar prontos para perdoar (v. 4)⁵.

Isto soou difícil para os discípulos. “Aumentamos a fé” (v. 5). Em outras palavras: “Dá-nos a fé que precisamos para transpor o desafio que nos deste”⁶. Jesus poderia ter-lhes dito como aumentar a fé (Romanos 10:17; veja João 17:20; 20:31), todavia, em vez disso, Ele os elogiou por reconhecer a importância da fé—usando uma ilustração do poder da fé (Lucas 17:6)⁷.

Atitude para com o Juiz do Pecado:

Contrição (vv. 7–10)

A instrução geral encerrou-se com uma advertência. E se o indivíduo fosse sempre capaz de ter a atitude correta para com o pecado e os pecadores? Isto obrigaria Deus (Aquele que julga os pecadores) a aceitá-lo? Não. Os fariseus pensavam que sua “bondade” garantiria-lhes um lugar no céu (veja Lucas 18:9–12), mas estavam enganados. Para enfatizar este ponto, Cristo falou de um servo que não recebeu nenhum reconhecimento especial por

³O espaço aqui só nos permite fazer uma aplicação limitada dos textos. Haverá algumas sugestões no corpo da lição e nas notas de rodapé. Quando estiver ensinando, amplie esses pensamentos e suas aplicações.

⁴J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 517.

⁵Compare isto com o ensino em Mateus 18:21–35. Alguns usam Lucas 17:3 e 4 para ensinar que não temos obrigação de perdoar enquanto o pecador não se arrepende (ou seja, “desculpar-se”), mas a passagem realmente não diz isso. Ela diz que se ele se arrepende, você deve perdô-lo—não que seja necessário esperar que ele se arrependa. Mateus 18:21–35 não indica tal restrição. Veja um estudo detalhado de Mateus 18:21–35 (e observações correspondentes sobre Lucas 17:3, 4) no sermão “Setenta vezes Sete”, na edição “Conheça o Mestre, 2”, de *A Verdade para Hoje*, pp. 3–7.

⁶O Senhor nos deu muitos desafios que são difíceis de transpor. Todos nós deveríamos clamar: “Aumenta-nos a fé”.

⁷A “amoreira” citada era conhecida como uma planta de raízes profundas e difícil de ser arrancada. Compare Lucas 17:6 com Mateus 17:20. Veja uma exposição de Mateus 17:20 na página 20 de “A Vida de Cristo—Parte 7”.

cumprir seu dever (Lucas 17:7–9). O Senhor concluiu: “Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer” (v. 10).

Nenhum de nós jamais fez, nem fará, tudo “quanto lhe foi ordenado” (veja Romanos 3:10; Salmos 143:2). Mesmo que pudéssemos fazer isto, seríamos ainda assim “servos inúteis”. Lucas 17:10 evoca a necessidade da graça e da misericórdia de Deus.

CORRIJA SUA ATITUDE PARA COM JESUS (JOÃO 11:1–54)

O ministério de Jesus na Peréia foi interrompido por uma mensagem urgente vinda de Betânia (v. 1), que ficava perto de Jerusalém (v. 18). As amigas de Jesus, Maria e Marta⁸, mandaram a notícia de que seu irmão, Lázaro, estava doente (v. 3). Surpreendentemente, Jesus esperou dois dias para atender a solicitação (v. 6). João enfatizou que a demora não foi por indiferença; Cristo amava Lázaro e suas irmãs (v. 5) nem foi para garantir que Lázaro já estivesse morto quando Ele chegasse a Betânia. Considerando o fato de que, quando Cristo finalmente chegou a Betânia, Lázaro já estava morto havia quatro dias (vv. 17, 39), mesmo que Jesus tivesse partido assim que recebeu a mensagem, era humanamente impossível Ele chegar a Betânia antes de Lázaro morrer⁹. Talvez a espera de dois dias tivesse o objetivo de não deixar dúvida na mente de ninguém quanto ao fato de Lázaro estar *realmente* morto (v. 39). Jesus não reanimou simplesmente o corpo de Lázaro; Ele o ressuscitou dos mortos.

Qualquer que tenha sido o motivo da demora, os planos e propósitos de Deus usariam a tragédia para estabelecer, sem sombra de dúvida, que Jesus era o Seu Filho (vv. 4, 15, 42). Ao lermos a história, prestemos atenção aos versículos 16, 20, 32, 33 e 45, que estabelecem não só a seqüência dos fatos mas

⁸Já encontramos Maria e Marta antes, em Lucas 10:38–42. João 11:2 identifica Maria por um incidente posterior (veja João 12:3).

⁹Como não sabemos se foram quatro dias inteiros (v. 17) ou dois dias inteiros de demora (v. 6), não podemos ser dogmáticos quanto a isto; mas parece improvável que Jesus pudesse ter chegado a Betânia antes de Lázaro morrer. Se foram dias inteiros, e se Jesus estava a um dia de viagem de Betânia, então Lázaro morreu logo depois que os mensageiros partiram. Se Jesus estava a dois dias de Betânia, Lázaro morreu aproximadamente quando os mensageiros chegaram até Jesus. Se Jesus estava a três dias de Betânia, então mesmo que Ele tivesse partido assim que recebeu a mensagem, Lázaro teria morrido enquanto Ele estava a caminho de Betânia.

também enfatizam que havia uma razão para tudo que aconteceu. Um propósito divino estava sendo realizado.

A ressurreição de Lázaro tem sido considerada “o milagre culminante do ministério de Cristo”¹⁰. Estudamos dois relatos anteriores em que Jesus ressuscitou mortos—o filho da viúva de Naim (Lucas 7:11–17) e a filha de Jairo (Marcos 5:22–24, 35–43)—mas os escritores usaram uma economia de palavras para relatar esses incidentes. Um capítulo inteiro é dedicado à ressurreição de Lázaro e às consequências dela. Esta ressurreição foi diferente: ela não ocorreu na longínqua Galiléia, mas no quintal dos inimigos de Jesus. Foi um milagre que ninguém pôde negar (João 11:47), um milagre que deixou todos na região admirados (João 12:9) e um milagre que produziu fé até mesmo entre os inimigos de Jesus (João 11:45; 12:11). Foi especificamente esse incidente que acabaria por selar o destino de Cristo (João 11:47–53).

A Atitude de uma Irmã: O Cristo Digno de Confiança (vv. 17–46)

Dois dias depois de receber a mensagem, Jesus comunicou aos discípulos Sua intenção de voltar à Judéia (11:7)¹¹. Os discípulos lembraram o Mestre do perigo que os ameaçava ali (11:8; veja 10:31, 39). Quando eles não conseguindo dissuadir seu Mestre, decidiram ir com Ele, embora tivessem certeza de que estavam indo ao encontro da morte (11:16)¹².

Quando Cristo chegou às cercanias de Betânia (v. 30), Marta veio ao Seu encontro (v. 20). As palavras que ela disse assim que viu Jesus expressaram sua fé no poder geral de Jesus e especificamente no Seu poder de cura (vv. 21, 22). Ao que tudo indica, ela não tinha a mínima noção de que a intenção do Senhor era ressuscitar Lázaro (vv. 24, 39). A conversa entre Marta e Jesus contém duas declarações inesquecíveis.

- *Uma afirmação ousada*: Jesus disse a Marta: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê

¹⁰Edmund P. Clowney, Jr., *The Life of Christ* (“A Vida de Cristo”). Grove City, Pa.: Visuals, 1953, p. 31. Este foi o sétimo “sinal” de João (veja página 31 de “A Vida de Cristo—Parte 1”).

¹¹O espaço aqui não nos permite dar à história o tratamento que ela merece. Veja informações adicionais em “Jesus chorou” e “Eu sou a ressurreição”, na edição “João—Parte 2”, de *A Verdade para Hoje*, pp. 28–35.

¹²Quem se manifestou nessa ocasião foi Tomé, também chamado “Dídimo”, que significa “o gêmeo”. Provavelmente, ele tinha um irmão gêmeo.

em mim, ainda que morra, viverá¹³; e todo o que vive e crê em mim não morrerá...¹⁴” (vv. 25, 26). Esta é mais uma das declarações “Eu sou” proferidas por Jesus¹⁵. Esse tipo de declaração seria o cúmulo da ousadia se Jesus não fosse quem Ele afirmava ser: o Filho de Deus.

- *Uma afirmação de fé*: Ela disse a Jesus: “Sim, Senhor... eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo” (v. 27). A confissão tríplice de Marta expressa um admirável discernimento sobre quem era Jesus. Essa confissão merece um lugar juntamente com a confissão de Pedro em Cesaréia de Filipe (Mateus 16:16).

Após Maria unir-se a Marta e Jesus, eles e uma multidão de murmuradores foram até o túmulo onde Lázaro jazia. Quando Cristo viu as lágrimas de Maria e dos demais, “agitou-se no espírito e comoveu-se”¹⁶ (João 11:33). A seguir, vêm as palavras conhecidas por muitos de nós¹⁷: “Jesus chorou” (v. 35). Os que estavam ali pensaram que Ele chorava porque perdera um amigo (v. 36), mas isto é improvável; em questão de segundos, Ele estaria com Lázaro. Ao que parece, Jesus chorou porque Suas amigas Maria e Marta estavam chorando; Ele derramou lágrimas porque compadeceu-Se¹⁸. Hoje, ain-

¹³Em outras palavras, “ele tornará a viver”.

¹⁴Em outras palavras, “não morrerá espiritualmente, e finalmente usufruirá a vida eterna”.

¹⁵Em relação às declarações de Jesus “Eu sou”, veja a página 31 de “A Vida de Cristo—Parte 1” e a página 13 de “A Vida de Cristo—Parte 6”.

¹⁶As palavras gregas traduzidas por “agitou-se no espírito” e “comoveu-se” são geralmente usadas nos relatos do evangelho num sentido negativo para descrever a raiva de Jesus. Sugerem alguns que Jesus não gostava das lamentações excessivas ditadas pelo costume judaico. (Veja os comentários sobre Marcos 5:39 e 40 na edição “A Vida de Cristo—Parte 5”.) Também é possível que Ele estivesse enfiado com o fato do pecado ter entrado no mundo, resultando em morte e sofrimento—o tipo de sofrimento que Ele estava sentindo (veja Gênesis 3:3; Romanos 5:12). Entretanto, essas palavras poderiam simplesmente indicar que Ele estava triste porque Seus amigos estavam tristes.

¹⁷João 11:35 é o versículo mais curto da Bíblia. Devido à sua brevidade, ele também é muitas vezes o primeiro versículo memorizado pelas crianças.

¹⁸Também já foi sugerido que um dos fatores da tristeza de Jesus foi que Ele estaria retirando Lázaro do bem-aventurado estado do justo quando morre (Lucas 16:23) e trazendo-o de volta para um mundo de tristeza e pecado. Um pouco depois disso, Lázaro experimentaria a dor da morte novamente.

da podemos olhar para Jesus como Aquele que “se compadece de nossas fraquezas” (Hebreus 4:15).

Cristo mandou removerem a pedra da entrada do túmulo (João 11:38, 39)¹⁹. Depois de orar a Deus (vv. 41, 42), “clamou em alta voz: Lázaro, vem para fora!” (v. 43). McGarvey escreveu: “Dizem que ele chamou Lázaro alegremente pelo nome, para que não ocorresse de todos os mortos se levantarem”²⁰. Será que conseguimos imaginar a admiração da multidão, e a alegria de Maria e Marta, quando “saiu aquele que estivera morto, tendo os pés e as mãos ligados com ataduras e o rosto envolto num lenço...” (v. 44)?

Entre os que testemunharam este acontecimento memorável estavam indivíduos que João identificou como “os judeus” (vv. 19, 31, 33). Neste trecho do seu relato, João usou normalmente esta expressão para referir-se aos líderes judeus, e parece ser esse o caso aqui²¹. O fato de tais indivíduos viajarem para Betânia solidários a Maria e Marta sugere que essa família era tida em grande estima pela comunidade. Isto intensificou o impacto que a ressurreição de Lázaro exerceria naquela região (João 12:9–11).

Quem quer que fossem “os judeus”, alguns deles tinham o coração sincero e vieram a crer por causa daquele surpreendente milagre (11:45). Outros dentre eles voltaram para Jerusalém e contaram aos fariseus “dos feitos que Jesus realizara” (v. 46).

A Atitude do Sinédrio: Livrar-se da Competição (vv. 47–54)

Convocaram uma sessão extraordinária do Sinédrio (v. 47)²². Não muito tempo atrás, Cristo falara dos que não “se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos” (Lucas 16:31). A ressurreição de Lázaro não produziu fé nos líderes de coração endurecido, e sim pânico.

A preocupação do concílio não era descobrir se ocorrera ou não um milagre²³ ou constatar se Jesus era realmente quem Ele afirmava ser. Eles estavam

preocupados com seus empregos e suas posições privilegiadas (veja v. 48): Se Jesus não parasse, logo toda a nação estaria em desordem. Isto poderia fazer os romanos imporem restrições mais rígidas à nação—e, se isto acontecesse (a pior das tragédias!), eles correriam o risco de perder suas posições de poder.

Eles só enxergavam uma solução para o problema: Jesus tinha de morrer. O sumo sacerdote Caifás²⁴ disse ao concílio: “...convém que morra um só homem pelo povo e que não venha a perecer toda a nação” (v. 50).

Do modo como foram ditas, as palavras de Caifás significavam que Jesus teria de ser morto para que a privilegiada classe dos judeus mantivesse sua autoridade sob a ocupação romana. Todavia, João observou que Deus, por causa do posto de sumo sacerdote de Caifás, estava usando seu cinismo para entoar algo totalmente diferente. “Inconscientemente, o sumo sacerdote predisse a morte substitutiva de Cristo no lugar de Israel e de todos os gentios...”²⁵

“Desde aquele dia, resolveram matá-lo” (v. 53; veja também 11:57). Fazia algum tempo que certos homens desejavam ver Jesus morto (cf. João 5:18; 7:1), mas desta vez era diferente. Os ataques anteriores foram esporádicos; desta vez os inimigos de Cristo não descansariam enquanto Ele não estivesse morto. As tentativas anteriores de executar Jesus foram pessoais e não-oficiais; daquele momento em diante, os esforços estariam sob o auspício dos líderes do Sinédrio.

Todavia, a diferença mais importante desta nova fase não é facilmente visível. Antes, os *fariseus* haviam assumido a liderança nas tentativas de destruir Cristo (Marcos 3:6), mas eram os saduceus que dominavam o Sinédrio²⁶. Os saduceus não acreditavam na ressurreição (Mateus 22:23) e, por conta disso, ficaram especialmente incomodados com a notícia da ressurreição de Lázaro. A partir daquele momento, seriam os *saduceus* que tomariam a frente no planejamento da morte de Jesus. Eles possuíam

¹⁹Estes versículos nos fornecem detalhes relativos aos túmulos daquela época.

²⁰McGarvey e Pendleton, p. 526.

²¹Veja a página 28 de “A Vida de Cristo—Parte 7”. A expressão “os judeus” refere-se aos líderes judeus no início de João 11 (v. 8) e no fim (v. 55). É razoável, portanto, que também se refira a eles no meio do capítulo. A objeção básica a essa definição é que, no versículo 46, um grupo de “os judeus” (v. 45) dirigiu-se aos fariseus—mas eles poderiam estar se reportando a seus *colegas* líderes.

²²No versículo 47 o “concílio” é o Sinédrio. Veja alguns comentários sobre o Sinédrio na página 41 de “A Vida de Cristo—Parte 1”.

²³Eles não negaram que Jesus realizou milagres (v. 47), incluindo ressuscitar mortos.

²⁴O versículo 49 diz que Caifás era sumo sacerdote “naquele ano”. Isto não significa “somente naquele ano”, mas “particularmente naquele ano” (em outras palavras, no ano em que Jesus morreu). Veja um comentário breve sobre Caifás na página 41 de “A Vida de Cristo—Parte 1”.

²⁵Robert L. Thomas, ed., e Stanley N. Gundry, ed. assoc., *A Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos”). Chicago: Moody Press, 1978, p. 161.

²⁶A maioria dos “principais sacerdotes” mencionados em João 11:47 e 57 compunha-se de saduceus. Veja um breve comentário sobre os saduceus na página 42 de “A Vida de Cristo—Parte 1”.

a influência política para fazer o que os fariseus não conseguiram fazer.

Mais uma vez, Jesus retirou-Se das adjacências de Jerusalém, partindo, juntamente com os discípulos, para Efraim, perto do deserto da Judéia (v. 54). Muitos escritores acreditam que essa cidadezinha ficava no nordeste da Judéia, ao lado do declive que vai para o vale do Jordão²⁷.

CORRIJA SUA ATITUDE PARA COM AS BÊNÇÃOS (LUCAS 17:11-19; JOÃO 11:55)

Não sabemos quanto tempo Jesus ficou em Efraim. Ele e os apóstolos viajaram até algum local no extremo norte. Segundo Lucas, “de caminho para Jerusalém, passava Jesus pelo meio de Samaria e da Galiléia”²⁸ (17:11b). Talvez Jesus tenha visitado mais uma vez os discípulos de Samaria e da Galiléia para encorajá-los.

O Início da Viagem de Jesus para Jerusalém (Lucas 17:11a; João 11:55)

Finalmente, aproximava-se a festa da Páscoa e os peregrinos começavam sua jornada até Jerusalém (João 11:55). Cristo e os doze²⁹ podem ter se juntado a uma caravana de viajantes que ia para o sul, margeando o leste do rio Jordão. Pelo menos, Ele estava cercado por uma multidão enquanto viajava. Nessa viagem para a festa, “como haviam sugerido Seus irmãos [João 7:1-6], Ele iria como um Rei acompanhado pelo Seu próprio séqüito”³⁰. O restante desta lição e as duas lições seguintes falam do ensino e das atividades de Jesus durante esta última ida a Jerusalém (Lucas 17:11a).

A Viagem de Jesus para Jerusalém é Interrompida (Lucas 17:11-19)

O primeiro acontecimento registrado relativo a essa viagem ocorreu, evidentemente, ao norte da Peréia, na divisa entre Galiléia e Samaria (v. 11)³¹. Num determinado povoado, Jesus encontrou dez

²⁷Veja o mapa na página 25.

²⁸Outra possível tradução seria: “Ele passou pela divisa de Samaria e Galiléia”. Os estudiosos não têm certeza se isto significa que Jesus realmente viajou por dentro de Samaria e Galiléia ou se Ele apenas chegou até a fronteira das duas regiões (vindo talvez da Peréia).

²⁹Algumas das mulheres que Lhe serviram na Galiléia também viajavam no meio da multidão (veja Mateus 27:55; Marcos 15:41).

³⁰Robert Duncan Culver, *The Life of Christ* (“A Vida de Cristo”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1976, p. 196.

³¹Consulte o mapa na página 25.

leprosos (vv. 12, 13)³². Um era samaritano (v. 16); os demais provavelmente eram judeus. Uma doença incurável rompeu os muros do racismo entre eles (João 4:9), pois os judeus não se davam com os samaritanos.

Depois que Cristo curou os dez homens (v. 14); só o samaritano voltou para expressar sua gratidão (vv. 15, 16). A reação do Senhor reprova todo indivíduo que não demonstra gratidão pelas bênçãos recebidas nem dá a glória a Deus: “Não eram dez os que foram curados? Onde estão os nove?” (v. 17). Paulo disse que todos nós precisamos agir “com ações de graças” (Colossenses 4:2). Outra expressão também muito usada é “atitude de gratidão”.

CORRIJA SUA ATITUDE PARA COM AS PROMESSAS DE DEUS (LUCAS 17:20-37)

Creia no que Deus Promete (vv. 20, 21)

Viajavam com a multidão os sempre-presentes críticos de Jesus, os fariseus. Eles interrogaram o Mestre “sobre quando viria o reino de Deus” (v. 20a). É provável que tenham dito isto com escárnio, como parte de sua constante campanha para difamar Jesus (Lucas 11:54)³³. Não é difícil imaginá-los insultando Jesus com palavras do tipo: “Quando começaste o teu ministério, disseste que o reino estava próximo [Mateus 3:2]. Mas já se passaram três anos e não há sinal dele. Então, quando é que isso vai acontecer?” Assim como os demais judeus, eles tinham em mente um reino físico que se instalaria com pompa e cerimônia.

Demonstrando notória paciência, Cristo novamente fez alusão à natureza espiritual do Seu reino. Primeiramente, Ele disse: “Não vem o reino de Deus com visível aparência” (Lucas 17:20b). Os judeus esperavam sinais externos e não uma conversão interna. As palavras de Jesus ainda se aplicam aos dias de hoje. Ao afirmar que “não vem o reino de Deus com visível aparência”, “Jesus pôs fim a todas as tentativas de se predizer a hora da Sua vinda, comparando-se profecias com acontecimentos contemporâneos...”³⁴

³²Veja uma exposição detalhada sobre esse incidente na edição “Conheça o Mestre, 2”, de *A Verdade para Hoje*, pp. 13-17.

³³Embora seja improvável, movidos pelo clima de expectativa que aumentava com o decorrer da viagem, eles poderiam estar sendo sinceros.

³⁴John Franklin Carter, *A Layman's Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, p. 227.

O Senhor disse a seguir: “o reino de Deus está dentro de vós” (v. 21b). As palavras gregas traduzidas por “dentro de vós” aparecem como “entre vós” em versões como a ERC. Se a primeira opção for a mais exata, Jesus estava dizendo que o reino (o governo de Deus) é interno, e não externo. Se, porém, as palavras se aplicarem aos fariseus, “entre vós” será a tradução mais adequada. Embora o reino/a igreja só tenha sido verdadeiramente estabelecido várias semanas depois disso³⁵, o futuro Rei já estava presente e “no meio deles”.

Prepare-se para o que Deus Promete (vv. 22–37)

Cristo transferiu Sua atenção dos inimigos para os discípulos e começou a falar de Sua segunda vida. Talvez o ceticismo dos fariseus tenha Lhe feito lembrar do dia em que todos os incrédulos serão punidos. Talvez o assédio dos fariseus tenha feito Jesus pensar na perseguição que Seus seguidores enfrentariam, incitando-O a garantir a estes que, no final, eles seriam vindicados. Qualquer que tenha sido a razão para mudar de assunto, Jesus lançou-Se num prolongado discurso sobre Sua volta no fim dos tempos. Entre outras coisas, Ele revelou o seguinte aos apóstolos:

- A vinda de Cristo será visível. Quando ansiassem por Sua volta (v. 22), não deveriam ser enganados por boatos de que Ele viera secretamente; pois quando Ele vier, todos saberão (vv. 27–30).
- A vinda de Cristo será inesperada (vv. 27–30). Por isso, ela apanhará muitos desprevenidos (vv. 34–36).

O discurso de Jesus nessa ocasião antecipou o ensino que seria dado mais tarde. Ele se parece com o de Mateus 24³⁶, em que Jesus comenta tanto a se-

³⁵ A igreja foi estabelecida no primeiro Pentecostes após a ascensão de Jesus Cristo (Atos 2).

³⁶ Compare os seguintes versículos:
Lucas 17:24/Mateus 24:27;
Lucas 17:26, 27/Mateus 24:37–39;
Lucas 17:31/Mateus 24:17;
Lucas 17:35/Mateus 24:41;
Lucas 17:37/Mateus 24:28.

Algum material de Lucas 17 não se encontra em Mateus 24. Por exemplo, em Lucas 17, Jesus usou a destruição de Sodoma e Gomorra para advertir Seus ouvintes a estarem prontos para Sua vinda. A exortação sobre a mulher de Ló (Lucas 17:32), que só ocorre aqui, é uma forma poderosa de se ensinar: “Não retome o seu modo de viver antigo!” (veja Lucas 9:62)

gunda vinda como a destruição de Jerusalém (veja Mateus 24:1–3). Em Mateus 24 os ensinamentos sobre os dois acontecimentos parecem sobrepor-se³⁷. Da mesma forma, parte da linguagem de Lucas 17:22–37 pode ser uma previsão da destruição de Jerusalém, uma pré-figura da segunda vinda³⁸.

Uma das afirmações-chaves deste discurso encontra-se no versículo 25: “Mas importa que primeiro ele padeça muitas coisas e seja rejeitado por esta geração”. Jesus não queria que Seus discípulos perdessem de vista o fato de que, embora o futuro lhes reservasse dias animadores, *primeiro* Ele tinha de morrer.

CORRIJA SUA ATITUDE PARA COM A ORAÇÃO (LUCAS 18:1–14)

Momentos difíceis aguardavam Cristo (Lucas 17:25) e Seus seguidores (18:7)—momentos que só poderiam ser suportados se eles ficassem perto de Deus. Jesus voltou-Se, então, para o tema da oração.

Confie mesmo em Deus (vv. 1–8)

Primeiramente, Ele contou “uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer” (v. 1). Ele falou de “um juiz que não temia a Deus, nem respeitava homem algum” (v. 2), mas que, apesar disso, atendeu ao pedido de uma viúva por causa da persistência dela (vv. 3–5)³⁹. A aplicação geral é que se um juiz cruel pôde sensibilizar-se, quanto mais um Pai amoroso atenderá as súplicas de Seus filhos! Cristo também queria destacar um outro aspecto para Seus discípulos: quando eles fossem oprimidos, em vez de esmorecer, deveriam confiar em Deus, pois no fim Ele agiria com justiça (vv. 7, 8a)⁴⁰.

Sabendo da pressão que Seus seguidores teriam de suportar, Jesus indagou em voz alta: “...quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?” (v. 8b). No contexto, isto significava: “Acha-

³⁷ Veja nas próximas duas edições desta série a exposição sobre Mateus 24.

³⁸ Refiro-me precisamente aos versículos 31 e 37. Eles poderiam se aplicar à segunda vinda, mas uma linguagem semelhante em Mateus 24 parece estar falando da destruição de Jerusalém. Veja a exposição sobre Mateus 24 mais adiante nesta série.

³⁹ Esta parábola é às vezes chamada de “a parábola da viúva importuna”. “Importuna” significa “que incomoda pela insistência”.

⁴⁰ Compare Lucas 18:7 com Apocalipse 6:9–11. Veja também os comentários sobre Apocalipse 6:9–11 na edição “Apocalipse—Parte 4”, de *A Verdade para Hoje*.

rá, porventura, o tipo de fé que continua orando a Deus mesmo quando a situação fica difícil?”⁴¹

Não Confie em Si Mesmo (vv. 9–14)

Orar somente não basta; também precisamos assumir uma atitude adequada quando oramos. Cristo propôs, então, uma segunda parábola “a alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros” (v. 9). Aquela era uma vívida descrição dos fariseus, mas o Senhor certamente estava mais preocupado com outros que estavam sendo influenciados por esses líderes arrogantes (Lucas 12:1)⁴².

Essa conhecida parábola fala de um fariseu que transformou uma sessão de oração num “solilóquio de autocongratulação”⁴³ (vv. 11, 12). Jesus contrastou esse fariseu com um publicano (um cobrador de impostos) que orou simplesmente: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” (v. 13) ou, como diz outra versão: “Ó deus, tem misericórdia de mi, pecador!” (ERC). Jesus concluiu a história dizendo: “Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado” (v. 14)⁴⁴. Quando oramos, devemos ter uma atitude de humildade.

CONCLUSÃO

É hora de verificarmos nossas atitudes. Paulo disse aos coríntios: “E foi por isso também que vos escrevi, para ter prova de que...” (2 Coríntios 2:9a). Outra possível tradução seria: “para provar vossa *atitude*”. Você certamente já percebeu a luta que é manter uma atitude apropriada; esta é uma das

⁴¹ A Bíblia Viva parafraseia dizendo “quantos que têm fé (e estão orando)”. Uma preocupação semelhante é expressa em Mateus 24:12, 13.

⁴² É improvável que o ensino de Jesus modificasse as atitudes dos próprios fariseus, mas talvez Ele esperasse afetar as atitudes dos que admiravam os fariseus. Os comentaristas salientam que, em razão do ensino proposto por parábolas ser indireto, Jesus provavelmente não usaria a ilustração de um fariseu se o Seu propósito primordial fosse transformar os próprios fariseus.

⁴³ H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 179.

⁴⁴ Veja uma exposição detalhada desta parábola no sermão que vem a seguir.

batalhas mais comuns aos cristãos. Por outro lado, talvez seja necessário perguntarmos a um amigo confiável que nota ele nos daria em determinadas atitudes. Acima de tudo, devemos pedir a Deus que sonde os nossos corações e nossas atitudes (Salmos 26:2; Jeremias 12:3).

Como podemos melhorar nossas atitudes? Talvez a melhor resposta resida em Filipenses 4:8: “Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento”. A ERC diz “nisso pensai”. A melhor maneira de acabar com as atitudes más é encher nossas mentes com o que é positivo e bom.

Nosso desafio é desenvolver a atitude do Senhor. Paulo escreveu: “Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” (Filipenses 2:5). Nunca conseguiremos atingir plenamente esse ideal; mas quanto mais nos aproximarmos dele, mais paz de espírito teremos e maior bênção seremos para os outros.

“Ó Deus, tem misericórdia!”

Lucas
18:9-14,



Olhando de perto

Certa professora da Bíblia de uma classe infantil leu a parábola do fariseu e do publicano aos seus alunos¹:

Propôs [Jesus] também esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros: Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um, fariseu, e o outro, publicano. O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho. O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador [ou “tem misericórdia de mim”; ERC]! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado (Lucas 18:9-14).

A seguir, a professora explicou que precisamos evitar a arrogância do fariseu e cultivar a humildade do publicano. Quando terminou de falar, dirigiu a classe em oração: “Senhor, graças te damos porque não somos como o fariseu...” Quando estamos tentando fazer o que é certo, sempre corremos o perigo de cometer o mesmo erro que o fariseu cometeu.

Muitos de nós temos ouvido a parábola do fariseu e do publicano desde a infância. Apesar disso, ainda precisamos ser lembrados das verdades ali contidas. Pode ser que você nem tenha percebido uma ou duas lições ocultas nessa história. Prepare-se, então, para ser desafiado neste estudo sobre Lucas 18:9-14.

¹Embora esta parábola seja muito conhecida como “a parábola do fariseu e do publicano”, o termo “cobrador de impostos” também será usado neste sermão, por expressar mais claramente o sentido.

DUAS PESSOAS DE POSIÇÃO

O propósito das parábolas de Jesus nem sempre é tão óbvio, mas neste caso, ele é declarado no próprio texto: “Propôs... esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros” (v. 9). Cristo reforçou esse objetivo com o resumo proferido no fim: “todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado” (v. 14b)².

Para exemplificar o indivíduo que se exaltou, Jesus usou um fariseu e para exemplificar o que se humilhou, Ele usou um cobrador de impostos. Os dois provavelmente foram escolhidos por representarem os extremos da sociedade judaica: o fariseu estava no último degrau da escala moral, social e religiosa, enquanto o publicano estava na base. Só é possível sentir o grande impacto desta parábola, quando sabemos algo mais a respeito desses dois personagens.

O Fariseu

Vamos começar pelo começo. As primeiras palavras da parábola são: “Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar” (v. 10a). Deus declarou no Antigo Testamento: “A minha casa será chamada Casa de Oração” (Lucas 19:46)³. Homens e mulheres da nação judaica se reuniam no templo pelo menos três vezes por dia para orar⁴. Em duas

²Jesus gostava de enfatizar a verdade de Lucas 18:14b (veja Lucas 14:11; Mateus 23:12).

³Os judeus dedicados que moravam perto do templo iam até lá para orar; os que moravam mais longe oravam voltados para a direção do templo.

⁴Alguns escritores dizem que essas reuniões aconteciam quatro vezes por dia. Além dos horários estabelecidos, os judeus também podiam ir ao templo em outros horários, sempre que quisessem orar.

dessas ocasiões faziam-se os sacrifícios⁵. Tanto os homens como as mulheres se reuniam no Pátio das Mulheres para orar; mas os homens, se assim o desejassem, podiam entrar no Pátio de Israel e aproximar-se do altar de ofertas queimadas⁶. Não surpreende lermos: “dois homens subiram ao templo com o propósito de orar”.

Um dos dois era “fariseu” (v. 10b). Novamente, não surpreende o fato de um fariseu subir ao templo para orar. Os fariseus eram extremamente cumpridores dos rituais religiosos⁷.

Os leitores que conhecem bem os relatos do evangelho sabem que os principais vilões dessas narrativas são os fariseus⁸. Todavia, para entendermos melhor esta parábola, temos de estar cientes de que os judeus viam os fariseus como guardiões do que era bom, decente e virtuoso. Os fariseus levavam a sério o legado de servir a Deus e preservar o que consideravam como “tradições sagradas”. Num mundo em que os velhos modos não eram respeitados como eram no passado, os fariseus se destacavam como colunas da estabilidade.

Não há motivo para duvidarmos da auto-avaliação do fariseu descrita nos versículos 11 e 12. Supondo estar certo, ele tinha elevados princípios morais: não roubava; era honesto em suas negociações; não era injusto; tratava os outros homens com imparcialidade⁹. Não era um adúltero; era fiel aos votos matrimoniais. Além disso, ele acreditava na observância da lei de Deus. De fato, todo fariseu tentava superar as ordenanças da Lei¹⁰: a Lei prescrevia um dia de jejum por ano—no dia da Expição (Levítico 16:29, 30¹¹); mas os fariseus jejuavam cento

e quatro vezes ao ano (todas as segundas e quintas-feiras¹²; veja Mateus 6:16). A Lei também ordenava os dízimos (dez por cento) do cereal, vinho, azeite e dos rebanhos (veja Deuteronômio 14:22, 23); mas os fariseus ofertavam os dízimos de *tudo* o que possuíam, até das minúsculas especiarias (veja Mateus 23:23).

Certamente ninguém se incomodaria em ter um fariseu como vizinho. Ele era um cidadão sério, com boa reputação, um homem de família e com fortes convicções religiosas. Se o víssemos no templo e perguntássemos por que ele estava ali, sem dúvida, ele olharia surpreso e diria: “Onde mais eu deveria estar?” Novamente, afirmamos que não surpreende o fato de um fariseu ter subido ao templo para orar.

O Publicano

Por outro lado, causa-nos espanto o fato de um cobrador de impostos ter subido ao templo para orar. Se havia um indivíduo que *não* esperaríamos encontrar no templo, era um cobrador de impostos.

“Publicano” é o termo usado na versão mais tradicional. As versões mais modernas tentam esclarecer o significado do vocábulo usando termos como “cobrador de impostos”. Esses termos podem comunicar a idéia original a leitores de países onde a corrupção dos governantes é lugar-comum e onde o suborno de oficiais é considerado parte inerente de qualquer negociação. Ao mesmo tempo, esses termos também podem nos remeter aos modernos fiscais da receita federal, deixando uma impressão errada. Faz-se necessária, então, uma ou duas palavras a respeito dos publicanos ou cobradores de impostos¹³.

Roma tinha um método curioso de arrecadar impostos. Genericamente, os oficiais taxavam um valor sobre determinada região e depois concediam o direito de arrecadar os impostos ao arrematador. Desde que o contratante pagasse a Roma a soma combinada, ele tinha liberdade de ficar com o que sobrasse. Como não havia meios práticos de se propagar informações naqueles dias em que não havia jornais, rádio ou televisão, poucos sabiam quanto

⁵Veja mais sobre as orações dos judeus dentro do templo na edição “Atos, 2” de *A Verdade para Hoje*, pp. 3–4.

⁶Veja o diagrama do templo na página 35 da edição “A Vida de Cristo—Parte 2”.

⁷Veja um comentário sobre os fariseus em geral na página 42 da edição “A Vida de Cristo—Parte 1” e mais referências cruzadas nas notas de rodapé dessa mesma página.

⁸Há quem acredite que o Espírito Santo inspirou os escritores dos relatos do evangelho a revelarem a maldade dos fariseus porque, na época em que os relatos foram escritos (60–65 d.C.), eles eram uma grande fonte de perturbação para a igreja—tanto dentro (veja Atos 15:5) como fora dela (Atos 23:6).

⁹Isto não se aplicava a todos os fariseus (veja Mateus 23:14), mas era o caso do fariseu da história.

¹⁰Ninguém além de Jesus jamais observou a Lei perfeitamente; mas, à sua maneira, os fariseus tentaram. Aparentemente, alguns deles estavam convictos de que a guardavam perfeitamente.

¹¹As instruções quanto ao Dia de Expição especificavam que eles deveriam “afligir” a própria alma. Uma das maneiras dos judeus fazerem isto era abstendo-se de alimento (jejum). Além desse dia ordenado por Deus, nos dias de

Jesus, os judeus haviam acrescentado mais quatro dias de jejum nacional.

¹²Segundo a tradição não-inspirada, Moisés teria subido o Monte Sinai numa segunda-feira e teria descido de lá numa quinta-feira.

¹³Veja uma exposição mais ampla sobre os cobradores de impostos judeus no sermão “Um Pequeno Pecador”, na edição “Conheça o Mestre, 2” de *A Verdade para Hoje*, p. 19ss.

deveriam pagar. O cobrador de impostos podia, assim, lucrar consideravelmente¹⁴.

Esse sistema era propício para abusos. Havia centenas de maneiras de um cobrador ambicioso enganar as pessoas. “Havia um imposto territorial... Havia um imposto eleitoral e um imposto sobre a propriedade privada... Havia taxas de importação e exportação, pedágios portuários, rodoviários, para a travessia de pontes e portões de cidades, e assim por diante¹⁵”.

Quando um judeu tornava-se um cobrador de impostos, ele era visto por seus compatriotas como traidor¹⁶ e ladrão. O publicano de Lucas 18 classificou-se como um “pecador” (v. 13) e ninguém discordaria disso (veja Lucas 19:5–7). O cobrador de impostos era considerado escória social e era evitado por pessoas respeitáveis¹⁷. Via de regra, o publicano não era o tipo de pessoa que alguém queria ter como vizinho. Entretanto—aqui entra o elemento surpresa—um cobrador de impostos subiu ao templo para orar.

Não sabemos por que esse homem foi ao templo. Podemos afirmar com certeza que ir ao templo não era um de seus hábitos. Quem leva uma vida de iniquidade não tem como prática freqüentar cultos de adoração, pois cultos costumam deixar essas pessoas desconfortáveis. Alguma coisa, porém, fez aquele homem conscientizar-se de sua condição de pecador e de sua necessidade de Deus. Talvez alguma tragédia tenha sobrevivido a ele: talvez ele tenha perdido a saúde, ou talvez um ente querido tenha falecido e, de repente, ele admitiu que ganhar dinheiro não é o sentido da vida. Talvez ele tivesse passado uma noite inteira, escura e fria sem dormir, examinando sua vida, sem gostar do que via. Quaisquer que fossem seus motivos, esse pária social subiu ao templo para orar.

DOIS ORADORES

Visualize a cena.

[Primeiro chega o fariseu] na hora exata da oração. Ele sobe os degraus [do templo] com um semblante solene, todos os olhares o contemplam. Ele entra no Pátio de Israel e se dirige para

¹⁴William Barclay, *And Jesus Said* (“E disse Jesus”). Filadélfia: Westminster Press, 1970, p. 101.

¹⁵Neil R. Lightfoot, *The Parables of Jesus*, Part 2 (“As Parábolas de Jesus”, Parte 2). Austin, Tex.: R. B. Sweet Co., 1965, p. 46.

¹⁶Ou seja, alguém que se vendeu para o inimigo (o governo romano).

¹⁷É por isso que as pessoas ficavam tão espantadas pelo fato de Jesus ser “amigo de publicanos e pecadores” (Mateus 11:19).

junto do altar de ofertas queimadas. Fica em pé ereto, exhibe seus largos filactérios, olha ao redor para os outros, e [se prepara] para pronunciar certas palavras típicas.¹⁸

A seguir, o cobrador de impostos entra, tentando passar despercebido. Enquanto abre caminho pela multidão, as pessoas se afastam. Olhares flamejam e punhos se cerram¹⁹. Ouvem-se sussurros: “O que ele está fazendo aqui?” O homem encontra um canto isolado, baixa os olhos e começa a orar.

A Oração do Fariseu

Com esta cena em mente, examinemos a descrição que Jesus fez do primeiro homem: “O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo” (Lucas 18:11a). O fato dele estar em pé não é significativo, pois essa postura de oração era comum (1 Reis 8:22; Marcos 11:25). Provavelmente ele ficou em pé num lugar em que podia ser visto (veja Mateus 6:5).

Todavia, podem ser significativas as palavras “de si para si mesmo”. Essa expressão poderia significar que ele orou em silêncio, mas essa não era uma característica dos fariseus. Eles gostavam de “ser ouvidos” “pelo seu muito falar” (Mateus 6:7²⁰). A expressão “de si para si mesmo” provavelmente indica que, embora a oração fosse formalmente dirigida a Deus, na verdade, ela se dirigia ao próprio ego.

A oração começava diretamente com as palavras: “Ó Deus, graças te dou” (Lucas 18:11b). Ela reconhecia Deus e expressava gratidão (Mateus 6:9; Filipenses 4:6). Se o fariseu tivesse parado por ali, poderia ter voltado para casa “justificado” (Lucas 18:14)—mas ele continuou orando.

“Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens” (v. 11b, c). Era verdade; o estilo de vida do fariseu estava acima da média das demais pessoas—e ele queria que todo mundo soubesse disso. Então, enumerou os tipos de pessoas inferiores que ele tinha em mente: “roubadores, injustos e adúlteros” (v. 11d). Daí olhou ao redor. A certa distância, avistou o publicano. Não sabemos como ele sabia que o homem era um publicano. Provavelmente, o publicano não usava um uniforme diferenciado nem carregava uma placa com os dizeres: “Sou cobrador de impostos”. É mais provável que o fari-

¹⁸Lightfoot, p. 46.

¹⁹Esta frase foi adaptada de Clovis G. Chappell, *Sermons from the Parables* (“Sermões das Parábolas”). Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1933, p. 106.

²⁰Mateus 6:7 está falando dos gentios, mas muitos comentaristas acreditam que a condenação reporta-se aos fariseus que imitavam os gentios neste sentido (veja Lucas 20:47).

seu tenha reconhecido o homem como alguém que tempos atrás se aproveitara dele cobrando um valor exorbitante. O fariseu deve ter franzido o cenho e apontado para o outro homem²¹ enquanto acrescentava: “nem ainda como este publicano” (v. 11e).

Ele não apontou para seus colegas fariseus que deviam estar em pé no mesmo recinto, nem apontou para outros freqüentadores do templo, mas apontou para um cobrador de impostos “em pé, longe” (v. 13). Quando o ser humano quer dar a aparência de que é bom, ele acaba se comparando com os piores, e não com os melhores. Glen Pace disse: “Quem se acha bom demais, sempre encontra um pigmeu moral com o intuito de comparar-se a ele”²².

Depois de enumerar o que *não* praticava, o fariseu citou as coisas que ele *fazia*: “Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho” (v. 12). Provavelmente ele acrescentou outras virtudes a essa lista. O tempo verbal usado na sentença corresponde a “e estava orando” (v. 11), indicando que ele continuava a orar com essa disposição. Os fariseus gostavam de “fazer longas orações” (Lucas 20:47).

Pode surpreender alguns o fato de os ouvintes de Jesus nada virem de errado na oração do fariseu. Em primeiro lugar, tudo o que ele disse provavelmente era verdade. Quando certo amigo meu fala de seus feitos, ele costuma dizer: “Não é que eu esteja me gabando; só estou expondo os fatos”. Em segundo lugar, havia precedentes nos rituais judaicos de oração em que se agradecia a Deus por não ser igual aos outros. “Todos os dias o homem judeu agradecia a Deus por não ser nem gentil, nem escravo, nem tampouco mulher.”²³

O que havia de *errado* na oração do fariseu? Poderíamos citar várias falhas, começando pelo que o homem *não incluiu* em sua oração. Ele não pediu perdão a Deus por seus pecados. Ele não pediu forças e orientação divinas. Ele não pediu que Deus ajudasse o pobre pecador do outro lado do pátio. Jesus, porém, contou essa história para destacar duas falhas específicas: Seu propósito era expor aqueles que 1) “confiavam em si mesmos, por se considerarem justos” e 2) “desprezavam os outros” (18:9).

²¹Se julgar apropriado acrescentar um toque de humor, diga: “para garantir que Deus soubesse de quem ele estava falando”.

²²Glen Pace, “A Oração Universal”, sermão pregado na igreja de Cristo, Judsonia, Arkansas, Estados Unidos, em 2000.

²³Geoffrey W. Bromiley, ed. gen., “Woman”, *The International Standard Bible Encyclopedia*, rev. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988, 4:1093–94.

Primeiramente, o fariseu “confiava em si mesmo”. Embora ele tivesse reconhecido Deus na introdução de sua oração, ele não expressou confiança no Senhor—somente confiança em si mesmo. Ele exaltou a si mesmo (v. 14).

Não há nada de errado em ter um desejo ardente de fazer a vontade de Deus (Lucas 6:46). Tampouco era errado o fariseu tentar “andar a segunda milha”²⁴ espiritualmente, jejuando e pagando os dízimos até da hortelã (Mateus 23:23). Entretanto, é errado um homem pensar que seus feitos podem impor a Deus alguma obrigação para com ele. Recordemos o seguinte versículo de uma lição anterior: “Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer” (Lucas 17:10). Se quisermos ser salvos, não podemos confiar em nós mesmos; nossa confiança deve estar no Senhor (Provérbios 3:5).

A segunda maior falha na oração do fariseu é que ele “desprezava os outros” (Lucas 18:9). Ele disse: “Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens” (v. 11). Segundo a Bíblia interlinear grega, ele disse literalmente: “Graças Te dou porque não sou como o resto dos homens”. Em outras palavras: “[No mundo] há eu e meus colegas fariseus—depois há ‘o resto’”.

Podemos admitir que esse fariseu tinha padrões morais mais elevados que as outras pessoas. Sem dúvida, ele tentava cumprir as ordenanças da Lei com mais dedicação que os outros. Apesar disso, comparado com o Senhor a quem ele estava orando, ele não era nada. “Não há justo, nem um sequer” (Romanos 3:10).

Uma ilustração pode nos ajudar: em várias regiões do nosso país há diferentes tipos de formigas. As maiores são as saúvas, depois há aquelas pequeninas que gostam de açúcar e restos de alimento. Imaginemos que uma saúva erga suas antenas e diga (isto vai exigir muita imaginação): “Senhor, graças Te dou porque não sou como as outras formigas—nem como aquela formiguinha de açúcar ali abaixo do meio-fio. Sou maior e mais forte que ela, e muito mais bonita”. A saúva mal acaba de soltar essas palavras quando um adolescente, que vem andando a passos largos, pisa bem em cima dela e da outra formiguinha de açúcar. A moral dessa ilustração é simples: a saúva pode ser maior que a formiguinha de açúcar, mas comparada ao ser humano, ela é minúscula e insignificante. Da mesma forma,

²⁴A “segunda milha” é uma terminologia emprestada de Mateus 5:41.

um indivíduo pode ser moral e religiosamente superior a outro, mas todos, comparados ao Deus do universo, são como “nada” (Daniel 4:35). Que tolíce, então, qualquer um de nós “desprezar outro” ser humano!

A Oração do Publicano

Jesus contrastou a arrogância do fariseu com a humildade do cobrador de impostos. Sentindo-se indigno, o publicano ficou em pé, “longe” (Lucas 18:13a). Certamente fazia muito tempo que ele não orava nem ia ao templo. Ele “não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu” (v. 13b). Às vezes, as pessoas olhavam para o céu enquanto oravam (Salmos 123:1, 2), mas debaixo do peso do seu pecado, o cobrador de impostos ficou em pé cabisbaixo²⁵. Ele também bateu no peito (Lucas 18:13c), uma expressão oriental de profundo pesar (Naum 2:7; Lucas 23:48)²⁶. Talvez ele até estivesse se perguntando se sua oração seria ouvida.

Tal qual o fariseu, ele começou dirigindo-se a Deus e sua oração também girou em torno dele mesmo—mas foram duas orações bem diferentes! O pedido do publicano é curtíssimo, somente sete palavras em português²⁷: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” (Lucas 18:13d).

Diferentemente do fariseu, o cobrador de impostos não citou nenhuma virtude, embora ele certamente tivesse alguma. Poucas pessoas são totalmente más. Antes, ele reconheceu francamente sua pecaminosidade; confessou que era pecador sem apresentar desculpas²⁸. Na verdade, ele fez mais do que simplesmente admitir que era pecador. No original grego aparece o artigo definido (“o”) antes de

²⁵Geralmente inclinamos as cabeças e fechamos os olhos ao orarmos em reuniões públicas. Talvez essa prática venha do exemplo do publicano de Lucas 18. É bíblico orar com olhos abertos, mas a cabeça baixa denota humildade e os olhos fechados ajudam a eliminar distrações.

²⁶J. W. McGarvey sugeriu que isto poderia fazê-lo “lembrar-se do castigo de Deus que ele bem merecia” (J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* [“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”]. Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 537). Talvez devêssemos notar que esse ato era simbólico e não um ato de autoflagelação. Este exemplo não justifica a automutilação que certas seitas praticam. O corpo é o santuário de Deus (1 Coríntios 6:19) e não deve sofrer maus tratos.

²⁷A oração contém apenas cinco palavras no original grego.

²⁸Glen Pace falou de uma mulher que foi à frente “confessar seus pecados” e pedir orações. Ao explicar por que estava ali, ela apontou para outra mulher no auditório e sussurrou em volume suficientemente alto para todos ouvirem: “Mas é tudo culpa dela!”

“pecador”. O cobrador de impostos referiu-se a si mesmo como o pecador, o epítome da pecaminosidade, o maior dos pecadores. Ele teria simpatizado com Paulo quando este se denominou “o principal” dos pecadores (1 Timóteo 1:15).

Paulo não se consolou com o fato de que todos os seres humanos são pecadores (Romanos 3:23). Ele não tentou identificar um pecador pior com o qual ele pudesse se comparar. Ele nem mesmo orou (como nós talvez já tenhamos feito): “Graças Te dou porque não sou como este fariseu arrogante”. Em pé, na presença de um Deus santo, o apóstolo sentia-se incompetente, impotente e inacabado. Quando o profeta Isaías viu “o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono”, ele disse: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios” (Isaías 6:1, 5).

O cobrador de impostos não pediu riquezas, fama, sucesso, boa saúde nem as necessidades básicas da vida. Em vez disso, ele pediu por misericórdia: “Sê propício a mim”, ou, como diz mais claramente a ERC: “Tem misericórdia de mim!”.

“Ser propício” ou “ter misericórdia” significa “ser favorável”, “apaciar”. O tempo não permite um estudo detalhado do vocábulo, mas está implícito nele o conceito bíblico de expiação ou redenção. Deus, por causa da Sua natureza, não tolera o pecado (Romanos 1:18); o pecado deve ser castigado (Romanos 6:23a; Gálatas 6:7). O homem nada pode fazer, em si nem de si mesmo, para apaciar a ira de Deus (Romanos 1:18; 3:9, 10; Isaías 64:6). Deus providenciou que sacrifícios fossem feitos para a expiação dos pecados. No Antigo Testamento, faziam-se sacrifícios de animais (Levítico 1; 3—5; veja Hebreus 9:22). No Novo Testamento, o sacrifício perfeito e definitivo de Jesus na cruz foi feito por nossos pecados (1 Coríntios 15:3).

Alguém sugeriu que o cobrador de impostos pode ter usado essa terminologia porque ele estava no templo numa ocasião em que um animal foi sacrificado pelos pecados do povo²⁹. De qualquer maneira, o uso da palavra “propício” ou “misericórdia” mostra que ele reconhecia “sua excessiva pecaminosidade”³⁰ e sua necessidade desesperadora de perdão. Sobrecarregado com o peso da culpa (veja Salmos 40:12), ele clamou por alívio: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” (Lucas 18:13).

²⁹Veja a exposição sobre as idas do povo ao templo para orar, na página 11.

³⁰Veja Romanos 7:13.

Todos nós pecamos e carecemos da “glória de Deus” (Romanos 3:23). “Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós” (1 João 1:10). Todos nós merecemos a morte—a separação eterna de Deus (Romanos 6:23a; Apocalipse 20:14). Quando somos expostos à resplandecente santidade de Deus, tudo o que podemos fazer é clamar por misericórdia: “Ó Deus, tem misericórdia de nós, pecadores!”.

DUAS POSSIBILIDADES

Na conclusão, Jesus disse com autoridade: “Digo-vos” (Lucas 18:14a). Ou seja, “digo-vos como quem pode ver os corações dos homens. Digo-vos como quem conhece a mente de Deus”.

A Possibilidade do Fariseu

Cristo primeiramente descreveu o fariseu como um dos membros mais distintos e qualificados da comunidade, mas Ele concluiu a história revertendo a ordem: “Digo-vos que este [o cobrador de impostos] desceu justificado para sua casa” (v. 14a, b). O fariseu que desprezava as “outras pessoas” foi relegado à posição de “o outro”. A implicação evidente do versículo 14 é que o fariseu “foi para sua casa” injustificado.

O fariseu provavelmente saiu do templo no mesmo estado de auto-realização em que entrou, inconsciente de que sua oração fora “inútil”. Michael Wilcock disse que a oração dele estava “tão carregada de vanglória” que “mal pôde sair do chão, quanto menos subir até os ouvidos de Deus”³¹. Richard Trench escreveu que, em vez de subir como incenso, a oração do fariseu “voltou como fumaça para dentro de seus próprios olhos”³².

Ele estava tão cheio de si que não havia espaço para Deus. Como disse R. C. H. Lenski, o Senhor não pode “derramar nada num vaso que já está cheio”³³. Como o fariseu deve ter ficado surpreso quando finalmente ficou perante seu Criador, “porque todo o que se exalta será humilhado” (v. 14c)!

³¹Michael Wilcock, *The Message of Luke: The Saviour of the World* (“A Mensagem de Lucas: O Salvador do Mundo”). The Bible Speaks Today Series. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1979, p. 165.

³²Richard C. Trench, *Notes on the Parables of Our Lord* (“Anotações sobre as Parábolas de nosso Senhor”). Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1953, p. 503.

³³R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. Luke's Gospel* (“A Interpretação do Evangelho por São Lucas”). Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1946, p. 906.

A Possibilidade do Publicano

E o que deve ter acontecido com o cobrador de impostos que orou: “Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador” (ERC)? Ele “desceu justificado para sua casa” (v. 14). Suas transgressões foram apagadas; ele foi lavado de suas iniquidades; foi purificado de seus pecados (Salmos 51:1, 2). “Quanto dista o Oriente do Ocidente”, assim foram afastadas dele as suas transgressões (Salmos 103:12). “O fariseu partiu sentindo-se bem, cheio de orgulho. O publicano partiu sentindo-se melhor, cheio de paz”³⁴.

G. Campbell Morgan disse: “Creio que esse homem foi ao templo outra vez no dia seguinte, mas ele não voltou do mesmo jeito”³⁵. Da primeira vez, ele chegou sobrecarregado pelo pecado. Da segunda vez, ele deve ter ido com um profundo senso de perdão e gratidão. Aquele que se humilhou foi exaltado (Lucas 18:14).

CONCLUSÃO

É hora de fazermos algumas perguntas—perguntas que eu não posso responder para você nem você pode responder para mim:

- A história descreve duas pessoas de posição. Qual delas representa você? O Senhor não pode salvar quem pensa que não precisa de salvação.
- A história fala de duas orações. Qual oração está mais próxima do tipo de oração que você faz?
- A história sugere duas possibilidades: exaltação ou humilhação. Pergunte: “Se eu comparecesse diante de Deus como estou agora, qual seria a minha paga?”

Clovis G. Chappell contou a história de um médico chamado Dr. MacLure³⁶. Durante quarenta anos esse médico dedicou-se abnegadamente a ministrar aos doentes. Após anos de trabalho, já esgotado, ele chegou ao fim de sua jornada. Mandou chamar um velho amigo e pediu-lhe que lesse a Bíblia de sua mãe. O amigo abriu em João 14, numa passagem que tem levado consolo para muitos, mas o médico

³⁴Pace.

³⁵G. Campbell Morgan, *The Parables and Metaphors of Our Lord* (“As Parábolas e Metáforas de Nosso Senhor”). Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1942, p. 242.

³⁶A história original estava num livro intitulado *Beside the Bonnie Brier Bush* (“Junto ao Belo Arbusto Espinhoso”). A versão de Chappell encontra-se em *Sermons from the Parables* (“Sermões das Parábolas”), pp. 113–14.

interrompeu-o: “Isto não é para pessoas como eu”, disse ele. “É bom demais para mim. Segure o livro e ele abrirá na passagem que tenho lido há um mês todas as noites”. Quando o amigo seguiu essas instruções, a Bíblia se abriu em Lucas 18:13: “O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” O médico disse: “Isto deve ter sido escrito para mim ou para qualquer outro pecador que chegou ao fim da vida sem ter sequer uma palavra boa para dizer sobre si mesmo”. Lucas 18:13 não foi escrito só para o Dr. MacLure; também foi escrito para você e para mim.

Ninguém é tão bom a ponto de não precisar da misericórdia de Deus. Se você precisa responder ao

convite do Senhor³⁷, venha e atire-se diante da bondade dEle, clamando: “Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!”

³⁷Se quiser, inclua aqui os requisitos de Deus para os não-cristãos (Marcos 16:15, 16) e para cristãos afastados (Atos 8:22).

Atribuição de Leitura nº. 26

Mateus 19:1–30; 20:1–16;

Marcos 10:1–31;

Lucas 17:11; 18:15–30

Mateus 19:1–30

¹E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras, deixou a Galiléia e foi para o território da Judéia, além do Jordão.

²Seguiram-no muitas multidões, e curou-as ali.

³Vieram a ele alguns fariseus e o experimentavam, perguntando: É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo?

⁴Então, respondeu ele: Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher

⁵e que disse:

Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne?

⁶De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem.

⁷Replicaram-lhe: Por que mandou, então, Moisés dar carta de divórcio e repudiar?

⁸Respondeu-lhes Jesus: Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio.

⁹Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério [e o que casar com a repudiada comete adultério].

¹⁰Disseram-lhe os discípulos: Se essa é a condição do homem relativamente à sua mulher, não convém casar.

¹¹Jesus, porém, lhes respondeu: Nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas aqueles a quem é dado.

¹²Porque há eunucos de nascença; há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus. Quem é apto para o admitir admita.

¹³Trouxeram-lhe, então, algumas crianças, para que lhes impusesse as mãos e orasse; mas os discípulos os repreendiam.

¹⁴Jesus, porém, disse: Deixai os pequeninos, não os embarceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus.

¹⁵E, tendo-lhes imposto as mãos, retirou-se dali.

¹⁶E eis que alguém, aproximando-se, lhe perguntou: Mestre, que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?

¹⁷Respondeu-lhe Jesus: Por que me perguntas acerca do que é bom? Bom só existe um. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos.

¹⁸E ele lhe perguntou: Quais? Respondeu Jesus: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho;

¹⁹honra a teu pai e a tua mãe e amarás o teu próximo como a ti mesmo.

²⁰Replicou-lhe o jovem: Tudo isso tenho observado; que me falta ainda?

²¹Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me.

²²Tendo, porém, o jovem ouvido esta palavra, retirou-se triste, por ser dono de muitas propriedades.

²³Então, disse Jesus a seus discípulos: Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus.

²⁴E ainda vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.

²⁵Ouvindo isto, os discípulos ficaram grandemente maravilhados e disseram: Sendo assim, quem pode ser salvo?

²⁶Jesus, fitando neles o olhar, disse-lhes: Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível.

²⁷Então, lhe falou Pedro: Eis que nós tudo deixamos e te seguimos; que será, pois, de nós?

²⁸Jesus lhes respondeu: Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem

se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel.

²⁹E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe [ou mulher], ou filhos, ou campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais e herdará a vida eterna.

³⁰Porém muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros.

Mateus 20:1–16

¹Porque o reino dos céus é semelhante a um dono de casa que saiu de madrugada para assalariar trabalhadores para a sua vinha.

²E, tendo ajustado com os trabalhadores a um denário por dia, mandou-os para a vinha.

³Saindo pela terceira hora, viu, na praça, outros que estavam desocupados

⁴e disse-lhes: Ide vós também para a vinha, e vos darei o que for justo. Eles foram.

⁵Tendo saído outra vez, perto da hora sexta e da nona, procedeu da mesma forma,

⁶e, saindo por volta da hora undécima, encontrou outros que estavam desocupados e perguntou-lhes: Por que estivestes aqui desocupados o dia todo?

⁷Responderam-lhe: Porque ninguém nos contratou. Então, lhes disse ele: Ide também vós para a vinha.

⁸Ao cair da tarde, disse o senhor da vinha ao seu administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos, indo até aos primeiros.

⁹Vindo os da hora undécima, recebeu cada um deles um denário.

¹⁰Ao chegarem os primeiros, pensaram que receberiam mais; porém também estes receberam um denário cada um.

¹¹Mas, tendo-o recebido, murmuravam contra o dono da casa,

¹²dizendo: Estes últimos trabalharam apenas uma hora; contudo, os igualaste a nós, que suportamos a fadiga e o calor do dia.

¹³Mas o proprietário, respondendo, disse a um deles:

Amigo, não te faço injustiça; não combinaste comigo um denário?

¹⁴Toma o que é teu e vai-te; pois quero dar a este último tanto quanto a ti.

¹⁵Porventura, não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou são maus os teus olhos porque eu sou bom?

¹⁶Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos [porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos].

Marcos 10:1–31

¹Levantando-se Jesus, foi dali para o território da Judéia, além do Jordão. E outra vez as multidões se reuniram junto a ele, e, de novo, ele as ensinava, segundo o seu costume.

²E, aproximando-se alguns fariseus, o experimentaram, perguntando-lhe: É lícito ao marido repudiar sua mulher?

³Ele lhes respondeu: Que vos ordenou Moisés?

⁴Tornaram eles: Moisés permitiu lavrar carta de divórcio e repudiar.

⁵Mas Jesus lhes disse: Por causa da dureza do vosso coração, ele vos deixou escrito esse mandamento;

⁶porém, desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher.

⁷Por isso, deixará o homem a seu pai e mãe [e unir-se-á a sua mulher],

⁸e, com sua mulher, serão os dois uma só carne. De modo que já não são dois, mas uma só carne.

⁹Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem.

¹⁰Em casa, voltaram os discípulos a interrogá-lo sobre este assunto.

¹¹E ele lhes disse: Quem repudiar sua mulher e casar com outra comete adultério contra aquela.

¹²E, se ela repudiar seu marido e casar com outro, comete adultério.

¹³Então, lhe trouxeram algumas crianças para que as tocasse, mas os discípulos os repreendiam.

¹⁴Jesus, porém, vendo isto, indignou-se e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus.

¹⁵Em verdade vos digo: Quem não receber o reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele.

¹⁶Então, tomando-as nos braços e impondo-lhes as mãos, as abençoava.

¹⁷E, pondo-se Jesus a caminho, correu um homem ao seu encontro e, ajoelhando-se, perguntou-lhe: Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

¹⁸Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, que é Deus.

¹⁹Sabes os mandamentos: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, não defraudarás ninguém, honra a teu pai e tua mãe.

²⁰Então, ele respondeu: Mestre, tudo isso tenho observado desde a minha juventude.

²¹E Jesus, fitando-o, o amou e disse: Só uma coisa te falta: Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; então, vem e segue-me.

²²Ele, porém, contrariado com esta palavra, retirou-se triste, porque era dono de muitas propriedades.

²³Então, Jesus, olhando ao redor, disse aos seus discípulos: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!

²⁴Os discípulos estranharam estas palavras; mas Jesus insistiu em dizer-lhes: Filhos, quão difícil é [para os que confiam nas riquezas] entrar no reino de Deus!

²⁵É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.

²⁶Eles ficaram sobremodo maravilhados, dizendo entre si: Então, quem pode ser salvo?

²⁷Jesus, porém, fitando neles o olhar, disse: Para os homens é impossível; contudo, não para Deus, porque para Deus tudo é possível.

²⁸Então, Pedro começou a dizer-lhe: Eis que nós tudo deixamos e te seguimos.

²⁹Tornou Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos por amor de mim e por amor do evangelho,

³⁰que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e, no

mundo por vir, a vida eterna.

³¹Porém muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros.

Lucas 17:11

¹¹De caminho para Jerusalém, passava Jesus pelo meio de Samaria e da Galiléia.

Lucas 18:15–30

¹⁵Traziam-lhe também as crianças, para que as tocasse; e os discípulos, vendo, os repreendiam.

¹⁶Jesus, porém, chamando-as para junto de si, ordenou: Deixai vir a mim os pequeninos e não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus.

¹⁷Em verdade vos digo: Quem não receber o reino de Deus como uma criança de maneira alguma entrará nele.

¹⁸Certo homem de posição perguntou-lhe: Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

¹⁹Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um, que é Deus.

²⁰Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe.

²¹Replicou ele: Tudo isso tenho observado desde a minha juventude.

²²Ouvindo-o Jesus, disse-lhe: Uma coisa ainda te falta: vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro nos céus; depois, vem e segue-me.

²³Mas, ouvindo ele estas palavras, ficou muito triste, porque era riquíssimo.

²⁴E Jesus, vendo-o assim triste, disse: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!

²⁵Porque é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.

²⁶E os que ouviram disseram: Sendo assim, quem pode ser salvo?

²⁷Mas ele respondeu: Os impossíveis dos homens são possíveis para Deus.

²⁸E disse Pedro: Eis que nós deixamos nossa casa e te

seguimos.

²⁹Respondeu-lhes Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou mulher, ou irmãos, ou pais, ou filhos, por causa do reino de Deus,

³⁰que não receba, no presente, muitas vezes mais e, no mundo por vir, a vida eterna.

Quando Temos Perguntas

Leitura Bíblica 26

VI. DA TERCEIRA PÁSCOA À CHEGADA DE JESUS A BETANIA (continuação).

- S. Última viagem a Jerusalém (Lucas 17:11a) (continuação).
4. Perguntas sobre divórcio—e ensino sobre casamento (Mateus 19:3–12; Marcos 10:2–12).
5. Um mal-entendido em relação às crianças—e ensino sobre ser como criança (Mateus 19:13–15; Marcos 10:13–16; Lucas 18:15–17).
6. Uma pergunta sobre vida eterna—e ensino sobre riquezas (a história do jovem rico) (Mateus 19:16–26; Marcos 10:17–27; Lucas 18:18–27).
7. Uma pergunta sobre recompensas—e ensino sobre as bênçãos de Deus (Mateus 19:27–30; Marcos 10:28–31; Lucas 18:28–30), incluindo a parábola dos trabalhadores na vinha (Mateus 20:1–16).

INTRODUÇÃO

Alguns alunos hesitam em fazer perguntas numa aula bíblica. Talvez pensem que as perguntas interrompem a aula. Talvez tenham medo de que os demais alunos os julguem ignorantes e desinformados. Qualquer que seja o motivo, suas perguntas não são feitas—e ficam sem respostas. Professores competentes, porém, recebem com agrado as perguntas dos alunos. Eles reconhecem que perguntas são uma parte essencial do processo de aprendizagem. Uma pergunta mostra que o questionador está pensando. Uma pergunta sincera indica que o questionador está pronto para aprender.

Na lição anterior, Jesus iniciou Sua última viagem a Jerusalém, caminhando pela margem leste do rio Jordão, cercado de peregrinos que iam para a festa da Páscoa. Enquanto viajava, Jesus estava sempre ensinando (Marcos 10:1). Ele também estava sendo sempre questionado por Seus inimigos (Mateus 19:3, 7), Seus discípulos (Mateus 19:25, 27; Marcos 10:10) e outros (Mateus 19:16, 20). Embora a mente de Jesus estivesse concentrada na cruz (Lucas 12:50; Mateus 20:17–19), Ele não desestimulava as perguntas. Ele não deixou nenhuma pergunta sem resposta. Nenhum indagador pôde ir embora dizendo: “O Mestre me ignorou; Ele não Se importa comigo”.

Esta lição inclui algumas perguntas feitas nessa viagem fatal. Talvez as respostas de Jesus nos ajudem a responder perguntas que nós mesmos temos feito. No mínimo, devemos aprender que não há nada de

errado com o fato de termos perguntas—e que o Senhor pode nos ajudar a encontrar respostas.

E O DIVÓRCIO?

(MATEUS 19:3–12; MARCOS 10:2–12)¹

Os Fariseus Perguntaram (Mateus 19:3; Marcos 10:2)

Viajavam com Cristo Seus persistentes antagonistas: os fariseus. Pouco tempo antes, eles haviam indagado sobre “quando viria o reino de Deus” (Lucas 17:20)². Agora eles O interrompiam com outra pergunta. “Vieram a ele alguns fariseus e o experimentavam, perguntando: É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo?” (Mateus 19:3). A maioria das perguntas parte de pessoas que buscam respostas com sinceridade, mas às vezes acontece de uma pergunta ser feita por uma razão oculta. Essa pergunta tinha a intenção de armar uma cilada—uma cilada que poderia fechar várias saídas.

¹Tanto Mateus como Marcos omitiram a maior parte do encerramento do ministério de Jesus em todas as partes da Palestina. Os relatos desses dois evangelistas vão da Galiléia para a Peréia (“a região... além do Jordão”) (Mateus 19:1; Marcos 10:1). Eles fizeram breves relatos do ministério de Jesus ali (Mateus 19:2; Marcos 10:1; veja a página 29 da edição anterior). A seguir, retomaram a narrativa no momento em que Cristo iniciou Sua última viagem para Jerusalém.

²Reveja as páginas 8 e 9 desta edição.

Moisés escrevera que se um homem encontrasse “coisa indecente” na esposa, ele poderia escrever “um termo de divórcio” e mandá-la embora (Deuteronômio 24:1). Os peritos na Lei divergiam de opinião quanto ao que seria “coisa indecente”. Havia duas escolas principais de pensamento: a escola de Hillel e a escola de Shammai. A escola de Hillel sustentava que as palavras de Moisés permitiam que um homem se divorciasse da esposa por qualquer ofensa trivial; se, por exemplo, ela queimasse o pão ou se ele encontrasse outra mulher mais bonita e mais jovem. A escola de Shammai acreditava que o divórcio só era permitido por motivo de imoralidade sexual. Os fariseus presumiram que Cristo teria de Se afinar com uma dessas duas correntes, opondo-Se assim a todos os que sustentavam uma visão contrária.

Além disso, Jesus já havia ensinado contra o divórcio (Mateus 5:31, 32). Se os fariseus conseguissem provar que Jesus discordava de Moisés, poderiam difamá-lo à vista do povo. Racionalizaram, então, que qualquer que fosse a resposta de Jesus, Ele mesmo Se incriminaria. Era uma situação arriscada³ para Jesus.

Jesus Respondeu (Mateus 19:3–6; Marcos 10:6–9⁴)

Como já foi dito, bons professores ficam contentes em responder perguntas—mas as perguntas sobre divórcio não estão na minha lista das favoritas. Se a primeira pergunta feita numa aula fosse sobre esse assunto, minha tendência seria exclamar: “Manda uma pergunta mais fácil para começar!” Jesus, porém, não hesitou em responder. Ele escapou da armadilha recusando-Se a aderir a uma das escolas de pensamento da época. Antes, retomou o plano original de Deus para o casamento destacado em Gênesis 1 e 2:

Então, respondeu ele: Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher⁵ e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne⁶. Por-

³Consideremos um outro perigo possível: Jesus estava na Peréia, que fazia parte do território dominado por Herodes. João Batista enfurecera a esposa de Herodes com seu ensino sobre divórcio—e perdeu a cabeça por causa disso.

⁴A organização de Marcos é um pouco diferente da de Mateus. Isto é típico em testemunhos independentes que concordam entre si em pontos essenciais e diferem levemente em detalhes. Como sempre, os dois relatos são complementares e não contraditórios. A fonte primária que estamos usando nesta parte da lição é o relato de Mateus.

⁵Gênesis 1:27.

⁶Gênesis 2:24.

tanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem (Mateus 19:4–6).⁷

Os fariseus perguntaram a respeito do que Moisés ensinara em Deuteronômio 24. Cristo fez eles se lembrarem do que Moisés escrevera sobre esse assunto anteriormente. Desta forma, Jesus mostrou que não havia conflito entre Ele e aquele grande líder.

Os Fariseus Perguntaram (Mateus 19:7)

Frustrados, os fariseus disseram: “Por que mandou, então, Moisés dar carta de divórcio e repudiar?” (Mateus 19:7). Em outras palavras: “Se a intenção de Deus era que o casamento fosse permanente, por que Moisés escreveu Deuteronômio 24:1–4?”⁸

Jesus Respondeu (Mateus 19:8, 9)

Jesus respondeu: “Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio” (Mateus 19:8). Os fariseus disseram que Moisés *ordenara* o divórcio (v. 7), mas Cristo disse que Moisés *permitira* (v. 8)—uma sensível diferença.

“Desde o princípio” da Bíblia, era claro que a intenção de Deus era que o casamento fosse permanente (v. 8; Gênesis 2:24). No fim do Antigo Testamento, Deus disse que “odeia o repúdio” (Malaquias 2:16). Nesse caso, por que o divórcio foi, afinal de contas, permitido? Jesus disse que foi por causa da “dureza de coração” dos homens. Filhos imaturos geralmente recebem permissão para liberdades não toleradas em adultos. Da mesma sorte, nos primeiros acordos de Deus com os israelitas, Ele permitiu o que Ele realmente não aprovava⁹. Recordamos aqui Atos 17:30, que diz: “Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam”¹⁰.

⁷Veja uma breve exposição de Mateus 19:4–6, no sermão “Então, vocês estão pensando em se casar?”, mais adiante nesta edição.

⁸O espaço é limitado demais para uma exposição desse trecho nesta apresentação. Tenhamos em mente que as regras dessa passagem não visavam incentivar o divórcio, mas regulamentá-lo. Também tenhamos em mente que a passagem é do Antigo Testamento e, portanto, faz parte da aliança que foi revogada quando Jesus morreu na cruz.

⁹Os comentaristas levantam pressuposições para explicar por que a dureza de coração dos israelitas fez Deus permitir o divórcio. Um dos palpites relaciona-se à resposta dos discípulos ao ensino de Jesus: “Não convém casar” (Mateus 19:10). Talvez Deus soubesse que os israelitas espiritualmente imaturos prefeririam viver em fornicção do que assumir o compromisso permanente do matrimônio.

¹⁰Mateus 19:8 refere-se a judeus, enquanto Atos 17:30 refere-se a gentios; mas o princípio é o mesmo.

Se os fariseus pensavam que conseguiriam forçar Jesus a desdizer Seu ensinamento anterior sobre casamento e divórcio (Mateus 5:31, 32), estavam redondamente enganados. Jesus repetiu o que disse antes, acrescentando uma exceção: “Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério” (Mateus 19:9)¹¹.

Os fariseus falharam mais uma vez ao tentar pegar Jesus numa cilada. Sem dúvida, saíram dali novamente enrubescidos de raiva.

Os Discípulos Perguntaram; Jesus Respondeu; Os Discípulos Perguntaram (Marcos 10:10–12; Mateus 19:10)

Mais tarde, quando Cristo estava a sós com os discípulos¹², eles continuaram a questionar sobre o assunto do divórcio (Marcos 10:10). Jesus repetiu o que já havia dito sobre um homem divorciar-se da esposa (Marcos 10:11). A seguir, ele ampliou o raciocínio incluindo o caso da mulher que se divorcia do marido: “E, se ela repudiar seu marido e casar com outro, comete adultério” (Marcos 10:12). Entre os judeus, o divórcio era uma prerrogativa masculina, mas, sob determinadas condições, uma mulher podia recorrer ao tribunal para obrigar o marido a dar-lhe uma carta de divórcio. Entre os gentios, o divórcio solicitado por mulheres era mais comum (veja 1 Coríntios 7:13)¹³.

Hoje, muitas pessoas não percebem como é enfático o ensino de Cristo sobre a durabilidade do casamento, mas este aspecto não fugiu ao olhar dos discípulos. Eles disseram: “Se essa é a condição do homem relativamente à sua mulher, não convém casar” (Mateus 19:10). Em outras palavras: “É melhor não casar do que correr o risco de ficar preso a um casamento infeliz”. Os que possuem a mente mundana ou são bíblicamente iletrados ainda raciocinam que é melhor um homem e uma mulher viverem juntos em fornicção do que assumirem um compromisso perpétuo de se casarem¹⁴.

¹¹Veja mais sobre esse assunto no artigo complementar “Então, vocês estão pensando em se casar?”, nesta edição.

¹²Marcos 10:10 observa que eles estavam “em casa”. Enquanto viajavam, parece que foram convidados a pernoitar em diversas casas.

¹³Marcos talvez tenha incluído o ensino sobre mulheres que se divorciam de seus maridos porque seu relato foi escrito tendo em vista os gentios (romanos). Veja “O Livro de Marcos: Cristo, o Servo”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 1”, desta série.

¹⁴Reveja a nota de rodapé 9.

Jesus Respondeu (Mateus 19:11, 12)

Jesus respondeu: “Nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas aqueles a quem é dado” (v. 11). O termo antecedente “deste conceito” é a afirmação dos discípulos de que “não convém casar”. Quando Cristo disse que “nem todos são aptos para receber este conceito”, Ele estava admitindo que nem todos podem viver em estado de celibato. Ele Se referiu primeiramente aos que são forçados pela natureza a viverem uma vida de celibato (os que nasceram incapacitados de praticar relações sexuais; v. 12a), depois Ele mencionou os que foram forçados por homens a viver uma vida de celibato (os que foram castrados¹⁵; v. 12b).

Finalmente, Jesus falou dos “que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus” (v. 12c). Isto não se refere a indivíduos que permitiram que seus corpos fossem mutilados; o corpo deve ser respeitado como “santuário” de Deus (veja 1 Coríntios 6:19; Romanos 12:1). Antes, a referência era aos que deliberadamente optaram por uma vida de celibato para dedicar todo o seu tempo ao serviço de Deus e dos homens (veja 1 Coríntios 7:32–34)¹⁶. Jesus disse: “Quem é apto para o admitir admita” (Mateus 19:12d). Francamente, não foi “dado” (v. 11) à maioria de nós o viver como celibatários sem sucumbir à tentação; é bom ter um cônjuge (veja 1 Coríntios 7:2, 7).

Poderíamos sintetizar a resposta de Cristo aos discípulos desta maneira: “É bom casar, mas quem se casa deve entender que o casamento é para toda a vida!”

E AS CRIANÇAS? (MATEUS 19:13–15; MARCOS 10:13–16; LUCAS 18:15–17)¹⁷

As Crianças São Importantes

Numa parada para descanso, algumas mães trouxeram seus filhos até Jesus para serem abençoados por Ele. Não era incomum mães levarem seus

¹⁵Infelizmente, essa prática era comum no mundo pagão daquela época. Veja a edição “Atos, 3”, de *A Verdade para Hoje*, p. 43.

¹⁶Isto não significa que o estado de celibato é mais santo que o de casado. Hebreus 13:4 diz que “digno de honra entre todos seja o matrimônio”. Segundo Paulo, uma característica da apostasia seria homens “que proíbem o casamento” (1 Timóteo 4:3).

¹⁷“O breve discurso sobre crianças assinala o ponto em que todos os três relatos sinóticos entram em paralelo e permanecem assim até o fim da história da jornada terrena de Cristo” (Robert Duncan Culver, *The Life of Christ* [“A Vida de Cristo”]. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1976, pp. 196–97).

filhos até líderes religiosos para estes orarem por eles¹⁸.

Os discípulos de Cristo repreenderam as mulheres. Talvez eles pensassem que elas estavam sendo insolentes. Talvez estivessem tentando proteger Jesus, que (presumiam eles) tinha “coisas mais importantes para fazer” do que desperdiçar tempo com crianças. Jesus reprovou os repressores: “Deixai os pequeninos, não os embarceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus” (Mateus 19:14).

Uma cena que comove o coração de todo pai e mãe é a de Cristo orando pelas criancinhas: “Então, tomando-as nos braços¹⁹ e impondo-lhes as mãos, as abençoava”²⁰ (Marcos 10:16). H. I. Hester escreveu: “...convém lembrar que as crianças não eram vistas com a mesma consideração e reputação que as vemos hoje. Na verdade, a grande atenção e valorização concedidas à infância hoje podem ser atribuídas diretamente aos ensinamentos de Jesus Cristo”²¹. Robert Culver concordou: “As crianças só encontraram seu lugar justo no zelo e na afeição dos homens quanto Jesus ensinou isto”²².

Ser como Criança É Imperativo

Cristo usou novamente a ocasião para ensinar sobre a necessidade de sermos como crianças (despretensiosas, confiantes e ensináveis)²³. “Em verdade vos digo: Quem não receber o reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele” (Marcos 10:15).

Talvez devamos destacar que o emocionante incidente de Jesus abençoar as criancinhas não justifica o assim chamado “batizado” de bebês. Bem contrárias a isto, as palavras de Jesus nessa ocasião implicam que as crianças nasceram puras e santas. Elas não precisam de cerimônias inventadas por homens para estarem aptas ao céu.

E OS RIQUEZAS? (MATEUS 19:16–26; MARCOS 10:17–27; LUCAS 18:18–27)

Um Desafio a Um Rico (Mateus 19:16–22; Marcos 10:17–22; Lucas 18:18–23)

Depois de orar pelas criancinhas, Jesus pôs-Se a caminho de Jerusalém, quando foi novamente interrompido—desta vez por um jovem que lhe trazia uma pergunta urgente (Marcos 10:17). Esse moço é geralmente chamado de “o jovem rico”. Lucas 18:18 diz que ele era um “homem de posição”²⁴, Mateus 19:20 e 22 nos informa que ele era jovem, e todos os três relatos sinóticos do evangelho indicam que ele era rico (Lucas 18:23; veja também Mateus 19:22; Marcos 10:22).

O jovem de posição e rico foi correndo até Jesus e, “ajoelhando-se, perguntou-lhe: Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” (Marcos 10:17)²⁵. Cristo respondeu primeiramente à palavra “bom”: “Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, que é Deus” (Marcos 10:18). Jesus não estava negando que Ele era Deus, como afirmam alguns. Antes, Ele estava tentando fazer o jovem entender a implicação total da palavra “bom”. Se ele entendesse que Cristo de fato era “bom”, então ele saberia que Ele era Deus encarnado (João 1:1, 14; Mateus 1:23). Em outras palavras, Jesus estava tentando instilar fé no jovem—o tipo de fé necessária para vencer o desafio que logo lhe seria apresentado.

A seguir, Cristo respondeu à pergunta sobre herdar a vida eterna. Ele apontou para a lei de Moisés, que estava em vigor naquela era²⁶. Especificamente, Jesus Se referiu a cinco dos dez mandamentos: “Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe” (Lucas 18:20; veja Êxodo 20:12–16; Deuteronômio 5:16–20)²⁷. Em outras palavras: “Se

¹⁸Quando Jesus era bebê, Simeão tomou-O nos braços e orou (Lucas 2:28–32).

¹⁹Jesus já havia segurado uma criança nos braços antes (Marcos 9:36).

²⁰Não era incomum “impor as mãos” sobre a pessoa por quem se orava—adicionando o toque e a proximidade humana à atitude pessoal da oração. (Veja o artigo “Imposição de Mãos”, na contra-capa da edição “Atos, 6”, de *A Verdade para Hoje*.) Muitos irmãos seguraram na mão da pessoa enferma enquanto oram por ela.

²¹H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 180.

²²Culver, p. 196.

²³Veja as páginas 12 a 16 da edição “A Vida de Cristo—Parte 7”, desta série.

²⁴Será que isto significa que o jovem era um dos “principais líderes” de uma sinagoga (Marcos 5:36), ou seria ele um membro do Sinédrio? (Nicodemos era um dos principais líderes e era membro do Sinédrio [João 3:1; 7:45, 50].) Não sabemos ao certo.

²⁵No relato de Mateus, a pergunta do jovem rico é sobre “o que” ele deveria fazer “de bom” (Mateus 19:16). É provável que o moço tenha usado a palavra “bom” duas vezes: ao dirigir-Se ao Senhor e ao perguntar o que deveria fazer.

²⁶Hoje, daríamos uma resposta diferente a essa pergunta, pois vivemos na era após a morte de Jesus. Todavia, o princípio básico ainda é válido: a resposta encontra-se na Palavra de Deus.

²⁷O relato de Marcos acrescenta: “Não defraudarás” (Marcos 10:19). O relato de Mateus acrescenta: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”, de Levítico 19:18b. Esta afirmação era vista como um resumo dos seis últimos mandamentos.

quiser herdar a vida eterna, faça o que Deus diz". O jovem de posição replicou: "Mestre, tudo isso tenho observado desde a minha juventude"; "que me falta ainda?" (Marcos 10:20; Mateus 19:20b).

Cristo, que podia enxergar o coração do homem, viu grande potencial para o bem e um desejo de fazer o que é certo. Marcos observou que "fitando-o, [Jesus] o amou" (Marcos 10:21a). Aquele jovem era especial. O Senhor então lhe disse: "Só uma coisa te falta²⁸: Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu²⁹; então, vem e segue-me"³⁰ (Marcos 10:21b).

É de comum acordo que a ordem para "vender tudo o que se tem e dar aos pobres" não é uma exigência universal do discipulado³¹. Sendo assim, por que Jesus deu essas instruções ao jovem rico? Há pelo menos duas possibilidades:

1) Quando Cristo olhou para dentro do coração do rapaz, Ele viu que seu maior problema era a ambição, a cobiça. Mencionamos antes que Jesus citou cinco dos dez mandamentos—mas os seis últimos mandamentos são considerados uma só unidade (que resume como devemos tratar o próximo). Qual desses seis mandamentos Jesus não citou? O décimo mandamento: "Não cobiçarás" (Êxodo 20:17; Deuteronômio 5:21)³². Essa omissão parece intencional; parece que a cobiça se interpôs entre o jovem rico e a vida eterna. Cristo enfatizara antes que o discípulo deve livrar-se de *tudo* que o impede de ser o que ele deve ser (veja Mateus 5:29, 30; 18:8, 9). A ordem para vender tudo e dar aos pobres não é uma ordem universal, mas é aplicável a todos que depositam suas esperanças "na instabilidade da riqueza" (1 Timóteo 6:17).

2) Observamos que Jesus amou aquele jovem e viu nele grande potencial. As instruções do Senhor

²⁸O relato de Mateus contém: "Se queres ser perfeito..." (Mateus 19:21). O termo grego, traduzido por "completo" ou "perfeito" quando aplicado a seres humanos, refere-se a completitude ou maturidade espiritual.

²⁹Veja Mateus 6:19–21.

³⁰"Segue-me" é o cerne de todas as exigências de Jesus (Mateus 16:24).

³¹Depois que a igreja foi estabelecida, os cristãos venderam algumas vezes suas propriedades para ajudar outros cristãos (Atos 2:44, 45; 4:32–37); mas esses atos foram espontâneos, e não exigidos (Atos 5:3, 4). Veja uma exposição sobre isto nas edições "Atos, 1" e "Atos, 2" de *A Verdade para Hoje*, pp. 49–50 e 33, 36, respectivamente.

³²O mandamento sobre cobiça no Antigo Testamento enfatizava um desejo doentio pelo que pertencia a outro. Jesus, porém, expandiu o conceito incluindo uma preocupação doentia com os bens pessoais. (Veja Lucas 12:13–15; a palavra traduzida por "avareza" no versículo 15 é frequentemente vertida para "cobiça".)

ao jovem rico para vender tudo o que possuía e segui-lo provavelmente foram um chamado para ele ser um discípulo em tempo integral—o que exigia deixar tudo. (Veja a continuação da história em Mateus 19:27.)³³

Como o jovem respondeu ao desafio de Cristo? Lucas escreveu que "ouvindo ele estas palavras, ficou muito triste" (Lucas 18:23a). Ou seja, "contrariado com esta palavra, retirou-se triste, porque era dono de muitas propriedades" (Marcos 10:22). Ele queria a vida eterna, mas não a esse preço.

Um Desafio a Todos os Ricos (Mateus 19:23–26; Marcos 10:23–27; Lucas 18:24–27)

Vendo o jovem partir (Lucas 18:24), o coração de Jesus deve ter pesado. Ele disse aos discípulos: "Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!" (Marcos 10:23). Voltando ao ponto de partida, Jesus acrescentou: "É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus" (Marcos 10:25). É importante ressaltar que é falsa a idéia popularizada por certos escritores de ficção religiosa sobre "a porta chamada fundo da agulha"³⁴. Cristo estava falando dos "impossíveis dos homens" (Lucas 18:27): forçar literalmente um animal arriado a passar pelo fundo literal de uma agulha de costura.

Os discípulos de Jesus "ficaram grandemente maravilhados e disseram: Sendo assim, quem pode ser salvo?" (Mateus 19:25). Os judeus consideravam as riquezas um sinal da aprovação divina. Na cabeça de um judeu, se um rico não pudesse ser salvo, então ninguém mais poderia. Cristo respondeu: "Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível" (Mateus 19:26; veja Jó 42:2). Deus tem a capacidade de fazer um camelo forçar a passagem pelo fundo de uma agulha. Ele também pode mudar o coração de um rico—se esse rico humilhar-se e aceitar Sua Palavra (veja 1 Timóteo 6:9, 10, 17–19).

³³Jesus continuou a recrutar homens para o discipulado em tempo integral até o fim do Seu ministério (veja Lucas 14:33).

³⁴"Lord George Nugent (1845–6) introduziu a explicação de que Jesus referia-se a duas portas de uma cidade, a maior para as mulas de carga passarem, e a menor para os passantes a pé" (J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* ["O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos"]. Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 547). Esta "explicação" (sem base em fatos) foi adotada por escritores de ficção religiosa, especialmente por aqueles cuja inclinação é suavizar o ensino bíblico.

**E AS RECOMPENSAS? (MATEUS 19:27—20:16;
MARCOS 10:28–31; LUCAS 18:28–30)**

**Recompensas Insuperáveis (Mateus 19:27–29;
Marcos 10:28–30; Lucas 18:28–30)**

Jesus desafiara o jovem rico a abrir mão de suas riquezas e segui-lo, mas o jovem recusou o convite. Ao contrário dele, os discípulos de Cristo haviam reagido positivamente a esse chamado (veja Mateus 4:18–22; Lucas 5:11, 27, 28). Pedro disse então ao Senhor: “Eis que nós tudo deixamos e te seguimos; que será, pois, de nós?” (Mateus 19:27).

Há quem deprecie o conceito de recompensas ou galardões espirituais como “um motivo secundário para se obedecer a Deus”. Receber recompensas não deveria ser nossa maior razão para seguir o Senhor (veja 1 Coríntios 13:1–3), mas a Bíblia tem muito a dizer sobre recompensas (Mateus 5:12; 6:4, 5; 10:41, 42; 1 Coríntios 3:8; 2 João 8). Cristo mencionou primeiramente as recompensas específicas para os apóstolos: “Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mateus 19:28).

“Regeneração” era um termo usado pelos judeus com referência ao reinado do Messias. Outra possível tradução seria “a renovação de todas as coisas”³⁵. Isto não se refere aos pressupostos mil anos de reinado de Cristo na terra que alguns imaginam acontecer no futuro. Antes, a expressão refere-se ao estabelecimento do reino do Messias, a igreja, no primeiro Pentecostes após a ascensão de Cristo (Atos 2)³⁶. Observe-se que a “regeneração/renovação” ocorreria quando o Filho do Homem sentasse em Seu trono. Jesus foi coroado Rei quando voltou ao Pai no céu (Atos 2:33–35). Ele está atualmente reinando (1 Coríntios 15:24–28) sobre o Seu reino (Colossenses 1:13), a igreja (Mateus 16:18, 19).

Cristo prometeu aos apóstolos que eles “se assentariam em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel”³⁷. Enquanto estivessem vivos, julgariam

as doze tribos de Israel através de sua pregação³⁸; um dia, eles “julgariam” Israel (e todas as demais nações) pelo registro inspirado dos ensinamentos de Jesus (veja João 12:48).

Jesus enumerou em seguida várias recompensas para todos que O seguem: “E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe ou mulher, ou filhos, ou campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais e herdará a vida eterna” (Mateus 19:29). Algumas considerações sobre esta promessa encorajadora se fazem necessárias.

1) Cristo estava falando de sacrifícios feitos para que Sua causa prosperasse. Mateus diz “por causa do meu nome” (Mateus 19:29). Marcos diz “por amor de mim e por amor do evangelho” (Marcos 10:29). Lucas diz “por causa do reino de Deus” (Lucas 18:29).

2) Aqueles que fizerem esses sacrifícios serão recompensados nesta vida. Segundo o relato de Marcos, esse discípulo recebe, “já no presente, o cêntuplo” (Marcos 10:30). “Cêntuplo” ou “cem vezes” é uma expressão usada no sentido de imprecisão, como pela mãe que diz ao filho: “Eu já falei cem vezes para você não fazer mais isto!” Os discípulos que foram rejeitados por suas famílias físicas porque obedeceram ao evangelho podem testemunhar que a afirmação é verdadeira. Na família de Deus (a igreja; 1 Timóteo 3:15), eles têm centenas de irmãos e irmãs—e até “mães” que cuidam deles³⁹.

3) Todavia, Jesus não queria que ninguém O seguisse com falsas pretensões. Por isso encontramos algumas palavras preventivas embutidas na promessa: “com perseguições” (Marcos 10:30; veja Mateus 5:10–12; Atos 14:22; 2 Timóteo 3:12). Nesta vida, sempre haverá a coexistência do amargo e do doce.

4) A maior recompensa será no céu: “...e, no mundo por vir, a vida eterna” (Lucas 18:30). Certo

os cristãos hão de “julgar o mundo” (1 Coríntios 6:2)—certamente levando vidas piedosas e ensinando a Palavra de Deus.

³⁸Ou seja, os apóstolos mostraram que os israelitas (judeus) não estavam cumprindo o propósito divino para Israel (por exemplo, veja Romanos 9:6, 7). Alguns pensam que “Israel” refere-se nesta passagem à Israel espiritual (a igreja) e que a passagem ao todo se refere à autoridade dos apóstolos sobre a igreja—mas uma conotação negativa para “julgar” parece encaixar-se melhor no contexto.

³⁹A passagem também menciona receber o “cêntuplo” de casas e campos que foram deixados. Embora isto não deva ser interpretado literalmente, é verdade que o cristão terá “casas e campos” e se sentirá bem-vindo sempre que encontrar outros membros do corpo de Cristo.

³⁵O termo é usado em Tito 3:5 referindo-se ao tornar-se um cristão, quando todas as coisas se fazem novas (2 Coríntios 5:17).

³⁶Num cenário semelhante, Lucas tem “no meu reino” (Lucas 22:30) onde Mateus tem “na regeneração” (Mateus 19:28).

³⁷O Novo Testamento ensina que, num sentido, todos os cristãos “reïnham” com Cristo aqui e na eternidade (Apocalipse 5:10; 2 Timóteo 2:12). Veja também os comentários sobre Apocalipse 5:10 na edição “Apocalipse—Parte 3” e sobre Apocalipse 20:4, na edição “Apocalipse—Parte 10”, de *A Verdade para Hoje*. O Novo Testamento também ensina que

pregador tem um sermão sobre as bênçãos de ser cristão. Ele chama esse sermão de “Tudo Isto, e o Céu Também!”

Recompensas que não se Compram (Mateus 19:30—20:16; Marcos 10:31)

Cristo não havia terminado o ensino sobre recompensas. Os discípulos precisavam (assim como nós) entender mais um princípio. Por causa dos sacrifícios dos apóstolos e do seu relacionamento especial com o Senhor, eles poderiam presumir que seriam automaticamente os “primeiros” quando as recompensas fossem entregues. Jesus fez eles se lembrarem de um princípio que Ele já havia ensinado (veja Lucas 13:30): “Porém muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros” (Mateus 19:30). A seguir, o Mestre contou o que Neil Lightfoot chamou de “a mais enigmática das parábolas”⁴⁰ para reforçar essa idéia (observe Mateus 20:16).

Em Mateus 20:1–16, Jesus contou uma história sobre “um dono de casa [ou campo] que saiu de madrugada (provavelmente por volta das seis horas da manhã) para assalariar trabalhadores para a sua vinha” (Mateus 20:1). A colheita das uvas era no fim de agosto ou começo de setembro. Uma vez amadurecidas, era importante que as uvas fossem colhidas imediatamente. O dono do campo provavelmente foi ao local dentro do centro comercial (veja v. 3) onde se concentravam os trabalhadores à procura de emprego⁴¹. Ele contratou os que ali achou e combinou de pagar-lhes “um denário por dia” (v. 2)⁴².

Ele ainda precisava de mais trabalhadores, de modo que saiu novamente “pela terceira hora” (por volta das nove horas da manhã) (v. 3), e depois “perto da hora sexta e da nona” (por volta do meio-dia e das três da tarde) (v. 5). Toda vez que ele contratava mais trabalhadores prometia: “...vos darei o que for justo” (v. 4). Ele saiu mais uma vez “por volta da hora undécima” (cinco da tarde) e encontrou outros homens que estavam desocupados (v. 6). Quando perguntou por que estavam desocupados, eles res-

ponderam: “Porque ninguém nos contratou”⁴³. Então, lhes disse ele: “Ide também vós para a vinha” (v. 7).

“Ao cair da tarde” (por volta das dezoito horas), o dono do campo mandou seu administrador pagar os homens (v. 8). Segundo a lei de Moisés, trabalhadores contratados deveriam receber no fim de cada jornada de trabalho (Levítico 19:13; Deuteronômio 24:15).

Para desalento dos que trabalharam o dia inteiro, aqueles que só haviam trabalhado uma hora ou mais receberam o mesmo valor que eles (Mateus 20:9, 10). Quando eles começaram a reclamar disso (vv. 11, 12), o dono da vinha lembrou-lhes que ele estava lhes pagando exatamente o que prometera—e que ele tinha o direito de pagar aos demais o quanto quisesse (vv. 13–15⁴⁴).

Esta parábola *não* foi contada para incentivar as pessoas a esperarem até a “undécima hora” para se tornarem cristãs. Os trabalhadores da undécima hora começaram a trabalhar assim que foram convocados. Eles não devem ser comparados a pessoas que rejeitam o evangelho ano após ano, planejando entrar no reino quando chegarem à velhice. Sempre é perigoso esperar. Em primeiro lugar, os que esperam pela undécima hora podem não viver até lá. Dizem que quem espera tornar-se cristão na undécima hora morre às dez e meia. Em segundo lugar, ainda que vivam até lá, podem ficar tão endurecidos a ponto do evangelho não lhes penetrar o coração (veja Hebreus 3:13; 6:6). Assim que uma pessoa é chamada pelo evangelho (2 Tessalonicenses 2:14), ela precisa responder imediatamente.

Por outro lado, a parábola *foi* contada para lembrar os apóstolos e outros trabalhadores da primeira hora que as recompensas não serão distribuídas de acordo com o quanto cada um trabalhou. As recompensas não são adquiridas por méritos, mas são concedidas com base na misericórdia de um Deus soberano.

Aqueles que aos olhos dos homens estiveram entre “os primeiros” no reino poderão, na verdade, ser os “últimos” na visão de Deus, especialmente se se julgarem merecedores de maior recompensa—como pensavam os trabalhadores da primeira hora descritos na parábola. Inversamente, os que se julgam relativamente sem importância no reino (“os

⁴⁰Neil R. Lightfoot, *The Parables of Jesus*, Part 2 (“As Parábolas de Jesus,” Parte 2). Austin, Tex.: R. B. Sweet Co., 1965, p. 52. A parábola é “enigmática” porque não se espera que algum padrão humano use a proporção salarial que o dono da vinha usou na parábola—mas Deus não se espelha em práticas humanas (Isaias 55:8, 9).

⁴¹Isto ainda acontece em diversas partes do mundo, sobretudo em regiões agrícolas.

⁴²O “denário” era uma pequena moeda romana de prata. Com base nesta passagem, deduzimos que era esse o salário diário de um operário comum.

⁴³É possível que cada vez que o dono do campo saiu tenha ido a centros comerciais diferentes.

⁴⁴O versículo 15 refere-se a “olhos maus”, uma expressão hebraica para egoísmo, cobiça e ciúmes (Provérbios 28:22).

últimos”) poderão ser os “primeiros” na avaliação de Deus (Mateus 20:16).

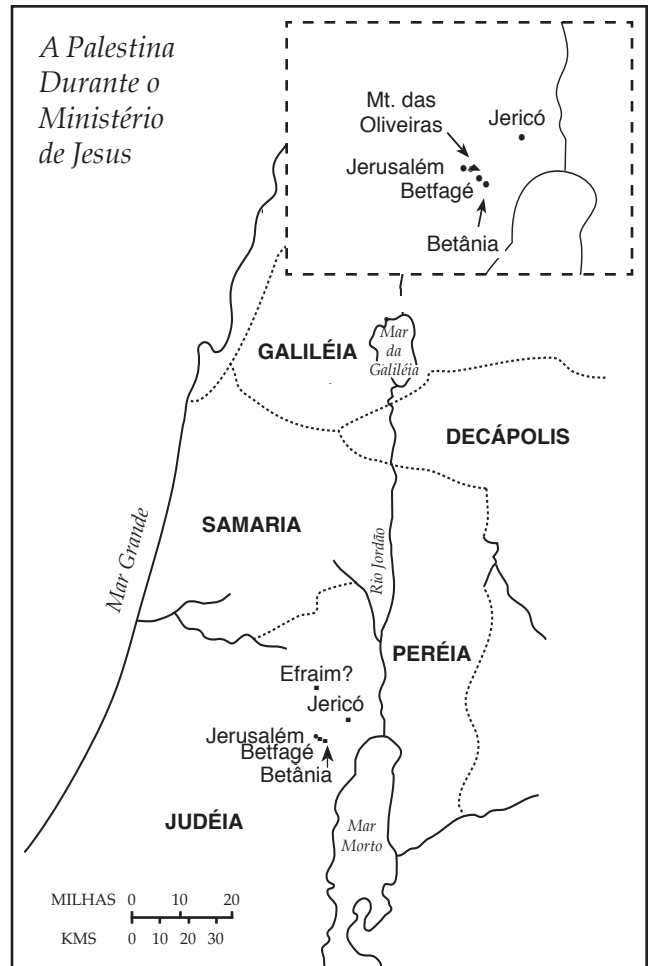
CONCLUSÃO

Jesus respondeu perguntas—feitas declarada ou implicitamente—sobre divórcio, crianças, riquezas e recompensas⁴⁵. Quaisquer que sejam as perguntas que vagueiem por sua mente, elas não devem ser mais difíceis do que estas e suas respostas certamente se encontram em algum trecho da Palavra de Deus. Se você tiver perguntas, uma sugestão é fazê-las a irmãos que tenham mais conhecimento que você (veja Atos 8:31)⁴⁶, ou anotá-las e continuar sua leitura ou estudo das Escrituras. Pode ser que um dia você tenha a grata surpresa de deparar-se com a resposta na Bíblia⁴⁷. Espero que você guarde bem este pensamento: não há nada de errado em termos perguntas.

⁴⁵Se quiser, faça um resumo dos ensinamentos de Jesus sobre esses tópicos.

⁴⁶Se julgar apropriado, faça uma pausa e pergunte aos alunos da sua sala se eles têm alguma pergunta relacionada à Bíblia que gostariam de fazer.

⁴⁷Nem todas as perguntas serão respondidas nesta vida. Algumas coisas, Deus não julgou por bem revelar (veja Deuteronômio 29:29); mas tudo o que *precisamos* saber agora encontra-se na Bíblia. Um dia, quando estivermos na presença do Senhor, tudo o que for importante será esclarecido.



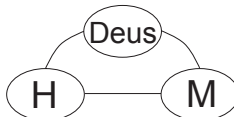
Ensino sobre Casamento e Divórcio

À medida que o divórcio vai ficando mais recorrente, a quantidade de ensino sobre o assunto diminui, em vez de aumentar. Talvez os pregadores receiem ferir os sentimentos de seus ouvintes. Quando eu ensino ou prego sobre casamento e divórcio, abordo o assunto mais ou menos assim: “Alguns de vocês podem ter passado pelo trauma do divórcio. Independentemente de ser esse o seu caso, sei que você gostaria que eu esclarecesse para os nossos jovens que o casamento é para toda a vida”. A reação a essa introdução geralmente é positiva. Durante a exposição, costumo usar os gráficos abaixo que visualizam os pontos principais de Mateus 19:3–9 e Marcos 10:2–12.

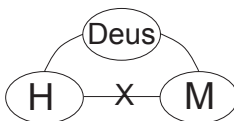
Jesus falou de um homem (H) unir-se a sua mulher (M) no matrimônio (Mateus 19:4, 5).



Os dois não só foram unidos por um vínculo legal¹, mas também foram “unidos” por *Deus* (Mateus 19:6).



Mesmo que tenham sido “separados” por homens (Mateus 19:6)—ou seja, pelo divórcio—eles ainda continuam unidos por Deus.



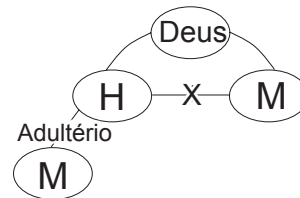
Em outras palavras, ainda continuam casados.

Sendo assim, se um homem divorcia-se da esposa e se casa com outra, não sendo por motivo de imoralidade, ele é culpado de *adultério* (Mateus 19:9)². Isto ocorre porque ele ainda está casado com a primeira esposa aos olhos de Deus.

¹A Bíblia ensina que devemos obedecer às leis da terra (Romanos 13:1). Isto inclui as leis sobre o que constitui um casamento legal.

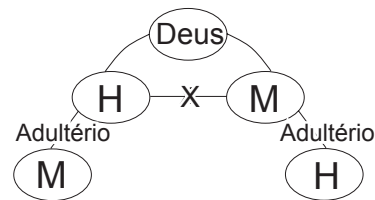
²A palavra grega para “adultério” pode ser usada num sentido geral referindo-se a qualquer pecado sexual, como

O mesmo se aplica a uma mulher que se divorcia do marido e se casa com outro homem (Marcos



10:12), não sendo por motivo de imoralidade.

A única exceção apresentada é uma circunstância em que um dos cônjuges foi infiel aos votos de



casamento³. Nesse caso, a parte inocente poderia divorciar-se e casar novamente⁴ sem incorrer na desaprovação de Deus⁵.

em Êxodo 20:14. Também pode ser usada num sentido específico referindo-se a pecado sexual que envolva pelo menos uma pessoa casada. O termo é usado neste último sentido nesta passagem.

³Quando uso estes gráficos, coloco as seguintes palavras na parte inferior do último gráfico: “Exceção: Imoralidade”. O grego traz “exceto por fornicação”. “Fornicação” geralmente pode se referir a qualquer pecado sexual ou especificamente ao pecado sexual entre dois indivíduos não-casados. Nesta passagem, o termo parece estar num sentido geral, referindo-se a qualquer pecado sexual cometido após o casamento.

⁴Creio que “exceto por imoralidade” afeta não só o divórcio, mas também o casamento do outro—permitindo assim o novo casamento. Deve-se observar, porém, que alguns acreditam que a passagem permite o divórcio, mas sem a possibilidade de um novo casamento.

⁵Entendamos que as palavras de Jesus *permitem* o divórcio à “parte inocente” mas não o *ordenam*. Jamais devemos considerar o divórcio sem uma reflexão séria, mesmo quando ele se apóia num “motivo bíblico”. Haverá repercussões de tal decisão, sobretudo sobre os filhos. Não existe “divórcio agradável”.

Então vocês estão pensando em se casar?

Mateus 19:3-9, Olhando de perto



Antes de aceitar o convite para celebrar um casamento, muitos ministros insistem em conversar com o casal—não uma, mas várias vezes—sobre o tipo de casamento que Deus quer que eles tenham. Infelizmente, as sessões de aconselhamento só acontecem algumas semanas, ou até alguns dias ou horas antes do enlace matrimonial. A essa altura, o ministro exerce um impacto mínimo sobre o pensamento dos nubentes e costuma sentir o desejo de ter-lhes falado as mesmas coisas meses ou até anos antes, justamente quando eles estavam pensando em se casar. Este é o propósito deste sermão.

Chamaremos este estudo de “Então vocês estão pensando em se casar?” Neale Pryor contou certa vez a história de um jovem casal que foi até o pregador antes de um culto de adoração, dizendo que ambos queriam conversar com ele sobre casamento. O pregador concordou em conversar após o culto. No encerramento do culto, porém, não se lembrando dos nomes deles, anunciou: “Por favor, quem quer se casar vá até o meu gabinete após a última oração”. Segundo Neale, um homem e doze mulheres apareceram lá! A verdade, porém, é que a maioria dos que não estão casados—sejam homens ou mulheres—já pensou em se casar. A hora, portanto, de pensar seriamente no assunto é agora, antes que esse compromisso perpétuo seja firmado.

Quando converso com um jovem casal sobre casamento, geralmente começo com Mateus 19:3-9¹. É isto que desejo partilhar com vocês neste momento².

¹É aconselhável explicar o pano de fundo deste texto, o qual foi apresentado na lição anterior. (Reveja as páginas 18 a 20.)

²As informações fornecidas aqui estão sintetizadas. Se quiser, amplie, ilustre e faça aplicações.

O CASAMENTO PROCEDE DE DEUS (MATEUS 19:4-6)

O casamento foi instituído pelo Senhor (Mateus 19:4, 5). Quando Deus criou o mundo, a primeira coisa que Ele descreveu como não sendo “boa” foi a solidão (Gênesis 2:18). O Senhor criou a mulher para ser “uma auxiliadora... idônea” para o homem (Gênesis 2:18)³. A história da criação da mulher encontra-se em Gênesis 2:21, 22. Dizem que a mulher não foi tomada da cabeça do homem para não vir a governá-lo, nem dos seus pés para não ser pisada por ele, mas do seu lado, para estar sempre ao lado dele, sob sua proteção, sendo sempre preciosa para ele.

Por ser de origem divina, o casamento está sob a autoridade de Deus. Um casamento verdadeiramente feliz, um casamento agradável a Deus, precisa ser edificado sobre os princípios encontrados na Palavra de Deus.

O CASAMENTO REQUER PREPARAÇÃO (MATEUS 19:4-6)

Bons casamentos não acontecem do nada. O texto bíblico deste sermão contém alguns requisitos de Deus para o casamento.

O casamento requer uma *distinção*: Deus “os fez homem e mulher” (v. 4). Ele não os fez homem e homem, nem mulher e mulher. Os assim-chamados

³A ERC diz “uma adjutora”, termo arcaico que significa “auxiliadora”.

casamentos homossexuais são uma abominação para o Senhor (Gênesis 1:26, 27).

O casamento requer um *deixar*: “Por esta causa deixará o homem pai e mãe” (Mateus 19:5). O casamento é o estabelecimento de um novo relacionamento.

- Se possível, deve haver um deixar físico. O casal deve morar em sua própria casa. Uma das três causas principais das discussões entre recém-casados é os sogros¹.
- Deve haver um deixar financeiro. Enquanto o rapaz não estiver pronto para assumir a responsabilidade financeira por uma família, ele não deve se casar².
- Acima de tudo, deve haver um deixar emocional. O jovem que diz à esposa: “Minha mãe não cozinha desse jeito”, ou a jovem que diz ao marido: “Meu pai saberia como consertar isso”, ainda não deixou realmente “o pai e a mãe”. Depois de casado, você ainda ama seus pais, mas esse relacionamento se modifica. A partir do casamento, a pessoa mais importante na sua vida deve ser o seu cônjuge.

O casamento requer uma *união*: o homem deve deixar pai e mãe e unir-se a sua mulher (veja Mateus 19:5). “A palavra hebraica para *unir*³ é a mesma palavra equivalente a *cola*”⁴. Quando duas tábuas são devidamente coladas uma na outra, o vínculo é mais forte do que a própria madeira. As tábuas não podem mais ser separadas nas duas unidades originais; qualquer tentativa de separá-las acabará resultando em prejuízo para uma das partes ou ambas.

O casamento requer *unidade*: “...tornando-se os dois uma só carne. De modo que já não são mais dois, porém uma só carne” (vv. 5b, 6a).

¹As pesquisas sobre as discussões conjugais variam, mas sempre estão no alto da lista questões como sogros, dinheiro e sexo.

²O marido deve ser “o cabeça” da esposa (Efésios 5:23). Essa posição não é um privilégio tanto quanto uma responsabilidade de cuidar da esposa (Efésios 5:28, 29), que inclui a responsabilidade financeira. Tanto o moço como a moça podem precisar trabalhar, mas recai sobre o marido/pai a responsabilidade de prover as necessidades físicas da família.

³“Unir” é uma tradução da palavra usada em Gênesis 2:24.

⁴Don e Jane McWhorter, *Living Together in Knowledge* (“Convivendo em Conhecimento”). Huntsville, Ala.: Publishing Designs, 1988, p. 60 (grifo deles).

- Deve haver unidade *legal*. A Bíblia ensina que devemos obedecer às leis da terra (Romanos 13:1), incluindo as leis sobre matrimônio.
- Deve haver unidade *física*. A expressão “uma só carne” é uma referência especial à relação sexual (veja 1 Coríntios 6:16). Esta relação é bela no casamento, mas informe fora do vínculo matrimonial. O namoro não é uma fase para experiências sexuais. Conquistar a verdadeira unidade física leva tempo, paciência e preocupação com a outra pessoa. A terceira causa mais recorrente das discussões conjugais é o sexo.
- Deve haver unidade *emocional* (veja Efésios 5:28, 29). Isto envolve aprender a comunicar e fazer coisas juntos. Nunca deixe de cuidar do seu casamento; leva-se uma vida inteira para se desenvolver um bom casamento.
- Acima de tudo, deve haver unidade *espiritual*: o tipo de unidade que existe entre Cristo e a igreja (Efésios 5:31–33). Comece orando agora para que Deus o ajude a encontrar um cristão ou uma cristã fiel com quem se case, para que vocês dois cresçam juntos “na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pedro 3:18). Nada manterá o casal mais unido nem o transformará naquilo que ele deve ser como o amor de ambos os cônjuges pelo Senhor.

O CASAMENTO É PARA TODA A VIDA (MATEUS 19:6–9)

A coisa mais importante para você entender é que o casamento é permanente: “Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem” (Mateus 19:6b)⁵. Deus odeia o divórcio (Malaquias 2:16). Se você entrar no casamento com a atitude de quem acredita que “ele é para toda a vida *se der certo*”, seu casamento estará condenado. Deve ficar bem claro que, quando surgirem problemas em seu casamento (e eles vão surgir), o divórcio não é uma opção. Se um homem e uma mulher estiverem comprometidos em fazer a vontade do Senhor, eles poderão vencer qualquer problema com a ajuda dEle (Filipenses 4:13).

⁵Nesta altura, pode-se discutir os versículos 7 a 9. Veja o artigo suplementar sobre casamento e divórcio, na página 26.

CONCLUSÃO

Se eu estivesse conversando com um casal jovem sobre estas questões, eles poderiam responder e fazer perguntas. Se você tiver perguntas sobre qualquer coisa que eu disse, por favor, fale comigo⁹. Se você já pensou em se casar um dia, oro para que Deus o ajude a encontrar alguém que o incentive a servi-LO—ou, usando a linguagem bíblica, que “lhe fortaleça a confiança em Deus” (1 Samuel 23:16). Que “o Senhor te abençoe e te guarde” (Números 6:24).

⁹Presume-se que este material seja apresentado no formato de sermão. Se for usado em sala de aula, as perguntas poderão ser feitas imediatamente.

“Que me falta ainda?”

Marcos 10:17-27;

Mateus 19:16-26;

Lucas 18:18-27,

Olhando de perto



A ciência médica tem hoje uma variedade de recursos capazes de ver o interior do corpo humano: máquinas de raio-X, tomografia, ressonância magnética e outros. Talvez você já tenha se perguntado: “E se pudéssemos tirar o raio-X da *mente* de uma pessoa e ver em que ela está pensando?” Jesus podia fazer isto. Ele podia enxergar além do semblante, o coração das pessoas, e podia saber o que elas estavam realmente pensando. Temos um exemplo disto em Marcos 10:17–22¹:

E, pondo-se Jesus a caminho, correu um homem ao seu encontro e, ajoelhando-se, perguntou-lhe: Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, que é Deus. Sabes os mandamentos: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, não defraudarás ninguém, honra a teu pai e tua mãe. Então, ele respondeu: Mestre, tudo isso tenho observado desde a minha juventude. E Jesus, fitando-o, o amou e disse: Só uma coisa te falta: Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; então, vem e segue-me. Ele, porém, contrariado com esta palavra, retirou-se triste, porque era dono de muitas propriedades.

O QUE FALTAVA NA VIDA DO JOVEM RICO?

Certas pessoas nos cativam de imediato; outras, porém, requerem tempo para que nos simpatizemos com elas. O jovem rico que foi até Jesus em Marcos 10 é um desses indivíduos de quem gostamos de imediato. Ele tinha várias qualidades admiráveis.

1) Ele foi da maneira certa: ele correu para falar com Jesus. Geralmente gostamos de pessoas que sabem o que querem e se apressam para atingir seus objetivos. Além disso, o jovem ajoelhou-se perante

Cristo. Ele não era um jovem rebelde sem respeito por autoridades.

2) Ele foi com o propósito certo: numa idade em que muitos só estão interessados nesta vida, ele tinha uma preocupação vital pelo que é verdadeiramente importante—a vida eterna.

3) Ele foi ao lugar certo: ele não estava interessado no que seus colegas poderiam dizer, no que a multidão poderia pensar, nem no que as autoridades religiosas ensinavam. Ele foi até *Cristo* em busca da resposta.

4) Ele foi na hora certa: quando era jovem. Salomão disse: “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais dirás: Não tenho neles prazer” (Eclesiastes 12:1).

Apesar dessas qualidades boas, ele admitia que faltava algo em sua vida. E perguntou: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” (Marcos 10:17).

Você já fez uma pergunta e recebeu uma resposta aparentemente irrelevante? À primeira vista, parece que foi isto o que aconteceu com a resposta de Jesus: “Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, que é Deus” (10:18).

Certos sectaristas que não aceitam a natureza divina de Cristo usam este versículo para provar que o próprio Jesus negou ser divino. Em outras passagens, porém, Cristo confirmou Sua divindade. Por exemplo, em João 14:9, Ele disse: “Quem me vê a mim vê o Pai”. Não havia razão alguma para Jesus negar o mesmo fato aqui. Na verdade, analisando atentamente as palavras de Jesus, descobrimos que, em vez de negar Sua divindade, essas palavras a confirmam. O homem chamou Cristo de “bom mestre”, sem sinalizar que entendia que Jesus era o Messias. Jesus apegou-se à palavra “bom”, salien-

¹Marcos 10 é o texto básico deste sermão, mas citaremos vez ou outra os trechos paralelos registrados em Mateus 19 e Lucas 18.

tando que se o jovem O considerava *bom*, então Ele deveria ser Deus—pois só Deus é bom.

A afirmação do Senhor é uma espada de dois gumes. Ela condena quem diz que Ele era bom, mas não era divino: se Ele era bom, então era Deus; e se não era Deus, então não era bom. E também condena quem se julga bom o bastante para ser salvo por méritos próprios. “Ninguém é bom senão um, que é Deus.”

Tendo introduzido o conceito de Sua divindade, Cristo respondeu a pergunta do moço: “Sabes os mandamentos: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, não defraudarás ninguém, honra a teu pai e tua mãe”. O jovem perscrutador cometera um erro comum; ele pensava que era preciso que um mestre instruído complementasse as instruções originais de Deus. Muitos julgam o cristianismo do Novo Testamento simples demais para o seu gosto; eles querem mais. Por quererem mais, acabam recebendo mais (2 Timóteo 4:3, 4). Jesus, porém, fez o jovem se lembrar das exigências divinas. Segundo Mateus, Jesus disse: “Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos” (Mateus 19:17b).

As pessoas querem uma religião que não exija nada delas. Dá até para imaginarmos tais pessoas lendo Romanos 4:5 (“ao que não trabalha”) e insistindo que essa passagem ensina que não precisam trabalhar². Jesus ensinou que é essencial ao ser humano guardar os mandamentos para ganhar a vida eterna. Naquele momento, antes da morte de Cristo, os mandamentos eram os da velha lei³. Por isso Jesus citou os dez mandamentos. Hoje, vivemos debaixo da nova aliança em Cristo, mas os mandamentos do Senhor ainda estão vigorando. Jesus disse: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (João 14:15). João escreveu: “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos” (1 João 5:3a).

Quais são esses mandamentos? Vamos recordar alguns⁴: Cristo disse: “...se não crerdes que eu sou, morrereis nos vossos pecados”; “se, porém, não

vos arrependerdes, todos igualmente perecereis”; “todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus”; “quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado” (João 8:24; Lucas 13:3; Mateus 10:32; Marcos 16:16). Àqueles que já eram discípulos, Jesus disse: “...aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo” (Mateus 10:22).

Convém lembrar que não é para homens que devemos olhar para saber como obter vida eterna; e sim para a Bíblia. Cristo ensinou que temos de *fazer* alguma coisa para nos apropriarmos da graça e da misericórdia de Deus.

Quando Jesus disse para o jovem guardar os mandamentos, este não ficou satisfeito e replicou: “Mestre, tudo isso tenho observado desde a minha juventude” (Marcos 10:20). Você não gostaria de poder dizer o mesmo? A maioria de nós não pode se aposar dessas palavras. Em primeiro lugar, nem sempre fazemos o que é certo. Em segundo lugar, muitos de nós não começamos a fazer o que é certo desde a nossa juventude. É sempre emocionante ver jovens já comprometidos em fazer a vontade de Deus.

A essa altura, segundo Mateus, o jovem perguntou: “...que me falta ainda?” (Mateus 19:20). Ele já tinha feito tudo o que sabia, por isso perguntou: “O que mais me falta fazer?” (NTLH). Cada um de nós deve refletir seriamente nessa indagação.

Quando o jovem perguntou o que lhe faltava, “Jesus, fitando-o, o amou” (Marcos 10:21). Como já notamos no início deste sermão, o Senhor pode enxergar dentro do indivíduo. Quando Jesus olhou para dentro do coração desse moço, Ele gostou do que viu. Ele não gostou de tudo, mas havia ali uma preocupação autêntica e grande potencial. Por isso “Jesus... o amou”.

Você já teve de dizer uma coisa a alguém que você ama, sabendo que suas palavras feririam essa pessoa naquele instante, mas você falou para o bem dela porque a ama? Foi isto o que Jesus fez. Ele sabia qual era o problema daquele jovem e *porque* Ele o amou⁵, disse: “...vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me”.

Tenhamos em mente duas coisas para entendermos bem as palavras do Senhor. Em primeiro lugar, Jesus obviamente estava pensando num trabalho especial para aquele jovem. As instruções foram as mesmas impostas aos discípulos em *tempo integral*:

²Romanos 4:5 e passagens correlatas ensinam que não podemos herdar a salvação por esforços ou méritos próprios; mas elas não estão dizendo que obedecer a Deus não é importante para sermos salvos.

³A antiga aliança esteve em vigor até Jesus morrer; na morte de Jesus a nova aliança entrou em vigor (veja Colossenses 2:14; Hebreus 9:15–17).

⁴Este sermão pode ser direcionado a qualquer “falta” existente nas vidas dos ouvintes. Nesta apresentação, a ênfase está na conversão, mas pode ser adaptada à vida do cristão fiel.

⁵Veja Hebreus 12:6.

“Deixem tudo e me sigam” (veja Mateus 4:18–22; Lucas 5:11, 27, 28).

Em segundo lugar, um pré-requisito para *qualquer* discípulo é *dedicação total* ao Senhor. Deus é um “Deus zeloso” (Êxodo 20:5) e Ele não aceita dividir nosso amor com outro “deus”. No caso do jovem rico, este valorizava demais os seus bens para ser um discípulo de Cristo. O dinheiro interpôs-se entre ele e a dedicação total, por isso Jesus pediu que ele deixasse tudo. Jesus ordena que nos livremos de *tudo* que impede nossa entrega total a Ele. Pode ser dinheiro, um prazer pessoal, uma negligência em particular ou amizades erradas. O Senhor sempre exige para Si o *primeiro* lugar em nossos pensamentos e preferências.

Se você não gosta de história com final infeliz, talvez não devesse ouvir o fim deste episódio. Jesus pôs à prova as prioridades do jovem—e ele foi reprovado. “Tendo, porém, o jovem ouvido esta palavra, retirou-se triste, por ser dono de muitas propriedades” (Mateus 19:22).

Pelo menos ele ficou triste. Não recusou o convite de Jesus levemente, como fazem alguns hoje⁶. Ele ficou triste porque amava a Jesus, mas também amava o dinheiro—e teria de escolher entre um e outro. Ele não queria abandonar nenhum dos dois, por isso entristeceu-se ao desistir de Jesus. Pensemos nisto: o jovem de fato amava a Cristo; mas ele amava *mais* o dinheiro. Veja bem onde você deposita o seu amor.

“Retirou-se triste”—mas retirou-se de fato, e o resultado foi o mesmo se ele tivesse sido desrespeitoso e grosseiro. Ele fez a escolha errada, excluindo-se da vida eterna que tanto almejava.

Quero fazer-lhe uma pergunta: Jesus pode amar uma pessoa e essa pessoa mesmo assim perder-se? Cristo amou o jovem rico, e este se perdeu. Só o amor do Senhor (Romanos 5:8) não basta. Precisamos estar dispostos a retribuir esse amor—submetendo-nos à vontade dEle (João 14:15).

⁶Se quiser, dê exemplos de respostas indiferentes que você já ouviu quando insistiu para alguém obedecer ao Senhor.

O QUE FALTA NA SUA VIDA?

A história do jovem rico terminou com uma observação triste, mas este sermão pode ter um final feliz: faça as mesmas perguntas que o jovem rico fez, e depois *faça* o que o Senhor manda. Comece perguntando: “Que me falta ainda?” Há poucos instantes, comentamos alguns mandamentos de Jesus. Falta para você ter fé? Falta arrepender-se? Falta confessar-se? Falta receber o batismo? Falta a você uma vida cristã fiel e comprometida? Cristo respondeu ao jovem perscrutador: “Só uma coisa te falta” (Marcos 10:21). Está faltando algo vital na sua relação com Deus? Um navio em que falta só uma coisa—o leme—fica incapacitado de velejar⁷.

Deixar de obedecer a qualquer uma das exigências do Senhor pode ser desastroso. Jesus disse: “se não crerdes... morrereis nos vossos pecados”; “se, porém, não vos arrependerdes... perecereis”; “aquele que me negar... também eu o negarei diante de meu Pai”; “quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus” (João 8:24; Lucas 13:3; Mateus 10:33; João 3:5). O escritor do Livro de Hebreus perguntou aos cristãos: “Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?” (Hebreus 2:3). O Senhor Jesus sabe o que está faltando na sua vida—e certamente você também sabe.

Analise o seguinte: o jovem rico não teria perdido nada se tivesse atendido a exigência de Jesus. Menos de quarenta anos depois, os romanos arrasaram o país, saqueando as fortunas dos judeus e escravizando-os. No fim, o jovem rico não perdeu só “o tesouro no céu”, mas também tudo a que ele tentou se agarrar. Se você se entregar ao Senhor, não perderá nada de valor (Filipenses 3:7, 8). Terá uma vida abundante e cheia de alegrias aqui na terra, e além desta vida haverá tesouros divinos à sua espera (Mateus 19:29).

Se falta algo na sua vida, venha ao Senhor—agora—e permita que Ele supra essa falta.

⁷Ilustre com suas experiências o resultado desastroso de “estar faltando uma só coisa”.

Atribuição de Leitura nº. 27

Mateus 20:17–34;
Marcos 10:32–52;
Lucas 17:11; 18:31–43; 19:1–27

Mateus 20:17–34

¹⁷Estando Jesus para subir a Jerusalém, chamou à parte os doze e, em caminho, lhes disse:

¹⁸Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte.

¹⁹E o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado; mas, ao terceiro dia, ressurgirá.

²⁰Então, se chegou a ele a mulher de Zebedeu, com seus filhos, e, adorando-o, pediu-lhe um favor.

²¹Perguntou-lhe ele: Que queres? Ela respondeu: Manda que, no teu reino, estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita, e o outro à tua esquerda.

²²Mas Jesus respondeu: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu estou para beber? Responderam-lhe: Podemos.

²³Então, lhes disse: Bebereis o meu cálice; mas o assentar-se à minha direita e à minha esquerda não me compete concedê-lo; é, porém, para aqueles a quem está preparado por meu Pai.

²⁴Ora, ouvindo isto os dez, indignaram-se contra os dois irmãos.

²⁵Então, Jesus, chamando-os, disse: Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles.

²⁶Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva;

²⁷e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo;

²⁸tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.

²⁹Saindo eles de Jericó, uma grande multidão o acompanhava.

³⁰E eis que dois cegos, assentados à beira do caminho, tendo ouvido que Jesus passava, clamaram: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de nós!

³¹Mas a multidão os repreendia para que se calassem; eles, porém, gritavam cada vez mais: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de nós!

³²Então, parando Jesus, chamou-os e perguntou: Que quereis que eu vos faça?

³³Responderam: Senhor, que se nos abram os olhos.

³⁴Condoído, Jesus tocou-lhes os olhos, e imediatamente recuperaram a vista e o foram seguindo.

Marcos 10:32–52

³²Estavam de caminho, subindo para Jerusalém, e Jesus ia adiante dos seus discípulos. Estes se admiravam e o seguiam tomados de apreensões. E Jesus, tornando a levar à parte os doze, passou a revelar-lhes as coisas que lhe deviam sobrevir, dizendo:

³³Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas; condená-lo-ão à morte e o entregarão aos gentios;

³⁴hão de escarnecê-lo, cuspir nele, açoitá-lo e matá-lo; mas, depois de três dias, ressuscitará.

³⁵Então, se aproximaram dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, dizendo-lhe: Mestre, queremos que nos concedas o que te vamos pedir.

³⁶E ele lhes perguntou: Que quereis que vos faça?

³⁷Responderam-lhe: Permite-nos que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda.

³⁸Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu bebo ou receber o batismo com que eu sou batizado?

³⁹Disseram-lhe: Podemos. Tornou-lhes Jesus: Bebereis o cálice que eu bebo e recebereis o batismo com que eu sou batizado;

⁴⁰quanto, porém, ao assentar-se à minha direita ou à minha esquerda, não me compete concedê-lo; porque é para aqueles a quem está preparado.

⁴¹Ouvindo isto, indignaram-se os dez contra Tiago e João.

⁴²Mas Jesus, chamando-os para junto de si, disse-lhes: Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade.

⁴³Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva;

⁴⁴e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos.

⁴⁵Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.

⁴⁶E foram para Jericó. Quando ele saía de Jericó, juntamente com os discípulos e numerosa multidão, Bartimeu, cego mendigo, filho de Timeu, estava assentado à beira do caminho

⁴⁷e, ouvindo que era Jesus, o Nazareno, pôs-se a clamar: Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!

⁴⁸E muitos o repreendiam, para que se calasse; mas ele cada vez gritava mais: Filho de Davi, tem misericórdia de mim!

⁴⁹Parou Jesus e disse: Chamai-o. Chamaram, então, o cego, dizendo-lhe: Tem bom ânimo; levanta-te, ele te chama.

⁵⁰Lançando de si a capa, levantou-se de um salto e foi ter com Jesus.

⁵¹Perguntou-lhe Jesus: Que queres que eu te faça? Respondeu o cego: Mestre, que eu torne a ver.

⁵²Então, Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou. E imediatamente tornou a ver e seguia a Jesus estrada fora.

Lucas 17:11

¹¹De caminho para Jerusalém, passava Jesus pelo meio de Samaria e da Galiléia.

Lucas 18:31–43

³¹Tomando consigo os doze, disse-lhes Jesus: Eis que subimos para Jerusalém, e vai cumprir-se ali tudo quanto está escrito por intermédio dos profetas, no tocante ao Filho do Homem;

³²pois será ele entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado e cuspidos;

³³e, depois de o açoitarem, tirar-lhe-ão a vida; mas, ao terceiro dia, ressuscitará.

³⁴Eles, porém, nada compreenderam acerca destas coisas; e o sentido destas palavras era-lhes encoberto, de sorte que não percebiam o que ele dizia.

³⁵Aconteceu que, ao aproximar-se ele de Jericó, estava um cego assentado à beira do caminho, pedindo esmolas.

³⁶E, ouvindo o tropel da multidão que passava, perguntou o que era aquilo.

³⁷Anunciaram-lhe que passava Jesus, o Nazareno.

³⁸Então, ele clamou: Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!

³⁹E os que iam na frente o repreendiam para que se calasse; ele, porém, cada vez gritava mais: Filho de Davi, tem misericórdia de mim!

⁴⁰Então, parou Jesus e mandou que lho trouxessem. E, tendo ele chegado, perguntou-lhe:

⁴¹Que queres que eu te faça? Respondeu ele: Senhor, que eu torne a ver.

⁴²Então, Jesus lhe disse: Recupera a tua vista; a tua fé te salvou.

⁴³Imediatamente, tornou a ver e seguia-o glorificando a Deus. Também todo o povo, vendo isto, dava louvores a Deus.

Lucas 19:1–27

¹Entrando em Jericó, atravessava Jesus a cidade.

²Eis que um homem, chamado Zaqueu, maioral dos publicanos e rico,

³procurava ver quem era Jesus, mas não podia, por causa da multidão, por ser ele de pequena estatura.

⁴Então, correndo adiante, subiu a um sicômoro a fim de vê-lo, porque por ali havia de passar.

⁵Quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, disse-lhe: Zaqueu, desce depressa, pois me convém ficar hoje em tua casa.

⁶Ele desceu a toda a pressa e o recebeu com alegria.

⁷Todos os que viram isto murmuravam, dizendo que ele se hospedara com homem pecador.

⁸Entrementes, Zaqueu se levantou e disse ao Senhor: Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais.

⁹Então, Jesus lhe disse: Hoje, houve salvação nesta casa, pois que também este é filho de Abraão.

¹⁰Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido.

¹¹Ouvindo eles estas coisas, Jesus propôs uma parábola, visto estar perto de Jerusalém e lhes parecer que o reino de Deus havia de manifestar-se imediatamente.

¹²Então, disse: Certo homem nobre partiu para uma terra distante, com o fim de tomar posse de um reino e voltar.

¹³Chamou dez servos seus, confiou-lhes dez minas e disse-lhes: Negociai até que eu volte.

¹⁴Mas os seus concidadãos o odiavam e enviaram após ele uma embaixada, dizendo: Não queremos que este reine sobre nós.

¹⁵Quando ele voltou, depois de haver tomado posse do reino, mandou chamar os servos a quem dera o dinheiro, a fim de saber que negócio cada um teria conseguido.

¹⁶Compareceu o primeiro e disse: Senhor, a tua mina rendeu dez.

¹⁷Respondeu-lhe o senhor: Muito bem, servo bom; porque foste fiel no pouco, terás autoridade sobre dez cidades.

¹⁸Veio o segundo, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu cinco.

¹⁹A este disse: Terás autoridade sobre cinco cidades.

²⁰Veio, então, outro, dizendo: Eis aqui, senhor, a tua mina, que eu guardei embrulhada num lenço.

²¹Pois tive medo de ti, que és homem rigoroso; tiras o que não puseste e ceifas o que não semeaste.

²²Respondeu-lhe: Servo mau, por tua própria boca te

condenarei. Sabias que eu sou homem rigoroso, que tiro o que não pus e ceifo o que não semeiei;

²³por que não puseste o meu dinheiro no banco? E, então, na minha vinda, o receberia com juros.

²⁴E disse aos que o assistiam: Tirai-lhe a mina e dai-a ao que tem as dez.

²⁵Eles ponderaram: Senhor, ele já tem dez.

²⁶Pois eu vos declaro: a todo o que tem dar-se-lhe-á; mas ao que não tem, o que tem lhe será tirado.

²⁷Quanto, porém, a esses meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trouxe-os aqui e executai-os na minha presença.

Quando a Morte Está Próxima

Leitura Bíblica 27

VI. DA TERCEIRA PÁSCOA À CHEGADA DE JESUS A BETA- NIA (continuação).

- S. Última viagem a Jerusalém (Lucas 17:11a) (continuação).
8. A predição aos discípulos—sobre Sua morte iminente (Mateus 20:17–19; Marcos 10:32–34; Lucas 18:31–34).
9. Ensino aos discípulos—sobre servidão (Mateus 20:20–28; Marcos 10:35–45).
10. A cura do cego Bartimeu e de seu companheiro (Mateus 20:29–34; Marcos 10:46–52; Lucas 18:35–43).
11. Zaqueu é salvo—da avarizia (Lucas 19:1–10).
12. Uma correção nos discípulos—a parábola das dez minas (Lucas 19:11–27).

INTRODUÇÃO

Se você soubesse com certeza que iria morrer dentro de uma semana, como você reagiria?¹ Será que ficaria tão petrificado a ponto de não conseguir dizer uma só palavra? Será que ficaria tomado de autopiedade? Será que sua única preocupação seria ter amigos e parentes em volta para consolá-lo?

Estivemos, por várias lições, com Jesus em Sua última viagem para Jerusalém. Nesta lição, essa jornada será concluída. Enquanto caminhava aquelas últimas milhas, Jesus sofria consciente de que Sua morte aconteceria em questão de dias (Mateus 20:17–20). O que ocupou o tempo e os pensamentos de Jesus enquanto Ele se aproximava da cruz? As prioridades de Jesus durante esse momento crucial de Sua vida podem influenciar nossos pontos de vista. O que devemos fazer quando sabemos que estamos próximos da morte?

NÃO NEGUE O INEVITÁVEL (MATEUS 20:17–19; MARCOS 10:32–34; LUCAS 18:31–34)

Iniciamos esta lição com Cristo e a multidão chegando a Jericó (veja Marcos 10:46). Provavel-

mente estavam a leste de Jericó, na outra margem do Jordão, acima da vau do rio onde os peregrinos atravessavam para entrar na Judéia².

Sem Hesitação (Marcos 10:32a)

Marcos escreveu: “Estavam de caminho, subindo para Jerusalém, e Jesus ia adiante dos seus discípulos. Estes se admiravam e o seguiam tomados de apreensões” (v. 32a)³. Embora a morte O aguardasse, Jesus prosseguia sem hesitar, mas os discípulos pareciam retrair-se. Talvez estivessem admirados pelo fato de Jesus ir para Jerusalém mesmo sabendo que os oficiais dali estavam decididos a matá-lo (João 11:7, 8, 16, 47–54). Certamente temiam não só pela vida de Jesus, mas também por suas próprias vidas (veja João 11:16).

Sem Eufemismos⁴ (Mateus 20:17–19; Marcos 10:32b–34; Lucas 18:31–34)

Jesus levou os doze à parte e tornou a explicar o que O aguardava em Jerusalém. Talvez Ele esperasse que—assim que os discípulos vissem cada detalhe das profecias messiânicas cumprir-se—eles entenderiam a morte de Jesus não como uma tragé-

¹A classe pode ser convidada a discutir este tema. Na verdade não sabemos como reagiremos a determinada situação antes que ela aconteça, mas fazer a pergunta pode descortinar um pano de fundo para as prioridades de Jesus durante Seus últimos dias na terra. Talvez alguém na sala conheça um paciente cujo médico avisou que ele iria morrer em determinado prazo. Como essa pessoa reagiu?

²Veja o mapa na página 25.

³Os que estavam de caminho e os que o seguiam podem ou não ser o mesmo grupo. Se ambos representavam grupos diferentes, o primeiro grupo pode ser os doze e o segundo, os outros discípulos que viajavam com Ele.

⁴“Eufemismo” é uma figura de retórica pela qual se suavizam expressões tristes ou desagradáveis empregando outras mais suaves.

dia, mas como um triunfo dos planos e propósitos divinos⁵. Disse-lhes Jesus:

Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte. E o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado; mas, ao terceiro dia, ressurgirá (Mateus 20:18, 19).

Cristo havia falado antes da Sua morte (veja Marcos 8:31–33; 9:30–32⁶), mas desta vez Ele acrescentou detalhes não mencionados até então⁷:

- Ele seria “entregue” aos principais sacerdotes e escribas—uma referência ao fato de que Ele seria traído.
- Após os principais sacerdotes e escribas condenarem Jesus à morte, eles O entregariam aos gentios (os romanos).
- Ele sofreria escárnio e açoitamento.
- Ele morreria crucificado.

Como sempre, Jesus enfatizou que a morte não seria o fim, mas no terceiro dia ele “ressurgiria”⁸. Como sempre, também, os discípulos não faziam idéia do que Ele estava falando: “Eles, porém, nada compreenderam acerca destas coisas” (Lucas 18:34; veja Marcos 9:10, 32)⁹.

⁵Mais tarde, eles conseguiram ver a cruz dessa perspectiva (veja João 12:16).

⁶A maioria dos escritores se refere a Mateus 20:18 e 19 (e as referências cruzadas) como “a terceira vez” que Jesus falou da Sua futura paixão, mas alguns discordam. O número exato é irrelevante; Cristo não indicou nas outras ocasiões que Ele sofreria (por exemplo, veja Mateus 17:12; Lucas 5:35; 9:22, 43–45; 12:50; 13:32, 33; 17:25).

⁷Coffman enumerou “não menos que 14 detalhes pertinentes e significativos da Páscoa que se aproximava... identificados por Cristo” (James Burton Coffman, *Commentary on the Gospel of Matthew* [“Comentário sobre o Evangelho de Mateus”]. Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1968, pp. 310–11).

⁸Mateus e Lucas dizem “ao terceiro dia” (Mateus 20:19; Lucas 18:33) e Marcos diz “depois de três dias” (Marcos 8:31); “... parece óbvio que essas palavras não devem ser interpretadas num sentido literal e estrito” (Orville E. Daniel, *A Harmony of the Four Gospels* [“Harmonia dos Quatro Evangelhos”], 2ª ed. Grand Rapids, Mich.: Baker Books, 1996, p. 143). Veja uma exposição anterior sobre termos semelhantes na página 10 da edição “A Vida de Cristo—Parte 7”, incluindo a nota de rodapé 8 nessa mesma página. E veja uma exposição sobre a morte de Jesus e Sua ressurreição na edição “A Vida de Cristo—Parte 13”, desta série.

⁹Lucas 18:34 diz que “o sentido destas palavras era-lhes encoberto”. Isto provavelmente se refere aos preconceitos deles que os impediam de entender, mas também pode se referir a uma intervenção divina planejada para que não ficassem tão apreensivos. Lucas usou uma linguagem seme-

SAIBA QUAL É O PROPÓSITO DA SUA EXISTÊNCIA

(MATEUS 20:20–28; MARCOS 10:35–45)

Anteriormente, após Jesus ter predito Sua morte, os discípulos demonstraram total falta de entendimento discutindo sobre quem seria o maior no reino (Marcos 9:31–34). Uma situação semelhante levantou-se logo após esta ocasião.

Propósito: Ser Servido?

Tiago e João aproximaram-se de Cristo, perguntando a quem seriam dados os tronos mais importantes no reino (veja Mateus 19:28)—à Sua direita e à Sua esquerda¹⁰. O Senhor aplicou uma severa repreensão e informou-lhes que Seu Pai é quem atribuiria tais honras.

Quando os demais apóstolos souberam o que Tiago e João haviam feito, “indignaram-se contra os dois irmãos” (Mateus 20:24). Devem ter ficado tristes por não pensarem nisso antes deles. A contínua disputa entre eles por preeminência evidenciou que não entendiam a natureza do reino messiânico¹¹.

Propósito: Servir!

Jesus usou a ocasião para repetir e ampliar Seu ensino de que a verdadeira grandeza no reino não é determinada com base em ser servido, mas em servir os outros¹². Ele apontou para Si mesmo como exemplo: “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate¹³ por muitos” (Marcos 10:45).

Cristo teve forças para marchar resolutamente em direção à Sua morte porque Ele entendia quem era e o que Ele viera fazer na terra¹⁴. Ele almejava que Seus discípulos tivessem o mesmo senso forte de propósito e missão.

COMPORTE-SE DE MODO QUE DEUS SEJA GLORIFICADO (MATEUS 20:29–34; MARCOS 10:46–52; LUCAS 18:35–43)

Jesus e a multidão passaram pelo vale do Jordão e atravessaram o rio entrando na Judéia. A seguir, subiram os mais de dez quilômetros até a antiga ci-

lhante em Lucas 9:45. Veja uma exposição dessa passagem na página 10 de “A Vida de Cristo—Parte 7”.

¹⁰A mãe de Tiago e João também fez esse pedido. Veja um estudo detalhado deste acontecimento no sermão que vem a seguir.

¹¹Essa disputa surgiu novamente no cenáculo em Jerusalém (Lucas 22:24).

¹²Veja uma exposição sobre esse tema na página 12 da edição “A Vida de Cristo—Parte 7”.

¹³A palavra “resgate” é comentada nas páginas 40 e 41.

¹⁴Outra declaração do Seu propósito encontra-se em Mateus 9:13. Veja também Mateus 1:21; 1 Timóteo 1:15.

dade de Jericó¹⁵. Ali o Senhor deu uma demonstração prática do que significa ser servo: Ele reservou tempo para curar dois cegos e levar a salvação a um notável pecador. A primeira história registrada é a dos cegos¹⁶.

Exame dos Fatos

Todos os três relatos sinóticos do evangelho contêm registros de curas, mas eles diferem quanto aos detalhes. Por exemplo, Mateus falou de dois cegos (Mateus 20:30), enquanto Marcos e Lucas mencionaram apenas um (Marcos 10:46; Lucas 18:35). Uma situação semelhante ocorreu na história da cura de dois endemoninhados gerasenos¹⁷. Um dos dois devia ser mais conhecido no momento em que os relatos do evangelho foram escritos. Marcos nos informa que o nome de um dos cegos (certamente o mais conhecido) era “Bartimeu”, que significa “o filho de Timeu” (Marcos 10:46)¹⁸.

Além disso, há variações nos relatos quanto ao local exato onde os homens foram curados. Lucas disse que Jesus estava “se aproximando de Jericó” (Lucas 18:35), enquanto Mateus e Marcos escreveram que Ele estava “saindo... de Jericó” (Mateus 20:29; Marcos 10:46). Muitos comentaristas mais velhos resolveram esta aparente discrepância sugerindo que os cegos estavam à entrada de Jericó quando Jesus passou por ali—mas, quando souberam quem Ele era, Ele já havia entrado na cidade. Então os cegos foram até o outro lado da cidade, segundo esta explicação, e foram curados por Cristo quando Este saía de Jericó¹⁹. Os comentaristas mais modernos geralmente destacam que havia duas “Jericos”: a “velha” e histórica Jericó e a “nova” Jericó construída por Herodes. Enfatizam então que Jesus pode ter encontrado os cegos quando saía da *velha* Jericó e se aproximava

da *nova* Jericó. De qualquer maneira, não há conflitos nos três relatos que não sejam solucionáveis²⁰.

Ênfase na Fé

Dois cegos estavam sentados em seus postos de mendicância à beira da estrada (veja Lucas 18:35). Quando ouviram quem estava passando, eles exclamaram: “Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de nós!”²¹ (Mateus 20:30). A multidão tentou fazê-los calar, “porém, gritavam cada vez mais: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de nós!” (Mateus 20:31). Jesus chamou-os (Marcos 10:49)²² e perguntou: “Que quereis que eu vos faça?” (Mateus 20:32). E responderam: “Senhor, que se nos abram os olhos” (Mateus 20:33). Cristo disse a Bartimeu: “Vai, a tua fé te salvou” (Marcos 10:52; Lucas 18:42). A fé por parte da pessoa a ser curada nem sempre foi um pré-requisito²³, mas ela foi mencionada nessa ocasião. O incidente ilustra a natureza ativa da verdadeira fé:

- A fé que confessa (“Filho de Davi”).
- A fé que persiste (recusou desanimar-se por causa da multidão).
- A fé que reage (ao chamado de Jesus).
- A fé que suplica.

Poderíamos acrescentar a essa lista que, após a cura, a fé expressou gratidão e seguiu Jesus.

“Condoído, Jesus tocou-lhes os olhos, e imediatamente recuperaram a vista e o foram seguindo” (Mateus 20:34). Eles se uniram à multidão que

¹⁵Veja o mapa na página 25. Veja uma descrição de Jericó na edição “Conheça o Mestre, 2”, de *A Verdade para Hoje*, pp. 19–20.

¹⁶Lucas foi o único escritor a narrar a cura dos cegos e a história de Zaqueu, e ele citou a cura primeiro (Lucas 18:35; 19:1, 2).

¹⁷Veja a página 18 de “A Vida de Cristo—Parte 5”. Sempre que conto esse incidente, refiro-me a dois cegos, independentemente do relato que eu esteja usando na ocasião.

¹⁸“Bar” é um afixo aramaico para “filho de”. Marcos, que parece ter escrito para um público romano (veja página 18 da primeira edição desta série), explicou os termos desconhecidos dos leitores não-judeus.

¹⁹Podem ter chegado ao outro lado da cidade antes de Jesus, pois Este demorou-se um pouco dentro da cidade. (Ele passou um tempo na casa de Zaqueu.)

²⁰Culver deu sete explicações possíveis para essas aparentes discrepâncias (Robert Duncan Culver, *The Life of Christ* [“A Vida de Cristo”]. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1976, pp. 212–13).

²¹“Filho de Davi” era como as pessoas se referiam ao Messias. Os cegos expressaram assim que criam em Jesus desde o princípio.

²²Marcos acrescentou um detalhe interessante: Bartimeu jogou sua capa, ou seja, sua vestimenta exterior (Marcos 10:50). Essa capa “provavelmente representava mais do que metade de tudo o que o mendigo possuía, mas ele valorizou a visão mais do que a capa, e lançou-a de lado porque ela o impedia de chegar até Jesus passando por entre a multidão” (J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or a Harmony of the Four Gospels* [“O Evangelho quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”]. Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, pp. 560–61). Pregadores e professores salientam que nós também temos coisas que precisam ser lançadas de lado se quisermos de fato alcançar Jesus (veja Hebreus 12:1).

²³Não há indicadores de que o paralítico de Marcos 2 tivesse fé para ser curado. Certamente as pessoas que Jesus resuscitou também não tinham fé antes de serem “curadas”.

seguia Jesus, “glorificando a Deus. Também todo o povo, vendo isto, dava louvores a Deus” (Lucas 18:43). Cristo sempre agiu de modo que seu Pai fosse glorificado (seja João 17:4).

PENSE TAMBÉM NOS OUTROS (LUCAS 19:1–10)²⁴

Quando a tragédia aparece no horizonte, nossos pensamentos tendem a ser egocêntricos, mas não foi assim com Jesus. Apesar de tantas coisas abarrotarem a sua mente, Ele não deixou de pensar nos outros. Isto foi demonstrado na cura dos cegos e também num outro incidente em Jericó: a salvação de um cobrador de impostos chamado Zaqueu.

Até as criancinhas conhecem a história do “homenzinho” que subiu numa árvore para ver o Senhor²⁵. Cristo reservou um tempo para ir à casa de Zaqueu, e por causa disso a vida daquele homem mudou²⁶. Jesus disse a Zaqueu: “Hoje, houve salvação nesta casa.... Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido”²⁷ (vv. 9, 10).

ENSINE MAIS E MAIS (LUCAS 19:11–27)

Até o final de Sua vida, veremos Jesus ensinando—tentando imprimir verdades e tentando corrigir idéias falsas. Quando teve oportunidade no momento em que estava na casa de Zaqueu com Seus discípulos, Jesus contou a parábola das dez minas²⁸, tentando novamente corrigir conceitos errados acerca do reino.

A Parábola

Na parábola, um nobre deu a dez servos uma mina para cada um (vv. 13, 16, 18, 20) e instruiu-os a “negociar” com o dinheiro enquanto ele estivesse fora. Uma mina era uma moeda grega des prata, equivalente a cem denários²⁹. Uma mina represen-

tava o que um trabalhador mediano ganhava num período de quase quatro meses³⁰. O nobre então “partiu para uma terra distante, com o fim de tomar posse de um reino e voltar” (v. 12). Mais tarde, ele voltou para recompensar os fiéis e punir os desobedientes e rebeldes. Essa parábola é semelhante à dos talentos contada pelo Senhor alguns dias depois (Mateus 25:14–30)³¹, exceto pela ênfase diferente de cada uma.

O Propósito

O propósito básico desta parábola é declarado no versículo 11: “Jesus propôs uma parábola, visto estar perto de Jerusalém e lhes parecer que o reino de Deus havia de manifestar-se imediatamente”. Cristo havia explicado que Ele estava indo para Jerusalém para morrer, mas eles se recusaram a aceitar isso. Contagiados pela empolgação da multidão³², eles acreditavam que o propósito de Jesus em seguir para Jerusalém era estabelecer o Seu reino. Jesus, evidentemente, era o nobre, e “a terra distante” era o céu. Jesus tinha de morrer, ser ressuscitado e subir ao Pai antes de ser coroado Rei (Atos 2:32, 33; veja também Apocalipse 3:21)³³.

Via de regra, uma parábola visava ensinar uma verdade. No caso desta parábola, porém, ela continha mais outras lições³⁴:

- Um desafio especial para os discípulos de Cristo. Após Jesus partir, eles precisariam ocupar-se de muitas coisas. Ele lhes daria grandes responsabilidades e um dia chamaria cada um para prestar contas (veja 2 Coríntios 4:17).
- Um aviso especial para os inimigos de Jesus: quem O rejeitasse seria severamente punido.

²⁴Só Lucas—o campeão dos fracos, necessitados e marginalizados (veja a página 25 da edição “A Vida de Cristo—Parte 1”)—contou a história de Zaqueu.

²⁵Veja um comentário detalhado desse episódio na edição “Conheça o Mestre, 2”, de *A Verdade para Hoje*.

²⁶No relato de Lucas, a história de Zaqueu (Lucas 19:1–10) vem logo depois da história do jovem rico (Lucas 18:18–27). Por inspiração, Lucas ilustrou como “um camelo” pode “passar pelo fundo de uma agulha” (Lucas 18:25).

²⁷Lucas 19:10 é outra grande declaração que Jesus fez sobre Seu propósito; coloque-a ao lado da declaração de Marcos 10:45, estudada anteriormente nesta lição.

²⁸A tradução “minas” é fiel aos originais gregos.

²⁹Lucas 19:17 refere-se a uma mina como “pouco”, e era realmente pequena comparada às dez cidades entregues à autoridade do servo.

³⁰Como já foi dito, um denário era o salário de uma jornada de trabalho de um operário comum (veja Mateus 20:2).

³¹Veja o comentário sobre a parábola dos talentos na edição “A Vida de Cristo—Parte 11”, desta série, onde comentaremos qual era “o banco” (Lucas 19:23) e o princípio estabelecido em Lucas 19:26.

³²A ansiedade e a empolgação atingiram seu clímax na entrada triunfal—que estudaremos na próxima lição. Quando Jesus *não* estabeleceu o Seu reino imediatamente, Sua popularidade começou a cair. Alguns dias depois, a multidão gritaria: “Crucifica-o!”

³³Dez dias depois da ascensão de Jesus, o Espírito Santo veio no dia de Pentecostes para anunciar a coroação de Cristo e estabelecer o reino, a igreja.

³⁴Já observamos várias vezes que os relatos do evangelho utilizam “parábola” como um termo flexível que inclui uma variedade de formas de ensino.

CONCLUSÃO

Jesus saiu de Jericó e deu início à última parte da viagem: a subida de quase 30 quilômetros de Jericó (240 metros abaixo do nível do mar) até Jerusalém (765 metros de altitude). A próxima lição começará com Sua chegada a Betânia.

Esta lição enfocou os pensamentos que ocuparam a mente de Jesus e os atos que fizeram parte de Sua vida nos últimos dias antes da cruz. Talvez você pense que esta lição não se aplica muito a você, pois você planeja viver por mais algumas décadas, mas os prudentes reconhecem que a morte está sempre “próxima” (veja Hebreus 9:27). O exemplo de Cristo demonstra como devemos viver a *todo* o tempo:

- Não negue o inevitável. Reconhecer que a morte pode acontecer a qualquer momento dá uma nova perspectiva à vida.
- Saiba qual é o propósito da sua existência. Cada um de nós foi colocado aqui por uma razão. Entender esse propósito dá sentido à vida.
- Comporte-se de modo que Deus seja glorificado. “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5:16).
- Pense nos outros. As pessoas mais miseráveis do planeta são aquelas cujos pensamentos giram em torno de si mesmas.
- Ensine mais e mais. Use cada oportunidade para partilhar as verdades da Palavra de Deus.

Independentemente do lugar ou da época em que você viva, não há melhor maneira de viver “seus últimos dias na terra”.

O que você vai ser quando crescer?

Mateus 20:17-28;

Marcos 10:32-45;

Lucas 18:31-34,

Olhando de perto



Durante a maior parte de sua vida adulta, meu pai, Dave H. Roper, foi um educador: ele trabalhou como professor vocacional de Agricultura, professor de Ciências e diretor. Mas ele também foi proprietário de uma livraria, fazendeiro, missionário e pregador. Aos oitenta e oito anos ele ainda escrevia uma coluna de humor e nostalgia para um jornal. Os membros da família dizem brincando que a história de vida do meu pai deveria ter o seguinte título: “O que vou ser quando crescer?”

Pergunte a uma criança o que ela vai ser quando crescer e ela provavelmente terá a resposta na ponta da língua: “bombeiro”, “professor”, “astronauta”, “médico”, “bailarina”, “enfermeira”¹. Eu gostaria de lhe fazer essa mesma pergunta: “O que *você* vai ser quando crescer?” Não, não estou falando sobre quando você crescer fisicamente. É provável que você já tenha escolhido uma profissão. Estou me referindo aos seus planos para crescer *espiritualmente*². Quais são suas ambições espirituais? O que você deseja ser no reino?

Um dia, Jesus teve uma conversa séria com Seus discípulos sobre este assunto. Vamos refletir em tudo que Ele disse naquela ocasião.

DOIS DISCÍPULOS (MATEUS 20:17-23; MARCOS 10:32-40; LUCAS 18:31-34)

O Senhor estava a caminho da morte. Ele juntou os discípulos em volta de Si e disse:

¹Adapte conforme a realidade dos seus ouvintes. Como parte da sua preparação, você pode fazer essa pergunta a várias crianças.

²O Novo Testamento enfatiza a necessidade do cristão crescer espiritualmente (Efésios 4:15; 1 Pedro 2:2; 3:18). O estado do cristão “crescido” espiritualmente chama-se “maturidade” (veja 1 Coríntios 14:20; Efésios 4:13).

Eis que subimos para Jerusalém, e vai cumprir-se ali tudo quanto está escrito por intermédio dos profetas, no tocante ao Filho do Homem; pois será ele entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado e cuspidos; e, depois de o açoitarem, tirar-lhe-ão a vida; mas, ao terceiro dia, ressuscitará (Lucas 18:31-33).

Segundo Lucas 18:34a, os discípulos “nada compreenderam acerca destas coisas”. Eles não compreenderam porque pensavam que Cristo estivesse indo para Jerusalém com o intuito de estabelecer um reino físico (veja Lucas 19:11). A crucificação não se encaixava nesses planos.

Interesse Próprio

A extensão da incompreensão dos apóstolos logo ficou aparente. “Então, se aproximaram dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, dizendo-lhe: Mestre, queremos que nos concedas o que te vamos pedir” (Marcos 10:35). Tiago e João queriam, na verdade, que Cristo lhes dissesse: “Dar-vos-ei o que quiserdes”. Talvez alguém já tenha lhe pedido ajuda sem lhe dizer o que queria³.

Pedido: “Você pode me fazer um favor, Dave?”
Resposta cautelosa: “Hum... Que favor?”

Jesus perguntou aos dois homens: “Que quereis que vos faça?” (Marcos 10:36). Ele sabia o que eles queriam, mas desejava expor o egocentrismo deles (compare com João 6:6). E eles responderam: “Permite-nos que, na tua glória” (ou seja, “no teu reino” [Mateus 20:21]), “nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda” (Marcos 10:37).

Poucos instantes atrás, Cristo prometera aos apóstolos que eles se assentariam em doze tronos no

³A maioria das crianças tenta isto com seus pais pelo menos uma vez. Se quiser, cite uma experiência pessoal.

Seu reino (Mateus 19:28)⁴. Agora, Tiago e João requiriam os tronos mais proeminentes. Eles presumiam que o primeiro trono mais importante estaria à direita de Jesus e o segundo, à Sua esquerda⁵. Em países como o Brasil, diríamos que um queria ser o Ministro da Economia e o outro, o Ministro da Fazenda⁶. Em países parlamentaristas, mudaríamos esta analogia para o Primeiro Ministro e o Ministro das Finanças⁷.

Não sabemos exatamente por que eles fizeram esse pedido nem por que pensavam que Jesus o honraria. Talvez pensassem que eram os mais bem qualificados para esses cargos: suas famílias tinham dinheiro (Marcos 1:20) e eles tinham relações com o sumo sacerdote (João 18:15). Talvez eles estivessem contando com o fato de estarem entre o “círculo de três amigos mais íntimos” do Senhor (Mateus 17:1). Também é possível que fossem primos de Jesus e pensassem que Ele seria parcial com eles⁸. Qualquer que fosse o raciocínio deles, estavam pensando em coroas enquanto Cristo estava pensando na cruz.

Dale Hartman ilustrou a obstinação dos discípulos com um incidente de sua juventude. Precisavam drenar um açude para consertar o dique de terra. Dale ouvira dizer que havia peixes no açude, por isso ele e um amigo resolveram tirá-los de lá antes da drenagem: eles estenderam uma rede cumprida entre eles e começaram a puxá-la pelo meio do açude. A rede foi ficando pesada—tão pesada que Dale mal conseguia puxá-la. Devia estar lotada de peixes! Quando chegaram à outra margem e tiraram a rede da água, ela continha um punhado de peixes; mas estava, acima de tudo, repleta de tartaruguinhas, cada uma tentando com todas as forças voltar para a parte funda do açude. Dale então concluiu: “Enquanto Jesus se dirigia à cruz, Ele estava cercado de doze tartarugas, todas tentando ir para a direção contrária”⁹.

⁴Veja o breve comentário sobre Mateus 19:28 na página 23.

⁵Se Jesus *tivesse* lhes dado o que eles haviam pedido, provavelmente logo estariam brigando pela ocupação do trono mais importante.

⁶James Burton Coffman, *Commentary on Mark* (“Comentário sobre Marcos”). Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1975, p. 217. A primeira vez que ouvi J. W. Roberts usar esta analogia foi na década de 50.

⁷James Burton Coffman, *Commentary on the Gospel of Matthew* (“Comentário sobre o Evangelho de Mateus”). Adapte esta analogia a dois cargos políticos mais importantes no governo do seu país.

⁸Veja a nota de rodapé 6 na página 29 de “A Vida de Cristo—Parte 1”.

⁹Dale Hartman, sermão pregado na igreja de Cristo Eastside, em Midwest City, Oklahoma, 2000.

Viajando na companhia de Jesus estava a mãe de Tiago e João, Salomé (Mateus 20:20; veja Mateus 27:55, 56; Marcos 15:40, 41). A Sra. Zebedeu aproximou-se de Jesus juntamente com seus filhos e reforçou o apelo: “Manda que, no teu reino, estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita, e o outro à tua esquerda” (Mateus 20:21)¹⁰.

Para mim é fácil imaginar minha própria mãe nessa cena. Minha mãe tem dois filhos e ela faria praticamente qualquer coisa que fosse legal, moral e ética para ajudar seus dois garotos. Posso imaginá-la indo até o Presidente do país e dizendo: “Senhor Presidente, tenho um favor para lhe pedir. O senhor sabe, tenho dois filhos—ótimos meninos—e eu gostaria que o senhor...”

Cristo não repreendeu Salomé. Ela se sentia orgulhosa dos filhos e queria o melhor para eles. Não entendia que o reino era espiritual, e não físico, mas isso era compreensível¹¹. Os filhos de dona Salomé, porém, não tinham desculpas. Eles tiveram a oportunidade de ouvir Jesus dia e noite por três anos. Eles *deveriam* ter entendido a natureza do reino. Por isso, foi a Tiago e João que o Senhor repreendeu (veja Mateus 20:22; Marcos 10:38)¹².

Negação de Si mesmo

Cristo contou-lhes primeiramente lhes disse: “Não sabeis o que pedis” (Marcos 10:38a). Isto pode ter surpreendido os discípulos. Com certeza sabiam o que estavam pedindo: estavam pedindo prestígio e estima. Estavam pedindo respeito e honra.

Se a declaração de Jesus de fato os surpreendeu, talvez eles tenham ficado duplamente surpresos diante da pergunta que Jesus fez em seguida: “Podeis vós beber o cálice que eu bebo ou receber o batismo com que eu sou batizado?” (Marcos 10:38). O “cálice” era um símbolo do Antigo Testamento tanto para alegria transbordante (Salmos 23:5) como para sofrimento desolador¹³ (Isaías 51:17); aqui o so-

¹⁰Não sabemos a seqüência exata dos acontecimentos—se os filhos pediram primeiro ou se foi a mãe. Também é possível que Tiago e João tenham feito o pedido *por intermédio* da mãe.

¹¹Ela e outras mulheres haviam viajado com Jesus pela Galiléia, suprindo as necessidades a Ele e dos apóstolos (Marcos 15:40, 41), mas isto aconteceu de modo intermitente. Ela não havia tido a mesma oportunidade que seus filhos tiveram de ouvir Jesus continuamente; não recebera o ensino particular que eles receberam.

¹²Observemos também que os outros apóstolos não ficaram tristes com a Sra. Zebedeu, e sim com os filhos dela (Mateus 20:24; Marcos 10:41).

¹³Se julgar apropriado, acrescente a esta declaração: “alegria transbordante e sofrimento devastador da parte de Deus”. Quando Jesus morreu na cruz, Ele tomou sobre Si

frimento de Cristo é o que se tem em vista¹⁴. A palavra “batismo” significa “imersão” e pode ser usada metaforicamente referindo-se a ser submisso¹⁵. A natureza intensa de Seu sofrimento até e durante a cruz é o que suas palavras estavam descrevendo. Cristo usou o tempo presente ao referir-Se ao cálice e ao batismo de sofrimento: “eu bebo... eu sou batizado”. Possuindo perfeito conhecimento do que estava adiante, Jesus já estava cheio de dor (veja Lucas 12:50).

Tiago e João podem ter pensado que o Senhor estava falando sobre enfrentarem um conflito imaginário com o exército romano¹⁶—e eles não se achavam desprovidos de coragem¹⁷. Autoconfiantes em sua própria ignorância, declararam: “Podemos” (Marcos 10:39a)¹⁸.

A tristeza deve ter abalado a voz de Jesus enquanto Ele respondia: “Bebereis o cálice que eu bebo e receberéis o batismo com que eu sou batizado” (Marcos 10:39b). Cristo sabia o que estava reservado àqueles dois homens: Tiago morreria nas mãos de Herodes Agripa no ano 44 d.C. (Atos 12:2), e João seria exilado na ilha de Patmos (Apocalipse 1:9)¹⁹.

A seguir, Jesus dirigiu-Se especificamente ao pedido dos dois irmãos: “...o assentar-se à minha direita e à minha esquerda não me compete concedê-lo; é, porém, para aqueles a quem está preparado por meu Pai” (Mateus 20:23). Cristo poderia estar dizendo que conceder tais honras era uma das prerrogativas divinas às quais Ele renunciara ao vir à terra (veja Filipenses 2:6, 7)²⁰. Por outro lado, o contexto indica que a ênfase não está no fato de Deus decidir quem se assenta nos lugares de honra, mas no fato de Deus ter preparado esses lugares de honra para

nosso castigo pelo pecado. O clímax desse sofrimento deu-se quando nossos pecados separaram Jesus de Deus.

¹⁴Veja mais sobre o “cálice” na edição “A Vida de Cristo—Parte 12” desta série.

¹⁵Jesus já usara esta imagem em Lucas 12:50 (veja página 26 de “A Vida de Cristo—Parte 8”). Pode haver um paralelo aqui com a imagem vétero-testamentária de ser coberto por água (uma referência ao castigo divino; veja Salmos 42:7; 69:15; 124:4).

¹⁶Os judeus pensavam que a primeira coisa que o Messias faria assim que estabelecesse Seu reino seria derrotar os odiosos romanos.

¹⁷Afinal de contas, eles eram os “filhos do trovão” (Marcos 3:17). No entanto, como veremos, ao primeiro sinal de perigo, eles fugiram juntamente com todos os demais apóstolos.

¹⁸Isto nos remete às precipitadas palavras de Pedro em Mateus 26:33, 35.

¹⁹Veja “Apocalipse—Parte 1”, *A Verdade para Hoje*, p. 9.

²⁰Exemplificando uma prerrogativa divina à qual Jesus renunciou, veja-se Marcos 13:32.

determinado tipo de indivíduos—especificamente, os que servem os outros (Mateus 20:26, 27)²¹, mas não vamos antecipar a história.

OS DOZE DISCÍPULOS (MATEUS 20:24–28; MARCOS 10:41–45)

Interesse Próprio

A provável intenção de Tiago e João era que aquela conversa ficasse só entre eles e o Senhor, mas a mensagem inicialmente sussurrada acabou por tornar-se pública. Quando os demais apóstolos souberam o que Tiago e João haviam feito, “indignaram-se contra os dois irmãos” (Mateus 20:24). Os doze tiveram uma prolongada discussão sobre quem seria o maior no reino (veja Marcos 9:34; Mateus 18:1; Lucas 22:24).

Negação de Si Mesmo

Jesus chamou os discípulos para junto de Si e disse: “Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles” (Mateus 20:25). Assim é o mundo. Organizações mundanas estabelecem estruturas poderosas com níveis de autoridade—começando pelo cargo máximo, o cabeça, e descendo até os subordinados mais baixos. Obviamente, as pessoas importantes de uma sociedade exercem autoridade. Nos dias de Jesus, o imperador tinha o seu exército; o governador romano, o seu tribunal e os potentes orientais, seus escravos. Hoje, o mundo classifica a importância de um indivíduo pelo número de pessoas que trabalham para ele ou sob sua autoridade. Cristo disse aos discípulos: “Não é assim entre vós” (Mateus 20:26a).

Quando Jesus disse: “Não é assim entre vós”, Ele não estava dizendo que o reino ou a igreja não precisa de estrutura nem que nós não precisamos de liderança espiritual. Nenhuma organização pode funcionar eficazmente sem liderança²². Toda igreja precisa de presbíteros qualificados (Tito 1:5). Cristo estava dizendo que a organização do reino ou da igreja não deveria seguir o padrão do mundo²³. Ele também estava dizendo que a motivação para

²¹Outra possibilidade é que Jesus estivesse Se referindo aos que estariam literalmente à Sua direita e à Sua esquerda quando Ele bebesse o cálice e suportasse o batismo de sofrimento—ou seja, os dois ladrões.

²²Se quiser, illustre isto com um exemplo do mundo secular.

²³Denominações instalam estruturas de poder baseadas em padrões do mundo: um cabeça terreno com muitos níveis de autoridade abaixo dele. Esse tipo de organização é estranho às Escrituras.

ser um líder espiritual é radicalmente diferente da motivação do líder carnal. “Quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse *o que vos sirva*” (Mateus 20:26b; grifo meu).

Podemos estar tão familiarizados com os ensinamentos de Jesus que a palavra “servo” já não soe radical aos nossos ouvidos. Conseguimos descamar esse termo e revesti-lo de uma demão de tinta tão brilhante que ele passou a ser usado com orgulho: “Ele [ou ela] é um grande servo do Senhor”. Na época do Novo Testamento, as pessoas entendiam o que estava implícito na palavra “servo”: o servo fazia o trabalho sujo, o trabalho que ninguém queria fazer. O servo não era valorizado, não recebia nenhum reconhecimento, nenhum agradecimento por executar o que era seu dever (Lucas 17:10). No entanto, Cristo disse: “quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva”.

O ensino de Jesus era de fato revolucionário. O mundo enfatiza o conforto de ser servido, enquanto o Senhor exaltou o ato de servir aos outros. Ali estava uma “inversão total... dos padrões do mundo”²⁴. Cristo trouxe “um conjunto de valores totalmente novo... para a vida”²⁵. Ele quer que consideremos os outros “superiores” a nós mesmos (Filipenses 2:3).

Visando garantir que os discípulos não se desviassem da idéia principal, Jesus continuou: “quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo” (Mateus 20:27). No versículo 26, Cristo usou a palavra equivalente a “servo” (*diakonos*); agora Ele usou a palavra equivalente a “escravo” (*doulos*). Ser servo era mau; ser escravo era infinitamente pior. Um escravo era uma propriedade! Um escravo não possuía direito algum! (Podemos aceitar, embora com dificuldade, a idéia de ser escravo de Deus; mas é difícil encontrar algum ânimo no fato de ser escravo de outra pessoa²⁶.)

A aplicação disto aos apóstolos de Jesus consistia no seguinte: “Se vocês querem ser ‘os primeiros’, parem de brigar para ser os primeiros. Parem de pedir cargos de honra. Em vez disso, comecem a servir uns aos outros”. As palavras do Mestre também se aplicam a nós: “Pare de pensar em si mesmo o tempo todo, e no que você quer. Abra os olhos para as necessidades dos outros, e comece a ajudá-los”.

²⁴William Barclay, *The Gospel of Matthew* (“O Evangelho de Mateus”), vol. 2, ed. rev., The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 232.

²⁵Ibid.

²⁶Veja mais sobre ser escravo de Deus em 1 Coríntios 7:22 e sobre ser um escravo de homens em 1 Coríntios 9:19.

Quando ouviu uma lição sobre abnegação, certa adolescente anotou num cartão: “Mas negar-se a si mesmo não é *humano!*”²⁷ Ela estava certa. Negar-se a si mesmo não é uma característica humana; é uma característica divina. Jesus não pediu aos discípulos—nem pede a nós—nada que Ele mesmo não estivesse disposto a fazer. E prosseguiu dizendo: “... tal como o Filho do Homem²⁸, que não veio para ser servido, mas para servir” (Mateus 20:28a; veja Lucas 22:27). O Senhor tinha o direito divino de ser servido, mas Ele tomou a decisão divina de servir²⁹. Pedro resumiu a vida de Cristo com estas palavras: “Jesus de Nazaré... andou por toda parte, fazendo o bem” (Atos 10:38). Ele sempre estava pronto para ajudar. Ele nunca estava cansado demais, nem preocupado demais, nem ocupado demais. Ele estava sempre preparado para servir³⁰.

Jesus falou a seguir do Seu maior ato de serviço, o sacrifício de Sua vida pelos outros: para “dar a sua vida em resgate por muitos” (Mateus 20:28b). Mais de uma vez Cristo explicou por que Ele veio à terra: “Não vim chamar justos, e sim pecadores, ao arrependimento” (Lucas 5:32; veja Mateus 9:13); “o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido” (Lucas 19:10). Na declaração do Seu propósito em Mateus 20:28, Jesus disse *como* ele cumpriria esse propósito: “para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (grifo meu).

É comum ouvirmos a palavra “resgate” relacionada a seqüestro: o “resgate” é o preço exigido pelos seqüestradores para libertarem a vítima. Esse conceito está incluso no termo grego traduzido por “resgate” (*lutron*), mas o significado da palavra é bem mais amplo do que isto. Na Septuaginta³¹, a palavra foi usada referindo-se ao preço pago para se comprar a liberdade de um escravo, o montante exigido para garantir a entrega de um refém ou prisioneiro de guerra, e em outros contextos³². Po-

²⁷Allison Martin, “But Denying Self Is Not Human!” *Power for Today*. Abril-Junho de 2001, p. 42.

²⁸Os comentaristas geralmente observam que em Mateus 20:28, Jesus combinou dois importantes conceitos messiânicos do Antigo Testamento: a terminologia do “Filho do Homem” de Daniel 7 e a idéia do Servo Sofredor de Isaías 52 e 53.

²⁹Esta frase foi adaptada de D. Stuart Briscoe, *Expository Nuggets from the Gospels* (“Nacos Expositivos dos Evangelhos”). Grand Rapids, Mich.: Baker Books, 1994, p. 141.

³⁰Se quiser, cite exemplos de serviço da vida de Jesus.

³¹A Septuaginta é a tradução grega do Antigo Testamento hebraico já existente na época do Novo Testamento.

³²Por exemplo, “resgate” foi usado no Antigo Testamento para uma taxa de recenseamento (Êxodo 30:12), para o dinheiro para resgatar a vida de um homem caso seu boi matasse alguém (Êxodo 21:29, 30), para o preço pago para

deríamos resumir o sentido básico de *lutron* como “libertação mediante pagamento”³³.

No Novo Testamento a palavra é usada exclusivamente para o preço pago para nos libertar da culpa pelo pecado. *Lutron* só ocorre em Mateus 20:28 e Marcos 10:45, mas termos relacionados são usados em outras passagens sobre a redenção³⁴ dos seres humanos, incluindo o excelente texto de 1 Timóteo 2:5 e 6: “Porquanto há um só... Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual a si mesmo se deu em resgate por todos”³⁵.

Os homens tentam complicar Mateus 20:28 observando que este versículo diz “em resgate por muitos” enquanto 1 Timóteo 2:6 contém “em resgate por todos”—mas a palavra “muitos” em Mateus 20:28 “é um hebraísmo para ‘todos’”³⁶. Outros debates têm sido travados quanto ao resgate ter sido pago a Deus ou a Satanás. Essa especulação está fora do escopo deste texto. Quando dizemos que a “eterna vigilância é o preço da liberdade”³⁷, não perguntamos a quem esse preço é pago.

Mateus 20:28 está simplesmente proclamando a grandiosa verdade de que custou a morte de Jesus Cristo levar os homens de volta a Deus³⁸. Pedro expôs isto dizendo: “sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados³⁹...” (1 Pedro 1:18, 19). Paulo escreveu: “Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo” (1 Coríntios 6:20).

Jesus afirmou que, para ser o primeiro é preciso ser servo. Ele mesmo é a primazia de tudo, por ter prestado o *maior* de todos os serviços. Cristo morreu por nossos pecados (1 Coríntios 15:3)!

resgatar o primogênito (Números 18:15) e para o dinheiro usado para a compra de um parente escravizado (Levítico 25:51, 52).

³³Veja Geoffrey W. Bromiley, *Theological Dictionary of the New Testament*, abr. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985, p. 545.

³⁴Aparecem em Romanos 3:24, Efésios 1:7 e Hebreus 9:12 variações dessa palavra.

³⁵Existem semelhanças entre Mateus 20:28 e 1 Timóteo 2:6: aquele usa duas palavras *lutron anti* (“um resgate em vez de”) e este, a palavra composta *antilutron*.

³⁶Jack P. Lewis, *The Gospel According to Matthew, Part 1* (“O Evangelho Segundo Mateus, Parte 1”). The Living Word Commentary Series, ed. Everett Ferguson. Abilene, Tex.: ACU Press, 1976, p. 81.

³⁷Este dito popular nos Estados Unidos baseia-se numa declaração feita por John Philpot Curran, num discurso proferido em Dublin, Irlanda, em 10 de julho de 1790.

³⁸Barclay, p. 235.

³⁹A palavra grega traduzida por “resgatados” vem da mesma raiz de *lutron*.

Interesse Próprio

Antes de encerrarmos, vamos dedicar mais tempo aplicando as lições de Jesus a nós mesmos. Eu gostaria de poder dizer que a ambição carnal entre os discípulos de Cristo desapareceu para sempre da terra, assim que o reino ou a igreja foi estabelecida. Infelizmente, “a maioria de nós respira o ar secular do mundo temporário tão constantemente durante nossa peregrinação terrena que é... difícil evitar a contaminação”⁴⁰. O lema da sociedade continua sendo: “Eu em primeiro lugar”. O egocentrismo pode contaminar igrejas: congregações são às vezes contaminadas pela síndrome do sucesso-e-tamanho e se esquecem de que o coração do cristianismo é o servir. O interesse próprio pode até contaminar o cristão individualmente: a competição para pregar para as maiores congregações é sempre feroz. Seres humanos são capazes de cobiçar a função de presbítero pelo poder que imaginam adquirir com ela. Quase todos nós (se estivermos dispostos a admitir) ficamos magoados quando não nos sentimos reconhecidos nem valorizados pelo bem que fazemos. Exaltamos com os lábios a palavra “servo”, mas na verdade não queremos a humilde posição de um servo—e com certeza tampouco queremos ser “escravos”.

Negação de Si Mesmo

Todavia, Jesus ainda diz que “quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo” (Mateus 20:26, 27). Ser escravo é exatamente o contrário do que Tiago e João tinham em mente quando apresentaram seu pedido a Jesus. Creio que Mateus 20:26 e 27 está dizendo que essas posições de honra foram negligenciadas pelos que prestam serviço com abnegação e sacrifício pessoal. Os tronos à direita e à esquerda de Cristo certamente não serão ocupados por grandes personagens bíblicos como Tiago e João ou Pedro e Paulo, mas por santos humildes que passam a vida no anonimato, prestando serviços muitas vezes não valorizados nem reconhecidos.

CONCLUSÃO

O que você vai ser quando crescer? A primeira pergunta é: “Você está tentando ‘crescer’ espiritualmente?” Alguns parecem satisfeitos em continuar sendo bebês espirituais (Hebreus 5:12–14). A segun-

⁴⁰Joost De Blank, *Uncomfortable Words* (“Palavras Desconfortáveis”). Londres: Longmans, Green and Co., 1958, p. 54.

da pergunta é: “É seu objetivo tornar-se um *servo*”? O desafio de todo cristão é tornar-se um servo como Jesus foi: ter a mente dEle (Filipenses 2:5); “seguir os Seus passos” (1 Pedro 2:21) e “ser conforme à imagem [dEle]” (Romanos 8:29). Que Deus ajude todos nós a “crescermos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Efésios 4:15)⁴¹.

⁴¹Se usar esta apresentação num sermão, incentive os cristãos que não têm crescido a pedirem orações (Tiago 5:16). Se quiser estenda o convite a todos que sentem a necessidade de responder, incluindo os que precisam do batismo (Marcos 16:15, 16; Atos 2:38).

Atribuição de Leitura nº. 28

Mateus 21:1–22; 26:6–13;
Marcos 11:1–26; 14:3–9;
Lucas 19:29–48; 21:37, 38;
João 11:55–57; 12:1–19

Mateus 21:1–22

¹Quando se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, ao monte das Oliveiras, enviou Jesus dois discípulos, dizendo-lhes:

²Ide à aldeia que aí está diante de vós e logo achareis presa uma jumenta e, com ela, um jumentinho. Desprendei-a e trazei-mos.

³E, se alguém vos disser alguma coisa, respondei-lhe que o Senhor precisa deles. E logo os enviará.

⁴Ora, isto aconteceu para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta:

⁵Dizei à filha de Sião: Eis aí te vem o teu Rei, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de animal de carga.

⁶Indo os discípulos e tendo feito como Jesus lhes ordenara,

⁷trouxeram a jumenta e o jumentinho. Então, puseram em cima deles as suas vestes, e sobre elas Jesus montou.

⁸E a maior parte da multidão estendeu as suas vestes pelo caminho, e outros cortavam ramos de árvores, espalhando-os pela estrada.

⁹E as multidões, tanto as que o precediam como as que o seguiam, clamavam: Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas!

¹⁰E, entrando ele em Jerusalém, toda a cidade se alvoroçou, e perguntavam: Quem é este?

¹¹E as multidões clamavam: Este é o profeta Jesus, de

Nazaré da Galiléia!

¹²Tendo Jesus entrado no templo, expulsou todos os que ali vendiam e compravam; também derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas.

¹³E disse-lhes: Está escrito:

A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a transformais em covil de salteadores.

¹⁴Vieram a ele, no templo, cegos e coxos, e ele os curou.

¹⁵Mas, vendo os principais sacerdotes e os escribas as maravilhas que Jesus fazia e os meninos clamando: Hosana ao Filho de Davi!, indignaram-se e perguntaram-lhe:

¹⁶Ouves o que estes estão dizendo? Respondeu-lhes Jesus: Sim; nunca lestes:

Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor?

¹⁷E, deixando-os, saiu da cidade para Betânia, onde pernitoiu.

¹⁸Cedo de manhã, ao voltar para a cidade, teve fome;

¹⁹e, vendo uma figueira à beira do caminho, aproximou-se dela; e, não tendo achado senão folhas, disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti! E a figueira secou imediatamente.

²⁰Vendo isto os discípulos, admiraram-se e exclamaram: Como secou depressa a figueira!

²¹Jesus, porém, lhes respondeu: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não somente fareis o que foi feito à figueira, mas até mesmo, se a este monte disserdes: Ergue-te e lança-te no mar, tal sucederá;

²²e tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis.

Mateus 26:6–13

⁶Ora, estando Jesus em Betânia, em casa de Simão, o leproso,

⁷aproximou-se dele uma mulher, trazendo um vaso de alabastro cheio de precioso bálsamo, que lhe derramou sobre a cabeça, estando ele à mesa.

⁸Vendo isto, indignaram-se os discípulos e disseram: Para que este desperdício?

⁹Pois este perfume podia ser vendido por muito dinheiro e dar-se aos pobres.

¹⁰Mas Jesus, sabendo disto, disse-lhes: Por que molestais esta mulher? Ela praticou boa ação para comigo.

¹¹Porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes;

¹²pois, derramando este perfume sobre o meu corpo, ela o fez para o meu sepultamento.

¹³Em verdade vos digo: Onde for pregado em todo o mundo este evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua.

Marcos 11:1–26

¹Quando se aproximavam de Jerusalém, de Betfagé e Betânia, junto ao monte das Oliveiras, enviou Jesus dois dos seus discípulos

²e disse-lhes: Ide à aldeia que aí está diante de vós e, logo ao entrar, achareis preso um jumentinho, o qual ainda ninguém montou; desprendei-o e trazei-o.

³Se alguém vos perguntar: Por que fazeis isso? Respondei: O Senhor precisa dele e logo o mandará de volta para aqui.

⁴Então, foram e acharam o jumentinho preso, junto ao portão, do lado de fora, na rua, e o desprenderam.

⁵Alguns dos que ali estavam reclamaram: Que fazeis, soltando o jumentinho?

⁶Eles, porém, responderam conforme as instruções de Jesus; então, os deixaram ir.

⁷Levaram o jumentinho, sobre o qual puseram as suas vestes, e Jesus o montou.

⁸E muitos estendiam as suas vestes no caminho, e outros, ramos que haviam cortado dos campos.

⁹Tanto os que iam adiante dele como os que vinham depois clamavam: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor!

¹⁰Bendito o reino que vem, o reino de Davi, nosso pai! Hosana, nas maiores alturas!

¹¹E, quando entrou em Jerusalém, no templo, tendo observado tudo, como fosse já tarde, saiu para Betânia com os doze.

¹²No dia seguinte, quando saíram de Betânia, teve fome.

¹³E, vindo de longe uma figueira com folhas, foi ver se nela, porventura, acharia alguma coisa. Aproximando-se dela, nada achou, senão folhas; porque não era tempo de figos.

¹⁴Então, lhe disse Jesus: Nunca jamais coma alguém fruto de ti! E seus discípulos ouviram isto.

¹⁵E foram para Jerusalém. Entrando ele no templo, passou a expulsar os que ali vendiam e compravam; derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas.

¹⁶Não permitia que alguém conduzisse qualquer utensílio pelo templo;

¹⁷também os ensinava e dizia: Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? Vós, porém, a tendes transformado em covil de salteadores.

¹⁸E os principais sacerdotes e escribas ouviam estas coisas e procuravam um modo de lhe tirar a vida; pois o temiam, porque toda a multidão se maravilhava de sua doutrina.

¹⁹Em vindo a tarde, saíram da cidade.

²⁰E, passando eles pela manhã, viram que a figueira secara desde a raiz.

²¹Então, Pedro, lembrando-se, falou: Mestre, eis que a figueira que amaldiçoaste secou.

²²Ao que Jesus lhes disse: Tende fé em Deus;

²³porque em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele.

²⁴Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco.

²⁵E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas.

²⁶[Mas, se não perdoardes, também vosso Pai celestial não vos perdoará as vossas ofensas.]

Marcos 14:3–9

³Estando ele em Betânia, reclinado à mesa, em casa de

Simão, o leproso, veio uma mulher trazendo um vaso de alabastro com preciosíssimo perfume de nardo puro; e, quebrando o alabastro, derramou o bálsamo sobre a cabeça de Jesus.

⁴Indignaram-se alguns entre si e diziam: Para que este desperdício de bálsamo?

⁵Porque este perfume poderia ser vendido por mais de trezentos denários e dar-se aos pobres. E murmuravam contra ela.

⁶Mas Jesus disse: Deixai-a; por que a molestais? Ela praticou boa ação para comigo.

⁷Porque os pobres, sempre os tendes convosco e, quando quiserdes, podeis fazer-lhes bem, mas a mim nem sempre me tendes.

⁸Ela fez o que pôde: antecipou-se a ungir-me para a sepultura.

⁹Em verdade vos digo: onde for pregado em todo o mundo o evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua.

Lucas 19:29–48

²⁹Ora, aconteceu que, ao aproximar-se de Betfagé e de Betânia, junto ao monte das Oliveiras, enviou dois de seus discípulos,

³⁰dizendo-lhes: Ide à aldeia fronteira e ali, ao entrardes, achareis preso um jumentinho que jamais homem algum montou; soltai-o e trazei-o.

³¹Se alguém vos perguntar: Por que o soltais? Respondereis assim: Porque o Senhor precisa dele.

³²E, indo os que foram mandados, acharam segundo lhes dissera Jesus.

³³Quando eles estavam soltando o jumentinho, seus donos lhes disseram: Por que o soltais?

³⁴Responderam: Porque o Senhor precisa dele.

³⁵Então, o trouxeram e, pondo as suas vestes sobre ele, ajudaram Jesus a montar.

³⁶Indo ele, estendiam no caminho as suas vestes.

³⁷E, quando se aproximava da descida do monte das

Oliveiras, toda a multidão dos discípulos passou, jubilosa, a louvar a Deus em alta voz, por todos os milagres que tinham visto,

³⁸dizendo: Bendito é o Rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória nas maiores alturas!

³⁹Ora, alguns dos fariseus lhe disseram em meio à multidão: Mestre, repreende os teus discípulos!

⁴⁰Mas ele lhes respondeu: Asseguro-vos que, se eles se calarem, as próprias pedras clamarão.

⁴¹Quando ia chegando, vendo a cidade, chorou

⁴²e dizia: Ah! Se conheceras por ti mesma, ainda hoje, o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos.

⁴³Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco;

⁴⁴e te arrasarão e aos teus filhos dentro de ti; não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste a oportunidade da tua visitação.

⁴⁵Depois, entrando no templo, expulsou os que ali vendiam,

⁴⁶dizendo-lhes: Está escrito: A minha casa será casa de oração. Mas vós a transformastes em covil de salteadores.

⁴⁷Diariamente, Jesus ensinava no templo; mas os principais sacerdotes, os escribas e os maiores do povo procuravam eliminá-lo;

⁴⁸contudo, não atinavam em como fazê-lo, porque todo o povo, ao ouvi-lo, ficava dominado por ele.

Lucas 21:37, 38

³⁷Jesus ensinava todos os dias no templo, mas à noite, saindo, ia pousar no monte chamado das Oliveiras.

³⁸E todo o povo madrugava para ir ter com ele no templo, a fim de ouvi-lo.

João 11:55–57

⁵⁵Estava próxima a Páscoa dos judeus; e muitos daquela região subiram para Jerusalém antes da Páscoa, para se purificarem.

⁵⁶Lá, procuravam Jesus e, estando eles no templo, diziam uns aos outros: Que vos parece? Não virá ele à festa?

⁵⁷Ora, os principais sacerdotes e os fariseus tinham dado ordem para, se alguém soubesse onde ele estava, denunciá-lo, a fim de o prenderem.

João 12:1–19

¹Seis dias antes da Páscoa, foi Jesus para Betânia, onde estava Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos.

²Deram-lhe, pois, ali, uma ceia; Marta servia, sendo Lázaro um dos que estavam com ele à mesa.

³Então, Maria, tomando uma libra de bálsamo de nardo puro, mui precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos; e encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo.

⁴Mas Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, o que estava para traí-lo, disse:

⁵Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres?

⁶Isto disse ele, não porque tivesse cuidado dos pobres; mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava.

⁷Jesus, entretanto, disse: Deixa-a! Que ela guarde isto para o dia em que me embalsamarem;

⁸porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes.

⁹Soube numerosa multidão dos judeus que Jesus estava ali, e lá foram não só por causa dele, mas também para verem Lázaro, a quem ele ressuscitara dentre os mortos.

¹⁰Mas os principais sacerdotes resolveram matar também Lázaro;

¹¹porque muitos dos judeus, por causa dele, voltavam crendo em Jesus.

¹²No dia seguinte, a numerosa multidão que viera à festa, tendo ouvido que Jesus estava de caminho para Jerusalém,

¹³tomou ramos de palmeiras e saiu ao seu encontro, clamando: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor e que é Rei de Israel!

¹⁴E Jesus, tendo conseguido um jumentinho, montou-o, segundo está escrito:

¹⁵Não temas, filha de Sião, eis que o teu Rei aí vem, montado em um filho de jumenta.

¹⁶Seus discípulos a princípio não compreenderam isto; quando, porém, Jesus foi glorificado, então, eles se lembraram de que estas coisas estavam escritas a respeito dele e também de que isso lhe fizeram.

¹⁷Dava, pois, testemunho disto a multidão que estivera com ele, quando chamara a Lázaro do túmulo e o levantara dentre os mortos.

¹⁸Por causa disso, também, a multidão lhe saiu ao encontro, pois ouviu que ele fizera este sinal.

¹⁹De sorte que os fariseus disseram entre si: Vede que nada aproveitais! Eis aí vai o mundo após ele.

Oportunidades Perdidas

Leitura Bíblica 28

- VII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS.
- A. Tarde de sexta-feira: chegada a Betânia (João 11:55—12:1).
 - B. Anoitecer de sábado: um banquete em Betânia (Mateus 26:6–13; Marcos 14:3–9; João 12:2–11).
 - C. Tarde de domingo: a entrada triunfal em Jerusalém (Mateus 21:1–11; Marcos 11:1–11; Lucas 19:29–44; João 12:12–19).
 - D. Segunda-feira: a maldição da figueira, a purificação do templo e a cura de cegos e coxos (Mateus 21:12–19; Marcos 11:12–19; Lucas 19:45–48; 21:37, 38).
 - E. Terça-feira: “o grande dia das perguntas”.
 - 1. Introdução: a figueira seca (Mateus 21:20–22; Marcos 11:20–26).

INTRODUÇÃO

Ocasionalmente, antes de chegar ao ponto culminante de uma pregação, eu preciso esclarecer uma série de questões relacionadas ao tópico do sermão. Depois disso, às vezes paro e digo: “Isto foi só a *introdução*. Agora, vamos ao *sermão*”. Estas palavras fazem muitos olhos se arregalarem e olhares interrogativos se projetarem—especialmente quando grande parte do tempo reservado ao sermão já foi usada. O estudo sobre a vida de Cristo é parecido com isto: a lição anterior completou a “*introdução*”, e agora estamos prontos para “a parte principal”!

Verdades essenciais são ensinadas no material preliminar contido nos relatos do evangelho. Todavia, o propósito principal desse material é nos preparar para os últimos dias do ministério pessoal de Jesus, cujo clímax deu-se na Sua morte e ressurreição. Richard Rogers chamou esse período especial de “os oito dias que mudaram o mundo”¹. Aproximadamente um terço dos relatos do evangelho é dedicado a esses oito dias². João, em particular, concentrou-se no fim da vida de Cristo. Quase me-

tade dos vinte e um capítulos do Livro de João são dedicados aos acontecimentos que ocorreram após a chegada de Jesus a Betânia.

Os últimos dias do Senhor na terra poderiam ser descritos como “o ministério de Cristo em Jerusalém”. Antes disso, Jesus nunca havia passado tanto tempo (até onde sabemos) nem havia gasto tanta energia nessa cidade. Esse foi Seu último esforço concentrado para conduzir Jerusalém e seus líderes—e por meio deles toda a nação—de volta ao plano de Deus para Israel³. Infelizmente, esse foi um período de oportunidades perdidas.

A OPORTUNIDADE DE CRER (MATEUS 26:6–13; MARCOS 14:3–9; JOÃO 11:55—12:11)

João fez um prefácio aos “oito dias que mudaram o mundo”. Primeiramente, ele salientou que “estava próxima a Páscoa dos judeus” (João 11:55a). A Páscoa comemorava a libertação dos israelitas do cativo egípcio, quando foram instruídos a passar o sangue de um cordeiro nos batentes de suas portas (Êxodo 12:1–28)⁴. Durante as festividades da Páscoa, o cordeiro pascal era morto assim como fizeram os israelitas no início do êxodo à Terra Prometida.

¹Richard Rogers, *The Life of Christ and His Teaching* (“A Vida de Cristo e Seu Ensino”). Lubbock, Tex.: Sunset International Bible Institute External Studies Department, 1995, p. 59.

²Hester expôs isto nos seguintes termos: “Dos capítulos que tratam do ministério real de Jesus, quase quarenta por cento são dedicados a suas experiências nesses últimos dias” (H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* [“O Coração do Novo Testamento”]. Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 187).

³“E se [a cidade de Jerusalém], também, tivesse aceitado seu Senhor? Não podemos responder. Só sabemos que a rejeição foi sua reação final” (B. S. Dean, “Esboço da História do Novo Testamento”, *A Verdade para Hoje*, p. 24).

⁴Veja o diagrama “As Festas dos Judeus” na página 28 da primeira edição desta série. Seria útil fazer uma pausa para contar a história de como surgiu essa festa.

Não havia momento mais propício para o sacrifício do “Cordeiro de Deus” “sem defeito e sem mácula” (João 1:29; 1 Pedro 1:19).

João observou a seguir que “muitos daquela região subiram para Jerusalém antes da Páscoa, para se purificarem” (João 11:55b). A purificação cerimonial era necessária antes de ocasiões espirituais (veja Êxodo 19:10, 11), incluindo a festa da Páscoa (veja 2 Crônicas 30:13–20, especialmente v. 17). Os que estivessem cerimonialmente impuros não tinham permissão de comer a Páscoa (veja João 18:28). Como grandes multidões afluíam para Jerusalém por causa da festa⁵, os rituais de purificação podiam levar dias. Os viajantes que tinham condições chegavam antes para garantir que estivessem aptos a participar da festa. As “multidões” mencionadas nesta lição e nas próximas lições eram compostas de peregrinos que haviam chegado uma semana ou mais antes da festa propriamente dita.

Segundo João, os primeiros viajantes a chegar “procuravam Jesus e, estando eles no templo, diziam uns aos outros: Que vos parece? Não virá ele à festa?” (João 11:56). A ressurreição de Lázaro, ocorrida várias semanas antes e sucedida pela decisão dos líderes oficiais de matar Jesus (João 11:1–53), desencadeou uma agitação febril (veja João 12:9, 17–19). “Ora, os principais sacerdotes e os fariseus tinham dado ordem para, se alguém soubesse onde ele estava, denunciá-lo, a fim de o prenderem” (João 11:57)⁶. É possível que esses oficiais tivessem espalhado cartazes por toda Jerusalém e cidades e povoados vizinhos à procura de Jesus⁷. As pessoas almejavam ver Jesus, mas diante do perigo, pensavam que Ele não ousaria comparecer à festa. Por isso João esboçou a situação explosiva que aguardava Jesus enquanto Ele caminhava os últimos quilômetros saindo de Jericó⁸.

Oportunidade Oferecida (Mateus 26:6–13; Marcos 14:3–9; João 12:1–9, 11)

Jesus chegou a Betânia “seis dias antes da Páscoa”, segundo João 12:1⁹. Betânia, que “distava cer-

⁵Segundo fontes seculares, a população da cidade aumentava para milhões nos dias das três festas principais—e a Páscoa era a mais popular delas.

⁶Diríamos que “eles estavam oferecendo uma recompensa a quem denunciasse Jesus” ou que “puseram Sua cabeça a prêmio”.

⁷Poderíamos dizer que “eles fixaram cartazes do tipo ‘procura-se’”.

⁸Veja a conclusão da lição anterior, na página 36.

⁹As narrativas de Mateus, Marcos e Lucas passam imediatamente da saída de Jericó para a entrada triunfal em Jerusalém (Mateus 20:29; 21:1; Marcos 10:46; 11:1; Lucas 19:28,

ca de três quilômetros de Jerusalém” (João 11:18; NVI)¹⁰, era onde moravam Maria, Marta e Lázaro (João 11:1). Ali Cristo ressuscitara Lázaro pouco tempo atrás (João 11:2–46; 12:1). Ele deve ter chegado a Betânia na sexta-feira, perto do pôr-do-sol¹¹.

Presumimos que Jesus passou o sábado judaico calmamente, visitando Seus amigos e talvez participando das reuniões na sinagoga local. A seguir, após o fim do sábado judaico e no começo do primeiro dia da semana judaica, “deram-lhe¹², pois, ali, uma ceia” (João 12:2a). A ceia foi na “casa de Simão” (Mateus 26:6; Marcos 14:3), provavelmente um ex-leproso curado pelo Senhor¹³. Era uma ceia em homenagem a Cristo e Lázaro (João 12:2b, 9).

Durante a refeição, ocorreu a comovente cena de Maria unguendo Jesus¹⁴. Alguns presentes criticaram Maria por esse ato¹⁵, mas Jesus muito a elogiou:

Deixai-a; por que a molestais? Ela praticou boa ação para comigo. Porque os pobres, sempre os tendes convosco e, quando quiserdes, podeis

29). Mateus e Marcos só registraram o jantar em Betânia mais adiante (Mateus 26:6–13; Marcos 14:3–9). Entretanto, o único escritor que forneceu pistas cronológicas da ceia foi João. Ele disse que Jesus chegou a Betânia seis dias antes da Páscoa (João 12:1) e depois disse que a entrada triunfal ocorreu “no dia seguinte” após o banquete em Betânia (12:12). Seguiremos a cronologia de João relativa aos acontecimentos ocorridos em Betânia.

¹⁰Veja o mapa na página 25.

¹¹A refeição da Páscoa era comida na noite do décimo quarto dia do primeiro mês do calendário judaico sagrado. Durante aquele ano em particular, a data parece ter caído numa sexta-feira, ou seja, o dia anterior ao sábado (veja João 19:31). Considerando que Jesus não viajaria no sábado, Ele deve ter chegado pouco antes do sábado começar, uma semana antes da refeição da Páscoa. Veja mais a respeito da cronologia desta última semana, incluindo a controvérsia dos “três dias” em relação à ressurreição de Jesus, no artigo suplementar “Em que dia Jesus morreu?”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 13”, desta série.

¹²O texto é obscuro quanto a quem teria dado a ceia. Visto que o banquete ocorreu na casa de Simão, e não na casa de Marta, provavelmente quem deu a ceia foi um grupo de amigos além de Maria e Marta. Os moradores do povoado podem ter colaborado para a preparação de uma ceia especial para o Senhor. Marta, com sua costureira prontidão, “servia” (João 12:2), estando certamente entre os principais colaboradores do banquete.

¹³Segundo vários comentaristas, Simão poderia ser pai de Marta, Maria e Lázaro.

¹⁴Não se confunda isto com a unção de Lucas 7:36–50. Alguns detalhes são semelhantes, mas o lugar, a hora, a ocasião, os participantes e os resultados são diferentes. Veja comentários sobre a primeira unção nas páginas 25 a 37 da edição “A Vida de Cristo—Parte 4”, desta série.

¹⁵Essa crítica foi obviamente fomentada por Judas (João 12:4, 5), o qual sentiu a repreensão de Jesus agudamente. Nos relatos de Mateus e Marcos, a história da ceia em Betânia é imediatamente sucedida pela história da traição de Judas, talvez com o intuito de ajudar a explicar a traição de Judas.

fazer-lhes bem, mas a mim nem sempre me tendes. Ela fez o que pôde: antecipou-se a ungir-me para a sepultura. Em verdade vos digo: onde for pregado em todo o mundo o evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua (Marcos 14:6–9; veja Mateus 26:10–13).¹⁶

Espalhou-se a notícia de que Jesus e Lázaro estavam ali, e multidões chegavam de Jerusalém, ansiosas por vê-los (João 12:9). Era uma oportunidade para ver uma testemunha viva do poder de Cristo. Por conta disso, “muitos dos judeus... voltavam crendo em Jesus” (João 12:11).

Oportunidade Perdida (João 12:10, 11)

Até os líderes judeus poderiam ter sido persuadidos, mas, o que ateou as chamas da popularidade também alimentou as chamas do ódio¹⁷. A inveja insana do Sinédrio fica evidente na decisão que eles tomaram a seguir: “Mas os principais sacerdotes resolveram matar também Lázaro; porque muitos dos judeus... voltavam crendo em Jesus” (João 12:10, 11). Lázaro não cometeu nenhum crime senão estar vivo quando deveria jazer num túmulo, mas eles viam Lázaro como uma ameaça—por isso ele tinha de morrer¹⁸.

A OPORTUNIDADE DE LOUVAR (MATEUS 21:1–11; MARCOS 11:1–11; LUCAS 19:29–44; JOÃO 12:12–19)

“No dia seguinte” (João 12:12a)¹⁹, talvez no fim da tarde (veja Marcos 11:11), Jesus viajou os três quilômetros de Betânia a Jerusalém. A emocionante entrada na cidade é geralmente chamada de “entrada triunfal”. Todos os quatro relatos do evangelho narram esse episódio, um indicador de sua importância²⁰.

Oportunidade Oferecida (Mateus 21:1–11; Marcos 11:1–11; Lucas 19:29–38; João 12:12–18)

A agitação que se intensificava atingiu o clímax nesse dia. Ao sair de Betânia, Jesus certamente já estava cercado de uma multidão entusiasta (veja Mateus 21:9; Marcos 11:9). Logo depois de Betânia,

¹⁶Veja uma exposição mais detalhada sobre esse acontecimento em “Você já quebrou seu vaso de alabastro?”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 10”, desta série.

¹⁷Esta frase foi adaptada de B. S. Dean, “Esboço da História do Novo Testamento”, *A Verdade para Hoje*, p. 24.

¹⁸Até onde sabemos, o concílio não levou adiante esse plano. Ao que tudo indica, crucificar Jesus satisfaz a sede deles por sangue.

¹⁹Era o primeiro dia da semana. Tenhamos em mente que, para os judeus, era o começo da semana de trabalho, hora de acordar rapidamente após um dia de descanso. A cidade devia estar alvoroçada com as atividades.

²⁰Veja a página 5 da primeira edição desta série.

na encosta do Monte das Oliveiras, ficava a cidadezinha de Betfagé (Mateus 21:1; veja também Marcos 11:1; Lucas 19:29)²¹. Cristo enviou dois discípulos à aldeia com instruções para achar ali uma jumenta e seu jumentinho (Mateus 21:1–3)²². Levaram os dois animais ao Senhor e deitaram suas capas sobre eles para servirem de sela (Mateus 21:6, 7).

Cristo escolheu o jumentinho para Sua montaria²³. Em algumas partes do mundo ainda é comum montar cavalos, mas sempre é complicado montar um jumento. Os judeus viam esses animais com um olhar diferente; os jumentos eram montados até por príncipes em ocasiões especiais²⁴. O cavalo era considerado um símbolo de guerra (veja Jó 39:19–25), enquanto o jumento era símbolo de paz. O Príncipe da Paz montado num jumento era o cumprimento de uma profecia (Mateus 21:4, 5; João 12:14, 15)²⁵.

Quando Jesus montou o jumentinho, a multidão forrou a estrada com capas e folhagens (Marcos 11:8)²⁶. Os gritos da multidão reverberaram de colina a colina:

Hosana²⁷ ao Filho de Davi!
Bendito o que vem em nome do Senhor!...
(Mateus 21:9).

Bendito o reino que vem, o reino de Davi, nosso pai!

²¹Os eruditos não têm certeza quando à localização exata de Betfagé; mas, segundo os relatos do evangelho, ela fica perto de Betânia nas encostas do Monte das Oliveiras.

²²Não sabemos se os acertos quanto a esses animais foram combinados antecipadamente ou se Jesus simplesmente sabia que o dono dos animais (talvez um discípulo) atenderia favoravelmente, assim que ouvisse que “o Senhor precisava deles”. Mateus fala de dois animais, enquanto os outros mencionam só um, o animal sobre o qual Jesus montou.

²³Talvez Jesus tenha escolhido o jumentinho porque ninguém havia montado nele (Marcos 11:2). Muitos escritores acreditam que montar num animal desqualificava-o para o sacrifício (veja Números 19:2; Deuteronômio 21:3; 1 Samuel 6:7). A mãe do jumentinho pode ter ido também para ajudar a amansar o jovem animal.

²⁴Davi tinha uma mula que foi montada na coroação de Salomão (1 Reis 1:33). Uma mula é a cria híbrida gerada pela mistura de um cavalo com um jumento.

²⁵A principal profecia cumprida nesse acontecimento foi Zacarias 9:9, mas também há nesse versículo palavras de Isaías 62:11. Na profecia, “Sião” é um termo poético para Jerusalém.

²⁶Várias sociedades costumavam cobrir o chão para demonstrar estima pelos considerados dignos de honra. Na observância dessa tradição, às vezes se jogavam flores no corredor em que a noiva iria caminhar durante a cerimônia de casamento. Nós também costumamos esticar tapetes vermelhos para celebridades.

²⁷“Hosana” era “uma expressão hebraica que significa ‘Salve!’” (Orville E. Daniel, *A Harmony of the Four Gospels* [“Harmonia dos Quatro Evangelhos”], 2ª ed. Grand Rapids, Mich.: Baker Books, 1996, p. 150).

Hosana, nas maiores alturas! (Marcos 11:10).

Bendito é o Rei que vem em nome do Senhor!
Paz no céu e glória nas maiores alturas! (Lucas 19:38).

Grande parte desses louvores vinha do Salmo 118²⁸, um dos salmos de Hallel²⁹ cantados pelos peregrinos a caminho de Jerusalém. Nesses salmos havia muita terminologia messiânica: “o Filho de Davi”, “o... reino de... Davi”, “o rei que vem em nome do Senhor”. Mais uma vez os homens estavam prontos para coroar Jesus rei (veja João 6:15).

Chegou a Jerusalém a notícia de que Cristo estava chegando. Uma multidão saiu da cidade para encontrá-lo (João 12:12, 13, 17, 18), balançando ramos de palmeiras³⁰ e declamando em coro: “Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor e que é Rei de Israel!” (João 12:12, 13).

Oportunidade Perdida (Lucas 19:39–44; João 12:19)

Jesus já havia dissuadido a multidão de coroá-lo rei numa ocasião anterior (João 6:15). Por que Ele agora permitia aquela demonstração entusiástica? O texto afirma somente que Ele fez isto para cumprir a profecia (Mateus 21:4). Talvez uma outra razão fosse que isso fazia parte do Seu último esforço para compelir Jerusalém (especificamente seus líderes religiosos) a reconhecer que Ele era o Messias.

Para os líderes judeus, aquela foi mais uma oportunidade perdida. Indispostos até a analisar a possibilidade de Jesus ser o Cristo, a resposta deles foi dupla. Primeiramente, eles reclamaram³¹: “Mestre, repreende os teus discípulos!” (Lucas 19:39). Talvez quisessem que Ele os fizesse calar por temerem que o barulho aborrecesse as forças romanas em alerta³². O mais provável é que tenham ficado irritados por ouvir Jesus ser proclamado o Messias. Jesus respon-

deu-lhes: “Asseguro-vos que, se eles se calarem, as próprias pedras clamarão” (Lucas 19:40).

Em segundo lugar, os líderes estavam preocupados. Eles haviam tentado, em vão, difamar Jesus de todas as maneiras possíveis. Concluíram que não “conseguiram nada” (João 12:19a; NVI). “Olhem”, queixaram-se, “como o mundo todo vai atrás dele!” (João 12:19b; NVI). Eles não tinham por que se preocupar. Multidões são instáveis. Essa multidão logo poderia virar as costas para o Senhor (como de fato o fez).

A procissão contornou a encosta ao Sul do Monte das Oliveiras, pronta para descer (Lucas 19:37) para o vale de Cedrom (veja João 18:1). E Jesus, olhando para o panorama abaixo, ficou tomado de profunda tristeza (Lucas 19:41) e lamentou pela cidade: “Ah! Se conheceras por ti mesma, ainda hoje, o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos” (Lucas 19:42)³³. Se Jerusalém tivesse aceitado Jesus como o Messias, teria conhecido a paz, mas o preconceito cegara os olhos do povo (Mateus 13:15). Em vez de gozar de paz, Jerusalém sofreria destruição:

Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco; e te arrasarão e aos teus filhos³⁴ dentro de ti; não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheste a oportunidade da tua visitação (Lucas 19:43, 44).

Essa trágica profecia cumpriu-se em menos de quatro décadas mais tarde, quando exércitos romanos cercaram a cidade. No ano 70 d.C. a cidade foi sitiada por Tito durante cento e quarenta e três dias. Seiscentos mil judeus foram mortos e outros milhares foram capturados. Deus havia concedido a Jerusalém uma “oportunidade... [de] visitação”: Ele foi até a cidade na pessoa de Jesus Cristo, Seu Filho (João 14:19), mas ela se recusou a reconhecê-lo. Por fim, pagou um preço terrível por perder tamanha oportunidade.

Os inimigos de Jesus se preocupavam, e Ele chorava; mas a multidão continuava com o mesmo humor de um feriado. A procissão desceu a encosta até o vale, cruzou o Cedrom e depois subiu até os portões da cidade. Enquanto passavam pelas ruas estreitas, os habitantes indagavam: “Quem é este?” (Mateus 21:10), e ouviam: “Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galiléia!” (Mateus 21:11).

²⁸Observe especialmente os versículos 25 e 26. Salmos 118 era considerado um salmo messiânico. Observe também os versículos 22 e 23, frequentemente citados no Novo Testamento (Mateus 21:42; Atos 4:11, por exemplo).

²⁹“Hallel” é uma palavra hebraica que significa “louvor”.

³⁰Na cultura judaica, os ramos de palmeira simbolizavam vitória e júbilo. Veja a edição “Apocalipse—Parte 4” de *A Verdade para Hoje*, p. 38.

³¹Lucas 19:39 observa que os murmuradores e provocadores eram fariseus.

³²O número de soldados romanos em Jerusalém era notavelmente aumentado durante dias de festa, por temerem uma insurreição. O fato de os romanos aparentemente nem notarem a entrada triunfal sugere que eles a viram como algo pacífico, sem conseqüências políticas.

³³Compare o lamento de Jesus sobre Jerusalém com Lucas 13:34 e 35 (veja também Mateus 23:37–39).

³⁴Nesta passagem “teus filhos” refere-se aos cidadãos de Jerusalém.

O alvoroço tomou conta da multidão quando adentraram o templo. Com certeza, aquele era o momento em que Jesus estabeleceria o Seu reino! Em vez disso, “tendo observado tudo, como fosse já tarde”, Jesus apenas “saiu para Betânia com os doze” (Marcos 11:11). Como o povo deve ter ficado confuso e decepcionado! Provavelmente disseram: “Amanhã! Talvez amanhã será ao dia!”

A OPORTUNIDADE DE RENOVAR (MATEUS 21:12–17; MARCOS 11:12A, 15–19; LUCAS 19:45–48)

Oportunidade Oferecida (Mateus 21:12–15; Marcos 11:12, 15–17; Lucas 19:45–47)

Na manhã seguinte, Jesus tornou a sair de Betânia e ir para Jerusalém (Marcos 11:12a), desta vez numa viagem mais tranqüila, com destino ao templo. Jesus havia purificado o templo no começo do Seu ministério público (João 2:13–17)³⁵; agora Ele o purificaria mais uma vez³⁶. No âmago dos problemas da nação estava a falta de um relacionamento correto com Deus—isto é evidenciado pela corrupção que maculava a adoração.

Tendo Jesus entrado no templo, expulsou todos os que ali vendiam e compravam; também derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. E disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a transformais em covil de salteadores (Mateus 21:12, 13).

Um outro indicador da falta generalizada de reverência era o fato de o pátio, aberto ao público, ser usado como atalho, ligando dois extremos da cidade. Cristo interrompeu tudo isso. “Não permitia que alguém conduzisse qualquer utensílio³⁷ pelo templo” (Marcos 11:16).

Após purificar o templo, Jesus começou a ensinar (Marcos 11:17; veja também Lucas 21:37) e “toda a multidão se maravilhava de sua doutrina” (Mar-

cos 11:18). Então, “vieram a ele, no templo, cegos e coxos, e ele os curou” (Mateus 21:14). Este é o único registro de cura dentro do templo.

Algumas pessoas certamente ficaram decepcionadas por Cristo não ter estabelecido Seu reino no dia anterior, mas, em geral, a empolgação continuava. Crianças que haviam entrado no templo com os pais³⁸ começavam a ecoar as palavras que enchera Jerusalém no dia anterior: “os meninos clamando: Hosana ao Filho de Davi!” (Mateus 21:15b).

Oportunidade Perdida (Mateus 21:15–17; Marcos 11:18, 19; Lucas 19:47, 48)

“Os principais sacerdotes e os escribas” viram “as maravilhas que Jesus fazia e os meninos clamando... [dentro do templo]” (Mateus 21:15a, b)—mas seus corações endurecidos permaneciam intocáveis. “Indignaram-se” e perguntaram ao Senhor: “Ouves o que estes estão dizendo?” Jesus respondeu: “Sim; nunca lestes: Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor?” (Mateus 21:15c, 16a)³⁹.

Em vez de derreter os corações da hierarquia judaica, tudo o que “as maravilhas” de Jesus acabaram por fazer foi convencer ainda mais os líderes religiosos a destruir Jesus (Marcos 11:18; Lucas 19:47). Todavia, eles estavam frustrados devido à popularidade de Jesus (Marcos 11:18). Temiam prender Jesus durante o dia, quando “todo o povo, ao ouvi-lo, ficava dominado por ele” (Lucas 19:48); e não poderiam prendê-lo à noite, pois não sabiam onde Ele estava se hospedando⁴⁰.

Jesus continuou ensinando pelo resto do dia⁴¹. Depois, ao anoitecer, saiu do templo e voltou para Betânia (Mateus 21:17; veja Marcos 11:19)⁴².

A OPORTUNIDADE DE DAR FRUTO (MATEUS 21:18–22; MARCOS 11:12–14, 20–26)

Na metade do drama, ocorreu um incidente estranho. Ele parece incompatível com tudo o que estava acontecendo e com o que sabemos a respeito da personalidade de Jesus. Os comentaristas geral-

³⁵Veja as páginas 44 e 45 da edição “A Vida de Cristo—Parte 2”.

³⁶Mateus e Lucas combinaram a entrada triunfal com a purificação do templo, mas Marcos esclareceu que a purificação de fato ocorreu no dia seguinte (Marcos 11:1, 11, 12, 15). Neste caso, por que Jesus não purificou o templo no domingo? Como já era tarde quando Cristo foi ao templo no domingo (Marcos 11:11), alguns acreditam que os comerciantes do templo já haviam ido para casa naquele dia. Outros acreditam que Jesus verificou a situação no sábado e depois voltou na segunda-feira para fazer o que precisava ser feito. A resposta franca à pergunta é “não sabemos ao certo”.

³⁷O grego traduzido por “utensílio” é uma palavra genérica que pode referir-se a vasilhas, mobília doméstica e itens afins.

³⁸Essas crianças estavam visitando o templo com os pais assim como fez Jesus com Maria e José aos doze anos de idade (Lucas 2:41–51).

³⁹Esta citação é de Salmos 8:2 na Septuaginta.

⁴⁰Judas logo resolveria esse dilema para eles.

⁴¹Algumas harmonias colocam aqui o incidente dos gregos que procuraram ver Jesus (e o ensino que veio a seguir; João 12:20–50), e este *pode* ter ocorrido na segunda-feira. Outros acreditam que ele se encaixe melhor na ocupadíssima terça-feira, e é aí que posicionamos esse episódio no nosso esboço.

⁴²Parece que Jesus variou o local em que pernitoou durante a semana (veja Lucas 21:37). Talvez o propósito disso fosse dificultar que o concílio O encontrasse a cada noite.

mente interpretam o acontecimento como uma ilustração prática relativa à nação dos judeus.

Oportunidade Oferecida (Mateus 21:18, 19; Marcos 11:12–14)

Segunda-feira de manhã, quando Jesus seguia para Jerusalém, Ele “teve fome” (Marcos 11:12; Mateus 21:18). Ele e os discípulos devem ter saído de Betânia antes da primeira refeição do dia, a qual os judeus comiam na metade da manhã.

“E, vendo de longe uma figueira com folhas, foi ver se nela, porventura, acharia alguma coisa” (Marcos 11:13a)⁴³. Marcos explicou que “não era tempo de figos” (Marcos 11:13c); a Páscoa caíra no fim de março ou começo de abril, e a estação dos figos só começava no fim de maio ou começo de junho⁴⁴. Apesar disso, Jesus pensou que a árvore pudesse ter figos porque ela possuía folhas. Via de regra, os frutos começavam a aparecer antes das folhas. Uma árvore com folhas era, com efeito, sinal de que ela possuía ao menos figos verdes pequenos e comestíveis.

Ao contrário disso, quando Cristo chegou perto da árvore, “nada achou, senão folhas” (Marcos 11:13b). Ele condenou a árvore, dizendo: “Nunca jamais coma alguém fruto de ti!”⁴⁵ E seus discípulos ouviram isto” (Marcos 11:14; veja também Mateus 21:19 e Marcos 11:21).

Oportunidade Perdida (Mateus 21:20–22; Marcos 11:20–26)

Na manhã seguinte, Jesus e os doze fizeram o mesmo trajeto. Quando chegaram até a figueira, esta “secara desde a raiz” (Marcos 11:20). Uma árvore doente leva semanas para morrer. Primeiro, algumas folhas ficam amarronzadas, depois mais folhas, até que fique óbvio que a árvore inteira está morta. A figueira secou da noite para o dia.

Era óbvio que ocorrera ali um milagre—um milagre estranho, com certeza, mas era um milagre. Os discípulos ficaram admirados. Pedro disse: “Mestre, eis que a figueira que amaldiçoaste secou” (Marcos

⁴³O fato de Jesus não saber que a árvore era estéril é uma outra ilustração de Cristo ter renunciado a algumas de Suas prerrogativas divinas para vir à terra (Filipenses 2:6, 7)—neste caso, Sua onisciência (veja também Mateus 24:36).

⁴⁴Veja Mateus 24:32. O fim de maio ou o começo de junho era quando a primeira safra normalmente amadurecia; às vezes havia uma safra posterior em agosto ou setembro.

⁴⁵Mateus combinou o episódio da figueira da segunda-feira de manhã com o da terça-feira de manhã; por isso ele escreveu que “a figueira secou imediatamente” (Mateus 21:19). Sem dúvida, a árvore começou a secar imediatamente, embora os discípulos só tenham percebido isso no dia seguinte.

11:21). Os escritores se perguntam *por que* Jesus fez esse milagre; os doze queriam saber *como* Ele o fizera (Mateus 21:20).

Jesus repetiu parte do ensino sobre o poder da fé que Ele já havia proferido (Marcos 11:22–24; Mateus 21:21, 22; veja Mateus 17:20⁴⁶). A seguir, acrescentou uma admoestação relativa a perdoar o próximo (Marcos 11:25, 26). Talvez Ele não quisesse que os discípulos tivessem a impressão de que o fato dEle ter amaldiçoado uma figueira lhes daria o direito de amaldiçoar pessoas.

Poderíamos mudar de assunto aqui, mas persiste o fato de que esse milagre foi diferente de qualquer outro realizado por Cristo. Os demais milagres foram de misericórdia, mas este milagre foi de juízo ou condenação. De acordo com o contexto, é difícil não ver o incidente como uma parábola ao vivo e em cores. Há um paralelo sinistro entre a figueira e o povo que Jesus estava tentando alcançar em Jerusalém. J. W. McGarvey escreveu: “O leitor dificilmente deixa de notar como essa figueira tipifica o povo judeu, em sua separação das outras árvores, em suas pretensões ostentosas, em sua esterilidade de resultados e em sua condenação”⁴⁷. Cristo estava rodeado pelo corre-corre dos preparativos para a festa da Páscoa. Isto deveria ser prova de uma profunda espiritualidade, mas tudo não passava de “folhas” (Marcos 11:13).

Também é difícil deixar de fazer uma aplicação pessoal desta cena. A Bíblia ensina que cada um de nós, como seguidor de Jesus, deve “dar fruto” (Mateus 7:19; Marcos 4:20; João 15:2, 8, 16; Romanos 7:4; veja Gálatas 5:22, 23). Será que quando o Senhor olha para nossas vidas, Ele não vê “nada senão folhas”?

CONCLUSÃO

Esta lição foi sobre oportunidades perdidas. Os gregos ilustravam a oportunidade como uma mulher com um penteado estranho: comprido na frente e curto atrás. Eles chamavam a atenção para o fato de que os cabelos poderiam ser agarrados quando ela chegasse, mas não quando ela saísse. A imagem ilustrava que oportunidades negligenciadas estão

⁴⁶Veja as páginas 19 a 21 de “A Vida de Cristo—Parte 7”.

⁴⁷McGarvey acrescentou esta precaução: “Mas não devemos fazer essa aplicação da parábola confiadamente, uma vez que o próprio Jesus não deu indício de que Ele visava que a aplicássemos dessa forma” (J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* [“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”]. Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, pp. 581–82).

perdidas para sempre. Toda oportunidade é importante, mas nossa oração especial é para que nenhum de nós perca as seguintes oportunidades⁴⁸:

- A oportunidade de crer em Cristo.
- A oportunidade de louvar o Senhor.
- A oportunidade de renovar-se espiritualmente.
- A oportunidade de dar fruto para Deus.

Lucas 21:37 e 38 apresenta este resumo das atividades de Jesus durante a última semana de Seu ministério pessoal: “Jesus ensinava todos os dias no templo, mas à noite, saindo, ia pousar no monte chamado das Oliveiras. E todo o povo madrugava para ir ter com ele no templo, a fim de ouvi-lo”. Nas próximas lições, estudaremos um desses dias detalhadamente: a terça-feira, “o grande dia das perguntas”.

⁴⁸Se quiser, faça uma revisão dos pontos principais da lição ao concluí-la.

A Harmonia

VII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).

E. Terça-feira: "O Grande Dia das Perguntas" (continuação).

2. Uma pergunta sobre autoridade:
 - a. A pergunta e a resposta de Jesus (Mateus 21:23–27; Marcos 11:27–33; Lucas 20:1–8).
 - b. Parte de Sua resposta: três parábolas.
 - 1) A parábola dos dois filhos (Mateus 21:28–32).
 - 2) A parábola dos lavradores maus (Mateus 21:33–46; Marcos 12:1–12; Lucas 20:9–19).
 - 3) A parábola do banquete de casamento do filho do rei (Mateus 22:1–14).
3. Uma série de perguntas:
 - a. Fariseus e herodianos perguntam sobre o pagamento de tributos (Mateus 22:15–22; Marcos 12:13–17; Lucas 20:20–26).
 - b. Saduceus perguntam sobre a ressurreição (Mateus 22:23–33; Marcos 12:18–27; Lucas 20:27–39).
 - c. Um escriba pergunta sobre o maior mandamento (Mateus 22:34–40; Marcos 12:28–34; Lucas 20:40).
 - d. Jesus pergunta sobre "o Cristo" (Mateus 22:41–46; Marcos 12:35–37; Lucas 20:41–44).
4. Cristo denuncia os escribas e fariseus (Mateus 23:1–39; Marcos 12:38–40; Lucas 20:45–47).
5. A oferta de uma viúva (Marcos 12:41–44; Lucas 21:1–4).
6. Um discurso para as multidões.
 - a. Jesus procurado por gentios (João 12:20–22).
 - b. A morte iminente de Jesus — por judeus e gentios (João 12:23–36).
 - c. Jesus é rejeitado por judeus (João 12:37–50).
7. Um discurso para os apóstolos sobre a destruição de Jerusalém e a segunda vinda.
 - a. Comentários e perguntas (Mateus 24:1–3; Marcos 13:1–4; Lucas 21:5–7).
 - b. Ensino sobre a destruição de Jerusalém.
 - 1) Acontecimentos não relacionados à destruição de Jerusalém (Mateus 24:4–14; Marcos 13:5–15; Lucas 21:8–19).
 - 2) O acontecimento relacionado à destruição de Jerusalém (Mateus 24:15–35; Marcos 13:14–31; Lucas 21:20–36).
 - c. Ensino sobre a segunda vinda.
 - 1) Ensino geral
 - a) A segunda vinda não será anunciada (Mateus 24:36–41; Marcos 13:32).
 - b) A necessidade de estar pronto (Mateus 24:42–51; Marcos 13:33–37).

Você já quebrou seu vaso de alabastro?¹

*Mateus 26:6-13:
Marcos 14:3-9:
João 12:1-8,
Olhando de perto*

Poucos acontecimentos comoveram Jesus como um incidente registrado em Mateus 26, Marcos 14 e João 12. Talvez Ele tenha se comovido porque a cruz estava apenas a alguns dias dali e Seu coração já estava pesado. Talvez Ele tenha Se sensibilizado com o contraste entre o ódio de Seus inimigos (Marcos 14:1, 2) e o amor demonstrado nessa ocasião. Ele pode até ter sido tocado porque passara a vida toda dando e raramente recebera um gesto de gratidão. De qualquer maneira, Cristo sentiu-Se motivado a expressar o mais elevado elogio de Seu ministério.

O fato ocorreu durante o que alguns denominam “a penúltima ceia”³. Já ouvimos sobre a última ceia e precisamos também estar familiarizados com a penúltima ceia. Ambas contêm um memorial. Durante a última ceia, Jesus instituiu a Ceia do Senhor e disse: “...faizei isto em memória de mim” (Lucas 22:19). Durante a penúltima ceia, Cristo disse: “Onde for pregado em todo o mundo o evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua” (Marcos 14:9).

A esta altura, você já deve ter presumido que o incidente é o de Maria unguendo Jesus, uma das his-

¹Grande parte deste sermão baseia-se em William S. Banowsky, “Breaking Alabaster Boxes,” *Sermons of William S. Banowsky* (“Sermões de William S. Banowsky”), Great Preachers of Today series, vol. 11, ed. J. D. Thomas. Abilene, Tex.: Biblical Research Press, 1967, pp. 20-27. Fontes adicionais serão citadas nas notas de rodapé e nas seções de “Notas” após o sermão.

²Grande parte deste sermão baseia-se em William S. Banowsky, “Breaking Alabaster Boxes,” *Sermons of William S. Banowsky* (“Sermões de William S. Banowsky”), Great Preachers of Today series, vol. 11, ed. J. D. Thomas. Abilene, Tex.: Biblical Research Press, 1967, pp. 20-27. Fontes adicionais serão citadas nas notas de rodapé e nas seções de “Notas” após o sermão.

³Ibid., p. 20. Provavelmente aquela não foi a penúltima ceia que Jesus *comeu*, mas é a última *registrada* antes da Festa da Páscoa.

tórias mais belas dos relatos do evangelho. Analisaremos, primeiramente, as personagens e a situação e depois faremos a aplicação. Usaremos basicamente o relato de Marcos⁴, mas também recorreremos ao de João, em busca de detalhes⁵.

O RELATO

A história começa com: “Estando ele [Jesus] em Betânia... em casa de Simão, o leproso” (Marcos 14:3a). Jesus havia ido a Jerusalém para a Páscoa. Segundo João, faltavam “seis dias” para a festa (João 12:1). Como era Seu costume, Cristo estava passando um tempo na cidadezinha de Betânia, alguns quilômetros a sudeste de Jerusalém.

Quando ficava em Betânia, Ele geralmente visitava Maria, Marta e Lázaro (veja Lucas 10:38; João 11:1, 5; 12:1); mas naquela ocasião, “Simão, o leproso” convidou-O para jantar. Podemos presumir seguramente que Simão era um leproso *purificado*; pois as pessoas *não* comeriam com alguém que ainda estivesse infectado por essa doença. Simão sem dúvida havia sido curado por Jesus. Entre os presentes à refeição estava Lázaro, que aparentemente era um convidado de honra (João 12:2); Marta, que estava (como sempre) servindo (João 12:2; veja Lucas 10:40); Maria (João 12:3) e os discípulos de Cristo (Mateus 26:8).

Visualizemos a cena: os convidados estavam

⁴Os relatos de Mateus e Marcos são quase idênticos. A decisão de usar Marcos foi meramente arbitrária.

⁵Se quiser, incentive seus ouvintes a deixarem marcas as duas referências, para que consultem ambas no decorrer do sermão.

reclinados (Marcos 14:3b) em volta de uma mesa baixa, apoiados no cotovelo esquerdo e comendo com a mão direita. Em algum momento durante o banquete, Simão provavelmente falou da cura que o Senhor operara nele, tirando o braço para fora da túnica para mostrar a pele firme e limpa, antes infestada de lepra. Todavia, dentre todos os presentes, o narrador mais impressionante deveria ser Lázaro: “Deixe-me contar para vocês como é ser ressuscitado dos mortos!”, pode ter anunciado ele. Talvez ele tenha falado da agonia de morrer e da escuridão que lhe sobreveio¹. “Mas, daí”, diria ele, “de longe, ouvi: ‘Lázaro, vem para fora!’ [João 11:43], e a vida voltou para o meu corpo!” Sorrisos devem ter se espalhado pela sala enquanto recordavam como Lázaro havia ressurgido do sepulcro, ainda envolto nas faixas do sepultamento. Que noite maravilhosa deve ter sido aquela!

Enquanto tudo isto se passava, Maria — a calada Maria — observava. Ela pode ter ajudado Marta a servir (veja Lucas 10:40), mas sua atenção estava voltada para o Senhor; seu coração transbordava de amor. Ela queria expressar gratidão pelo Amigo que devolveu a vida ao seu irmão. Talvez Maria não fosse boa com as palavras; o que faria para mostrar *como* se sentia? Uma idéia lhe ocorreu: tinha, guardado num armário, um recipiente reservado para uma ocasião especial, “um vaso de alabastro com preciosíssimo perfume de nardo puro” (Marcos 14:3; João 12:3).

Nardo² era um unguento vermelho-róseo caro, importado da longínqua Índia, uma mistura de óleo e perfume líquido extraído de uma planta rara. Era comumente usado para preparar corpos para o sepultamento³. O unguento de Maria estava guardado num vaso feito de alabastro. Alabastro era um mármore branco caríssimo importado do oeste do Egito.

Maria correu para pegar o recipiente e, coalhando-o entre as mãos, levou-o até o local do banquete. Com certeza todos ficaram boquiabertos e atônitos enquanto Maria, “quebrando o alabastro, derramou o bálsamo” (Marcos 14:3b), unguendo o Senhor. Os convidados presentes não teriam se surpreendido se ela tivesse retirado a tampa do vaso,

¹Como Paulo disse mais tarde que não lhe era permitido dizer o que viu no “terceiro céu” (2 Coríntios 12:2-4), os detalhes de Lázaro relativos à vida após a morte provavelmente eram obscuros.

²A ERC diz “unguento de nardo”.

³Perguntam alguns por que esse unguento não fora usado para unguir o corpo de Lázaro. Talvez a família possuísse dois vasos, tendo utilizado um para Lázaro e guardado o outro.

deixando cair somente algumas gotas do líquido na cabeça de Jesus (veja Lucas 7:46), mas ela destruiu o recipiente⁴. Ela não reteve nada ao expressar seu amor e sua gratidão.

Segundo Marcos, Maria ungiu a cabeça de Cristo (Marcos 14:3); João observou que ela ungiu Seus pés (João 12:3a). Hoje, poderíamos dizer que ela O ungiu “da cabeça aos pés”. A seguir, ela “os enxugou com os seus cabelos; e encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo” (João 12:3b)⁵.

A essa altura, os que antes emudeceram diante da ousadia de Maria puseram-se a falar:

Indignaram-se alguns entre si e diziam: Para que este desperdício de bálsamo? Porque este perfume poderia ser vendido por mais de trezentos denários⁶ e dar-se aos pobres. E murmuravam contra ela (Marcos 14:4, 5).

Segundo João, a crítica foi levantada por Judas (João 12:4, 5).

Um denário era a diária de um trabalhador braçal (Mateus 20:2). Trezentos denários eram praticamente o que um trabalhador ganhava num ano. Qualquer que seja o cálculo, o unguento valia milhares de dólares!⁷ Na opinião dos críticos aquilo parecia um terrível desperdício.

Certamente esperavam que o Senhor concordasse com eles. Afinal de contas, Ele levava uma vida simples, sem luxos, não era a favor de desperdícios⁸ e, além disso, incentivava a compaixão pelos pobres⁹. Talvez eles pensassem que Jesus a condenaria; ao contrário disso, porém, Ele a elogiou:

⁴Barclay sugeriu que, quando um frasco de unguento era usado para unguir o corpo do falecido, os fragmentos do frasco eram colocados no lugar do sepulcro para sinalizar que nada fora poupado para honrar o morto (William Barclay, *The Gospel of Mark* [“O Evangelho de Marcos”], ed. rev., The Daily Study Bible series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 326).

⁵Conheço a história de um garotinho (um parente) que, certo dia, encharcou-se com a colônia de seu pai quando nós estávamos visitando a família. Quando ele entrou na sala, ela “se encheu” com o aroma! Talvez você tenha uma experiência semelhante para partilhar com seus ouvintes.

⁶A ERC diz “de muito preço”, mas o termo grego usado é “denários”.

⁷Se quiser, calcule quanto seria o salário anual de um trabalhador braçal na sua região. No Brasil, seriam doze salários-mínimos.

⁸Exemplificando, após alimentar os cinco mil, Ele mandou juntar as sobras (Mateus 14:20).

⁹Veja, por exemplo, Mateus 19:21; Lucas 14:13. Segundo muitos eruditos, uma das características da Páscoa era a doação de esmolas aos pobres.

Deixai-a; por que a molestais? Ela praticou boa ação para comigo. Porque os pobres, sempre os tendes convosco¹ e, quando quiserdes, podeis fazer-lhes bem², mas a mim nem sempre me tendes. Ela fez o que pôde: antecipou-se a ungir-me para a sepultura (Marcos 14:6-8).

Cristo sabia uma coisa que eles não sabiam: Ele sabia que Sua hora havia chegado (João 12:23; 13:1; 17:1). Ele sabia que, em poucos dias, seria pen-durado numa cruz. Duvido que Maria entendesse o simbolismo do seu ato. Do ponto de vista dela, aquela era simplesmente uma expressão de amor e gratidão. Jesus, porém, viu ali um significado espe-cial: ela estava preparando Seu corpo para o sepul-tamento.

Pensemos no que aconteceria mais adiante, a morte e o sepultamento de Jesus. Ele morreu al-gumas horas antes do pôr-do-sol, pouco antes do início do sábado judaico (Lucas 23:54). José de Arimatéia levou o corpo para o seu túmulo. Ele e Nicodemos prepararam rapidamente o corpo para o sepultamento, mas não houve tempo suficiente para o devido serviço³. Por isso várias mulheres que observavam a tudo “se retiraram para preparar aromas e bálsamos” (Lucas 23:56), na intenção de terminar a tarefa um dia após o sábado (Lucas 24:1). Entretanto, quando chegaram ao túmulo no primei-ro dia da semana, o corpo do Senhor não estava lá (Lucas 24:2, 3); Ele havia ressuscitado (Lucas 24:6). Não houve tempo antes nem depois do sábado para prepararem devidamente Seu corpo para o sepul-tamento — mas isso não importava. Maria já havia ungido Seu corpo antecipadamente.

O Senhor concluiu: “Em verdade vos digo: onde for pregado em todo o mundo⁴ o evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua” (Marcos 14:9). Em todos os lugares aonde o evange-lho foi levado, homens e mulheres ouviram sobre o presente de amor de Maria. A fragrância daquele alabastro não encheu só uma casa em Betânia, mas tem enchido o mundo inteiro.

¹Veja, por exemplo, Deuteronômio 15:11.

²Deus *quer* que façamos o bem aos pobres (Provérbios 19:17; Gálatas 2:10).

³José e Nicodemos fizeram o melhor que puderam dentro do tempo que tiveram (João 19:38-40), mas tudo indica que eles deixaram o trabalho não terminado. As mulheres que observavam decidiram terminar os preparativos. Parece ser esse o significado de Lucas 23:53 — 24:1.

⁴Grande fé e confiança estão presentes nessa declaração. Com a mesma convicção, Jesus falou de Seu sepultamento e também do evangelho ser espalhado para todo o mundo. Com isto, Ele expressou confiança em Sua ressurreição e nos discípulos levando as boas novas a todo o mundo.

A APLICAÇÃO

Quais lições aprendemos com esta história? Muitas lições já foram sugeridas. Consideraremos três delas⁵. Elas se justapõem, mas cada uma é digna de menção especial.

O Amor Antevê Economia na Extravagância

Em primeiro lugar, quem ama vê economia na extravagância. Isto soa como uma contradição: como pode haver *economia* na *extravagância*? Não há economia em todo tipo de extravagância, mas pode haver economia em expressões de *amor*.

Façamos, por um momento, um contraste entre duas personagens centrais da história para enten-dermos este ponto: Maria e Judas⁶. Ambos eram discípulos do Senhor. Ambos estiveram próximos a Ele. Ambos conversaram com Ele e O ouviram. Ha-via, porém, uma diferença básica entre os dois: um O amava, enquanto o outro não. Por isso, para um, a extravagância era uma expressão de amor; e para o outro, era um desperdício.

*Será que era um desperdício? O que mais Maria poderia ter feito com o unguento? Como sugeriram seus críticos, ela poderia ter vendido o perfume e ter dado o dinheiro aos pobres. Isso teria sido um ato nobre; somos instruídos a “nos lembrarmos dos pobres” (Gálatas 2:10). No fim, porém, qual teria sido o resultado em longo prazo? Como disse Jesus, sempre haverá pobres. Novamente, ela poderia ter guardado o unguento para si mesma ou para sua família. Alguns de nós raciocinamos assim: “Por que devo dar meus bens, quando [eu] tenho tantas necessidades? Simão o vizinho, tem uma carroça nova, e a minha já tem três anos! Eu *preciso* mesmo de uma carroça *nova!*” Obviamente, Maria poderia ter deixado o nardo na prateleira, intacto e sem abençoar ninguém. Se ela tivesse tomado uma des-sas decisões, o mundo teria ficado mais pobre, pois teríamos sido privados do seu exemplo inspirador de amor abnegado.*

Pense por um instante num momento especial ocorrido em sua vida. Você tem alguma coisa em mente? Se tiver, provavelmente não será um daque-les momentos em que alguém foi totalmente prático: “Acabei de vender um imóvel... ou um negócio... ou uma vaca... e vou depositar todo o dinheiro no banco, onde renderá juros!” É mais provável que esse momento especial tenha sido uma ocasião em

⁵Estas três lições são adaptações de Banowsky, pp. 23-26.

⁶Uma porção de discípulos ficou do lado de Judas, mas Judas tomou a frente da crítica.

que alguém lhe disse com lágrimas nos olhos: “Você não devia ter feito isso; não precisava...”¹

Alguns aqui quebraram seus vasos de alabastro para pagar os estudos dos filhos²; foi um investimento caro. No passado, homens e mulheres quebravam seus vasos de alabastro para construir prédios para as reuniões da igreja do Senhor; e isto foi um sacrifício³ que acabou abençoando muitas vidas.

A Falta de Amor Só Vê Desperdício

Quem ama pode ver economia na extravagância, mas quem não ama não pode ver isto. Pelo contrário, quem não ama vê expressões de amor como desperdícios e não possui a capacidade de compreender os presentes extravagantes.

João nos forneceu a seguinte explicação para o estado mental do principal crítico:

Mas Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, o que estava para traí-lo, disse: Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres? Isto disse ele, não porque tivesse cuidado dos pobres; mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava (João 12:4–6).

Judas não estava interessado nos pobres. Ele teria preferido vender o unguento e depositar o lucro na bolsa de dinheiro, à qual ele tinha acesso. Não é de admirar que ele tenha considerado a extravagância de Maria um desperdício!

Não deveríamos acusar todos os críticos de terem os mesmos motivos desonestos de Judas, mas ainda é verdade que, quando os pensamentos de um indivíduo são egocêntricos em vez de altruístas, presentes extravagantes parecem a ele um desperdício. É como o caso de um rapaz, ainda estudante, que compra para a namorada um anel de noivado. Embora a pequena jóia não seja absolutamente das mais caras, ele gasta a metade de suas economias naquela aquisição. Levando em conta sua condição financeira e a responsabilidade financeira que ele assumiu, será que alguém poderia considerar o ato desse jovem imprudente? Talvez... mas, se eles forem felizes juntos, com o passar do tempo aquele será o melhor investimento que aquele rapaz terá feito.

Em questões seculares, quem não ama vê expressões de amor como desperdícios; o mesmo se

¹Muitos exemplos de experiências vivenciadas por você devem vir à tona em sua mente.

²Talvez a faculdade, ou as idas até a escola.

³O propósito das duas sentenças anteriores é ilustrar como pode-se fazer uma aplicação à congregação como um todo. Adapte isto como convier na cultura dos seus ouvintes.

aplica ao trabalho do Senhor. Certa irmã avançada em idade, residente em Los Angeles, ficava acomodada grande parte da semana, mas adorar a Deus significava tanto para ela que ela raramente faltava num culto dominical. Os parentes daquela senhora não partilhavam do seu entusiasmo religioso. Um deles disse o seguinte a essa irmã: “Aposto que se você estiver morrendo e chegar a hora de ir para a igreja, você vai se levantar e ir!”⁴

Certo empresário da cidade de Oklahoma era surpreendentemente generoso em suas ofertas à igreja. Seu contador lhe disse o seguinte: “Você está doando mais do que o governo permite. Meu conselho é cortar suas contribuições até o limite dedutível”. O irmão replicou: “A razão para eu dar é o amor, e não as deduções”. Aos olhos de quem não possui uma profunda afeição pelo Senhor, as expressões extravagantes de amor a Ele sempre parecerão excessivas e imprudentes — e, sim, até desperdícios.

O Amor Agarra a Oportunidade

Nossa última lição é muito importante: o verdadeiro amor agarra a oportunidade para expressar-se. Geralmente, o momento em que esse tipo de oportunidade se apresenta é único; uma vez perdida, ela é irrecuperável.

Jesus disse que Maria “antecipou-se a ungi-[IO] para a sepultura” (Marcos 14:8). E se Maria tivesse tido outros pensamentos enquanto pegava o vaso de unguento? E se ela tivesse se perguntado: “Como vou explicar esta extravagância para Marta, que é tão prática?” Ela poderia ter devolvido o recipiente à prateleira por conta desta racionalização: “Assim que este momento de agitação passar, Marta, Lázaro e eu poderemos ter uma reunião em família para decidir o que fazer com o unguento. Provavelmente, vão sentir o mesmo que eu. Daí, poderemos fazer uma oferta adequada deste presente para o nosso Amigo — assim que a festa terminar”. Como Maria teria se sentido ao olhar para Cristo na cruz e pensar na oportunidade que perdera?

Será que alguns de nós temos guardado a salvo nosso vaso de alabastro no fundo de uma prateleira, em algum lugar — intocado, ileso, reservado não para o Senhor ou para outras pessoas, mas reservado só para nós mesmos? Nesse caso, quantas lágrimas

⁴Esta e a próxima ilustração são de Banowsky, pp. 24–25.

derramaremos mais tarde, quando avaliarmos as oportunidades que perdemos para expressar amor e gratidão? Sem querer colocar os ministros na posição de juiz, muitos que presenciaram centenas de enterros, percebem que geralmente as lágrimas que certos enlutados derramam nos velórios devem-se mais a um “Eu te amo”, ou a um “Muito obrigado” que não foi dito ao falecido em vida.

Analisemos também esta possibilidade: e se, quando o Senhor voltar, nossos vasos de alabastro de tempo, talentos, energia e bens ainda estiverem intactos? No mínimo, eles sofrerão de imediato uma desvalorização brusca.

CONCLUSÃO

Nenhum pregador Cristão defenderia o desperdício, nem recomendaria que os fiéis gastem o dinheiro que não têm. O que estamos sugerindo é que há hora e lugar também para expressões extravagantes de amor. William Barclay escreveu: “O amor nunca calcula; o amor nunca pensa em dar o mínimo decente; o desejo de quem ama é dar até os últimos limites; e, quando ele já deu tudo que tem para dar, ainda pensa que foi pouco”²⁴.

Certamente você pode pensar em muitos exemplos de extravagâncias de amor, mas o maior exemplo é o presente que Deus nos deu (João 3:16). Por causa do Seu amor por nós, o Senhor não levou em conta o preço. Agora, Ele fita os olhos em nós e diz: “Vai e procede tu de igual modo” (Lucas 10:37).

Finalizando este sermão, queremos oferecer a você o convite do Senhor. Como um crente arrependido, você está convidado a confessar sua fé e ser batizado (Marcos 16:16; Atos 2:38). Se você é um filho de Deus desviado, precisa ser restaurado (Atos 8:22; 1 João 1:9). Faça isto para obedecer ao Senhor — a obediência é importante (Hebreus 5:8, 9) — mas, mais do que isso, faça-o como uma expressão do seu *amor* por Ele (João 14:15; 1 João 5:3).

²⁴William Barclay, *The Gospel of Matthew* (“O Evangelho de Mateus”), vol. 2, ed. rev., The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 330.

Atribuição de Leitura nº. 29

Mateus 21:23–46; 22:1–22;
Marcos 11:27–33; 12:1–17;
Lucas 20:1–26

Mateus 21: 23–46

²³Tendo Jesus chegado ao templo, estando já ensinando, acercaram-se dele os principais sacerdotes e os anciãos do povo, perguntando: Com que autoridade fazes estas coisas? E quem te deu essa autoridade?

²⁴E Jesus lhes respondeu: Eu também vos farei uma pergunta; se me responderdes, também eu vos direi com que autoridade faço estas coisas.

²⁵Donde era o batismo de João, do céu ou dos homens? E discorriam entre si: Se dissermos: do céu, ele nos dirá: Então, por que não acreditastes nele?

²⁶E, se dissermos: dos homens, é para temer o povo, porque todos consideram João como profeta.

²⁷Então, responderam a Jesus: Não sabemos. E ele, por sua vez: Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas.

²⁸E que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Chegando-se ao primeiro, disse: Filho, vai hoje trabalhar na vinha.

²⁹Ele respondeu: Sim, senhor; porém não foi.

³⁰Dirigindo-se ao segundo, disse-lhe a mesma coisa. Mas este respondeu: Não quero; depois, arrependido, foi.

³¹Qual dos dois fez a vontade do pai? Disseram: O segundo. Declarou-lhes Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus.

³²Porque João veio a vós outros no caminho da justiça, e não acreditastes nele; ao passo que publicanos e meretrizes creram. Vós, porém, mesmo vendo isto, não vos arrependestes, afinal, para acreditardes nele.

³³Atentai noutra parábola. Havia um homem, dono de casa, que plantou uma vinha. Cercou-a de uma sebe, construiu nela um lagar, edificou-lhe uma torre e arrendou-a a uns lavradores. Depois, se ausentou do país.

³⁴Ao tempo da colheita, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os frutos que lhe tocavam.

³⁵E os lavradores, agarrando os servos, espancaram a um, mataram a outro e a outro apedrejaram.

³⁶Enviou ainda outros servos em maior número; e trataram-nos da mesma sorte.

³⁷E, por último, enviou-lhes o seu próprio filho, dizendo: A meu filho respeitarão.

³⁸Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança.

³⁹E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e o mataram.

⁴⁰Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?

⁴¹Responderam-lhe: Fará perecer horrivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos.

⁴²Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras:

A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos?

⁴³Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos.

⁴⁴Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.

⁴⁵Os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que era a respeito deles que Jesus falava;

⁴⁶e, conquanto buscassem prendê-lo, temeram as multidões, porque estas o consideravam como profeta.

Mateus 22:1–22

¹De novo, entrou Jesus a falar por parábolas, dizendo-lhes:

²O reino dos céus é semelhante a um rei que celebrou as bodas de seu filho.

³Então, enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas; mas estes não quiseram vir.

⁴Enviou ainda outros servos, com esta ordem: Dizei aos convidados: Eis que já preparei o meu banquete; os meus bois e cevados já foram abatidos, e tudo está pronto; vinde para as bodas.

⁵Eles, porém, não se importaram e se foram, um para o seu campo, outro para o seu negócio;

⁶e os outros, agarrando os servos, os maltrataram e mataram.

⁷O rei ficou irado e, enviando as suas tropas, exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade.

⁸Então, disse aos seus servos: Está pronta a festa, mas os convidados não eram dignos.

⁹Ide, pois, para as encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas a quantos encontrardes.

¹⁰E, saindo aqueles servos pelas estradas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e a sala do banquete ficou repleta de convidados.

¹¹Entrando, porém, o rei para ver os que estavam à mesa, notou ali um homem que não trazia veste nupcial

¹²e perguntou-lhe: Amigo, como entraste aqui sem veste nupcial? E ele emudeceu.

¹³Então, ordenou o rei aos serventes: Amarrai-o de pés e mãos e lançai-o para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes.

¹⁴Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos.

¹⁵Então, retirando-se os fariseus, consultaram entre si como o surpreenderiam em alguma palavra.

¹⁶E enviaram-lhe discípulos, juntamente com os herodianos, para dizer-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus, de acordo com a verdade, sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens.

¹⁷Dize-nos, pois: que te parece? É lícito pagar tributo a César ou não?

¹⁸Jesus, porém, conhecendo-lhes a malícia, respondeu: Por que me experimentais, hipócritas?

¹⁹Mostrai-me a moeda do tributo. Trouxeram-lhe um

denário.

²⁰E ele lhes perguntou: De quem é esta efígie e inscrição?

²¹Responderam: De César. Então, lhes disse: Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

²²Ouvindo isto, se admiraram e, deixando-o, foram-se.

Marcos 11:27–33

²⁷Então, regressaram para Jerusalém. E, andando ele pelo templo, vieram ao seu encontro os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos

²⁸e lhe perguntaram: Com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te deu tal autoridade para as fazeres?

²⁹Jesus lhes respondeu: Eu vos farei uma pergunta; respondei-me, e eu vos direi com que autoridade faço estas coisas.

³⁰O batismo de João era do céu ou dos homens? Respondei!

³¹E eles discorriam entre si: Se dissermos: Do céu, dirá: Então, por que não acreditastes nele?

³²Se, porém, dissermos: dos homens, é de temer o povo. Porque todos consideravam a João como profeta.

³³Então, responderam a Jesus: Não sabemos. E Jesus, por sua vez, lhes disse: Nem eu tampouco vos digo com que autoridade faço estas coisas.

Marcos 12:1–17

¹Depois, entrou Jesus a falar-lhes por parábola: Um homem plantou uma vinha, cercou-a de uma sebe, construiu um lagar, edificou uma torre, arrendou-a a uns lavradores e ausentou-se do país.

²No tempo da colheita, enviou um servo aos lavradores para que recebesse deles dos frutos da vinha;

³eles, porém, o agarraram, espancaram e o despacharam vazio.

⁴De novo, lhes enviou outro servo, e eles o esbordoaram na cabeça e o insultaram.

⁵Ainda outro lhes mandou, e a este mataram. Muitos outros lhes enviou, dos quais espancaram uns e mataram outros.

⁶Restava-lhe ainda um, seu filho amado; a este lhes enviou,

por fim, dizendo: Respeitarão a meu filho.

⁷Mas os tais lavradores disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo, e a herança será nossa.

⁸E, agarrando-o, mataram-no e o atiraram para fora da vinha.

⁹Que fará, pois, o dono da vinha? Virá, exterminará aqueles lavradores e passará a vinha a outros.

¹⁰Ainda não lestes esta Escritura:

A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular;

¹¹isto procede do Senhor, e é maravilhoso aos nossos olhos?

¹²E procuravam prendê-lo, mas temiam o povo; porque compreenderam que contra eles proferira esta parábola. Então, desistindo, retiraram-se.

¹³E enviaram-lhe alguns dos fariseus e dos herodianos, para que o apanhassem em alguma palavra.

¹⁴Chegando, disseram-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro e não te importas com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens; antes, segundo a verdade, ensinas o caminho de Deus; é lícito pagar tributo a César ou não? Devemos ou não devemos pagar?

¹⁵Mas Jesus, percebendo-lhes a hipocrisia, respondeu: Por que me experimentais? Trazei-me um denário para que eu o veja.

¹⁶E eles lho trouxeram. Perguntou-lhes: De quem é esta effígie e inscrição? Responderam: De César.

¹⁷Disse-lhes, então, Jesus: Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. E muito se admiraram dele.

Lucas 20:1–26

¹Aconteceu que, num daqueles dias, estando Jesus a ensinar o povo no templo e a evangelizar, sobrevieram os principais sacerdotes e os escribas, juntamente com os anciãos,

²e o argüiram nestes termos: Dize-nos: com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te deu esta autoridade?

³Respondeu-lhes: Também eu vos farei uma pergunta; dizei-me:

⁴o batismo de João era dos céus ou dos homens?

⁵Então, eles arrazoavam entre si: Se dissermos: do céu, ele dirá: Por que não acreditastes nele?

⁶Mas, se dissermos: dos homens, o povo todo nos apedrejará; porque está convicto de ser João um profeta.

⁷Por fim, responderam que não sabiam.

⁸Então, Jesus lhes replicou: Pois nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas.

⁹A seguir, passou Jesus a proferir ao povo esta parábola: Certo homem plantou uma vinha, arrendou-a a lavradores e ausentou-se do país por prazo considerável.

¹⁰No devido tempo, mandou um servo aos lavradores para que lhe dessem do fruto da vinha; os lavradores, porém, depois de o espancarem, o despacharam vazio.

¹¹Em vista disso, enviou-lhes outro servo; mas eles também a este espancaram e, depois de o ultrajarem, o despacharam vazio.

¹²Mandou ainda um terceiro; também a este, depois de o ferirem, expulsaram.

¹³Então, disse o dono da vinha: Que farei? Enviarei o meu filho amado; talvez o respeitem.

¹⁴Vendo-o, porém, os lavradores, arrazoavam entre si, dizendo: Este é o herdeiro; matemo-lo, para que a herança venha a ser nossa.

¹⁵E, lançando-o fora da vinha, o mataram. Que lhes fará, pois, o dono da vinha?

¹⁶Virá, exterminará aqueles lavradores e passará a vinha a outros. Ao ouvirem isto, disseram: Tal não aconteça!

¹⁷Mas Jesus, fitando-os, disse: Que quer dizer, pois, o que está escrito:

A pedra que os construtores rejeitaram, esta veio a ser a principal pedra, angular?

¹⁸Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.

¹⁹Naquela mesma hora, os escribas e os principais sacerdotes procuravam lançar-lhe as mãos, pois perceberam que, em referência a eles, dissera esta parábola; mas temiam o povo.

²⁰Observando-o, subornaram emissários que se fingiam de

justos para verem se o apanhavam em alguma palavra, a fim de entregá-lo à jurisdição e à autoridade do governador.

²¹Então, o consultaram, dizendo: Mestre, sabemos que falas e ensinas retamente e não te deixas levar de respeitos humanos, porém ensinas o caminho de Deus segundo a verdade;

²²é lícito pagar tributo a César ou não?

²³Mas Jesus, percebendo-lhes o ardil, respondeu:

²⁴Mostrai-me um denário. De quem é a efigie e a inscrição? Prontamente disseram: De César. Então, lhes recomendou Jesus:

²⁵Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

²⁶Não puderam apanhá-lo em palavra alguma diante do povo; e, admirados da sua resposta, calaram-se.

Que Dia!

- VIII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).
- E. Terça-feira: “O Grande Dia das Perguntas” (continuação).
2. Uma pergunta sobre autoridade:
 - a. A pergunta e a resposta de Jesus (Mateus 21:23–27; Marcos 11:27–33; Lucas 20:1–8).
 - b. Parte de Sua resposta: três parábolas.
 - 1) A parábola dos dois filhos (Mateus 21:28–32).
 - 2) A parábola dos lavradores maus (Mateus 21:33–46; Marcos 12:1–12; Lucas 20:9–19).
 - 3) A parábola do banquete de casamento do filho do rei (Mateus 22:1–14).
 3. Uma série de perguntas:
 - a. Fariseus e herodianos perguntam sobre o pagamento de tributos (Mateus 22:15–22; Marcos 12:13–17; Lucas 20:20–26).

INTRODUÇÃO

Certo homem tem um dia em que, para variar, tudo transcorre exatamente conforme o seu agrado. Ele se sente ótimo ao levantar-se de manhã. O chefe elogia seu empenho e lhe dá um aumento. Os filhos o abraçam quando ele chega em casa. A esposa o enche de beijos e prepara seu prato predileto. Um amigo chega inesperadamente para devolver-lhe um empréstimo. Quando vai para a cama naquela noite, ele sorri e pensa: “Que dia!” O dia do seu vizinho, porém, não se passa da mesma forma: ele levanta com dor de cabeça. Corta-se ao fazer a barba. Chega atrasado ao trabalho, e seu patrão o critica o dia todo. Quando chega em casa, é saudado por uma esposa irritada, filhos que gritam e contas que não pode pagar. Como a última gota d’água, seu cachorro o morde. Ao deitar a cabeça no travesseiro naquela noite, ele dá um gemido e diz: “Que dia!”¹

Estamos estudando um dos dias mais agitados², difíceis e importantes da vida de Jesus: a terça-feira da última semana do Seu ministério³. Foi um dia de

ensino⁴, perguntas, conflito e rejeição. No fim do dia, Cristo poderia ter dito, com certo grau de satisfação: “Que dia!” Por outro lado, Seus inimigos desconcertados poderiam apenas ter resmungado: “Que dia!”

Na lição anterior, introduzimos esse dia com a história da figueira que ficou seca. Este estudo começa com Jesus no templo — pela última vez — ensinando multidões (Mateus 21:23; Marcos 11:27; Lucas 20:1) reunidas ali para a festa da Páscoa. Esta apresentação enfocará algumas das verdades que Ele ensinou naquele dia⁵.

UMA LIÇÃO SOBRE AUTORIDADE (MATEUS 21:23–27; MARCOS 11:27–33; LUCAS 20:1–8)

Enquanto estava “Jesus a ensinar o povo no templo⁶ e a evangelizar⁷, sobrevieram os principais

de manhã. No esboço aqui utilizado, colocamos todos eles na terça-feira, mas este não é um detalhe tão relevante.

⁴Na hipótese de todos os acontecimentos terem ocorrido na terça-feira (veja a nota de rodapé anterior), talvez tenha havido mais ensino nesse dia do que em qualquer outro dia na vida do Senhor.

⁵Embora grande parte desse ensino tenha sido dirigida aos inimigos de Jesus, Ele foi ouvido pelas multidões que O cercavam (veja Lucas 20:9, 16). O ensino foi-nos preservado porque contém lições úteis a todos nós.

⁶Provavelmente Ele ensinava no Pátio dos Gentios, talvez no Pórtico de Salomão (veja João 10:23; Atos 3:11). Veja o diagrama do templo na página 35 da edição “A Vida de Cristo — Parte 2”.

⁷A palavra “evangelho” significa “boa notícia”. O “evangelho” pregado nessa ocasião provavelmente era a boa notícia de que a vinda do reino estava próxima (Marcos 1:15).

¹Se estiver num ambiente de sala de aula, deixe que os alunos comentem que tipo de dia tiveram na véspera.

²Veja detalhes de um outro dia agitado na vida de Jesus em “Um Dia Agitado”, na edição “A Vida de Cristo — Parte 4”, desta série.

³Há tantos acontecimentos nesse único dia que alguns comentaristas acreditam que eles não podem ter ocorrido todos num só dia. Acreditam eles que os acontecimentos desde a pergunta de Jesus sobre o Cristo até Seu ensino sobre a destruição de Jerusalém e o Julgamento ocorreram quarta-feira

sacerdotes e os escribas, juntamente com os anciãos” (Lucas 20:1). Os “principais sacerdotes”, os “escribas” e os “anciãos” representavam o Sinédrio — que, por sua vez, era a delegação do conselho judaico que decretara que Jesus deveria morrer (João 11:47–53, 57).

A Pergunta

Perguntaram a Jesus: “Com que autoridade fazes estas coisas? E quem te deu essa autoridade?” (Mateus 21:23; veja Marcos 11:27, 28; Lucas 20:2). “Estas coisas” incluíam Seu ensino no templo, pois Ele não era um rabino oficialmente reconhecido. Certamente também tinham em mente o ato em que Ele purificou o templo no dia anterior, e talvez até a manifestação barulhenta ocorrida dois dias antes⁸.

Os oficiais estavam no direito de fazer tal pergunta; estavam encarregados de todas as questões relacionadas ao templo. Ademais, era uma pergunta legítima; em discussões religiosas, autoridade é a primeira coisa que precisa ser estabelecida. Infelizmente, eles não fizeram a pergunta em busca da verdade, mas o propósito era expor Jesus à multidão como “um intrometido não-autorizado e auto-designado em questões sobre as quais eles exerciam domínio exclusivo”⁹.

A autoridade de Cristo não era de homens, mas de Deus (Mateus 17:5; 28:18; Hebreus 1:1, 2); embora Seus questionadores não desejassem saber disso. Jesus havia apresentado Suas credenciais messiânicas por meio de uma abundância de sinais inegáveis durante três anos, mas eles optaram por ignorar essas provas. Ademais, eles não se deixariam vencer mesmo que Ele apresentasse mais provas. Sabendo de tudo isso, o Senhor decidiu responder a pergunta deles com uma outra pergunta — uma pergunta que, respondida honestamente, daria a resposta para a indagação inicial.

A Reposta

Disse ele: “Eu também vos farei uma pergunta; se me responderdes, também eu vos direi com que autoridade faço estas coisas. Donde era o batismo de João, do céu ou dos homens?” (Mateus 21:24,

⁸A Entrada Triunfal deve ter sido uma “manifestação barulhenta” do ponto de vista deles. Veja comentários sobre a purificação do templo e a entrada triunfal em “Oportunidades Perdidas”, a partir da página 43 da edição “A Vida de Cristo — Parte 9”.

⁹J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or a Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 586.

25a). Se eles admitissem que o batismo de João era do céu, então o próprio João fora comissionado por Deus — e seu ensino era verdadeiro. Esse ensino incluía o testemunho em favor de Jesus: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!... ele é o Filho de Deus” (João 1:29, 34)¹⁰. Aceitando, portanto, a autoridade de João, também teriam de admitir a autoridade de Jesus.

A resposta de Cristo pegou os oficiais desprevenidos. Eles realizaram uma conferência às pressas.

Então, eles arrazoavam entre si: Se dissermos: do céu, ele dirá: Por que não acreditastes nele? Mas, se dissermos: dos homens, o povo todo nos apedrejará; porque está convicto de ser João um profeta (Lucas 20:5, 6).

Viram-se num dilema: ou admitiam que João estava certo em relação a Jesus, ou arriscavam indispor-se com a multidão à qual estavam tentando persuadir. A questão não era: “Qual é a resposta verdadeira?”, mas: “Qual é a resposta conveniente?”

Desconcertados, viraram-se para Jesus e disseram: “Não sabemos” (Mateus 21:27a). Seria mais exato terem respondido: “Não queremos responder”, mas a veracidade não era o ponto forte deles. Jesus respondeu: “Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas” (Mateus 21:27b). Alguém observou que não se pode lidar com homens desonestos como se lida com homens honestos.

UMA LIÇÃO SOBRE FILIAÇÃO (MATEUS 21:28–32; MARCOS 12:1)

Tendo calado momentaneamente Seus críticos, “entrou Jesus a falar-lhes [aos líderes e à multidão] por parábola” (Marcos 12:1a). Foram contadas a seguir três histórias em rápida sucessão¹¹, cada uma visando expor os corações da hierarquia judaica. Eles haviam questionado a autoridade de *Jesus*. Agora, Ele revelava que, como representantes e líderes do povo da aliança de Deus, haviam usado mal a autoridade a *eles* conferida.

O relato de Marcos denomina cada uma dessas histórias de “parábola” (Marcos 12:1), mas elas não se enquadram no formato convencional de uma parábola. Exemplificando, via de regra, uma parábola destaca uma idéia principal; mas essas histórias possuem uma natureza mais alegórica. Podem-se

¹⁰Veja referências sobre o testemunho de João a respeito de Jesus em João 1:6, 7, 15, 36; 3:26–36; 10:40–42.

¹¹Jesus ensinou muitas parábolas naquela terça-feira. Estas parábolas são às vezes chamadas de “o grande terceiro grupo de parábolas”.

extrair várias parábolas e fazer várias aplicações de cada narrativa¹². Entretanto, há que se ter o cuidado de não tentar atribuir um “significado” a *cada* detalhe da história.

A Pergunta

Cristo começou a história perguntando: “E que vos parece?” (Mateus 21:28a). Ele deixou avisado que logo faria uma pergunta, por isso precisavam escutar atentamente. A história que Jesus relatou era simples:

Um homem tinha dois filhos. Chegando-se ao primeiro, disse: Filho, vai hoje trabalhar na vinha. Ele respondeu: Sim, senhor; porém não foi. Dirigindo-se ao segundo, disse-lhe a mesma coisa. Mas este respondeu: Não quero; depois, arrependido, foi (Mateus 21:28b–30).¹³

Jesus virou-Se para Seus inimigos¹⁴ e perguntou: “Qual dos dois fez a vontade do pai?” (Mateus 21:31a).

A Resposta

Talvez tenham dado um suspiro de alívio; ali estava uma pergunta que *podiam* responder. E disseram: “O segundo” (Mateus 21:31b) — sem perceber que incriminavam a si mesmos com aquela resposta.

Na parábola, o segundo filho, — que disse: “Não quero”, mas depois obedeceu ao pai — representava as pessoas comuns, especialmente aquelas que os fariseus classificavam como “publicanos [ou cobradores de impostos] e pecadores” (Mateus 9:11). No passado, esses “pecadores” haviam se recusado a andar no caminho de Deus; mas quando ouviram a pregação de João e de Jesus, eles se arrependeram. Por outro lado, o primeiro filho — que disse: “Sim, senhor” — representava os líderes religiosos, que não cumpriram o compromisso firmado com Deus.

Jesus fez esta aplicação:

Em verdade vos digo que publicanos e mere-

¹²Como temos afirmado, o termo “parábola” é usado com certa imprecisão nos relatos do evangelho para designar uma variedade de figuras de linguagem.

¹³Alguns manuscritos invertem a ordem em relação ao filho que obedeceu e ao filho que desobedeceu. Isso não altera a mensagem.

¹⁴Jesus acusou os que responderam de não crerem em João (Mateus 21:32). Logo, é possível que a pergunta tenha sido dirigida primeiramente aos líderes religiosos, que não creram em João (Mateus 21:25), e não à multidão, que tinha grande estima por João (Mateus 21:26). É óbvio que havia outros presentes que não aceitaram completamente o que João disse sobre Jesus, o que permite também uma aplicação mais generalizada.

trizes vos precedem¹⁵ no reino de Deus. Porque João veio a vós outros no caminho da justiça, e não acreditastes nele¹⁶; ao passo que publicanos e meretrizes creram. Vós, porém, mesmo vendo isto, não vos arrependestes, afinal, para acreditardes nele (Mateus 21:31c, 32).

Além do principal objetivo de Jesus ao contar essa parábola — expor Seus inimigos — podemos extrair dela muitas lições práticas. Por exemplo, ela constitui uma ilustração clássica do significado da palavra “arrependimento”. As palavras gregas traduzidas por “arrependido” no versículo 30 e “vos arrependestes” no versículo 32 são variações do termo grego que poderia ser traduzido por “mudar de idéia”¹⁷. Na NVI, o versículo 29 diz: “E este respondeu: Não quero! Mas depois *mudou de idéia* e foi” (grifo meu). Quando uma pessoa se arrepende, ela muda de idéia em relação ao pecado. Ela pára de dizer “não” a Deus e começa a fazer a vontade dEle. A parábola dos dois filhos é uma ilustração dessa verdade simples, porém profunda.

Talvez a lição mais importante dessa parábola seja em que consiste a verdadeira filiação: não basta prestar culto verbal ao Pai (dizendo: “Sim, Senhor”); precisamos *fazer* o que o Pai nos manda fazer (veja Mateus 7:21; Lucas 6:46). Deus ainda está chamando trabalhadores para Sua seara (veja Mateus 9:36). Se precisamos nos arrepender para sair de casa e entrar na vinha, então vamos nos arrepender.

UMA LIÇÃO SOBRE RESPONSABILIDADE (MATEUS 21:33–46; MARCOS 12:1–12; LUCAS 20:9–19)

A seguir, Jesus contou uma parábola que mostrava como os líderes religiosos haviam utilizado suas posições de autoridade para obter enriquecimento e glorificação de si mesmos. A parábola também expunha seus motivos diabólicos para quererem matar Jesus.

A Pergunta

“A seguir, passou Jesus a proferir ao povo¹⁸ esta

¹⁵O termo “vos precedem” não implica que os líderes judeus iriam entrar no reino *automaticamente* logo após os indivíduos citados. Caso eles entrassem no reino, seria com base nas mesmas condições impostas aos publicanos e às prostitutas: teriam de crer em Jesus e se arrepender de seus pecados.

¹⁶Eles haviam se negado a admitir que não acreditavam em João para não desagradar a multidão (Mateus 21:25, 26), mas Jesus revelou a falta de fé deles em João.

¹⁷Veja mais sobre arrependimento em “Guia Para a Salvação de Todo Homem”, *A Verdade para Hoje*, pp. 14–15.

¹⁸Os líderes judeus ainda estavam presentes (Mateus 21:45).

parábola” (Lucas 20:9a): “Havia um homem, dono de casa, que plantou uma vinha. Cercou-a de uma sebe, construiu nela um lagar, edificou-lhe uma torre” (Mateus 21:33a). A parábola reflete práticas comuns daquela época: uma sebe era uma cerca viva colocada em torno da vinha para protegê-la. O “lagar” consistia de um tanque para prensar uvas composto de dois buracos no formato de uma banheira cavados em pedra em níveis diferentes. As uvas eram colocadas no buraco mais elevado e prensadas. O suco escorria para o buraco inferior, de onde era retirado para armazenamento. A torre era uma plataforma onde sentinelas ficavam em pé, vigiando para proteger a vinha de ladrões. Esses detalhes não possuem nenhum “significado mais relevante”; são “meros enfeites típicos de parábolas”¹⁹.

A seguir o dono da propriedade “arrendou-a [a vinha] a uns lavradores. Depois, se ausentou do país” (Mateus 21:33b). Não era incomum latifundiários ausentes colocarem suas terras nas mãos de camponeses que as cultivavam. Esse proprietário fez um acordo de arrendamento com os lavradores: deveriam lhe dar uma determinada porcentagem da produção (Marcos 12:2). Os arrendadores eram uma figura dos líderes da nação. Esses homens eram responsáveis pelo tratamento (ou destrato) conferido aos herdeiros de Deus. Segundo o relato de Lucas, o proprietário “ausentou-se do país *por prazo considerável*” (Lucas 20:9; grifo meu). Os líderes nomeados eram, havia muitos séculos, os responsáveis pela vinha de Deus, Israel²⁰.

“Ao tempo da colheita” (Mateus 21:34a), o proprietário...

...enviou um servo aos lavradores para que recebesse deles dos frutos da vinha; eles, porém, o agarraram, espancaram e o despacharam vazio. De novo, lhes enviou outro servo, e eles o esborçoaram na cabeça²¹ e o insultaram. Ainda outro lhes mandou, e a este mataram. Muitos outros lhes enviou, dos quais espancaram uns e mataram outros (Marcos 12:2-5).

Esse tratamento atroz da parte dos servos do arrendatário refletia o mau tratamento dispensado aos profetas de Deus. Eles haviam sido perseguidos pela nação judaica em geral e pelos líderes judeus em particular (Neemias 9:26; Jeremias 7:25, 26; Mateus 23:34; Atos 7:52; Hebreus 11:36-38).

¹⁹McGarvey e Pendleton, p. 591.

²⁰Em Mateus 21:33, Jesus citou Isaías 5:1 e 2, que é uma referência à nação de Israel.

²¹No relato de Mateus, um outro servo foi apedrejado (Mateus 21:35).

Perplexo, o dono da vinha disse: “Que farei?” (Lucas 20:13a). “Restava-lhe ainda um, seu filho amado” (Marcos 12:6a). Certamente respeitariam seu filho (Marcos 12:6b). Foge à nossa capacidade de compreensão o fato de que não o respeitaram. E assim “a este lhes enviou” (Marcos 12:6c). A expressão “seu filho amado” facilita identificar esse personagem da história; o filho é o próprio Jesus (Mateus 17:5; Lucas 3:22).

“Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança” (Mateus 21:38). Esse raciocínio audacioso soa estranho; mas, segundo alguns eruditos, “a lei judaica estipulava que uma propriedade não reclamada por seu herdeiro seria declarada ‘sem dono’ e qualquer um poderia declarar-se dono dela”²². Os arrendatários haviam cultivado as terras por tanto tempo que pensavam que elas pertenciam a eles. Da mesma forma, os membros da hierarquia judaica haviam deixado de pensar em si mesmos meramente como servos de Deus, comissionados para cumprir a vontade de Deus. Ao contrário disso, eles consideravam a nação israelita sua propriedade exclusiva.

Na parábola, os lavradores levaram a cabo seu plano homicida: “E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e o mataram” (Mateus 21:39). Em questão de dias, Cristo seria levado para fora de Jerusalém e seria crucificado (veja Hebreus 13:12).

Jesus estava pronto para propor uma outra pergunta. Ele perguntou a Seus ouvintes: “Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?” (Mateus 21:40).

A Resposta

Ali estava mais uma pergunta de fácil resposta²³. Eles responderam: “Fará perecer horrivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos” (Mateus 21:41).

Cristo, a seguir, revelou a apavorante verdade implícita na resposta deles: “Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos²⁴” (Mateus 21:43). Os “outros lavradores” no versículo 41 e o outro “povo” do versículo 43 diz respeito aos

²²Walter W. Wessel e William L. Lane, notas sobre o Livro de Marcos, *Bíblia de Estudo NVI*. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 1702.

²³No Brasil, diríamos: “É moleza!”.

²⁴“Frutos” equivale ao “produto” (resultados) de uma vida aprovada por Deus (João 15:1-10; Romanos 7:4; Gálatas 5:22, 23).

gentios. Quando os judeus rejeitaram o evangelho, os mensageiros de Deus voltaram-se para os gentios (veja Atos 13:46; 18:6). Os ouvintes de Jesus não haviam compreendido totalmente as palavras de Cristo, mas entenderam o suficiente para saber que um futuro trágico fora predito para a nação judaica. Eles exclamaram: “Tal não aconteça!” (Lucas 20:16)²⁵.

Infelizmente, isso *aconteceria* — pois os “arrendatários” (os líderes judeus) estavam determinados a matar Seu Filho. Como prova de que isso aconteceria, Cristo citou Salmos 118, um conhecido salmo messiânico: “Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular...?” (Mateus 21:42a). Os líderes e os mestres judeus tinham um conceito preconcebido de que o Messias seria como um líder militar. Quando Jesus veio, Ele não se enquadrou na imagem de “um Messias apropriado”, por isso eles O rejeitaram. A ilustração era a de construtores insanos que jogaram fora justamente a pedra sobre a qual o restante da estrutura (o reino) teria de ser edificado²⁶.

O que aconteceria aos que rejeitassem “a pedra angular”? Cristo disse: “Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó” (Mateus 21:44). “Assim como um vaso de barro é quebrado ao ser jogado contra uma pedra e assim como é esmagado quando uma pedra cai sobre ele, assim também virá a perdição aos que rejeitaram Jesus, o Messias²⁷.”

Os amigos de Jesus nem sempre entendiam Suas parábolas (Lucas 8:9); mas, nessa ocasião, até Seus inimigos não encontraram dificuldade para fazer a aplicação: “Os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que era a respeito deles que Jesus falava” (Mateus 21:45). Provavelmente eles não entenderam todos os detalhes, mas pelo menos sabiam que as histórias apontavam para eles e não eram nada elogiosas. O ódio desses líderes intensificou-se, e “procuravam lançar-lhe as

mãos” (Lucas 20:19a). Mais uma vez, porém, foram impedidos por temer as multidões²⁸ que “o consideravam como profeta” (Mateus 21:46).

LIÇÕES SOBRE GRATIDÃO E PREPARAÇÃO (MATEUS 22:1–14)

Jesus contou finalmente Sua terceira parábola: a parábola do banquete de casamento do filho do rei. Ela se parece com a parábola da grande ceia que Cristo contara semanas antes (Lucas 14:16–24), mas há diferenças. A parábola anterior foi contada para ensinar a insensatez de se rejeitar o convite de Deus para fazer parte do reino²⁹. O propósito principal desta parábola era expor a maldade da hierarquia judaica e as terríveis conseqüências dos atos praticados por seus integrantes. Esta parábola é incomum no sentido de ser dupla: a primeira parte se dirigia aos inimigos de Jesus, mas a segunda parte continha uma lição para os seguidores de Jesus.

Uma Lição sobre Gratidão

Na primeira parte da parábola, um rei “preparou um banquete de casamento para seu filho” (Mateus 22:2; NVI). O rei representa Deus, o filho é Jesus, e o banquete de casamento representa as bênçãos abundantes do reino messiânico³⁰.

Quando o banquete ficou pronto, o rei mandou seus servos chamarem os convidados para que viessem (vv. 3, 4). Os convidados representam judeus “religiosos” em geral e líderes judeus em particular. Alguns dos convidados ignoraram a mensagem de convocação, enquanto outros maltrataram e mataram os servos (vv. 3, 5, 6). Como na parábola dos lavradores maus, era assim que os líderes judeus haviam tratado os mensageiros de Deus, os profetas.

“O rei ficou irado” com a resposta, “e, enviando as suas tropas, exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade” (v. 7). Os comentaristas são geralmente unânimes quanto a Jesus estar, com essas palavras, predizendo a destruição de Jerusalém que ocorreria no ano 70 d.C.³¹. Esse tópico será ampliado

²⁵“Que tal não aconteça!” é uma tradução precisa do grego, mas falta-lhe o fervor implícito nas palavras. Uma tradução que expressaria melhor esse fervor é a que McGarvey denominou “a expressão semi-profana”: “Deus me livre!” (McGarvey e Pendleton, p. 593). É improvável que qualquer judeu consciente usasse tão levemente o nome de Deus. Embora a tradução da ERA seja mais anêmica, parece ser a melhor opção.

²⁶Esta profecia tornou-se uma das favoritas da igreja primitiva (Atos 4:11; Romanos 9:33; 1 Pedro 2:7). Veja uma exposição de Salmos 118:22, na edição “Atos, 2,” de *A Verdade para Hoje*, p. 21.

²⁷Lewis Foster, notas sobre o Livro de Lucas, *Bíblia de Estudo NVI*. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 1771.

²⁸McGarvey sugeriu que alguns dos presentes eram “galileus, homens de rispida bravura, prontos para puxar a espada em defesa de Jesus” (McGarvey e Pendleton, p. 595).

²⁹Veja uma breve exposição dessa parábola nas páginas 36 e 37 da edição “A Vida de Cristo — Parte 8”.

³⁰Veja uma exposição mais detalhada desta parábola em “Um Convite do Rei!”, p. 16ss desta edição.

³¹Supondo ser isto verdade, é interessante que a parábola fala do rei enviando *seu* exército, enquanto foi o exército romano que destruiu Jerusalém. O Antigo Testamento ensina que Deus usou às vezes forças *não tementes* a Ele (como a Assíria ou a Babilônia) para realizar Seus propósitos (veja Isaías 10:5; 13:5; Jeremias 25:9; Ezequiel 29:17–20).

dois capítulos adiante, em Mateus 24. Supondo que os eruditos estejam corretos, observemos que Cristo referiu-se a Jerusalém como “a cidade” deles, e não a “Minha cidade” ou a “nossa cidade”. Quando os judeus, como nação, rejeitaram Jesus (João 1:11), eles deixaram de ser o povo escolhido de Deus (Romanos 2:28, 29; 10:12; Gálatas 3:28; Apocalipse 2:9; 3:9) e Jerusalém deixou de ser “a cidade de Deus”.

O rei instruiu, então, seus servos a saírem pela vizinhança, convidando todos para seu banquete (Mateus 22:8, 9). Os mensageiros “reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e a sala do banquete ficou repleta de convidados” (v. 10). Em “maus e bons” estavam inclusos “publicanos e pecadores” (Mateus 9:11), que “ouviram com prazer” (Marcos 12:37) e provavelmente até gentios (Mateus 21:43). Mais uma vez, Jesus destacou que os líderes judeus de alto poder seriam rejeitados porque O rejeitaram, enquanto pessoas “comuns” que O aceitaram seriam aceitas também.

Uma Lição sobre Preparação

Na segunda parte da parábola, assim que entrou na sala do banquete, o rei identificou um homem trajado inadequadamente (v. 11). O rei repreendeu o homem e mandou que o retirassem das festividades (vv. 12, 13). Muitos ficam confusos com esta parte da história. Alguns protestam que parece injusto condenar um homem “só porque ele não tem roupas bonitas”. F. F. Bruce classificou Mateus 22:11–14 como um dos ditos difíceis de Jesus³². Bruce explicou que desconhecemos todas as circunstâncias, mas “a implicação é que o homem que estava vestido inadequadamente *poderia* ter ido devidamente vestido. Quando [confrontado] com sua falha, não teve justificativa; ele ‘emudeceu’”³³.

A lição para todos os ouvintes de Jesus — naquele momento e agora — é que as bênçãos de Deus só podem ser recebidas mediante as condições por Ele estabelecidas — e não mediante as nossas condições. Há uma grande diferença entre ser convidado para o banquete e realmente usufruir o banquete. Nós precisamos nos preparar para o banquete fazendo a vontade de Deus (veja Hebreus 5:9; 2 Timóteo 2:21).

³²F. F. Bruce, *The Hard Sayings of Jesus* (“Os Ditos Difíceis de Jesus”). Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1983, pp. 206–7.

³³Ibid., p. 207 (grifo meu).

UMA LIÇÃO SOBRE DEVERES (MATEUS 22:15–22; MARCOS 12:13–17; LUCAS 20:20–26)

As três parábolas que Jesus contou expuseram as autoridades judaicas e fizeram com que ficassem ainda mais determinados a destruí-lo. Avançamos agora para o próximo estágio dos conflitos daquele dia, uma série de perguntas feitas por Seus inimigos — perguntas elaboradas para apanhá-lo em alguma palavra.

A Pergunta

A primeira pergunta foi apresentada pelos fariseus. O relato de Mateus diz que “os fariseus... consultaram entre si como o surpreenderiam em alguma palavra” (Mateus 22:15; Marcos 12:13). Segundo o relato de Lucas, “observando-o [os fariseus], subornaram emissários que se fingiam de justos para verem se o apanhavam em alguma palavra, a fim de entregá-lo à jurisdição e à autoridade do governador” (Lucas 20:20)³⁴.

Como parte do plano que os fariseus arquitetaram, “enviaram-lhe [a Jesus] discípulos” (Mateus 22:16a). Esses “discípulos” seriam “um grupo dos alunos mais perspicazes”³⁵, jovens adultos³⁶ cuidadosamente treinados por seus mestres.

As palavras seguintes surgem como uma surpresa: “juntamente com os herodianos” (Mateus 22:16b). Os fariseus odiavam os herodianos, que defendiam o direito dos Herodes governarem — e, portanto, apoiavam os romanos, os quais eram a origem do poder dos Herodes³⁷. Entretanto, os fariseus odiavam mais ainda a Jesus. Estavam dispostos a cooperar com *qualquer um*, desde que isto viabilizasse o fim de Jesus³⁸. O motivo da aliança entre os fariseus e os herodianos nessa ocasião ficará evidente mais tarde.

Quando a jovem delegação chegou até Jesus, co-

³⁴No fim, foi exatamente isso que eles fizeram. O governador romano daqueles dias era Pôncio Pilatos.

³⁵A. T. Robertson, *A Harmony of the Gospels for Students of the Life of Christ* (“Harmonia dos Evangelhos para Estudantes da Vida de Cristo”). Nova York: Harper & Row, 1950, p. 164.

³⁶H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 193; McGarvey e Pendleton, p. 597.

³⁷Veja breve comentário sobre os herodianos na página 42 da edição “A Vida de Cristo — Parte 1”.

³⁸Houve uma referência anterior a fariseus e herodianos conspirarem juntos: Marcos 3:6. Veja comentários sobre Marcos 3:6 na página 30 da edição “A Vida de Cristo — Parte 3”.

meçaram a conversa com bajulações³⁹, na esperança de que Cristo baixasse a guarda: “Mestre... és verdadeiro e... ensinas o caminho de Deus, de acordo com a verdade, sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens” (Mateus 22:16c). E então disseram: “Dize-nos, pois: que te parece?” (Mateus 22:17a), ecoando palavras usadas anteriormente pelo próprio Cristo (Mateus 21:28a). Cada expressão foi planejada para incitá-lo a responder.

Prontos para acionar a armadilha, perguntaram: “É lícito pagar tributo a César⁴⁰ ou não?” (Mateus 22:17b). Todo ano os judeus tinham de pagar uma grande soma de dinheiro a Roma como confirmação de sua sujeição. O povo judeu odiava todos os impostos estrangeiros⁴¹, mas tinha uma aversão especial ao tributo. Esse tributo era um imposto capital — ou seja, um imposto baseado no número de pessoas que residiam numa região em particular⁴². O imposto exigido era de “um denário por cada adulto entre catorze e sessenta e cinco anos de idade”⁴³.

Anteriormente, Jesus havia feito aos membros do concílio uma pergunta que os colocou num dilema. Os fariseus decidiram usar a mesma estratégia. Pensavam eles que qualquer que fosse a resposta de Cristo à pergunta do tributo, Ele estaria em apuros. Se dissesse: “Paguem, sim”, os fariseus poderiam condená-lo perante o povo como apoiador dos opressores romanos. Se dissesse: “Não paguem”, os herodianos que acompanhavam os fariseus ali presentes poderiam delatá-lo ao governador romano como um subversivo⁴⁴. Uma das respostas faria Jesus perder a simpatia do povo; a outra, O caracterizaria como desleal às autoridades civis.

³⁹As palavras que disseram, embora verdadeiras, eram bajulações falsas 1) porque eles não criam nelas e 2) porque eles tinham um motivo oculto para dizer aquilo (veja Mateus 22:18).

⁴⁰Originalmente, o termo “César” referia-se a Julio César, mas veio a ser uma designação para qualquer imperador romano.

⁴¹Segundo Will Ed Warren, “a destruição de Jerusalém deu-se parcialmente por causa de impostos” (Will Ed Warren, apostila do curso *The Life of Christ: The Synoptic Gospels* [“A Vida de Cristo: Os Evangelhos Sinópticos”]. Harding University, 1991, p. 91). Veja uma lista desses impostos na edição “A Vida de Cristo — Parte 9”, p. 13.

⁴²A palavra grega traduzida por “tributo” denota um imposto baseado numa “contagem de pessoas” (*The Analytical Greek Lexicon* [“Léxico do Grego Analítico”]. Londres: Samuel Bagster & Sons Ltd., 1971, p. 230).

⁴³Warren, p. 91.

⁴⁴Quando Jesus foi mais tarde levado a Pilatos, acusaram-no de “vetar pagar tributo a César” (Lucas 23:2), mas essa falsa acusação aparentemente não teve peso sobre o processo judicial.

A Resposta

Se me fizessem essa pergunta, eu gaguejaria e depois responderia como os membros do concílio responderam: “Não sei” (veja Mateus 21:27). Jesus não foi tão facilmente intimidado. Ele, “porém, conhecendo-lhes a malícia, respondeu: Por que me experimentais, hipócritas?” (Mateus 22:18).

O Senhor decidiu usar um objeto real para ensinar uma lição. Ele disse àqueles homens: “Mostrai-me a moeda do tributo” (Mateus 22:19a). Provavelmente ficaram confusos com Sua resposta, mas encontraram o denário⁴⁵ — a moeda romana usada para pagar o tributo — e o levaram até Ele (Mateus 22:19b).

Levantando ou mostrando a moeda, Cristo perguntou: “De quem é esta efígie e inscrição?” (Mateus 22:20). O denário era a moeda romana em circulação mais comum⁴⁶. A moeda estampava uma “imagem”: um retrato do imperador Tibério. Havia também uma “inscrição”:

TICAESARDIVIAVGFAVGVSTVS

Era uma forma abreviada de *Ti(bério) César, Divi Augusti filius Augustus*, que significava “Tibério César Augusto, filho do divino Augusto”⁴⁷. Responderam então: “De César” (Mateus 22:21a).

A seguir, foram proferidas aquelas clássicas e citadíssimas palavras de Jesus: “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mateus 22:21b). A moeda fora emitida por César; ela pertencia a ele⁴⁸. Cristo estava dizendo: “Não há nada de errado em devolver uma propriedade do imperador”. Por outro lado, algumas coisas eram (e são) propriedade exclusiva de Deus — o direito de ser adorado, por exemplo⁴⁹. Essas coisas só poderiam ser destinadas a Deus. Assim Jesus mostrou que

⁴⁵O fato de terem “levado um denário” até Ele pode indicar que não havia um ali disponível. Imagine a cena: todos tateando suas carteiras, e perguntando: “Você tem um denário?” “Não, e você?”

⁴⁶Como já observamos antes, o denário representava a diária de um trabalhador braçal (Mateus 20:2, 9).

⁴⁷A inscrição também poderia significar “Tibério César, o filho Augusto do Divino Augusto”. Grande parte desta informação é de McGarvey e Pendleton, p. 599.

⁴⁸Via de regra, cada país usa o dinheiro em cédulas ou moedas emitidas pelo seu governo e elas são propriedade do governo.

⁴⁹As palavras de Jesus continham um protesto implícito contra as reivindicações idólatras na inscrição (“o divino Augusto”). A moeda continha a imagem de César e poderia ser dada a ele, mas nós fomos feitos à imagem *de Deus* (Gênesis 1:26, 27) e só devemos nos devotar a *Ele*.

cumprir obrigações civis básicas⁵⁰ não é incoerente com a fidelidade total a Deus, implicando que Seus questionadores poderiam e deveriam cumprir ambos os deveres.

Os jovens eruditos “não puderam apanhá-lo em palavra alguma diante do povo” (Lucas 20:26a). Ficaram francamente “admirados da sua resposta” (Lucas 20:26b; veja Mateus 22:22a). Os fariseus certamente depreciavam Jesus, por isso seus discípulos ficaram atônitos diante da astúcia e sabedoria do Galileu. Emudecidos (Lucas 20:26c), “foram-se” (Mateus 22:22b) embora.

CONCLUSÃO

Nosso estudo sobre “o grande dia das perguntas” continuará na próxima lição, mas já vimos o bastante para que você entenda por que, no fim daquelas vinte e quatro horas, Jesus poderia ter dito: “Que dia!”, ao passo que Seus inimigos teriam sido obrigados a lamentar: “Que dia”. Assim como os discípulos dos fariseus, sempre fico “admirado” quando vejo como Cristo lidou com Seus oponentes naquela terça-feira especial.

Não sei que tipo de dia você está tendo, mas espero que você possa dizer: “Que dia!”, em vez de lamentar: “Que dia”. Sempre que entendermos que Deus está conosco, poderemos dizer com o salmista: “Este é o dia que o Senhor fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele” (Salmos 118:24).

⁵⁰Veja versículos chaves sobre a responsabilidade do cristão para com o governo civil em Romanos 13:1-7; 1 Timóteo 2:1, 2; Tito 3:1, 2; 1 Pedro 2:13-17.



Um Convite do Rei!

Mateus
22:1-14,
Olhando de perto



Imagine alguém batendo à sua porta. Quando você abre a porta, vê um homem de aparência distinta ali em pé: “Acabei de chegar de Brasília, D.F., para lhe dar isto”, diz ele. E lhe entrega um envelope que contém um convite do Presidente do Brasil para uma cerimônia de estado. “O transporte está à sua espera, senhor”, diz o homem. “Aprontese o mais rápido possível para o levamos até o aeroporto. O avião do presidente está aguardando pelo senhor.” Isto seria emocionante. O sermão de hoje, porém, é sobre um convite muito mais eletrizante e importante: um convite do Rei, o Rei do universo!

O texto básico desta pregação é Mateus 22:1-14. O cenário é a última semana do ministério pessoal de Jesus. Os acontecimentos ocorreram na terça-feira, “o grande dia das perguntas”. Enquanto Cristo ensinava no templo, Ele foi confrontado por representantes do Sinédrio. Eles indagaram ao Senhor: “Com que autoridade fazes estas coisas” (Mateus 21:23a). Como parte da resposta, Jesus contou três parábolas que expunham a pecaminosidade de Seus inimigos. As duas primeiras foram a parábola dos dois filhos e a dos lavradores maus. A terceira foi a parábola do banquete de casamento do filho do rei. Ela se parece com uma parábola que Jesus havia contado antes (Lucas 14), mas vários detalhes são diferentes. Ela é singular por ser uma parábola dupla, duas parábolas em uma¹. A segunda poderia se chamar a parábola da veste nupcial.

Estamos intitulado este sermão de “Um Convite do Rei!” Extrairemos do texto bíblico verdades concernentes a esse convite especial.

¹No capitalismo ocidental seria como uma oferta do tipo “leve dois e pague um”. Nesta parábola, você tem duas parábolas, “ao preço de uma”.

É UM CONVITE PARA SE FESTEJAR (Vv. 1-3)

A Parábola

A passagem começa com estas palavras: “De novo, entrou Jesus a falar por parábolas, dizendo-lhes: O reino dos céus é semelhante a um rei que celebrou as bodas² de seu filho” (vv. 1, 2). O rei da parábola representa Deus. No início da história, o rei “enviou os seus servos³ a chamar os convidados para as bodas” (v. 3a).

A Idéia Principal

Observemos primeiramente a natureza do convite: é um convite para um banquete de casamento, uma ocasião festiva. No Antigo Testamento, as figuras do casamento e do banquete foram usadas para predizer a vinda da Era Messiânica — ou seja, o cristianismo⁴. No Novo Testamento, essas figuras continuam sendo usadas⁵. A igreja é a noiva de Cristo (Efésios 5:23-27, 31, 32; veja também 2 Coríntios 11:2)⁶. Num sentido, o “banquete de casamento” já

²Outra possível tradução seria “banquete de casamento” (veja v. 4; NVI).

³Outra possível tradução seria “escravos”.

⁴Em relação ao simbolismo do casamento, veja Isaías 61:10; 62:5; Oséias 2:19. Em relação ao simbolismo do banquete, veja Isaías 25:6; 65:13. (Veja também Lucas 14:15.)

⁵Em relação ao simbolismo do casamento, veja Mateus 9:15; João 3:29. Em relação ao simbolismo do banquete, veja Mateus 8:11, 12; Lucas 22:30.

⁶Havia dois estágios no casamento judaico: o contrato de casamento e a cerimônia nupcial oficial. Os dois eventos estão misturados quando o Novo Testamento fala da relação da igreja com Cristo. Segunda Coríntios 11:2 fala do contrato de casamento, enquanto Efésios 5 usa a figura de uma noiva. Esses detalhes não são essenciais neste sermão. Veja uma exposição das duas etapas de um casamento judaico na edição “Apocalipse — Parte 9”, de *A Verdade para Hoje*, pp. 29-30.

havia começado⁷ e continuará por toda a eternidade. Em Apocalipse, a vitória do povo de Deus é celebrada: “Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro” (19:9a).

Nessa imagem devem nos impressionar as bênçãos e a felicidade da vida cristã. Sim, há aspectos lúgubres na vida do cristão. Parábolas também comparam o reino ao trabalho numa vinha ou à labuta no campo, mas cristianismo não é só isso⁸. Há também uma alegria subjacente.

Infelizmente, os cristãos nem sempre percebem isto. Descobriu-se uma carta redigida não antes do século IV, que pretendia apresentar uma descrição física de Cristo. Entre outras coisas, ela dizia que o Senhor “nunca foi visto sorrindo, mas muitas vezes chorando”⁹. Essa descrição não tem base alguma em fatos¹⁰. Apesar disso, “por ter sido a primeira descrição escrita de Jesus, ela surtiu um efeito duradouro sobre a arte e a escultura das eras seguintes, de modo que até hoje Jesus é muitas vezes retratado como o homem que nunca sorriu”¹¹.

No decorrer dos anos, supostos seguidores de Jesus demonstraram com frequência estar convictos de que há pouca alegria no cristianismo. Os puritanos condenavam brinquedos para crianças considerando-os “obras da carne”. Quando John Wesley fundou um internato infantil, ele exigiu que as crianças levantassem às quatro horas da manhã, no inverno e no verão. A escola dele também não tinha períodos de recesso nem férias, e não permitia brincadeiras de espécie alguma.

Em contraste com essa interminável tristeza, Paulo escreveu: “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos” (Filipenses 4:4). Mais uma vez afirmamos: o convite para o banquete de casamento é um convite de alegria.

Diante disso, analisemos duas verdades. 1) Se recusarmos o convite do Rei, estaremos rejeitando alegria. Uma tragédia dupla recaiu sobre os que não aceitaram o convite: eles não só foram destruídos,

⁷Certo escritor expressou isto da seguinte maneira: “A festa já tinha começado!”

⁸Alguém salientou que nenhuma parábola bíblica compara a vida cristã a um velório.

⁹Essa carta espúria foi escrita em latim, supostamente por um certo Públio Lentulo, dito contemporâneo de Pilatos. Essa informação provém de Neil R. Lightfoot, *The Parables of Jesus*, Part 2 (“As Parábolas de Jesus,” Parte 2). Austin, Tex.: R. B. Sweet Co., 1965, p. 12.

¹⁰Ninguém gosta de estar perto de alguém que nunca sorri, mas as pessoas gostavam de estar com Jesus. Muitos ensinados de Jesus refletem Seu senso de bom humor.

¹¹Lightfoot, p. 12. A informação no parágrafo seguinte é da mesma fonte.

como também perderam a alegria do banquete. 2) Se aceitarmos o convite, deveremos nos esforçar para *ficar* felizes. Deus não quer convidados com caras tristes em Seu banquete nupcial.

É UM CONVITE QUE EXIGE UMA RESPOSTA (Vv. 3–10, 14)

A Parábola

Retomemos a história. O rei “enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas” (v. 3a). O texto sugere um convite duplo: certos indivíduos receberam o convite para o banquete previamente; depois, quando o banquete estava pronto, servos foram enviados para dizer a esses convidados que estava na hora de irem à festa¹².

Os que receberam o convite representavam os israelitas¹³. Eles foram “convidados” pelos profetas que ensinaram a respeito do banquete messiânico. O fato de a parábola falar de um segundo convite implica que os judeus aceitaram o primeiro convite; ou seja, aceitaram o conceito do reino messiânico vindouro.

Quando os convidados foram informados de que o banquete estava pronto, “não quiseram vir” (v. 3b), exibindo assim seu espírito obstinado e rebelde. Entretanto, o rei se dispôs a dar-lhes uma outra oportunidade. Talvez ele tenha pensado: “Eles não entenderam os primeiros mensageiros. Darei a eles o benefício da dúvida”. Então,

Enviou ainda outros servos, com esta ordem: Dizei aos convidados: Eis que já preparei o meu banquete; os meus bois e cevados já foram abatidos [esses animais só eram abatidos no dia do banquete], e tudo está pronto [a carne estava assada e pronta para ser servida]; vinde para as bodas (v. 4).

Na narrativa de Lucas 14, a esta altura, os convidados começaram a desculpar-se. Nesta narrativa, os convidados ignoraram as proclamas: “Eles, porém, não se importaram” (v. 5a). A língua original enfatiza a falta de interesse deles. Em Hebreus 2:3 o

¹²Esse convite duplo pode ser ilustrado pelo Livro de Ester: Ester convidou Hamã para um banquete (Ester 5:8). Depois, quando chegou a hora de fato, ela mandou um criado ir buscá-lo (Ester 6:14).

¹³Na lição anterior a este sermão, observamos que, no contexto, os convidados representavam os judeus “religiosos” em geral e os líderes judeus em particular. Poderíamos também observar que, via de regra, amigos e dignatários importantes eram convidados a tais ocasiões. Os judeus eram o povo escolhido de Deus; eram importantes para Ele e deveriam ser amigos de Deus.

mesmo verbo grego é traduzido por “negligenciar”. Os convidados não valorizaram a oportunidade. A ERC diz que eles “não fizeram caso”.

O rei recebeu um insulto duplo. Alguns o insultaram por estarem excessivamente envolvidos em outras questões: “se foram, um para o seu campo, outro para o seu negócio” (v. 5b). Não se tratavam de atividades malignas; só não eram tão importantes quanto o convite do rei. William Barclay escreveu:

É muito fácil um homem estar tão ocupado com as coisas de sua época que se esquece das coisas da eternidade, tão preocupado com as coisas que se vêem que se esquece das coisas que não se vêem, ouvir tão insistentemente as reivindicações do mundo que não consegue ouvir o convite suave da voz de Cristo. A tragédia da vida é que geralmente são as coisas que estão em segundo lugar que excluem as que são mais importantes, e são as coisas boas em si mesmas que excluem as supremas.¹⁴

Outros insultaram o governante recusando o convite com violência: “e, os outros, apoderando-se dos servos, os ultrajaram e mataram” (v. 6). Essa foi uma referência ao tratamento dos judeus dispensado aos profetas e talvez fosse até uma predição da maneira como, mais tarde, tratariam os apóstolos. Alguns ignoraram o convite e outros se opuseram a ele — em ambos os casos, porém, o resultado final foi o mesmo.

No mundo ocidental, o segundo tipo de indivíduo é encontrado de vez em quando, mas o primeiro tipo é muito mais comum. Muitas e muitas pessoas estão ocupadas demais, envolvidas demais em atividades outras, para se interessarem no convite do Rei.

O que fizeram aos representantes do rei, na verdade, fizeram ao próprio rei¹⁵. Por isso, quando o rei ouviu o que aconteceu, ele “ficou irado” (v. 7a). Entendamos que Deus pode ser benevolente, mas Ele também pode ficar irado. E quando Deus fica irado, é melhor recuar!

“Enviando as suas tropas”, o rei “exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade” (v. 7b). No contexto, isto certamente se referia à destruição de Jerusalém que veio a acontecer pelo exército romano, no ano 70 d.C.

¹⁴William Barclay, *The Gospel of Matthew*, vol. 2 (“O Evangelho de Mateus,” vol. 2), ed. rev. The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 268.

¹⁵Vejam uma ilustração contemporânea: quando terroristas armam uma bomba na embaixada de determinado país, o ato deles é na verdade contra esse país, e não somente contra os indivíduos mortos ou feridos.

O banquete, no entanto, estava pronto. O rei disse aos servos: “Está pronta a festa, mas os convidados não eram dignos” (v. 8). “Não eram dignos” não se refere a uma falta de dignidade intrínseca, mas ao fato de que eles se mostraram indignos rejeitando o convite (veja Atos 13:44–46).

Os servos receberam a seguinte instrução: “Ide, pois, para as encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas a quantos encontrardes” (v. 9). A expressão grega traduzida por “as encruzilhadas dos caminhos” indica locais onde havia aglomeração de pessoas¹⁶. A NVI diz “as esquinas”. Existe um lugar na sua comunidade onde é mais provável encontrar pessoas reunidas quase todo tempo, dia e noite? Essa é a idéia implícita no termo “as encruzilhadas dos caminhos”. O rei disse: “Convidai para as bodas a quantos encontrardes”. Isto não se parece com a grande comissão? “Ide e pregai o evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15).

Os mensageiros fizeram conforme o rei ordenara: “E, saindo aqueles servos pelas estradas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons” (v. 10a)¹⁷. “Bons e maus” não significa que o mal tem lugar no reino de Deus, mas que Deus está interessado em todas as pessoas — quer sejam boas, quer sejam más — e convida a todos. O evangelho é para todos. No capítulo anterior, o Senhor mostrou que as pessoas “más” daqueles dias eram mais receptivas que as “religiosas” (Mateus 21:28–32).

A doutrina da salvação pela graça está implícita aqui; as pessoas “nas encruzilhadas dos caminhos” nada haviam feito para merecerem o convite. Elas não haviam adquirido o direito de ir ao banquete. Ele foi totalmente gratuito (veja Efésios 2:8, 9).

Depois que os servos concluíram a busca pela vizinhança, “a sala do banquete ficou repleta de convidados” (v. 10). O rei não cancelou o banquete porque alguns rejeitaram seu convite e o insultaram. Ele realizou o seu banquete e seu salão ficou lotado de convidados para a celebração. Da mesma forma, pessoas jamais poderão frustrar os planos e propósitos divinos.

A Idéia Principal

Podemos aprender muito com a primeira parte da parábola, mas destaquemos especialmente uma coisa: o convite é lançado a todos nós, mas cada um tem o direito de aceitá-lo ou rejeitá-lo. Entendamos,

¹⁶A tradução da ERA é fiel ao original grego.

¹⁷Na lição anterior observamos que, no contexto, a expressão “bons e maus” representava o segmento “não religioso” dos judeus e talvez também os gentios.

porém, que se rejeitarmos o convite, deixaremos o Rei muito descontente.

Dê uma olhada no versículo 14: “Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos”. A palavra “muitos” refere-se a “todos”¹⁸: todos são chamados pelo evangelho (2 Tessalonicenses 2:14). Infelizmente “poucos” são escolhidos. No contexto, “escolhidos” refere-se a ter permissão para desfrutar do banquete de casamento. Será que o rei tomou uma decisão arbitrária em relação a cada indivíduo ser ou não admitido? Não. Cada um que foi convidado decidiu se seria ou não um dos “escolhidos” — aceitando ou rejeitando o convite do rei.

Deus quer que *you* se torne um cristão. Ele estendeu a você um convite especial para ir ao “banquete nupcial” dEle. Jesus disse: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mateus 11:28). E disse também: “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo” (Apocalipse 3:20). Paulo escreveu: “eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação” (2 Coríntios 6:2). “O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha” (Apocalipse 22:17). No fim, porém, cabe a você aceitar ou recusar o convite benevolente do Senhor.

É UM CONVITE QUE ENVOLVE RESPONSABILIDADE (Vv. 11–14)

A Parábola

Ainda não terminamos. Resta a segunda parte dessa parábola dupla. Depois que o salão ficou repleto, o rei entrou “para ver os que estavam à mesa” (v. 11a). Literalmente, ele olhou para “os que estavam reclinados à mesa”. As pessoas já estavam reclinadas à mesa do banquete, prontas para desfrutar da superabundante ceia.

Passando a vista pela multidão, o rei “notou ali um homem que não trazia veste nupcial” (v. 11b). Era um insulto para o anfitrião um convidado não usar uma roupa adequada¹⁹ em tal cerimônia.

No fim da Segunda Guerra Mundial, o chefe de Estado russo deu um banquete sofisticado em homenagem ao primeiro-ministro britânico que o visitava, Winston Churchill. Os russos chegaram em seus melhores trajes formais ou nas fardas militares, mas o convidado de honra nada vestia de especial. Churchill chegou vestindo seu famoso sobretudo com zíper que ele havia usado durante o ataque alemão da bomba-V em Londres. Ele pensou que aquele toque de nostalgia seria apreciado pelos russos. Mas não foi assim. Eles se sentiram humilhados e ultrajados porque seu convidado de honra não considerou o banquete digno de suas melhores roupas.²⁰

Há outra ilustração oportuna: como seria se um pai tivesse comprado um lindo e caro vestido de noiva para sua filha, mas ela aparecesse na cerimônia de casamento usando calças jeans sujas? Você acha que o pai se sentiria ofendido? Provavelmente, outras situações semelhantes lhe vêm à mente agora.

Há controvérsias quanto à exigência do convidado estar usando um traje nupcial. Muitos contestam: “Mas o rei chamou os convidados das ruas. Por que ele esperava que eles tivessem roupas formais?” A título de resposta a essa objeção, tem-se observado que em algumas culturas do Oriente Médio, o anfitrião providenciava e dava uma túnica branca a cada convidado, entregue por um recepcionista que ficava na entrada do salão²¹.

Considerando que algo semelhante era a norma na Palestina daquela época, o homem insultou seu anfitrião recusando-se a usar o traje oferecido. Outros estudiosos sugerem que o rei teria dado a esses convidados tempo suficiente para irem para casa e vestirem roupas limpas. Nesse caso, o homem deveria estar vestindo as melhores roupas que tivesse.

Não é importante para nós saber os detalhes. A idéia principal é que, de uma forma ou de outra, o homem *poderia* ter se preparado para o banquete de casamento, mas ele *não* se preparou. O versículo seguinte indica que ele sabia que era indesculpável.

Observemos que foi o rei quem determinou que o homem não estava devidamente trajado — da mesma forma, é Deus quem determina nosso estado. Obviamente, quando falamos de estar devidamente “trajados”, estamos falando do interior, e

¹⁸Nas Escrituras, “muitos” é às vezes usado no sentido de “todos”. Compare “em resgate por muitos” (Mateus 20:28; grifo meu) e “em resgate por todos” (1 Timóteo 2:6; grifo meu).

¹⁹Os eruditos discordam quanto ao que era exatamente essa roupa, mas deveria ser, no mínimo, a melhor roupa do convidado.

²⁰Eldred Echols, *Discovering the Pearl of Great Price* (“Descobrendo a Pérola de Grande Valor”). Fort Worth, Tex.: Sweet Publishing, 1992, p. 167.

²¹*Ibid.*, p. 171. No meu entendimento o objetivo disso era evitar constrangimento aos pobres. Independentemente da posição social ou financeira, todos ficavam vestidos da mesma forma.

não do exterior²². Nós, seres humanos, não somos aptos para julgar tais assuntos. Podemos pensar que certas pessoas que não estão espiritualmente bem vestidas estejam bem vestidas, e vice-versa (veja 1 Samuel 16:7). Só Deus realmente conhece nossos corações (Atos 15:8). Cada um de nós precisa fazer uma aplicação *pessoal*: “O que Deus vê quando Ele olha para dentro do *meu* coração?”

Quando o rei viu o homem vestido inadequadamente, ele perguntou “Amigo²³, como entraste aqui sem veste nupcial?” (Mateus 22:12a). O soberano pediu uma explicação. Parece que se o homem tivesse uma razão aceitável, ele seria perdoado. Contudo, “ele emudeceu” (v. 12b). “Emudeceu” é tradução do vocábulo grego para “amordaçado”. O homem sequer deu uma desculpa.

Então, o rei falou aos Seus “serventes” (v. 13a). Não se tratava dos escravos que lançaram o convite, mas de servos contratados para trabalhar na casa do governante²⁴. Richard Trench chamou-os de “assistentes que ministram”²⁵. São representantes dos anjos do Senhor que “ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade” (Mateus 13:41; veja Mateus 13:49; Lucas 19:24).

O rei disse aos serventes: “Amarrai-o [o homem] de pés e mãos e lançai-o para fora [de modo que não haveria como ele entrar novamente no banquete²⁶], nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes” (Mateus 22:13b). Conservando a imagem da parábola, poderíamos usar estas palavras: “Lance-o na escuridão da noite, fora da luz e da alegria do banquete, e deixe-o ranger os dentes por ter perdido essa maravilhosa oportunidade”. A maioria de nós sabe que essa mesma terminologia é usada para o castigo do fogo do inferno (Mateus 8:12; 25:30).

²²A Bíblia geralmente usa a figura de vestes para ilustrar a necessidade de estar devidamente “trajado” no sentido espiritual. No Antigo Testamento há exemplos como Jó 29:14; Isaías 61:10; Ezequiel 16:10. Várias referências no Novo Testamento serão oferecidas mais adiante neste sermão. A elas poderíamos acrescentar os textos sobre “revestir-se” da armadura de Deus (Romanos 13:12; Efésios 6:11–17; 1 Tessalonicenses 5:8).

²³Há uma forma da palavra “amor” traduzida por “amigo” nos relatos do evangelho, mas ela não foi usada aqui. O termo poderia ser traduzido por “camarada” ou “companheiro”. É usado somente por Mateus no Novo Testamento e sempre significa o oposto do que a palavra implicaria (Mateus 20:13; 26:50).

²⁴*Doulos* é a palavra grega equivalente a “escravo”. A palavra usada aqui é *diakonos*.

²⁵Richard C. Trench, *Notes on the Parables of Our Lord* (“Notas sobre as Parábolas de Nosso Senhor”). Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1953, p. 243.

²⁶Veja Lucas 16:26.

A Idéia Principal

A lição que cada um de nós deve aprender com esta parábola inserida em outra parábola é que aceitar inicialmente o convite do Senhor²⁷ não basta. Para desfrutar do banquete do Senhor, temos de continuar demonstrando o devido respeito por nosso anfitrião²⁸.

Precisamos, em especial, estar espiritualmente vestidos. A imagem de vestir roupas interiores apropriadas encontra-se em expressões como a usada por Paulo em Efésios 4:22–24: “...vos despojeis do velho homem... e vos revistais do novo homem” (veja também Colossenses 3:10, 12, 14). O apóstolo escreveu aos cristãos da Galácia: “Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo *vos revestistes*” (3:26, 27; grifo meu; veja também Romanos 13:14). No Livro de Apocalipse, o povo vitorioso de Deus veste “vestiduras brancas”, “lavadas” e “alvejadas no sangue do Cordeiro” (Apocalipse 7:9, 14; veja também Apocalipse 3:4, 5, 18; 6:11; 22:14). Tendo nos tornado cristãos e tendo vestido essas “vestiduras brancas”, devemos *conservá-las* limpas (veja Tiago 1:27) — vivendo a vida cristã fiel (Apocalipse 2:10) e nos convertendo ao Senhor quando pecamos (1 João 1:7, 9).

Já verificamos que somos salvos pela graça, mas não por uma “graça barata”²⁹. Nos dias de Paulo, alguns ensinavam que a doutrina da salvação pela graça permitia que se vivesse de qualquer maneira. O apóstolo combateu tal ensino:

Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morreremos? Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida (Romanos 6:1–4).

Como já observamos, Jesus encerrou com estas palavras: “Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos” (Mateus 22:14). Os judeus tinham um provérbio que afirmava que muitos foram chamados para sair do Egito, mas poucos foram escolhidos para entrar na Terra Prometida. Na parábola,

²⁷Fazemos isto através da fé e da obediência.

²⁸Fazemos isto vivendo uma vida cristã fiel.

²⁹“Graça barata” é um termo usado pelo teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer (1906–45).

a idéia principal é que dentre os convidados, poucos realmente tiveram permissão para permanecer na sala do banquete e desfrutar da ceia que fora preparada.

CONCLUSÃO

Jesus teve de morrer para que você desfrutasse do banquete espiritual de Deus. Não insulte o Rei fazendo caso do Seu convite. Sua alma está em risco. Diga “sim”, hoje mesmo.

Atribuição de Leitura nº. 30

Mateus 22:23–46; 23:1–39;
Marcos 12:18–40;
Lucas 20:27–47

Mateus 22:23–46

²³Naquele dia, aproximaram-se dele alguns saduceus, que dizem não haver ressurreição, e lhe perguntaram:

²⁴Mestre, Moisés disse: Se alguém morrer, não tendo filhos, seu irmão casará com a viúva e suscitará descendência ao falecido.

²⁵Ora, havia entre nós sete irmãos. O primeiro, tendo casado, morreu e, não tendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão;

²⁶o mesmo sucedeu com o segundo, com o terceiro, até ao sétimo;

²⁷depois de todos eles, morreu também a mulher.

²⁸Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será ela esposa? Porque todos a desposaram.

²⁹Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus.

³⁰Porque, na ressurreição, nem casam, nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu.

³¹E, quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou:

³²Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó?

Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos.

³³Ouvindo isto, as multidões se maravilhavam da sua doutrina.

³⁴Entretanto, os fariseus, sabendo que ele fizera calar os saduceus, reuniram-se em conselho.

³⁵E um deles, intérprete da Lei, experimentando-o, lhe

perguntou:

³⁶Mestre, qual é o grande mandamento na Lei?

³⁷Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento.

³⁸Este é o grande e primeiro mandamento.

³⁹O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

⁴⁰Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.

⁴¹Reunidos os fariseus, interrogou-os Jesus:

⁴²Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Responderam-lhe eles: De Davi.

⁴³Replicou-lhes Jesus: Como, pois, Davi, pelo Espírito, chama-lhe Senhor, dizendo:

⁴⁴Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés?

⁴⁵Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho?

⁴⁶E ninguém lhe podia responder palavra, nem ousou alguém, a partir daquele dia, fazer-lhe perguntas.

Mateus 23:1–39

¹Então, falou Jesus às multidões e aos seus discípulos:

²Na cadeira de Moisés, se assentaram os escribas e os fariseus.

³Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem.

⁴Atam fardos pesados [e difíceis de carregar] e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los.

⁵Praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam os seus filactérios e alongam as suas franjas.

⁶Amam o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas,

⁷as saudações nas praças e o serem chamados mestres

pelos homens.

⁸Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos.

⁹A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus.

¹⁰Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo.

¹¹Mas o maior dentre vós será vosso servo.

¹²Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado.

¹³Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando!

¹⁴[Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque devorais as casas das viúvas e, para o justificar, fazeis longas orações; por isso, sofrereis juízo muito mais severo!]

¹⁵Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós!

¹⁶Ai de vós, guias cegos, que dizeis: Quem jurar pelo santuário, isso é nada; mas, se alguém jurar pelo ouro do santuário, fica obrigado pelo que jurou!

¹⁷Insensatos e cegos! Pois qual é maior: o ouro ou o santuário que santifica o ouro?

¹⁸E dizeis: Quem jurar pelo altar, isso é nada; quem, porém, jurar pela oferta que está sobre o altar fica obrigado pelo que jurou.

¹⁹Cegos! Pois qual é maior: a oferta ou o altar que santifica a oferta?

²⁰Portanto, quem jurar pelo altar jura por ele e por tudo o que sobre ele está.

²¹Quem jurar pelo santuário jura por ele e por aquele que nele habita;

²²e quem jurar pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que no trono está sentado.

²³Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça,

a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas!

²⁴Guias cegos, que coais o mosquito e engolis o camelo!

²⁵Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque limpais o exterior do copo e do prato, mas estes, por dentro, estão cheios de rapina e intemperança!

²⁶Fariseu cego, limpa primeiro o interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo!

²⁷Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia!

²⁸Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.

²⁹Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque edificais os sepulcros dos profetas, adornais os túmulos dos justos

³⁰e dizeis: Se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no sangue dos profetas!

³¹Assim, contra vós mesmos, testificais que sois filhos dos que mataram os profetas.

³²Enchei vós, pois, a medida de vossos pais.

³³Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?

³⁴Por isso, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas. A uns matareis e crucificareis; a outros açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade;

³⁵para que sobre vós recaia todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar.

³⁶Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre a presente geração.

³⁷Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!

³⁸Eis que a vossa casa vos ficará deserta.

³⁹Declaro-vos, pois, que, desde agora, já não me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor! Marcos 12:18–40

¹⁸Então, os saduceus, que dizem não haver ressurreição, aproximaram-se dele e lhe perguntaram, dizendo:

¹⁹Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se morrer o irmão de alguém e deixar mulher sem filhos, seu irmão a tome como esposa e suscite descendência a seu irmão.

²⁰Ora, havia sete irmãos; o primeiro casou e morreu sem deixar descendência;

²¹o segundo desposou a viúva e morreu, também sem deixar descendência; e o terceiro, da mesma forma.

²²E, assim, os sete não deixaram descendência. Por fim, depois de todos, morreu também a mulher.

²³Na ressurreição, quando eles ressuscitarem, de qual deles será ela a esposa? Porque os sete a desposaram.

²⁴Respondeu-lhes Jesus: Não provém o vosso erro de não conhecerdes as Escrituras, nem o poder de Deus?

²⁵Pois, quando ressuscitarem de entre os mortos, nem casarão, nem se darão em casamento; porém, são como os anjos nos céus.

²⁶Quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido no Livro de Moisés, no trecho referente à sarça, como Deus lhe falou:

Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó?

²⁷Ora, ele não é Deus de mortos, e sim de vivos. Laborais em grande erro.

²⁸Chegando um dos escribas, tendo ouvido a discussão entre eles, vendo como Jesus lhes houvera respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o principal de todos os mandamentos?

²⁹Respondeu Jesus: O principal é:

Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor!

³⁰Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força.

³¹O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes.

³²Disse-lhe o escriba: Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele,

³³e que amar a Deus de todo o coração e de todo o entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo excede a todos os holocaustos e sacrifícios.

³⁴Vendo Jesus que ele havia respondido sabiamente, declarou-lhe: Não estás longe do reino de Deus. E já ninguém mais ousava interrogá-lo.

³⁵Jesus, ensinando no templo, perguntou: Como dizem os escribas que o Cristo é filho de Davi?

³⁶O próprio Davi falou, pelo Espírito Santo:

Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés.

³⁷O mesmo Davi chama-lhe Senhor; como, pois, é ele seu filho? E a grande multidão o ouvia com prazer.

³⁸E, ao ensinar, dizia ele: Guardai-vos dos escribas, que gostam de andar com vestes talaes e das saudações nas praças;

³⁹e das primeiras cadeiras nas sinagogas e dos primeiros lugares nos banquetes;

⁴⁰os quais devoram as casas das viúvas e, para o justificar, fazem longas orações; estes sofrerão juízo muito mais severo.

Lucas 20:27–47

²⁷Chegando alguns dos saduceus, homens que dizem não haver ressurreição,

²⁸perguntaram-lhe: Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se morrer o irmão de alguém, sendo aquele casado e não deixando filhos, seu irmão deve casar com a viúva e suscitar descendência ao falecido.

²⁹Ora, havia sete irmãos: o primeiro casou e morreu sem filhos;

³⁰o segundo e o terceiro também desposaram a viúva;

³¹igualmente os sete não tiveram filhos e morreram.

³²Por fim, morreu também a mulher.

³³Esta mulher, pois, no dia da ressurreição, de qual deles será esposa? Porque os sete a desposaram.

³⁴Então, lhes acrescentou Jesus: Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento;

³⁵mas os que são havidos por dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento.

³⁶Pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição.

³⁷E que os mortos hão de ressuscitar, Moisés o indicou no trecho referente à sarça, quando chama ao Senhor o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó.

³⁸Ora, Deus não é Deus de mortos, e sim de vivos; porque para ele todos vivem.

³⁹Então, disseram alguns dos escribas: Mestre, respondeste bem!

⁴⁰Dali por diante, não ousaram mais interrogá-lo.

⁴¹Mas Jesus lhes perguntou: Como podem dizer que o Cristo é filho de Davi?

⁴²Visto como o próprio Davi afirma no livro dos Salmos:

Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita,

⁴³até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés.

⁴⁴Assim, pois, Davi lhe chama Senhor, e como pode ser ele seu filho?

⁴⁵Ouvindo-o todo o povo, recomendou Jesus a seus discípulos:

⁴⁶Guardai-vos dos escribas, que gostam de andar com vestes talares e muito apreciam as saudações nas praças, as primeiras cadeiras nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes;

⁴⁷os quais devoram as casas das viúvas e, para o justificar, fazem longas orações; estes sofrerão juízo muito mais severo.

O Vencedor ... e Ainda Campeão!

Leitura Bíblica 30

- VIII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).
- E. Terça-feira: “O Grande Dia das Perguntas” (continuação).
3. Uma série de perguntas (continuação):
 - b. Saduceus perguntam sobre a ressurreição (Mateus 22:23–33; Marcos 12:18–27; Lucas 20:27–39).
 - c. Um escriba pergunta sobre o maior mandamento (Mateus 22:34–40; Marcos 12:28–34; Lucas 20:40).
 - d. Jesus pergunta sobre “o Cristo” (Mateus 22:41–46; Marcos 12:35–37; Lucas 20:41–44).¹
 4. Cristo denuncia os escribas e fariseus (Mateus 23:1–39; Marcos 12:38–40; Lucas 20:45–47).²

INTRODUÇÃO

Imagine-se cercado de matadores profissionais. Um deles se move impetuosamente para cima de você. E trava-se ali uma luta de vida ou morte. Você consegue derrotar o homem, mas, antes que retome o fôlego, um outro assume o lugar dele. Esta seqüência se repete vez após vez. Arquejando, você se pergunta: “Não têm fim os que me atacam?” Existem paralelos entre essa cena fictícia e os acontecimentos ocorridos na terça-feira da última semana do ministério de Jesus. Cercado de inimigos, Cristo foi submetido a constantes ataques. Assim que Ele derrotava um grupo de salteadores, um outro assumia o lugar. Eles agrediam Jesus com palavras, não com punhos nem espadas, mas os golpes eram mortais.

Na lição anterior, vimos a autoridade do Senhor ser colocada em dúvida. Também ouvimos Sua resposta à capciosa pergunta sobre os tributos. O tiro-teio verbal continuou até que o Próprio Jesus fez uma pergunta que ninguém pôde responder. Cristo prosseguiu com uma série devastadora de golpes verbais. Quando um campeão de boxe ganha uma

luta que vale um título, o árbitro levanta uma das mãos do boxeador e grita: “O vencedor... e ainda campeão!” Na guerra de palavras com Seus inimigos, Jesus destacou-Se como “o vencedor... e ainda campeão!”

O CONFLITO DA RESSURREIÇÃO (MATEUS 22:23–33; MARCOS 12:18–27; LUCAS 20:27–39)

A Pergunta

Depois que Cristo deu uma resposta aos fariseus e aos herodianos (Mateus 22:15–22), “os saduceus... aproximaram-se dele” (Marcos 12:18)³. Eles são identificados como os “que dizem não haver ressurreição” (Marcos 12:18a). Os saduceus recusavam tudo que se relacionasse ao mundo espiritual, incluindo anjos e ressurreição (veja Atos 23:8). Esses céticos aproximaram-se de Jesus “e lhe perguntaram” (Marcos 12:18b).

Os saduceus certamente se deleitaram ao ver seus inimigos, os fariseus, desconcertados com a resposta de Cristo. Todavia, pensavam que tinham uma pergunta que nem Jesus nem ninguém poderia responder. Eles já haviam utilizado essa pergunta para obter vantagens em debates sobre a ressurreição.

¹Conforme observamos na lição anterior, alguns estudiosos situam os acontecimentos daqui até o ensino de Jesus sobre o Julgamento na manhã de quarta-feira, e não na terça-feira.

²Muitos escritores referem-se a isto como o último discurso público de Cristo, e isto pode ser verdade. Nesta harmonia, após este incidente vem o discurso público de Jesus sobre ser levantado na cruz (João 12:20–36).

³Veja uma breve exposição sobre os saduceus na página 42 da edição “A Vida de Cristo — Parte 1”. Os saduceus também são mencionados nas páginas 44 e 45 da edição “A Vida de Cristo — Parte 6” e nas páginas 7 e 8 da edição “A Vida de Cristo — Parte 9”.

reição disputados com os fariseus⁴. A pergunta foi apresentada por meio de um caso hipotético:

Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se morrer o irmão de alguém e deixar mulher sem filhos, seu irmão a tome como esposa e suscite descendência a seu irmão. Ora, havia sete irmãos; o primeiro casou e morreu sem deixar descendência; o segundo desposou a viúva e morreu, também sem deixar descendência; e o terceiro, da mesma forma. E, assim, os sete não deixaram descendência. Por fim, depois de todos, morreu também a mulher. Na ressurreição, quando eles ressuscitarem, de qual deles será ela a esposa? Porque os sete a desposaram (Marcos 12:19–23).

É preciso saber algumas coisas sobre a lei citada para se entender a ilustração e a pergunta. A lei (conhecida como “lei do levirato”) encontra-se em Deuterônimo 25:5–10⁵. Se um homem casado morresse sem deixar herdeiros, um irmão (ou parente mais próximo) tinha a responsabilidade de casar-se com a viúva e gerar um herdeiro. Se nascesse um filho a essa viúva, a criança era considerada herdeira legal do falecido. O propósito da lei era preservar as famílias e ajudar a garantir que a terra e a propriedade permanecessem dentro do círculo familiar.

Não sabemos se essa lei estava rigorosamente em vigor na época de Cristo⁶, mas ela ainda fazia parte da lei de Moisés. A seqüência de fatos reportada pelos saduceus era improvável, mas não impossível. Quando perguntaram: “De qual deles será ela a esposa”, provavelmente estamparam um sorriso malicioso. Eles deduziam que, se houvesse ressurreição, seria impossível endireitar uma confusão marital como a que descreveram.

A Resposta

Os fariseus poderiam ficar sem saída com o enigma dos saduceus, mas Jesus não ficou. Ele respondeu: “Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus” (Mateus 22:29). Se havia dois assuntos sobre os quais os saduceus deveriam ser autoridades, eram eles: Deus e Sua Palavra. Cristo, na verdade, estava dizendo: “Vocês são ignorantes a respeito das duas coisas!”⁷

⁴Veja uma demonstração da contínua batalha entre saduceus e fariseus sobre esse assunto em Atos 23:6–9.

⁵Moisés registrou a lei do levirato, mas o costume era antigo (veja Gênesis 38:8). A lei do levirato é a base para um episódio interessante na história de Rute (Rute 3:1–4:12).

⁶Carter denominou-a de “lei raramente usada” (John Franklin Carter, *A Layman’s Harmony of the Gospels* [“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”]. Nashville: Broadman Press, 1961, p. 260).

⁷Se há dois assuntos sobre os quais você e eu não podemos usar ser ignorantes, são eles: as Escrituras e o poder de Deus!

A ignorância dos saduceus evidenciou-se pelas falsas deduções sobre as quais apoiavam seu ponto de vista. Uma das falsas deduções era que se a vida continua após o túmulo, ela deve basear-se em fundamentos terrenos. Jesus informou-lhes que não é assim:

Então, lhes acrescentou Jesus: Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento; mas os que são havidos por dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento. Pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição (Lucas 20:34–36).⁸

A morte dissolve os laços matrimoniais (Romanos 7:2). Ademais, seremos ressurretos com corpos espirituais, e não físicos (1 Coríntios 15:42–44); apetites carnis serão deixados para trás⁹.

A ignorância dos saduceus manifestou-se numa segunda dedução: que as pessoas não possuem um espírito imortal. Eles acreditavam que “um homem morto deixa de existir”¹⁰. Com o intuito de expor a falácia por trás dessa dedução, Jesus disse:

Quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido no Livro de Moisés, no trecho referente à sarça, como Deus lhe falou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ora, ele não é Deus de mortos, e sim de vivos (Marcos 12:26, 27a).

A citação é de Êxodo 3:6. (Êxodo era um dos livros do Antigo Testamento aceitos pelos saduceus¹¹.) Nessa passagem, o Senhor disse: “*Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó*”. Abraão, Isaque e Jacó já haviam morrido há centenas de anos quando as palavras de Êxodo 3:6 foram ditas. Segundo os saduceus, “um homem morto... era banido para a inexistência”¹². Se eles estivessem certos, Deus teria dito, efetivamente: “Eu sou o Deus da *inexistência*”.

A idéia ressaltada por Jesus é que Deus não teria

⁸Alguns, como os mórmons, não entendem esta passagem e ensinam que os laços matrimoniais sobrevivem à morte.

⁹Isto não quer dizer que não sentiremos nenhum afeto especial por membros da nossa família, a quem amamos nesta vida; mas que nossa relação com eles será diferente, pois nosso laço com eles será somente espiritual, e não carnal.

¹⁰J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or a Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 602.

¹¹Ao estudar com pessoas, é preciso começar utilizando a autoridade que elas aceitam.

¹²Ibid.

dito: “Eu sou o Deus dos que não existem”. Seu argumento poderia ser expresso num silogismo¹³:

- Premissa maior: Deus é um Deus de *vivos*, e não de mortos.
- Premissa menor: Deus disse: “*Eu sou* [tempo presente¹⁴] o Deus de Abraão, Isaque e Jacó” — muito depois de haverem morrido.
- Conclusão: Logo, Abraão, Isaque e Jacó ainda estão *vivos*, embora tenham morrido.

Observemos que Cristo abordou a questão da ressurreição de maneira indireta, ao invés de direta. Ele foi até a raiz da rejeição da ressurreição pelos saduceus: eles não acreditavam na ressurreição porque não acreditavam que os mortos ainda estavam vivos. Jesus provou que a premissa era falsa. Ele certamente balançou a cabeça enquanto concluía: “Laborais em *grande erro*” (v. 27b; grifo meu).

“Ouvindo isto, as multidões se maravilhavam da sua doutrina” (Mateus 22:33). Nunca tinham ouvido alguém responder a complicada dúvida dos saduceus. Até os escribas que ouviam ficaram impressionados. Alguns disseram: “Mestre, respondeste bem!” (Lucas 20:39; veja também Marcos 12:32). Os fariseus provavelmente tomavam nota de tudo. Os saduceus nunca mais tentariam colocá-los à prova com essa pergunta complexa!

O MANDAMENTO *SKIRMISH* (MATEUS 22:34–40; MARCOS 12:28–34; LUCAS 20:40)

Os saduceus retiraram-se da discussão, mas os fariseus não estavam prontos para admitir a derrota. Quando ficaram “sabendo que ele fizera calar os saduceus, reuniram-se em conselho” (Mateus 22:34). Após a urgente reunião, propuseram eleger seu campeão, um intérprete da Lei (Mateus 22:35)¹⁵, bem versado nas Escrituras. Anteriormente, haviam mandado jovens recrutas¹⁶; desta vez, porém, enviariam um veterano experiente.

Enquanto os fariseus cercavam Cristo¹⁷, o in-

¹³Veja uma breva explicação do que é silogismo nas páginas 6 e 7 da edição “A Vida de Cristo — Parte 8”.

¹⁴Alguns que rejeitam a inspiração palavra por palavra dizem que não devemos nos concentrar em palavras específicas quando ensinamos uma doutrina. Jesus, porém, reforçou o tempo verbal de uma única palavra para comunicar Sua idéia principal.

¹⁵Marcos chamou-o de escriba (Marcos 12:28). Tratava-se de um especialista não em lei civil, mas em lei religiosa. (Veja a página 41 da edição “A Vida de Cristo — Parte 1”.)

¹⁶Veja o comentário sobre esses indivíduos nas páginas 13 e 14.

¹⁷Compare esta descrição com Mateus 22:34 e 41. Eles permaneceram “reunidos” durante a conversa entre Jesus e

térprete da Lei, “experimentando-o, lhe perguntou: Mestre, qual é o grande mandamento na Lei?” (Mateus 22:35, 36). Entre os professores judeus, “nenhuma outra... questão era mais ardentemente discutida”¹⁸. Os rabinos haviam contado 365 mandamentos negativos na Lei de Moisés e 248 positivos. Presumindo que seria difícil, senão impossível, guardar todos os 613 mandamentos, eles os classificavam como “mais importantes” e “menos importantes”. A discussão mais intensa dizia respeito a qual deles era o “mais importante”.

Anteriormente, quando Cristo foi questionado por um outro intérprete da Lei¹⁹, Ele concordou que a Lei poderia ser resumida por Deuteronômio 6:5 e Levítico 19:18: Ame a Deus e ame o seu próximo (Lucas 10:25–28). Jesus citou essas referências nesta ocasião²⁰:

O principal é: Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força²¹. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo²². Não há outro mandamento maior do que estes (Marcos 12:29–31).

Muitos professores judeus acreditavam que Deuteronômio 6:5 resumia os quatro primeiros dos dez mandamentos e que Levítico 19:18 resumia os últimos seis²³. Eles deduziam que se o indivíduo obedecesse Deuteronômio 6:5 e Levítico 19:18, ele guardaria todos os dez mandamentos — e que se guardasse todos os dez mandamentos, guardaria toda a Lei.

Os fariseus pareciam desconhecer o fato de que seu representante ficara impressionado com as res-

o intérprete. Eis como a *Bíblia Viva* parafraseia Mateus 22:41: “Então, rodeado pelos fariseus, Ele fez-lhes uma pergunta...”

¹⁸H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 193.

¹⁹Veja uma exposição desse incidente nas páginas 13 e 14 da edição “A Vida de Cristo — Parte 8”.

²⁰Visto que Jesus, na verdade, já respondera antes a essa pergunta, pergunta-se por que ela foi feita novamente. Talvez porque fosse polêmica e os fariseus esperassem que, qualquer que fosse a resposta de Cristo, ela dividiria as opiniões da multidão. Todavia, é mais provável que os questionadores desconhecessem a ocasião anterior, que ocorrera do lado de fora da cidade de Jerusalém.

²¹Veja um comentário detalhado sobre Marcos 12:29 e 30 a partir da página 28.

²²Não perguntaram a Jesus qual era “o segundo” mandamento. Poderíamos dizer que “essa foi de graça”.

²³Alguns escritores do Novo Testamento usaram um raciocínio semelhante em relação “ao segundo mandamento” (veja Romanos 13:8–10; Gálatas 5:14; Tiago 2:8).

postas anteriores de Jesus (Marcos 12:28)²⁴. Desta feita, ele demonstrou que concordava²⁵ com a última resposta do Senhor:

Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele, e que amar a Deus de todo o coração e de todo o entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo excede a todos os holocaustos e sacrifícios (Marcos 12:32, 33).

Jesus viu nesse escriba uma abertura e uma sinceridade incomuns à maioria dos fariseus. Então, disse-lhe: “Não estás longe do reino de Deus” (Marcos 12:34a). Será que o intérprete manteve sua receptividade à medida que Cristo continuou a ensinar? No primeiro Pentecostes após a ressurreição de Jesus, será que ele saiu da posição de “não muito longe” e percorreu todo o caminho até entrar no reino/na igreja (Atos 2:38, 41, 47)? Não sabemos, mas ele teve tal oportunidade.

A pergunta a respeito do grande mandamento foi a última que fizeram a Jesus num local público. Marcos escreveu: “E já ninguém mais ousava interrogá-lo” (Marcos 12:34b; veja Mateus 22:46). Lucas acrescentou: “Dali por diante, não ousaram mais interrogá-lo” (Lucas 20:40). Por um lado, Seus adversários se cansaram de serem humilhados; por outro lado, a batalha de perguntas e respostas estava surtindo o efeito contrário ao que eles planejaram: em vez de perder a credibilidade do povo, Jesus estava fascinando as multidões com Suas respostas (Mateus 22:33; veja Marcos 12:37).

A CONFRONTAÇÃO MESSIÂNICA (MATEUS 22:41–46; MARCOS 12:35–37; LUCAS 20:41–44)

Os inimigos de Cristo haviam encerrado a sabbatina de perguntas, mas Ele não. Virando-se para os fariseus, ainda aglomerados (Mateus 22:41)²⁶, Jesus perguntou: “Que pensais vós do Cristo? De quem é

²⁴Mateus indicou que o intérprete representava os fariseus (Mateus 22:34, 35), enquanto Marcos deixou a impressão de que a pergunta do intérprete foi espontânea e sincera (Marcos 12:28). Os dois relatos complementam, e não contradizem um ao outro. Quando os fariseus ficaram estáticos quanto a como procederiam, um deles (o intérprete) provavelmente apresentou-se como voluntário para ir até Jesus e fazer uma pergunta cuja resposta ele queria ouvir. Os fariseus, nesse caso, desconheciam o genuíno interesse do intérprete.

²⁵A reação do intérprete deve ter alarmado seus colegas fariseus.

²⁶Segundo Mateus, Jesus fez essa pergunta aos fariseus. Marcos 12:35 deixa a impressão de que Jesus fez a pergunta a todos que O ouviam. Lucas 20:40 e 41 indica que Ele lançou a pergunta aos que O haviam interrogado. Todos esses relatos são exatos: Jesus dirigiu a pergunta a todos que O

filho?” (Mateus 22:42a).

Quando os fariseus ouviram o termo “Cristo”, eles não pensavam em Jesus como nós pensamos, mas no Messias prometido por Deus séculos antes. Superficialmente, a pergunta de Jesus parecia fácil. Havia uma concordância de opinião entre os eruditos judeus de que o Messias (o Cristo) seria um descendente do rei Davi (2 Samuel 7:12, 13; Salmos 89:3, 4; 132:11; Isaías 9:7; 11:1, 2; Jeremias 23:5)²⁷. Então responderam: “De Davi” (Mateus 22:42b). A resposta não estava incorreta, mas estava incompleta. As Escrituras de fato ensinavam que o Messias seria um descendente de Davi, mas ensinavam também mais coisas. Os fariseus precisavam ampliar seu entendimento a respeito do Messias.

Jesus deu continuidade à primeira pergunta com uma segunda pergunta: “Como, pois, Davi, pelo Espírito²⁸, chama-lhe Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés?” (Mateus 22:43, 44). A citação é de Salmos 110:1, “que o povo judeu geralmente considerava ser uma promessa do Messias”²⁹. O primeiro “Senhor” mencionado no versículo era Deus Pai³⁰. Os judeus acreditavam que o segundo “Senhor” era o Messias.

Jesus concluiu: “Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho?” (Mateus 22:45). O Cristo era “o Filho de Davi”, mas Ele era *mais* do que isso.

ouviam, mas Ele desafiou os fariseus (que O interrogaram) a responderem.

²⁷Jesus cumpriu essa condição messiânica (Mateus 1:1; Romanos 1:3). Em todos os relatos do evangelho, ele é citado como “Filho de Davi” (veja Mateus 12:23; 15:22; 20:30; 21:9, 15).

²⁸Jesus confirmou assim que Davi escreveu o Salmo 110 e que ele o fez por inspiração.

²⁹Carter, p. 263. A passagem foi citada uma vez por Pedro (Atos 2:34, 35) e repetidas vezes pelo escritor do Livro de Hebreus (Hebreus 1:13; 5:6; 7:17, 21).

³⁰Em Salmos 110:1 o primeiro “Senhor” está escrito com todas as letras maiúsculas (“SENHOR”), referindo-se ao nome sagrado de Deus. Nas Escrituras Hebraicas originais (que não possuíam vogais), esse nome sagrado era representado por quatro consoantes (conhecidas como “O Tetragrama Sagrado” ou “as quatro letras sagradas”): YHWH (que alguns grafam como JHVH). Temendo tomar o nome de Deus em vão, os judeus não pronunciavam esse nome. Com o passar do tempo, perdeu-se sua pronúncia exata. Quando finalmente as vogais foram acrescentadas às consoantes, ninguém sabia quais vogais acrescentar. Muitos acreditam que o nome deveria ser pronunciado “Iavé” ou “Javé”. Alguns tradutores acrescentaram arbitrariamente as vogais extraídas da palavra hebraica equivalente a “Senhor” originando o nome “Jeová”. Visto que não sabemos como pronunciar o nome de Deus, a maioria das traduções substituem “o nome sagrado de Deus” pelo termo “SENHOR” (com todas as letras maiúsculas).

Sendo o Senhor de Davi, Cristo precedia Davi e Ele era o Criador de Davi. Anos depois, Jesus expressou esse conceito múltiplo quando testemunhou a João: “Eu sou a Raiz e a Geração de Davi” (Apocalipse 22:16; grifo meu). Os fariseus entendiam que o Messias era o filho de *Davi* (realza); o que lhes faltava entender era que Ele também era o Filho de *Deus* (divindade).

“E ninguém... podia responder” a pergunta de Jesus (Mateus 22:46). Para respondê-la, teriam de admitir que o ensino deles sobre o Messias era menos do que completo. Marcos registrou: “E a grande multidão o ouvia com prazer” (Marcos 12:37b). Eles certamente gostaram de ver Jesus desbaratando os que se consideravam superiores na compreensão das Escrituras (observe-se a atitude em João 7:49).

O CERCO DA HIPOCRISIA (MATEUS 23:1–39; MARCOS 12:38–40; LUCAS 20:45–47)

À medida que Jesus e Seus inimigos travavam um combate verbal, a multidão aumentava (veja Marcos 12:37b). Antes de encerrar o confronto, Cristo tinha mais uma tarefa. Não seria agradável, mas precisava ser feita³¹. Jesus emitiu uma severa acusação contra os fariseus. A seita dos fariseus O atormentava havia anos, mas não devemos pensar que o Senhor não tivesse um propósito superior ao de ventilar Sua fúria e frustração. Aqui estão alguns possíveis motivos por que Jesus falou tão rigidamente³²:

1) O mal precisa ser exposto. O salmista escreveu: “Vós que amais o Senhor, detestai o mal” (Salmos 97:10; veja Amós 5:15). Antes, Cristo havia purificado o templo com um chicote; agora Ele o fazia com palavras.

2) Os judeus que eram influenciados pelos fariseus precisavam vê-los pelo que eles realmente eram. Por isso Jesus dirigiu-se à multidão em geral (Mateus 23:1) e aos Seus discípulos em particular (Mateus 23:1; Lucas 20:45).

3) Os fariseus precisavam arrepender-se. Ele também se dirigiu aos próprios fariseus (Mateus 23:13), talvez esperando que a consciência de um ou mais fosse abalada³³. As Escrituras orientam: “Repreende o sábio, e ele te amará” (Provérbios 9:8b). Anteriormente, Jesus encontrou um fariseu que não

estava “longe do reino de Deus” (Marcos 12:34); talvez houvesse outros indivíduos presentes com corações sinceros.

A maioria dos escritores descreve Cristo pronunciando os “ais” de Mateus 23 com olhos faiscantes e o dedo indicador apontado, mas é perceptível o sofrimento implícito no encerramento de Sua mensagem: “Jerusalém, Jerusalém...” (Mateus 23:37–39). Certo escritor sugeriu que Mateus 23:

“é um grito de compaixão; e só captaremos esse espírito e propósito se entendermos o tom de pena que faz suas frases mais ríspidas estremecerem. Na verdade, é o último apelo do Salvador a seus inimigos empedernidos, relatando a culpa deles e predizendo o inevitável retorno que teriam, na esperança de que ainda se arrependessem.”³⁴

Estudaremos detalhadamente Mateus 23 mais tarde; por ora, observemos que a ênfase do capítulo está na hipocrisia dos fariseus. Vejamos 23:13–15, 23, 25, 27–29.

Aos olhos do Senhor, poucos pecados eram maiores do que o pecado de ser um hipócrita. O vocábulo é uma transliteração da palavra grega *hypocrites*³⁵, usada pelos gregos para um ator de teatro. Veio a significar aquele que finge ser o que não é. Observe-se a palavra “finge”. Às vezes, todos nós “dizemos coisas e não fazemos” — mas, inconsistência, em si, não é hipocrisia. Um hipócrita não é alguém que fracassa ao tentar viver da melhor maneira que sabe; todos nós fazemos isso (Romanos 3:23). Ao contrário disso, um hipócrita é alguém que tenta intencionalmente enganar os outros em relação à sua condição espiritual. Um estilo de vida hipócrita escoa de um coração cheio de hipocrisia.

Nesse caso, como podemos saber convictamente se uma pessoa está ou não sendo hipócrita, ou se apenas sucumbiu a fraquezas impostas a todos nós? Não podemos. Jesus podia, porque Ele conhecia os corações humanos (João 2:25); mas você e eu não podemos enxergar o interior dos corações das pessoas. Convém, então, sermos cautelosos antes de rotular um indivíduo de “hipócrita”. O único coração que um ser humano pode conhecer é o seu próprio coração (1 Coríntios 2:11). Então, enquanto estudar-

³¹De tempos em tempos, todo pregador se depara com o desafio de reprovar atitudes ou preceitos errados (veja 2 Timóteo 4:1–5).

³²Uma quarta possível razão é apresentada na página 33.

³³Nem todos podem ser atingidos pela mesma abordagem. Alguns requerem uma mensagem penetrante.

³⁴David Smith, *Our Lord's Earthly Life* (“A Vida Terrena de Nosso Senhor”). Nova York: G. H. Doran, 1926, p. 353; citado em H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 194.

³⁵*Hypocrites* é uma palavra composta, que combina a palavra equivalente a “julgar” (*crites*) com a preposição *hupo*, que pode significar “sub” ou “por”.

mos a respeito da hipocrisia dos fariseus, não vamos aplicar o texto a outras pessoas. Em vez disso, que cada um de nós examine seu próprio coração à procura de qualquer vestígio de que a hipocrisia alojou-se ali.

Quando condenou a hipocrisia dos fariseus, Cristo disse que eles “sofreriam juízo muito mais severo” (Mateus 23:14; Marcos 12:40) e chamou-os de “filho[s] do inferno” (Mateus 23:15). Próximo ao fim do discurso, Ele disse: “Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?” (Mateus 23:33)³⁶. Se os discípulos ainda estavam preocupados em ofender os fariseus (Mateus 15:12), os “ais” de Jesus provavelmente lhes causaram indigestão.

Tornamos a repetir que não devemos concluir que a severidade das palavras de Cristo indica que Seu propósito era meramente punir Seus adversários. A lamentação final de Jesus (Mateus 23:37–39) revela “uma disposição, até mesmo um anseio, por mostrar misericórdia”³⁷.

Esse pode ter sido o último discurso público de Cristo³⁸; com certeza foi um dos últimos. “Mereciam ouvi-lo; mas Jesus também devia saber que ele seria fatal. A partir de então, Ele não poderia esperar por misericórdia.”³⁹ Embora “ensanguentados” e derrotados, os inimigos de Jesus deixaram o campo de batalha ainda mais determinados a matá-lo.

CONCLUSÃO

O ministério público de Jesus estava encerrado, mas aquele dia não. Na próxima lição, continuaremos a estudar essa terça-feira repleta de acontecimentos. Ao finalizarmos esta apresentação, queremos enfatizar novamente que Jesus terminou esse dia de conflitos como “o vencedor... e ainda campeão”.

Certamente muitos de nós gostaríamos de ter a habilidade que o Senhor tinha para responder perguntas⁴⁰ — saber o que dizer e como dizê-lo, quando ser gentil e quando ser ríspido. Não possuímos e nunca possuiremos essa habilidade. Mesmo assim,

³⁶ Compare esta passagem com Mateus 3:7; 12:34; Lucas 3:7.

³⁷ Carter, p. 265.

³⁸ Reveja a nota de rodapé 2.

³⁹ B. S. Dean, “Esboço da História do Novo Testamento”, *A Verdade para Hoje*, p. 23.

⁴⁰ Muitos pregadores já estiveram numa situação semelhante à de Jesus: cercados de antagonistas religiosos. Um deles lança uma pergunta e antes mesmo que ela seja completamente respondida, outro lança mais uma pergunta. É difícil sair de tais situações sentindo-se vencedor ou campeão.

é um grande consolo saber que, se permanecermos fiéis a Ele, nós também obteremos vitória no fim de tudo (Apocalipse 15:2)!

Amar a Deus com Tudo

Marcos
12:29, 30.
Olhando de perto



O presente estudo baseia-se no “maior de todos os mandamentos”¹. Talvez você indague: “Qual é o maior mandamento?” Certa vez um escriba aproximou-se de Jesus e fez justamente essa pergunta. Eis aqui a resposta de Cristo:

O principal é: Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes (Marcos 12:29–31).

Então aí está: o maior de todos os mandamentos dados por Deus. Essa não é a minha opinião nem a de algum outro ser humano falível, mas é a declaração inquestionável do Filho de Deus.

Vamos, por um instante, comparar as exigências dessa passagem com a religião praticada por muitos hoje em dia. Para alguns, a religião é acima de tudo um calmante para a consciência e um elevador de prestígio. Em certas regiões, o número de membros de igrejas mantém-se constantemente elevado — mas também são elevados os índices de criminalidade e delinquência juvenil. Nesses lugares, o número de membros de igrejas aumenta ao passo que os padrões de moral e ética despencam. São inúmeras as vidas em que a religião e o viver diário são vias completamente opostas. Alguns não permitem que a mão direita dos negócios saiba o que a mão esquerda da religião está fazendo². Isto está longe do

ensino de Cristo registrado em Marcos 12:29 e 30.

Na resposta de Jesus ao escriba, encontramos o âmago do verdadeiro cristianismo, amar a Deus com *tudo*:

- “de *todo* o teu coração” — o lugar das emoções.
- “de *toda* a tua alma” — o lugar da vida.
- “de *todo* o teu entendimento” — o lugar do intelecto.
- “de *toda* a tua força” — o lugar da energia.³

Essa é a entrega total da pessoa humana à pessoa de Deus, o serviço que se presta com todo o ser. Deus quer *tudo* ou nada de Seus adoradores.

Alguém pode questionar: Deus tem o direito de exigir isso de nós? Deus não exige de nós nada que Ele não Se disponha a dar. Deus nos amou com *tudo*:

Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (João 3:16).

Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores (Romanos 5:8).

Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados (1 João 4:9, 10).

¹Este sermão baseia-se em Batsell Barrett Baxter, “The Greatest Commandment of All” (“O Maior de Todos os Mandamentos”), *If I Be Lifted Up* (“Eu, quando for levantado”). Nashville: Gospel Advocate Co., 1956, pp. 9–18.

²Esta analogia se baseia na terminologia de Mateus 6:3.

³Os grifos em “todo” e “toda” são acréscimos meus às citações bíblicas.

Quando pensamos na cruz de Cristo e em tudo o que Deus fez por nós, só nos resta entregar a esse amor tão maravilhoso e divino toda a nossa alma, toda a nossa vida e todo o nosso ser.

AMAR A DEUS DE TODO O ENTENDIMENTO

Analisemos vários aspectos do maior mandamento com o intuito de verdadeiramente “amarmos a Deus com tudo”. Começemos pelo entendimento: “Amarás o Senhor teu Deus... de todo o teu entendimento”. O entendimento refere-se à mente, ao intelecto, a parte pensante de um indivíduo. É com o entendimento que calculamos nosso imposto de renda⁴. É com o entendimento que pessoas fazem descobertas importantes. É, sobretudo, o entendimento que nossos filhos exercitam e treinam quando vão à escola. Deus quer essa parte comum a homens e mulheres dedicada a Ele.

Podemos amar a Deus de todo o nosso entendimento de várias maneiras. Uma delas é através do estudo diligente da Sua Palavra. Quando Lucas escreveu a respeito das atividades missionárias de Paulo na Macedônia, ele incluiu este trecho: “Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim” (Atos 17:11). Quando Paulo escreveu a Tito as qualificações dos presbíteros, ele disse que um presbítero deve ser um homem “apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem” (Tito 1:9). Quem ama a Deus de todo o seu entendimento passará algumas horas do dia com a Bíblia aberta. E também freqüentará os cultos de adoração e as aulas bíblicas da igreja do Senhor para aprender mais e mais sobre a vontade de Deus.

Além disso — e isto é muito importante — essa pessoa arranjará tempo para ler, estudar e orar junto com sua família, na privacidade do seu próprio lar. Quanta força seria injetada neste mundo se cada família encontrasse tempo em suas agendas lotadas para o estudo e a meditação espiritual! Uma renomada autoridade em crime e em sua prevenção escreveu estas linhas anos atrás:

Ler a Bíblia Sagrada dentro do círculo familiar nunca foi tão importante quanto é atualmente. Ela conduz toda a família a uma unidade mais intimamente ligada. Dá a cada membro uma fé pela qual viver.

⁴Adapte a ilustração conforme a realidade dos seus oitantes.

Quando menino, eu me sentava perante os joelhos de minha mãe enquanto ela lia a Bíblia para mim e explicava seu significado com histórias. Isto serviu para fortalecer nosso laço de fé. Nessa época, havia noites maravilhosas em que meu pai juntava a família ao redor dele e lia versículos da Bíblia em voz alta. Isso envolvia a família em conversas interessantes, animadas e informativas. Essas sessões maravilhosas deixaram em mim uma marca do poder da fé e da oração que sempre me sustentou em momentos importunos ao longo da vida.⁵

Nós também amamos de todo o nosso entendimento quando planejamos com inteligência e tomamos decisões certas. Aqui estão duas passagens pertinentes: “Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus” (Efésios 5:15, 16). “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça” (Mateus 6:33a). Quem ama a Deus *remirá* o tempo, ou seja, fará com que sobre tempo para as atividades que são mais importantes, como prestar devoção individualmente, ajudar o próximo e trabalhar para o Senhor. A mente, o entendimento dessa pessoa, será uma ferramenta afiada para decidir não “pelo que é melhor para ela”, mas “pelo que é melhor para os planos e propósitos de Deus”.

Uma forma especial de amar a Deus com todo o entendimento é dedicar a mente ao serviço do Senhor em tempo integral. Ocasionalmente, ouvimos comentários como este sendo dirigidos a jovens: “Você tem uma mente brilhante. Deveria ser médico [ou juiz, ou cientista]”. Existe uma carência de médicos cristãos, empresários cristãos, juizes cristãos e outros profissionais cristãos; mas também existe uma necessidade gritante de que as mentes mais brilhantes se coloquem nos púlpitos e nas salas de aula para abrir as Escrituras a homens e mulheres, meninos e meninas. Nenhuma tarefa é mais urgente do que pregar e ensinar a Palavra. Pregar e ensinar requer e merece as melhores mentes dentre nós.

Façamos uma pausa nesta análise de como amar a Deus de todo o nosso entendimento para fazer um lembrete: esta parte constitui apenas um quarto do mandamento. Enfatizar só o intelecto pode resultar numa religião fria, racionalista. Há quem se deleite com exercícios intelectuais, varando a noite com debates sobre como muitos anjos podem sentar-se confortavelmente na cabeça de um alfinete. Toda-

⁵Esta citação é atribuída a J. Edgar Hoover, que serviu muitos anos como diretor do FBI — organização federal norte-americana de investigação. No passado, era usada com freqüência em informativos de igrejas. A fonte original é desconhecida.

via, é muito comum o debatedor religioso pensar profundamente num tema e nenhuma atitude prática tomar a respeito. Vamos nos determinar a dar a Deus o melhor de nossas mentes, mas lembremos que essa parte do mandamento não é única. Jesus incluiu esse traço no retrato de uma pessoa que se entrega por inteiro ao seu Senhor.

AMAR A DEUS DE TODO O CORAÇÃO

Queremos, a seguir, analisar esta parte do mandamento: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração...” O termo “coração” é usado na Bíblia com variados sentidos. Pode referir-se ao intelecto ou à vontade de um indivíduo. No contexto em questão, porém, o termo refere-se ao lugar das *emoções*, o centro dos sentimentos.

Às vezes subestimamos a importância da emoção na religião. Talvez esta seja uma reação ao emocionalismo predominante em muitas religiões contemporâneas. Embora não queiramos superenfatizar o lugar das emoções, precisamos entender que ninguém seria *tocado* sem elas. Observemos o parentesco entre as seguintes palavras: emoção, motivação e motor. O motor de um automóvel faz ele se mover. A motivação na vida faz a mesma coisa, e por trás da motivação está a emoção.

A palavra “entusiasmo”, que denota sentimento ardente, vem de duas palavras gregas que significam literalmente “em Deus” ou “Deus em [nós]”. O fato de estarmos em Deus e Deus estar em nós (1 João 4:16) deve nos deixar cheios de entusiasmo; devemos estar cheios de um sentimento ardente. Os irmãos que conheceram bem o pregador e escritor David Lipscomb⁶ dizem que só o viram chorar uma vez. Aconteceu numa manhã de domingo, quando o irmão Lipscomb dirigia a mesa do Senhor. Ele fez um breve comentário sobre a importância da ceia do Senhor e depois, no meio da sua fala, desatou a chorar, não conseguindo terminar. O irmão Lipscomb derramou aquelas lágrimas não com a mente, mas com o coração.

Muito tempo atrás, o rei Davi escreveu algumas das passagens mais poderosas do Antigo Testamento. Ainda lemos e amamos esses salmos que ele escreveu. O impacto que eles exercem sobre nós deve-se, em grande escala, ao fato de Davi ter escrito com o coração. “Ele fez fluir das profundezas dos

seus sentimentos trechos ardentes como o fogo, que ainda chamuscam nossos corações.”⁷

O que significa amar a Deus de todo o coração? Amamos a Deus de todo o nosso coração quando...

- Obedecemos a Deus não somente porque precisamos, mas porque queremos.
- Não amamos nada na mesma intensidade com que amamos a Deus nem nada que não esteja relacionado a Ele.
- Amamos a Deus acima de qualquer outro ser.

Também amamos a Deus de todo o nosso coração quando estamos dispostos a abrir mão de *qualquer coisa* para servi-LO melhor, se preciso for. Devemos estar dispostos a...

- Abrir mão de pessoas amadas, como fez Abraão.
- Abrir mão de bens, como fez Jó.
- Abrir mão de prazeres, como fez Moisés.

E ainda amamos a Deus de todo o nosso coração quando estamos dispostos a fazer *qualquer coisa* por Ele:

- Arrependê-nos, como Davi.
- Ser batizados como os judeus no dia de Pentecostes.
- Esbofetear o corpo como Paulo.
- Prestar serviço como Dorcas.
- Dar como Zaqueu.

A igreja precisa de mais sensibilidade e de mais serviço prestado com o coração. Entretanto, mais uma vez, cabe aqui um lembrete. Alguns têm permitido que os sentimentos e as emoções tomem conta de tudo que se relacione a religião. Aqueles que se guiam estritamente pelos sentimentos são como o solo rochoso em que a semente da Palavra caiu. Devido à falta de profundidade da terra, a planta brotou e rapidamente secou (Mateus 13:6). Hoje, muitos acreditam que se, em suas práticas, houver algo mexendo em seu interior, se tiverem fortes sensações em relação a isso, então Deus aceitará o que fazem. Esses critérios não são um parâmetro confiável. O mundo religioso geralmente exhibe um espírito fervoroso, mas nenhum zelo por aderir aos mandamentos de Deus explícitos na Bíblia (veja Romanos 10:2).

⁶David Lipscomb, um membro da igreja do Senhor, foi um dos primeiros editores da publicação *The Gospel Advocate*. Há uma entidade educacional norte-americana com o seu nome, a David Lipscomb University em Nashville, Tennessee.

⁷Baxter, p. 15.

No maior de todos os mandamentos, Jesus deixou implícito que é preciso haver uma combinação de coração e entendimento (mente), emoção e intelecto. Comparamos as emoções ao motor de um automóvel, mas o intelecto poderia ser comparado à caixa de direção. Um automóvel precisa conter os dois itens para chegar ao destino almejado. Um automóvel com um bom motor, mas sem volante de direção pode até percorrer uma longa distância, mas quem sabe qual será o seu destino final? Por outro lado, um automóvel com volante de direção, mas sem motor não irá a parte alguma. Todo automóvel precisa dos dois componentes. Da mesma forma, tanto o entendimento (a mente) como o coração são necessários para nos relacionarmos com Deus. A mente aprende a vontade do Pai e nos mantém dentro dos limites por Ele estabelecidos. O coração, por sua vez, aquece e intensifica os sentimentos com os quais, dentro dos limites divinos, nós adoramos e servimos o Todo-Poderoso. Esforcemo-nos para amar a Deus de *todo* o nosso entendimento e de *todo* o nosso coração.

AMAR A DEUS DE TODA A FORÇA

Jesus também disse: “Amarás o Senhor teu Deus... de toda a tua força”. A força de um indivíduo consiste em seus talentos e em sua energia. Até aqui, expusemos o amar a Deus de todo o entendimento (o centro do intelecto) e de todo o coração (o centro das emoções), mas ambos residem no interior do indivíduo. Se amarmos verdadeiramente o Senhor, esse amor será *expresso*: em ações e obediência.

O cristianismo é uma religião *prática*. Cristo disse: “Nem todo o que me *diz*: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que *faz* a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mateus 7:21; grifo meu). Tiago escreveu: “Tornai-vos, pois, *praticantes* da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tiago 1:22; grifo meu). Paulo colocou isto da seguinte maneira: “Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal *que tiver feito por meio do corpo*” (2 Coríntios 5:10; grifo meu). Quem não tem vontade de utilizar sua força no serviço de Deus está inapto para o reino dos céus.

Como amar a Deus de toda a nossa força? Primeiramente, amamos a Deus de toda a nossa força quando usamos *o que temos* para Ele. Capacidade mais oportunidade é igual a responsabilidade. Estabeleça como você pode usar da melhor maneira seus talentos e energias no serviço do Senhor. Dizem que cada um de nós possui dez vezes mais habilidades

do que as que desenvolvemos. Dê o máximo ao desenvolver seus talentos para Cristo.

Além disso, como já foi sugerido, amamos a Deus de toda a nossa força quando o amor presente em nossos corações é expresso em ações concretas. Colocando em pratos limpos, precisamos trabalhar para o Mestre (1 Coríntios 15:58). Os médicos de certo líder religioso recomendaram que ele precisava diminuir o ritmo. E ele replicou: “Vou começar a descansar cinco minutos depois que eu morrer”. Um notável evangelista do passado disse uma vez que ele não pretendia chegar à velhice; antes disso acontecer, ele queria já ter sido consumido no serviço para Cristo. Não entenda mal; todos nós precisamos descansar regularmente (Marcos 6:31). O que estamos dizendo é que melhor é ao filho de Deus consumir-se no trabalho para o Senhor do que criar bolor.

Finalmente, amamos a Deus com toda a nossa força quando damos a Deus o melhor de nós. Não raramente, tratamos o Senhor como certa família tratava seu velho cão: davam a ele as sobras de comida. Deus não quer o tempo, o dinheiro, o talento nem a energia que nos sobram após trabalharmos e nos envolvermos em outras atividades. Ele quer o melhor que está em nosso interior (Mateus 6:33). Damos a Deus o melhor de nós, quando O amamos com toda a nossa força.

Amar a Deus de toda a nossa força deve constituir uma das partes da nossa entrega total a Ele. Sansão amou a Deus de toda a sua força, mas não O amou de todo o seu entendimento e coração. O amor que expressamos com nossa força precisa ser guiado pelo intelecto e motivado pelas emoções. Não nos esqueçamos, porém, de que trabalhar para Cristo é um dos indicadores da autenticidade do nosso amor.

AMAR A DEUS DE TODA A ALMA

Finalizando, Jesus disse: “Amarás o Senhor teu Deus... de toda a tua alma”. A alma estava em segundo lugar na lista de Cristo, mas eu a deixei por último porque ela pode servir de resumo da interação ideal que devemos ter com o Pai.

A palavra grega traduzida por “alma” é *psiquē*, que deu origem ao nosso vocábulo “psicologia”. Às vezes, o termo é usado no Novo Testamento como equivalente a “mente” ou “coração” — a parte pensante ou sentimental de uma pessoa. Para muitos de nós, a palavra “alma” é sinônimo de espírito, ou a parte eterna do homem. Todavia, em Marcos 12:29 e 30, a “alma” é contrastada com o intelecto e o entendimento (a mente) e é tratada como atuando para-

lealmente a eles. As duas definições citadas até aqui parecem não se enquadrar⁸ no contexto em questão. Podemos encontrar um significado razoável no fato do termo *psiquē* ser freqüentemente traduzido por “vida”. Vejamos as conhecidas passagens abaixo, nas quais a palavra “vida” é tradução de *psiquē*:

Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a *vida* mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes? (Mateus 6:25; grifo meu).

Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria *vida* em favor dos seus amigos (João 15:13; grifo meu).

...quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua *vida* em resgate por muitos (Mateus 20:27, 28; grifo meu).

Nestas passagens, a palavra *psiquē* refere-se à vida que há dentro de um ser humano. Para mim, amar a Deus “de toda a nossa alma” é amar de todo o nosso ser — amar com tudo o que temos, somos e podemos ser.

Baseando o significado de “alma” nas passagens acima, amar a Deus com a vida inclui colocar Deus acima das coisas materiais desta existência terrena. Implica uma disposição para sacrificar a vida por Ele, se necessário — e uma disposição para usar a vida no serviço prestado a Ele e a toda a humanidade. Amar a Deus de toda a alma é dar-se inteiramente a Ele — coração, corpo e alma. Como costumava dizer T. B. Larimore, um grande pregador da época dos pioneiros norte-americanos: “Mente, músculos e meios financeiros; tempo, testemunho e talento; massa cinzenta, mão e miocárdio; corpo, alma e espírito”⁹ — tudo deve ser dedicado ao Senhor.

CONCLUSÃO

Nisto consiste a devoção a Deus que envolve in-

⁸“*Psiquē*” também pode referir-se simplesmente a uma pessoa (“almas”; Atos 2:41). Outras definições poderiam ser dadas, mas enumerar todas elas não é essencial para o ponto que estamos destacando.

⁹Citado em Avon Malone, “The Characteristics of a Good Steward” (“As Características de um Bom Despenseiro”). *The Preacher’s Periodical*, julho de 1983, p. 11.

tegralmente a pessoa: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força” (Marcos 12:30). Um operário usa as mãos. Um artesão usa as mãos e a cabeça. Um artista usa as mãos, a cabeça e o coração. Um cristão usa as mãos, a cabeça, o coração e a vida *para Deus*. Marcos 12:30 é um retrato do homem inteiramente dedicado ao Senhor.

No momento do batismo, pode haver uma grande diferença de atitude entre os indivíduos. Um pode atender ao convite visando obedecer aos mandamentos dados pelo Senhor, mas sem a profundidade de amor descrita no texto que acabamos; de ler. Esse indivíduo obedece aos mandamentos, de certo modo assim como paga suas contas mensais. É quase como se ele tivesse uma lista num pedaço de papel: “Preciso obedecer, depois, me arrepender, depois confessar e ser batizado”. Ele verifica cada item da lista que lhe impedirá de estar eternamente perdido.

Vamos contrastar essa obediência mecânica com a obediência mais profunda sugerida pelo texto bíblico. Um indivíduo atende ao mesmo convite para *entregar-se a Cristo*. Sua motivação é o amor a Deus, que o leva a arrepender-se de seus pecados, confessar sua fé perante os homens e ser batizado¹⁰. Essa não é uma obediência opressiva, mas um esvaziar-se de si mesmo diante de Deus. Ele não retém nada; consagra todo o seu ser, e até o que espera ser, para o Deus que o criou. É *isto* que Jesus quer.

Se você precisa ser batizado — ou se é um filho de Deus afastado que precisa ser restaurado¹¹ — oro para que você tome a decisão certa, numa atitude de obediência procedente de um coração cheio de amor.

¹⁰Em algum momento, deve ser propício citar as passagens que ordenam a fé, o arrependimento, a confissão e o batismo (Marcos 16:16; Atos 2:39; Romanos 10:9, 10).

¹¹Se quiser, mostre as passagens sobre como voltar ao Senhor (Atos 8:22; Tiago 5:16).

“Acautelai-vos do fermento dos fariseus”

Mateus 23:1-39;

Marcos

12:38-40;

Lucas 20:45-47.

Olhando de perto



Um dia, Jesus disse aos apóstolos: “Vede e acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus” (Mateus 16:6)¹. Inicialmente, os discípulos ficaram confusos com essa advertência, mas no fim eles “entenderam que não lhes dissera que se acautelassem do fermento de pães, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus” (Mateus 16:12; grifo meu)². Numa outra ocasião, Ele disse: “Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia” (Lucas 12:1; grifo meu)³.

Nenhum inimigo de Cristo era mais persistente que a seita dos fariseus. No decorrer desta série, raramente estudamos uma lição em que os fariseus não tiveram alguma participação. De vez em quando, temos algumas pistas sobre quem eles eram⁴, no que acreditavam, e por que odiavam o Senhor Jesus. Entretanto, nenhuma passagem expõe os fariseus como Mateus 23, e os textos correspondentes em Marcos e Lucas. Por que Jesus advertiu Seus discípulos contra o fermento (a influência) dos fariseus? Por que Ele disse que o fermento dos fariseus era a hipocrisia? Para responder completamente essas perguntas, precisamos estudar Mateus 23.

O Senhor nunca pronunciou palavras de conde-

nação mais severas do que o fez neste capítulo. Na lição que acabamos de estudar⁵, analisamos várias possíveis razões que levaram o Senhor a falar tão severamente — incluindo a possibilidade de Ele esperar conscientizar alguns fariseus enfatuados. Vamos acrescentar uma outra razão para esse rígido discurso: ele foi registrado na Bíblia *porque você e eu precisamos dele*. As palavras de Jesus possuem uma aplicação universal; toda a humanidade está infectada, em maior ou menor escala, com os pecados dos fariseus. Além disso, tal qual os fariseus, muitos de nós não estamos conscientes de nossas falhas. O “tratamento de choque” do Senhor também pode nos beneficiar.

Parece que é fácil identificarmos a hipocrisia nos outros⁶, mas é difícil a detectarmos em nós mesmos. No decorrer deste estudo de Mateus 23, façamos uma aplicação *pessoal*⁷.

A EXPLICAÇÃO⁸ (MATEUS 23:1-12; MARCOS 12:38, 39; LUCAS 20:45, 46)

Cristo dirigiu-Se primeiramente à multidão, estabelecendo um pano de fundo para os “ais” que vi-

¹Jesus também referiu-se aos saduceus e herodianos em Sua advertência (Mateus 16:6; Marcos 8:15), mas daremos ênfase neste estudo nos fariseus.

²Se quiser, conte a história com mais detalhes. Veja as páginas 45 e 46 da edição “A Vida de Cristo — Parte 6”. Obtenha mais informações sobre a analogia do “fermento” na página 9 da edição “A Vida de Cristo — Parte 5”.

³Veja informações adicionais sobre essa ocasião na página 16 da edição “A Vida de Cristo — Parte 8”.

⁴Se quiser, faça um breve resumo sobre os fariseus em geral. Entre as muitas referências a eles nesta série estão algumas na página 42 da primeira edição, e páginas 11 e 12 da edição “A Vida de Cristo — Parte 9”.

⁵Nisto, presume-se que a lição “O Vencedor... e Ainda Campeão!” tenha sido apresentada durante a aula bíblica e que este sermão seja pregado no culto de adoração consecutivo.

⁶Pelo menos, é fácil ver o que *consideramos* ser hipocrisia nos outros. Veja os comentários sobre a insensatez de chamar os outros de hipócritas nas páginas 26 e 27 desta edição.

⁷Faremos mínimas aplicações do texto nos comentários a seguir. Faça suas próprias aplicações de acordo com a situação social, moral e religiosa dos seus ouvintes.

⁸O três subpontos desta seção são adaptações de Warren Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* (“Comentário Expositivo da Bíblia”), vol. 1. Wheaton Ill.: Victor Books, pp. 83-86.

riam a seguir: “Na cadeira de Moisés, se assentaram os escribas e os fariseus”. Os escribas e os fariseus eram as, autodesignadas, mas geralmente reconhecidas, autoridades sobre a lei de Moisés. Os escribas foram citados ao lado dos fariseus porque eram, na maioria, membros dessa seita⁹. “Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem” (Mateus 23:3a); isto é: “Fazei e guardais, pois, tudo quanto eles vos disserem que concorde com o ensino de Moisés”, “porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem” (Mateus 23:3b). O cerce na condenação de Jesus aos fariseus encontra-se nas palavras “dizem e não fazem”. A NVI diz “não praticam o que pregam”. Como já destacamos antes, os fariseus eram culpados de hipocrisia (Mateus 23:13, 14, 15, 23, 25, 27, 29; veja Lucas 12:1)¹⁰.

Cristo deu um exemplo do estilo de vida “falar e não fazer” dos fariseus: “Atam fardos pesados [e difíceis de carregar] e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los” (Mateus 23:4). A Lei em si mesma já era um peso (Atos 15:10), mas eles haviam acrescentado o sobrepeso de suas tradições (Marcos 7:3). Insistiam em sobrecarregar os outros com a Lei e também com as tradições, embora arquitetassem meios de pessoalmente se esquivarem da Lei. Vimos anteriormente um exemplo disso no artifício do “Corbã” para se esquivarem de cuidar dos pais idosos (Marcos 7:11–13)¹¹. Há também um outro exemplo nesse texto relativo a como formular um juramento sem que ele envolva obrigação alguma (Mateus 23:16–22).

Não obstante, os fariseus queriam que todos *pensassem* que eles eram superdedicados: “Praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam os seus filactérios” (Mateus 23:5a). A palavra “filactério” significa “salvaguarda, conservante”¹². Os judeus usavam o termo para pequenas caixas de couro em que colocavam certas passagens da Escritura. Eles amarravam essas caixinhas nos braços e na testa e as pregavam na entrada das portas. Essa tradição criada por homens era resultante de uma interpretação literal de

Deuteronômio 6:8 e 9¹³ (veja também Deuteronômio 11:18–20). Os fariseus “alargaram seus filactérios” deixando suas caixas maiores do que as de outras pessoas¹⁴.

No mesmo texto, Jesus também disse: “...e alongam as suas franjas” (Mateus 23:5b). Moisés havia instruído os israelitas a colocarem “borlas” nos quatro cantos de suas vestes como lembrete da Lei (Números 15:38, 39; Deuteronômio 22:12)¹⁵. Os fariseus faziam suas franjas memoriais mais longas do que as dos demais judeus.

Segundo as narrativas de Marcos e Lucas, Jesus acrescentou outro exemplo das exhibições ostentosas dos escribas e fariseus¹⁶: eles “gosta[vam] de andar com vestes talares” (Marcos 12:38; veja Lucas 20:46). Vestes talares, ou seja, túnicas longas, eram “as vestes dos ricos e dos sábios” (Marcos 12:38; *Bíblia Viva*).

Por que esses líderes religiosos faziam todo esse exibicionismo? Para receberem a aclamação de homens: “Amam o primeiro lugar nos banquetes” (Mateus 23:6a). Esse era o lugar à mesa mais próximo do anfitrião (veja Lucas 14:7–11). “Amam... as primeiras cadeiras nas sinagogas” (Mateus 23:6b). As “primeiras cadeiras” consistiam numa “fileira semicircular de cadeiras atrás da... mesa de quem fazia a leitura e de frente para toda a congregação”¹⁷. “Amam as saudações nas praças e o serem chamados mestres pelos homens” (Mateus 23:7). Deleitavam-se com homens prostrados diante deles e saudando-os com títulos como “grande mestre!”

A menção do termo “Mestre” (gr.: *rabi*) propiciou que o Senhor proferisse um breve discurso sobre títulos religiosos:

Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre [a saber, Cristo¹⁸], e vós todos sois irmãos. A ninguém sobre a terra

¹³Deuteronômio 6:8 e 9 está falando da lei de Deus ser escrita no coração e na mente e ser o padrão para o lar (veja Êxodo 13:9; Deuteronômio 11:18a). Contudo, é mais fácil usar uma caixa do que fazer o que a Lei ordena.

¹⁴Há um aspecto cômico nisto: “Sou mais espiritual do que você porque minha caixa é maior do que a sua!”.

¹⁵Em estudos anteriores, observamos que quando as pessoas tocaram a “orla” das vestes de Jesus, poderiam estar tocando nessas “franjas” (Mateus 9:20; 14:36).

¹⁶Enquanto estiver falando das “exibições de ostentação” dos fariseus, pode citar outros exemplos encontrados na Bíblia, como a prática de fazerem longas orações (Mateus 23:14; Marcos 12:40).

¹⁷J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or a Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 313.

¹⁸Os discípulos de Jesus referiam-se a Ele como “Mestre” (gr.: *Rabi*) (Mateus 26:25; Marcos 9:5; João 3:2).

⁹Obtenha mais informações sobre os escribas consultando a página 41 da edição “A Vida de Cristo — Parte 1”.

¹⁰Se quiser, reveja o significado da palavra “hipócrita” na página 26.

¹¹Veja as páginas 34 a 36 da edição “A Vida de Cristo — Parte 6”.

¹²*The Analytical Greek Lexicon* (“Léxico Grego Analítico”). Londres: Samuel Bagster & Sons Ltd., 1971, p. 431.

chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus. Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo (Mateus 23:8–10)¹⁹.

Quando Jesus disse para não chamarem pessoas de “mestre”, “pai” ou “líder”, Ele não estava condenando esses termos especificamente. O Novo Testamento refere-se aos que realizam o trabalho de um “mestre” (Efésios 4:11) ou de um “líder” (Hebreus 13:17, 24), e nada há de errado em chamar seu pai biológico ou de criação de “pai” (Efésios 6:2)²⁰. Cristo estava, sim, condenando o uso de títulos religiosos: usando designações especiais para elevar um “grupo seletivo” acima dos demais. Jesus enfatizou: “Vós todos sois irmãos” (Mateus 23:8). O grande apóstolo era apenas o “irmão Paulo” (2 Pedro 3:15) e uma cooperadora como Febe era apenas a “irmã Febe” (Romanos 16:1). Esse tipo de terminologia familiar deveria ser suficiente para todo cristão.

A DENÚNCIA (MATEUS 23:13–36; MARCOS 12:40; LUCAS 20:47)

Estava na hora de Jesus dirigir-se aos fariseus. Virou-se, então, para eles e pronunciou oito “ais”. Na ERA, um deles é citado em Mateus entre colchetes, mas nos registros de Marcos e Lucas, ele se encontra sem colchetes²¹. As palavras condenatórias de Cristo estão entre “as mais terríveis já pronunciadas!”²² Jesus resumiu os pecados dos fariseus nessa ocasião²³.

Tradição versus Verdade (Mateus 23:13)

As idéias preconcebidas que os fariseus tinham do Messias impediam que reconhecessem Jesus como Rei. Essas idéias também impediam as pessoas a quem eles ensinavam de aceitar Jesus²⁴.

¹⁹Após o versículo 10, Jesus repetiu as palavras ditas anteriormente sobre a necessidade de terem humildade (vv. 11, 12; veja Mateus 20:26, 27; Marcos 10:43, 44).

²⁰Paulo referiu-se a si mesmo como “pai” espiritual dos que ele havia ensinado (1 Coríntios 4:15) — mas ainda assim não lhe deveriam conferir o título de “Pai Paulo”.

²¹A ERC e a NVI citam o “oitavo ai” em Mateus 23:14 sem colchetes. Embora ele não se encontre nos manuscritos mais antigos de Mateus, Marcos e Lucas deixaram claro que ele fazia parte das palavras condenatórias de Jesus nessa ocasião. Neste estudo, incluiremos os oito “ais”.

²²David Smith, *Our Lord's Earthly Life* (“A Vida Terrena de Nosso Senhor”). Nova York: G. H. Doran, 1926, p. 353; citado em H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 194.

²³Warren Wiersbe usou uma abordagem diferente sobre os “ais”, contrastando-os com as bem-aventuranças (Wiersbe, pp. 84–86).

²⁴Veja os comentários sobre Lucas 11:52 na página 15 da edição “A Vida de Cristo — Parte 8”.

Cobiça versus Compaixão (Mateus 23:14; Marcos 12:40; Lucas 20:47)

Quando as viúvas confiavam aos fariseus a administração de seus ganhos, os líderes se aproveitavam delas, criando meios de enganá-las para tomar-lhes os bens²⁵. Roubar de viúvas sempre foi um pecado abominável aos olhos de Deus (Êxodo 22:22–24; Deuteronômio 27:19).

Conquista Pessoal versus Conversão Legítima (Mateus 23:15)

Os judeus eram militantes dedicados em seus esforços para converter gentios ao judaísmo (v. 15)²⁶. Infelizmente, os fariseus estavam interessados em formar mais fariseus em vez de convertidos ao Deus verdadeiro. Uma vez que eles doutrinavam um “convertido” com suas crenças errôneas, esse discípulo geralmente era duas vezes mais zeloso do que eles pelas “tradições dos anciãos” (Marcos 7:3) — daí a acusação “filho do inferno duas vezes mais do que vós”²⁷.

Conveniência versus Compromisso (Mateus 23:16–22)

O Antigo Testamento ensinava que não se deveria fazer um voto ou juramento frivolamente; ele deveria cumpri-lo (Números 30:2). Todavia, os fariseus ensinavam que era possível fazer um juramento sem que este fosse uma obrigação para o seu autor (Mateus 23:16, 18). Jesus expôs a falácia desse raciocínio (vv. 17, 19–22). Tenhamos em mente que Ele já havia dado aos Seus seguidores estas instruções: “Eu, porém, vos digo: de modo algum jureis; nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por ser estrado de seus pés” (Mateus 5:34, 35a).

O Menos Importante versus o Mais Importante (Mateus 23:23, 24)

Os fariseus faziam questão de salientar rituais religiosos como dizimar até as pequenas ervas de

²⁵Não sabemos exatamente como os fariseus “devoravam as casas das viúvas”, mas ainda vemos esse tipo de comportamento anti-ético por parte de alguns advogados e consultores inescrupulosos.

²⁶Coy Roper, “Factors Contributing to the Origin and Success of the Pre-Christian Jewish Missionary Movement” (“Fatores que Contribuíram para a Origem e o Sucesso do Movimento Missionário Judaico Pré-Cristão”). Dissertação de Doutorado, Universidade de Michigan, 1988, pp. 20–49.

²⁷Os hebreus usavam “de” em expressões com o significado de “participar da natureza de”. Tiago usou uma idéia semelhante relativa à língua em Tiago 3:6.

suas hortas²⁸. Ao mesmo tempo, porém, não se importavam com o estado de seus corações: “tendes negligenciado... a justiça, a misericórdia e a fé” (v. 23a²⁹; veja Miquéias 6:8).

O Senhor chamou-os de “guias cegos³⁰, que coam o mosquito e engolem o camelo!” (Mateus 23:24). Essa analogia quase cômica descrevia os fariseus usando uma peneira para retirar mosquitos imundos (Levítico 11:4).

Estaria Jesus dizendo, nos versículos 23 e 24, que é errado ter o cuidado de obedecer a todos os mandamentos de Deus, mesmo os de menor importância? Absolutamente, não. Ele disse: “*devíeis, porém, fazer estas coisas [as ‘menos importantes’], sem omitir aquelas [‘as mais importantes’]!*” (Mateus 23:23b; grifo meu).

O Exterior versus o Interior (Mateus 23:25, 26)

Cristo usou uma ilustração de louças limpas por fora, porém imundas por dentro (v. 25; veja Lucas 11:39). Ele disse aos fariseus que se eles limpassem por dentro do copo, o lado de fora estaria automaticamente limpo (v. 26). Não tente isto da próxima vez que lavar louças. Não funciona literalmente com copos, mas funciona com corações e vidas!

Aparência versus Autenticidade (Mateus 23:27, 28)

Jesus usou um outro contraste do tipo “por dentro e por fora”³¹: “sepulcros caiados, que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia” (v. 27). Os fariseus eram exteriormente religiosos, mas por dentro estavam “cheios de hipocrisia e de iniquidade” (v. 28).

Retórica versus Realidade (Mateus 23:29–36)

Os fariseus exibiam os profetas do passado com honra (v. 29) e insistiam em afirmar que não eram como seus ancestrais, que mataram esses profetas (v. 30; veja v. 37). Jesus disse que eles eram exata-

mente como seus ancestrais (vv. 31, 32)³². De fato, não demoraria muito (v. 36) para eles mesmos perseguirem e matarem os representantes de Deus (v. 34³³). Se precisassem de provas da afirmação de Cristo, poderiam considerar o fato de que, naquele mesmo instante, estavam arquitetando a morte *dEle*, do próprio Filho de Deus. Jesus disse que, por causa do tratamento que deram aos mensageiros de Deus, “toda a condenação acumulada nestes séculos cairá sobre a própria cabeça desta geração” (Mateus 23:35, 36; *Bíblia Viva*).

A LAMENTAÇÃO (MATEUS 23:37–39)

Embora pronunciadas há quase dois mil anos, as palavras de Jesus ainda causam ardência aos nossos ouvidos. Todavia, tornamos a dizer que a severidade dessas palavras não deve nos fazer pensar que Cristo tivesse algum propósito superior ao de condenar Seus inimigos. Jesus sempre Se *preocupava* com Seus ouvintes, fossem eles amigos ou inimigos. A Bíblia diz que “o Senhor repreende a quem ama” (Provérbios 3:12a; veja Hebreus 12:6). O amor que reprova permeia as últimas palavras desse capítulo.

Jesus já havia chorado por Jerusalém (Lucas 19:41–44). Agora, Ele dizia: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados!” (Mateus 23:37a)³⁴. No passado, Jerusalém rejeitara profetas de Deus. Agora, ela estava rejeitando o Próprio Messias. “Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos [incluindo os fariseus e outros líderes religiosos], como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas³⁵, e vós não o quisestes!” (v. 37b). “A cidade de Deus”³⁶ rejeitara o Filho de Deus — e isto muito Lhe entristeceu.

Tempos terríveis viriam, por causa da dureza de coração da cidade: “Eis que a vossa casa vos ficará deserta” (v. 38). O termo “casa” era usado para o

²⁸Veja a página 12 da edição “A Vida de Cristo — Parte 9”. A hortelã era usada como tempero; o endro e o cominho eram usados no cozimento e também em preparos medicinais.

²⁹Em relação aos “preceitos mais importantes” (v. 23), veja os comentários sobre mandamentos “menos importantes” e “mais importantes” na página 24 desta edição.

³⁰Jesus referiu-se a eles duas vezes como “guias cegos” (vv. 16, 24). Em relação à importância desse termo, veja Mateus 15:14.

³¹Há uma considerável sobreposição dos “ais”, mas o Senhor julgou cada um importante o bastante para mencioná-lo individualmente.

³²Jesus conferiu a eles a responsabilidade por “todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias” (Mateus 23:35). A morte de Abel está registrada em Gênesis 4:8; a morte de Zacarias (não o profeta menor) está registrada em 2 Crônicas 24:20–22. Visto que a Bíblia hebraica começa em Gênesis e termina em 2 Crônicas, isto é o equivalente a dizer “do primeiro ao último”.

³³O Livro de Atos é um bom comentário do versículo 34. Observemos a expressão “açoiareis nas vossas sinagogas”, conciliando-a com o fato de alguns dos açoiamentos de Paulo (2 Coríntios 11:23) terem ocorrido em sinagogas.

³⁴As palavras de Mateus 23:37–39 são uma repetição de palavras ditas anteriormente quando Jesus estava na Peréia (Lucas 13:34, 35).

³⁵Se os seus ouvintes nunca tiverem presenciado essa cena comovente, descreva-a com mais detalhes.

³⁶Veja Salmos 48:1, 8.

templo³⁷. Em menos de quarenta anos, o templo seria destruído pelos romanos juntamente com a cidade de Jerusalém³⁸. Em menos de quarenta anos, o templo e Jerusalém seriam destruídos pelos romanos. Esse acontecimento temível era tão certo que Cristo pôde falar dele como se já estivesse acontecendo.

Apesar disso, Jesus ainda amava a cidade e seu povo e desejava que ela O aceitasse e fosse poupada³⁹. Essa aspiração é indicada nas palavras conclusivas de Jesus: “Declaro-vos, pois, que, desde agora, já não me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!” (v. 39). A última parte do versículo 39 é uma citação do versículo 26 de um salmo messiânico [Salmos 118]⁴⁰ e refere-se à alegria na vinda do Messias. Poucos dias antes, a cidade havia ecoado essas palavras na entrada de Cristo em Jerusalém (Mateus 21:9; Marcos 11:9; Lucas 19:38; João 12:13). Infelizmente, os habitantes de Jerusalém não entenderam a implicação de suas palavras. Se eles quisessem “ver” Jesus novamente (como seu Salvador e Senhor), teriam de dizer essas palavras *de coração*. Essa era a única esperança de Jerusalém⁴¹.

³⁷ Compare o versículo 38 com Jeremias 12:7.

³⁸ Veja os comentários sobre Lucas 19:41–44 nas páginas 46 e 47 da edição “A Vida de Cristo — Parte 9”. A futura destruição de Jerusalém (incluindo o templo) será comentada mais amplamente nas próximas lições desta série.

³⁹ Jonas predissera a destruição de Nínive (Jonas 3:4); mas quando o povo se arrependeu, Deus não destruiu a cidade (Jonas 3:10). Deus é um Deus misericordioso.

⁴⁰ Salmos 118 era considerado um salmo messiânico (veja Atos 4:11). Mais cedo naquele mesmo dia, Cristo citou o versículo 22 de Salmos 118 (Mateus 21:42), que predizia a rejeição dos líderes ao Messias.

⁴¹ Mateus 23:39 é ambíguo. Poderia significar: “Depois que eu partir, vocês não Me verão novamente até que eu venha em juízo” (referindo-se à destruição de Jerusalém). Entretanto, Salmos 118:26 é positivo, e não negativo. Por isso, demos uma interpretação positiva ao versículo. Ao mesmo tempo, a dureza de coração da cidade precisa ser levada em conta. Havia pouca esperança de que ela cumpriria a condição proposta por Jesus. Um comentário final sobre este versículo: ele *não* ensina que Jesus um dia voltará a esta terra para um reino de mil anos, quando será recebido por Jerusalém. R. T. France escreveu que “as palavras *até que venhais a dizer* são expressas em grego como uma possibilidade indefinida e não como uma firme predição; ... não há promessa alguma de que a condição será cumprida”. Ele também comentou que “uma predição de arrependimento futuro seria difícil de se confirmar não somente pelo fluxo de pensamento no capítulo 23 (do qual este trecho é o clímax) e no capítulo 24 que trata do julgamento vindouro, mas também pela perspectiva do Evangelho [de Mateus] como um todo, o qual repetidamente fala da última oportunidade de Israel e de um novo povo de Deus espiritual (8:11–12; 12:38–45; 21:40–43; 22:7; 23:32–36; etc.)... [A conjunção] *pois* que aparece no versículo vincula-o ambigualmente com o abandono divino de sua casa no versículo 38” (R. T. France, *The Gospel According to*

CONCLUSÃO

Finalizando este estudo, vamos fazer uma revisão de três verdades-chaves extraídas do texto⁴²:

1) Deus odeia hipocrisia. Examinemos nossos corações.

2) Deus exige fé. Digamos: “Bendito o que vem em nome do Senhor”, realmente *entendendo* o que significa.

3) Deus pede obediência. Vamos atender imediatamente⁴³, para que o Senhor jamais diga a respeito de nós: “Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!”

Matthew [“O Evangelho Segundo Mateus”]. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985, pp. 332–33).

⁴² Alistamos algumas possíveis aplicações. Você poderá ampliá-las ou citar outras mais relevantes para os seus ouvintes.

Atribuição de Leitura nº. 31

Mateus 24:1–14;
Marcos 12:41–44; 13:1–15;
Lucas 21:1–19;
João 12:20–50

Mateus 24:1–14

¹Tendo Jesus saído do templo, ia-se retirando, quando se aproximaram dele os seus discípulos para lhe mostrar as construções do templo.

²Ele, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada.

³No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e lhe pediram: Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século.

⁴E ele lhes respondeu: Vede que ninguém vos engane.

⁵Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos.

⁶E, certamente, ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim.

⁷Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares;

⁸porém tudo isto é o princípio das dores.

⁹Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome.

¹⁰Nesse tempo, muitos hão de se scandalizar, trair e odiar uns aos outros;

¹¹levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos.

¹²E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos.

¹³Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.

¹⁴E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim.

Marcos 12:41–44

⁴¹Assentado diante do gazofilácio, observava Jesus como o povo lançava ali o dinheiro. Ora, muitos ricos depositavam grandes quantias.

⁴²Vindo, porém, uma viúva pobre, depositou duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante.

⁴³E, chamando os seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta viúva pobre depositou no gazofilácio mais do que o fizeram todos os ofertantes.

⁴⁴Porque todos eles ofertaram do que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento.

Marcos 13:1–15

¹Ao sair Jesus do templo, disse-lhe um de seus discípulos: Mestre! Que pedras, que construções!

²Mas Jesus lhe disse: Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada.

³No monte das Oliveiras, defronte do templo, achava-se Jesus assentado, quando Pedro, Tiago, João e André lhe perguntaram em particular:

⁴Dize-nos quando sucederão estas coisas, e que sinal haverá quando todas elas estiverem para cumprir-se.

⁵Então, Jesus passou a dizer-lhes: Vede que ninguém vos engane.

⁶Muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu; e enganarão a muitos.

⁷Quando, porém, ouvirdes falar de guerras e rumores de guerras, não vos assusteis; é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim.

⁸Porque se levantará nação contra nação, e reino, contra reino. Haverá terremotos em vários lugares e também fomes. Estas coisas são o princípio das dores.

⁹Estai vós de sobreaviso, porque vos entregarão aos tribunais e às sinagogas; sereis açoitados, e vos farão

comparecer à presença de governadores e reis, por minha causa, para lhes servir de testemunho.

¹⁰Mas é necessário que primeiro o evangelho seja pregado a todas as nações.

¹¹Quando, pois, vos levarem e vos entregarem, não vos preocupeis com o que haveis de dizer, mas o que vos for concedido naquela hora, isso falai; porque não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo.

¹²Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão.

¹³Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo.

¹⁴Quando, pois, virdes o abominável da desolação situado onde não deve estar (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes;

¹⁵quem estiver em cima, no eirado, não desça nem entre para tirar da sua casa alguma coisa;

Lucas 21:1–19

¹Estando Jesus a observar, viu os ricos lançarem suas ofertas no gazofilácio.

²Viu também certa viúva pobre lançar ali duas pequenas moedas;

³e disse: Verdadeiramente, vos digo que esta viúva pobre deu mais do que todos.

⁴Porque todos estes deram como oferta daquilo que lhes sobrava; esta, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuía, todo o seu sustento.

⁵Falavam alguns a respeito do templo, como estava ornado de belas pedras e de dádivas;

⁶então, disse Jesus: Vedes estas coisas? Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada.

⁷Perguntaram-lhe: Mestre, quando sucederá isto? E que sinal haverá de quando estas coisas estiverem para se cumprir?

⁸Respondeu ele: Vede que não sejais enganados; porque muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu! E também: Chegou a hora! Não os sigais.

⁹Quando ouvirdes falar de guerras e revoluções, não vos assusteis; pois é necessário que primeiro aconteçam estas coisas, mas o fim não será logo.

¹⁰Então, lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino, contra reino;

¹¹haverá grandes terremotos, epidemias e fome em vários lugares, coisas espantosas e também grandes sinais do céu.

¹²Antes, porém, de todas estas coisas, lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome;

¹³e isto vos acontecerá para que deis testemunho.

¹⁴Assentai, pois, em vosso coração de não vos preocupardes com o que haveis de responder;

¹⁵porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir, nem contradizer todos quantos se vos opuserem.

¹⁶E sereis entregues até por vossos pais, irmãos, parentes e amigos; e matarão alguns dentre vós.

¹⁷De todos sereis odiados por causa do meu nome.

¹⁸Contudo, não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça.

¹⁹É na vossa perseverança que ganhareis a vossa alma.

João 12:20–50

²⁰Ora, entre os que subiram para adorar durante a festa, havia alguns gregos;

²¹estes, pois, se dirigiram a Filipe, que era de Betsaida da Galiléia, e lhe rogaram: Senhor, queremos ver Jesus.

²²Filipe foi dizê-lo a André, e André e Filipe o comunicaram a Jesus.

²³Respondeu-lhes Jesus: É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem.

²⁴Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto.

²⁵Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna.

²⁶Se alguém me serve, siga-me, e, onde eu estou, ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, o Pai o honrará.

²⁷Agora, está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora.

²⁸Pai, glorifica o teu nome. Então, veio uma voz do céu: Eu já o glorifiquei e ainda o glorificarei.

²⁹A multidão, pois, que ali estava, tendo ouvido a voz, dizia ter havido um trovão. Outros diziam: Foi um anjo que lhe falou.

³⁰Então, explicou Jesus: Não foi por mim que veio esta voz, e sim por vossa causa.

³¹Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso.

³²E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo.

³³Isto dizia, significando de que gênero de morte estava para morrer.

³⁴Replicou-lhe, pois, a multidão: Nós temos ouvido da lei que o Cristo permanece para sempre, e como dizes tu ser necessário que o Filho do Homem seja levantado? Quem é esse Filho do Homem?

³⁵Respondeu-lhes Jesus: Ainda por um pouco a luz está convosco. Andai enquanto tendes a luz, para que as trevas não vos apanhem; e quem anda nas trevas não sabe para onde vai.

³⁶Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que vos torneis filhos da luz. Jesus disse estas coisas e, retirando-se, ocultou-se deles.

³⁷E, embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele,

³⁸para se cumprir a palavra do profeta Isaías, que diz: Senhor, quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor?

³⁹Por isso, não podiam crer, porque Isaías disse ainda:

⁴⁰Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos, nem entendam com o coração, e se convertam, e sejam por mim curados.

⁴¹Isto disse Isaías porque viu a glória dele e falou a seu respeito.

⁴²Contudo, muitos dentre as próprias autoridades creram nele, mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga;

⁴³porque amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus.

⁴⁴E Jesus clamou, dizendo: Quem crê em mim crê, não em mim, mas naquele que me enviou.

⁴⁵E quem me vê a mim vê aquele que me enviou.

⁴⁶Eu vim como luz para o mundo, a fim de que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas.

⁴⁷Se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo; porque eu não vim para julgar o mundo, e sim para salvá-lo.

⁴⁸Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue; a própria palavra que tenho proferido, essa o julgará no último dia.

⁴⁹Porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer e o que anunciar.

⁵⁰E sei que o seu mandamento é a vida eterna. As coisas, pois, que eu falo, como o Pai mo tem dito, assim falo.

“Retirando- se” (Parte 1)

- VIII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).
- E. Terça-feira: “O Grande Dia das Perguntas” (continuação).
5. A oferta de uma viúva (Marcos 12:41–44; Lucas 21:1–4).
 6. Um discurso para as multidões.
 - a. Jesus procurado por gentios (João 12:20–22).
 - b. A morte iminente de Jesus — por judeus e gentios (João 12:23–36).
 - c. Jesus é rejeitado por judeus (João 12:37–50).
 7. Um discurso para os apóstolos sobre a destruição de Jerusalém e a segunda vinda.
 - a. Comentários e perguntas (Mateus 24:1–3; Marcos 13:1–4; Lucas 21:5–7).
 - b. Ensino sobre a destruição de Jerusalém.
 - 1) Acontecimentos não relacionados à destruição de Jerusalém (Mateus 24:4–14; Marcos 13:5–15; Lucas 21:8–19).

INTRODUÇÃO

A terça-feira estava finalmente chegando ao fim. As escaramuças entre Jesus e Seus oponentes haviam terminado. Cristo estava prestes a retirar-Se do templo — para sempre. Nesta lição, estudaremos “a oferta da viúva”, os gregos que procuraram por Jesus e a predição surpreendente do Senhor sobre a destruição do templo¹.

UMA INSPEÇÃO NO TEMPLO (MARCOS 12:41–44; LUCAS 21:1–4)

Logo após a guerra de palavras, Jesus foi para o Pátio das Mulheres². Ali, Ele observava as pessoas lançarem suas ofertas nos cofres, quando foi capturado pela visão de uma viúva depositando duas moedinhas de cobre, ou seja, “tudo quanto possuía”. Jesus ficou comovido com a cena e elogiou a mulher aos discípulos (Marcos 12:42–44; Lucas 21:2–4)³.

Por que essa cena comovente foi registrada? Talvez o objetivo fosse contrastá-la com os homens determinados a destruir Jesus. Essa mulher entrou no templo movida pelo amor a Deus, enquanto os

¹Esta e a próxima lição apresentam alguns desafios especiais sobre a seqüência de lições que temos seguido. Veja “Uma Explicação” na página 44.

²O Pátio das Mulheres era onde ficava o gazofilácio (veja Marcos 12:41; Lucas 21:1). Veja mais sobre isto no diagrama do templo, na página 35 da edição “A Vida de Cristo — Parte 2”.

³Veja um estudo detalhado deste incidente na edição “A Vida de Cristo — Parte 11”.

saduceus e fariseus estavam ali principalmente por causa do ódio que sentiam por Jesus. B. S. Dean comentou: “Este belo incidente, que vem logo após a grande denúncia [em Mateus 23] parece uma violeta primaveril no meio de uma geleira”⁴.

A REJEIÇÃO NO TEMPLO (JOÃO 12:20–50)

Procurado por Gentios (vv. 20–36)

Poucos dias antes, os fariseus haviam dito o seguinte sobre Jesus: “...Eis aí vai o mundo após ele” (João 12:19). O acontecimento a seguir ilustra a atração universal que Cristo exercia: enquanto o Senhor estava no templo, alguns gregos foram procurá-LO⁵. Esses gentios buscavam a companhia de Jesus, enquanto os inimigos judeus procuravam tirar-Lhe a vida.

Não há registro de que Cristo tenha Se encontrado face a face com os gregos; mas, sabendo do Seu amor por todas as pessoas, podemos supor que Ele esteve com eles. Novamente, porém, o propósito do escritor inspirado não era satisfazer nossa curiosidade. O que João registrou foi o sermão decorrente

⁴B. S. Dean, “Esboço da História do Novo Testamento”, *A Verdade para Hoje*, p. 25.

⁵Não sabemos ao certo onde esse incidente deveria ser situado na cronologia dos últimos dias do ministério de Jesus, mas ele se encaixa bem aqui.

desse pedido⁶. Um trecho importante desse discurso é a afirmação enfática no versículo 32: “E eu, quando for levantado da terra [na cruz], atrairei todos a mim mesmo”. “Todos” significa judeus e gentios.

No encerramento desse sermão, João disse que Jesus “retirando-se, ocultou-se deles” (v. 36). E nisto se encerrou o ensino público do Senhor.

Rejeitado pelos Judeus (vv. 37–50)

João continuou a narrativa da retirada de Cristo resumindo o ministério do Senhor na nação dos judeus: a despeito de Seus muitos sinais (milagres), eles não creram (v. 37). João enfatizou que essa rejeição cumpriu as profecias de Isaías 6:10 e 53:1. A seguir, o apóstolo acrescentou este intrigante comentário:

Contudo, muitos dentre as próprias autoridades creram nele, mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga; porque amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus (João 12:42, 43).

Os líderes judeus estavam cientes de que Jesus realizara milagres (João 11:47), mas saber disso parece não ter surtido efeito algum sobre eles. Agora, João revelava por que eles reagiram assim. Os milagres exerceram impacto sobre muitos deles⁷, mas omitiram a própria fé. Queriam evitar serem “expulsos da sinagoga” — o que os tiraria da vida religiosa, econômica, social e política da nação⁸.

João 12:42 sublinha a importância da confissão. A fé em nossos corações precisa estar também em nossos lábios (Romanos 10:9, 10). Se nos recusarmos a confessar a Jesus, Ele não nos reconhecerá perante o Pai (Mateus 10:32, 33)⁹.

Infelizmente, as autoridades estavam mais preocupadas com o que os homens pensavam do que com o que Deus pensava: “amaram mais a glória

dos homens do que a glória de Deus” (João 12:43). Todos nós já sentimos a tensão entre o que as pessoas querem que façamos e o que Deus quer que façamos. A dúvida sobre as prioridades ainda é um assunto latente. Paulo escreveu: “...procuro eu, agora, o favor dos homens ou o de Deus? Ou procuro agradar a homens? Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo” (Gálatas 1:10).

Após as observações de João sobre os judeus rejeitarem Jesus, ele citou uma declaração de Jesus sobre a importância de crer nEle e as conseqüências de não crer (João 12:44–50). Não sabemos quando Cristo disse essas palavras¹⁰. Através delas, Ele deu continuidade a uma variedade de temas previamente introduzidos no Livro de João:

- Nos versículos 44, 45, 49 e 50, Ele enfatizou o relacionamento íntimo entre o Pai e Ele, assim como fizera em João 5¹¹. Depois, enfatizou que os que O rejeitaram também eram culpados de rejeitar o Próprio Deus.
- No versículo 46, Ele escolheu o tema “a luz do mundo”, introduzido antes em João 8:12, ampliado em João 9 e citado em João 12:35 e 36¹².

Nos versículos 47 e 48 da afirmação de Jesus, Ele declara a poderosa mensagem de que não podemos aceitá-LO (crer nEle) sem aceitar Seus ensinamentos.

Se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo; porque eu não vim para julgar o mundo, e sim para salvá-lo¹³. Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue; a própria palavra que tenho proferido, essa o julgará no último dia¹⁴.

⁶Veja um estudo detalhado deste sermão na edição “A Vida de Cristo — Parte 11”.

⁷O termo “autoridades” em João 12:42 poderia referir-se a autoridades da sinagoga. Neste contexto, o termo provavelmente se refere a membros do Sinédrio. Veja em João 8:30, 31; 9:16 um exemplo da fé produzida entre as autoridades. Veja comentários sobre esses versículos nas edições “A Vida de Cristo — Parte 7” e “A Vida de Cristo — Parte 8”.

⁸Veja os comentários sobre o cego que foi curado sendo expulso da sinagoga (João 9:22, 34) na edição “A Vida de Cristo — Parte 8”. O impacto negativo de ser expulso da sinagoga seria muito maior para as autoridades do que foi para o cego.

⁹Veja os breves comentários sobre Mateus 10:32, 33 na página 40 de “A Vida de Cristo — Parte 5”. Veja também as breves notas sobre a “boa confissão” de Pedro nas páginas 46 e 47 de “A Vida de Cristo — Parte 6”.

¹⁰Visto que João acabara de afirmar que Jesus retirou-Se do meio do povo e escondeu-Se deles (João 12:36b), supomos que essas palavras não foram ditas imediatamente após o discurso de João 12:23–36a. Elas podem ter sido ditas em qualquer momento da última semana do ministério de Cristo.

¹¹Veja o sermão “Igual a Deus”, na edição “A Vida de Cristo — Parte 3”.

¹²Veja comentários sobre João 8:12 na edição “A Vida de Cristo — Parte 7”, e sobre João 9, na edição “A Vida de Cristo — Parte 8”.

¹³Uma declaração semelhante foi feita em João 3:17. A “primeira vinda” de Jesus foi como Salvador, não como Juiz; mas, na segunda vinda, Ele *será* nosso Juiz (Mateus 25:31, 32; Atos 17:31).

¹⁴Compare isto com Apocalipse 20:12, que fala de livros sendo abertos no Julgamento e pessoas sendo “julgadas pelo que estava escrito nos livros”. Veja uma exposição sobre essa passagem de Apocalipse na edição “Apocalipse — Parte 10”, de *A Verdade para Hoje*.

RETIRANDO-SE DO TEMPLO
(MATEUS 24:1-14; MARCOS 13:1-15;
LUCAS 21:5-19)

Um Comentário Surpreendente

(Mateus 24:1-3; Marcos 13:1-4; Lucas 21:5-7)

Após o discurso de Jesus sobre ser “levantado da terra”, Ele Se retirou (João 12:36), saindo do templo (Marcos 13:1a; veja Mateus 24:1a). A retirada de Cristo do templo foi um evento significativo. A glória de Deus (Jesus¹⁵) estava Se retirando, para nunca mais voltar¹⁶. Embora ainda levasse algumas décadas para o templo ser destruído, seu destino estava selado (veja Mateus 23:37, 38).

Enquanto Cristo saía do complexo do templo, Seus discípulos — sendo visitantes de fora da cidade — pararam para observar a beleza e a grandeza dos prédios ao redor. Um deles disse a Jesus: “Mestre! Que pedras, que construções!” (Marcos 13:1). E outros reforçaram como o templo “estava ornado de belas pedras e de dádivas”¹⁷ (Lucas 21:5).

O complexo do templo *era* uma estrutura magnífica, e os judeus tinham justificável orgulho dele. Tinha duas vezes o tamanho da Acrópole de Atenas. Era feito de calcário e mármore branco; de longe, a estrutura lembrava um monte coberto de neve. Herodes, o Grande, iniciara a reconstrução do templo no ano 20 a.C., e ele ainda estava em obras na época do incidente que estamos estudando¹⁸. Provavelmente cada vez que um peregrino ia a Jerusalém, notava algum acréscimo novo e maravilhoso. Josefo escreveu sobre as “dádivas” que adornavam o templo. Havia coroas, escudos, cálices e correntes de ouro apresentadas por Agripa. Uma videira de ouro com grandes cachos de uvas fora presenteada por Herodes¹⁹. Não deve nos surpreender o fato de os discípulos ficarem impressionados com aquela visão.

Todavia, o entusiasmo deles foi apagado pela resposta de Jesus: “Vedes estas coisas? Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada” (Lucas 21:6). Cristo falara anteriormen-

te da destruição de Jerusalém e do templo (Mateus 22:7; 23:38; Lucas 13:35²⁰), mas geralmente em termos velados. Nessa ocasião, Suas palavras dificilmente poderiam ser mal interpretadas.

O Senhor disse: “Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada” (Marcos 13:2b)²¹. “Segundo Josefo, algumas das pedras tinham perto de vinte metros de comprimento, três de altura e cinco de largura²².” Podemos imaginar os apóstolos avistando esses monoblocos imensos e pensando: “Não ficará pedra sobre pedra? Como pode ser isto?” O templo era essencial aos conceitos judaicos relativos à religião e à glória de Israel. Sua destruição era para eles inconcebível.

Jesus e Seus seguidores saíram do templo, atravessaram o ribeiro de Cedrom e subiram o monte que ficava ao leste do templo, chamado monte das Oliveiras — provavelmente o local onde já haviam pernoitado (Lucas 21:37). Assentados no declive (veja Mateus 24:3a), eles avistaram o templo e a cidade “claramente diante deles, adornada pelas sombras do sol poente”²³. Enquanto os discípulos olhavam para o complexo do templo lá embaixo (Marcos 13:3a), seus corações queimavam bombardeados por perguntas²⁴. E interrogaram o Mestre: “Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século” (Mateus 24:3; veja Marcos 13:4; Lucas 21:7).

Os discípulos provavelmente pensavam que aquela pergunta dizia respeito a um acontecimento único — a destruição do templo — mas, na verdade, a pergunta implicava vários acontecimentos. Especificamente, também perguntaram sobre a “vinda” de Cristo e “a consumação do século”²⁵. O vocábu-

¹⁵Leia João 2:11; 8:54.

¹⁶Leia 1 Samuel 4:21, 22.

¹⁷“Dádivas” vem do latim equivalente a “voto”. Eram presentes dados em cumprimento a um voto. ANVI diz “dádivas dedicadas a Deus”.

¹⁸A obra só foi acabada no ano 64 d.C. — somente seis anos antes da destruição do templo.

¹⁹Obtenha mais informações sobre o templo nas edições “Atos, 2”, p. 4 e “Atos, 9”, p. 21, de *A Verdade para Hoje*. Há também um breve comentário sobre a construção do templo por Herodes na página 50 de “A Vida de Cristo — Parte 1”. Muito do que sabemos sobre o templo tem como fonte os registros de Josefo, *Guerras* 5.5.

²⁰Veja mais comentários sobre Mateus 22:7, na página 12 e sobre Mateus 23:38, nas páginas 36 e 37 desta edição. Veja também comentários sobre Lucas 13:35, na página 30 da edição “A Vida de Cristo — Parte 8”. Jesus também se referiu à destruição de Jerusalém quando Ele chorou pela cidade (Lucas 19:43, 44), mas não sabemos ao certo se os discípulos O ouviram nessa ocasião.

²¹Jesus fez a mesma afirmação quando chorou por Jerusalém (Lucas 19:44). (Veja a nota de rodapé anterior.)

²²J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 619.

²³Robert Duncan Culver, *The Life of Christ* (“A Vida de Cristo”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1976, pp. 225–26.

²⁴Mateus e Lucas indicam que os discípulos em geral fizeram as perguntas (Mateus 24:3; Lucas 21:7), enquanto Marcos menciona especificamente Pedro, Tiago, João e André (Marcos 13:3).

²⁵A ERC diz “o fim do mundo” e a NVI, “o fim dos tempos”.

lo grego traduzido por “vinda” é *parousia*. A única ocorrência dessa palavra nos relatos do evangelho é Mateus 24 (vv. 3, 27, 37, 39)²⁶. *Parousia* é um “termo técnico em grego para a chegada de um rei”²⁷. Quando os discípulos usaram o termo, provavelmente tinham em mente o estabelecimento do Seu reino, o qual eles pensavam equivocadamente que seria um reino físico²⁸. Nesse caso, “a consumação do século” significava (para eles) o fim do sistema político vigente (ou seja, o fim do odiado domínio dos romanos). Os apóstolos certamente associaram essas perguntas entre si porque não podiam conceber algum outro acontecimento suficientemente catastrófico para destruir o templo, senão a inauguração do reino messiânico (ou seja, o reino conforme eles o imaginavam). Enquanto analisamos a resposta de Jesus, precisamos reconhecer que ela engloba muito mais do que a destruição do templo.

Uma Séria Controvérsia

A resposta de Cristo às perguntas dos discípulos em Mateus 24:4—25:46 (veja também Marcos 13:5–37; Lucas 21:8–36) constitui um dos mais extensos discursos de Jesus — e provavelmente o Seu discurso mais controverso. Mateus 24 é usado por premilenaristas²⁹ para revelar “sinais” da segunda vinda de Jesus³⁰. Eles gostam de apontar para fomes e guerras da atualidade como “sinais” de que a volta do Senhor está próxima — a despeito de Jesus ter declarado que ninguém sabe quando Ele voltará (Mateus 24:36).

Neste estudo de Mateus 24, juntamente com passagens correspondentes, é preciso admitir que, independentemente da perspectiva adotada, trata-se de uma passagem difícil por várias razões; uma delas é que Jesus empregou uma “figura apocalíp-

²⁶A palavra encontra-se nas epístolas em referência à segunda vinda de Cristo (veja 1 Coríntios 15:23; 1 Tessalonicenses 2:19; 3:13; 4:15; Tiago 5:7, 8).

²⁷Will Ed Warren, apostila do curso *The Life of Christ: The Synoptic Gospels* (“A Vida de Cristo: Os Evangelhos Sinópticos”). Harding University, 1991, p. 96.

²⁸Jesus já havia predito Sua segunda vinda (veja Mateus 16:27; Lucas 12:40; 17:22–37). Entretanto, se os discípulos não compreendiam que Ele tinha de morrer e ser ressuscitado, é bastante improvável que entendessem o que o Senhor quis dizer quando falou de Sua segunda vinda.

²⁹Veja uma breve exposição sobre premilenarismo, na edição “Apocalipse — Parte 1”, de *A Verdade para Hoje*, pp. 15–17.

³⁰Mateus 24 também é usado por outros para amparar seus dogmas particulares. Por exemplo, ele é usado pelos que crêem que a “segunda vinda” do Senhor ocorreu no ano 70 d.C., quando Jerusalém foi destruída. Essa estranha doutrina tem dividido igrejas em vários continentes.

tica comum aos judeus”³¹. A literatura apocalíptica usava um vívido (e geralmente estranho) simbolismo para comunicar sua mensagem³². Os judeus estavam familiarizados com a linguagem apocalíptica. Além do uso do simbolismo apocalíptico em livros inspirados como Daniel, os séculos entre o fim do Antigo Testamento e o nascimento de Jesus propiciaram inúmeros tratados apocalípticos não-inspirados. Pelo fato de não estarmos familiarizados com esse tipo de figura, geralmente é difícil decifrarmos seu significado.

Outra razão para as dificuldades é o fato de que o Senhor não respondeu uma única pergunta, mas várias: perguntas sobre a destruição de Jerusalém e perguntas sobre Sua segunda vinda. As declarações de Jesus sobre o que viria a acontecer no ano 70 d.C. e na consumação do século parecem sobrepostas e fundidas uma na outra. É difícil distinguir uma da outra. Uma analogia muito usada é a de dois picos — um menor perto e um maior a distância — cujas imagens se misturam do nosso ponto de vista. A maioria dos eruditos da Bíblia concorda que há uma íntima relação entre a destruição de Jerusalém e a segunda vinda, ainda que os dois acontecimentos estejam separados por milhares de anos: o primeiro (a destruição de Jerusalém) é um tipo do segundo (a segunda vinda).

Apesar dos dois conceitos parecerem estar misturados, muitos concordam que a ênfase da primeira parte de Mateus 24 é a destruição de Jerusalém e a da última parte é a segunda vinda de Jesus.

- Na primeira parte do capítulo, observemos os versículos 19 e 20: “Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado”. O parto de crianças ou a estação ou o dia da semana teriam algo a ver com a segunda vinda? Não. Entretanto, esses fatores são significativos quando relacionados à destruição de Jerusalém³³.
- Na última parte, observemos as declarações acerca de alguns serem levados e alguns serem deixados, nos versículos 40 e 41. Embora esses versículos nada tenham a ver com a destruição de Jerusalém, eles estão direta-

³¹A. T. Robertson, *A Harmony of the Gospels for Students of the Life of Christ* (“Harmonia dos Evangelhos para Estudantes da Vida de Cristo”). Nova York: Harper & Row, 1950, p. 173.

³²Veja uma exposição da linguagem apocalíptica em “Apocalipse — Parte 1”, de *A Verdade para Hoje*, pp. 9–11.

³³Veja os comentários sobre esses versículos na página 46 desta edição.

mente relacionados à segunda vinda³⁴.

Muitos contrastes podem ser traçados entre Mateus 24:4–35 (que enfoca a destruição de Jerusalém) e 24:36–41 (que enfoca a segunda vinda). Alguns desses contrastes são mostrados no quadro abaixo³⁵.

Há comentaristas convictos de que a primeira parte de Mateus 24 enfoca a destruição de Jerusalém e que os últimos versículos referem-se primordialmente à segunda vinda. Também insistem no fato de que ocorre uma sobreposição. Essa corrente sente-se livre para determinar arbitrariamente quais versículos tratam do primeiro evento e quais tratam do segundo. Esta é uma das formas de se interpretar Mateus 24³⁶, mas convém ressaltar que essa perspectiva impossibilita uma explicação para o versículo 34, onde Jesus disse: “Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça”. A interpretação natural para o versículo 34 é que Cristo disse que tudo que Ele predisse nos versículos 4 a 33 se cumpriria durante a vida de alguns ali presentes³⁷. A palavra grega traduzida por “geração” (*genea*) normalmente refere-se aos que estavam

vivos durante um período específico. Pouco antes de Jesus dar a declaração de Mateus 24:34, Ele usou a mesma palavra para predizer que coisas terríveis sobreviriam a Seus ouvintes (Mateus 23:36; compare com Mateus 24:34).

Aqueles que querem forçar que parte ou todo o trecho de Mateus 24:24–33 se refere à segunda vinda tropeçam no versículo 34. Muitos insistem que “geração” nessa passagem significa “raça”, ou seja, a raça dos judeus. R. T. France comentou: “É absolutamente improvável que atribuíssem esse significado estranho ao substantivo, não fosse a passagem uma dificuldade para os intérpretes³⁸”. Jack P. Lewis escreveu:

O significado de geração (*genea*) é crucial para a interpretação de todo o capítulo. Embora Scofield, seguindo Jerônimo, tenha defendido que seu significado é a raça dos judeus, há somente um caso possível no Novo Testamento (Lucas 16:8) em que o léxico sugere que *genea* signifique raça. Há uma distinção entre *genos* (raça) e *genea* (geração). Outros estudiosos argumentam que *genea* significa a última geração; ou seja, uma vez iniciados os sinais, todos esses acontecimentos ocorreriam numa única geração (cf. 23:36). Mas em outra ocorrência em Mateus, *genea* significa as pessoas vivas numa determinada época e geralmente na época de Jesus (1:17; 11:16; 12:39, 41, 45; 23:36; Marcos 8:38; Lucas 11:50ss.; 17:25), e, sem dúvida, seu significado é o mesmo aqui.³⁹

³⁴Estude a próxima lição. Uma outra prova de que a última parte de Mateus 24 concentra-se na segunda vinda é que esses versículos conduzem ao capítulo sobre o Julgamento (Mateus 25).

³⁵Mais outros contrastes serão observados posteriormente, no estudo sobre Mateus 24 e passagens correspondentes.

³⁶Um dos perigos desta perspectiva é que abriria precedentes para outras arbitrariedades. Ela permitiria que os premilenaristas decidissem arbitrariamente que a primeira parte de Mateus 24 se refere à segunda vinda, e não à destruição de Jerusalém.

³⁷A destruição de Jerusalém ocorreu menos de quarenta anos depois — durante a vida de alguns presentes quando Jesus proferiu essas palavras.

³⁸R. T. France, *The Gospel According to Matthew* (“O Evangelho Segundo Mateus”), Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985, p. 346.

³⁹Jack P. Lewis, *The Gospel According to Matthew, Part 2*, (“O Evangelho Segundo Mateus, Parte 2”), The Living Word Commentary Series, ed. Everett Ferguson. Abilene, Tex.: ACU Press, 1976, pp. 129–30.

No estudo a seguir⁴⁰, o versículo 34 será entendido no sentido de que os acontecimentos descritos nos *versículos* anteriores iriam acontecer à geração então contemporânea a Jesus⁴¹. As dificuldades decorrentes dessa perspectiva⁴² serão tratadas à medida que surgirem no texto.

Um Começo Significativo

(Mateus 24:4–14; Marcos 13:5–15; Lucas 21:8–19)

Estamos prontos para começar nosso estudo sobre Mateus 24 e as passagens correspondentes em Marcos e Lucas. O estudo será concluído na próxima lição.

Cristo começou Seu discurso com vários “não-sinais”. A destruição de Jerusalém seria um acontecimento tão traumático para os judeus que os que estivessem aguardando o cumprimento da profecia de Jesus poderiam pensar que toda e qualquer coisa fosse um sinal de que ela estava prestes a se concretizar. Consideremos esta ilustração: se alguém predissesse que a minha casa seria destruída — e eu acreditasse nessa pessoa — toda tempestade me deixaria apreensivo. Cristo não queria que Seus seguidores se enganassem (Mateus 24:4; Marcos 13:5; Lucas 21:8a), por isso Ele primeiramente os advertiu acerca dos *sinais que poderiam enganá-los*.

Cristos falsos: Ele disse que se levantariam falsos Messias (Mateus 24:5; Marcos 13:5; Lucas 21:8b; veja também Mateus 24:24; Marcos 13:22). Jesus advertiu: “Não os sigais” (Lucas 21:8c). Ocasionalmente, naqueles dias, homens atraíam seguidores fazendo declarações fantásticas (veja atos 5:34–39; 21:38)⁴³.

Guerras e rumores de guerras: rumores de guerras e outras perturbações não deveriam alarmar os discípulos (Mateus 24:6a; Marcos 13:7a; Lucas 21:9a). O Senhor explicou: “...é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim [de Jerusalém e do templo]” (Mateus 24:6b; veja Marcos 13:7b; Lucas 21:9b). Essas palavras foram ditas numa época em que o Império Romano estava em paz; mas, segundo historiadores,

não demoraria muito para que guerras ressurgissem.

Catástrofes naturais: Cristo também observou que haveria (como sempre houve) catástrofes naturais como fome, pestes e terremotos (Mateus 24:7b; Marcos 13:8b; Lucas 21:11⁴⁴). Jesus chamou essas coisas de “o princípio das dores” (Mateus 24:8; veja Marcos 13:8c). A palavra “princípio” está em contraste com a palavra “fim” nos versículos 6 e 14. Em outras palavras, essas catástrofes naturais *não* seriam “o fim”.

Crises na igreja: os seguidores de Jesus foram advertidos a esperar perseguição (Mateus 24:9; Marcos 13:9a, 13a; Lucas 21:12a, 16b, 17)⁴⁵. O Senhor, porém, prometeu estar com eles (Lucas 21:18⁴⁶) e disse-lhes para considerarem a perseguição como uma oportunidade para testemunharem acerca da fé (Marcos 13:9b, 11; Lucas 21:12b, 13–15)⁴⁷. Um outro problema seria os falsos profetas (mestres) que enganariam a muitos (Mateus 24:11; veja Mateus 24:24; Marcos 13:22)⁴⁸. Devido a perseguição e engano, alguns cristãos cairiam da fé. Alguns até trairiam os colegas cristãos, incluindo membros da família (Mateus 24:10, 12; Marcos 13:12; Lucas 21:16a). “Aquele, porém, que perseverar até o fim”, disse Jesus, “esse será salvo” (Mateus 24:13; Marcos 13:13b; veja Lucas 21:19). Como Ele almejava que eles — e nós — permanecessem fiéis!

A propagação do evangelho: Jesus finalizou a lista de “não-sinais” dizendo: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim [de Jerusalém e do templo]” (Mateus 24:14; veja Marcos 13:10). Várias semanas depois, imediatamente antes de Sua ascensão, o Senhor daria aos apóstolos a grande comissão de “ir a todo o mundo e pregar o evangelho” para “fazer discípulos de todas as nações” (Marcos

⁴⁰O presente estudo de Mateus 24 baseia-se numa palestra dada por Stafford North na igreja de Cristo Eastside, em Midwest City, Oklahoma, no dia 30 de setembro de 1997. Outras fontes serão fornecidas em notas de rodapé e nas notas após a próxima lição.

⁴¹A possível exceção a isto é Mateus 24:27, em que Jesus parecia estar Se referindo à Sua segunda vinda. Veja a nota de rodapé 22 na página 48.

⁴²Essas “dificuldades” incluem Mateus 24:27, 29–31, que parece referir-se à segunda vinda, e não à destruição de Jerusalém.

⁴³Josefo mencionou uma série de líderes que se levantaram naqueles dias e guiaram facções atrás de si (*Guerras* 2.12.4–5; *Antiguidades* 20.5.1–2; 20.8.6).

⁴⁴O relato de Lucas acrescenta “coisas espantosas e também grandes sinais do céu”. Esses termos englobam quaisquer catástrofes naturais não mencionadas especificamente — como tempestades, granizos e inundações.

⁴⁵Atos e outros livros do Novo Testamento falam da perseguição que sobreveio à igreja.

⁴⁶Visto que o Senhor já dissera que alguns deles seriam mortos (Lucas 21:16), a promessa de que “não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça” (Lucas 21:18) deve significar que, mesmo que eles fossem mortos, não pereceriam. O Senhor estava prometendo a eles vitória final na ressurreição.

⁴⁷Sabemos que Paulo compareceu diante de governadores e reis (veja Atos 26); talvez outros apóstolos também o fizeram. A promessa de que o Espírito inspiraria suas palavras quando fizessem sua defesa foi uma promessa específica para os apóstolos, e não para nós. Antes de ensinarmos outras pessoas, temos de estudar a Palavra de Deus.

⁴⁸Veja um cumprimento dessa predição em 2 Pedro 2:1; 1 João 4:1.

16:15; Mateus 28:19). Atos narra a história de como os seguidores de Cristo abraçaram a tarefa de levar o evangelho “até aos confins da terra” (Atos 1:8). Tudo isto, porém, exigiria tempo. Por isso, o Senhor enfatizou que “o fim” do templo aconteceria anos depois. Por volta do ano 63 d.C. (sete anos antes da destruição de Jerusalém), Paulo pôde escrever que o evangelho havia sido “pregado a toda criatura debaixo do céu” (Colossenses 1:23⁴⁹).

CONCLUSÃO

Após enumerar os não-sinais e os sinais que poderiam enganar os discípulos, Jesus explicou-lhes como saberiam sem sombra de dúvida quando se daria a destruição de Jerusalém (Mateus 24:15; Lucas 21:20). Retomaremos o estudo de Mateus 24 a partir desse ponto, na próxima lição.

Podemos nos perguntar, a esta altura, por que Deus preservou este capítulo tão surpreendente. Como veremos na próxima lição, uma aparente razão foi conservar os cristãos em Jerusalém quando os exércitos romanos cercassem a cidade. Talvez Jesus quisesse inculcar em nossas mentes que podemos confiar no que Ele diz: na próxima lição, veremos que Sua predição a respeito de não ficar pedra sobre pedra cumpriu-se literalmente. Provavelmente o propósito principal deste trecho é salientar a necessidade de sermos fiéis aconteça o que acontecer. Devemos *estar sempre prontos* (Mateus 24:13, 42, 44).

⁴⁹A maioria dos estudiosos concorda que a expressão “toda criatura” nesta passagem refere-se primeiramente à população do Império Romano. Em Lucas 2:1 a expressão “toda a população do império” foi usada neste sentido. Evidentemente, pessoas de toda parte do império tiveram uma oportunidade de ouvir o evangelho (veja Romanos 1:5, 8; Colossenses 1:5, 6; 1 Tessalonicenses 1:8).

Atribuição de Leitura nº. 32

Mateus 24:15–51;

Marcos 13:14–37;

Lucas 21:20–36

Mateus 24:15–51

¹⁵Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda),

¹⁶então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes;

¹⁷quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa;

¹⁸e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa.

¹⁹Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias!

²⁰Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado;

²¹porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais.

²²Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas, por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados.

²³Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis;

²⁴porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos.

²⁵Vede que vo-lo tenho predito.

²⁶Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis.

²⁷Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem.

²⁸Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres.

²⁹Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados.

³⁰Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória.

³¹E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus.

³²Aprendeí, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão.

³³Assim também vós: quando virdes todas estas coisas, sabeis que está próximo, às portas.

³⁴Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça.

³⁵Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão.

³⁶Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai.

³⁷Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem.

³⁸Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca,

³⁹e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem.

⁴⁰Então, dois estarão no campo, um será tomado, e deixado o outro;

⁴¹duas estarão trabalhando num moinho, uma será tomada, e deixada a outra.

⁴²Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor.

⁴³Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa.

⁴⁴Por isso, ficai também vós apercebidos; porque, à hora

em que não cuidais, o Filho do Homem virá.

⁴⁵Quem é, pois, o servo fiel e prudente, a quem o senhor confiou os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo?

⁴⁶Bem-aventurado aquele servo a quem seu senhor, quando vier, achar fazendo assim.

⁴⁷Em verdade vos digo que lhe confiará todos os seus bens.

⁴⁸Mas, se aquele servo, sendo mau, disser consigo mesmo: Meu senhor demora-se,

⁴⁹e passar a espancar os seus companheiros e a comer e beber com ébrios,

⁵⁰virá o senhor daquele servo em dia em que não o espera e em hora que não sabe

⁵¹e castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os hipócritas; ali haverá choro e ranger de dentes.

Marcos 13:14–37

¹⁴Quando, pois, virdes o abominável da desolação situado onde não deve estar (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes;

¹⁵quem estiver em cima, no eirado, não desça nem entre para tirar da sua casa alguma coisa;

¹⁶e o que estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa.

¹⁷Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias!

¹⁸Orai para que isso não suceda no inverno.

¹⁹Porque aqueles dias serão de tamanha tribulação como nunca houve desde o princípio do mundo, que Deus criou, até agora e nunca jamais haverá.

²⁰Não tivesse o Senhor abreviado aqueles dias, e ninguém se salvaria; mas, por causa dos eleitos que ele escolheu, abreviou tais dias.

²¹Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis;

²²pois surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos.

²³Estai vós de sobreaviso; tudo vos tenho predito.

²⁴Mas, naqueles dias, após a referida tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade,

²⁵as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados.

²⁶Então, verá o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória.

²⁷E ele enviará os anjos e reunirá os seus escolhidos dos quatro ventos, da extremidade da terra até à extremidade do céu.

²⁸Aprendeí, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam, e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão.

²⁹Assim, também vós: quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que está próximo, às portas.

³⁰Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça.

³¹Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão.

³²Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai.

³³Estai de sobreaviso, vigiai [e orai]; porque não sabeis quando será o tempo.

³⁴É como um homem que, ausentando-se do país, deixa a sua casa, dá autoridade aos seus servos, a cada um a sua obrigação, e ao porteiro ordena que vigie.

³⁵Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã;

³⁶para que, vindo ele inesperadamente, não vos ache dormindo.

³⁷O que, porém, vos digo, digo a todos: vigiai!

Lucas 21:20–36

²⁰Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabeis que está próxima a sua devastação.

²¹Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem nos campos, não entrem nela.

²²Porque estes dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito.

²³Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque haverá grande aflição na terra e ira contra este povo.

²⁴Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles.

²⁵Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas;

²⁶haverá homens que desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; pois os poderes dos céus serão abalados.

²⁷Então, se verá o Filho do Homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória.

²⁸Ora, ao começarem estas coisas a suceder, exultai e erguei a vossa cabeça; porque a vossa redenção se aproxima.

²⁹Ainda lhes propôs uma parábola, dizendo: Vede a figueira e todas as árvores.

³⁰Quando começam a brotar, vendo-o, sabeis, por vós mesmos, que o verão está próximo.

³¹Assim também, quando virdes acontecerem estas coisas, sabeis que está próximo o reino de Deus.

³²Em verdade vos digo que não passará esta geração, sem que tudo isto aconteça.

³³Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão.

³⁴Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as conseqüências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço.

³⁵Pois há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a terra.

³⁶Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder e estar em pé na presença do Filho do Homem.

“Retirando-se” (Parte 2)

- VIII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).
E. Terça-feira: “O Grande Dia das Perguntas” (continuação).
7. Um discurso para os apóstolos sobre a destruição de Jerusalém e a segunda vinda (continuação).
 - b. Ensino sobre a destruição de Jerusalém (continuação).
 - 2) O acontecimento relacionado à destruição de Jerusalém (Mateus 24:15–35; Marcos 13:14–31; Lucas 21:20–36).
 - c. Ensino sobre a segunda vinda.
 - 1) Ensino geral.
 - a) A segunda vinda não será anunciada (Mateus 24:36–41; Marcos 13:32).
 - b) A necessidade de estar pronto (Mateus 24:42–51; Marcos 13:33–37).

INTRODUÇÃO

Na lição anterior, começamos a estudar Mateus 24 e as passagens correspondentes em Marcos e Lucas. Analisamos Mateus 24:4–14, que se refere a guerras, catástrofes naturais, perseguição e afins. Esses versículos são os favoritos de quem pretende estabelecer uma data para a volta do Senhor. Apon-tam para as manchetes que anunciam desastres e declaram: “A segunda vinda está próxima!” Os adeptos dessa corrente ignoram dois fatos:

1) Acontecimentos como esses não são sinais do fim, mas (como os denominamos na lição passa-da) são “não-sinais”. Eles acontecem a todo o tempo. Ocorreram no primeiro século, no segundo e no terceiro, até hoje. Eles não são indicadores infalíveis de uma catástrofe cósmica iminente.

2) O assunto em análise na última parte do capítulo não é a segunda vinda, mas a destruição de Jerusalém¹. Quem aplica Mateus 24:4–15 à segunda vinda tem que ignorar o contexto.

Nesta lição, estudaremos o “sinal” que o Senhor *queria* que Seus discípulos reconhecessem quando a destruição de Jerusalém estivesse próxima. Também comentaremos a descrição apocalíptica que Cristo fez dessa destruição. Por fim, analisaremos a parte inicial de Sua resposta às perguntas dos discípulos sobre a segunda vinda.

¹Se quiser, faça uma revisão deste ponto baseando-se na lição anterior.

A DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM (MATEUS 24:15–35; MARCOS 13:14–31; LUCAS 21:20–36)

O Verdadeiro Sinal

(Mateus 24:15, 16; Marcos 13:14a; Lucas 21:20)

Após Jesus ter citado uma lista de aconteci-mentos não diretamente relacionados à destruição de Jerusalém, Ele identificou o sinal pelo qual Seus seguidores *deveriam* aguardar. Disse Ele: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que fa-lou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê enten-da), então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes” (Mateus 24:15, 16). O relato de Marcos diz “o abominável da desolação situado onde não deve estar” (Marcos 13:14a).

Os sensacionalistas gostam de especular as pala-vras “o abominável da desolação situado onde não deve estar”, mas os relatos do evangelho nos fornecem uma interpretação inspirada do que vem a ser essa expressão. Na passagem paralela de Lucas, Jesus disse: “Quando, porém, virdes *Jerusalém sitiada de exércitos*, sabei que está próxima a sua devas-tação” (Lucas 21:20; grifo meu). Muitos que viviam naqueles dias em Jerusalém viram a cidade cercada por exércitos romanos no fim da década de 60 d.C.

Cristo fez Seus ouvintes se lembrarem de que o profeta Daniel havia falado do “abominável da de-solação”. As palavras “abominável” e “desolação” encontram-se, em variadas combinações, no Livro de Daniel (9:26, 27; 11:31; 12:11). Daniel 11:31 e 12:11

provavelmente se refere a Antíoco Epifanes, o rei selêucida, cujas tentativas de introduzir ritos pagãos em Jerusalém levou à revolta dos macabeus (167 a.C.)², enquanto 9:26 e 27 contém mais referências diretas à destruição de Jerusalém pelos romanos. Os versículos de Daniel 9 profetizaram que a cidade e o templo seriam destruídos porque o povo rejeitara o Messias. Aqui estão alguns trechos pertinentes: "... será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário" (Daniel 9:26)³. Wayne Jackson escreveu:

O "abominável da desolação" era o exército romano sob seu comandante, Tito ("o príncipe", 9:26b), que subjogou Jerusalém em 70 d.C.

Esse acontecimento foi citado por Daniel como o "abominável da desolação" porque a cidade de Davi ficaria *desolada* por conta do ataque dos romanos — uma força militar abominável devido à sua estrutura idólatra⁴... Até os judeus admitiam que a destruição da nação hebréia seria um cumprimento da notável profecia de Daniel. O historiador judeu Josefo afirmou que "Daniel também escreveu a respeito do governo romano, e que nosso país deveria ser desolado por eles"⁵.

O Que Fazer quando o Verdadeiro Sinal Aparecer (Mateus 24:16–20; Marcos 13:14b–18; Lucas 21:21, 23)

Quando os seguidores de Jesus vissem "Jerusalém sitiada de exércitos", eles deveriam fugir para um lugar seguro (Mateus 24:16; veja Marcos 13:14b; Lucas 21:21a). Cristo disse: "quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa; e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa" (Mateus 24:17, 18; veja Marcos 13:15, 16; Lucas 21:21b). Em outras palavras: "Se você estiver na cidade, não pare para arrumar uma sacola ou apanhar seus artigos favoritos. Se estiver fora da cidade, não volte para casa. Caia fora de Jerusalém

²Veja 1 Macabeus 1:54, 2 Macabeus 6:4, 5 e Josefo *Antiguidades* 12.5.4.

³O espaço não permite um estudo detalhado das passagens de Daniel. Futuramente, pretendemos publicar o comentário expositivo de Daniel juntamente com um artigo suplementar sobre "O Abominável da Desolação em Daniel 9:27 e Mateus 24:15–21".

⁴No Antigo Testamento, o termo "abominação" era geralmente aplicado à idolatria. Os soldados romanos prestavam adoração aos emblemas e insígnias gravados em seus estandartes. Josefo escreveu sobre os conflitos entre os exércitos judeus e romanos referindo-se a essa "abominação" (*Antiguidades* 18.3.1; 18.5.3; *Guerras* 6.6.1).

⁵Wayne Jackson, "Daniel's Prophecy of the Seventy Weeks" ("A Profecia de Daniel das Setenta Semanas"), em "Daniel, 2" *Truth for Today*. Junho de 2001, pp. 23–24.

— imediatamente!"

Jesus acrescentou: "Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias!" (Mateus 24:19; veja Marcos 13:17; Lucas 21:23a). Seria mais difícil para grávidas ou mães com filhos pequenos fazerem uma viagem⁶. Ele também disse: "Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado" (Mateus 24:20; veja Marcos 13:18). Os portões da cidade estariam fechados no sábado⁷, e viajar no inverno seria mais difícil. (Evidentemente, as orações dos cristãos sobre esses assuntos foram respondidas, porque os romanos vieram na primavera.)

Vamos repetir um ponto destacado na lição anterior: o que o local em que a pessoa estaria, o fato de estar grávida ou amamentando, a estação ou o dia da semana tinham a ver com a segunda vinda? Nada, absolutamente. Entretanto, todos esses detalhes seriam fatores relevantes que sinalizariam a hora de fugirem de Jerusalém.

Tanto Mateus como Marcos acrescentaram um comentário editorial inspirado: "quem lê entenda" (Mateus 24:15; Marcos 13:14). A história subsequente revela que os cristãos primitivos *de fato* entenderam a mensagem de Jesus e conseguiram escapar de Jerusalém antes que ela fosse destruída pelos romanos. Alguns devem ter partido quando ouviram que o exército romano estava se aproximando ou assim que o avistaram de longe. Outros tiveram essa oportunidade tão logo o cerco foi suspenso.

Uma história interessante é contada por Eusébio, um historiador da igreja que viveu por volta de 300 d.C. Houve um período em que o cerco de Jerusalém foi temporariamente suspenso⁸. O imperador Vitélio havia morrido, e o general responsável pela destruição de Jerusalém era Vespasiano. O senado romano mandou avisar Vespasiano que ele sucederia Vitélio como governador. Quando Vespasiano saiu, seu filho Tito foi nomeado general responsável pelo ataque. Durante a troca de comando houve uma pausa no cerco. Os cristãos, depositando sua confiança nas palavras de Jesus, usaram essa oportunidade para fugir de Jerusalém e atravessar o rio Jordão até a cidade de Pela. Dessa forma, eles escaparam da terrível destruição. Segundo Eusébio, nenhum cristão foi ferido durante o cerco; nenhum deles pereceu.⁹

⁶Se você tiver filhos, talvez queira acrescentar uma ilustração pessoal do desafio que é chegar a algum lugar — na hora certa — com filhos pequenos.

⁷Além disso, a consciência de muitos judeus não lhes permitiria viajar no sábado.

⁸Veja Josefo, *Guerras* 5.10.1.

⁹Neale Pryor, "The 'Abomination of Desolation' in Daniel 9:27 e Mateus 24:15–21" ("O 'Abominável da Desola-

A Natureza do Advento

(Mateus 24:21–28; Marcos 13:19–23;

Lucas 21:22–24)

A aproximação de Mateus 24 descreve a destruição de Jerusalém. Jesus previu que seria terrível:

Porque nesse tempo haverá grande tribulação¹⁰, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais. Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas, por causa dos escolhidos¹¹, tais dias serão abreviados (Mateus 24:21, 22; veja Marcos 13:19, 20).

E Ele também disse:

Porque estes dias são de vingança¹², para se cumprir tudo o que está escrito. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque haverá grande aflição na terra e ira contra este povo. Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios¹³ se completem, Jerusalém será pisada por eles (Lucas 21:22–24).

Essas palavras podem soar extremistas, mas a história revela que a realidade foi compatível com a predição.

Jerusalém ficou sob o cerco de Tito por três anos. O cerco começou quando a cidade estava abarrotada de peregrinos para a Páscoa, além de outros que haviam fugido dos avanços do exército romano. Durante o cerco, os que ficaram presos dentro da cidade recorreram a medidas desesperadas para

ção' em Daniel 9:27 e Mateus 24:15–21") em "Daniel, 2," *Truth for Today*. Junho de 2001, p. 50. Veja Eusébio de Cesaréia, *História Eclesiástica* 3.V. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 5ª ed., 2004, pp. 82s.

¹⁰A expressão "grande tribulação" (daqui e de Apocalipse 7:14) tem sido usada por pré-milenistas para um imaginário período de sete anos de tribulação mundial imediatamente antes da suposta volta de Cristo para estabelecer o reino nesta terra. Em Mateus 24, a "grande tribulação" era a destruição de Jerusalém em 70 d.C.

¹¹"Os escolhidos" refere-se a cristãos que, pela providência divina, conseguiriam escapar.

¹²Essa vingança é o castigo divino por terem rejeitado os Messias.

¹³Os premilenaristas usam a expressão enigmática "os tempos dos gentios" como uma parte essencial de sua cronologia escatológica, mas tenhamos em mente que o assunto em discussão é a destruição de Jerusalém em 70 d.C. Muitas possíveis interpretações já foram apresentadas, mas a mais simples é que Jerusalém seria "pisada" pelos romanos (durante o cerco) até que, mediante os planos e propósitos de Deus, se cumprisse a hora em que a destruição da cidade se concluiria.

sobreviverem¹⁴. Finalmente, no ano 70 d.C., Tito foi bem sucedido ao capturar Jerusalém. Quando os romanos devastaram a cidade, mataram dezenas de milhares de judeus¹⁵. Segundo Josefo, muitos foram torturados e mortos, sendo crucificados até "não haver espaço para as cruces, nem cruces para os corpos"¹⁶. Mais outros milhares foram levados cativos "de modo que nem um só judeu foi deixado vivo na cidade nem nos arredores"¹⁷.

Os romanos puseram a cidade abaixo, e também o templo, e os incendiaram (veja Mateus 22:7). As chamas derreteram o ouro do templo¹⁸, e os soldados literalmente "não deixaram pedra sobre pedra" na tentativa de juntar o metal. Jesus havia dito: "não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada" (Mateus 24:2). "Significativamente, só uma pedra do templo, e partes de outra, foram identificadas por arqueólogos¹⁹." A destruição de Jerusalém foi tão completa que quem visitou o local posteriormente mal podia crer que ele alguma vez tivesse sido habitado²⁰.

Jesus previu que, no meio da tragédia, surgiriam falsos Cristos, dando falsas esperanças (Mateus 24:23–25²¹; Marcos 13:21–23). Haveria rumores entre o povo: "Ele está aqui", ou "Ele está ali". Cristo disse: "Não acrediteis" (Mateus 24:26). Quando Jesus finalmente voltar, ninguém precisará anunciar

¹⁴Veja 2 Reis 6:24–30 como um exemplo das coisas terríveis que o povo fez durante um cerco bem anterior, mais curto.

¹⁵Josefo disse que 1.100.000 pereceram durante o cerco e 97.000 foram levados cativos (*Guerras* 6.9.3). Todavia, a maioria dos eruditos da atualidade estão convencidos de que Josefo exagerou.

¹⁶Josefo *Guerras* 5.11.1.

¹⁷J. Norval Geldenhuys, "Luke," *The Biblical Expositor* ("O Expositor Bíblico"), ed. Carl F. H. Henry. Filadélfia: Holman, 1960, 3:141.

¹⁸Em relação ao ouro do templo, veja a página 40 desta edição.

¹⁹Wayne Jackson, "Daniel's Prophecy of the Seventy Weeks" ("A Profecia de Daniel sobre as Setenta Semanas"), em "Daniel, 2," *The Truth for Today*. Junho de 2001, pp. 23–24. O irmão Jackson deu uma referência para esse detalhe: Harry Thomas Frank, *An Archaeological Companion to the Bible* ("Companheiro Arqueológico para a Bíblia"). Londres: SCM Press, 1972, p. 249.

²⁰Só algumas paredes da época de Jesus permanecem em pé, incluindo o famoso "muro das lamentações". O local do templo judeu está atualmente ocupado por uma mesquita conhecida como "o Domo da Rocha".

²¹Mateus 24:24 é digno de nota: Jesus disse que os falsos Cristos operariam "grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos [ou seja, cristãos]". A capacidade de simular a operação de "milagres" nunca foi um sinal, em si, da aprovação de Deus. A vida e o ensino de um professor também precisam ser condizentes com a revelação de Deus.

— pois todos saberão! “Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem” (Mateus 24:27; veja Apocalipse 1:7)²².

Qualquer esperança dada pelos falsos Cristos seria falsa, pois o destino de Jerusalém estava selado. A nação judaica teria oportunidade suficiente para voltar a Deus, pois o evangelho seria pregado primeiramente para os judeus (Romanos 1:16), mas as ofertas de misericórdia divina seriam rejeitadas. A destruição de Jerusalém seria prova de que o relacionamento da nação com Deus havia acabado. Olhando para o futuro, o Médico dos médicos anunciou a morte do paciente, dizendo: “Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres²³” (Mateus 24:28).

Acontecimentos Admiráveis Virão em Seguida (Mateus 24:29–31; Marcos 13:24–27; Lucas 21:25–28)

Isto nos leva a uma das seções mais difíceis de um capítulo igualmente difícil:

Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória. E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus (Mateus 24:29–31; veja Marcos 13:24–27; Lucas 21:25–28).

A terminologia usada nesses versículos *soa* como se a referência fosse à segunda vinda. Se, como acreditam muitos, Jesus saltou de um tópico para outro em Seu discurso, então Ele Se referia a esse acontecimento. Todavia, se a expressão “tudo isto” em Mateus 24:34 inclui os versículos 29 a 31 (o que seria uma dedução natural), Cristo devia ter outro acontecimento em mente.

²²Mateus 24:27 poderia estar falando da hora da vinda de Cristo no julgamento sobre Jerusalém; mas pelo contexto, parece estar se referindo à Sua vinda em pessoa — ou seja, a segunda vinda. Jesus parece estar contrastando o incerto “aqui” e “ali” com o fato de que, quando acontecer, a segunda vinda será óbvia para todos.

²³Isto se concretizou literalmente. Alguém escreveu que a população de abutres na Palestina dobrou durante o cerco romano. Alguns, porém, salientam que a palavra grega traduzida por “abutres” também poderia ser traduzida por “águias”. Pensam estes que o Senhor estava se referindo ao emblema de uma águia no alto dos estandartes romanos.

Na busca por outras possibilidades, precisamos lembrar que aqueles ouvintes judeus estavam familiarizados com a linguagem apocalíptica²⁴. Todos os termos usados em Mateus 24:29–31 (e nas passagens correspondentes) ocorrem em outros trechos da Bíblia referindo-se a uma variedade de eventos catastróficos. Por exemplo, o simbolismo do sol, da lua e das estrelas é usado com referência à queda de reis e reinos:

- Esse tipo de terminologia foi usado com referência à queda da Babilônia (Isaías 13:1, 9–11).
- Ele foi usado para predizer a queda de Edom (Isaías 34:4, 5).
- Ele foi usado em relação à derrota de Faraó (ou seja, do Egito) (Ezequiel 32:2, 7, 8).²⁵

Novamente, “a vinda do Senhor” (ou expressões semelhantes) pode referir-se de um modo geral a tudo que envolve o Senhor realizando Seus propósitos entre os homens²⁶:

- Deus “veio” para destruir o Egito (Isaías 19:1).
- Jesus prometeu que “viria” para estabelecer o Seu reino/igreja (o que aconteceu no primeiro Pentecostes após a ascensão, Atos 2) (compare Mateus 16:28 com Marcos 9:1).

É preciso considerar pelo menos três fatos, ao interpretarmos Mateus 24:29–31: 1) Jesus disse que o acontecimento ou os acontecimentos dos versículos 29 a 31 ocorreriam “imediatamente após a tribulação” da destruição de Jerusalém (v. 29). 2) O versículo 34 indica que o acontecimento ou os acontecimentos ocorreriam enquanto aquela geração ainda estivesse viva. 3) A terminologia dos versículos 29 a 31 pode referir-se a outros acontecimentos diferentes da segunda vinda. Considerando todos esses fatos, podemos agora estabelecer uma interpretação razoável de Mateus 24:29–31:

Versículo 29: A destruição de Jerusalém e do templo sinalizaram a queda da nação judaica.

²⁴Se quiser, faça uma revisão do que é a linguagem apocalíptica.

²⁵Essa terminologia também é usada em Joel 2:28–32, que é citado em Atos 2:16–21, em associação com o começo da nova aliança. (Veja os comentários sobre Atos 2:19–21 em “Atos, 1”, *A Verdade para Hoje*.)

²⁶O assunto da “vinda” do Senhor em juízo temporal *versus* a segunda vinda é comentado com frequência em nossa série sobre Apocalipse.

Versículo 30a: O “sinal do Filho do Homem” foi a destruição do templo²⁷. A destruição de Jerusalém foi uma das predições mais surpreendentes do Senhor — e uma predição cujo cumprimento Seus ouvintes presenciariam²⁸. A destruição total do templo mostrou que a profecia de Jesus se cumpriu e que Ele é digno de confiança. Foi um “sinal” de que Ele é o Messias, sendo, portanto, merecedor de nossa fé e obediência.

Versículo 30b: Quando Jerusalém fosse destruída, as tribos da terra lamentariam.

Versículo 30c: A essa altura, tudo estaria pronto para que o Filho do homem “viesse” — ou seja, desse continuidade ao Seu plano de salvar o mundo. Por isso Jesus disse: “ao começarem estas coisas a suceder... a vossa redenção se aproxima” (Lucas 21:28).

Versículo 31: Estando nossa interpretação correta até aqui, o versículo 31 é uma predição simbólica do cumprimento da grande comissão, levando-se o evangelho a toda a terra. A palavra grega para “anjos” significa “mensageiros”, humanos ou angelicais. Os mensageiros de Deus (evangelistas) percorreriam o mundo, juntando “Seus escolhidos” (aqueles que receberam o evangelho).

À primeira vista, esta perspectiva pode não parecer tão convincente. Antes, porém, de rejeitá-la, vamos analisar dois aspectos positivos dessa interpretação: 1) ela evita alguns perigos das perspectivas arbitrarias²⁹ e 2) ela é consistente com o uso do simbolismo apocalíptico presente em outras passagens bíblicas e com o ensino claro do Novo Testamento sobre os temas em questão.

“Nesta Geração” (Mateus 24:32–35; Marcos 13:28–31; Lucas 21:29–36)

Quando concluíamos Seu ensino sobre a destruição de Jerusalém, Jesus “lhes propôs uma parábola” (Lucas 21:29a), a parábola da figueira (Mateus 24:32, 33; Marcos 13:28, 29; Lucas 21:29–31). As palavras “estas coisas” em Mateus 24:33 e Marcos 13:30 referem-se a tudo que Jesus disse, com ênfase especial no “abominável da desolação” (Mateus 24:15; Marcos 13:14) — ou seja, “Jerusalém sitiada de exércitos” (Lucas 21:20). Assim como sabiam que o verão estava próximo só de olhar para as folhas da figuei-

²⁷O sinal “no céu” era um sinal de Deus visível a todos.

²⁸Os relatos sinóticos do evangelho foram escritos antes de 70 d.C.

²⁹Ou seja, algumas perspectivas permitem que o intérprete decida arbitrariamente se um versículo específico está falando da destruição de Jerusalém ou da segunda vinda.

ra, também saberiam que a destruição de Jerusalém estava próxima³⁰, tão logo vissem o exército romano se aproximando.

Isto nos leva à seguinte passagem chave: “Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça” (Mateus 24:34; veja Marcos 13:30; Lucas 21:32). “Tudo isto” é o mesmo que “estas coisas” no versículo anterior (Mateus 24:33): tudo o que Jesus estivera comentando, com ênfase especial no exército romano sitiando a cidade de Jerusalém e depois a destruindo.

Na lição anterior, reforçamos que a palavra grega traduzida por “geração” referia-se basicamente aos que estavam vivos durante um período específico³¹. Quando Mateus usou a palavra “esta” com “geração”, ele se referiu aos contemporâneos do locutor (veja 11:16; 12:41, 42)³². Jerusalém foi destruída no ano 70 d.C., menos de quarenta anos após Jesus pronunciar essas palavras; ou seja, *quando* os ouvintes de Cristo ainda estavam vivos.

Estava a predição de Jesus a respeito da destruição de Jerusalém correta? Ele disse: “Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão” (Mateus 24:35; veja Marcos 13:31; Lucas 21:33). Como já vimos, as palavras de Cristo se cumpriram exatamente conforme Ele predisse.

A SEGUNDA VINDA

(MATEUS 24:36–51; MARCOS 13:32–37)

Jesus abordou um assunto *diferente*, a partir de

³⁰Os relatos de Mateus e Marcos dizem: “sabei que [Ele] está próximo” (Mateus 24:33; Marcos 13:29; grifo meu) — ou seja, “sabei que o Senhor está vindo” em juízo sobre Jerusalém. O relato de Lucas diz “sabei que está próximo o reino de Deus” (Lucas 21:31; grifo meu). Os dois usos mais comuns da palavra “reino” no Novo Testamento são com referência à igreja e ao céu. Na época da destruição de Jerusalém, a igreja já existia havia quase quarenta anos, de modo que a referência não é à igreja. Por outro lado, se interpretarmos a palavra como “céu” (isto é, o fim deste mundo), haverá um problema no versículo seguinte, que afirmava: “não passará esta geração, sem que tudo isto aconteça” (Lucas 21:32). Muitos tentam “resolver” o dilema atribuindo à “geração” outro significado diferente do que geralmente tem. (Reveja os comentários nesta lição e na anterior sobre o significado de “geração.”) Talvez a melhor solução seja atribuir a “reino” seu significado básico: “o domínio de Deus nos corações dos homens”. O versículo poderia assim referir-se à propagação do evangelho e à maneira como ele transforma as pessoas em cidadãos do reino de Deus (Colossenses 1:13).

³¹A expressão “geração” é usada em Mateus treze vezes (1:17; 11:16; 12:39, 41, 42, 45; 16:4; 17:17; 23:36; 24:34); em todas elas no sentido do tempo de vida de uma pessoa.

³²F. Furman Kearley, “An Exegesis of Matthew 24” (“Uma exegese de Mateus 24”), *Abilene Christian University Lectures* (“Palestras da Universidade Cristã de Abilene”), 1980, p. 130.

Mateus 24:36. Vários fatores indicam isto³³: 1) Ele introduziu o novo assunto com a conjunção adversativa “mas”³⁴: “Mas a respeito daquele dia e hora...” (Mateus 24:36; grifo meu; veja Marcos 13:32). 2) Há um contraste entre o plural “aqueles dias” (Mateus 24:22, 29; veja Marcos 13:20, 24) e o singular “aquele dia” (Mateus 24:36; grifo meu; veja Marcos 13:32)³⁵. 3) Há muitos contrastes na exposição antes e após Mateus 24:36. Na primeira parte do capítulo, por exemplo, Jesus deu “um sinal” pelo qual saberiam que Jerusalém estaria prestes a ser destruída. (O “sinal” era o exército romano sitiando a cidade [Lucas 21:20].) A seguir, porém, Ele comentou um acontecimento sobre o qual não haveria aviso algum. Esse acontecimento seria a segunda vinda. Em outras palavras, em Mateus 24:36, o Senhor estava finalmente pronto para responder o segundo grupo de perguntas registradas em Mateus 24:3: “...que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século?”

“Mas o dia e a hora”

(Mateus 24:36–41; Marcos 13:32)

Os discípulos haviam perguntado sobre o “sinal” da vinda de Jesus e da consumação do século, mas Jesus declarou que *não* haveria sinal para Sua segunda vinda: “Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai” (Mateus 24:36; veja Marcos 13:32)³⁶.

Cristo... declarou enfaticamente que Ele não sabia quando viria. Se Ele não sabia, como poderia dar algum sinal? Parafraseando a resposta de Cristo, Ele estava dizendo aos discípulos: “Sim, há alguns sinais que indicam a destruição de Jerusalém e do templo... Quanto aos sinais da minha segunda vinda, tudo o que sei é que virei nas nuvens com poder e grande glória... Não posso lhes dar nenhum sinal específico porque não sei de nenhum”.³⁷

Como não haverá nenhum aviso antecipado para a segunda vinda de Jesus, Sua volta pegará a maioria despreparada, assim como o dilúvio pegou

a maioria despreparada nos dias de Noé³⁸: “...nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca” (Mateus 24:38; veja vv. 37–39).

Quando o Senhor falou de comerem, beberem e se casarem, Ele estava dizendo que é errado realizarmos as atividades normais da vida? Não! É certo e adequado fazermos essas coisas *desde que estejamos preparados para Sua volta, com nossos corações e com nossas vidas*. Jesus ilustrou isto com a história de dois homens trabalhando no campo na hora da Sua vinda. Disse Ele: “...um será tomado, e deixado o outro” (Mateus 24:40). “Tomado” significa “levado para estar com Deus no céu” (compare com Atos 1:2, 11), enquanto “deixado” refere-se a ser separado de Deus no inferno por toda a eternidade (2 Tessalonicenses 1:7–9)³⁹. Os dois homens da ilustração estavam envolvidos numa das atividades masculinas mais comuns daquela época; mas um estava preparado para a volta de Cristo, e o outro não⁴⁰. A seguir, Cristo usou uma ilustração semelhante em que mulheres realizavam suas atividades corriqueiras daquela época (Mateus 24:41).

“Vigiai” (Mateus 24:42–51; Marcos 13:33–37)

Em Mateus 24:42–51, chegamos finalmente ao principal motivo por que Deus preservou essa exposição para nós: você e eu *precisamos* desta mensagem. Como não sabemos quando Jesus voltará, precisamos estar sempre *prontos*: “Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor” (Mateus 24:42; veja Marcos 13:33). A vinda de Jesus será como um ladrão à noite, um assaltante que chega quando menos se espera (Mateus 24:43, 44; veja 1 Tessalonicenses 5:2; 2 Pedro 3:10)⁴¹. A vinda de

³⁸Noé disse às pessoas que o dilúvio viria, mas eles não acreditaram nele. Por isso continuaram vivendo como sempre. Hoje, embora a Bíblia ensine que o Senhor voltará, a maioria das pessoas ignora os avisos da Palavra. Serão, então, pegos de surpresa, despreparados.

³⁹Os premilenaristas incorporam Mateus 24:40 e 41 à doutrina que chamam de “arrebato”: eles ensinam que, quando Cristo voltar, os preparados serão “tomados” nas nuvens para estar com Ele, enquanto os despreparados serão “deixados” na terra para um período de sete anos de tribulação. A Bíblia não diz nada sobre um “arrebato” seguido por uma “tribulação”.

⁴⁰Isto está claramente implícito.

⁴¹Aqueles que tentam estabelecer uma data para a volta do Senhor precisam atentar para Mateus 24:44. Estes *pensam* que podem olhar para “os sinais do tempo” e predizer que Sua vinda está perto, mas Ele disse que virá “à hora em que *não cuidais*” (grifo meu)! Quando Stafford North fala da segunda vinda, ele enfatiza que será “como um ladrão à noite”.

³³Um indicador claro é que Mateus 24:36 introduz uma linha de pensamento que se conclui com homens e mulheres sendo levados para o céu ou para o inferno (Mateus 25:46). Isto *não* aconteceu quando Jerusalém foi destruída.

³⁴A palavra grega traduzida por “mas” é *de*.

³⁵“Aquele dia” é usado por Mateus em outro trecho referindo-se ao Dia do Juízo (7:22).

³⁶Mateus 24:36 pode ser usado como exemplo de uma prerrogativa divina da qual Jesus abriu mão ao vir à terra e assumir a forma de homem (Filipenses 2:6, 7).

³⁷Kearley, pp. 131–32.

Cristo será como a volta inesperada de um patrão que descobre que um de seus empregadores é infiel (Mateus 24:45–51; veja Marcos 13:34)⁴². A mensagem de Jesus para todo servo de Deus é esta:

Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã; para que, vindo ele inesperadamente, não vos ache dormindo. O que, porém, vos digo, digo a todos: vigiai! (Marcos 13:35–37).

No capítulo seguinte, Mateus 25, Jesus continuou enfocando a necessidade de estar preparado: na parábola das dez virgens, cinco estavam prontas quando o noivo voltou, mas as outras cinco não (vv. 1–13). Na parábola dos talentos, Cristo ensinou que, um dia, cada um de nós prestará contas do seu serviço (vv. 14–30). Mateus 25 encerra com uma descrição do Julgamento na volta do Senhor (vv. 31–46). Na próxima lição, faremos um vôo panorâmico sobre esse capítulo.

CONCLUSÃO

Esta lição concentrou-se em Mateus 24. Será que respondemos todas as perguntas formuláveis sobre esse capítulo intrigante? Claro que não! Mas esperamos que alguns dos assuntos apresentados o ajudem a evitar extremismos e sensacionalismos em seu estudo individual. Depois de passar a vida toda ponderando essa passagem, você provavelmente ainda terá dúvidas. O autor desta lição ainda as tem.

Isto quer dizer que não podemos aprender nada com esse capítulo? Novamente, a resposta é um sonoro “não”⁴³. Aqui estão algumas verdades que podemos aprender com esta parte do capítulo cen-

tralizada na destruição de Jerusalém:

- Ninguém está isento do julgamento de Deus.
- Quando Deus diz alguma coisa, Ele realmente quer dizer aquilo.
- Jesus é tudo que Ele reivindicou ser, pois Suas profecias se cumpriram com detalhes. Escutemos, portanto, *tudo* que Ele tem a nos dizer em todos os Seus escritos inspirados.

Aqui estão algumas verdades que podemos aprender com a última parte do capítulo que enfatiza a segunda vinda de Cristo:

- Cristo está voltando!
- Ele pode voltar a qualquer hora. Ninguém sabe quando.
- Precisamos estar sempre prontos para ouvir Jesus dizer: “Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mateus 25:34)!

⁴²Esta parábola geralmente é conhecida como “a parábola do servo fiel e do servo mau”.

⁴³Robertson escreveu: “... podemos captar o sentido geral do ensino e deixar para lá detalhes mínimos de tempo e lugar, contra os quais o próprio Jesus nos advertiu” (A. T. Robertson, *A Harmony of the Gospels for Students of the Life of Christ* [“Harmonia dos Evangelhos para Estudantes da Vida de Cristo”]. Nova York: Harper & Row, 1950, p. 173).

A Harmonia

- VII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).
- E. Terça-feira: “O Grande Dia das Perguntas” (continuação).
 - 7. Um discurso aos apóstolos sobre a destruição de Jerusalém e a segunda vinda (continuação).
 - c. Ensino sobre a segunda vinda (continuação).
 - 2) Parábolas e ensinamentos pertinentes:
 - a) As dez virgens (Mateus 25:1–13).
 - b) Os talentos (Mateus 25:14–30).
 - c) As ovelhas e os cabritos (Mateus 25:31–46).
- F. Quarta-feira: a calma antes da tempestade.
 - 1. Jesus: preparando-Se (Mateus 26:1, 2; João 13:1).
 - 2. O Sinédrio: arquitetando (Mateus 26:3–5; Marcos 14:1, 2; Lucas 22:1, 2).
 - 3. Judas: traíndo (Mateus 26:14–16; Marcos 14:10, 11; Lucas 22:3–6).
- G. Quinta-feira: preparativos para a Páscoa (Mateus 26:17–19; Marcos 14:12–16; Lucas 22:7–13).
- H. Sexta-feira*: o dia da morte de Jesus.
 - 1. A última ceia.
 - a. A observância da Páscoa (Mateus 26:20; Marcos 14:17, 18; Lucas 22:14–18).
 - b. A apreensão e uma discussão (Lucas 22:24–30).
 - c. Uma Demonstração de humildade (João 13:2–20).
 - d. A Predição da traição/negação (Mateus 26:21–25, 31–35; Marcos 14:18–21, 27–31; Lucas 22:21–23, 31–38; João 13:21–38).
 - e. A instituição da ceia do Senhor (Mateus 26:26–29; Marcos 14:22–25; Lucas 22:19, 20; 1 Coríntios 11:23–26).
 - f. Consolo e advertência aos apóstolos (João 14:1–16:33).
 - g. A súplica ao Pai (João 17:1–26).

^(*)No calendário judaico esse dia teve início com o pôr-do-sol da quinta-feira, quando celebrou-se a Páscoa, e terminou com o apressado sepultamento de Jesus.

Quando Jesus Observa Nossas Ofertas

Marcos 12:41-44;

Lucas 21:1-4,

Olhando de perto



Alguém disse que um sexto dos versículos da Bíblia estão relacionados de alguma forma ao tema dar¹. Não sei se isto é verdade, mas sei que as Escrituras têm muito a dizer sobre o assunto: "...as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber" (Atos 20:35); "Deus ama a quem dá com alegria" (2 Coríntios 9:7); "... Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós" (Efésios 5:2a). Winston Churchill disse uma vez: "Ganhamos a vida através do que recebemos, mas construímos uma vida através do que damos"².

Deus não hesitou em falar sobre o ato de dar, mas às vezes os pregadores hesitam. Os sermões sobre o ato de dar geralmente não estão na lista dos favoritos. Se estudos sobre dar lhe causam desconforto, prepare-se para se contorcer e retorcer enquanto estudarmos sobre uma viúva que deu tudo o que possuía.

JESUS OBSERVOU OS OFERTANTES DO TEMPLO

A terça-feira da semana em que Jesus morreu havia sido um dia exaustivo. Jesus havia passado o dia todo numa guerra de palavras com inimigos que tentaram repetidamente pegá-lo em alguma falha.

A história de hoje começa com Cristo retirando-se para o Pátio das Mulheres, onde ficava o gazo-

filácio (Marcos 12:41)³. Ele já havia ensinado nessa parte do templo antes (João 8:20). Segundo Eder-sheim, "o gazofilácio" consistia de treze recipientes em formato de trombeta⁴ situados em um canto do pátio⁵. Cada receptáculo era marcado com uma letra do alfabeto hebraico e coletava ofertas em dinheiro para um propósito diferente (sacrifícios, manutenção, etc.). Esses receptáculos eram para ofertas voluntárias. Em ocasiões especiais como dias de festa, muitos faziam contribuições espontâneas.

Jesus estava "assentado diante do gazofilácio" (Marcos 12:41a). Ele ficou ali sozinho⁶ por um instante, sem dúvida, aproveitando para descansar. Parece que Ele se sentara por um instante cabisbaixo (talvez até com os olhos fechados), "a observar" (Lucas 21:1a).

"Observava Jesus como o povo lançava ali [no gazofilácio] o dinheiro" (Marcos 12:41b). O quê? Ele observava o que as pessoas estavam dando? Eu pensava que quando eu estivesse dando⁷, minha mão direita não deveria saber o que a esquerda estava fazendo — quanto menos o que estão dando pesso-

¹Isto não quer dizer que a palavra "dar" encontra-se em todos esses versículos; de alguma forma, porém, muitos trechos referem-se ao ato de Deus nos dar alguma coisa ou ao ato de nós darmos alguma coisa a Deus e ao próximo.

²Churchill, primeiro-ministro da Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial, tinha a reputação de ser um ótimo orador.

³A maioria dos estudiosos acredita que o gazofilácio ficava no Pátio das Mulheres.

⁴Meu palpite é que a base era a parte mais larga de cada recipiente. Ele ia se estreitando da parte inferior para a superior.

⁵Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah* ("A Vida e os Tempos de Jesus, o Messias"). Nova versão atualizada. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1993, p. 741. Veja em 2 Reis 12:9 um exemplo de uma caixa que era colocada no templo para coletar ofertas em dinheiro.

⁶Uma vez que Jesus chamou os discípulos (Marcos 12:43), presume-se que eles estavam em outro recinto.

⁷Entenda-se que esta frase a anterior e as duas seguintes são irônicas.

as à minha direita ou esquerda⁸. Eu pensava que o quanto eu ofertado é um daqueles grandes segredos do universo, assim como o número de fios de cabelo da minha cabeça⁹. Apesar de tudo isso, o texto declara que o Senhor assentou-Se e “observava como o povo lançava ali [no gazofilácio] o dinheiro” (Marcos 12:41).

A palavra grega traduzida por “lançava” tem algo a nos dizer. Cristo já havia dito que alguns transformaram o momento da oferta numa verdadeira produção (veja Mateus 6:2). Talvez, esses indivíduos tivessem até desenvolvido uma técnica para fazer os receptáculos tilintarem enquanto jogavam ali suas moedas¹⁰.

O Senhor viu que “muitos ricos depositavam grandes quantias” (Marcos 12:41c). Não havia nada de errado nisso. Paulo disse “aquele que semeia pouco pouco também ceifará; e o que semeia com fartura com abundância também ceifará” (2 Coríntios 9:6).

A seguir, Jesus notou esta cena comovente: “Vindo, porém, uma viúva pobre, depositou duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante” (Marcos 12:42). As viúvas eram classificadas como o segmento social mais indefeso e desamparado. Deus tinha outorgado leis especiais para o cuidado e a proteção de viúvas (veja Êxodo 22:22; Deuteronômio 24:19–21; 26:12, 13; 27:19)¹¹. A maioria das viúvas era pobre; o fato de Marcos e Lucas citarem especificamente a viúva desse episódio como sendo “pobre” pode indicar que ela estava entre as mais pobres.

Enquanto Cristo observava, a viúva depositou duas pequenas moedas de cobre. A palavra grega traduzida por “duas pequenas moedas” é *lepta*, a forma plural de *lepton*, uma pequenina moeda judaica de cobre. A palavra *lepton* significa minúsculo, pequeno ou delicado. Essa é a única moeda judaica mencionada no Novo Testamento. O texto afirma que duas leptas equivaliam a “um quadrante”, uma pequena moeda romana. Um quadrante equivalia à sexagésima quarta parte de um denário, ou seja, sessenta e quatro avos de um denário¹² (a diária de um trabalhador braçal; Mateus 20:2). Para calcular quanto valiam as duas moedinhas da viúva aqui

⁸Esta é uma referência a Mateus 6:3. Veja uma breve exposição desse versículo na edição “A Vida de Cristo—Parte 3”.

⁹Esta é uma referência a Mateus 10:30.

¹⁰Por outro lado, o termo “lançava” pode não ser relevante. Uma palavra grega semelhante é usada para descrever o ato da viúva ao ofertar (Marcos 12:42).

¹¹Essa mesma preocupação é refletida no Novo Testamento (veja Atos 6:1–6; Tiago 1:27).

¹²Quatro *quadrantes* = um *assarion*; dezesseis *assarions* = um *denário*.

e agora, dívida a diária média de um trabalhador braçal por trinta e dois¹³. Lembre-se de que um trabalhador braçal mal sobrevivia com o seu salário¹⁴. A viúva possuía uma pequenina fração do que um trabalhador recebia por uma diária.

Obviamente, observando aquela viúva, Cristo pensou: “Meus seguidores precisam ver isto”¹⁵. Ele chamou os discípulos para perto de Si (Marcos 12:43a) e disse: “Em verdade vos digo que esta viúva pobre depositou no gazofilácio mais do que o fizeram todos os ofertantes” (v. 43b). A construção gramatical do grego indica que ela deu mais do que todos os demais *juntos*¹⁶. Do ponto de vista humano, a contribuição dela foi irrisória; mas do ponto de vista divino, foi inestimável. Aos olhos de Deus, as pequeninas moedas eram mais preciosas do que diamantes.

Embora a oferta da viúva tenha sido uma pequena quantia, sua “generosidade sem reservas” tem incentivado muitas ofertas sacrificiais por quase dois mil anos. Alguém “calculou que se as moedinhas da viúva tivessem sido depositadas no ‘Primeiro Banco Nacional de Jerusalém’ para render juros de quatro por cento a cada meio ano, o saldo total de hoje seria \$4.800.000.000.000.000.000.000 (quarenta e oito seguido de vinte zeros)”¹⁷. Não pretendo verificar esses números — mas sei que o exemplo da viúva tem inspirado a oferta de milhões, talvez bilhões de dólares. Burton Coffman partilhou um exemplo disso ocorrido anos atrás:

A cidade de Nova York estava fazendo uma campanha de arrecadação de fundos, entre os imigrantes pobres daquela grande cidade, para a construção da estrutura e torre de sustentação sobre as quais a Estátua da Liberdade de Bartholdi seria colocada. A campanha prosseguia vagarosamente até que uma mulher pobre vendeu sua cama a treze dólares e ofertou esse valor. Inspirados por tal gesto, as pessoas reagiram rápida e positivamente e deram mais do que era necessário. De maneira semelhante, a viúva pobre deste texto já construiu muitos prédios de igreja e

¹³Certas traduções e comentários tentam expressar o valor com palavras como “um centavo” e outros termos semelhantes. Faz mais sentido comparar as moedas com valores econômicos conhecidos por seus ouvintes.

¹⁴A lei dizia que um trabalhador comum deveria receber seu pagamento ao fim de cada dia de trabalho.

¹⁵Segundo a narrativa de Marcos, foram poucas as ocasiões em que Jesus esforçou-Se para chamar a atenção dos discípulos (veja Marcos 3:13; 6:7; 8:1, 34; 10:42).

¹⁶Em Lucas 21:3 a *Bíblia Viva* traz esta paráfrase: “mais do que todos aqueles ricos juntos!”

¹⁷Paul Lee Tan, *Encyclopedia of 7.700 Illustrations: Signs of the Times*. Rockville, Md.: Assurance Publishers, 1979, p. 1156.

cobriu muitos orçamentos em todo o mundo.¹⁸

Jesus disse mais: “Porque todos eles ofertaram do que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento” (Marcos 12:44). O homem vê a contribuição que é dada; Deus olha para o que sobra após a contribuição. As contribuições dos ricos não custam nada para eles; a contribuição da viúva custou tudo para ela. Muitas vezes, ouvimos desculpas semelhantes a esta: “Tudo o que eu posso dar são estas moedinhas, como a viúva pobre”. Não diga que você está dando como a “viúva pobre”, a menos que esteja dando *tudo* o que possui. Se sobrou alguma coisa, sua contribuição não pode ser comparada com a oferta dessa senhora.

Há quem discuta sobre a decisão da viúva ser sábia ou não. Você e eu poderíamos tentar impedi-la: “A senhora está dando demais! Deus não espera que a senhora passe fome só para contribuir com as despesas do templo! Ele ficará grato pela sua boa vontade em dar, mas guarde parte disto para si!” O Senhor, porém, elogiou aquela oferta de amor. Uma coisa é certa: essa viúva pobre estava confiante que Deus supriria suas necessidades no dia seguinte (Mateus 6:33)¹⁹.

A comovente história dessa viúva sugere muitas lições²⁰:

- Todos devem contribuir, ricos, pobres ou medianos.
- Deus olha para as ofertas diferentemente de nós.
- Nossas ofertas devem ser sacrificiais.
- Nossas ofertas devem refletir o fato de que confiamos em Deus e não no dinheiro.

O único ponto que queremos enfatizar aqui é que Jesus está nos observando assim como observou a viúva.

JESUS AINDA OBSERVA NOSSAS OFERTAS

Muitas passagens afirmam que Deus vê tudo, que Ele é onipresente e onisciente:

...quanto ao Senhor, seus olhos passam por toda a terra (2 Crônicas 16:9).

¹⁸James Burton Coffman, *Commentary on Mark* (“Comentário de Marcos”). Abilene, Tex.: ACU Press, 1975, pp. 240–41.

¹⁹Cabe ao pregador decidir até onde vai comentar este ponto. Deus quer que utilizemos o bom senso, mas egocentrismo às vezes vem disfarçado de “a coisa mais prática a se fazer”.

²⁰Se quiser, amplie estes pensamentos conforme for necessário.

...os caminhos do homem estão perante os olhos do Senhor, e ele considera todas as suas veredas (Provérbios 5:21).

Os olhos do Senhor estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons (Provérbios 15:3).

E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas (Hebreus 4:13).

Entre todas as coisas que Deus vê estão nossas ofertas. Ele sabe se elas são ou não o que deveriam ser. Ele viu a oferta hipócrita de Ananias e Safira, e isto O desagradou (Atos 5:1–11). Ele viu a contribuição sacrificial dos macedônios e isto O agradou (2 Coríntios 8:1–5). Paulo escreveu:

E isto afirmo: aquele que semeia pouco pouco também ceifará; e o que semeia com fartura com abundância também ceifará. Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria (2 Coríntios 9:6, 7; grifo meu).

O Senhor espionou as ofertas no templo dois mil anos atrás, e ainda está “assentado atrás do gazofilacio celestial nos observando”²¹. Certo pregador pediu para ajudar na coleta. Enquanto passava o saco da coleta, de vez em quando, ele pegava uma das ofertas na mão e a olhava de perto²². Como pode se prever, toda vez que erguia a oferta, muitos ficavam constrangidos e vários, enfurecidos. O pregador foi até o púlpito e disse: “Alguns de vocês ficaram indignados porque examinei suas ofertas desta vez. Vocês sabem que o Senhor inspeciona suas ofertas todas as vezes que vocês contribuem? Quando Ele faz isto, o que Ele vê? Ele fica feliz, ou triste?”

O que Cristo vê quando Ele observa a nossa oferta? Não posso responder essa pergunta por você, nem você pode respondê-la por mim. A história que estamos estudando revela que Deus não está interessado apenas na porção, mas também na proporção. Ele não olha apenas a oferta, mas também o ofertante. Ele se interessa tanto pelo que nos restou quanto pelo que ofertamos.

Quando eu oferto, há algum sacrifício envolvi-

²¹Paul P. Fryhling, *Prelude to the Cross and Other Sermons* (“Prelúdio à Cruz e Outros Sermões”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1965, 132.

²²Não recomendo que você tente fazer isto. Apenas descreva que alguém fez isto e acrescente: “Imaginem se eu fizesse isso hoje. Como vocês se sentiriam?”

do? Tenho de abrir mão de alguma coisa para dar a minha oferta? Algum prazer? Algum conforto? Certamente, minhas contribuições perdem o brilho comparadas à da viúva pobre que deu seu próprio sustento, tudo o que tinha.

Todos nós conhecemos pessoas que deram um dia tudo o que possuíam²³: mães que abriram mão de necessidades pessoais básicas²⁴ para que seus filhos pudessem ter o que precisavam, homens e mulheres que deram a vida por outros²⁵, missionários que abriram mão de tudo para levar o evangelho a outros. A pergunta desconcertante suscitada pela história da viúva pobre é: “O que *eu* tenho ofertado ao Senhor?”

Paul Fryhling escreveu:

Sem dúvida, a viúva pobre jamais soube que alguém observava o que ou como ela ofertou. Ela certamente viveu toda a sua vida, e somente quando entrou na glória, recebida pelo próprio Filho de Deus, veio a descobrir que “Ele beijou o cobre da pobreza dela e o transformou no ouro da eternidade”²⁶.

CONCLUSÃO

Dar tudo ao Senhor começa com a doação de nosso próprio ser. Paulo disse, referindo-se à oferta sacrificial dos macedônios, que “também deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor” (2 Coríntios 8:5). Se você ainda não se deu a si mesmo a Deus com amor, fé e obediência, inspire-se na viúva pobre que amou o Senhor de tal maneira que nenhum sacrifício lhe era grande demais. Pense na letra de um cântico que costumamos cantar:

Tudo a Cristo a Ti entrego, corpo e alma eis aqui.
Tudo entregarei, tudo entregarei.
Sim por Ti, Jesus, bendito, tudo deixarei.²⁷

Entregue tudo vindo até Ele hoje!²⁸

²³Use exemplos relevantes à realidade dos seus ouvintes.

²⁴Um exemplo norte-americano é o das viúvas e mães que morreram durante o primeiro inverno dos peregrinos dissidentes da Europa na América. Segundo historiadores, muitas delas morreram porque colocaram suas famílias em primeiro lugar.

²⁵Se quiser, dê exemplos como o de um soldado que caiu numa granada para proteger seus colegas soldados.

²⁶Fryhling, p. 131.

²⁷Judson W. Van DeVenter, “Tudo Entregarei”, Salmos, Hinos e Cânticos Espirituais. São Paulo: Editora Vida Cristã, 1976, no. 124.

²⁸Explique aos não-cristãos como eles podem se tornar cristãos (Marcos 16:15, 16; Atos 2:38; Gálatas 3:26, 27) e aos cristãos infiéis como podem voltar para o Senhor (Atos 8:22; Tiago 5:16).

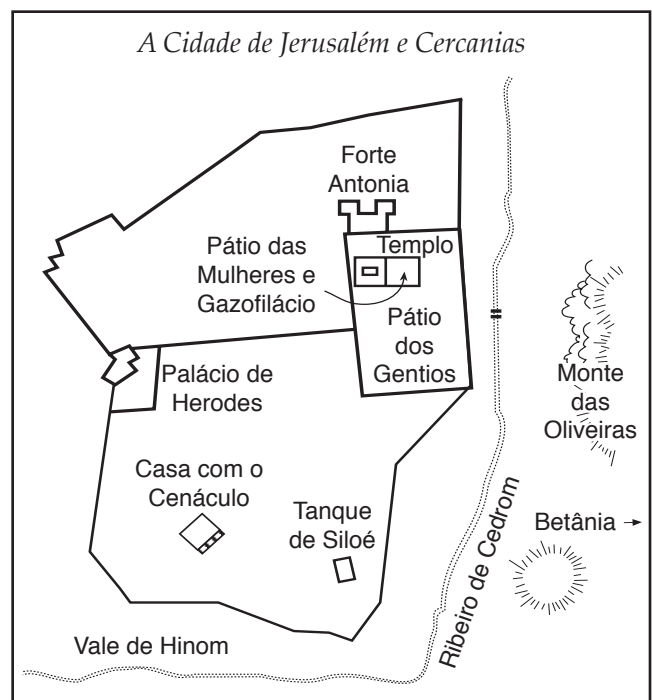


Os Últimos Dias Antes da Crucificação de Jesus

Quando estudarmos os últimos dias de Jesus antes de Sua morte, veremos como será útil entender a forma como os judeus contavam o tempo. Os judeus marcavam os dias de pôr-do-sol a pôr do sol; cada novo dia começava às seis horas da tarde. (Faça uma revisão do quadro na página 51 da edição “A Vida de Cristo — Parte 4”.)

Segundo o calendário judaico em vigor na época de Jesus, a quinta-feira terminou dando início sexta-feira, quando Cristo e os discípulos se reuniram no cenáculo para observarem a refeição de Páscoa. Os acontecimentos que sucederam a isto são conhecidos por todos nós. Jesus lavou os pés dos apóstolos, falou da traição e do sofrimento, e instituiu a santa ceia. Durante aquela noite, Jesus foi traído e submetido a uma série de julgamentos. Ele foi crucificado de dia (das nove horas da manhã até as três horas da tarde) e depois foi rapidamente sepultado, pois “só restavam duas ou três horas entre Sua morte e o pôr-do-sol (o começo do sábado)”²⁹.

²⁹David W. Wead, “Joseph of Arimathea” (“José de Arimatéia”), *International Standard Bible Encyclopedia*, ed. ger. James Orr. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1939, 2:1132.



“É chegada a hora”

João 12:20–36,
46–48.
Olhando de perto



Certo pregador experiente conta que, em várias ocasiões, já lhe pediram para pregar sobre o tema “Se eu tivesse só mais este sermão para pregar”¹. E por mais de uma vez, ele se perguntou: “O que eu *pregaria* se eu realmente soubesse que este seria meu último sermão?” Toda vez que ele fazia essa pergunta, chegava a uma conclusão diferente. Com o tempo ele entendeu que isto se devia ao fato de a sua escolha depender das necessidades do público-alvo e da sua predisposição naquele momento.

Em João 12, temos o que pode ser considerado o último discurso público de Jesus², as últimas palavras que a multidão O ouviu anunciar antes das sete declarações ditas por Ele na cruz. Se pedissem para Jesus pregar baseado no título “Se eu tivesse só mais um sermão para pregar”, o que Ele teria dito? Talvez João 12:20–36 responda a essa pergunta.

Era a última terça-feira do ministério público de Cristo. Enquanto Jesus ensinava no templo³, alguns gentios expressaram o desejo de vê-lo. O episódio começa com as palavras: “Ora, entre os que subiram para adorar durante a festa, havia alguns gregos”

¹Geralmente, sugerem temas quando lhe pedem para falar em seminários em congregações da região em que mora nos Estados Unidos. Se quiser, mencione que o pregador em questão é nosso irmão norte-americano David Roper, autor desta série.

²Conforme já observamos, não sabemos ao certo quando ocorreu o incidente dos gregos. Veja uma exposição disso na página 38 da edição “A Vida de Cristo — Parte 10”.

³Jesus poderia ter estado no Pátio das Mulheres. Em nosso esboço, essa história é precedida pela história da oferta da viúva pobre. Esse incidente ocorreu perto do gazofilácio (Lucas 21:1), que ficava no Pátio das Mulheres. Não era permitido que gentios entrassem no Pátio das Mulheres. Isto condiz com o fato de os gregos pedirem para ver Jesus. Em outras palavras, Jesus teria de sair de onde estava e entrar no Pátio dos Gentios para que O vissem.

(João 12:20). Esses gregos poderiam ser prosélitos judeus, mas provavelmente eram “tementes a Deus” como Cornélio (Atos 10:1, 2): gentios crentes no Deus verdadeiro, mas que ainda não haviam se submetido ao processo de proselitismo para se tornarem judeus⁵.

“...Estes, pois, se dirigiram a Filipe, que era de Betsaida da Galiléia” (João 12:21a). Não sabemos convictamente por que esses gregos foram até Filipe. Talvez porque Filipe tivesse nome grego⁶. Talvez eles também fossem de Betsaida⁷. Talvez Filipe simplesmente tivesse sido o primeiro discípulo de Jesus que eles encontraram.

Então, “lhe rogaram: Senhor, queremos ver Jesus” (João 12:21b). Como eles sabiam de Jesus? Talvez, dias atrás, tivessem presenciado Jesus purificando o templo. Talvez tivessem ouvido Jesus pregar no Pátio dos Gentios. Independentemente de como tenham ouvido falar de Jesus, queriam conhe-

⁴No Novo Testamento muitos indivíduos são descritos como “tementes a Deus” — incluindo judeus e cristãos — mas as palavras eram usadas num sentido especial quando referidas a crentes gentios que ainda não haviam se convertido ao judaísmo.

⁵O termo “prosélito” está relacionado à palavra grega *prosercomai*, formada pela preposição *pros* (“para” ou “em direção a”) e *ercomai* (“vir”). No Novo Testamento, ela se refere a gentios que “foram até” ou “e abraçaram” o judaísmo. Tornar-se um prosélito envolvia um rito trifásico: 1) circuncisão, para homens; 2) auto-batismo (imersão) na presença de testemunhas e 3) oferta de um sacrifício (enquanto o templo esteve em pé). Por causa da exigência da circuncisão, convertiam-se mais mulheres do que homens.

⁶“Filipe” é abreviação de uma palavra composta grega que significa “amante de cavalos”.

⁷Havia duas Betsaidas. Uma ficava perto de Cafarnaum, no lado oeste do mar da Galiléia (Marcos 6:45); e a outra; na verdade denominada Betsaida-Julias, era um povoado no lado leste do mar da Galiléia, uma região basicamente de gentios.

cê-IO melhor⁸. O texto diz que eles “*lhes rogaram*”. A construção da frase no original grego indica que eles persistiram naquele pedido.

Filipe não sabia bem o que fazer. Cristo disse-ra aos doze para não irem até os gentios, mas para procurarem apenas “as ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mateus 10:5, 6). Filipe buscou a ajuda de um amigo⁹: “Filipe foi dizê-lo a André” (João 12:22a). A seguir, ambos, “André e Filipe o comunicaram a Jesus” (v. 22b).

Não sabemos se Jesus atendeu ou não ao pedido dos gregos. João registrou a história a fim de estabelecer um pano de fundo para as palavras que Jesus diria na última parte de João 12, e não para nos fornecer todos os detalhes. De qualquer modo, esses gregos — e, todos os demais gentios, incluindo nós — estavam aparentemente na mente do Senhor quando Ele apresentou Sua resposta (veja v. 32).

Quando André e Filipe disseram a Jesus o que os gregos queriam, Ele respondeu: “É chegada a hora” (v. 23). Com esta frase, o Senhor apresentou o tema do que pode ter sido Seu último discurso público. Até antes desse momento, “*ainda não era chegada a sua hora*” (João 7:30; grifo meu; veja João 2:4; 7:6; 8:20); agora, porém, ela *havia* chegado (João 13:1).

Quando Jesus disse: “É chegada a hora”, Ele tinha em vista primeiramente a Sua morte (João 12:24); mas o texto toca em várias idéias relacionadas. Por essa razão, este estudo abordará uma variedade de tópicos. Mas o tema central será sempre a cruz.

A HORA DA CRUZ E DA ENTREGA (Vv. 23–26)

A Cruz (vv. 23, 24)

Cristo começou Seu sermão dizendo: “É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem”¹⁰ (v. 23). O termo “Filho do Homem” referia-se ao Messias (Daniel 7:13). “É chegada a hora”, disse Jesus, “da glorificação do Cristo”. Ele estava pensando em Sua morte (João 12:24), mas também podia ver além do túmulo a ressurreição e a ascensão.

As palavras de Jesus provavelmente empolgaram a multidão. No pensamento do povo, a palavra “glorificado” referia-se ao estabelecimento do rei-

⁸Eusébio, historiador da igreja primitiva, mencionou uma tradição não-inspirada de que os gregos teriam sido enviados pelo rei sírio para oferecer um templo a Jesus — mas essa hipótese não possui sustentação.

⁹Filipe e André eram da mesma cidade (João 1:44).

¹⁰“Glória” é um dos temas principais da última parte do relato de João a respeito da vida de Cristo. Atente para as ocorrências desse termo, durante sua leitura.

no político do Messias. Esperavam que Cristo fosse glorificado na hora de Sua entrada triunfal em Jerusalém, dias atrás; mas, por alguma razão, Ele não preencheu essas expectativas. Agora, Ele estava finalmente falando de ser glorificado. Certamente, aguardaram com ansiedade momento em que Jesus anunciaria o início da Sua campanha contra os romanos e estabelecesse o Seu trono. Na percepção deles a trombeta da eternidade, finalmente, havia ressoado, os exércitos celestiais estavam em marcha e a vitória estava à vista! Como devem ter se decepcionado quando, em vez de defender uma estratégia militar, Cristo começou a falar de morte!

O Senhor empregou uma ilustração simples, mas poderosa: “Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto” (v. 24). Coloque uma semente em cima de uma prateleira e ela não se multiplicará; ela “ficará só”. Coloque a mesma semente na terra e cultive-a, e ela “morre-rá” (ou seja, se desintegrará e perderá a identidade) — mas essa “morte” possibilitará que ela “produza muito fruto”. Ela se multiplicará cem, sessenta ou trinta vezes mais (Mateus 13:8). Nesta ilustração, o próprio Jesus é a semente. Se Ele não morresse, preservaria a própria vida, mas não abençoaria outras pessoas. A única maneira pela qual Ele poderia trazer uma nova vida à existência era morrendo.

A Entrega (vv. 25, 26)

Cristo prosseguiu: “Quem ama a sua vida não terá a vida verdadeira; mas quem não se apega à sua vida, neste mundo, ganhará para sempre a vida verdadeira” (v. 25). “Não se apega” aqui significa “ama menos”¹¹; devemos amar nossas vidas menos do que amamos fazer a vontade do Senhor. Este sermão está repleto de paradoxos: “Se você amar a sua vida, irá perdê-la”; “se não se apegar à sua vida, ganhará a vida verdadeira”, ou seja, “a vida eterna”; “a única maneira de viver é morrer”.

Jesus aplicou primeiramente Suas palavras a Si mesmo: Ele tinha de morrer para alcançar Seu propósito, se quisesse fazer jus aos planos de Deus. Ele também quer que apliquemos Suas palavras a nós mesmos. Nós também temos de “morrer” se quisermos fazer jus aos planos de Deus. Muitos cristãos do primeiro século tiveram de morrer fisicamente para permanecerem fiéis a Deus (Apocalipse 2:10). Mesmo que não nos seja exigido tamanho sacrifício, ainda assim precisamos “morrer para nós mesmos”.

¹¹Veja as páginas 48 e 49 da edição “A Vida de Cristo — Parte 4”.

Paulo escreveu: “Eu fui morto com Cristo na cruz. Assim já não sou eu quem vive, mas Cristo é quem vive em mim” (Gálatas 2:19b, 20a).

Jesus continuou ampliando Seu raciocínio e oferecendo um poderoso estímulo para estarmos dispostos a “morrer”: servi-IO. Ele começou dizendo: “Quem quiser me servir...” (João 12:26a). Mostramos que não nos “apegamos” às nossas vidas nos entregando ao serviço abnegado para o Senhor. Falando a pessoa que está disposta a essa entrega, Jesus disse: “...siga-me” (v. 26). As próximas afirmações de Jesus centralizaram-se nas recompensas que fazem esse tipo de entrega valer a pena. Ele disse: “e, onde eu estiver¹², ali também estará esse meu servo” (v. 26c). (Posteriormente, Cristo ampliaria esse conceito em João 14:1–3.) A seguir, Ele acrescentou: “E o meu Pai honrará todos os que me servem” (João 12:26d). Imaginemos como será sermos honrados pelo próprio Deus! Paulo disse que a “pequena e passageira aflição que sofremos vai nos trazer uma glória enorme e eterna, muito maior do que o sofrimento” (2 Coríntios 4:17).

A HORA DO CONFLITO E DA CONFIRMAÇÃO (Vv. 27–30)

O Conflito (v. 27)

Jesus não hesitou em falar sobre Sua morte, mas isto não quer dizer que Ele considerava o assunto agradável. Encarar a morte não é fácil para nós, nem foi fácil para o Senhor. Jesus não era como um robô programado; Ele era de carne e osso; sentia dor, como nós sentimos.

João não registrou a cena no Getsêmani, onde Cristo orou: “...se possível, passa de mim esse cálice” (Mateus 26:39)¹³, mas o discípulo amado nos forneceu um vislumbre do estado de alma de Jesus antes mesmo do Getsêmani. O Senhor disse: “Agora, está angustiada a minha alma” (João 12:27a). A NVI diz: “Agora meu coração está perturbado”. Coisas terríveis viriam adiante: além da agonia da morte física e da agonia maior da morte espiritual (separação de Deus), haveria a vergonha da cruz, a batalha espiritual com Satanás (12:31) e a angústia de ser rejeitado pelo povo de Deus após o Próprio Deus passar mil e quinhentos anos alimentando-o.

À luz de tudo isto, Jesus indagou: “...Que direi eu?” (v. 27b). Ou seja: “Pelo que deverei orar?” De-

veria Ele rogar: “Pai, salva-me desta hora” (v. 27c)? Não¹⁴. Ele disse: “Mas precisamente com este propósito vim para esta hora” (v. 27d). Jesus veio “para buscar e salvar o perdido” (Lucas 19:10). Ele veio à terra para morrer (Filipenses 2:7, 8).

A Confirmação (vv. 28–30)

Jesus, então, disse estas palavras de submissão: “Pai, glorifica o teu nome” (v. 28a). Ele havia glorificado o nome de Deus através de uma vida de obediência (veja João 17:4); e tornaria a glorificá-lo em Sua morte.

A essa altura, algo inesperado aconteceu: “Então, veio uma voz do céu” (João 12:28b). Durante o ministério de Jesus, Deus falou do céu três vezes: no Seu batismo (Mateus 3:17); na transfiguração (Mateus 17:5) e nessa ocasião. O nome de Deus havia sido glorificado na vida de Jesus e agora seria glorificado na cruz.

A multidão ficou tão estarrecida com o som que veio do céu que as opiniões começaram a se dividir: “A multidão, pois, que ali estava, tendo ouvido a voz, dizia ter havido um trovão. Outros diziam: Foi um anjo que lhe falou” (v. 29). Isto nos faz lembrar o fato de que só ouvimos o que estamos preparados para ouvir. Por exemplo, o ar está cheio de sons que nossos ouvidos não conseguem escutar. Todavia, podemos ligar o rádio, sintonizar numa estação e depois ouvir palavras ou uma canção. Muitos dos que estavam perto de Jesus não estavam preparados para ouvir a Voz de Deus; para eles era um “trovão” — apenas um grande ruído. Da mesma forma, muitas pessoas hoje em dia não estão prontas para “ouvir” a voz de Deus na natureza (Romanos 1:20) ou na Bíblia (Hebreus 1:1, 2).

Obviamente, alguns ouviram a Voz e entenderam, assim como João entendeu. Jesus virou-Se para os que estavam ali (especialmente para os apóstolos) e disse: “Não foi por mim que veio esta voz, e sim por vossa causa” (João 12:30). Esta expressão provavelmente significa: “Não foi *somente* por mim, mas *também* por vossa causa”¹⁵. Esta confirmação da parte do Pai certamente fortaleceu o Filho para as tribulações que em breve Lhe sobreviriam, mas ela visava sobretudo convencer os discípulos de que o rumo que Jesus estava tomando estava em conformidade com a agenda de Deus.

¹⁴A palavra “não” de João 12:27 é tradução do grego *alia*, uma conjunção adversativa. Neste contexto, usou-se uma palavra mais forte que “mas”.

¹⁵Este recurso estilístico é denominado “elipse” — uma figura de linguagem em que certas palavras não são declaradas, mas subentendidas.

¹²Jesus estaria no céu (veja 2 Coríntios 5:8; Filipenses 1:23; Apocalipse 21:3).

¹³Essa cena já havia sido registrada pelos escritores dos Evangelhos sinóticos, escritos antes.

A HORA DA CONQUISTA E DA CONVERSÃO (Vv. 31–33)

A Conquista (v. 31)

Muitas coisas significativas ocorreriam quando Cristo morresse na cruz. Por exemplo, seria uma hora de vitória sobre as forças do mal. Pareceria um momento de derrota, mas na verdade seria uma hora de triunfo.

Jesus disse: “Chegou o momento de ser julgado este mundo¹⁶, e agora o seu príncipe será expulso” (v. 31). “O príncipe deste mundo” refere-se a Satanás (veja João 14:30; 16:11)¹⁷. A cruz seria a batalha culminante contra Satanás. Hoje, muitos falam de uma batalha mítica e imaginária entre as forças do bem e do mal (geralmente citada como “a batalha do Armagedom”¹⁸), mas a Bíblia ensina que a batalha decisiva deu-se na cruz. O escritor do Livro de Hebreus disse que Cristo participou da carne e do sangue, “para que, *por sua morte*, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida” (Hebreus 2:14, 15; grifo meu). Satanás ainda está ativo hoje (1 Pedro 5:8), mas o seu poder de influência sobre nós foi bloqueado; ele é um inimigo derrotado (Tiago 4:7)¹⁹.

A Conversão (vv. 32, 33)

Obviamente, a vitória mais importante na cruz foi a vitória sobre o pecado (2 Coríntios 5:21; Efésios 1:7). Ao proferir Seu último sermão, Jesus não Se esqueceu daqueles gregos que queriam vê-IO. Por isso, Ele afirmou que a Sua morte não seria pelos judeus somente, mas por todos os homens: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo” (João 12:32).

A expressão “levantado” é usada em outro trecho do Novo Testamento referindo-se ao ato de ser exaltado (1 Timóteo 3:6; Tiago 4:10), mas é sempre usada em João referindo-se à morte do Senhor (João 3:14; 8:28). O versículo seguinte revela que Jesus

¹⁶O termo grego traduzido por “mundo” é *cosmos*, que significa basicamente “ordem”. Neste versículo, ele não se refere ao universo, mas à terra. Especificamente, ele se refere à “ordem mundial” e não a elementos materiais como rochas e árvores.

¹⁷Veja uma breve exposição sobre Satanás como “o príncipe deste mundo” na página 38 da edição “A Vida de Cristo — Parte 2”.

¹⁸Veja uma exposição sobre essa pseudobatalha em “A Batalha que Nunca Aconteceu nem Acontecerá”, na edição “Apocalipse — Parte 8”, de *A Verdade para Hoje*, pp. 26–32.

¹⁹Veja uma exposição sobre a derrota de Satanás em “Algum Dragão Morto Recentemente?”, “Apocalipse — Parte 6”, *A Verdade para Hoje*, pp. 37–43.

disse isto “significando de que gênero de morte estava para morrer” (João 12:33)²⁰. Jesus não morreria por apedrejamento nem por qualquer outro método judaico de execução; mas seria “levantado” numa cruz romana. Quando isto acontecesse, Ele “atrairia todos” a Si mesmo: tanto judeus como gentios. Ele uniria os dois num único corpo. Mais tarde, Paulo escreveria:

Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos [judeus e gentios] fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade, aboliu, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois [judeus e gentios] criasse, em si mesmo, um novo homem, fazendo a paz, e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, *por intermédio da cruz*, destruindo por ela a inimizade (Efésios 2:14–16; grifo meu).

O “um só corpo” é a Igreja (Efésios 1:22, 23; Colossenses 1:18).

Observemos que Jesus não empurraria nem forçaria as pessoas, mas Ele *atrairia* todos a Si mesmo. O poder de atração de Deus é a cruz e o amor que ela representa (João 3:16; Romanos 5:8). Assim como a luz do sol atrai suavemente uma nova planta que está na terra, o amor de Cristo atrai ternamente homens a Si mesmo²¹.

A HORA DA CONFUSÃO E DO DESAFIO (Vv. 34–36, 46–48)

A Confusão

O povo não conseguiu entender as palavras de Jesus. Não é de surpreender que não tenham entendido; o trágico é que nem tentaram entender. Responderam: “Nós temos ouvido da lei²² que o Cristo permanece para sempre” (v. 34a). Nenhuma passagem do Antigo Testamento diz isto, mas o Antigo Testamento realmente ensina que o Messias *reinará para sempre* sobre um *reino eterno* (veja Isaías 9:7; Ezequiel 37:25; Daniel 7:14). Os judeus concluíram que a única maneira do Messias/Cristo fazer isto era “permanecendo para sempre”.

Então perguntaram: “...como dizes tu ser necessário que o Filho do Homem seja levantado?” (João 12:34b). Obviamente entenderam que a expressão

²⁰Não havia dúvida quanto à Sua iminente crucificação (veja o próximo versículo).

²¹Outra analogia que pode ser usada é o poder de atração de um ímã. Veja os comentários no encerramento deste sermão.

²²“A lei” aqui citada provavelmente não se refere apenas aos cinco primeiros livros, mas a todos os livros do Antigo Testamento.

“levantado” referia-se à crucificação, mas isto não condizia com seus conceitos acerca do Messias. Como Ele poderia morrer e ainda reinar? Determinaram que Jesus deveria estar usando o termo “Filho do Homem” em algum sentido desconhecido por eles: “Quem é esse Filho do Homem?” (v. 34c). Em outras palavras: “Estás falando do Messias, ou de outro?”

O Desafio (vv. 35, 36, 46–48)

Jesus respondeu essa pergunta indiretamente, e não diretamente; Ele disse, que “o Filho do Homem” a quem Se referia era “a Luz” do mundo (v. 35; veja 8:12; 9:5). Todavia, a idéia principal que Jesus tinha em mente não era que Seus ouvintes fossem capazes de elaborar uma lista dos títulos descritivos do Messias; mas Ele desejava que eles O *aceitassem* como o Messias.

Essa ocasião certamente foi a última oportunidade que o Mestre teve de incitá-los a crer. Em muitas ocasiões, o pregador faz um último sermão a um público, ciente de que não terá outra oportunidade de falar a determinados ouvintes. A responsabilidade do pregador, nesses casos, é grande. O que ele poderia dizer? O que deveria dizer?

A ênfase no apelo de Cristo era a urgência do momento. Ele disse: “Ainda por um pouco a luz está convosco” (v. 35a). Anteriormente, Jesus havia se identificado como “a Luz do mundo” (9:5). Ele estaria entre aquelas pessoas somente por mais alguns dias, até a Sua morte, por isso, insistia para que aproveitassem a oportunidade oferecida: “Andai enquanto tendes a luz, para que as trevas não vos apanhem; e quem anda nas trevas não sabe para onde vai” (12:35b). Jesus rogou-lhes que O *aceitassem* como o Cristo: “Enquanto tendes a luz, *crede* na luz” (v. 36a; grifo meu). Se cressem nEle, se tornariam “filhos da luz” (v. 36b). Seriam reflexos da Sua luz.

E se não O *aceitassem*? Olhando mais adiante, no fim do capítulo, lemos a respeito da tragédia que sobrevêm aos que rejeitam a Luz. Ali, Jesus disse:

Eu vim como luz para o mundo, a fim de que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas. Se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo; porque eu não vim para julgar o mundo, e sim para salvá-lo. Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue; a própria palavra que tenho proferido, essa o julgará no último dia (vv. 46–48)²³.

²³Breves comentários sobre João 12:46–48 foram inseridos na edição anterior desta série.

João concluiu seu relato do sermão dizendo: “Jesus disse estas coisas e, retirando-se, ocultou-se deles” (v. 36c). Se nosso esboço da vida de Cristo estiver correto, Ele “se retirou” com os discípulos para as encostas do monte das Oliveiras (Mateus 24:1, 3). O importante, porém, não é “para onde” Ele Se retirou, e sim o fato de que Se retirou e “ocultou-Se” deles. Para eles, o dia de oportunidade havia passado.

CONCLUSÃO

Que tipo de reação as pessoas tiveram diante do “último sermão” do Senhor? A última parte de João 12 (vv. 37–50) enfatiza a incredulidade predominante entre os judeus²⁴. Todo pregador sabe como é triste quando ele insiste para uma pessoa atender ao chamado de Jesus e ela não atende; a falta de reação entre os ouvintes de Jesus certamente partiu-lhe o coração.

Façamos agora uma aplicação pessoal²⁵. Somos verdadeiramente gratos a Jesus? Valorizamos a cruz? Temos idéia do que a cruz custou para Jesus (v. 27)? Entendemos a urgência do momento? “É chegada a hora” da *sua* resposta. Se você precisa ir até o Senhor, eu rogo que faça isto agora.

²⁴Veja comentários sobre João 12:37–50 na edição anterior desta série.

²⁵Você pode ampliar esta aplicação conforme a realidade dos seus ouvintes. Se quiser, retome o desafio dado por Cristo nos versículos 25 e 26: “Decida se você está ou não pronto para morrer. Decida entregar sua vida ao Senhor. Aceite o desafio por Ele proposto!” Explique a seus ouvintes que só estarão prontos para “seguir” Jesus se estiverem dispostos a obedecer a Ele. Isto se aplica tanto a não-cristãos como a cristãos infiéis (Marcos 16:15, 16; Atos 2:38; 8:22, 23; Tiago 5:16).

Atribuição de Leitura nº. 33

Mateus 25:1–46; 26:1–5, 14–20;
Marcos 14:1, 2, 10–18;
Lucas 22:1–18, 24–30;
João 13:1

Mateus 25:1–46

¹Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo.

²Cinco dentre elas eram néscias, e cinco, prudentes.

³As néscias, ao tomarem as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo;

⁴no entanto, as prudentes, além das lâmpadas, levaram azeite nas vasilhas.

⁵E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram.

⁶Mas, à meia-noite, ouviu-se um grito: Eis o noivo! Saí ao seu encontro!

⁷Então, se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas.

⁸E as néscias disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão-se apagando.

⁹Mas as prudentes responderam: Não, para que não nos falte a nós e a vós outras! Ide, antes, aos que o vendem e comprai-o.

¹⁰E, saindo elas para comprar, chegou o noivo, e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta.

¹¹Mais tarde, chegaram as virgens néscias, clamando: Senhor, senhor, abre-nos a porta!

¹²Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos

conheço.

¹³Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora.

¹⁴Pois será como um homem que, ausentando-se do país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens.

¹⁵A um deu cinco talentos, a outro, dois e a outro, um, a cada um segundo a sua própria capacidade; e, então, partiu.

¹⁶O que recebera cinco talentos saiu imediatamente a negociar com eles e ganhou outros cinco.

¹⁷Do mesmo modo, o que recebera dois ganhou outros dois.

¹⁸Mas o que recebera um, saindo, abriu uma cova e escondeu o dinheiro do seu senhor.

¹⁹Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles.

²⁰Então, aproximando-se o que recebera cinco talentos, entregou outros cinco, dizendo: Senhor, confiaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que ganhei.

²¹Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.

²²E, aproximando-se também o que recebera dois talentos, disse: Senhor, dois talentos me confiaste; aqui tens outros dois que ganhei.

²³Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.

²⁴Chegando, por fim, o que recebera um talento, disse: Senhor, sabendo que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste,

²⁵receoso, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu.

²⁶Respondeu-lhe, porém, o senhor: Servo mau e negligente, sabias que ceifo onde não semei e ajunto onde não espalhei?

²⁷Cumpria, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu.

²⁸Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem dez.

²⁹Porque a todo o que tem se lhe dará, e terá em

abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.

³⁰E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes.

³¹Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória;

³²e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas;

³³e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda;

³⁴então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.

³⁵Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes;

³⁶estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me.

³⁷Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber?

³⁸E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos?

³⁹E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar?

⁴⁰O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.

⁴¹Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.

⁴²Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber;

⁴³sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso, não fostes ver-me.

⁴⁴E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não

te assistimos?

⁴⁵Então, lhes responderá: Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer.

⁴⁶E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna.

Mateus 26:1–5

¹Tendo Jesus acabado todos estes ensinamentos, disse a seus discípulos:

²Sabeis que, daqui a dois dias, celebrar-se-á a Páscoa; e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado.

³Então, os principais sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram no palácio do sumo sacerdote, chamado Caifás;

⁴e deliberaram prender Jesus, à traição, e matá-lo.

⁵Mas diziam: Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo.

Mateus 26:14–20

¹⁴Então, um dos doze, chamado Judas Iscariotes, indo ter com os principais sacerdotes, propôs:

¹⁵Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei? E pagaram-lhe trinta moedas de prata.

¹⁶E, desse momento em diante, buscava ele uma boa ocasião para o entregar.

¹⁷No primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, vieram os discípulos a Jesus e lhe perguntaram: Onde queres que te façamos os preparativos para comeres a Páscoa?

¹⁸E ele lhes respondeu: Ide à cidade ter com certo homem e dizei-lhe: O Mestre manda dizer: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos.

¹⁹E eles fizeram como Jesus lhes ordenara e prepararam a Páscoa.

²⁰Chegada a tarde, pôs-se ele à mesa com os doze discípulos.

Marcos 14:1, 2

¹Dali a dois dias, era a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos; e os principais sacerdotes e os escribas procuravam como o prenderiam, à traição, e o matariam.

²Pois diziam: Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo.

Marcos 14:10–18

¹⁰E Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os principais sacerdotes, para lhes entregar Jesus.

¹¹Eles, ouvindo-o, alegraram-se e lhe prometeram dinheiro; nesse meio tempo, buscava ele uma boa ocasião para o entregar.

¹²E, no primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, quando se fazia o sacrifício do cordeiro pascal, disseram-lhe seus discípulos: Onde queres que vamos fazer os preparativos para comeres a Páscoa?

¹³Então, enviou dois dos seus discípulos, dizendo-lhes: Ide à cidade, e vos sairá ao encontro um homem trazendo um cântaro de água;

¹⁴seguí-o e dissei ao dono da casa onde ele entrar que o Mestre pergunta: Onde é o meu aposento no qual hei de comer a Páscoa com os meus discípulos?

¹⁵E ele vos mostrará um espaçoso cenáculo mobilado e pronto; ali fazei os preparativos.

¹⁶Saíram, pois, os discípulos, foram à cidade e, achando tudo como Jesus lhes tinha dito, prepararam a Páscoa.

¹⁷Ao cair da tarde, foi com os doze.

¹⁸Quando estavam à mesa e comiam, disse Jesus: Em verdade vos digo que um dentre vós, o que come comigo, me trairá.

Lucas 22:1–18

¹Estava próxima a Festa dos Pães Asmos, chamada Páscoa.

²Preocupavam-se os principais sacerdotes e os escribas em como tirar a vida a Jesus; porque temiam o povo.

³Ora, Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes, que era um dos doze.

⁴Este foi entender-se com os principais sacerdotes e os capitães sobre como lhes entregaria a Jesus;

⁵então, eles se alegraram e combinaram em lhe dar dinheiro.

⁶Judas concordou e buscava uma boa ocasião de lho entregar sem tumulto.

⁷Chegou o dia da Festa dos Pães Asmos, em que importava comemorar a Páscoa.

⁸Jesus, pois, enviou Pedro e João, dizendo: Ide preparar-nos a Páscoa para que a comamos.

⁹Eles lhe perguntaram: Onde queres que a preparemos?

¹⁰Então, lhes explicou Jesus: Ao entrardes na cidade, encontrareis um homem com um cântaro de água; segui-o até à casa em que ele entrar

¹¹e dizei ao dono da casa: O Mestre manda perguntar-te: Onde é o aposento no qual hei de comer a Páscoa com os meus discípulos?

¹²Ele vos mostrará um espaçoso cenáculo mobilado; ali fazei os preparativos.

¹³E, indo, tudo encontraram como Jesus lhes dissera e prepararam a Páscoa.

¹⁴Chegada a hora, pôs-se Jesus à mesa, e com ele os apóstolos.

¹⁵E disse-lhes: Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta Páscoa, antes do meu sofrimento.

¹⁶Pois vos digo que nunca mais a comerei, até que ela se cumpra no reino de Deus.

¹⁷E, tomando um cálice, havendo dado graças, disse: Recebei e reparti entre vós;

¹⁸pois vos digo que, de agora em diante, não mais beberei do fruto da videira, até que venha o reino de Deus.

Lucas 22:24–30

²⁴Suscitaram também entre si uma discussão sobre qual deles parecia ser o maior.

²⁵Mas Jesus lhes disse: Os reis dos povos dominam sobre eles, e os que exercem autoridade são chamados benfeitores.

²⁶Mas vós não sois assim; pelo contrário, o maior entre vós

seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve.

²⁷Pois qual é maior: quem está à mesa ou quem serve? Porventura, não é quem está à mesa? Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve.

²⁸Vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações.

²⁹Assim como meu Pai me confiou um reino, eu vo-lo confio,

³⁰para que comais e bebais à minha mesa no meu reino; e vos assentareis em tronos para julgar as doze tribos de Israel.

João 13:1

¹Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim.

A Preparação

- VII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).
- E. Terça-feira: “O Grande Dia das Perguntas” (continuação).
7. Um discurso aos apóstolos sobre a destruição de Jerusalém e a segunda vinda (continuação).
- c. Ensino sobre a segunda vinda (continuação).
- 2) Parábolas e ensinamentos pertinentes:
- a) As dez virgens (Mateus 25:1–13).
- b) Os talentos (Mateus 25:14–30).
- c) As ovelhas e os cabritos (Mateus 25:31–46).
- F. Quarta-feira: a calma antes da tempestade.
1. Jesus: predizendo (Mateus 26:1, 2; João 13:1).
2. O Sinédrio: arquitetando (Mateus 26:3–5; Marcos 14:1, 2; Lucas 22:1, 2).
3. Judas: traindo (Mateus 26:14–16; Marcos 14:10, 11; Lucas 22:3–6).
- G. Quinta-feira: preparativos para a Páscoa (Mateus 26:17–19; Marcos 14:12–16; Lucas 22:7–13).
- H. Sexta-feira: o dia da morte de Jesus.
1. A última ceia.¹
- a. A observância da Páscoa (Mateus 26:20; Marcos 14:17, 18; Lucas 22:14–18).
- b. A apreensão a uma discussão (Lucas 22:24–30).

INTRODUÇÃO

A maioria de nós reconhece a importância da preparação, de estar pronto com antecedência. Seja para uma tarefa grande ou pequena, seja com um propósito admirável ou até questionável², a preparação é sempre recomendável. Muitos concordariam com a moral da fábula de Esopo “Formiga e a Cigarra”: “É sábio preparar-se hoje para as necessidades de amanhã”³. A Bíblia tem muito a nos ensinar sobre preparação: Noé preparou uma arca (Hebreus 11:7); João Batista preparou o caminho para Cristo (Isaías 40:3; Malaquias 3:1; Mateus 3:3); Jesus está preparando um lugar para nós (João 14:1, 2; veja Mateus

25:34; Hebreus 11:16).

A presente lição nos transportará do fim da terça-feira para o começo da sexta-feira, o dia em que Cristo morreu. O tema da preparação — o estar pronto — permeará todo o estudo.

PREPARANDO-SE PARA A PAROUSIA⁴ (MATEUS 25:1–46)

Na lição passada, sugerimos que, em Mateus 24:36, Jesus começou a responder às perguntas dos discípulos acerca de Sua segunda vinda e da consumação do século (24:3b). A resposta de Jesus salientou que ninguém sabe a hora da Sua volta (24:36–41) e que Seus seguidores deveriam, portanto, estar sempre prontos (25:42–51). Essa ênfase em estar pronto repete-se por todo o capítulo 25 de Mateus.

As Dez Virgens (vv. 1–13)

O capítulo começa com a parábola das dez vir-

¹“A última ceia” é a designação tradicional para o banquete de Páscoa e os incidentes relacionados ocorridos no cenáculo. Essa foi a última refeição que Jesus comeu com os discípulos antes de ser crucificado.

²Veremos que o Sinédrio “preparava-se” para matar Jesus.

³Citado em *Bartlett’s Familiar Quotations, Expanded Multimedia Edition*. Time Warner Electronic Publishing, 1995. Esopo foi um herói folclórico grego que teria vivido no sexto século. A ele atribui-se a autoria de uma série de fábulas anímicas.

⁴Como já foi observado, *parousia* é o termo técnico em grego para a segunda vinda de Jesus.

gens⁵. As criadas estavam esperando pelo noivo (v. 1)⁶. Quando ele chegasse, haveria uma comemoração, um banquete de casamento. Como parte do comitê de boas-vindas, as moças deveriam segurar lâmpadas⁷ para iluminar o caminho do noivo.

O noivo não chegou no horário previsto. Por conta disso, o óleo ou azeite das lâmpadas começou a acabar. Cinco virgens, denominadas “prudentes” ou “ajuizadas” (NTLH) levaram óleo a mais (v. 4). As outras cinco, chamadas de “néscias”, “insensatas” (NVI) ou “loucas” (ERC), não tendo suprimento de reserva, tiveram de sair para comprar mais óleo (vv. 3, 10). Enquanto estavam fora, o noivo chegou e todos entraram na casa para o banquete. Quando as virgens insensatas retornaram, deram com a porta fechada e trancada. Porque estavam despreparadas, elas perderam a comemoração⁸.

Podemos questionar por que as cinco criadas “prudentes” não dividiram suas reservas de óleo com as imprudentes. A resposta encontra-se na aplicação da parábola. Quando Cristo, o noivo (veja Mateus 9:15; João 3:29) voltar, não haverá como dividir os preparativos. Eu não posso me preparar por você, nem você pode se preparar por mim. “Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus” (Romanos 14:12).

Jesus finalizou a parábola com este desafio: “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora” (Mateus 25:13).

Os Talentos (vv. 14–30)

A parábola das dez virgens foi sucedida pela parábola dos talentos (vv. 14–30). A parábola das dez

⁵A palavra “virgens” nesta parábola provavelmente se refere a criadas jovens, solteiras. A NTLH diz “moças”. Algumas versões inglesas dizem “criadas” (*Revised Standard Version*), “damas de honra” (*New Revised Standard Version*). Naqueles dias, ser uma jovem solteira era basicamente sinônimo de ser virgem.

⁶As virgens poderiam estar aguardando na casa da noiva a chegada do noivo, mas é mais provável que estivessem aguardando na casa do noivo a chegada dele juntamente com a noiva. Veja comentários sobre os costumes de casamento na edição “Apocalipse — Parte 9”, *A Verdade para Hoje*, pp. 29–30.

⁷Essas lâmpadas talvez fossem como pequenos vasos de barro com furos, de uso comum naqueles dias (veja Mateus 5:15). Alguns, porém, acreditam que Jesus tivesse em mente tochas (pedaços de pau com trapos em chamás enrolados numa ponta) mais capazes de iluminar o caminho de uma procissão.

⁸A palavra “conheço” em Mateus 25:12 é usada (como sempre na Bíblia) no sentido de “conhecimento favorável”. O senhor sabia quem eram elas, mas não lhes reconheceu o direito de participar da comemoração (compare com Mateus 7:23).

virgens retrata pessoas *aguardando* a volta de Cristo, enquanto a parábola dos talentos esclarece que precisamos *trabalhar* enquanto aguardamos.

A parábola dos talentos é semelhante à das minas, proferida quase no fim da viagem para Jerusalém (Lucas 19:11–27), mas a ênfase é diferente. A parábola das minas fez os ouvintes de Jesus se lembrarem de que o estabelecimento do reino não seria imediatamente⁹, enquanto a parábola dos talentos salienta a necessidade do servo do Senhor ser fiel.

Na parábola dos talentos, um senhor confiou seus bens a três escravos¹⁰: deu a um escravo cinco talentos; a outro, dois talentos e ao último, um talento. Usamos o termo “talento” como sinônimo de “habilidade”, mas naqueles dias “talento” era uma unidade monetária — uma grande soma de dinheiro. Os escravos que receberam cinco e dois talentos utilizaram os valores para fazer mais dinheiro. O último que recebeu um talento, temendo perder o que lhe fora confiado, escondeu seu talento embaixo da terra. Quando o senhor retornou, os dois primeiros escravos foram recompensados, mas o terceiro foi castigado.

Novamente, a mensagem é a necessidade da preparação — com o acréscimo de um conceito: a única maneira de estarmos prontos para a volta de Cristo é nos mantendo ocupados na Sua causa. Temos de usar os dons que Ele nos deu para glorificá-lo.

As Ovelhas e os Cabritos (vv. 31–46)

O discurso de Jesus termina com um retrato gráfico da Sua volta. Alguns ensinam que Cristo voltará para estabelecer um reino físico, político, e que Ele reinará na terra por mil anos¹¹. Jesus, porém, mostrou que Sua volta será imediatamente seguida pelo Julgamento (vv. 31, 32)¹².

No Julgamento Final, o Senhor dividirá a humanidade assim como os pastores dividiam seus rebanhos naqueles dias, separando ovelhas de cabritos. O costume era deixar ovelhas e cabritos pastarem juntos, mas separá-los no fim do dia. Devido à ima-

⁹Veja as páginas 35 e 36 da edição “A Vida de Cristo — Parte 9”.

¹⁰Veja um estudo detalhado dessa parábola no sermão a seguir.

¹¹Veja um resumo dessa falsa doutrina na edição “Apocalipse — Parte 1”, *A Verdade para Hoje*, pp. 14–17.

¹²Alguns ensinam que haverá julgamentos múltiplos e referem-se a Mateus 25:31–46 como “o julgamento das nações” em contraste com outros julgamentos, mas a Bíblia só fala de um Dia do Juízo (veja Hebreus 9:27). Veja uma breve exposição da idéia de julgamentos múltiplos na edição “Apocalipse — Parte 10”, *A Verdade para Hoje*, p. 20s.

gem do pastor, podemos denominar esta história de “a parábola das ovelhas e dos cabritos”. Convém ressaltar, porém, que não se trata de “só uma história”. O julgamento é real e certo (Hebreus 9:27; Atos 17:31).

A parábola dos talentos ensina a importância de servir o Senhor. Esta passagem fornece alguns exemplos de como podemos servir — socorrendo os desafortunados: ajudando os que têm fome, os desamparados, os que estão “nus”¹³, os doentes e os presos. A ênfase é ajudar os companheiros discípulos (Mateus 25:40)¹⁴, mas pode-se aplicar o ato a todas as pessoas (veja Gálatas 6:10).

Alguns apostam com prazer para o fato de que a base do julgamento em Mateus 25 não está na autenticidade do que se ensina, mas no amor demonstrado quando se praticam tais atos. Temos de ser cautelosos para não isolar esta passagem de outras que mostram a essencialidade de estar correto na doutrina e no viver diário (por exemplo, Tito 2:1; Tiago 1:27b). Utilizando o raciocínio de alguns, poderíamos chegar à impensável conclusão de que a base do julgamento não é se cremos em Jesus, mas se praticamos ou não boas obras — pois Mateus 25:31–46 não menciona a fé em Cristo.

Ao mesmo tempo, estes versículos nos remetem à idéia de que ser moralmente puro e doutrinariamente correto não basta. Nossa religião precisa ser mostrada na ajuda que prestamos ao próximo (Tiago 1:27a). “Pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (1 João 4:20b). “Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando” (Tiago 4:17).

Qual é a importância de estar pronto para a volta de Cristo? Os despreparados “irão. . . para o castigo eterno”, mas os preparados, “para a vida eterna” (Mateus 25:46). Alguns alegam que, assim que os justos entrarem no gozo eterno, os ímpios simplesmente deixarão de existir, ou seja, serão aniquilados. Todavia, Mateus 25:46 ensina que o inferno “durará” tanto quanto o céu¹⁵. Precisamos estar prontos para a volta de Cristo!

¹³A palavra “nu” é usada nesta passagem, como no restante da Bíblia, referindo-se a estar insuficientemente vestido.

¹⁴Provavelmente os que se encontravam presos por causa da fé em Cristo. Pode-se acrescentar aqui que quando ajudamos ou maltratamos um irmão, estamos ajudando ou maltratando Jesus (Mateus 25:40, 45; veja também Atos 9:4).

¹⁵A mesma palavra (o grego para “eterno”) é usada para descrever tanto o “castigo” como a “vida” em Mateus 25:46. Se o castigo não é eterno, a vida também não é eterna. E se a vida é eterna, o castigo também é eterno.

A PREPARAÇÃO PARA A PAIXÃO (MATEUS 26:1–5, 14–16; MARCOS 14:1, 2, 10, 11; LUCAS 22:1–6; JOÃO 13:1)

Jesus: Predizendo (Mateus 26:1, 2; João 13:1)

O sermão de Cristo sobre a destruição de Jerusalém e a segunda vinda (Mateus 24 e 25) ocorreu após Ele e os apóstolos terem se retirado pelo resto do dia — para as encostas do monte das Oliveiras (Mateus 24:3). O discurso parece ter começado perto do fim da terça-feira, continuando até depois do pôr-do-sol — quando, conforme o horário judaico, já era outro dia. Segundo esse cálculo, as palavras de Jesus ditas imediatamente após esse discurso ocorreram dois dias antes da Páscoa (Mateus 26:2), ou seja, na quarta-feira¹⁶. Essas palavras eram outro lembrete de que em breve Ele morreria (Mateus 26:1, 2; compare com Mateus 20:17–19).

Além dessa breve declaração feita por Cristo, não há outro registro de como Ele passou a maior parte da quarta-feira ou a primeira parte da quinta-feira¹⁷. Era uma calma antes da tempestade. João 13:1 nos ajuda a discernir a estrutura de raciocínio do Senhor durante as horas que antecederam a quinta-feira: “Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim”. Durante a quarta e a quinta-feira, Jesus sem dúvida continuou a preparar os discípulos a quem Ele amava. Certamente ele também teve comunhão com o Pai e talvez até tenha tentado descansar para a iminente provação¹⁸. Ele estava Se preparando para o Calvário.

O Sinédrio: Arquitetando (Mateus 26:3–5; Marcos 14:1, 2; Lucas 22:1, 2)

Cristo pode ter descansado, mas Seus inimigos não. Na quarta-feira (Marcos 14:1), o Sinédrio reuniu-se em sessão secreta¹⁹, no pátio do palácio de

¹⁶Passaremos mais tempo na cronologia da última semana no artigo suplementar “Em que Dia Jesus Morreu?”, a ser publicado na edição “A Vida de Cristo — Parte 13”, desta série.

¹⁷Como já observamos antes, algumas harmonias mudaram alguns dos acontecimentos aqui colocados na terça-feira para quarta-feira de manhã. Outras também colocaram o jantar em Betânia (com a unção de Maria) na quarta-feira, apesar de João ter sinalizado que ele ocorreu vários dias antes (João 12:1, 2, 12).

¹⁸Mais tarde, Ele ficaria sem dormir por cerca de 36 horas — desde a quarta-feira de manhã até a Sua morte.

¹⁹Os membros do sinédrio favoráveis a Jesus (como Nicodemos e José de Arimatéia) podem não ter sido convocados para essa reunião.

Caifás, o sumo sacerdote (Mateus 26:3). Caifás²⁰ presidira a reunião anterior, quando decidiram matar Jesus (João 11:47–53; veja v. 49). Tendo fracassado na tentativa de pôr em dúvida a credibilidade de Jesus na “guerra verbal” da terça-feira, o concílio estava mais convicto do que nunca que Jesus precisava morrer. O problema era que temiam prendê-lo publicamente, à luz do dia (veja Lucas 22:2b), e não conseguiam prendê-lo secretamente porque não sabiam onde Ele estava pernoitando. Concluíram que teriam de esperar a festa acabar para pegá-lo.

Judas: Traindo (Mateus 26:14–16; Marcos 14:10, 11; Lucas 22:3–6)

O dilema do Sinédrio foi resolvido de uma forma que eles jamais teriam previsto: um dos apóstolos de Jesus apareceu com uma solução. “E Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os principais sacerdotes, para lhes entregar Jesus” (Marcos 14:10). Aparentemente, Judas deixou os demais apóstolos sob algum pretexto e, de alguma forma, ficou sabendo onde o concílio estava reunido. Uma vez ali, perguntou-lhes: “Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei?” (Mateus 26:15a).

Ele “foi entender-se com os principais sacerdotes e os capitães sobre *como* lhes entregaria a Jesus” (Lucas 22:4; grifo meu). Conhecedor da agenda de Jesus (veja João 18:2), Judas poderia guiá-los até Ele, à noite. Ali, poderiam prendê-lo sem que houvesse “tumulto entre o povo” (Lucas 22:6; NVI). O Sinédrio ficou entusiasmado com essa virada de acontecimentos (Marcos 14:11a; Lucas 22:5). De bom grado, “pagaram-lhe trinta moedas de prata” (Mateus 26:15b).

O ato perverso de Judas cumpria uma profecia predita séculos antes (Zacarias 11:12)²¹. Muitos eruditos acreditam que as moedas de prata eram siclos²². Um siclo valia cerca de quatro denários²³. Se as autoridades no assunto estiverem corretas, as “trinta moedas de prata” representavam o que um trabalhador braçal ganharia em quatro meses²⁴, ou seja, “o preço aproximado de um escravo”²⁵.

²⁰Veja mais sobre Caifás na página 7 da edição “A Vida de Cristo — Parte 9”, incluindo as notas de rodapé dessa página.

²¹Veja os comentários sobre Mateus 27:9 na próxima edição desta série.

²²D. H. Wheaton, “Money” (“Dinheiro”) em *The Illustrated Bible Dictionary*, Part 2, ed. N. Hillier. Downer’s Grove, Ill. : InterVarsity Press, 1980, p. 1022.

²³Veja a página 11 de “A Vida de Cristo — Parte 7”.

²⁴No Brasil seriam pelo menos quatro salários mínimos.

²⁵F. LaGard Smith, *The Narrated Bible in Chronological Order* (“A Bíblia Narrada em Ordem Cronológica”). Eugene,

É possível que as trinta moedas de prata fossem apenas um adiantamento do que Judas receberia após o Senhor ser preso. Segundo Marcos 14:11, os membros do concílio “*prometeram* dinheiro” (grifo meu). Segundo o relato de Lucas, eles “combinaram em lhe dar dinheiro” e ele “concordou” (Lucas 22:5, 6). Se as trinta moedas eram apenas um sinal, isto ajuda a explicar o empenho do apóstolo em buscar “uma boa ocasião para o entregar” (Mateus 26:16)²⁶.

A traição de Judas é chamada de “um dos enigmas da história”²⁷. Desde esse dia tenebroso, muitos se esforçam para encontrar os *motivos* que teriam levado Judas a trair o Mestre. O principal motivo mencionado nas Escrituras é a cobiça de Judas (Mateus 26:14, 15; veja João 12:6). O apóstolo ainda poderia estar ressentido com a repreensão de Jesus recebida dias atrás (João 12:4–8). Ele também poderia ter se decepcionado com o fato de Jesus não tirar proveito de Sua popularidade²⁸. H. I. Hester escreveu:

Ele já havia tido maus pressentimentos em relação às conseqüências do reino de Jesus em Jerusalém. Sem dúvida, ele sentiu que o reino seria um fracasso no que diz respeito a quaisquer benefícios materiais. Percebeu que teria muito pouco a ganhar ficando com Jesus. . . Visto que o empreendimento estava prestes a falir, ele certamente raciocinou que lucraria mais conseguindo o que pudesse naquele momento.²⁹

Alguns já tentaram imputar a Judas motivos puros³⁰, mas se seus motivos fossem puros, Satanás não teria assumido o controle de sua vida. O registro bíblico afirma que “Satanás entrou em Judas” (Lu-

Oreg. : Harvest House Publishers, 1984, p. 1453. Veja Êxodo 21:32: era isso que se pagava por um escravo chifrado.

²⁶Deve-se observar, entretanto, que Judas só recebeu as trinta moedas de prata (veja Mateus 27:3, 5).

²⁷B. S. Dean, “Esboço da História do Novo Testamento”, *A Verdade para Hoje*, p. 25.

²⁸Veja as páginas 14 e 15 da edição “A Vida de Cristo — Parte 6”. Também já foi sugerido que Judas teria pensado que era seu dever cívico relatar o paradeiro de Jesus às autoridades (veja João 11:57). É possível que Judas tenha dito isto para livrar sua consciência, mas perguntar: “Que me quereis dar. . . ?” não é típico de um cidadão cômico dos deveres cívicos.

²⁹H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo. : Quality Press, 1963, p. 195.

³⁰Dizem alguns, por exemplo, que Judas queria meramente estimular Jesus a ir adiante e estabelecer Seu reino (físico, político). É verdade que Judas não previu todas as conseqüências de seus atos (Mateus 27:3–5), mas, em nenhum de seus versículos, a Bíblia atribui motivos nobres à traição. Veja mais comentários sobre isto na página 28 desta edição.

cas 22:3; veja também João 13:27)³¹. Estes versículos não querem dizer que Satanás tenha possuído Judas forçadamente (veja Tiago 4:7); mas que “o diabo [havia] posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus” (João 13:2)³². Satanás pôs essa idéia no coração de Judas assim como ele põe pensamentos em nossas cabeças: manipulando fatos que ocorrem à nossa volta. Por que o diabo conseguiu influenciar Judas? Porque o discípulo abriu-se para o controle do enganador.

Providenciados os preparativos, Judas voltou para junto de Jesus e dos demais apóstolos³³. Externamente, ele parecia como antes³⁴; mas internamente, um único pensamento ocupava-lhe a mente: “E, desse momento em diante, buscava ele uma boa ocasião para o entregar” (Mateus 26:16).

PREPARANDO-SE PARA A PÁSCOA (MATEUS 26:17–20; MARCOS 14:12–18a; LUCAS 22:7–18, 24–30)

Na noite de quarta-feira (pelo nosso calendário), Jesus “deitou-Se pela última vez na terra. Na quinta-feira de manhã, Ele se levantou para nunca mais dormir novamente”³⁵. Quinta-feira, um dia antes da Páscoa, era conhecido como “o primeiro dia da Festa dos Pães Asmos” (Mateus 26:17; Marcos 14:12; Lucas 22:7), porque era durante esse dia que se preparava o banquete especial³⁶. Nesse dia, “se fazia o sacrifício do cordeiro pascal” em antecipação à ceia comida após o pôr-do-sol (sexta-feira, pelo calendário judaico).

A Páscoa Preparada (Mateus 26:17–19; Marcos 14:12–16; Lucas 22:7–13)

Os discípulos foram perguntar a Cristo: “Onde queres que te façamos os preparativos para comer a Páscoa?” (Mateus 26:17). Jesus mandou Pedro e João providenciarem tudo (Lucas 22:8; veja

³¹Anteriormente, Jesus chamou-o de “diabo” (João 6:70). Veja o contexto dessa afirmação nas páginas 14 e 15 da edição “A Vida de Cristo — Parte 6”, desta série.

³²Veja um outro exemplo de Satanás “enchendo” o coração de uma pessoa e fazendo-a mentir em Atos 5:3, 4, comentado na edição “Atos, 2”, de *A Verdade para Hoje*.

³³Como veremos, Judas foi com Jesus e os demais apóstolos ao cenáculo para a ceia de Páscoa.

³⁴A frieza de Judas está implícita nos acontecimentos subsequentes. Jesus sabia o que ele havia feito, mas os outros discípulos nem suspeitavam.

³⁵Citado em B. S. Dean, “Esboço da História do Novo Testamento”, *A Verdade para Hoje*, p. 25.

³⁶J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 644.

Marcos 14:13), dando-lhes as seguintes instruções incomuns: “Ide à cidade, e vos sairá ao encontro um homem trazendo um cântaro de água” (Marcos 14:13). Visto que geralmente eram as mulheres que levavam os cântaros de água, seria fácil identificar o homem. Cristo mandou os dois discípulos seguirem aquele indivíduo e dizerem “ao dono da casa onde ele [entrasse] o Mestre pergunta: Onde é o meu aposento no qual hei de comer a Páscoa com os meus discípulos?” (Marcos 14:14; veja Mateus 26:18).

Alguém sugeriu que Cristo teria usado esse procedimento indireto para que Judas não revelasse Seu paradeiro ao Sinédrio antes das altas horas da noite. De outra forma, muitos acontecimentos — a instituição da ceia do Senhor, o grande discurso de despedida (João 14–16), a oração do Senhor (João 17) e o que se passou no jardim do Getsêmani — não teriam ocorrido. Será que Jesus combinou antecipadamente a seqüência de fatos (com o homem do cântaro), ou será que Ele utilizou Seu poder divino de prever? O texto não revela isto.

Jesus informou a Pedro e João que o dono da casa mostraria a eles “um cenáculo” (Marcos 14:15a), “uma ampla sala no andar superior” (NVI). Segundo a tradição não-inspirada, foi nesse “cenáculo” que, mais tarde, os apóstolos ficaram antes do Pentecostes (Atos 1:12, 13). Alguns especulam que a casa poderia ser da mãe de João Marcos (Atos 12:12). Ao que tudo indica, a casa pertencia a um discípulo do Senhor (veja Mateus 26:18); o texto nada informa além disso.

Jesus afirmou que a sala estaria “mobiada e pronta” (Marcos 14:15b). O piso estaria limpo, a mesa e as almofadas de chão estariam em seus devidos lugares e tudo estaria pronto para a lavagem dos pés dos participantes do banquete (veja João 13:3–5). Talvez os cuidados cerimoniais com o fermento também já tivessem sido realizados (veja Êxodo 12:15)³⁷.

Pedro e João acharam “tudo como Jesus lhes tinha dito” e começaram a se preparar para o banquete (Marcos 14:16). Havia muito a ser feito: se ainda não tivessem adquirido um cordeiro, teriam de comprá-lo³⁸ — um cordeiro sem mácula (Êxodo 12:5). O cordeiro tinha de ser levado ao templo para o ritual do sacrifício. Ali, os discípulos o matariam e um sacerdote colheria o sangue do animal para ser derramado no altar. Após algumas partes serem

³⁷Pode ser até que os itens para a ceia de Páscoa já tivessem sido comprados pelo dono da casa.

³⁸É possível que o cordeiro tivesse sido reservado três dias antes, conforme especificado no *Mishná* (Pesahim 9. 5).

tiradas para serem queimadas no altar (veja Levítico 3:3–5), a carcaça retornava aos donos. O cordeiro, então, tinha de ser assado (Êxodo 12:8). Era preciso ter o cuidado de não quebrar nenhum osso durante o preparo ou o banquete (Êxodo 12:46; Números 9:12)³⁹. Outros itens da refeição de Páscoa também tinham de ser providenciados, incluindo-se os seguintes⁴⁰:

- Pão sem fermento (Êxodo 12:8, 18–20; 13:6, 7; 34:18, 25; Levítico 23:6; Números 9:11; 28:17), “pão de aflição” (Deuteronômio 16:3, 8), feitos às pressas.
- Vinho (veja Mateus 26:27, 29). Na época de Jesus, a cerimônia usava quatro cálices de vinho⁴¹, que, tradicionalmente, representavam as quatro promessas de Êxodo 6:6, 7.
- Ervas amargas (Êxodo 12:8; Números 9:11), para representar a amargura da escravidão egípcia.
- Uma mistura pastosa e densa, feita de frutas amassadas e nozes umedecidas com vinagre ou vinho⁴², representando a argila com a qual os israelitas faziam tijolos no Egito⁴³.

A Observância da Páscoa (Mateus 26:20; Marcos 14:17, 18a; Lucas 22:14–18)

Pouco antes do pôr-do-sol, Jesus “foi com os doze” (Marcos 14:17) para o local preparado. Segundo o ensino dos rabinos, cada cordeiro deveria ser comido por não menos de dez nem mais de vinte pessoas⁴⁴. No cenáculo, treze comeriam do cordeiro assado, que fora cortado em pedaços menores para ser comido com as mãos⁴⁵.

³⁹O detalhe está relacionado ao fato de que nenhum osso de Jesus foi quebrado na cruz (João 19:31–36).

⁴⁰As informações sobre a Páscoa nos dias de Jesus provêm de referências do Antigo e Novo Testamentos a essa festa, ao ensino judaico contemporâneo que foi preservado desde essa época, e de escritos de Josefo. Esses itens utilizados na ceia são descritos no *Mishná* (Pesahim 10. 1, 3–5).

⁴¹Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah* (“A Vida e os Tempos de Jesus, o Messias, Nova Versão Atualizada”). Nova versão atualizada. Peabody, Mass. : Hendrickson Publishers, 1993, pp. 809, 817. Outros escritores situam o total entre 3 e 5 cálices.

⁴²Pedacinhos de pão eram partidos, mergulhados nessa pasta e depois jogados na boca. Esse pode ser ou não o prato citado em João 13:26.

⁴³Edersheim, p. 809, n. 19.

⁴⁴Marvin R. Wilson, “Passover” (“Páscoa”), *International Standard Bible Encyclopedia*, ed. ger. James Orr. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1939, 3:677. Esse ensino é apresentado no Talmude Babilônico (Pesahim 64b).

⁴⁵Não era utilizado nenhum talher (faca, garfo ou colher) durante a refeição.

Jesus reclinou-Se ao lado da mesa baixa sobre a qual estava a refeição de Páscoa (Mateus 26:20; Marcos 14:18a; Lucas 22:14)⁴⁶. João ficou à direita de Jesus (João 13:23); Judas, talvez à esquerda⁴⁷; os demais, espalhados ao redor da mesa. Com os olhos brilhantes de amor (veja João 13:1, 34), Jesus disse: “Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta Páscoa⁴⁸, antes do meu sofrimento. Pois vos digo que nunca mais a comerei, até que ela se cumpra no reino de Deus” (Lucas 22:15, 16).

O que Cristo quis dizer quando afirmou que a “Páscoa se cumpriria no reino de Deus”? Geralmente pensamos na Páscoa como tipificando o sacrifício de Jesus, que já passou (1 Coríntios 5:7; veja João 1:29, 36; 1 Pedro 1:18, 19; Hebreus 9:14; Apocalipse 5:6, 12). O Senhor acrescentou, porém, que a Páscoa seria “cumprida no reino de Deus”. Os judeus pensavam na Páscoa não só como uma comemoração da libertação do passado, mas também como uma garantia de libertação no futuro. Cristo fundamentou Suas palavras nesse pensamento, indicando que a plena libertação viria no reino messiânico.

O reino é a igreja (Mateus 16:18, 19), o corpo de pessoas salvas pelo sangue de Cristo (Efésios 1:22, 23; 2:16; 5:23, 25). Assim como a Páscoa judaica comemorava a libertação de Israel do Egito, por meio do sacrifício do nosso Cordeiro Pascal, Deus “nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor” (Colossenses 1:13). A Páscoa encontrou “seu cumprimento final. . . no reino de Deus”⁴⁹, a igreja.

Jesus disse que comeria a ceia novamente após ela ser cumprida no reino. “Comer” é usado figuradamente significando “participar” ou “tomar parte

⁴⁶A famosa tela de Leonardo da Vinci *A Última Ceia* (1495–98) retrata a disposição italiana à mesa usada na época do pintor, e não na Palestina em que Cristo viveu.

⁴⁷O mais provável é que Jesus tenha mergulhado um bocado passando-o adiante para alguém reclinado perto dele (Mateus 26:23; João 13:26; veja o comentário na página 28).

⁴⁸Apesar de Jesus ter declarado que comeu a Páscoa com os discípulos (veja também Mateus 26:18; Marcos 14:14; Lucas 22:11), alguns insistem que essa refeição não era a ceia de Páscoa, mas uma refeição comida na noite anterior. Uma passagem usada como apoio a essa idéia é João 13:1, a qual, dizem eles, refere-se à hora da ceia. Todavia, quando todas as passagens pertinentes são levadas em consideração, João 13:1 parece referir-se ao período imediatamente anterior à Páscoa, enquanto a refeição de Páscoa propriamente é descrita como tendo início no versículo 2. O horário exato das últimas horas de Jesus será comentado mais detalhadamente no artigo “Em que Dia Jesus Morreu?”, na edição “A Vida de Cristo — Parte 13”, desta série.

⁴⁹Richard Rogers, *The Life of Christ and His Teaching* (“A Vida de Cristo e Seu Ensino”). Lubbock, Tex. : Sunset International Bible Institute External Studies Department, 1995, p. 84.

de”. No pensamento judaico, a vinda do Messias e do Seu reino seria celebrada com um banquete (Isaías 25:6–8; veja Lucas 13:29; 22:30). Assim como o reino não é físico (João 18:36), o banquete também não é. A consumação final das esperanças de um banquete messiânico será no céu (Apocalipse 19:7–9)⁵⁰; mas mesmo nesta vida, aqueles que estiverem dentro do reino/da igreja desfrutam de um banquete espiritual. Cristo é o participante invisível no nosso banquete de bênçãos espirituais (Efésios 1:3; Apocalipse 3:20; Mateus 18:20).

Logo no início do banquete, Jesus pegou um cálice de vinho, deu graças e disse aos doze: “Recebei e reparti entre vós” (Lucas 22:17). Esse não era o cálice da instituição da ceia do Senhor, o qual viria no encerramento da refeição (veja Lucas 22:20). Era o primeiro de vários cálices usados na cerimônia de Páscoa. Cristo, então, repetiu a idéia declarada antes: “pois vos digo que, de agora em diante, não mais beberei do fruto da videira, até que venha o reino de Deus” (Lucas 22:18). O reino/a igreja veio no primeiro Pentecostes após a ascensão de Cristo. Como já notamos antes, as palavras do Senhor têm uma aplicação geral à Sua participação no banquete espiritual que desfrutamos. Entretanto, como veremos na próxima lição, as palavras de Jesus aplicam-se especialmente à nossa participação na ceia do Senhor.

A Páscoa Interrompida (Lucas 22:24–30)

O banquete começou numa atmosfera de paz e amor, que foi logo rompida pela reedição de uma disputa sobre qual dos discípulos era o mais importante (v. 24; veja Marcos 9:34; Lucas 9:46)⁵¹. Talvez a discussão tenha sido provocada pela menção do reino. Talvez tenha sido incitada pela disposição dos treze à mesa. Qualquer que tenha sido o motivo, a infantilidade, o egoísmo e a inconveniência desse bate-boca deve ter entristecido Jesus. Novamente, sempre paciente, Ele fez Seus seguidores se lembrarem de que a grandeza do reino se basearia em ser-

viço, e não em posição (Lucas 22:25–27; veja Mateus 18:1–5; 20:25–28; 23:10–12).

Jesus confirmou que a fidelidade dos discípulos a Ele não seria esquecida. Eles seriam recompensados por permanecerem ao lado dEle nas tribulações que Ele enfrentaria (Lucas 22:28). Seriam uma parte vital do Seu reino/Sua igreja (v. 29; veja 1 Coríntios 12:28) e continuariam a desfrutar de um relacionamento pessoal e íntimo com Ele (Lucas 22:30a). Até reinariam com Ele (v. 30b)⁵².

CONCLUSÃO

Jesus não *disse* meramente para Seus discípulos servirem; Ele *demonstrou* uma humilde servidão lavando-lhes os pés (João 13:2–20). Na próxima lição, estudaremos sobre esse incidente e outros assuntos relacionados à última ceia. Um ponto de destaque será a instituição da ceia do Senhor.

Finalizando, retornemos ao tema da preparação. O Senhor voltará um dia, *pode* ser hoje (Mateus 24:36, 42–44). Você está pronto?

⁵⁰Veja “As Bodas do Cordeiro” em “Apocalipse — Parte 9”, de *A Verdade para Hoje*.

⁵¹Lucas situou cronologicamente essa disputa mais tarde da noite. Nós a situamos neste ponto como uma antena natural para o incidente do lava-pés que inicia a próxima lição. Alguns dos desafios da cronologia da última ceia serão comentados nessa lição (especialmente nas notas de rodapé).

⁵²Anteriormente, Jesus prometera que eles se sentariam em doze tronos para julgar Israel (Mateus 19:28). Veja comentários sobre essa terminologia judaico-messiânica na página 23 da edição “A Vida de Cristo — Parte 9”.

Arriscando Tudo pelo Senhor

Mateus
25:14-30.
Olhando de perto



Muito do que Cristo ensinou foi surpreendente e até alarmante para quem O ouviu pela primeira vez. Deve ter sido esse o impacto da parábola dos talentos.

Jesus contou essa parábola para ensinar Seus discípulos que eles deveriam permanecer *ocupados* enquanto aguardavam Sua volta¹. Ela foi registrada por orientação do Espírito Santo porque, juntamente com os apóstolos, todos os demais seguidores do Senhor precisariam se lembrar dela. Mateus escreveu seu relato do Evangelho trinta anos ou mais após a igreja ter se estabelecido². Ainda aconteciam coisas emocionantes³, mas já havia passado tempo suficiente para estarem na segunda geração de cristãos. Provavelmente, algumas igrejas haviam perdido seu zelo inicial e caíram numa confortável rotina existencial (veja Apocalipse 3:15). A parábola dos talentos foi elaborada para despertar os cristãos do primeiro século. Essa mesma mensagem é necessária também aos cristãos do século XXI.

Vamos refrescar nossa memória a respeito dessa conhecida história, olhando para ela com as lentes do primeiro século, para desvendar nela um desafio que talvez ainda não tenhamos enxergado. Intitulamos este sermão de “Arriscando tudo pelo Senhor”⁴. Como você se sente em relação a assumir riscos? Talvez você admire quem assume riscos físi-

cos⁵ e financeiros já previstos — ou talvez, como eu, você meneie a cabeça e se pergunte por que as pessoas fazem uma coisa dessas. Independentemente de como reagimos aos riscos, a maioria de nós preferiria eliminar os riscos de nossa vida diária. Gostamos de, na medida do possível, não ter de correr riscos. Nesse sentido, a idéia de correr riscos pelo Senhor pode não ser atraente. Contudo, a parábola dos talentos ensina que é exatamente isto que devemos fazer para agradar nosso Mestre.

Dividimos o estudo em quatro partes (todas iniciadas por “R”). Vamos nos concentrar no indivíduo da parábola que não quis arriscar-se: o homem que recebeu um talento.

RESPONSABILIDADE E RISCOS (Vv. 14, 15)

A parábola começa com um senhor incumbindo seus servos de responsabilidades que envolviam um grande risco. Jesus disse que o reino do céu⁶ é “como um homem que, ausentando-se do país, chamou os seus servos” (v. 14a). “Servos” é tradução da palavra grega equivalente a “escravos”⁷. Eram “os seus servos”: ele os possuía; eles pertenciam a ele.

É necessário nos vermos como escravos de Deus, aqueles que pertencem a Ele, para sentirmos o impacto máximo dessa parábola. Paulo escreveu: “Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário

¹Se quiser, faça uma revisão das partes principais de Mateus 25 e de como a parábola dos talentos intensifica a idéia de estar sempre pronto, conforme sugerido na lição.

²Veja a página 13 da edição “A Vida de Cristo — Parte 1”.

³Paulo provavelmente estava fazendo suas últimas viagens após ser solto da prisão, e outros cristãos estavam propagando o evangelho.

⁴A idéia deste sermão veio de Rusty Peterman, num sermão pregado na igreja de Cristo Brown Trail, em Fort Worth, Texas, em 4 de janeiro de 1987.

⁵Dê exemplos de riscos físicos com os quais seus ouvintes se identifiquem. O esportes de aventura oferecem vários exemplos: bungee-jumping, alpinismo, rafting, vôo de asa delta e paraquedismo.

⁶Mateus 25:1 parece ser uma introdução — não somente à parábola das dez virgens, mas também à parábola dos talentos. Mateus 25:1 começa afirmando: “Então, o reino dos céus será semelhante a...”

⁷A palavra usada é uma forma plural de *doulos*, “escravo”.

do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo” (1 Coríntios 6:19, 20)⁸. “Quando o indivíduo se levanta do túmulo das águas do batismo, ele entra por uma porta sobre a qual está inscrito: ‘Você não pertence a si mesmo. Você foi comprado por um preço.’”

Responsabilidade

Enquanto se preparava para partir, o homem chamou seus escravos “e lhes confiou os seus bens” (Mateus 25:14b)¹⁰. Essa prática não era rara. No Império Romano, a maior parte do trabalho era feita por escravos, os quais frequentemente recebiam cargos de responsabilidade.

“A um [dos escravos, o homem] deu cinco talentos¹¹, a outro, dois e a outro, um” (v. 15a). Hoje, usamos a palavra “talento” como sinônimo de “habilidade”¹², mas naquela época, era uma unidade monetária — não uma moeda isolada, mas uma certa quantia de metais preciosos, pesada em moedas cunhadas ou em barras (lingotes)¹³.

Não sabemos com exatidão o valor dos talentos confiados aos três escravos. “O peso do talento greco-romano... variava entre 26,4 kg e 37,8 kg, dependendo do período”¹⁴. O valor também variava se o metal fosse ouro ou prata¹⁵. O valor mais comumente conferido ao talento de Mateus 25 é seis mil

denários¹⁶. Supondo que essa avaliação esteja correta — e tendo em mente que um denário era a diária de um trabalhador braçal (Mateus 20:2) — um talento equivalia ao que um trabalhador não-qualificado ganharia em vinte anos!

O primeiro escravo, portanto, recebeu o que um trabalhador braçal ganharia em cem anos! O segundo recebeu o que esse mesmo trabalhador ganharia em quarenta anos! E o terceiro recebeu o que um trabalhador braçal ganharia em vinte anos! Sem atribuir um valor específico a esses talentos, basta dizer que eles representavam uma soma de dinheiro que a maioria de nós jamais viu de uma vez¹⁷.

O senhor deu “a cada um segundo a sua própria capacidade” (Mateus 25:15b)¹⁸. Nenhum deles recebeu mais do que era capaz de administrar, e nenhum recebeu menos do que era capaz de manejar. “Avaliar os três como dotados da mesma capacidade teria sido uma injustiça total. Cinco talentos teriam sido um peso intolerável para o homem com capacidade para um talento, e o homem dos cinco talentos não teria sido desafiado se recebesse apenas um talento¹⁹.”

Devemos salientar que todos receberam *alguma coisa*. De fato, todos receberam muito²⁰. Neil Lightfoot observou que “ninguém saiu da sala do senhor de bolsos vazios”²¹. É bom dizer isto porque conhecemos pessoas que tiveram a ousadia de referir-se a si mesmas como indivíduos “sem talento”. Se você é capaz de entender o que estou dizendo²², sabe que você não é uma pessoa “sem talento”. Se

⁸Fomos comprados com o sangue de Cristo (Atos 20:28), remidos (“comprados de volta”) por esse sangue (1 Pedro 1:18, 19).

⁹Avon Malone, “The Characteristics of a Good Steward” (“As Características de um Administrador Bom”). *The Preacher's Periodical* (julho de 1983), pp: 11–13.

¹⁰Os estudiosos discutem sobre o fato do senhor ter confiado *todos* os seus bens aos três escravos. A linguagem do versículo 14 poderia ser interpretada dessa maneira. Por outro lado, se ele fez isto, o que seria “o muito” sobre o qual ele colocou os dois servos no dia do acerto (vv. 21, 23)? Felizmente, este detalhe nada tem a ver com a mensagem da parábola.

¹¹“Talentos” é praticamente uma transliteração do grego: *talanta*.

¹²Alguns etimólogos acreditam que o uso moderno da palavra “talento” como sinônimo de “habilidade” tem sua origem como na parábola dos talentos.

¹³Talento, como unidade monetária, também foi usado na parábola do administrador infiel em Mateus 18, que fala de “dez mil talentos” (v. 24). Naquela parábola, a figura é usada representando uma dívida impagável. (Veja a edição “Conheça o Mestre, 2”, *A Verdade para Hoje*, p. 4.)

¹⁴E. M. Cook, “Weights and Measures” (“Pesos e Medidas”). *International Standard Bible Encyclopedia*, ed. ger. James Orr. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988, 4:1055.

¹⁵Um talento também poderia ser de cobre.

¹⁶D. A. Carson, “Matthew” (“Mateus”). *The Expositor's Bible Commentary* (“Comentário Bíblico Expositivo”), vol. 8, ed. ger. Frank E. Gaebelein. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1984, p. 516; Jack P. Lewis, *The Gospel According to Matthew, Part 2* (“O Evangelho Segundo Mateus, Parte 2”). Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1976, p. 135.

¹⁷Algumas publicações, na tentativa de conferir um valor a esses talentos, usam níveis monetários desatualizados há décadas, senão séculos. Os números citados são geralmente ridiculamente baixos.

¹⁸“O verdadeiro padrão para distribuição de riquezas não é, como expressa a visão marxista, ‘a cada um conforme a sua necessidade’, mas sim a cada um ‘conforme a sua capacidade’” (James Burton Coffman, *Commentary on the Gospel of Matthew* [“Comentário sobre o Evangelho de Mateus”]. Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1968, p. 401).

¹⁹Ibid.

²⁰Só um talento já valia muito. Da mesma forma, hoje, o indivíduo “de um só talento” precisa admitir que seu único “talento” é importante. Ele pode ser o único com esse dom. Se não usá-lo, algum trabalho necessário ou não será feito ou terá de ser feito por alguém menos qualificado.

²¹Neil R. Lightfoot, *The Parables of Jesus, Part 2* (“As Parábolas de Jesus,” Parte 2). Austin, Tex.: R. B. Sweet Co., 1965, p. 78.

²²Se estiver pregando, poderá dizer: “Se estiver me ouvindo...”

você tem uma vida ativa, se move de um lugar para o outro, talvez até tenha um emprego, você não é um indivíduo “sem talento”. Você possui habilidades, tempo, oportunidades, provavelmente até alguns bens. Você tem sido abençoado por Deus — abençoado com abundância²³.

Como receptores dos dons de Deus, devemos entender que esses dons incluem um desafio. Deus está nos dizendo: “Como servos que pertencem a Mim, vocês devem usar esses dons no Meu serviço. Estou confiando esses dons a vocês por um tempo limitado. Nesse ínterim, vocês devem usá-los em favor da Minha causa”. Quando o Senhor concede um dom, este vem acompanhado de uma responsabilidade.

Riscos

Entretanto, o ato do senhor da parábola confiar seus bens aos seus escravos representava mais do que uma grande responsabilidade, também representava sérios *riscos*. Segundo os escritos rabínicos, se um senhor confiasse seus bens a um escravo e fosse embora, posteriormente, o escravo teria de prestar contas do uso que fizera desses bens. Quando o senhor voltasse, se o escravo tivesse menos, teria de repor a diferença; do contrário, seria lançado na prisão. Se ficasse comprovado que o escravo havia se aproveitado do seu cargo, ele poderia até ser morto.

Usar o que Deus nos dá — nossas capacidades, nosso tempo, nossos bens, nossas oportunidades — envolve correr riscos. Há o risco de cometer um erro, o risco de ser criticado e até o risco de fracassar.

REAÇÃO POSITIVA E REBELDIA (Vv. 15–19)

Reação Positiva

Depois que o senhor “partiu” (v. 15c) em viagem, “o que recebera cinco talentos saiu imediatamente²⁴ a negociar com eles e ganhou outros cinco” (v. 16). Ele não perdeu tempo; assim que o patrão partiu, ele usou o que tinha recebido. Não sabemos precisamente como ele usou os talentos. Talvez tenha entrado num negócio. Talvez tenha comprado e vendido no mercado aberto. Independentemente de como se deu a negociação, o servo ganhou mais

cinco talentos, cumprindo, assim, com sua responsabilidade. “Do mesmo modo, o que recebera dois ganhou outros dois” (v. 17).

Rebeldia

Isto nos leva ao homem que recebeu um talento: “Mas o que recebera um, saindo, abriu uma cova e escondeu o dinheiro do seu senhor” (v. 18). Assim que o patrão se perdeu de vista, o homem deve ter corrido para o campo do patrão, onde cavou um buraco, enterrou o talento, cobrindo-o em seguida. Essa prática não era tão incomum²⁵. Não existiam os bancos que conhecemos hoje; as pessoas costumavam esconder dinheiro para mantê-lo a salvo²⁶.

Talvez nos surpreenda o fato de que, aos olhos de algumas pessoas, o homem que ganhou um talento agiu com sabedoria e prudência. Os rabinos também contavam parábolas; e uma delas relatava o seguinte:

Um homem rico estava partindo para uma longa viagem. Ele chamou dois de seus servos e disse: “Estou deixando minhas riquezas em suas mãos”. Ele dividiu o total entre os dois servos e partiu. Enquanto estava fora, um dos servos investiu o que ganhara e perdeu tudo. Mas o outro servo pegou o que recebera e o escondeu até a volta do seu senhor. Assim, ele pôde devolver ao seu senhor tudo o que lhe fora confiado. O senhor elogiou-o e promoveu-o como encarregado de sua casa. O servo, porém, que perdeu o dinheiro do seu senhor foi sentenciado à morte.²⁷

Afirmamos anteriormente que o ensino de Jesus foi surpreendente e até alarmante para alguns de Seus ouvintes. A parábola de Jesus é quase o oposto da parábola dos rabinos. O Senhor tirou a placa de “herói” do servo que escondeu o dinheiro e rotulou-o de “vilão”.

O senhor ficou fora por “muito tempo” (v. 19). O que será que o homem de um talento fez durante todo esse tempo? Ele certamente não estava negociando com o dinheiro que lhe fora confiado; o dinheiro ficou enterrado num buraco no solo. Não sabemos em que ele se ocupou, mas sabemos de uma coisa: ele *não* estava servindo seu senhor.

Sejamos mais claros quanto ao que o homem de

²⁵Lewis, p. 135.

²⁶Talvez você conheça alguém que tenha escondido dinheiro em potes de barro ou colchões fornecendo-lhe uma história para ilustrar esse costume antigo.

²⁷Peterman; Robert H. Mounce, *New International Biblical Commentary: Matthew* (“Novo Comentário Bíblico Internacional: Mateus”). Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1991, p. 234.

²³Efésios 4:8 e Romanos 12:6–8 enumeram alguns dons espirituais concedidos por Deus.

²⁴Algumas versões não trazem a palavra “imediatamente” no versículo 16, mas muitos dos textos antigos incluem um termo grego que possui esse significado.

um talento fez de errado: ele não esbanjou o dinheiro, como fez o administrador infiel (Lucas 16:1). Ele não o desperdiçou vivendo dissolutamente, como fez o filho pródigo (Lucas 15:13). Ele não acabou se endividando com dez mil talentos, como fez o credor incompassivo (Mateus 18:24). Tudo que ele fez foi não usar o que tinha em mãos²⁸. Certo jovem pregador intitulou seu sermão sobre esta parábola de “Como Perder a Alma em Três Lições Fáceis”. Aqui está sua conclusão: a maneira mais fácil de perder a alma é não fazer *nada*. Isto não requer habilidades especiais nem esforço. Qualquer um pode fazê-lo — e muitos o fazem.

RECOMPENSAS E RAZÕES (Vv. 19–25)

Recompensas

“Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos” para casa “e ajustou contas com eles” (v. 19). Você e eu somos mordomos, administradores de Deus, e um dia nosso Senhor voltará (Atos 1:11; 1 Tessalonicenses 4:16; Atos 17:31). Daí, então, nós também teremos de prestar contas da nossa mordomia, ou seja, da nossa administração (Romanos 14:12; 2 Coríntios 5:10; veja 1 Coríntios 4:2).

O primeiro a ser auditorado foi o homem dos cinco talentos. Certamente ele ansiava por apresentar o seu relatório. Podemos imaginar o sorriso largo no seu rosto, enquanto dizia: “Senhor, confiaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que ganhei” (Mateus 25:20). O senhor certamente também sorriu enquanto respondia: “Muito bem, servo [“escravo”] bom e fiel” (v. 21a).

Observemos como o senhor se dirigiu ao escravo. Ele não disse: “Muito bem, servo inteligente e bem-sucedido”, mas elogiou-o com “servo bom e fiel”. Nem todos somos inteligentes; muitos de nós jamais seremos bem-sucedidos (conforme o mundo interpreta o sucesso); mas todos nós podemos ser “bons” e “fiéis”. Todos nós podemos pegar o que o Senhor nos tem dado e fazer o melhor possível com isso. Isso é tudo que Ele pede²⁹.

²⁸Nenhuma parábola é capaz de tocar em cada situação possível. Nesta parábola, o homem de um talento não usou seu talento. Na vida real, geralmente é quem tem cinco ou dois talentos que deixa de usar todos os seus talentos. Isto pode ser ainda mais ilusório: quem tem cinco talentos e usa somente quatro deles, pode *parecer* estar servindo ao Senhor fielmente.

²⁹Aqui está outro exemplo de que nenhuma parábola pode abarcar todas as circunstâncias. Nesta parábola, tanto o servo de cinco talentos como o de dois talentos foram bem-sucedidos (conforme o mundo julga o sucesso), mas nem

Tenhamos em mente que essas palavras foram ditas por um *senhor* a um *escravo*. O escravo era propriedade dele, ele não devia nada ao escravo, nem mesmo um “muito obrigado”. Jesus dissera que quando um escravo obedecesse às ordens do seu senhor, ele deveria dizer: “Sou indigno; só fiz o que era meu dever fazer” (veja Lucas 17:10). A resposta generosa do senhor nesta parábola nos revela algo sobre o caráter do homem. Ele era justo e tinha consideração pelos outros; ao que tudo indica, ele estava em busca de oportunidades para elogiar e recompensar.

Primeiramente ele disse ao servo de cinco talentos: “Foste fiel no pouco³⁰, sobre muito te colocarei” (Mateus 25:21b). A NTLH diz: “Você foi fiel negociando com pouco dinheiro, e por isso vou pôr você para negociar com muito”. A seguir, acrescentou: “...entra no gozo do teu senhor” (v. 21c). Esta pode ser uma referência a ter permissão para participar da comemoração da volta do senhor. Também pode ser um convite para ceiar à mesa do senhor³¹. Tal honra poderia até incluir ganhar a liberdade³².

O próximo da fila era o servo que recebera dois talentos. Ele também prestou contas com alegria: “Senhor, dois talentos me confiaste; aqui tens outros dois que ganhei” (v. 22). Poderíamos esperar que sua recompensa fosse diferente do servo que conseguiu ganhar mais cinco talentos, mas ele recebeu o mesmo elogio e a mesma recompensa. A Bíblia não contém muitos versículos duplicados³³, mas os versículos 21 e 23 são exatamente os mesmos. Assim como o servo de cinco talentos, o que recebera dois talentos deu o melhor de si — e isso era tudo que o senhor queria. Ele também ouviu: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor” (v. 23).

Qualquer um que esteja disposto a correr riscos pelo Senhor é um vencedor. Existe alguma coisa que você acredita que Deus quer que você faça? Você tem medo de fazê-la? Teme fracassar? Faça-a assim mesmo. Se você vai ter “êxito” ou “fracasso” relati-

sempre é assim quando tentamos usar os dons que Deus nos dá. O Senhor nos considera “bem-sucedidos” se formos fiéis à incumbência que Ele nos deu.

³⁰Como na parábola das minas, “pouco” é um termo relativo: “pouco” comparado ao que lhe seria em breve confiado.

³¹Veja um exemplo de tal honra oferecido a um não-escravo em 2 Samuel 9:10. Veja também Provérbios 17:2.

³²Lightfoot, p. 80; Richard C. Trench, *Notes on the Parables of Our Lord* (“Notas sobre as Parábolas do Nosso Senhor”). Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1953, p. 279.

³³Um exemplo de duplicação é Lucas 13:3 e 13:5; outro, é Provérbios 14:12 e 16:25.

vamente não importa. O importante é você ter dado o melhor de si. Daí, então, Deus também dirá a você: “Muito bem, servo bom e fiel”.

“Razões”

O homem que recebera um talento apresentou seu relatório por último. Provavelmente ele estivera recuando, temendo essa hora. Finalmente, porém, “o que recebera um talento, disse: Senhor, sabendo que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste” (v. 24). Essa visão do caráter do senhor baseava-se nos métodos de semear e colher daqueles dias. Não havia cercas entre os campos de plantação; eles eram um ao lado do outro. A semeadura era feita à mão. O escravo pintou o senhor como um “unha-de-fome”³⁴ que raciocinava da seguinte maneira: “Algumas das minhas sementes podem ter caído no campo do meu vizinho, então vou colher vários metros para dentro da sua propriedade para garantir tudo o que é meu”.

O escravo acusou seu senhor de ser ganancioso, mesquinho, injusto e até desonesto. Será que essa avaliação estava correta? Vamos contrastar as palavras do servo que recebera um talento com o que vimos anteriormente no caráter do senhor: um senhor disposto, e até ansioso, por elogiar e recompensar a fidelidade. Um dos perigos de não se dispor a correr riscos pelo Senhor é que isto pode nos levar a questionar o caráter de Deus. Podemos começar a pensar em Deus como um legislador injusto, um patrão ditador, um tirano insaciável — em vez de enxergá-lo como um Pai compassivo.

O homem que recebera um talento acrescentou: “[eu estava] receoso” (v. 25a). Somos solidários com os medrosos. Todos nós temos um pouco de medo³⁵. Todavia, precisamos sempre perguntar a nós mesmos: “Estou com medo porque não confio no Senhor?” Quando Deus citou uma lista dos que estariam perdidos em Apocalipse 21:8, Ele começou pelos “covardes”.

“Receoso”, disse o escravo, “escondi na terra o teu talento” (v. 25a, b). Parece que ele tinha medo de falhar. Talvez tivesse medo de não conseguir o mesmo êxito dos que receberam dois e cinco talentos³⁶. Ele havia afirmado claramente que tinha medo de não agradar seu senhor. Ele estava dizendo: “Eu não

³⁴Olaf M. Norlie, *The New Testament: A New Translation* (“O Novo Testamento: Uma Nova Tradução”). Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1961.

³⁵Se quiser, acrescente exemplos.

³⁶Às vezes as pessoas raciocinam da seguinte forma: “Se eu não puder fazer tão bem quanto Fulano [ou Beltrano], não vou fazer nada”.

tinha chances de ganhar... por isso não fiz nada”.

O homem culpou a todos exceto a si próprio. Aprendemos cedo na vida a culpar os outros. (Lembro-me de dois garotos, apontando um para o outro e dizendo: “Foi ele”.) Alguns culpam os pais por suas falhas. Alguns culpam a sociedade. Alguns até culpam a Deus. Se você procura alguém para culpar, o melhor lugar para encontrar essa pessoa é no espelho.

O homem que recebera um talento pegou o que lhe fora entregue — o metal precioso, agora sujo, opaco e cheirando a bolor — e disse: “Aqui tens o que é teu” (v. 25c), como se o seu senhor não devesse esperar mais.

REAÇÃO E RESULTADOS (Vv. 26–30)

Reação

Chegamos à triste conclusão da história. O senhor respondeu ao servo: “Servo mau e negligente³⁷” (v. 26a). Ele havia se dirigido aos outros dois servos com as palavras “bom e fiel”. A este ele chamou de “mau e negligente”.

E o senhor disse mais: “...sabias que ceifo onde não semeiei e ajunto onde não espalhei?”³⁸ (v. 26b). Ele não concordava com a avaliação do homem a respeito do seu caráter, e por isso estava dizendo: “Tuas próprias palavras te condenam, porque, se é assim que você me vê, isto por si só já daria um motivo para fazer *alguma coisa*”.

A seguir, o senhor acrescentou: “Cumprira, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu” (v. 27). Em outras palavras, “no mínimo, você deveria ter investido o dinheiro”³⁹. A palavra grega traduzida por “banqueiros” poderia também ser traduzida por “mesários”⁴⁰. Embora já tenhamos

³⁷A *Bíblia Viva* diz “preguiçoso”. A preguiça e o ócio são condenados por Deus (veja Provérbios 6:6; 31:27; Eclesiastes 10:18; 1 Timóteo 5:13).

³⁸O ponto de interrogação denota: “Então, é *assim* que você me vê...?”

³⁹Este detalhe da parábola preocupa certos estudiosos, pois o Antigo Testamento proibia cobrar juros de um compatriota judeu (Êxodo 22:25; Levítico 25:35–37; Deuteronômio 23:19, 20; veja Salmos 15:5). A Lei, porém, não proibia que se cobrassem juros de um gentio (Deuteronômio 23:20). Devemos considerar este detalhe sem importância. Nas parábolas, o fato de Jesus citar certos detalhes não significa que Ele necessariamente concorda com ele (veja Lucas 16:8; 18:2).

⁴⁰O vocábulo grego usado em Mateus 25:27 vem da palavra para “mesa” (*trapedza*). Uma flexão desse vocábulo é usada para a mesa dos cambistas em Mateus 21:12, Marcos 11:15 e João 2:15.

observado que naquele tempo não existiam bancos como os conhecemos hoje, a maioria das praças comerciais tinha um “banqueiro” assentado numa mesa apinhada de moedas. Ele cobrava para trocar ou emprestar dinheiro⁴¹. Ele também aceitava depósitos ou promessas de pagamento dos juros sobre esses valores⁴². Confiar o dinheiro a um homem que poderia mudar sua mesa para outro lugar num instante era um negócio arriscado; mas o senhor disse, com efeito: “Até isso seria melhor do que não fazer nada”.

Resultados

O senhor virou-se para os servos ao redor e disse: “Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem dez” (v. 28). Jesus acrescentou este comentário: “Porque a todo o que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado” (v. 29).

“Espere aí!”, diz alguém. “Isso não é justo! Em determinadas circunstâncias pode até ser correto tirar de alguém que tem mais e dar a outro que tem menos. Mas esse pobre homem só tinha um talento. Por que dá-lo ao que tinha dez? Isto não é nada justo!” Pareça ou não justo, este é um princípio fundamentado na estrutura do universo — um princípio que Jesus inseriu nesta parábola. Ele é chamado de “a lei da atrofia”. Usando termos mais simples: “Use-o ou perca-o”. Se você não usar seus músculos, eles irão atrofiar. Se você não usar as habilidades naturais, irá perdê-las. Se você não usar as capacidades que adquiriu, irá esquecê-las. Este princípio é aplicável a todas as esferas da vida. Negligencie uma amizade, e ela fenecerá. Negligencie um casamento, e ele se deteriorará.

Qual é o resultado final quando negligenciamos nossos dons espirituais? Não há palavras mais tristes do que as do versículo 30: “E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes”. O servo que recebeu um talento foi antes chamado de “mau” e “negligente”; agora, ele era chamado de “inútil”. A maioria de nós preferiria ser rotulado de “mau” ou “negligente” em vez de “inútil”. Todavia, é nisto que nos tornamos quando permitimos que o medo nos impeça de usar nossas habilidades e oportunidades para o Senhor.

⁴¹ Outra possível tradução para “banqueiros” é “cambistas”.

⁴² Assim como os bancos, o banqueiro lucrava emprestando o dinheiro de outros a uma taxa de juros maior do que a paga por ele.

CONCLUSÃO

Imagine, por um instante, alguém desenhando na sua frente uma linha preta e espessa dizendo: “Esta é a sua linha de risco espiritual. Eu o desafio a cruzar essa linha — agora!”⁴³ Considere quais riscos você ainda precisa correr pelo Senhor. Para alguns, essa linha representa a decisão de tornar-se cristão⁴⁴. Jesus deixou claro que há riscos em segui-IO (Lucas 9:57–62). Você poderia perder amigos ou familiares (Mateus 10:36); em alguns países, você poderia até perder a vida (Apocalipse 2:10). Para outros, a linha representa o risco ao utilizar os talentos e habilidades pela primeira vez: dirigir uma oração em público, dar uma aula, dirigir um cântico, pregar um sermão. Pode até representar o risco de “abandonar tudo” para dedicar-se ao Senhor em tempo integral. Ainda para outros, a linha representa levar o evangelho a amigos, vizinhos e parentes. Quando tentamos partilhar a Palavra, colocamos em risco amizades e relacionamentos. A linha poderia representar qualquer risco. Enquanto você pondera o risco que ela representa para você, lembre-se de que Deus *espera* que você corra riscos. Ele espera que você seja tudo que pode ser.

Quando o Senhor voltar, será que Ele dirá: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor” (Mateus 25:21)? Ou dirá: “Servo mau e negligente... servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes” (vv. 26, 30)? O que Ele disser *nesse dia* poderá depender muito do que você estiver fazendo *agora*.

⁴³ A ilustração de desenhar uma linha preta é de Peterman.

⁴⁴ Se usar esta lição como um sermão, mencione os passos da conversão (Marcos 16:15, 16; Atos 2:38).

Atribuição de Leitura nº. 34

Mateus 26:21–29, 31–35;

Marcos 14:18–25, 27–31;

Lucas 22:19–23, 31–38;

João 13:2–38;

1 Coríntios 11:23–26

Mateus 26:21–29

²¹E, enquanto comiam, declarou Jesus: Em verdade vos digo que um dentre vós me trairá.

²²E eles, muitíssimo contristados, começaram um por um a perguntar-lhe: Porventura, sou eu, Senhor?

²³E ele respondeu: O que mete comigo a mão no prato, esse me trairá.

²⁴O Filho do Homem vai, como está escrito a seu respeito, mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido!

²⁵Então, Judas, que o traía, perguntou: Acaso, sou eu, Mestre? Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste.

²⁶Enquanto comiam, tomou Jesus um pão, e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo.

²⁷A seguir, tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos;

²⁸porque isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados.

²⁹E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai.

Mateus 26:31–35

³¹Então, Jesus lhes disse: Esta noite, todos vós vos escandalizareis comigo; porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho ficarão dispersas.

³²Mas, depois da minha ressurreição, irei adiante de vós

para a Galiléia.

³³Disse-lhe Pedro: Ainda que venhas a ser um tropeço para todos, nunca o serás para mim.

³⁴Replicou-lhe Jesus: Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, tu me negarás três vezes.

³⁵Disse-lhe Pedro: Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo te negarei. E todos os discípulos disseram o mesmo.

Marcos 14:18–25

¹⁸Quando estavam à mesa e comiam, disse Jesus: Em verdade vos digo que um dentre vós, o que come comigo, me trairá.

¹⁹E eles começaram a entristecer-se e a dizer-lhe, um após outro: Porventura, sou eu?

²⁰Respondeu-lhes: É um dos doze, o que mete comigo a mão no prato.

²¹Pois o Filho do Homem vai, como está escrito a seu respeito; mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido!

²²E, enquanto comiam, tomou Jesus um pão e, abençoando-o, o partiu e lhes deu, dizendo: Tomai, isto é o meu corpo.

²³A seguir, tomou Jesus um cálice e, tendo dado graças, o deu aos seus discípulos; e todos beberam dele.

²⁴Então, lhes disse: Isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos.

²⁵Em verdade vos digo que jamais beberei do fruto da videira, até àquele dia em que o hei de beber, novo, no reino de Deus.

Marcos 14:27–31

²⁷Então, lhes disse Jesus: Todos vós vos escandalizareis, porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas.

²⁸Mas, depois da minha ressurreição, irei adiante de vós para a Galiléia.

²⁹Disse-lhe Pedro: Ainda que todos se escandalizem, eu,

jamais!

³⁰Respondeu-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje, nesta noite, antes que duas vezes cante o galo, tu me negarás três vezes.

³¹Mas ele insistia com mais veemência: Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo te negarei. Assim disseram todos.

Lucas 22:19–23

¹⁹E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim.

²⁰Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós.

²¹Todavia, a mão do traidor está comigo à mesa.

²²Porque o Filho do Homem, na verdade, vai segundo o que está determinado, mas ai daquele por intermédio de quem ele está sendo traído!

²³Então, começaram a indagar entre si quem seria, dentre eles, o que estava para fazer isto.

Lucas 22:31–38

³¹Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo!

³²Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos.

³³Ele, porém, respondeu: Senhor, estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão como para a morte.

³⁴Mas Jesus lhe disse: Afirmando-te, Pedro, que, hoje, três vezes negarás que me conheces, antes que o galo cante.

³⁵A seguir, Jesus lhes perguntou: Quando vos mandei sem bolsa, sem alforje e sem sandálias, faltou-vos, porventura, alguma coisa? Nada, disseram eles.

³⁶Então, lhes disse: Agora, porém, quem tem bolsa, tome-a, como também o alforje; e o que não tem espada, venda a sua capa e compre uma.

³⁷Pois vos digo que importa que se cumpra em mim o que está escrito: Ele foi contado com os malfeitores. Porque o que

a mim se refere está sendo cumprido.

³⁸Então, lhe disseram: Senhor, eis aqui duas espadas! Respondeu-lhes: Basta!

João 13:2–38

²Durante a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus,

³sabendo este que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus, e voltava para Deus,

⁴levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela.

⁵Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido.

⁶Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, e este lhe disse: Senhor, tu me lavas os pés a mim?

⁷Respondeu-lhe Jesus: O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois.

⁸Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo.

⁹Então, Pedro lhe pediu: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça.

¹⁰Declarou-lhe Jesus: Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos.

¹¹Pois ele sabia quem era o traidor. Foi por isso que disse: Nem todos estais limpos.

¹²Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as vestes e, voltando à mesa, perguntou-lhes: Compreendeis o que vos fiz?

¹³Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou.

¹⁴Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros.

¹⁵Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.

¹⁶Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou.

¹⁷Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as

praticardes.

¹⁸Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi; é, antes, para que se cumpra a Escritura: Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar.

¹⁹Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que EU SOU.

²⁰Em verdade, em verdade vos digo: quem recebe aquele que eu enviar, a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou.

²¹Ditas estas coisas, angustiou-se Jesus em espírito e afirmou: Em verdade, em verdade vos digo que um dentre vós me trairá.

²²Então, os discípulos olharam uns para os outros, sem saber a quem ele se referia.

²³Ora, ali estava conchegado a Jesus um dos seus discípulos, aquele a quem ele amava;

²⁴a esse fez Simão Pedro sinal, dizendo-lhe: Pergunta a quem ele se refere.

²⁵Então, aquele discípulo, reclinando-se sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: Senhor, quem é?

²⁶Respondeu Jesus: É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado. Tomou, pois, um pedaço de pão e, tendo-o molhado, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes.

²⁷E, após o bocado, imediatamente, entrou nele Satanás. Então, disse Jesus: O que pretendes fazer, faze-o depressa.

²⁸Nenhum, porém, dos que estavam à mesa percebeu a que fim lhe dissera isto.

²⁹Pois, como Judas era quem trazia a bolsa, pensaram alguns que Jesus lhe dissera: Compra o que precisamos para a festa ou lhe ordenara que desse alguma coisa aos pobres.

³⁰Ele, tendo recebido o bocado, saiu logo. E era noite.

³¹Quando ele saiu, disse Jesus: Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele;

³²se Deus foi glorificado nele, também Deus o glorificará nele mesmo; e glorificá-lo-á imediatamente.

³³Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco; buscar-me-eis, e o que eu disse aos judeus também agora vos digo a vós outros: para onde eu vou, vós não podeis ir.

³⁴Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros.

³⁵Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros.

³⁶Perguntou-lhe Simão Pedro: Senhor, para onde vais? Respondeu Jesus: Para onde vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém, me seguirás.

³⁷Replicou Pedro: Senhor, por que não posso seguir-te agora? Por ti darei a própria vida.

³⁸Respondeu Jesus: Darás a vida por mim? Em verdade, em verdade te digo que jamais cantarás o galo antes que me negues três vezes.

1 Coríntios 11:23–26

²³Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão;

²⁴e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim.

²⁵Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim.

²⁶Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha.

Uma Noite Inesque- cível

Leitura Bíblica 34

- VII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).
H. Sexta-feira: o dia da morte de Jesus (continuação).
1. A última ceia (continuação).
c. Uma Demonstração de humildade (João 13:2–20).
d. A Predição da traição/negação (Mateus 26:21–25, 31–35; Marcos 14:18–21, 27–31; Lucas 22:21–23, 31–38; João 13:21–38).
e. A instituição da ceia do Senhor (Mateus 26:26–29; Marcos 14:22–25; Lucas 22:19, 20; 1 Coríntios 11:23–26¹).

INTRODUÇÃO

Aquela foi uma noite inesquecível. A noite teve início com Jesus e Seus discípulos comendo a Páscoa no cenáculo e continuou com as orações no Getsêmani. Os acontecimentos daquela noite culminaram com um julgamento ilegítimo no pátio do sumo sacerdote. Esta lição abordará a primeira parte desses acontecimentos relativa à ceia de Páscoa. Não sabemos com exatidão a ordem dos incidentes ocorridos nessa noite inesquecível². A seqüência aqui adotada é apenas uma das possibilidades de dispor os fatos³.

UM ATO SURPREENDENTE (JOÃO 13:2–20)

Encerramos a lição passada com os apóstolos discutindo sobre qual deles era o maior (Lucas 22:24). Esse debate pode ter alavancado um acontecimento singular ocorrido durante a refeição:⁴

¹Primeira Coríntios 11:23–26 está incluso aqui porque é o relato mais completo da instituição da ceia do Senhor e é provavelmente o relato inspirado mais antigo desse evento. Primeira Coríntios foi escrita nos anos 50 do primeiro século, enquanto os relatos sinóticos do evangelho foram escritos por volta dos anos 60.

²Compare os relatos dos evangelhos entre si, e verá que eles variam bastante na ordem dos fatos. Como temos notado, a seqüência cronológica nem sempre era uma prioridade para os escritores inspirados. Felizmente, a ordem exata é de menor importância.

³Citaremos algumas possíveis variações nas notas de rodapé.

⁴Veja uma exposição mais detalhada sobre esse incidente na lição “Lições da Toalha”, em “Conheça o Mestre, 2”, *A Verdade para Hoje*, p. 25ss.

Jesus... levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido (João 13:3–5).

Naqueles dias, era uma cortesia costumeira lavar os pés de um convidado assim que ele entrasse em casa. Esse ato hospitaleiro aliviava os pés do visitante, mas também tinha um lado prático. As pessoas usavam sandálias e andavam em estradas empoeiradas. Quando reclinavam à mesa para comer, os pés de um ficavam bem perto do rosto do outro⁵.

Os apóstolos provavelmente tomaram um banho ao se prepararem para a refeição de Páscoa (veja v. 10); mas, na hora em que passaram pela porta do cenáculo, seus pés já estavam sujos do pó da estrada por onde haviam caminhado. Todos os itens necessários para a lavagem de pés estavam disponíveis (vv. 4, 5), mas os apóstolos, todos preocupados em ser o maior, não se dispuseram a lavar os pés sujos uns dos outros. Afinal, essa tarefa era normalmente feita por servos!

Jesus já havia informado a eles que a grandeza no Reino não se baseava em posição, mas em serviço e dissera: “...no meio de vós, eu sou como quem serve” (Lucas 22:27). Nesta ocasião, Ele ilustrou o que significava servir — executando o humilde trabalho de um servo. Ele lavou os pés dos discípulos.

O fato de Judas estar entre aqueles cujos pés foram lavados recebe atenção especial no texto (João

⁵Veja a página 32 da edição “A Vida de Cristo — Parte 4”.

13:2, 10, 11, 18, 19). Dessa maneira, o Senhor demonstrou o que significa “amar os inimigos” e fazer o bem a eles⁶ (Mateus 5:44, 45; Romanos 12:20).

Depois que Cristo terminou de lavar os pés dos discípulos, Ele desafiou-os a seguirem Seu exemplo (João 13:14–17). Será que isto significa que Ele estava instituindo ali um ritual a ser realizado como parte de nossa adoração? Não. J. W. McGarvey escreveu:

Jesus não *instituiu* o lavapés; ele apenas usou um costume conhecido daquela região como uma forma mais apropriada de mostrar o verdadeiro espírito de serviço humilde... A lavagem de pés como um ato de cortesia ou hospitalidade nunca foi um costume entre o povo ocidental, e adotá-la por causa destas palavras de Cristo é uma completa falta de entendimento do seu significado.⁸

John F. Carter observou que “não há provas de que alguma igreja do Novo Testamento tenha praticado [o lavapés] como uma ordenança”. Ele também relatou: “A menção mais antiga dessa prática na história da igreja encontra-se no decreto de um concílio de bispos em Elvira, na Espanha, em 306 d.C., no qual ela foi condenada”⁹. H. I. Hester disse: “Jesus não estava instituindo aqui uma ordenança como a da ceia do Senhor, mas estava dando uma lição prática sobre o verdadeiro espírito de humildade”¹⁰.

Cristo não estava preocupado primeiramente com a sujeira nos pés dos apóstolos; Ele estava muito mais preocupado com a ambição egoísta presente em seus corações. Alguém sugeriu que esse incidente foi o último esforço de Jesus para influenciar Judas. O Senhor conseguiu limpar os pés de Judas, mas infelizmente o coração desse traidor permaneceu impuro (13:27).

⁶No momento em que Jesus lavou os pés de Judas, os discípulos, que não suspeitavam de Judas, não viram esta lição — mas nós podemos vê-la hoje.

⁷Veja mais comentários sobre esta pergunta na edição “Conheça o Mestre, 2”, *A Verdade para Hoje*, p. 29.

⁸J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 650.

⁹John Franklin Carter, *A Layman’s Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, pp. 285–86. Carter apresentou três razões para sua conclusão de que o lavapés nunca foi feito para ser “uma ordenança à igreja”. Ele citou Albert Henry Newman, *A Manual of Church History* (“Manual de História da Igreja”). Filadélfia: American Baptist Publications Society, 1904, 1:140.

¹⁰H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 197.

AVISOS ALARMANTES (MATEUS 26:21–25, 31–35; MARCOS 14:18–21, 27–31; LUCAS 22:21–23, 31–38; JOÃO 13:18, 19, 21–30)

O Aviso Referente a Judas

(Mateus 26:21–25; Marcos 14:18–21;
Lucas 22:21–23; João 13:18, 19, 21–30)

Enquanto lavava os pés dos discípulos, Cristo fez o alarmante anúncio de que Ele seria traído — traído por alguém próximo a Ele. Jesus disse que as Escrituras seriam cumpridas: “Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar” (João 13:18; veja Salmos 41:9). “Em países orientais, estava implícito no ato de duas pessoas comerem juntas uma aliança ou compromisso de amizade¹¹. Mas Judas estava participando tranquilamente daquela refeição sagrada com o Mestre, mesmo após ter combinado com os inimigos de entregar o Mestre a eles em troca de dinheiro¹².”

Cristo explicou por que estava falando aos apóstolos da traição: “Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que EU SOU” (João 13:19). O fato de Jesus revelar isto antecipadamente comprovaria que Ele era divino, além de proteger a fé deles por assegurar que a traição não O pegaria de surpresa nem destruiria Seus planos.

Logo que disse essas coisas, “angustiou-se Jesus em espírito” (João 13:21a). Os discípulos não sabiam das terríveis coisas que os aguardavam, mas Cristo estava plenamente cômico delas. Preocupava-Lhe também a falta de maturidade dos apóstolos e, para completar, Seu coração havia sido partido pela infidelidade de Judas.

Jesus falou francamente aos doze: “...um dentre vós me trairá” (João 13:21b; grifo meu; veja Mateus 26:21). Eles ficaram desconcertados (João 13:22) e “começaram a indagar entre si quem seria, dentre eles, o que estava para fazer isto” (Lucas 22:23). “E eles, muitíssimo contristados, começaram um por um a perguntar-lhe: Porventura, sou eu, Senhor?”¹³ (Mateus 26:22). Eles provavelmente “pensaram que um deles faria algo despercebidamente que resul-

¹¹Há muitas indicações disso no Novo Testamento. Veja, por exemplo, Apocalipse 3:20.

¹²Carter, pp. 287–88.

¹³No texto original, a forma em que a pergunta foi elaborada implica uma resposta negativa: “Com certeza, não sou eu”.

taria em Jesus ser levado por Seus inimigos¹⁴. Por isso cada um disse: “Com certeza eu não faria uma coisa dessas!”

João, que estava ao lado de Jesus, perguntou: “Senhor, quem é?” (João 13:23–25¹⁵). “Respondeu Jesus: É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado¹⁶. Tomou, pois, um pedaço de pão e, tendo-o molhado, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes” (João 13:26; veja Mateus 26:23).

Poderíamos pensar que após esse ato incisivo, a identidade do acusado seria óbvia a todos. Mas, ela não ficou óbvia para todos os discípulos (João 13:28, 29). Judas provavelmente ainda usufruía de grande respeito. Sendo o único apóstolo da Judéia, talvez ele tivesse uma formação escolar melhor que os demais. E caiu sobre ele a honra de ser o tesoureiro do grupo (João 13:29; veja também João 12:6). Ele tinha a importante responsabilidade de distribuir as ofertas dadas ao grupo (João 13:29). Muitos deles tendiam a pensar que, se havia alguém que *jamais* trairia o Senhor, esse alguém era Judas.

A maioria dos apóstolos não entendeu o significado das palavras e dos atos de Jesus, mas Judas entendeu. Hipocritamente, ele repetiu com os demais: “Acaso, sou eu, Mestre?” (Mateus 26:25a), e Cristo respondeu: “Tu o disseste”¹⁷ (v. 25b). A exposição de sua conspiração deveria ter causado tremor em Judas, mas se ele ficou intimidado, não demonstrou. Assim como o barro exposto ao ar endurece, o coração de Judas endureceu ainda mais diante de tal exposição (João 13:27a¹⁸).

Cristo disse a Judas: “O que pretendes fazer, faz-o depressa” (João 13:27). Jesus não quis que o traidor saísse antes porque Ele ainda tinha muito para fazer naquela noite. Agora, Ele podia seguramente deixá-lo ir, sabendo que teria tempo suficiente para fazer o que restava. “...tendo [Judas] recebido o bo-

cado, saiu logo¹⁹. E era noite²⁰” (João 13:30)²¹.

Há quem tente defender o ato de traição de Judas²², mas Cristo disse: “...ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido!” (Mateus 26:24; veja Marcos 14:21). McGarvey escreveu: “As palavras de Jesus calam as bocas dos defensores de Judas. Quando o próprio juiz fala em condenação, quem ousa insistir numa justificação para o ato?”²³

O Aviso Referente a Pedro e os demais Apóstolos (Mateus 26:31–35; Marcos 14:27–31; Lucas 22:31–38; João 13:31–38)

Em algum momento após a saída de Judas (João 13:31a)²⁴, Jesus virou-Se para os outros apóstolos, mencionou que seria glorificado²⁵ (João 13:31b, 32) e disse: “Filhinhos²⁶, ainda por um pouco estou convosco” (João 13:33a). Ele tinha tanto para fazer e em tão pouco tempo!

Jesus repetiu palavras ditas por Ele anteriormente (João 13:33b; veja João 7:33, 34²⁷; 8:21) e depois acrescentou: “Novo mandamento vos dou: que

¹⁹Alguns dos discípulos pensaram que Judas saiu para comprar algo mais para a ceia (João 13:29). O dia da ceia de Páscoa foi sucedido pela semana da Festa dos Pães Asmos. Provavelmente, pensaram que Judas estivesse se preparando para a próxima festa.

²⁰“Embora esta seja uma expressão... que meramente marca a hora do dia, praticamente todos os comentaristas sentem sua força misteriosa... [Henry] Alford diz: ‘Sinto, juntamente com [Frederick B.] Meyer, algo horrível nessa terminação — “era noite”’ (McGarvey e Pendleton, p. 654).

²¹O relato de Lucas indica que Judas foi acusado após a instituição da ceia do Senhor (Lucas 22:19–23), enquanto Mateus e Marcos colocam sua denúncia antes da instituição do memorial (Mateus 26:25, 26; Marcos 14:21, 22). Neste estudo, seguimos a cronologia de Mateus e Marcos, deduzindo que Judas partiu pouco depois de ser exposto por Jesus.

²²Veja as páginas 16 e 17 desta edição.

²³McGarvey e Pendleton, p. 653.

²⁴É incerto quando Jesus predisse que Pedro O negaria. Lucas e João colocaram a predição (Lucas 22:34; João 13:38) antes de Jesus e os demais saírem do cenáculo (Lucas 22:39; João 14:31c). Segundo Mateus e Marcos, isto ocorreu após eles saírem do aposento (Mateus 26:30–34; Marcos 14:26–30). Tudo o que podemos dizer é que foi “em algum momento”. É possível que a predição tenha ocorrido duas vezes para efeito de ênfase, uma vez antes de saírem do aposento e outra depois. Mesmo sendo esse o caso, a semelhança das predições permite que sejam estudadas ao mesmo tempo.

²⁵Essa era uma referência figurada à Sua morte, sepultamento e ressurreição (veja João 7:39; 12:16, 23, 28).

²⁶Até onde sabemos, esta é a única vez que Jesus usou este termo de afeição. Ele se tornou um dos favoritos de João (1 João 2:1, 12, 28; 3:7, 18; 4:4; 5:21).

²⁷Veja os comentários sobre João 7:33, 34, nas páginas 29 e 30 da edição “A Vida de Cristo — Parte 7”, desta série.

¹⁴Carter, p. 288.

¹⁵A maioria dos comentaristas acredita que, quando João escreveu “aquele [discípulo] a quem ele amava”, referia-se a si mesmo.

¹⁶Segundo McGarvey, era considerado sinal de respeito mergulhar um pedaço de pão e oferecê-lo a um convidado (McGarvey e Pendleton, p. 653).

¹⁷“Tu o disseste!” era uma forma enfática de responder no afirmativo (veja Mateus 26:64). Temos uma expressão semelhante: “Foi você quem disse isto!”

¹⁸Afirmamos antes que “Satanás entrou” em Judas, predispondo-o a ir até o sinédrio (Lucas 22:3, 4). Aqui, é dito que Satanás tornou a “entrar” nele. É possível que Judas tenha sido influenciado momentaneamente pelas palavras e gestos de Jesus, mas logo cedeu ao diabo.

vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros” (João 13:34). Não se tratava de um “novo mandamento” simplesmente porque era uma ordem para amar os outros; esse preceito tinha séculos de existência (veja Levítico 19:18); mas era um novo mandamento porque Jesus disse que teria de ser *o tipo de amor* que Ele tinha pelos discípulos: “*assim como eu vos amei!*” E acrescentou: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (João 13:35). Alguém disse que as pessoas não se importam com quanto você sabe até saberem o quanto você se importa.

Pedro apegou-se às palavras “ainda por um pouco estou convosco” (João 13:33a) e perguntou: “Senhor, para onde vais?” (João 13:36a). Cristo respondeu: “Para onde vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém, me seguirás” (João 13:36b). Pedro não entendeu o que Jesus disse sobre morrer. O apóstolo replicou: “Senhor, por que não posso seguir-te agora? Por ti darei a própria vida” (João 13:37).

Podemos ouvir a ternura na voz de Jesus ao responder: “Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou²⁸ para vos peneirar como trigo!” (Lucas 22:31). As mulheres peneiravam a farinha²⁹ para tirar as impurezas; o diabo estava “peneirando” os apóstolos³⁰ para expor suas impurezas e explorá-las. Ele já havia conseguido uma deserção (João 13:2, 27); e queria mais.

Satanás parece ter marcado especialmente Simão Pedro, líder e porta-voz do grupo. Ciente disto, Jesus disse a Pedro: “Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres³¹, fortalece os teus irmãos” (Lucas 22:32). O apóstolo protestou: “Senhor, estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão como para a morte” (Lucas 22:33). Cristo talvez tenha balançado a cabeça enquanto questionava: “*Darás a vida por mim?*” (João 13:38a; grifo meu). E acrescentou: “*Afirmo-te, Pedro, que, hoje, três vezes negarás que me conheces,*

antes que o galo cante” (Lucas 22:34)³².

O Senhor virou-Se para os outros dez e predis-se: “Esta noite, *todos* vós vos escandalizareis comigo; porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho ficarão dispersas” (Mateus 26:31; grifo meu; veja Zacarias 13:7). E acrescentou: “Mas, depois da minha ressurreição, irei adiante de vós para a Galiléia” (Mateus 26:32). Tomemos nota dessa promessa referente à Galiléia (veja Mateus 28:7, 10, 16; João 21:1). Após a ressurreição, Jesus reuniria os discípulos na Galiléia³³ como um pastor ajunta o seu rebanho disperso.

Pedro recusou-se a aceitar as palavras de Jesus, declarando: “Ainda que venhas a ser um tropeço para *todos*, nunca o serás para *mim*” (Mateus 26:33; grifo meu). E o Senhor tornou a dizer-lhe: “Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, tu me negarás três vezes” (Mateus 26:34). “Mas ele insistia com mais veemência: Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo te negarei” (Marcos 14:31a). “E todos os discípulos disseram o mesmo” (Mateus 26:35b).

Era óbvio que os apóstolos não estavam preparados para as dificuldades que viriam. Jesus reafirmou que morreria, citando Isaías 53:12 (Lucas 22:37). Ele advertiu os discípulos de que, no futuro, não deveriam esperar a recepção favorável que haviam recebido quando Ele os enviou anteriormente (Lucas 22:35, 36; veja Mateus 10; Lucas 10:1–16).

Quando Jesus advertiu os discípulos a se prepararem para o futuro, Ele mencionou que comprassem uma espada (Lucas 22:36). Os discípulos pensaram que Ele estivesse se referindo a uma espada literal e disseram que já possuíam duas; Jesus disse que era o suficiente (Lucas 22:38). O fato de duas espadas serem evidentemente insuficientes para defender doze homens deveria ter sinalizado a eles que Cristo não falava literalmente³⁴. Todavia,

²⁸Segundo a Bíblia, Satanás está limitado e só pode fazer o que Deus permite (veja Jó 1 e 2). Este é um assunto controverso (Hebreus 5:12–14); comente com cautela seu palpite pessoal sobre ele.

²⁹Muitos já viram mulheres peneirando trigo, mas pode ser necessária uma explicação para os mais jovens. Antigamente, as farinhas não eram refinadas como as de hoje.

³⁰A palavra “tu” em Lucas 22:31 está no plural no texto grego.

³¹Conversão é uma mudança, assim como uma coisa é “convertida” em outra. Ao usar a expressão “quando te converteres”, Jesus expressou que a queda de Pedro não seria o fim.

³²Mateus, Lucas e João mencionaram apenas um canto do galo (Mateus 26:34; Lucas 22:34; João 13:38), ao passo que Marcos mencionou dois (Marcos 14:30). Como acontece em outras passagens em que um escritor menciona dois determinados elementos e outro escritor menciona apenas um (por exemplo, Mateus 20:30 e Lucas 18:35), essa diferença não é relevante. Não há contradição: quando se tem dois, também se tem um. Marcos só acrescentou um detalhe não relatado pelos outros escritores. Essa variação será vista novamente quando estudarmos a narrativa de Pedro negando a Cristo.

³³O aparecimento de Jesus às quinhentas pessoas de uma só vez (1 Coríntios 15:6) provavelmente foi na Galiléia.

³⁴Jesus usou antes a palavra “espada” referindo-se ao conflito que surgiria por causa do evangelho (Mateus 10:34). Ele estava tentando preparar os apóstolos para os problemas que enfrentariam.

não puderam entender (veja Lucas 22:49–51) — assim como não entenderam o que Ele disse a respeito de Sua morte iminente.

UM NOVO SENTIDO

(MATEUS 26:26–29; MARCOS 14:22–25;
LUCAS 22:19, 20; 1 CORÍNTIOS 11:23–26)

Antes que a ceia de Páscoa chegasse ao fim³⁵, Jesus instituiu o memorial mais duradouro de todos os tempos: a ceia do Senhor³⁶. “Enquanto comiam, tomou Jesus um pão” (Mateus 26:26a; veja Marcos 14:22; Lucas 22:19), o pão sem fermento usado na Páscoa. “E, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim” (1 Coríntios 11:24).

Quando Jesus disse: “Isto é o meu corpo”, Ele estava usando uma figura de linguagem³⁷, a mesma figura que usamos quando mostramos a alguém uma foto e dizemos: “São meus filhos”. Cristo estava dizendo que o pão *representava* o Seu corpo, que seria pendurado numa cruz romana. “Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice³⁸” (1 Coríntios 11:25a). Era um cálice cheio do “fruto da videira” (Mateus 26:29). “E, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos³⁹ porque isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança⁴⁰, derramado em favor de muitos, para re-

missão de pecados” (Mateus 26:27, 28; veja Marcos 14:24; Lucas 22:20). Ao fazer esta declaração, Jesus revelou que o propósito principal da Sua morte era garantir o perdão dos pecados àqueles que fizessem a Sua vontade (veja 1 Coríntios 15:3; Efésios 1:7).

Ele instruiu os onze: “...fazei isto... em memória de mim” (1 Coríntios 11:25b). A seguir, acrescentou: “E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai” (Mateus 26:29). Como já observamos, a manifestação terrena do reino é a igreja. Cada vez que a igreja se reúne para participar da ceia do Senhor, ela comunga com Cristo. Paulo escreveu: “Porventura, o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo?” (1 Coríntios 10:16, 17).

Cristo idealizou a ceia do Senhor para ser um memorial perpétuo até a Sua volta (1 Coríntios 11:26). A igreja primitiva participava desse banquete memorial todo primeiro dia da semana⁴¹, e essa prática continua até hoje.

CONCLUSÃO

Estivemos examinando as primeiras horas de “uma noite inesquecível”. Na próxima lição, continuaremos nossa análise dessa noite memorável estudando o discurso de despedida de Jesus, registrado em João 14 a 16 e Sua oração intercessória em João 17. Esperamos que esta lição tenha ajudado a tornar este dia “um dia inesquecível” na *sua* vida.

³⁵O momento preciso da noite em que Jesus instituiu a ceia é desconhecido. Onde Mateus e Marcos dizem “enquanto comiam” (Mateus 26:26; Marcos 14:22) Paulo indicou que foi “depois de haver[em] ceado” (1 Coríntios 11:25). Parece que a santa ceia foi instituída perto ou justamente no encerramento do jantar de Páscoa.

³⁶Veja mais sobre a instituição da ceia do Senhor no artigo adicional sobre esse jantar memorial, na página 32 desta edição.

³⁷Essa figura de linguagem se chama “metáfora”. Uma metáfora é uma figura de linguagem comum em que uma coisa é comparada à outra sem o uso dos termos comparativos “como” ou “assim como”. A Bíblia está repleta de metáforas. Por exemplo, Jesus chamou Herodes de raposa (Lucas 13:31, 32). Ele não disse que Herodes era *como* uma raposa (a isto denominamos *símile*), e sim que ele *era* uma raposa (uma metáfora).

³⁸Alguns especulam que este seria o terceiro cálice do jantar de Páscoa, que tradicionalmente lembrava os israelitas da terceira promessa de Deus em Êxodo 6:6, 7: “...vos resgatarei”. As palavras dessa promessa são apropriadas para a ceia do Senhor, mas é difícil conciliar a idéia de que esse era o terceiro cálice de uma série de quatro com o fato de Paulo afirmar que Jesus tomou o cálice “depois de haver ceado” (1 Coríntios 11:25).

³⁹Isto não significa: “Esvaziem o cálice”, e sim: “Todos vocês bebam dele”.

⁴⁰Tanto o Antigo como o Novo Testamentos foram confirmados pelo derramamento de sangue (veja Hebreus 9:18, 20, 22; 10:29).

⁴¹A refeição de Páscoa normalmente durava de duas a três horas..

“Fazei isto em memória de mim”

(roteiro para um culto dominical)

Cântico.

Oração.

Comentário:

Quando assistimos a um filme sobre um acontecimento histórico, somos transportados para aquela época como se estivéssemos presentes e fôssemos testemunhas das ações. Algo semelhante acontece todos os domingos, quando nos reunimos em torno da mesa do Senhor. C. A. Brown captou essa idéia com as seguintes palavras:

Não muito tempo atrás, eu viajei pelos séculos nas asas da fé e visitei “a Terra Santa”. Percorri toda a extensão da terra prometida — a terra que “mana leite e mel”. De Dã a Berseba, explorei o território onde Abraão, Isaque e Jacó viveram um dia. Ouvi os anjos cantarem com indizível alegria quando Cristo nasceu e, deslumbrado, vi o Rei recém-nascido.

Caminhei com Jesus enquanto Ele andava por toda parte fazendo o bem e curando a todos que estavam oprimidos pelo diabo. Ouvi Suas palavras maravilhosas de vida e vi Sua compaixão levantar mortos. Segui suas pegadas pelas areias do mar da Galiléia e vi Jesus repreendendo a natureza e acalmando as ondas. Entrei com Ele nas casas dos pobres e humildes e O ouvi pregar as boas novas do reino vindouro.

Indignado e ao mesmo tempo triste, vi Judas trair seu Mestre por algumas moedas de prata. Assisti com angústia eles conduzirem nosso Salvador até Pilatos, e ouvi as falsas testemunhas testificarem contra Aquele que não tinha pecado. Vi os soldados colocarem a coroa de espinhos naquela nobre cabeça e cuspirem naquele rosto santo. Ouvi a multidão gritar pelo sangue de Jesus e os seguiu enquanto O impeliavam para ser crucificado. Ouvi as batidas pesadas dos martelos à medida que os soldados enfiavam os cravos na carne trêmula até penetrarem a madeira, mas não ouvi um murmúrio sequer dAquele que foi pregado numa cruz.

Eu vi o olhar desamparado de consternação no rosto de Maria, quando a “espada transpassou-lhe a alma” e ouvi o Filho de Deus dizer: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. Eu vi o sol escurecer e os elementos da natureza aparentemente se revoltarem diante da terrível cena do lado de fora dos portões da cidade. Assisti a mãos ternas removerem do madeiro o corpo sem vida e o colocarem amavelmente

num sepulcro novo.

Na manhã do terceiro dia, olhei com assombro para dentro do túmulo e ouvi as palavras arrepiantes: “Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Vinde ver onde ele jazia”. Juntamente com os discípulos, subi o monte das Oliveiras e contemplei Jesus subindo de volta ao Pai. Ouvi o anjo dizer: “Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir”.

Sim, eu estava lá. Eu revivi essas cenas extraordinárias retratadas tão vividamente no Novo Testamento. Eu estava lá — no último dia do Senhor, eu O encontrei na Sua mesa quando Ele ordenou: “Fazei isto em MEMÓRIA de mim”.¹

Crendo que a ceia do Senhor é essencial a nossa vivência cristã, focalizaremos este culto de adoração nesse banquete memorial. À medida que partilharmos o que a Bíblia ensina, tentaremos responder algumas perguntas que as pessoas geralmente fazem a respeito deste momento de comunhão².

A ceia do Senhor foi instituída por Jesus há quase dois mil anos. A ocasião era o banquete de Páscoa comido por Cristo e os apóstolos algumas horas antes de Cristo ser morto. O relato bíblico encontra-se em Mateus 26, Marcos 14, Lucas 22 e 1 Coríntios 11. Ouçamos com reverência a leitura de 1 Coríntios.

Leitura Bíblica: 1 Coríntios 11:23–29.

Cântico.

Comentário:

Os seres humanos se esquecem tão rapidamente das coisas! É por causa disso que estabelecemos memoriais, como monumentos e cerimônias: para refrescar nossa memória. Cada cidade possui seus memoriais. Um exemplo mundialmente famoso é o palácio Taj Mahal, erigido por um príncipe indiano como sepulcro para sua esposa. A Bíblia fala

¹Adaptado de “I Was There” (“Eu Estava Lá”), informativo semanal nº 10 da igreja de Cristo Francis, Oklahoma City, Oklahoma, E.U.A., c. 1956–60.

²Uma das fontes usadas neste sermão foi George W. DeHoff, *Gospel Sermons* (“Sermões Evangelísticos”). Murfreesboro, Tenn.: DeHoff Publications, 1953, pp. 168–82.

de muitos memoriais, incluindo o arco-íris que nos faz lembrar da bondade de Deus (Gênesis 9:8–17), as pedras de Jacó que serviam para lembrá-lo que Deus estava com ele (Gênesis 28:10–22) e o banquete de Páscoa, que comemorava a libertação dos israelitas da escravidão egípcia (Êxodo 12:14). Hoje, nós erigimos lápides em cima dos túmulos de nossos entes queridos para que eles sejam lembrados. Jesus, entendendo que a nossa memória é curta, instituiu o maior memorial de todos os tempos: a ceia do Senhor.

Jesus poderia ter escolhido, para esse memorial, qualquer material que Ele quisesse, mármore, metais preciosos, jóias inestimáveis — tudo isto poderia ter sido usado, pois Ele é digno do memorial mais ostentoso já construído. Todavia, Jesus escolheu dois elementos muitíssimo comuns na terra.

1) O *pão*. “Enquanto comiam, tomou Jesus um pão, e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo” (Mateus 26:26). Talvez o pão seja o alimento mais universal existente, quase todo mundo come pão. O trigo, ingrediente básico da maioria dos pães, é um dos grãos mais comuns em todo o planeta.

Que tipo de pão Cristo usou? Só os mal informados utilizam qualquer tipo de pão — biscoitos tipo “cream cracker”, pão francês ou outro pão com fermento — para celebrar a ceia do Senhor. É importante lembrarmos que Jesus instituiu a ceia durante o jantar de Páscoa (Mateus 26:19). Durante esse banquete, todo tipo de levedura era retirado da casa (Êxodo 12:15); o único pão usado durante o banquete era o pão sem fermento, também chamado de asmo (Êxodo 12:8). Foi *esse* o pão usado na instituição da ceia do Senhor. O pão sem fermento é especialmente adequado para representar o corpo de Jesus: no Novo Testamento, o fermento geralmente é usado para representar a influência invasiva do pecado (veja 1 Coríntios 5:8). O pão sem fermento é um símbolo perfeito do corpo de Cristo isento de pecado (Hebreus 4:15)³.

2) O *fruto da videira*.

A seguir, tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados. E digo-vos que, desta hora

³Se quiser, acrescente um breve comentário sobre o pão usado em sua congregação. Alguns cristãos fazem seu próprio pão, muitas congregações compram em sinagogas judaicas caixas de *matzo*, uma espécie de bolacha sem fermento fabricada por judeus para a refeição de Páscoa.

em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai (Mateus 26:27–29).

Naquele tempo e lugar, o “fruto da videira” era uma referência à uva. Devemos observar que a palavra grega para “vinho” (*oinos*) não é usada nas passagens sobre a ceia do Senhor, e sim “fruto da videira”, um termo que inclui suco de uva. As uvas também são um alimento comum; embora não sejam universais como o trigo, podem ser compradas na maior parte dos lugares⁴. Novamente, “o fruto da videira” é apropriado para esta parte da adoração. Coincidência ou não, a coloração avermelhada da maioria dos sucos de uva⁵ remete a maioria de nós ao sangue de Jesus.

Jesus instituiu este simples memorial usando dois ingredientes simples: pão sem fermento e o fruto da videira. Infelizmente, ele é simples demais para alguns que transformaram a santa ceia num ritual místico. Desenvolveram uma cerimônia elaborada em cima de uma doutrina não-bíblica chamada “transubstanciação”, na qual (afirmam eles) o pão se transforma literalmente na carne de Jesus e o vinho se transforma literalmente no sangue de Jesus. (Admitem estes que tais elementos mantêm a aparência e o sabor de pão e vinho, mas insistem que são a carne e o sangue literais do Senhor.) Em defesa dessa posição, salientam que Jesus disse: “Este é o meu corpo” e “este é o meu sangue” (Mateus 26:26, 28; grifo meu).

É preciso haver bom senso para se interpretar a Bíblia. Jesus estava diante dos discípulos — Seu corpo, intacto e Seu sangue corria pelas veias — Ele não poderia estar querendo dizer que o pão e o vinho eram literalmente Seu corpo e sangue. Ele usou aqui uma figura de linguagem muito recorrente em suas falas. Ele disse: “Eu *sou* a videira” e “Eu *sou* a porta” (João 15:5; 10:9; grifo meu)⁶. Ele também não quis dizer que Ele era literalmente a videira (Ele não tinha cachos de uva pendurados em Seu corpo) nem que era literalmente uma porta (Ele não estava preso por dobradiças). O que Jesus queria dizer é que havia pontos de semelhança entre Ele e uma videira, entre Ele e uma porta.

⁴Quem mora em regiões onde não se pode comprar suco de uva ou uvas frescas geralmente utiliza uvas-passas para fazer um tipo de suco de uva reconstituído.

⁵Isto não significa que só o suco de uva tinto pode ser usado. Qualquer tipo de suco de uva serve, mas muitos preferem o tinto.

⁶Há muitos exemplos dessa figura de linguagem no Novo Testamento (veja Lucas 8:11; 1 Coríntios 10:4).

Esta figura de linguagem é comum. Se lhe mostrarem uma foto e disserem: “Esta é minha esposa”, você não vai pensar que a foto em si é a esposa. Você vai entender que a foto é uma *representação* da esposa. Do mesmo modo, o pão e o fruto da videira são uma representação do corpo e do sangue do nosso Senhor.

Jesus usou os itens mais perecíveis para estabelecer o memorial mais imperecível de todos os tempos. Pedras sofrem erosões com o tempo, metais preciosos se desgastam, jóias podem ser roubadas, mas trigo e uvas continuam existindo. Não temos de fazer uma peregrinação até Jerusalém ou algum local remoto para visitar esse memorial; ele está prontamente disponível a todos. É acessível; até os pobres podem comprar esses dois ingredientes simples. Esse memorial é um exemplo do espírito puro, divino e inspirado.

Cântico.

Oração.

Comentários:

As pessoas fazem perguntas sobre a ceia do Senhor. Por exemplo, elas ouvem termos como “eucaristia” e “sacramento” e se perguntam: “Como essa cerimônia *deveria* se chamar?” Na Bíblia, há quatro termos referentes a esse memorial: “a ceia do Senhor” (1 Coríntios 11:20); “o partir do pão” (Atos 2:42; veja Atos 20:7); “comunhão” (1 Coríntios 10:16⁷) e “a mesa do Senhor” (1 Coríntios 10:21). Agimos bem quando optamos pela terminologia bíblica (1 Pedro 4:11).

Talvez a pergunta feita com mais frequência seja: “Quando devemos partir o pão?” Quando Jesus instituiu o memorial, Ele disse: “Porque, *todas as vezes* que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor...” (1 Coríntios 11:26; grifo meu), sem dizer quantas vezes ou quando. Alguns concluíram com isto que podem participar da ceia quando assim o desejarem. Certas igrejas anunciam: “Domingo — Santa Comunhão [horário]; Quarta-feira — Santa Comunhão [horário]”.

A resposta bíblica sobre “quando” devemos partir o pão encontra-se no exemplo da igreja primitiva: os cristãos participavam da ceia do Senhor no “primeiro dia da semana” (Atos 20:7), o dia especial de reunião pública para a igreja do primeiro século (1 Coríntios 16:1, 2). Não há precedente bíblico para a celebração da ceia em outro dia, senão o primei-

⁷A palavra grega traduzida por “comunhão” significa “ter em comum”. A NVI traduz esse termo por “participação” em 1 Coríntios 10:16.

ro dia da semana. Esse primeiro dia da semana (o dia que chamamos de domingo) remete os cristãos a lembranças especiais: Cristo reviveu no primeiro dia da semana e apareceu aos Seus discípulos nesse dia (Mateus 28:1–6 e João 20:26). A igreja foi estabelecida no primeiro dia da semana (Atos 2:1–4; Levítico 23:15, 16).

As informações bíblicas também indicam que a igreja primitiva participava da ceia do Senhor todo primeiro dia da semana: eles se reuniam todo “primeiro dia da semana” (1 Coríntios 16:2)⁸ e, quando o faziam, era “*com o fim de* partir o pão” (Atos 20:7; grifo meu). Uma vez que a adoração no dia do Senhor tinha como ponto central o momento de comunhão, a observância certamente era semanal. Esta conclusão é confirmada pelos escritores cristãos não-inspirados dos primeiros séculos da igreja⁹. O historiador John Laurence Mosheim escreveu: “A adoração cristã consistia de hinos, orações, leitura das Escrituras, um discurso direcionado às pessoas presentes e, por fim, a celebração da ceia do Senhor”¹⁰.

Outra pergunta pertinente é: “*Para quem* se destina esse memorial?” Cristo disse que o fruto da videira representa Seu “sangue” que foi “derramado em favor de muitos, para remissão de pecados” (Mateus 26:28). Sendo assim, ele tem uma importância especial para os que provaram do perdão concebido por esse sangue (Atos 2:38; 20:28; Apocalipse 1:5, 6). Além disso, Jesus mostrou que a ceia é uma instituição do reino (Mateus 26:29). Uma vez que o reino é a igreja (Mateus 16:18, 19), o memorial é para os membros da igreja do Senhor. Em algumas partes do mundo, somente cristãos são convidados para o momento da ceia, mas a maioria das congregações acredita que 1 Coríntios 11:28 pode ser aplicado a esta situação: “Cada um examine-se a si mesmo”¹¹. Por isso, permitem que, durante a celebração da ceia, cada pessoa presente decida se quer ou não participar.

⁸O texto bíblico diz apenas “no primeiro dia da semana”, mas como toda semana contém um primeiro dia, a instrução é para todo primeiro dia. Veja um paralelo no Antigo Testamento em Êxodo 20:8: “Lembra-te *do* dia de sábado” significava que todo sétimo dia da semana deveria ser santo.

⁹Entre esses escritores estava Justino Mártir (*Apologia* 1.67).

¹⁰John Laurence Mosheim, *An Ecclesiastical History, Ancient and Modern* (“História Eclesiástica, Antiga e Moderna”), trad. Archibald Maclaine, vol. 1. Nova York: Harper & Brothers, 1871, p. 303.

¹¹No contexto, a passagem está se referindo a “como” e não “quem”, mas pode-se fazer uma aplicação mais ampla.

Cântico.

Comentários:

Chegamos agora à pergunta mais importante: “Qual é o *propósito* da ceia do Senhor?” Novamente, alguns, insatisfeitos com “a simplicidade” (2 Coríntios 11:3) do formato proposto por Deus, atribuem bênçãos místicas a essa ocasião. Há quem até ensine que o propósito da participação é obter a remissão ou perdão dos pecados.

Como já mencionamos, segundo o Novo Testamento, a ceia do Senhor é um memorial. A maioria de nós temos lembranças — fotos e outros lembretes — para nos ajudar a lembrar de pessoas especiais e de acontecimentos especiais. Da mesma forma, nós nos reunimos em torno da mesa do Senhor para lembrar dEle e do Seu sacrifício. Já foi sugerido que, quando participamos da comunhão, devemos lançar um olhar para cinco direções:

- Devemos olhar *para trás*: para a cruz e lembrar o que Jesus fez por nós.
- Devemos olhar *para cima*: para Jesus, que está agora no céu. Participando da ceia do Senhor, nós confirmamos que Ele ressuscitou dos mortos e subiu ao Pai. A celebração da ceia nos ratifica, então, que Cristo está à direita do Pai, intercedendo por nós (Romanos 8:34).
- Devemos olhar *para frente*: para a segunda vinda de Cristo. Paulo escreveu que estamos proclamando a morte do Senhor “até que ele venha” (1 Coríntios 11:26). Num sentido, a celebração da comunhão age como um penhor da Sua volta. Ao participar, temos um antepasto da “ceia das bodas” no céu, onde nos assentaremos em comunhão com Ele (Apocalipse 19:7, 9).
- Devemos olhar *para os lados*: para nossos amigos cristãos. Não comungamos somente com Cristo, mas também uns com os outros ao participarmos do “cálice da bênção” e do “pão” (1 Coríntios 10:16). “Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão” (1 Coríntios 10:17).
- Devemos olhar *para dentro* de nós, enquanto fazemos um auto-exame. “Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice” (1 Coríntios 11:28).

Como devemos nos *preparar* para esse magnífico memorial? É necessário haver uma preparação para essa participação. Em geral, devemos preparar

nossos corações e vidas para a ceia do Senhor assim como devemos nos preparar para todas as expressões de adoração ao Todo-Poderoso. Paulo disse aos coríntios: “Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios¹²” (1 Coríntios 10:21). Seria inconsistente eles prestarem sacrifício a um ídolo no sábado e participarem da ceia do Senhor no domingo seguinte. Da mesma forma, devemos nos esforçar ao máximo para conduzir nossas vidas de maneira consistente com os princípios de Cristo.

Também precisamos fazer uma outra preparação especial para participarmos da mesa do Senhor. Trata-se da preparação dos nossos corações, assumindo a devida disposição de ânimo. Recordemos o que Paulo escreveu em 1 Coríntios 11:

Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice; pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si (vv. 27–29).

Observemos o termo “indignamente”. Já ouvi dirigentes afirmarem que precisamos ser “dignos” de participar da ceia — mas o termo usado na passagem não é “indigno”, e sim “indignamente”. A referência não é ao nosso caráter, mas *à maneira como participamos* do pão e do fruto da videira. “Indignamente” significa “*de modo indigno*”. Nenhum de nós é digno de participar da comunhão, mas todos nós podemos participar de um modo digno nos concentrando no que ela representa.

A maioria dos cristãos desenvolve seus próprios meios de se concentrar no sacrifício de Jesus no momento da comunhão. Já sugerimos um olhar para cinco direções e queremos acrescentar mais algumas idéias. Alguns visualizam a cruz mentalmente e o sofrimento de Cristo. Alguns se concentram na importância da cruz — o que ela significa para eles¹³ e para outros cristãos. Alguns lêem passagens bíblicas sobre a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo. Outros lêem as letras de hinos famosos que exprimem o que o Senhor fez por nós. Não existem duas pessoas idênticas; cada uma terá um jeito

¹²“O cálice dos demônios” e “a mesa dos demônios” referiam-se ao alimento sacrificado a ídolos.

¹³A ceia do Senhor coloca tudo sob uma nova perspectiva. Ficamos estressados com pequenos problemas, mas a celebração da ceia nos faz lembrar o que é verdadeiramente importante.

diferente de fazer seu auto-exame¹⁴. Independentemente do método escolhido, devemos passar os minutos da celebração da ceia concentrando nossos pensamentos no sacrifício do Senhor.

Ceia do Senhor.

Opcional: Breve comentário sobre a coleta.

Coleta.

Encerramento e convite:

Participar da ceia do Senhor no Dia do Senhor, domingo, é muito importante. Quando optamos pela ausência à mesa do Senhor...

- Ignoramos um mandamento de Cristo. Jesus disse: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (João 14:15; veja João 15:14).
- Perdemos uma oportunidade de lembrar do Senhor. Ele disse: “...faça isto em memória de mim” (1 Coríntios 11:24).
- Negligenciamos uma oportunidade de proclamar a Sua morte. Jesus disse que toda vez que comemos o pão e bebemos o cálice, anunciamos a Sua morte (1 Coríntios 11:26).
- Demonstramos que o sangue de Jesus significa pouco para nós. Colocamo-nos lado a lado com quem “profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado” (Hebreus 10:29).
- Somos maus exemplos para outros cristãos, especialmente os novos na fé. Cristo disse que se fizermos um crente tropeçar, seria melhor que tivéssemos uma pedra de moinho pendurada em volta do pescoço e fôssemos jogados nas profundezas do mar

¹⁴Alguns sugerem que se cantem hinos sobre a cruz enquanto a ceia é passada ou que se leiam passagens apropriadas em voz alta. Essas atividades podem ajudar alguns a se concentrarem no memorial de um modo bíblico, mas também podem distrair outros. A ceia é melhor servida em silêncio, de maneira que cada um tenha comunhão com o Senhor ao seu próprio modo.

(Mateus 18:6).

- Anunciamos aos outros que nossa religião é uma religião de conveniência, e não de convicção. Demonstramos que nossas prioridades estão erradas, que não aprendemos a colocar as coisas mais importantes em primeiro lugar (Mateus 6:33).

Quando negligenciamos a adoração com os santos e deixamos de participar da ceia do Senhor, precisamos confessar esse erro perante nossos irmãos e irmãs — e perante Deus (Hebreus 10:25, 26; Tiago 5:16).

Se você é um cristão, pergunte a si mesmo: “Eu tenho sido um participante casual da mesa do Senhor?” Se a resposta for positiva, confesse seu erro, peça as orações de outros cristãos e rogue a Deus por perdão (Atos 8:22; 1 João 1:9). Se você não é um cristão, você *precisa* de tudo o que Cristo pode lhe dar — incluindo a força que emana da comunhão semanal com Ele. Você precisa ser batizado (imerso) nEle como alguém que crê nEle e está disposto a mudar de vida (Gálatas 3:26, 27; Marcos 16:15, 16; Atos 2:38). Se você deseja atender ao convite do Senhor, *agora* é o momento de fazê-lo.

Cântico de Convite.

Cântico Final.

Oração Final.

Atribuição de Leitura nº. 35

João 14:1–31; 15:1–27;
16:1–33; 17:1–26

João 14:1–31

¹Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim.

²Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar.

³E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também.

⁴E vós sabeis o caminho para onde eu vou.

⁵Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho?

⁶Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.

⁷Se vós me tivésseis conhecido, conheceríeis também a meu Pai. Desde agora o conheceis e o tendes visto.

⁸Replicou-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta.

⁹Disse-lhe Jesus: Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai?

¹⁰Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras.

¹¹Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras.

¹²Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai.

¹³E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho.

¹⁴Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei.

¹⁵Se me amais, guardareis os meus mandamentos.

¹⁶E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco,

¹⁷o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós.

¹⁸Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros.

¹⁹Ainda por um pouco, e o mundo não me verá mais; vós, porém, me vereis; porque eu vivo, vós também vivereis.

²⁰Naquele dia, vós conhecereis que eu estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós.

²¹Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele.

²²Disse-lhe Judas, não o Iscariotes: Donde procede, Senhor, que estás para manifestar-te a nós e não ao mundo?

²³Respondeu Jesus: Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada.

²⁴Quem não me ama não guarda as minhas palavras; e a palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai, que me enviou.

²⁵Isto vos tenho dito, estando ainda convosco;

²⁶mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.

²⁷Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.

²⁸Ouvistes que eu disse: vou e volto para junto de vós. Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai, pois o Pai é maior do que eu.

²⁹Disse-vos agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós creiais.

³⁰Já não falarei muito convosco, porque aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em mim;

³¹contudo, assim procedo para que o mundo saiba que eu amo o Pai e que faço como o Pai me ordenou. Levantai-vos,

vamo-nos daqui.

João 15:1–27

¹Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor.

²Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda.

³Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado;

⁴permaneci em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim.

⁵Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.

⁶Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam.

⁷Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito.

⁸Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos.

⁹Como o Pai me amou, também eu vos amei; permaneci no meu amor.

¹⁰Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço.

¹¹Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo.

¹²O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.

¹³Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos.

¹⁴Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando.

¹⁵Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer.

¹⁶Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário,

eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda.

¹⁷Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros.

¹⁸Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim.

¹⁹Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia.

²⁰Lembra-vos da palavra que eu vos disse: não é o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa.

²¹Tudo isto, porém, vos farão por causa do meu nome, porquanto não conhecem aquele que me enviou.

²²Se eu não viera, nem lhes houvera falado, pecado não teriam; mas, agora, não têm desculpa do seu pecado.

²³Quem me odeia odeia também a meu Pai.

²⁴Se eu não tivesse feito entre eles tais obras, quais nenhum outro fez, pecado não teriam; mas, agora, não somente têm eles visto, mas também odiado, tanto a mim como a meu Pai.

²⁵Isto, porém, é para que se cumpra a palavra escrita na sua lei: Odiaram-me sem motivo.

²⁶Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim;

²⁷e vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio.

João 16:1–33

¹Tenho-vos dito estas coisas para que não vos escandalizeis.

²Eles vos expulsarão das sinagogas; mas vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus.

³Isto farão porque não conhecem o Pai, nem a mim.

⁴Ora, estas coisas vos tenho dito para que, quando a hora chegar, vos recordeis de que eu vo-las disse. Não vo-las disse

desde o princípio, porque eu estava convosco.

⁵Mas, agora, vou para junto daquele que me enviou, e nenhum de vós me pergunta: Para onde vais?

⁶Pelo contrário, porque vos tenho dito estas coisas, a tristeza encheu o vosso coração.

⁷Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei.

⁸Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo:

⁹do pecado, porque não crêem em mim;

¹⁰da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais;

¹¹do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.

¹²Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora;

¹³quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir.

¹⁴Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.

¹⁵Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.

¹⁶Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis.

¹⁷Então, alguns dos seus discípulos disseram uns aos outros: Que vem a ser isto que nos diz: Um pouco, e não mais me vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis; e: Vou para o Pai?

¹⁸Diziam, pois: Que vem a ser esse — um pouco? Não compreendemos o que quer dizer.

¹⁹Percebendo Jesus que desejavam interrogá-lo, perguntou-lhes: Indagais entre vós a respeito disto que vos disse: Um pouco, e não me vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis?

²⁰Em verdade, em verdade eu vos digo que chorareis e vos lamentareis, e o mundo se alegrará; vós ficareis tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria.

²¹A mulher, quando está para dar à luz, tem tristeza, porque

a sua hora é chegada; mas, depois de nascido o menino, já não se lembra da aflição, pelo prazer que tem de ter nascido ao mundo um homem.

²²Assim também agora vós tendes tristeza; mas outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém poderá tirar.

²³Naquele dia, nada me perguntareis. Em verdade, em verdade vos digo: se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome.

²⁴Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi e receberéis, para que a vossa alegria seja completa.

²⁵Estas coisas vos tenho dito por meio de figuras; vem a hora em que não vos falarei por meio de comparações, mas vos falarei claramente a respeito do Pai.

²⁶Naquele dia, pedireis em meu nome; e não vos digo que rogarei ao Pai por vós.

²⁷Porque o próprio Pai vos ama, visto que me tendes amado e tendes crido que eu vim da parte de Deus.

²⁸Vim do Pai e entrei no mundo; todavia, deixo o mundo e vou para o Pai.

²⁹Disseram os seus discípulos: Agora é que falas claramente e não empregas nenhuma figura.

³⁰Agora, vemos que sabes todas as coisas e não precisas de que alguém te pergunte; por isso, cremos que, de fato, vieste de Deus.

³¹Respondeu-lhes Jesus: Credes agora?

³²Eis que vem a hora e já é chegada, em que sereis dispersos, cada um para sua casa, e me deixareis só; contudo, não estou só, porque o Pai está comigo.

³³Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.

João 17:1–26

¹Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti,

²assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste.

³E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.

⁴Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer;

⁵e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo.

⁶Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, tu mos confiaste, e eles têm guardado a tua palavra.

⁷Agora, eles reconhecem que todas as coisas que me tens dado provêm de ti;

⁸porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste.

⁹É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus;

¹⁰ora, todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e, neles, eu sou glorificado.

¹¹Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós.

¹²Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura.

¹³Mas, agora, vou para junto de ti e isto falo no mundo para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos.

¹⁴Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou.

¹⁵Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal.

¹⁶Eles não são do mundo, como também eu não sou.

¹⁷Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade.

¹⁸Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.

¹⁹E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade.

²⁰Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra;

²¹a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste.

²²Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos;

²³eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim.

²⁴Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo.

²⁵Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci, e também estes compreenderam que tu me enviaste.

²⁶Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja.

Ajustes de Última Hora

Leitura Bíblica 35

- VII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).
H. Sexta-feira: o dia da morte de Jesus (continuação).
1. A última ceia (continuação).
f. Consolo e advertência aos apóstolos (João 14:1—16:33).
g. A súplica ao Pai (João 17:1—26).

INTRODUÇÃO

Todo mundo que está se preparando para fazer uma grande mudança, normalmente, passa um bom tempo cuidando dos preparativos. Se a mudança for de residência e incluir a família inteira, haverá muitas coisas para se fazer e será uma fase de muita agitação. Ao mesmo tempo, será uma fase de fortes emoções: ansiedade por chegar ao novo endereço, mas também tristeza por deixar para trás amigos e familiares tão importantes. Será também uma fase de preocupações: algumas expectativas serão frustradas e nem todos os integrantes da família reagirão positivamente. Os dias que antecedem mudanças assim vão ficando cada vez mais curtos e cheios de oração.

O paralelo está longe de ser perfeito, mas a situação descrita acima é semelhante à enfrentada por Jesus quando Sua morte estava se aproximando. Na passagem que estudaremos, Jesus enfatizou aos discípulos que era chegada Sua hora de partir (João 14:2, 3, 12, 19, 28, 30; 16:7, 16, 28; 17:1, 13; veja 13:33). Num sentido, João 14 a 17 descreve Jesus providenciando “preparativos de última hora”. O texto começa com “o grande discurso de despedida” aos apóstolos (capítulos 14 a 16) e encerra com a oração intercessória do Senhor, também chamada de oração sacerdotal (capítulo 17).

Encontramos dificuldade para abordar João 14 a 17 devidamente. Esta é uma das grandiosas seções de João, um livro repleto de excelentes textos. H. I. Hester chamou esses capítulos de “um dos tesouros mais ricos da fé cristã”¹. John F. Carter disse:

¹H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 199.

“Nessas declarações preciosas... o discípulo amado teve uma percepção da vida emocional do Senhor Jesus que não se encontra em nenhum dos outros evangelhos”². F. LaGard Smith escreveu o seguinte: “Cada palavra que Jesus diz reflete o peso que Ele sente em deixar para esses homens a conclusão da obra que Ele havia iniciado”³.

Tudo que podemos fazer nesta única lição é apresentá-lo a estes importantes capítulos. A partir daí, você poderá passar a vida inteira refletindo neles e sendo abençoado por suas verdades⁴. Em vez de um estudo versículo-por-versículo — ou de uma revisão segmento-por-segmen-to — optamos por destacar alguns temas. Nossa abordagem será enfocar os preparativos necessários para se fazer uma viagem. Vamos sugerir paralelos entre a partida de uma família para um novo endereço e a partida de Jesus deste mundo.

Durante a análise de João 14 a 17, tenhamos em mente que Jesus estava se dirigindo em primeiro lugar e acima de tudo aos Seus apóstolos. É possível se fazer uma aplicação geral de muitos desses versículos, mas devemos ter o cuidado de não reivindicar promessas feitas exclusivamente para os apóstolos (por exemplo, 14:26).

ENCORAJAMENTO SOLIDÁRIO

Partir é difícil para todo mundo. Quando Cristo

²John Franklin Carter, *A Layman's Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, p. 292.

³F. LaGard Smith, *The Narrated Bible in Chronological Order* (“A Bíblia Narrada em Ordem Cronológica”). Eugene, Oreg.: Harvest House Publishers, 1984, p. 1462.

⁴Consulte as edições “Marcos — Parte 3” e “João — Parte 3”, de *A Verdade para Hoje*.

falou em ir embora, os discípulos se entristeceram (João 16:6). Por isso, “o grande discurso de despedida” começou com palavras de encorajamento: “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim” (14:1a). Mais tarde, Jesus acrescentou: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo⁵. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (14:27; veja 16:33). O discurso está repleto de palavras proferidas para consolar e fortalecer. O Senhor garantiu aos apóstolos o Seu amor (15:9, 12) e chamou-os de “amigos” (15:15). Ele prometeu que, embora estivessem tristes naquele momento, a tristeza deles se converteria em alegria (16:20–22; veja 15:11).

Quando Jesus disse essas palavras de encorajamento, Ele estava plenamente ciente de que Lhe restavam poucas horas de vida (veja 14:30; 16:20, 32; 17:1). Entretanto, Ele estava preocupado com Seus apóstolos. O altruísmo e a consideração do Senhor para com os outros devem nos inspirar.

EXPLICAÇÕES IMPORTANTES

Quando uma família anuncia que vai se mudar, uma pergunta que se faz com frequência é: “Por que vocês têm que ir?” A seguir, apresentam-se os motivos da mudança: uma proposta de trabalho, por exemplo.

Cristo também informou a Seus discípulos por que era necessário que Ele partisse. Em primeiro lugar, o plano sempre foi que, após vir à terra, Ele voltaria ao Pai (14:28; 16:5, 28). Naquela ocasião, Ele seria restaurado à Sua glória anterior (17:5). Jesus disse aos discípulos: “Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai” (João 14:28).

Cristo, porém, enfatizou sobretudo os benefícios que a Sua partida proporcionaria aos apóstolos: “Pois vou preparar-vos lugar” (João 14:2). Ele também informou aos discípulos que faria mais por eles à direita de Deus do que se permanecesse na terra. Isto ficou implícito quando ele os instruiu a orarem *em Seu nome*. Até então, a oração não era em nome de Jesus (João 16:24); mas, assim que Ele voltasse ao Pai, passaria a ser o mediador dos Seus seguidores (1 Timóteo 2:5); Ele intercederia por Seus seguidores (Romanos 8:34; Hebreus 7:25; 9:24; 1 João 2:1). Jesus prometeu que, no futuro, aquilo que pedissem

⁵A “paz” que o mundo dá depende de circunstâncias favoráveis, sendo, portanto, temporária. A paz de Jesus não depende de circunstâncias favoráveis — ela vem de dentro — e por isso é duradoura.

em *nome dEle* ser-lhes-ia concedido⁶ (João 14:13, 14; 15:16; 16:23, 24).

Quando Jesus explicou porque estava partindo, a idéia *principal* era que Ele tinha de ir para que o Espírito Santo viesse. Ele disse: “Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros⁷; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei” (16:7). Alguns versículos mais adiante, Cristo identificou esse “Consolador” como “o Espírito” (16:13). Três anos antes, João Batista dissera que ele batizava em água mas o Messias batizaria no Espírito Santo (Marcos 1:8). Esse batismo do Espírito Santo estava a menos de dois meses daquele dia (Atos 1:5, 8; 2:1–4, 33). Jesus julgou conveniente dar aos apóstolos uma explicação preliminar a respeito da nova relação que eles teriam com o Espírito. João 14 a 17 fala mais sobre a obra do Espírito Santo do que todo o restante dos relatos do evangelho.

O envio do Espírito merece uma seção à parte nesta lição (veja o próximo subtópico); por ora, porém, leiamos novamente as palavras de 16:7: “convém-vos que eu vá”. Isto pode estar relacionado à marcante promessa de Jesus em 14:12: “...aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai” (grifo meu). Os apóstolos não fizeram obras (milagres) maiores em termos de *qualidade*⁸, mas podem ter realizado obras maiores em termos de *quantidade* (veja Atos 5:12)⁹. Eles realizaram essas obras (mi-

⁶Essa promessa está condicionada ao cristão viver uma vida que Deus pode abençoar (1 João 3:22) e a pedir “conforme a vontade” de Deus (1 João 5:14). A ênfase na oração “em nome de Jesus” continua por todo o Novo Testamento (veja Efésios 5:20; Colossenses 3:17). Temos de entender que isto significa mais do que meramente dizer as palavras “em nome de Jesus” no fim de uma oração. Orar em nome de Jesus envolve um reconhecimento de quem Cristo é, onde Ele está e o que Ele pode fazer por nós. A oração deve expressar nossa fé e confiança naquele que intercede em nosso favor.

⁷Jesus não explicou por que Ele tinha de ir para que o Espírito viesse. Num trecho anterior do Evangelho de João, o apóstolo escreveu que “o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado” (João 7:39). Por alguma razão, Jesus tinha de morrer, ser ressuscitado e assunto a Deus antes que o Espírito fosse derramado. Talvez a explicação seja que o Espírito só poderia vir revelar o evangelho pleno de Cristo após Sua morte, sepultamento e ressurreição (os principais fatos do evangelho; 1 Coríntios 15:1–4).

⁸Afinal, “o servo não é maior do que seu senhor” (João 13:16).

⁹Muitos escritores acreditam que “outras [obras] maiores” é uma referência à pregação do evangelho e à conversão de milhares.

lagres) através do poder do Espírito (veja Atos 1:8; Romanos 15:19). Cristo enfatizou que Sua partida possibilitaria isso.

CONSOLO FORTALECEDOR

Quando uma família de obreiros está saindo de uma congregação, ela pode encorajar os membros e a liderança local confirmando que logo chegarão substitutos ou que aquela congregação possui membros aptos para assumir os trabalhos.

Da mesma forma, Jesus garantiu a Seus discípulos que não os deixaria “órfãos” (João 14:18), pois mandaria um substituto: o Espírito Santo. Ele disse: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco” (João 14:16). Até então, Jesus havia sido o Consolador deles; logo mais, Ele mandaria um *outro* Consolador, o Espírito. Cristo estivera com eles por apenas três anos, mas o novo Consolador estaria “para sempre” com eles¹⁰.

O Espírito Santo faz parte da “divindade” (Atos 17:29; Romanos 1:20; Colossenses 2:9)¹¹. Ele é uma das pessoas da chamada “Trindade”¹², que consiste no Pai, no Filho e no Espírito Santo (Mateus 28:19). Em João 14:16 cada um dos Três é visto como uma Pessoa exclusiva: “E eu rogarei ao Pai, e ele [o Pai] vos dará outro Consolador [o Espírito Santo]”. O Espírito Santo, para muitos, é a Pessoa mais misteriosa da Divindade. O Próprio Pai é Espírito (João 4:24) e é santo (1 Pedro 1:15). Sendo assim, o conceito que atribuímos ao Pai pode ser transferido ao Espírito Santo e não estaremos tão longe de acertar.

Embora as Três Pessoas da Divindade sejam iguais quanto à natureza e ao poder, parece haver certa divisão de trabalho e responsabilidade. Por exemplo, a inspiração das Escrituras é atribuída ao Espírito Santo (2 Pedro 1:21; veja Marcos 12:36; Atos 1:16; 4:25). João 14 a 16 nos dá uma percepção da Sua atuação na igreja primitiva. Cabe aqui uma rápida leitura de passagens chaves.

João 14:16, 17a: Como já foi visto, Jesus disse aos apóstolos que enviaria “outro Consolador”. A palavra grega traduzida por “Consolador” é “paraclete” (*paracletos*)¹³, que é um termo composto pela forma

¹⁰O Espírito Santo estaria com os apóstolos pelo resto de suas vidas e com os cristãos até o fim do mundo.

¹¹A palavra grega traduzida por “divindade” refere-se ao estado ou às qualidades de Deus. Outra possível tradução seria “a Natureza Divina”.

¹²“Trindade” é uma palavra do latim que significa “três em um” e é uma forma conveniente de se descrever o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

¹³João é o único escritor do Novo Testamento que usa essa palavra. Ele a usou em João 14 a 16 referindo-se ao Es-

piritual de “chamar” (*caleo*) e pela preposição equivalente a “junto de” (*para*). Refere-se “àquele que é chamado para junto de” para ajudar ou prestar assistência. Nenhum vocábulo da língua portuguesa expressa o sentido do termo grego, também traduzido por “Conselheiro” (NVI), “Auxiliador” (NTLH) e “Advogado”¹⁴. Cristo identificou esse Consolador/Conselheiro/Auxiliar/Advogado como “o Espírito da verdade”. Ele é designado nesses termos porque Ele revelou toda a verdade e Ele só diz a verdade (14:26; veja 17:17).

João 14:17b: O mundo (ou seja, o sistema mundano que rejeita Cristo) não estava qualificado para ver, conhecer ou receber o Espírito. Por outro lado, os apóstolos estavam qualificados por causa da fé e da fidelidade deles. No passado, o Espírito Santo estivera *com* eles¹⁵; logo mais, Ele estaria *neles*¹⁶. O cumprimento dessa promessa deu-se cinquenta dias depois, na festa judaica do Pentecostes (Atos 2:1–4, 33).

João 14:26: Jesus havia ensinado muitas coisas aos discípulos, mas Ele estava ciente de que os discípulos não se lembrariam muito bem do que Ele dissera. Eles também precisariam de mais informações; mas Jesus não teria tempo para partilhar algumas dessas informações (14:30), e alguns deles ainda não estavam prontos para ouvi-las (16:12). Quando o Espírito Santo viesse, Ele revelaria aos apóstolos tudo que Deus quisesse que eles soubessem. Essa revelação incluiria se lembrarem do que Cristo lhes ensinara anteriormente.

João 15:26: A principal obra do Espírito Santo seria dar testemunho de Jesus (veja 16:14). Assim como o sol ilumina a terra, o principal propósito da revelação do Espírito seria (e é) exaltar Cristo e o evangelho (veja 1 Coríntios 2:2; 15:1–4)¹⁷.

piritual Santo (14:16, 26; 15:26; 16:7) e em 1 João, referindo-se a Jesus (1 João 2:1).

¹⁴Este último termo é usado na Bíblia inglesa *New Revised Standard Version*.

¹⁵Eles estiveram na presença de Jesus, que era “cheio do Espírito Santo” (Lucas 4:1) e Ele partilhou com eles o poder dado pelo Espírito (Mateus 10:8).

¹⁶O Espírito Santo está em todo cristão (Atos 2:38; 2 Timóteo 1:14), mas não da mesma forma que esteve nos apóstolos. Eles receberam um sopro miraculoso do Espírito (Atos 2:4; veja 5:12).

¹⁷Uma das razões para o Espírito Santo ser “uma incógnita” para alguns é que o Seu propósito ao vir a terra não era revelar-Se. Há muitas referências no Novo Testamento ao Espírito, mas não a total revelação que temos em relação ao Pai e ao Filho. Estudar o que o Novo Testamento diz sobre o Espírito tem o seu valor, mas precisamos ter o cuidado de enfatizar somente o que o Próprio Espírito enfatizou, e não exaltar a Ele nem às obras dEle acima do Pai e do Filho.

João 16:7–14: Quando o Espírito Santo viesse, Ele faria algo pelo mundo incrédulo e algo pelos apóstolos: 1) Ele convenceria “o mundo do pecado, da justiça e do juízo”. O Espírito Santo não “convenceria o mundo” levitando como um fantasma do Norte ao Sul do planeta¹⁸. Ele convenceria os pecadores por meio da Palavra que Ele inspirou (17:20). 2) Ele guiaria os apóstolos “a toda a verdade”, dizendo somente o que o Pai lhe mandara dizer¹⁹. “Toda a verdade” revelada aos apóstolos foi registrada²⁰, e nós temos acesso a essa verdade hoje, nas páginas do Novo Testamento. A revelação de Deus para nós é total, sendo desnecessária qualquer revelação adicional (veja Judas 3; 2 Pedro 1:3; Gálatas 1:6–9).

GARANTIA DE SATISFAÇÃO

Quando, por exemplo, é hora do missionário ou pregador se mudar para outra congregação ou cidade, além de dizer aos membros daquela congregação que eles ou o novo substituto serão capazes de levar o trabalho adiante, esse pregador muitas vezes precisa garantir aos membros que se encontrarão novamente — se não nesta vida, na próxima. Anos depois, ele certamente voltará para fazer uma visita e rever todos os antigos amigos. Enquanto se preparava para deixar os discípulos, Jesus prometeu que estaria com eles novamente (veja, por exemplo, João 14:3; 16:22). Em João 14 a 16, Cristo falou aos apóstolos a respeito de Sua volta em pelo menos três sentidos:²¹

- Após a ressurreição, Jesus estaria com eles por quarenta dias até a Sua ascensão. Este fato parece ser a principal ênfase de 16:16–22²².
- Após a ascensão, Jesus estaria com os discípulos espiritualmente (Mateus 18:20; 28:20). Jesus relacionou esta verdade à vinda do Es-

¹⁸ Adaptado de Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* (“Comentário Bíblico Expositivo”), vol. 1. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, p. 362.

¹⁹ Em João 16:13, a ERC diz “ele não falará de si mesmo”, dando a impressão de que o Espírito nada diria sobre Si mesmo, mas esta não é a interpretação correta (veja a nota de rodapé 17). Uma tradução mais precisa seria “não... por iniciativa própria”.

²⁰ A palavra “Escrituras” refere-se à Palavra de Deus escrita (veja 2 Pedro 3:15, 16).

²¹ Nem sempre é fácil definir qual sentido Jesus tinha em mente em determinada referência.

²² Jesus foi deliberadamente obscuro nessa passagem (veja 16:25), mas a perspectiva de que Ele estava falando de Seus aparecimentos após a ressurreição parece enquadrar-se melhor ao uso que Ele fez das palavras “um pouco, e não mais” (16:16–19).

pírito (João 14:18, 23). Uma das designações do Espírito Santo é “o Espírito de Cristo” (Romanos 8:9; Filipenses 1:19; 1 Pedro 1:11).

- Um dia, Jesus voltará para chamar os Seus (em Sua segunda vinda). Essa promessa era o que Jesus tinha de mais importante em mente em João 14:3.

INSTRUÇÕES IMPORTANTES

Muitos missionários, antes de se despedirem do campo de trabalho para voltar para casa, são martelados por uma pergunta: “Qual instrução devo deixar para esses irmãos?” Um missionário dificilmente saberá se os membros vão se lembrar de suas instruções, mas a maioria deles geralmente tenta passar uma mensagem significativa e marcante. Jesus tinha muitas verdades para partilhar com os discípulos na última noite antes de Sua morte. Muito do que Ele disse pode ser classificado em duas categorias. Ele, na verdade, estava dizendo:

1) “Vocês precisam manter um bom relacionamento comigo.” João 15 começa com a alegoria da videira e dos ramos²³. Cristo disse aos discípulos: “Eu sou a videira, vós sois os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (v. 5). Assim como os nutrientes vitais fluem da videira para os ramos, nossa vida espiritual vem do Senhor. Sublinhemos as palavras de Jesus em nossas mentes: “Sem mim nada podeis fazer”. Sem Cristo não podemos fazer um pouco; sem Jesus, *nada* podemos fazer. É imperativo que permaneçamos perto dEle. Cristo sabia como seria fácil seus seguidores se dispersarem (16:32; veja Mateus 26:31). Ele implorou que permanecessem nEle e no Seu amor (João 15:4–7, 9, 10). No texto de João, Ele deu duas sugestões práticas sobre como manter um relacionamento bom com Ele.

Jesus mostrou que devemos *fortalecer nossa fé*. João 14 começa enfatizando a fé: “...credes em Deus, crede também em mim” (v. 1). Um pouco depois, Ele disse: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (14:6). E então acrescentou: “Quem me vê a mim vê o Pai” (14:9). Nós acreditamos nessas grandiosas verdades? Se desejamos manter um bom relacionamento com o Senhor, nada poderá substituir uma fé forte²⁴.

Jesus também disse que Seus seguidores deveriam *entesourar Sua Palavra*. A fé em Cristo é insepa-

²³ Veja mais sobre esta passagem no próximo sermão desta edição.

²⁴ Veja outras passagens de João sobre fé em 16:30, 31; 17:8, 20, 21.

rável da Sua Palavra. A fé vem dessa Palavra (17:20; veja Romanos 10:17). Jesus enfatizou a importância de conhecer Sua Palavra e obedecer a ela. Ele disse aos discípulos: “Se... as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito” (João 15:7). E tornou a dizer: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada” (14:23; veja também 14:15, 24; 15:10, 14). Ele deu exemplos específicos de como Seus seguidores devem ser. Devemos, por exemplo, ter uma vida frutuosa (15:8, 16)²⁵ e partilhar nossa fé com os outros²⁶.

2) “*Vocês precisam manter bons relacionamentos entre si.*” Para mantermos um bom relacionamento com o Senhor, precisamos manter bons relacionamentos uns com os outros (veja 1 João 4:20). Os apóstolos haviam se dividido (Lucas 22:24); a única esperança de sobreviverem aos ataques do maligno era permanecerem unidos (17:11; veja também 17:20–23).

A chave para a unidade é o *amor*. Jesus tinha muito a dizer sobre o amor em Seu último discurso: Deus O amava (15:9), Ele amava a Deus (14:31), Jesus amava os discípulos (15:9, 12) e eles deveriam amá-Lo (14:15, 21, 23, 28). Também deveriam amar uns aos outros. Ele já os desafiara a se amarem como Ele os amava (13:34). Agora, Jesus estava repetindo: “O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei” (15:12; já também 15:17). Com o intuito de impedir qualquer mal entendido acerca do que Ele quis dizer com amar assim como Ele amou, Jesus acrescentou: “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos”²⁷ (15:13). Em pouco tempo, Ele estaria dando a vida por eles — na cruz.

SÉRIAS ADVERTÊNCIAS

À medida que vai chegando a hora de um missionário ir embora, ele começa a se esforçar para pensar em tudo que poderia dar errado após a sua saída. Como não podemos prever o futuro, sempre

²⁵Em relação ao significado da expressão “dar fruto”, veja o próximo sermão desta edição.

²⁶A ênfase em João 14 a 17 está no fato de Jesus ter enviado Seus apóstolos ao mundo assim como Ele foi enviado ao mundo (17:3, 8, 18, 21, 23) — para que dessem testemunho dEle (15:27). Podemos fazer uma aplicação disso a nós mesmos; entretanto, porque a comissão que os enviou ao mundo também se aplica a nós (veja o comentário de Mateus 28:18–20 mais adiante nesta série).

²⁷Obviamente, o amor de Jesus excedia esses critérios, pois Ele deu a vida pelos Seus inimigos (Romanos 5:8–10).

surgem problemas imprevistos; mas, pelo menos a maioria dos missionários tenta preparar a congregação. Jesus tinha o poder de prever o futuro, por isso Ele pôde advertir os discípulos. Jesus deu uma atenção especial à perseguição que aguardava Seus seguidores. Até aquele momento, o ódio do mundo estivera concentrado na Pessoa de Jesus (15:18, 24); mas, assim que partisse, esse ódio seria transferido para eles (15:20; veja 17:14–18). Ele advertiu os apóstolos: “Eles vos expulsarão das sinagogas”; “vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus”²⁸ (16:2). Tudo isto Ele previu para evitar que “tropeçassem” quando viessem as tribulações (16:1; veja v. 4). Jesus acrescentou esta palavra de encorajamento: “No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (16:33).

INTERCESSÃO ABNEGADA

Muitos missionários, nas últimas horas antes de voltarem para casa, oram fervorosamente para que Deus esteja com seus irmãos. Muitas lágrimas já rolaram ao som do conhecido cântico que diz “Deus vos guarde... Té nos encontrarmos com Jesus”²⁹. Jesus encerrou Sua sessão com os discípulos fazendo a comvente oração encontrada em João 17. Robert Culver chamou a oração de “o intercurso mais íntimo da terra com o céu nos anais da humanidade”³⁰. Warren Wiersbe escreveu: “João 17... é o ‘santo dos santos’ do registro evangélico... Somos privilegiados por ouvir o Deus Filho conversar com Seu Pai justamente quando está prestes a dar a vida em resgate pelos pecadores!”³¹ A oração de João 17 possui três partes. Na primeira, Jesus orou com respeito à Sua relação com o Pai (vv. 1–5). A única coisa que Ele pediu para Si foi ser glorificado (vv. 1, 5; veja v. 24; 12:23, 24, 27, 28). Na segunda parte da oração, Cristo orou pelos apóstolos (17:6–19; veja também vv. 24–26). Ele pediu que Deus os protegesse (vv. 11, 15), os santificasse (v. 19) e os amasse (v. 26). Finalmente, Jesus orou pelos que creriam nEle por intermédio do testemunho dos apóstolos (vv. 20–23). Em outras palavras, Ele orou por você e por mim. Que fato maravilhoso! Jesus orou para que os crentes fossem “um” a fim de que o mundo O aceitasse (vv.

²⁸Saulo/Paulo é um exemplo disso. Quando ele perseguiu cristãos (Atos 8:1, 3; 9:1, 2), ele pensou que estava fazendo a vontade de Deus (Atos 26:9; Gálatas 1:13, 14).

²⁹*Salmos, Hinos e Cânticos Espirituais*, “Separação”. São Paulo: Editora Vida Cristã, 1ª ed., 1976, nº 171.

³⁰Robert Duncan Culver, *The Life of Christ* (“A Vida de Cristo”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1976, p. 237.

³¹Wiersbe, p. 367.

21, 23). O maior obstáculo à evangelização mundial é a divisão entre os que se declaram fiéis a Cristo.

CONCLUSÃO

Poderíamos mencionar outros aspectos dos ajustes de última hora. É comum a parte que está indo embora trocar fotos com os amigos que ficam para não se esquecerem um do outro. Cristo fez algo semelhante instituindo a ceia do Senhor (Lucas 22:19; 1 Coríntios 11:24, 25).

Comentários Adicionais

Sobre João 14 a 17

14:1: A palavra grega traduzida por “credes” neste versículo pode estar no modo indicativo ou no imperativo. O versículo pode ser traduzido por: “Vocês crêem em Deus, vocês também crêem em mim” (indicativo) ou: “Creiam em Deus; creiam também em mim” (imperativo).

14:2: A palavra grega traduzida por “moradas” (ERA), “apostos” (NVI) e “quartos” (NTLH) refere-se a um lugar para morar. O termo, que também ocorre em 14:23, enfatiza a perpetuidade do céu. (O céu não é uma tenda, é uma morada.) O fato de haver “muitas moradas” indica a suficiência da provisão divina.

14:8: Filipe poderia ter em mente as palavras de Deus registradas em Êxodo 33:20: “Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá”.

14:9: Dizem que Jesus “colocou uma face em Deus”. Aprendemos muito sobre o caráter de Deus à medida que ficamos conhecendo melhor a Cristo.

14:22: “Judas, não o Iscariotes” também era conhecido como “Judas, filho de Tiago” e “Tadeu”¹. Esse Judas estava confuso porque, segundo seu equivocado conceito do reino, o Messias deveria governar sobre um reino político na terra física. Sendo assim, pensava ele, por que Jesus não queria Se revelar ao mundo?

14:26; 16:13: Esses dois versículos dizem respeito à inspiração de todo o Novo Testamento: o Espírito traria à memória dos apóstolos o que Jesus lhes ensinara (os relatos do evangelho), o Espírito lhes ensinaria todas as coisas (Atos e as Epístolas) e Ele revelaria o que iria acontecer (o Livro de Apocalipse).

14:28: Quando Cristo disse: “o Pai é maior do que eu”, Ele não estava negando Sua própria divindade nem Sua igualdade com o Pai (veja João 10:30), mas estava falando do Seu estado terreno; Ele abriu a mão de certos privilégios divinos para assumir

a forma humana (Filipenses 2:6–8). Quando Jesus subisse ao Pai, Ele seria liberto das limitações deste mundo e seria restaurado à Sua glória anterior (João 17:5; Filipenses 2:9–11).

14:30; 16:11: “O príncipe deste mundo” é Satanás. A batalha decisiva de Cristo com Satanás foi na cruz (veja João 12:31, 32; Hebreus 2:14). Satanás pode vencer batalhas travadas conosco porque ele pode nos acusar de pecar, mas Jesus não teve pecado (Hebreus 4:15). Cristo pôde verdadeiramente dizer: “Ele nada tem em mim”². O príncipe deste mundo “nada encontraria em Cristo que lhe desse o direito ou motivo para exercer poder sobre ele”³.

15:1: Jesus era “a videira verdadeira”, “a videira original da qual todas as outras são cópias”⁴. No Antigo Testamento, a videira era um símbolo para Israel (Salmos 80:8; Isaías 5:1–7; Jeremias 2:20, 21; Ezequiel 15:1–8; 19:10–14; Oséias 10:1).

15:2: O processo de “poda” de Deus é uma outra maneira de se descrever a Sua disciplina amorosa sobre Seus filhos (veja Hebreus 12:4–13).

15:15: Via de regra, as tarefas delegadas aos servos não eram acompanhadas de explicações. Ao contrário disso, quando um amigo é solicitado a fazer determinada coisa, geralmente lhe é dito porque. Jesus pôde chamar os apóstolos de amigos porque Ele partilhara com eles a revelação de Deus.

15:20a: A referência é a João 13:16.

15:22, 24: Jesus não estava dizendo que os judeus estariam sem pecado se Ele não tivesse vindo. Todos nós pecamos (Romanos 3:23), e ignorância não é desculpa para se pecar (Atos 17:30). Cristo estava dizendo que eles não seriam culpados do pecado específico de *rejeitar o Messias*, se Ele não tivesse pregado e realizado milagres no meio deles. Uma

²A NVI diz “Ele não tem nenhum direito sobre mim”.

³J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 666.

⁴Autor desconhecido, citado em Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* (“Comentário Bíblico Expositivo”), vol. 1. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, p. 355.

¹Veja as páginas 32 e 50 de “A Vida de Cristo — Parte 3”.

vez que Jesus fez tudo isso, eles eram indesculpáveis.

15:25: A citação é de Salmos 35:19; 69:4.

15:26, 27: Os apóstolos dariam testemunho duplo: testemunhariam a respeito do que presenciaram (v. 27; veja Atos 1:22) e também retransmitiriam o testemunho do Espírito Santo (v. 26).

16: 5, 6: Pedro havia perguntado: “Senhor, para onde vais?” (João 13:36), e Tomé também havia questionado o destino de Jesus (14:5). Sendo assim, quando Jesus disse: “...nenhum de vós me pergunta: Para onde vais?”, Ele estava se referindo a algo mais do que apenas fazer aquela pergunta. Talvez Ele quisesse dizer que, embora tivessem dito aquilo, o interesse deles não estava realmente em “onde”, mas no fato de que Ele estava indo embora. Jesus mencionou que iria embora entristeceu a todos.

16:20: O mundo alegrou-se com a morte de Jesus (veja Lucas 22:5), enquanto aqueles que O amavam choraram (João 20:11).

16:21, 22: O nascimento de uma criança gera dor, mas posteriormente esse nascimento proporciona felicidade. Da mesma forma, a morte de Cristo inicialmente trouxe desalento para Seus seguidores, mas agora ela enche o mundo de alegria.

16:23: Naquele momento, os apóstolos estavam cheios de perguntas (13:36; 14:5, 8); mas após Jesus subir a Deus, eles não precisariam mais fazer perguntas. Deus (por meio do Espírito Santo) lhes diria tudo que precisassem saber.

16:26, 27: Jesus não estava dizendo que Ele *não* rogaria ao Pai por eles. Como já observamos, Ele é nosso intercessor. Jesus estava enfatizando que seria desnecessário Ele *persuadir* o Pai para ajudá-los — porque, afinal de contas, o Pai os amava. O conceito errôneo de um Deus desafetuoso resultou na proliferação de uma variedade de “intercessores” inventados por homens (incluindo Maria e certos “santos”) que (conforme ensinam alguns) precisam convencer Deus a ajudar Seus filhos⁵. Que doutrina assustadora!

16:32: A solidão é terrível; mas um cristão nunca está realmente só, pois o Pai está sempre com ele (compare com 2 Timóteo 4:16–18).

17:2: Deus deu a Jesus toda autoridade no céu e na terra (Mateus 28:18).

17:3: A vida eterna pode ser definida como estar

com Deus e com Jesus por toda a eternidade, enquanto a morte eterna pode ser definida como estar separado de Deus e de Jesus por toda a eternidade (veja 2 Tessalonicenses 1:9). Num sentido, podemos ter vida eterna até mesmo agora porque podemos “conhecer” (ter um relacionamento com) a Deus e a Jesus. (É possível, porém, rompermos esse relacionamento enquanto vivemos aqui na terra, perdendo assim essa bênção [veja João 15:6].)

17:11, 14, 16: Assim como os apóstolos, estamos “no mundo” (v. 11), mas não somos “do mundo” (vv. 14, 16).

17:12: A afirmação de que “nenhum deles se perdeu” era uma predição de que a maioria dos apóstolos não morreria com Jesus (veja João 18:8, 9). “O filho da perdição” era Judas. A palavra traduzida por “perdição” é um vocábulo composto que denota a idéia de “destruição”. Judas foi condenado à destruição eterna (ou seja, o inferno) porque não se arrependeu do seu pecado de trair Cristo.

17:17a, 19: “Santificar” é “separar”. Somos “separados” para o serviço de Deus por meio da Palavra quando obedecemos a essa Palavra e nos tornamos cristãos (veja 1 Coríntios 6:11).

17:18: Deus enviou Seu Filho ao mundo (veja 17:3, 8, 21, 23, 25) e Cristo estava enviando os apóstolos. A palavra “apóstolo” significa “enviado”.

⁵Veja a página 46 de “A Vida de Cristo — Parte 1”.

Dando Fruto para o Senhor

João 15:1-12,
Olhando de perto



O cenáculo, o banquete de Páscoa, a aproximação da cruz, a urgência de preparar os discípulos — todos esses elementos compunham o cenário da incomparável despedida de Jesus registrada em João 14 a 16. Durante esse discurso, o Senhor proferiu uma mensagem desafiadora sobre a videira e os ramos.

Os estudiosos especulam o que teria inspirado a imagem usada por Jesus. Talvez tenha sido o fruto da videira usado na instituição da santa ceia. Talvez houvesse uma videira ao lado da casa, visível pela janela. Se o pequeno grupo já havia saído do cenáculo quando Jesus proferiu a última parte do discurso (veja João 14:31), podem ter avistado uma vinha. Outra possibilidade é terem passado pelo templo e observado seus cachos de uva em ouro¹. Cristo pode ter desejado usar uma figura comum do Antigo Testamento (Salmo 80; Isaias 5; Jeremias 2). Acima de tudo, Ele certamente usou essa figura porque permitia uma comparação que todos entenderiam.

Mais importante do que o motivo de Jesus ter usado a figura da videira é o que Ele esperava obter através de Sua ilustração. Não demoraria muito para ele partir da terra. Seus discípulos teriam de levar adiante o Seu trabalho. Eles precisavam entender *como* conseguiriam realizar isso. Esse é o pano de fundo das palavras do Senhor:

Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda. Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falando; permaneci em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em

mim. Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam. Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito. Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos. Como o Pai me amou, também eu vos amei; permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço. Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo.

O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. Não fostes vós que me escolhestes a mim... eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda (João 15:1-12, 16).

Estas palavras foram ditas originalmente aos apóstolos e continham um significado especial para eles (veja 15:16). Entretanto, o âmago da mensagem dos versículos 1 a 12 pode ser aplicado a todos os cristãos.

Três grandes temas permeiam esses versículos: 1) guardar os mandamentos de Deus, 2) dar fruto para Deus, e 3) permanecer no amor de Deus. Assim como as pernas de um tripé, esses temas se sustentam um ao outro. Neste sermão, destacaremos o segundo item — dar fruto — e um dos aspectos dessa frutificação².

¹Há uma descrição desses ornamentos na página 40 da edição "A Vida de Cristo — Parte 10".

²A ênfase neste sermão está em ganhar almas, mas a apresentação pode ser adaptada para enfatizar o fruto do Espírito ou a necessidade de ter uma vida semelhante à de Cristo.

A REALIDADE DA FRUTIFICAÇÃO

A idéia fundamental desse trecho é que os ramos da videira têm um propósito, que é o de dar fruto (vv. 2, 4, 5, 8). O agricultor não pode justificar a existência de um ramo que não cumpre o seu propósito. Uma vez que os ramos infrutíferos roubam os nutrientes dos ramos frutíferos, eles precisam ser cortados (vv. 2, 6). Da mesma forma, como cristãos, temos um propósito: dar fruto. Jesus disse: “Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos” (v. 8). Dar fruto não é uma opção; não é um adendo às outras atividades cristãs. Dar fruto é o nosso propósito; é nisto que consiste seguir a Cristo. Quando um cristão não dá fruto, ele perdeu a razão de ser.

Que “fruto” devemos dar? O Novo Testamento usa o termo “fruto” numa variedade de sentidos³. Alguns acreditam que o “fruto” de João 15 é “o fruto do Espírito”. Paulo escreveu que “o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gálatas 5:22, 23a). Referindo-se a isto, há quem insista que cumprimos o mandamento de “dar fruto” quando desenvolvemos todas essas qualidades cristãs em nossas vidas. Outros salientam que o termo “fruto” pode se referir a *todos* os resultados positivos de se viver e trabalhar pelo Senhor. Paulo disse: “Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e... o viver na carne traz fruto para o meu trabalho” (Filipenses 1:21, 22a). A ERC diz “fruto da minha obra”.

Um dos usos comuns da palavra “fruto” na Bíblia tem a ver com reprodução e os resultados dessa reprodução (Gênesis 1:11; Lucas 1:42). Alguém já observou que o fruto de uma macieira é uma maçã, o fruto de uma laranjeira é uma laranja, e o “fruto” de um cristão deveria ser outro cristão. No reino físico, a humanidade recebeu a ordem de “ser fecunda, multiplicar-se e encher a terra” (Gênesis 1:28; veja também 9:1, 7). Há um desafio semelhante no reino espiritual. Paulo escreveu:

Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, a saber, aquele que

³A palavra “fruto” tem muitos usos. Pode referir-se ao que se vê na vida de uma pessoa (Mateus 3:10; 7:16–20); o resultado de uma vida produtiva, fiel (Efésios 5:9; Filipenses 1:11; Colossenses 1:10; Hebreus 12:11; Tiago 3:17, 18); ou o resultado ou recompensa de um esforço extenso (João 4:36; 12:24). A expressão “primícias” ou “primeiros frutos” (Romanos 8:23; 1 Coríntios 15:20, 23; 16:15) é uma figura de linguagem baseada no mandamento vétero-testamentário de se separar os primeiros frutos para serem dedicados ao Senhor.

ressuscitou dentre os mortos, a fim de que frutifiquemos para Deus (Romanos 7:4).

O termo “fruto” em Romanos 7:4 pode ser usado num sentido geral, mas a ilustração do casamento sugere o “fruto” dos filhos — filhos espirituais, ou seja, novos cristãos. O próprio Paulo poderia estar falando desse tipo de frutificação quando escreveu à igreja em Roma. Ele disse aos irmãos que almejava visitá-los “para conseguir igualmente entre vós algum fruto, como também entre os outros gentios” (Romanos 1:13).

Em relação ao “fruto” de João 15, é necessário que optemos por uma das possibilidades mencionadas? Será que podemos desenvolver as qualidades cristãs sem desenvolver o fruto do Espírito que resultará em resultados positivos? Podemos ser como Cristo e estar cheios do Espírito sem nos esforçarmos para alcançar os perdidos? Jesus disse que Ele veio “para buscar e salvar o perdido” (Lucas 19:10), e nós devemos “seguir os Seus passos” (1 Pedro 2:21). Temos de admitir a importância de partilhar a fé para que mais almas sejam salvas.

Mantendo essa aplicação em mente, consideremos o seguinte: a videira não dá fruto; essa é a função dos ramos. A videira capacita os ramos a efetuarem o seu trabalho, mas são os ramos que devem produzir o fruto. Se os ramos não derem fruto, não haverá fruto. Se você e eu não alcançarmos os perdidos, nenhum deles será salvo.

No Novo Testamento, o ato de um cristão partilhar a fé é mais um resultado natural de ser cristão do que um mandamento. A maioria de nós conhece a grande comissão registrada por Mateus: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mateus 28:19). Uma versão literal da passagem seria: “Indo, portanto, discipulem todas as nações”⁴. Em outras palavras, “*enquanto* estiverem indo (ou, *quando* forem), ensinem todos a quem encontrarem”. Foi exatamente isto que aconteceu quando a igreja de Jerusalém foi dispersa por causa da perseguição:

...levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria...

Entretantes, os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra (Atos 8:1, 4).

⁴Alfred Marshall, *The Interlinear Greek-English New Testament* (“Novo Testamento Interlinear Grego-Português”), 2ª ed. Londres: Samuel Bagster e Sons, 1958, 136.

Se entendemos o que estamos partilhando, então esse partilhar deve ser *natural* para nós. Estamos partilhando nossa fé em Jesus, estamos partilhando o evangelho, as boas notícias. Não é preciso suplicar a uma jovem que acabou de noivar que mostre seu anel de noivado. É *natural* para ela mostrar seu anel a todos. Um pai de primeira viagem não precisa ser persuadido a contar aos outros sobre seu filho recém-nascido — e, com certeza, não é preciso forçar uma avó a mostrar as fotos de seu novo netinho. Partilhar essas notícias boas é *natural* para eles. Num mundo repleto de tragédias, há uma fome de notícias boas⁵. Nós temos as boas notícias a respeito de Jesus! Como deveria ser um ato natural para todo cristão partilhar essa boa notícia!

Alguns podem indagar: “Como? Como posso partilhar minha fé? Como posso dar fruto no sentido de ganhar outros para Jesus?” A passagem não nos diz como; ela apenas indica que partilhar é essencial. Há dezenas, até centenas, de bons métodos para partilharmos a fé. Cada um de nós é um ser único; o que funciona para um pode não funcionar para outro⁶. Qualquer que seja o método utilizado, ele deve incluir *vida* e *doutrina*. Paulo combinou esses dois fatores em Filipenses 2:15, 16:

Para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração perversa e corrupta, na qual resplandecéis como luzes no mundo, preservando a palavra da vida, para que, no Dia de Cristo, eu me glorie...

1) *Vida*. É preciso viver a vida cristã fiel nos sentidos positivo e negativo. Positivamente, vivendo uma vida correta, amando e ajudando o próximo. Negativamente, afastando o mal da vida para permanecer puro. Se o cristão não levar uma vida consistente com o que ensina, ninguém dará ouvidos ao seu ensino⁷.

2) *Ensino*. Não importa como seja a sua vida, você também precisa ensinar o evangelho. Alguns pensam que, uma vez que tenham uma vida em conformidade com a verdade, não precisam ensinar a verdade. Você é melhor que Jesus? Ele não pode-

⁵Se quiser, cite aqui as “más” notícias anunciadas pelos meios de comunicação em massa (tv, jornais).

⁶Adapte este parágrafo ao que está sendo feito entre seus ouvintes. Se preferir um método em particular, diga uma ou duas palavras sobre ele. Pode-se oferecer aos ouvintes um curso sobre *como* usar determinado método de evangelismo.

⁷Acrescente uma ilustração pessoal aqui: um calvo, por exemplo, teria dificuldade de vender uma loção para crescimento capilar.

ria dar fruto somente através da Sua vida. Ele viveu a verdade. Ele viveu a verdade, mas Ele também ensinou. O ensino pode ser complementado por cartas, panfletos, vídeos, ou estudo individual. O importante não é comi se ensina, e sim que se ensine.

Retomemos este pensamento: conforme João 15, ser cristão consiste em dar fruto. Se nos convenceremos da importância do nosso papel como ramos, isto já será o suficiente para encontrarmos meios de dar fruto.

O RELACIONAMENTO ESSENCIAL À FRUTIFICAÇÃO

A principal ênfase do ensino de Cristo sobre dar fruto é que não podemos dar fruto *separados de Jesus*. O versículo 4 começa com as palavras: “Permanecei em mim”.

Poderíamos apresentar um tratado científico sobre a afinidade entre a videira e seus ramos. Poderíamos falar do processo de osmose: as raízes da videira transportam seiva e nutrientes do solo para os ramos. Poderíamos discursar acerca da fotossíntese: a ação da luz solar sobre a clorofila⁸ das folhas. Todavia, esta não é uma lição de horticultura, e sim um sermão sobre relacionamento. Mesmo que não entendamos o que é osmose e fotossíntese, uma coisa nós compreendemos: o ramo só tem vida quando está ligado à videira. Por mais que ele tenha crescido no passado, por mais comprido ou espesso que seja, por mais verde ou saudável que pareça, ou por mais atraente que seja, se esse ramo não estiver conectado à videira, ele *morrerá*.

O mesmo se aplica ao nosso relacionamento com Cristo: *Ele* é essencial à nossa vida e ao nosso crescimento espiritual. Somos batizados *nEle* (Romanos 6:3–6; Gálatas 3:26, 27). *Nele*, somos uma nova criatura (2 Coríntios 5:17). Todas as bênçãos espirituais estão *nEle* (Efésios 1:3). *Nele*, temos redenção (Colossenses 1:13, 14).

Por que alguns de nós não estão ganhando almas como deveriam? Por que não estamos partilhando nossa fé? Também poderíamos perguntar: Por que não estamos crescendo espiritualmente? Por que não estamos vivendo a vida cristã com dedicação? Por que não somos fiéis e assíduos às reuniões? A resposta para todas essas perguntas é a mesma: *nosso relacionamento com Cristo não está bem*. Jesus disse: “Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto...” (João 15:5b). Se estivermos

⁸“Clorofila” é uma transliteração da palavra grega que significa “verde”. Refere-se à coloração verde das folhas.

nos relacionando bem com Cristo, *daremos* fruto.

O relacionamento é a chave. Certo pregador estava num daqueles dias difíceis. Além do cansaço e da agenda lotada, as obrigações financeiras perturbavam a sua mente. Uma das filhas dele telefonou dizendo quase fora de si: “Papai, eu preciso da sua ajuda! Eu realmente preciso da sua ajuda!” Ele não respondeu: “Filha, estou cansado demais”, nem: “Estou superocupado”. Ele não disse: “Não tenho dinheiro”, nem: “Não sei como te ajudar”. Mesmo se não soubesse como ajudá-la, iria atrás de alguém que soubesse. De um jeito ou de outro, aquele pai iria ajudar a filha. Sabem por quê? Porque eles tinham um relacionamento especial.

A pergunta da vez é: “Que tipo de relacionamento nós temos com Jesus?” Ou seja, já fomos batizados em Cristo? Se fomos, estamos vivendo para Ele agora? Em sua primeira epístola, João expôs o tema permanecer em Jesus numa perspectiva individual. Ele disse que quem permanecer nEle andarás como Ele andou (1 João 2:6), amará seu irmão (2:9, 10) e não continuará vivendo de modo pecaminoso (3:6). Se tivermos um bom relacionamento com Jesus, *encontraremos um meio* de dar fruto.

João 15:1–12 faz algumas declarações severas sobre as conseqüências de não dar fruto. No versículo 2, Jesus disse: “Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta”. O versículo 6 fala de ser “lançado... no fogo”. A passagem não diz que vamos para o inferno por não ganharmos almas ou por não darmos fruto de outras formas, mas ensina que nos perderemos, *se não tivermos um bom relacionamento com Jesus*. Vejamos novamente o versículo 6: “Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam” (grifo meu).

Alguns que não partilham a fé tentam se justificar dizendo: “Eu sou tímido”, ou: “As pessoas não estão interessadas”, ou: “Não sou um bom professor”, ou “Não sei o bastante”, ou: “Não tenho tempo”. Buscam uma *razão* quando deveriam estar buscando um *relacionamento*. Paulo escreveu: “Tudo posso *naquele que me fortalece*” (Filipenses 4:13; grifo meu).

OS REQUISITOS PARA A FRUTIFICAÇÃO

Agora que identificamos o nervo central da produção do fruto, nosso relacionamento com a Videira Verdadeira, dediquemos alguns minutos ao exame do texto, a fim de enumerar alguns requisitos práticos para que haja essa frutificação. Alguns pensam que o fruto evangelístico — ou seja, partilhar o evangelho com outros — requer uma comunicação

fluyente, a capacidade de ser um bom vendedor, ou uma quantidade considerável de sabedoria. A passagem não diz nada disso, mas sugere quatro pré-requisitos:

1) *Um espírito de submissão*. Deus é o agricultor (João 15:1) — Ele é o dono da vinha. Ele poda até os ramos frutuosos (v. 2). Todos nós temos algumas qualidades ruins que precisam de poda! Precisamos estar sempre submissos a Ele e a Jesus. Cristo disse: “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço” (v. 10).

2) *Uma mente estudiosa*. Jesus disse aos discípulos: “Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado” (v. 3). A palavra “limpos” vem da mesma palavra grega equivalente a “cortar” (v. 2). Uma das principais ferramentas de corte do Senhor é a Sua Palavra. Cristo disse aos onze: “Se... *as minhas palavras* permanecerem em vós, pedireis o que quizerdes, e vos será feito” (v. 7; grifo meu).

Conhecer a Palavra de Deus é essencial para darmos fruto — especialmente no que diz respeito ao fruto da evangelização. O estudo bíblico e a salvação de almas andam de mãos dadas. Se eu realmente conheço a Palavra, vou querer partilhá-la e, ao fazer isto, sentirei a necessidade de aprender mais. Jesus disse: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos” (Mateus 5:6). Nada melhora o sabor de um alimento do que o indivíduo ter trabalhado arduamente, e nada melhora o “sabor” da Palavra de Deus do que estar ocupado com o serviço do Senhor — especialmente partilhando a verdade.

3) *Um coração comprometido*. Precisamos nos comprometer em ficar com Jesus. A mensagem de João 15 é: “Permaneça em mim” (v. 4). No versículo 7, Ele também disse: “Se permanecerem em mim” (grifo meu), receberão certas bênçãos. Observamos que, de muitas maneiras, nosso relacionamento com o Senhor é como o dos ramos com a videira. Todavia, num aspecto a comparação não dá certo: os ramos não têm escolha quanto a permanecerem ou não ligados à videira — mas nós temos.

A Bíblia ensina a respeito da segurança do crente, mas não a respeito da impossibilidade de apostasia. João 15 ensina que, mesmo depois de ter sido ligado à videira, posso ser retirado e “lançado no fogo”. Preciso *permanecer* no Senhor, se eu quiser ser salvo. No Dia do Juízo, não poderei desembolsar meu certificado de batismo e dizer: “Veja, Senhor, eu fui batizado em tal e tal dia. O Senhor *tem* de me deixar entrar”. O batismo é essencial para a salva-

ção, mas permanecer fiel ao Senhor também é (Apocalipse 2:10). O importante não é só ser batizado “em Cristo” (Romanos 6:3, 4; Gálatas 3:26, 27), mas também é vital *permanecer* “em Cristo” (Romanos 3:24; 6:11, 23; 8:1, 39; 2 Coríntios 2:14; Filipenses 4:7, 19; 1 Tessalonicenses 4:16).

4) *Uma atitude determinada.* A natureza dos ramos é crescer. Se pararem de crescer, morrem. Alguém escreveu: “Quando não há novos brotos no topo de uma árvore é porque a morte já atacou suas raízes”. Você e eu precisamos nos determinar a crescer como cristãos, com a ajuda de Deus. Especialmente, precisamos crescer na qualidade de dar fruto. João 15 fala de “fruto” (v. 2), mas também fala de “muito fruto” (vv. 5, 8; grifo meu) e “mais fruto” (v. 2; grifo meu).

OS RESULTADOS DA FRUTIFICAÇÃO

Finalizando este sermão, vamos analisar alguns resultados positivos da frutificação⁹.

Cresceremos espiritualmente. Estaremos limpos, produziremos “muito fruto” (vv. 5, 8) e “mais fruto” (v. 2). Este sermão concentrou-se no fruto da evangelização. Talvez não haja outra atividade cristã mais intimamente ligada ao crescimento espiritual do que ganhar almas e acompanhar o desenvolvimento delas.

Nossas orações serão respondidas (v. 7). Se a sua

⁹As passagens citadas podem ser lidas, de maneira que os segmentos sejam ampliados.

vida de oração não é o que deveria ser, examine seu relacionamento com Jesus e pergunte a si mesmo se você está ou não dando fruto.

Deus será glorificado (v. 8). Recordemos que a vinha é de Ele e Ele é o agricultor. Quando os ramos dão fruto, Ele é glorificado.

Mostraremos para nós mesmos que somos discípulos de Jesus (v. 8).

Teremos alegria (v. 11). Paulo chamou aqueles a quem ele converteu de “sua alegria e coroa” (Filipenses 4:1). João disse que não “havia maior alegria” do que ouvir que seus “filhos” na fé estavam “andando na verdade” (3 João 4).

Almas serão salvas — as nossas e as de outros!

CONCLUSÃO

Amamos fazer parte de uma congregação ativa. Que emoção é estar com cristãos que são felizes e ocupados! Apesar disso, o fato de nos ocuparmos demais com uma infinidade de “projetos” pode nos fazer perder de vista o que devemos ser como igreja do Senhor. Às vezes perdemos de vista o fato de que nossa razão de existir é dar fruto para Deus. Nada substitui a produção de fruto. Que Deus nos ajude a sermos todos frutíferos para Ele!¹⁰

¹⁰Ao lançar o convite, reforce a necessidade de ser batizado em Cristo para depois permanecer em Cristo. Incentive todos que ainda não foram batizados ou que se desviaram do Senhor a responderem positivamente.

Cristo nas Profecias

(João 5:30-47)

Mas eu tenho maior testemunho do que o de João; porque as obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço testemunham a meu respeito de que o Pai me enviou. O Pai, que me enviou, esse mesmo é que tem dado testemunho de mim... Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim. Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida... Não penseis que eu vos acusarei perante o Pai; quem vos acusa é Moisés, em quem tendes firmado a vossa confiança. Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, também creríeis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito. Se, porém, não credes nos seus escritos, como crereis nas minhas palavras? (João 5:36-47).

INTRODUÇÃO

E se eu lhe dissesse que, centenas de anos antes de você nascer, os acontecimentos relacionados à sua vida foram preditos: a hora e o lugar do seu nascimento, o histórico da sua família, seu caráter, muitos fatos da sua vida e um retrato vívido do modo como você irá morrer? Impossível? É, para o homem, mas não para Deus. Uma história completa da vida de Jesus foi escrita centenas de anos antes dEle nascer!

A FORÇA DAS PROFECIAS DO ANTIGO TESTAMENTO

Jesus enumerou quatro testemunhos da Sua divindade (João 5:30-47). Um deles é as Escrituras¹. O Novo Testamento fez constantes referências ao Messias; Jesus afirmou ser o Messias (Lucas 24:25-27). Essa declaração era muito ousada. Os judeus não eram ignorantes; eles conheciam as Escrituras. Estavam esperando o Messias. Eram capazes de examinar a vida de um impostor. Jesus afirmou ter cumprido cada requisito predeterminado para o Messias, e *elas não puderam refutá-lo*. Se pudessem encontrar ao menos uma profecia não cumprida na vida e no ministério de Jesus, isto seria o suficiente para invalidar Suas declarações.

Após o dia de Pentecostes, quando os apósto-

los começaram a pregar, repetiram a declaração de que Jesus era o Messias. E os judeus letrados não puderam refutar tal declaração. Jesus era — e é — o Filho de Deus. Nenhum homem comum poderia ter cumprido todas as profecias que Jesus cumpriu; nenhum impostor *poderia* ter enganado os judeus. Com tantas profecias para cumprir e centenas de eruditos para comparar cada uma de Suas afirmações com as Escrituras, teria sido impossível um impostor não ser pego em erro.

Além disso, muitas questões relativas à profecia não estavam sob o controle de Jesus: Sua linhagem, Sua naturalidade, o fato de ser levado para o Egito na infância. O cumprimento de tais predições não poderia ser falsificado. Temos de aceitar Jesus pelo que Ele é!

O CUMPRIMENTO DAS PROFECIAS DO ANTIGO TESTAMENTO

As profecias sobre o Messias começam com Gênesis 3:15 e 12:3. Enquanto a humanidade tateava pela escuridão dos séculos, essas passagens possibilitavam que [o povo judeu] ansiasse pela vinda do Salvador.

Centenas de profecias falam do Messias, mas os exemplos abaixo são suficientes por ora. Cristo cumpriu as Escrituras registradas centenas de anos antes do Seu nascimento.

A Época

O Antigo Testamento menciona em que época o reino do Messias seria estabelecido. Daniel 2:44 refere-se ao quarto reino mundial, o Império Romano, dizendo: “Mas, nos dias destes reis, o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído...” Lucas 2:1, ao iniciar o relato do nascimento de Jesus, identifica precisamente a época citando um recenseamento ordenado pelo imperador César Augusto.

Daniel 9:25 especifica que “desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas...” Embora a tentativa de contar as semanas citadas nessa passagem levante dúvidas difíceis,

¹As outras três testemunhas citadas por Jesus eram Deus, João e os milagres.

a idéia geral é evidente: um grande evento estava para acontecer. Esse evento seria “para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos” (Daniel 9:24). Como disse Neale Pryor: “essas coisas só poderiam suceder por meio do Messias”².

Em Malaquias 3:1, o profeta indicou que o Senhor viria de repente ao Seu templo. O templo estava sendo reconstruído por Herodes, quando Jesus iniciou Seu ministério.

A Linhagem de Cristo

Em Gênesis 22:18 Deus prometeu a Abraão: “nela [a descendência de Abraão] serão benditas todas as nações da terra, porquanto obedeceste à minha voz”. Quando Jacó (Israel), neto de Abraão, abençoou seus filhos, ele profetizou: “O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló...” (Gênesis 49:10). Lemos em Jeremias 23:5 e 6: “...levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará...”

Na linhagem do Messias deveria constar Abraão, Judá e Davi. Verificando a genealogia de Jesus em Mateus 1:2, 3 e 6 vemos que Abraão, Judá e Davi foram Seus ancestrais. Outras passagens confirmam que Jesus era descendente de Abraão (Gálatas 3:16), Judá (Hebreus 7:14) e Davi (2 Timóteo 2:8).

O Lugar do Nascimento de Cristo

Esta profecia foi registrada em Miquéias 5:2: “E tu, Belém-Efrata... de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”. Os eruditos judeus estavam cômnicos dessa predição e puderam responder a Herodes quando ele perguntou onde o Messias deveria nascer (Mateus 2:5, 6). Jesus nasceu exatamente onde o profeta disse que Ele nasceria (Lucas 2:4–6).

A Vida de Cristo

Muitos fatos são citados no Antigo Testamento a respeito da vida do Messias. Eles foram cumpridos

²Neale Pryor, “A Prayer & Its Answer” (“Uma Oração e Sua Resposta”), in “Daniel, 2” *Truth for Today*. Junho de 2001, p. 51.

na vida de Jesus. O Messias seria “chamado do Egito” (Oséias 11:1; veja Mateus 2:13–15). Ele cresceria em meio a circunstâncias adversas (Isaías 53:2; veja Mateus 2:19–23; João 1:46). Seu ministério seria precedido por um semelhante ao de Elias, o qual prepararia o caminho para Ele (Isaías 40:3; Malaquias 3:1; veja Mateus 17:10–13; Marcos 1:2–4; Lucas 1:17). Ele faria muitas coisas boas em Seu ministério (Isaías 35:5, 6; veja Mateus 11:2–5; Lucas 7:21, 22). Apesar disso, Ele seria odiado e rejeitado (Isaías 53:3; veja João 1:11; 15:18, 24).

A Última Semana de Cristo

Zacarias descreveu um Rei entrando em Jerusalém num jumento, uma predição exata da entrada triunfal de Jesus (Zacarias 9:9; Marcos 11:1–10). O profeta também falou de “trinta moedas de prata, lançadas ao oleiro na Casa do Senhor” (Zacarias 11:12, 13; Mateus 26:14; 27:5–7). Isaías também forneceu detalhes dolorosos dos acontecimentos que culminariam na morte de Jesus (Isaías 50:6; 53:7; veja Atos 8:32–35).

A Morte de Cristo

O Antigo Testamento revelara que o Messias seria “cortado” — o que implica em morte violenta (Isaías 53:8; Daniel 9:26) — e desamparado (Salmos 22:1, 6–8, 16–18). Ele seria traspassado (Salmos 22:16; Zacarias 12:10), mas nenhum de Seus ossos seria quebrado (Salmos 34:20). Estas e outras profecias foram dramaticamente cumpridas na morte de Jesus. (Leia João 19:23, 24, 34, 36, 37.)

O Sepultamento de Cristo

Até as circunstâncias do sepultamento de Cristo foram preditas antes do Seu nascimento. Ele morreria com os perversos, mas seria sepultado com os ricos (Isaías 53:9). Esses detalhes também se cumpriram. Leia o relato registrado em Mateus 27:57–60.

CONCLUSÃO

Estas e outras profecias constituem um tesouro de informações que fortalecem a nossa fé. Cremos de fato que Jesus é o Filho de Deus? Então, vamos agir conforme essa crença! (Leia Mateus 7:21; Lucas 6:46.)

A Harmonia

VII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).

H. Sexta-feira: o dia da morte de Jesus (continuação).

2. O Jardim do Getsêmani (Mateus 26:30, 36–46; Marcos 14:26, 32–42; Lucas 22:39–46; João 18:1).
3. A traição e a prisão (Mateus 26:47–56; Marcos 14:43–52; Lucas 22:47–53; João 18:2–11).
4. O “juízo” judaico (estágios um e dois):
 - a. Estágio um: examinado por Anás (João 18:12–14, 19–23).
 - b. Estágio dois: condenado por Caifás e pelo Sinédrio (Mateus 26:57, 59–68; Marcos 14:53, 55–65; Lucas 22:54a, 63–65; João 18:24).
5. A negação por Pedro (Mateus 26:58, 69–75; Marcos 14:54, 66–72; Lucas 22:54b–62; João 18:15–18, 25–27).
6. O “juízo” judeu (estágio três): sentenciado pelo Sinédrio (Mateus 27:1, 2; Marcos 15:1; Lucas 22:66—23:1; João 18:28).
7. O juízo romano:
 - a. Estágio um: perante Pilatos (inocente) (Mateus 27:11–14; Marcos 15:2–5; Lucas 23:2–7; João 18:28–38).
 - b. Estágio dois: perante Herodes Antipas (inocente) (Lucas 23:8–12).
 - c. Estágio três: perante Pilatos (sentenciado à morte) (Mateus 27:15–31a; Marcos 15:6–20a; Lucas 23:13–25; João 18:39—19:16).
8. A morte de Judas: suicídio (Mateus 27:3–10; Atos 1:18, 19).
9. A morte de Jesus: crucificação.
 - a. A caminhada até a cruz (Mateus 27:31b–34; Marcos 15:20b–22; Lucas 23:26–33; João 19:17).
 - b. As primeiras três horas na cruz (Mateus 27:35, 37–39; Marcos 15:23–29; Lucas 23:33, 38; João 19:18–22).

Atribuição de Leitura nº. 36

Mateus 26:30, 36–57, 59–68;

Marcos 14:26, 32–53, 55–65;

Lucas 22:39–54a, 63–65;

João 18:1–14, 19–24

Mateus 26:30

³⁰E, tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras.

Mateus 26:36–57

³⁶Em seguida, foi Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar;

³⁷e, levando consigo a Pedro e aos dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se.

³⁸Então, Ihes disse: A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo.

³⁹Adiantando-se um pouco, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres.

⁴⁰E, voltando para os discípulos, achou-os dormindo; e disse a Pedro: Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo?

⁴¹Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca.

⁴²Tornando a retirar-se, orou de novo, dizendo: Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade.

⁴³E, voltando, achou-os outra vez dormindo; porque os seus olhos estavam pesados.

⁴⁴Deixando-os novamente, foi orar pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras.

⁴⁵Então, voltou para os discípulos e Ihes disse: Ainda

dormis e repousais! Eis que é chegada a hora, e o Filho do Homem está sendo entregue nas mãos de pecadores.

⁴⁶Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima.

⁴⁷Falava ele ainda, e eis que chegou Judas, um dos doze, e, com ele, grande turba com espadas e porretes, vinda da parte dos principais sacerdotes e dos anciãos do povo.

⁴⁸Ora, o traidor lhes tinha dado este sinal: Aquele a quem eu beijar, é esse; prendei-o.

⁴⁹E logo, aproximando-se de Jesus, lhe disse: Salve, Mestre! E o beijou.

⁵⁰Jesus, porém, lhe disse: Amigo, para que vieste? Nisto, aproximando-se eles, deitaram as mãos em Jesus e o prenderam.

⁵¹E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, sacou da espada e, golpeando o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe a orelha.

⁵²Então, Jesus lhe disse: Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão.

⁵³Acaso, pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?

⁵⁴Como, pois, se cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim deve suceder?

⁵⁵Naquele momento, disse Jesus às multidões: Saístes com espadas e porretes para prender-me, como a um salteador? Todos os dias, no templo, eu me assentava [convosco] ensinando, e não me prendestes.

⁵⁶Tudo isto, porém, aconteceu para que se cumprissem as Escrituras dos profetas. Então, os discípulos todos, deixando-o, fugiram.

⁵⁷E os que prenderam Jesus o levaram à casa de Caifás, o sumo sacerdote, onde se haviam reunido os escribas e os anciãos.

Mateus 26:59–68

⁵⁹Ora, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho falso contra Jesus, a fim de o condenarem à morte.

⁶⁰E não acharam, apesar de se terem apresentado muitas testemunhas falsas. Mas, afinal, compareceram duas,

afirmando:

⁶¹Este disse: Posso destruir o santuário de Deus e reedificá-lo em três dias.

⁶²E, levantando-se o sumo sacerdote, perguntou a Jesus: Nada respondes ao que estes depõem contra ti?

⁶³Jesus, porém, guardou silêncio. E o sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus.

⁶⁴Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste; entretanto, eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu.

⁶⁵Então, o sumo sacerdote rasgou as suas vestes, dizendo: Blasfemou! Que necessidade mais temos de testemunhas? Eis que ouvistes agora a blasfêmia!

⁶⁶Que vos parece? Responderam eles: É réu de morte.

⁶⁷Então, uns cuspiram-lhe no rosto e lhe davam murros, e outros o esbofeteavam, dizendo:

⁶⁸Profetiza-nos, ó Cristo, quem é que te bateu!

Marcos 14:26

²⁶Tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras.

Marcos 14:32–53

³²Então, foram a um lugar chamado Getsêmani; ali chegados, disse Jesus a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou orar.

³³E, levando consigo a Pedro, Tiago e João, começou a sentir-se tomado de pavor e de angústia.

³⁴E lhes disse: A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai.

³⁵E, adiantando-se um pouco, prostrou-se em terra; e orava para que, se possível, lhe fosse poupada aquela hora.

³⁶E dizia: Aba, Pai, tudo te é possível; passa de mim este cálice; contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres.

³⁷Voltando, achou-os dormindo; e disse a Pedro: Simão, tu dormes? Não pudeste vigiar nem uma hora?

³⁸Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito,

na verdade, está pronto, mas a carne é fraca.

³⁹Retirando-se de novo, orou repetindo as mesmas palavras.

⁴⁰Voltando, achou-os outra vez dormindo, porque os seus olhos estavam pesados; e não sabiam o que lhe responder.

⁴¹E veio pela terceira vez e disse-lhes: Ainda dormis e repousais! Basta! Chegou a hora; o Filho do Homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores.

⁴²Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima.

⁴³E logo, falava ele ainda, quando chegou Judas, um dos doze, e com ele, vinda da parte dos principais sacerdotes, escribas e anciãos, uma turba com espadas e porretes.

⁴⁴Ora, o traidor tinha-lhes dado esta senha: Aquele a quem eu beijar, é esse; predeei-o e levai-o com segurança.

⁴⁵E, logo que chegou, aproximando-se, disse-lhe: Mestre! E o beijou.

⁴⁶Então, lhe deitaram as mãos e o prenderam.

⁴⁷Nisto, um dos circunstantes, sacando da espada, feriu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha.

⁴⁸Disse-lhes Jesus: Saístes com espadas e porretes para prender-me, como a um salteador?

⁴⁹Todos os dias eu estava convosco no templo, ensinando, e não me prendestes; contudo, é para que se cumpram as Escrituras.

⁵⁰Então, deixando-o, todos fugiram.

⁵¹Seguia-o um jovem, coberto unicamente com um lençol, e lançaram-lhe a mão.

⁵²Mas ele, largando o lençol, fugiu desnudo.

⁵³E levaram Jesus ao sumo sacerdote, e reuniram-se todos os principais sacerdotes, os anciãos e os escribas.

Marcos 14:55–65

⁵⁵E os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho contra Jesus para o condenar à morte e não achavam.

⁵⁶Pois muitos testemunhavam falsamente contra Jesus, mas os depoimentos não eram coerentes.

⁵⁷E, levantando-se alguns, testificavam falsamente, dizendo:

⁵⁸Nós o ouvimos declarar: Eu destruirei este santuário edificado por mãos humanas e, em três dias, construirei outro, não por mãos humanas.

⁵⁹Nem assim o testemunho deles era coerente.

⁶⁰Levantando-se o sumo sacerdote, no meio, perguntou a Jesus: Nada respondes ao que estes depõem contra ti?

⁶¹Ele, porém, guardou silêncio e nada respondeu. Tornou a interrogá-lo o sumo sacerdote e lhe disse: És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?

⁶²Jesus respondeu: Eu sou, e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu.

⁶³Então, o sumo sacerdote rasgou as suas vestes e disse: Que mais necessidade temos de testemunhas?

⁶⁴Ouvistes a blasfêmia; que vos parece? E todos o julgaram réu de morte.

⁶⁵Puseram-se alguns a cuspir nele, a cobrir-lhe o rosto, a dar-lhe murros e a dizer-lhe: Profetiza! E os guardas o tomaram a bofetadas.

Lucas 22:39–54a

³⁹E, saindo, foi, como de costume, para o monte das Oliveiras; e os discípulos o acompanharam.

⁴⁰Chegando ao lugar escolhido, Jesus lhes disse: Orai, para que não entreis em tentação.

⁴¹Ele, por sua vez, se afastou, cerca de um tiro de pedra, e, de joelhos, orava,

⁴²dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua.

⁴³[Então, lhe apareceu um anjo do céu que o confortava.

⁴⁴E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra.]

⁴⁵Levantando-se da oração, foi ter com os discípulos, e os achou dormindo de tristeza,

⁴⁶e disse-lhes: Por que estais dormindo? Levantai-vos e orai, para que não entreis em tentação.

⁴⁷Falava ele ainda, quando chegou uma multidão; e um dos doze, o chamado Judas, que vinha à frente deles, aproximou-

se de Jesus para o beijar.

⁴⁸Jesus, porém, lhe disse: Judas, com um beijo trais o Filho do Homem?

⁴⁹Os que estavam ao redor dele, vendo o que ia suceder, perguntaram: Senhor, feriremos à espada?

⁵⁰Um deles feriu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha direita.

⁵¹Mas Jesus acudiu, dizendo: Deixai, basta. E, tocando-lhe a orelha, o curou.

⁵²Então, dirigindo-se Jesus aos principais sacerdotes, capitães do templo e anciãos que vieram prendê-lo, disse: Saístes com espadas e porretes como para deter um salteador?

⁵³Diariamente, estando eu convosco no templo, não pusestes as mãos sobre mim. Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas.

^{54a}Então, prendendo-o, o levaram e o introduziram na casa do sumo sacerdote.

Lucas 22:63–65

⁶³Os que detinham Jesus zombavam dele, davam-lhe pancadas e,

⁶⁴vendando-lhe os olhos, diziam: Profetiza-nos: quem é que te bateu?

⁶⁵E muitas outras coisas diziam contra ele, blasfemando.

João 18:1–14

¹Tendo Jesus dito estas palavras, saiu juntamente com seus discípulos para o outro lado do ribeiro Cedrom, onde havia um jardim; e aí entrou com eles.

²E Judas, o traidor, também conhecia aquele lugar, porque Jesus ali estivera muitas vezes com seus discípulos.

³Tendo, pois, Judas recebido a escolta e, dos principais sacerdotes e dos fariseus, alguns guardas, chegou a este lugar com lanternas, tochas e armas.

⁴Sabendo, pois, Jesus todas as coisas que sobre ele haviam de vir, adiantou-se e perguntou-lhes: A quem buscais?

⁵Responderam-lhe: A Jesus, o Nazareno. Então, Jesus lhes disse: Sou eu. Ora, Judas, o traidor, estava também com

eles.

⁶Quando, pois, Jesus lhes disse: Sou eu, recuaram e caíram por terra.

⁷Jesus, de novo, lhes perguntou: A quem buscais? Responderam: A Jesus, o Nazareno.

⁸Então, lhes disse Jesus: Já vos declarei que sou eu; se é a mim, pois, que buscais, deixai ir estes;

⁹para se cumprir a palavra que dissera: Não perdi nenhum dos que me deste.

¹⁰Então, Simão Pedro puxou da espada que trazia e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita; e o nome do servo era Malco.

¹¹Mas Jesus disse a Pedro: Mete a espada na bainha; não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?

¹²Assim, a escolta, o comandante e os guardas dos judeus prenderam Jesus, manietaram-no

¹³e o conduziram primeiramente a Anás; pois era sogro de Caifás, sumo sacerdote naquele ano.

¹⁴Ora, Caifás era quem havia declarado aos judeus ser conveniente morrer um homem pelo povo.

João 18:19–24

¹⁹Então, o sumo sacerdote interrogou a Jesus acerca dos seus discípulos e da sua doutrina.

²⁰Declarou-lhe Jesus: Eu tenho falado francamente ao mundo; ensinei continuamente tanto nas sinagogas como no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em oculto.

²¹Por que me interrogas? Pergunta aos que ouviram o que lhes falei; bem sabem eles o que eu disse.

²²Dizendo ele isto, um dos guardas que ali estavam deu uma bofetada em Jesus, dizendo: É assim que falas ao sumo sacerdote?

²³Replicou-lhe Jesus: Se falei mal, dá testemunho do mal; mas, se falei bem, por que me feres?

²⁴Então, Anás o enviou, manietado, à presença de Caifás, o sumo sacerdote.

Uma Noite de Insônia na Judéia

Leitura Bíblica 36

- VII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).
- H. Sexta-feira: o dia da morte de Jesus (continuação).
2. O Jardim do Getsêmani (Mateus 26:30, 36–46; Marcos 14:26, 32–42; Lucas 22:39–46; João 18:1).
 3. A traição e a prisão (Mateus 26:47–56; Marcos 14:43–52; Lucas 22:47–53; João 18:2–11).
 4. O “julgamento” judaico (estágios um e dois):
 - a. Estágio um: examinado por Anás (João 18:12–14, 19–23).
 - b. Estágio dois: condenado por Caifás e pelo Sinédrio (Mateus 26:57, 59–68; Marcos 14:53, 55–65; Lucas 22:54a, 63–65; João 18:24).

INTRODUÇÃO

Você já passou uma noite sem dormir? Talvez a ansiedade, o medo ou a dor que você sentiu nessa noite foram tão intensos que impediram o sono de chegar. Muitos de nós já tivemos noites de insônia — se você ainda não passou por essa experiência, provavelmente, um dia, passará. Pouco antes de morrer, Jesus teve uma noite de insônia. Os discípulos cochilaram por uma hora ou mais (Mateus 26:40), mas Jesus não. Na primeira parte da noite, os pensamentos de Jesus não O deixaram dormir; na segunda parte da noite, Seus inimigos é que não O deixaram dormir.

Na lição passada, comentamos João 14 a 17. Não sabemos convictamente o local exato em que o Senhor estava quando discursou acerca de cada tópico abordado nesses capítulos. No fim do capítulo 14, Jesus disse: “Levantai-vos, vamo-nos daqui” (v. 31b). Isto pode indicar que Ele e os discípulos saíram do cenáculo nesse momento e que os capítulos 15, 16 e 17 ocorreram enquanto iam para o Getsêmani¹. Por outro lado, depois que Jesus disse: “Vamo-nos”, eles podem ter demorado um pouco até realmente partirem. (Quem nunca

recebeu uma visita que, depois de dizer: “Tenho que ir embora”, ainda ficou conversando mais uma hora?) Em *algum* momento, Jesus e os onze saíram do cenáculo em direção ao Jardim do Getsêmani (Mateus 26:30, 36)².

Os extensos discursos de Jesus haviam acabado. Desse momento em diante, os escritores dos relatos do evangelho preocuparam-se com história, em vez de homilética³. Todavia, temos muito a aprender com as últimas horas antecedentes à crucificação de Jesus.

A AGONIA DESOLADORA

**(MATEUS 26:30, 36–46; MARCOS 14:26, 32–42;
LUCAS 22:39–46; JOÃO 18:1, 2)**

A sessão no cenáculo foi encerrada com um cântico de adoração: “Tendo cantado um hino, saíram...” (Mateus 26:30; veja Marcos 14:26). Tradicionalmente, a refeição de Páscoa “terminava com a cantoria dos Salmos de Hallel⁴ (Salmos 115–118)”⁵. Visto que Cristo fazia parte da Divin-

¹Alguns acreditam que parte das figuras dos capítulos 15 a 17 foi inspirada pelas paisagens vistas no trajeto do cenáculo até o jardim. (Veja a página 45 de “A Vida de Cristo — Parte 11”). Ainda que seja este o caso, todos os ditos de João 15 a 17 foram proferidos enquanto eles ainda estavam na cidade, *antes* de atravessarem o ribeiro [ou ribeirão] de Cedrom (veja João 18:1).

²Segundo Marcos 14:26–32, Jesus disse algumas palavras entre o momento em que saiu do cenáculo e o momento em que chegou ao Getsêmani, mas não sabemos se Ele também disse outras palavras nessa curta viagem.

³“Homilética” refere-se à preparação e pregação de sermões.

⁴“Hallel” é a transliteração da palavra hebraica equivalente a “louvor”.

⁵Jack P. Lewis, *The Gospel According to Matthew, Part 2* (“O Evangelho Segundo Mateus, Parte 2”). The Living Word Commentary Series, ed. Everett Ferguson. Abilene, Tex.: ACU Press, 1976, p. 148.

dade que inspirou os Salmos de Hallel (2 Pedro 1:21), naquele momento, o autor da letra do cântico estava cantando Sua própria composição. Visualize Jesus e os apóstolos entoando suas vozes a Deus; ouça aqueles sons graves e masculinos misturados no louvor. Provavelmente, cantaram o salmo final de Hallel, que começa com as palavras: “Rendei graças ao Senhor, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre” (Salmos 118:1). “A sombra da cruz não extinguiu o espírito de louvor presente em Cristo.”⁶

O Senhor e os apóstolos caminharam por ruas estreitas, passaram pelos portões da cidade, atravessaram o vale de Cedrom⁷ e começaram a subir as encostas do monte das Oliveiras (João 18:1; Lucas 22:39). Ali, chegaram a “um lugar chamado Getsêmani”⁸ (Mateus 26:36; veja Marcos 14:32), “um jardim” onde Jesus “estivera muitas vezes com Seus discípulos” (João 18:1, 2; veja Lucas 21:37). O local tradicional do Getsêmani fica a menos de um quilômetro diretamente a leste do Portão de Ouro — um jardim murado, de uns sessenta metros quadrados, que contém umas setenta e cinco oliveiras nodosas⁹. “Getsêmani” é uma transliteração do grego (adaptado do hebraico ou aramaico), que significa “lagar de azeite”. Aparentemente, era (ou havia sido) ali o lugar de um lagar de azeite usado na colheita das oliveiras, o qual deu ao monte das Oliveiras (ou monte Oliv) seu nome.

Cristo deixou oito dos Seus discípulos (veja Mateus 26:36), admoestando-os: “Orai, para que não entreis em tentação” (Lucas 22:40). A seguir, levando consigo Pedro, Tiago e João (Mateus 26:37a; Marcos 14:33a), adentrou pela escuridão¹⁰.

⁶J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton. *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels*. Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 685.

⁷O ribeiro de Cedrom fluía paralelamente ao muro leste de Jerusalém. Veja o mapa de Jerusalém na página 26.

⁸Veja mais detalhes sobre a provação no Getsêmani no sermão que vem a seguir.

⁹Esta frase foi adaptada de H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 199. Os guias de hoje alegam que as oliveiras ali são as mesmas sob as quais Jesus orou, mas, segundo antigos historiadores, todas as árvores foram destruídas quando Roma saqueou e depois destruiu Jerusalém. É, pois, verdade que as árvores hoje existentes no local são muitíssimo velhas.

¹⁰“Ele, por sua vez, se afastou, cerca de um tiro de pedra...” (Lucas 22:41a). Qual é a distância de um tiro de pedra? Depende de quem atira a pedra. J. W. McGarvey calculou

Sentindo o peso da agonia física e espiritual que viria, Jesus “começou a sentir-se tomado de pavor e de angústia” (Marcos 14:33b). E disse a seus três amigos: “A minha alma está profundamente triste... ficai aqui e vigiai comigo” (Mateus 26:38).

Jesus aprofundou-se pelo jardim, “prostrou-se sobre o seu rosto¹¹, orando e dizendo: Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice!” (Mateus 26:39a; veja Marcos 14:35, 36; Lucas 22:42). A expressão “este cálice”¹² referia-se à Sua morte e tudo o que ela implicava. A seguir, acrescentou: “Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres” (Mateus 26:39b).

Jesus voltou até Pedro, Tiago e João e encontrou-os dormindo (Mateus 26:40). Possivelmente, com a voz embargada de decepção, perguntou: “Não pudeste vigiar nem uma hora?” (Marcos 14:37b).

Cristo retornou ao centro do jardim e continuou a orar: “Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade” (Mateus 26:42). Levantou-Se e voltou para junto dos três discípulos — e achou-os outra vez dormindo (v. 43). Quando Jesus perguntou-lhes por que não podiam vigiar¹³, “não sabiam o que lhe responder” (Marcos 14:40b). Deviam estar envergonhados pela incapacidade de permanecer acordados e não souberam como se desculpar. Marcos observou que “seus olhos estavam pesados” (Marcos 14:40a), enquanto Lucas explicou que estavam “dormindo de tristeza”¹⁴ (Lucas 22:45).

Quando visualizar esta cena, não pense em Pedro, Tiago e João deitando-se para dormir enquanto Cristo os deixava. Em vez disso, imagine-os lutando contra o sono, mas perdendo a batalha, à medida que as pálpebras iam pesando até deslizarem. Claro que deveriam ter permanecido acordados, mas precisamos entender que estavam exaustos física e emocionalmente.

essa distância entre 4 e 6 metros (McGarvey e Pendleton, p. 686).

¹¹Há uma tradição antiga, não-inspirada, de que Jesus teria se ajoelhado junto a uma grande pedra. Uma das gravuras mais conhecidas de Jesus no jardim retrata essa pedra imaginária. Segundo o texto, Jesus prostrou o rosto em terra.

¹²Veja os comentários sobre a palavra “cálice” nas páginas 38 e 39 da edição “A Vida de Cristo — Parte 9”. Veja também os comentários sobre “este cálice” na página 13 desta edição.

¹³A pergunta de Jesus está implícita.

¹⁴A tristeza produz esse efeito em determinadas pessoas. Um dos sintomas de depressão comum é o desejo de dormir o tempo todo.

E pela terceira vez, Jesus deixou-os e pôs-Se a orar: “E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra” (Lucas 22:44). O escritor de Hebreus disse que “Jesus, nos dias da sua carne” ofereceu “com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas” (Hebreus 5:7a). Em resposta a Sua oração, “lhe apareceu um anjo do céu que o confortava” (Lucas 22:43)¹⁵.

Quando Cristo voltou para os discípulos pela terceira vez, Sua angústia já havia cessado e Ele disse aos três: “Ainda dormis e repousais!¹⁶ Eis que é chegada a hora¹⁷, e o Filho do Homem está sendo entregue nas mãos de pecadores. Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima” (Mateus 26:45, 46).

A PRISÃO DIABÓLICA

(MATEUS 26:47–56; MARCOS 14:43–52;
LUCAS 22:47–53; JOÃO 18:2–11)

Dizia Jesus essas coisas quando uma multidão lotou o jardim — talvez centenas de pessoas (veja Mateus 26:47a; Marcos 14:43a; Lucas 22:47a). Essa multidão homicida era conduzida por Judas¹⁸.

Os outros discípulos poderiam estar dormindo, mas não Judas. Em cumprimento ao seu acordo com o Sinédrio, ele os conduziu até o Senhor (veja Atos 1:16b). Talvez tenham ido primeiramente até o cenáculo¹⁹. Finalmente, Judas levou os inimigos de Cristo ao local do monte das Oliveiras (ou monte Olival) onde Jesus geralmente se reunia com ele e os demais apóstolos (João 18:2).

Judas chegou “com... grande multidão... vinda da parte dos principais sacerdotes, escribas e anciãos” (Mateus 26:47; Marcos 14:43) — ou seja, o Si-

¹⁵Muitas vezes os anjos estiveram associados à vida e ao ministério de Jesus. Por exemplo, eles cantaram no Seu nascimento (Lucas 2:13, 14) e Lhe serviram após a tentação no deserto (Mateus 4:11). Posteriormente, anunciaram Sua ressurreição (Mateus 28:2, 5, 6).

¹⁶A primeira parte desta frase também pode ser traduzida por: “Então continuem a dormir”. Se Jesus disse isso, o significado é algo semelhante a: “Por mim, vocês podem dormir e descansar, pois a hora de me prestarem alguma assistência já passou” (McGarvey e Pendleton, p. 688).

¹⁷“Hora” refere-se ao momento da morte de Jesus. Ele estava caminhando progressivamente em direção à Sua “hora” (veja João 2:4; 7:30; 8:20; 12:23, 27; 13:3; 17:1).

¹⁸Há várias maneiras de organizar os acontecimentos relativos à prisão de Cristo. A ordem aqui apresentada é uma das opções.

¹⁹Veja os comentários sobre Marcos 14:51 e 52 na página 8.

nédrio²⁰. Na multidão havia “capitães do templo” “dos principais sacerdotes” [ou “chefes dos sacerdotes”; NVI](Lucas 22:52; João 18:3). Eram líderes do conselho de segurança do templo²¹, mantido pelo Sinédrio. Talvez o fato mais surpreendente seja que se incluíam no grupo um grande contingente de soldados romanos. O Sinédrio parecia ter chamado os romanos para ajudarem na prisão²². Segundo o apóstolo João, “a escolta [romana]” e “o comandante” (João 18:12; veja v. 3) estavam entre os que tomaram a iniciativa de prender Cristo. Uma escolta romana normalmente era composta de seiscentos soldados²³. É improvável que um número tão grande tenha ido prender Jesus; mas, à luz da afirmação de Mateus de que “grande turba” acompanhou Judas até o jardim (Mateus 26:47; grifo meu), é possível que estivessem presentes ali centenas de legionários. Esses soldados e os outros integrantes da multidão vieram munidos de “armas” como “espadas e porretes” (João 18:3; Mateus 26:47, 55; Marcos 14:43, 48; Lucas 22:52)²⁴.

Por que tantos homens para prender um só homem? Talvez tenham ouvido dizer que “ninguém conseguia lhe pôr as mãos” (veja João 7:30, 44; 10:39). Sem dúvida, ouviram a respeito da reputação de Jesus como um operador de milagres; talvez tenham até ouvido que Ele era capaz de secar uma figueira com uma palavra (veja Mateus 21:19). Qualquer que tenha sido o motivo deles, aquela era uma visão incongruente: centenas de homens armados indo prender Aquele que nunca feriu ninguém, Aquele

²⁰Tudo indica que também estavam presentes representantes do Sinédrio (Lucas 22:52). João observou que era um grupo de “fariseus” (João 18:3); um contingente de fariseus compunha o Sinédrio (Atos 23:1, 6).

²¹Segundo o Antigo Testamento, os levitas deveriam cumprir esse tipo de dever; talvez eles fossem levitas.

²²Os soldados romanos estavam em Jerusalém principalmente para neutralizar qualquer acontecimento potencialmente ameaçador da ordem. Os principais sacerdotes devem ter contado ao comandante romano algo sobre Jesus que o convenceu de que seus homens eram necessários ali.

²³Em João 18:12 a palavra “romana” não aparece nos originais gregos, mas João usou o termo grego “escolta”, que era comumente usado pelo exército romano. Dez escoltas equivaliam a uma legião, ou seis mil soldados. Em dias de festa, o contingente de soldados era grandemente aumentado pelo governador romano — para que estivessem preparados para acalmar qualquer insurreição. Eles ficavam alojados no Castelo de Antonia, localizado no vértice noroeste do complexo do templo. Veja o diagrama do templo na página 35 da edição “A Vida de Cristo — Parte 2”.

²⁴Eles também levaram lanternas (João 18:3), embora a Páscoa acontecesse na fase da lua cheia. Certamente pensaram que Jesus tentaria fugir e teriam de procura-LO em meio a escuridão do jardim.

que ensinou Seus seguidores a darem a outra face (Mateus 5:39).

Judas havia combinado com a turba que faria um sinal para identificarem Jesus: ele cumprimentaria o Senhor como um discípulo cumprimentava seu mestre, com um beijo na face (Mateus 26:48; Marcos 14:44). Cristo eliminou a necessidade de tamanho fingimento, perguntando: “A quem buscais?” (João 18:4). Quando disseram: “A Jesus, o Nazareno”, Ele respondeu firmemente: “Sou eu” (João 18:5).

Assim que Jesus disse essas palavras, Seus pretensos capturadores “recuaram e caíram por terra” (João 18:6). Esse recuo pode ter sido uma demonstração do poder divino de Cristo. O mais provável é que tenha sido uma reação de espanto diante da Sua divina presença²⁵. G. Hall Todd escreveu: “Eles ficaram assombrados, envergonhados e inseguros diante dEle. A luz branca da Sua pureza disseminou um sentimento de culpa em suas almas... Esperavam pegá-LO de surpresa, mas foi Ele quem os pegou”²⁶.

Cristo teve de fazer o grupo desconcertado recordar qual era sua missão. E perguntou mais uma vez: “A quem buscais?” E eles repetiram: “A Jesus, o Nazareno” (João 18:7). Ao que Jesus repetiu: “Já vos declarei que sou eu” (v. 8a; grifo meu). Então, apontando para os onze, acrescentou: “...se é a mim, pois, que buscais, deixai ir estes” (v. 8b). Jesus não estava preocupado com sua própria segurança; mas estava preocupado com o bem-estar dos discípulos.

Visto que Jesus identificou-Se duas vezes, o sinal combinado com Judas teve pouco proveito para a escolta — mas o ex-discípulo estava determinado a garantir o seu pagamento. “Aproximando-se de Jesus, lhe disse: Salve, Mestre! E o beijou” (Mateus 26:49). Jesus, porém, com tristeza, lhe disse: “Judas, com um beijo trais o Filho do Homem?” (Lucas 22:48). E acrescentou: “Amigo²⁷, para que vieste?” (Mateus 26:50a).

A multidão talvez estivesse observando Judas aproximar-se de Jesus com apreensão: o que o Operador de Milagres faria? Vendo, porém, que nada de mau acontecera a Judas, restabeleceram a confiança. Avançaram, “deitaram as mãos em Jesus e O prenderam” (Mateus 26:50b; João 18:12)²⁸. Dessa hora até

²⁵A presença divina de Jesus foi o que Lhe deu o poder de tirar os cambistas do templo (Marcos 11:15; João 2:15).

²⁶G. Hall Todd, *The Gamblers at Golgotha* (“Os Apostadores no Gólgota”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1958, p. 39.

²⁷A palavra “amigo” é irônica. Jesus ansiava que Judas fosse Seu amigo, mas Judas rejeitara tal amizade.

²⁸Os soldados romanos cooperaram com a guarda do templo judaico ao prenderem Jesus (João 18:12), mas não sa-

am Sua morte, as mãos de Jesus raramente estariam livres: estariam geralmente limitadas por cordas ou pregos (marcos 15:1; João 18:12; 20:25).

Os discípulos de Jesus haviam declarado que estavam dispostos a morrer com Ele (Marcos 14:31). Agora, estavam prontos para fazer jus a essa promessa (Lucas 22:49). Pedro puxou da espada²⁹ “e feriu o servo do sumo sacerdote³⁰, cortando-lhe a orelha direita” (João 18:10). O apóstolo provavelmente pretendia acertar a cabeça do servo — mas o homem esquivou-se. Alguém disse: “Como esgrima, Pedro mostrou-se um bom pescador”.

Jesus teve de agir rapidamente ou aquilo viraria um tumulto. O solo do jardim poderia ficar alagado com o sangue de Pedro e dos outros discípulos. O Senhor gritou a Pedro: “Deixai; basta”; “embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão” (Lucas 22:51a; Mateus 26:52). Batalhas espirituais não são travadas com armas físicas (2 Coríntios 10:3, 4; veja João 18:36). As intenções de Pedro eram boas, mas ele “usou a arma errada, na hora errada, para o propósito errado, com o motivo errado”³¹.

Se fosse necessária uma medida de defesa, Jesus possuía mais recursos do que um pretenso espadachim. Ele disse a Pedro: “Acaso, pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?” (Mateus 26:53). Uma legião completa consistia de seis mil soldados. Setenta e dois mil anjos seriam mais do que o suficiente para dispensar as poucas centenas de soldados que ali estavam para prendê-LO!³²

Sugeriu-se que Cristo usou o número “doze” porque Ele e Seus onze discípulos somavam doze: uma legião para proteger cada um. Provavelmente, o número só pretendia descrever uma força pode-

bemos por quanto tempo eles ficaram com eles. Em algum momento, a missão desses soldados foi concluída e eles soltaram Jesus sob a custódia dos judeus (compare com Atos 22:30).

²⁹Anteriormente, os apóstolos haviam afirmado que possuíam duas espadas (Lucas 22:38); pelo menos uma delas fora levada com eles para o jardim.

³⁰João, que era conhecido da família do sumo sacerdote (João 18:15, 16), observou que o nome do servo era Malco. Alguns comentaristas especulam que João parecia esperar que seus leitores conhecessem Malco; o que indica que Malco teria se tornado cristão. João também é o único escritor que citou o nome do espadachim — talvez porque, na época em que ele escreveu seu relato, Pedro já estivesse morto, não correndo o risco de sofrer mais nas mãos dos romanos.

³¹Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* (“Comentário Expositivo da Bíblia”), vol. 1. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, p. 162.

³²De fato, um só anjo já seria o suficiente.

rosa. A idéia principal do Senhor era a mesma proferida anteriormente: nenhum homem ou grupo de homens tinha poder ou condições de tirar-Lhe a vida; ao contrário disso, Ele mesmo a entregaria por livre vontade (João 10:17, 18; veja Gálatas 2:20)³³.

Tendo reprimido a Pedro, Jesus estendeu suas mãos amarradas³⁴, tocou na orelha do servo e “o curou”³⁵ (Lucas 22:51b). A ação de Jesus impediu uma situação potencialmente explosiva. Esse foi o último milagre de cura do Senhor antes de Sua morte.

Cristo dirigiu-Se para todos que vieram prendê-lo e disse: “Saístes com espadas e porretes como para deter um salteador? Diariamente, estando eu convosco no templo, não pusestes as mãos sobre mim. Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas” (Lucas 22:52, 53). As últimas palavras dessa declaração significam: “Esta é a vossa hora de vitória, a hora em que o poder das trevas parece ter vencido”³⁶. A NVI traz: “Esta é a hora de vocês — quando as trevas reinam”.

A essa altura, o fato de que não haveria uma batalha física devia ser óbvio aos discípulos de Jesus. Contrariados, frustrados e desorientados, abandonaram Cristo e fugiram exatamente como Ele havia predito (Mateus 26:56; veja v. 31). Pedro e João seguiram posteriormente a escolta “de longe” (Mateus 26:58; Marcos 14:54; Lucas 22:54; veja João 18:15); mas, para todos os fins práticos, Cristo ficou sozinho. (É claro que Ele não estava completamente só, pois o Pai estava com Ele [João 16:32].)

O relato de Marcos acrescenta um estranho incidente a respeito de um jovem, coberto apenas por um lençol de linho ou um camisão, que fugiu nu quando se viu prestes a ser preso (Marcos 14:51, 52). A maioria dos escritores presume que esse jovem era o próprio Marcos³⁷. Talvez essa tenha sido a maneira

de Marcos testificar a veracidade do relato; sua intenção poderia ser deixar implícito que “ele estava lá e ele sabia”. Talvez a intenção de Marcos fosse, efetivamente, dizer: “Não julguem os discípulos tão severamente. Se vocês estivessem lá, também teriam fugido. Eu sei, porque eu fiz isso”.

A ACUSAÇÃO PRECIPITADA

(MATEUS 26:57, 59–68; MARCOS 14:53, 55–65;
LUCAS 22:54, 63–65; JOÃO 18:12–14, 19–24)

Provavelmente era meia-noite ou mais quando Cristo foi preso no jardim³⁸. Ele foi levado, amarrado, pelas ruas estreitas e escuras de Jerusalém. Eles O “conduziram primeiramente a Anás” (João 18:13a)³⁹.

Jesus foi julgado perante os judeus e depois perante os romanos. Cada “juízo” se deu em três estágios. Colocamos aspas na palavra juízo porque os dois julgamentos foram uma caricatura de justiça. No caso do “juízo” judaico, não houve esforço algum para definir se Ele era culpado ou inocente. Os líderes dos judeus já haviam condenado Jesus à morte (João 11:47–53; veja Mateus 26:4; Marcos 14:1); o propósito desse “juízo” não era fazer justiça, e sim justificar — justificar a decisão previamente tomada por eles (Mateus 26:59; veja Marcos 14:55).

O primeiro estágio do “juízo” judaico consistiu numa análise do caso por Anás⁴⁰. Anás era “sogra de Caifás, sumo sacerdote naquele ano” (João 18:13b). O próprio Anás “fora sumo sacerdote entre os anos 6 e 15 d.C.. antes de ser deposto pelo procurador romano Valério Grato”⁴¹. Visto que, segundo a Lei, o ofício de sumo sacerdote era perpétuo, Anás

das conduziu o grupo primeiramente até o cenáculo, Marcos pode ter seguido o grupo até onde Jesus estava. O jovem deve ter mostrado, de alguma forma, que era discípulo de Jesus, pois “lançaram-lhe a mão” (Marcos 14:51).

³⁸O jantar de Páscoa, que durou entre duas e três horas, começou pouco depois do pôr-do-sol (por volta das 18h). A seguir, Jesus proferiu o longo discurso de João 14 a 17 e, juntamente com os discípulos, foi até o Getsêmani, onde possivelmente orou por uma hora. Deveria ser por volta de meia-noite ou uma hora quando Judas apareceu com a multidão.

³⁹Somente João relata a sessão com Anás. Quanto ao “juízo” judaico, o relato de João, escrito décadas mais tarde, não repete muito do que consta dos relatos sinóticos do evangelho, mas os complementa.

⁴⁰Alguns aspectos dos “juízos” de Jesus serão comentados mais adiante, no sermão “Qual é o Seu Veredito?”.

⁴¹F. LaGard Smith, *The Narrated Bible in Chronological Order* (“A Bíblia Narrada em Ordem Cronológica”). Eugene, Oreg.: Harvest House Publishers, 1984, p. 1467.

³³Jesus tornou a salientar que Sua morte era um cumprimento das Escrituras (Mateus 26:54, 56).

³⁴Este incidente pode ter ocorrido antes de prenderem as mãos de Jesus (veja nota de rodapé 18 na página 6). Nesse caso, Jesus teria estendido a mão não presa.

³⁵Não temos os detalhes relativos à cura — se o Senhor recolocou a orelha cortada ou se fez outra coisa — mas, via de regra, o soldado curado ficou em estado melhor após ser curado do que antes do golpe.

³⁶Era uma vitória de pouca duração, destruída pela ressurreição de Jesus no primeiro dia da semana.

³⁷Já vimos que João às vezes se refere a si mesmo usando a terceira pessoa em seu relato do evangelho e Marcos pode ter feito o mesmo aqui. A mãe de Marcos residia em Jerusalém (Atos 12:12, 25); como já foi observado, é possível que a última ceia tenha se realizado na casa dela. É obscuro se o jovem teria seguido Jesus e os apóstolos quando saíram do cenáculo ou se ele teria ido ao jardim mais tarde. Se Ju-

ainda era considerado por muitos sumo sacerdote por direito⁴². Na passagem analisada, tanto Anás como Caifás são citados como “sumos sacerdotes” (João 18:13, 19, 22, 24; veja atos 4:6)⁴³. Lucas havia escrito a respeito do sumo sacerdócio de “Anás e Caifás” (Lucas 3:2; grifo meu).

Não sabemos convictamente o motivo de Cristo ter sido primeiramente levado a Anás. Ele pode ter sido levado até ele por respeito à sua antiga posição de sumo sacerdote. O velho sacerdote pode ter demonstrado interesse em ver Jesus (assim como Herodes; Lucas 23:8). Talvez os inimigos de Jesus tenham pensado que aquele político astuto lhes ajudaria a formular uma acusação contra Ele. Talvez tenham julgado que era proveitoso usar o tempo dessa maneira, enquanto os membros do Sinédrio se reuniam⁴⁴.

Anás começou seu interrogatório com perguntas vagas acerca dos discípulos de Jesus e de Sua doutrina (veja João 18:19). Cristo respondeu: “Eu tenho falado francamente ao mundo... nas sinagogas... no templo” (João 18:20)⁴⁵. E talvez tenha até apontado para alguns dos presentes, ao dizer: “Por que me interrogas? Pergunta aos que ouviram o que lhes falei; bem sabem eles o que eu disse” (João 18:21).

Nisto, “um dos guardas que ali estavam deu uma bofetada em Jesus, dizendo: É assim que falas ao sumo sacerdote?” (João 18:22). Esse foi só o começo dos abusos físicos que Cristo sofreria naquele dia. Replicou-lhe Jesus: “Se falei mal, dá testemunho do mal; mas, se falei bem, por que me fereste?” (João 18:23). Martinho Lutero salientou que o Senhor pode nos proibir de exercer a auto-defesa com a mão, mas não com a boca⁴⁶.

“Então, Anás o enviou, manietado [amarrado], à presença de Caifás, o sumo sacerdote” (João 18:24)

⁴²Veja breves comentários sobre Anás na página 41 da edição “A Vida de Cristo — Parte 1”.

⁴³Títulos honorários como “presidente” geralmente são usados mesmo após o indivíduo já não ocupar o cargo.

⁴⁴Tudo indica que havia representantes do Sinédrio presenciando a prisão de Jesus (Lucas 22:52), mas alguns provavelmente tiveram de ser contactados após a prisão se consumar.

⁴⁵A afirmação de Jesus de que “nada disse em oculto” não significa que Ele não ensinou aos discípulos privadamente. Ele de fato ensinou privadamente (Marcos 4:34; Lucas 10:23), mas Seu ensino privado não conflitava com Seu ensino público. Ademais, Seu principal propósito ao ensinar privadamente não era ocultar alguma coisa (veja Mateus 10:27).

⁴⁶McGarvey e Pendleton, p. 695. Lutero tinha em mente a doutrina de Jesus sobre dar a outra face (Mateus 5:39).

para o segundo estágio do “juízo” judaico⁴⁷. É possível que a casa de Caifás ficasse perto da casa de Anás⁴⁸. João identificou Caifás como “quem havia declarado aos judeus ser conveniente morrer um homem pelo povo” (João 18:14; veja 11:49–52).

“E levaram Jesus ao sumo sacerdote, e reuniram-se todos os principais sacerdotes, os anciãos e os escribas” (Marcos 14:53); ou seja, “todo o Sinédrio” (Marcos 14:55), no andar superior (veja Marcos 14:66) da residência de Caifás (Lucas 22:54). “Pelo menos um quórum do Sinédrio reuniu-se para aquela sessão noturna”⁴⁹, com a finalidade de encontrar alguma base sobre a qual pudessem condenar Jesus à morte.

Os inimigos de Cristo haviam “procurado uma única falha em Seus três anos e meio de vida [pública] com o microscópio de seu próprio preconceito” e “não encontraram absolutamente nada de errado nEle”⁵⁰. Agora eles recorreriam a “algum testemunho falso contra Jesus, a fim de O condenarem à morte”; mas “não acharam, apesar de se terem apresentado muitas testemunhas falsas” (Mateus 26:59, 60a; veja Êxodo 20:16). O problema era que tinham de encontrar pelo menos duas testemunhas cujas histórias se confirmassem (Deuteronômio 17:6; 19:15), mas nem os depoimentos eram coerentes (Marcos 14:56).

Finalmente, apareceram dois homens afirmando: “Este disse: Posso destruir o santuário de Deus e reedificá-lo em três dias” (Mateus 26:60b, 61). Alguns anos atrás, em resposta ao pedido dos judeus

por um sinal, Cristo havia dito: “Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei” (João 2:19), referindo-se “ao santuário do seu corpo” (João 2:21). Todavia, Ele *não* disse que destruiria o templo. Os

⁴⁷A história da negação de Pedro é intercalada com a história da acusação de Jesus perante Caifás; mas, visando aos propósitos deste estudo, comentaremos primeiramente a história de Cristo perante Caifás e depois (na próxima lição) comentaremos a negação de Pedro.

⁴⁸Alguns acreditam que as duas casas ficavam de Anás e Caifás tinham o mesmo pátio em comum. Entretanto, escavações recentes indicam que as duas casas ficam um tanto distantes uma da outra.

⁴⁹Robert L. Thomas, ed, e Stanley N. Gundry, ed. assoc., *A Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos”). Chicago: Moody Press, 1978, p. 329. Era uma sessão ilegal (veja o sermão “Qual é o seu veredito?”, mais adiante). É improvável que algum membro do conselho favorável a Jesus (como Nicodemos e José de Arimatéia [João 7:50; Lucas 23:50, 51]) tivesse sido convidado para essa sessão especial.

⁵⁰Richard Rogers, *The Life of Christ and His Teaching* (“A Vida e os Ensinos de Cristo”). Lubbock, Tex.: Sunset International Bible Institute External Studies Department, 1995, p. 95.

dois homens mentiam — mas até aquele testemunho mentiroso era incoerente (Marcos 14:59)⁵¹.

Caifás deveria estar cada vez mais desconcertado. Frustrado, virou-se para Jesus e perguntou: “Nada respondes ao que estes depõem contra ti?” (Mateus 26:62). Nada respondendo, Cristo manteve silêncio solene (Mateus 26:63a; veja Isaías 53:7; Atos 8:32, 35; 1 Pedro 2:23).

Desesperado, o sumo sacerdote disse a Jesus: “Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus” (Mateus 26:63b). “Eu te conjuro pelo Deus vivo” era uma fórmula judaica usada para colocar a pessoa sob juramento⁵². A NVI diz: “Exijo que você jure pelo Deus vivo”.

Caifás provavelmente tinha pouca esperança de que Jesus respondesse. Naquela sociedade, como em tantas outras da atualidade, quem era acusado não podia ser forçado a testemunhar contra si mesmo. Cristo não respondera anteriormente ao líder judeu, e se havia uma ocasião em que era conveniente Ele permanecer em silêncio era aquela. Recusando-Se a falar, o sumo sacerdote não teria como formular a sentença. E na hora mais perigosa, o Senhor falou. Ele respondeu: “Eu sou” (Marcos 14:62a)⁵³.

E Jesus acrescentou: “Entretanto, eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (Mateus 26:64b; veja Daniel 7:13; Salmos 110:1). Naquele momento, Jesus estava sendo humilhado, mas em pouco tempo Ele seria restaurado à direita do Pai. Daí, então, Ele, e não Caifás, estaria numa posição de poder!

O sumo sacerdote certamente se alegrou com a resposta de Jesus, mas fez questão de demonstrar grande surpresa. Rasgando as vestes — num gesto

de profunda angústia⁵⁴ —, disse: “Blasfemou! Que necessidade mas até esse testemunho?” (Mateus 26:65a). Segundo a lei de Moisés, quem blasfemava o nome de Deus era condenado à morte (Levítico 24:16). Segundo a lei judaica, Jesus não era culpado de blasfêmia⁵⁵, mas Caifás não estava preocupado com definições legais. Bastava para ele que Jesus havia admitido ser “o Cristo, o Filho de Deus” (fazendo-Se igual a Deus; veja João 5:18) e havia aplicado o termo messiânico “Filho do Homem” a Si mesmo. “Blasfemou!”, gritou o sumo sacerdote.

Caifás disse ao Sinédrio: “Eis que ouvistes agora a blasfêmia! Que vos parece?” (Mateus 26:65b, 66a). E responderam: “É réu de morte” (Mateus 26:66b). Esse ainda não foi o pronunciamento formal do Sinédrio; ele só ocorreria pouco depois do amanhecer (veja Lucas 22:66—23:1). Todavia, ficaram satisfeitos por terem encontrado um meio de justificar a sentença de morte.

Tendo atingido seu propósito (pensavam eles), os membros do Sinédrio liberaram a raiva contida: os olhos de Jesus foram vendados (Marcos 14:65; veja Lucas 22:64). A seguir, “uns cuspiram-lhe no rosto e lhe davam murros, e outros o esbofeteavam, dizendo: “Profetiza-nos, ó Cristo, quem é que te bateu!” (Mateus 26:67, 68)⁵⁶.

Os “guardas” que “detinham Jesus” também O esbofeteavam, espancavam e zombavam dEle (Marcos 14:65; Lucas 22:63, 64)⁵⁷. “E muitas coisas diziam contra ele, blasfemando” (Lucas 22:65). E foi assim que os inimigos de Cristo passaram as horas até amanhecer.

CONCLUSÃO

Aquela noite longa estava chegando ao fim, mas um dia longo viria em seguida — um dia que culminaria na morte de Jesus. Muitas crueldades e injustiças ainda teriam de ser suportadas. A próxima lição começará com a história da negação de Pedro, retomando em seguida os outros “julgamentos” que o Senhor enfentou.

⁵¹Pelo menos alguns membros do Sinédrio devem ter entendido que Jesus falava do Seu corpo, e não do templo físico (veja Mateus 27:63). Por algum motivo, não se apegaram a essa acusação durante o julgamento de Jesus. Entretanto, surgiu a mesma discussão mais diante do Sinédrio, quando Estêvão foi arrastado diante do Conselho (veja Atos 6:13, 14).

⁵²A resposta de Jesus a Caifás foi, portanto, sob juramento. Este exemplo nos permite saber que o ensino de Jesus contra fazer juramentos (Mateus 5:34) não incluía juramentos civis.

⁵³Mateus registrou assim a resposta de Jesus: “Tu o dissesse” (Mateus 26:64), uma expressão idiomática equivalente a “sim”. Jesus já havia confessado publicamente que Ele era o Cristo (o esperado Messias judeu) (João 5:17, 18; 10:30–39; veja Mateus 22:41–46), mas o sumo sacerdote parecia incapaz de encontrar testemunhas dessa acusação — testemunhas cujos depoimentos fossem coerentes.

⁵⁴Veja os comentários sobre Atos 14:14 na edição “Atos, 6” de *A Verdade para Hoje*.

⁵⁵Veja os comentários na página 38.

⁵⁶Existe uma brincadeira infantil no Brasil chamada cabra-cega em que uma criança, vendada, tenta pegar outra para ser por ela substituída. Os inimigos de Jesus pareciam estar jogando uma versão perversa dessa brincadeira.

⁵⁷O relato de Mateus deixa a impressão de que o conselho teria cometido maus tratos contra Jesus, enquanto o relato de Lucas coloca a culpa nos *guardas*. O relato de Marcos indica que os dois grupos O maltrataram. Quando os soldados maltrataram Jesus, obviamente já haviam perdido o medo dEle (veja João 18:6). Compare a atitude de que o Sinédrio aqui com a maneira como mais tarde veio a tratar Estêvão (Atos 7:54, 57, 58).

No Jardim

Mateus

26:30, 36-46:

Marcos

14:26, 32-42:

Lucas 22:39-46:

João 18:1, 4, 11,

Olhando de Perto



Na história da redenção, os jardins ganham cada vez mais vulto: Éden é o jardim do pecado (Gênesis 2:8, 17; 3); Getsêmani é o jardim da agonia (João 18:1; Mateus 26:36); há o jardim anônimo em que Jesus foi sepultado e ressuscitado, o jardim da esperança (João 19:41, 42; 20); e há também o Paraíso¹, o jardim da recompensa (veja Apocalipse 2:7). Este sermão é sobre o segundo destes jardins: o jardim do Getsêmani.

Quando estudamos Jesus no Getsêmani, temos a forte impressão de que devemos tirar os calçados dos pés, porque o solo em que pisamos é terra santa (veja Êxodo 3:5). D. W. Ford expressou essa sensação nos seguintes termos:

Duvido que eu seja o homem [certo para pregar este sermão]. Duvido que eu possua o domínio lingüístico, a sensibilidade espiritual de uma percepção teológica para retratar aquela que é a cena... mais comovente de todo o registro do evangelho... Mas o que posso fazer? É aqui, e em nenhum outro lugar, que mais nos aproximamos do homem Jesus. Se eu não entrar com Ele no Getsêmani, deixarei de mostrar Jesus como Ele era.²

Quando contemplamos Jesus no jardim, vemos um lado Seu raramente revelado nos registros do

evangelho: a vulnerabilidade da Sua humanidade³. Ele era completamente divino, mas também era completamente humano. Há muitas coisas insondáveis a respeito da encarnação⁴ de Jesus, mas, uma vez ou outra, certamente era maior a tensão entre Sua divindade e Sua humanidade. Essa tensão nunca foi tão evidenciada quanto no jardim. Quando o Senhor disse aos Seus discípulos que “o espírito... está pronto, mas a *carne* é fraca” (Mateus 26:41; grifo meu), Ele não estava falando somente deles; também falava de Si mesmo.

Paulo escreveu que, ao descer do céu, Cristo “a si mesmo se esvaziou... tornando-se *em semelhança de homens*” (Filipenses 2:7; grifo meu). O autor da Epístola aos Hebreus disse que Jesus teve de Se tornar “*em todas as coisas... semelhante aos irmãos*, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote” (Hebreus 2:17; grifo meu). O escritor relacionou a transformação de Cristo “à semelhança dos Seus irmãos” aos Seus sofrimentos. “Pois, naquilo que ele mesmo *sofreu*, tendo sido tentado [ou provado]... antes, foi ele tentado em todas as coisas, *à nossa semelhança*” (Hebreus 2:18; 4:15; grifo meu). O sofrimento de Jesus na carne não incluiu apenas Sua morte na cruz (1 Pedro 3:18), mas também Sua angústia no jardim. “Ele, Jesus, *nos dias da sua carne*, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem O podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade” (Hebreus 5:7; grifo meu).

¹“Paraíso” é uma transliteração do grego que significa “jardim”, “parque” ou “bosque”. É comumente usado no sentido de “jardim do prazer” (*The Analytical Greek Lexicon* [“Léxico do Grego Analítico”]. Londres: Samuel Bagster & Sons Ltd., 1971, p. 302).

²D. W. Cleverley Ford, *Preaching Through the Life of Christ* (“Pregando Através da Vida de Cristo”). Peabody, Mass.: Hendrickson Publications, 1994, p. 76.

³Outras ocasiões memoráveis são Jesus experimentando fome (Mateus 4:2; 21:18) e sede (João 4:7; 19:28) físicas; mas nenhuma ocasião é tão nítida e reveladora quanto esta do jardim.

⁴Veja os comentários sobre a Encarnação na página 6 da edição “A Vida de Cristo — Parte 2”.

É bastante provável que a maior batalha que Jesus enfrentou na terra tenha sido no jardim. No deserto, Cristo lutou com o diabo (Mateus 4:1–11); no jardim, Ele lutou consigo mesmo — com Sua humanidade. Talvez J. W. McGarvey estivesse certo quando disse que “da hora em que Jesus entrou no jardim até a hora em que expirou na cruz o que havia de humano nEle estava em ascendente; e ‘subsistindo na forma de homem’, Ele suportou essas tribulações como se fosse inteiramente humano”⁵. Todavia, precisamos admitir que estamos adentrando um campo de mistérios, uma esfera de especulações e respeito — e não de dogmatismo⁶.

UMA ARENA DE COMBATE

Ao pisarmos no jardim⁷, começemos dizendo que ele foi uma arena de combate. Ali o Senhor lutou uma de Suas maiores batalhas, se não a maior.

Um Lugar de Desespero

Para Jesus, o Getsêmani foi acima de tudo um lugar de desespero. Devido à importância dessa verdade, dispensaremos mais tempo aqui do que em outras verdades destacadas⁸.

Em Mateus 26:36, lemos: “Em seguida, foi Jesus com eles [os apóstolos] a um lugar chamado Getsêmani”. “Getsêmani” significa “lagar de azeite”. O nome é adequado para a ocasião: foi para lá que Jesus correu quando os difíceis acontecimentos iminentes O *oprimiam, quando a escuridão da cruz ameaçou esmagá-lo*.

Os escritores dos Evangelhos descreveram a agonia do Senhor em termos vívidos: Mateus disse que Ele “começou a entristecer-se e a angustiar-se” (Mateus 26:37); Marcos escreveu que Jesus “começou a sentir-se tomado de pavor e de angústia” (Marcos 14:33). Jesus disse aos discípulos: “A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai

comigo” (Mateus 26:38). A NVI diz: “Minha alma está... numa tristeza mortal”. A NTLH diz: “A tristeza que estou sentindo é tão grande, que é capaz de me matar”. A expressão “até à morte” não se referia apenas à agonia do Gólgota, mas também à angústia do Getsêmani. Outra possível tradução seria: “Estou quase morrendo de tristeza”.

Assim que saiu de perto dos discípulos, Jesus prostrou-se ao chão e começou a orar: “Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice!”⁹ (Mateus 26:39). O “cálice” referia-se a todo o sofrimento físico, emocional e espiritual que O aguardava¹⁰. O escritor do Livro de Hebreus disse que Jesus ofereceu, “com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas” (Hebreus 5:7).

Lucas descreveu a cena assim: “E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra” (Lucas 22:44). Como, naquela região, a Páscoa se dava no início da primavera¹¹, a noite deveria estar fresca, talvez até fria (veja João 18:18). O suor não ocorria naturalmente naquela estação. A transpiração que escorreu pelo rosto do Senhor não era resultante da temperatura externa, e sim da Sua agitação interna.

Os comentaristas questionam o significado da expressão “como gotas de sangue”. Num raro quadro clínico, sob forte ameaça, ocorre uma hemorragia dos vasos capilares da testa para as glândulas sudoríparas exsudando um fluido de sangue através da pele¹². É possível que Lucas, o médico, tenha descrito esse quadro a fim de ressaltar a intensidade da luta interna do Senhor. O mais provável é que a ênfase tenha sido na palavra “como”: “assim como gotas de sangue escorrem de um ferimento profundo, o suor escorreu pelo rosto de Jesus caindo na terra”.

Alguns escritores encontraram dificuldade em conciliar o desespero de Cristo no jardim com a calma demonstrada por Ele antes, ao anunciar Sua morte iminente. “Ele geralmente falava da morte¹³

⁵J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, pp. 686–87.

⁶Visto que estamos adentrando um campo de mistérios — a divindade de Jesus vs. Sua humanidade — as declarações de McGarvey, e a deste autor também são, necessariamente, controversas. Alguns concordarão conosco; outros não. Esse detalhe não é importante; apresentamos este ponto de vista apenas para estimular seu raciocínio.

⁷Se este sermão for pregado após a aula que o precede, não será necessário expor as informações sobre o contexto histórico. Se quiser, recapitule os detalhes relativos a Jesus e aos discípulos caminhando até o jardim.

⁸Se quiser acrescentar: “Então, não comece a testar sua memória e se preocupar. Vamos recapitular os pontos principais ainda que rapidamente”.

⁹Ao que se sabe, esta ocasião no jardim foi a única vez em que Jesus disse exatamente essas palavras, mas este pensamento já havia Lhe ocorrido antes (veja João 12:27, 28).

¹⁰Veja os comentários sobre o “cálice” na página 5.

¹¹Veja o quadro As Festas dos Judeus na página 28 da edição “A Vida de Cristo — Parte 1”.

¹²Este quadro é denominado *hemacidrose* ou *hemohidrose*. Um documentário sobre a vida de Cristo exibido na TV norte-americana em dezembro de 2001 exemplificou o fenômeno com o caso de uma menina, moradora de Londres durante a Segunda Guerra Mundial, cuja testa minava sangue todas as vezes em que a cidade era bombardeada noites a fio.

¹³Mateus 16:21; 17:22, 23; 20:17–19.

sem qualquer inquietação aparente”, dizem eles. Particularmente, não vemos problema com o aparente contraste. Em primeiro lugar, a Bíblia não diz como Jesus estava se sentindo ou como era Sua aparência quando Ele anunciou Sua morte em ocasiões anteriores. A voz e o semblante de Jesus podem ter transmitido, naquele instante, mais emoção do que indicam os registros escritos¹⁴. Em segundo lugar, como acreditamos que Jesus tenha falado da Sua morte “na carne”, podemos nos identificar com Seu estado emocional intensificado, à medida que o acontecimento ficava mais próximo.

Se você já passou por uma cirurgia ou se já acompanhou um paciente, sabe que durante as semanas que antecedem o ato cirúrgico, é possível se falar do evento calma e racionalmente. Entretanto, quando finalmente chega a hora do paciente ir para o hospital — no mínimo — sua tranqüilidade começa a evaporar. A afirmação de Jesus de que “o espírito está pronto, mas a carne é fraca” adquire assim um novo sentido! Imagine-se dizendo ao médico cirurgião: “O senhor tem certeza de que a cirurgia é mesmo necessária? Será que não tem outra maneira de resolver este problema?”

Já observamos que o “cálice” mencionado na oração de Jesus referia-se ao Seu sofrimento físico, emocional e espiritual. Analisemos por um instante cada espécie de sofrimento que O aguardava. Primeiramente, haveria o sofrimento físico: a morte não era nada atraente para um homem de trinta e poucos anos, um jovem na flor da idade. Numa idade em que a maioria está dando início à carreira profissional, Ele estaria encerrando a Sua¹⁵. Ainda mais significativo era o tipo de morte que Ele teria de enfrentar: a cruz é considerada o instrumento de tortura mais cruel já inventado pelo homem¹⁶. John Gipson escreveu:

Ele sentiria o chicote nas costas; no rosto, o sangue gotejando da testa devido à coroa de espinhos ali cravada; a carne sendo dilacerada enquanto os soldados martelavam os cravos por

suas mãos e pés e depois a agonia da crucificação — uma morte lenta e dolorosa...¹⁷

Cristo também sofreria emocionalmente. Gipson continuou:

Ele decidiria suportar as injúrias de inimigos, a deserção de amigos e a ingratidão do povo pelo qual Ele havia labutado e o qual havia beneficiado. Enfrentaria a hostilidade dos líderes judeus, a traição de Judas, a volubilidade do povo e a zombaria da justiça religiosa e civil.¹⁸

O sofrimento emocional de Jesus incluiria a vergonha relacionada à cruz. A crucificação era “reservada... a escravos, estrangeiros, revolucionários e os mais vis criminosos”¹⁹. Hebreus 12:2 diz que Cristo “suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia”. Paulo disse que Jesus fez-Se “ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro)” (Gálatas 3:13).

O maior sofrimento de Jesus, porém, não foi físico nem emocional, e sim espiritual. Aqui temos de agir com cautela porque, como bem colocou Donald Miller: “Estamos adentrando as profundezas insondáveis do mistério da nossa redenção”²⁰. Podemos falar da agonia na cruz, mas não podemos compreendê-la inteiramente. O que podemos fazer é enfatizar o que as Escrituras ensinam: quando Jesus estava na cruz, Ele levou sobre Si a culpa e, portanto, o castigo pelos nossos pecados (Isaías 53:6; 2 Coríntios 5:21; 1 Pedro 2:24). O pecado nos separa de Deus (Isaías 59:1, 2) e a penalidade final para o pecado é sermos retirados “da presença do Senhor e da glória do Seu poder” (2 Tessalonicenses 1:9; veja vv. 7–9). Quando Jesus tomou sobre Si nossa culpa, o Pai não teve escolha a não ser virar-Lhe o rosto (veja Mateus 27:46).

O que esse sofrimento físico, emocional e espiritual custou ao Filho de Deus sem pecado, você e eu jamais poderemos imaginar. Para o mundo ter vida, Ele teve de morrer. Para o mundo ter luz, Ele teve de

¹⁴As vezes anteriores em que Jesus anunciou Sua morte entristeceram os discípulos, embora não entendessem exatamente o que Ele queria dizer (veja Mateus 17:22, 23; Lucas 18:31–34). Talvez a *maneira* como Ele falou de Sua morte afetou-os tanto quanto o *que* Ele disse. Pelo menos uma das referências anteriores à Sua morte implicava em batalha interior (veja João 12:27, 28).

¹⁵Ou seja, Ele estaria terminando a fase terrena da Sua “carreira” (ministério).

¹⁶Veja as descrições da crucificação na lição “Triunfo ou Tragédia?”, mais adiante nesta edição, e na lição “Seis Horas numa Cruz Romana”, na próxima edição desta série.

¹⁷John D. Gipson, “Agony in Gethsemane” (“Agonia no Getsêmani”), *Harding University Lectures* (1988), p. 155. Veja mais detalhes sobre a agonia física em torno da cruz na exposição “O Melhor Presente de Todos” na edição “Cristianismo Não-Denominacional”, *A Verdade para Hoje*, pp. 44–5.

¹⁸Gipson, p. 155.

¹⁹Edwards, Gabel e Hosmer, p. 1458. Outro gerador de vergonha relativa à crucificação era o fato de que as vestes eram tiradas das vítimas; nas Escrituras, a nudez está sempre associada a vergonha (Isaías 20:4; Apocalipse 16:15; compare Gênesis 2:25 com 3:8, 10).

²⁰Donald G. Miller, *Luke* (“Lucas”), *Layman’s Bible Commentary*. Atlanta: John Knox, 1959, p. 155.

mergulhar na escuridão absoluta.

Alguns autores acreditam que Jesus deveria ter demonstrado mais coragem no jardim. “Outros já enfrentaram a morte com maior tranqüilidade”, dizem estes. Fazem-se necessários aqui pelo menos dois comentários: 1) a verdadeira coragem não se demonstra com falta de medo, mas fazendo o que é certo mesmo quando o medo é tremendo. 2) Embora muitos outros tenham suportado dor e morte, nenhuma outra pessoa já teve de enfrentar a agonia que o Senhor enfrentou. Se o *Guinness, o Livro dos Recordes* tivesse uma categoria para “o maior sofrimento já suportado”, ao lado desse tópico haveria uma gravura da cruz.

Você já esteve num “lugar de desespero”? O Senhor já esteve — e Ele entende como é isso (Hebreus 4:15).

Um Lugar de Decepção

O Getsêmani não foi só um lugar de desespero para Jesus. Ele também foi um lugar de decepção.

Via de regra, as sessões de orações prolongadas foram conduzidas por Jesus a sós (veja Marcos 1:35; Mateus 14:23). Nesta ocasião, porém, Ele sentiu a necessidade de companhia. (Retomemos a ilustração da cirurgia: o paciente quer ter seus entes queridos por perto enquanto ele é operado²¹.) À medida que Cristo adentrava o jardim, “levando consigo a Pedro, Tiago e João, começou a sentir-se tomado de pavor e de angústia” (Marcos 14:33). Ele rogou aos três: “Ficai aqui e vigiai comigo” (Mateus 26:38b). O que fizeram? Caíram no sono. Sim, sabemos que eles estavam exaustos, tanto física quanto emocionalmente — mas (adaptando as palavras de Jesus em Marcos 14:37) será que não podiam vigiar ao menos por uma hora?

E mais decepções continuaram a se amontoar sobre Cristo no jardim: Ele passara horas com os doze, mas um deles O traiu. Ele passara anos ensinando sobre a natureza espiritual do Seu reino, mas Pedro ainda pensava no reino como um domínio político a ser defendido com armas físicas. Você já esteve num lugar de decepção? Jesus já esteve nesse lugar — e Ele entende como é.

Um Lugar de Deserção

O jardim também foi um lugar de deserção. Quando Cristo desejou a companhia de Seus amigos, eles dormiram. No fim, “os discípulos todos,

²¹Você pode perfeitamente substituir essa ilustração por uma ocasião em que você sentiu a necessidade de estar acompanhado durante um período crítico.

deixando-o, fugiram” (Mateus 26:56)²². Você já esteve num lugar de deserção? Jesus esteve — e Ele entende como é estar nesse lugar.

Teríamos aproveitado bem este tempo de estudo se parássemos aqui. Todos nós já tivemos nossos Getsêmanis. De fato, alguns de nós podem se encontrar agora mesmo num jardim de desespero, decepção ou deserção. Como é importante reconhecer que Jesus sabe pelo que você está passando! Ele entende e Se compadece. “Pois ele conhece a nossa estrutura e sabe que somos pó” (Salmos 103:14). Ele pode “compadecer-se das nossas fraquezas”; “foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hebreus 4:15).

UMA REGIÃO DE CONQUISTA

Há, contudo, outros aspectos nesse episódio. O Getsêmani não foi só uma arena de batalhas; ele também foi uma região de conquista. Ali o Senhor ganhou uma de Suas maiores vitórias.

Um Lugar de Súplicas

Tendo analisado o lado negativo do Getsêmani, voltemo-nos agora para o lado positivo. Primeiramente, devemos observar que o jardim foi um lugar de súplicas. Jesus foi para o jardim por um único motivo: orar. Ele disse aos discípulos: “Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar” (Mateus 26:36). Cristo tinha o hábito de orar antes e durante os acontecimentos mais importantes de Sua vida²³; Ele não abria uma exceção aqui.

Compreendemos mais claramente por que Jesus orou quando atentamos para um termo usado por Ele — termo este não encontrado em nenhum dos outros registros do evangelho²⁴. “E dizia: Aba, Pai” (Marcos 14:36) “Aba” é um vocábulo aramaico que significa “Pai”, mas típico de uma criancinha quando está começando a falar, como “dadá” ou “papá”. A palavra “Aba” implica intimidade, confiança e ligação; ela pressupõe um relacionamento especial com o Pai.

Jesus não só orou, mas também incentivou os discípulos a orarem: “Chegando ao lugar escolhido, Jesus lhes disse: Oraí, para que não entreis em tentação” (Lucas 22:40). Embora estivesse prestes a entregar a vida, Ele não pediu que orassem por Ele, mas

²²Obviamente, Ele não foi abandonado por Deus — mas falaremos disso num sermão mais adiante.

²³Veja a página 25 da edição “A Vida de Cristo Parte — 1”.

²⁴Na literatura judaica, antes de Jesus, não há registro de alguém ter chamado a Deus de “Aba”. A palavra “Aba” também ocorre em Romanos 8:15 e Gálatas 4:6.

por si mesmos. Jesus insistiu: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (Mateus 26:41). Ele sabia quais tribulações os aguardavam; eles precisavam orar para se saírem vitoriosos.

Quando você estiver no seu Getsêmani do desespero, da decepção ou da deserção, faça dele um lugar de súplicas²⁵. Por maior que seja o problema, vale a pena levá-lo até o Senhor.

Um Lugar de Submissão

Além de ser um lugar de súplicas, o Getsêmani também foi um lugar de submissão. (Esta é uma das verdades chaves desta lição.) Jesus dissera: “Porque eu descí do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou” (João 6:38; veja Hebreus 10:7, 9). Ele ensinara os discípulos a orar: “Faça-se a tua vontade” (Mateus 6:10). Agora, quando o dever e o desejo travavam um conflito, Ele seguiu Suas próprias orientações. Após orar: “Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice!”, Jesus pôde acrescentar: “Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres” (Mateus 26:39).

Alguém disse que orar não é um exercício só de petições, mas também de condicionamento²⁶. Cada vez que Jesus orava, Sua vontade se alinhava mais com a vontade do Pai. Inicialmente, Jesus orou dizendo: “Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres” (Mateus 26:39). Na segunda vez, Ele orou: “Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade” (Mateus 26:42). Finalmente, após essa sessão de orações, Jesus pôde dizer: “...não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?” (João 18:11). Quando o grupo de soldados e autoridades religiosas prendeu Jesus, não foram as cordas que O impediram de escapar, e sim a vontade de Deus.

Na próxima vez que você estiver no Getsêmani, não se esqueça de orar. Quando orar, diga: “Seja feita a Tua vontade, e não a minha” — e aja de acordo com isso. Por mais pesado que seja o fardo, a submissão a Deus é capaz de torná-lo mais leve.

²⁵Se quiser, acrescente exemplos de como é necessário orar em momentos de dificuldade. Talvez uma ocasião em que orar ao Senhor tenha lhe ajudado a sobreviver a uma fase de grande tristeza.

²⁶Adaptado de Rick Atchley, “Rematch in the Garden” (“A Revanche no Jardim”), sermão pregado na igreja de Cristo Southern Hills, em Abilene, Texas, E.U.A., em 25 de março de 1984.

Um Lugar de Fortalecimento

Finalmente, vamos observar agora que o jardim do Getsêmani foi um lugar de fortalecimento. O escritor do Livro de Hebreus disse que Jesus ofereceu “com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas... tendo sido ouvido por causa da sua piedade” (Hebreus 5:7; grifo meu). Em resposta às Suas orações, “Lhe apareceu um anjo do céu que O confortava”²⁷ (Lucas 22:43).

À hora que Cristo terminou de orar, Suas lutas interiores estavam vencidas, Ele estava pronto para cumprir o que viria a seguir. “Ele esticou o braço e pegou o cálice que estivera evitando”²⁸ (veja João 18:11). “Qualquer coisa procedente da mão do Pai, por mais amarga que fosse, era melhor do que qualquer coisa procedente da mão do mundo, por mais agradável que fosse.”²⁹

Jesus disse aos discípulos: “Eis que é chegada a hora, e o Filho do Homem está sendo entregue nas mãos de pecadores. Levantai-vos, vamos!” (Mateus 26:45b, 46a). Os que iam prendê-LO provavelmente esperavam que Jesus fugisse, mas, ao contrário disso, corajosamente, Ele caminhou ao encontro deles (veja João 18:4).

Dessa hora em diante, “Jesus foi a única pessoa que Se comportou tranqüilamente na [multidão]... Ele passou por todas as cenas com uma compostura, uma serenidade e dignidade maravilhosas”³⁰. Em vez de ser a vítima, “Ele foi o vitorioso”³¹. Na arena dos conflitos, Cristo foi o vencedor.

Quando você estiver no seu Getsêmani, busque força no Senhor. Por mais apavorante que seja o desafio, Deus pode ajudá-LO a vencê-LO (1 Coríntios 10:13; Hebreus 13:5).

CONCLUSÃO

Getsêmani — não há como expressar devidamente, muito menos explicar, o que se passou ali. Sabemos que aquele foi um lugar de desespero, decepção e deserção. Com esses fatos, aprendemos que Jesus sabe e entende o que temos de suportar. Mas o jardim também foi um lugar de súplicas, submissão

²⁷Deus de fato não retirou o cálice, mas Ele deu a Jesus a força necessária para suportá-lo. Geralmente, quando oramos a Deus, Ele não retira nossas dificuldades; em vez disso, nos dá força para superá-las. Dessa forma, Ele nos capacita a ajudar outros que enfrentam dificuldades semelhantes (veja 2 Coríntios 1:4).

²⁸Gipson, p. 158.

²⁹Atchley.

³⁰H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 204.

³¹Ibid.

e fortalecimento. Essas verdades nos ensinam que o caminho para a vitória é submissão, submissão à vontade de Deus. Uma das tarefas mais difíceis que enfrentaremos é harmonizar a nossa vontade com a vontade de Deus, mas foi assim que Jesus obteve vitória e é assim que nós também obteremos vitória.

Por falar em submeter a própria vontade a Deus, você tem sido obediente aos mandamentos do Senhor tornando-se um cristão e vivendo fielmente a vida cristã? Você já foi batizado (imerso) em Cristo como um crente arrependido (Marcos 16:16; Atos 2:38; Gálatas 3:26, 27)? Se já foi, está vivendo como o Senhor deseja que você viva? Se você precisa voltar a ser fiel a Ele, faça isto agora — hoje mesmo (Atos 8:22; Tiago 5:16).

Na primavera norte-americana de 2001, tornados devastadores atingiram a região da cidade de Oklahoma. Um repórter local noticiou que, enquanto o tornado partia em direção a casa de um certo homem, este gritou: “Senhor, ainda não estou pronto!” E você? Você está pronto para uma tragédia que lhe sobrevenha a qualquer momento? Se não estiver, por favor, cuide disto hoje mesmo!

O Jardim do Getsêmani: Um Sermão Narrativo

Um “sermão narrativo” simplesmente relata uma história e depois conduz os ouvintes a fazerem suas próprias aplicações. Algumas porções das Escrituras invocam a abordagem narrativa; Jesus no jardim é um desses segmentos. Se quiser utilizar este tipo de abordagem na história do Getsêmani, encontrará materiais úteis na lição bíblica e no sermão que tratam desse incidente. As sugestões abaixo servem para estimular mais idéias.

É possível começar fazendo uma revisão das cenas ocorridas no cenáculo. Elas dão o tom das emoções vividas no Getsêmani.

Imagine Jesus e os discípulos saindo do cenáculo e passando pelas ruas estreitas de Jerusalém: “[A cidade dormia. Tudo estava quieto, salvo um suspiro aqui de um peregrino exausto descansando inquieto em seu leito, os passos rápidos ali de um andarilho a caminho de casa, ou a marcha pesada das sentinelas em seus turnos”¹.

“A caminho do Getsêmani, eles atravessaram o ribeiro de Cedrom, na época cheio pelas chuvas de inverno e avermelhado pelo sangue de animais mortos para os sacrifícios do jantar de Páscoa.”² “Do altar [de ofertas queimadas dentro do templo] havia um canal que descia até o ribeiro de Cedrom, e era por esse canal que o sangue dos cordeiros sacrificados era drenado. Quando Jesus atravessou o ribeiro de Cedrom, ele ainda devia estar avermelhado devido ao sangue dos cordeiros que já haviam sido sacrificados; e ao fazer isto, a idéia do Seu próprio sacrifício certamente estava vívida em Sua mente.”³

Quando entraram no Getsêmani, “era lua cheia e uma luz tênue banhava o bosque. Uma brisa leve agitava as folhas verdes das velhas árvores”⁴, “aquelas árvores retorcidas, de casca marrom, cobertas de

folhas acinzentadas”⁵. “Embora [provavelmente] fosse maio, pouco antes das árvores florescerem, o perfume do óleo ainda exalava dos resíduos deixados no lagar desde a última safra outonal.”⁶

Coloque-se no lugar de Jesus e tente imaginar Sua perturbação interior. Você está no chão, com o rosto voltado para o solo rochoso (e parcamente coberto de terra daquela região), derramando seu coração a Deus. Use todos os seus sentidos: O que você ouve? O que vê? O que sente ou cheira? “O suor lhe escorre da testa. Ele respinga para dentro dos seus olhos, ardendo e goteja no chão tão denso como o sangue.”⁷

A seguir, coloque-se no lugar dos discípulos, tão exaustos. Imagine-se lutando contra o sono — e perdendo a batalha. Quando Cristo voltou ao local em que eles estavam, “seus corpos estavam largados como sacos junto aos troncos das árvores. Pela respiração lenta e relaxada, Jesus sabia que todos os três estavam dormindo.”⁸

Visualize a calma que tomou conta de Jesus após o aparecimento do anjo. Como deve ter ficado Seu semblante, assim que isto aconteceu? Quando Jesus voltou até onde estavam os discípulos pela terceira vez, como era Sua aparência com as vestes ensopadas de suor? Ele tremia naquela noite fria? Que confiança Sua voz transmitia naquele instante?

Finalmente, veja a turba adentrando o jardim: “O tropel silencioso invade o bosque ecoando o que parece ser uma multidão. Tochas se movem acima da multidão, colunas de fumaça preta serpeiteiam a noite”⁹. Visualize o Senhor indo diretamente ao encontro deles. Ele estava pronto para morrer — por você e por todos.

¹A. M. Fairbairn, *Studies in the Life of Christ* (“Estudos sobre a Vida de Cristo”). Londres: Hodder and Stoughton, 1889, p. 245.

²H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 199.

³William Barclay, *The Gospel of John* (“O Evangelho de João”), ed. rev., vol. 2, *The Daily Study Bible Series*. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 221.

⁴Jamie Buckingham, *The Nazarene* (“O Nazareno”). Ann Arbor, Mich.: Servant Publications, 1991, p. 187.

⁵S. D. Gordon, *Quiet Talks About Jesus* (“O Silêncio Fala de Jesus”). Nova York; Fleming H. Revell Co., 1910, p. 231.

⁶Ken Gire, *Moments with the Savior* (“Momentos com o Salvador”). Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1998, p.325.

⁷Walter Angering, Jr., *The Book of God: The Bible as a Novel* (“O Livro de Deus: a Bíblia Romanceada, São Paulo: Editora Mundo Cristão, s.d, s.p.). Zondervan Publishing House, 1996, p. 785.

⁸Ibid.

⁹Gire, p. 331.

Atribuição de Leitura nº. 37

Mateus 26:58, 69–75; 27:1, 2, 11–14;

Marcos 14:54, 66–72; 15:1–5;

Lucas 22:54b–62, 66–71; 23:1–7;

João 18:15–18, 25–38

Mateus 26:58

⁵⁸Mas Pedro o seguia de longe até ao pátio do sumo sacerdote e, tendo entrado, assentou-se entre os serventuários, para ver o fim.

Mateus 26:69–75

⁶⁹Ora, estava Pedro assentado fora no pátio; e, aproximando-se uma criada, lhe disse: Também tu estavas com Jesus, o galileu.

⁷⁰Ele, porém, o negou diante de todos, dizendo: Não sei o que dizes.

⁷¹E, saindo para o alpendre, foi ele visto por outra criada, a qual disse aos que ali estavam: Este também estava com Jesus, o Nazareno.

⁷²E ele negou outra vez, com juramento: Não conheço tal homem.

⁷³Logo depois, aproximando-se os que ali estavam, disseram a Pedro: Verdadeiramente, és também um deles, porque o teu modo de falar o denuncia.

⁷⁴Então, começou ele a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem! E imediatamente cantou o galo.

⁷⁵Então, Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera: Antes que o galo cante, tu me negarás três vezes. E, saindo dali, chorou amargamente.

Mateus 27:1, 2

¹Ao romper o dia, todos os principais sacerdotes e os anciãos do povo entraram em conselho contra Jesus, para o matarem;

²e, amarrando-o, levaram-no e o entregaram ao governador Pilatos.

Mateus 27:11–14

¹¹Jesus estava em pé ante o governador; e este o interrogou, dizendo: És tu o rei dos judeus? Respondeu-lhe Jesus: Tu o dizes.

¹²E, sendo acusado pelos principais sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu.

¹³Então, lhe perguntou Pilatos: Não ouves quantas acusações te fazem?

¹⁴Jesus não respondeu nem uma palavra, vindo com isto a admirar-se grandemente o governador.

Marcos 14:54

⁵⁴Pedro seguira-o de longe até ao interior do pátio do sumo sacerdote e estava assentado entre os serventuários, aquecendo-se ao fogo.

Marcos 14:66–72

⁶⁶Estando Pedro embaixo no pátio, veio uma das criadas do sumo sacerdote

⁶⁷e, vendo a Pedro, que se aquecia, fixou-o e disse: Tu também estavas com Jesus, o Nazareno.

⁶⁸Mas ele o negou, dizendo: Não o conheço, nem compreendo o que dizes. E saiu para o alpendre. [E o galo cantou.]

⁶⁹E a criada, vendo-o, tornou a dizer aos circunstantes: Este é um deles.

⁷⁰Mas ele outra vez o negou. E, pouco depois, os que ali estavam disseram a Pedro: Verdadeiramente, és um deles, porque também tu és galileu.

⁷¹Ele, porém, começou a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem de quem falais!

⁷²E logo cantou o galo pela segunda vez. Então, Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera: Antes que duas vezes cante o galo, tu me negarás três vezes. E, caindo em si, desatou a chorar.

Marcos 15:1–5

¹Logo pela manhã, entraram em conselho os principais sacerdotes com os anciãos, os escribas e todo o Sinédrio; e, amarrando a Jesus, levaram-no e o entregaram a Pilatos.

²Pilatos o interrogou: És tu o rei dos judeus? Respondeu Jesus: Tu o dizes.

³Então, os principais sacerdotes o acusavam de muitas coisas.

⁴Tornou Pilatos a interrogá-lo: Nada respondes? Vê quantas acusações te fazem!

⁵Jesus, porém, não respondeu palavra, a ponto de Pilatos muito se admirar.

Lucas 22:54b–62

^{54b}Pedro seguia de longe.

⁵⁵E, quando acenderam fogo no meio do pátio e juntos se assentaram, Pedro tomou lugar entre eles.

⁵⁶Entrementes, uma criada, vendo-o assentado perto do fogo, fitando-o, disse: Este também estava com ele.

⁵⁷Mas Pedro negava, dizendo: Mulher, não o conheço.

⁵⁸Pouco depois, vendo-o outro, disse: Também tu és dos tais. Pedro, porém, protestava: Homem, não sou.

⁵⁹E, tendo passado cerca de uma hora, outro afirmava, dizendo: Também este, verdadeiramente, estava com ele, porque também é galileu.

⁶⁰Mas Pedro insistia: Homem, não compreendo o que dizes. E logo, estando ele ainda a falar, cantou o galo.

⁶¹Então, voltando-se o Senhor, fixou os olhos em Pedro, e Pedro se lembrou da palavra do Senhor, como lhe dissera: Hoje, três vezes me negarás, antes de cantar o galo.

⁶²Então, Pedro, saindo dali, chorou amargamente.

Lucas 22:66–71

⁶⁶Logo que amanheceu, reuniu-se a assembléia dos anciãos do povo, tanto os principais sacerdotes como os escribas, e o conduziram ao Sinédrio, onde lhe disseram:

⁶⁷Se tu és o Cristo, dize-nos. Então, Jesus lhes respondeu: Se vo-lo disser, não o acreditareis;

⁶⁸também, se vos perguntar, de nenhum modo me

respondereis.

⁶⁹Desde agora, estará sentado o Filho do Homem à direita do Todo-Poderoso Deus.

⁷⁰Então, disseram todos: Logo, tu és o Filho de Deus? E ele lhes respondeu: Vós dizeis que eu sou.

⁷¹Clamaram, pois: Que necessidade mais temos de testemunho? Porque nós mesmos o ouvimos da sua própria boca.

Lucas 23:1–7

¹Levantando-se toda a assembléia, levaram Jesus a Pilatos.

²E ali passaram a acusá-lo, dizendo: Encontramos este homem pervertendo a nossa nação, vedando pagar tributo a César e afirmando ser ele o Cristo, o Rei.

³Então, lhe perguntou Pilatos: És tu o rei dos judeus? Respondeu Jesus: Tu o dizes.

⁴Disse Pilatos aos principais sacerdotes e às multidões: Não vejo neste homem crime algum.

⁵Insistiam, porém, cada vez mais, dizendo: Ele alvoroça o povo, ensinando por toda a Judéia, desde a Galiléia, onde começou, até aqui.

⁶Tendo Pilatos ouvido isto, perguntou se aquele homem era galileu.

⁷Ao saber que era da jurisdição de Herodes, estando este, naqueles dias, em Jerusalém, lho remeteu.

João 18:15–18

¹⁵Simão Pedro e outro discípulo seguiam a Jesus. Sendo este discípulo conhecido do sumo sacerdote, entrou para o pátio deste com Jesus.

¹⁶Pedro, porém, ficou de fora, junto à porta. Saindo, pois, o outro discípulo, que era conhecido do sumo sacerdote, falou com a encarregada da porta e levou a Pedro para dentro.

¹⁷Então, a criada, encarregada da porta, perguntou a Pedro: Não és tu também um dos discípulos deste homem? Não sou, respondeu ele.

¹⁸Ora, os servos e os guardas estavam ali, tendo acendido um braseiro, por causa do frio, e aquetavam-se. Pedro estava

no meio deles, aquecendo-se também.

João 18:25–38

²⁵Lá estava Simão Pedro, aquecendo-se. Perguntaram-lhe, pois: És tu, porventura, um dos discípulos dele? Ele negou e disse: Não sou.

²⁶Um dos servos do sumo sacerdote, parente daquele a quem Pedro tinha decepado a orelha, perguntou: Não te vi eu no jardim com ele?

²⁷De novo, Pedro o negou, e, no mesmo instante, cantou o galo.

²⁸Depois, levaram Jesus da casa de Caifás para o pretório. Era cedo de manhã. Eles não entraram no pretório para não se contaminarem, mas poderem comer a Páscoa.

²⁹Então, Pilatos saiu para lhes falar e lhes disse: Que acusação trazeis contra este homem?

³⁰Responderam-lhe: Se este não fosse malfeitor, não to entregaríamos.

³¹Replicou-lhes, pois, Pilatos: Tomai-o vós outros e julgai-o segundo a vossa lei. Responderam-lhe os judeus: A nós não nos é lícito matar ninguém;

³²para que se cumprisse a palavra de Jesus, significando o modo por que havia de morrer.

³³Tornou Pilatos a entrar no pretório, chamou Jesus e perguntou-lhe: És tu o rei dos judeus?

³⁴Respondeu Jesus: Vem de ti mesmo esta pergunta ou te disseram outros a meu respeito?

³⁵Replicou Pilatos: Porventura, sou judeu? A tua própria gente e os principais sacerdotes é que te entregaram a mim. Que fizeste?

³⁶Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui.

³⁷Então, lhe disse Pilatos: Logo, tu és rei? Respondeu Jesus: Tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz.

³⁸Perguntou-lhe Pilatos: Que é a verdade? Tendo dito isto, voltou aos judeus e lhes disse: Eu não acho nele crime algum.

“Que farei, então, com Jesus?”

VII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).

H. Sexta-feira: o dia da morte de Jesus (continuação).

5. A negação por Pedro (Mateus 26:58, 69–75; Marcos 14:54, 66–72; Lucas 22:54b–62; João 18:15–18, 25–27).

6. O “juízo” judaico (estágio três): sentenciado pelo Sinédrio (Mateus 27:1, 2; Marcos 15:1; Lucas 22:66–23:1; João 18:28).

7. O juízo romano:

a. Estágio um: perante Pilatos (inocente) (Mateus 27:11–14; Marcos 15:2–5; Lucas 23:2–7; João 18:28–38).

INTRODUÇÃO

Nesta lição¹, daremos continuidade ao estudo sobre os julgamentos de Jesus. Durante o julgamento de Jesus perante Pilatos, o governador perguntou à multidão: “Que farei, então, com Jesus...?” (Mateus 27:22; NVI). Essa pergunta é tão pertinente hoje quanto no momento em que foi proferida pela primeira vez. Todos que ficam conhecendo a Jesus precisam respondê-la.

Já vimos como alguns responderam a essa interrogação. Judas, por exemplo, disse efetivamente: “Irei vendê-lo!” Hoje, alguns ainda são culpados de “vender o Senhor”² — por objetivos egoístas, como popularidade, prazer ou posse de bens. Alguns têm “vendido” o Senhor por valores consideravelmente inferiores às trinta moedas de prata!

À medida que continuarmos a examinar os julgamentos de Jesus, notaremos, ocasionalmente, como outras pessoas responderam essa mesma pergunta: “Que farei, então, com Jesus?” Meu alvo

é desafiar cada pessoa a dizer: “O que eu tenho feito com o Senhor?”

A NEGAÇÃO DE PEDRO³

(MATEUS 26:56–58, 69–75; MARCOS 14:54, 66–72; LUCAS 22:54–62; JOÃO 18:15–18, 25–27)

Na lição anterior, estudamos sobre as orações de Jesus no jardim, Sua prisão e os primeiros estágios do “juízo” judaico. Iniciamos esta lição, remontando ao momento da prisão de Jesus.

Quando Cristo foi preso, “os discípulos todos, deixando-o, fugiram” (Mateus 26:56). Todavia, quando Jesus foi levado, Pedro e João⁴ seguiram-no de longe⁵ juntamente com os soldados até que a procissão chegasse à casa do sumo sacerdote (Marcos 14:54; João 18:15; Lucas 22:54). João, conhecido da família do sumo sacerdote⁶, teve permissão para

¹Devido à importância desta lição, ela foi elaborada em duas partes. Se você estiver utilizando o cronograma de quarenta semanas sugerido no início desta série e for imprescindível manter esse cronograma, terá de condensar as duas lições numa única apresentação. Se o tempo não for um fator determinante, você poderá optar por abordar este tema em duas aulas consecutivas.

²A expressão “vender o Senhor” refere-se a pensar que alguma outra coisa é mais importante (valiosa) do que Jesus, colocando-a antes do Senhor e da Sua vontade, como na expressão “deixar-se vender” em sinônimo de trair.

³Veja mais detalhes (e a aplicação) sobre a história da negação de Pedro, em “Quando o Galo Canta”, em “Conheça o Mestre, 2”, *A Verdade para Hoje*, pp. 32–36.

⁴Presume-se que o discípulo anônimo de João 18:15–18 seja o próprio João.

⁵Muitos pregadores observam que Pedro não deve ter seguido “de longe”. Provavelmente, de modo algum Pedro O seguiu. Jesus já havia sinalizado que Ele queria que os discípulos ficassem longe da comitiva que viera prendê-lo (João 18:8).

⁶João 18:15 diz que ele era conhecido do sumo sacerdote; o versículo 16 indica que ele também era conhecido dessa família. João talvez fosse conhecido da família devido às suas atividades de pesca. (No passado, pode ser que ele tenha lhes fornecido peixes.) Atos 4:5–7, 13 também pode indicar que Caifás tivesse algum conhecimento do passado de João.

entrar no pátio (João 18:15). O pátio ficava logo embaixo do salão de reuniões do Sinédrio (veja Marcos 14:65, 66). Graças à influência de João, Pedro também teve permissão para entrar (veja João 18:16, 17)⁷.

Fizeram uma pequena fogueira no centro do pátio para espantar o frio (João 18:18; Lucas 22:55). Na tentativa de agir como se pertencesse ao grupo, Pedro sentou-se⁸ junto à fogueira “para ver o fim” (Mateus 26:58). Entre o grupo aqueciam-se “os serventúrios” que haviam prendido a Jesus (Marcos 14:54; João 18:18).

Anteriormente naquela noite, Jesus havia predito que Seus discípulos O abandonariam (Mateus 26:31). Pedro protestara: “Ainda que venhas a ser um tropeço para todos, nunca o serás para mim” (Mateus 26:33). O Senhor dissera a ele com tristeza: “Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante⁹, tu me negarás três vezes” (Mateus 26:34).

A negação número um não tardaria a acontecer¹⁰. A criada que recepcionara a Pedro foi até ele e disse: “Não és tu também um dos discípulos deste homem?” (João 18:17a). As suspeitas dela certamente emergiram do fato de que ele estivera com João. Pedro rapidamente respondeu: “Não sou” (João 18:17b), mas isto não satisfez a mulher. “Fitando-o” (Lucas 22:56a), ela disse aos que estavam junto à fogueira: “Este também estava com ele” (Lucas 22:56b). Ela disse ao apóstolo: “Tu também estavas com Jesus, o Nazareno” (Marcos 14:67; veja Mateus 26:69). “Ele, porém, o negou diante de todos” (Mateus 26:70), dizendo: “Mulher, não o conheço” (Lucas 22:57; Marcos 14:68).

O apóstolo saiu rapidamente dali em direção à porta (Mateus 26:71), onde poderia esconder-se no

alpendre¹¹ (Marcos 14:68)¹². No entanto, a criada o seguiu e disse aos circunstantes: “Este é um deles” (Marcos 14:69). Outra criada concordou declarando: “Este também estava com Jesus, o Nazareno” (Mateus 26:71; veja Lucas 22:58a). “E ele negou outra vez, com juramento¹³: Não conheço tal homem” (Mateus 26:72; veja Lucas 22:58b). Essa foi a negação número dois.

Temos de parar novamente para fazer uma pergunta: “Por que Pedro negou Jesus?” Esse pescador não era facilmente intimidado. Ele havia provado sua coragem no jardim. Havia se mostrado corajoso (ou pelo menos precipitado) entrando no pátio, onde estaria cercado de inimigos de Jesus. Não podemos responder essa pergunta com convicção, mas consideremos o seguinte: Pedro devia estar confuso; ele poderia até estar relutando com a dúvida. Por um lado, a idéia de Jesus ser preso, julgado e condenado à morte não combinava com o conceito preconcebido que ele tinha a respeito do Messias (Mateus 16:22). Por outro lado, ele certamente não conseguia entender por que seu Senhor não o deixara usar da espada (Mateus 26:52). Na hora, em que esse homem, normalmente autoconfiante, entrou no pátio, ele estava vulnerável, extremamente vulnerável¹⁴.

Passou-se uma hora durante a qual o apóstolo ficou sozinho, mas depois disso “outro afirmava, dizendo: Também este, verdadeiramente, estava com ele, porque também é galileu. Mas Pedro insistia: Homem, não compreendo o que dizes” (Lucas 22:59, 60a). Alguns dos que estavam ali confirmaram: “Verdadeiramente, és também um deles, porque o teu modo de falar o denuncia” (Mateus 26:73). O dialeto dos galileus era diferenciado: além de engolir as palavras, pronunciavam muitas letras semelhantemente e não pronunciavam outras. Estava presente na multidão um parente de Malco (veja João 18:10). Disse ele: “Não te vi eu no jardim com ele?” (João 18:26). Pedro “começou... a praguejar e a jurar: Não

⁷O que aconteceu a João quando Pedro foi aquecer-se no pátio? Talvez, já que João era conhecido da família, ele tenha recebido permissão para entrar na casa. Uma outra possibilidade é que ele tenha visto o perigo e tenha ido embora.

⁸João 18:25 diz que “lá estava Simão Pedro, aquecendo-se”. Provavelmente ficou parte do tempo em pé e parte, sentado.

⁹Segundo Marcos, Jesus disse: “Em verdade te digo que hoje, nesta noite, antes que duas vezes cante o galo, tu me negarás três vezes” (Marcos 14:30;). Não há contradição; nos demais relatos do evangelho, tudo indica que o galo cantou duas vezes.

¹⁰Não sabemos exatamente a ordem das negações. A narrativa a seguir é uma das possibilidades de se organizar a história. Cada um dos relatos do evangelho registra as três negações. Provavelmente elas ocorreram numa sucessão tão rápida que podem ser consideradas uma única negação.

¹¹Provavelmente, “alpendre” é uma referência aos beirais do telhado.

¹²No fim de Marcos 14:68, alguns manuscritos antigos acrescentam a expressão: “E o galo cantou”. Em algum momento na metade da provação de Pedro, um galo de fato cantou pela primeira vez (veja Marcos 14:72).

¹³Esse “juramento” provavelmente não se refere ao que consideramos profanação, e sim aos juramentos formais usados pelos judeus. Ele jurou que o que estava dizendo era a verdade.

¹⁴Satanás continuou a “peneirá-lo” (veja os comentários sobre Lucas 22:31 na página 3 da edição anterior).

onheço esse homem!” (Mateus 26:74a). A NVI diz que “começou a lançar maldições e a jurar”. Essa foi a negação número três.

Imediatamente, enquanto Pedro falava, “cantou o galo”¹⁵ (Lucas 22:60b; veja Mateus 26:74b; João 18:27b) — conforme previu Jesus. Naquele instante, “voltando-se o Senhor, fixou os olhos em Pedro” (Lucas 22:61a). Talvez Jesus o tenha visto pela janela. Talvez, ao ser levado de um lugar para outro, Jesus tenha cruzado o pátio e virado o olhar para o apóstolo. Imagine aquele olhar do Senhor! Quantas emoções ele deve ter transmitido: tristeza, reprovação... e também amor, sempre amor! Quando Jesus olhou para Pedro, o apóstolo “se lembrou da palavra do Senhor, como lhe dissera: Hoje, três vezes me negarás, antes de cantar o galo”¹⁶. Então, Pedro, saindo dali, chorou amargamente” (Lucas 22:61b, 62). Lágrimas rolaram pelo seu rosto bronzeado.

Em resposta à pergunta: “Que farei, então, com Jesus?” será que já respondemos: “Vou negá-LO”? Será que já nos vimos em situações tão desagradáveis que foi mais fácil — e mais seguro — guardar silêncio do que defender o Senhor e a Sua Palavra?¹⁷ Não pense que isto jamais poderia acontecer; se Pedro caiu, nós também podemos (veja 1 Coríntios 10:12).

Todavia, a história de Pedro também proclama que fracassar não é o fim. Falaremos mais sobre isso numa futura lição.

A ACUSAÇÃO DO SINÉDRIO (MATEUS 27:1, 2; MARCOS 15:1; LUCAS 22:66—23:1)

Retomemos agora o relato dos julgamentos de Jesus. Faremos isto buscando uma outra resposta para a pergunta: “Que farei, pois, com Jesus?” O Sinédrio efetivamente disse: “Vamos acusá-LO!”

A sessão noturna do Sinédrio na casa de Caifás foi irregular, se não ilegal¹⁸. Com a aproximação de um novo dia (veja Marcos 15:1a; Lucas 22:66), Jesus foi levado para a câmara do Sinédrio¹⁹ (Lucas 22:66)

¹⁵Marcos diz “E logo cantou o galo pela segunda vez” (Marcos 14:72a; grifo meu). Reveja as notas de rodapé 9 e 12.

¹⁶Marcos 14:72b diz: “Antes que duas vezes cante o galo...” Veja a nota de rodapé 9, na página 20.

¹⁷Em relação a negar o Senhor, veja Mateus 10:33 e 2 Timóteo 2:12.

¹⁸Veja o sermão sobre os julgamentos de Jesus “Qual é o seu veredito?”, a partir da página 36 desta edição.

¹⁹A câmara do conselho evidentemente ficava a certa distância da casa do sumo sacerdote, pois Jesus teve de ser levado para lá após a sessão noturna. Entretanto, há discórdia entre os estudiosos quanto ao local exato da câmara. No

para uma reunião “oficial”.

Os membros do Sinédrio²⁰ tinham um propósito duplo em mente. Primeiramente, precisavam de uma confirmação formal da sentença pronunciada à noite. Perguntaram novamente a Jesus: “Se tu és o Cristo, dize-nos” (Lucas 22:67a; veja Mateus 26:63). Ele respondeu: “Se vo-lo disser, não o acreditareis; também, se vos perguntar, de nenhum modo me respondereis”²¹ (Lucas 22:67b, 68). A Bíblia Viva parafraseia: “Se eu lhes disser, vocês não acreditarão em mim, nem me deixarão explicar nada”. A seguir, porém, Jesus referiu-se a Si mesmo com o título messiânico “Filho do Homem” (Lucas 22:69)²². Os membros do Sinédrio apegaram-se à reivindicação de Jesus de que Ele era Deus: “Logo, tu és o Filho de Deus?” (Lucas 22:70a). E Ele respondeu: “Vós dizeis que eu sou”²³ (Lucas 22:70b). Alterados, exclamaram: “Que necessidade mais temos de testemunho²⁴? Porque nós mesmos o ouvimos da sua própria boca” (Lucas 22:71).

Uma segunda questão também precisava ser determinada²⁵. Haviam condenado Jesus à morte sob a acusação de blasfêmia (Mateus 26:65, 66), mas eles próprios não podiam executá-LO legalmente (João 18:31)²⁶. Uma vez que o governo romano não se incomodaria com a acusação religiosa de blasfêmia, eles teriam de forjar uma acusação política que im-

passado, a maioria pensava que ela ficava no templo, não muito longe do Pátio das Mulheres (veja o diagrama do templo na página 35 da edição “A Vida de Cristo — Parte 2”), mas agora alguns acreditam que ela ficava do lado de fora do templo.

²⁰Marcos observou que “todo o Sinédrio” estava presente (Marcos 15:1), o que incluía Nicodemos e José de Arimatéia (João 7:50; Lucas 23:50, 51). Se esses dois homens estavam presentes, será que tiveram oportunidade de falar em protesto, ou todo o caso foi tramitado tão rapidamente que não conseguiram falar? Não sabemos.

²¹Ele poderia ter perguntado a respeito do que o Antigo Testamento ensinava sobre o Messias, e como Sua própria vida e ministério haviam cumprido essas profecias. Todavia, ele sabia que eles se recusariam a responder (veja Mateus 22:41–46a).

²²Veja os comentários sobre Mateus 26:64 na página 10.

²³A frase no original grego é uma reprodução da expressão hebraica que indica afirmação.

²⁴Os membros do conselho falavam seriamente, mas há algo de cômico nessa declaração: *não* tinham testemunhos. Se Jesus não tivesse dado testemunho, não haveria testemunho naquela manhã.

²⁵Embora não mencionado a esta altura da história, inventar uma acusação política provavelmente teria sido um item importante a ser apresentado ao conselho. Nesse caso, teria sido necessário levar Jesus primeiramente até Pilatos.

²⁶Mais tarde, apedrejariam Estêvão até a morte *ilegalmente* (Atos 6:8—7:60); mas, no caso de Jesus, quiseram preservar a *aparência* de legalidade. (Veja os comentários sobre João 19:31 na edição “A Vida de Cristo — Parte 13”.)

pressionasse o oficial. Após fazerem isto (veja Lucas 23:1), “levantando-se toda a assembléia” e, “amarando-o, levaram-no e o entregaram ao governador Pilatos” (Lucas 23:2; Mateus 27:2)²⁷.

Infelizmente, a resposta do Sinédrio: “Vamos acusá-lo”, ainda é audível hoje. Assim como os membros do conselho, algumas pessoas não estão dispostas a analisar seriamente as evidências de que Jesus é verdadeiramente o Filho de Deus. Numa total incredulidade, descartam os fatos bíblicos relativos à vida de Cristo até que tudo o que resta é um pregador galileu itinerante, parcamente instruído e desinteressante. Alguém disse que, se uma personagem insípida como essa pôde mudar o curso da história, esse seria um milagre maior que os milagres bíblicos rejeitados pelos céticos! Oremos para que todos aceitem Jesus como o Filho de Deus e que ninguém seja condenado por dizer: “Vou acusá-lo”.

O DILEMA DE PILATOS (MATEUS 27:11–14; MARCOS 15:2–5; LUCAS 23:1–7; JOÃO 18:28–38)

Os representantes do Sinédrio entregaram Jesus “a Pilatos” (Lucas 23:1). Pôncio Pilatos era o então governador romano da Judéia (Lucas 3:1) e Samaria²⁸. Como governador, seus principais deveres eram manter a paz e arrecadar impostos para Roma. Também era dele a desagradável responsabilidade de “aprovar e efetuar a execução de qualquer um que fosse sentenciado pelos próprios governantes da nação subjugada — nesse caso, o Sinédrio”²⁹.

Ainda era de manhã bem cedo³⁰ quando os líderes levaram Jesus ao quartel-general de Pilatos em Jerusalém³¹, que se chamava “Pretório” (João

18:28a). “Pretório” era um termo latino usado no grego para a residência oficial do governador romano em determinada localidade (veja Atos 23:35). Segundo a tradição inspirada, o Pretório de Jerusalém ficava no Castelo de Antônia (também conhecido como Forte de Antônia), no vértice noroeste do complexo do templo³². Hoje, alguns acreditam ser mais provável que Pilatos tenha residido no palácio de Herodes, o Grande no lado oeste da cidade³³, mas outros ainda preferem o local tradicional. Bastiaan VanElderen observou que “a situação tensa que exigia que Pilatos estivesse perto do templo, o centro de atividades da época da Páscoa, favorece que se localize Pilatos no Forte Antônia para [o] julgamento de Jesus”³⁴.

O Pretório era território gentil, a hierarquia judaica “não entrou no pretório para não se contaminarem³⁵, mas poderem comer a Páscoa” (João 18:28b). Visto que “a ceia de Páscoa” havia sido comida na noite anterior (Mateus 26:17–19; Marcos 14:12, 14, 16; Lucas 22:8, 11, 13, 15), “páscoa” aqui deve ser uma referência a outras refeições comidas nos oito dias de festa³⁶. Os líderes hipócritas não hesitaram em condenar um Homem inocente à morte, mas não arriscaram uma “contaminação cerimo-

³²Veja o mapa de Jerusalém na página 26. Além disso, a tradicional “Via Dolorosa” começa nesse local. Comentando sobre o castelo, Josefo disse que, “devido à sua magnificência, ele parecia um palácio” (Josefo, *Guerras dos Judeus* 5.5.8).

³³A pergunta em relação ao local da residência de Pilatos é comentada na obra de John McRay *Arqueologia e o Novo Testamento...? Vida Cristã? Archaeology and the New Testament*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1991, pp. 114–19.

³⁴B. VanElderen, “Pretório”, *International Standard Bible Encyclopedia*, rev. ed. Ger. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1986, 3:929. Considere-se também que durante as festas judaicas, mais soldados romanos eram trazidos de Cesaréia. Normalmente, eles acampavam no Castelo de Antônia prontos para qualquer tumulto que ocorresse nas mediações do templo (veja Atos 23:31–35). Segundo Mateus 27:27, “toda a coorte” [romana] estava no pretório. Isto pode indicar que o Castelo de Antônia era o pretório.

³⁵A respeito da contaminação por estar num aposento de gentios, veja Atos 10:28. Muitos judeus haviam chegado a Jerusalém uma semana antes para se purificarem (João 11:55) a fim de participarem da ceia. Os líderes judeus não queriam parecer menos conscientes do que os judeus “comuns”.

³⁶Veja o quadro das festas dos judeus na página 28 da edição “A Vida de Cristo — Parte 1” e o artigo “Em Que Dia Jesus Morreu?” na próxima edição desta série. Na época de Jesus, os termos “Páscoa” e “Festa dos Pães Asmos” eram usados com frequência frequência comosinônimos (veja Lucas 22:1). Edersheim apresenta uma exposição sobre a qual refeição especial se referia João 18:28 (Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah* [“A Vida e os Tempos de Jesus, o Messias”], Nova versão atualizada. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1993, pp. 865–66).

²⁷Algumas harmonias inserem o suicídio de Judas imediatamente após a confirmação formal pelo Sinédrio porque foi nesse ponto que Mateus situou o episódio (Mateus 27:3–10). Entretanto, alguns dos detalhes da história indicam que o fato provavelmente ocorreu após Pilatos sentenciar Jesus à morte.

²⁸Veja mais sobre Pilatos na página 39 da edição “A Vida de Cristo — Parte 1”. Veja também o artigo suplementar sobre Pilatos nas páginas 34 e 35 desta edição.

²⁹F. LaGard Smith, *The Narrated Bible in Chronological Order* (“A Bíblia Narrada em Ordem Cronológica”). Eugene, Oreg.: Harvest House Publishers, 1984, p. 1470.

³⁰Algum tempo depois, após Jesus ter estado perante Pilatos duas vezes e perante Herodes uma vez, João disse que eram cerca de seis horas da manhã (veja os comentários sobre João 19:14 na página 33). O Sinédrio deve ter levado Jesus às pressas até Pilatos.

³¹O quartel-general palestino do governo romano ficava em Cesaréia (veja Atos 23:33), mas Pilatos foi a Jerusalém durante os dias da festa judaica para vigiar os judeus subversivos.

nial” (João 18:28; NVI).

Quando Pilatos soube que uma delegação judaica trouxera um prisioneiro, ele saiu para falar com eles e perguntou: “Que acusação trazeis contra este homem?” (João 18:29)³⁷. Os líderes judeus primeiramente tentaram induzir o governador a condenar Jesus à morte meramente porque o exigiam (João 18:30). Era do interesse de Pilatos cooperar com os judeus, mas aquilo era pedir demais. Possivelmente, Pilatos dispensou os judeus com um aceno, enquanto dizia: “Tomai-o vós outros e julgai-o segundo a vossa lei” (João 18:31a).

Os líderes rapidamente explicaram ao governante porque tiveram de levar Jesus até ele: “A nós não nos é lícito matar ninguém” (João 18:31b). Os judeus tinham permissão para algumas concessões³⁸, mas o “governo romano retinha o direito de vida e morte”³⁹. João salientou que essa situação possibilitou o cumprimento das palavras de Jesus sobre a forma em que Ele morreria (João 18:32). O modo de execução preferido pelos judeus era o apedrejamento (veja Atos 7:58), mas os romanos preferiam a crucificação. Quando o conselho devolveu Cristo aos cuidados de Pilatos, eles involuntariamente cumpriram a predição de Jesus de que Jesus morreria por crucificação, nas mãos de gentios (João 12:32–34; veja Mateus 20:18, 19; Marcos 10:33, 34).

A palavra “morte” teria chamado a atenção do governador; o caso envolvia uma transgressão capital. Podemos imaginá-lo olhando mais de perto para Cristo. O governador provavelmente ouvira falar de Jesus⁴⁰. Na última parte do ministério de Cristo, Ele viajou extensivamente pela Judéia (território de Pilatos) por duas vezes⁴¹. A comovente che-

³⁷Não sabemos a ordem exata dos acontecimentos ocorridos durante o julgamento romano de Jesus. A ordem aqui sugerida é uma das possibilidades.

³⁸Veja a página 39 na edição “A Vida de Cristo — Parte 1”.

³⁹Theodor Mommsen. Citado em Bruce Corley, “Trial of Jesus” [“Julgamento de Jesus”], *Dictionary of Jesus and the Gospels* [“Dicionário de Jesus e os Evangelhos”], eds. Joel B. Green e Scot McKnight. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1992, p. 850. Uma possível exceção à declaração de João 18:31b era se um não-judeu entrasse na parte santa do templo. (Veja Atos 21:27–31; “Atos, 4”, *A Verdade para Hoje*, p. 33; e Josefo, *A Guerra dos Judeus* 6.2.4.)

⁴⁰As palavras da esposa de Pilatos (Mateus 27:19) implicam algum conhecimento anterior sobre Jesus; se a esposa dele ouviu falar de Jesus, Pilatos certamente também ouviu.

⁴¹Veja mais sobre o ministério na Judéia na página 46 da edição “A Vida de Cristo — Parte 2”. Em relação ao final do ministério na Judéia, veja a harmonia na edição “A Vida de Cristo — Parte 8”. O sucesso de Jesus na Galiléia chamara a

gada de Jesus a Jerusalém cinco dias antes — e os subsequentes atritos com as autoridades judaicas — certamente não passaram despercebidos⁴². Na noite anterior, as forças militares controladas por Pilatos foram recrutadas para ajudar com a prisão de Jesus. Podemos imaginar os pensamentos que passavam pela mente do oficial: “Quem é esse Homem, afinal?”

Os líderes apresentaram a Pilatos a acusação tripla que haviam inventado: “Encontramos este homem pervertendo a nossa nação, vedando pagar tributo a César e afirmando ser ele o Cristo, o Rei” (Lucas 23:2). A primeira queixa era obscura, a segunda era falsa (Mateus 22:17–21), e a terceira era uma deturpação: Jesus era um Rei (Mateus 2:2; 21:5; 27:11), mas não num sentido político. Cristo não fez esforço para defender-se contra essas acusações fabricadas — que surpreenderam o governador (Mateus 27:12–14; Marcos 15:4, 5; veja Isaías 53:7).

Pilatos retirou-se para seus aposentos e Jesus foi levado até ele (João 18:33a). A alegação que preocupou o governador era se Jesus alegava ou não ser rei. Pilatos perguntou: “És tu o rei dos judeus?” (Mateus 27:11a; veja João 18:33b). Cristo respondeu: “Tu o dizes” (Mateus 27:11b; Marcos 15:2; veja 1 Timóteo 6:13)⁴³.

Jesus então fez uma pergunta a Pilatos: “Vem de ti mesmo esta pergunta ou to disseram outros a meu respeito?” (João 18:34). Ele provavelmente estava pedindo ao governante que analisasse a fonte da acusação⁴⁴. Se existia alguém que saberia se Jesus era ou não uma ameaça à paz romana, esse alguém era o governador. Por outro lado, se a acusação tinha origem nos líderes judeus, a alegação tinha de levantar suspeitas. O Sinédrio não era conhecido por sua preocupação com o bem-estar do Império Romano.

Pilatos reconhecia que a acusação procedia desses judeus e insistiu para que Jesus explicasse o que Ele fizera para provocá-los (João 18:35). Cristo respondeu essa pergunta, mas não de uma forma que o oficial romano entendesse. Ele disse: “O meu reino não é deste mundo” (João 18:36a). Era essa a raiz do

atenção de Herodes (Mateus 14:1; Lucas 9:7–9); o sucesso de Jesus na Judéia teria captado a atenção de Pilatos também.

⁴²Veja a nota de rodapé 15 na página 30.

⁴³Alguns acreditam que Jesus estava dizendo: “Essas palavras são suas, não Minhas”, mas a resposta dele era uma expressão tipicamente hebraica que significa “sim” (veja a nota de rodapé 23 na página 21).

⁴⁴A pergunta de Jesus em João 18:34 é assunto para uma variedade de interpretações; a que apresentamos aqui é a mais provável.

Atribuição de Leitura nº. 38

Mateus 27:15–31a;
Marcos 15:6–20a;
Lucas 23:8–25;
João 18:39, 40; 19:1–16

Mateus 27:15–31a

¹⁵Ora, por ocasião da festa, costumava o governador soltar ao povo um dos presos, conforme eles quisessem.

¹⁶Naquela ocasião, tinham eles um preso muito conhecido, chamado Barrabás.

¹⁷Estando, pois, o povo reunido, perguntou-lhes Pilatos: A quem quereis que eu vos solte, a Barrabás ou a Jesus, chamado Cristo?

¹⁸Porque sabia que, por inveja, o tinham entregado.

¹⁹E, estando ele no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Não te envolvas com esse justo; porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito.

²⁰Mas os principais sacerdotes e os anciãos persuadiram o povo a que pedisse Barrabás e fizesse morrer Jesus.

²¹De novo, perguntou-lhes o governador: Qual dos dois quereis que eu vos solte? Responderam eles: Barrabás!

²²Replicou-lhes Pilatos: Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo? Seja crucificado! Responderam todos.

²³Que mal fez ele? Perguntou Pilatos. Porém cada vez clamavam mais: Seja crucificado!

²⁴Vendo Pilatos que nada conseguia, antes, pelo contrário, aumentava o tumulto, mandando vir água, lavou as mãos perante o povo, dizendo: Estou inocente do sangue deste [justo]; fique o caso convosco!

²⁵E o povo todo respondeu: Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!

²⁶Então, Pilatos lhes soltou Barrabás; e, após haver

açoitado a Jesus, entregou-o para ser crucificado.

²⁷Logo a seguir, os soldados do governador, levando Jesus para o pretório, reuniram em torno dele toda a coorte.

²⁸Despojando-o das vestes, cobriram-no com um manto escarlate;

²⁹tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e, na mão direita, um caniço; e, ajoelhando-se diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, rei dos judeus!

³⁰E, cuspido nele, tomaram o caniço e davam-lhe com ele na cabeça.

³¹Depois de o terem escarnecido, despiram-lhe o manto e o vestiram com as suas próprias vestes.

Marcos 15:6–20a

⁶Ora, por ocasião da festa, era costume soltar ao povo um dos presos, qualquer que eles pedissem.

⁷Havia um, chamado Barrabás, preso com amotinadores, os quais em um tumulto haviam cometido homicídio.

⁸Vindo a multidão, começou a pedir que lhes fizesse como de costume.

⁹E Pilatos lhes respondeu, dizendo: Quereis que eu vos solte o rei dos judeus?

¹⁰Pois ele bem percebia que por inveja os principais sacerdotes lho haviam entregado.

¹¹Mas estes incitaram a multidão no sentido de que lhes soltasse, de preferência, Barrabás.

¹²Mas Pilatos lhes perguntou: Que farei, então, deste a quem chamais o rei dos judeus?

¹³Eles, porém, clamavam: Crucifica-o!

¹⁴Mas Pilatos lhes disse: Que mal fez ele? E eles gritavam cada vez mais: Crucifica-o!

¹⁵Então, Pilatos, querendo contentar a multidão, soltou-lhes Barrabás; e, após mandar açoitar a Jesus, entregou-o para ser crucificado.

¹⁶Então, os soldados o levaram para dentro do palácio, que é o pretório, e reuniram todo o destacamento.

¹⁷Vestiram-no de púrpura e, tecendo uma coroa de espinhos, lha puseram na cabeça.

¹⁸E o saudavam, dizendo: Salve, rei dos judeus!

¹⁹Davam-lhe na cabeça com um caniço, cuspiam nele e, pondo-se de joelhos, o adoravam.

^{20a}Depois de o terem escarnecido, despiram-lhe a púrpura e o vestiram com as suas próprias vestes.

Lucas 23:8–25

⁸Herodes, vendo a Jesus, sobremaneira se alegrou, pois havia muito queria vê-lo, por ter ouvido falar a seu respeito; esperava também vê-lo fazer algum sinal.

⁹E de muitos modos o interrogava; Jesus, porém, nada lhe respondia.

¹⁰Os principais sacerdotes e os escribas ali presentes o acusavam com grande veemência.

¹¹Mas Herodes, juntamente com os da sua guarda, tratou-o com desprezo, e, escarnecendo dele, fê-lo vestir-se de um manto aparatoso, e o devolveu a Pilatos.

¹²Naquele mesmo dia, Herodes e Pilatos se reconciliaram, pois, antes, viviam inimizados um com o outro.

¹³Então, reunindo Pilatos os principais sacerdotes, as autoridades e o povo,

¹⁴disse-lhes: Apresentastes-me este homem como agitador do povo; mas, tendo-o interrogado na vossa presença, nada verifiquei contra ele dos crimes de que o acusais.

¹⁵Nem tampouco Herodes, pois no-lo tornou a enviar. É, pois, claro que nada contra ele se verificou digno de morte.

¹⁶Portanto, após castigá-lo, soltá-lo-ei.

¹⁷[E era-lhe forçoso soltar-lhes um detento por ocasião da festa.]

¹⁸Toda a multidão, porém, gritava: Fora com este! Solta-nos Barrabás!

¹⁹Barrabás estava no cárcere por causa de uma sedição na cidade e também por homicídio.

²⁰Desejando Pilatos soltar a Jesus, insistiu ainda.

²¹Eles, porém, mais gritavam: Crucifica-o! Crucifica-o!

²²Então, pela terceira vez, lhes perguntou: Que mal fez este? De fato, nada achei contra ele para condená-lo à morte; portanto, depois de o castigar, soltá-lo-ei.

²³Mas eles instavam com grandes gritos, pedindo que fosse crucificado. E o seu clamor prevaleceu.

²⁴Então, Pilatos decidiu atender-lhes o pedido.

²⁵Soltou aquele que estava encarcerado por causa da sedição e do homicídio, a quem eles pediam; e, quanto a Jesus, entregou-o à vontade deles.

João 18:39, 40

³⁹É costume entre vós que eu vos solte alguém por ocasião da Páscoa; quereis, pois, que eu solte o rei dos judeus?

⁴⁰Então, gritaram todos, novamente: Não este, mas Barrabás! Ora, Barrabás era salteador.

João 19:1–16

¹Então, por isso, Pilatos tomou a Jesus e mandou açoitá-lo.

²Os soldados, tendo tecido uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e vestiram-no com um manto de púrpura.

³Chegavam-se a ele e diziam: Salve, rei dos judeus! E davam-lhe bofetadas.

⁴Outra vez saiu Pilatos e lhes disse: Eis que eu vo-lo apresento, para que saibais que eu não acho nele crime algum.

⁵Saiu, pois, Jesus trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Disse-lhes Pilatos: Eis o homem!

⁶Ao verem-no, os principais sacerdotes e os seus guardas gritaram: Crucifica-o! Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós outros e crucificai-o; porque eu não acho nele crime algum.

⁷Responderam-lhe os judeus: Temos uma lei, e, de conformidade com a lei, ele deve morrer, porque a si mesmo se fez Filho de Deus.

⁸Pilatos, ouvindo tal declaração, ainda mais atemorizado ficou,

⁹e, tornando a entrar no pretório, perguntou a Jesus: Donde és tu? Mas Jesus não lhe deu resposta.

¹⁰Então, Pilatos o advertiu: Não me respondes? Não sabes

que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar?

¹¹Respondeu Jesus: Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada; por isso, quem me entregou a ti maior pecado tem.

¹²A partir deste momento, Pilatos procurava soltá-lo, mas os judeus clamavam: Se soltas a este, não és amigo de César! Todo aquele que se faz rei é contra César!

¹³Ouvindo Pilatos estas palavras, trouxe Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado Pavimento, no hebraico Gabatá.

¹⁴E era a parasceve pascal, cerca da hora sexta; e disse aos judeus: Eis aqui o vosso rei.

¹⁵Eles, porém, clamavam: Fora! Fora! Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso rei? Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei, senão César!

¹⁶Então, Pilatos o entregou para ser crucificado.

Uma Pergunta que Todos Precisam Responder

Leitura Bíblica 38

- VII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).
- H. Sexta-feira: o dia da morte de Jesus (continuação).
7. O julgamento romano (continuação):
- b. Estágio dois: perante Herodes Antipas ((julgado inocente) (Lucas 23:8–12).
 - c. Estágio três: perante Pilatos (sentenciado à morte) (Mateus 27:15–31a; Marcos 15:6–20a; Lucas 23:13–25; João 18:39–19:16).

INTRODUÇÃO

A lição anterior foi a primeira parte da última lição sobre os julgamentos de Jesus. Demos ênfase à pergunta: “Que farei, então, com Jesus?” (veja Mateus 27:22). Vimos dois indivíduos que foram enfáticos em suas respostas: Pedro praticamente disse: “Vou negar Jesus!”, enquanto o Sinédrio respondeu: “Nós vamos acusá-lo!”. Houve, porém, um outro indivíduo que hesitou com a pergunta: Pilatos sabia que ele deveria dizer: “Vou soltá-lo”, mas teve medo das ramificações políticas dessa decisão. Nesta continuação do estudo, observaremos como outros responderam a pergunta: “Que farei, então, com Jesus?” Também veremos a resposta definitiva de Pilatos.

HERODES: “VOU DAR UM DE CURIOSO” (LUCAS 23:5–11)

No fechamento da lição anterior, Pilatos pensou ter encontrado uma solução para seu dilema. Ele soube que Jesus era da Galiléia (vv. 5, 6), jurisdição de Herodes Antipas, por isso “estando este [Herodes], naqueles dias, em Jerusalém, lho remeteu”¹ (v. 7). Provavelmente, o governador esperava que, remetendo Jesus a Herodes, atingiria um propósito duplo: ele se livraria de um problema complicado e também melhoraria suas relações com o influente

governante (veja 23:12)².

Soldados romanos levaram Jesus até Herodes³. Seguindo-os a passos largos estavam “os principais sacerdotes e os escribas” (v. 10). Quando a procissão atingiu a residência de Herodes, o rei, “vendo a Jesus, sobremaneira se alegrou, pois havia muito queria vê-lo, por ter ouvido falar a seu respeito” (v. 8a; veja Mateus 14:1; Lucas 9:7–9). Herodes não desejava realmente ver Jesus nem ouvi-lo ensinar; ele só estava curioso. Cristo não quis satisfazer sua curiosidade (veja Mateus 7:6). Enquanto Herodes O interrogava, “Jesus, porém, nada dizia” (Lucas 23:9; veja Isaías 53:7). O rei também esperava ser entretido por um espetáculo mágico (Lucas 23:8b) — mas Cristo nunca operou milagres por encomenda (veja Mateus 12:38, 39; 16:1, 4). Os “sinais” que Jesus operava tinham um propósito mais sério.

Quando Jesus recusou-se a fazer papel de bobo

¹Pilatos estava em Jerusalém nos dias de festa com o intuito de manter a paz; sem dúvida, também para causar uma boa impressão aos judeus.

²Era vantajoso para Pilatos ser bem visto por Herodes Antipas: “Antipas... era ouvido pelo imperador Tibério [Josefo, *Antiguidades dos Judeus* 18.2.3; 18.4.5]” (Bruce Corley, “Trial of Jesus [“Julgamento de Jesus”], *Dictionary of Jesus and the Gospels*, ed. Joel B. Green e Scot McKnight. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1992, p. 848). Em relação a por que Pilatos e Herodes eram inimigos, veja o artigo suplementar sobre Pilatos nas páginas 34 e 35.

³Não sabemos ao certo para onde levaram Jesus. Se o pretório ficava no Castelo de Antonia, Herodes Antipas provavelmente estava hospedado no palácio construído por seu pai no lado oeste da cidade. Se o Pretório de Pilatos ficava no Palácio de Herodes, o Grande, não temos idéia de onde Herodes Antipas estaria hospedado.

da corte⁴, Herodes inventou sua própria diversão. Logo, uma atmosfera circense tomou conta do ambiente. De um lado estavam os principais sacerdotes e os escribas, emitindo acusações sonoramente (Lucas 23:10). No meio do salão estava Jesus, vestido como palhaço⁵, enquanto o rei e seus soldados dançavam ao redor dele, ridicularizando-o (Lucas 23:11a)⁶. Finalmente se cansaram do jogo infantil e Herodes “O devolveu a Pilatos” (Lucas 23:11b).

Infelizmente, hoje em dia muitas pessoas não demonstram maior interesse em Jesus do que Herodes demonstrou. Elas são curiosas em relação a Jesus. Estão dispostas a aprender mais sobre Ele desde que a discussão se mantenha num nível superficial, mas nunca lêem nem estudam seriamente os relatos do evangelho com o intuito de descobrir quem Ele realmente é. Por essa razão, nunca aceitam Jesus como o Filho de Deus nem entregam suas vidas a Ele. Um antigo adágio diz que “a curiosidade matou o gato”; a curiosidade também pode matar a alma de uma pessoa, se o seu interesse por Jesus nunca for mais acentuado.

A MULTIDÃO: “VAMOS CRUCIFICÁ-LO!”
(MATEUS 27:15–23; MARCOS 15:6–14;
LUCAS 23:12–23; JOÃO 18:39—19:12)

Pilatos conseguiu atingir um de seus propósitos ao enviar Jesus até Herodes: ele melhorou sua relação com o rei (Lucas 23:12). Todavia, não alcançou o outro propósito: ainda era responsável pelo caso de Jesus. Então, o governador tentou soltar Jesus mais uma vez.

...reunindo Pilatos os principais sacerdotes, as autoridades e o povo, disse-lhes: Apresentastes-me este homem como agitador do povo; mas, tendo-o interrogado na vossa presença, nada verifiquei contra ele dos crimes de que o acusais. Nem tampouco Herodes⁷, pois no-lo tornou a enviar. É, pois, claro que nada contra ele se verificou digno de morte. Portanto, após castigá-lo, soltá-lo-ei (Lucas 23:13–16).

Pela segunda vez, Pilatos declarou Jesus “inocen-

⁴Reis antigos tinham homens cuja única responsabilidade era entretê-los. Esses homens, que usavam roupas espalhafatosas, eram chamados de “bobos da corte” ou “bufões”.

⁵O “manto aparatoso” de Lucas 23:11 pode ter sido um dos mantos que Herodes jogara no lixo.

⁶Em Atos 4:27, Herodes é denunciado por esse tratamento para com Jesus.

⁷Evidentemente, visto que Herodes não condenou Jesus mas devolveu-o, Pilatos entendeu que o rei dispensara Jesus das acusações.

te”. Isto suscita uma pergunta: se Pilatos julgou-o inocente, por que ele propôs um castigo? O governador esperava abrandar os judeus açoitando Cristo, para depois soltá-lo (Lucas 23:16; veja também v. 22). O significado principal da palavra grega traduzida por “castigar” em Lucas 23:16 é “ensinar ou instruir”⁸. Pilatos, com efeito, dizia aos líderes judeus: “Vou dar uma lição neste Homem!” (veja a Bíblia Viva).

A “sala de aula” onde a “lição” foi administrada chamava-se câmara de tortura (João 19:1; veja Mateus 27:26; Marcos 15:15)⁹. J. W. Shepard deu a seguinte descrição do que consistia o açoitamento romano:

O instrumento de açoite era um chicote com várias tiras de couro, cada uma com esferas de chumbo na ponta ou pedaços pontiagudos de osso ou cravos. Despida, com as mãos atadas a uma coluna ou estaca e as costas curvadas, a vítima era surrada com os [chicotes] por seis [executores], os quais aplicavam esses instrumentos de tortura com tamanho rigor a ponto de quase matar o prisioneiro. Cada golpe dilacerava a pele, até que as veias e, às vezes, até as entranhas ficassem expostas. Geralmente, o chicote atingia o rosto e nocauteava os olhos e os dentes. O açoitamento quase sempre acabava em desmaio e, às vezes, até em óbito.¹⁰

Dessa forma, Jesus foi “castigado”. Como se não bastasse, logo a seguir, os responsáveis pelo açoitamento também O ridicularizaram. “Os soldados, tendo tecido uma coroa de espinhos¹¹, puseram-lha na cabeça e vestiram-no com um manto de púrpura¹². Chegavam-se a ele e diziam: Salve, rei dos judeus! E davam-lhe bofetadas” (João 19:2, 3; veja Mateus 20:19).

⁸W. E. Vine, Merrill F. Unger e William White, Jr., “*paidouo*”, *Vine’s Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1996, p. 97.

⁹É obscuro se o açoitamento ocorreu nesse momento, como parte dos esforços de Pilatos para acalmar os líderes judeus, ou se ocorreu mais tarde, logo antes da crucificação, como parte da terrível preparação para a execução.

¹⁰J. W. Shepard, *The Christ of the Gospels* (“O Cristo dos Evangelhos”). Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1939, p. 589.

¹¹Não sabemos de qual das muitas variedades de arbustos locais essa coroa foi feita. Acreditam alguns que se tratava de uma espécie de urze de espinhos longos que chegam a medir mais de 5cm. Uma coroa feita de *qualquer* tipo de espinho teria sido extremamente dolorosa — como tem constatado este autor ao confeccionar coroas como recurso visual didático.

¹²Esse deveria ser o “manto aparatado” colocado sobre Jesus por Herodes (veja a nota de rodapé 5), ou um manto jogado no lixo que pertencera a um legionário.

Pilatós deve ter pensado: “Quando os inimigos desse Homem virem os efeitos do que Jesus já suportou, isto certamente aplacará a ira deles!” Saindo, disse ele: “Eis que eu vo-lo apresento, para que saibais que eu não acho nele crime algum” (João 19:4a). Jesus foi levado perante a multidão. Havia sobre Sua cabeça uma coroa de espinhos (João 19:5a), sangue escorria pela Sua face oriundo dos espinhos que perfuravam-Lhe a testa. Colocaram em Suas costas um manto esfarrapado (João 19:5b), manchado com o sangue da pele dilacerada. Apontando para Jesus, Pilatos disse: “Eis o homem!” (João 19:5c)¹³.

Se o governador pensou que a sede de sangue dos judeus seria saciada com o açoitamento, ele ficou desapontado. Os principais sacerdotes e os guardas gritaram: “Crucifica-o! Crucifica-o!” (João 19:6a). Contrariado, Pilatos disse, com efeito: “Se vocês estão tão determinados a crucificá-IO, façam isto vocês mesmos — porque eu não achei nesse Homem crime algum!”¹⁴ (veja João 19:6b). Certamente havia um tom sarcástico em sua voz, pois ele sabia — e eles também — que os romanos não permitiam que os judeus administrassem a crucificação.

Os líderes judeus não se deixaram intimidar. Incansavelmente, aumentaram a pressão sobre Pilatos: “Temos uma lei, e, de conformidade com a lei, ele deve morrer, porque a si mesmo se fez Filho de Deus” (João 19:7)¹⁵. Em outras palavras: “Não faz diferença se você O considera ou não inocente da acusação de traição. Nós estamos dizendo que Ele deve morrer e você vai sentenciá-IO à morte!”

Quando Pilatos ouviu que Jesus declarava ser o Filho de Deus (João 19:7), isto o deixou ainda mais “atemorizado” (v. 8). As mitologias grega e romana continham muitas lendas sobre deuses que assumiram a forma humana (veja Atos 14:11, 12). Ele voltou ao seu gabinete e mais uma vez mandou lhe trazerem Jesus. Apreensivo, perguntou: “Donde és tu?” (João 19:9a). Em outras palavras: “Você é da terra ou é do céu — talvez de uma das habitações

dos deuses como o monte Olimpo?” “Mas Jesus não lhe deu resposta” (v. 9b).

Pilatós pressionou Jesus a responder: “Não me respondes? Não sabes que [mesmo a esta altura do julgamento] tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar?” (v. 10). Jesus então falou — mas Sua resposta não aliviaria Pilatos: “Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada” (v. 11a).

Cristo acrescentou: “quem me entregou a ti [isto é, Caifás] maior pecado tem” (v. 11b). Pilatos não teve as mesmas oportunidades que Caifás para conhecer Jesus (veja Lucas 12:48). Além disso, o governador não estava motivado por ódio como estava Caifás: Pilatos não era de todo inocente (veja Atos 4:27), mas o sumo sacerdote (e os judeus influenciados por ele) teria de assumir a maior culpa (veja Atos 2:23, 36; 3:13–15, 17; 5:28, 30; 7:52; 13:27, 28; 1 Tessalonicenses 2:14, 15).

Pilatós encerrou a conversa determinado a encontrar um meio de soltar Jesus (João 19:12a; veja Lucas 23:20). Era-lhe óbvio que Jesus nada fizera de errado nem pelos critérios romanos nem pelos judaicos, mas “ele bem percebia que por inveja os principais sacerdotes lho haviam entregado”¹⁶ (Marcos 15:10). Mandar açoitá-lo não amansou os judeus, mas deveria haver outras estratégias.

Ponderando o que fazer, Pilatos tornou a sair¹⁷. Ali, ele se deparou com uma multidão a espera (Marcos 15:8a). Aquele não era o grupinho de fanáticos que estivera reivindicando a morte de Jesus. Esse grupo viera solicitar que se concedesse o privilégio especial da Páscoa oferecido pelos romanos: a libertação de um prisioneiro (Marcos 15:8; Mateus 27:15; João 18:39)¹⁸. Nisto, Pilatos elaborou um novo plano para libertar Jesus. Normalmente, o governador permitia que os judeus escolhessem a quem queriam libertar (veja Mateus 27:15). Dessa vez, ele restringiria a escolha a dois homens: um renegado desprezível e Jesus.

“Naquela ocasião, tinham eles um preso mui-

¹³Visto que Pilatos geralmente se referiu a Jesus como “Rei” (veja Marcos 15:9, 12; João 18:39), o uso de “Homem” possivelmente é significativo. Pilatos poderia estar dizendo aos judeus: “Vejam! Ele é só um homem que sangra como qualquer outro! Ele não é ninguém que deva lhes causar preocupação”.

¹⁴No texto grego, os pronomes equivalentes a “vós” e “eu” são enfáticos.

¹⁵Os líderes judeus recorreram mais tarde à acusação de traição (João 19:12); naquele momento, porém, abandonaram a acusação política e optaram pela religiosa pela qual haviam condenado a Jesus (blasfêmia).

¹⁶Isto pode implicar que ele sabia da entrada triunfal e do debate de Jesus com os líderes judeus no templo, na terça-feira daquela semana.

¹⁷Aparentemente, naquela hora, ele deixou Jesus do lado de dentro, sob custódia (veja João 19:13).

¹⁸Pilatós disse aos Judeus: “É costume entre vós que eu vos solte alguém...” (João 18:39a). Isto deve mostrar que Pilatos não iniciou esse costume, mas que ele foi iniciado por um oficial romano anterior. Não há registro histórico desse costume existente em Jerusalém naqueles dias, mas não é incomum até mesmo hoje que líderes políticos soltem presos numa tentativa de ganhar boa reputação.

to conhecido, chamado Barrabás¹⁹ (Mateus 27:16). O nome “Barrabás” significa “filho de Aba” — em outras palavras, “o filho do [meu] pai”²⁰. “Barrabás estava no cárcere por causa de uma sedição na cidade...” (Lucas 23:19a). Talvez ele tivesse liderado uma rebelião levantada quando Pilatos usou a verba do templo para construir um aqueduto até Jerusalém²¹. Barrabás também era ladrão²² (João 18:40) e homicida²³ (Lucas 23:19b). Pilatos provavelmente pensou que Barrabás não era o tipo de gente que pessoas de bom senso iriam querer soltar na sociedade.

O governador, então, ofereceu ao povo duas opções restritas: “Estando, pois, o povo reunido, perguntou-lhes Pilatos: A quem quereis que eu vos solte, a Barrabás ou a Jesus, chamado Cristo?” (Mateus 27:17; veja Marcos 15:9). Além de uma aversão a Barrabás, o governador também pode ter contado com a popularidade que Jesus desfrutara apenas cinco dias antes²⁴.

Assim que o povo começou a discutir entre si sobre qual escolha fazer, Pilatos talvez tenha pensado que conseguira exceder em esperteza seus adversários judeus — mas tal satisfação logo caiu por terra. Sentando-se ali²⁵, “sua mulher mandou dizer-lhe: Não te envolvas com esse justo; porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito”²⁶ (Mateus 27:19). Isto deixou

o oficial ainda mais receoso (veja João 19:8).

Pilatos subestimara os poderes persuasivos dos principais sacerdotes e anciãos. Talvez ele também tenha calculado mal a opinião da multidão acerca de Barrabás. Por mais detestável que Barrabás fosse como um ser humano, uma vez que ele havia lutado contra os romanos, o criminoso poderia ser visto como um herói local. De qualquer modo, os líderes judeus conseguiram persuadir a multidão “a que pedisse Barrabás e fizesse morrer Jesus” (Mateus 27:20).

O governador certamente ficou estarrecido e desanimado quando a multidão comunicou sua decisão: “Toda a multidão, porém, gritava: Fora com este! Solta-nos Barrabás!” (Lucas 23:18; veja Mateus 27:21). Pego desprevenido, Pilatos fez a pergunta que estamos investigando nesta lição: “Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo?” (Mateus 27:22a). E gritaram: “Crucifica-o!” (Mateus 27:22b; veja Marcos 15:12, 13; Lucas 23:21)²⁷.

Pilatos tentou apelar para o senso de justiça do povo: “Então, pela terceira vez, lhes perguntou: Que mal fez este? De fato, nada achei contra ele para condená-lo à morte” (Lucas 23:22; veja Marcos 15:14a). Entretanto, seus ouvintes não tinham o menor interesse por justiça: “Mas eles instavam com grandes gritos, pedindo que fosse crucificado” (Lucas 23:23a; veja Marcos 15:14b).

Quando nos deparamos com a visão desoladora do povo de Deus rejeitando o Filho de Deus²⁸, podemos pensar que, depois disso, ninguém mais tornou a referir-se a Jesus dizendo: “Ora, crucifique-o!” O autor da Epístola aos Hebreus, porém, escreveu que os que caíram da fé, “de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia” (Hebreus 6:6). Você, que é discípulo de Jesus, já ficou tentado a virar as costas para Ele? Saiba que, se fizer isto, estará pregando novamente os cravos nas mãos e nos pés do Salvador. Pedro falou o seguinte dos cristãos que tornaram a se enredar no mundo: “tornou-se o seu último estado pior que o primeiro” (2 Pedro 2:20; veja vv. 21, 22). Nunca, nunca, nunca diga através dos seus atos: “Vou crucificá-LO!”

¹⁹Segundo um manuscrito antigo, seu nome completo era “Jesus Barrabás”. Pode ser por isso que Pilatos falou de Jesus como “Jesus, chamado o Cristo” — para distingui-lo do “Jesus” chamado “Barrabás”.

²⁰No que diz respeito ao significado de “Aba”, veja a página 15 desta edição.

²¹Veja as informações sobre Pilatos nas páginas 34 e 35.

²²A palavra grega traduzida por “ladrão” implica violência (veja a página 46 desta edição). No lugar de “ladrão”, a NVI diz “bandido”. O mesmo termo foi usado na acusação que o Sinédrio declarou contra Jesus.

²³Talvez ele tivesse matado soldados romanos durante uma rebelião.

²⁴Jesus recebeu honras em Sua entrada triunfal em Jerusalém.

²⁵Mateus 27:19 diz: “estando ele no tribunal”. A expressão “no tribunal” é tradução de *bema*, que se referia a um lugar elevado de onde os oficiais faziam seus pronunciamentos. (Veja os comentários sobre o uso da palavra *bema* em Atos 18:12, em “Atos, 7”, *A Verdade para Hoje*, p. 40.)

²⁶Incrédulos supersticiosos dão muito valor a sonhos, mas isto não quer dizer que devemos fazer o mesmo. Durante a época dos milagres, Deus às vezes usava sonhos para comunicar-se com o Seu povo (Mateus 1:20; 2:12, 13, 19, 22) — mas não é mais assim. Além disso, não há razão para cremos que houve uma ação sobrenatural no sonho da esposa de Pilatos. O fato de ela chamar Jesus de “esse justo” indica que ela já O conhecia. Talvez ela tenha tomado conhecimento de que soldados romanos foram destacados para prender Jesus, um Homem que ela sabia ser justo e tal preocupação tenha lhe causado o pesadelo.

²⁷Muitos pregadores destacam que a multidão gritou: “Hosana!” no primeiro dia da semana e “Crucifica-o!”, cinco dias depois, demonstrando a vulnerabilidade do povo. O povo pode ser vulnerável e facilmente manipulado — mas, com toda probidade, devemos reconhecer que a multidão jubilosa daquele domingo não era necessariamente a mesma multidão sedenta por sangue da sexta-feira.

²⁸Por milhares de anos, os israelitas foram o povo escolhido de Deus.

**PILATOS: “VOU FICAR NEUTRO”
(MATEUS 27:24–31; MARCOS 15:15–20;
LUCAS 23:23–25; JOÃO 19:12–16)**

A multidão continuou gritando pela crucificação de Jesus e “o seu clamor prevaleceu” (Lucas 23:23b). Deve ter ficado cada vez mais óbvio a Pilatos que nada senão a morte de Jesus satisfaria os judeus.

Se havia algum resquício de resistência da parte do governador, este foi eliminado de vez quando os líderes judeus gritaram: “Se soltas a este, não és amigo de César! Todo aquele que se faz rei é contra César!” (João 19:12b). Tibério era o César que imperava naqueles dias (veja Lucas 3:1)²⁹. A última parte do reinado de Tibério caracterizou-se por “ciúme doentio, desconfiança e crueldade”³⁰. Muitos oficiais estavam sendo reconvocados a Roma sob a acusação de “maiestas minuta — negligenciar a segurança do estado”³¹. Tendo, na melhor das hipóteses, um cargo modesto, ele não quis correr o risco de os judeus apresentarem uma queixa formal³².

Assentado no tribunal (João 19:13b) — o símbolo da autoridade romana — Pilatos mandou levar Jesus para diante da multidão (v. 13a). Disse ele: “Eis aqui o vosso rei” (v. 14c). “Eles, porém, clamavam: Fora! Fora! Crucifica-o!” (João 19:15a). Pilatos então perguntou: “Hei de crucificar o vosso rei?” (v. 15b). “Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei, senão César!” (v. 15c).

Se precisássemos de alguma prova de que o ódio obscurece a mente e destrói o bom senso, aqui está um exemplo perfeito: “Não temos rei, senão César”? Deus não era o Rei de Israel (Salmos 10:16; Mateus 5:35)? Não aguardavam a vinda do Messias, que seria seu Rei (Zacarias 9:9; Mateus 21:5)? Consumida pela astúcia, a hierarquia judaica abandonou verdades sagradas defendidas havia milhares de anos.

E por todo esse tempo, a multidão insistia: “Crucifica-O!” (Mateus 27:23), ecoando aquele ritmo cadenciado que todo romano temia, pois era sinal de

tumulto³³. Um tumulto certamente colocaria em dúvida a aptidão de Pilatos para controlar a Judéia. O governador teve de optar rapidamente por sua carreira ou pela soltura de um Inocente. Não demorou muito para ele tomar uma decisão: desistiu de tentar salvar Jesus (veja Mateus 27:24a).

Pilatos pediu uma bacia com água e “lavou as mãos perante o povo, dizendo: Estou inocente do sangue deste justo!” (Mateus 27:24c). Os judeus conheciam o gesto (Deuteronômio 21:1–9; veja Salmos 26:6; 73:13)³⁴. Pilatos estava tentando livrar-se da responsabilidade; mas prevalece o fato de que, sendo ele o governador romano, a decisão final era dele. Ele podia lavar a sujeira das mãos, mas não do coração.

A resposta de Pilatos à pergunta: “Que farei com Jesus?” foi: “Vou ficar neutro”. O problema é que é impossível optar pela neutralidade em relação a Jesus. Cristo disse: “Quem não é por mim é contra mim” (Mateus 12:30a). Optar por não aceitar a Cristo é tomar a decisão de rejeitá-lo. Jesus afirmou claramente: “Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue; a própria palavra que tenho proferido, essa o julgará no último dia” (João 12:48). Permanecer neutro não é uma opção quando o Senhor é o objeto da decisão.

Após declarar-se inocente pela morte de Jesus, Pilatos disse à multidão: “Fique o caso convosco!” (Mateus 27:24d), ao que responderam: “Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!” (Mateus 27:25). Com essas palavras, os judeus aceitaram espontaneamente a culpa perpétua por matarem o Filho do próprio Deus³⁵.

“Então, Pilatos, querendo contentar a multidão”, finalmente, “decidiu atender-lhes o pedido. Soltou aquele que estava encarcerado por causa da sedição e do homicídio, a quem eles pediam” (Lucas 23:24, 25a). E quanto a Jesus, “entregou-o para ser crucificado” (Mateus 27:26b)³⁶.

²⁹Veja um breve comentário sobre Tibério na página 38 da edição “A Vida de Cristo — Parte 1”.

³⁰J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 717.

³¹A. N. Sherwin-White, “Pilate, Pontius” [“Pilatos, Pôncio”]. *The International Standard Bible Encyclopedia*, rev. ed. ger. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1986, 3:868.

³²Os temores de Pilatos tinham fundamento. Alguns anos depois, foi apresentada uma queixa e ele foi destituído do seu posto. Veja um artigo suplementar sobre Pilatos nas páginas 34 e 35.

³³Walter Wangerin, Jr., *O Livro de Deus: A Bíblia Romançada*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, s.d., s.p.

³⁴No Brasil, ainda dizemos: “Lavo as minhas mãos”, cujo significado é: “Nada mais vou fazer em relação a isto”, implicando que “o que acontecer desta hora em diante não é culpa minha”.

³⁵Este fato não justifica palavras ou atos de anti-semitismo. De um jeito ou de outro, cada um de nós crucificou a Cristo e o expôs à vergonha (veja Hebreus 6:6). Judeus e gentios, todos nós somos pecadores carentes da graça de Deus (veja Romanos 3:23 no contexto).

³⁶João 19:16 diz: “Finalmente Pilatos o entregou a eles para ser crucificado” (NVI). No contexto, “eles” refere-se aos sacerdotes, mas não foram os sacerdotes judeus que crucificaram Jesus. A terminologia apenas indica que Pilatos cedeu à vontade desses líderes.

Pôncio Pilatos (e a Morte de Jesus)

Você já ouviu falar em Gratos? E o nome Marcelos lhe soa familiar? Talvez você diga: “Não faço a mínima idéia de quem sejam!” E Pilatos? Com certeza, você já ouviu esse nome. Isto é interessante porque Gratos foi o governador romano da província da Judéia antecessor a Pilatos e Marcelos foi seu sucessor — ambos foram melhores governadores que Pilatos. Por que nos lembramos de Pilatos? Porque Jesus apresentou-se perante ele numa sexta-feira.

A maior parte do que sabemos sobre Pilatos provém dos relatos do evangelho e do registro do seu governo feito pelo historiador judeu Flávio Josefo¹. Há, no entanto, outras referências bíblicas, históricas e arqueológicas a esse indivíduo. Este artigo suplementar foi extraído dessas fontes, e de outras que mencionam a morte de nosso Senhor.

REFERÊNCIAS DO NOVO TESTAMENTO

Além das referências a Pilatos decorrentes do julgamento romano de Jesus (Mateus 27; Marcos 15; Lucas 23; João 18 e 19), o Novo Testamento possui apenas um punhado de passagens relativas a esse governador romano. Ele foi governador quando João Batista começou seu ministério (Lucas 3:1). Circulou naqueles dias um relato sobre galileus cujo “sangue Pilatos misturara com os sacrifícios que os mesmos realizavam” (Lucas 13:1) — talvez ao abafar uma rebelião (comentada mais adiante). Nos sermões dos apóstolos, Pilatos foi mencionado como tendo se envolvido na morte de Jesus (Atos 4:27; 13:28; veja 3:13). Paulo falou da “boa confissão” feita por Jesus “perante Pôncio Pilatos” (1 Timóteo 6:13).

J. G. Vos deu este resumo do registro do Novo Testamento: Ele “retrata Pilatos como cínico e céptico — um romano teimoso, mas carente das virtudes romanas tradicionais de honra, justiça e integridade. Pilatos foi um negociante descomprometido e conveniente no lugar de um guardião da justiça”².

FLÁVIO JOSEFO (37 d.C.— APÓS 93 d.C.)

Josefo escreveu sobre os três incidentes ocorridos durante o governo de Pilatos que esclarecem alguma coisa a respeito da sua relação instável com os judeus. 1) Quando Pilatos mandou uma unidade militar a Jerusalém, o exército usou estandartes com as imagens do imperador, contrariando a lei judaica e a costumeira prática romana na Judéia. Após um conflito com os judeus, Pilatos mandou retirarem os símbolos³. 2) Pilatos tentou aplacar a hostilidade dos judeus construindo um aqueduto para trazer água até Jerusalém. Entretanto, quando se descobriu que as verbas do templo haviam sido usadas para esse projeto, houve uma violenta manifestação e rebeldes foram mortos⁴. (Alguns acreditam que este incidente armou o palco para Lucas 13:1.) 3) Em seu décimo e último ano de mandato, Pilatos usou o exército para suprimir um grupo armado em Samaria. Embora não haja nenhuma prova de que esse grupo pretendesse fomentar uma revolta, ele sofreu uma emboscada. Muitos morreram no conflito, e muitos dos rebeldes que sobreviveram ao combate foram executados. Os oficiais samaritanos levaram um protesto ao governador da Síria, superior imediato de Pilatos. Ele destituiu Pilatos do seu posto e mandou-o de volta a Roma para ser investigado⁵.

Talvez seja de grande relevância a este estudo o chamado *Testimonium Flavianum* de Josefo (seu “testemunho” sobre Jesus). Muitos pensam que as palavras do historiador foram adornadas mais tarde por cristãos, mas a maioria concorda que o cerne desse relato foi escrito por Josefo — incluindo esta frase: “...quando Pilatos, por sugestão dos principais homens dentre nós, condenou-o à cruz, aqueles que o amavam inicialmente não o abandonaram”⁶.

FILO (C. 20 a.C. — 50 d.C.)

O filósofo judeu Filo de Alexandria acusou Pila-

¹Josefo, *Antiguidades dos Judeus* 18.2.2; 18.3.1,2; *Guerras dos Judeus* 2.9.2—4.

²J. G. Vos, “Pilate, Pontius”, *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, ed. ger. Merrill C. Tenney. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1975, 4:792.

³*Antiguidades dos Judeus* 18.3.1.; *Guerras dos Judeus* 2.9.2, 3.

⁴*Guerras dos Judeus* 2.9.4.

⁵*Antiguidades dos Judeus* 18.4.1, 2.

⁶*Antiguidades dos Judeus* 18.3.3.

tos de todo tipo de maldade. A maioria dos estudiosos acredita que o teólogo cometeu exageros, mas em muitos aspectos seu retrato falado do governador concorda com os registros bíblicos e históricos. Filo escreveu a respeito das “corrupções... atos de insolência, saque [confisco de propriedade], hábito de insultar pessoas, crueldade e contínuos homicídios de pessoas não julgadas e não condenadas e das intermináveis, gratuitas e abomináveis desumanidades” de Pilatos⁷.

Filo registrou um incidente relativo à precária relação de Pilatos com os judeus. O governador colocou escudos com dedicatórias ao imperador nos muros de sua residência em Jerusalém. Líderes judeus enfurecidos mandaram um protesto a Tibério, que, por sua vez, ordenou que os escudos fossem levados para o templo de Augusto em Cesaréia⁸.

DIVERSAS REFERÊNCIAS HISTÓRICAS

O Talmude Babilônico judeu refere-se a Jesus “pendurado na véspera de Páscoa”⁹ e insiste (como era esperado) que havia justificativa para os líderes judeus condenarem Jesus.

Tácito, um historiador latino que escreveu entre 115 e 117 d.C., fez a seguinte referência aos cristãos: “Eles inspiraram seu nome no Cristo, que foi executado por sentença do procurador Pôncio Pilatos, no reinado de Tibério”¹⁰.

Uma carta siríaca, escrita por Mara bar Serapion a seu filho, referiu-se a Jesus com estas palavras: “Qual vantagem os judeus obtiveram executando seu sábio Rei? Foi logo depois disso que o reino deles foi destruído... Nem sequer conseguiram matar o sábio Rei; ele sobreviveu através dos ensinamentos que propagou”¹¹. A data dessa fonte é incerta, mas ela pode ter sido escrita por volta de 73 d.C.

Em 1961, foi descoberta a primeira evidência arqueológica de Pilatos. Arqueólogos encontraram uma pedra no teatro romano em Cesaréia com a inscrição “Pôncio Pilatos, Prefeito da Judéia”¹².

ESCRITORES CRISTÃOS NÃO-INSPIRADOS

Vários escritores cristãos não-inspirados do primeiro século mencionaram Pilatos, entre eles Orígenes. Justino Mártir e Tertuliano mencionaram o registro público oficial romano do julgamento de Jesus¹³, mas há incerteza quanto a, realmente, terem visto esse registro¹⁴.

Para muitos de nós, os últimos dias de Pilatos geram grande curiosidade. Quando o governador foi convocado para Roma (como já mencionamos), ele chegou logo após a morte de Tácito. Não há evidências históricas sobre o que aconteceu a seguir, mas Eusébio registrou a difundida tradição de que ele teria cometido suicídio após seu julgamento¹⁵. Tradições posteriores diziam que ele cometeu suicídio durante o reinado de Gaio (37—41 d.C.) em Vinea Allobrogum, na Gália (atual França), onde fora exilado. Eusébio atribuiu a morte do governador à justiça divina¹⁶.

¹³Justino Mártir, *Apologia* 1.35; 1.48; Tertuliano, *Apologia* 5.2; 21.24.

¹⁴Séculos depois, um duvidoso documento não-inspirado que se declarava “Atos de Pilatos” foi escrito por um autor desconhecido.

¹⁵Eusébio, *História Eclesiástica* 2.7.

¹⁶Ibid.

⁷Filo, *Legado a Gálio* 38.

⁸Filo, *Da Alegação a Gálio* 299—305.

⁹Mishná, Sinédrio 43a, citado em Bruce Corley, “Trial of Jesus” (“Julgamento de Jesus”), *Dictionary of Jesus and the Gospels*, eds. Joel B. Green e Scot McKnight. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1992, p. 842.

¹⁰Tácito, *Anais* 15.44.

¹¹Citado em Corley, p. 842.

¹²John McRay, *Archaeology and the New Testament* (“Arqueologia e o Novo Testamento”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1991, 203—4.

Qual é o Seu Veredito?

Os Julgamentos
de Jesus.¹
Olhando de Perto



Nós que fomos salvos pelo sangue de Jesus, muitas vezes, olhamos para a Cruz com um misto de emoções: tristeza por Seu sofrimento, mas alegria por nossa salvação. No primeiro século, quando uma pessoa comum olhava para a cruz, ela não via nada além de agonia e desgraça (veja 1 Coríntios 1:18; Gálatas 3:13; Hebreus 12:2). Um dos maiores desafios enfrentados pelos primeiros evangelistas foi superar o arraigado preconceito com a idéia de que Aquele que morreu numa cruz romana era o Salvador. Paulo escreveu sobre esse desafio: "...nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios" (1 Coríntios 1:23).

O fato de Jesus morrer como um criminoso sentenciado ainda representa uma barreira à fé de alguns. Certos adversários do cristianismo apontam para o fato de que tanto os judeus como os romanos sentenciaram Jesus à morte. Eles insistem que é ridículo pensar que um indivíduo condenado tanto pela autoridade religiosa quanto pela política de Sua época poderia ser o Salvador do mundo. Para replicar essas objeções, é preciso compreendermos claramente o que ocorreu durante os julgamentos de Cristo¹. Precisamos entender como foi possível um Inocente ser condenado à morte.

Neste sermão, salientaremos aspectos específicos dos julgamentos judaico e romano aos quais Jesus foi submetido²: examinaremos os motivos daqueles que julgaram o Senhor; comentaremos procedimentos ilegais; veremos que, em vez desses julgamentos provarem que Jesus não é o Filho de Deus, com efeito, eles provam que Ele é. Antes de encerrarmos este sermão, faremos uma aplicação para o presente: Jesus ainda está "sob julgamento"

nos corações de muitos. Talvez Ele esteja sendo julgado pelo seu coração agora; talvez você ainda não tenha decidido se crê nEle. Você será desafiado a entregar o *seu* veredito: culpado ou inocente? Ele era um criminoso ou era o Cristo? Era um infrator ou o seu Senhor?

JESUS SOB JULGAMENTO NO PRIMEIRO SÉCULO

Predomina o Preconceito (no Sinédrio)

Vamos começar com o "julgamento" de Jesus perante o Sinédrio. Os líderes judeus não buscavam justiça, e sim justificação — para uma decisão já tomada semanas atrás (João 11:47–53, 57). "[Simon] Greenleaf, um professor de Harvard³ e renomado jurista norte-americano (1846) considerou o tratamento de Jesus [pelos judeus] homicídio perpetrado sob a pretensão de uma sentença legal."⁴

Mesmo para quem possui apenas um conhecimento superficial dos procedimentos legais deve ficar óbvio que o "julgamento" judaico de Jesus foi uma farsa. Mateus pôs à mostra o parecer tendencioso de Caifás e de seus seguidores: "Ora, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho falso contra Jesus, a fim de o condenarem à morte. E não acharam, apesar de se terem apresentado muitas testemunhas falsas" (Mateus 26:59,60a). A lei de Moisés era clara quanto ao pecado de dar falso testemunho (Êxodo 20:16; veja Deuteronômio 19:15–21).

A desonestidade do Sinédrio também é evidente no modo como apresentaram Cristo perante Pilatos. Eles mudaram a acusação religiosa de blasfêmia (Mateus 26:65, 66) para a política, de insurreição

¹Outro aspecto da réplica a essas objeções é explicar porque Jesus teve de *morrer* para nos proporcionar a salvação. Isto será comentado na próxima edição desta série.

²Se este sermão não for proferido como complemento das lições sobre esse assunto, é aconselhável se fazer uma breve recapitulação dos julgamentos.

³A Universidade de Harvard, em Cambridge, Massachusetts, é famosa por sua faculdade de Direito.

⁴Raymond E. Brown, *The Death of the Messiah* ("A Morte do Messias"), vol. 1. Nova York: Doubleday, 1994, p. 330.

(Lucas 23:2). Além disso, nenhuma prova das acusações feitas perante Pilatos foi apresentada antes ao tribunal judaico. Durante todo o julgamento romano (que será analisado mais adiante), a conduta do Sinédrio mostrou-se repleta de inconsistências:

- Condenaram Jesus por blasfêmia, e depois, na verdade, negaram que Deus era o Rei deles (veja João 19:15) — idéia esta que constituía uma blasfêmia.
- Acusaram Jesus de ser o tipo de Pessoa que incita insurreições com o intuito de pressionar Pilatos. (Mateus 27:24)
- Disseram que Jesus não deveria ser solto porque Ele era culpado de traição (Lucas 23:2), e depois exigiram que soltassem um homem culpado de traição (Marcos 15:7, 11).

Entendamos, porém, que o problema não era o sistema legal judaico; a falha estava nos corações de quem estava administrando a lei naquela sexta-feira fatal. O sistema legal judaico é reconhecido como um dos mais humanos do mundo. A vida de um israelita era considerada tão valiosa que se tomava toda precaução legal para protegê-la, por mais extrema que fosse a acusação. No segundo século, as tradições orais concernentes aos procedimentos legais judaicos foram anotadas num volume intitulado *Mishná*⁵. Há certo questionamento quanto a quais regras estariam em vigor quando Jesus foi julgado, mas muitos acreditam que, naquela época, as salvaguardas legais incluíam pelo menos o seguinte:

- Os casos de pena capital eram julgados somente de dia (*Mishná*, Sinédrio 4.1). Isto visava evitar que o cansaço afetasse a decisão do tribunal.
- Os juízes tinham de se empenhar em achar um meio de soltar o acusado, e não um meio de julgá-lo culpado (veja *Mishná*, Sinédrio 4.1; 4.5; 5.4).
- Uma votação unânime num caso de pena capital anulava a acusação (*Mishná*, Sinédrio 4.1). Uma votação unânime poderia indicar a ação de um grupo, e não a decisão de um corpo de homens justos.
- O conselho não poderia considerar um homem culpado e depois sentenciá-lo no mes-

⁵O *Mishná*, juntamente com o *Gemara* (comentários posteriores sobre o *Mishná*) formam o *Talmude*, que regulamenta as atividades judaicas atuais.

mo dia (*Mishná*, Sinédrio 4.1; 5.5). Deveria ir para casa e pensar no veredito a que chegaram.

- O sumo sacerdote, que presidia, não deveria emitir sua opinião a respeito do caso, pois sua influência era tão grande que poderia fazer membros mais jovens hesitarem (veja *Mishná*, Sinédrio 4.2).⁶

O “julgamento” que Jesus recebeu dos judeus violou todos os preceitos fundamentais abaixo:

- Ele foi julgado e sentenciado culpado à noite (Mateus 26:57, 66; 27:1).
- Os juízes não tiveram interesse em provar Sua inocência, e sim somente Sua culpa (Mateus 26:59).
- A votação do conselho contra Jesus foi aparentemente unânime (Marcos 14:64; Lucas 22:70, 71; veja Mateus 27:1; Marcos 15:1; Lucas 23:1)⁷.
- O veredito e a sentença foram pronunciados na mesma noite (Mateus 26:65, 66; 27:1).
- O sumo sacerdote primeiramente comunicou o seu veredito e depois induziu os demais a confirmarem (Mateus 26:65, 66).

Se os relatos bíblicos do julgamento de Jesus conduzido pelos judeus forem aceitos como confiáveis⁸, não há dúvida quanto a essas ilegalidades⁹ terem ocorrido — somente quanto à forma como

⁶Esta lista é um resumo de uma variedade de fontes, incluindo Brown, pp. 358—59 e Bruce Corley, “Trial of Jesus” (“Julgamento de Jesus”), *Dictionary of Jesus and the Gospels*, eds. Joel B. Green e Scot McKnight. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1992, p. 851.

⁷Mais tarde, Lucas observou que um membro do conselho, José de Arimatéia, “não tinha concordado com o desígnio e ação dos outros” (Lucas 23:51). Talvez José não estivesse presente quando cometeram o ato (veja observações sobre Lucas 23:51 na próxima edição), ou talvez Marcos e Lucas tenham usado a palavra “todos” no sentido de “a grande maioria”. (Veja os comentários sobre o uso da palavra “todos” em Marcos 1:5, na nota de rodapé 8, na página 31 de “A Vida de Cristo — Parte 2”).

⁸Os relatos do Novo Testamento acerca do julgamento de Jesus administrado pelos judeus têm sido questionados por alguns que insistem no fato de que nenhum júri judaico agiria tão pecaminosamente. Esses contestadores deveriam atentar para os muitos erros judiciais deliberados — mesmo por tribunais “religiosos” — que mancham a história da humanidade. Cremos que os escritores dos relatos do evangelho foram inspirados por Deus, tendo, portanto, registrado a verdade e nada mais que a verdade.

⁹Alguns preferem o termo “irregularidades”, mas “ilegalidades” parece ser mais exato.

ocorreram¹⁰. Além das irregularidades mencionadas, poderíamos acrescentar outras à lista¹¹:

- O julgamento se deu inadequadamente na casa do sumo sacerdote (*Mishná*, Sinédrio 11:2).
- O julgamento foi conduzido num dia de festa (*Mishná*, Sinédrio 4:1).
- Jesus foi condenado por blasfêmia, mas Sua afirmação não se enquadrava nos critérios legais judaicos de “blasfêmia”. Visando escapar da defesa legal, os rabinos formularam uma definição restrita da palavra. Segundo a Lei, “blasfêmia” referia-se a amaldiçoar a Deus (Levítico 24:15, 16); segundo os rabinos, o blasfemo só era culpado se pronunciasse claramente o nome de Deus (*Mishná*, Sinédrio 7:5).

Tornamos a dizer que o problema não estava no sistema legal judaico, e sim nos responsáveis por administrá-lo. Jesus não foi julgado e considerado culpado pelos judeus. Ele foi considerado culpado e depois julgado. Qualquer leitura imparcial dos relatos do julgamento de Jesus perante o conselho deve produzir um único veredito: “Inocente!”

Prevalece a Política: Pilatos

Prossigamos com o julgamento romano. O julgamento de Jesus perante Pilatos começou como um exercício legítimo na jurisprudência romana. Justiça era algo importante para o Império Romano; “o lema de Roma era: ‘A justiça seja feita nem que o céu cai sobre nossas cabeças!’”¹² Os entendidos no assunto dizem que “o julgamento de Cristo perante Pilatos teve quase todos os traços de um julgamento regional normal pelo *cognitio* (investigação) do governador”¹³. O procedimento básico era o seguinte:

- O governador era responsável por julgar o

caso; não havia júri.

- O governador ouvia a acusação.
- O governador interrogava o acusado.
- O governador convocava conselheiros se necessário fosse.
- Após concluir sua investigação, o governador sentava-se no tribunal e emitia um veredito. “A lei romana exigia que o magistrado pronunciasse uma sentença capital assentado ao tribunal.”¹⁴

Nos estágios iniciais, o julgamento romano de Jesus seguiu este procedimento:

- Jesus foi entregue a Pilatos (Mateus 27:2; Marcos 15:1; Lucas 23:1); o governador foi o único responsável pela prescrição legal do julgamento.
- Os líderes judeus apresentaram sua acusação a Pilatos (João 18:29, 30; Lucas 23:2).
- Pilatos interrogou Jesus (Mateus 27:11; Marcos 15:2; Lucas 23:3; João 18:33–38).
- O ato de Pilatos ao mandar Jesus para Herodes poderia ser interpretado como a busca por uma segunda opinião (veja Lucas 23:15).
- O tribunal é mencionado várias vezes (Mateus 27:19; João 19:13); Pilatos falou como um representante oficial de Roma. “Quando Pilatos sentou-se [no tribunal], ele *era* Roma.”¹⁵

O problema não foi Pilatos não ter seguido o procedimento prescrito; mas, após ter emitido seu veredito, não o manter. Depois de interrogar Jesus, ele virou-se para os acusadores e declarou: “Não vejo neste homem crime algum” (Lucas 23:4; veja v. 14). A NVI diz: “Não encontro motivo para acusar este homem”. A essa altura, ele deveria ter soltado Jesus¹⁶ — mas não o fez.

No decorrer do julgamento, Pilatos pronunciou repetidamente que Jesus não “tinha culpa”:¹⁷

“Não vejo neste homem crime algum” (Lucas 23:4).

¹⁰Alguns acreditam que houve pelo menos vinte e sete ilegalidades (Corley, p. 851);

¹¹A lista certamente poderia ser ampliada. Por exemplo, segundo o *Mishná*, ninguém poderia agir como juiz num caso em que a mesma pessoa era testemunha (Sinédrio 5.4), mas os membros do Sinédrio foram tanto testemunhas como juízes da assim chamada “blasfêmia” de Jesus (Lucas 22:71).

¹²Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* (“Comentário Expositivo da Bíblia”), vol. 1. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, p. 377.

¹³A. N. Sherwin-White, “Pilate, Pontius” (“Pilatos, Pôncio”), *The International Standard Bible Encyclopedia*, rev., ed. ger. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1986, 3:868.

¹⁴Corley, p. 849. Corley refereu-se a um estudo feito pelo alemão Theodor Mommsen, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1902. A obra mais conhecida de Mommsen são seus quatro volumes de *História de Roma*.

¹⁵Walter Wangerin Jr., *O Livro de Deus: A Bíblia Romanceada*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, s.d., s.p.

¹⁶Pilatos deveria ao menos ter declarado prisão preventiva para Jesus.

¹⁷Algumas das declarações em Lucas e João quase se sobrepõem, mas nós as alistamos aqui separadamente.

“Nada verifiquei contra ele dos crimes de que o acusais” (Lucas 23:14).

“Então, pela terceira vez, lhes perguntou: Que mal fez este? De fato, nada achei contra ele para condená-lo à morte...” (Lucas 23:22).

“Pilatos... voltou aos judeus e lhes disse: Eu não acho nele crime algum” (João 18:38).

“Outra vez saiu Pilatos e lhes disse: Eis que eu vo-lo apresento, para que saibais que eu não acho nele crime algum” (João 19:4).

“Disse-lhes Pilatos: ...eu não acho nele crime algum” (João 19:6b).

Um princípio básico de justiça é a proibição de “dupla condenação”¹⁸. Em termos simples, as leis concernentes à “dupla condenação” dizem que um indivíduo não pode ser julgado uma segunda vez por uma transgressão cuja pena ele já cumpriu. No julgamento de Jesus perante Pilatos, Ele não foi só submetido a “dupla condenação”, mas também a “tripla condenação”.

Desde o momento em que Pilatos deixou de enfatizar seu primeiro veredito — “inocente” — desapareceu a justiça dos procedimentos. O governador sabia por que o Sinédrio queria ver Jesus morto (Mateus 27:18; Marcos 15:10), e mesmo assim não O soltou. Ele estava ciente de que Cristo era inocente, todavia madnou açoitá-IO. Sabia que Jesus nada fizera para ser condenado à morte, porém permitiu que O crucificassem.

Pilatos agiu dessa forma porque era politicamente conveniente¹⁹ — mas nem por isso era o correto. À medida que os judeus aumentaram a pressão, “Jesus... foi levado às pressas²⁰ de um oficial para outro até que, finalmente, Pilatos entregou-O “para ser crucificado” (Mateus 27:26).

Jesus não foi julgado e condenado por Pilatos. Ao contrário disso, o governador romano declarou-O inocente — vez após vez. Em todos os julgamentos e fatos subseqüentes, aqueles que entraram em contato com Jesus sabiam que Ele era inocente. Seus

inimigos sabiam que Ele era inocente²¹. Pilatos sabia que Ele era inocente (Mateus 27:19). Herodes sabia que Ele era inocente (Lucas 23:15). Judas, que O traiu, sabia que Ele era inocente (Mateus 27:4). Um dos ladrões crucificados com Jesus sabia que Ele era inocente (Lucas 23:41). Até o centurião encarregado da crucificação sabia que Ele era inocente (veja Mateus 27:54; Marcos 15:39).

JESUS SOB JULGAMENTO NO SÉCULO XXI

Passemos agora do primeiro século para o século atual, o século XXI. Acabamos de ver os vereditos de determinados indivíduos em relação a Jesus, mas chegou a hora de fazermos uma pergunta: “Qual é o seu veredito?” Não responda com tanta rapidez. Você precisa entender a importância dessa decisão.

Imaginamos que a resposta de alguém seja: “Meu veredito é ‘inocente!’ Jesus não merece morrer”. Esse indivíduo diz isso sem perceber a implicação de sua declaração. Não se pode pronunciar coerentemente que Jesus é inocente, sem se estar disposto a aceitá-IO como o Filho de Deus e o Senhor das nossas vidas.

Por que fazer tal afirmação? Vamos recapitular por que Jesus foi condenado pelos judeus e romanos. Os líderes judeus alegaram que Jesus era culpado de blasfêmia quando Ele admitiu que era o Filho de Deus (Mateus 26:63–66). Indispostos a aceitar a divindade de Jesus, eles O declararam culpado da acusação. A acusação apresentada perante Pilatos era que Jesus alegava ser Rei (Lucas 23:2), uma acusação que Ele mesmo não negou (Mateus 27:11). O “crime” pelo qual Jesus foi crucificado numa cruz romana foi ter-se considerado Rei dos judeus (veja João 19:19–22). Os inimigos de Jesus negaram essa alegação ao próprio Deus; aos olhos deles Ele era apenas um agitador que merecia a morte.

Tendo todos estes fatos em mente, responda: “Qual é o seu veredito?” Você acredita que Jesus cometera blasfêmia quando alegou ser o Filho de Deus — ou você está disposto a aceitá-IO como o sublime Filho de Deus? Você crê que Jesus era culpado de insurreição e traição política — ou está disposto a aceitá-IO como o “Rei dos reis e Senhor dos senhores” espiritual (Apocalipse 19:16)? Você está disposto a ser Seu súdito, a entregar-se à vontade dEle, não importa qual seja (Lucas 6:46)? Tornamos a repetir que não se pode declarar coerentemente

¹⁸Nos Estados Unidos, a proibição contra dupla condenação é uma proteção garantida pela quinta emenda constitucional e pela maioria das constituições estaduais. Muitos países possuem uma medida legal semelhante.

¹⁹Se quiser, recapitule a relação insegura de Pilatos com os judeus.

²⁰H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 211. O fato de ainda ser 6h da manhã quando Pilatos entregou Jesus para ser crucificado (veja comentários sobre João 19:14 na página 33) indica que todo o procedimento foi feito às pressas, freneticamente.

²¹O fato dos inimigos procurarem “falso testemunho” contra Jesus (Mateus 26:59) comprova que eles sabiam que nenhum testemunho *verdadeiro* O condenaria.

Jesus inocente sem, ao mesmo tempo, não haver a disposição de aceitá-LO como o Filho de Deus e o Senhor das nossas vidas.

Jesus não foi colocado numa cruz romana por causa de algum pecado que Ele havia cometido, mas por causa do pecado existente nas vidas de outras pessoas²². Naquela remota sexta-feira, a justiça foi nocauteada pela inveja, pela ignorância e pela conveniência (veja Mateus 27:18; Atos 3:17; Marcos 15:15). Esses atributos e outros relacionados continuam a cegar pessoas para a verdadeira identidade de Jesus. Algumas pessoas são predispostas pelo que outras lhes dizem acerca de Jesus. Outras simplesmente desconhecem o que as Escrituras realmente ensinam sobre Jesus. São inúmeras as pessoas que relutam em assumir uma posição em favor de Jesus, porque, assim como Pilatos, querem “contentar a multidão” (Marcos 15:15).

Quando Jesus estava sendo julgado pelo Sinédrio, Ele destacou a estreiteza mental do conselho: “Se vo-lo disser [que Eu sou o Cristo], não o acreditareis; também, se vos perguntar, de nenhum modo me respondereis” (Lucas 22:67, 68). Não desejam investigar as alegações de Jesus com seriedade. Esperamos que você não seja assim. Certamente todos estes estudos sobre a vida de Cristo têm sido suficientes para convencer qualquer coração sincero de que Jesus é tudo o que Ele alegou ser²³. Se você ainda não confessou sua fé em Jesus, nossa esperança e oração é que hoje mesmo seu veredito a respeito de Jesus seja: “Inocente — porque creio de todo o meu coração que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo!” (veja Mateus 16:16).

CONCLUSÃO

Estivemos perguntando: “Qual é o seu veredito a respeito de Jesus?” É hora de você tomar uma decisão.

²²Visto que Jesus morreu por nossos pecados (1 Coríntios 15:3), Ele na verdade foi colocado na cruz por causa dos pecados de todos nós. Veremos este aspecto na próxima edição desta série. No momento, a pecaminosidade dos Seus inimigos é que está em questão.

²³Você pode querer expandir este pensamento adicionando provas da divindade de Jesus. Veja a seção de “notas” após este sermão.

Nem os judeus nem Pilatos perceberam que, quando Jesus estava sendo julgado perante eles, eles também estavam sendo julgados perante Ele. Não foram somente eles que sentenciaram Jesus, mas por meio de suas decisões eles também se condenaram a si mesmos. Poucos anos depois, Pilatos perdeu seu posto e cometeu suicídio; algumas décadas depois, a cidade de Jerusalém foi destruída. A decisão que você tomar hoje em relação a Jesus afetará o seu destino eterno (veja Mateus 10:32, 33; 2 Timóteo 2:12). Se você precisa se arrepender dos seus pecados, confessar sua fé nEle, e obedecer à vontade dEle (Lucas 13:3; Mateus 10:32; Marcos 16:15, 16), faça-o hoje mesmo!

Atribuição de Leitura nº. 39

Mateus 27:3–10, 31b–35, 37–39;

Marcos 15:20b–29;

Lucas 23:26–33, 38;

João 19:17–22;

Atos 1:18, 19

Mateus 27:3–10

³Então, Judas, o que o traiu, vendo que Jesus fora condenado, tocado de remorso, devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos, dizendo:

⁴Pequei, traindo sangue inocente. Eles, porém, responderam: Que nos importa? Isso é contigo.

⁵Então, Judas, atirando para o santuário as moedas de prata, retirou-se e foi enforcar-se.

⁶E os principais sacerdotes, tomando as moedas, disseram: Não é lícito deitá-las no cofre das ofertas, porque é preço de sangue.

⁷E, tendo deliberado, compraram com elas o campo do oleiro, para cemitério de forasteiros.

⁸Por isso, aquele campo tem sido chamado, até ao dia de hoje, Campo de Sangue.

⁹Então, se cumpriu o que foi dito por intermédio do profeta Jeremias: Tomaram as trinta moedas de prata, preço em que foi estimado aquele a quem alguns dos filhos de Israel avaliaram;

¹⁰e as deram pelo campo do oleiro, assim como me ordenou o Senhor.

Mateus 27: 31b–35

³¹Em seguida, o levaram para ser crucificado.

³²Ao saírem, encontraram um Cireneu, chamado Simão, a quem obrigaram a carregar-lhe a cruz.

³³E, chegando a um lugar chamado Gólgota, que significa

Lugar da Caveira,

³⁴deram-lhe a beber vinho com fel; mas ele, provando-o, não o quis beber.

³⁵Depois de o crucificarem, repartiram entre si as suas vestes, tirando a sorte.

Mateus 27:37–39

³⁷Por cima da sua cabeça puseram escrita a sua acusação: ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS.

³⁸E foram crucificados com ele dois ladrões, um à sua direita, e outro à sua esquerda.

³⁹Os que iam passando blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo:

Marcos 15:20b–29

²⁰Então, conduziram Jesus para fora, com o fim de o crucificarem.

²¹E obrigaram a Simão Cireneu, que passava, vindo do campo, pai de Alexandre e de Rufo, a carregar-lhe a cruz.

²²E levaram Jesus para o Gólgota, que quer dizer Lugar da Caveira.

²³Deram-lhe a beber vinho com mirra; ele, porém, não tomou.

²⁴Então, o crucificaram e repartiram entre si as vestes dele, lançando-lhes sorte, para ver o que levaria cada um.

²⁵Era a hora terceira quando o crucificaram.

²⁶E, por cima, estava, em epígrafe, a sua acusação: O REI DOS JUDEUS.

²⁷Com ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita, e outro à sua esquerda.

²⁸[E cumpriu-se a Escritura que diz: Com malfeitores foi contado.]

²⁹Os que iam passando, blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: Ah! Tu que destróis o santuário e, em três dias, o reedificas!

Lucas 23:26–33

²⁶E, como o conduzissem, constringendo um cireneu, chamado Simão, que vinha do campo, puseram-lhe a cruz

sobre os ombros, para que a levasse após Jesus.

²⁷Seguia-o numerosa multidão de povo, e também mulheres que batiam no peito e o lamentavam.

²⁸Porém Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos!

²⁹Porque dias virão em que se dirá: Bem-aventuradas as estéreis, que não geraram, nem amamentaram.

³⁰Nesses dias, dirão aos montes: Caí sobre nós! E aos outeiros: Cobri-nos!

³¹Porque, se em lenho verde fazem isto, que será no lenho seco?

³²E também eram levados outros dois, que eram malfeitores, para serem executados com ele.

³³Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram, bem como aos malfeitores, um à direita, outro à esquerda.

Lucas 23:38

³⁸Também sobre ele estava esta epígrafe [em letras gregas, romanas e hebraicas]: ESTE É O REI DOS JUDEUS.

João 19:17–22

¹⁷Tomaram eles, pois, a Jesus; e ele próprio, carregando a sua cruz, saiu para o lugar chamado Calvário, Gólgota em hebraico,

¹⁸onde o crucificaram e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio.

¹⁹Pilatos escreveu também um título e o colocou no cimo da cruz; o que estava escrito era: JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS.

²⁰Muitos judeus leram este título, porque o lugar em que Jesus fora crucificado era perto da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego.

²¹Os principais sacerdotes diziam a Pilatos: Não escrevas: Rei dos judeus, e sim que ele disse: Sou o rei dos judeus.

²²Respondeu Pilatos: O que escrevi escrevi.

Atos 1:18, 19

¹⁸(Ora, este homem adquiriu um campo com o preço da iniquidade; e, precipitando-se, rompeu-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram;

¹⁹e isto chegou ao conhecimento de todos os habitantes de Jerusalém, de maneira que em sua própria língua esse campo era chamado Aceldama, isto é, Campo de Sangue.)

Triunfo ou Tragédia?

VII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).

H. Sexta-feira: o dia da morte de Jesus (continuação).

8. A morte de Judas: suicídio (Mateus 27:3–10; Atos 1:18, 19).
9. A morte de Jesus: crucificação.
 - a. A caminhada até a cruz (Mateus 27:31b–34; Marcos 15:20b–22; Lucas 23:26–33; João 19:17).
 - b. As primeiras três horas na cruz (Mateus 27:35, 37–39; Marcos 15:23–29; Lucas 23:33, 38; João 19:18–22).

INTRODUÇÃO

O apóstolo João disse que se todas as coisas que Jesus fez “fossem relatadas uma por uma... nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos” (João 21:25). De modo semelhante, o mundo mal tem espaço para tudo o que já foi escrito sobre um único incidente na vida de Cristo: Sua morte na cruz. Quantos livros e artigos, sermões e canções, telas e outras grandes obras de arte já foram inspirados por essas poucas horas!

O impacto da cruz não é surpreendente quando recordamos que tudo na vida de Jesus apontava e prenunciava a Sua morte (veja Mateus 1:21; Lucas 1:31; 2:30, 35¹). Em inúmeras ocasiões, Jesus previu Sua morte (veja Mateus 16:21; 17:22, 23; Lucas 18:31–33). Meses antes do acontecimento em si, Ele “manifestou, no semblante, a intrépida resolução de ir para Jerusalém” (Lucas 9:51), onde Ele sabia que morreria. As seis horas de Cristo no Gólgota (Marcos 15:25, 33, 34, 37) foram o clímax do Seu ministério².

Na lição anterior, apresentada em duas partes, vimos Pilatos ceder com relutância às exigências dos judeus e ordenar a crucificação de Jesus. Em algum momento durante os julgamentos de Jesus, Judas — o que traía Jesus — cometeu suicídio. Iniciaremos esta lição com esse episódio e depois comentaremos a história de Cristo na cruz. Devido à importância do fato, apresentaremos esta lição em duas partes³.

Nesta lição, as mortes de Judas e de Jesus serão contrastadas. Muitos aspectos antagônicos poderiam ser observados. Judas morreu enforcado; Jesus, crucificado. Judas morreu por suas próprias mãos; Jesus, pelas mãos de outros. Judas foi condenado por sua consciência, enquanto Jesus foi condenado pelos judeus e sentenciado por Pilatos. Mas o que queremos observar em especial é que, enquanto a morte de Judas foi uma tragédia, a de Jesus foi um triunfo: Judas morreu como um suicida não arrependido, mas Jesus morreu como o Filho de Deus imaculado. Quando fizermos a aplicação da lição, a seguinte pergunta será lançada: “Quando você morrer, sua morte será um triunfo ou uma tragédia?”

¹Várias das referências citadas só se referem ao fato de que Jesus seria o Salvador. Por exemplo, “Jesus” significa “o Senhor salva”, mas a *maneira como* Jesus salva é por meio de Sua morte (Romanos 5:10).

²Se você quiser uma ilustração de como anos de esforço podem culminar em poucas horas, minutos ou até segundos, pense nos atletas das Olimpíadas. Eles treinam durante anos, mas suas participações nas competições geralmente se encerram em minutos e até segundos.

³Se for imprescindível manter o programa de quarenta semanas (sugerido por nós no início desta série), você terá de combinar e comprimir as duas partes em uma. Se o tempo não for um fator determinante, o material poderá ser partilhado em duas aulas consecutivas.

TRAGÉDIA

(MATEUS 27:3-10; ATOS 1:18, 19)

Não sabemos exatamente onde o relato do suicídio de Judas se encaixa na seqüência de acontecimentos. Mateus 27 situa essa história imediatamente após “todos os principais sacerdotes e os anciãos do povo... o [Jesus] entregarem ao governador Pilatos” (vv. 1, 2) — e pode ser nesse intervalo que o episódio de fato ocorreu. Observemos, porém, que quando Judas “devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos” (v. 3), eles não estavam perante o tribunal de Pilatos, mas no “santuário”, ou seja, no templo (v. 5). Talvez, após o governador concordar com a morte de Jesus, enquanto providenciavam os preparativos⁴, os principais sacerdotes correram para o templo a fim de realizarem seus deveres matinais — e foi ali que Judas os achou⁵.

De qualquer maneira, em algum momento durante os julgamentos de Jesus, “Judas... vendo que Jesus fora condenado, tocado de remorso...” (v. 3a). O fato de Cristo ter sido condenado parece ter pego Judas de surpresa. Talvez ele pensasse que, sendo Jesus inocente (v. 4), Ele não sofreria nenhum prejuízo com a prisão — enquanto ele, por sua vez, ficaria mais rico com as trinta moedas⁶. Quando, porém, ficou óbvio que Jesus morreria, Judas tomou consciência tardiamente.

O apóstolo traidor localizou seus contratantes no templo e tentou devolver o dinheiro pago pela traição a Jesus (v. 3b); eles, porém, o recusaram⁷. Disse ele: “Pequei, traindo sangue inocente” (v. 4a). E responderam com desdém: “Que nos importa? Isso é contigo” (v. 4b). É muito comum traidores serem desprezados justamente pelos indivíduos a quem eles prestaram serviço.

Repudiado por aqueles corações petrificados e frios, Judas lançou o dinheiro no piso de pedra do santuário e “retirou-se” (v. 5a) — mas para onde iria ele? A hierarquia judaica o rejeitara, e ele não poderia encarar os demais apóstolos. A cena que podemos imaginar é de Judas cambaleando pelas ruas de Jerusalém, em direção ao sul da cidade, empurrando cegamente a multidão que festejava a Páscoa, até chegar ao campo de um oleiro, fora dos muros da

⁴Conforme foi observado na lição anterior, esses preparativos parecem ter consumido várias horas.

⁵Os principais sacerdotes foram mais tarde ao Gólgota (Mateus 27:41). Se haviam retornado ao templo por uma ou duas horas, depois disso, foram até o local da execução.

⁶Não sabemos com certeza qual foi o raciocínio de Judas. Outras possibilidades já foram sugeridas.

⁷A recusa deles está implícita nos versículos 4 e 5.

cidade⁸. Ali ele “foi enforcar-se” (v. 5b).

Assim que Judas saiu do templo, os sumos sacerdotes discutiram o que fazer com as trinta moedas. Eles disseram: “Não é lícito deitá-las no cofre das ofertas, porque é preço de sangue” (v. 6). Como não há regulamentação no Antigo Testamento quanto a isto, deviam estar se referindo a uma de suas leis humanas. J. W. McGarvey comentou a respeito da relutância desses líderes:

Havia, de fato, uma estranha consciência neles, pela qual era possível pegar o dinheiro do Senhor... e gastá-lo em troca de sangue, mas tão logo esse dinheiro fosse assim consumido, não poderiam devolvê-lo! Além disso, admitiam um fato estranho. Se o dinheiro dado a Judas havia sido devidamente gasto com a prisão de um verdadeiro criminoso, tratava-se de um dinheiro justo, e não manchado de sangue.⁹

Os oficiais decidiram usar o dinheiro para comprar o “campo do oleiro” (v. 7a). O “campo do oleiro” certamente era um terreno onde antes havia uma jazida de argila para olaria¹⁰. Dada a impropriedade do terreno para a agricultura, ele pôde ser comprado a um preço razoável. Os líderes judeus compraram a propriedade para usá-la como “cemitério de forasteiros” (v. 7b). “Forasteiros” provavelmente se referia a não-judeus que morriam em visita a Jerusalém. Gentios não eram bem-vindos em cemitérios judeus.

Mateus acrescentou este comentário inspirado: “Por isso, aquele campo tem sido chamado, até ao dia de hoje, Campo de Sangue” (v. 8); ou seja, o campo se chamou “campo de sangue” porque foi comprado com “preço de sangue” (v. 6). A expressão “até ao dia de hoje” (v. 8) indica que se passou certo tempo entre o ocorrido e seu registro escrito por Mateus (cerca de trinta anos¹¹).

Seguindo seu costume¹², Mateus também obser-

⁸Evidentemente, Judas enforcou-se no campo de um oleiro que depois foi comprado pelos principais sacerdotes (fato a ser comentado mais adiante). Desde o quarto século o local tradicional desse campo é a encosta sul no extremo leste do vale de Hinom. (Veja o mapa na página 26.)

⁹J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 721.

¹⁰Alguns acreditam que era apenas um campo comprado de um oleiro, que poderia ou não ter fornecido a argila. Outros pensam que “campo do oleiro” era simplesmente o nome do lugar, podendo ou não ter algo a ver com um oleiro real.

¹¹Veja a página 13 de “A Vida de Cristo — Parte 1”.

¹²Idem.

vou que o incidente foi um cumprimento profético:

Então, se cumpriu o que foi dito por intermédio do profeta Jeremias: Tomaram as trinta moedas de prata, preço em que foi estimado aquele a quem alguns dos filhos de Israel avaliaram; e as deram pelo campo do oleiro, assim como me ordenou o Senhor (vv. 9, 10).

As palavras dos versículos 9 e 10 não se encontram no Livro de Jeremias, mas são semelhantes às palavras do Livro de Zacarias (Zacarias 11:12, 13). Várias explicações já foram sugeridas para essa aparente irregularidade. Jeremias pode ter dito essas palavras, que posteriormente foram registradas por Zacarias¹³. Talvez Jeremias seja mencionado porque, por inspiração, Zacarias tenha sido influenciado pelas palavras de Jeremias a respeito do oleiro (Jeremias 18:1–6; 19:1–13) e a compra de um campo (Jeremias 32:9)¹⁴.

O Livro de Mateus é o único relato do evangelho que registra a morte de Judas; mas Lucas mencionou-o mais tarde, em Atos, relacionado ao episódio da substituição de Judas:

...Judas, que foi o guia daqueles que prenderam Jesus... (Ora, este homem adquiriu um campo com o preço da iniquidade; e, precipitando-se, rompeu-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram; e isto chegou ao conhecimento de todos os habitantes de Jerusalém, de maneira que em sua própria língua esse campo era chamado Aceldama, isto é, Campo de Sangue.) (Atos 1:16–19).

Os críticos agarram-se ao que denominam contradições entre os dois relatos: (1) Mateus disse que os sacerdotes compraram o campo (Mateus 27:7), enquanto Lucas disse que Judas adquiriu-o (Atos 1:18). (2) Mateus disse que Judas enforcou-se (Mateus 27:5), enquanto Lucas relatou que, “precipitando-se [Judas], rompeu-se pelo meio” (Atos 1:18). (3) Mateus disse que o campo se chamava “campo de sangue” porque foi comprado a preço de sangue (Mateus 27:6, 8), enquanto Lucas deixou implícito que ele ganhou esse nome porque o sangue de Judas espalhou-se nele (Atos 1:18, 19). Entretanto, har-

¹³As palavras de Jeremias precederam o cativeiro babilônico, enquanto o ministério de Zacarias foi posterior a ele. Todavia, algumas das palavras de Jeremias ditas, porém, não registradas podem ter sido transmitidas — ou talvez o Espírito Santo tenha informado Zacarias acerca delas.

¹⁴Outras possibilidades poderiam ser apresentadas. McGarvey acredita que um copista do primeiro século tenha mudado inadvertidamente “Zacarias” para “Jeremias”. No hebraico, isto aconteceria pela alteração de duas letras apenas (McGarvey e Pendleton, pp. 721–22).

monizar as duas versões não é difícil:

- Visto que os sacerdotes compraram o campo com o dinheiro de Judas, tecnicamente, a compra foi feita por ele e o campo era dele.
- Judas provavelmente se enforcou numa árvore localizada dentro do campo do oleiro. Como o contato com um cadáver deixava o judeu cerimonialmente impuro, ninguém deve ter tocado no corpo (especialmente durante as festividades). Num dado momento, o corpo ignorado e deteriorado de Judas teria caído da forca e se espatifado no campo.¹⁵
- Havia *duas* razões para a propriedade ser chamada de “campo de sangue”. Mateus apresentou uma e Lucas, a outra.

A junção dos dois relatos reforça ainda mais o fato de que a morte de Judas foi uma tragédia. Jesus disse: “ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido!” (Mateus 26:24). Numa oração a Deus, Cristo referiu-se a Judas como “o filho da perdição” (João 17:12) — ou seja, “aquele que estava destinado à perdição” (NVI). Tempos depois, Pedro falou do “apostolado, do qual Judas se transviou, indo para o seu próprio lugar” [“o lugar que lhe era devido”; NVI] (Atos 1:25). Escolhido pelo Senhor por causa do seu potencial para o bem¹⁶, Judas desperdiçou suas oportunidades e morreu como um traidor condenado por si mesmo.

E se Judas não tivesse cometido suicídio? E se, mais tarde, ele tivesse buscado perdão? Certamente Jesus o receberia de volta¹⁷ — como fez com Pedro, que O negou. Por que Judas *não* se precipitou diante da misericórdia de Deus? Uma possível resposta vem da palavra grega traduzida por “sentir remorso” em Mateus 27:3: “Então, Judas... vendo que Jesus fora condenado, tocado de remorso, devolveu as trinta moedas...”

A palavra grega para “arrepender-se” é *metano-*

¹⁵Isto deve ter baixado ainda mais o valor do terreno, o que explica como ele pôde ser comprado por apenas trinta moedas de prata.

¹⁶Veja mais sobre a escolha dos doze apóstolos nas páginas 31 a 33 de “A Vida de Cristo — Parte 3”. Judas não foi escolhido por causa do seu potencial para o mal, como traidor, e sim por causa do seu potencial para ser um discípulo.

¹⁷Antes que alguém objete que Jesus pronunciou um “ai” sobre Judas, convém lembrarmos que os pronunciamentos condenatórios de Deus podem ser revertidos através do verdadeiro arrependimento. Um exemplo disto é a profecia de Jonas de que Nínive seria destruída (Jonas 3:4): quando os ninivitas arrependeram-se, Deus poupou a cidade (Jonas 3:5–10).

eo e se refere a uma mudança de mente, de opinião¹⁸. Aplicada ao ser humano, ela geralmente indica uma mudança significativa de coração¹⁹. Entretanto, a palavra usada em Mateus 27:3 é *metamelomai*, que implica preocupação com o ato passado²⁰, mas longe de um arrependimento autêntico²¹. A NVI diz: “tomado de remorso”; a NTLH diz: “sentiu remorso” e certa versão comentada acrescenta a seguinte explicação:

Quando Judas, o traidor, viu que Jesus fora condenado, [ficou angustiado e perturbado com a loucura que cometera; e] tocado de remorso [um pouco mais do que um medo egoísta das conseqüências], devolveu as trinta moedas de prata...²²

A consciência de Judas atormentou-o, mas não o fez mudar de atitude. Ele ficou sobrecarregado de tristeza, mas não se arrependeu. Abandonando a fé e endurecendo o coração, ele perdeu a esperança. A mente atormentada de Judas não viu outra saída para aquele dilema a não ser a morte²³. Com o suicídio de Judas, uma vida desperdiçada chegou a um fim trágico.

¹⁸“Arreponder-se” é a tradução de um termo composto por dois vocábulos: *meta* (= “após”) e *noema* (= “pensamento”). Significa literalmente “reflexão tardia” e se refere ao indivíduo mudar de opinião. Arrependimento é “uma mudança de opinião” (veja Mateus 21:29; Hebreus 12:17) que resulta numa mudança de vida (Atos 26:20). O arrependimento geralmente tem a ver com “uma mudança de opinião em relação ao pecado” — uma decisão de parar de pecar em termos gerais e/ou parar de cometer um pecado específico. O arrependimento é o resultado da tristeza segundo Deus. (Observe 2 Coríntios 7:10: “a tristeza segundo Deus” é contrastada com “a tristeza do mundo”, que é a tristeza com as conseqüências do pecado do indivíduo.)

¹⁹Veja “Guia para a Salvação de Todo Homem”, *A Verdade para Hoje*, pp. 14–15.

²⁰No grego o termo é uma palavra composta que combina “cuidar” com a preposição que significa “após”. Refere-se a ter “cuidado, zelo” ou preocupação “após” um acontecimento.

²¹Compare novamente as duas “tristezas” de 2 Coríntios 7:10.

²²As ampliações da palavra *metamelomai* na obra *Amplified Bible* (“A Bíblia Ampliada”) são de vários livros de estudo de palavras, incluindo os de Marvin R. Vincent e Richard C. Trench.

²³Os pesquisadores do suicídio dizem que as vítimas geralmente vêm na morte auto-imposta a única opção. Quem acredita num Deus misericordioso sabe que sempre há outra opção: confessar os pecados, pedir perdão a Deus e recomeçar.

TRIUNDO

(MATEUS 27:31–35, 37–39; MARCOS 15:20–29;
LUCAS 23:26–33, 38; JOÃO 19:17–22)

É hora de encerrarmos a história de Judas e voltarmos à história de Jesus. No último episódio, estavam fazendo os preparativos para a crucificação de Jesus: era preciso passar instruções, escolher os soldados para o destacamento da execução (veja João 19:23; Mateus 27:54), pintar uma placa (Mateus 27:37) e a inevitável burocracia tinha de ser concluída²⁴. Em algum momento antes das nove horas da manhã²⁵, tudo já estava pronto e o cortejo começou partindo para o norte²⁶.

O Cortejo

O centurião de serviço (veja Mateus 27:54) provavelmente foi quem conduziu o grupo. Seguindo-o iam os condenados à morte: Jesus e dois criminosos comuns (Lucas 23:32). Atrás deles, iam soldados incitando-os com chicotes. E na retaguarda estava a costureira multidão atraída pela desgraça. Muitos sem dúvida eram movidos por uma mórbida curiosidade, mas várias mulheres choravam (Lucas 23:27).

Como era o costume, a viagem começou com Jesus “ele próprio, carregando a sua cruz” (João 19:17). “Visto que o peso total da cruz deveria ser mais de 136kg”, provavelmente “apenas a barra horizontal foi carregada”, a qual devia pesar “de 34 a 57 kg”²⁷. Jesus não conseguiu carregar esse peso por todo o percurso. Depois de uma noite sem dormir, maus tratos constantes e um açoitamento romano, Ele devia estar sem forças²⁸. Os soldados tiveram de achar um substituto: “E obrigaram a Simão Cireneu, que passava, vindo do campo, pai de Alexandre e de Rufo, a carregar-lhe a cruz” (Marcos 15:21).

²⁴Relatórios escritos deveriam ser enviados a Roma reportando os julgamentos conduzidos pelos oficiais.

²⁵Levaria algum tempo para chegarem ao local da execução, e Jesus foi crucificado por volta das nove horas (Marcos 15:25).

²⁶Veja mais sobre a provável localização do Gólgota ao norte da cidade, mais adiante nesta lição.

²⁷William D. Edwards, Wesley J. Gabel e Floyd E. Hosmer, “On the Physical Death of Jesus Christ” (“Sobre a Morte Física de Jesus Cristo”), *Journal of the American Medical Association*. 21 de março de 1986, p. 1459.

²⁸Jesus era fisicamente forte — o que se evidencia por Seu vigor andando por toda a Palestina — mas Ele estava sujeito às fraquezas da carne assim como nós (veja João 1:14a; Hebreus 4:15).

Cirene era a capital do distrito de Cirenaica ao norte da África central (atual Líbano). Os judeus cireneus tinham uma sinagoga em Jerusalém (Atos 6:9). Simão provavelmente entrava na cidade para a oração matinal no templo, quando os soldados o agarraram²⁹. Que susto deve ter sido aquele!

O fato de Marcos citar os nomes de dois filhos de Simão pode indicar que ele presumia que seus leitores os identificariam. Rufo pode ser o Rufo mencionado por Paulo em Romanos 16:13. Judeus cireneus podem ter sido convertidos no dia de Pentecostes (Atos 2:10, 37, 41). Mais tarde, esses cristãos cireneus teriam propagado as boas novas sobre Jesus (Atos 11:20).

Depois de tirarem a trave dos ombros de Cristo e a passarem para os ombros de Simão, o cortejo prosseguiu (Lucas 23:26)³⁰. Devem ter caminhado lentamente por entre as ruas populosas, lotadas de peregrinos recém-chegados para a festa. A certa altura — talvez quando o grupo fez uma parada — Jesus juntou as forças para falar às mulheres que choravam no meio da multidão:

Filhas de Jerusalém³¹, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos! Porque dias virão em que se dirá: Bem-aventuradas as estéréis, que não geraram, nem amamentaram. Nesses dias, dirão aos montes: Caí sobre nós! E aos outeiros: Cobri-nos! Porque, se em lenho verde fazem isto, que será no lenho seco? (Lucas 23:28–31).

As palavras de Jesus referiam-se ao futuro cerco a Jerusalém e sua destruição final (66–70 d.C.). O acontecimento devastador seria duplamente difícil para as mulheres com filhos pequenos³². O versículo 30 é uma citação de Oséias 10:8, o clamor de homens desesperados, ansiosos por qualquer tipo de proteção.

²⁹Segundo a lei romana, os soldados tinham o direito de obrigar cidadãos a ajudá-los (veja Mateus 5:41).

³⁰Existe uma rota tradicional por onde Jesus teria passado a caminho da crucificação (Via Dolorosa), mas não se sabe ao certo qual foi esse trajeto. Soldados romanos geralmente faziam um percurso sinuoso até o local da execução — como um recurso visual para alertar o povo sobre as conseqüências de quem se opusesse à Roma.

³¹Essas não eram as mulheres que seguiam Jesus desde a Galiléia (Mateus 27:55), mas cidadãs de Jerusalém. Não sabemos se eram discípulas de Jesus ou se estavam simplesmente angustiadas com a morte dAquele que muitos sabiam ser inocente.

³²A *regra geral* é que quem tem filhos foi abençoado por Deus (veja Salmos 127:3), mas Jesus falava de uma exceção (veja os comentários na página 46 da edição “A Vida de Cristo — Parte 10”.

A sentença final implícita na declaração de Cristo era: se os romanos estavam tratando “lenho verde” (Jesus) daquela maneira, o que fariam com “lenho seco” (Jerusalém). Pense nisto de outra forma: se os romanos fizeram aquilo a Jesus sendo Ele inocente de insurreição a Roma, fariam coisas muito mais terríveis a Jerusalém, quando seus cidadãos fossem realmente culpados de tal insurreição (como aconteceria na década de 60 d.C.). A analogia de Cristo baseava-se no fato de que as plantas verdes estão vivas, mas as secas estão mortas: Ele estava espiritualmente vivo, enquanto — para todos os fins práticos — Jerusalém estava morta³³.

O Destino

Se o cortejo fez ali uma rápida parada devido às ruas congestionadas, logo se pôs novamente a caminho. O destino era um local reservado para crucificações, o “Lugar da Caveira³⁴”, “o lugar chamado Calvário, Gólgota em hebraico” (João 19:17; veja Mateus 27:33; Marcos 15:22; Lucas 23:33a). Em latim, ele era conhecido como “Calvário³⁵” (veja Lucas 23:33).

O Gólgota ficava “fora da porta” (Hebreus 13:12) e “perto da cidade” (João 19:20), evidentemente ao lado de uma estrada bem usada (veja Mateus 27:39; Marcos 15:39). A maioria acredita que ficava logo ao norte do muro da cidade, perto de uma das estradas que iam do norte até Jerusalém. Provavelmente era um lugar proeminente, talvez uma elevação, pois os romanos queriam que a crucificação fosse uma lição prática a todo que pensasse em desobedecer. É quase certo que havia ali postes erguidos permanentemente, prontos para as próximas vítimas³⁶.

Com o passar dos anos, dois lugares foram apontados como o Gólgota. O lugar tradicional é onde foi construída a “Igreja do Sagrado Sepulcro”, no quarto século. No século XIX, Charles Gor-

³³Querendo ampliar esta ilustração, diga: “Se um incêndio é grande e quente o bastante para consumir um ramo verde, imagine o que ele fará a um ramo seco, morto”.

³⁴A palavra grega equivalente a “caveira” é *cranion*, cuja transliteração para o português é mais usada como termo técnico de anatomia.

³⁵“Calvário” (da versão bíblica latina, a Vulgata) ocorre apenas uma vez na ERAB e ERC e foi substituído por seus equivalentes em versões mais modernas, mas ainda é a “designação consagrada” pela maioria das pessoas para o lugar da crucificação de Jesus.

³⁶Segundo a história secular, a prática comum era deixar uma trave vertical (no latim, *stipes*) permanentemente fincada no chão e o preso levar a trave horizontal (*patibulum*) até o local da crucificação (Edwards, Gabel e Hosmer, pp. 1458–59).

don propôs um local alternativo³⁷, conhecido como “Calvário de Gordon” (ou “Monte Verde”), a uns quatrocentos metros ao noroeste da Porta Damasco³⁸. Onde quer que seja o local exato, não sabemos com certeza porque lhe deram o nome de “Lugar da Caveira”. Alguns acreditam que uma formação rochosa no Calvário de Gordon tivesse o formato de uma caveira, mas o local pode ter recebido esse horripilante nome por ser um lugar de morte.

A Crucificação

O cortejo finalmente chegou ao seu destino. Tiraram as vestes dos presos³⁹, e lhes ofereceram um entorpecente feito de vinagre com alguma erva com princípios levemente narcóticos (Mateus 27:34; Marcos 15:23)⁴⁰. Assim que provou do sedativo, Jesus cuspiu-o (Mateus 27:34). Ele recusou amortecer Seus sentidos enquanto tomava o cálice do sofrimento (veja João 18:11).

Então, “ali o crucificaram, bem como aos malfeitores” (Lucas 23:33). Os leitores do primeiro século, tendo testemunhado outras crucificações, entendiam tudo o que estava incluso nessas poucas palavras. As traves horizontais eram colocadas no chão. Empurravam brutalmente os presos para o chão e esticavam seus braços em cima das traves. O executor⁴¹ agarrava uma mão e a prendia à viga, enquanto pregava um prego comprido no punho do

³⁷Um dos fatores que levaram Gordon a rejeitar o local tradicional é que, na sua época, a região estava *para dentro* dos muros da cidade. Ele não sabia que nos tempos de Jesus esse mesmo local ficava *para fora* dos muros da cidade.

³⁸Uma expressão muito usada é “o monte Calvário”, ainda que a Bíblia não afirme que o Gólgota estivesse num monte. A terminologia provavelmente resulta da opinião comumente sustentada de que Jesus teria morrido no Calvário de Gordon.

³⁹Os soldados dividiram a túnica de Jesus entre si (Mateus 27:35). A história secular confirma tal prática e o último verso de Salmos 22:18 provavelmente se refere ao mesmo procedimento.

⁴⁰Alguns estudiosos acreditam que essa bebida tenha sido preparada por judias apreensivas, tendo sido permitida pelos romanos em concessão aos judeus. Mateus disse que o vinagre era misturado a fel, enquanto Marcos disse que era misturado com mirra. Esses dois ingredientes amargos poderiam estar na bebida. A mirra já foi mencionada antes nestes estudos — relacionada aos presentes dos magos (Mateus 2:11) e à preparação do corpo de Jesus para o sepultamento (João 19:39). Além de outras utilidades, a mirra era usada em determinados medicamentos.

⁴¹O texto não menciona especificamente um executor, mas pregar indivíduos numa cruz exigia certa perícia: se o serviço não fosse realizado corretamente, as cabeças dos pregos rasgariam a pele quando o peso do corpo caísse sobre os pregos. O executor deveria ser um dos soldados convocados para o destacamento (veja João 19:23).

condenado⁴². Após alguns golpes hábeis, ele fazia o prego atravessar a carne trêmula até penetrar a viga de madeira. A seguir, ia para a outra mão e repetia o processo. Presos os pregos, a viga juntamente com a vítima, era erguida pelos soldados e fixada no poste de madeira. Formada a cruz, os joelhos da vítima eram flexionados e seus pés (ou tornozelos) pregados ao poste (veja Lucas 24:39, 40)⁴³.

Usavam-se vários tipos de cruces, incluindo a cruz tau, no formato da letra maiúscula grega “T” e a cruz latina com o formato mais conhecido: †⁴⁴. No caso da cruz tau, a viga era pregada em cima da extremidade do poste. Na cruz latina, a viga era fixada na parte superior frontal do poste. “A cruz tau era a preferida dos romanos na Palestina na época de Cristo”, mas “as práticas de crucificação geralmente variavam de um ponto geográfico para outro”⁴⁵. Segundo uma tradição não-inspirada do primeiro século, Jesus foi pregado numa cruz latina. O fato de haver uma placa fixada acima da cabeça de Jesus (Mateus 27:37; Lucas 23:38; veja João 19:19) pode amparar essa tradição.

“E foram crucificados com ele [Jesus] dois ladrões, uma à sua direita, e outro à sua esquerda” (Mateus 27:38; veja Marcos 15:27). Esse era o cumprimento da profecia de Isaías, segundo a qual o Messias seria “contado com os transgressores” (Isaías 53:12; veja Lucas 23:33; Marcos 15:28). A palavra grega traduzida por “ladrões” em Mateus 27:38 é a forma plural da mesma usada para descrever Barrabás, em João 18:40⁴⁶. O vocábulo agrega o conceito de um ato de violência⁴⁷. É possível que os dois “ladrões” estivessem envolvidos na mesma insurrei-

⁴²Provas arqueológicas disponíveis indicam que “os pregos eram comumente traspassados pelos punhos, e não nas palmas das mãos” (Edwards, Gabel e Hosmer, p. 1459). O Novo Testamento se refere às marcas dos pregos nas “mãos” de Jesus” (João 20:25, 27; veja Lucas 24:39, 40), mas “era costume dos antigos considerarem o punho como parte da mão” (Edwards, Gabel e Hosmer, p. 1462).

⁴³Ocorriam variações da posição dos joelhos, da presença ou ausência de pequenos suportes de madeira fixados ao poste e outros suportes como uma corda — mas a Bíblia nada diz sobre esses detalhes.

⁴⁴Outra variação era a cruz em formato de X. Como não seria possível colocar uma placa sobre a cabeça de alguém crucificado numa cruz desse formato, sabemos que não fosse o tipo de cruz utilizado na crucificação de Jesus.

⁴⁵Edwards, Gabel e Hosmer, p. 1458.

⁴⁶Veja a nota de rodapé 22 na página 31.

⁴⁷A palavra implica apropriação à força [roubo], em oposição à palavra grega para “furto”: *cleptes*, de onde procede “*cleptomaníaco*” (W. E. Vine, *The Expanded Vine's Expository Dictionary of New Testament Words*, ed. John R. Kohlenberger III com James A. Swanson. Minneapolis: Bethany House Publishers, 1984, p. 973).

ção que Barrabás. Também é possível que a cruz do meio estivesse reservada para esse famoso renegado até que a multidão clamou: “Fora com este [Jesus]! Solta-nos Barrabás!” (Lucas 23:18).

Tendo pregado os três condenados em suas cruzes, o executor tinha uma última tarefa a realizar: pregar as placas acima de suas cabeças. O propósito das placas era declarar as acusações levantadas contra eles (veja Mateus 27:37; Marcos 15:26). O próprio Pilatos ditou a inscrição a ser colocada acima de Jesus: “JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS”⁴⁸ (João 19:19). Essas palavras estavam escritas “em hebraico, latim e grego” (v. 20).

O hebraico era a língua materna dos judeus, o latim era a língua oficial do governo romano e o grego era a língua comumente falada por todos. A maioria dos que por ali passaram podia ler pelo menos uma dessas línguas, senão as três.

Os principais sacerdotes contestaram⁴⁹, dizendo a Pilatos: “Não escrevas: Rei dos judeus, e sim que ele disse: Sou o rei dos judeus” (João 19:21; grifo meu). Entretanto, o governador recusou-se a mudar os dizeres, respondendo: “O que escrevi escrevi” (v. 22). Embora essa tenha sido uma pequena vitória, Pilatos provavelmente a saboreou.

Era metade da manhã (Marcos 15:25). Três homens haviam sido pregados em cruzes romanas. Havia, espalhados por toda parte do Gólgota, soldados romanos, membros da hierarquia judaica, a multidão irreverente e um punhado de seguidores de Cristo (João 19:25). Estava armado o palco para as seis horas de sofrimento de Jesus — e depois, a Sua morte.

Retomaremos a história na segunda parte desta lição. Antes de encerrarmos, porém, vamos reforçar que — diferente da tragédia da morte de Judas — a morte de Jesus foi um triunfo. Ela não parecia ser um marco de vitória naquele instante, mas era um marco de vitória porque...

- Jesus morreu numa entrega total à vontade de Deus (Lucas 22:42). Todo aquele que cumpre a vontade de Deus é vencedor (veja Apocalipse 2:7⁵⁰).
- Jesus morreu com fé, crendo que Deus cum-

priria a promessa de ressuscitá-lo. A fé — naquele momento e agora — é a vitória que vence o mundo (1 João 5:4).

- Em Sua morte submissa, Jesus derrotou as forças do mal (Hebreus 2:14).
- Em Sua morte sacrificial, Jesus levou sobre Si nossos pecados — e possibilitou a nossa salvação (Isaías 53:4–6; 1 Coríntios 15:3; 2 Coríntios 5:21)!
- Na cruz, Jesus concluiu a obra que Ele veio realizar (João 19:30).

CONCLUSÃO

A maioria dos pregadores mais velhos já pregou em muitos velórios ou enterros e já esteve presente em outros tantos. Alguns enterros são triunfos; infelizmente, outros são tragédias. Como será o seu velório ou enterro? Sua morte provavelmente não será tão trágica quanto a de Judas, nem será tão vitoriosa como a de Jesus. Entretanto, cabe a você escolher entre “a morte do justo” (Números 23:10) e “a morte do perverso” (Ezequiel 33:11). O tipo de vida que você está vivendo agora determinará o tipo de morte que você terá futuramente. Sua morte será um triunfo ou uma tragédia?

⁴⁸A inscrição completa surge da combinação dos quatro relatos do evangelho (Mateus 27:37; Marcos 15:26; Lucas 23:38; João 19:19).

⁴⁹Considerando o fato de que Pilatos não estava junto à cruz, mas eles sim, talvez tenham mandado uma mensagem ao governador por um portador que lhes traria a resposta.

⁵⁰No grego, a palavra “vencedor” em Apocalipse 2:7 vem da mesma raiz que “vitória”.

“Ali o Crucificaram”

“Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram, bem como aos malfeitores, um à direita, outro à esquerda. Contudo, Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. Então, repartindo as vestes dele, lançaram sortes. O povo estava ali e a tudo observava. Também as autoridades zombavam e diziam: Salvou os outros; a si mesmo se salve, se é, de fato, o Cristo de Deus, o escolhido. Igualmente os soldados o escarneciam e, aproximando-se, trouxeram-lhe vinagre, dizendo: Se tu és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo. Também sobre ele estava esta epígrafe [em letras gregas, romanas e hebraicas]: ESTE É O REI DOS JUDEUS” (Lucas 23:33–38).

“Já era quase a hora sexta, e, escurecendo-se o sol, houve trevas sobre toda a terra até à hora nona. E rasgou-se pelo meio o véu do santuário. Então, Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! E, dito isto, expirou” (Lucas 23:44–46).

Incontáveis milhões de pessoas já morreram nesta terra, mas ali estava uma morte diferente (Mateus 27:54). Apesar da magnitude dessa morte, ela foi sintetizada em apenas quatro palavras no seguinte texto bíblico: “Ali [eles] o crucificaram” (Lucas 23:33).

“ALI”

Onde Cristo foi crucificado? Ele foi crucificado num lugar *cruel*: Gólgota, Calvário — “Lugar da Caveira”. Foi num lugar de *vergonha*: entre dois ladrões. Todavia, foi num lugar *apropriado*: fora dos muros da cidade (Hebreus 13:11, 12; veja Atos 7:58). Finalmente, foi num lugar *visível*: à beira de uma estrada bem transitada (Marcos 15:29, 30).

“[ELES]”

Quem foi responsável pela morte de Cristo na cruz? Primeiramente, os *judeus* foram responsáveis pela morte de Cristo. Eles planejaram Sua morte (Mateus 27:1, 2) e exigiram que Ele morresse (Marcos 15:12–14). Eles O crucificaram por motivo de inveja e preconceito. Em segundo lugar, os *solados romanos* foram responsáveis pela morte de Cristo. Foram eles que de fato executaram o feito de colocar Jesus na cruz. Eles O crucificaram por ignorarem quem Ele era (Oséias 4:6). Finalmente, *nós somos* responsáveis pela morte de Cristo. Nossos pecados O pregaram na cruz (Isaías 53:6; 1 Coríntios 15:3; 2 Coríntios 5:21).

Os judeus possuíam influência política suficiente para fazer Cristo ir para a cruz, se Ele não o qui-

sesse? O destacamento romano possuía legionários suficientes para obrigá-lo a ir para a cruz? Não! (Veja João 10:17, 18; Mateus 26:52, 53.)

Nossos pecados fizeram Jesus clamar (Mateus 27:46). O pecado separa o homem de Deus (Isaías 59:1, 2). Ser abandonado por Deus é o castigo mais terrível que um ser pode sofrer (2 Tessalonicenses 1:9) e Jesus sofreu as dores do inferno por nós!

“O [JESUS]”

Naquela cruz morreu o Filho de Deus! Aquilo que antes foi um instrumento de tortura é agora o símbolo de tudo o que é bom, nobre, inspirador e santo. Por quê? Por causa da identidade de quem morreu ali! A influência de Jesus sobrevive até hoje! Ele é de fato o Filho de Deus!

“CRUCIFICARAM”

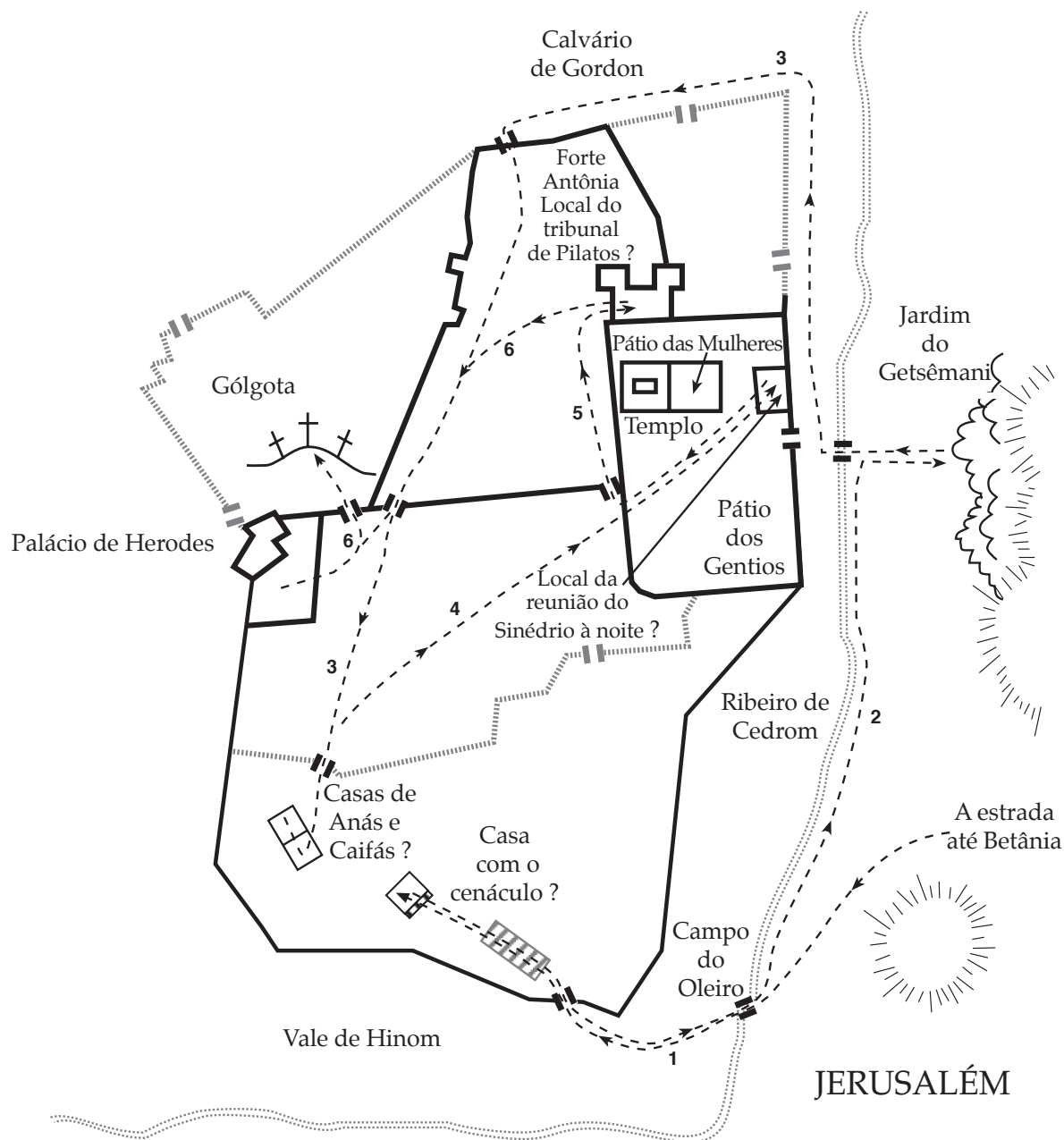
Cristo morreu numa cruz romana, o instrumento de tortura mais cruel já utilizado. A cruz, porém, foi apenas o ápice do sofrimento físico do nosso Senhor. Permita que a sua mente recorde todos os sofrimentos de Jesus¹, lendo Mateus 26:39 e Isaías 53:4. Verdadeiramente, Ele é o Filho de Deus!

CONCLUSÃO

O que essa história significa para você e para mim? Significa que Deus nos ama e que podemos ser salvos (Marcos 16:16; João 14:15).

¹Faça um rápido relato da traição, prisão, julgamentos, açoitamento e crucificação de Jesus.

Sugestão da Trajetória de Jesus em Suas Últimas Horas de Vida



LEGENDA

- Ribeiro de Cedrom
- Pontes / Portões
- Árvores no jardim do Getsêmani, ao pé do Monte das Oliveiras
- Áreas elevadas
- Escadarias para a cidade alta
- Muros de Jerusalém nos dias de Jesus
- Muros da antiga cidade de Jerusalém hoje

A TRAJETÓRIA DE JESUS

- 1 — até o cenáculo
- 2 — até o jardim do Getsêmani
- 3 — até as casas de Anás e Caifás
- 4 — até o Sinédrio
- 5 — até Pilatos
- 6 — até Herodes, de volta a Pilatos e finalmente rumo ao Gólgota

A Harmonia

VII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).

H. Sexta-feira: o dia da morte de Jesus (continuação).

9. A morte de Jesus: a crucificação (continuação).
 - c. As primeiras três horas na cruz (continuação) (Mateus 27:35, 36, 39–44; Marcos 15:24, 29–32; Lucas 23:34–37, 39–43; João 19:23–27).
 - d. As três últimas horas na cruz (Mateus 27:45–56; Marcos 15:33–41; Lucas 23:44–49; João 19:28–30).
10. O sepultamento do corpo de Jesus.
 - a. Sua morte observada (Mateus 27:55, 56; Marcos 15:40, 41; Lucas 23:49).
 - b. Sua morte confirmada (João 19:31–37).
 - c. Seu corpo sepultado (Mateus 27:57–60; Marcos 15:42–46; Lucas 23:50–54; João 19:38–42).
 - d. Seu sepultamento observado (Mateus 27:61; Marcos 15:47; Lucas 23:55, 56a).

I. Sábado: o dia seguinte à Sua morte.

1. Os discípulos: amedrontados (Lucas 23:56b; veja João 20:19a).
2. Os inimigos: apreensivos (Mateus 27:62–66).

VIII. A RESSURREIÇÃO, OS APARECIMENTOS E A ASCENSÃO DE JESUS.

A. Domingo: o dia da ressurreição de Jesus.

1. O túmulo vazio.
 - a. As mulheres e o túmulo vazio (Mateus 28:1–8; Marcos 16:1–9; Lucas 24:1–11; veja Lucas 24:22–24; João 20:1).
 - b. Dois apóstolos e o túmulo vazio (Lucas 24:12; João 20:1–10; veja Lucas 24:24).
2. O primeiro aparecimento: a Maria Madalena (Marcos 16:9–11; João 20:11–18; veja Lucas 24:10).
3. O segundo aparecimento: a outras mulheres (Mateus 28:9–11a; veja vv. 1, 5–8).
4. Um relato e uma mentira (Mateus 28:11–15).
5. O terceiro aparecimento: a Pedro (1 Coríntios 15:5; veja Lucas 24:34).
6. O quarto aparecimento: a Cléopas e outro discípulo (Marcos 16:12, 13; Lucas 24:13–35).
7. O quinto aparecimento: aos apóstolos (excluindo Tomé) (Marcos 16:14; Lucas 24:36–43; João 20:19–25).

B. Quarenta dias (veja Atos 1:3).

1. O sexto aparecimento: aos apóstolos (incluindo Tomé) na Judéia uma semana depois (João 20:26–31; 1 Coríntios 15:5).
2. O sétimo aparecimento: a pelo menos sete discípulos na Galiléia, no decorrer de quarenta dias (João 21:1–24).

Atribuição de Leitura nº. 40

Mateus 27:35, 36, 39–56;

Marcos 15:24, 29–41;

Lucas 23:34–37, 39–49;

João 19:23–30

Mateus 27:27:35, 36

³⁵Depois de o crucificarem, repartiram entre si as suas vestes, tirando a sorte.

³⁶E, assentados ali, o guardavam.

Mateus 27:39–56

³⁹Os que iam passando blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo:

⁴⁰Ó tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas! Salva-te a ti mesmo, se és Filho de Deus, e desce da cruz!

⁴¹De igual modo, os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos, escarnecendo, diziam:

⁴²Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se. É rei de Israel! Desça da cruz, e creemos nele.

⁴³Confiou em Deus; pois venha livrá-lo agora, se, de fato, lhe quer bem; porque disse: Sou Filho de Deus.

⁴⁴E os mesmos impropérios lhe diziam também os ladrões que haviam sido crucificados com ele.

⁴⁵Desde a hora sexta até à hora nona, houve trevas sobre toda a terra.

⁴⁶Por volta da hora nona, clamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lamá sabactâni? O que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

⁴⁷E alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam: Ele chama por Elias.

⁴⁸E, logo, um deles correu a buscar uma esponja e, tendo-a embebido de vinagre e colocado na ponta de um caniço, deu-lhe a beber.

⁴⁹Os outros, porém, diziam: Deixa, vejamos se Elias vem salvá-lo.

⁵⁰E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito.

⁵¹Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo; tremeu a terra, fenderam-se as rochas;

⁵²abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram;

⁵³e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos.

⁵⁴O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto e tudo o que se passava, ficaram possuídos de grande temor e disseram: Verdadeiramente este era Filho de Deus.

⁵⁵Estavam ali muitas mulheres, observando de longe; eram as que vinham seguindo a Jesus desde a Galiléia, para o servirem;

⁵⁶entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mulher de Zebedeu.

Marcos 15:24

²⁴Então, o crucificaram e repartiram entre si as vestes dele, lançando-lhes sorte, para ver o que levaria cada um.

Marcos 15:29–41

²⁹Os que iam passando, blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: Ah! Tu que destróis o santuário e, em três dias, o reedificas!

³⁰Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz!

³¹De igual modo, os principais sacerdotes com os escribas, escarnecendo, entre si diziam: Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se;

³²desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel, para que vejamos e creiamos. Também os que com ele foram crucificados o insultavam.

³³Chegada a hora sexta, houve trevas sobre toda a terra até a hora nona.

³⁴À hora nona, clamou Jesus em alta voz: Eloí, Eloí, lamá sabactâni? Que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

³⁵Alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam: Vede, chama por Elias!

³⁶E um deles correu a embeber uma esponja em vinagre e, pondo-a na ponta de um caniço, deu-lhe de beber, dizendo: Deixai, vejamos se Elias vem tirá-lo!

³⁷Mas Jesus, dando um grande brado, expirou.

³⁸E o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo.

³⁹O centurião que estava em frente dele, vendo que assim expirara, disse: Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus.

⁴⁰Estavam também ali algumas mulheres, observando de longe; entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé;

⁴¹as quais, quando Jesus estava na Galiléia, o acompanhavam e serviam; e, além destas, muitas outras que haviam subido com ele para Jerusalém.

Lucas 23:34–37

³⁴Contudo, Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. Então, repartindo as vestes dele, lançaram sortes.

³⁵O povo estava ali e a tudo observava. Também as autoridades zombavam e diziam: Salvou os outros; a si mesmo se salve, se é, de fato, o Cristo de Deus, o escolhido.

³⁶Igualmente os soldados o escarneciam e, aproximando-se, trouxeram-lhe vinagre, dizendo:

³⁷Se tu és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo.

Lucas 23:39–49

³⁹Um dos malfeitores crucificados blasfemava contra ele, dizendo: Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós também.

⁴⁰Respondendo-lhe, porém, o outro, repreendeu-o, dizendo: Nem ao menos temes a Deus, estando sob igual sentença?

⁴¹Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez.

⁴²E acrescentou: Jesus, lembra-te de mim quando vieres

no teu reino.

⁴³Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.

⁴⁴Já era quase a hora sexta, e, escurecendo-se o sol, houve trevas sobre toda a terra até à hora nona.

⁴⁵E rasgou-se pelo meio o véu do santuário.

⁴⁶Então, Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! E, dito isto, expirou.

⁴⁷Vendo o centurião o que tinha acontecido, deu glória a Deus, dizendo: Verdadeiramente, este homem era justo.

⁴⁸E todas as multidões reunidas para este espetáculo, vendo o que havia acontecido, retiraram-se a lamentar, batendo nos peitos.

⁴⁹Entretanto, todos os conhecidos de Jesus e as mulheres que o tinham seguido desde a Galiléia permaneceram a contemplar de longe estas coisas.

João 19:23–30

²³Os soldados, pois, quando crucificaram Jesus, tomaram-lhe as vestes e fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte; e pegaram também a túnica. A túnica, porém, era sem costura, toda tecida de alto a baixo.

²⁴Disseram, pois, uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela para ver a quem caberá — para se cumprir a Escritura: Repartiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes. Assim, pois, o fizeram os soldados.

²⁵E junto à cruz estavam a mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena.

²⁶Vendo Jesus sua mãe e junto a ela o discípulo amado, disse: Mulher, eis aí teu filho.

²⁷Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. Dessa hora em diante, o discípulo a tomou para casa.

²⁸Depois, vendo Jesus que tudo já estava consumado, para se cumprir a Escritura, disse: Tenho sede!

²⁹Estava ali um vaso cheio de vinagre. Embeberam de vinagre uma esponja e, fixando-a num caniço de hissopo, lhe chegaram à boca.

³⁰Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito.



Seis Horas numa Cruz Romana

Leitura Bíblica 40

- VII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).
- H. Sexta-feira: o dia da morte de Jesus (continuação).
- 9. A morte de Jesus: a crucificação (continuação).
 - c. As três primeiras horas na cruz (continuação) (Mateus 27:35, 36, 39–44; Marcos 15:24, 29–32; Lucas 23:34–37, 39–43; João 19:23–27).
 - d. As três últimas horas na cruz (Mateus 27:45–56; Marcos 15:33–41; Lucas 23:44–49; João 19:28–30).



INTRODUÇÃO

Esta é a segunda parte de uma lição dupla centralizada na morte de Jesus. Visando à compreensão do sofrimento físico de Jesus, algumas observações fazem-se necessárias sobre a crucificação¹.

John Franklin Carter descreveu a crucificação como “a forma de execução mais cruel, torturante, humilhante e horrível praticada na antiguidade”². A crucificação foi usada pelos persas, egípcios, babilônios, fenícios e outros povos por séculos. Entretanto, os romanos “a aperfeiçoaram como uma forma de tortura e pena capital destinada a produzir uma morte lenta com dores e sofrimento máximos”³.

O extraordinário nessa forma de tortura ou execução era que, ao ser pregada na cruz, a vítima não tinha nenhum de seus órgãos vitais atingido. Por isso a morte era lenta. A vítima sobrevivia por três ou quatro dias. Insetos e pássaros às vezes atacavam os ferimentos do moribundo. A todo tempo, a vítima ficava se retorcendo de dor, ardendo em febre e sendo torturada, pela sede — até, finalmente, a morte chegar como um alívio bem-vindo.

Segundo um artigo publicado num periódico médico⁴, “as causas que contribuíam para a morte

[na crucificação] eram inúmeras”. Em primeiro lugar, “a duração da sobrevivência... parecia estar... relacionada à severidade do açoitamento”. A seguir, em relação à crucificação propriamente dita, os danos ao sistema nervoso causados pelos pregos nos pulsos “provocavam espasmos excruciantes de uma dor delirante em ambos os braços”. O mesmo ocorria com as pernas quando os pés eram pregados na viga vertical. Havia também uma perda de sangue lenta, porém, constante. Tudo isso visava enfraquecer o crucificado.

Contudo, “o maior [e mais debilitante] efeito da crucificação... era uma acentuada interferência na respiração normal, particularmente na inspiração”⁵. Em outras palavras, era quase impossível a vítima conseguir respirar. “A inspiração adequada exigia elevar o corpo pressionando-se os pés⁶ [pregados] e flexionando-se os cotovelos e ombros.” Isto produzia dores fortíssimas e câimbras. “Como resultado, cada esforço respiratório ia ficando [gradualmente] agonizante e exaustivo.” A exaustão da vítima “a levava finalmente a asfixia” — morte em decorrência de falta de oxigênio.

Quando contemplamos as seis horas de Jesus numa cruz romana, temos de perceber a agonia que o Senhor estava suportando. Além disso, como falar é uma atividade respiratória, o preço de tal ato era suficientemente alto.

¹Veja mais observações sobre a crucificação em “O Melhor Presente”, “Cristianismo Não-Denominacional”, *A Verdade para Hoje*, pp. 44–45.

²John F. Carter, *A Layman’s Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, p. 326.

³William D. Edwards, Wesley J. Gabel e Floyd E. Hosmer, “On the Physical Death of Jesus Christ” (“Sobre a Morte Física de Jesus Cristo”), *Journal of the American Medical Association*, 21 de março de 1986, p. 1458.

⁴Ibid., pp. 1460–61.

⁵No processo de respiração, inspirar é encher os pulmões de ar.

⁶A necessidade da vítima apoiar-se nos pés pregados para conseguir respirar explica por que quebrar-lhe as pernas apressava a morte (João 19:31–33). Veja os comentários sobre João 19:31–33 na página 21.

AS TRÊS PRIMEIRAS HORAS⁷

(MATEUS 27:35, 36, 39–44; MARCOS 15:24, 29–32;
LUCAS 23:34–37, 39–43; JOÃO 19:23–27)

As seis horas de Cristo na cruz dividem-se naturalmente em dois períodos de três horas: três horas de luz (Marcos 15:25, 33) e três horas de escuridão (Marcos 15:33)⁸. O primeiro período compreendeu em torno das nove da manhã ao meio dia.

O Escárnio dos Soldados

Encerramos o estudo anterior na cena de Jesus sendo pregado na cruz. Quatro soldados foram designados para o destacamento de execução (veja João 19:23). Os encarregados da tarefa recebiam as roupas tiradas das vítimas. Os soldados dividiram as roupas de Jesus em quatro partes mais ou menos iguais (João 19:23a). Entre as peças de roupa deveriam constar o manto, uma veste, um cinto⁹ e as sandálias.

Eles estavam confusos, no entanto, com o que fazer com uma das peças de Seu vestuário: Sua “túnica” (João 19:23b). O termo usado no grego significa “veste usada junto à pele”. Os soldados ficaram perplexos porque a peça “era sem costura, toda tecida de alto a baixo” (João 19:23c). Esse tipo de roupa normalmente era confeccionado com dois ou mais pedaços de tecido. O fato de ser “toda tecida de alto a baixo” tornava a túnica mais valiosa¹⁰. Parti-la em quatro partes destruiria o seu valor.

Os romanos disseram: “Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela para ver a quem caberá” (João 19:24a; veja Mateus 27:35; Marcos 15:24; Lucas 23:34). Ao fazerem isto, involuntariamente, cumpriram uma profecia concernente ao Messias: “Repartiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes” (João 19:24b; veja Salmos 22:18).

Tendo repartido entre si o espólio, os soldados se sentaram e “O guardavam” (Mateus 27:36). A NVI diz: “vigiavam-nO” — não para protegê-LO, mas para impedir que Seus amigos O tirassem da cruz antes que Ele morresse¹¹. Visto que a morte na cruz normalmente levava muito tempo, a expectativa deles era aguardar um longo tempo.

⁷Veja mais detalhes sobre as três primeiras horas na cruz nas páginas 46 e 47 da edição anterior.

⁸Não se sabe a ordem exata dos acontecimentos dentro das duas divisões; a ordem aqui apresentada é uma das possibilidades.

⁹O cinto poderia ser de tecido ou couro.

¹⁰Geralmente se diz que essa seria a única peça de valor que o Senhor possuía. Talvez fosse um presente de um admirador.

¹¹Os soldados também devem ter dividido as roupas dos dois ladrões e vigiado os dois para que ninguém os tirasse da cruz — mas a ênfase da narrativa está em Jesus.

Os Insultos da Multidão

Há quem possua um mórbido fascínio pelo sofrimento alheio. Uma multidão “estava ali e a tudo observava” (Lucas 23:35a). Havia também um fluxo constante de circunstantes curiosos, provavelmente peregrinos a caminho da cidade para as festividades do dia. “Os que iam passando, blasfemavam dele, meneando a cabeça¹² e dizendo: Ah! Tu que destróis o santuário e, em três dias¹³, o reedificas! Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz!” (Marcos 15:29, 30). E desafiaram Jesus: “...se és Filho de Deus, e desce da cruz!” (Mateus 27:40b)¹⁴.

*“... e sobre a Minha túnica
lançaram sorte”.*

*Ao fazerem isto,
involuntariamente, cumpriram
uma profecia...*

Os membros da hierarquia judaica provavelmente lideravam as zombarias. Os líderes judeus deviam estar contentíssimos; achavam que haviam eliminado com sucesso um adversário incômodo. As “autoridades” — “os principais sacerdotes com os escribas” (Marcos 15:31a) — escarneciam dEle:

Salvou os outros; a si mesmo se salve, se é, de fato, o Cristo de Deus, o escolhido (Lucas 23:35b).

Confiou em Deus; pois venha livrá-lo agora, se, de fato, lhe quer bem; porque disse: Sou Filho de Deus (Mateus 27:43).

Apontando para a placa acima da cabeça de Jesus, satirizavam: “É rei de Israel! Desça da cruz, e

¹²Menear a cabeça de determinada maneira era uma expressão de desprezo (Salmos 22:7; 109:25; Isaías 37:22; Jeremias 18:16). Toda cultura possui gestos peculiares que indicam desdém.

¹³O que Jesus dissera anteriormente sobre reconstruir o templo (João 2:19) evidentemente impressionou as pessoas, mas a afirmação não foi compreendida no devido contexto. Veja mais sobre o que Jesus realmente disse nas páginas 9 e 10 da edição anterior.

¹⁴Não entendiam que se Jesus descesse da cruz e salvasse a Si mesmo, a humanidade não seria salva. Não compreendiam que Ele permaneceu na cruz porque Ele *era* o Filho de Deus e estava determinado a fazer a vontade do Pai.

creremos nele” (Mateus 27:42b)¹⁵. Declararam com ar de vitória: “Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se” (Marcos 15:31b; Mateus 27:42a). Certo comentarista fez a seguinte observação: “Inconscientemente [esses líderes] proferiram uma das verdades mais profundas de todas as escrituras”¹⁶. Eles disseram “uma verdade muito mais profunda do que poderiam imaginar: pois como Ele *poderia* salvar a Si mesmo, se iria salvar outros?”¹⁷

Os soldados aderiram à diversão. “Igualmente os soldados o escarneciam e, aproximando-se, trouxeram-lhe vinagre, dizendo: Se tu és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo” (Lucas 23:36, 37). Até os dois colegas de sofrimento de Jesus — os dois ladrões — juntaram-se a eles. Via de regra, os crucificados trocavam ultrajes com a multidão; mas, nessa ocasião, a atenção estava voltada para a cruz do meio. E os dois criminosos ventilaram sua raiva e frustração para essa mesma direção (Mateus 27:44; Marcos 15:32b).

A Oração do Senhor

Como Jesus reagiu a essa torrente de ódio? Ele invocou doze legiões de anjos (Mateus 26:53) para destruir Seus agressores? Não! Ele orou! Jesus havia ensinado Seus discípulos a orar pelos que os perseguiram (Mateus 5:44). Agora, Ele estava praticando o que pregava: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34a)¹⁸.

O Pedido de um Ladrão

Houve um ponto de luz durante as três primeiras horas: o coração de um dos ladrões ficou impressionado com o que viu. Inicialmente, ambos os criminosos insultaram o Senhor (Mateus 27:44; Marcos 15:32); entretanto, com o passar das horas, um deles foi tocado pela dignidade e pelo espírito

magnânimo de Cristo¹⁹. Provavelmente ele já havia observado outros homens morrerem crucificados, amaldiçoando os circunstantes, mas não orando por quem os atormentava.

Um dos ladrões continuou desferindo seus golpes: “Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós também” (Lucas 23:39). E o outro defendeu Jesus dizendo: “Nem ao menos temes a Deus, estando sob igual sentença? Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez” (vv. 40, 41).

Virou a cabeça para o Senhor e disse: “Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino” (v. 42). Como ele sabia do reino de Jesus? Teria ouvido Cristo ensinar acerca do reino? Teria a conduta de Jesus na cruz convencido o homem de que a placa sobre Sua cabeça era a verdade? O conhecimento que o ladrão tinha a respeito do reino devia ser limitado, mas pelo menos ele entendeu que Jesus *era* o Rei dos judeus (o tão esperado Messias), e — a despeito de estar morrendo na cruz — Ele estabeleceria o Seu reino! Naquele instante, aquele ladrão moribundo demonstrou mais fé do que os discípulos de Cristo²⁰.

Jesus foi “coerente com o Seu nome e com a Sua missão até o fim”²¹, ao dizer ao ladrão arrependido: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (v. 43). No contexto, “paraíso” representa a parte do Hades onde os justos que morreram aguardam o julgamento final²². Jesus prometeu salvar o ladrão arrependido — não da cruz, mas da culpa do pecado. Ele o libertou — não nesta vida, mas na próxima²³.

¹⁵Em poucos dias, Jesus realizaria um milagre maior do que descer da cruz — ressuscitar do túmulo — mas nem isso produziria fé nesses líderes de coração endurecido. Não podiam prever que a permanência de Jesus na cruz geraria no final fé em milhões de corações (veja João 12:32).

¹⁶H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 214.

¹⁷B. S. Dean, “Esboço da História do Novo Testamento”, *A Verdade para Hoje*, p. 29.

¹⁸Esta é a primeira das sete declarações [ou brados] de Jesus na cruz. E provavelmente foi dita mais cedo na sequência de acontecimentos. Embora Jesus tenha orado por seus agressores, eles não puderam ser perdoados enquanto não se arrependeram de seus pecados e fizeram a vontade de Deus (Atos 2:22, 23, 36–38). Veja mais sobre os sete brados na edição “Conheça o Mestre, 2”, *A Verdade para Hoje*, pp. 37–42.

¹⁹Mateus e Marcos mostraram que os dois ladrões insultaram Jesus, enquanto Lucas disse que um deles defendeu o Senhor. A maneira mais simples de conciliar os relatos é presumir que um dos ladrões mudou de idéia depois de insultar Jesus. É possível que seus insultos iniciais não eram de todo sinceros.

²⁰A história do ladrão não serve de exemplo dos requisitos necessários à salvação para nós, que estamos deste lado da cruz, mas ela demonstra como devemos ficar do lado de Cristo.

²¹Dean, p. 29.

²²Essa parte do Hades é chamada de “seio de Abraão” em Lucas 16:22. Sabemos que o “paraíso” de Lucas 23 fica no Hades porque Pedro disse que Jesus foi até o Hades quando morreu (Atos 2:31). Também sabemos disso porque o “paraíso” de Lucas 23 não é onde Deus está. Jesus foi para o paraíso naquele dia, mas semanas depois, Ele afirmou que ainda não havia subido ao Pai (João 20:17).

²³Enquanto estava na terra, Jesus tinha o poder de dar perdão como bem Lhe aprouvesse (veja Marcos 2:10). Ele exercitou esse poder apenas algumas vezes; e esta foi uma delas.

A Tristeza dos Amigos

Alguns próximos à cruz não estavam sendo consumidos por ódio, e sim por tristeza. Uma das pessoas junto à cruz era Sua mãe (João 19:25b). Coloque-se, por um instante, no lugar de Maria, olhando para seu filho à morte, em meio a lágrimas. Simeão a advertira: “também uma espada traspassará a tua própria alma” (Lucas 2:35a); agora aquela lâmina cruel retorcia e girava dentro do seu peito.

Outras mulheres estavam com Maria. João identificou-as como “a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena” (João 19:25c). Quando a lista de mulheres feita por João é comparada com as de Mateus e Marcos (Mateus 27:56; Marcos 15:40), parece que a irmã de Maria (mãe de Jesus) era Salomé — mãe de Tiago e João, e esposa de Zebedeu²⁴. Lemos sobre Salomé num relato anterior (Mateus 20:20, 21)²⁵.

“Maria, mulher de Clopas” na lista de João provavelmente é a mesma “Maria, mãe de Tiago [o Menor] e José” nas listas de Mateus e Marcos. Maria Madalena consta das três listas. Também já a encontramos num estudo anterior (Lucas 8:2, 3)²⁶, e ela será mencionada novamente no decorrer da história.

Outros “conhecidos” de Jesus estavam presentes junto à cruz (veja Lucas 23:49a; Marcos 15:41b). Talvez alguns ou todos os apóstolos estivessem observando de longe; pelo menos o apóstolo João estava lá (veja João 19:26²⁷).

A Preocupação de Jesus

Apesar de Jesus estar experimentando uma dor indescritível, Ele Se preocupou com o bem-estar de Sua mãe²⁸. Seu coração com certeza encheu-se de tristeza ao vê-la aflita. “Vendo Jesus sua mãe e junto a ela o discípulo amado, disse: Mulher²⁹, eis aí teu filho. Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua mãe” (João 19:26, 27a). Dessa forma, Jesus tomou providências

²⁴Leia o artigo suplementar “As Mulheres junto à Cruz”, na página 11.

²⁵Veja a página 38 da edição “A Vida de Cristo — Parte 9”.

²⁶Veja a página 38 da edição “A Vida de Cristo — Parte 4”.

²⁷Mais uma vez, a dedução baseia-se no fato de João referir-se a si mesmo como “o discípulo a quem [Jesus] amava”.

²⁸Jesus era o filho mais velho e sentia uma responsabilidade maior por ela. O fato de Jesus ter tomado providências em relação ao cuidado com ela indica que José já devia ter falecido.

²⁹Como já observamos antes, chamar a mãe de “mulher” não era um insulto naquela cultura (veja a página 42 de “A Vida de Cristo — Parte 2”).

para que Sua mãe fosse cuidada³⁰.

“Dessa hora em diante, o discípulo a tomou para casa” (João 19:27b). Talvez, movido por compaixão, o discípulo tenha levado Maria do Gólgota, imediatamente³¹, para o local em que sua família estava hospedada durante as festividades. Nesse caso, Maria teria sido poupada de uma parcela do sofrimento do seu filho, além de ser protegida da multidão inquietada.

AS TRÊS ÚLTIMAS HORAS (MATEUS 27:45–56; MARCOS 15:33–41; LUCAS 23:44–49; JOÃO 19:28–30)

O Mistério

“Já era quase a hora sexta” (Lucas 23:44a) — ou seja, quase meio-dia, quando o sol estava a pino. “E, escurecendo-se o sol, houve trevas sobre toda a terra...” (vv. 44b, 45a). O sol escureceu de repente? Não sabemos se o fenômeno limitou-se à Judéia ou se compreendeu toda a Palestina ou uma região maior. A expressão “toda a terra” pode se referir a qualquer uma dessas hipóteses. É possível até que existam registros romanos contendo esse extraordinário acontecimento³².

A escuridão que ocorreu nessa hora tem sido classificada como um eclipse, mas um eclipse solar era impossível na época da Páscoa. A “celebração [dessa festa] deveria ser na lua cheia (Êxodo 12:6)”³³ — e não ocorrem eclipses em época de lua cheia³⁴.

³⁰Talvez Jesus não tenha confiado Sua mãe aos cuidados dos Seus irmãos porque, naquele instante, eles ainda não acreditavam nEle (João 7:5). É quase certo que eles não estavam presentes ali. *Após a ressurreição*, eles creram (Atos 1:14). Se João era parente de Maria (veja o artigo “As Mulheres junto à Cruz”), isto ajuda a explicar por que Jesus confiou a ele os cuidados sobre Sua mãe. Segundo uma tradição não-inspirada, Maria teria vivido com João pelo resto de sua vida. Segundo uma outra tradição não-inspirada, ela teria vivido com ele temporariamente, ficando depois em Jerusalém, até seus últimos dias.

³¹Maria não está alistada no grupo de mulheres que ainda estavam ao pé da cruz quando Jesus expirou (Mateus 27:56; Marcos 15:40), dado que sugere sua saída juntamente com João. Se João a levou para casa, ele próprio pode ter retornado à cena em tempo de testemunhar a morte de Jesus (veja João 19:35).

³²Veja mais sobre a escuridão e outros fatos sobrenaturais em torno da cruz em “Milagres do Calvário”, na página 14.

³³M. R. Wilson, “Passover” (“Páscoa”), *International Standard Bible Encyclopedia*, ed. gen. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1986, 3:676. Êxodo 12:6 especifica o décimo quarto dia do mês, quando a lua estaria cheia.

³⁴Lua cheia indica que o sol e a lua estão em lados opostos da terra (estando a lua, portanto, em seu pico de reflexo da luz solar). Um eclipse solar ocorre quando a lua se posiciona entre a terra e o sol — o que é impossível quando a lua e o sol encontram-se em lados opostos da terra.

Explicar o fenômeno como um céu nebuloso também parece inadequado. Há razões para crermos que tal escuridão consistiu num fato sobrenatural. 1) Lucas relacionou a escuridão com a divisão do véu do santuário ao meio (Lucas 23:44, 45), fato que foi indubitavelmente um milagre³⁵. 2) O fato de que a escuridão cessou na hora da morte de Jesus sugere a intervenção divina na cena.

A escuridão dominou a terra por três horas, “até à hora nona” (Lucas 23:44c) — ou seja, até as três horas da tarde. Não sabemos o motivo de Deus ter provocado a escuridão, mas os comentários de John Carter parecem certos:

...foi oportuna uma cortina de escuridão ocultar o Salvador sofrendo de Seus escarneçadores e de Seus amigos entristecidos. De fato, os insultos e escárnios sem dúvida diminuiram após a escuridão encobrir a terra; e permitiu-se que Jesus sofresse em silêncio. É quase certo que foi nessas três horas de escuridão que Deus fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos (Isaías 53:6), foi nessas horas que Ele “carregou em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados” (1 Pedro 2:24), foi feito “pecado por nós” (2 Coríntios 5:21) e Deus O estabeleceu, “no seu sangue, como propiciação” (Romanos 3:25). De certa forma, Ele estava experimentando a angústia de quem é lançado “para fora, nas trevas” (Mateus 8:12) com o fim de conceder “a luz da vida” aos que O seguirem (João 8:12).³⁶

O Significado

Enquanto as horas de escuridão iam se esgotando, Cristo falou quatro vezes numa rápida sucessão. Primeiro, “por volta da hora nona”, Ele pronunciou uma frase assustadora, que reflete o terrível sofrimento que Ele estava suportando: “Eli, Eli, lamá sabactâni?” Eram palavras hebraicas e aramaicas³⁷ que significavam: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mateus 27:46). A pergunta afirmava que, para pagar a pena por nossos pecados, Jesus foi — por um período — abandonado pelo Pai³⁸.

Surge aqui uma pergunta: “Mas Cristo não entendia o propósito de Sua morte — e, se entendia, por que perguntou a Deus: ‘Por que me desamparaste?’” A melhor explicação é que Jesus estava

³⁵Veja o sermão “Milagres do Calvário”, na página 14.

³⁶Carter, p. 329.

³⁷“Eli” era hebraico, enquanto “lamá sabactâni” eram aramaico. O relato de Marcos também utiliza aramaico para a primeira palavra: “Eloi” (Marcos 15:34). Há pouca diferença nas duas versões.

³⁸Veja os comentários sobre o sofrimento espiritual de Jesus a partir da página 13 de edição anterior. “A Vida de Cristo — Parte 12”.

citando Salmos 22:1 e manteve a terminologia do salmista. A declaração do Senhor não era uma declaração de dúvida e, sim, uma confirmação de fé. Citando o salmo, Jesus declarava que Sua morte não era uma tragédia desafortunada e, sim, um cumprimento dos planos e propósitos de Deus (veja Salmos 22:6–8, 12–18).



*“Eli, Eli, lamá sabactâni?”
A declaração do Senhor não
era uma declaração de dúvida e,
sim, uma confirmação de fé.*



Quando Jesus clamou, algumas pessoas não entenderam o que Ele dizia. Talvez Sua pronúncia estivesse indistinta devido ao esforço para respirar; talvez Ele estivesse como que pensando alto; talvez alguns dos presentes fossem mais velhos e sua audição deixasse a desejar. De qualquer modo, quando o Senhor disse “Eli” (“Deus meu”), alguns entenderam “Elias” (que significa “Meu Deus [é] Javé”). “E alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam: Ele chama por Elias” (Mateus 27:47). Os escribas ensinavam que Elias apareceria na era messiânica (Mateus 17:10)³⁹. Fascinados, alguns disseram: “Deixa, vejamos se Elias vem salvá-lo” (Mateus 27:49; Marcos 15:36).

O Senhor não fez esforço algum para corrigir o mal entendido. Em vez disso, “vendo Jesus que tudo já estava consumado⁴⁰, para se cumprir a Escritura⁴¹, disse: Tenho sede!” (João 19:28). Mergulharam uma esponja num vaso cheio de vinagre, fixaram-na num caniço de hissopo⁴² e a levaram até a Sua boca (João 19:29; veja Marcos 15:36a). Antes, Jesus havia recusado a bebida; agora, porém, Ele a aceitou (Mateus 27:34; Marcos 15:23; João 19:30a). Visto que Seu sofrimento estava quase no fim, Ele não estava tomando o sedativo por causa de sua proprieda-

³⁹Veja a página 34 de “A Vida de Cristo — Parte 2”.

⁴⁰O Senhor havia completado a tarefa especial para a qual Ele veio à terra: “carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados” (1 Pedro 2:24).

⁴¹A colocação das palavras “para se cumprir a Escritura” parece indicar que a afirmação de Jesus: “Tenho sede” cumpriu uma passagem do Antigo Testamento. Neste caso, o versículo poderia se referir a Salmos 22:15b ou 69:21. Também é possível que “para se cumprir a Escritura” refere-se a todas as experiências de Jesus na cruz.

⁴²Hissopo é uma planta com flores azuis. Seu pedúnculo pode crescer até sessenta ou noventa centímetros.

de analgésica. Talvez, além de aliviar a sede, Jesus quisesse umedecer a garganta para o que diria em seguida.

“Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado!” (João 19:30a). O sofrimento estava quase no fim, mas aquelas palavras continham uma implicação mais profunda do que isso. Ele havia *concluído* a obra que Deus lhe dera para fazer (veja João 17:4⁴³). B. S. Dean escreveu:

“Está consumados”; estava consumada, não meramente terminada, a vida mais nobre que já viveu sobre a terra; estava consumada a obra da redenção humana; consumado, cumpridos, no sentido mais sublime, os tipos e símbolos e profecias da velha aliança com que sonharam os patriarcas e profetas⁴⁴.

Charles Swindoll sugeriu que as palavras de Cristo eram “um grito de vitória... um grito de realização... e também um grito de alívio”. Jesus poderia então trocar Seus espinhos por uma coroa, Sua nudez por um manto, Sua desonra por glória, Suas chagas por adoração⁴⁵.

Cristo, então, clamou “em alta voz”⁴⁶ e disse: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!”⁴⁷ (Lucas 23:46a). “E, dito isto” (Lucas 23:46b), “inclinando a cabeça, rendeu o espírito” (João 19:30b). O Senhor “expirou” (Lucas 23:46c; Marcos 15:37), ou seja, soltou o último suspiro, morrendo por nossos pecados conforme as Escrituras (1 Coríntios 15:3).

Estudiosos especulam por que Jesus morreu tão rápido⁴⁸, mas esses versículos nos ajudam a compreender a cena: Ele Se entregou para morrer. Não foram os homens que Lhe tiraram a vida; Ele a deu (João 10:17, 18)⁴⁹ por todos nós.

⁴³As palavras gregas traduzidas por “consumando” em João 17:4 e “consumado” em João 19:30 são da mesma raiz.

⁴⁴Dean, p. 29. Jesus “consumou” o Antigo Testamento (veja Mateus 5:17, 18). Num sentido, Ele pregou a aliança cumprida em Sua cruz (veja Colossenses 2:14), preparando o caminho para a revelação da Sua nova aliança, ou testamento (veja Hebreus 9:15–17).

⁴⁵Charles R. Swindoll, *Jesus, Our Lord* (“Jesus, Nosso Senhor”). Fullerton, Calif.: Insight for Living, p. 27.

⁴⁶O fato de Jesus conseguir *clamar em alta voz* nas condições físicas de que Ele dispunha é surpreendente.

⁴⁷Jesus poderia estar usando novamente a terminologia do Antigo Testamento (Salmos 31:5). Nesse caso, Ele a usou de uma forma mais incisiva do que o fez o escritor do Salmo 31.

⁴⁸Já comentamos que os crucificados permaneciam dias na cruz. Na próxima lição mencionaremos alguém que se surpreendeu com o fato de Jesus já estar morto (Marcos 15:44).

⁴⁹No presente estudo e também no próximo comentaremos os possíveis fatores que contribuíram para a morte de

Os Milagres

No momento em que Jesus morreu, houve um grande terremoto (veja Mateus 27:54): “...tremeu a terra, fenderam-se as rochas” (Mateus 27:51). Com o deslocamento da terra, “abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram” (Mateus 27:52a). Parece que a ressurreição dos santos ocorreu alguns dias depois. Mateus acrescentou: “e, saindo dos sepulcros *depois da ressurreição de Jesus*, entraram na cidade santa e apareceram a muitos” (Mateus 27:52, 53; grifo meu).

Quando a terra tremeu, dentro da cidade, “o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo” (Mateus 27:51a; veja Marcos 15:38; Lucas 23:45). Esses fenômenos extraordinários e curiosos anunciavam que ocorrera “um terremoto”!⁵⁰

Aqueles que estavam no Gólgota aperceberam-se de dois dos milagres somente — a escuridão e o terremoto — mas só esses dois eventos e o comportamento de Jesus na cruz já exerceram um impacto poderoso sobre eles. “O centurião que estava em frente dele”, viu que Jesus “expirara” (Marcos 15:39a). A seguir, ele e os soldados, “vendo o terremoto e tudo o que se passava, ficaram possuídos de grande temor” (Mateus 27:54a). O centurião “deu glória a Deus, dizendo: Verdadeiramente, este homem era justo” (Lucas 23:47). E também declarou: “Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus” (Marcos 15:39b) e os soldados uniram-se a ele: “Verdadeiramente este era Filho de Deus” (Mateus 27:54b)⁵¹.

Os milagres também impressionaram outros indivíduos presentes. Certamente a escuridão os fez calar. Agora, “todas as multidões reunidas para este espetáculo, vendo o que havia acontecido, retiraram-se [para suas casas] a lamentar, batendo nos peitos” (Lucas 23:48) — uma expressão oriental de tristeza (Isaias 32:12; Naum 2:7; Lucas 18:13⁵²). Com

Jesus, mas a decisão que Ele tomou deve ser o fator principal. Alguns rejeitam este ponto de vista dizendo que ele se parece demais com suicídio. Convém esclarecer que Jesus *não* Se matou; a Bíblia é clara ao afirmar que Ele *foi morto* por judeus e romanos (veja Atos 2:23; 3:15; 5:30; 10:39). Ele retinha algum controle sobre o Seu corpo. Coy Roper, irmão do autor desta série, salientou que há uma diferença entre *suicídio* e *morte sacrificial*: neste último, o exemplo pode ser de um soldado que se atira numa granada para salvar seus colegas (correspondência pessoal do autor, 3 de abril de 2002).

⁵⁰Veja o significado simbólico desses milagres em “Milagres do Calvário”, na página 14.

⁵¹No texto original, nem Mateus 27:54 nem Marcos 15:39 possuem o artigo definido (“o”), mas seria um erro traduzir a frase por “um filho de Deus”. O que os soldados disseram foi: “Verdadeiramente, este era o Filho de Deus!”

⁵²Veja os comentários sobre Lucas 18:13, na edição “A Vida de Cristo — Parte 9”.

Certeza, tudo o que ali se passou cooperou para preparar seus corações para o sermão de Pedro, proferido semanas depois (veja Atos 2:14, 23, 36, 37).

CONCLUSÃO

Jesus era o Filho de Deus; sendo assim, era de se esperar que a Sua morte estivesse além de nossa compreensão. Vimos o próprio Filho de Deus morrendo numa cruz! Que emoção! As Escrituras dizem que Ele morreu para a nossa redenção (1 Coríntios 15:3). Alegremo-nos com essa verdade arrebatadora!

As Mulheres junto à Cruz

Durante as primeiras três horas de Cristo na cruz, segundo a lista de João, “junto à cruz estavam a mãe de Jesus [Maria], e a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena” (João 19:25). É possível que “Maria, mulher de Clopas” fosse a irmã da mãe de Jesus, mas somos propensos a entender que se tratavam de duas mulheres diferentes. J. W. McGarvey enumera várias razões para esta conclusão, incluindo as seguintes¹: 1) é improvável que duas irmãs tivessem o mesmo nome — Maria. 2) “João menciona dois pares de mulheres, cada um conectado por um “e”. O primeiro par tem parentesco com Jesus, mas seus nomes não são citados e está em posição paralela ao par seguinte, que não tem parentesco, mas tem seus nomes citados. Os escritores hebreus costumavam utilizar esse paralelismo.”² 3) Deixar de citar o nome da irmã de Maria concorda com a prática de João de não citar nomes de seus familiares. (João nunca citou seu próprio nome, o de seu irmão Tiago ou o de sua mãe; nem citou o nome da mãe de Jesus, que poderia ser sua tia.) Concluímos que João alistou quatro mulheres.

Durante as três últimas horas de Jesus na cruz — após sua mãe ter sido retirada dali (João 19:26, 27) — um grupo de três mulheres ainda permaneceu junto à cruz, “observando de longe” (Mateus 27:55; Marcos 15:40). A lista de Mateus citando essas mulheres diz: “Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mulher de Zebedeu” (Mateus 27:56). Seguindo alguns manuscritos antigos, a ERC traz uma pequena variação dizendo: “e a mãe dos filhos de Zebedeu”. Marcos enumerou “Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé” (Marcos 15:40). Dois nomes citados nas listas de Mateus e de Marcos são os mesmos: Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago (o Menor) e de José. Isto indica que a “Salomé” da lista de Marcos é a mesma pessoa que “a mulher de Zebedeu” ou “a mãe dos filhos de Zebedeu”, na lista de Mateus. Em outras palavras, Salomé era a mãe de Tiago e João.

Muitos estudiosos acreditam que, porque Maria Madalena aparece na primeira lista de João e na segunda lista de Mateus e Marcos, as listas referem-se às mesmas mulheres. Nesse caso, tendo em mente as conclusões extraídas nos dois parágrafos anteriores, eis aqui uma comparação das listas:

<i>A Lista de João</i>	<i>As Listas de Mateus e Marcos</i>
Maria, mãe de Jesus	(retirada da cena)
A irmã da mãe de Jesus	Salomé, mulher de Zebede
Maria, mulher de Clopas	Maria, mãe de Tiago e José
Maria Madalena	Maria Madalena

Como havia “muitas outras mulheres” também presentes (Marcos 15:41), não podemos ser dogmáticos quanto à idéia de que Salomé era a irmã de Maria, mãe de Jesus; mas há uma forte possibilidade, ainda que hipotética, de que seja esse o caso. Como já foi observado, isto faz dos apóstolos Tiago e João, primos de Jesus.

¹J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 225.

²Ibid.

Notas para Sermão: “Você estava lá?”

Como você reagiria, se alguém lhe perguntasse: “Você estava lá quando crucificaram o seu Senhor?” “Você estava lá quando O pregaram no madeiro?” “Você estava lá quando o sol se recusou a brilhar?”

A tendência geral é respondermos a tal pergunta admirados: “Que pergunta ilógica! Jesus morreu quase dois mil anos antes de eu nascer. Como eu poderia ter estado lá?” Refletindo, porém, mais seriamente, a pergunta pode fustigar nossa imaginação, levando cada um a ver-se refletido nas pessoas que testemunharam a morte de Cristo, tantos séculos atrás. Se formos sinceros em comparar nossas vidas com as vidas daqueles que estiveram no Gólgota, essa projeção nos fará “tremar nas bases”.

Vejamos a seguir alguns que estiveram presentes junto à cruz. Você se vê em algum deles? “Você estava lá quando crucificaram o seu Senhor?”

Os Soldados Indiferentes¹

Pedro chamou-os de “iníquos” (“homens perversos”; NVI) (Atos 2:23). Eram profissionais, insensíveis a dor e morte, desempenhavam uma tarefa designada. Ao levantarem Cristo na cruz, nenhum sentimento expressaram em relação a Ele. Muitos hoje são indiferentes a Jesus e ao Seu sacrifício.

A Multidão Irreverente (Guiada pela Hierarquia Judaica)

Alguns caçoaram de Jesus movidos por ódio e

¹Se quiser, faça uma descrição física de cada categoria presente: os soldados romanos usavam fardas coloridas; os líderes judeus, mantos impressionantes.

outros, por ignorância. De um modo ou outro, demonstraram desrespeito pelo Filho de Deus sem pecado. Pessoas ainda deixam de estimar o nosso Senhor — algumas por ódio, a maioria por ignorância.

O Ladrão Que Se Arrependeu e o Que Não Se Arrependeu

Alguns não se sensibilizam com a cruz (como foi o caso do ladrão que não se arrependeu), mesmo quando suas vidas são surpreendidas por uma tragédia. Graças a Deus, também há pessoas que se voltam para Jesus Cristo nos momentos difíceis (como fez o ladrão que se arrependeu).

Os Pranteadores Insubstituíveis

Existe ainda um grupo especial de pessoas que não pode contemplar a cruz sem que lágrimas escorram de seus olhos.

A Multidão Ilustrada

Quando Jesus disse: “Eli”, pensaram alguns que Ele dissera “Elias” — e se sentaram para ver se Elias viria. Hoje, quando as pessoas se perdem em questões teológicas, também se perdem na prática.

Os Espectadores Impressionados

O centurião e os soldados se sensibilizaram com a morte de Jesus e o terremoto que aconteceu em seguida. Nesse instante, pessoas dentre a multidão bateram no peito [em sinal de tristeza].

E você? Você é capaz de olhar para a cruz e permanecer inalterado, indiferente?



Por que Jesus Teve de Morrer numa Cruz?



O propósito da morte de Jesus já foi comentado nesta série de estudos¹. Centenas de volumes não seriam suficientes para esgotar este tópico; mil volumes talvez não respondessem todas as perguntas a serem feitas. Entretanto, alguns comentários adicionais devem ser suficientes por ora.

“Pois todos pecaram” (Romanos 3:23a) e “o salário do pecado é a morte” (Romanos 6:23). Pecadores sofrem morte espiritual — ou seja, a separação de Deus — nesta vida (Efésios 2:1, 12). Além disso, os pecadores enfrentam “a segunda morte”, a separação eterna de Deus, na vida por vir (Apocalipse 20:14; 21:8).

O pecado é uma ofensa a um Deus santo (Romanos 3:23b; veja Isaías 5:16; Hebreus 10:29). Bons feitos não podem apagar a culpa de um único pecado cometido; não podemos ser salvos pelas nossas obras (veja Efésios 2:8, 9). Mesmo quando temos o melhor desempenho, isso não basta (Isaías 64:6; Romanos 3:12). Sendo um Deus de justiça (Isaías 30:18), o Senhor não pode permitir que o pecado fique impune (veja Romanos 1:18). Como todos eram (e são) pecadores sem a capacidade de remover a culpa do pecado, a situação da humanidade parecia desoladora.

Graças a Deus Ele não é só um Deus de justiça, mas também é um Deus de *amor* (1 João 4:8)! Sendo um Deus de amor, Ele desejou (e deseja) que ninguém se perca (veja 2 Pedro 3:9). Essas duas características de Deus representam um dilema. Como Ele poderia ser justo e punir o pecado e, ao mesmo tempo, ser o justificador dos pecadores (veja Romanos 3:26)? A resposta de Deus ao dilema foi: “Eu mesmo pagarei o preço; mandarei Meu *Filho* para sofrer o castigo pelos pecados da humanidade” (veja João 3:16). Lemos em 1 João 4:10: “Ele nos amou e enviou o Seu Filho como propiciação pelos nossos pecados”. A palavra “propiciação” significa “aquilo que concilia, apazigua ou satisfaz a justiça de Deus”.

Que forma esse sofrimento propiciatório tomaria? Nas primeiras relações de Deus com a humanidade, instituiu-se o princípio do *sacrifício* - a doa

ção de uma vida em benefício de outra (Gênesis 4:4; 8:20; 31:54; veja 12:7). Estabeleceu-se, assim, o seguinte axioma: “sem derramamento de sangue, não há remissão” (Hebreus 9:22). Através dos séculos, centenas de milhares de sacrifícios animais foram feitos conforme as instruções divinas. O problema era que “é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados” (Hebreus 10:4). Só um sacrifício faria isso: o do perfeito Filho de Deus (veja 1 Pedro 1:18, 19). Só o Seu sangue nos salvaria da “ira de Deus” (Romanos 5:9). O sangue precioso de Cristo teve de ser “derramado” para possibilitar a “remissão [“perdão”] dos pecados” (Mateus 26:28).

Que forma o sacrifício de derramamento do sangue de Jesus tomaria? Evidentemente, no eterno propósito de Deus (Efésios 3:11) a morte por crucificação estava predeterminada. O salmista disse que as mãos e os pés do Servo sofredor seriam “traspassados” (Salmos 22:16). O próprio Cristo predisse que Ele seria crucificado (Mateus 20:17–19; veja Lucas 24:6–8) — o que envolveria a perfuração de mãos e pés². Quando Jesus morreu na cruz romana, foi derramado sangue das Suas mãos e pés traspassados, bem como da Sua fronte e dorso dilacerados. Após a Sua morte, saiu sangue do Seu lado (João 19:34). Segundo a Bíblia, somos justificados, reconciliados com Deus e salvos da ira divina por esse sangue (Romanos 5:9, 10).

Será que conseguimos entender como a morte de Jesus possibilitou a nossa salvação? Não — mas podemos entender uma coisa: Sua morte de fato satisfaz a justiça de Deus (Romanos 3:25; Hebreus 2:17; 1 João 2:2). Sendo assim, todos que estiverem dispostos a aceitar o Seu amor (João 14:15; 1 João 4:19) e os termos de salvação que Ele determinou (Marcos 16:15, 16; Atos 2:37, 38) podem ser salvos! Não conseguimos entender completamente o que Deus fez por nós, mas O louvamos por isso. “Graças a Deus pelo seu dom inefável!” (2 Coríntios 9:15).

¹Veja, por exemplo, a página 12 da edição anterior, e a página 8 desta edição.

²Um tipo diferente de in perfuração do Messias foi descrito em Zacarias 12:10 (veja João 19:34, 37).

Milagres do Calvário

*Mateus 27:45,
46, 50-54;
Marcos 15:33,
37-39;
Lucas 23:44-48;
João 19:28, 30,
Olhando de Perto*



Nas adjacências do monte Everest, há outros picos que estão entre os mais magníficos¹ do mundo — mas, devido à altura do Everest², a maioria de nós jamais ouviu falar desses outros montes, denominados pelos geógrafos de “contrafortes”. A grandeza do Everest obscurece os demais montes ao redor dele. De modo semelhante, muitos milagres notáveis se aglomeram em torno da cruz de Jesus: o escurecimento do sol, um poderoso terremoto, o véu do santuário rasgado ao meio e a abertura dos túmulos dos santos mortos, seguida pela ressurreição deles. Entretanto, devido à preeminência da morte de Cristo, a maioria de nós sabe pouco a respeito desses outros acontecimentos espantosos.

Podemos chamar essa outra cadeia de fenômenos sobrenaturais em torno da cruz de “contrafortes do Calvário”. Devidamente entendidos, cada um deles intensifica a maravilha do sacrifício de Cristo. William Nicholson falou deles como “uma série de sinais que giraram em torno da morte de Jesus Cristo, relacionando-a fortemente ao significado único da redenção eterna”³. Enquanto analisamos esses “milagres do Calvário”, oramos para que este estudo ajude cada um a valorizar mais plenamente o que Jesus fez por nós.

¹A idéia para este sermão é de William R. Nicholson, *The Six Miracles of Calvary* (Chicago: Moody Press, 1928). Os “seis milagres” de Nicholson incluíam as faixas deixadas à parte no túmulo vazio e separavam a abertura dos túmulos da ressurreição dos mortos. Este sermão enumera apenas *quatro* milagres: exclui as faixas deixadas no túmulo e une a abertura dos túmulos à ressurreição de seus corpos.

²O monte Everest, o mais alto do mundo, fica no meio das montanhas do Himalaia, na fronteira entre o Nepal e o Tibet. Ele contém dois cumes, dos quais o mais elevado (chamado de pico do norte) atinge 8.853 metros.

³Nicholson, p. 17.

ESCURIDÃO: UM SINAL DIVINO (MATEUS 27:45, 46; MARCOS 15:33; LUCAS 23:44, 45a)

O que aconteceu

Visualize a cena no Gólgota. Das nove horas da manhã até o meio-dia, muitas coisas aconteceram. Jesus ocupou-Se orando por Seus inimigos, provendo quem cuidasse de Sua mãe, salvando um ladrão e Se esforçando para respirar. Seus inimigos estavam ocupados tirando a sorte para ficar com Suas roupas e lançando ofensas diante dEle. Havia também outros ocupados, como as mulheres que choravam e o apóstolo que retirou dali a mãe de Jesus. Então, de repente, todos os movimentos cessaram e um breu total tomou conta da cena: “Já era quase a hora sexta, e, escurecendo-se o sol, houve trevas sobre toda a terra até à hora nona” (Lucas 23:44, 45a; veja Mateus 27:45; Marcos 15:33).

Sabemos pouco a respeito dessa escuridão. Não sabemos qual a sua intensidade — talvez não desse para enxergar um palmo diante do nariz. Também não sabemos qual a sua extensão; pode ter sido um fenômeno local ou por toda a Judéia. Escritos não-inspirados do primeiro século, cristãos e não-cristãos, indicam que o fenômeno foi visto por descrentes e pode até ter sido registrado nos anais de Roma⁴.

⁴“Orígenes e Eusébio relatam que um historiador romano chamado Flegon registrou... a escuridão” (R. C. Foster, *Studies in the Life of Christ* [“Estudos sobre a Vida de Cristo”]. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1971, p. 1282). Tertuliano, um cristão apologista do primeiro século, referiu-se a um registro nos arquivos romanos que mencionava tal fato (*Tertuliano Apologia* 21.20).

Uma coisa, pelo menos, podemos afirmar: a escuridão não foi um acontecimento natural. Céticos já tentaram explicar o fato como um eclipse, mas um eclipse solar na Judéia era impossível durante a festa da Páscoa⁵. Outros céticos não admitem o fato afirmando que se tratava de uma nuvem escura ou uma tempestade de areia, mas os escritores dos relatos do evangelho certamente não enfatizariam uma ocorrência tão comum. Há muitas razões para crer que a escuridão foi sobrenatural incluindo a duração⁶ e o impacto dela sobre os que estavam junto à cruz⁷.

O que significou

Uma possibilidade é que a escuridão foi um *signal divino*: um sinal de que Deus não seria impedido por esquemas humanos, mas estava dando continuidade ao Seu eterno propósito. O povo havia pedido um sinal do céu (Mateus 16:1; Marcos 8:11; Lucas 11:16); e eles receberam um sinal inesperado. A escuridão foi um sinal de *sofrimento*: a agonia que Jesus teve de suportar enquanto morria por nós (1 Coríntios 15:3)⁸. Também foi um sinal de *luta*: a batalha culminante entre Cristo e as forças do mal (Gênesis 3:15; Lucas 22:53; Hebreus 2:14). Foi um sinal de *separação*: quando Jesus pagou o castigo final por nossos pecados, Ele foi abandonado pelo Pai (veja Mateus 27:46).

Deus deitou um manto de penumbra sobre o maior mistério de todos os tempos: como um Homem poderia morrer pelos pecados de milhões. Parece adequado que a hora de maior sofrimento de Jesus tenha sido uma hora de silêncio — assim como nós finalmente nos calamos diante de nossa incapacidade de compreender plenamente o que Jesus Cristo fez por nós.

TERREMOTO: O PODER DIVINO (MATEUS 27:46, 50, 51b, c, 54a; LUCAS 23:46; JOÃO 19:28, 30)

Perto do fim das três horas de escuridão, Jesus clamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desam-

paraste?” (Mateus 27:46). Numa rápida sucessão, mais três frases saíram de Seus lábios: “Tenho sede” (João 19:28); “Está consumado” (João 19:30) e: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lucas 23:46). A seguir, “clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito” (Mateus 27:50). Assim que fez isto, ocorreram vários acontecimentos espantosos.

O que aconteceu

Primeiramente foi um terremoto (veja Mateus 27:54): a terra começou a tremer (Mateus 27:51b). Poucos fatos são tão assustadores como um terremoto, quando a “terra firme” já não está firme. Não sabemos qual índice esse terremoto atingiu na escala Richter⁹, mas foi tão violento que fendeu rochas (Mateus 27:51c) e abriu sepulcros cavados em rochas (Mateus 27:52a).

Esse terremoto não foi meramente causado pela explosão da pressão subterrânea provocando o deslocamento de placas sobrepostas¹⁰. Vemos a mão de Deus no horário e nos efeitos desse evento. O terremoto coincidiu com o momento da morte de Jesus (Mateus 27:50, 51), com a ruptura do véu do santuário (Mateus 27:51) e a abertura exclusiva de certos túmulos (Mateus 27:51, 52). O propósito de Deus também é evidenciado no efeito que o terremoto surtiu naqueles que o vivenciaram (Mateus 27:54)

O que significou

O terremoto foi uma demonstração do *poder divino*. Quando a Lei foi outorgada no monte Sinai, “todo o monte tremeu grandemente” (Êxodo 19:18). Agora que Jesus havia cumprido essa Lei¹¹, a terra tremia de novo. O terremoto demonstrou o poder de Deus para interferir na natureza, mas mostrou mais do que isso. Ele confirmou também o Seu poder de tocar no coração humano: “O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto e tudo o que se passava, ficaram possuídos de grande temor e disseram: Verdadeiramente este era Filho de Deus” (Mateus 27:54). Ao coincidir com a morte de Cristo, o terremoto também poderia simbolizar o poder de Deus para destruir o pecado.

⁵ Além dos argumentos apresentados na página 7, considere-se que um eclipse dura alguns minutos, mas essa escuridão durou três horas.

⁶ Se quiser, recapitule os argumentos relativos à cronologia apresentados nas páginas 7 e 8.

⁷ O silêncio do texto em relação às três horas de escuridão pode sugerir que a multidão turbulenta calou-se. Antes dessas três horas, a multidão insultava Jesus; depois das três horas, os que ali estavam batiam no peito (Lucas 23:48).

⁸ Veja o artigo suplementar na página 13.

⁹ A escala Richter mede a magnitude (força) dos terremotos e foi assim denominada em homenagem a Charles Richter, que popularizou o uso de leituras de magnitude.

¹⁰ Esta é a seqüência normal dos acontecimentos que produzem terremotos. Deus pode ter empregado esse mecanismo, mas a hora exata do fenômeno indica maior intervenção divina. Deus *provocou* o ocorrido.

¹¹ Veja os comentários sobre as palavras “está consumado”, na página 9.

**A RUPTURA DO VÉU: UM PROPÓSITO
DIVINO (MATEUS 27:50, 51a;
MARCOS 15:37, 38; LUCAS 23:45b)**

O que aconteceu

O terceiro milagre só pode ser testemunhado fora do Gólgota, ao sul, passando pelos portões da cidade e chegando à área do templo. No momento em que Jesus deu Seu último suspiro e o terremoto abalou a região, ocorreu dentro do templo algo sem precedentes: “Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo” (Mateus 27:51a; veja Marcos 15:38; Lucas 23:45b¹²).

Precisamos imaginar todo o cenário e depois o fato em si para compreendermos a importância desse acontecimento peculiar. Jesus morreu na hora da oração da tarde: a hora nona, ou três horas da tarde (Mateus 27:46; veja Atos 3:1). Nessa hora, judeus *fieis*, tanto homens como mulheres, reuniam-se no Pátio das Mulheres para orar. Enquanto oravam, um sacerdote entrava no santuário para oferecer incenso.

Imagine que você é o sacerdote sorteado com o privilégio de entrar no Santo Lugar para oferecer incenso naquele dia. Essa honra só poderia ser sua uma vez na vida¹³. Sua pulsação acelera na medida em que você entra no Santo Lugar. Diretamente na sua frente está o pequeno altar de incenso diante da cortina que encobre o Santo dos Santos¹⁴. Como o próprio nome sugere, o Santo dos Santos é o lugar mais santo da terra para você. (Só o sumo sacerdote tem permissão para entrar nesse santuário e somente uma vez por ano, no Dia da Expição; veja Hebreus 9:7; Êxodo 30:10; Levítico 16:29–34.)

Enquanto você se aproxima do altar de ouro, é inevitável não se impressionar com o enorme véu¹⁵ por trás dele, medindo 9x9m. Moisés fora instruído a confeccionar essa cortina para o tabernáculo:

Farás também um véu de estofado azul, e púrpura, e carmesim, e linho fino retorcido; com

querubins, o farás de obra de artista. Suspendê-lo-ás sobre quatro colunas de madeira de acácia, cobertas de ouro; os seus colchetes serão de ouro, sobre quatro bases de prata. Pendurarás o véu debaixo dos colchetes e trará para lá a arca do Testemunho, para dentro do véu; o véu vos fará separação entre o Santo Lugar e o Santo dos Santos (Êxodo 26:31–33).

Quando Salomão construiu o templo, ele deve ter recebido instruções semelhantes, pois “fez o véu de estofado azul, púrpura, carmesim e linho fino; e fez bordar nele querubins” (2 Crônicas 3:14). O véu do templo de Herodes¹⁶ provavelmente seguia esse mesmo padrão. Nicholson descreveu como um sacerdote que entrava no Santo Lugar via essa imensa cortina:

Era um tecido bordado curiosamente. Por cima do fundo de “linho fino” sobressaíam-se as cores azul, púrpura e carmesim. E essas três cores... estavam entrelaçadas no formato de um querubim. Era uma tela [aplicada] com motivos de vida e poder, e ao mesmo tempo exibindo beleza e glória...

Como o véu devia ser deslumbrante, sob a luz... do[s] candelabro[s] de ouro!¹⁷ Que grande temor a peça inspirava, pois pendia ali ocultando da vista uma glória ainda maior por trás dela. E pela sua expressão de cuidado protetor e poder, o querubim todo trabalhado parecia estar sempre dizendo sem palavras, mas solenemente: “Só até aqui; mais adiante, não!”¹⁸

Você tira os olhos do véu e prepara-se para realizar a tarefa que lhe foi conferida. Assim que começa a espalhar o incenso, cai de joelhos, pois o chão do santuário começa a tremer debaixo de seus pés¹⁹. Ao mesmo tempo, acontece outra coisa: você ouve um barulho intrigante. Olha para o alto e vê, a uns seis metros acima da sua cabeça, um pequeno rasgo surgindo no meio da borda superior do véu. Assistindo a tudo com os olhos arregalados, o rasgo vai descendo — cada vez mais — em direção à borda inferior da cortina, até o tecido se dividir em duas peças e

¹²Se tivéssemos somente o relato de Lucas sobre a ruptura do véu (Lucas 23:44, 45), poderíamos concluir que ele ocorreu em algum momento dentro das três horas de escuridão. Comparando o relato de Lucas com os de Mateus e Marcos, entendemos que a ruptura ocorreu no fim da “hora nona”.

¹³Veja a página 8 de “A Vida de Cristo — Parte 2”.

¹⁴Consulte o diagrama do templo na página 35 de “A Vida de Cristo — Parte 2”.

¹⁵Veja 1 Reis 6:20. Um cúbito era a medida do cotovelo de um homem até o fim de seu dedo médio, aproximadamente 43 a 56 centímetros. Ajude seus ouvintes apontando para uma parede ou outra referência que ilustre a medida total do véu.

¹⁶O templo de Salomão havia sido destruído quando os babilônios destruíram Jerusalém. Ele foi reconstruído por Zorobabel e depois por Herodes, o Grande. (Veja a página 40 em “A Vida de Cristo — Parte 1”).

¹⁷No tabernáculo, havia um candelabro de sete cálices dentro do Santo Lugar (Êxodo 25:31–35), mas no templo de Salomão havia dez candelabros (1 Reis 7:49).

¹⁸Nicholson, p. 41.

¹⁹Considerando que o terremoto não se limitou ao Gólgota (ele se estendeu aos sepulcros ao redor; Mateus 27:51, 52) e que ele e a ruptura do véu estão interligados no contexto (Mateus 27:51), presume-se que a área do templo também tenha sido atingida por ele.

você conseguir ver a penumbra misteriosa do Santo dos Santos! Disso você nunca vai se esquecer — é uma coisa que contará para os seus netos!

Os críticos já tentaram explicar esse fato surpreendente. “A cortina se dividiu com o abalo do terremoto”, dizem eles — mas essa “explicação” é menos que convincente. Por exemplo, se o terremoto foi forte o bastante para atingir uma cortina solta e esvoaçante, por que não danificou o templo? Além disso, embora um terremoto possa destruir objetos sólidos, ele provavelmente teria pouco efeito sobre uma peça de tecido. “Ah”, dizem os cétricos, “a cortina devia estar velha e apodrecida e pronta para se rasgar”. Se fosse esse o caso, o véu teria se partido em retalhos, mas não foi isso o que aconteceu; Ele se rasgou “pelo meio” (Lucas 23:45). Não, a ruptura da cortina não foi decorrente da força da natureza.

A divisão do véu também não foi causada por vandalismo. Se (por algum motivo desconhecido) pessoas tivessem decidido rasgar o véu, um indivíduo pegaria numa borda e outro na outra borda. Quando puxassem, o véu se dividiria de baixo para cima. O texto deixa claro, porém, que “o véu do santuário rasgou-se *de alto a baixo*” (Mateus 27:51a; grifo meu). A única conclusão é que ele foi rasgado por forças invisíveis, pela mão do próprio Deus²⁰.

O que significou

Que lição ou lições devemos aprender com este evento singular? A divisão do véu está diretamente relacionada ao *propósito divino* da cruz. Analisemos três lições importantes:

1) A destruição do véu anunciava o fim da velha aliança (Antigo Testamento)²¹. A ruptura do véu coincidiu com a morte de Jesus, a qual inaugurou a nova aliança (testamento). O escritor do Livro de Hebreus disse: “Porque, onde há testamento, é necessário que intervenha a morte do testador; pois um testamento só é confirmado no caso de mortos; visto que de maneira nenhuma tem força de lei enquanto vive o testador” (Hebreus 9:16, 17). A morte de Jesus anunciou o fim da velha aliança (Colossenses 2:14) e o começo da nova aliança²².

²⁰Visto que certamente os sacerdotes sabiam como o véu rasgou-se, pergunta-se se não foi por esse fato que muitos sacerdotes se tornaram cristãos (Atos 6:7).

²¹Pode-se comparar a ruptura do véu com o ato de rasgar um contrato (como uma nota promissória). Que satisfação há em se rasgar um contrato desse tipo! O ato de Deus rasgar o véu foi Sua “cerimônia de rompimento” com a aliança do Antigo Testamento.

²²Veja a edição “Guia para a Salvação de Todo Homem”, *A Verdade para Hoje*, pp. 6–9.

2) Assim como o Santo dos Santos foi aberto pela ruptura do véu, a ruptura da carne de Jesus precedeu Sua volta ao Santo dos Santos celestial. O escritor do Livro de Hebreus traçou um paralelo entre o Santo dos Santos e o céu, e entre o véu físico e a carne de Jesus. Escreveu ele: “Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne” (Hebreus 10:19, 20).

3) Talvez a lição mais admirável da ruptura do véu seja que, por meio da morte de Jesus, foi aberto o caminho até Deus para *todas* as pessoas. Como já notamos antes, somente o sumo sacerdote podia entrar no Santo dos Santos do templo. Quando o véu foi retirado, outros também puderam espiar aquele misterioso local e talvez até entrar nele. Na passagem que acabamos de ler, o escritor deixou claro que a barreira entre Deus e o homem foi removida. Você e eu, agora, podemos ter “intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne” (Hebreus 10:19, 20). O raciocínio do escritor continua nos versículos seguintes: “e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé” (Hebreus 10:21, 22a).

Além de ter sido removida a barreira entre Deus e o homem, o véu rasgado também removeu a barreira entre sacerdotes “especiais” e os filhos de Deus “em geral” (veja 1 Pedro 2:5, 9). Poderíamos até sugerir que o véu anunciou a remoção de barreiras entre pessoas (veja Efésios 2:14–16). Tomemos cuidado para não trazer de volta o “véu” ao seu antigo lugar!²³

OS MORTOS RESSUSCITARAM: UMA PROMESSA DIVINAL (MATEUS 27:51b-53)

O que aconteceu

Chegamos agora a um dos milagres mais extraordinários da Bíblia, descrito, porém, com uma economia de palavras. Mateus 27 diz que “fenderam-se as rochas” (v. 50) pelo terremoto, “abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram; e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos” (vv. 51b–53). Poderíamos

²³Amplie este pensamento conforme julgar conveniente. Alguns tentam reerguer o véu utilizando o Antigo Testamento para imporem sua autoridade. Alguns tentam fazê-lo estabelecendo um sacerdócio não-bíblico. Outros o fazem levantando barreiras entre diferentes grupos de pessoas.

classificar os fatos ocorridos em dois milagres: 1) a abertura dos sepulcros e 2) a ressurreição dos mortos. Os sepulcros provavelmente se abriram no fim da sexta-feira (quando a terra tremeu), mas os santos só ressuscitaram após a manhã de domingo (talvez por volta da mesma hora em que Jesus ressuscitou). Todavia, Mateus atrelou os dois acontecimentos, e faremos o mesmo.

Analisemos mais detalhadamente o que aconteceu: quando o terremoto dividiu as rochas, ele partiu algumas sepulturas cravadas em rochas nos arredores do Gólgota²⁴. A abertura desses sepulcros foi seletiva; está implícito que foi desses sepulcros que os santos ressuscitados saíram posteriormente — e somente “santos” ressuscitaram. Os “santos” eram santos segundo o Antigo Testamento (veja Salmo 34:9)²⁵ — indivíduos que viveram e morreram debaixo da Lei, fiéis a Deus.

Quando o tremor abriu os sepulcros, os corpos desses santos ficaram expostos. Entretanto, arrumar esses corpos exigiria que se tocasse neles. Quem tocava em cadáveres ficava cerimonialmente impuro (Números 19:11). A Lei proibia que os cerimonialmente impuros comessem a refeição especial de sábado²⁶. Ademais, os judeus eram proibidos de trabalhar aos sábados (Êxodo 20:8–11). Sendo assim, é provável que os cadáveres tenham ficado expostos para todos verem até o restante da sexta-feira, passando pelo sábado e talvez até parte do domingo.

Daí, algum tempo depois da ressurreição de Cristo — talvez logo em seguida — Deus ressuscitou esses santos. Eles saíram dos sepulcros e “entraram na cidade santa [Jerusalém] e apareceram a muitos” (Mateus 27:53). Há muitas coisas que desconhecemos a respeito desse incidente. Não sabemos quem foi ressuscitado, embora se subentenda que esses santos eram conhecidos dos habitantes de Jerusalém²⁷. Não sabemos a quem eles apareceram, embora a maneira como Mateus registrou os acontecimentos sugira que ainda havia muitos vivos em Jerusalém para testificar a veracidade de seu relato. Nem sabemos ao certo a natureza da ressurreição desses santos. Podemos presumir que, como nos

²⁴Os arqueólogos confirmam que havia uma porção de sepulcros nessas adjacências.

²⁵A palavra “santo” significa “separado”. Quando nos tornamos filhos de Deus, somos separados para o Seu serviço. Veja mais sobre esse vocábulo na edição “Atos, 4”, de *A Verdade para Hoje*, p. 54.

²⁶Veja os comentários sobre João 18:28, na edição anterior.

²⁷Se o povo não os tivesse identificado, certamente pensaria que se tratavam de estranhos vindos de fora.

casos anteriores relatados no Antigo Testamento e ocorridos no ministério de Cristo, os santos ressuscitados experimentaram a morte física novamente²⁸.

A despeito do pouco que sabemos, observemos como toda essa situação foi significativa. Afora este incidente, podemos contar nos dedos os indivíduos que foram ressuscitados em toda a Bíblia²⁹ — aqui, porém, “muitos... santos... ressuscitaram” Incrível!

O que significou

Nesta vida, jamais desvendaremos todos os detalhes que nos despertam curiosidade nesse acontecimento extraordinário. Entretanto, o fato de sabermos que esses santos foram ressuscitados após a ressurreição de Jesus sugere que devemos ligar a ressurreição do Senhor à deles. A conclusão óbvia é que a ressurreição do Senhor possibilitou a ressurreição desses santos — e também a nossa ressurreição. Paulo escreveu: “Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias³⁰ dos que dormem” (1 Coríntios 15:20). É por isso que este milagre anuncia uma *promessa divina*: como “santos” de Deus (isto é, cristãos fiéis), nós também seremos ressuscitados para a glória pelo poder de Deus “no último dia” (João 6:40)! Paulo também escreveu:

...nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade. E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória... Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo (1 Coríntios 15:51–57).

Que promessa!

CONCLUSÃO

Quando você olha para o Calvário, seu coração continua indiferente? Naquele dia, o céu não ficou indiferente; ele escureceu. As rochas não ficaram indiferentes; elas se partiram. O véu não ficou indife-

²⁸Em outras palavras, a ressurreição deles não deve ter sido igual à de Cristo, o qual reviveu para nunca mais tornar a morrer.

²⁹Veja 1 Reis 17; 2 Reis 4 e 13; Mateus 9; Lucas 7 e João 11 e Atos 9 e 20.

³⁰“Primícias” são os primeiros frutos da colheita, consagrados ao Senhor (veja Êxodo 23:19). As primícias eram, num sentido, a garantia do resto da colheita.

rente; ele se rasgou de cima a baixo. Os sepulcros de alguns santos da velha aliança não ficaram indiferentes; eles se abriram. Os próprios santos não ficaram indiferentes; eles reviveram. Até os corações endurecidos ao redor da cruz se sensibilizaram. Quando certos homens viram o que estava acontecendo, eles exclamaram: “Verdadeiramente, este era o Filho de Deus!” (Mateus 27:54; veja Marcos 15:39; Lucas 23:47, 48). E *você?* Se o seu coração sentiu-se tocado por este sermão, aceite a salvação *hoje* mesmo³¹.

³¹ Acrescente ao apelo os requisitos bíblicos para se tornar um cristão (Marcos 16:15, 16) e para um filho desgarrado ser restaurado (Atos 8:22; Tiago 5:16).

Atribuição de Leitura nº. 41

Mateus 27:55–66; 28:1–8;
Marcos 15:40–47; 16:1–9;
Lucas 23:49–56; 24:1–11, 22–24;
João 19:31–42; 20:1, 19a

Mateus 27:55–66

⁵⁵Estavam ali muitas mulheres, observando de longe; eram as que vinham seguindo a Jesus desde a Galiléia, para o servirem;

⁵⁶entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mulher de Zebedeu.

⁵⁷Caindo a tarde, veio um homem rico de Arimatéia, chamado José, que era também discípulo de Jesus.

⁵⁸Este foi ter com Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus. Então, Pilatos mandou que lho fosse entregue.

⁵⁹E José, tomando o corpo, envolveu-o num pano limpo de linho

⁶⁰e o depositou no seu túmulo novo, que fizera abrir na rocha; e, rolando uma grande pedra para a entrada do sepulcro, se retirou.

⁶¹Achavam-se ali, sentadas em frente da sepultura, Maria Madalena e a outra Maria.

⁶²No dia seguinte, que é o dia depois da preparação, reuniram-se os principais sacerdotes e os fariseus e, dirigindo-se a Pilatos,

⁶³disseram-lhe: Senhor, lembramo-nos de que aquele embusteiro, enquanto vivia, disse: Depois de três dias ressuscitarei.

⁶⁴Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia, para não suceder que, vindo os discípulos, o roubem e depois digam ao povo: Ressuscitou dos mortos; e será o último embuste pior que o primeiro.

⁶⁵Disse-lhes Pilatos: Ai tendes uma escolta; ide e guardai

o sepulcro como bem vos parecer.

⁶⁶Indo eles, montaram guarda ao sepulcro, selando a pedra e deixando ali a escolta.

Mateus 28:1–8

¹No findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.

²E eis que houve um grande terremoto; porque um anjo do Senhor desceu do céu, chegou-se, removeu a pedra e assentou-se sobre ela.

³O seu aspecto era como um relâmpago, e a sua veste, alva como a neve.

⁴E os guardas tremeram espavoridos e ficaram como se estivessem mortos.

⁵Mas o anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: Não temais; porque sei que buscais Jesus, que foi crucificado.

⁶Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Vinde ver onde ele jazia.

⁷Ide, pois, depressa e dizei aos seus discípulos que ele ressuscitou dos mortos e vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis. É como vos digo!

⁸E, retirando-se elas apressadamente do sepulcro, tomadas de medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos.

Marcos 15:40–47

⁴⁰Estavam também ali algumas mulheres, observando de longe; entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé;

⁴¹as quais, quando Jesus estava na Galiléia, o acompanhavam e serviam; e, além destas, muitas outras que haviam subido com ele para Jerusalém.

⁴²Ao cair da tarde, por ser o dia da preparação, isto é, a véspera do sábado,

⁴³ vindo José de Arimatéia, ilustre membro do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus, dirigiu-se resolutamente a Pilatos e pediu o corpo de Jesus.

⁴⁴Mas Pilatos admirou-se de que ele já tivesse morrido. E, tendo chamado o centurião, perguntou-lhe se havia muito que

morrera.

⁴⁵Após certificar-se, pela informação do comandante, cedeu o corpo a José.

⁴⁶Este, baixando o corpo da cruz, envolveu-o em um lençol que comprara e o depositou em um túmulo que tinha sido aberto numa rocha; e rolou uma pedra para a entrada do túmulo.

⁴⁷Ora, Maria Madalena e Maria, mãe de José, observaram onde ele foi posto.

Marcos 16:1–9

¹Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem embalsamá-lo.

²E, muito cedo, no primeiro dia da semana, ao despontar do sol, foram ao túmulo.

³Diziam umas às outras: Quem nos removerá a pedra da entrada do túmulo?

⁴E, olhando, viram que a pedra já estava removida; pois era muito grande.

⁵Entrando no túmulo, viram um jovem assentado ao lado direito, vestido de branco, e ficaram surpreendidas e atemorizadas.

⁶Ele, porém, lhes disse: Não vos atemorizeis; buscais a Jesus, o Nazareno, que foi crucificado; ele ressuscitou, não está mais aqui; vede o lugar onde o tinham posto.

⁷Mas ide, dizei a seus discípulos e a Pedro que ele vai adiante de vós para a Galiléia; lá o vereis, como ele vos disse.

⁸E, saindo elas, fugiram do sepulcro, porque estavam possuídas de temor e de assombro; e, de medo, nada disseram a ninguém.

⁹Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual expelira sete demônios.

Lucas 23:49–56

⁴⁹Entretanto, todos os conhecidos de Jesus e as mulheres que o tinham seguido desde a Galiléia permaneceram a contemplar de longe estas coisas.

⁵⁰E eis que certo homem, chamado José, membro do

Sinédrio, homem bom e justo

⁵¹(que não tinha concordado com o desígnio e ação dos outros), natural de Arimatéia, cidade dos judeus, e que esperava o reino de Deus,

⁵²tendo procurado a Pilatos, pediu-lhe o corpo de Jesus,

⁵³e, tirando-o do madeiro, envolveu-o num lençol de linho, e o depositou num túmulo aberto em rocha, onde ainda ninguém havia sido sepultado.

⁵⁴Era o dia da preparação, e começava o sábado.

⁵⁵As mulheres que tinham vindo da Galiléia com Jesus, seguindo, viram o túmulo e como o corpo fora ali depositado.

⁵⁶Então, se retiraram para preparar aromas e bálsamos. E, no sábado, descansaram, segundo o mandamento.

Lucas 24:1–11

¹Mas, no primeiro dia da semana, alta madrugada, foram elas ao túmulo, levando os aromas que haviam preparado.

²E encontraram a pedra removida do sepulcro;

³mas, ao entrarem, não acharam o corpo do Senhor Jesus.

⁴Aconteceu que, perplexas a esse respeito, apareceram-lhes dois varões com vestes resplandecentes.

⁵Estando elas possuídas de temor, baixando os olhos para o chão, eles lhes falaram: Por que buscais entre os mortos ao que vive?

⁶Ele não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos de como vos preveniu, estando ainda na Galiléia,

⁷quando disse: Importa que o Filho do Homem seja entregue nas mãos de pecadores, e seja crucificado, e ressuscite no terceiro dia.

⁸Então, se lembraram das suas palavras.

⁹E, voltando do túmulo, anunciaram todas estas coisas aos onze e a todos os mais que com eles estavam.

¹⁰Eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago; também as demais que estavam com elas confirmaram estas coisas aos apóstolos.

¹¹Tais palavras lhes pareciam um como delírio, e não acreditaram nelas.

Lucas 24:22–24

²²É verdade também que algumas mulheres, das que conosco estavam, nos surpreenderam, tendo ido de madrugada ao túmulo;

²³e, não achando o corpo de Jesus, voltaram dizendo terem tido uma visão de anjos, os quais afirmam que ele vive.

²⁴De fato, alguns dos nossos foram ao sepulcro e verificaram a exatidão do que disseram as mulheres; mas não o viram.

João 19:31–42

³¹Então, os judeus, para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, visto como era a preparação, pois era grande o dia daquele sábado, rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados.

³²Os soldados foram e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele tinham sido crucificados;

³³chegando-se, porém, a Jesus, como vissem que já estava morto, não lhe quebraram as pernas.

³⁴Mas um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água.

³⁵Aquele que isto viu testemunhou, sendo verdadeiro o seu testemunho; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós creiais.

³⁶E isto aconteceu para se cumprir a Escritura:

Nenhum dos seus ossos será quebrado.

³⁷E outra vez diz a Escritura:

Eles verão aquele a quem traspassaram.

³⁸Depois disto, José de Arimatéia, que era discípulo de Jesus, ainda que ocultamente pelo receio que tinha dos judeus, rogou a Pilatos lhe permitisse tirar o corpo de Jesus. Pilatos lho permitiu. Então, foi José de Arimatéia e retirou o corpo de Jesus.

³⁹E também Nicodemos, aquele que anteriormente viera ter com Jesus à noite, foi, levando cerca de cem libras de um composto de mirra e aloés.

⁴⁰Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com os aromas, como é de uso entre os judeus na preparação para o sepulcro.

⁴¹No lugar onde Jesus fora crucificado, havia um jardim, e neste, um sepulcro novo, no qual ninguém tinha sido ainda posto.

⁴²Ali, pois, por causa da preparação dos judeus e por estar perto o túmulo, depositaram o corpo de Jesus.

João 20:1

¹No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu que a pedra estava revolvida.

João 20:19a

^{19a}Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos com medo dos judeus, veio Jesus,

Os Três Dias Mais Importantes da História

Leitura Bíblica 41

- VII. A ÚLTIMA SEMANA DO MINISTÉRIO DE JESUS (continuação).
- H. Sexta-feira: o dia da morte de Jesus (continuação).
10. O sepultamento do corpo de Jesus.
 - a. Sua morte observada (Mateus 27:55, 56; Marcos 15:40, 41; Lucas 23:49).
 - b. Sua morte confirmada (João 19:31–37).
 - c. Seu corpo sepultado (Mateus 27:57–60; Marcos 15:42–46; Lucas 23:50–54; João 19:38–42).
 - d. Seu sepultamento observado (Mateus 27:61; Marcos 15:47; Lucas 23:55, 56a).
 - I. Sábado: o dia seguinte à Sua morte.
 1. Os discípulos: amedrontados (Lucas 23:56b; veja João 20:19a).
 2. Os inimigos: apreensivos (Mateus 27:62–66).
- VIII. A RESSURREIÇÃO, OS APARECIMENTOS E A ASCENSÃO DE JESUS.
- A. Domingo: o dia da ressurreição de Jesus.
1. O túmulo vazio.
 - a. As mulheres e o túmulo vazio (Mateus 28:1–8; Marcos 16:1–9; Lucas 24:1–11; veja Lucas 24:22–24; João 20:1).

INTRODUÇÃO

Encerramos a lição anterior com a *morte* de Jesus, a qual possibilitou a nossa salvação (Romanos 5:10) e é um dos três principais fatos do evangelho (1 Coríntios 15:1, 3). Os outros fatos são Seu *sepultamento* e Sua *ressurreição* (1 Coríntios 15:4). Esta lição¹ começa com os últimos pormenores de Jesus na cruz, passando por Seu sepultamento num túmulo novo e encerrando com as cenas iniciais de Sua ressurreição. Neste estudo, analisaremos as últimas horas da *sexta-feira*, quando Cristo morreu; o *sábado*, quando Seu corpo foi colocado no sepulcro e a primeira parte do *domingo*, quando Ele ressuscitou dos mortos. Esses três dias são os mais importantes da história, pois o que ocorreu neles constitui o cerne da nossa esperança na vida eterna.

O FIM DA SEXTA-FEIRA: ANGÚSTIA (MATEUS 27:55–61; MARCOS 15:40–47; LUCAS 23:49–56a; JOÃO 19:31–42)

Mulheres Fiéis

Na lição passada, vimos quatro mulheres “junto à cruz”: a mãe de Jesus, a irmã dela (provavelmente Salomé), Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena (João 19:25)². Quando João retirou de cena a mãe de Cristo (João 19:27), as outras mulheres foram até o pé da cruz. Iniciemos esta lição, lendo:

Estavam ali muitas mulheres, observando de longe; eram as que vinham seguindo a Jesus desde a Galiléia, para o servirem; entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mulher de Zebedeu (Mateus 27:55, 56; veja Marcos 15:40, 41; Lucas 23:49).

¹Esta é a primeira parte de uma lição de duas partes. Se essa divisão atrapalhar o seu cronograma, condense as duas lições numa única apresentação.

²Veja a exposição na página 7 e o artigo suplementar na página 11.

Essas mulheres preciosas, que serviram o Senhor na Galiléia (Marcos 15:41; veja Lucas 8:2, 3), não O abandonaram à morte. Elas foram as últimas a permanecer junto à cruz e as primeiras a comparecer ao Seu sepulcro. Pelo menos duas delas testemunharam a Sua morte (Mateus 27:55, 56; Marcos 15:40, 41), Seu sepultamento (Mateus 27:61; Marcos 15:47; Lucas 23:55) e Sua ressurreição (Mateus 28:1–10).

Líderes Incoerentes

Jesus morreu por volta das três horas da tarde (veja Mateus 27:45–50) — poucas horas antes do pôr-do-sol, que seria o início do sábado judaico. Antecipando a chegada de um novo dia, “os [líderes] judeus, para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, visto como era a preparação, pois era grande o dia daquele sábado, rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados” (João 19:31). Este extenso versículo merece alguma explicação:

O dia da “preparação”. A véspera do sábado (o sexto dia, parcialmente equivalente à nossa sexta-feira) era um dia de preparação para o sábado (o sétimo dia, parcialmente equivalente ao nosso sábado).

“Para que no sábado não ficassem os corpos na cruz...” pois era... sábado. A Lei dizia:

Se alguém houver pecado, passível da pena de morte, e tiver sido morto, e o pendurares num madeiro, o seu cadáver não permanecerá no madeiro durante a noite, mas, certamente, o enterrarás no mesmo dia; porquanto o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus; assim, não contaminarás a terra que o SENHOR, teu Deus, te dá em herança (Deuteronômio 21:22, 23; veja Josué 8:29; 10:26, 27).

“O que for pendurado no madeiro” nesta passagem provavelmente é uma referência a alguém pendurado pelo pescoço com uma corda ou empalado numa estaca, mas os judeus também aplicavam a passagem a quem era crucificado (veja Gálatas 3:13). Segundo Deuteronômio 21, os que morreram no Gólgota naquela sexta-feira deveriam ser enterrados antes do pôr-do-sol³.

“Era grande o dia daquele sábado.” O texto original diz exatamente isto. A NVI traduziu o trecho por: “o dia seguinte seria um sábado especialmente sagrado”. Todos os sábados eram importantes, mas o

³Muitos escritores também acreditam que os judeus tivessem uma tradição/lei não-inspirada de que deixar os corpos nas cruzes no sábado poderia contaminar o próprio sábado.

sábado que caía na Páscoa era especial. Além disso, aquele sábado em particular tinha uma importância maior porque era o começo da Festa dos Pães Asmos que durava uma semana⁴.

“Rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas.” Os romanos preferiam que o executado sofresse por dias, mas quando as circunstâncias exigiam, podiam apressar a morte quebrando as pernas das vítimas. Como os crucificados tinham de se esticar para respirar⁵, quando suas pernas eram quebradas, logo morriam de asfixia.

“E fossem tirados.” Os líderes judeus não só pediram que os romanos apressassem a morte dos condenados, como também queriam que os romanos retirassem os corpos. A hierarquia judaica recusou-se a contaminar-se cerimonialmente tocando nos cadáveres (Números 19:11). Os romanos sem dúvida tinham um terreno destinado aos corpos dos criminosos, onde eram depositados em sepulcros não identificados.

Mais uma vez, os líderes judeus mostraram sua hipocrisia e incoerência. Não hesitaram em crucificar o “Senhor do Sábado” (Mateus 12:8; Marcos 2:28), mas agora estavam preocupados em violar o próprio sábado.

Soldados Conscientes

Pilatos atendeu ao pedido dos judeus e mandou seu consentimento ao Calvário. “Os soldados foram e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele tinham sido crucificados” (João 19:32). Essa tarefa atroz era feita com um porrete ou um martelo pesado. “Chegando-se, porém, a Jesus, como vissem que já estava morto, não lhe quebraram as pernas” (João 19:33).

Os soldados não presumiram meramente que Cristo estava morto. Com o intuito de *garantir* que Ele estivesse morto, “um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança” (João 19:34a). Não foi apenas uma cutucada na pele para ver se Jesus reagia. A lança foi enfiada na lateral dEle, bem dentro da cavidade da costela, o que resultou numa horrível ferida onde cabia uma mão (João 20:25, 27). Sendo os soldados os responsáveis por determinar que uma vítima estava morta antes de ser retirada da cruz,

⁴Como já foi dito, após o dia de Páscoa, vinha a Festa dos Pães Asmos, que durava uma semana. Na época do Novo Testamento as duas festas se misturavam, sendo conhecidas como Páscoa e Festa dos Pães Asmos. Veja o diagrama das festas dos judeus na página 28 de “A Vida de Cristo — Parte 1” e veja também a página 51 da presente edição para saber mais sobre esse dia.

⁵Recapitule a explicação da crucificação na página 4.

a lança provavelmente foi enfiada entre as costelas em direção ao coração⁶. “Pondo em risco a própria vida, o soldado estava assegurando para si e para o destacamento que Jesus estava indubitavelmente morto.”⁷

O fato de os ossos de Jesus não terem sido quebrados cumpriu uma profecia do Antigo Testamento (João 19:36; Salmos 34:20)⁸. O mesmo se aplica ao seu lado ser perfurado (João 19:37; Zacarias 12:10).

Quando o lado de Cristo foi aberto, “logo saiu sangue e água” (João 19:34b). Como cadáveres não sangram, os comentaristas se esforçaram para encontrar uma explicação médica para esse fenômeno. A explicação mais popular é que a liberação desses fluidos juntos indica que Jesus morreu de um colapso cardíaco (veja Salmos 69:20)⁹. Uma falha na maioria das explicações médicas é se basearem na pressuposição de que, ao morrer, o corpo de Jesus deu início ao processo natural de decomposição decorrente da morte. Entretanto, Pedro e Paulo insistiram em afirmar que “o seu corpo [não] experimentou corrupção” (Atos 2:31; veja 13:37).

Escritores não inspirados do primeiro século viam no sangue e na água um simbolismo místico. Muitos viam nesses elementos as ordenanças da ceia do Senhor e do batismo, ensinadas por Jesus. Alguns relacionaram João 19:34 com uma passagem intrigante em 1 João 5:6, 8¹⁰. Todavia, nada em João 19:34 indica que esse tipo de interpretação figurada fosse a intenção original.

Devemos simplesmente aceitar o sangue e a água como parte do mistério total da morte de Jesus por nossos pecados — e parar por aí. João, que aparentemente admitia que o detalhe do sangue e da

⁶Isto causaria um “ferimento fatal provavelmente ensinado a maioria dos soldados romanos” (William D. Edwards, Wesley J. Gabel e Floyd E. Hosmer, “On the Physical Death of Jesus Christ” (“Sobre a Morte de Jesus Cristo”), *Journal of the American Medical Association*, 21 de março de 1986, p. 1460).

⁷R. C. Foster, *Studies in the Life of Christ* (“Estudos sobre a Vida de Cristo”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1971, p. 1286.

⁸O fato de os ossos de Jesus não terem sido quebrados também foi importante para cumprir a figura do cordeiro pascal (veja página 18 de “A Vida de Cristo — Parte 11”).

⁹Essa foi a conclusão de William Stroud, em *The Physical Cause of the Death of Christ* (citado em Foster, pp. 1285–86). Várias possibilidades médicas são apresentadas por Edwards, Gabel e Hosmer, p. 1463.

¹⁰Primeira João 5:6, 8 é assunto para uma variedade de interpretações. Provavelmente, a água citada nesses versículos refira-se ao batismo de Jesus, enquanto o sangue refira-se a Sua morte (J. W. Roberts, *The Letters of John* [“As Cartas de João”], *The Living Word Commentary series*, ed. Everett Ferguson. Austin, Tex.: R. B. Sweet Co., 1968, pp. 129–33).

água contrariavam a experiência humana, acrescentou seu testemunho pessoal a favor da veracidade do relato (João 19:35).

A descrição vívida de João serve para um propósito: mostrar que Jesus estava *realmente morto* — que Ele não desmaiou simplesmente, revivendo mais tarde, com a ajuda dos discípulos¹¹. Um artigo de um jornal médico conclui o assunto com estas palavras:

É claro que o peso das provas históricas e médicas indica que Jesus estava morto antes que o ferimento no seu lado fosse infligido... Consequentemente, interpretações baseadas na suposição de que Jesus não morreu na cruz parecem estar em desacordo com a medicina moderna.¹²

Seguidores Corajosos

Constatados os óbitos das três vítimas, os soldados começaram a retirar os corpos das vigas verticais para descartá-los sem cerimônias. Esse era o destino à espera do corpo de Jesus, se ninguém o reclamasse. Entretanto, alguém o reclamou — ninguém da Sua família, nem um de Seus apóstolos, mas um homem que estivera com Ele secretamente “pelo receio que tinha dos [líderes] judeus” (João 19:38). O surpreendente é que esse homem era membro do Sinédrio (Marcos 15:43; Lucas 23:50), o conselho que sentenciou Jesus à morte!

Ele era conhecido como “José de Arimatéia” (Marcos 15:43; João 19:38; veja Mateus 27:57). Arimatéia era uma cidade da Judéia (Lucas 23:51¹³), talvez um povoado ao norte de Jerusalém, perto da divisa com Samaria¹⁴. Mateus descreveu José como “um homem rico” (Mateus 27:57). Através dele veio o cumprimento de Isaías 53:9: “Designaram-lhe a sepultura com os perversos [os ladrões], mas com o rico [José] esteve na sua morte”. José era um homem de bom caráter, “que esperava o reino de Deus” (Lucas 23:50, 51; veja Marcos 15:43). Ele estivera esperando o Messias que estabeleceria o Seu reino, e reconheceu que Jesus era esse Messias, o Cristo (Mateus 27:57; João 19:38).

Infelizmente, José não teve a coragem de proclamar sua fé em Jesus. Sendo um “ilustre membro do Sinédrio” (Marcos 15:43), ele sabia que confessar a fé em Jesus lhe custaria a posição e também o excluiria

¹¹Chamada de “teoria do desmaio”, a idéia de que Jesus teria apenas desmaiado é uma teoria fantasiosa manifestada por quem nega a ressurreição.

¹²Edwards, Gabel e Hosmer, p. 1463.

¹³A expressão “dos judeus” aqui é geralmente interpretada como “da Judéia”.

¹⁴Veja o mapa na página 35.

da comunidade judaica como um todo (João 9:22¹⁵). Segundo Lucas, quando o Sinédrio condenou Jesus, José “não tinha concordado com o desígnio e ação dos outros” (Lucas 23:51)¹⁶ — mas parece que tampouco ele defendeu o Senhor.

Quando José percebeu que o corpo de Jesus seria “levado para algum fosso obscuro e amaldiçoado”¹⁷, criou coragem, “dirigiu-se resolutamente a Pilatos e pediu o corpo de Jesus” (Marcos 15:43b). Arriscando tudo, ele “rogou a Pilatos lhe permitisse tirar o corpo de Jesus” (João 19:38b).

Pilatos provavelmente ficou surpreso em receber tal pedido de um membro do supremo tribunal judaico. Ele também ficou surpreso em saber que Jesus já estava morto (Marcos 15:44a). Quando o centurião em serviço confirmou que Jesus estava mesmo morto, Pilatos “cedeu o corpo a José” (Marcos 15:44b, 45; veja Mateus 27:58b; João 19:38c).

Quando José recebeu permissão de Pilatos, o pôr-do-sol (início do sábado judaico) já estava se aproximando (Mateus 27:57a; Marcos 15:43; Lucas 23:54). José tinha de agir com rapidez. Enquanto ele comprava “um lençol de linho” (veja Marcos 15:46), outro membro do Sinédrio, Nicodemos (veja João 7:50), também um crente secreto, juntava as especiarias necessárias (veja João 19:39). Encontramos Nicodemos antes em João 3:1–21; 7:50–52¹⁸. Há uma dose de ironia no fato de que foram esses homens que sepultaram bondosamente o corpo de Jesus. “É estranho que aqueles que antes não temeram se declarar discípulos temeram, agora, pedir o corpo do Senhor, ao passo que, aquele que antes temeu se declarar discípulo, não temeu, agora, pedir o corpo do Senhor.”¹⁹

Retirando os pregos dolorosos das mãos e dos

¹⁵Veja os comentários sobre João 9:22 na edição “A Vida de Cristo — Parte 8”.

¹⁶Tudo indica que José não esteve presente na reunião do Sinédrio que condenou Jesus à morte. Pode ser que ele tenha ficado intencionalmente fora, ou nem tenha sido informado a respeito da reunião. Também pode ter estado presente abstendo-se, contudo, de votar. A Bíblia não diz, mas parece que José ainda não havia se pronunciado em favor de Jesus.

¹⁷James Stalker, *The Trial and Death of Jesus Christ* (“O Julgamento e Morte de Jesus Cristo”). Nova York: A. C. Armstrong and Son, 1909), pp. 310–11.

¹⁸Veja comentários sobre essas duas passagens de João em “A Vida de Cristo — Parte 2” e “A Vida de Cristo — Parte 7”.

¹⁹J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914), 734.

pés de Cristo, José desceu o corpo da cruz²⁰ e envolveu-o no lençol de linho (Mateus 27:59; Marcos 15:46; Lucas 23:53a). Assim, ele “retirou o corpo de Jesus” (João 19:38).

Perto do Gólgota havia “um jardim, e neste, um sepulcro novo, no qual ninguém tinha sido ainda posto”²¹ (João 19:41). O sepulcro pertencia a ele mesmo: “e o depositou no seu túmulo novo²², que fizera abrir na rocha”²³ (Mateus 27:60)²⁴. Visto que José e Nicodemos não tinham muito tempo e estando “perto o túmulo” (João 19:42), decidiram levar Jesus para lá²⁵. Quando o corpo de Cristo ia sendo levado para o túmulo, duas das mulheres que estiveram junto à cruz os seguiram (Lucas 23:55; Mateus 27:61).

O membro do Sinédrio depositou o corpo de Jesus no túmulo (Mateus 27:60; Marcos 15:46; Lucas 23:53; João 19:42) e começou o ritual de preparação. Nisto, seguiram “o uso [tradicional] entre os judeus na preparação para o sepulcro” (João 19:40b); não retirando nenhum órgão interno do corpo como faziam determinadas culturas (a egípcia, por exemplo).

Conforme o costume judaico, devem ter lavado primeiramente o corpo, retirando resíduos de sangue, cuspe, terra e fragmentos. A seguir, o corpo era envolvido “em lençóis com os aromas” (João 19:40a). Faixas de tecido²⁶ eram enroladas em torno do cor-

²⁰Não sabemos se a viga foi descida antes que os pregos fossem arrancados ou se os pregos foram arrancados enquanto Jesus estava na cruz. De qualquer maneira, sendo um homem rico, José certamente teve a ajuda de seus criados nessa tarefa e nos esforços posteriores.

²¹A localização do jardim e do túmulo depende da localização do Gólgota. Veja uma breve exposição sobre isto em “A Vida de Cristo — Parte 12”, p. 45.

²²Esse detalhe, sugerem alguns, é enfatizado com a finalidade de eliminar qualquer dúvida sobre quem ressuscitaria posteriormente.

²³O túmulo era uma pequena câmara escavada numa encosta próxima.

²⁴Alguns questionam por que José teria mandado cavar um túmulo tão longe de sua casa em Arimatéia, mas consideremos o seguinte: 1) o fato de José ser chamado “de Arimatéia” não implica necessariamente que ele ainda morasse lá. (Jesus era chamado “Jesus de Nazaré”, mesmo quando já não morava em Nazaré.) 2) Deveria haver algum prestígio em ser enterrado em Jerusalém.

²⁵João 19:42 e 20:13 podem indicar que o túmulo foi providenciado em caráter *temporário* e que José planejava mudar Jesus para um local mais adequado, depois do sábado. Nesse caso, a ressurreição de Cristo teria tornado os planos de José desnecessários.

²⁶A NVI usa em João 19:40 e 20:5 “faixas de linho” no lugar de “lençóis”. José comprou o linho (Marcos 15:46), que pode ter sido partido em faixas para essa finalidade, ou talvez as faixas tenham vindo de outra origem e o lençol de linho tenha sido usado como mortalha sobre o corpo enfaiçado, tão logo terminaram de ungir o corpo.

po até cobri-lo totalmente, com exceção do rosto (veja João 11:44). Depois, esfregava-se uma camada de especiarias sobre o tecido, e repetia-se o processo alternadamente. Nicodemos havia trazido cerca de cem libras (“trinta e quatro quilos”; NVI) de uma mistura de resina de mirra perfumada e uma espécie de babosa aromática em pó (João 19:39) para essa finalidade²⁷.

No processo de prepararem às pressas o corpo de Jesus, os dois homens acabaram se contaminando cerimonialmente (Números 19:11). Isto os desqualificou para participarem do restante da Festa dos Pães Asmos — o que obviamente não representou um grande problema para eles.

Tendo feito o melhor possível dentro do tempo de que dispunham, colocaram um pedaço de pano em volta do rosto de Jesus (veja João 20:7; 11:44). Então, ao cair da noite, José “rolou uma grande pedra” — “muito grande”²⁸ — “para a entrada do sepulcro” e “se retirou” (Mateus 27:60b; Marcos 16:4)²⁹.

Mulheres Insatisfeitas

Os dois membros do Sinédrio tiveram uma platéia que certamente não notaram. “Achavam-se ali, sentadas em frente da sepultura”, talvez numa encosta ali perto, as duas mulheres que os acompanharam desde o Gólgota: “Maria Madalena e a outra Maria”, mãe de Tiago e José (Mateus 27:61;

²⁷A ERAB diz “cerca de cem libras”, mas o texto grego diz cem *litras*. A maioria das autoridades acredita que uma *litra* equivalia a pouco mais de 300g, de modo que cem *litras* totalizariam uns 35kg (veja NVI). Essa quantidade de especiarias foram caras, o que pressupõe que, tal qual José, Nicodemos também era rico. A mirra foi um dos presentes levados pelos magos. Ela também era usada como uma droga no vinagre oferecido a vítimas de crucificação (veja a página 46 em “A Vida de Cristo Parte — 12”). Outra planta muito usada era o aloé, uma espécie de babosa aromática. Na época do Novo Testamento, a planta era desidratada e moída em pó. Veja um exemplo dessas duas substâncias usadas como fragrância em Salmos 45:8.

²⁸Essas pedras eram grandes, achatadas e arredondadas (parecidas com uma grande pedra de moinho sem o buraco no meio, feitas para rolar em sulcos cavados na rocha). Os sulcos geralmente eram inclinados para facilitar o arraste da pedra mais no ato de fechar a entrada do que no ato contrário (veja Marcos 16:3). Se José precisou de ajuda para rolar a pedra, Nicodemos estava presente para isso, além de certamente alguns servos.

²⁹O que aconteceu a José e Nicodemos após a ressurreição de Jesus? Esperamos que homens que arriscaram tudo para sepultar Cristo tenham se tornado cristãos, defensores declarados da fé — mas o Novo Testamento nada diz a respeito. Com o tempo, muitas lendas fantasiosas foram inventadas sobre os dois, mas não passam de lendas.

veja Marcos 15:40, 47)³⁰. Elas estiveram observando os esforços frenéticos de José e Nicodemos (Lucas 23:55), mas evidentemente não ficaram satisfeitas. Saíram do jardim e voltaram para a casa onde estavam hospedadas em Jerusalém, a fim de “preparar aromas e bálsamos” (Lucas 23:56a). Pretendiam retornar o tumulto após o sábado para concluir a tarefa de embalsamar o corpo do Senhor (veja Lucas 23:56b; Marcos 16:1).

SÁBADO: DESESPERO

(MATEUS 27:62–66; LUCAS 23:56b; JOÃO 20:19a)

Amigos Inativos

No sábado, as mulheres “descansaram, segundo o mandamento” (Lucas 23:56b). Quanto aos seguidores de Cristo como um todo, aquele foi um dia de desespero, pois “se achavam tristes e choravam” (Marcos 16:10), mantendo as portas trancadas da casa onde estavam “com medo dos judeus” (João 20:19). As esperanças dos apóstolos haviam sido “sepultadas com o corpo de Jesus no túmulo de José”³¹. “Sentiam uma tristeza dobrada. Lamentavam a trágica rejeição e morte de Seu melhor amigo a quem realmente amavam. Mas, pior do que isto, estavam completamente desorientados, com a fé em eclipse.”³² Assim como Cristo predissera, eram como ovelhas sem pastor (Mateus 26:31; Marcos 14:27).

Inimigos Ativos

Os discípulos de Jesus podem ter passado o sábado sem fazer nada, mas Seus inimigos não. “No dia seguinte, que é o dia depois da preparação, reuniram-se os principais sacerdotes e os fariseus” e dirigiram-se “a Pilatos” (Mateus 27:62)³³. Essa reunião certamente aconteceu após o pôr-do-sol, no começo do sábado. É improvável que os membros do Sinédrio tivessem permitido que o túmulo de Jesus ficasse sem guardas uma única noite.

Os líderes judeus disseram a Pilatos: “Senhor, lembramo-nos de que aquele embusteiro, enquan-

³⁰Salomé (a mãe de Tiago e João) estivera com essas duas mulheres junto à cruz (Marcos 15:40), mas ela não as acompanhou na ida ao túmulo. Talvez ela tenha ido ao alojamento do filho a fim de consolar a mãe de Jesus.

³¹B. S. Dean, “Esboço da História do Novo Testamento”, *A Verdade para Hoje* (March) p. 30.

³²H. I. Hester, *The Heart of the New Testament (O Coração do Novo Testamento)*. Liberty, Mo.: Quality Press, 1963), 223.

³³Além de tudo, Pilatos estava a todo o tempo disponível aos seus subordinados: primeiro ele se reuniu com os líderes judeus de manhã (Marcos 15:1), teve audiências com eles o dia todo (João 19:21, 31; veja Marcos 15:43) e agora se reunia com eles à noite.

to vivia, disse: Depois de três dias ressuscitarei” (Mateus 27:63). É admirável que esses homens tenham afirmado isto. Jesus havia dito claramente a Seus discípulos que Ele ressuscitaria dos mortos (Mateus 16:21; 17:22, 23; Lucas 18:31–33) — mas eles não entenderam (Marcos 9:9, 10). Por outro lado, Ele havia falado de Sua ressurreição ao povo em geral (incluindo Seus inimigos), utilizando termos *velados*. (Mateus 12:39, 40; 16:4; João 2:19–21; 10:17, 18) — mas os líderes judeus certamente entenderam a mensagem!³⁴ Embora não cressem nas palavras de Jesus, ao menos entendiam que Ele havia dito que “após três dias” ressuscitaria.

Fizeram, então, um pedido ao governador: “Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia³⁵, para não suceder que, vindo os discípulos, o roubem e depois digam ao povo: Ressuscitou dos mortos” (Mateus 27:64). Como os membros do Sinédrio não hesitaram em fazer uso de métodos inescrupulosos quando julgaram conveniente (Mateus 26:59), supuseram que os discípulos de Jesus fariam o mesmo, se tivessem oportunidade. (A maioria de nós pressupõe que os outros fazem as mesmas coisas que nós fazemos.)

Pilatos respondeu: “Aí tendes uma escolta” (Mateus 27:65a). Alguns sugerem que o governador estava dizendo: “Vocês já têm a guarda do templo; usem-na”. Entretanto, a seqüência do relato indica que Pilatos concordou em ajudá-los e providenciou uma guarda romana³⁶. Tendo feito isto, disse-lhes: “Ide e guardai o sepulcro como bem vos parecer” (v. 65b).

³⁴Jesus fez alusão aos “três dias” mencionados pelos líderes judeus relacionando-os com “o sinal de Jonas” (Mateus 12:39, 40) e na afirmação enigmática sobre destruir o templo (João 2:19). Há também outras formas possíveis de os líderes judeus saberem do ensinamento pregado por Jesus. Por exemplo, alguns deles podem ter ouvido secretamente Jesus conversando com Seus discípulos, ou Judas pode ter lhes contado.

³⁵Observe-se que os líderes entenderam que as palavras “três dias depois” significavam “até o terceiro dia”. Se pensassem que Jesus estaria no túmulo por três dias inteiros, teriam dito “até ao quarto dia”. Veja mais sobre essa questão no artigo “Em Que Dia Jesus Morreu?”, mais adiante nesta edição.

³⁶Após a ressurreição, quando os principais sacerdotes subornaram os guardas a mentir a respeito do que acontecera (Mateus 28:11–13), eles disseram aos guardas que, caso aquilo chegasse “ao conhecimento do governador”, eles “o persuadiriam e lhes poriam em segurança” (Mateus 28:14). Os guardas romanos poderiam ter problemas com o governador sob tais circunstâncias, mas não os guardas judeus (Foster, p. 1310).



O sábado terminou com um pressentimento: o primeiro dia da semana começou com um cântico.



“Indo eles [os sacerdotes], montaram guarda ao sepulcro” (Mateus 27:66a) — isto é, com a máxima segurança de que dispunham. Em primeiro lugar, sem dúvida, certificaram-se de que o corpo de Jesus estava dentro do túmulo³⁷. A seguir, rolaram a pedra de volta ao seu lugar e a selaram (Mateus 27:66c). Podem ter usado cera colante ou argila nas bordas da pedra, ou talvez uma corda ao redor da pedra, prendendo-a ao sepulcro. O propósito do selo era evitar violações; a pena por violar era a morte³⁸. Finalmente, os guardas romanos se posicionaram junto ao túmulo (Mateus 27:66b)³⁹. Os líderes puderam ir embora, satisfeitos e confiantes de que em três dias poderiam expor o cadáver de Jesus e colocar um ponto final ao que eles julgavam se tratar de um “movimento em torno do Cristo aborrecedor, porém passageiro”.

A PRIMEIRA PARTE DO DOMINGO: INCREDULIDADE (MATEUS 28:1–8; MARCOS 16:1–9; LUCAS 24:1–11)

O sábado terminou com um pressentimento; o primeiro dia da semana começou com um cântico. Levou certo tempo, porém, para os discípulos migrarem do desespero para o deleite. Como veremos, os seguidores de Jesus tiveram dificuldade para aceitar o fato de que Ele realmente ressuscitara dos mortos.

O Milagre

Nenhum dos “escritores do evangelho descreve

³⁷Se não tivessem tal certeza, não haveria razão para toda a operação (Ibid., p. 1311).

³⁸Richard Rogers, *The Life of Christ and His Teaching* (“A Vida de Cristo e Seu Ensino”). Lubbock, Tex.: Sunset International Bible Institute External Studies Department, 1995, p. 101.

³⁹Não é dito quantos soldados foram designados para esse destacamento. Sabemos que não foi só um (Mateus 28:4); e que certamente foram mais de dois (Mateus 28:11). Foram destacados quatro para a crucificação (João 19:23); talvez esse número tenha servido na guarda do túmulo. É possível também que, uma vez que aquela vigília duraria vários dias, quatro grupos de quatro soldados tenham revezado os turnos — como ocorreu quando Pedro foi vigiado por uma escolta (Atos 12:4).

a ressurreição em si — o maior de todos os milagres... A cortina se fecha naquela cena mais sagrada de todas⁴⁰. Lemos simplesmente que Jesus ressuscitou “de manhã cedo no primeiro dia da semana” (Marcos 16:9)⁴¹. Subentende-se que a ressurreição ocorreu antes do sol nascer (João 20:1). Cristo ressuscitou em algum momento entre o começo do domingo judaico (a partir do pôr-do-sol do sábado) e o nascer do sol da manhã seguinte⁴².

Quando Jesus morreu, Seu espírito foi para o hades (Lucas 23:43⁴³; Atos 2:27, 31) e Seu corpo permaneceu no túmulo. Em algum momento da noite, o corpo de Jesus foi transformado⁴⁴, e Seu espírito voltou. “Aquele espírito que, com certeza, entregou-se ao Pai às três horas da tarde da sexta-feira..., reentrou e reanimou Seu corpo morto.”⁴⁵ Ele “ressurgiu dentre os mortos” (Atos 10:41)⁴⁶, deixando cair as amarras da sepultura⁴⁷ — “para nunca mais morrer

⁴⁰John Franklin Carter, *A Layman's Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, p. 342.

⁴¹Marcos 16:9 faz parte do polêmico final de Marcos que será comentado mais tarde. A maioria, porém, concorda que a declaração de Marcos 16:9 representa o que a igreja primitiva entendeu. O fato de Jesus ter ressuscitado no primeiro dia da semana é fundamental à fé cristã. Debajo da nova aliança, o dia “especial” é o primeiro dia da semana, “o dia do Senhor” (Apocalipse 1:10). Nesse dia, a igreja primitiva se reunia para adorar (1 Coríntios 16:1, 2; Atos 20:7; veja “Atos, 8”, *A Verdade para Hoje*, pp. 37–38).

⁴²Muitos escritores acreditam que a seqüência em Mateus 28:1–8 indica que o anjo rolou a pedra enquanto as mulheres estavam a caminho do túmulo — e que Jesus ressuscitou pouco antes do túmulo ser aberto. Se isto estiver correto, então a ressurreição ocorreu pouco antes do alvorecer do primeiro dia. (Veja a página 42.)

⁴³Veja os comentários sobre Lucas 23:43 na página 6.

⁴⁴Os corpos dos que ainda estavam vivos quando Cristo voltar serão transformados de corpos carnis para corpos espirituais (1 Coríntios 15:50–53; veja vv. 42–44). Algo semelhante deve ter acontecido ao corpo de Jesus (pois ele agora podia atravessar portas fechadas; João 20:19). Veja o artigo “O Corpo Ressurreto de Jesus”, mais adiante nesta edição.

⁴⁵Robert Duncan Culver, *The Life of Christ* (“A Vida de Cristo”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1976, p. 267.

⁴⁶Nas versões para o português, a maior parte das referências à ressurreição dizem que Jesus “ressuscitou” (João 2:22; Romanos 4:25; 8:34; 1 Coríntios 15:4). Há outras, porém, que dizem que “Ele foi ressuscitado” (João 21:14; Romanos 6:4), enfatizando que “Deus [O] ressuscitou” (Atos 2:24; grifo meu). Observamos que Jesus desempenhou um papel *ativo*, e não *passivo*, em Sua própria ressurreição (João 10:17, 18). Paulo parece ter insinuado que a presença do Espírito Santo foi também um fator na ressurreição (Romanos 8:11, 14). Não há contradição nessas afirmações, pois o que um membro da Divindade (Trindade) faz pode-se dizer que todos (os outros dois) fazem.

⁴⁷Como não havia ninguém no túmulo para desenrolar o corpo de Jesus (veja João 11:44); podemos deduzir que o

de novo” (Romanos 6:9). Peter Marshall usou um cenário poético para descrever o indescritível:

...de repente, num intervalo entre o crepúsculo e a alvorada,
naquele túmulo novo pertencente a José de Arimatéia, houve uma agitação de forças invisíveis...

um sussurro do sopro de Deus passando pelo jardim.

A vida, forte e imensurável, foi inalada de volta no corpo morto que jazia sobre a laje de pedra fria;

E o morto ressuscitou

Despiu-se das ataduras do sepultamento,

Caminhou até a entrada do sepulcro, oscilou por um instante

Sobre os pés feridos,

E prosseguiu a andar pelo jardim umedecido pelo orvalho, redivivo para sempre.⁴⁸

O Mensageiro

Algum tempo após a ressurreição, enquanto ainda era noite (Mateus 28:1; João 20:1), “houve um grande terremoto” e “um anjo do Senhor desceu do céu, chegou-se, removeu a pedra e assentou-se sobre ela” (Mateus 28:2). Ele não removeu a pedra do túmulo para que Jesus saísse⁴⁹ — Este já havia saído — e, sim, para que outros vissem que o jazigo estava vazio! Talvez o anjo tenha se sentado sobre a pedra para assegurar que ninguém fechasse o túmulo novamente.

O aparecimento do anjo foi “como um relâmpago, e a sua veste, alva como a neve” (Mateus 28:3). Quando os guardas O viram, “tremeram espavoridos e ficaram como se estivessem mortos” (v. 4). Ficaram paralisados de medo. Quando recobram a razão, provavelmente saíram correndo do jardim, afastando-se consideravelmente do visitante celestial. Afinal de contas, não fazia sentido vigiar um túmulo vazio!⁵⁰

corpo transformado de Jesus transpassou as faixas como fez depois com as portas fechadas (João 20:19, 26; NVI). Não sabemos muitas coisas sobre a ressurreição! As respostas para todas as nossas perguntas satisfariam meramente nossa curiosidade, mas nada acrescentam à nossa fé — por isso Deus não nos deu todas essas respostas.

⁴⁸Peter Marshall, *The First Easter* (“A Primeira Paixão”), ed. Catherine Marshall. Nova York: McGraw-Hill Co., 1959, pp. 128–29 [tradução livre].

⁴⁹Costuma-se dizer que Jesus saiu do túmulo nesse momento, mas isto implicaria que Seu primeiro aparecimento teria sido aos soldados descrentes. Segundo os relatos do evangelho, Jesus apareceu primeiramente a Maria Madalena (Marcos 16:9; veja João 20:1–18).

⁵⁰Mateus 28:11–15 registra o que fizeram alguns dos guardas ao saírem dali. Estudaremos esse texto posteriormente.

A Mensagem

O Túmulo vazio estava pronto para receber visitantes. Não sabemos a ordem exata do que aconteceu a seguir; a disposição dos fatos e textos aqui apresentados é apenas uma das opções de se organizar o material. A seqüência precisa é relativamente irrelevante. O importante é o fato de que Jesus realmente ressuscitou dos mortos — e comprovou isto aparecendo a centenas de pessoas.

“No findar do sábado⁵¹, ao entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria [mãe de José e Tiago] foram ver o sepulcro” (Mateus 28:1). Ambas haviam acompanhado o empenho de José de Arimatéia e Nicodemos no sepultamento. Com elas estavam Salomé e Joana⁵², e possivelmente outras mulheres. Elas levavam especiarias para terminar de ungir o corpo de Jesus (Marcos 16:1; Lucas 24:10)⁵³.

Aproximando-se elas do jardim, se perguntavam: “Quem nos removerá a pedra da entrada do túmulo?” (Marcos 16:3). A preocupação era desnecessária. Assim que chegaram, “encontraram a pedra removida do sepulcro” (Lucas 24:2). Entraram no sepulcro e ficaram perplexas por não verem o corpo de Jesus deitado onde deveria estar (Lucas 24:3,4)⁵⁴.

Então, subitamente, “apareceram-lhes dois varões com vestes resplandecentes” (v. 4)⁵⁵. Quando as mulheres os viram, ficaram “possuídas de temor, baixando os olhos para o chão” (v. 5a). E um dos “varões” era o que havia rolado a pedra (Mateus 28:2, 5). Ele disse:

“Não temais; porque sei que buscais Jesus, que foi crucificado” (Mateus 28:5).

“Por que buscais entre os mortos ao que vive?” (Lucas 24:5b).

“Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha

⁵¹Nas traduções mais antigas consta “ao findar do sábado”, o que fez algumas harmonias inserirem mais uma visita das duas Marias no sábado, antes do túmulo ser aberto. Hoje, a maioria dos tradutores acredita que “após o sábado” seria uma tradução mais exata.

⁵²Joana era uma das mulheres que serviu a Jesus na Galiléia (Lucas 8:3). Veja comentários sobre Joana na página 38 da edição “A Vida de Cristo — Parte 4”.

⁵³Como veremos na segunda parte desta lição, depois que Maria Madalena foi ao túmulo, ela correu para falar com Pedro e João. Ela não estava com as outras mulheres quando o anjo falou.

⁵⁴Devem ter visto as faixas de linho (João 20:5), mas não o corpo.

⁵⁵Como em outros casos, um dos relatos do evangelho menciona *dois* “varões” (Lucas 24:4), enquanto outros falam de apenas *um* (Marcos 16:5; Mateus 28:5). Parece que *um* serviu de porta-voz para os outros dois.

dito⁵⁶” (Mateus 28:6a).

“...Lembra-vos de como vos preveniu, estando ainda na Galiléia, quando disse: Importa que o Filho do Homem seja entregue nas mãos de pecadores, e seja crucificado, e ressuscite no terceiro dia” (Lucas 24:6,7).

“...Vinde ver onde ele jazia. Ide, pois, depressa e dizei aos seus discípulos [e a Pedro] que ele ressuscitou dos mortos e vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis⁵⁷. É como vos digo!” (Mateus 28:6–7; 28:6b, 7; veja Marcos 16:7).

Então, as mulheres se lembraram da promessa de Jesus (Lucas 24:8) e, “retirando-se... apressadamente do sepulcro, tomadas de medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos” (Mateus 28:8)⁵⁸. No caminho, “de medo, nada disseram a ninguém” (Marcos 16:8)⁵⁹, mas tão logo chegaram ao lugar onde estavam os apóstolos, “anunciaram todas estas coisas aos onze⁶⁰ e a todos os mais que com eles estavam” (Lucas 24:9; veja vv. 22, 23).

Não é difícil imaginar a euforia nas vozes das mulheres relatando a mensagem de esperança dos mensageiros celestiais. Lamentavelmente, o relato pareceu aos apóstolos “um delírio, e não acreditaram nelas” (Lucas 24:10,11)⁶¹. Precisavam de mais provas incontestáveis — e elas não tardariam a surgir.

⁵⁶Veja o que Jesus havia dito em Mateus 16:21; 17:23; 20:19; 26:32. Os dois primeiros versículos supra citados também se aplicam à declaração do anjo em Lucas 24:6, 7.

⁵⁷Jesus prometera que encontraria Seus discípulos na Galiléia (Mateus 26:32). Ele estabeleceu um local para esse encontro — um determinado monte (Mateus 28:16). O fato de que os discípulos O veriam depois na Galiléia não exclui a possibilidade de alguns escolhidos dentre eles também O encontrarem em breve.

⁵⁸Em algum momento, Jesus apareceu a essas mulheres (Mateus 28:9, 10), mas não sabemos se esse aparecimento foi na ida ou na volta do túmulo, quando iam falar com os discípulos. Veja mais nas páginas 32 e 33.

⁵⁹A maneira mais simples de harmonizar “nada disseram” de Marcos 16:8 com “anunciaram” de Lucas 24:9 é que nada disseram a *ninguém além* daqueles indicados pelo anjo.

⁶⁰“Os onze” é uma referência aos apóstolos (antes da substituição de Judas), ainda que “os doze” (Marcos 14:17) ainda fosse uma referência geral aos apóstolos. Isto pressupõe que alguns daqueles a quem as mulheres relataram saíram e foram até o túmulo, mas isto provavelmente é apenas um resumo da ida de Pedro e João ao túmulo vazio (João 20:1–10).

⁶¹Cleopas, que parecia estar presente quando as mulheres anunciaram tudo aos discípulos (Lucas 24:22, 23), disse: “...alguns dos nossos foram ao sepulcro e verificaram a exatidão do que disseram as mulheres; mas não o viram” (Lucas 24:24). Isto poderia significar que alguns dos homens com quem as mulheres falaram saíram e foram ao túmulo, mas este provavelmente é apenas um resumo de Lucas relativo a ida de Pedro e João ao túmulo vazio (João 20:1–10).

CONCLUSÃO

Os apóstolos “não acreditaram” no relato das mulheres. Na hora que Jesus morreu, ninguém acreditava que Ele ressurgiria dos mortos. Os homens que O sepultaram não acreditavam na ressurreição. Os discípulos, protegidos a portas trancadas, não acreditavam na ressurreição. As mulheres que foram ungir o corpo do Senhor não acreditavam. Certamente, tampouco Seus inimigos acreditavam. H. I. Hester escreveu: “A primeira grande tarefa do Senhor ressurreto foi convencer seus próprios discípulos de que Ele estava novamente vivo”⁶². Na segunda parte desta lição, veremos como Ele realizou essa tarefa.

⁶²Hester, p. 225.

Notas para Sermão: “E... o sepultaram”

Os três fatos principais do evangelho são a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo. Jesus previu muitas vezes Sua morte e ressurreição (Mateus 16:21; 17:22, 23; Lucas 18:31–33). Ele também anunciou o Seu sepultamento. Fez alusão a ele quando usou a ilustração de Jonas “no ventre do grande peixe”, dizendo: “...assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra” (Mateus 12:40). Jesus falou declaradamente do Seu sepultamento quando foi ungido por Maria em Betânia. Disse Ele: “Ela fez o que pôde: antecipou-se a ungir-me para a sepultura” (Marcos 14:8; veja Mateus 26:12; João 12:7).

A seu próprio modo, o sepultamento é tão importante quanto os outros dois fatos; mas o sepultamento de Jesus tem sido ofuscado pelo estupendo evento que o precedeu (a morte de Jesus) e o comvente evento que o sucedeu (a ressurreição de Jesus). Qual é a importância do sepultamento de Jesus? Que parte ele desempenha na história do evangelho? De que maneira o sepultamento de Jesus causa impacto em nossas vidas? Separemos alguns minutos para explorar essas perguntas.

O SEPULTAMENTO DE JESUS NO PASSADO

Quando declararam que Jesus estava morto, José de Arimatéia pediu permissão a Pilatos para retirar o corpo da cruz. Assistido por Nicodemos, José enrolou o corpo de Jesus e o depositou em um túmulo novo adquirido por ele (Mateus 27:59, 60; Marcos 15:46; Lucas 23:50–53; João 19:38–40).

O sepultamento foi um ato de amor. O corpo de Jesus seria lançado numa cova não identificada para criminosos, se José não o tivesse requisitado¹.

O sepultamento foi um ato de coragem. José e Nicodemos arriscaram muito ao pedirem para sepultar o corpo de Jesus.

O sepultamento foi um ato necessário. Segundo a Lei, Jesus tinha de ser sepultado antes do pôr-do-sol. O mais importante é que isto também ajudou a confirmar que Jesus estava realmente morto, sendo, portanto, autêntica a Sua ressurreição dos mortos.

O sepultamento foi um ato apropriado. Milhões de pessoas morrem e seus corpos são depositados na

terra. Com o intuito de que Jesus Se “tornasse semelhante aos [Seus] irmãos” (Hebreus 2:17), convinha que Ele, também, fosse colocado “no coração da terra” (Mateus 12:40). Convinha que olhos curiosos não vissem o maior milagre de todos os tempos.

O sepultamento foi um ato predito. José e Nicodemos não perceberam isso, mas o sepultamento de Jesus era exatamente o passo dois no plano divino de três passos. O sepultamento não foi o fim; pelo contrário, ele antecedeu um começo.

NOSSO SEPULTAMENTO NO PRESENTE

A referência ao nosso sepultamento não aponta para o sepultamento dos que morrem fisicamente, mas para o sepultamento com Cristo no batismo. O Novo Testamento enfatiza a relação entre o batismo e o sacrifício de Cristo (Romanos 6:3, 4; Colossenses 2:12).

Nosso sepultamento deve ser um ato de amor. Se amarmos Jesus, obedeceremos ao mandamento que Ele deu para sermos batizados (João 14:15).

Nosso sepultamento é um ato de coragem. A decisão de ser batizado requer coragem, às vezes uma boa dose de coragem.

Nosso sepultamento é um ato necessário. A Bíblia ensina que o batismo é parte essencial da nossa obediência ao Senhor e conseqüente recebimento das bênçãos da salvação (Marcos 16:15,16; Atos 2:38; Gálatas 3:26, 27).

Nosso sepultamento é um ato apropriado. Assim como devemos tomar a cruz de Jesus (veja Mateus 16:24), devemos também ser “sepultados com Ele” (Romanos 6:4). Também é apropriado para nós experimentar um verdadeiro sepultamento na água (uma imersão), não uma aspersão superficial de água sobre a cabeça².

Nosso sepultamento é um ato predito. Nosso sepultamento em água é apenas o segundo passo³. O terceiro passo é ressurgir do túmulo aquático para “andar em novidade de vida” (Romanos 6:4). Quando seguimos os padrões da vida cristã, temos a excitante expectativa de que o sepultamento de nossos corpos debaixo da terra não será o fim. Um dia, nós também seremos ressuscitados dos mortos (1 Coríntios 15:20, 23)!

²Veja a edição “Guia para a salvação de todo homem”, *A Verdade para Hoje*.

³O primeiro passo é morrer para si mesmo (veja Romanos 6:6).

¹Veja mais detalhes disso em “Os Três Dias Mais Importantes da História”, a partir da página 20.

Atribuição de Leitura nº. 42

Mateus 28:1, 5–15;
Marcos 16:9–13;
Lucas 24:10–35;
João 20:1–18;
1Coríntios 15:5

Mateus 28:1

¹No findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.

Mateus 28: 5–15

⁵Mas o anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: Não temais; porque sei que buscais Jesus, que foi crucificado.

⁶Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Vinde ver onde ele jazia.

⁷Ide, pois, depressa e dizei aos seus discípulos que ele ressuscitou dos mortos e vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis. É como vos digo!

⁸E, retirando-se elas apressadamente do sepulcro, tomadas de medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos.

⁹E eis que Jesus veio ao encontro delas e disse: Salve! E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés e o adoraram.

¹⁰Então, Jesus lhes disse: Não temais! Ide avisar a meus irmãos que se dirijam à Galiléia e lá me verão.

¹¹E, indo elas, eis que alguns da guarda foram à cidade e contaram aos principais sacerdotes tudo o que sucedera.

¹²Reunindo-se eles em conselho com os anciãos, deram grande soma de dinheiro aos soldados,

¹³recomendando-lhes que dissessem: Vieram de noite os discípulos dele e o roubaram enquanto dormíamos.

¹⁴Caso isto chegue ao conhecimento do governador, nós o persuadiremos e vos poremos em segurança.

¹⁵Eles, recebendo o dinheiro, fizeram como estavam instruídos. Esta versão divulgou-se entre os judeus até ao dia de hoje.

Marcos 16:9–13

⁹Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual expelira sete demônios.

¹⁰E, partindo ela, foi anunciá-lo àqueles que, tendo sido companheiros de Jesus, se achavam tristes e choravam.

¹¹Estes, ouvindo que ele vivia e que fora visto por ela, não acreditaram.

¹²Depois disto, manifestou-se em outra forma a dois deles que estavam de caminho para o campo.

¹³E, indo, eles o anunciaram aos demais, mas também a estes dois eles não deram crédito.

Lucas 24:10–35

¹⁰Eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago; também as demais que estavam com elas confirmaram estas coisas aos apóstolos.

¹¹Tais palavras lhes pareciam um como delírio, e não acreditaram nelas.

¹²Pedro, porém, levantando-se, correu ao sepulcro. E, abaixando-se, nada mais viu, senão os lençóis de linho; e retirou-se para casa, maravilhado do que havia acontecido.

¹³Naquele mesmo dia, dois deles estavam de caminho para uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios.

¹⁴E iam conversando a respeito de todas as coisas sucedidas.

¹⁵Aconteceu que, enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e ia com eles.

¹⁶Os seus olhos, porém, estavam como que impedidos de o reconhecer.

¹⁷Então, lhes perguntou Jesus: Que é isso que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais? E eles pararam entristecidos.

¹⁸Um, porém, chamado Cleopas, respondeu, dizendo: És o

único, porventura, que, tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências destes últimos dias?

¹⁹Ele lhes perguntou: Quais? E explicaram: O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que era varão profeta, poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo,

²⁰e como os principais sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram.

²¹Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel; mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam.

²²É verdade também que algumas mulheres, das que conosco estavam, nos surpreenderam, tendo ido de madrugada ao túmulo;

²³e, não achando o corpo de Jesus, voltaram dizendo terem tido uma visão de anjos, os quais afirmam que ele vive.

²⁴De fato, alguns dos nossos foram ao sepulcro e verificaram a exatidão do que disseram as mulheres; mas não o viram.

²⁵Então, lhes disse Jesus: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!

²⁶Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?

²⁷E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras.

²⁸Quando se aproximavam da aldeia para onde iam, fez ele menção de passar adiante.

²⁹Mas eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque é tarde, e o dia já declina. E entrou para ficar com eles.

³⁰E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando ele o pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu;

³¹então, se lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles.

³²E disseram um ao outro: Porventura, não nos ardia o coração, quando ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras?

³³E, na mesma hora, levantando-se, voltaram para Jerusalém, onde acharam reunidos os onze e outros com eles,

³⁴os quais diziam: O Senhor ressuscitou e já apareceu a Simão!

³⁵Então, os dois contaram o que lhes acontecera no caminho e como fora por eles reconhecido no partir do pão.

João 20:1–18

¹No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu que a pedra estava revolvada.

²Então, correu e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram.

³Saiu, pois, Pedro e o outro discípulo e foram ao sepulcro.

⁴Ambos corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro;

⁵e, abaixando-se, viu os lençóis de linho; todavia, não entrou.

⁶Então, Simão Pedro, seguindo-o, chegou e entrou no sepulcro. Ele também viu os lençóis,

⁷e o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus, e que não estava com os lençóis, mas deixado num lugar à parte.

⁸Então, entrou também o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, e viu, e creu.

⁹Pois ainda não tinham compreendido a Escritura, que era necessário ressuscitar ele dentre os mortos.

¹⁰E voltaram os discípulos outra vez para casa.

¹¹Maria, entretanto, permanecia junto à entrada do túmulo, chorando. Enquanto chorava, abaixou-se, e olhou para dentro do túmulo,

¹²e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outro aos pés.

¹³Então, eles lhe perguntaram: Mulher, por que choras? Ela lhes respondeu: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.

¹⁴Tendo dito isto, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não reconheceu que era Jesus.

¹⁵Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela, supondo ser ele o jardineiro, respondeu: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei.

¹⁶Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse, em hebraico: Raboni (que quer dizer Mestre)!

¹⁷Recomendou-lhe Jesus: Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai, mas vai ter com os meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus.

¹⁸Então, saiu Maria Madalena anunciando aos discípulos: Vi o Senhor! E contava que ele lhe dissera estas coisas.

Coríntios 15:5

⁵E apareceu a Cefas e, depois, aos doze.



Leitura Bíblica 42

Relutantes em Crer

VIII. A RESSURREIÇÃO, OS APARECIMENTOS E A ASCENSÃO DE JESUS (continuação).

- A. Domingo: o dia da ressurreição de Jesus (continuação).
1. O túmulo vazio (continuação) .
 - b. Dois apóstolos e o túmulo vazio (Lucas 24:12; João 20:1-10; veja Lucas 24:24).
 2. O primeiro aparecimento: a Maria Madalena (Marcos 16:9-11; João 20:11-18; veja Lucas 24:10).
 3. O segundo aparecimento: a outras mulheres (Mateus 28:9-11a; veja vv. 1, 5-8).
 4. Um relato e uma mentira (Mateus 28:11-15).
 5. O terceiro aparecimento: a Pedro (1 Coríntios 15:5; veja Lucas 24:34).
 6. O quarto aparecimento: a Cléopas e outro discípulo (Marcos 16:12, 13; Lucas 24:13-35).



INTRODUÇÃO

Você já se esforçou para crer — realmente crer — em uma das promessas de Deus?¹ Por exemplo, quando tudo parece dar errado na sua vida, você acha difícil crer que, no fim, Deus fará “todas as coisas cooperarem para o seu bem” (Romanos 8:28)? Os discípulos de Jesus tiveram o mesmo problema que alguns de nós temos para aceitar as promessas de Deus. Cristo dissera aos discípulos que Ele ressuscitaria dos mortos (Marcos 8:31; 9:31), mas eles não entenderam as palavras do Mestre (Marcos 9:32; veja João 20:9), muito menos creram nelas. Nesta lição², veremos os discípulos do Senhor se esforçarem para crer que Ele realmente havia ressuscitado dos mortos.

NO TÚMULO (LUCAS 24:12; JOÃO 20:1-10)

Encerramos a primeira parte desta lição na cena em que as mulheres foram ao túmulo, na manhã do primeiro dia da semana (Mateus 28:1-8; Marcos 16:1-8; Lucas 24:1-11). Entre elas estava Maria Madalena (Mateus 28:1; Marcos 16:1). Num dado momento, ela se separou das outras mulheres. Talvez Maria Madalena tenha chegado ao túmulo antes

das outras mulheres e tenha saído antes que chegassem³. Se ela estava presente quando as outras chegaram ao sepulcro, talvez tenha lhes mandado ficar ali enquanto ela buscava ajuda.

De qualquer maneira, quando Maria Madalena chegou ao local do sepultamento, ela “viu que a pedra estava revolvida” (João 20:1). Supondo o pior, sem parar para olhar dentro do sepulcro, correu em busca de Pedro e João (João 20:2a)⁴. Disse-lhes Maria: “Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram” (João 20:2b).

Alarmados, Pedro e João correram para o jardim (João 20:3, 4a; Lucas 24:12a). João, que talvez fosse mais jovem, “correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro” (João 20:4b; veja v. 8a). Os dois apóstolos evidentemente chegaram de-

³Como João 20:1 diz que Maria “foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro” e Marcos 16:2 diz que as mulheres foram “muito cedo... ao despontar do sol”, alguns acreditam que Maria tenha corrido na frente e *chegado* antes das outras. Outros acreditam que todas *partiram* para o sepulcro “sendo ainda escuro” e *chegaram* logo depois do “despontar do sol”. Esse detalhe, porém, não afeta nosso estudo.

⁴Mais uma vez, presumimos que João tenha se referido a si mesmo como “o discípulo a quem Jesus amava”. É possível — ainda que improvável — que Maria Madalena tenha encontrado os dois quando estes estavam a caminho do sepulcro. O mais provável é que Maria tenha ido ao lugar em que estavam hospedados em Jerusalém (veja João 20:10). Se for esse o caso, Pedro não deveria estar junto com os demais apóstolos (veja Lucas 24:12). Após negar Jesus, talvez Pedro não estivesse pronto para encarar os demais apóstolos.

¹Uma das maneiras de iniciar esta lição numa sala de aula é pedir aos alunos que citem promessas de Deus nas quais encontraram dificuldade para crer.

²Esta é a segunda parte de uma lição de duas partes.

pois que as mulheres haviam partido (veja Mateus 28:8; Lucas 24:9).

João inclinou-se e olhou para dentro do sepulcro (João 20:5a). Ele “viu os lençóis de linho” deitados onde estivera o corpo de Jesus; mas, agindo com cautela, “não entrou” (João 20:5b). Pedro apareceu atrás dele (João 20:6a) e, com sua costumeira impetuosidade, entrou no túmulo. Ele “também viu os lençóis, e o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus, e que não estava com os lençóis, mas deixado num lugar à parte” (João 20:6b, 7; veja Lucas 24:12b)⁵.

Estimulado pela ousadia de Pedro, João seguiu-o túmulo adentro, e quando viu os lençóis, “creu” (João 20:8). O que havia numa porção de tecido fino dentro de um túmulo vazio para gerar toda essa fé? Por um lado, se *amigos* tivessem transportado o corpo de Jesus para um outro sepulcro, eles não teriam retirado as faixas de tecido do sepultamento. Por outro lado, se *ladrões de túmulos* tivessem roubado o corpo, não teriam tempo para desenrolar as faixas. Certamente, eles jamais teriam parado para dobrar as faixas perfeitamente ou enrolar as faixas da cabeça deixando-as à parte. A única explicação lógica para o estado dos lençóis de sepultamento era que Cristo de alguma forma os deixara por iniciativa própria. Ele tinha de estar vivo!

Muitos escritores também sugerem que a *posição* dos lençóis foi um fator determinante para a fé de João. Se o corpo de Jesus “transpassou” as faixas e as especiarias assim como, mais tarde, transpassaria portas fechadas⁶, as faixas de sepultamento podem

ter ficado como um casulo seco e trincado, deixado para trás quando a mariposa sai e levanta suas asas brilhantes à luz do sol... ou, mais precisamente, como uma luva da qual uma mão se retirou deixando ali o formato dos seus dedos⁷.

Todavia, a fé de João ainda era experimental e incompleta naquela altura. Poderíamos traçar aqui um paralelo com o pai que exclamou: “Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé” (Marcos 9:24). Anos depois, João escreveria que “[Pedro e ele] ainda não

⁵Não sabemos onde estava o anjo que apareceu antes às mulheres e mais tarde a Maria. Talvez Deus quisesse agir com os apóstolos de um modo diferente do que agira com as mulheres.

⁶Veja a primeira parte da nota de rodapé 47 na página 26, e o artigo “O Corpo Ressurreto de Jesus”, nesta edição.

⁷Peter Marshall, *Mr. Jones, Meet the Master* (“Senhor Jones, Conheça o Mestre”). Nova York: Fleming H. Revell Co., 1950, p. 110.

tinham compreendido a Escritura, que era necessário ressuscitar ele [Jesus] dentre os mortos” (João 20:9). No momento em que ambos voltavam “outra vez para casa” (João 20:10), João creu até certo ponto (João 20:8), enquanto Pedro maravilhava-se “do que havia acontecido” (Lucas 24:12c)⁸. Ainda assim, não compreendiam que isto era o cumprimento de uma promessa do Senhor: a promessa de que Ele reviveria⁹.

NO JARDIM (MARCOS 16:9–11; JOÃO 20:11–18; VEJA LUCAS 24:10)

Quando Maria Madalena voltou ao túmulo, ela provavelmente esperava encontrar as mulheres ali, juntamente com Pedro e João — mas todos haviam ido embora. Ela parou “junto à entrada do túmulo, chorando” (João 20:11a), chorando pela perda do Amigo e por que alguém retirara Seu corpo antes que ela o unguisse.

Então, Maria deve ter percebido que não verificara o interior da câmara. “Enquanto chorava, abaixou-se, e olhou para dentro do túmulo” (João 20:11b), e “viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outro aos pés” (v. 12)¹⁰. “Os anjos estavam posicionados tal qual os querubins sobre a arca, como se o túmulo de Cristo fosse seu novo propiciatório.”¹¹ Os mensageiros celestiais disseram a Maria Madalena: “Mulher, por que choras?” (João 20:13a). E ela respondeu: “Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram” (v. 13b).

Nesse instante, Maria “voltou-se para trás e viu Jesus em pé” (v. 14a). Segundo Marcos 16:9, esse foi o primeiro aparecimento de Jesus ressurreto. A princípio, Maria “não reconheceu que era Jesus” (v. 14b). Não sabemos por que ela não O reconheceu imediatamente. Talvez houvesse mudanças sutis no corpo ressurreto¹² de Cristo. Talvez ela não tenha re-

⁸Mais tarde naquele dia, Pedro e João devem ter transmitido a outros discípulos o que viram (veja Lucas 24:24).

⁹Alguns escritores destacam que os apóstolos *primeiramente* creram na ressurreição e *depois* entenderam o que Jesus quis dizer quando afirmou que ressuscitaria. Esses escritores alegam que não foi a *expectativa* que fez os apóstolos *imaginarem* que viram o Senhor ressurreto.

¹⁰Certamente ela também viu as mesmas faixas de sepultamento que Pedro e João viram, sem, contudo, notar o que significavam.

¹¹J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 743.

¹²Veja o artigo “O Corpo Ressurreto de Jesus”, nesta edição.

conhecido o Mestre porque não esperava vê-lo ali no jardim¹³.

“Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela, supondo ser ele o jardineiro¹⁴, respondeu: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei” (João 20:15). Em outras palavras, Maria dizia: “Eu quero Lhe dar um sepultamento decente”. Provavelmente ela pretendia solicitar a ajuda de outros amigos de Jesus.

Jesus pôs fim à confusão chamando-a pelo nome: “Maria!” (João 20:16a). Ouvindo seu nome dos lábios de Jesus, ela finalmente reconheceu quem era. Virando-se para Ele com grande alegria, disse, em hebraico: “Raboni (que quer dizer Mestre)!” (João 20:16b).

Talvez, nessa hora, Maria tenha caído aos pés de Jesus, “abraçando-os” (veja Mateus 28:9). Evidentemente, ela grudou em Jesus como se dissesse: “Não vou perdê-lo de novo!” Cristo, porém, lhe disse: “Não me detenhas¹⁵; porque ainda não subi para meu Pai”¹⁶ (João 20:17a). O Senhor poderia estar confirmando que ela O veria novamente durante as próximas semanas, por isso não precisava agarrá-lo. Também poderia estar informando que nem mesmo uma porção de abraços como aquele O impediriam de subir ao Pai, tão logo chegasse essa hora¹⁷.

Jesus deu-lhe a seguinte ordem: “...vai ter com os meus irmãos¹⁸ e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus”¹⁹ (João 20:17b). Jesus não recomendou que ela contasse a eles que Ele estava vivo (Ele sabia que ela o faria

[João 20:18], mas recomendou que ela dissesse que Ele estava pronto para subir ao Pai. Talvez a intenção de Jesus fosse que essas palavras servissem de autenticação da mensagem que ela comunicaria, pois Sua volta ao Pai foi um tema importante no último discurso de Jesus aos apóstolos (João 14:2–4, 12, 28; 16:5, 7, 10, 28).

Exaltando de alegria, “partindo ela, foi anunciá-lo àqueles que, tendo sido companheiros de Jesus, se achavam tristes e choravam” (Marcos 16:10; veja Lucas 24:10²⁰). Também podemos até ouvir a empolgação na voz de Maria Madalena ao dizer aos discípulos: “Eu vi o Senhor!”, e repetir as palavras que Ele a mandou dizer (João 20:18). Entretanto, eles se recusaram a acreditar (Marcos 16:11).

NO CAMINHO (MATEUS 28:9–11a)

O segundo aparecimento de Cristo foi às outras mulheres enquanto estavam “indo” (Mateus 28:11). Encerramos a lição passada com as mulheres deixando o túmulo com grande alegria e correndo para relatar as palavras do anjo aos discípulos de Jesus (Mateus 28:8; veja Lucas 24:9, 10, 22, 23). Entretanto, a mensagem delas pareceu aos discípulos “como delírio” (Lucas 24:11).

Na ida até os discípulos ou na volta²¹, “Jesus veio ao encontro delas e disse: Salve!” (Mateus 28:9a). Elas caíram aos pés de Jesus, “abraçaram-lhe os pés e o adoraram” (Mateus 28:9b). Jesus tranqüilizou-as: “Não temais!” (Mateus 28:10a). Então, repetiu o que o anjo dissera sobre Seus irmãos O encontrarem na Galiléia” (Mateus 28:10b)²².

NA CIDADE (MATEUS 28:11–15)

Por volta da hora em que Cristo apareceu às mulheres, “alguns da guarda [que estiveram no sepulcro] foram à cidade e contaram aos principais sacerdotes tudo o que sucedera” (Mateus 28:11b)²³. Imaginemos o alvoroço por conta das queixas: “Ei,

¹³Está implícito no versículo 16 que ela teria olhado rapidamente para Ele, desviando em seguida o olhar.

¹⁴Reveja nota de rodapé 22 da lição anterior.

¹⁵Algumas versões sugerem: “Não me toques”, mas “o tempo e o modo do verbo [grego] significam cessar o que está sendo feito agora” (Robert Duncan Culver, *The Life of Christ* [“A Vida de Cristo”]. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1976, p. 270).

¹⁶Quando morreu, Jesus foi para o hades (Atos 2:31), para o “paraíso” (Lucas 23:43). Ele ainda não havia ido para o céu. Veja a nota de rodapé 22, na página 6.

¹⁷Entender “não me detenhas” como “não me toques” gera certa controvérsia, visto que Jesus permitiu que outros O tocassem (Mateus 28:9; Lucas 24:39; João 20:27). A admoestação de Jesus provavelmente tinha a ver com o fato de que ela não queria soltá-lo. Veja nota de rodapé 15.

¹⁸Acreditamos alguns que Jesus estivesse se referindo a Seus irmãos físicos, Maria, porém, entendeu que Ele se referia aos apóstolos; ela foi até eles (João 20:18). McGarvey escreveu: “Esta é a primeira vez que a palavra ‘irmão’ é usada pelo Senhor para os discípulos” (McGarvey e Pendleton, p. 745). Veja Hebreus 2:11.

¹⁹Observe-se que Jesus não disse “nosso Pai” ou “nosso Deus”. Ele continuou tendo com Deus Pai uma relação diferente da dos apóstolos.

²⁰Lucas aparentemente fundiu os relatos de Maria Madalena e das outras mulheres em Lucas 24:10.

²¹Pelo relato de Mateus, parece que Jesus apareceu às mulheres quando elas estavam indo encontrar os discípulos para contar o que o anjo dissera (Mateus 28:5–10). Entretanto, quando Cleopas relatou a visita delas aos discípulos, ele mencionou apenas que as mulheres viram os anjos (Lucas 24:22, 23), não que viram o Senhor. Isto pode indicar que Jesus apareceu às mulheres quando elas estavam saindo do local onde os discípulos estavam hospedados.

²²É possível que as mulheres tenham ido uma segunda vez até os discípulos — desta vez com o relato de que realmente viram o Senhor ressurreto.

²³Talvez os guardas de patente superior (responsáveis pelo destacamento) tenham se reportado aos sumos sacerdotes, enquanto os de menor patente votaram ao quartel.

ninguém nos avisou dos terremotos, dos anjos e do desaparecimento do corpo!”

Poderíamos pensar que, *agora* sim, os líderes judeus analisariam seriamente a declaração de Jesus de que Ele era o Messias. Em vez disso, porém, a única preocupação deles era não perder o controle da situação. A despeito de seus grandes esforços para deixar o túmulo seguro o máximo possível (Mateus 27:65), ele estava vazio agora. Com isto, a situação complicou-se para eles. Qualquer um poderia verificar o interior do sepulcro. Que explicação plausível dariam eles para o desaparecimento do corpo de Jesus?

Decidiram, então, espalhar rumores de que os discípulos de Jesus haviam roubado o corpo. Os principais sacerdotes e anciãos “deram grande soma de dinheiro aos soldados, recomendando-lhes que dissessem: Vieram de noite os discípulos dele e o roubaram enquanto dormíamos” (Mateus 28:12, 13). Aquele boato foi ridículo naquela circunstância e ainda o é hoje. Robert Thomas e Stanley Gundry explicaram:

O absurdo nessa história inventada pelo Sinédrio... revela o desespero a que os últimos acontecimentos os levaram. Com certeza, ao removerem a pedra pesada do túmulo, os discípulos teriam feito barulho suficiente para acordar pelo menos um dos soldados. Além disso, se os soldados estavam dormindo, como saberiam que os ladrões de túmulo eram os discípulos?²⁴

Os soldados devem ter lembrado os oficiais judeus de que dormir montando guarda era uma transgressão passível de pena capital (veja atos 12:18, 19; 16:27). Todavia, os líderes garantiram: “Caso isto chegue ao conhecimento do governador, nós o persuadiremos e vos poremos em segurança” (Mateus 28:14).

Garantida sua segurança, “recebendo o dinheiro”, os soldados “fizeram como estavam instruídos” (v. 15a). “A lição era breve e simples; a recompensa, grande e desejável.”²⁵ Richard Rogers observou que “a mesma mentira [é] contada hoje gratuitamente.”²⁶

Mateus acrescentou que tal “versão divulgou-se entre os judeus até ao dia de hoje” (v. 15b) — que se-

²⁴Robert L. Thomas, ed., e Stanley N. Gundry, assoc. ed. *A Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos”). Chicago: Moody Press, 1978, p. 256.

²⁵McGarvey e Pendleton, p. 747.

²⁶Richard Rogers, *The Life of Christ and His Teaching* (“A Vida de Cristo e Seu Ensino”). Lubbock, Tex.: Sunset International Bible Institute External Studies Department, 1995, p. 104.

ria por volta de 60 d.C. “Em seu diálogo com Trifo, escrito por volta de 170 d.C., Justino Mártir diz que os judeus difundiram a história por meio de mensageiros enviados a todos os países”²⁷.

Esse foi o primeiro esforço para “explicar” o túmulo vazio. “Há vinte séculos muitas tentativas para explicar o túmulo vazio vêm surgindo e se mostrando apenas tão fúteis quanto essa “explicação” inicial. A única explicação plausível [para o túmulo vazio] é que Deus ressuscitou Jesus dos mortos.”²⁸

UM LUGAR DESCONHECIDO (1 CORÍNTIOS 15:5a; VEJA LUCAS 24:34)

Tudo indica que, a seguir, Jesus apareceu a Pedro — o qual ainda estaria maravilhado com o que vira no túmulo (Lucas 24:12). Quando Paulo enumerou os aparecimentos do Cristo ressurreto, ele citou primeiramente que “Ele apareceu a Cefas” (1 Coríntios 15:5a). Na seção seguinte desta história, ouviremos os discípulos dizerem: “O Senhor ressuscitou e já apareceu a Simão!” (Lucas 24:34). Não temos, contudo, detalhes a respeito deste aparecimento. “Esta é uma das grandes histórias não contadas na Bíblia: Jesus aparecendo a alguém que O havia negado!”²⁹ John Carter escreveu:

Se Simão Pedro contou a alguém o que aconteceu quando o Senhor Jesus ressurreto encontrou-Se com ele... não temos registro disso. A experiência provavelmente foi sagrada demais para ser comentada, e fazemos bem em não puxar a cortina que velou esse encontro. Todavia, fico imaginando se Jesus não encorajou o arrependido discípulo a assumir novamente seu lugar entre os apóstolos e reunir-se com os outros no local onde estavam hospedados. Parece que Pedro estava com eles quando, pouco depois, Jesus apareceu ao grupo.³⁰

A CAMINHO (MARCOS 16:12, 13; LUCAS 24:13–35)

Ocorreu pelo menos mais um aparecimento de Jesus no dia em que Ele ressurgiu dos mortos³¹. Ele

²⁷McGarvey e Pendleton, p. 747. A referência é a Justino Mártir, *Diálogo com Trifo* 108.

²⁸Thomas e Gundry, p. 256.

²⁹David L. Roper, “Conheça o Mestre, 2”, *A Verdade para Hoje*, nota de rodapé 26, p. 48.

³⁰John Franklin Carter, *A Layman's Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, p. 351.

³¹Um outro aparecimento está fortemente ligado ao desse dia: Jesus apareceu pela primeira vez aos onze logo depois de aparecer a Cleopas e seu companheiro de viagem. Conforme João, que utilizou o horário romano, esse aparecimento deu-se também no “primeiro dia” (João 20:19). Falaremos mais sobre isto na próxima lição.

apareceu a dois discípulos que, “naquele mesmo dia [o dia em que as mulheres haviam ido ao túmulo; Lucas 24:1]... estavam de caminho para uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios³² [“mais ou menos dez quilômetros”; NTLH]” (Lucas 24:13; veja Marcos 16:12). Um dos discípulos foi citado pelo nome de Cléopas (Lucas 24:18); mas desconhecemos a identidade do outro³³. O relato do aparecimento de Cristo a esses dois é contado mais integralmente do que qualquer outro³⁴.

Lucas 24 conta que Cleopas e seu companheiro estavam conversando sobre tudo que se passara em Jerusalém (v. 14). Cristo começou a caminhar com eles (v. 15); “os seus olhos, porém, estavam como que impedidos de O reconhecer” (v. 16). Talvez Deus tenha lhes impedido de reconhecer Jesus; talvez a tristeza tenha cegado seus olhos (v. 17b)³⁵.

Cristo perguntou sobre o que conversavam (v. 17a). Cléopas recapitulou o que sucedera nos últimos três dias (vv. 18–20), incluindo os relatos dos que viram o túmulo vazio (vv. 22–24), e com a voz provavelmente cheia de desesperança, disse: “Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel³⁶; mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam” (v. 21). Quando você e eu usamos a expressão “o terceiro dia”, nós nos referimos à promessa de que Ele “ressuscitaria ao terceiro dia” (Mateus 17:23). Cléopas queria dizer: “Já passou um tempo considerável — e perdemos a esperança!”

Jesus respondeu: “Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?” (Lucas 24:25, 26). Eles precisavam entender que a cruz era uma parte indispensável do plano de Deus — que a morte de Cristo não anulava os propósitos divinos, mas, na verdade, os estabelecia.

³²Uma possível localização de Emaús está anotada no mapa à página 35 — mas é apenas um palpite.

³³Poderia ser o filho ou um amigo de Cleopas, ou até sua esposa. No texto original, quando Jesus diz mais adiante “néscios”, o termo não se refere precisamente a dois “homens”.

³⁴Veja mais sobre esse episódio em “O Caminho para Emaús”, em “Conheça o Mestre, 2”, *A Verdade para Hoje*, pp. 42ss.

³⁵Veja mais sobre o motivo de não reconhecerem Jesus na edição “Conheça o Mestre, 2” *A Verdade para Hoje*, pp. 44, 50.

³⁶Naquela conjuntura, “redimir Israel” significava para eles resgatar a nação da opressão romana. Apesar desse mal entendido, as palavras de Cleopas expressavam a esperança de que Jesus era o Messias tão esperado — uma esperança desbotada pela crucificação.



*Eles precisavam entender
que a cruz era uma parte
indispensável do plano de Deus
— que a morte de Cristo não
anulava os propósitos divinos,
mas, na verdade, os estabelecia.*



“E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (v. 27). Jesus conduziu Cleopas e seu companheiro a um estudo sistemático pelo Antigo Testamento. Certamente Ele citou muitas das mais de trezentas profecias que prediziam o Messias. Mais tarde, os dois disseram: “Porventura não nos ardia o coração, quando Ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras?” (v. 32).

Era quase noite quando chegaram a Emaús (v. 29). Cleopas e seu amigo convidaram o viajante para se hospedar com eles (vv. 28, 29). Sentados à mesa, Cristo deu graças pelo alimento (v. 30). Nisto, “se lhes abriram os olhos, e O reconheceram” (v. 31a). Aquilo que antes os impedira de reconhecer o Mestre³⁷ foi finalmente removido. Posteriormente, os dois contaram que Jesus foi “por eles reconhecido no partir do pão” (v. 35b). Talvez a maneira peculiar de Jesus orar tenha acionado a memória deles³⁸. Agora, reconheciam que o viajante era o Senhor ressurreto! Todavia, tão logo O reconheceram, “Ele desapareceu da presença deles” (v. 31b)!

Embora fosse tarde, voltaram apressadamente para Jerusalém (v. 33), a fim de relatar “o que lhes acontecera no caminho” (v. 35) aos onze³⁹ e aos demais que estavam com eles (Marcos 16:13a). Quando chegaram, estava em andamento uma vívida discussão. Alguns diziam: “O Senhor ressuscitou e já apareceu a Simão!” (Lucas 24:34), mas outros estavam céticos. Quando Cleopas e seu companheiro relataram sua história, “também a estes dois eles

³⁷Veja os comentários anteriores sobre Lucas 24:16, 17 nesta página.

³⁸Veja várias possibilidades sobre por que eles reconheceram Jesus naquele momento em “Conheça o Mestre, 2”, pp. 47–50.

³⁹“Onze” é um termo geral relativo aos apóstolos. Como Matias não estava presente (João 20:24), não eram literalmente todos os onze.

não deram crédito” (Marcos 16:13)⁴⁰. Os discípulos do Senhor continuavam relutantes em crer (Marcos 16:14)⁴¹.

CONCLUSÃO

Deveria ser óbvio que os apóstolos não esperavam que Jesus ressuscitasse dos mortos e que encontrassem tanta dificuldade para se convencerem após Ele ter ressurgido. “Ainda assim, são esses homens que os judeus acusaram de inventar a história da ressurreição!”⁴² Thomas e Gundry comentaram:

A tristeza e o desânimo dos seguidores de Jesus, mesmo após receberem a notícia de que o túmulo estava vazio, mostra como era ridícula a explicação [dos judeus] de que eles inventaram tal história sobre a ressurreição de Jesus. A disposição mental deles era completamente contrária à possibilidade de fazerem tal coisa⁴³.

“A primeira grande tarefa do Senhor ressurreto foi convencer seus próprios discípulos de que Ele estava vivo de novo.”⁴⁴ Na próxima lição, veremos que Jesus apareceu várias vezes aos apóstolos coletivamente — eliminando, definitivamente, a relutância deles em crer.

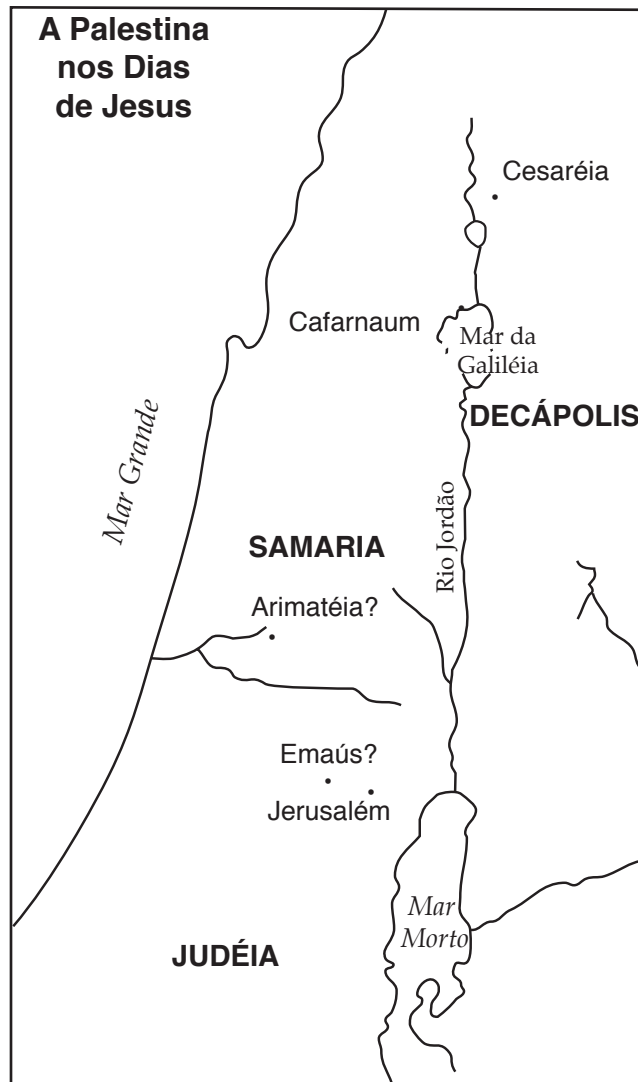
⁴⁰Nesta reconstrução dos fatos estamos conciliando Lucas 24:34 com Marcos 16:13, 14.

⁴¹Como veremos na próxima lição, quando Jesus apareceu aos apóstolos imediatamente após isto, eles pensaram que Ele fosse um espírito (Lucas 24:37).

⁴²McGarvey e Pendleton, p. 742.

⁴³Thomas e Gundry, p. 256.

⁴⁴H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 225.



Ó Corpo Ressurreto de Jesus

Muitos mistérios cercam a ressurreição. Um desses mistérios de relevância menor é o corpo ressurreto de Jesus.

Em primeiro lugar, temos de entender que havia *um corpo*. Os apóstolos quiseram que todos soubessem que o Senhor ressurreto não foi fruto de imaginação. Eles não tiveram um sonho ou uma visão. Não viram um espírito ou um fantasma. Após a ressurreição, Jesus teve um corpo que podia ser visto (João 20:14, 20; Atos 10:40). Ele teve um corpo de “carne e ossos” (Lucas 24:39), que andou na terra (Lucas 24:15) e foi tocado (Mateus 28:9; Lucas 24:39). Jesus teve um corpo que podia falar (Lucas 24:17) e ingerir alimento (Lucas 24:41–43; Atos 10:41). Ele teve um corpo que mantinha os ferimentos de Seu sofrimento na cruz (João 20:20, 25, 27).

Ao mesmo tempo, era um corpo *anormal*. Quando os discípulos estavam escondidos, a portas fechadas, Jesus apareceu de repente “no meio deles” (João 20:19, 26). Isto implica que o corpo de Jesus era capaz de atravessar madeira maciça!¹ Homer Hailey escreveu o seguinte:

A palavra *trancadas* [em João 20:19, 26] vem de *kleio*, “fechado, trancado, obstruído” (Arndt e Gingrich²). O uso comum do termo no Novo Testamento denota algo fechado e incapaz de ser aberto, conseqüentemente, trancado ou obstruído (veja Mateus 25:10; Lucas 11:7; Atos 21:30; Apocalipse 3:7, 8; 20:3; 21:25). O relato indica um aparecimento súbito de Jesus no aposento, embora Ele não tivesse entrado por nenhuma porta.³

No instante em que Cleopas e seu amigo reconheceram Jesus, Este “desapareceu da presença deles” (Lucas 24:31). John F. Carter escreveu: “Após a ressurreição, o corpo de Jesus possuía propriedades

e faculdades que não possuía ou exercia antes de Sua morte”⁴. Além dos exemplos citados, Carter incluiu “a maneira como Ele apareceu a indivíduos ou grupos por curtos intervalos, e permaneceu invisível possivelmente por dias antes de aparecer a outros”⁵.

Também é possível que o corpo de Jesus estivesse de certa forma diferente na aparência ou que Ele pudesse mudar de aparência quando isto servisse aos Seus propósitos⁶. Conforme diz Marcos 16:12, Jesus “manifestou-se em outra forma” ao dois homens no caminho de Emaús. Algumas traduções possuem “numa outra forma”. Certa versão inglesa diz que “ele não parecia o mesmo de antes”. A NTLH diz: “Jesus se apresentou com outra aparência”. Em qualquer caso, alguns que conheciam Jesus antes de Sua morte não O reconheceram inicialmente após Ele estar ressurreto (Lucas 24:16; João 20:14).

Carter concluiu que “nisto [no Seu corpo ressurreto] Ele não estava sujeito às limitações características dos homens e mulheres nesta vida — as quais, de fato, O caracterizaram antes de Sua morte”⁷. Robert Culver escreveu que “o corpo [de Jesus] foi transformado num corpo *escatológico*⁸, isto é, glorificado”⁹. A terminologia de Culver pode ser de Filipenses 3:21, que fala de “o corpo da Sua glória”. Carter estava convencido de que “as novas propriedades e faculdades [do corpo ressurreto de Cristo] são marcas indubitáveis do que Paulo chamou de um corpo espiritual (1 Coríntios 15:44)”¹⁰.

⁴John Franklin Carter, *A Layman's Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, p. 341.

⁵Ibid.

⁶Será que às vezes a divindade de Jesus “resplandecia” como durante a transfiguração?

⁷Carter, p. 341.

⁸“Escatologia” é o estudo (*logos*) das últimas (*escatos*) coisas (ou seja, o estudo do fim do mundo, o Julgamento, o céu e o inferno, e assim por diante). Um corpo “escatológico” é o tipo de corpo que receberemos “no fim”, quando Cristo voltar.

⁹Robert Duncan Culver, *The Life of Christ* (“A Vida de Cristo”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1976, p. 267.

¹⁰Carter, p. 341.

¹Alguns acreditam que Jesus apenas bateu à porta e alguém a abriu. Uma entrada assim tão comum raramente teria provocado a reação mencionada em Lucas 24:36, 37.

²A citação de Hailey é à obra de Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 2a. ed., rev. William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich. Chicago: University of Chicago Press, 1957.

³Homer Hailey, *That You May Believe: Studies in the Gospel of John* (“Para que creiais: estudos baseados no Evangelho de João”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1973, p. 145.

Pode haver uma relação próxima entre o corpo ressurreto de Jesus e os corpos espirituais que teremos após nossa ressurreição. Aqui está um resumo do ensino de Paulo sobre o corpo espiritual: quando formos ressuscitados dos mortos, não seremos espíritos encarnados, mas teremos novos corpos (veja 2 Coríntios 4:16—5:4)¹¹. Paulo descreveu o corpo pós-ressurreição em 1 Coríntios 15 (veja v. 35). O novo corpo “espiritual” estará, de certa forma, relacionado ao velho corpo “natural” (vv. 38–41). Usando a analogia de semear a semente, Paulo escreveu:

Pois assim também é a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção. Semeia-se em desonra, ressuscita em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder. Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual (1 Coríntios 15:42–44).

Quando Cristo voltar, nossos corpos serão “transformados”, estejamos mortos ou ainda vivos (vv. 51–54). Será aí, então, que você e eu receberemos *nossos* corpos ressurretos.

¹¹Não sabemos a diferença entre um espírito e um corpo espiritual, mas tudo indica que nossos espíritos precisam ser “revestidos” de corpos para funcionarem plenamente e cumprirem seu destino eterno.

É possível traçar paralelos entre os corpos espirituais que receberemos e o corpo ressurreto de Jesus — mas uma diferença aparente deve ser observada. Jesus enfatizou que Seu corpo ressurreto continha “carne e ossos” (Lucas 24:39), enquanto Paulo escreveu que “carne e sangue não herdarão o reino de Deus” (ou seja, entrarão no céu) (1 Coríntios 15:50). Talvez Jesus tenha usado as palavras “carne e ossos” num sentido pejorativo significando simplesmente “corpo”¹². Outra possibilidade é que o corpo usado por Cristo nos quarenta dias tenha sido uma versão adaptada do Seu derradeiro corpo glorificado — adaptado para que Ele Se relacionasse com os discípulos na terra enquanto preparava-os para Sua ascensão ao céu. Nesse caso, as mudanças finais e completas para Seu corpo glorificado devem ter ocorrido assim que Ele foi assunto ao Pai¹³.

Diante disto, o que sabemos seguramente sobre o corpo ressurreto de Jesus? Sabemos que ele era um corpo *anormal*, mas era um corpo *real*. Sabemos, pela fé, que Ele realmente ressuscitou dos mortos. E isto é o que importa.

¹²Lucas 24:39 foi assim parafraseado na Bíblia Viva: “.... não sou um espírito! Pois espíritos não têm corpo, como estão vendo que eu tenho”.

¹³Veja mais sobre a ascensão na edição “A Vida de Cristo — Parte 14”.

O Que a Ressurreição Declara

A morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus constituem o tripé da nossa fé e da nossa relação com Deus (1 Coríntios 15:1–4). No primeiro dia de cada semana, quando nos reunimos ao redor da mesa do Senhor¹, celebramos a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo. Por ora, concentremos nossos pensamentos no terceiro elemento desse tripé: a ressurreição. Vamos responder a perguntas do tipo: “Qual é a importância da ressurreição?” e “O que esse grande acontecimento declara?” Aqui estão algumas das mensagens básicas transmitidas pelo milagre da ressurreição de Jesus Cristo.

JESUS É O FILHO DE DEUS

Primeiramente, a ressurreição declara a divindade de Jesus. Em Romanos 1:4, Paulo falou daquele que “foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor”.

Entre as primeiras pessoas que foram ao túmulo na manhã da ressurreição estavam as mulheres que queriam terminar de ungir o corpo de Cristo. Maria Madalena, ao que parece, vendo o túmulo vazio, deixou as outras mulheres e saiu em busca de Pedro e João. Assim que ouviram Maria relatar seus temores a respeito do corpo de Jesus, os dois apóstolos correram até o sepulcro para averiguar. Mais tarde, João disse que, quando olhou para dentro do sepulcro, ele creu. Antes, ele teve de entrar no jardim com Pedro, sem saber em que acreditar. Daí ele viu o que havia no túmulo. Eis aqui o relato de João:

Então, Simão Pedro, seguindo-o, chegou e entrou no sepulcro. Ele também viu os lençóis, e o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus, e que não estava com os lençóis, mas deixado num lugar à parte. Então, entrou também o outro

discípulo [isto é, João²], que chegara primeiro ao sepulcro, e viu³, e creu (João 20:6–8).

O que João viu que gerou tanta fé? Ele viu “os lençóis, e o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus... deixado num lugar à parte”. Se alguém tivesse retirado o corpo de Jesus⁴ às pressas, não teria tempo para desenrolar os lençóis e deixar o lenço da cabeça perfeitamente separado. O que João viu era incoerente com o raciocínio humano, mas não com a intervenção divina. A cena era coerente com a ressurreição que Jesus havia predito (Mateus 16:21; 17:23; 20:19; Marcos 8:31; 9:31; 10:34; Lucas 9:22; João 2:19).

Se você e eu dedicarmos tempo para analisar cuidadosamente as evidências, veremos a fé ser gerada dentro de nós como aconteceu a João. Há inúmeras razões para crer que Jesus ressuscitou dos mortos. Por exemplo, temos os relatos de centenas de testemunhas confiáveis que viram Jesus vivo após Sua ressurreição (1 Coríntios 15:4–8).

Uma das provas é a mudança que ocorreu nos discípulos de Jesus. Ninguém ficaria impressionado com a conduta dos seguidores de Cristo durante Sua prisão e julgamento. Eles foram qualquer coisa menos que corajosos. Ou fugiram para salvar a própria pele ou para tentar ficar longe do perigo. Pedro até negou conhecer Jesus. Após a ressurreição, porém, esses mesmos homens pregaram Jesus abertamente e com intrepidez. A convicção deles ressoa por todas as páginas do Novo Testamento.

Do que tinham tanta certeza? De que Jesus estava *vivo*. Essa certeza mudou as vidas dos apóstolos. A fé deles não pôde ser abalada — mesmo quando presos, açoitados, apedrejados e mortos. Indivíduos fracos, volúveis, sem fé passaram a ser as pessoas mais dinâmicas que o mundo já viu. O ensino deles

¹Quando Jesus instituiu o memorial da ceia, Ele enfatizou que ela proclamava a Sua morte (1 Coríntios 11:23–26), mas há também uma relação intrínseca entre a ceia e a ressurreição. Tendo Jesus ressuscitado no primeiro dia da semana (Mateus 28:1–6), a igreja se reúne no primeiro dia — especificamente com o propósito de comer a ceia do Senhor (Atos 20:7; veja também 1 Coríntios 16:1, 2).

²O discípulo que acompanhava Pedro é descrito como “o discípulo a quem Jesus amava” (João 20:2), o que a maioria acredita ser uma referência de João a si mesmo (veja também João 13:23; 19:26; 21:7, 20).

³A palavra traduzida por “viu” indica mais do que mera observação; indica *compreensão*.

⁴Alguns comentaristas alegam isso. Leia João 20:2 e Mateus 28:11–15.

deixou o Império Romano perplexo, até titubear e cair. A mudança nesses homens não pode ser explicada sem incluir o fato da ressurreição de Jesus. Eles viram o Senhor ressurreto e isto mudou suas vidas para sempre.

A ressurreição provou há muito tempo que Jesus é o Filho de Deus e ainda declara essa grandiosa verdade hoje.

O SACRIFÍCIO DE JESUS FOI ACEITO

A ressurreição declara que Deus aceitou o sacrifício de Jesus na cruz. O cristianismo se concentra na cruz. Somos reconciliados com “Deus por intermédio da cruz” (Efésios 2:16). Através do sacrifício de Jesus, a justiça de Deus foi cumprida⁵ e temos esperança de vida eterna. Por isso Paulo disse: “Porque decidi nada saber... senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1 Coríntios 2:2). Quando nos reunimos em volta da mesa do Senhor a cada primeiro dia da semana, nosso objetivo é “anunciar a morte do Senhor” (1 Coríntios 11:26).

Entretanto, se Jesus não tivesse ressuscitado dos mortos, não teríamos certeza se a cruz cumpriu ou não seu propósito. A ressurreição declara que Deus verdadeiramente aceitou o sacrifício de Jesus por nossos pecados. Neste sentido, somos salvos não somente pela morte de Jesus, mas também por Sua ressurreição. Sendo assim, Paulo falou de Jesus como Aquele que “foi entregue por causa das nossas transgressões e *ressuscitou* por causa da nossa *justificação*” (Romanos 4:25; grifo meu).

PODEMOS SER SALVOS

Um resultado maravilhoso de Deus ter aceito o sacrifício de Jesus é que você e eu podemos ser salvos! A ressurreição declara que podemos ressuscitar da morte no pecado para uma novidade de vida.

Jesus certa vez usou uma cura *física* para provar que Ele tinha poder para curar *espiritualmente* (veja Mateus 9:6). Semelhantemente, a Bíblia destaca a relação entre a ressurreição *corpórea* de Jesus e a nossa ressurreição *espiritual* para uma nova vida. Paulo escreveu aos cristãos de Roma:

Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. Porque, se fomos unidos com ele na semelhança

⁵Uma das maneiras da Bíblia indicar isto é com a palavra “propiciação” (1 João 2:2; 4:10). Veja uma explicação dessa palavra no artigo “Por que Jesus teve de morrer numa cruz?”, na página 13.

da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição, sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído... (Romanos 6:4–6).

Quando Paulo escreveu aos Efésios, ele resumiu essa conversão nas seguintes palavras: “estando nós mortos em nossos delitos, [Deus] nos deu vida juntamente *com Cristo*” (Efésios 2:5; grifo meu). As bênçãos divinas são “segundo a eficácia da força do seu poder; o qual exerceu ele em Cristo, *ressuscitando-o dentre os mortos*” (Efésios 1:19b, 20a; grifo meu).

TEMOS UM SALVADOR VIVO

Salvos de nossos pecados, precisamos fazer nossa parte vivendo a vida cristã. A ressurreição declara que temos um Salvador “para interceder” por nós (Hebreus 7:25). Nossa submissão não é a uma lei obsoleta, mas a uma Pessoa viva.

Jesus prometeu estar conosco sempre (Mateus 28:20). Ele garantiu que sempre que nos reunirmos, Ele estará ali (Mateus 18:20). O Livro de Hebreus conta que Ele é o nosso “misericordioso e fiel sumo sacerdote”, capaz de “compadecer-Se das nossas fraquezas” e que vem em nosso auxílio quando somos tentados (2:17; 4:15; 2:18). Por intermédio de Jesus, recebemos “misericórdia” e achamos “graça para socorro em ocasião oportuna” (Hebreus 4:16).

Além de sermos reconciliados com Deus pela morte de Jesus, também somos “salvos pela Sua vida” (Romanos 5:10). Graças a Deus por um Salvador vivo e cuidadoso!

UM DIA SEPARADO

A ressurreição também declara que foi separado um dia para um propósito especial. Não estamos falando de um ou dois dias do ano para uma celebração cristã diferenciada (veja Gálatas 4:10); nem temos em mente o sétimo dia da semana (o sábado), que era reservado no Antigo Testamento (Êxodo 20:8–11; Deuteronômio 5:12–15).

Estamos nos referindo ao primeiro dia da semana, o dia que hoje chamamos de “domingo”. No primeiro dia da semana, a igreja primitiva se reunia para adorar — para observar a ceia do Senhor (Atos 20:7) e para contribuir com seus ganhos (1 Coríntios 16:2). O apóstolo João chama o primeiro dia da semana de “dia do Senhor” (Apocalipse 1:10).

Por que o primeiro dia da semana era (e é) especial para os cristãos? Porque o Senhor *ressuscitou* no primeiro dia da semana. Marcos nos diz que “muito cedo, *no primeiro dia da semana*, ao despontar do sol, [as mulheres] foram ao túmulo” (Marcos 16:2; grifo

meu). Ali, um anjo lhes disse: "...buscais a Jesus, o Nazareno, que foi crucificado; ele ressuscitou, não está mais aqui; vede o lugar onde o tinham posto" (Marcos 16:6). Para os cristãos, o início de todo primeiro dia da semana é "a manhã da ressurreição".

NÓS TAMBÉM SEREMOS SALVOS

Chegamos agora a uma das mensagens mais empolgantes da ressurreição: ela declara que um dia nossos corpos também serão ressuscitados dos mortos! Muito tempo atrás, Jó perguntou: "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" (Jó 14:14). A resposta de Deus é: "Sim — porque Jesus ressuscitou!" Esta verdade é confirmada em 1 Coríntios 15:

Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem. Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo. Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda... O último inimigo a ser destruído é a morte (vv. 20–26).

Se tivermos "feito o bem", sairemos do túmulo "para a ressurreição da vida"; se tivermos "praticado o mal", sairemos "para a ressurreição do juízo" (João 5:29) — mas *todos* seremos ressuscitados. A morte já não será um muro, e sim uma porta. A ressurreição nos assegura que será assim!

DEUS CUMPRE A SUA PALAVRA

Uma outra mensagem deve ser destacada, uma verdade geral de que todos os seres humanos precisam saber: a ressurreição declara que Deus mantém a Sua palavra. Ele cumpre o que promete.

As predições de Jesus acerca de Sua ressurreição causaram um impacto aos Seus ouvintes, sobretudo Sua afirmação enigmática sobre o templo: "Jesus lhes respondeu: Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei. Ele, porém, Se referia ao santuário do Seu corpo" (João 2:19, 21). Quando Jesus estava sendo julgado perante Caifás, uma testemunha falsa citou essa predição (Mateus 26:61). Quando Jesus estava na cruz, os irreverentes gritaram: "Ó tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas! Salva-te a ti mesmo...!" (Mateus 27:40a)⁶.

Os inimigos de Jesus não acreditaram nessa predição; todavia, ela veio a concretizar-se. O corpo de Jesus — Seu templo terreno — morreu na cruz e, no terceiro dia, esse corpo ressuscitou dos mortos.

⁶Veja também a declaração do Sinédrio em Atos 6:14.

Quando o Senhor diz que determinada coisa é assim, ela é mesmo assim. Pode crer!

CONCLUSÃO

Alguns dizem que acreditam na ressurreição de Jesus — e uma vez por ano colocam uma ênfase maior nesse acontecimento. Ao mesmo tempo, negam as grandes verdades declaradas pela ressurreição:

- A ressurreição declara que Jesus é o Filho de Deus — mas muitos negam a divindade de Jesus.
- A ressurreição declara que a justiça de Deus foi cumprida — muitos, porém, negam a realidade do pecado e o fato de Deus ter de castigar o pecador.
- A ressurreição declara que podemos ser salvos, desde que nossa fé nos leve a sermos batizados na semelhança da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus (Gálatas 3:26, 27) — alguns, porém, negam a necessidade do batismo, enquanto outros se recusam a revestir-se de Jesus no batismo.
- A ressurreição declara que temos um Salvador vivo que intercede por nós — muitos, porém, ridicularizam a idéia de que Deus provê a cada um força para vivermos.
- A ressurreição declara que foi estabelecido um dia especial da semana para adorarmos, o primeiro dia — muitos, porém, limitam sua adoração a alguns dias do ano.
- A ressurreição declara que um dia seremos ressuscitados — muitos, porém, negam a ressurreição corpórea.
- A ressurreição declara que Deus cumpre Sua Palavra — muitos, porém, caçoam dos ensinamentos dessa Palavra.

Décadas atrás, toda a Inglaterra sensibilizou-se quando um incêndio devastou uma ala da Catedral de York, a maior igreja gótica inglesa. Essa antiga catedral atrai milhares de turistas anualmente. Tão trágico quanto o incêndio, ou talvez ainda mais trágico, foi o que aconteceu anos antes: nesse prédio exuberante, um homem com o pretensioso título de "Reverendo David Jenkins" foi ordenado "Bispo de Durham" — a despeito de ter declarado publicamente que não cria no nascimento virginal de Jesus nem que Ele realmente tivesse ressuscitado dos mortos!⁷

⁷Esta ilustração é uma adaptação de Dick Marcear, "It's Time to Take a Stand" ("Está na hora de tomar uma posição"), *Hilltop Reflections*, informativo da igreja de Cristo central em Amarillo, Texas, 13 de abril de 1986.

Você crê na ressurreição? Então anuncie a ressurreição! Viva a ressurreição!

Se você crê na ressurreição e precisa ser batizado, não hesite⁸. Assim como o poder de Deus desceu do alto e vivificou o corpo sem vida do Seu Filho, ressuscitando-O dos mortos, o poder e o amor de Deus podem lhe dar uma nova vida — desde que você esteja disposto a submeter-se à vontade dEle.

⁸Se quiser, cite passagens sobre a importância do batismo e a necessidade de sermos restaurados, se tivermos nos afastado do Senhor (Tiago 5:16; Atos 8:22).

Atribuição de Leitura nº. 43

Marcos 16:14;
Lucas 24:36–43;
João 20:19–31; 21:1–24;
Atos 1:3;
1 Coríntios 15:5

Marcos 16:14

¹⁴Finalmente, apareceu Jesus aos onze, quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, porque não deram crédito aos que o tinham visto já ressuscitado.

Lucas 24:36–43;

³⁶Falavam ainda estas coisas quando Jesus apareceu no meio deles e lhes disse: Paz seja convosco!

³⁷Eles, porém, surpresos e atemorizados, acreditavam estarem vendo um espírito.

³⁸Mas ele lhes disse: Por que estais perturbados? E por que sobem dúvidas ao vosso coração?

³⁹Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.

⁴⁰Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés.

⁴¹E, por não acreditarem eles ainda, por causa da alegria, e estando admirados, Jesus lhes disse: Tendes aqui alguma coisa que comer?

⁴²Então, lhe apresentaram um pedaço de peixe assado [e um favo de mel].

⁴³E ele comeu na presença deles.

João 20:19–31

¹⁹Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos com

medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco!

²⁰E, dizendo isto, lhes mostrou as mãos e o lado. Alegraram-se, portanto, os discípulos ao verem o Senhor.

²¹Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio.

²²E, havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo.

²³Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos.

²⁴Ora, Tomé, um dos doze, chamado Dídimos, não estava com eles quando veio Jesus.

²⁵Disseram-lhe, então, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele respondeu: Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o dedo, e não puser a mão no seu lado, de modo algum acreditarei.

²⁶Passados oito dias, estavam outra vez ali reunidos os seus discípulos, e Tomé, com eles. Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco!

²⁷E logo disse a Tomé: Põe aqui o dedo e vê as minhas mãos; chega também a mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente.

²⁸Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu!

²⁹Disse-lhe Jesus: Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram.

³⁰Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro.

³¹Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.

João 21:1–24

¹Depois disto, tornou Jesus a manifestar-se aos discípulos junto do mar de Tiberíades; e foi assim que ele se manifestou:

²estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimos, Natanael, que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu e mais dois dos seus discípulos.

³Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar. Disseram-lhe os

outros: Também nós vamos contigo. Saíram, e entraram no barco, e, naquela noite, nada apanharam.

⁴Mas, ao clarear da madrugada, estava Jesus na praia; todavia, os discípulos não reconheceram que era ele.

⁵Perguntou-lhes Jesus: Filhos, tendes aí alguma coisa de comer? Responderam-lhe: Não.

⁶Então, lhes disse: Lançai a rede à direita do barco e achareis. Assim fizeram e já não podiam puxar a rede, tão grande era a quantidade de peixes.

⁷Aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor! Simão Pedro, ouvindo que era o Senhor, cingiu-se com sua veste, porque se havia despido, e lançou-se ao mar;

⁸mas os outros discípulos vieram no barquinho puxando a rede com os peixes; porque não estavam distantes da terra senão quase duzentos côvados.

⁹Ao saltarem em terra, viram ali umas brasas e, em cima, peixes; e havia também pão.

¹⁰Disse-lhes Jesus: Trazei alguns dos peixes que acabastes de apanhar.

¹¹Simão Pedro entrou no barco e arrastou a rede para a terra, cheia de cento e cinqüenta e três grandes peixes; e, não obstante serem tantos, a rede não se rompeu.

¹²Disse-lhes Jesus: Vinde, comei. Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? Porque sabiam que era o Senhor.

¹³Veio Jesus, tomou o pão, e lhes deu, e, de igual modo, o peixe.

¹⁴E já era esta a terceira vez que Jesus se manifestava aos discípulos, depois de ressuscitado dentre os mortos.

¹⁵Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros? Ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Ele lhe disse: Apascenta os meus cordeiros.

¹⁶Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu me amas? Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Pastoreia as minhas ovelhas.

¹⁷Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu me amas? Pedro entristeceu-se por ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu me amas? E respondeu-lhe: Senhor, tu

sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas.

¹⁸Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres.

¹⁹Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus. Depois de assim falar, acrescentou-lhe: Segue-me.

²⁰Então, Pedro, voltando-se, viu que também o ia seguindo o discípulo a quem Jesus amava, o qual na ceia se reclinara sobre o peito de Jesus e perguntara: Senhor, quem é o traidor?

²¹Vendo-o, pois, Pedro perguntou a Jesus: E quanto a este?

²²Respondeu-lhe Jesus: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me.

²³Então, se tornou corrente entre os irmãos o dito de que aquele discípulo não morreria. Ora, Jesus não dissera que tal discípulo não morreria, mas: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa?

²⁴Este é o discípulo que dá testemunho a respeito destas coisas e que as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro.

Atos 1:3

³A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus.

1 Coríntios 15:5

⁵E apareceu a Cefas e, depois, aos doze.

“O Que
Será
Preciso
Para
Você se
Convencer?”

Leitura Bíblica 43

VIII. A RESSURREIÇÃO, OS APARECIMENTOS E A ASCENSÃO DE JESUS (continuação).

- A. Domingo: o dia da ressurreição de Jesus (continuação).
7. O quinto aparecimento¹: aos apóstolos (excluindo Tomé) (Marcos 16:14; Lucas 24:36–43; João 20:19–25).
- B. Quarenta dias (veja Atos 1:3).
1. O sexto aparecimento: aos apóstolos (incluindo Tomé) na Judéia uma semana depois (João 20:26–31; 1 Coríntios 15:5).
 2. O sétimo aparecimento: a pelo menos sete discípulos na Galiléia, no decorrer de quarenta dias (João 21:1–24).

INTRODUÇÃO

Na introdução de Lucas a Atos, ele escreveu sobre “os apóstolos que [Cristo] escolhera” (Atos 1:2). Depois, ele disse que “a estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias² e falando das coisas concernentes ao reino de Deus” (Atos 1:3). Por que quarenta dias? O Senhor tinha mais ensino e desafios que Ele queria passar aos apóstolos antes de Sua ascensão. Mais importante do que isso, Ele quis dispor do tempo necessário para convencer Seus apóstolos de que Ele realmente estava vivo de novo. Jesus não queria deixar nenhuma dúvida a esse respeito nas mentes desses homens.

Durante os derradeiros quarenta dias, Jesus certamente apareceu muitas vezes aos Seus seguidores. Dez desses aparecimentos foram registrados e cinco deles estão relacionados ao dia em que Ele ressuscitou. Já comentamos quatro desses cinco casos: a Maria Madalena, às outras mulheres, a Pedro e aos dois homens a caminho de Emaús. Nesta li-

ção³, estudaremos o quinto aparecimento de Jesus no domingo da ressurreição e também os dois aparecimentos seguintes. Esses três aparecimentos que estamos prestes a analisar beneficiaram, sobretudo, os apóstolos. Cristo estava fornecendo “provas incontestáveis” de Sua ressurreição. O que convenceu os onze de que Jesus estava vivo? O que convencerá as pessoas hoje?

O QUE FOI PRECISO PARA CONVENCER DEZ APÓSTOLOS (MARCOS 16:14; LUCAS 24:36–43; JOÃO 20:19–25)

Jesus prosseguiu gradativamente provando aos Seus apóstolos que Ele havia ressuscitado dos mortos. Primeiramente, chegou a notícia de que anjos anunciaram a Sua ressurreição. Depois, outros disseram ter visto o Senhor ressurreto; mesmo assim, os apóstolos relutavam em crer. Finalmente, chegou a hora de Cristo aparecer pessoalmente a eles a fim de eliminar todas as dúvidas.

Os Apóstolos Foram Convencidos

João informa: “ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana” (João 20:19a). Conforme a contagem de dia judaica (de pôr-do-sol a pôr-do-sol), era o segundo dia da semana; mas, como já vimos, João usou

¹Em relação a este aparecimento ter ocorrido no domingo, veja os comentários sobre João 20:19 mais adiante neste estudo.

²A festa da Páscoa era cinqüenta dias antes da festa do Pentecostes. Jesus esteve com Seus discípulos quarenta dias após a Páscoa e depois subiu ao Pai; os apóstolos tiveram de esperar mais dez dias até o Pentecostes.

³Esta é a primeira parte de uma lição em duas seções. A segunda parte virá na próxima edição desta série.

o horário romano (de meia-noite a meia-noite)⁴. Era evidentemente importante para João incluir o aparecimento aos apóstolos entre os eventos sucedidos no primeiro dia da semana, o dia da ressurreição de Jesus⁵.

Não temos certeza onde os apóstolos estavam hospedados⁶; mas, onde quer que fosse, estavam a portas fechadas e trancadas “com medo dos judeus” (João 20:19b). Outros discípulos estavam com eles (veja Lucas 24:33, 36), mas os próprios apóstolos eram a principal preocupação de Jesus (veja Marcos 16:14). Os onze estavam presentes naquela noite como um grupo (Marcos 16:14) — todos exceto Tomé (João 20:24).

Os apóstolos “estavam à mesa” (Marcos 16:14a)⁷. Provavelmente já começavam a jantar (veja Lucas 24:41, 42), quando Cléopas e seu amigo chegaram, cheios de entusiasmo, relatando terem visto Jesus na estrada para Emaús (Marcos 16:12, 13; Lucas 24:33–35).

Alguns ali presentes acreditaram nos relatos dos dois discípulos que viram Jesus (Lucas 24:34), enquanto outros não (Marcos 16:13)⁸. Uma discussão acalorada devia estar a todo vapor quando — de repente — “Jesus apareceu no meio deles e lhes disse: Paz seja convosco!” (Lucas 24:36; João 20:19c).

Os apóstolos, “surpresos e atemorizados, acreditavam estarem vendo um espírito” (Lucas 24:37)⁹. Entristecido com a relutância deles em crer, Jesus “censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, porque não deram crédito aos que O tinham visto já ressuscitado” (Marcos 16:14b). Os apóstolos ouviram o testemunho de pelo menos dois homens e talvez de meia dúzia de mulheres; não lhes fal-

taram evidências. Jesus perguntou: “Por que estais perturbados? E por que sobem dúvidas ao vosso coração?” (Lucas 24:38).

Jesus estava ali para dirimir aquelas dúvidas. Ele disse: “Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho” (v. 39). A seguir, “mostrou-lhes as mãos e os pés” (v. 40), que carregavam as marcas dos pregos romanos (veja João 20:25, 27). Ele também “lhes mostrou... o lado” (João 20:20a) com o ferimento profundo (veja João 20:25, 27).

“Alegraram-se, portanto, os discípulos” (João 20:20b) — mas a luta interior continuava, pois Jesus estar vivo parecia bom demais para ser verdade. Lucas explicou isto nos seguintes termos: “por não acreditarem eles ainda, por causa da alegria” (Lucas 24:41a). Numa prova decisiva de que era realmente Ele e não uma aparição, Jesus indagou: “Tendes aqui alguma coisa que comer?” (v. 41b). “Então, lhe apresentaram um pedaço de peixe assado [e um favo de mel]. E ele comeu na presença deles” (vv. 42, 43).

Essa foi a última evidência de que precisavam. Jesus tornou a dizer: “Paz seja convosco!” (João 20:21a). E a paz encheu os corações dos apóstolos; o Senhor estava vivo (veja João 20:25a)!

Os Apóstolos Foram Comissionados

Jesus ensinaria aos apóstolos muitas coisas nos próximos quarenta dias (veja Atos 13), mas o mais importante seria o que costumamos chamar de a grande comissão (Mateus 28:19, 20; Marcos 16:15, 16). Após convencer os apóstolos de que estava vivo, as próximas palavras de Cristo ao grupo precederam a propagação e a execução dessa comissão.

Jesus falou do *procedimento* a ser seguido no cumprimento da comissão: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (João 20:21b)¹⁰. A palavra “apóstolos” significa “enviado”. Os detalhes do “envio” desses homens seria fornecido mais tarde (Mateus 28:18–20; Marcos 16:15, 16).

Jesus também falou do *poder* que receberiam para executar a comissão: “E, havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo” (João 20:22). O sopro de Cristo sobre os apóstolos não os encheu do Espírito naquele momento. O Espírito Santo seria dado no futuro (veja Lucas 24:49; João 7:39; Atos 1:4, 5, 8; 2:4). Naquele instante, o gesto era uma demonstração visual que antecipava o derramamento do Espírito que ocorreria semanas

⁴Veja a página 33 de “A Vida de Cristo — Parte 12”. De fato, a própria passagem João 20:19 é uma das provas mais fortes de que João utilizou a contagem romana. No capítulo 19, João registrou a história do túmulo vazio e o aparecimento a Maria Madalena — e depois falou do aparecimento aos apóstolos. O aparecimento aos apóstolos só poderia ter acontecido no “cair da tarde... o primeiro dia da semana” se João estivesse utilizando a contagem romana.

⁵É quase certo que Jesus ressuscitou entre meia-noite e o nascer-do-sol, por isso era “o primeiro dia da semana” tanto no horário judaico como no romano.

⁶Pensam alguns que eles estavam no cenáculo, o salão onde Jesus comeu a Páscoa com eles.

⁷Marcos 16:14–19 condensa vários acontecimentos: o primeiro aparecimento de Cristo ressurreto aos apóstolos, a grande comissão e a ascensão. Com base no relato de Marcos, poderia parecer que esses três eventos ocorreram numa rápida sucessão; entretanto, sabemos por meio dos outros relatos do evangelho que os três eventos ocorreram no decorrer de um período maior de tempo.

⁸Veja a exposição na página 32 desta edição.

⁹Compare com Mateus 14:26 e Atos 12:15. Em fases de estresse, velhas superstições podem vir à tona.

¹⁰Veja João 17:18, que antecedeu esse momento.

depois¹¹. No dia de Pentecostes, uma festa judaica, os apóstolos seriam batizados com o Espírito Santo, que lhes daria poder para levarem o evangelho ao mundo¹².

E Jesus falou do *propósito* para o qual a comissão seria dada. Ele disse: “Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos” (João 20:23)¹³. Isto não significava que os apóstolos podiam decidir arbitrariamente perdoar alguns e não perdoar outros. O Senhor estava Se referindo ao perdão de pecados que seria destacado no ensino inspirado dos apóstolos. Aqueles que aceitassem esse ensino seriam perdoados, e os que o rejeitassem não seriam perdoados (Atos 2:36–38, 41,47).

Os Apóstolos Foram Desafiados

Como já mencionamos antes, “Tomé, um dos doze, chamado Dídimos¹⁴, não estava com eles quando veio Jesus” (João 20:24). Quando o apóstolo ausente voltou, os outros lhe disseram: “Vimos o Senhor” (v. 25a). Tomé porém permaneceu cético: “Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o dedo, e não puser a mão no seu lado, de modo algum acreditarei” (v. 25b).

O QUE FOI PRECISO PARA CONVENCER UM APÓSTOLO (JOÃO 20:26–31; 1 CORÍNTIOS 15:5b)

Passou-se uma semana. Os apóstolos foram instruídos a ir para a Galiléia (Mateus 28:10), mas demoraram ir embora. Enquanto Tomé não cresse, não estavam prontos para ir — pois seus corações não estavam unidos numa só fé¹⁵. Não sabemos por que o Senhor esperou uma semana para reaparecer. Talvez Ele quisesse que os discípulos refletissem em tudo o que viram.

¹¹Isto certamente foi mais óbvio para os apóstolos do que é para nós, pois a palavra grega traduzida por “Espírito” (*pneuma*) pode significar “sopro”.

¹²Veja as páginas 38 a 40 da edição “A Vida de Cristo — Parte 11” para recapitular o que o Espírito Santo faria por eles.

¹³A linguagem de João 20:23 é semelhante à de Mateus 16:19 e 18:18, onde a “ligação” ocorre *primeiramente* no céu e *depois* na terra. (Veja os comentários sobre esses versículos na página 48 de “A Vida de Cristo — Parte 6”.)

¹⁴Ambas as raízes desse nome, no hebraico Tomé e no grego Dídimos, significam “os gêmeos”. Tomé provavelmente tinha um irmão ou irmã gêmea.

¹⁵Em Sua oração de João 17, Jesus enfocou a necessidade de haver unidade (vv. 22, 23). A oração foi para todos os crentes; mas, naturalmente, incluiu os apóstolos.

“Ver é crer”

Finalmente, “passados oito dias¹⁶, estavam outra vez ali reunidos [no local onde estavam hospedados] os seus discípulos, e Tomé, com eles” (João 20:26a), quando Jesus apareceu-lhes uma segunda vez (veja 1 Coríntios 15:5b). O cenário era o mesmo da semana anterior (as portas estavam fechadas) e a saudação do Senhor foi a mesma: “Paz seja convosco” (João 20:26b).

Esse aparecimento foi especificamente para Tomé. Cristo disse ao apóstolo duvidoso: “Põe aqui o dedo e vê as minhas mãos; chega também a mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente” (v. 27). A reação de Tomé foi “imediate, abrangente e verdadeiramente magnífica; ele foi o primeiro... a confessar a divindade de Cristo em termos completamente inequívocos”¹⁷: “Senhor meu e Deus meu!”¹⁸ (João 20:28). J. W. McGarvey escreveu:

Deve-se dizer em favor de Tomé que, se foi ele quem teve mais dúvidas, em contrapartida, a sua confissão foi a mais completa. Ele teve mais dúvidas quanto à ressurreição porque ela significava mais para ele; ela significava que Jesus era ninguém menos que o próprio Deus.¹⁹

“Crer é ver”

Cristo disse a Tomé: “Porque me viste, creste?” (João 20:29a). A repreensão dirigia-se a Tomé, mas ela pretendia atingir todos os apóstolos (veja Marcos 16:14). *Nenhum* deles havia crido enquanto não O viu.

O Senhor então acrescentou: “Bem-aventurados os que não viram e creram” (João 20:29b). Com essas palavras, Jesus pronunciou uma bênção aos que ha-

¹⁶A NVI diz “uma semana mais tarde”. Segundo a forma como João calculou o tempo, aquele era o primeiro dia da semana seguinte. Alguns especulam que o propósito de Jesus era inculcar nos apóstolos a importância do primeiro dia — o que basicamente seria um substituto do sétimo dia da velha aliança como um dia dedicado a Deus.

¹⁷Robert Duncan Culver, *The Life of Christ* (“A Vida de Cristo”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1976, p. 277. As confissões de Pedro e de Marta implicavam a divindade de Cristo (Mateus 16:16; João 11:27), mas a de Tomé foi explícita.

¹⁸Algumas seitas negam a divindade de Jesus, alegando que Ele era “um deus”, e não “o Deus”. Na língua original, Tomé referiu-se a Jesus como “o meu Deus”. Se Jesus não fosse “o Deus”, Ele teria compreendido Tomé. Ao contrário disso, Ele o elogiou.

¹⁹J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 754.

viam crido em Sua ressurreição mesmo antes de O verem²⁰. Está implícita também uma bênção àqueles dentre nós que não viram o Senhor ressurreto com os olhos físicos e, mesmo assim, creram nEle. Pedro, que ouvia Cristo dizer essas palavras, escreveu mais tarde: “a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória” (1 Pedro 1:8).

Temos um velho adágio que diz: “Ver é crer”. Num sentido, o inverso também é verdadeiro: “Crer é ver”. Quando cremos no Senhor, nós “vemos” (compreendemos) a vida de uma forma diferente; nós “vemos” (entendemos) no que consiste a vida. Então podemos “exultar com alegria indizível e cheia de glória”.



*Bem-aventurados os
que não viram Jesus com
os olhos físicos e creram n'Ele
por causa do testemunho
inspirado registrado no
Novo Testamento.*



Se não podemos ver Jesus com nossos olhos físicos, como podemos crer? João respondeu essa pergunta num comentário inspirado. Ele começou dizendo: “Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro [isto é, no livro de João]” (João 20:30; veja 21:25). A verdade dessa afirmação se evidencia quando observamos que vários “outros sinais” não mencionados por João constam nos relatos de Mateus, Marcos e Lucas.

João continuou: “Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (João 20:31)²¹. Conforme João, o registro es-

²⁰Incluem-se nesse total as mulheres que foram ao túmulo. Elas creram na mensagem do anjo sobre a ressurreição de Jesus (Mateus 28:5-8; Lucas 24:22, 23), mesmo antes que Ele aparecesse a elas (Mateus 28:9, 10).

²¹Visto que João 20:30 e 31 seria uma boa conclusão para o livro de João, muitos sugerem que João de fato encerrou ali e que o capítulo 21 foi acrescentado posteriormente, talvez por João ou por outro. Entretanto, todas as provas em manuscritos indicam que João 21 fazia parte do manuscrito original desde sua transcrição. João 20:30 e 31 poderia ser comparado com os *aparentes* encerramentos de Paulo (veja,

crito da vida de Jesus é suficiente para gerar a fé que salva. Anteriormente, Cristo falou dos que creiam nEle por intermédio do ensino dos apóstolos (João 17:20). Paulo escreveu mais tarde: “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Romanos 10:17). Bem-aventurados os que não viram Jesus com os olhos físicos e creram nEle por causa do testemunho inspirado registrado no Novo Testamento!

**O QUE FOI PRECISO PARA CONVENCER
SETE DISCÍPULOS (JOÃO 21:1-24)**

A cena agora muda da Judéia para a Galiléia. Jesus dissera aos discípulos que Ele os encontraria na Galiléia (Mateus 26:32; 28:7). “Tornou Jesus a manifestar-se aos discípulos” — pela “terceira vez”²² — “no mar de Tiberíades” (João 21:1, 14), outro nome para o mar da Galiléia (João 6:1)²³. Não sabemos exatamente quando ocorreu esse incidente. João 6:1 diz apenas que ele aconteceu “depois destas coisas” — ou seja, após os dois aparecimentos dos apóstolos na Judéia. Isto aconteceu em algum momento dentro dos quarenta dias.

Alguns Apóstolos Foram Lembrados

Sete discípulos estavam juntos no mar da Galiléia: “Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galiléia²⁴, os filhos de Zebedeu [Tiago e João] e mais dois...” (João 21:2)²⁵. Aquele era um lugar familiar aos apóstolos; muitos episódios memoráveis da vida de Jesus haviam se passado às margens daquelas águas²⁶. Era um lugar especialmente familiar a Pedro, Tiago e João, que ali pescavam antes de se tornarem discípulos de Jesus

por exemplo, Filipenses 3:1 e 4:8). João 20:30 e 31 está onde está como uma aplicação propícia das palavras de Jesus em João 20:29.

²²Era o terceiro aparecimento aos apóstolos *coletivamente*; obviamente, Jesus também apareceu a outros indivíduos e a grupos menores.

²³Veja o artigo “O Mar da Galiléia” na página 15 da edição “A Vida de Cristo — Parte 3”.

²⁴Natanael foi um dos primeiros discípulos de Jesus (veja João 1:43-51). Sugerem alguns que “Natanael” era outro nome para Bartolomeu, um dos doze apóstolos (veja a página 42 da edição “A Vida de Cristo — Parte 2” e a página 31-32 de “A Vida de Cristo — Parte 3”). O fato de Natanael ser citado aqui com vários apóstolos fornece sustentação a essa teoria.

²⁵Considerando que João afirmou ser essa a terceira vez que Jesus aparecia aos discípulos (21:14), é possível que os outros apóstolos estivessem ali por perto e tivessem se juntado aos sete para o café da manhã.

²⁶Jesus pregara junto àquele mar; chamara vários de Seus seguidores à beira daquele mar; acalmara aquele mar e andara sobre as águas daquele mar.

em tempo integral (Mateus 4:18–22).

Talvez tivessem se passado vários minutos desde que os apóstolos chegaram ali. Pedro foi ficando cansado e disse: “Vou pescar” (João 21:3a). E os outros replicaram: “Também nós vamos contigo” (v. 3b). Alguns dizem aqui que eles estavam renunciando ao apostolado. Deviam estar confusos quanto aos futuros planos do Senhor para eles, mas não devemos concluir que eles viraram as costas para o compromisso assumido. Philip Pendleton escreveu:

A decisão de irem pescar não significava que estavam abandonando o apostolado; estavam simplesmente preenchendo o tempo, enquanto esperavam algo acontecer; mas voltando ao velho ofício, estavam se sujeitando a uma forte tentação [Lucas 9:62].²⁷

Os homens “saíram, e entraram no barco²⁸, e, naquela noite²⁹, nada apanharam” (João 21:3c). Como diria um pescador, até os melhores pescadores têm dias (ou noites) como aquele!

Pouco antes da alvorada, “estava Jesus na praia” (v. 4a); mas os discípulos, que estavam a uns cem metros³⁰ da praia (v. 8), não O reconheceram (v. 4b)³¹. Cristo gritou: “Filhos³², tendes aí alguma coisa de comer?” (v. 5a). Certamente ficaram desconcertados ao ter de responder: “Não” (v. 5b).

Jesus tornou a gritar: “Lançai a rede à direita do barco e achareis” (v. 6a). Talvez os pescadores pensassem que o Estranho na praia podia ver algo que eles não podiam, como uma ondulação na superfície da água sinalizando um grande cardume. De qualquer maneira, seguiram as instruções do Homem e a rede ficou carregada, “já não podiam puxar a rede, tão grande era a quantidade de peixes” (v. 6b). A rede abarrotou-se com os “cento e cinquenta e três

grandes peixes” (v. 11³³)

Enquanto os outros ficaram tomados de admiração³⁴, João pode ter se lembrado de um incidente semelhante ocorrido três anos antes: uma pesca miraculosa quando o Senhor o chamou, juntamente com outros três pescadores, para segui-LO em período integral (Lucas 5:1-11). Podemos ouvir a empolgação em sua voz ao dizer a Pedro: “É o Senhor!” (João 21:7a).

“Simão Pedro, ouvindo que era o Senhor, cingiu-se com sua veste, porque se havia despido³⁵” (v. 7b). Pedro havia se despido para pescar, mas agora ele se vestia novamente. Era mais difícil nadar vestido, mas ele queria demonstrar respeito por seu Mestre. Sem esperar o barco chegar até a praia, “lançou-se ao mar” (v. 7c) e nadou até Jesus. Os outros chegaram em seguida “no barquinho³⁶ puxando a rede com os peixes” (v. 8).

Quando chegaram à praia, depararam-se com “umas brasas e, em cima, peixes; e havia também pão”³⁷ (v. 9), providenciados por Jesus. O Senhor mandou adicionarem seus peixes aos que Ele já estava assando (vv. 10, 11). Quando tudo estava pronto, Ele disse: “Vinde, comei” (v. 12a) e Ele os serviu (v. 13). Todos viram que “era o Senhor” (v. 12b) e que Ele estava vivo!³⁸

Um Apóstolo Restaurado

Assim como Tomé foi o primeiro alvo de Jesus no aparecimento anterior aos apóstolos, Pedro foi o alvo neste aparecimento. Dentre todos os apóstolos,

³³A exatidão da quantidade é incomum (normalmente, são citados valores aproximados). Talvez João quisesse que soubéssemos que aquela não era mais uma “história de pescador”, mas que ele na verdade contou os peixes. O versículo 11 observa que a rede não se rompeu com a grande pesca. Isto é o oposto do que aconteceu com as redes na pesca miraculosa ocorrida antes (Lucas 5:6); talvez o fato da rede não se romper deva ser entendido como parte do milagre.

³⁴Num incidente semelhante ocorrido antes, os pescadores ficaram admirados com a pesca miraculosa (Lucas 5:9).

³⁵O texto grego diz “despido”, mas como geralmente é o caso, entende-se isto por “vestido insuficientemente”. Pedro devia estar com a túnica, mas não considerou que fosse um traje suficiente para receber o Senhor.

³⁶O “barquinho” poderia ser o barco em que estiveram pescando, mas alguns escritores acreditam que eles rebocaram um barco menor como os botes acoplados a barcos grandes.

³⁷O texto não revela onde Jesus conseguiu os peixes e o pão.

³⁸O versículo 12 diz que “nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu?” O próprio contexto implica que era *desnecessário* fazê-lo porque a resposta era óbvia. Há quem especule que os apóstolos não o fizeram por medo de uma repreensão como a de João 14:9.

²⁷McGarvey e Pendleton, p. 755.

²⁸De quem era esse barco? Podem ter alugado um. Um palpite é que estavam no local onde os familiares dos pescadores ainda mantinham o equipamento de pesca e que emprestaram o barco da família de Pedro e André ou da família de Tiago e João.

²⁹As pescarias no mar da Galiléia normalmente eram feitas à noite. (Veja Lucas 5:5 e a página 12 da edição “A Vida de Cristo — Parte 3”.)

³⁰O original diz “duzentos côvados”; um côvado equivalia a 45 a 50 centímetros, a distância entre o cotovelo e o dedo médio.

³¹Mais uma vez, Seus discípulos não O reconheceram. Aqui estão possíveis fatores: Ele estava longe deles; não O esperavam; e ainda estava um pouco escuro.

³²A palavra grega usada aqui equivale a “meninos”, e não a “filhos”. A edição inglesa da NVI optou por “amigos”.

Pedro certamente era o mais inseguro quanto ao futuro. Talvez ele pensasse: “Será que o Senhor vai me perdoar por negá-IO? Será que Ele ainda tem algum lugar para mim em Seus planos?” Após o café da manhã na praia (v. 15a), Jesus parece ter chamado o apóstolo à parte do grupo³⁹. O que sucedeu a seguir foi uma cena imbuída de emoção.

Inicialmente, o Senhor perguntou: “Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros?” (v. 15b). Acreditam alguns que “estes outros” refira-se aos outros discípulos; afinal, Pedro se declarou mais fiel que os outros (Mateus 26:33). Outros pensam que o termo se refere aos peixes e ao equipamento de pesca; talvez Cristo tenha percebido que, diante do desânimo, Pedro ponderou a possibilidade de voltar à antiga profissão. Definir o significado de “estes outros” não é tão importante; o sentido da pergunta de Jesus era: “*Você Me ama mais do que ama qualquer outra coisa ou pessoa?*” Essa é uma pergunta que cada um de nós precisa responder para si mesmo.

Pedro respondeu: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo” (João 21:15c). Ao interrogar Pedro, Jesus usou o verbo grego *agapao*, a palavra mais elevada para “amar”. João usou o substantivo de *agapao* quando escreveu “Deus é amor” (1 João 4:8). Paulo usou variações da mesma palavra quando falou da excelência do amor em 1 Coríntios 13. Entretanto, quando Pedro respondeu a Jesus, ele usou o verbo *fileo*, um termo inferior para “amar” — uma palavra que denota afeição e amizade⁴⁰. Jesus havia basicamente perguntado: “*Você realmente Me ama?*” e o apóstolo respondeu: “*Senhor, sabes que sou Teu amigo*”. Tudo indica que, tendo caído uma vez, Pedro não estava querendo atribuir a si mesmo o elevado grau de compromisso que a palavra *agape*⁴¹ sugere⁴². Jesus prosseguiu à resposta de Pedro dizendo: “*Apascenta os meus cordeiros*” (v. 15d).

Jesus então perguntou mais uma vez: “*Simão, filho de João, tu me amas?*” (v. 16a). O apóstolo tornou a responder: “*Sim, Senhor, tu sabes que te amo*” (v. 17b). E o Senhor disse: “*Pastoreia as minhas ovelhas*” (v. 17c).

O Senhor perguntou pela terceira vez: “*Simão, filho de João, tu me amas?*” (v. 17a). Desta vez Jesus

usou a palavra “amar” que Pedro estivera usando: *fileo*. De fato, Ele estava dizendo: “*Você é realmente Meu amigo?*” O apóstolo “entristeceu-se” por Cristo ter de perguntar novamente e respondeu: “*Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo*” (v. 17b). Em outras palavras: “*Senhor, sabes que eu sou Teu amigo*”. Cristo disse: “*Apascenta as minhas ovelhas*” (v. 17c).

Alguns comentaristas dizem que Jesus teria anulado as três negações de Pedro solicitando uma confissão tripla do seu amor — e pode ser esse o caso. No mínimo, deve ter ficado claro para Simão que o Senhor não o descartara, mas ainda tinha um trabalho vital para ele realizar. O desafio para o apóstolo foi expresso nas palavras: “*Apascenta os meus cordeiros*”; “*pastoreia as minhas ovelhas*” e “*apascenta as minhas ovelhas*” (vv. 15—17). Nos primórdios da igreja, os apóstolos serviram como “pastores” especiais para todo o “rebanho” (todo o povo de Deus)⁴³. Mais tarde, além da responsabilidade especial de ser um apóstolo, Pedro também serviu uma congregação local como um de seus pastores (bispos ou presbíteros; veja 1 Pedro 5:1-4).

Tendo concordado em reassumir o papel que Jesus lhe reservara, Pedro precisava estar preparado para aceitar o preço: morrer como um mártir. Então, Cristo deu continuidade à sessão de orientação ao apóstolo, dizendo:

Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres. Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus. Depois de assim falar, acrescentou-lhe: Segue-me⁴⁴ (João 21:17c—19).

Jesus usou um jogo de palavras: “outro te cingirá” no versículo 18 referia-se ao momento em que os inimigos do apóstolo lhe amarrariam as mãos, levando-o para a morte (compare com Marcos 15:1). Segundo uma tradição não-inspirada, trinta e quatro anos depois, Pedro foi crucificado de cabeça para baixo⁴⁵. Independentemente de ser verdadeira essa tradição, João 21:18 evidencia que, se Pedro aceitou

³⁹O versículo 20 fala de João estar “seguindo” a Pedro e Jesus, sugerindo que estavam afastados dos demais.

⁴⁰Veja uma exposição mais detalhada desses termos em David L. Roper, “Amor — Um Caso Sérioso”, *A Verdade para Hoje*, pp. 20—27, 34, 35.

⁴¹*Agape* é a forma nominal [o substantivo] do verbo *agapao*.

⁴²Roper, p. 35.

⁴³Os apóstolos eram representantes de Jesus, o Supremo Pastor (1 Pedro 5:4), nomeados por Deus.

⁴⁴O desafio inicial que Pedro recebera de Jesus foi: “Segue-Me” (Mateus 4:19). E ele *ainda* era: “Segue-Me” (João 21:19, 22). Esse continua sendo o desafio para cada homem e mulher, para cada moço e moça.

⁴⁵Segundo essa tradição, Pedro não se julgou digno de ser crucificado como o Senhor Jesus, optando por ser crucificado de cabeça para baixo.

o desafio do Senhor para continuar a segui-IO, ele também morreria um dia por causa da sua fé.

A história termina com uma cena envolvendo João⁴⁶, o qual testemunhou a restauração de Pedro; este notou a presença de João, que os seguia (João 21:20) e perguntou a Jesus: “E quanto a este?” (v. 21). Em outras palavras: “O Senhor predisse que vou morrer por causa da minha fé. E quanto a João? Ele também vai morrer martirizado?” Cristo respondeu asperamente: “Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me” (v. 22). Jesus estava dizendo a Pedro para não questionar assuntos que não eram de sua alçada. Em vez de se preocupar com João, Pedro deveria estar determinado a permanecer *ele* mesmo fiel à decisão de seguir o Senhor.

Talvez Pedro tenha repetido aos outros o que o Senhor dissera sobre João, pois “se tornou corrente entre os irmãos o dito de que aquele discípulo [João] não morreria” (v. 23a) — embora Jesus não houvesse dito isso (v. 23b). Segundo a tradição, João foi o único apóstolo a morrer por morte natural. Se João escreveu seu relato do evangelho nos anos 90 do primeiro século⁴⁷, ele tinha uns 90 anos nessa época, acrescentando uma dose de credibilidade ao dito. Talvez o Espírito tenha guiado João a incluir os comentários dos versículos 20 a 23 a fim de silenciar o boato.

Qualquer que tenha sido o motivo de Deus para incluir esses detalhes, eles serviram de introdução a este expressivo versículo: “Este [aquele de quem Pedro falava, ou seja, João] é o discípulo que dá testemunho a respeito destas coisas e que as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro” (v. 24). A linguagem aqui é peculiar⁴⁸, mas a mensagem é clara: João viu o Cristo ressurreto, por isso seu testemunho é confiável. Cristo realmente ressuscitou

⁴⁶Já comentamos que João referiu-se a si mesmo como “o discípulo a quem Jesus amava”. No texto desta cena, porém, ele também se descreve como quem escreveu o livro (João 21:24) — e acreditamos que seja ele o autor. (Veja a página 29 da edição “A Vida de Cristo — Parte 1”.)

⁴⁷Veja a página 30 da edição “A Vida de Cristo — Parte 1”.

⁴⁸A passagem mistura terceira com primeira pessoa e singular com plural. Alguns acreditam que essas palavras foram acrescentadas pelos líderes da igreja em Éfeso. Devemos, porém, pensar nelas apenas como o selo de aprovação do Pai, Filho e Espírito Santo através da pena do apóstolo.

dos mortos!

CONCLUSÃO

Jesus apresentou aos discípulos “provas incontestáveis” de que Ele de fato estava vivo. E João (juntamente com outros escritores dos relatos do evangelho) registrou esses incidentes para que nós creiamos (João 20:30, 31). Oramos para que sua leitura e reflexão sobre Mateus, Marcos, Lucas e João produzam fé no seu coração ou intensifiquem a sua fé. Se o estudo da vida de Cristo não provocou uma reação em você, o que *mais* será preciso para convencê-lo?⁴⁹

⁴⁹Esse encerramento visa gerar um debate entre seus alunos. Se houver alguém que ainda não confessou que Jesus é o Filho de Deus, é hora de descobrir o que o impede — e ajudá-lo.

Em Que Dia Jesus Morreu?

Na edição “A Vida de Cristo — Parte 4” desta série incluímos um artigo intitulado “Três dias e três noites (Mateus 12:40)”, juntamente com a promessa de analisarmos o tópico mais demoradamente quando estudássemos a ressurreição de Jesus¹. Em outras ocasiões também já antecipamos uma exposição sobre a cronologia da Última Semana — sobretudo em relação a qual dia da semana Jesus morreu e por quanto tempo Ele ficou no túmulo². Em lições anteriores, já analisamos a maioria das passagens relacionadas ao tempo em que Jesus ficou no túmulo, mas é hora de examinarmos o assunto como um todo.

O ponto de partida para esta exposição é o fato de que *Jesus ressuscitou no primeiro dia da semana*. Marcos escreveu que o Senhor ressuscitou “de manhã cedo no primeiro dia da semana” (Marcos 16:9)³ — e outros relatos do evangelho dizem o mesmo⁴. Antes de prosseguirmos, precisamos aceitar esta verdade fundamental.

Supondo que todos concordamos com o dia em que Jesus *ressuscitou*, nossa pergunta inicial continua sendo: “Em que dia Jesus *morreu*?” Há anos, a maioria dos estudiosos acredita que Jesus morreu no sexto dia da semana judaica — a grosso modo, o dia equivalente à nossa sexta-feira⁵. Robert Thomas e Stanley Gundry escreveram: “A... igreja tradicionalmente tem divulgado a sexta-feira como o dia em que Jesus morreu... A melhor evidência bíblica favorece que a crucificação foi executada numa sexta”⁶. A harmonia da última semana do ministério de Cristo aqui sugerida baseou-se nesta conclusão.

Entretanto, no decorrer dos anos, surgiram pon-

tos de vista divergentes. Por exemplo, no segundo século, um segmento da igreja criou uma celebração humana do dia em que Cristo comeu a Páscoa. Em oposição a essa prática, alguns negaram que Jesus de fato comeu a Páscoa. O fato de Jesus ter morrido no mesmo dia em que comeu a refeição (seja qual for esse dia) acabou por afetar o ensino deles sobre o dia em que Cristo morreu.

Alguns ainda ensinam que Jesus não morreu na sexta-feira. O erudito grego B. F. Westcott defendeu que Cristo foi crucificado na quinta-feira⁷. Existe até uma versão da Bíblia que sugere que Jesus teria morrido na quinta-feira⁸. Sabemos de pessoas que alegam até que Jesus teria morrido na quarta-feira.

A conclusão a que chegamos sobre este assunto não é *uma questão de fé*. Desde que concordemos que *Jesus ressuscitou no primeiro dia*, podemos discordar quanto ao dia em que Ele morreu sem que essa discórdia afete nossa comunhão. Primeiramente, a questão tem a ver com a forma como organizamos os fatos ocorridos na última semana do ministério público de Jesus. Todavia, como o assunto preocupa alguns, vamos dedicar algum tempo a ele.

RAZÕES PARA CRER QUE ELE MORREU NA SEXTA-FEIRA

Em primeiro lugar, vamos apresentar duas razões por que acreditamos que Cristo morreu na sexta-feira. (Haverá notas de rodapé neste artigo citando lições anteriores com mais informações.)

1) Acreditamos que Jesus realmente comeu a Páscoa, não algo parecido com essa refeição⁹. A questão de Jesus ter comido ou não a Páscoa é um ponto essencial nesta exposição. Lucas escreveu: “Chegou o dia da Festa dos Pães Asmos, em que importava comemorar a Páscoa” (Lucas 22:7; grifo meu). A ERC diz “importava sacrificar a Páscoa”, ou seja, comer o

¹Veja a página 51 da edição citada.

²Veja-se por exemplo a pergunta mencionada na página 10 de “A Vida de Cristo — Parte 7”, nas páginas 15 e 18 de “A Vida de Cristo — Parte 11” e na página 25 desta edição.

³Marcos 16:9 faz parte do polêmico fim de Marcos. Veja o artigo sobre esse fim na próxima edição desta série.

⁴Veja a exposição sobre a ressurreição na página 26.

⁵Tenhamos em mente que o dia judaico ia de pôr-do-sol a pôr-do-sol.

⁶Robert L. Thomas, ed; e Stanley N. Gundry, ed. assoc., *A Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos”). Chicago: Moody Press, 1978, p. 320.

⁷R. C. Foster, *Studies in the Life of Christ* (“Estudos sobre a Vida de Cristo”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1971, p. 187.

⁸F. LaGard Smith, *The Narrated Bible in Chronological Order*. Eugene, Oreg.: Harvest House Publishers, 1984, pp. 1454–56.

⁹Veja as páginas 7 a 9 da edição “A Vida de Cristo — Parte 1”.

cordeiro pascal. Mateus disse que: “No primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, vieram os discípulos a Jesus e lhe perguntaram: Onde queres que te façamos os preparativos para comeres a Páscoa?” (Mateus 26:17; grifo meu). Jesus disse aos discípulos: “Ide à cidade ter com certo homem e dizei-lhe: O Mestre manda dizer: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos” (v. 18; grifo meu). Então, os discípulos “fizeram como Jesus lhes ordenara e prepararam a Páscoa” (v. 19; grifo meu). “Chegada a tarde [a Páscoa começava com o pôr-do-sol após o dia de preparação], pôs-se ele à mesa com os doze discípulos” (v. 20). Reclinado à mesa com os discípulos, Jesus lhes disse: “Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta Páscoa, antes do meu sofrimento” (Lucas 22:15; grifo meu). Com base nessas passagens, concluímos que Jesus comeu a refeição de Páscoa¹⁰. Tendo Jesus morrido no mesmo dia em que comeu a refeição, e havendo um consenso geral de que a Páscoa caiu na sexta-feira naquele ano, isto coloca a morte de Jesus na sexta-feira.

2) Acreditamos que Jesus morreu na véspera do sétimo dia judaico, o sábado. Todos os relatos do evangelho indicam que Jesus morreu no “dia da preparação” (João 19:31; veja Marcos 15:42; Lucas 23:54; veja Mateus 27:62). Esse era o dia da preparação para o sábado. Marcos escreveu que era “o dia da preparação, isto é, a véspera do sábado” (Marcos 15:42; grifo meu; veja Lucas 23:54; João 19:31). Alguns tentaram interpretar esse “sábado” como um “dia de descanso” especial durante a festa, sem ser o sétimo dia, mas a cronologia de Lucas no episódio das duas mulheres junto ao túmulo parece eliminar qualquer outra conclusão.

- Falando do sepultamento de Jesus por José e Nicodemos, Lucas escreveu: “Era o dia da preparação, e começava o sábado”. (Lucas 23:54; grifo meu). Enquanto os dois preparavam o corpo de Jesus, duas mulheres os observavam (Lucas 23:55).
- Assim que o sol se pôs e o sábado começou, as duas mulheres “se retiraram [para o local em que estava hospedadas] para preparar aromas e bálsamos” (Lucas 23:56a). Então “no sábado, descansaram, segundo o man-

damento” (Lucas 23:56b; grifo meu).

- “Mas, no primeiro dia da semana, alta madrugada, foram elas ao túmulo, levando os aromas que haviam preparado” (Lucas 24:1; grifo meu).

Lucas 24:1 é a seqüência do texto de Lucas 23:56. A implicação é que “o primeiro dia da semana” é o dia imediatamente após o sábado em que eles descansaram (veja Mateus 28:1), o que faz do sábado o sétimo dia normal da semana judaica. Isto, por sua vez, faz da véspera do sábado (o dia em que Cristo morreu) o sexto dia comum da semana — em outras palavras, a sexta-feira.

OBJEÇÃO 1: TRÊS DIAS E TRÊS NOITES SIGNIFICAM “72 HORAS”

A principal objeção ao ponto de vista de que Jesus morreu na sexta-feira é a afirmação de Ele registrada em Mateus 12:40: “...assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra”. Interpretando literalmente os “três dias e três noites” fez alguns contarem para trás do primeiro dia da semana, no qual Cristo ressuscitou, a fim de definir o dia em que Ele morreu. Essa corrente também fez outros detalhes do texto se adequarem a sua conclusão.

A questão é se “três dias e três noites” deve ser interpretado literalmente como três períodos de vinte e quatro horas¹¹. Isto não é o que evidenciam as afirmações de Jesus de que Ele ressuscitaria “ao terceiro dia” (Mateus 16:21; 17:23; 20:19; Lucas 24:7, 21, 46; grifo meu). Por inspiração divina, Paulo expressou a crença da igreja primitiva quando disse que Jesus “ressuscitou ao terceiro dia” (1 Coríntios 15:4; grifo meu). Se a ressurreição tivesse acontecido após exatos “três dias e três noites”, ela não teria acontecido “ao terceiro dia, e sim ao quarto”¹².

Veja afirmações semelhantes no Antigo Testamento em Ester 4:16 e 5:1: Em 4:16, Ester pediu a Mordecai e a outros judeus para jejuarem “por três dias” e ela disse que faria o mesmo juntamente com suas servas. Após os três dias, ela iria até o rei. Entretanto, 5:1 observa que “ao terceiro dia”, Ester foi ter com o rei. Observe que a expressão é a mesma de Mateus 12: “ao terceiro dia”.

Como podemos explicar o que pareceu ser uma imprecisão das palavras “três dias” em Mateus 12 e

¹⁰Policarpo, discípulo de João, expressa a persuasão de que Jesus comeu a Páscoa” (A. T. Robertson, *A Harmony of the Gospels for Students of the Life of Christ* (“Harmonia dos Evangelhos para Estudantes da Vida de Cristo”). Nova York: Harper & Row, 1950, p. 280.

¹¹Veja mais comentários sobre essa passagem na página 51 em “A Vida de Cristo — Parte 4”.

¹²Foster, p. 192.

Ester 4 e 5? A maioria dos estudiosos concorda que “os judeus contavam uma parte de um dia como um dia inteiro no início ou final de uma série de dias”¹³. Esse tipo variável de uso do tempo pode ser visto em passagens-chaves sobre a questão que estamos discutindo:

- Às vezes, as Escrituras falam de Jesus sendo ressuscitado depois (gr. *meta*) do terceiro dia (Mateus 27:63; Marcos 8:31; veja Marcos 9:31; 10:34¹⁴).
- Por outro lado, as Escrituras também indicam que Jesus seria ressuscitado ao terceiro dia (Mateus 16:21; 17:23; 20:19; Lucas 9:22; 18:33; 24:7, 46; veja 1 Coríntios 15:4).
- Às vezes, em passagens paralelas sobre a ressurreição, os termos “depois” e “ao” são usados alternadamente. Por exemplo, logo depois da boa confissão, Marcos escreveu que Jesus disse que “três dias *depois*”, Ele ressuscitaria (Marcos 8:31; grifo meu), enquanto, segundo Mateus e Lucas, Ele disse que “ressuscitaria *ao* terceiro dia” (Mateus 16:21; Lucas 9:22; grifo meu)¹⁵.
- Os inimigos de Cristo mencionaram que Jesus dissera: “*depois de* três dias ressuscitarei” (Mateus 27:63; grifo meu)¹⁶.

Independentemente do dia escolhido para a morte de Jesus, analisando as narrativas do evangelho, é impossível se chegar a “uma interpretação rígida de que ‘três dias e três noites’ significam exatamente setenta e duas horas”¹⁷. Convém entender que, em Mateus 12:40, Jesus não estava tentando “atingir a exatidão matemática na cronologia”¹⁸; só estava usando o “sepultamento” de Jonas no grande peixe como uma figura de Sua própria permanência temporária no túmulo.

¹³J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 306. Veja, por exemplo, Gênesis 42:17, 18; 1 Samuel 30:12, 13; 1 Reis 20:29; 2 Crônicas 10:5, 12. Compare também Hebreus 11:30 com Josué 6:15.

¹⁴No texto original, Marcos 9:31 e 10:34 trazem “três dias depois”. Outra preposição (*dia*) que implica “após” é usada em Mateus 26:61 e Marcos 14:58.

¹⁵Veja a página 10 de “A Vida de Cristo — Parte 7”.

¹⁶Veja a página 25 desta edição.

¹⁷Foster, p. 191. Colocar a crucificação na quarta-feira implicaria em mais de setenta e duas horas, colocá-la na quinta-feira implicaria partes de três dias e três noites, mas não setenta e duas horas completas.

¹⁸Ibid.

OBJEÇÃO 2: A SEQUÊNCIA DA NARRATIVA DE JOÃO DIFERE DA DOS SINÓTICOS

Depois de Mateus 12:40, a objeção mais comum à crucificação ter sido na sexta-feira consiste no fato de que cinco passagens no relato de João parecem situar os acontecimentos da vida de Cristo numa cronologia diferente da apresentada pelos evangelistas sinóticos. A. T. Robertson expõe um extenso comentário desses textos, prefaciado com esta observação: “Um exame cuidadoso de cada uma dessas... passagens... mostrará que João não diz que Jesus comeu a refeição de Páscoa na véspera do costumeiro dia, e sim exatamente o contrário”¹⁹. O espaço aqui disponível nos permite uma enumeração de apenas algumas dessas passagens em questão, além de alguns breves comentários²⁰:

- João 13:1 diz “antes da Festa da Páscoa”, enquanto o versículo seguinte começa com as palavras “durante a ceia”. Os estudiosos que rejeitam a crucificação na sexta-feira alegam que João 13:1 e 2 prova que a refeição comida no cenáculo não poderia ser a Páscoa. Todavia, quando o relato de João é comparado com os sinóticos, João 13:1 parece referir-se ao período imediatamente anterior à Páscoa, enquanto a refeição de Páscoa propriamente dita é citada como tendo início no versículo 2¹.
- Durante a refeição feita no cenáculo, Jesus disse a Judas: “O que pretendes fazer, faze-o depressa” (João 13:27). Os demais apóstolos pensaram que Jesus quisesse dizer: “Compre o que precisamos para a festa” (João 13:29). Os que rejeitam a crucificação na sexta-feira presumem que ao dizer “a festa” Jesus se referia à Páscoa e que, portanto, Ele e os apóstolos não poderiam já estar comendo a Páscoa [naquele momento]. Esta conclusão, porém, é desnecessária. O dia de Páscoa era sucedido pela Festa dos Pães Asmos, que durava uma semana. Os demais apóstolos podem ter pensado que Judas estivesse indo

¹⁹Robertson, pp. 281-84.

²⁰Robertson incluiu uma discussão mais abrangente. Uma abordagem diferente foi aderida por Thomas e Gundry, que também defenderam que Cristo morreu na sexta-feira. Conciliaram João e os relatos sinóticos sugerindo que os autores estavam usando diferentes métodos de indicação de horas e dias (Thomas e Gundry, pp. 321-22).

²¹Veja a página 18 da edição “A Vida de Cristo — Parte 11”.

preparar tudo para a festa seguinte²².

- Quando os líderes judeus levaram Jesus a Pilatos, eles “não entraram no pretório para não se contaminarem, mas puderem comer a Páscoa” (João 18:28). Os opositores da crucificação na sexta-feira concluem que, vindo essa afirmação após a refeição no cenáculo, esta não poderia ter sido a refeição de Páscoa. Robertson escreveu a respeito:

À primeira vista, isso não parece uma contradição... Mas a palavra “Páscoa” é usada em três sentidos no Novo Testamento, a ceia pascal, o cordeiro pascal ou a festa pascal. A palavra é usada oito vezes em João além desta ocorrência, e em cada caso o significado é a festa da Páscoa.²³

- Considerando que, conforme as evidentes declarações dos escritores sinóticos, a refeição pascal deu-se na véspera (Mateus 26:17—19; Marcos 14:12, 14, 16; Lucas 22:8, 11, 13, 15), os representantes do Sinédrio obviamente tinham em mente uma outra refeição (ou refeições) comidas durante a festa de oito dias²⁴.
- João identificou a hora da traição de Jesus como “parasceve [‘véspera’; NTLH] pascal, cerca da hora sexta [‘meio-dia’; NTLH]” (João 19:14). Os que rejeitam a crucificação na sexta-feira presumem que a expressão “parasceve pascal”, ou “dia da preparação”, refira-se ao dia em que se preparava tudo para a refeição de Páscoa, mas o termo era usado pelos judeus para o dia de preparação para os sábados (veja Mateus 27:62; Marcos

15:42; Lucas 23:54; João 19:31, 42)²⁵. “Páscoa” deve se referir nesta passagem à festa, não à refeição, como ocorre em João 18:28. A NVI diz “Dia da Preparação na semana da Páscoa”. Em outras palavras, era “o dia de preparação [o sábado que caía durante a semana de] Páscoa”.

- João 19:31 indica que o dia seguinte à morte de Jesus era “sábado”, mas o chama de “grande dia”. Os que se opõem ao fato de a crucificação ter ocorrido na sexta-feira concluem que isto significa que não se tratava de um (sétimo dia) sábado normal, mas que era um dos outros dias de descanso observados durante a Páscoa. Como já observamos, a cronologia de Lucas indica que aquele era um sábado normal, o sétimo dia, e que nada no contexto indica outra coisa. O fato desse sábado cair dentro dos oito dias de festa é o que o tornou “extra-especial”²⁶.

UMA QUESTÃO DETERMINANTE PARA A FÉ?

Poderíamos mencionar mais outras objeções à crucificação ter ocorrido na sexta-feira²⁷, mas já dedicamos tempo e espaço ao assunto além do que ele merece. Concordamos com Hester, quando diz: “... parece lógico, diante de todos esses fatos declarados, sustentar que [o corpo de Jesus] esteve no túmulo desde o anoitecer da sexta-feira até a manhã de domingo. Este ponto de vista satisfaz todos os requisitos apresentados nos evangelhos”²⁸. Todavia, deixamos a seu critério pesar as evidências e chegar à sua própria conclusão. Convém ressaltar, porém, que esta *não* é uma questão determinante para a fé. Se você chegar a uma conclusão diferente da nossa, ainda somos irmãos — e esperamos que sinta o mesmo em relação a nós.

²²Veja a página 29 da edição “A Vida de Cristo — Parte 11”.

²³Robertson, pp. 282—3. Os escritores sinóticos usaram o termo “Páscoa” referindo-se à refeição pascal, mas nossa preocupação aqui é com o sentido da palavra empregada por João.

²⁴Aqui está outra forma de estabelecer que a “Páscoa” neste versículo não se refere à refeição pascal: entrar no pretório certamente tornaria os líderes judeus contaminados até o pôr-do-sol. (Veja em Levítico 15:1—24; 17:15, 16) exemplos da contaminação durando até o pôr-do-sol.) Sendo assim, ainda que o dia em questão fosse a véspera da Páscoa, eles poderiam ter comido a refeição de Páscoa após o pôr-do-sol. Não deveriam estar preocupados com a refeição de Páscoa, mas com alguma outra refeição.

²⁵Veja uma segunda razão (apresentada antes neste artigo) para crer que Jesus morreu na sexta-feira, e também a página 33 da edição “A Vida de Cristo — Parte 12”.

²⁶Veja a página 21 desta edição.

²⁷Há, por exemplo, uma discussão textual objetiva sobre o que o Antigo Testamento ensina a respeito da Páscoa. Um argumento subjetivo sugere que seria adequado Cristo ter sido sacrificado na cruz na quinta-feira, ao mesmo tempo em que o cordeiro pascal era imolado no templo.

²⁸H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 224.



A Harmonia



VIII. RESSURREIÇÃO, OS APARECIMENTOS E A ASCENSÃO DE JESUS (continuação)

- B. Quarenta dias (veja Atos 1:3) (continuação):
3. O oitavo aparecimento: aos apóstolos (e aos quinhentos discípulos) num monte na Galiléia (Mateus 28:16, 17; 1 Coríntios 15:6).
 4. A grande comissão no monte (Mateus 28:18–20; Marcos 16:15–18; veja Lucas 24:46–48).
 5. O nono aparecimento: a Tiago (num local desconhecido) (1 Coríntios 15:7a).
 6. O(s) último(s) aparecimento(s): a todos os apóstolos na Judéia, perto de Jerusalém (Lucas 24:44–49; Atos 1:3–8; 1 Coríntios 15:7b).
 7. A ascensão no monte das Oliveiras (Marcos 16:19; Lucas 24:50–53; Atos 1:9–12).
- C. Declarações concisas:
1. Declarações concisas sobre a vida de Cristo (João 20:30, 31; 21:25; veja Atos 20:35).
 2. Declarações concisas sobre os acontecimentos subseqüentes (Marcos 16:20; veja Lucas 24:52, 53; Atos 1:12).

Atribuição de Leitura nº. 44

Mateus 28:16–20;
Marcos 16:15–20;
Lucas 24:44–53;
João 20:30, 31; 21:25;
Atos 1:3–12; 20:35;
1 Coríntios 15:6, 7

Mateus 28:16–20

¹⁶Seguiram os onze discípulos para a Galiléia, para o monte que Jesus lhes designara.

¹⁷E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram.

¹⁸Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra.

¹⁹Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;

²⁰ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.

Marcos 16:15–20

¹⁵E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura.

¹⁶Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado.

¹⁷Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas;

¹⁸pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados.

¹⁹De fato, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus.

²⁰E eles, tendo partido, pregaram em toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra por meio de sinais, que se seguiam.

Lucas 24:44–53

⁴⁴A seguir, Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos.

⁴⁵Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras;

⁴⁶e lhes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia

⁴⁷e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém.

⁴⁸Vós sois testemunhas destas coisas.

⁴⁹Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneço, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder.

⁵⁰Então, os levou para Betânia e, erguendo as mãos, os abençoou.

⁵¹Aconteceu que, enquanto os abençoava, ia-se retirando deles, sendo elevado para o céu.

⁵²Então, eles, adorando-o, voltaram para Jerusalém, tomados de grande júbilo;

⁵³e estavam sempre no templo, louvando a Deus.

João 20:30, 31

³⁰Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro.

³¹Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.

João 21:25

²⁵Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se

todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos.

Atos 1:3–12

³A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus.

⁴E, comendo com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes.

⁵Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias.

⁶Então, os que estavam reunidos lhe perguntaram: Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?

⁷Respondeu-lhes: Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade;

⁸mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra.

⁹Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos.

¹⁰E, estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles

¹¹e lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir.

¹²Então, voltaram para Jerusalém, do monte chamado Olival, que dista daquela cidade tanto como a jornada de um sábado.

Atos 20:35

³⁵Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber.

1 Coríntios 15:6, 7

⁶Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora; porém alguns já dormem.

⁷Depois, foi visto por Tiago, mais tarde, por todos os apóstolos

Adeus... e Olá!

VIII. RESSURREIÇÃO, OS APARECIMENTOS E A ASCENSÃO DE JESUS (continuação).

- B. Quarenta dias (veja Atos 1:3) (continuação):
3. O oitavo aparecimento: aos apóstolos (e aos quinhentos discípulos) num monte na Galiléia (Mateus 28:16, 17; 1 Coríntios 15:6).
 4. A grande comissão no monte (Mateus 28:18–20; Marcos 16:15–18; veja Lucas 24:46–48).
 5. O nono aparecimento: a Tiago (num local desconhecido) (1 Coríntios 15:7a).
 6. O(s) último(s) aparecimento(s):¹ a todos os apóstolos na Judéia, perto de Jerusalém (Lucas 24:44–49; Atos 1:3–8; 1 Coríntios 15:7b).
 7. A ascensão no monte das Oliveiras (Marcos 16:19; Lucas 24:50–53; Atos 1:9–11).
- C. Declarações concisas:
1. Declarações concisas sobre a vida de Cristo (João 20:30, 31; 21:25; veja Atos 20:35).
 2. Declarações concisas sobre os acontecimentos subsequentes (Marcos 16:20; veja Lucas 24:52, 53; Atos 1:12).

INTRODUÇÃO

Décadas atrás, um grupo de escritores renomados reuniu-se em Londres². Um deles levantou a seguinte pergunta: “O que acham que faríamos se Milton³ entrasse nesta sala?” A primeira resposta foi: “Nós o aplaudiríamos de pé!” Um outro replicou: “O que faríamos se Shakespeare⁴ entrasse?” E alguém respondeu: “Nós nos levantaríamos e coroaríamos o mestre dos versos”. Então, veio a pergunta: “E se Cristo entrasse nesta sala?” Houve um grande silêncio — finalmente rompido pelo escritor Charles Lamb⁵: “Acho que nós cairíamos com o ros-

to em terra diante dEle!”

No encerramento desta série de estudos sobre o ministério terreno de Cristo, esperamos que você tenha se aproximado mais de Jesus — e que Jesus tenha sido levado para mais perto de você. Nesse caso, oramos para que — literalmente ou no seu coração — você fique “caído com o rosto em terra diante dEle” em adoração, reverência e obediência.

Na lição passada, demos início ao estudo dos quarenta dias entre a ressurreição e a ascensão de Jesus (veja Atos 1:3). Nos relatos do evangelho, os acontecimentos ocorridos nos quarenta dias encontram-se misturados, às vezes dando a impressão de que fatos que ocorreram semanas distantes um do outro aconteceram no mesmo dia⁶. Não podemos, portanto, ser dogmáticos em relação à ordem exata destas cenas

¹É incerto se Atos 1:4 e 1:6 são dois aparecimentos distintos ou o mesmo — e se Lucas 24:44–49 é outro aparecimento.

²Esta ilustração foi adaptada de Alice M. Knight, *1001 Stories for Children and Children's Workers* (“1001 Histórias para Crianças e Ministros de Crianças”). Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1952, pp. 148–49.

³O poeta inglês John Milton (1608–74) foi uma das principais figuras da literatura ocidental.

⁴O poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare (1564–1616) é autor do conjunto literário mais admirado e influente da história da civilização ocidental.

⁵Charles Lamb (1775–1834) foi um escritor inglês bem conhecido.

⁶Por exemplo, se tivéssemos apenas o relato de Marcos, pensaríamos que o aparecimento de Jesus aos discípulos a caminho de Emaús (Marcos 16:12, 13), imediatamente seguido pelo aparecimento aos apóstolos (v. 14), ocorreu no mesmo dia que a ordenança da grande comissão (vv. 15–17). Além disso, pensaríamos que a ascensão aconteceu depois dele, no mesmo dia (v. 19). Todavia, sabemos por meio de outros registros, que esses acontecimentos ocorreram dentro de um período de quarenta dias.

finais. A seqüência aqui sugerida é apenas uma das possibilidades de se organizar os fatos.

Estamos intitulado esta lição de “Adeus... e Olá!”⁷ com o intuito de enfatizar que quando Jesus deixou os apóstolos, Ele não estava simplesmente dizendo “adeus”, mas também estava se preparando para dizer “olá” novamente. Após o dia de Pentecostes, Jesus esteve “com [eles]” (Mateus 28:20) de um modo mais poderoso do que estivera antes de Sua morte. Também queremos usar esse título para incentivar cada leitor a não considerar o encerramento desta série um fim também de seus estudos pessoais sobre Jesus. Ao contrário disso, oramos para que esta série tenha estimulado você a dedicar-se a saber mais sobre o seu Senhor por toda a sua vida. Que este último estudo da série não seja um “adeus” e sim um “olá!” para Jesus!

O DESAFIO DA COMISSÃO

(MATEUS 28:16–20; MARCOS 16:15–18;
1 CORÍNTIOS 15:6; VEJA LUCAS 24:46–48;
ATOS 1:8)

O Oitavo Aparecimento

Durante o último discurso de Jesus antes de Sua morte, Ele disse aos apóstolos: “...depois da minha ressurreição, irei adiante de vós para a Galiléia” (Mateus 26:32). Logo após a ressurreição, os anjos instruíram as mulheres dizendo: “Ide, pois, depressa e dizei aos seus discípulos que ele ressuscitou dos mortos e vai adiante de vós para a Galiléia...” (Mateus 28:7). Um pouco depois, o próprio Jesus disse às mulheres: “Não temais! Ide avisar a meus irmãos que se dirijam à Galiléia e lá me verão” (Mateus 28:10). Segundo Mateus, “seguiram os onze discípulos para a Galiléia, para o monte que Jesus lhes designara” (Mateus 28:16)⁸.

Antes ou após a ressurreição, Jesus combinou um lugar específico em determinada hora. Não sabemos qual monte Ele designou. Pode ter sido um dos montes já relacionados ao Seu ministério: por exemplo, o monte da transfiguração ou a elevação onde Ele pregou o sermão do monte. Por que Jesus escolheu a Galiléia? Talvez Ele quisesse garantir alguma distância entre Seus discípulos e os inimigos deles. Talvez a maioria dos discípulos estivesse na

⁷Outras opções em nível coloquial para essas saudações seriam: “Fui... e cheguei!”, “Tchau... e Oi!”.

⁸Na lição anterior, estudamos sobre o aparecimento de Jesus aos apóstolos duas vezes na Judéia e depois a vários discípulos, às margens do mar da Galiléia. O aparecimento no monte parece ter sido o único predeterminado.

Galiléia na ocasião⁹. Talvez fosse mais fácil encontrar na Galiléia um lugar isolado, onde Ele poderia ficar a sós com eles. O texto só diz que Jesus instruiu os discípulos a se encontrarem com Ele num determinado monte na Galiléia — e foi isto o que eles fizeram.

A maioria dos escritores acredita que os apóstolos não foram os únicos a se reunir ali¹⁰. Quando Paulo enumerou os aparecimentos de Jesus ressurreto, ele referiu-se aos apóstolos (na Judéia), e disse que “depois, [Jesus] foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora¹¹; porém alguns já dormem”¹² (1 Coríntios 15:6). O aparecimento de Jesus a esse grupo numeroso possivelmente ocorreu na Galiléia “no monte que Jesus lhes designara” (Mateus 28:16) e foi um dos mais importantes: quinhentas testemunhas independentes poderiam testificar que viram Jesus vivo após a crucificação.

Quando os discípulos chegaram ao local predeterminado, Jesus já estava lá. Mateus escreveu: “E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram” (Mateus 28:17). Os “duvidosos” do relato de Mateus poderiam ser alguns dos apóstolos, ainda que os onze haviam sido convencidos na Judéia de que Cristo estava vivo. Há várias maneiras de conciliar este versículo com os demais relatos do evangelho. Talvez, quando os apóstolos viram pela primeira vez Jesus no monte ou perto dele, a distância fosse demasiada¹³ para conseguirem enxergar se era Ele. Considerando que (assim como outros escritores) Mateus condensou os fatos subseqüentes à ressurreição, sua afirmação pode se referir à incredulidade anterior dos apóstolos. Alguns escritores, porém, acreditam que não foram os apóstolos que duvidaram, mas algumas das quinhentas pessoas que estavam vendo Jesus ressurreto pela primeira vez. Deveriam certamente estar tão céticos como os

⁹Os discípulos que moravam na Galiléia devem ter voltado para casa após a festa da Páscoa.

¹⁰O relato de Mateus sobre essa reunião predeterminada menciona somente os onze. Entretanto, João 20:19–26 dá a impressão de que só os onze estavam presentes no cenáculo — e sabemos por Lucas 24:33 que também havia outros presentes.

¹¹Primeira Coríntios foi escrita por volta de 57 d.C., mais de vinte anos depois da ressurreição, mas muitos contemporâneos de Jesus que O viram após a ressurreição ainda estavam vivos.

¹²Nesta passagem, “já dormem” é um eufemismo para “estão mortos”.

¹³O versículo seguinte diz que “Jesus, aproximando-se, falou-lhes” (Mateus 28:18; grifo meu). Isto pressupõe que Jesus estava a certa distância deles quando O viram.

apóstolos anteriormente — e talvez tenham até pedido alguma prova semelhante de que Ele realmente era o Senhor ressurreto.

A Grande Comissão

Diante de uma numerosa platéia, era de se esperar que Cristo tivesse muito a dizer. Com certeza Ele falou de muitas “coisas concernentes ao reino de Deus” (Atos 1:3). Entretanto, o propósito principal de Jesus em reunir aquele grupo era proferir o que costumamos chamar de a “grande comissão”:¹⁴

...Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (Mateus 28:18–20).

O relato de Marcos sobre essa comissão certamente refere-se à mesma ocasião:¹⁵

...Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo¹⁶; quem, porém, não crer será condenado (Marcos 16:15–16).

Lucas fez referência a essa comissão — no encerramento do seu relato do evangelho e na abertura do Livro de Atos. Vejamos por inteiro essas passagens:

Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para¹⁷ remissão de pecados a todas as

nações, começando de Jerusalém. Vós sois testemunhas destas coisas (Lucas 24:46–48).

...e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra (Atos 1:8).

Esses relatos diferentes não são contraditórios, e sim suplementares. Juntando todos, as facetas essenciais da grande comissão podem ser vistas. Os quatro “todos” em Mateus podem ser usados como um esboço para organizar os detalhes fornecidos pelos três escritores:

1) “*Toda autoridade.*” No Novo Testamento, a palavra grega traduzida por “autoridade” (*exousia*) “primeiramente... denota a possibilidade absoluta de ação peculiar a Deus somente, como fonte de todo poder e legalidade”¹⁸. Essa autoridade absoluta — tanto no céu como na terra — fora dada pelo Pai ao Filho (Mateus 28:18). Por isso Jesus tinha todo o direito de expandir Sua envolvente comissão. Aqueles que não reconhecem a autoridade de Jesus, um dia, enfrentarão a Sua ira.

2) “*Todas as nações.*” Antes da crucificação, Jesus e os discípulos haviam restringido o ensino basicamente aos judeus (veja Mateus 10:5; 15:24). Agora, essa restrição estava suspensa: os apóstolos deveriam ir a “todas as nações” (Mateus 28:19; Lucas 24:47), “por todo o mundo” e “a toda criatura” (Marcos 16:15), “e até aos confins da terra” (Atos 1:8).

Não seria uma mudança só de público-alvo, mas também da mensagem a ser pregada. A principal ênfase da mensagem pregada por Jesus e Seus discípulos durante o ministério terreno do Senhor havia sido: “o reino está próximo” (veja Mateus 4:17; 10:7; Lucas 10:9). Os apóstolos haviam sido proibidos de anunciar publicamente que Jesus era o Cristo (Mateus 16:20). A partir da grande comissão, porém, deveriam “pregar o evangelho” (Marcos 16:15; grifo meu). Eles partilhariam as *boas novas* de que o Rei Messias tinha vindo e sofrido a morte na cruz e ressuscitado dos mortos ao terceiro dia (Lucas 24:46), para que almas fossem salvas (veja 1 Coríntios 15:3, 4; Marcos 16:16)!

A ordem de Jesus até citou claramente a resposta básica daqueles que ouvem o evangelho. Quando a grande comissão é obedecida, várias coisas devem acontecer:

- A mensagem sobre Jesus deve ser ensina-

¹⁴Jesus deu algum prenúncio dessa comissão quando esteve com os apóstolos a portas trancadas na Judéia. Veja os comentários sobre João 20:21–23 na edição “A Vida de Cristo — Parte 13”.

¹⁵Como já observamos, se o relato de Marcos fosse interpretado sozinho, daria a entender que Jesus apareceu a portas fechadas na Judéia, depois comunicou a grande comissão e depois subiu ao Pai numa rápida sucessão. Sabendo que a ascensão se deu quarenta dias depois de Jesus aparecer na Judéia, é possível que o relato de Marcos sobre a grande comissão tenha de fato ocorrido um tempo depois da ocasião na Judéia. Obviamente é possível que Jesus tenha dito as palavras de Marcos 16:15 e 16 e de Mateus 28:18–20 em ocasiões diferentes; mas as palavras são tão semelhantes que vale a pena estudar as duas passagens juntas.

¹⁶O ensino claro desta passagem sobre a inclusão do batismo no plano de salvação incomoda a maioria dos evangélicos. A objeção deles é que “ela não diz: ‘Quem não for batizado não será salvo’”. Veja a resposta na edição “Guia para a Salvação de Todo Homem”, *A Verdade para Hoje*, pp. 18–19.

¹⁷Apenas alguns manuscritos trazem no lugar de “para”, a conjunção “e”, mas a maioria diz “para”.

¹⁸Geoffrey W. Bromiley, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich, trad. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985, p. 239.

da às pessoas (Mateus 28:19; Marcos 16:15). Essas pessoas devem se tornar “discípulas” (Mateus 28:19a), ou aprendizes¹⁹.

- Elas devem crer (Marcos 16:16): precisam crer que a mensagem é verdadeira e confiar no sacrifício daquele que morreu por elas²⁰.
- Elas devem se arrepender (Lucas 24:47): precisam se arrepender de seus pecados, mudar de vida e decidir viver para o Senhor²¹.
- Elas devem ser batizadas (Mateus 28:19b; Marcos 16:16). Esse batismo é uma imersão em água²² “no nome do²³ Pai e do Filho e do Espírito Santo”²⁴ (Mateus 28:19b) para o indivíduo ser salvo (Marcos 16:16).
- Quando as pessoas respondem com obediência, Deus as salva. Os pecados do passado são perdoados (Lucas 24:47).

3) “Tudo o que vos tenho ordenado.” Os itens que acabamos de ver não são o fim, mas apenas o começo. Depois de ser batizado, o novo cristão precisa receber mais ensino. Jesus reforçou que se deve ensinar aos que se batizam *tudo* o que Ele ordenou aos Seus discípulos.

No contexto, esse ensino incluía o desafio de ir e fazer discípulos de todas as nações, batizando-os, pois foi isto que Ele acabara de ordenar aos discípulos. A grande comissão, portanto, é perpetuada através de cada novo discípulo²⁵. Walter Wink disse:

¹⁹Veja mais sobre o termo “discípulo” na página 11 da edição “A Vida de Cristo — Parte 3”.

²⁰Veja os comentários sobre crer na página 14 da edição “Guia para a Salvação de Todo Homem”. Embora a confissão de fé não seja mencionada na grande comissão, ela pode ser subentendida. Veja mais sobre confissão nas páginas 15 e 16 da edição acima citada.

²¹Veja mais sobre arrependimento nas páginas 14 e 15 da edição citada na nota de rodapé acima.

²²Veja mais sobre o batismo como uma imersão em água na página 31,32 da edição “A Vida de Cristo — Parte 2”, e nas páginas 21 a 23 da edição “Guia para a Salvação de Todo Homem”. Nessa exposição, o texto completo de Marcos 16:16 é examinado mais detalhadamente.

²³Em Mateus 28:19, “em nome de” envolve mais do que “pela autoridade de”.

²⁴Mais do que declarar formalmente essa fórmula no ato do batismo (para que todos presentes entendam o que está acontecendo), essas palavras devem inculcar em nós o fato de, no batismo, entrarmos numa nova relação com o Pai, o Filho e o Espírito. Incidentalmente, esta é uma das afirmações mais claras das Escrituras relativa às três pessoas da Divindade. Veja mais sobre a Divindade (ou Trindade) nas páginas 5 e 32 de “A Vida de Cristo — Parte 2” e página 39 de “A Vida de Cristo — Parte 11”.

²⁵John Franklin Carter, *A Layman’s Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, p. 357.

“Matar Jesus... foi como tentar destruir um dente-de-leão soprando nele”²⁶.

Naturalmente, a ordem para ensinar tudo o que Jesus ordenara inclui muito mais. Alguns, em sua ânsia por espalhar o evangelho, depois de batizar alguém, põem-se a ensinar o próximo candidato sem alicerçar o novo cristão na fé. Nossa responsabilidade não é só levar o pecador a crer e ser batizado; também precisamos ajudá-lo a crescer “na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pedro 3:18a).

4) “*Estou convosco todos os dias.*” Antes de Jesus nascer, foi predito que Seu nome seria “Emanuel” que significa “Deus conosco” (Mateus 1:23). Essa profecia cumpriu-se quando o Deus Filho andou entre os homens, mas Jesus queria que Seus discípulos soubessem que Ele *continuará* com eles espiritualmente. J. W. McGarvey disse: “Esta é uma promessa desprovida de companheirismo, mas cheia de solidariedade e apoio...”²⁷

O prazo de validade da promessa nos permite saber que tanto ela como a comissão em geral não eram só para os apóstolos. O Senhor enfatizou que Sua ordem estaria em vigor “até à consumação do século”²⁸ (Mateus 28:20) — ou seja, até Sua segunda vinda. D. W. Ford escreveu: “O Cristo ressurreto — esta é a lição que importa para nós — está conosco num sentido espiritual assim como Ele estava com os discípulos na Galiléia e Judéia num sentido físico”²⁹. Que pensamento mais consolador e animador!

O relato de Marcos diz que Jesus acrescentou uma promessa especial para os apóstolos³⁰. Depois

²⁶Citado em Philip Yancey, *The Jesus I Never Knew* (“O Jesus que Nunca Conheci”). Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1995, p. 226. O dente-de-leão é uma flor peculiar por ter suas numerosas sementes vastamente espalhadas pelo vento.

²⁷J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 764.

²⁸A palavra grega traduzida por “século” (uma flexão de *aion*) indica “um período de tempo” e pode ter vários sentidos. No contexto da grande comissão, refere-se aos era Cristã.

²⁹D. W. Cleverley Ford, *Preaching the Risen Christ* (“Pregando o Cristo Ressurreto”). Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1988, p. 83.

³⁰No contexto, Jesus falava com “os onze” quando disse essas palavras (Marcos 16:14) e, no mesmo contexto, foram os onze (apóstolos) que, mais tarde, podiam fazer essas coisas (Marcos 16:20) Alguns aplicam erroneamente Marcos 16:17 e 18 a todo crente (como algumas seitas cujos membros pegam em serpentes). Veja breves comentários sobre Marcos 16:17 e 18 após esta lição, e uma exposição mais detalhada na edição “O Espírito Santo”, *A Verdade para Hoje*, pp. 24,25, 48.

de se aproximar deles para que cressem (Marcos 16:14), Ele falou do poder que possuiriam se superassem a dúvida:

Estes sinais não de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados (Marcos 16:17, 18).

Atos cita exemplos da maioria desses “sinais” que acompanharam os apóstolos³¹.

Estudemos cuidadosamente Mateus 28:18–20, Marcos 16:15 e 16 e Lucas 24:46–48. Faz quase dois mil anos que essas palavras são a autoridade para a evangelização mundial. Elas contêm as ordenanças práticas para a igreja hoje assim como continham para os apóstolos séculos atrás!

UMA CONSIDERÁVEL CONFUSÃO (LUCAS 24:44–49; ATOS 1:3–8; 1 CORÍNTIOS 15:7)

O Nono Aparecimento

Quando Paulo enumerou os aparecimentos de Jesus Cristo ressurreto, após mencionar os quinhentos, ele disse: “depois, foi visto por Tiago” (1 Coríntios 15:7a). Esse provavelmente era Tiago, meio-irmão de Jesus, o qual finalmente veio a se tornar um respeitado líder na igreja em Jerusalém (Atos 12:17; 15:13; 21:18; Gálatas 1:19; 2:9).

Não sabemos quando ou onde Jesus apareceu ao Seu meio-irmão, mas o encontro foi memorável. Sem dúvida, Jesus fez essa aparição especial para convencer Tiago de que Ele era o Messias. Seus irmãos não haviam acreditado nEle (João 7:5). Talvez o Senhor tenha aparecido a Tiago em particular porque Ele sabia que, sendo o mais velho de seus meio-irmãos³², Tiago poderia persuadir os outros. De qualquer modo, os irmãos de Jesus vieram a crer nEle após a ressurreição e estavam presentes com os apóstolos enquanto estes aguardavam a vinda do Espírito Santo (Atos 1:12–14). Dois deles escreveram epístolas do Novo Testamento: Tiago (Tiago 1:1) e Judas (Judas 1).

³¹Aqui estão alguns exemplos típicos: sobre expelir demônios, veja Atos 16:16–18; sobre falar em línguas novas (sem terem estudado), veja Atos 2:1–8; sobre pegar em serpentes, veja Atos 28:2–5; sobre curar enfermos, veja Atos 3:1–8. Não há exemplo específico de um apóstolo tomando veneno, mas sabemos pela história que era uma prática comum executar indivíduos fazendo-os tomar uma bebida envenenada.

³²Visto que Tiago é o primeiro da lista de meio-irmãos de Jesus (Mateus 13:55; Marcos 6:3), presume-se que ele era o segundo filho de Maria.

O(s) Último(s) Aparecimento(s)³³

Ao término dos quarenta dias, Jesus voltou à Judéia — às cercanias de Jerusalém (veja Lucas 24:50, 52; Atos 1:4, 12). O propósito de Jesus era preparar as últimas coisas para a igreja ser estabelecida em Jerusalém e o evangelho ser pregado naquela localidade (veja Atos 1:8). Jesus disse que o Antigo Testamento dizia que “em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém” (Lucas 24:47; grifo meu). Isaías havia profetizado que quando “a casa do Senhor” (“a igreja”; 1 Timóteo 3:15) fosse estabelecida, “todas as nações” afluiriam para ela, e “de Jerusalém” sairia “a palavra do Senhor” (Isaías 2:2, 3; grifo meu).

Pouco antes de Sua ascensão, Jesus fez sua última aparição “a todos os apóstolos” (1 Coríntios 15:7b), falando-lhes das “coisas concernentes ao reino de Deus” (Atos 1:3): “São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco³⁴: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lucas 24:44)³⁵. Os judeus dividiam as Escrituras em três partes: a Lei de Moisés, os Profetas e os Escritos. Visto que grande parte dos Escritos era formada pelo Livro de Salmos, o termo “Salmos” era às vezes usado com referência à terceira divisão. Portanto, Cristo estava afirmando que os ensinamentos relativos a Ele permeavam *todo* o Antigo Testamento.

Jesus, a seguir, “Ihes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras” (Lucas 24:45). Ele pode ter feito isto como um milagre, mas os versículos subsequentes sugerem que Ele fez isto através de um outro discurso. Provavelmente, Jesus “abriu-lhes o entendimento” assim como fez aos discipu-

³³Veja a nota de rodapé 1. Visando ao propósito deste estudo, misturaremos as palavras de Lucas 24:44–49 com o relato de Lucas em Atos 1:3–8. A lista dos aparecimentos de Jesus ressurreto em 1 Coríntios 15:8 termina com Saulo, ou Paulo, na estrada para Damasco. Visto que isso ocorreu vários anos após a ascensão, não o incluímos na lista dos aparecimentos durante os quarenta dias.

³⁴O uso do verbo no passado é interessante. Poderia significar: “enquanto eu estava convosco antes da minha morte”, mas provavelmente Jesus usou o passado porque a hora da Sua partida estava bem próxima. Para todos os fins práticos, ele já havia partido.

³⁵Seguindo o exemplo dos outros escritores dos relatos do evangelho, Lucas misturou os últimos acontecimentos da vida de Jesus. Nisto, poderíamos pensar que o discurso de 24:44–49 ocorreu em sua aparição aos apóstolos no dia da ressurreição. Observemos, porém, que o versículo seguinte (v. 50) começa com “e”, o que pode indicar que o discurso ocorreu imediatamente antes da ascensão. Foi nesse ponto que o inserimos.

los a caminho de Emaús, explicando “o que a Seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lucas 24:27). Ele disse aos apóstolos:

Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento³⁶ para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém. Vós sois testemunhas destas coisas. Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder (Lucas 24:46–49).

A “promessa” do Pai e do “poder do alto” eram referências ao Espírito Santo que seria enviado sobre os apóstolos dez dias depois. Jesus instruiu-os “não saírem de Jerusalém”. Eles deveriam aguardar a promessa do Pai “a qual”, disse Ele, de mim ouvistes³⁷. “Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias” (Atos 1:4, 5)³⁸.

A Relutância em Compreender

Como já foi dito, durante Seus últimos momentos com os apóstolos, Jesus continuou falando “das coisas concernentes ao reino de Deus” (Atos 1:3). A resposta deles demonstrou que ainda estavam relutantes com a verdadeira natureza do reino: “Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?” (Atos 1:6). Alguns escritores pensam que aqui os apóstolos só queriam saber *quando* Jesus estabeleceria Seu reino espiritual. No entanto, a terminologia “restaurar o reino a Israel” sugere que eles ainda tinham em mente um reino físico. A Bíblia Viva parafraseia por: “O Senhor vai libertar Israel de Roma agora e nos restaurar como uma nação independente?” No mínimo, a essa altura, os apóstolos permaneciam consideravelmente confusos.

Jesus disse, efetivamente, para eles não se preocuparem com o momento em que o Senhor estabeleceria o reino (Atos 1:7). Anteriormente, Jesus dissera que o reino viria “com poder” (Marcos 9:1). Agora, Ele dizia que eles “receberiam poder” quan-

³⁶ “[O termo] arrependimento é usado aqui em todos os sentidos que ele abrange, assim como a fé é às vezes usada incluindo toda a entrega de vida... O arrependimento é usado aqui no sentido de conversão total do indivíduo a Deus” (R. C. Foster, *Studies in the Life of Christ* [“Estudos sobre a Vida de Cristo”]. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1971, p. 1359).

³⁷ Veja João 14:17, 26; 15:26; 16:15.

³⁸ Veja comentários sobre Atos 1:4 e 5 na edição “Atos, 1” de *A Verdade para Hoje*, p. 13, e sobre o batismo do Espírito Santo em “Atos, 4” dessa mesma série, pp. 48–50.

do o Espírito Santo descesse sobre eles (Atos 1:8a)³⁹. Quando isso acontecesse, o Espírito acabaria com a confusão e esclareceria todas as coisas (veja João 14:26; 16:13).

CONSOLO CONTÍNUO (MARCOS 16:19, 20; LUCAS 24:50–53; JOÃO 20:30; 21:25; ATOS 1:9–12)

A Ascensão

As derradeiras palavras de Jesus foram ditas no monte das Oliveiras ou perto dele (Atos 1:12). “Ditas estas palavras” (Atos 1:9a)⁴⁰, Jesus levou os apóstolos “para Betânia” (Lucas 24:50a). Deveria ser algum lugar elevado na encosta sudeste do monte — dentro de Betânia, uma cidade que agregava muitas lembranças para o Salvador. Então, “erguendo as mãos, os abençoou” (Lucas 24:50b). É significativo que o último gesto do Senhor foi o de abençoar.

A ascensão é descrita em poucas palavras⁴¹: “Aconteceu que, enquanto os abençoava, ia-se retirando deles” (Lucas 24:51a). “Foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos” (Atos 1:9b), onde “foi recebido... e assentou-se à destra de Deus” (Marcos 16:19). Ali Jesus iniciou o Seu reino/Sua igreja. Paulo escreveu que, após Deus ressuscitar Jesus dos mortos, Ele o fez...

...sentar à Sua direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir, não só no presente século, mas também no vindouro. E pôs todas as coisas debaixo dos pés, e para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas (Efésios 1:20–23).

Segurança

Não podemos deixar de imaginar as emoções dos apóstolos enquanto assistiam ao amado Mestre desaparecer nas nuvens. Lucas disse que ficaram “com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia” (Atos 1:10a).

Daí perceberam que “dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles” (Atos 1:10b). Os “dois varões” eram anjos e disseram aos apóstolos:

³⁹ Veja uma exposição sobre Atos 1:6–8 na edição “Atos, 1” de *A Verdade para Hoje*, pp. 13–15.

⁴⁰ Veja Marcos 16:19a.

⁴¹ Veja comentários sobre Atos 1:9–11 na edição “Atos, 1” de *A Verdade para Hoje*, p. 15, e uma exposição geral sobre a ascensão mais adiante no artigo “Recebido na Glória”.

“Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir” (Atos 1:11; veja Apocalipse 1:7). As palavras dos anjos confirmavam a promessa do Senhor de que Ele viria de novo (João 14:3). O fato de Cristo um dia voltar para receber os Seus e castigar os malfeitores foi uma fonte de grande consolo para os primeiros cristãos (1 Tessalonicenses 4:16–18; Apocalipse 22:20).

Os apóstolos adoraram Jesus, e a seguir “voltaram para Jerusalém, tomados de grande júbilo; e estavam sempre no templo, louvando a Deus” (Lucas 24:52, 53; veja Atos 1:12), enquanto aguardavam a vinda do Espírito e o estabelecimento do reino, ou seja, da igreja. Marcos, que escreveu seu relato após os fatos narrados em Atos dos Apóstolos terem acontecido⁴², viu os apóstolos executarem a grande comissão e viu as promessas do Senhor se cumprirem. Ele concluiu seu livro registrando: “E eles, tendo partido, pregaram em toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra⁴³ por meio de sinais, que se seguiam” (Marcos 16:20)⁴⁴. Para saber o restante da história, leia o Livro de Atos.

CONCLUSÃO

E é com essa declaração sintetizadora de Marcos que chegamos ao fim do estudo sobre a vida de Cristo — isto é, o fim da vida que ele viveu nesta terra. Somos gratos ao Senhor porque Ele vive no céu e intercede por nós (Hebreus 7:25)! Foram necessárias mais de treze edições para relatarmos a história do ministério terreno do Senhor Jesus, mas você pode repetir as palavras da rainha de Sabá: “não me contaram nem a metade” (1 Reis 10:7)⁴⁵. João escreveu:

Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome (João 20:30, 31).

⁴²Veja as datações dos relatos de Marcos e Lucas na edição “A Vida de Cristo — Parte 1”, desta série.

⁴³Um dos propósitos dos milagres era confirmar a Palavra (veja Hebreus 2:3, 4). Uma vez confirmada, a Palavra não precisava ser reconfirmada. Com isto cessou a necessidade particular dos milagres.

⁴⁴Marcos 16:17 e 18 contém a promessa de Jesus à respeito de certos sinais miraculosos. Marcos 16:20 diz que a promessa foi cumprida. Isto não “prova” que ainda temos esse tipo de sinais hoje em dia.

⁴⁵A rainha de Sabá disse isso ao rei Salomão, admirada pela exuberância do seu reinado.

Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos (João 21:25).

Cristo fez tanto — e Ele fez tudo em cerca de três anos! Ele tinha por volta de trinta e três anos⁴⁶ quando morreu, mas que impacto Ele causou à humanidade! Talvez você esteja perto dos trinta e três anos; talvez já tenha passado deles. Você e eu precisamos conciliar nossas vidas com o fato de que jamais poderemos reproduzir a vida de Jesus — mas *podemos* tentar imitá-LO. Nossa oração é para que esta série de estudos tenha incentivado você a fazer exatamente isto. Como já comentamos antes, também esperamos que você dê continuidade ao estudo sobre o Senhor, para conhecê-LO melhor. O encerramento desta série não deve representar um “adeus” e sim um “olá” a Jesus!

⁴⁶ Em relação ao termo “por volta de trinta e três anos”, veja Lucas 3:23 e o artigo “Quanto Tempo Durou o Ministério Pessoal de Cristo?”, na página 51 da edição “A Vida de Cristo — Parte 1”.

A GRANDE COMISSÃO						
	Pregar / Ensinar Evangelho	Crer	Arrepende-se	Ser Batizado	Salvação / Remissão de Pecados	Perseverar
Mateus	✓			✓		✓
Marcos	✓	✓		✓	✓	
Lucas	✓		✓		✓	

O Polêmico Trecho final de Marcos¹

Talvez você nem saiba que existe um questionamento teológico em torno do fim de Marcos 16 — especificamente, em torno dos versículos 9 a 20. “Alguns manuscritos antigos não trazem os versículos 9-20; outros manuscritos do evangelho de Marcos apresentam finais diferentes.”²

Talvez o primeiro comentário que devemos fazer a respeito desse problema é que ele certamente não representa uma preocupação ao pregarmos ou ensinarmos a Palavra. Não existe nenhuma doutrina básica em Marcos 16:9–20 que não tenha paralelos em outros trechos do Novo Testamento. Caso você venha a estudar com alguém que questione o trecho final de Marcos 16, use simplesmente passagens incontestáveis que ensinem sobre o assunto em discussão.

Além disso, em termos práticos, a autenticidade de Marcos 16:9–20 dificilmente levantaria uma polêmica séria. Grandes pregadores afirmam jamais terem sentido necessidade de defender a autenticidade dessa passagem como trecho inspirado. Esses versículos geralmente são enfatizados pelos que ensinam a doutrina da salvação pela fé somente ou pelos que acreditam que ainda realizamos os mesmos milagres que os apóstolos. Em geral, nenhum integrante dessas correntes duvida que Marcos 16:9–20 não faça parte das Escrituras inspiradas.

Todavia, esse questionamento pode surgir na sua comunidade, por isso cabe aqui alguns comentários a respeito³. Se o leitor quiser uma exposição detalhada das provas nos manuscritos antigos e nos documentos da igreja primitiva, terá de pesquisar outras fontes, mas acreditamos que os comentários seguintes serão suficientes por ora. Correndo o risco de ser simplistas, limitaremos nossa exposição

a quatro possibilidades relativas ao trecho final de Marcos.

Possibilidade 1: Marcos encerrou seu relato inspirado no versículo 8. Isto parece altamente improvável. Leia o capítulo 16, colocando-se no lugar dos leitores originais, e pare no versículo 8. A narrativa não parece incompleta? Não parece que está faltando alguma coisa? Num artigo relativo ao assunto, Thomas Boomershine observou que Marcos normalmente usou uma “técnica de predição e cumprimento” e sugeriu que, no mínimo, “parar no versículo 8 deixaria o leitor [do Livro de Marcos] frustrado”⁴.

*Possibilidade 2: O fim original de Marcos foi perdido de um ou mais dos primeiros manuscritos, e não temos idéia de como seria esse fim*⁵. A primeira parte da afirmação precedente é uma possibilidade distinta. Não é difícil saber como a última página do manuscrito de Marcos em forma de rolo ou *codex* (livro) poderia acidentalmente ter sido rasgada e perdida. Esta seria a explicação mais lógica para a inexistência desse final nos dois manuscritos “completos” mais antigos (datados do quarto século). Todavia, a sugestão de que o fim foi perdido não podendo ser conhecido não é plausível para muitos cristãos. Acreditamos que em Sua providência Deus protege a Palavra inspirada mantendo-a livre da destruição (veja 1 Pedro 1:23–25).

Possibilidade 3: O chamado “final mais breve” é o trecho final de Marcos inspirado. A maioria das versões em português não traz essa opção. Então, vejamos como é esse trecho que aparece em um manuscrito e dá continuidade ao versículo 8:

Elas [as mulheres] narraram brevemente aos companheiros de Pedro o que lhes tinha sido anunciado. Depois, o mesmo Jesus os encarre-

¹Este artigo traz informações relevantes aos que ensinam e pregam. Não vemos razão para apresentá-lo a outros, a menos que levantem essa questão.

²*Bíblia de Estudo NVI*, org. geral Kenneth Barker. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 1715.

³Estas informações não devem ser dadas numa aula bíblica normal; elas servem para preparar o professor para a ocasião, caso a questão seja levantada por um aluno.

⁴Thomas E. Boomershine, “Mark 16:8 and the Apostolic Commission” (“Marcos 16:8 e a Comissão Apostólica”), *Journal of Biblical Literature* 100, junho de 1981, pp. 225–39. Citado em Jack P. Lewis, “The Ending of Mark” (“O Fim de Marcos”), *Harding University Lectures*, 1988, p. 600.

⁵Nesse caso, o Espírito Santo não teria julgado necessário preservar para nós os manuscritos originais (as cópias “autografadas”).

gou de levar, do Oriente ao Ocidente, a sagrada e incorruptível mensagem da salvação eterna.⁶

Uma porção de manuscritos e versões posteriores contém esse final, mas Jack Lewis salientou que “o apoio para o final mais breve é tão inferior que nenhum erudito defenderia que Marcos escreveu esse final”⁷. C. Milo Connick convenceu-se de que “até um leitor destreinado pode dizer que o estilo e vocabulário não são compatíveis com o resto do manuscrito de Marcos”⁸. Tudo acerca desse final identifica-o como “uma emenda” feita por algum escriba insatisfeito ao copiar um dos manuscritos que terminava no versículo 8.

Possibilidade 4: Marcos 16:9–20 é o final original do livro. Como tal, ele é inspirado pelo Espírito e é “útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2 Timóteo 3:16). Já mostramos nossa preferência por esta possibilidade incluindo os versículos 9–20 nas últimas lições e sermões desta série sobre a vida de Cristo.

Cabe a você formar sua própria opinião. Uma vez que o trecho não contém nenhuma doutrina essencial inexistente em outras passagens do Novo Testamento, é desnecessário que a sua opinião seja idêntica à nossa. Muitos estudiosos conservadores preferem deixar essa questão como um mistério sem solução⁹.

Aqui estão alguns pensamentos a serem ponderados. Há um consenso entre os eruditos de que o chamado “final longo” (Marcos 16:9–20) é bastante antigo. John F. Carter escreveu:

...a passagem ocorre, embora com variações, em muitos manuscritos quase tão antigos quanto os dois [em que ela não consta] e em algumas traduções mais antigas do Novo Testamento para as línguas de povos que não falavam grego. Uma porção dela foi citada e atribuída a Marcos por Irineu, um escritor cristão que viveu por volta de 130 a 200 e escreveu provavelmente 150 anos antes dessas cópias mais antigas do Novo Testamento mencionadas acima serem produzidas.¹⁰

⁶ *A Bíblia de Jerusalém, Novo Testamento e Salmos*. São Paulo: Edições Paulinas, nota de rodapé f, p. 108.

⁷ Lewis, p. 598.

⁸ C. Milo Connick, *Jesus: The Man, the Mission, and the Message* (“Jesus: O Homem, a Missão e a Mensagem”). Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1974, 405.

⁹ Esta é a conclusão atingida por Jack P. Lewis numa palestra proferida no Seminário da Universidade Harding de 1988 (Lewis, pp. 597–603).

¹⁰ John Franklin Carter, *A Layman’s Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, p. 347.

Referindo-se às “traduções mais antigas”, R. C. Foster escreveu:

O mais importante é o fato de que as provas dos versículos [traduções para outras línguas] são praticamente unânimes em favor da passagem... Essas versões foram feitas mui primitivamente, quando um grande número de manuscritos gregos[,] mais antigos dos que os que temos hoje, encontrava-se disponível.¹¹

Pode-se apresentar uma série de objeções ao “final longo”¹², mas nenhuma delas é conclusiva. Por exemplo, uma dessas objeções é que dezessete palavras e expressões encontradas em Marcos 16:9–20 não ocorrem em nenhum outro trecho do livro. Em relação a essa objeção, Foster escreveu:

Broadus escolheu os doze versículos antecessores a essa passagem de Marcos, os quais nunca foram questionados, e encontrou exatamente dezessete palavras que não ocorrem no restante do livro. McGarvey escolheu os últimos doze versículos de Lucas, sobre os quais não há questionamento, e encontrou nove palavras novas.¹³

Encerremos este estudo com uma citação adaptada de Carter:

Reconheço todas [as] dificuldades...; mas como o Espírito Santo inspirador, desde os primórdios do uso do Novo Testamento, tem permitido que este material seja incluído nas Bíblias cristãs, parece-me que ele deve ser considerado inspirado e autêntico [que seja o final original], quer Marcos o tenha acrescentado à obra original mais tarde, quer alguém o tenha acrescentado durante o período apostólico... Com certeza, o Espírito tinha poder para inspirar a redação do acréscimo [se fosse esse o caso], assim como inspirou o restante.¹⁴

¹¹ R. C. Foster, *Studies in the Life of Christ* (“Estudos sobre a vida de Cristo”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1971, p. 1358.

¹² Além do trecho final não ocorrer nos dois manuscritos completos mais antigos, ele não era conhecido por vários escritores cristãos dos primeiros séculos. Na hipótese já sugerida do final original de um ou mais manuscritos mais antigos ter se perdido, isto explicaria por que alguns escritores não estavam familiarizados com esse trecho.

¹³ Foster, p. 1358.

¹⁴ Carter, p. 347. Veja no final de Deuteronômio o caso de um autor desconhecido, porém inspirado, terminar a redação de uma obra, reportando a morte do escritor principal do livro, Moisés (veja especialmente 34:5, 6). Moisés poderia ter, por inspiração, escrito sobre sua própria morte, mas é mais provável que outro escritor inspirado (talvez Josué) tenha transcrito essas últimas linhas.

“Recebido na Glória”

*Marcos 16:19;
Lucas 24:50-53;
Atos 1:9-12.
Olhando de Perto*



Chegamos naturalmente à conclusão da vida de Cristo: Sua ascensão. Em Suas últimas palavras aos discípulos, Jesus disse que Seu sofrimento antecederia Sua glorificação — a qual ocorreu quando Ele subiu ao céu: “Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?” (Lucas 24:26; grifo meu). Paulo escreveu que a maior expressão do poder de Deus foi exercida “em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais” (Efésios 1:20; grifo meu).

A ascensão foi a conclusão natural da vida de Cristo, pois tendo vindo do céu, parece-nos justo que para lá Ele voltasse. A ascensão foi a conclusão natural da vida de Jesus porque Jesus demonstrou na Sua vida qual era o propósito de Deus quando disse: “Façamos o homem à nossa imagem” (Gênesis 1:26a). Sendo assim, faz sentido que Jesus tenha voltado à plena comunhão com Deus, desfrutada antes pelo homem no jardim do Éden.

No estudo do que a Bíblia ensina sobre a ascensão, temos de admitir que não podemos compreendê-la totalmente. Por exemplo, de que outras formas o corpo ressurreto de Jesus (de “carne e ossos”¹) foi transformado para que Ele entrasse nos portais celestiais? O Novo Testamento não fornece resposta alguma para esta ou outras perguntas que venham a ser levantadas. As Escrituras descrevem a ascensão, mas não se atentam a explicá-la. Três passagens reportam-se ao acontecimento:

Então, os levou para Betânia e, erguendo as

mãos, os abençoou. Aconteceu que, enquanto os abençoava, ia-se retirando deles, sendo elevado para o céu. Então, eles, adorando-o, voltaram para Jerusalém, tomados de grande júbilo (Lucas 24:50-52).

Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos. E, estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles e lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir.

Então, voltaram para Jerusalém, do monte chamado Olival, que dista daquela cidade tanto como a jornada de um sábado (Atos 1:9-12).

De fato, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus (Marcos 16:19).

Além dessas narrativas breves, há várias referências — diretas e indiretas — a esse evento no Novo Testamento. Vejamos uma amostra:

- No primeiro sermão evangelístico de Pedro, ele disse que Jesus foi “exaltado, pois, à destra de Deus” (Atos 2:33).
- Em seu segundo sermão, falando de Cristo, Pedro disse: “ao qual [a Jesus] é necessário que o céu receba até aos tempos da restauração de todas as coisas”² (Atos 3:21).

¹Lucas 24:39. Veja o artigo “O Corpo Ressurreto de Jesus”, na edição anterior.

²A expressão “a... restauração de todas as coisas” refere-se a Jesus consertar todas as coisas — espiritualmente — quando Ele voltar. Veja comentários sobre Atos 3:21, na edição “Atos, 2”, *A Verdade para Hoje*, pp. 12,13.

- No sermão de Paulo na sinagoga de Antioquia da Pisídia, ele disse que Deus “ressuscitou [Jesus] dentre os mortos para que jamais voltasse à corrupção” (Atos 13:34).
- Na carta de Paulo à igreja em Éfeso, ele incluiu este comentário mais extenso sobre a ascensão: “Por isso, diz: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativo³ e concedeu dons aos homens⁴. Ora, que quer dizer subiu, senão que também havia descido às regiões inferiores da terra?⁵ Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas” (Efésios 4:8–10).
- No capítulo 12 de Apocalipse, temos a visão da mulher e do grande dragão vermelho. No versículo 5, há uma referência ao nascimento de Jesus e Sua posterior ascensão: “Nasceu-lhe, pois, um filho varão, que há de reger todas as nações com cetro de ferro⁶. E o seu filho foi arrebatado para Deus até ao seu trono”.

A ascensão cumpriu dois grandes propósitos: foi o clímax do passado e preparou o caminho para o futuro. Em outras palavras, a ascensão foi tanto o clímax do ministério terreno de Jesus quanto o próximo passo na preparação para o ministério dos Seus discípulos. Sem a ascensão, haveria um elo perdido entre a ressurreição de Jesus e a vinda do Espírito no dia de Pentecostes, cinquenta dias depois⁷. A ascensão é o ponto divisório decisivo entre o ministério terreno de Jesus e o subsequente ministério dos apóstolos.

A GLORIFICAÇÃO DE CRISTO

A ascensão levou o passado ao seu clímax no momento em que Jesus foi recebido na glória. Jesus disse que “convinha que o Cristo... entrasse na sua

glória” (Lucas 24:26). Paulo escreveu que Jesus foi “recebido na glória” (1 Timóteo 3:16). Pedro disse que Deus “deu [a Jesus] glória” (1 Pedro 1:21).

Por mais surpreendente que pareça à primeira vista, a ascensão é o ponto alto da obra de Cristo. Pensemos nela por um instante. O que é mais desafiador: preencher certos requisitos ou cumprir a tarefa para a qual você preencheu esses requisitos?⁸ Até aquela hora, o Salvador estivera Se preparando para o Seu serviço de Sumo Sacerdote e Rei. A ascensão coroou essa preparação. Philip Yancey escreveu:

Se para os apóstolos o domingo [da ressurreição] foi o dia mais emocionante de suas vidas, para Jesus esse dia foi o da ascensão. Ele, o Criador que desceu de tão longe e abdicou de tanta coisa, estava agora voltando para casa, como um soldado cruzando o oceano após uma longa e sangrenta batalha, como um astronauta aterrissando sua nave espacial por sobre a conhecida atmosfera terrestre⁹. Em fim, em casa¹⁰.

Glorificado

Tente imaginar como deve ter sido a volta de Jesus ao céu. Você consegue ouvir os brados de alegria que ecoaram por todo o reino celestial?

O Salmo 24 é um cântico de vitória sobre o momento em que um grande rei volta para casa. Alguém já sugeriu que os versos do salmista podem ser aplicados ao regresso do Senhor ao céu. Usando essa passagem, visualize o que pode ter acontecido quando Jesus foi elevado ao céu.

Enquanto Ele sobe, anjos vão ao Seu encontro e O escoltam. Aproximando-se da cidade celestial, eles anunciam: “Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória” (v. 7). Os que estão dentro da cidade perguntam: “Quem é o Rei da Glória?” (v. 8a). Então, os anjos que acompanham Jesus gritam: “O SENHOR, forte e poderoso, o SENHOR, poderoso nas batalhas” (v. 8b). E gritam de novo: “Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória” (v. 9). Mais uma vez os que estão dentro da cidade perguntam: “Quem é esse Rei da Glória?” (v. 10a). Desta vez, os acompanhantes de Jesus cantam este hino: “O SE-

³A comparação é da ascensão de Jesus com os desfiles dos heróis vitoriosos na época do Novo Testamento. Veja breve comentário sobre Efésios 4:8 na página 43 desta edição.

⁴Esta é uma citação de Salmos 68:18.

⁵Esta é uma linguagem figurada referente ao hades. Veja uma exposição sobre onde Jesus esteve antes de ressuscitar dos mortos nas páginas 6 e 25, 26 da edição anterior e nas páginas 40 e 41 desta edição.

⁶Esta fraseologia vem de Salmos 2:9, um salmo messiânico (ou seja, um salmo referente ao Cristo).

⁷Jesus morreu no mesmo dia em que comeu a Páscoa, conforme o calendário judaico (que contava o dia de um pôr-do-sol a outro). Cinquenta dias separavam a Páscoa do Pentecostes. (Veja Levítico 23:15 e 16 e Deuteronômio 16:9.)

⁸Se o seus ouvintes estiverem familiarizados com os jogos olímpicos, você poderá perguntar: “O que é mais desafiador: vencer a corrida ou fica em pé no pódio do vencedor e receber a medalha de ouro?”

⁹Use ilustrações compreensíveis aos seus ouvintes em relação à alegria de voltar para casa.

¹⁰Philip Yancey, *The Jesus I Never Knew* (“O Jesus que nunca conheci”). Grand Rapid Mich.: Zondervan Publishing House, 1995, p. 226.

NHOR dos Exércitos, ele é o Rei da Glória” (v. 10b).

Quando Jesus adentrou os portões do céu, Ele recebeu de volta a glória que partilhava com o Pai “antes que houvesse mundo” (João 17:5).

Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome¹¹, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai (Filipenses 2:9–11).

Todos os seres celestiais começaram a louvar o Senhor quando o Cordeiro sem mácula morreu pelos pecados da humanidade (veja 1 Pedro 1:18, 19). João escreveu:

Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres viventes e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares, proclamando em grande voz: Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor (Apocalipse 5:11, 12).

A seguir, Deus fez Jesus Se “sentar à Sua direita nos lugares celestiais” (Efésios 1:20).

Como Sumo Sacerdote

Quando Jesus subiu, Ele tornou-Se nosso *Sumo Sacerdote*. O escritor do Livro de Hebreus disse que temos “o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus¹²” (Hebreus 4:14).

No Antigo Testamento, uma vez por ano — no dia da Expição — o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos com o sangue de animais para expiar seus pecados e os pecados do povo (veja Levítico 16:2-34). Sendo nosso Sumo Sacerdote, quando Jesus voltou ao céu, Ele levou Seu próprio sangue para expiar *nostros* pecados. A respeito disso, o Livro de Hebreus diz:

Quando, porém, veio Cristo como sumo sacerdote... entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção (9:11, 12).

¹¹Que nome era esse? A próxima parte do versículo indica que o nome era “Jesus”. Se alguém contestar que o nome havia sido dado a Jesus no Seu nascimento (veja Mateus 1:21), explique que ele foi dado naquele momento em antecipação à Sua morte, sepultamento e ressurreição. Agora ele poderia ser dado dentro da realidade — pois Ele havia concluído a obra da redenção.

¹²Esta provavelmente é uma linguagem figurada que indica que Cristo adentrou o céu dos pássaros, o céu das estrelas, chegando ao céu onde Deus habita.

Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus (9:24).

Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus (10:12).

Outro aspecto do sumo-sacerdócio de Jesus é que Ele é nosso mediador. Paulo escreveu: “Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (1 Timóteo 2:5). Um aspecto maravilhoso desse processo é que Jesus demonstra *compaixão* em Seu papel de sumo sacerdote:

Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança... Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna (Hebreus 4:15, 16).

Talvez este seja um dos fatores que explica a importância de Jesus subir *corporeamente* ao céu. Dizem que sempre haverá em Jesus uma parte *humana*. Observemos a palavra “homem” em 1 Timóteo 2:5: “...um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, *homem*” (grifo meu). Paulo usou uma terminologia semelhante no sermão do Areópago: Deus “estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um *varão* que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos” (Atos 17:31; grifo meu). Na cena do trono de Apocalipse 4 e 5, o Cordeiro (Jesus) está em pé diante do trono “como... morto” (Apocalipse 5:6) — sugerindo a alguns escritores a possibilidade de que, de alguma forma, Ele retém as marcas da crucificação até no céu¹³.

Depois de subir, Jesus não Se esqueceu de como a carne é fraca ou como você e eu lutamos dentro de nossos corpos físicos. Sendo nosso Sumo Sacerdote, Ele se lembra disso e nos entende!¹⁴

Como Rei

Jesus realmente tornou-Se nosso Sumo Sacerdote; todavia, quando ouvimos a palavra “glorifica-

¹³Veja comentários sobre essa passagem na edição “Apocalipse — Parte 3”, *A Verdade para Hoje*, p. 39.

¹⁴Isto não significa que Jesus condena nossos pecados e automaticamente os perdoa, mas é consolador saber que Ele entende nossas lutas para fazer o certo e Se compadecer de nós.

do”, pensamos no fato de que Ele foi coroado como *Rei*. Conforme já comentamos, “o Senhor... foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus” (Marcos 16:19). Vez após vez, as Escrituras declaram que Cristo está agora à direita de Deus. Quando Estevão estava morrendo, ele “fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus e Jesus, que estava à sua direita” (Atos 7:55, 56)¹⁵. Paulo incitou os cristãos a “busquem as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus” (Colossenses 3:1). Pedro escreveu que Jesus, “depois de ir para o céu, está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes” (1 Pedro 3:21, 22).

No dia de Pentecostes, Pedro usou os sinais miraculosos e os sons ouvidos naquela ocasião como prova de que Jesus estava assentado à direita de Deus, tendo sido, portanto, coroado como Senhor:

Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis¹⁶. Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declara: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés. Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo (Atos 2:33–36).

Paulo escreveu que Deus ressuscitou Jesus dos mortos...

...fazendo-o sentar à Sua direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir, não só no presente século, mas também no vindouro. E pôs *todas as coisas* debaixo dos pés, e para ser o cabeça sobre *todas as coisas*, o deu à igreja (Efésios 1:20–22; grifo meu).

Que ocasião espetacular deve ter sido a coroação de Cristo como Rei e Ele se assentando no trono como Príncipe-Regente com o Pai! Muitos estudiosos acreditam que a visão noturna do profeta em Daniel 7 descreve a coroação de Jesus:

Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado

¹⁵Pelo que sabemos, esta é a única vez em que Jesus não é descrito “sentado” à direita de Deus. Se Ele estava em pé, talvez a posição representasse respeito pelo primeiro mártir.

¹⁶Assim como um rei é aclamado pelo povo após a cerimônia de coroação, Pedro disse, efetivamente, que a vinda do Espírito era o “anúncio” celestial de que Jesus fora coroado Rei!

domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído” (Daniel 7:13, 14).¹⁷

Pouco antes de Sua ascensão, Jesus afirmou que “toda autoridade... no céu e na terra” fora dada a Ele (Mateus 28:18). Há só “um Senhor” (Efésios 4:5) sobre todos, o qual é Jesus¹⁸. A ascensão nos garante essa grande verdade!

A PREPARAÇÃO DOS DISCÍPULOS

Já sugerimos que a ascensão possivelmente foi o dia mais emocionante para Jesus, no que se refere ao Seu ministério terreno. Entretanto, a ascensão não beneficiou apenas Jesus; ela também teve uma relevância especial para os discípulos. Durante o discurso de despedida, Cristo havia dito a eles: “... convém-vos que eu vá” (João 16:7; grifo meu).

Transferência de Responsabilidade

Jesus dissera aos apóstolos que Ele estava indo embora — e que eles teriam de assumir o lugar dEle: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (João 20:21). Ele também lhes disse: “... sereis *minhas* testemunhas... até aos confins da terra” (Atos 1:8; grifo meu).

Por um instante, coloque-se no lugar dos apóstolos. O Senhor disse que Ele partiria, mas eles não sabiam quando, nem onde ou como. Todas as vezes que estiveram com Ele durante aqueles quarenta dias, provavelmente pensaram: “Chegou a hora? É neste lugar?” Finalmente, porém, atônitos, viram Jesus subir aos céus. Quando Ele desapareceu nas nuvens, não puderam mais fazer perguntas. Ele *se fora*, realmente se fora¹⁹. A responsabilidade foi transferida para eles.

São várias as analogias possíveis; uma delas vem da natureza: a ascensão foi como uma passarinha empurrando seus filhotinhos para fora do ninho praticamente dizendo: “Está na hora de tomarem conta de si mesmos!” Outra ilustração vem da vida

¹⁷A afirmação de que o reino descrito em Daniel 7 não seria destruído soa como Daniel 2:44, que é uma profecia do estabelecimento do reino messiânico, a igreja. Essa promessa também se parece com a promessa de indestrutibilidade da igreja ou reino em Mateus 16:18, 19.

¹⁸Não podemos alistar todas as passagens do Novo Testamento referentes a Jesus como “Senhor”. Aqui estão algumas: Atos 2:36; Romanos 1:4; 1 Coríntios 8:5, 6; Tiago 2:1; Judas 4.

¹⁹Se ainda tinham alguma pergunta, ela foi dissipada pelos “dois varões vestidos de branco” (Atos 1:10, 11).

da igreja: a ascensão foi como um missionário que diz à congregação: “Tenho de voltar para casa; agora, o trabalho da igreja neste lugar é com vocês!”

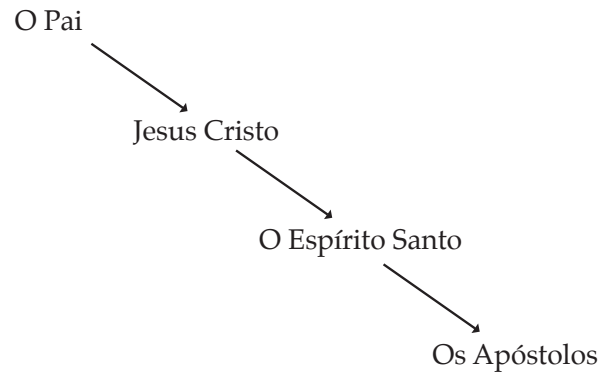
A Dádiva do Espírito

A ascensão não só anunciou aos apóstolos que uma responsabilidade maior havia sido transferida a eles, como também constituiu um pré-requisito necessário para que recebessem ajuda divina, a fim de cumprirem essa responsabilidade. Depois de lhes dizer que convinha que Ele partisse, Jesus explicou: “se Eu não for, o Consolador não virá para vós outros” (João 16:7b). “O Consolador” ao qual Ele Se referia era o Espírito Santo. Jesus não poderia mandar o Espírito enquanto não estivesse reinando e Ele não reinaria enquanto não Se assentasse à direita de Deus. “Se, porém, Eu for”, disse Jesus, “Eu vo-lo enviarei” (João 16:7c), e “quando... vier o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade” (João 16:13a).

Imediatamente antes da ascensão, Jesus disse aos discípulos: “Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder” (Lucas 24:49). E para que não entendessem mal, Jesus acrescentou: “recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo” (Atos 1:8a). Eles esperaram em Jerusalém dez dias e então, no dia da festa judaica chamada Pentecostes, o Espírito Santo desceu sobre eles com poder:

Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem (Atos 2:1-4).

Como já observamos antes, Pedro usou as manifestações miraculosas daquele dia como prova de que Jesus de fato havia sido coroado Rei: “Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis” (Atos 2:33). Vejamos a seqüência: Jesus recebeu do Pai a promessa do Espírito e depois Ele mandou o Espírito sobre os apóstolos.



Assim, o Senhor preparou os apóstolos para cumprirem a pesada responsabilidade que Ele lhes passara. Guiado pelo Espírito Santo, Pedro pregou o evangelho em sua totalidade pela primeira vez (Atos 2:14-36). Guiado pelo Espírito, Pedro disse às pessoas o que precisavam fazer para serem perdoadas de seus pecados (Atos 2:37, 38). Três mil ouviram, creram, obedeceram e foram salvos (Atos 2:41, 47)!

Hoje podemos ouvir esse mesmo evangelho inspirado pelo Espírito, podemos crer nessas mesmas verdades inspiradas pelo Espírito, podemos obedecer aos mesmos mandamentos inspirados pelo Espírito e podemos receber as mesmas bênçãos sobre as quais lemos na Palavra inspirada pelo Espírito. Tudo isto porque Jesus foi “recebido na glória”!

CONCLUSÃO

Não mencionamos tudo o que pode ser dito sobre a ascensão, mas esperamos que tenha sido dito o suficiente para levar cada um de nós a apreciar mais a posição culminante desse evento no encerramento da vida de Cristo na terra. Jesus está agora no céu, à direita de Deus, reinando sobre o Seu reino, a igreja, e intercedendo por nós. O próximo ponto culminante para Jesus — e para nós — será a Sua segunda vinda, quando os fiéis se encontrarão com Ele nos ares. No término desta série de estudos, temos de fazer uma pergunta a nós mesmos: “Estamos *prontos* para a segunda vinda?”

Jesus voltou para o céu para ser coroado Rei. Você já O coroou Rei em Seu coração? Já O confessou como Senhor da sua vida e submeteu sua vida a Ele numa atitude de obediência humilde (Marcos

16:15, 16; Atos 2:37, 38)?²⁰ Se ainda não fez nada disso, oramos para que você tome essa decisão hoje. Se apenas uma alma responder ao chamado de Jesus com obediência, todo o tempo e esforço necessários para o preparo destas lições e sermões já terá valido a pena. Que Deus abençoe a cada um!

²⁰Incentive também os cristãos infiéis a serem restaurados (Atos 8:22; Tiago 5:16).

